16419/C

P VI. O

~~E.6.11~~ E.7.C.11

QUARTA PARTE
DA
HISTORIA
DE
S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO,
e Conquiſtas de Portugal.

52785



QUARTA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

OFFERECIDA
A' AUGUSTA MAGESTADE DELREY
nosso Senhor

DOM JOAÕ V.

POR

Fr. LUCAS DE S.TA CATHARINA,
Chronista da Ordem dos Prégadores, e Academico da Academia Real.

LISBOA,
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

WELLCOME HISTORICAL MEDICAL LIBRARY

SENHOR.

EM tempo, em que a incomparavel grandeza de V. Magestade erigio aquella preclara Officina da Verdade, em que se

ſe vaõ lavrando, ou polindo as Eſtatuas da gloria Portugueza, dívida he que ſe lhe tributem aquellas, que tambem entraõ a fazer numero com as obrigadas; porque ſe a eſtas (para exemplares da poſteridade) já a virtude lhes lavrou os Templos, agora lhes manda a generoſa, e Regia direcçaõ de V. Mageſtade renovar os Cultos.

Saõ eſtas (já immortaes, como glorioſas Eſtatuas) os filhos daquelle eximio Patriarca S. Domingos de Guſmaõ (eſclarecido conſanguineo de V. Mageſtade) que de Antagoniſtas da obſervancia, e Oraculos da ſciencia, paſſaraõ a brilhar Eſtrellas no Firmamento da immortalidade, depois que luziraõ tochas nas atalaias da Virtude. E ſe eſtes, que ou o Mundo eſcutou Sabios, ou a veneraçaõ teſtimunhou Juſtos, ſaõ os que tambem a Coroa de Portugal reconheceo vaſſallos, naõ deſconhecerá

cerá V. Mageſtade as razoens de lhes permittir o ſeu Pio, Catholico, e Real patrocinio; nem elles ſe eſquecerão de agradecer o buſcar-lhes eu o mais ſoberano, negoceando com Deos que o perpetúe ditoſo. O Ceo dilate a V. Mageſtade a vida, e proſpére ſeu Real Eſtado para gloria de ſeus Reynos, e premio de ſeus vaſſallos.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

PRO-

PROTESTO
DO AUTHOR.

COnformando-me com os Decretos Pontificios, ſobre eſta materia, que aqui eſcrevo, proteſto, que tudo o que digo de milagres, revelaçoens, titulos de ſantidade, mercês, e favores de Deos, naõ intento que tenhaõ mais credito, e verdade, que a das peſſoas, e papéis, de que o tomey; excepto o que já eſtá recebido, e approvado pela Santa Fé Catholica.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

PRO-

PROLOGO

A' OBRA, E AO LEITOR.

O Mayor emprego, a que a vaidade dos homens consagrou todos os desvelos da sua ambiçaõ, foy sempre aquella industria de se restituirem á posteridade na segunda vida da memoria; para isso cortaraõ os jaspes, poliraõ os bronzes, escolheraõ os cedros, em que tornassem a avultar em o grande theatro do Mundo, emendando o caduco das cinzas na artificiosa transmigraçaõ das estatuas.

Espalhada vive esta verdade na Divina, como na humana Historia, sendo os primeiros, que infaustamente cobiçaraõ esta industriosa vida (ó vaidade posthuma!) aquelles, que com espirito soberbo, desconhecendo a distancia da terra ao Ceo, queriaõ, que huma desmedida torre os commerceasse com a Divindade. Parou no ar a fabrica, porque dahi naõ passara a idéa. Começou a confusaõ das linguas a ser mordaça da blasfemia, sem que se lograsse daquella fadiga mais, que o desengano de que fora aerea.

Venite faciamus nobis turrim, cujus culmen pertingat ad Cælum, & celebremus nomen nostrum. Genes. 11.

Desvelou-se Absalam vaidoso, fabricando o illustre, e triunfal Cenotafio, em que se perpetuasse o seu nome aos assombros da posteridade; sem advertir, que nem o magnifico o livrava de sepulchro, arquivo do esquecimento. Hercules, que (sogeita a mayor parte do Mundo) fazendo Templo de toda a Africa, lhe levantou aquellas duas columnas, a que consagrou a fama as suas duas azas. Semiramis, que levantando os muros ao prodigio da Assiria, parece, que quiz mostrar, que para o magestoso do seu espirito, só huma Babylonia podia ser Palacio. Artemisa, que lavrando o milagre da Grecia, para Regia urna das cinzas de seu esposo, assim estendeo a fabrica a conselhos da grandeza, que se naõ distinguio, se quiz eternizar a sua magoa, ou a sua soberba.

Samuelis 1. Qui vivens sibi monumentum perpetuitatis constituerit. Maluen. hic. Volate in Philolog. l.33. Diodorus Sicul.

Os Reys da Africa, que em superstícioso culto authorizaraõ aquelle grande Templo de Diana, gloria de

Plinius l. 36. c. 14.

§

de Efeso, e extraordinaria maravilha do Mundo, multiplicando com generoso, e nunca assaz pezado dispendio, nunca bem encarecido artificio, o *non plus ultra* em cento e vinte columnas, levantadas atalayas, em que descançasse a soberba de sua Coroa, e de que se descobrisse o espaçoso destricto de sua fama.

Cyro, Rey dos Medos, lavrando hum Palacio, em que o jaspe, e o ouro escureceriaõ a arquitectura á mesma obra, a naõ ser igual prodigio a arquitectura. Os Egypcios, erigindo suas celebradas Pyramides, talvez Altares consagrados ao fogo, a quem levantadas, e agudas serviaõ de retrato, e de sacrificio. Trabalho, que illustrando a Memfis, e assombrando o Nilo, foy occupaçaõ desempenhada por sessenta mil homens em espaço de vinte annos; mas empenho taõ filho da desvanecida soberba de seus Authores, que castigado do Ceo em perpetuo esquecimento, até a seus nomes ficou tanta maquina servindo de sepulchro, sem lograrem nelle os interesses de epitapho.

Obliteratis tantæ vanitatis authoribùs. Plinius l. 36. c. 32.

Finalmente a vaidade ambiciosa dos que inventaraõ, e erigiraõ os Obeliscos, que ennobreceraõ a Heliopolis, multiplicando as grandezas a Alexandria, e passando a coroar os prodigios de Roma no Circo Vaticano, onde Nero, e Cayo lograraõ memorias a pezar do tempo, porque contra suas injurias se apostaraõ ás Historias.

Assim se desvelou na humana natureza a cobiça da fama, mas taõ pouco afortunada, que, naõ lhe valendo as cautelas dos bronzes, e dos marmores, triunfou finalmente o tempo das mais duraveis, e agigantadas torres, em que a industria dos soberbos se quiz guarnecer contra a continua bataria dos annos. Só o artificio da penna eternizou incontrastavel os assumptos, a que quiz dar vida. Se naõ, veja-se qual he a dessas cahidas estatuas, e espalhadas cinzas, mais que o espirito, que em hum papel foy eternizando o Prélo, a cujas vozes mudas vaõ escutando os seculos as mais affastadas memorias.

Esta a valentia, com que os Escritores triunfaõ da injuria das idades, naõ se devendo menos á fadiga de

suas

ſuas pennas, que pouparem aos homens aquella diſcreta magoa de naõ terem naſcido a lograr as paſſadas experiencias do tempo, em que nem toda a imperceptivel velocidade de ſua carreira baſta a eſconder os ſucceſſos, fiados á penna, que os eſcolhe aſſumptos.

Que baldados os deſvelos, os diſpendios, os artificios, os ſimulacros, a que a vaidade fiou o pregaõ de ſuas cinzas, a naõ ſer o eſpirito da Hiſtoria, alma, com que tornaõ a viver as idades! Eſſa a utilidade da Hiſtoria, a que os homens deviaõ deſtinar todas as poſſes de ſeu engenho para eſcrevellas, como todos os entendidos as de ſua aplicaçaõ para repaſſallas. Mas he laſtima, que o ſuor, que a penna offerece ao eſtudo, o tenha tomado por ſua conta a cenſura; eſtando hoje taõ praticado eſte vicio, que ha necedade, que ſe reſolve a cenſurar, ſem mais cabedal, que o ſaber ler. Daqui naſce o encolher-ſe a prudencia entre os limites da deſconfiança, e perderem as idades o theſouro das noticias, deſpendido por aquellas pennas, em que ſe podera pezar o que a noſſa lingua tem de grave, de eloquente, de expreſſiva, e de propria. Mas eſtá taõ tratavel o querer ſaber emendar quem nem ſabe aprender, que mais facil ſerá darem os Authores em affoutos, que eſperar os neſcios emendados.

Se he digna de eſtimaçaõ a empreza de eſcrever com os ameaços de naõ agradar o animo de perpetuar noticias, ſem a ambiçaõ de querer competir elegancias, naõ proponho aos politicos Leitores outra valia, para que olhando para os motivos do meu trabalho, deixem paſſar as quebras do eſtylo, em que ainda naõ aſſentou a eſcolha, por ſer o Tribunal da cenſura taõ publico, que ſe contaõ os Juizes pelos Leitores, ſobre entrar a votar o goſto de miſtura com o juizo.

Quer a Hiſtoria eſtylo corrente, como filha da verdade; mas naõ humilde, como Meſtra da vida; e he difficil de conciliar a circumſpecçaõ de quem enſina, com a ligeireza de quem conta. Deve ſer a Hiſtoria, verdadeira, clara, breve, e elegante. Eſtas ſaõ as quatro qualidades, que animaõ o racional corpo da ſua eſcritura. Mas ſendo, no entender de todos, o con-

§ ii ci-

ciſo, e o verdadeiro, vencivel difficuldade ao trabalho, e ao artificio, a clareza, e a elegancia me parecem as eſtrellas Pleidas, na esféra da Hiſtoria difficilmente juntas; ſendo muitas vezes o compoſto, e o eſcolhido das palavras, o dobrado; e o medido das oraçoens, o que vay dilatando os periodos, a perigar entre o Scylla, e Charibdis de enfadonhos; ou de confuſos.

Nem a nimia clareza ha de deſnaturalizar a ſuave adulaçaõ da Rhetorica, ſendo eſta diſcreta negaça o melhor desfaſtio da leitura. Os livros naõ ſe eſcrevem para os neſcios; os entendidos naõ ſe cançaõ nos reparos. Nenhum homem he feito para todos. Para contentar goſtos, naõ baſta deſempenhar acertos. Eſcuras ſaõ talvez as parabolas; naõ deſmereceraõ por iſſo tomallas o meſmo Chriſto por argumento de verdades, que propunha aos rudes; reſolvendo, que as comprehendeſſe quem podeſſe. O Eſcritor naõ ha de perder as licenças da Hiſtoria com o receyo de peregrinar a ignorancia. Quem naõ chegar a entender, reconheça o achaque em ſua caſa; que a Hiſtoria póde dar luz, mas naõ viſta.

Sine parabolis non loquebatur eis. Matth. 24.

Quis poteſt capere capiat. Idem 19. v. 12.

Sem perder della eſtas advertencias, me animo a pegar na penna, fiando á fortuna os logros, a que naõ alcançar a diligencia; que naõ cabem todos os acertos na juriſdicçaõ da eſcolha. Os Varoens notaveis da minha Religiaõ Sagrada, e illuſtres filhos deſta Provincia de Portugal, ſaõ o aſſumpto do meu emprego; e havendo nelles muito, que ponderar, he preciſa grande advertencia para que a narraçaõ naõ ſe alargue a panegyrico, ou rompendo as leys da Hiſtoria, ou propondo a verdade encarecida.

Aſſumpto grande! Empreza difficil! Pezo incomportavel! Ainda aos hombros dos Tacitos, dos Lucios, e dos Livios, Atlantes, em que deſcançou a elegante maquina da Hiſtoria, com aquella ventura, que ainda hoje juſtifica a ſingularidade, e deſengana a imitaçaõ. Grande, difficil, e incomportavel ao debil, ao curto voo de huma penna, a primeira vez aparada para correr a grande esféra das Eſtrellas de Domingos, Varoens illuſtres, em que a ſua eſtampou reflexos, e logrou influxos taõ ſagradamente deſempenhados, que, paſſando ao eter-

eterno Firmamento da Igreja, servem hoje de seguros nortes á mais considerada observaçaõ da vida.

Ficçaõ foy Gentilica, elegancia Poetica, que, gemendo com a nobre carga da esféra Celeste, de hum hombro a outro aliviava Atlante o grande pezo. Ornava-se de estrellas o desmedido globo. Tudo cantou Virgilio. *Ænei. l. VI.*

. ubi Cælifer Atlas
Axem humero torquet stellis ardentibus aptum.

Huma esféra gloriosamente ornada de estrellas cança os hombros ao mayor Atlante; e como se naõ recearáõ opprimidos os que reconhecem em minha Religiaõ Sagrada melhor esféra, em que seus filhos saõ luzidas estrellas, doutrinadas daquella, que em meu illustre Patriarca madrugou a ser Aurora de sua vida, como se os lustrosos jeroglificos de seu illustre sangue lha emprestaraõ para portentoso phenómeno de sua virtude, ou presagio feliz da Familia, que promettia á posteridade.

E se he preceito Evangelico, que se naõ escondaõ as luzes doutrinadas delle, venturosa obediencia a de descobrir aos olhos de todos as que de Domingos herdaraõ seus filhos, offerecidas ás imitaçoens, ou aos assombros. Este he o meu desvelo, e o meu assumpto. Quando estes saõ taõ sobidos, a mayor parte do emprego se fia aos desejos; sempre os fará ditosos a resoluçaõ, quando naõ os acertos. O desengano, e desinteresse, consultados ambos com o meu curto talento, naõ haõ de cançar os Leitores com a antiga hypocrisia de lhe pedir, ou lisongear a censura; que quem protesta escrever verdades despidas de novo artificio, desconhece os caminhos de grangear applauso.

A ninguem deixou esperanças de os merecer (como justificado acrédor de todos) o grande Chronista o Padre Fr. Luiz de Sousa, a cujo desvelo, e inconsideravel trabalho se deveraõ descubertos, cóm tanta fidelidade de perdidas noticias, e felicidade de historicas elegancias, os grandes successos desta Provincia até o anno de 1614., em que gloriosamente triunfadora de embara-

ços,

ços, e coroada de acertos, podera accrefcentar ás azas da fama aquella penna, em que eternamente voara o feu nome, a naõ fer divida o penduralla no feu Templo, como reconhecido milagre.

O que nos refta (defde o anno em que findou a terceira Parte da Chronica defta Provincia, em que comprehendeo até a ultima notabilidade della) he recolher as noticias de alguns filhos feus, efpalhadas pelos Conventos, ou, para melhor dizer, fepultadas nelles, naõ tanto á penfaõ de largos annos, ou culpaveis defcuidos, como a cuidados, e cautelas da modeftia religiofa, ou magnanimidade Portugueza; taõ natural fempre em huma, e outra, o obrar acçoens dignas de fer efcritas, como o bufcar caminhos para as efconder obradas. Efte he (Leitor) o affumpto, que te proponho. Lê a teu gofto; mas lembro-te que efte genero de efcritura encaminha-fe antes ao exemplo, que á delicia; e ferá culpavel, que a attençaõ, que te havia de dever a doutrina, te leve a cenfura.

Naõ ignoro que nefte ultimo periodo era proprio o lembrar, e propor aos claros, e benemeritos filhos defta Provincia, as glorias, que, á imitaçaõ de feus primeiros Pays, deviaõ lavrar para feu credito na religiofa officina de feu Sagrado Inftituto: mas devendo eu entender, que me era precifa huma penna, em que os rafgos paffaffem a fer voos, forçofamente me accommodava com o pezar de naõ poder expender como elogios os que de algum modo foube predicamentar como fucceffos. Porém foy alta Providencia de mayor fortuna o defcobrir o elegante epitome, em que o Reverendiffimo Padre Meftre Carlos Antonio Cafnedi da Companhia de Jefus, Oraculo da fciencia Sagrada, (como o teftemunha a fua *Crifis Theologica*) Cicero Religiofo, (como o moftra efte Epitome Panegyrico) dá a conhecer ao Mundo, e perpetúa nos Faftos da Chriftandade, o triunfante, e gloriofo Triduo, com que a fua Cafa Profeffa de S. Roque celebrou a Beatificaçaõ do Beato Francifco Regis: porque expondo o dia, em que officiou a Communidade dos Religiofos de S. Domingos de Lisboa, e efpalhando em toda a Religiaõ o melhorado cofre de

Amal-

Amalthéa de sua erudiçaõ profunda, e florida elegancia; sendo o seu bem meditado emprego o ponderar aquella devida attençaõ, com que a Ordem dos Prégadores teve sempre por singular, e generosa empreza o reconhecer, venerar, e promover as glorias dos esclarecidos filhos do grande Ignacio, que podia eu escolher para elogio da mesma Religiaõ Dominicana, (especial esta Provincia Portugueza) senaõ o saber a mesma Provincia reconhecer, na esclarecida Religiaõ da Companhia, taõ alto Instituto, e conservar com ella taõ estimavel commercio; empenhando-se (para seu mayor credito) em a venerar benemerita, e a merecer affectuosa. As clausulas do Epitome (que haõ de acreditar a minha escolha, e servir de immortal gloria a esta Provincia Dominicana) saõ as seguintes:

Coronidem solemnissimo Triduo statuit florentissima, omnis sapientiæ, & heroicarum odore virtutum, suorumque mysteriorum rosis, annuente Empyreo, coronata Patrum Prædicatorum Religio, non tantùm ubi Deus scitur, sed & ubi nescitur Orbi toti notissima; cujus Filii Protoparentis sui Dominici lucem æmulantes, facem pro lingua, ignem pro voce spirant. Convenit sub secundæ diei Vesperam, præeunte Crucis trophæo, populosum Patrum Prædicatorum agmen. Celebratæ à Reverendissimo Patre Provinciali Fratre Dominico à Sancto Thoma, viro omnibus numeris absoluto, qui mitissima animi sui indole, & aurea morum suavitate, de suis, & de exteris omnibus, præcipuè de nostra Societate religiosè triumphat; celebratæ, inquam, maximo cum apparatu, assistentibus sex gravioribus sui cætus Patribus, ornatissimo Pluviali superamictis, primæ Vesperæ, quibus absolutis, fervidissimæ Caniculæ ignes pro nihilo habentes, & ab asperrimo excelsi collis ascensu, & descensu minimè territi, sexies intra viginti horarum spatium idem iter, latrante Canicula, suscepere.

Præter festivos æris campani, tum in Patrum Dominicanorum, tum, quòd magis mirandum est, in inclytarum excelsi hujus Instituti Sancti Monialium Conventibus iteratos fragores, expositi ante utrorumque Cœno-

bia

bia naturales, & jactati ante Templorum fores, per noctis tenebras artificiales ab amicis ignes.

Cantata postremo die ab eodem laudatissimo Patre Provinciali, piissima ostentatione, Missa, & repetitæ secundæ Vesperæ, post quas instituta solemnis per Urbis plateas processio, in qua inter PP. Prædicatores, & nostros urbana humilitate certatum, renuentibus illis digniorem, ut par erat, conantibus nostris, ut ratio exigebat, inferiorem locum occupare; certamen à charitate, quæ omnia unit, desnitum; ita enim utrique comiscebantur, ut, nisi candor habitus nos proderet, ignorari planè posset, uter Dominicanus, uter Jesuita foret.

Delata per longos viarum tractus Beati Joannis Francisci Statua, succolantibus piæ sarcinæ duobus ex Sanctissimæ Trinitatis Patribus, & duobus nostris. Tamdem Christus Dominus, qui omnium Alpha, & Omega est, numerosæ, ob multiplicem aliorum Religiosorum, præcipuè Trinitariorum, concursum Processionis agmen clausit, sustentantibus Baldachinum octo Patribus Dominicanis, Pluviali ornatis, & deferente Sacrum Divinæ Eucharistiæ pignus Reverendissimo eorumdem Patre Provinciali.

Oravit sub Sacrum (nequid splendoris deesset Ulyssiponensis Conventus) Reverendissimus Prior, Doctor Frater Antonius à Sacramento. Ut pro re loqueretur, totus Pontificis Beatificationis Brevi institit; & quidem tam inenarrabili plausu, ut, sicut nefas est dubitare, quin Breve fuerit à Clemente XI. Spiritu Sancto concessum, ita dementatæ temeritatis reus habendus foret, qui Concionatorem speciali Spiritûs Sancti assistentia munitum negaret. Etenim Ulyssiponenses continere se non potuerunt, quin quater saltem concionantem Concionatorem interrumperent, eumque inusitatis laudibus in Cælum ferrent.

Hæc simplici, & pedestri veritatis stylo superesset modo, vel gloriosi hujus Ordinis exundantem obsequiorum in nos excessum; vel nostrorum erga eumdem indelebilem grati animi observantiam expendere. Primum breviuscula apostrophe, alterum taciturna admiratione expediam.

Favistis, Religiosissimi Patres, tuque præcipuè Reverendissime Provincialis; favistis, inquam, & sine meta Societati favistis; nobisque favendo, vobis ipsis favistis.

Nam

Nam vagientem, primis ſub annis, Societatem veſtræ ſapientiæ uberibus, multiplici in Univerſitate lactaſtis. Vos eam in Tridentino Concilio totis viribus promoviſtis. Vos mirabilem exercitiorum librum à mordacibus linguis voto veſtro illæſum ſervaſtis. Vos Divum Ignatium contumelioſè, & duriſſimè vexatum veſtris in Clauſtris perhumaniter tractaſtis. Vos Collegia in Luſitania, & Indis, prodiga manu ſumptibus veſtris erexiſtis. In vobis magna illa veſtrorum Herorum nomina, Venerabilis Archiepiſcopus Bracharenſis, Frater Bartholomæus à Martyribus, & celeberrimus ſanctitate, & ſapientia Ludovicus Granatenſis (ne à Luſitania recedam) quo conatu dilatationem Societatis promoverint, in omnium mente, & ore verſatum; & ita quidem, ut eoſdem in hodierna feſtivitate revixiſſe credendum ſit. Faviſtis igitur ſupra modum Societati, at Societati veſtræ; ita enim veſtra eſt, ut, ſi veſtra, vos colendo, & honorando non ſit, Societas non ſit. Nihil igitur mirum, ſi favendo exceſſiſtis. Nemo enim ſecum ipſo avarus.

Eſta memoria panegyrica deixou eſcrita o Reverendiſſimo Meſtre Caſnedi na ſua *Criſis Theologica*. Tomo 5. diſp. 10. ſect. 5. §. 2. p. 228.

Eſta a narraçaõ elegante, e authorizado apoſtrophe, com que aquella aurea penna da doutiſſima, preclara, e florentiſſima Companhia de Jeſus, quiz condecorar a Religiaõ Dominicana, eſpecialmente eſta ſua Provincia Portugueza; e he eſte reconhecimento taõ eſtimavel, e decoroſo para ella, que o eſcrevo no *Prefacio* dos heroicos progreſſos de ſeus illuſtres filhos, querendo perpetuar-lhes neſta lembrança a mais glorioſa coroa.

Nam viginteam, primis sub annis, Societatem vestrae sapientiae uberibus, multiplici in Universitate lactastis. Vos eam in Tridentino Concilio suis viribus promovistis. Vos mirabilem exercitiorum librum à mordacibus linguis vestro illaesum servastis. Vos Divum Ignatium contumeliosè, & durissimè excorum vestris in Claustris perhumaniter tractastis. Vos Collegia in Lusitania, & Indiis, prodiga manu sumptibus vestris erexistis. Et tot inter magna illa vestrarum Heroum nomina, Venerabilis Archiepiscopus Bracharensis, Frater Bartholomaeus à Martyribus, & celeberrimus sanctitate, & sapientia Ludovicus Granatensis, (ne à Lusitania recedam), quo tenera illius incrementa Societatis promoverint, in omnium mente, & ore versatum; & ita quidem, ut eisdem in hodierna festivitate revixisse credendum sit. Fuistis igitur supra modum Societati, ut Societas vestra; ita enim vestra est, ut, si vestra, vos colendo, & honorando non sit, Societas non sit. Nihil igitur mirum, si faciendo excellitis. Nemo enim secum ipso avarus.

Esta, a narraçaõ elegante, e authorizado apostrophe, com que aquella aurea penna da doutissima, preclara, e florentissima Companhia de Jesus, quiz condecorar a Religiaõ Dominicana, especialmente esta sua Provincia Portugueza; e he este reconhecimento taõ estimavel, e decoroso para ella, que o escrevo no Prefacio dos heroicos progressos de seus illustres filhos, querendo perpetuar-lhes nesta lembrança a mais gloriosa coroa.

LICENÇAS.

DA ORDEM.

Cenſura do M. R. P. M. em Theologia, Fr. Pedro Monteiro, Prégador do Sereniſſimo Senhor Infante D. Franciſco, Conſultor do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebiſpado de Lisboa Oriental, das Igrejas do Infantado, e das do grande Priorado do Crato, e Academico da Academia Real.

MAnda-me V. P. M. R. que veja a Chronica, que compoz o Reverendiſſimo Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta deſta Provincia, Academico da Academia Real; favor, de que fiz ſingular eſtimaçaõ, para ter nella que admirar de novo os muitos ſogeitos, que neſte ultimo ſeculo da Religiaõ floreceraõ nella em virtudes, e letras, porque muitos delles foraõ promovidos a diverſas dignidades.

A Obra he muitas vezes digna do grande nome do ſeu Author, grangeado em muitas, de que tive noticia, por mais que a algumas naõ permittio o nome a ſua modeſtia. Com eſte conhecimento já eſperava o acerto, com que aqui eſcreve a ſua grande capacidade, bem conhecida, e experimentada nas Aulas, e Collegio Conimbricenſe, de que foy digno Collegial, ſatisfazendo as obrigaçoens literarias com aquella exacçaõ, que ſe pede nellas.

Depois ſe entregou a eſtudos Sagrados, em que ſempre o acharaõ com a penna na maõ. Nelles deu há annos ao Prélo a Hiſtoria Panegyrica da Princeza Santa, (com o titulo de Eſtrella Dominicana) ornada com todo o genero de erudiçaõ Divina, e humana; obra, e parto de hum vaſto eſtudo; e naquelle genero, e no ſeu eſtylo incomparavel no voto dos eruditos deſapaixonados, naõ ſó neſte Reyno, mas em algum eſtranho.

Naõ ſe eſperava menos de hum engenho, em que ſe faz facil o eſcrever em varias materias, accommodando-ſe ao eſtylo de cada huma, aſſim no Sagrado, como no Politico, e ainda no Poetico, com igual (por mais que difficil) pratica no ponderoſo, e no jocoſerio, em que conhecendo a impiedade da Critica Nacional, eſcondeo a ſua modeſtia, e a ſua advertencia aos curioſos muitos empregos, em que os bons diſcurſos achariaõ naõ ſó divertimento, mas documentos.

Das ſuas occupaçoens eſtudioſas, e continuas daõ agora á eſtampa alguns affectos á Religiaõ, que as conhecem, e as eſtimaõ, a *Vida do noſſo Grande Patriarca S. Domingos*, (que faltava no idioma Portuguez) e glorias da Ordem, com o titulo de *Taumaturgo do Roſario*; obra, que envolve erudiçaõ Hiſtorica, e Predicativa.

Imprime mais o *Pantheon Euangelico*, com cincoenta, e mais Panegyricos Sacros; e podiaõ continuar quatro Imprenſas dos papeis, que deſte genero andaõ eſpalhados por varias mãos, de que ſaõ taõ mal conhecidos, como andaõ já confuſos, e desfigurados. Sepúlta ainda na ſua cella a impoſſibilidade do diſpendio (que lhe nega indevidamente o Prélo) cinco tomos de varias materias Predicaveis, Aſceticas, e Panegyricas, que o nome do Author ſegura dignas da ſua luz publica, que talvez lhe nega a fortuna em obſequio da enveja.

Nos empregos Academicos vay dando repetidas provas de que naõ degenera, antes confirma a grande proporçaõ com os heroicos eſpiritos, de que ella ſe compoem; ſendo o ſeu emprego (em que tem eſcrito dous livros) materia a primeira vez expoſta no noſſo idioma, e naõ achada na noſſa Hiſtoria; mas tudo vencerá a applicaçaõ laborioſa de quem ſe ſabe adiantar nella.

Quem em ſemelhantes empregos naõ ſó profeſſa noticias, mas pratîca experiencias, e a quem nem os muitos annos deſta pratica enfraquecem a penna, naõ podia deixar de ſatisfazer com toda a exacçaõ (aſſim na verdade fielmente hiſtoriada, como no eſtylo verdadeiramente hiſtorico) as *Memorias deſta Provincia*, para glo-

gloria do ſeu, e noſſo Grande Patriarca, e dos heroicos filhos, que illuſtrou nella. Aſſim me parece a Obra taõ digna da eſtampa, como o Author da gloria, que ſe lhe ſeguirá deſta Imprenſa. Eſte he o meu parecer. Voſſa P. M. R. ordenará o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental, em 2 de Mayo de 1732.

Fr. Pedro Monteiro. Meſtre.

FR. Chriſtovaõ de Santo Thomaz, Meſtre em Santa Theologia, Conſultor do Santo Officio, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores neſtes Reynos de Portugal, pela preſente damos licença ao Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta deſta Provincia, para que poſſa imprimir a Quarta Parte da Hiſtoria della, viſto eſtar reviſta, e approvada pelos Padres Meſtres da Ordem. S. Domingos de Lisboa Occidental, 10 de Mayo de 1732.

Fr. Chriſtovaõ de Santo Thomaz. Vigario Geral.

Do Santo Officio.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILL.^mo^, E REV.^mo^ SENHOR.

REvi a *Quarta Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal*, compoſta pelo Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, da Ordem dos Prégadores, ſeu Chroniſta; e acho nella muito que admirar, aſſim no eſtylo proprio da Hiſtoria, como na materia de que trata, pois em qualquer vida dos Religioſos, que conta, ſe deſcobre hum exemplar da perfeiçaõ, do zelo de Deos, e Santa Fé, ſem que o Author tropeſſe contra

 ella,

ella, ou offenda aos bons coſtumes: pelo que a julgo por muito digna de ſe dar ao Prélo. Voſſa Illuſtriſſima fará o que for mais acertado. Lisboa no Convento de Noſſa Senhora da Graça, 20 de Setembro de 1708.

O Meſtre Fr. Alvaro Pimentel.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Miguel da Reſurreiçaõ, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILL.^{mo}, E REV.^{mo} SENHOR.

MAnda-me Voſſa Illuſtriſſima, que dê o meu parecer ſobre ſe haver de imprimir, e ſahir á luz a *Quarta Parte da Hiſtoria de meu Patriarca S. Domingos, particular do Reyno de Portugal*, compoſta pelo Muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, da Ordem dos Prégadores, e ſeu Chroniſta: e obedecendo, digo o que entendo, e me parece que naõ tem couſa alguma contra a pureza de noſſa Santa Fé, nem contra os bons coſtumes; antes muitos, e varios exemplos de Veneraveis Padres, e Religioſas, que aſſim como podem preſtar augmento á imitaçaõ da vida mais reformada, aſſim tambem podem ſervir de credito á veneraçaõ da Religiaõ Catholica, e de taõ illuſtre Familia, em que o Author entra com huma grande parte pela elegancia, com que os eſcreve, e exprime: e aqui naõ digo tudo o que ſinto, porque as leys da Cenſura naõ permittem os Panegyricos, que merece a ſua erudiçaõ. Voſſa Illuſtriſſima mandará o que for ſervido. Santa Clara de Lisboa, 29 de Janeiro de 1709.

Fr. Miguel da Reſurreiçaõ.

VIstas as informaçoens, póde-ſe imprimir a *Quarta Parte da Hiſtoria Dominicana*, de que trata eſta petiçaõ; e impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, e ſem ella naõ correrá. Lisboa, 29 de Janeiro de 1709.

Carneiro. Moniz. Haſſe. Monteiro. Ribeiro.

Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Do Ordinario.

POde-ſe imprimir a *Quarta Parte da Hiſtoria Dominicana*, viſta a licença do Santo Officio; e depois de impreſſa torne para ſe conferir, e dar licença para correr, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa, 10 de Abril de 1709.

Biſpo de Tagaſte.

Do Paço.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Miguel de Santa Maria, Academico da Academia Real, &c.

SENHOR.

LI a *Quarta Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular dos Reynos de Voſſa Mageſtade*, Author o Muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta da Ordem daquelle Santiſſimo Patriarca: e tendo lido as trez primeiras, que compoz o inſigne Chroniſta Fr. Luiz de Souſa, me parece,

rece que o Padre Meſtre Fr. Lucas em nada lhe he inferior, mais que em florecer depois, como de Cicero, comparado com Demoſthenes, diſſe a ſabia antiguidadade; certeza de que he vivo exemplo eſta quarta Parte, compoſta com eſtylo taõ caſto, taõ elegante, taõ proporcionado ás materias de que trata, e taõ verdadeiro, que vimos nós com os noſſos olhos muito do que eſcreve aqui, e illuſtra a ſua penna; podendo qualquer Leitor de ambos, dizer ſem liſonja de hum, e ſem offenſa de outro, que naõ he mais para admirar o principio, e progreſſo da Hiſtoria Dominicana Portugueza, na primeira, ſegunda, e terceira Parte, que o ſeu fim, e coroa na quarta, como a outro intento diſſe Plinio o o Segundo: *Initium, & progreſſum laboris mirer, an finem?* O Padre Fr. Luiz começou, e proſeguio com tanto acerto, que meritiſſimamente logra o applauſo, de que até agora nenhum Hiſtoriador lhe tirou da maõ a palma; mas ſe huma ſó o pode ſer de duas mãos, naõ recuſaria o Padre Fr. Luiz a do Padre Meſtre Fr. Lucas, que, por lhe ſer igual no trabalho, na verdade, no engenho, na erudiçaõ, e no eſtylo, he razaõ que lhe ſeja companheiro no triunfo: e naõ ſerá injuria ainda o preferir eſta Quarta Parte ás trez primeiras; porque a Hiſtoria he como a vida, cuja perfeiçaõ naõ eſtá tanto em começar, e proſeguir bem, como em acabar bem; que por iſſo Cicero coroou a eloquencia dos Athenienſes, dizendo, que a aperfeiçoaraõ depois de a inventarem: *In quibus ſumma dicendi vis & inventa eſt, & perfecta.*

Pelo que toca ao argumento da Obra, contém eſta Quarta Parte muitos Religioſos, e Religioſas, illuſtriſſimos Heroes em ſantidade, em letras, em dignidades, e em nobreza de ſangue, os quaes adequadamente correſponderaõ, e deſempenharaõ os merecidos encomios, com que graviſſimos Eſcritores, e, o que mais he, os Summos Pontifices honraraõ a preclariſſima Ordem dos Prégadores, intitulando-os Defenſores invictos da Fé Catholica, verdadeiras luzes do Mundo, fideliſſimos Miniſtros de Chriſto, fortalezas incontraſtaveis da Igreja, e radiantes illuſtraçoens de todas as gentes:

con-

conſervando os filhos deſta Provincia, de quem com tanta modeſtia faz a Chronica preſente, a piedade, erudiçaõ, e zelo de ſeus predeceſſores, e creſcendo cada vez mais nas honras, e acclamaçoens dos que ſabem diſtinguir o ſolido, e verdadeiro do fantaſtico, e fabuloſo, a pezar da inveja inimiga de tudo o que he excelſo, e illuſtre. Eſte he o meu parecer, em que, ſuppoſto o acerto do Author, e nobreza da materia, naõ póde deixar de ſer elogio a Cenſura: pelo que julgo eſta Obra digniſſima da luz publica, e o Author della merecedor de toda a honra, e mercê, que V. Mageſtade for ſervido fazer-lhe, como taõ benemerito, naõ ſó da ſua Religiaõ, mas da naçaõ Portugueza. No Convento de noſſa Senhora da Graça, 16 de Mayo de 1709.

Fr. Miguel de Santa Maria.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meza para ſe taxar, e conferir, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa, 22 de Mayo de 1709.

D. Preſidente. Oliveira. Lacerda. Botelho.

Da Academia Real.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Miguel de Santa Maria, Academico da Academia Real, &c.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

VI o livro, que Voſſas Excellencias me mandaraõ cenſurar: e ſendo o meſmo, que revi por ordem do Deſembargo do Paço no anno de 1709, agora torney a achar a grande razaõ, com que lhe troquey a Cenſura em elogio, devendo ſer, no voto dos que melhor entendem da Hiſtoria, digna de todos eſta,

que

que o Author eſcreveo para norma de todas. Iſto o que diſſe com mais diffuſaõ naquella Cenſura, e o que repito neſta, remettendo-me ao mayor elogio do que (então, como agora) reconheço no Author benemerito da mayor honra, como o livro do beneficio da Imprenſa. Eſte he o meu parecer. Voſſas Excellencias mandaráõ o que forem ſervidos. Noſſa Senhora da Graça, em 16 de Junho de 1727.

Fr. Miguel de Santa Maria.

O Director, e Cenſores da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, daõ licença ao Padre Fr. Lucas de Santa Catharina para uſar do titulo de Academico neſte livro, viſta a approvaçaõ do Academico, a que ſe commetteo o ſeu exame. Lisboa Occidental, 20 de Junho de 1727.

Marquez de Alegrete. D. Manoel Caetano de Souſa.

Marquez de Fronteira. Marquez Manoel Telles da Sylva.

Do

LICENÇA.

Da Real Meza Censoria

PODem correr todos os quatro Tomos desta Historia. Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebispo Regedor P.

Gama.

Coelho. Vasconcellos. Pereira.

QUARTA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO.

Dos Religiosos filhos desta Provincia, que floreceraõ, e acabaraõ com reputaçaõ de virtude, e letras.

SUSPENDEO a penna o Padre Frey Luiz de Sousa, grande Chronista desta Provincia, deixando-a rica com seus escritos, e singularmente authorizada com a larga, e elegante historia, em que depositou nos Archivos da posteridade os nomes dos Varoens, que a ennobreceraõ insigne, com a voz, com a penna, com a vida; e naõ menos os das Religiosas, que nos Claustros Dominicanos souberaõ meditar os desenganos della, e correr por entre espinhos de mortificaçoens a abraçar a verdadeira.

A hum, e outro numero tem espiritos, que accrescentar este nosso seculo, ainda que nos faltasse com a materia, e assumpto de novas fundaçoens, sobre cincoenta e seis, que aponta a nossa historia: restanos a do Mosteiro do Sacramento em Lisboa, e a do Convento de Santa Joanna na mesma Cidade; a das Religiosas Hibernias do Bom Successo; assim me pareceo repartir esta quarta Parte em quatro classes, ou quatro livros. O primeiro tocará aos Religiosos. A's Religiosas o segundo. O terceiro com especialidade ao Mosteiro do Sacramento, como aquelle, que ainda nas nossas Chronicas naõ entrou a fazer

vulto, Benjamim da Provincia, filho da ſua ancianidade neſte Reyno. O quarto, ao Moſteiro do Bom Succeſſo, de Religioſas Hibernias, que ainda que peregrino para a Provincia, hoſpedado em Portugal, ſerá razaõ, que lhe ſucceda o meſmo em a Chronica; e naõ ſe queixará o ſeu merecimento, de que a que eſcolheo para Patria, lhe veyo a ſervir ſó de ſepultura.

Encoſtar-ſeha a eſta eſcritura a de alguma noticia da Congregaçaõ da India. Hiraõ os Religioſos, e Religioſas pela antiguidade de ſuas Caſas, naõ faltando a noticia do que houver de novidade nellas, deſde o tempo, que as deixou o Padre Frey Luiz de Souſa, pelos annos de 1613. ſendo Miniſtro Geral da Ordem Frey Serafino Silo Papienſe, e Prior Provincial neſtes Reynos Frey Agoſtinho de Souſa; naõ havia mais novidade no eſtado da Provincia.

CAPITULO I.

De alguns filhos do Convento de Santarem, que deixaraõ nome, e opiniaõ de virtude.

NAõ podem deixar de correr parelhas a juſta queixa do noſſo deſcuido, e a materia, que os grandes eſpiritos deſta Provincia nos deraõ para deſtruillo, porque o meſmo ſerá irmos deſcobrindo Varoens inſignes, que irmos tropeçando na culpavel omiſſaõ das memorias delles. Aſſim ſerá a queixa prologo da noticia.

He a Caſa de Santarem o primeiro domicilio, que a Familia Dominicana teve naõ ſó neſte Reyno, mas em toda Heſpanha, berço de ſua obſervancia, antes fecunda ſeára de Santos, que vivenda de recoletos, de que foraõ boas teſtemunhas ElRey D. Affonſo IV. o Bravo, e o piedoſo Rey D. Joaõ o II. Naõ promettia menos fruto aquelle cantinho de terra, cultivado pelos Santos Fundadores Frey Soeiro Gomes, e Frey Domingos do Cabo. Entaõ ſe fez Caſa pequena, como para homens, que amortalhados a queriaõ ter por ſepultura. Augmentouſe depois, e com mais largueza, a Igreja; tudo arruinaraõ os tempos, e tudo reedificou o zelo de bons Prelados; hoje ſe vê perfeito, e acabado, aſſim de officinas, como de ornato, e aceyo de Templo, verdadeiramente toda a Caſa como Palacio de Deos, donde ſe hoſpeda a ſua Familia, que o louva. Mais antigas, e miudas noticias tem os curioſos na primeira Parte das Chronicas. Paſſemos aos edificios eſpirituaes, que ſaõ noſſa unica importancia.

Fr. Antonio de Sande.

Foy hum delles o Padre Fr. Antonio de Sande (Fr. Domingos diz outra noticia, nenhuma certa, a do ſobrenome ſim, que paſſará a ſervir de nome a quem tanto neſtes eſcritos o merece.) Filho he ſem duvida o Padre Sande deſta Caſa, porque ſendo conhecida ſua virtude, em nenhuma outra ſe deſcobrio memoria delle, ſendo experiencia neſta Provincia, que Religioſos de ſemelhante vida ſempre vaõ ſervir, e acaballa nas Caſas onde ſaõ filhos. Nem faça equivocaçaõ o acharſe na meſma Caſa outro Religioſo com o meſmo nome, e a meſma, ou quaſi circunſtancia de morte;

morte; porque o primeiro Fr. Antonio de Sande, que traz a primeira Parte desta Chronica, foy filho da Batalha, foy aqui Porteiro, e faleceo no anno de 1612. e o nosso foy aqui Organista, naõ se lhe sabe de filiaçaõ, e faleceo em 1680. pouco mais, como nos affirmavaõ Religiosos graves em que estava fresca a tradiçaõ, unico documento, a que logo começamos a recorrer do nosso descuido. De grande Frade, e exacto observante, deixou nome este Padre, naõ só na estreiteza desta Clausura, mas no respeito, e memoria dos seculares da Villa. Assim se escutaraõ estas noticias a hum Sacerdote della, possoa de boa opiniaõ, com que tinha acabado pouco tempo antes que isto escrevessemos.

Em exercicios de verdadeiro Religioso, notavel recolhimento, e amor da Clausura, gastou este Padre grande parte da vida nesta Casa. Era nella organista, occupaçaõ em que servia a Deos desvelado, e gostoso: correspondia a vida á occupaçaõ; se nesta era Anjo, naõ menos naquella; assim naõ tinha hora mais gostosa, que a em que hia ajudar os Religiosos nos louvores Divinos. Pagoulhe o Ceo este gosto com outro mais sobido.

Santo Christo dos Affligidos.

Ve-se no Templo desta Casa de Santarem, no Cruzeiro, da parte do Evangelho, contigua á Capella do Menino Milagroso, a do Santo Christo dos Affligidos, huma das perfeitas, que tem o Templo; bom retabolo, em que se abre hum nicho, capaz de recolher o Senhor em o madeiro da Cruz: a estatura de homem, aspecto assim devoto, que juntamente atemoriza, e obriga a respeito. Mostra antiguidade, antes parece ter a da fundaçaõ da Casa. Esteve como esquecido na da Sacristia velha, de donde a devoçaõ de hum Religioso o tirou para o lugar, que tem agora: no primeiro succedeo o que vamos a referir; casos, que sem duvida o fizeraõ buscado, com o titulo dos Affligidos, confirmado cada dia com copiosos milagres, que honraõ aquellas Sagradas paredes, e convidaõ a Fé para os pedir, e os esperar.

Com esta Sagrada Imagem era continuada, e viva a devoçaõ do bom Padre Sande. Passava a todas as horas do Coro a tocar o Orgaõ, e pondo os joelhos em terra, repetia com espirito humilde, e penitente o Psalmo *Miserere*. Detinha-se nesta devoçaõ hum dia, que passava á occupaçaõ costumada, quando lhe fere os ouvidos, e o coraçaõ huma voz, que sahida da Sagrada Imagem, lhe dizia: *Preparate, porque hoje serás comigo no Paraiso.* Assustado, e alegre o bom velho, de ver taõ anticipado, e seguro o premio de seu pouco trabalho, deixase cahir por terra, pondo nella a boca, como recolhido ao centro da sua humildade. Já se levanta com alvoroço, chega á cella do Prior, começa a pedirlhe o Viatico, e a Unçaõ, affirmando, que estava no ultimo dia de sua vida.

Suspendia-se o Prelado, que o via com forças, e inteira saude; culpavalhe a diligencia como delirio. Insta com palavras concertadas, e encarecidas o bom velho; entra em si o Prelado com a experiencia do estylo de vida do subdito, represensentaselhe,

ſelhe, que haverá myſterio, poemlhe preceito, que diga a cauſa de taõ repentina ſupplica, e diligencia. Refere o Padre o que lhe ſuccedera; e deſpedindo-ſe pelas cellas dos Religioſos, que o acompanhavaõ, tanto com lagrimas, como com inveja, recolhido, e tomando os Sacramentos, com hum admiravel ſocego, paſſou deſte valle de miſerias ao Paraiſo, dando a alma nas mãos daquelle Senhor, que para elle o chamara desde a arvore da vida. No Cemiterio (venerada hoſpedaria das reliquias dos primeiros cultivadores deſta Santa terra) tem ſepultura, eſcondendo-ſe nella, aſſim a certeza de qual ſeja, como mayores noticias de huma vida, que mereceo eſta morte.

Segundo prodigio do Santo Chriſto dos Afflігidos.

Naõ devia ter menos circunſtancias a de outro Religioſo, com quem o meſmo Senhor uſou a meſma piedade, mas com particularidade grande. Naõ achamos a do nome do Religioſo, procurado com incançavel, e perdida diligencia. Relatemos a tradiçaõ. Sendo eſte Padre ainda Noviço, e de pouco tempo paſſado das liberdades, e delicias do Mundo áquelle eſtreito modo de vida, em que a Religiaõ coſtuma provar a conſtancia de quem a abraça, pareceolhe duro o caminho, facil a execuçaõ de deixallo, como quem naõ tinha até entaõ mais carcereiro, que o ſeu goſto. Reſolvia-ſe huma noite a romper eſte pequeno embaraço, e chegando a fazer oraçaõ á Imagem Sagrada, de que era devoto, quando ouve clara, e diſtintamente, que lhe reprehendia a temeridade, e o exhortava a abraçar ſofrido os rigores da vida, que eſcolhera; mas era tal o metal da voz, tal o affecto com que ſe exprimia, que naõ duvidou o Noviço, que o Senhor o reprehendia, naõ ſó com vozes, tambem com lagrimas, naquelle madeiro, em que já lhe devera o meſmo extremo todo o genero humano.

Cum clamore valido, & lacrymis exauditus eſt. Ad Hebræos 5. 7.

Naõ quiz o Senhor, que ficaſſe eſte exceſſo ſem teſtemunha; na face direita ſe lhe ficou diviſando, e hoje ſe lhe diviſa, a nodoa, e a propria eſtampa de huma lagrima. Louvada ſeja infinitamente ſua clemencia, taõ paga de ſer liberal com noſco, que nos deixa teſtemunhadas as finezas, como ſe fizera brazaõ dellas! Mas grande confuſaõ para as noſſas rebeldias, naõ nos melhorarem agradecidos taõ nobres teſtemunhas. Aſſim abalaraõ o coraçaõ do Noviço já venturoſo a reprehençaõ, e conſelho, que abraçou desde alli, e continuou huma vida, como o promettia o Conſelheiro della, profeſſando, vivendo, e morrendo no habito, ainda que ſe ignora a Caſa, como he tradiçaõ commua dos Religioſos mais antigos, que ha pouco faleceraõ neſta, e o naõ haver mayor noticia; culpavel omiſſaõ de naõ haver naquelles tempos quem por officio as guardaſſe para os futuros.

Fr. Paulo do Roſario.

Com mais alguma clareza nos veyo á maõ a noticia do Padre Frey Paulo do Roſario, porque foy tal ſua vida, que mereceo conſervarſe por tradiçaõ de memoria em memoria, permittindo-o o Ceo, para ennobrecer as deſta Caſa, e deſta eſcritura. Tomou eſte Padre o habito em o noſſo Convento de de Coimbra, mas naõ como filho

lho delle, como querem alguns, mas defte de Santarem, para donde veyo no feguinte dia, fendo a tomada do habito naquella terra, ou por acharfe alli o Prelado, que o recebeo á Ordem, ou ter effa comiffaõ o daquella Cafa, ou finalmente por fe fazer aos parentes do Noviço effa lifonja, porque fe entende, que Coimbra era fua Patria.

Correo o anno de approvaçaõ com moftras de quem naõ hia a paffallo, antes a aprender nelle a fer toda fua vida Noviço. Profeffou no anno de 1641. fendo Geral da Ordem o Padre Meftre Frey Niculao Rodulfo; e recolhendo-fe outra vez nefta Cafa, (depois que em outras acabou os eftudos) foy nella Meftre de Noviços, occupaçaõ, que naquelles tempos, e em tal Cafa podia fer boa fiadora de fua vida. Efte cargo exercitou pelos annos de 1666. fendo Prior o Padre Frey Francifco de Lemos. Primeiro enfinava os difcipulos com a vida, que com o caftigo, ou a palavra. Para os defeituofos era afperiffimo, e taõ zelador da obediencia, que lhe fuccederaõ cafos, que eternizaraõ efta noticia; hum fó baftará para a termos do muito que o era. Entendia, e bem, que he a obediencia a baze, e total fundamento da obfervancia, ou o coraçaõ, de que fe reparte a vitalidade a todo o myftico corpo da Religiaõ. Conheceo em hum Noviço alguma rebeldia, naõ valeo a primeira reprehençaõ para a emenda; chamou-o hum dia, e levando-o ao quintal da cafa de Noviços, diz-lhe que cave na terra, e mandalhe que áfveffas ponha nella huma planta. Sahio logo, como eftranhando o defacerto, o genio do Noviço; e por mais que o Meftre inftava que obedeceffe, mais fe efcufava com replicas, e defculpas. Chama o Meftre os outros Noviços, manda que abraõ mayor cova, e que nella metaõ, e fepultem o Noviço até ao pefcoço, martyrio em que o deixou eftar por algum tempo, tirando-o delle fogeito, e doutrinado.

Naõ eraõ menos as afperezas, que ufava comfigo, exacto no jejum de fete mezes, nas Matinas á meya noite, na eftamenha junto á carne; e parecendo-lhe a laã aliviada, recorria aos cilicios, e delles paffava a rigorofas difciplinas de fangue, naõ havendo arma com que naõ pertendeffe domar aquelle inimigo, mais para temer, quanto mais cafeiro. Mas affim fe agradou o Ceo defta fua ultima penitencia, que nas mefmas pedras quiz, que fe lhe confervaffe a noticia della. Era grande a devoçaõ, que tinha com o bom Jefus, Imagem de hum Crucifixo milagrofo, que fica na primeira Capella da nave, que corre da banda do Evangelho. Diante defta Imagem coftumava Frey Paulo tomar a miudo afperas, e copiofas difciplinas de fangue. He ainda hoje conhecido, e venerado o lugar adonde o fazia, que he hum grande marmore, que correndo igual com o lageado da coxia, que continúa ao pé dos Altares, fe moftra fingular, por alvo, e limpo; affim naõ admitte em nenhum tempo ou pó, ou outro defaceyo, que faz precifo efte reparo, moftrando-fe limpo, e branco em todo aquelle circuito,

to, em que podia eſtar o corpo, e eſpalharſe o ſangue dos golpes.

Inviolavel na guarda do ſilencio, ſó o faziaõ diſpenſar nelle as obrigaçoens do officio. Nelle durou muitos annos, atè que o apoſentou antes a falta de alento, que de eſpirito. Mais individuaes noticias nos podiaõ ficar delle, mas foy taõ eſcaço o tempo, que conſervandolhe com eſtas qualidades o nome, lhe ſepultou as acçoens, que lho podiaõ eternizar com mais circunſtancias de grande. Mas deſta curta narraçaõ ſe podem inferir mayores progreſſos de virtude, por mais que culpaveis os deſcuidos deixaſſem eſquecer as particularidades de ſua morte, como tambem o lugar da ſua ſepultura, roubando-nos eſſa conſolaçaõ aos olhos, como em mayores noticias, mayor exemplo para os reformados, e mayor edificaçaõ para todos. Mas ainda que ſeu corpo ficou duas vezes eſcondido, naõ o ficou aſſim a tradiçaõ de que eſtá inteiro.

Mayor numero de filhos memoraveis (como ſempre taõ fecunda delles) nos promettia eſta Caſa, e o eſpaço de 80. e mais annos, que ſe naõ tem fallado nella, ſendo experiencia, que nunca lhe faltaraõ em todos os tempos eſpiritos da primeira obſervancia, como morgada deſta Provincia. Deſta verdade podiamos ainda hoje moſtrar evidente prova; mas contentarnos-hemos com eſtas, que temos dado, viſto poder mais o envelhecido deſcuido de quem podia evitar eſte defeito, que a diligencia, e moderno cuidado de quem pegou na penna, achando já eſta Provincia ſem aquellas venerandas idades, que eraõ, e podiaõ ſer promptuarios vivos das memorias della. Naõ eſqueceremos com tudo neſte lugar huma, por muitos titulos preciſa, que ſirva de recompenſaçaõ ás muitas, que perdemos neſta Caſa.

Nella tem ſeu jazigo, em que eſtá ſepultado (na Capella môr, que he de ſua Caſa) Manoel de Saldanha, fidalgo de ſingulares prendas, da illuſtre Caſa deſte appellido, bem conhecido, e eſtimado neſte Reyno. Foy filho de Diogo de Saldanha, neto de Frey Diogo de Saldanha, filho de Antonio de Saldanha, que nos tempos de elRey Dom Manoel paſſou á empreza memoravel de Tunes, em companhia do Emperador Carlos V. e voltando a eſta Coroa, cheyo de bizarrias militares, mereceo o premio, e o agrado do grande Monarca Dom Joaõ o III. Veyo a caſa a ſeu filho Diogo de Saldanha, que fez deixaçaõ della a ſeu filho morgado Antonio de Saldanha, vendo-ſe já entrado em dias, e naõ podendo reſiſtir ao amor da Religiaõ Dominicana, que feito natureza em tantos annos, o chamava para os ſeus Clauſtros, donde veſtio o habito, profeſſou, e faleceo, como ſe lê na primeira Parte da Chronica deſta Provincia. *1. Part. liv. 2. cap. 42.*

Herdou Manoel de Saldanha de ſeu viſavou Frey Diogo eſte affecto ſingular ao habito de S. Domingos, e com eſpecialidade a eſte Convento de Santarem, conſervando-ſe mais vivo o commercio pela aſſiſtencia da Caſa, que eſta Familia tem na Villa. Mas aſſim paſſou em

em Manoel de Saldanha esta devoçaõ a extremo, que fazendo de sua casa antes hospedaria, que vivenda, parece que naõ tinha outra mais, que o Convento, nem mais commercio, que com os Religiosos delle, com grande edificaçaõ, e ainda lucro temporal de todos, a que a sua liberalidade espreitava a penuria, soccorrendo-a com maõ larga. Eraõ nesta parte especiaes beneficiados seus os que, cursando as escolas, tinhaõ nome, e reputaçaõ nellas, fomentando, como taõ grande amante da Provincia, aquellas plantas, que cresciaõ para coroalla.

Naõ o experimentava menos cuidadoso bemfeitor o material do Convento, naõ havendo nelle obra, que ou em parte, ou em todo lhe naõ devesse dispendio. Effeitos eraõ estes da devoçaõ, que tinha com S. Domingos, taõ excessiva, que no seu tempo chegou a ser apodo dos amantes das Familias Sagradas. Em dia do Santo accrescentava com grandeza o prato aos Religiosos, como se estivera ainda escutando o preceito, que o grande Varaõ Frey Diogo de Saldanha pozera a seu filho em semelhante dia. Em huma Vespera delle 3. de Agosto, de 1686. faleceo, dispondo-o (no que ajuizou a piedade Christãa) o mesmo Santo, agradecido áquelles extremos, a que negociaria immortaes premios.

1. Part. ubi supra.

Assim acabou, cumprindo-lhe Deos o desejo de chegar com vida até aquelle dia, que foy em hum Sabbado, quando a voto, e resoluçaõ de medicos, naõ podia passar do da quinta feira; e dando graças ao Santo Patriarcha, e á Virgem piedosa do Rosario, (retratos, que tinha á cabeceira, e a que chamava o seu thesouro,) mostrando o quanto tinhaõ de mais valor na estimaçaõ, e no affecto. Mas naõ deixemos huma circunstancia sem reparo, (que á boa consideraçaõ naõ parecerá indigno delle) que foy acharse assim disposto o caixaõ, em que recolhiaõ o corpo no jazigo, que sem poder ser de outra fórma, feita muita diligencia, veyo a ficar o cadaver com o rosto voltado á imagem do Santo, que está no Altar môr, ao lado do Evangelho, como se o grande Patriarcha quizesse dar a entender, que por aquelle estylo, que viaõ ao seu devoto na terra, estava gozando na gloria de sua vista.

A este reconhecimento do pay se seguio o dos filhos, mandando o Provincial desta Provincia, o Padre Mestre Frey Manoel Leitaõ por toda ella igualmente á Casa de Religiosos, como de Religiosas, que se lhe fizessem publicas exequias, com o mesmo estylo de piedade, e fausto, que se costuma nas dos Geraes da Ordem. Naõ se contentou, nem contenta com menos demonstraçaõ o agradecimento dos seus filhos nesta Provincia, sendo ainda mais extremoso, e mais duravel em toda ella o funeral das saudades, em que sempre durará sua memoria.

CAPITULO II.

Addiçaõ á fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Lisboa: de algumas particularidades, que se vem nelle ao presente.

FOy esta Casa levantada dos primeiros fundamentos a dispendios da pia, e Real magnificencia delRey Dom Sancho II. do nome, e IV. de Portugal, augmentada de Templo (obra verdadeiramente meditada em hum grande, e espaçoso espirito) por elRey Dom Affonso III Conde de Bolonha. Naõ se estenderaõ menos, que estes dous grandes braços, a sustentar tanta fabrica! A fortuna, que ella correo, já de inundaçoens, já de terremotos, póde ver o curioso no Padre Frey Luiz de Sousa. Melhorou-a finalmente elRey Dom Manoel de Dormitorios, (obra taõ sua, como o está gritando na grandeza) hoje acabados com igualdade ás mais officinas, formando huma das magestosas Casas, em que na Corte avulta o culto de Deos, e a grandeza della.

Fr. Luiz de Sousa. 1. p. l. 3. cap. 17.

Mas naõ deixarey de avaliar bem a modestia daquelles seus primeiros habitadores, que tendo bastante largueza, e pedindo a da Casa exteriores de mais vulto, cahindo-lhe dous lanços de Dormitorio sobre a celebre praça do Rocio (donde se podia desculpar a demasia, com as licenças de ornato, e correspondencia da praça) assim he tosca, e humilde a frontaria (para o que hoje vemos em outras fabricas Sagradas) que quem por dentro examina a largueza desta, confessa, que a desconheceo por fóra; em fim Casa dilatada ao commodo de numerosa familia, e naõ á culpavel ostentaçaõ de grandeza.

Algumas accresceraõ depois que o Padre Frey Luiz de Sousa a descreveo, especialmente na Igreja, e Coro della. Na Capella môr se vê dourado hum grande retabolo, que lhe mede a altura: (he elle primoroso, e ella excessiva) oito de boa pintura, e douradas molduras de entalhado moderno, vestem de huma, e outra parte o espaçoso campo das paredes, que dando lugar sobre elles a seis grandes janellas, sobem a fechar em huma alterosa bodeda, mais vistosa com hum gracioso brutesco, que a afermosea.

No Coro correm por huma, e outra parte ayrosas, e bem lavradas cadeiras de bordo, acompanhadas de dous retabolos de entalhado, repartido em bem lavradas columnas, e ayrosas quartellas, dando em os vãos lugar a 22. quadros dos Santos da Ordem. Deveraõ-se ao Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz, assim as copias dos Santos, como o dourado dos retabolos; a mais obra da Capella, e Coro ao Mestre Frey Alvaro de Mesquita, e a Frey Jeronymo da Assumpçaõ, aquelle Prior, este Sacristaõ môr do Convento, ficando os degraos do Altar de fino jaspe vermelho (mais duravel, e naõ menos vistosa alcatifa) e o pavimento do Coro do mesmo jaspe, tecido com preto, e branco, em extravagante xadres, sendo obra de Religiosos particulares, e entre elles do Mestre Frey Manoel Veloso, Deputado do Tribunal de Lisboa.

O

O corpo da Igreja, como se se quizera guardar no theor, e fabrica (reduzidas já hoje todas á moderna) para venerado padraõ da antiguidade, que obriga a hum certo respeito, e devoçaõ, ficou incapaz de emenda, ou melhora, pelo muito que se apurou na nave, que corre da parte da Epistola, em que se lavraraõ as Capellas de Santo Thomaz, do Senhor Jesus, e do Rosario, taõ alterosas, e bem acabadas, como se desenganaraõ a correspondencia nas frontarias. Melhorouse com tudo esta grande machina, assim no torneado das grades, que fechaõ esta nave, como em huma tea, que divide toda a outra, ficando ambas com a melhora de duas rasgadas janellas, que no cabo de cada huma servem de Collateraes ao grande espelho, que fica sobre a porta. Ve-se hoje todo o Templo livre, e desembaraçado, sustentada toda a sua machina, que he magestosa, em oito columnas; estado a que a reduzio a improporçaõ, que tinha em todo o corpo, e Capella, que para os primeiros tempos eraõ grandezas. Deveo este bem meditado desembaraço ao Mestre Frey Antonio do Sacramento, sendo actualmente Provincial desta Provincia. Agora espera pela proporçaõ, que lhe dará a industria, e architectura moderna, de que já se vem principios, (devidos á mesma maõ, que lhe quiz emendar os defeitos) promettendo avultar sem elles entre as mais fabricas Sagradas, que hoje se veneraõ na Corte, como magestosos Padroens da Christandade.

O corpo do Convento se vê augmentado em obras de azulejo, espaçosas, e bem lançadas escadas de pedra, desafogada, e ayrosa Portaria; e iguaes ao Convento as mais officinas, melhor a Sagrada da Sacristia; Livraria espaçosa, e bem acabada, obra, que se deveo ao Mestre Frey Gonçalo do Crato, do Conselho Geral de Lisboa.

Ao presente se acha com notavel augmento pela industria, desvelo, e profuso dispendio do Presentado Frey Manoel Guilherme, cobrindo-se todas as paredes com segundas estantes (que tocaõ no tecto com artificiosos remates) em que se distribue huma numerosa Livraria de nobre enquadernaçaõ, e taõ igual, como escolhidos os livros; e estes taõ copiosos, que foy preciso recorrer a nova Casa, que lhe fica contigua, e igualmente ornada, hospedando-se em huma, e outra os Varoens illustres de huma, e outra classe, ou na laboriosa applicaçaõ da penna, ou na rigorosa observancia da vida, e entre elles infinitos Escritores da Ordem, como Antagonistas dos seus Institutos, parece se devia esculpir nos jaspes daquellas artificiosas portadas por glorioso timbre esta letra: *Felices, quibus contigit aut scribere legenda, aut facere scribenda!*

O Claustro com espaçoso ambito, cuberto com desafogadas, e alegres varandas, que descançaõ sobre ayrosos arcos de bem lavrada pedraria, com remates, e embutidos de jaspes pretos, e vermelhos. Cercaõ estes com grades hum desembaraçado terreiro, que com vario lavor de murtas se reparte em ruas, dando no meyo lugar a hum tanque, que em fórma enge-

engenhoſa oitavada ſuſtenta no centro della em hum pilar huma grande taça, em que de outro ſe recebe a agua deſtilada em artificios varios. Aſſim o ſaõ os jaſpes finos, que matizaõ toda a obra. Deveo-ſe eſta ao desvelo do Meſtre Frey Pedro Calvo.

Mas naõ deixarey em ſilencio o ornato, que lhe veſte as paredes, naõ pela vida de Noſſo Padre eſtampada em azulejo, (obra groſſeira, e indigna de ſer eſtampa daquella vida) mas pela que ſe lê animada em huns dyſticos do Padre Fr. Luiz de Souſa, que parece deſtinou muitos annos antes o fino deſta Poeſia a diſſimular o toſco daquella pintura, bem afortunada (e quando o naõ foy o enorme?) em achar alli huma penna, que lhe trocaſſe os borroens em figuras, ou hum eſpirito, que animaſſe com a vida da Poeſia o toſco daquelle barro.

Veſe no primeiro quadro a Senhora Dona Joanna de Aça, mãy de Noſſo Padre, deſcançando em hum leito, e repreſentando-ſelhe hum rafeiro com huma tocha acceza na boca; e diz inferior ao quadro o dyſtico:

Vera vides genitrix: Cœleſtem condis in alvo,
Qui mundum accenſo perſonet ore, canem.

Veſe no ſegundo quadro Domingos menino, quando ſahindo do Sagrado banho do Bautiſmo, ſe lhe diviſou na teſta huma Eſtrella, aurora, com que lhe madrugou o dia da graça; e diz inferior ao quadro o dyſtico:

Fax in ventre latens, jam ſacro fonte lavatus
Aurora eſt, ardens poſtmodo Phœbus erit.

Veſe no terceiro quadro Noſſo Padre acompanhado do Biſpo de Oſma, quando (para confuſaõ da pertinacia heretica) lhe reſpeitou tres vezes o fogo o livro, em que eſcrevera as verdades da doutrina Sagrada, ardendo em hum inſtante o que continha os dogmas hereticos; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Abſumens pravum pia litem flamma diremit,
Et ſanctum innocuæ ter repulere faces.

Veſe no quarto quadro a Rainha dos Anjos, dando a Noſſo Padre hum Roſario, para que ſaya a eſpalhallo pelo Mundo, como ſeu primeiro Miſſionario; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Accipe ab æthereo miſſum tibi munus Olympo,
Orbis tutamen, deliciasque meas.

Veſe

Vese no quinto quadro Nosso Padre na guerra dos Albigenses occupando a vanguarda do campo Catholico, Alferes daquella Sagrada bandeira, que já arvorada sobre o Calvario, deu a conhecer vencido o mesmo adversario, que agora em seus sequazes lhe fazia rosto. E se lá mais victoriosa, quando rota de huma lança, aqui naõ menos feita alvo das settas inimigas, como se de estandarte se passara a escudo para recebellas; e inferior ao quadro diz o dystico:

Pro Christo certans, scutum Crucis objicit hosti,
Hanc solam, illæso milite, tela petunt.

Vese no sexto quadro Nosso Padre, glorioso Athlante da Igreja, que (figurada na de S. Joaõ de Latraõ em Roma) ameaçando ruina, encontrava aquelles grandes hombros para evitalla;) mysteriosa visaõ, representada em sonhos a Innocencio III.) e inferior ao quadro diz o dystico:

Quam potuit quondam templi cohibere ruinam,
Per sobolem verus nunc quoque fulsit Athlas.

Vese no setimo quadro Nosso Padre com os joelhos em terra, mãos, e olhos no Ceo, pedindo clemencia a Christo Senhor Nosso, que indignado brandia tres settas para castigo do Mundo, quando sua piedosa Mãy lhe mostrava a Domingos, como suspensaõ do castigo dos homens, e fiador da emenda delles; como dizendo no dystico:

Nate, quis in miseros tantus furor? Aurea terris,
Hoc duce, restituet sæcula prisca fides.

Vese no oitavo quadro Nosso Padre recebendo com os joelhos em terra a confirmaçaõ da sua Ordem de Honorio III. e inferior ao quadro diz o dystico:

Quas sæpe Cœlis prænuntia signa probarunt,
Æterna leges consecro lege tuas.

Vese no nono quadro Nosso Padre, quando pernoitando na Igreja de S. Pedro em Vaticano em oraçaõ diante das reliquias dos grandes Apostolos Pedro, e Paulo, este lhe deu hum livro, aquelle hum bordaõ, como se hum lhe encaminhara os passos para correr a terra, outro lhe illustrara o entendimento para propor a doutrina; e inferior ao quadro diz o dystico:

Lustret & illustret mens æmula Solis ut Orbem,
Legis Evangelicæ est rector hic, ille viæ.

Veſe no decimo quadro o Santo Reginaldo enfermo; Noſſo Padre em ſua cella orando por ſua melhora; a Rainha dos Anjos (acompanhada das Protectoras da Ordem as Santas Catharina, e Cecilia) reſtituindo-lhe com myſterioſo oleo a ſaude, e moſtrando-lhe, e offerecendo-lhe o Eſcapulario branco, que queria lhe ſerviſſe a elle, e aos mais filhos de Domingos de habito; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Arte laboratam noſtra tibi ſuſcice veſtem,
Reginalde, mei ſtemmata Dominici.

Veſe no decimo primeiro quadro Noſſo Padre recuſando a offerta de tres Mitras; eſcravidaõ, que temia por authorizada, naõ por trabalhoſa: e inferior ao quadro diz o dyſtico.

Prodigus ad pœnas renuit, horretque Tiaras:
Omnis anhelanti ſidera ſordet honos.

Veſe no decimo ſegundo quadro Noſſo Padre diante de hum Crucifixo com os joelhos em terra; deſcubertos os hombros, deſcarregando ſobre elles com rigoroſa maõ huma cadea de ferro, (que tres vezes os banhava em ſangue entre dia, e noite) e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Ferrea vincla diu, terque horrida verbera noctu
Alterna repetunt conditione vices.

Veſe no decimo terceiro quadro Noſſo Padre no meyo daquelles funeſtos eſpectaculos, em que triunfou da morte a ſua piedade; o ſobrinho do Cardeal deſpedaçado da queda de hum cavallo; o official opprimido da parede do Convento em que trabalhava; a viuva choroſa, e moſtrando-lhe o filho ſem vida; os quarenta romeiros, que ſorveo tormentoſo o rio de Tholoſa; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Quæ non monſtra tibi, quæ non miracula cedent,
Cui toties ſpoliis mortis onuſta manus?

Veſe no decimo quarto quadro N. Padre com os Religioſos em Communidade no Refeitorio do Convento de S. Xiſto em Roma, levantadas as mãos, e olhos ao Ceo, quando ſem haver para aquella Santa Familia hum paõ, (por ſe ter dado de eſmola hum unico, que havia em Caſa) entraraõ dous Anjos pelo Refeitorio, repartindo a cada Religioſo o ſeu; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Felix paupertas! Quid non ſperemus egeni?
Cœlicolûm o ſocii paſcimur ecce penu.

Vese no decimo quinto quadro Nosso Padre arrebatado em hum extasi diante de hum Crucifixo; e o demonio em fórma de horrivel dragaõ voando-lhe sobre a cabeça, e ameaçando-lha com hum pezado, e desmedido penedo; e inferior ao quadro diz o dystico:

Corpoream excidit molem super aera raptus:
Nec pavet insidias, hostis inique, tuas.

Vese no decimo sexto quadro Nosso Padre, e seu companheiro pizando hum deserto; o Ceo desatando-se em formidavel inundaçaõ; mais ao largo (já sereno o Ceo) buscando-o o Povo com reverencia, e applauso; e inferior ao quadro diz o dystico:

Qui potuit pluvias cobibere, & claudere cœlum,
Hunc mira populi religione colunt.

Vese no decimo setimo quadro Nosso Padre entre as saudosas lagrimas dos filhos espirando; hum Anjo no ar com huma coroa, e huma palma; e inferior ao quadro diz o dystico:

Ergo triumphales victor fert ad æthera passus,
Sacra manus ornat palma, corona caput.

He isto o mais notavel, que accresceo á fabrica deste Convento. Naõ será desagradavel leitura aos que o naõ viraõ, nem desmerecido premio ao zelo dos Religiosos, que o ornaraõ.

CAPITULO III.

Dos Mestres Frey Pedro de Magalhaens, Frey Agostinho de Cordes, Frey Guilherme do Vadre.

ATHenas Dominicana podiamos chamar á Casa de S. Domingos de Lisboa, porque sendo ella pella mayor parte a em que residem os Mestres em Theologia, com a circunstancia de ser huma das cinco Universidades, que tem esta Provincia, aqui se achaõ as sciencias nos seus dous estados, já na custosa fadida de aprendidas, já na socegada felicidade de laureadas. Mas naõ roubara esta ás Casas a gloria de berços de seus benemeritos filhos, contantando só aquelles, que a respeitaraõ máy, e naõ os que a escolheraõ vivenda.

Foy hum delles o Mestre Frey Pedro de Magalhaens (entende-se dos que mereceraõ esta lembrança, e nos chegaraõ á noticia desde a ultima, que o Padre Frey Luiz de Sousa nos deixou desta Casa) que dado todo áquelles dous extremos taõ dificultosos de ajuntar, como Aula, e Coro, letras, e virtude, servia de exemplo aos que o viaõ, e de Oraculo aos que *O M. Fr. Pedro de Magalhaens.*

o

o escutavaõ. A lãa junto à carne, o jejum rigoroso, as Matinas continuas, as disciplinas continuadas, e, o que mais era, hum Argos da observancia, sem haver cousa, que mais o lastimasse, que as quebras della.

Correo as Cadeiras, graduouse Mestre, e deu á estampa (sazonado fruto de seus estudos) dous Tratados, hum de *Scientia Dei*, outro de *Prædestinatione*, como se quizera testemunhar a quem (sem experiencia do que era) o visse naquelle honrado zenith das letras, que o que o tinha levado a elle foraõ applicaçoens, e naõ industrias. Passou a Evora Deputado daquelle Tribunal da Inquisiçaõ, occupaçaõ em que descobrio tantas capacidades, que ellas o trouxeraõ para o lugar da Mesa Grande do de Lisboa, Cabeça de que dependem as direcçoens de todos os do Reyno. Alli presidio por muitos annos, sendo naquelle lugar o Oraculo daquelles; e taõ lembrado do que devia á Religiaõ, como Māy, e a si como bom filho, que a desvelos, e diligencias conseguio, que se lhe dessem os tres lugares de Deputados em Lisboa, Evora, e Coimbra. Se foy reconhecimento com a Māy, naõ deixou de ser zelo com o Tribunal, convencendo-se (com experiencias de portas a dentro) como nelle sabem os filhos de S. Domingos seguir as pizadas daquelle Pay, que foy o primeiro, que assim as deixou trilhadas em serviço da Fé. Era esta huma graça com circunstancias de restituiçaõ; e mostrou o Mestre Frey Pedro, que no Tribunal da melhor justiça naõ soube ser filho sem os dictames della. Piedade, e inteireza benemerita de toda a nossa memoria!

Compassivo com os enfermos, e liberal com os pobres, com o que necessitavaõ acudia a cada hum, entrando a sua comiseraçaõ pelas cellas dos Religiosos, que via mais desamparados, sem esperar mais diligencia, que ter essa noticia. Nestas, e semelhantes obras gastava o que lhe rendia o lugar da Inquisiçaõ, lucro ignorado assim da sua cella, como da sua pessoa. Taõ poucas eraõ as alfayas daquella! Tanto o desprezo com que tratava esta! Faleceo carregado de annos, (inda que naõ pezaõ naquella hora os bem gastados) recebidos com piedade Christãa, e devoçaõ Religiosa todos os Sacramentos, com grande paz de espirito, e confiança em Deos, em 11. de Fevereiro de 1675. Tem sepultura no Capitulo.

Naõ pizou o estreito caminho da observancia o Mestre Frey Agostinho de Cordes com menos circunstancias, e experiencias de grande espirito. Toda a sua vida fora huma continua advertencia de sogeitarlhe o corpo. Graduado pelas Escolas, leo algum tempo no Collegio da Rainha Dona Catharina Moral, com o acerto de quem meditava os mayores de sua consciencia. Já entrado em dias, voltou todos os cuidados a esperar o ultimo. Dos livros para o Coro era o seu continuo commercio. De noite o deixavaõ na Igreja visitando os Altares os ultimos que sahiaõ della, e nella o achavaõ já os que a buscavaõ de madrugada. *O M. Fr. Agostinho de Cordes.*

Assim

Assim parecia inculpavel a sua vida. Nunca no voto dos justos lho parece a sua. Seria essa a razaõ, porque o Mestre Frey Agostinho a perseguia com penitencias. Sobre o jejum continuado, era o que comia taõ pouco, que o parecia inda para sustentos; mas nem por isso lhe enfraquecia o braço para os golpes da disciplina, sendo estas naõ só amiudadas, mas taõ rigorosas, como o mostravaõ as pedras da Igreja, donde muitas vezes era o sangue viva testemunha.

Com este estylo de vida a passou muitos annos neste Convento, vindo a acabar nelle ditosamente com todos os Sacramentos, e edificaçaõ grande dos Religiosos, aos 4. de Fevereiro de 1662. Está enterrado á entrada do Capitulo; e abrindo-se a sua cova alguns annos depois (sendo Prior o Mestre Fr. Valerio de S. Raymundo, Bispo que foy de Elvas) se achou inteiro o corpo. Naõ duvido, que póde ser talvez privilegio de melhor compleiçaõ, mas talvez tambem de melhor vida. Quando o he esta, he aquella notavel circunstancia. Aos Justos prometteo Deos esse privilegio. Assim está escrito. Nós narramos, naõ diffinimos. Tambem affirmaõ, que á hora da morte lhe assistiraõ Nossos gloriosos Patriarchas Francisco, e Domingos. Venturoso filho, que na vida lhes seguio as pizadas, na morte lhe vieraõ mostrar o termo dellas!

Nec dabis Sanctum tuum videre corruptioné. Psalm. 15. 10.

Mas que venturoso seculo o em que a sciencia humana se deu as mãos com a Divina! Esta nos diz o Sabio, que tem seu principio no temor de Deos. Assim achamos os filhos desta Casa, sabios ao Divino, como ao humano, porque taõ tementes a Deos, como Letrados. Em huma, e outra sciencia exercitavaõ a vida. Vida venturosa na veneraçaõ da terra, e no premio do Ceo! Destinado a este, como merecedor daquella, professou, e viveo neste Convento o Mestre Frey Guilherme do Vadre, grande Theologo em huma, e outra Theologia. Com igual applauso passava da Cadeira ao Pulpito. Assim sabia ensinar discipulos, como reduzir peccadores. Naõ prégava só com a palavra, mas com a vida; naõ só com a vida, mas com as exterioridades della; assim para edificar a quem o via, ou escutava, naõ desdiziaõ as cores do rosto do feitio do habito. Huma imagem da penitencia respirava naquella mortalha: quem vivia morrendo, como morreria acabando? Recebeo todos os Sacramentos, e com grande socego de espirito passou aquelle ultimo golpe, como quem sempre se andara ensayando para elle, em 9. de Novembro de 675. Tem a sua sepultura no Capitulo.

Psalm. 15. 10.

O M. Fr. Guilherme do Vadre.

CAPITULO IV.

Dos Padres Frey Manoel do Espirito Santo, Frey Antonio de Jesus, Frey Thomé de Mendonça, e Frey Belchior da Franca.

CORria o anno de 1638. Era Provincial desta Provincia o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, Ministro Geral da Ordem Frey Niculao Rodulfo, quando veyo a ella, pedin-

O P. Fr. Manoel do Espirito Santo.

pedindo a humilde mortalha Dominicana, o Padre Frey Manoel do Espirito Santo, taõ doutrinado por elle, como se lhe pedira o titulo menos para nome, que para morte. Assim o mostrou logo nos primeiros passos de vida observante. Estes o levaraõ nos primeiros annos a buscar o centro della na Recoleta Bemficana, que entaõ se levantava entre todas as da Provincia com mayor reputaçaõ de reformada. Alli accrescentou o numero daquelles verdadeiros professores da Religiaõ, e da austeridade, servindo de espelho aos mesmos, de que a sua humildade tomava exemplo.

Já o seu dava tanto que entender ao inimigo das almas, que o começou a buscar astuto, com a esperança de que quando lhe naõ arruinasse a consciencia, sempre lhe assustaria o socego. Assim lho queria turbar no Coro, que sendo o Padre Fr. Manoel huma imagem da modestia, antes da mortificaçaõ religiosa, se lhe percebiaõ bem sinaes como de que o perseguiaõ, e apertavaõ. Com o capello na cabeça, os olhos no chaõ, as mãos cruzadas sobre o peito, acompanhava o Coro; mas no modo, com que se encolhia, e se apertava a si mesmo, se advertia a violencia, que o mortificava. Junto isto com a observaçaõ, que se fazia de sua vida, facilmente se dava no que era. Passou a mais a astucia diabolica.

Como o Padre Frey Manoel por muito retirado parecia esquivo, e era pouco o seu commercio, ainda com os Religiosos da Casa, naõ deixavaõ alguns de lhe censurar a estranheza. Doia-se elle, lastimava-se interiormente; naõ fiou da sua constancia naõ romper em alguma impaciencia; resolveo-se a mudar de Casa. Passou á de Aveiro, naõ achou nella menos reforma, entendeo, que mais socego; mas o inimigo, que, vendo-o retirar, concebia novas esperanças de o vencer, lá o acompanhou com aquella mesma astucia, que já calificava por poderosa. Começou de introduzirlhe desconfianças de que era aborrecido, e murmurado na Casa. Este pensamento o trazia em huma continua batalha; finalmente triunfou delle hum dia.

Divertiaõ-se alguns Religiosos (e de boa nota) praticando naquella hora, em que a Religiaõ dispensa o silencio: eis-que accendido em colera, com passos arrebatados, e vozes impacientes, chega Frey Manoel rompendo nestas palavras: *Bem sey, Padres, bem sey, que estaõ murmurando de mim.* Voltaraõ comedidos, e assombrados os innocentes Padres, testemunhando como se enganava, e pertendendo socegallo. *Sey* (continuava elle) *que murmuraõ; agora o faziaõ.* Gloriava-se o demonio que o tinha vencido; naõ lhe durou muito esse engano. Mal tinha voltado as costas recolhido á cella, quando abrindo outra vez a porta, corre aos Religiosos, e deixando cahir ao mesmo tempo as lagrimas dos olhos, e o corpo sobre a terra, repetia: *Padres, perdoemme pelas Chagas de Christo. Perdoemme: fuy tentado.*

Algumas vezes (inda que naõ chegando a tanto excesso) se lhe ouvio alguma palavra, filha de semelhante desconfiança;

mas

mas affim a caftigava logo em fi, que fe defenganava o inimigo, que mais perdia nas emendas, que ganhava nas quedas. Affim continuou o Padre Frey Manoel com mais focego, fe he que havia inftante em que o conheceffe quem fazia continua guerra a tudo o que o parecia. Cingido andava junto á carne, naõ fiando fó da lãa a mortificaçaõ della, naõ fe foube fe eraõ cordas, ou cilicios; do modo, com que fe meneava, fe entendia huma coufa, ou outra. Jejum inviolavel, acompanhado de afpera difciplina; Matinas continuas. Quando a Religiaõ difpenfava nellas, ou nas de privilegio, ou nas duas recreaçoens do anno, no Coro, diante do Santiffimo, paffava até á meya noite. Se havia Matinas, dellas até pela manhãa. Perfeguido do fono, o agafalhava huma taboa, que era a cama, que efcondia na cella, mas commummente o pavimento da Igreja.

Do Rofario era devotiffimo, affim lhe chamavaõ o Frade do Terço. Para elle applicava o pobre eftipendio de alguma Miffa, comprando Rofarios para repartir pelo Povo. Com aquella Santa negaça o feguia a innocencia dos pequenos: inclinava-os á devoçaõ com ella, e entre elles a difpendia. Naõ goftava o inimigo daquelle contrato, embaraçava-lhe as contas. Por mais que as feparaffe, e as dividiffe, amanheciaõ juntas, e embrulhadas. Refolveo-fe em feparallas pela parede da cella. Deulhe o demonio em huma occafiaõ huma bofetada; fofpeitou-fe, que fobre efta demanda.

Perfeguiaõ-no achaques, receitavaõ-lhe os Medicos, que comeffe carne, (parecia-lhe, que era comprar cara a faude) nunca o obrigaraõ a comella. Efte rigor de vida naõ lha promettia muito larga; mas affim parece, que a reforçava na penitencia, que chegando a contar nella 65. annos, inda o que lha tirou naõ foy achaque, feria o amor de Deos, poderofo como a morte. Pareceo, que teve revelaçaõ della. As circunftancias parece que podiaõ fer provas.

Era Vefpera de Natal de 1671. eftava fem nova moleftia; foy-fe ao Prelado (entaõ o Padre Prégador Geral, e Prefentado Frey Gafpar de Araujo) pedio-lhe com humildes, e encarecidos rogos, que lhe déffe a Communhaõ Sagrada por Viatico, que eftava em hora de pedillo. O Prior, que o via fem accidente, que lhe favoreceffe a fupplica, mandou-o recolher na cella, paffando aquella, entre os Religiofos, por defatino ou de annos, ou de efcrupulo. Callou, e obedeceo o bom fubdito; affiftio a Vefperas, e Completas daquella devotiffima folemnidade; chegou-fe a de Matinas, tocaraõ o primeiro, juntou-fe a Communidade no Coro, fó faltava Frey Manoel, que fempre madrugava para elle. Faziaõ reparo os Religiofos; (tinhaõ-no vifto, naõ muito antes, chegar ao lampiaõ, a bufcar luz com focego, e defafombrado) fufpendia ao Prelado o mefmo penfamento, convenceo-fe que feria fono.

Mandou, que o chamaffem; refultou da diligencia faberfe, que naõ deferia a nenhuma; fobe o Prelado, abrelhe a cella, acha o bom fubdito fem

vida ſobre huma taboa. Creſce o aſſombro, examinando o modo, com que jazia. As mãos em Cruz ſobre o peito, nellas hum Crucifixo, compoſtos os olhos, e mais membros do corpo, em fórma, como ſe alheya diligencia o accommodara. Repararaõ mais, era lavado o habito, os interiores o meſmo, novidade tudo para o que uſava comſigo. Eſte era o talamo, em que eſperava naquella noite o Eſpoſo, que com paſſos de Gigante vinha buſcallo, e eſte o adorno candido, com que ſe preparou ſua alma com alvoroços de eſpoſa.

Tratavel, e flexivel eſtava o corpo; e mais examinado, o acharaõ cingido com huma cadea de ferro, taõ entranhada na carne, que ſe lhe tirou com violencia. (teſtemunhava-o quem o vira). Semelhantes atavios de penitencia ſem outra couſa ſe lhe acharaõ na cella. Trouxeraõ-no para o Coro. Divulgaraſe já pela Villa o ſucceſſo; corriaõ todos, convidando-ſe anciofos huns aos outros, para verem o Frade Santo. (eſte o epitheto, que ſua vida lhe grangeara naquelle Povo). Era mais ditoſo o que chegava a vello; contentava-ſe com tocar contas no eſquife: o que naõ podia eſtender a maõ ao habito, defendido naõ com pouca difficuldade da diligencia dos Religioſos.

Deraõ-lhe ſepultura no Capitulo, e ſem duvida a deu elle em ſua vida aos favores, que do Céo grangeara com ella, que parece naõ podia ſer menos, que revelaçaõ aquelle repentino aparelho, e precederem couſas mayores áquelle novo tranſito. Mas o que a ſua modeſtia eſcondeo na vida, quiz dar a conhecer o Ceo na ſua ſepultura. Abria-ſe eſta, (paſſados annos, havendo de enterrar-ſe hum Religioſo, e ſendo a mais antiga das que tinhaõ ſervido) eis-que ſe enche o Capitulo de hum ſuaviſſimo, e novo cheiro; acodem os Padres, daſe conta ao Prelado, (era o Preſentado Fr. Silveſtre Pacheco) mandou cobrir a cova. Era Sacriſtaõ o Padre Frey Domingos da Cruz, Prior de Azeitaõ, quando iſto eſcreviamos, e da ſua meſma boca o eſcrevemos.

Teſtemunhava o meſmo Padre da grande reputaçaõ, com que o Servo de Deos vivera na Villa, havendo tradiçaõ da fé, com que recorriaõ a elle nos apertos. Os enfermos, ſuſpirando-o á ſua cabeceira, como mais ſegura meſinha. Reconheceo-o aſſim huma viuva, natural da meſma Villa, por nome Dalida Franciſca, que deſconfiada dos Medicos em huma longa doença, e viſitada do Servo de Deos, lhe diſſe: *Padre, encomendeme a Deos; que certamente morro. Naõ ſe deſconſole* (lhe tornou o Padre) *que, paſſados tres dias, convalecerá de todo.* E aſſim ſuccedeo. Semelhantes caſos ficaraõ antes em memoria de ſeculares, que dos Religioſos. Devido reconhecimento daquelles, como cuſtumada, mas culpavel omiſſaõ de eſtoutros.

Com a meſma Patria, e Caſa parece que herdou o eſpirito deſte irmaõ, e patricio o Padre Prégador Geral Frey Thomé de Mendonça (dos Anjos ſe chamou primeiro) filho de pays nobres. Muitos annos viveo na Recoleta Bemficana verdadeiro *O P. Fr. Thomé de Mendonça.*

cultivador della. Assim o foy da humildade Religiosa, que nunca o poderaõ inclinar a aceitar prelasia. Desejava-o aquelle cargo, desdobrindo nelle hum claro entendimento, de que se podiaõ esperar acertos, e huma incançavel vigilancia, a que se naõ poderiaõ atrever relaxaçoens. Se os que elegem buscaraõ estas qualidades no Prelado, nem nos subditos se escutaraõ queixas, nem na Religiaõ se lamentaraõ quebras; mas naõ temia o Padre Frey Thomé a pensaõ, escusava-se á singularidade.

Era o seu centro a cella, e o Coro; sempre lhe seria violenta occupaçaõ, que o escusasse daquelle centro. Tinha na cella quem lhe prendesse os desejos, a communicaçaõ dos livros Sagrados. Finalmente mal teria genio para se facilitar a publicidades, e negocios, quem só o tinha para viver sepultado. Mas venturosos seculos, em que se desenterravaõ os sogeitos para os cargos! Lá no seu retiro o foy buscar o voto do Prelado da Provincia (era entaõ o Mestre Frey Manoel Pereira, que depois foy Bispo do Rio de Janeiro, e Secretario de Estado) que como filho da mesma Recoleta Bemficana, nada o desvelava tanto, como a conservaçaõ da reforma della, e só no zelo de Frey Thomé descançaria a sua diligencia. Propollo para Prior aos Religiosos da Casa, sahio eleito, mas foy tanta sua pena, como sua repugnancia. Entrou a emmudecello a obediencia; encolheo os hombros, disse que aceitava.

Recolhe-se á cella, toma a capa, e o caminho de Lisboa, entra por casa do Conde de Castello Melhor, (neste tempo valído, e em que se ajuntaraõ todas as prendas benemeritas do valimento, sendo nelle synonymos o valer, e o prestar) pede aos criados que digaõ, que hum Religioso de Saõ Domingos o busca com huma grande importancia. Sahio o Conde, achase com hum Frade amortalhado em hum pouco de burel branco, cores no rosto, que naõ desdiziaõ da mortalha, cuberto de suor, e sinaes de affliçaõ grande, que lançando-selhe aos pés, o deixa assustado, e compadecido. Levanta-o nos braços, e perguntando-lhe a causa de semelhantes excessos, responde Frey Thomé: *Senhor, para o aperto, em que me vejo, naõ busco menos pessoa, que a de V. Excellencia, donde só conheço juntos o poder, e a benignidade, para se me naõ castigar a confiança, e se me deferir á supplica. O meu Provincial me fez Prior de Bemfica, tirando-me do canto da minha cella. Aquelle lugar, Senhor, pede pela honra outros merecimentos, e pela carga outros hombros; huma cousa, e outra me falta, sobejando-me só o conhecimento para entender, que me naõ posso salvar naquelle cargo. Como poderá servir de exemplo aos outros, quem só serve de confusaõ para si? Vossa Excellencia, que tudo póde, sesa valia, para que o meu Prelado me absolva.*

Assim fallou Frey Thomé, continuando com instancias fervorosas, e repetidas, de que convencido o Conde, naõ acabava de admirarse, vendo hum espirito, a que as honras metiaõ medo; maxima nunca imaginada nos votos politicos, e já esquecida nos monasticos. Alcan-

çoulhe a abſolviçaõ; e o bom velho vendo já aquelle grilhaõ limado, rompeo em taes demonſtraçoens de goſto, que antes parecia louco, que ſatisfeito. Quem aſſim queria deſembaraçar ſua conſciencia, ſem duvida a trazia muy apontada. Parece, que ſe lhe diviſava a pureza della na limpeza da cella pobre, e deſarmada, e naquelle burel, que veſtia. Corria entaõ de ſorte a ſeveridade daquella Recoleta, que para fazer exceſſos baſtava obſervalla, e era o Padre Frey Thomé hum dos que o faziaõ á riſca.

O jejum das Conſtituiçoens obſervava inviolavelmente; e como eraõ raras as ſahidas do Convento, raras vezes comia carne; continuava os exercicios penitentes, ſendo as paredes das Capellas mais retiradas boas teſtemunhas do que carregava a maõ nas diſciplinas. Era aſſim continuo nas Matinas á meya noite, que de já feito a ellas, naõ votava, que inclemencia dos tempos (a que o ſitio fazia mais rigoroſos) baſtava a diſpenſallas. Acabadas, ſe deixava ficar na Igreja viſitando os Altares, e nem eſte deſvelo o tirava de ſer o primeiro, que á Prima apparecia no Coro. Lãa ſempre junto á carne, nas tunicas, e nas mantas, de que ſó o diſpenſava o ameaço do Medico com o preceito do Prelado; ſilencio continuo, aproveitando-ſe para recreyo de poucas horas das que coſtumaõ diſpenſarſe para elle.

Oraçaõ, a menos no Coro, a mais na cella, para o que era perpetuo o ſeu recolhimento. Aſſim vivia taõ eſquecido de tudo o que era Mundo, como ſe nunca lhe eſquecera, que vivia amortalhado; ou aſſim o eſquecia, porque o conhecia tanto. Succedendolhe praticar em couſas delle entre peſſoas, que ſe canſavaõ em averiguar a verdade, coſtumava dizer: *Que naõ importava, que ſe examinaſſem eſſes pontos; que baſtava dar aquelle alivio aos ouvidos.* Era a pratica de politicas do Reyno, ou noticias dos eſtranhos, porque as em que podia haver couſa, que encontraſſe a modeſtia, ou caridade, naõ o mereciaõ ouvinte. Filoſofava bem o que era o Mundo, e ſem mais ſer, que apparencias, tinha que ver e ouvir, naõ que examinar; porque ſendo tudo nada, e tudo fallivel, em que podia haver verdade, mais que no conhecimento de naõ haver couſa que o foſſe?

Finalmente a oraçaõ, a penitencia, o ſilencio, o retiro, era o commum daquella Caſa, e o Padre Frey Thomé taõ pontual nelle, como ſe o quizeſſe ſingularizar em ſi. Com eſte eſtylo de vida, em boa velhice o alcançou a morte. Cahio de huma doença, que deſcobrio em breves dias, que ſeria a ultima; e achou-o taõ deſenganado, como ſe ſe lhe anticipara a noticia. Pedio os Sacramentos, que recebeo com ſocego, e paz de eſpirito, e entre actos de verdadeira penitencia, e conformidade começou a eſperar pela morte. Neſte eſtado paſſou alguns dias, em que, depois de repetir demonſtraçoens penitentes, e religioſas, dizia com inteireza, que ſó podia ſer filha de ſobrenatural eſperança: *Eu já eſtou Sacramentado; pois que faço aqui?* Eraõ amantes, e di-

tosas impaciencias de se lhe alongar o caminho para o eterno descanço. Assim passou placidamente a elle em hum Sabbado, alguns dias antes da Exaltaçaõ da Cruz, pelos annos de 1681.

O P. Fr. Antonio de Jesus.

Do Padre Frey Antonio de Jesus (seria pela vulgaridade do nome) naõ ha mais noticias, que as que se pódem inferir de espirito, que já de crescidos annos vem buscar o retiro dos Claustros Sagrados. Achava-se já este Padre, quando pedio o habito, e se recebeo á Ordem, graduado na Universidade de Coimbra em a Faculdade de Medicina, e com bom nome nella. Professou neste Convento de S. Domingos de Lisboa com o Padre Frey Thomé de Mendonça aos 4. de Junho de 636. sendo Prior o Presentado Frey Mauricio da Cruz, Mestre da Ordem Frey Niculao Rodulfo. As mais, ou para melhor dizer, todas as particularidades de sua vida se perderaõ no tarde, com que chegamos a inquirir della, por chegar á nossa maõ a obrigaçaõ deste trabalho, depois de muitos annos de descuido. O que póde conjecturar-se para mayor dor, he, que naõ deixariaõ de ser notaveis as que mereceraõ, ainda nas froxidoens daquelle tempo, o reparo, que nos ficou em hum assento antigo, de que fora sua morte com grandes sinaes de predestinado.

O P. Fr. Belchior da Franca.

Pertence tambem sem duvida a esta Casa o Padre Fr. Belchior da Franca, nobre por nascimento; filho de Tangere, e da Vigairaria, que tivemos naquella Praça, que com esta filiaçaõ professou neste Convento de S. Domingos de Lisboa aos 10. de Outubro de 618. nas mãos do Mestre Frey Diogo Ferreira, entaõ Prior, sendo Geral da Ordem o Mestre Frey Serafino Papiense. Mas extincta a Casa de Tangere, (memoria sempre lamentavel) só a Lisboa pertence a sua, como a berço, em que começou a viver a vida religiosa. Assim o foy a sua, que se grangeou a reputaçaõ de justificada, falecendo com a de Santo, como consta de hum assento, que se lê na margem do da sua profissaõ, no livro dellas, que se guarda nesta Casa, e diz: *Obiit cum opinione Sanctitatis.* E sem duvida he lembrança, que se naõ mereceo menos, que com acçoens de virtude conhecida, e examinada. Mas he entre nós taõ poderoso o descuido, que conto por milagre o terlhe escapado este assento, roubando no mais a gloria a Tangere, de que este Padre era filho, e a todos a edificaçaõ, e o exemplo.

CAPITULO V.

De alguns Religiosos filhos deste Convento, de reputaçaõ em letras, Pulpito, e tirados da Ordem para Bispos.

PArece, que se destinou a este Convento, como Cabeça da Provincia, hum filho, que naõ só a ella, mas ao seu seculo servio de coroa. Este foy o Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz, (a quem por muitos seculos bastará para Chronica só o seu nome) talento digno da Corte, que lhe deu Patria, do Convento, que lhe deu berço, e da Provincia, que o escolheo filho. Nada para tanto Varaõ deviã ser menos que

O M. Fr. Domingos de Santo Thomaz.

grande:

grande. Curſou as Aulas com aquellas eſperanças, que deviaõ começar a fazer lugar ás ſuas prendas, ſendo taõ grande o brado dellas, quando acabava a trabalhoſa tarefa dos eſtudos, que já na Cadeira, e no Pulpito o começavaõ a conhecer Oraculo; encarecimento, que reduzio a verdade em todas as occaſioens, em que os melhores juizos ou o conſultaraõ diſcipulos, ou o quizeraõ examinar ſabios.

Achava-ſe no Meſtre Frey Domingos huma comprehenſaõ univerſal com que fallava em todas as ſciencias, e artes, com fraſe taõ propria, e taõ individual eſtylo, como ſe aquellas noticias foraõ profiſſaõ, e naõ engenho. A iſto ſe ajuntava huma graça, e fermoſura no dizer, huma clareza no propor, huma viveza, e facilidade no ſoltar, que poderaõ bem os applauſos intitulallo Mercurio Dominicano, como os de Licaonia ao mayor Theologo do Apoſtolado.

Vocabant Paulum Mercurium, quia ipſe erat dux Verbi. Actor. 14. 11.

Seguio a eſtas luzes de benemerito a coſtumada ſombra de pouco afortunado, ſem terem mais ar as grandes azas de ſua capacidade, que para chegar á esféra de Prior de Saõ Domingos de Lisboa, e ao Pulpito da Capella da Mageſtade delRey Dom Joaõ IV. Seria, que ſe envergonhavaõ os cargos, temendo ficar em reſtituiçaõ aos ſeus merecimentos taõ creſcidos, e agigantados, que eſcaçamente haveria premio, que os livraſſe de queixoſos. Era Frey Domingos por ſi ſó tanto, que tudo fóra delle parecia pouco; mas era ſeu animo taõ comedido, que ſem ſombras de ambicioſo (vendo-ſe nem eſcolhido do Reyno, nem da Religiaõ) coſtumava dizer com graça, e agudeza: *Que lhe davaõ todos o que lhe naõ podia dar nenhum*; *porque elRey lhe perguntava, porque o naõ faziaõ os Frades Provincial*; *e os Frades lhe perguntavaõ, porque o naõ fazia elRey Biſpo. E que nem os Frades o podiaõ eleger Biſpo, nem elRey Prelado.*

Naõ era iſto appetecer lugares, que nem o mais levantado o faria mais conhecido, nem o de mayor reputaçaõ mais venerado. Aſſim ſe tinha adiantado a todos, que, convencidos os naturaes, entrava pelas portas dos eſtranhos. Cunduzidos deſta noticia, o vinhaõ praticar á ſua cella, talvez com eſcrupulos de que aquella lhe parecia demaſiada, mas rara vez ſem ſahirem com o deſengano do pouco que dizia. Reſidia na Corte com importancias de Caſtella o Batavira; deſcia acompanhado de Religioſos graves, e do Meſtre Frey Domingos, a quem viera buſcar, (fora na ſua cella larga, e varia a pratica) adiantouſe ao Meſtre Frey Domingos na Portaria, e diſſe, voltando aos Religioſos: (*Padres Maeſtros eſte hombre era meneſter fundido*) como ſe diſſera: Eſte homem era neceſſario eternizallo. Era Batavira Heſpanhol de ſuppoſiçaõ, pezador de talentos, de capaciſſimo entendimento, verſado nas Cortes dos Principes, e maduro com experiencias, e entendeo, que para hum taõ grande Capello, como o Meſtre Frey Domingos, eraõ preciſas as apocrifas urnas do Fenix, porque huma ſó vida era curto eſpaço, para ſe lograrem tantas virtudes.

Acompanharaõ a ſua peſſoa huma iſençaõ caſta, e modeſtia religio-

religiosa, que sempre foraõ acrédoras de seu bom nome. Teve tanto entre todo o genero de gente, que até entre a plebea chegou a ser na lingua do Povo adagio o seu conhecimento, como entre os politicos apoyo, para encarecerem hum sogeito. Era precisa a grande noticia, que todos tinhaõ delle, vendo-o, e escutando-o todos os dias ou na Cadeira, ou no Pulpito; taõ quotidiano (especialmente nelles) que, sem lhe ficar talvez tempo para se deter na cella, parece, que estudava em hum o que havia de dizer nos outros, e naõ faltavaõ incrédulos, que seguindo-o em todos com a esperança de o apanharem repetido, sahiaõ com a confusaõ de o escutarem adiantado.

Assim se espalhava a sua capacidade por todos os Pulpitos da Corte, (e pelos de mais reputaçaõ mais frequente) com taõ geral, e continuo applauso, que, encarecida qualquer grande celebridade, se accrescentava: *E préga Frey Domingos de Santo Thomaz.* Era na occasiaõ, em que as invenciveis armas Portuguezas; (favorecidas da razaõ, e do Ceo) davaõ a este Reyno, e especialmente á sua Corte, continuo assumpto de dar a Deos repetidas graças por repetidas vitorias das armas Castelhanas. Chegava a noticia á Palacio, delle com recado a S. Domingos, e sahia o Mestre Frey Domingos, talvez sem mais tempo, que o de pôr a capa nos hombros; da narraçaõ do successo, que hia muitas vezes sabendo pelo caminho, hia tecendo o Sermaõ. Chegava á Capella, sobia ao Pulpito, naõ era nada o fallar com acerto, mas com individuar os casos, e discursar sobre elles com tanto, que (a faltar a experiencia de repentina a noticia) passara por parto de bem meditado estudo, assim estava o seu no grao de consummado.

Sendo Regente dos estudos na Universidade de S. Domingos de Lisboa, já entrado em annos, assistia nas Aulas, e funçoens Escolasticas, arguindo, e instando, como se tivera entre mãos o ponto, que se disputava, naõ menos que o Lente, que o defendia. Era o seu argumento vivo, nervoso, claro, e convincente. Saber responderlhe, o melhor exame, naõ de Estudantes, inda de Lentes. Finalmente hum consummado, e grande Theologo, e facilmente Fenix do seu tempo.

Foy incançavel o seu estudo; culpavaõ-lhe a applicaçaõ naquelles annos, (eraõ já os ultimos) respondia: *Que entaõ começara a saber se lhe naõ acabara a vida.* Tanto he o que se ignora nella! E avaliava-o assim quem tinha feito tanto por ignorar menos. Grande confusaõ para quem, fazendo menos que pouco, já quer descançar no principio; ou para quem, satisfeito comsigo mesmo, entende, que ao pouco se deve seguir o descanço. Dos livros o levaraõ para o leito, soltando da maõ a penna para os actos de contrito.

Acabou finalmente o Mestre Frey Domingos, carregado de achaques, e de annos, mas mais de merecimentos, aos 30. de Junho de 675. fazendo-nos a morte a injuria de callar aquella boca, e secar aquella penna, em que nos roubou a melhor dou-

doutrina, e a mayor doçura, mas reſpeitando a ſua memoria, continuada nos melhores votos deſte ſeculo ſaudoſo, como o em que elle viveo ennobrecido. Aſſim foy ſentida ſua morte, como deſejada ſua vida, naõ ſó dos domeſticos, que o praticaraõ, mas ainda dos eſtranhos, e dos que ſó por tradiçaõ o conheceraõ; conſeguindo o Meſtre Frey Domingos aquella rara fortuna (e ninguem mais benemerito della) que o Seneca admirava: que naõ havia couſa mais fermoſa, que viver no deſejo de todos: *Quid pulchrius eſt quàm vivere optantibus cunctis*! Senec. de clemen. ad Ner.

Eſcreveo o Meſtre Frey Domingos toda a Theologia Eſpeculativa em ſete Tomos, obra, que examinada por grandes Theologos da Ordem, ſahio com o credito de conſummada, e legitimo parto de tanto talento. Eſtá, ao tempo que iſto eſcrevemos, em Roma, na maõ do Reverendiſſimo o Meſtre Frey Antonino Choche, eſperando da Imprenta, que ſerá mayor credito para toda a Ordem, e para eſta Provincia ſingular. Sermoens ſem numero, que a pouca vigilancia, ou a muita induſtria dos que os guardavaõ, ou os pertendiaõ, eſpalhou por diverſas mãos, mal empregados em algumas, e ſepultados em todas, em detrimento do Author, a quem roubou a gloria, dos Prégadores, a que eſcondeo a doutrina, e dos piedoſos, e doutos, a que tirou a liçaõ.

O que ſe imprimio. Hum Compendio Theologico (repartido em tres Tomos) que intitulou *Tyrocinios, ou rudimentos da Theologia*, diſſimulando na modeſtia deſte nome a felicidade, com que nelles a tratou toda, ſendo facil a grande comprehenſaõ, que teve della, o naõ faltar (na velocidade com que lhe corria a penna) a difficuldade alguma, propoſta, difficultada, e reſolvida, ſem que a profundidade lhe embaracaſſe a clareza, ou a difficuldade lhe prolongaſſe o eſtylo; liçaõ, que bebera nas luzes do Sol de Thomaz, que teve por Meſtre, e que fortunadamente lhe deu o ſobrenome, repartindo tambem com elle o milagre de ajuntar na ſua doutrina o breve, e o elegante, o profundo, e o claro, o ſeguro, e o ſubido: *Stylus brevis, grata facundia, celſa, clara, firma ſententia*; panegyrico, que a Igreja canta á ſua ſciencia. In feſto Divi Thomæ.

Dous Tomos predicativos, a que intitulou: *Predica Sacramental* ſobre o Hymno *Lauda Sion Salvatorem*, agudo, elegante, ſuave. O Triduo de Saõ Pio V. com aquella facilidade, e felicidade, com que coſtumava eſcrever o ſeu engenho, ſó em huma couſa pouco afortunado, que ſendo tantos, e taõ grandes os partos de ſua fecundidade grande, como cada dia o teſtemunhava a admiraçaõ, ou lendo-o nos pareceres, ou eſcutando-o nos Sermoens, pareceo inveja de ſua fortuna, que ſe lhe eternizaſſem os mais raſteiros na Imprenta. Mas naõ baſtará a omiſſaõ culpavel na perda de ſeus doutos papeis, para que ſe neguem a ſeu grande nome os em que a fama eſcreve, os que o mereceraõ á immortalidade.

Naõ ſe me dê em culpa, que alarguey a penna fóra das leys da Hiſtoria; que vida de tanto

Varaõ naõ póde ser narraçaõ, sem ser penegyrico. A quem quer que escrevesse o que este foy, estou certo, que lhe succederia o mesmo. Grande ventura do Historiador, encontrar verdades, que podem ser elogios!

O M. Fr. Alvaro Leitaõ.

Naõ foy menos estimavel filho deste Convento o Mestre Frey Alvaro Leitaõ, talento bem conhecido, e venerado na Cadeira, e Pulpito. Naquella mereceo na Religiaõ o nome de Mestre, com taõ grande reputaçaõ de letras, que só ellas igualaraõ a que teve de Pulpito. Este brado o levou a Prégador delRey Dom Joaõ o IV., lugar, que naquelle tempo pareceo herança da Familia Dominicana, contando-se nelle juntos cinco talentos, com que ditosamente negoceava esta Provincia com as grangearias do espirito, e do credito. Eraõ elles o Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz, o Mestre Frey Alvaro Leitaõ, o Mestre Frey Fernando Soeiro, o Mestre Fr. Martinho da Fonseca, o Padre Frey Antonio de Lima, todos do partido.

Naõ faltaraõ depois talentos, mas naõ he igual a fortuna em todos os seculos; os filhos de S. Domingos para esse ministerio se espalharaõ pelo Mundo, para esse foraõ trazidos a este Reyno, e nunca desmereceraõ naquelle lugar o nome de seu. Cançaraõ as mãos, que se davaõ á sua humildade para que sobisse; a capacidade he a mesma, só com a diversidade de que entaõ mimosa, hoje esquecida. Naõ assim entre os doutos a noticia do Mestre Frey Alvaro, sendo hoje o que menos a favorece alguns escritos seus (de que lançou maõ a Imprenta) naquelle tempo norma, e esmero da prédica; mais celebre o das Tardes, que prégou em Saõ Domingos de Lisboa, impresso no anno de 1670. e alguns Sermoens avulsos, ou sepultados já com o achaque dos tempos, ou esquecidos com o methodo dos modernos, menos solidos, quanto (na opiniaõ de seus Authores) mais sobidos, depois que o desatino de indignos Ministros do Evangelho, sentenceou a verdade aos trages do tempo.

O M. Fr. Gabriel da Sylva.

Concorreo com o Mestre Frey Alvaro o Mestre Frey Gabriel da Sylva, talento verdadeiramente aureo Theologo, e Prégador consummado em huma, e outra Faculdade, assaz conhecido por agudezas, e elegancias, e taõ poderoso a attrahir com ellas, que faltando-lhe o tempo para o incançavel genio do estudo, por muito buscado, e assistido, se valia da industria de negarse, fechando-se de portas adentro com os livros, commercio, em que cada dia se achava mais bem lucrado. Assim era a sua pratica negaça dos mais bem ajuizados da Corte, dando-lhe Deos sobre o grande talento para as Theologias, hum suave genio para as Musas, taõ agudas, como modestas, de que colhemos alguns frutos, ou admiramos alguns partos, a furto de sua modestia, nestes antes perseguida, que lisongeada.

O M. Fr. Pedro de Magalhaens.

Mas passemos a filho igual, muito benemerito desta Casa, assim por sua pessoa, como por bemfeitor della. Foy este o Mestre Frey Pedro de Magalhaens, Inquisidor da Mesa Grande, que

duas vezes o eſcutou Preſidente. Eminente Theologo o reconheceraõ as Aulas, como lhe perpetuaraõ o nome os eſcritos, em que eſtampou ſeus eſtudos. Reformado, e obſervante, viaſe-lhe até no habito a eſtreiteza, a que reduzia ſeu eſpirito; pobre por inſtituto, no meyo das grangearias do ſeu cargo, o conſervou tambem pobre a ſua caridade; ſó a neceſſidade propria o achou com a maõ fechada, eſtendida ſempre para o diſpendio do culto Divino, de que he boa lembrança o que fez no Sepulchro, que lavrou para depoſito do Senhor em Seſta Feira Santa (obra com igual artificio, que decencia) a que vinculou hum juro perpetuo, aſſim para poder renovar-ſe pelo tempo adiante, como para copioſa cera, que neſtes dias arde nelle. Nem as letras, nem os cargos ſouberaõ nunca alterar ſua modeſtia; viveo, e acabou eſtampa da humildade religioſa.

O M. Fr. Bento de Santo Thomaz.

Filho foy tambem deſte Convento o Meſtre Frey Bento de Santo Thomaz, Theologo grande, para o que o capacitou hum entendimento claro, e comprehenſivo, mas taõ eſcaço nas praticas, ainda familiares, como ſe aquelle ſilencio fora meditaçaõ dos acertos, com que ſe fazia eſcutar nos publicos. No do Pulpito tinha delgadeza, e perſuaſiva; no da Cadeira formalidade, e clareza; aſſim foy neſta verdadeiramente Meſtre, naquelle Orador; occupou algumas prelaſias; o genio brando o fez parecer nellas froxo. Voltou-ſe ás Aulas, preſidindo nas da Univerſidade de S. Domingos de Lisboa por Regente. Acabou finalmente a vida continuando os eſtudos. Aſſim foy amante deſtes! Aſſim ſoube naõ eſperdiçar aquella!

O M. Fr. Manoel Telles Arcebiſpo de Goa.

Do Meſtre Frey Manoel Telles naõ ficaraõ mais, que as noticias dos lugares, que occupou. Grande argumento de ſuas grandes capacidades em tempo, em que fazia os lugares poucos a concurrencia de pertendentes benemeritos. Com o grao de Meſtre chegou a Prior deſta Caſa; (de que era filho) logo a Prior Provincial deſta Provincia; depois Arcebiſpo Primaz na Cadeira de Goa. Naõ chegou a aſſentar-ſe nella, falecendo na jornada. Sem duvida lhe embaraçou o exercicio a meſma juſtiça, que o deſtinou ao cargo, porque ſe naõ gabaſſe o acerto humano, que tinha enthronizado o merecimento. Occupou eſte cargo pelos annos de 631.

Foy tambem filho deſte Convento por filiaçaõ, que lhe deraõ nella os Prelados deſta Provincia, Dom Frey Fernando de Oliove, Flamengo de naçaõ. Foy nomeado Biſpo do Funchal por elRey Dom Joaõ o IV. que conhecendo nelle talento para emprezas grandes, o mandou a Milaõ ſobre o livramento do Infante Dom Duarte, que no ſeu Caſtello eſtava prezo por ordem de Filippe IV. Fruſtrou a morte do Infante a grande induſtria, com que Frey Fernando tinha diſpoſto a ſua liberdade á cuſta do grande riſco de ſua vida, de que eſcapou, trazendo a eſta Corte toda a familia do Infante; lealdade, e zelo, que elRey lhe premiou com aquelle Biſpado, a que naõ paſſou, por lho atalhar tambem a morte, que ſempre opoſta aos

ſeus

feus merecimentos, lhe embaraçou primeiro o gloriofo effeito do com que confeguio a Mitra, como depois o premio do com que devia logralla. Faleceo em Mayo de 1664. deixando hum preciofo penhor á noffa lembrança em huma efpecial, e perfeita Capella de Santa Maria Magdalena, que mandou abrir no Clauftro, na parede fronteira ao Capitulo. He toda de finos, e bem lavrados, e polidos jafpes de varias cores, que fervem de molduras a cinco laminas, em que fe vê a vida da Santa, como a fua Imagem, de boa efcultura, (em hum artificiofo nicho, que fe abre no meyo) rodeada de Anjos, em fórma que reprefentaõ os quotidianos raptos, em que por elles era elevada a ouvir a Celefte melodia. Do pavimento da Capella fahe hum grande marmore branco, que acompanhado de humas cintas do mefmo vermelho, ferve de campa a hum capaz jazigo. Entende-fe, que o mandaria lavrar para algum parente aquelle Prelado; agora, affim jazigo, como Capella (por contrato celebrado com a Communidade) he de Joaõ Couceiro de Avreu e Caftro, Guarda mór da Torre do Tombo.

CAPITULO VI.

De Frey Manoel do Rofario, Irmaõ Converfo, filho do Convento de N. Senhora dos Martyres de Elvas.

O Irmaõ Fr. Manoel do Rofario.

CRefcido affim na idade, como na devoçaõ, e boa indole, entrou pelos Sagrados Clauftros defta Cafa de Noffa Senhora dos Martyres o Irmaõ Frey Manoel, trazendo-o fua caridade deftinado a fervir aos Religiofos em officina de tanto trabalho, como o he a cofinha de qualquer Convento. Foraõ feus pays Francifco Dias, e Catharina Gonçalves, naturaes de Cabanas, termo de Montemor o Velho. Recebeo o habito, e fatisfez ás obrigaçoens de Noviço, como quem viera abraçallas por gofto, depois de as pertender com trabalho; começou-fe logo a conhecer, que naõ era menos prompto no defvelo, com que acudia ás funçoens de Religiofo, que ás de fervente. Achava-o a madrugada na Igreja, paffava dalli para a fua officina, e o que no fim do dia lhe fobejava das occupaçoens defta, gaftava de joelhos no Altar da Senhora do Rofario, devoçaõ, que lhe deu o fobrenome, e exercitou até fua morte. Obediente, e obfervante exercitava o fofrimento, vencendo, e domando continuamente hum genio afpero, e defabrido, dando-lhe talvez mayores motivos de merecimento as imprudencias de algum Prelado.

Adiantava á obrigaçaõ a caridade, fervindo os Religiofos. Eraõ nefta parte feus morgados os Noviços, que fempre o achavaõ alegre, e liberal do que podia haver á maõ, compadecido do pouco, que aquella idade anda fempre fatisfeita, ainda naõ lhe faltando huma porçaõ arrezoada. Deftes Irmãos paffava ao extremofo cuidado de outros, que eraõ os pobres; deviaõ-lhe eftes mayores defvelos, como mais defamparados; affim fazia particular comer para elles, dando expediçaõ ao dos Religiofos; levava-o para aquella occu-

occupaçaõ hum continuo goſto, mas pagavalho o Ceo, que em todas lhe diminuia o trabalho, porque ſuccedeo muitas vezes, faltando-lhe o tempo, ſatisfazer (tanto a elle) á obrigaçaõ da Communidade, que bem ſe alcançou, que naõ era ſó a ſua induſtria a que applicava as mãos, mas que mais ſuperior providencia lhas movia, ou lhas acompanhava. Aſſim ſe viaõ a hum tempo ſoccorrida a pobreza, bem ſervida a Caſa, e Frey Manoel com duas grangearias em huma diligencia.

Naõ contente com as muitas que fazia, porque a neceſſidade (que a inſtantes chegava a elle faminta) ſe foſſe ſatisfeita, era a ſua raçaõ o primeiro prato que lhe punha, porque o ſeu ſuſtento quotidiano naõ paſſava de hum pouco de paõ groſſo, e ſeco, levado com algum pouco de caldo, hervas, ou legumes o ſeu prato mais mimoſo. Aſſim naõ ſó obſervava, mas excedia o jejum da Conſtituiçaõ, ſobejando-lhe com que augmentar a meſa aos ſeus convidados; multiplicavaõ-ſe elles a buſcar o ſeu remedio, e pagava-ſe Frey Manoel de perſeguido. Mas porque foſſe a ſua occupaçaõ mais meritoria, o era naõ ſó dos pobres, mas dos que condemnavaõ aquelle deſvelo com elles, ſendo talvez quem primeiro o eſtranhava a condiçaõ fogoſa de algum Prelado, que zelava a Caſa mal ſervida, e pouco para diſpendios, ſem advertir nas grangearias, e avanços, com que ſahiria o bom Leigo para ella do pouco que lhe tirava. O caſo, que lhe ſuccedeo, ſervirá de boa, e engraçada prova.

Culpavaõ diante do Prior a Frey Manoel, de que Senhor daquella officina, naõ podia dar conta della, alargando a maõ no diſpendio com os pobres, fazendo-lhes ſua panella á parte, e talvez mais aventajada, que a da Communidade, ſe quer no cuidado, porque lhe levava o primeiro. Pareceo a queixa zelo, vio-ſe o Prelado comprehendido no deſcuido, quiz emendallo na promptidaõ do remedio, entra pela coſinha com apparatos de apaixonado, vê no fogaõ o comer dos pobres, (que até niſſo pareceo que o era, ſendo o primeiro que encontrou a ira) vê o da Communidade, (parecendo-lhe que em peor lugar) rompe em palavras ſecas, e deſabridas contra o bom Coſinheiro, culpalhe as demaſias, advertindo-lhe, que podia poupallas, quando (como he coſtume na Religiaõ) tudo, o que ficava aos Religioſos da meſa, paſſava ás mãos dos pobres na Portaria, concluindo finalmente, que eſtiveſſe certo, que ſe o naõ emendaſſe a advertencia, o faria o caſtigo. Eis-que de improviſo ſe vê eſtallar entre o fogo as panellas da Communidade, e de algum doente, ficando ſó inteira a dos pobres. Fica o Prelado confuſo, naõ menos alguns Religioſos, que o ſeguiaõ, e condemnando-ſe a aſpereza com que tratara o Eſmoler, (que com os olhos no chaõ, e as mãos cruzadas debaixo do Eſcapulario, era huma eſtatua do ſofrimento) lhe diſſe: que pois o Ceo o fazia ſeu diſpenſeiro, naõ ſó lhe permittia, mas lhe mandava, que aſſiſtiſſe aos ſeus pobres; e o ajudaſſe, ou déſſe por elle a Deos as gra-

ças,

ças de querer fazer aquella pobre Caſa de Domingos, hoſpedaria dos ſeus mimoſos.

Seguia-ſe em Frey Manoel á caridade com o proximo a aſpereza comſigo; uſou ſempre lãa junto á carne, e como ſe fizeſſe com ella mimo ao corpo, ſe vingava no lugar em que lhe coſtumava permittir alguma hora de deſcanço, que eraõ humas nuas taboas, que lhe ſerviaõ de leito, de cuberta huma manta. Aqui chegou a hoſpedar 80. annos de idade, cortados de trabalho, e penitencias. Era taõ aſpera a das diſciplinas, que tomava amiudadas, que o podia teſtemunhar o ſangue, que em paſtas lhe ficava nas tunicas, ſe naõ as fiara de hum moço de Caſa, que lhas lavava com ſegredo: divulgou-ſe depois delle falecido. Já entrado em annos, e continuando os dias de obrigaçaõ em Matinas, o mandavaõ recolher os Prelados; mas até que tocavaõ a ellas, paſſava as noites na Igreja; e acautelando-ſe porque o naõ viſſem nella, ſe recolhia antes que os Religioſos vieſſem para o Coro. Aſſim o viaõ retirar muitas vezes, tropego, e já cançado o alento, que antes parecia que ſe arraſtava, do que ſe movia.

Cultivador obſervante da Clauſura, como ſe antes ſe ſepultaſſe, que viveſſe nella; ſó as Prociſſoens do Roſario o obrigavaõ a pôr o pé da porta para fóra, e com tanta conſolaçaõ do Povo, que o via, e o deſejava, que muitas vezes parecia tumulto o alvoroço. Tal a opiniaõ, que ſe tinha grangeado. A nobreza da Cidade o vinha buſcar, e ver ao ſeu pobre retiro. Com mais frequencia, e eſtimaçaõ os Biſpos Dom Joaõ de Mello, e Dom Alexandre de Souſa, depoſitando em ſuas mãos o que queriaõ, que com ſegurança paſſaſſe ás dos pobres, e deſcançando no acerto do que ſe diſpendeſſe, como os que os eſcolhiaõ por Eſmoler, á meſma caridade.

Entre os exercicios della o apanhou a morte, recebeo os Sacramentos devoto, e penitente, e paſſou placidamente a recolher a eterna grangearia do que negoceára pelas mãos da pobreza. Naõ faltaraõ indicios deſta felicidade, a noſſo entender, permittindo o Ceo hum caſo, que pareceo prodigio. Na noite, que o Irmaõ Frey Manoel faleceo neſta Caſa, ſonhava na de Santa Clara da meſma Cidade o Confeſſor della o Padre Frey Antonio de Santa Catharina, que neſte Convento de S. Domingos tinha falecido daquella hora hum Religioſo, que eſtava vendo no eſquife amortalhado, com hum Roſario de contas brancas em fio azul ao peſcoço, que elle por devoçaõ lhe tirava. Acordou pela manhãa eſte Padre, e ouvindo dobrar neſte Convento, lembrado do ſonho, e circunſtancias delle, reſolveoſe a vir examinallo; chega ao Coro, vê, que era aquelle o defunto, aquelle o Roſario, como moſtrava o fio, e tudo como lho repreſentara o ſonho; ſuſpende-ſe com o ſucceſſo, muito mais com mayores noticias do que fora o defunto; depoem aos Religioſos o ſonho, e lembrado, que no Moſteiro das ſuas Religioſas eſtava huma apertada de crueis dores de garganta, pede, e tira com devo-

çaõ o Rosario, com que sonhara, e mandando-o á Religiosa, lançando-selhe ao pescoço, no mesmo instante se lhe tirou a dor do pejo, que sentia naquella parte. Vive hoje a Religiosa, participando-nos ella mesma esta noticia, publica naquella Casa, como continuada a veneraçaõ, que o Servo de Deos tem nella, e como se mostra em alguma pobre alfaya de seu uso, guardada das Religiosas com o mesmo respeito.

Faleceo em 3. de Outubro de 1680. Deraõ-lhe sepultura na Casa, que entaõ era Capitulo, hoje Sacristia, para a parte esquerda, adonde pelos annos de 1700. sendo Provincial desta Provincia o Mestre Fr. Joaõ Bautista de Marinis; e visitando este Convento, lhe mandou lavrar huma Campa, em que se lê o seguinte:

Anno 1680. obiit Frater Emmanuel á Rosario Conversus, qui toto suæ vitæ discursu in hoc Cœnobio vixit religiosè, & humiliter serviens. Hîc situs est IV. Octobris ejusdem anni.

O M. Fr. Ignacio da Costa.

Filho he tambem desta Casa (ainda que os descuidos della nos naõ daõ segurança, mais que huma boa conjectura) o Mestre Frey Ignacio da Costa; mas naõ merecem o mesmo descuido nesta escritura, assim o conhecido de suas letras, como a boa opiniaõ de sua vida, ainda nos exteriores muy reformada. Foy o Mestre Frey Ignacio de natural seco, e retirado, de que lhe nasceo viver quasi em hum continuo silencio. Acabou de occupar as Cadeiras Escolasticas, e ficando no Convento de S. Domingos de Lisboa, alcançou o grao de Mestre, digno premio de sua grande capacidade. A sua modestia, ajudada de hum aspecto severo, e carregado, lhe conciliavaõ respeito. O apontado, e religioso de sua vida, o raro, e ponderoso de sua pratica, grande reputaçaõ com quem o conhecia, e tratava.

Feito Vigario Geral, e Visitador desta Provincia pelo Mestre Geral Frey Antonio Cloche, começando a visita, faleceo em Santarem, com poucos mezes de cargo, muito conhecimento de sua morte, naõ faltando nella circunstancias, que a fizeraõ notavel. Esperava já o ultimo termo, recebidos com devoçaõ os Sacramentos, quando repararaõ os Religiosos, que lhe assistiaõ, que lançando os olhos para parte determinada da cella, formava muitas vezes com a maõ huma figa, sinal da constancia com que desprezava, e despersuadia o inimigo, que o inquietava naquella hora, que he a mais propria da sua bataria. Nas exequias, e Officio da sepultura he tradiçaõ de pessoas fidedignas, (o Mestre Frey Manoel da Encarnaçaõ, por outro nome Pontevel, foy huma dellas) que se achou sem diminuiçaõ a cera, que ardeo em todo aquelle tempo, que foy a mayor

parte

parte de huma manhãa. Teftemunhou-o affim o official della; e fez tudo crivel huma morte taõ defaffombrada.

CAPITULO VII.

Dos Padres Frey Raymundo da Purificaçaõ, e Frey Manoel do Rofario, filhos do Convento de S. Domingos de Guimaraens.

GRande trabalho o que depois de repetido fica infrutuofo; e magoa fó conhecida de quem a experimenta, e de quem fabe avaliar a preciofidade do tempo, que naõ vingado ainda de quem trabalhou por iffo, entra tambem no numero de ociofo, fe naõ no exercicio, ao menos no effeito. Naõ he menor martyrio de quem efcreve antes defenterrando, que defcobrindo noticias, ver, que naõ valem nem defveladas diligencias, fem mais remedio a que recorrer, que a conjecturas, que fempre deixaõ a porta aberta ao arbitrio da duvida. Mas naõ baftará efte receyo a fufpendernos a penna, feguindo o eftylo dos noffos Chroniftas, que faltando a noticia da filiaçaõ do Religiofo, de que fe efcreve, lhe coftumaõ dar lugar na Cafa em que morre, reflexaõ bem confiderada para fe entender, que vai tanto o berço, como a fepultura; tanto a Cafa, em que começamos a vida, como a em que vimos a acaballa.

O P. Fr. Raymundo da Purificaçaõ. Faleceo o Padre Frey Raymundo nefte Convento de Guimaraens; e naõ fe achando noticia da Cafa, de que foffe filho, vem a ficar efta com duas glorias, feguida huma da outra, porque por depofito do feu corpo faz juftiça para o merecer por filho. Foy efta Cafa daquelles primeiros Seminarios de virtude, que o efpirito do noffo Santo Patriarcha, communicado ao Veneravel Frey Soeiro Gomes, plantou nefta Provincia, e mereceo hofpedar alguns dos primeiros pays, e propagadores della, como hum S. Frey Pedro Gonçalves, na voz commua San-Telmo, hum S. Gonçalo de Amarante, Thaumaturgo de Portugal, hum S. Frey Lourenço Mendes, de quem, e de outros muitos, parece, que eftaõ ainda hoje dando documentos aquellas veneradas, e antigas paredes, fallando talvez com as vozes do fangue, de que já fe viraõ falpicadas, e enriquecidas. Efcutava-as fem duvida obediente o Padre Frey Raymundo, que naõ fatisfeito com as afperezas da vida, que profeffara, entendeo, que com o conhecimento, e com os annos, devia tambem adiantar os exercicios.

Pontual nos de acompanhar a Communidade nos jejuns, oraçaõ, lãa junto á carne, naõ lhe efquecia, que o feu Inftituto lhe naõ permittia occuparfe fó comfigo; que para os outros, para enfinallos, e advertillos, o levantara o Ceo á atalaya do Pulpito, como farol acezo, que lhe moftraffe o caminho. Entregoufe ao exercicio da prégaçaõ, com o conhecido lucro de quem o ouvia. Talvez aceitava efmola, porque fó para que o foffe, a queria; e quando voltava de prégar para o Convento, já deixava nas mãos dos pobres o que grangeara fó para elles. Affim era o feu Sermaõ duas vezes effeito de fua caridade, experimen-

perimentando-a primeiro as confciencias, depois as miferias. Quem affim dava, naõ reconhecia mais thefouro, que a pobreza. Via-fe efta com edificaçaõ de todos em fua peffoa; via-fe em fua cella; naõ havia nella mais que hum Chrifto de grande devoçaõ fua; duas tunicas, huma capa, hum enxergaõ com mantas, e cuberta. Entre eftas alfayas avultava a Livraria. As Partes de Santo Thomaz, a Biblia, e o Breviario: nefte aprendia como havia de viver, naquella o que havia de prégar; por iffo os feus Sermoens eraõ frutuofos; porque a fua vida era a mais efficaz, e perfuafiva rhetorica, que apparecia no Pulpito, e os affumptos fó as verdades, que dictou o Efpirito Santo.

Grande confufaõ para os Prégadores do noffo calamitofo feculo, que por mais que gemem com o pezo das Livrarias, fobem taõ leves ao Pulpito, que naõ chegaõ lá do livro mais que as folhas, que fó fazem papel de verduras. Laftima he, que lhe efqueça, que fe a eftas feca o tempo, e aquellas leva o vento, fica tronco o Sermaõ, e fó materia do fogo, naõ fendo outro o feu trabalho, mais que fobirem áquelle monte, a que Deos attende, carregados com a lenha, em que haõ de arder defgraçada victima. Era o Santo Frey Raymundo grande Letrado: efte nome lhe deu a lembrança de quem delle teve experiencia. Naõ o contaraõ as Aulas no feu numero, mas avaliaraõ-no fogeitos grandes no feu merecimento; naõ fendo novo na Familia Dominicana faltarem graos, e fobejarem fogeitos; fendo igual a capacidade, adianta-fe em huns a ventura, em outros a diligencia, com que nem a gloria dos que fe adiantaõ fica arguindo dezar nos que ficaõ. Era Letrado grande Fr. Raymundo, naõ attendeo ao lucro das letras, mas á obrigaçaõ dellas; era todo o feu emprego reformarfe a fi, e enfinar ao proximo.

Achava-fe com 80. annos de idade, nem dizia já Miffa, reduzido áquella fraqueza, em que o poz mais de preffa o eftylo auftero de fua vida. Temia o Prelado da Cafa o arrebatado fim della, e entendia, que já Frey Raymundo fe naõ aconfelhava com feu entendimento, e o feu efpirito, pois, ao que parece, fe defcuidava do que o eftava ameaçando. Advertio-lhe por vezes, que fe confeffaffe; a que em huma refpondeo o bom velho com igual humildade, que fegurança, e defembaraço: *Padre Prior, naõ, naõ recee; que eu naõ heide morrer fem Sacramentos. Mas para dar volta a huma vida taõ larga, he neceffario mais tempo, que o que até aqui tenho tomado: defcance; que naõ me efqueço.* Paffados alguns dias, chamou á fua cella ao Padre Frey Sebaftiaõ da Madre de Deos, Religiofo de bom nome; (que ao prefente he Prior de Aveiro, e a quem devemos a verdade defta noticia) tinha com elle familiaridade, pediolhe, que o ouviffe, e pofto a feus pés, fe confeffou com a miudeza, e particularidade de quem fe tinha examinado defde o ufo da razaõ até á hora prefente, acompanhando as cançadas, e penitentes vozes com taõ copiofas lagrimas, taõ intimos fufpiros,

e foluços, que naõ podendo fufpender ás fuas o Confeffor, era precifo a ambos o defcançarem, para fe ouvirem, e entenderem. Fermofo efpectalulo para a mifericordia Divina, e para a confufaõ, e compunçaõ humana!

Pedio pouco depois o Viatico, que recebeo de joelhos, e com tantas lagrimas, que a toda a Communidade convidou a ellas; e chegado o dia de fua morte, (foy o da Senhora em fua Affumpçaõ) pedio, e recebeo a Unçaõ com iguaes demonftraçoens; deulhe hum accidente, de que tornou, tendo á cabeceira o Padre Frey Sebaftiaõ, feu Confeffor, que exhortando-o para o ultimo termo, lhe perguntou, que hia no outro Mundo? *Naõ fey nada* (refpondeo elle com focego, e defaffombro) *mas naõ tardarey em fabello*; e continuou como queixofo de que alli perto eftava hum preto, que o perfeguia, mas que debalde, porque eftava firmiffimo na Fé, em que Deos por fua mifericordia o creara; que lançaffem para alli agua benta; para donde levantando o obraço, fez a fórma de huma figa, e diffe em voz, que todos perceberaõ: *Porque naõ te atreves? Porque naõ chegas?* E voltando os olhos ao Confeffor, e correndo com elles a Communidade, continuou com femblante alegre: *Padres, tenho aqui muy perto huma Dama taõ fermofa, que naõ ha quem a iguale.* A que acodindo o Confeffor, e dizendo-lhe que naõ creffe em nada, mas fó em Jefu Chrifto Deos verdadeiro; que aquillo era falta de juizo: tornou elle com focego: *Que eftava com o feu juizo, e potencias taõ inteiras, como quando eftivera no mayor vigor de fua vida.* E indolhe faltando o alento, pedio lhe começaffem o Officio daquella hora, e refpondendo a elle, e repetindo com o Confeffor aquella devota fupplica do Hymno da Senhora: *Maria Mater gratiæ, Mater mifericordiæ, tu nos ab hofte protege, & hora mortis fufcipe*, efpirou taõ placidamente, como quem antes efperara, que temera a morte. Levou-o á fepultura o mais efcolhido da nobreza da Villa, depois de grandes demonftraçoens de fentimento, e veneraçaõ do Povo, que chegava a beijarlhe os pés, e cortalhe o habito, contentando-fe muitos com fe lhe dixarem tocar Rofarios, outros com vello, e todos com ficar entre elles aquelle depofito. Tem fepultura no Cemiterio do Convento.

Naõ foy menos confolaçaõ para a mefma Villa, como gloria defta Cafa, hum filho de ambas, que baftou a ennobrecellas, o Padre Frey Manoel do Rofario, taõ obfervante, e de taõ experimentada, e conhecida virtude, que gaftou grande parte de fua vida na efcola, e companhia do Veneravel Padre Meftre Frey Joaõ de Vafconcellos, como difcipulo, e companheiro daquelle grande efpirito, que os fabia conhecer, e medir. Falecido o Veneravel Padre, fe recolheo o Padre Frey Manoel a efta Cafa, (como a Mãy fua) em que viveo muitos annos com hum tal recolhimento, efquivança, e defvio a todo o commercio, que fenaõ achava fenaõ na cella, ou no Coro. *O P. Fr. Manoel do Rofario.*

Oraçaõ continua, e mortificaçaõ taõ continuada, que, contando já noventa e tres annos,

até o prato da Communidade (onde nunca ha regalo) trocava por outro mais grosseiro, comendo taõ pouco ainda deste, que se pela calidade repugnava ao gosto, pela quantidade naõ promettia sustento. Foy pontual, e austero nos jejuns das Constituiçoens, nos da Igreja, e em muitos de sua devoçaõ; e nem os annos, que lhe enfraqueceraõ as forças, o afroxaraõ nos rigores; sem mais achaque que estes, cahio na cama sem alento. Deraõ-lhe os Sacramentos, que recebeo com grande consolaçaõ de espirito; e cerrando os olhos, e entendendo a Communidade que tinha adormecido, se desenganou logo, que se passara ao eterno descanço.

Outras noticias nos podera dar esta Casa, em que gostosamente alargaramos a penna em veneraçaõ sua, como antigo domicilio dos grandes cultivadores da observancia Dominicana; mas praticase nella o que em todas desta Provincia, desconhecer, ou naõ prezar memorias, que lhe podiaõ servir de honra, com o inconsiderado escrupulo, ou leve desculpa, de que seria jactancia, sem advertir no roubo de bons exemplos, que se faz aos seculos vindouros, e de louvores, e graças, que se repetem a Deos, como prodigioso nos seus Justos. Mas passemos adiante, que o poder ser esta escritura mayor, naõ lhe tirará o ser grande, como o foy, e he a fecunda seara de virtudes, que o Ceo sempre conservou, e conserva na cultura Dominicana desta Provincia.

CAPITULO VIII.

Do Irmaõ Converso Frey Jorge dos Santos, filho do Convento de Evora, chamado o Porteiro Santo na voz do Povo. Entra na Religiaõ, sua vida, e exercicios nella.

FOrtunada Casa a de Evora com os seus filhos Conversos! continuando-se agora o que della escrevia o Padre Frey Luiz na primeira Parte da sua Chronica: Que era pratica desta Provincia, que se davaõ bem Frades Leigos nesta Casa. E eu accrescento, que se póde individuar: E especialmente na sua Portaria; porque do Irmaõ Porteiro Frey Pedro, de que elle alli escreve, temos entre mãos huma copia para authorizar aquella maxima, que agora parece profecia, com a ventura de que de algum modo ficará com recompensa a omissaõ de memorias, que continuamente lamentamos nestes escritos, resgatada esta, com que entramos, de tanta importancia, para o credito desta Provincia, que faz venturosa a providencia, com que os Prelados della nos puzeraõ na maõ a penna, que sem mais que este assumpto, ficaria igualmente ditosa, como com elle nunca melhor empregada. Nasceo o Irmaõ Frey Jorze (no seculo Jorze Affonso Rodeo) na Aldea de Val'de Santiago, no Campo de Ourique, Arcebispado de Evora. Foraõ seus pays Joaõ Affonso Rodeo, e Margarida Pires, Lavradores honrados, e virtuosos. Assim criaraõ o filho com sãa, e boa doutrina, facil de aprender, e exercitar,

O Irmaõ Converso Fr. Jorze dos Santos.

tar, a quem occupado só na cultura do campo, antes desconhece, que foge os desmanchos da primeira idade.

Contava Jorze Affonso a de vinte annos, quando achando-se na Cidade de Evora, e entrando hum dia á Missa da Alva na Igreja desta Casa de S. Domingos, vio, que chegando-se a elle huma mulher de respeito, e rara fermosura, lhe dizia: *Porque naõ buscava o Prior daquella Casa, e lhe pedia o habito de Leigo, para servir nella.* Era Jorze moço singelo, e bem inclinado; (nem merecera de outra sorte tal conselho) nada lhe pareceo, que lhe convinha mais, que executallo. Chega ao Prior, e com pouco, e despido arrezoado pede o habito, offerecendo-se a servir o Convento. Ouvi-o o Prelado, festejando mais a singeleza, que a proposta, e despedio-o desenganado, de que estava a Casa cheya de gente do seu prestimo. Desconsolou-se com a repulsa, mas servio esta (por superior disposiçaõ) de lhe affervorar a ancia, trazendo-o repetidas vezes a esta Igreja, especialmente ao Altar do Rosario, adonde propunha á Senhora a sua desconsolaçaõ. Naõ paravaõ os desejos de segundo encontro com a sua boa conselheira, figurando-selhe, (naõ discursava mais sua singeleza) que lhe serviria de valia. Naõ tem esta Senhora (que naõ podia ser outra, mais que a Virgem piissima) occupaçaõ mais gostosa, que a de Advogada. Eisque se lhe offerece outra vez na mesma fórma; e consolando-o, lhe adverte, que porfie, e torne ao Prelado da Casa, até ter effeito a sua diligencia. Cobra o pertendente novo espirito, (já parece, que o illustrava soberana assistencia) naõ larga o Altar da Senhora, passa delle á cella do Prior, acha já valedores nos Religiosos, e no Prelado edificaçaõ de sua constancia, que (proposta por elle ao Provincial) em breves dias veste o habito ao pertendente, com votos, e alvoroço de toda a Communidade.

Noviço já Frey Jorze dos Santos, (que este foy o nome que tomou) foy correndo, e descobrindo no anno do Noviciado os grandes quilates da virtude, que promettera sua resoluçaõ. Já professo, e observante á risca das leys, a que se sugeitara, adiantava-se penitente nas do comer, e vestir; á lãa junto á carne accrescentava cilicios; ao jejum diminuia o prato, que todo era para o pobre, ficando-lhe só algum pouco de paõ, que com huma tigella de caldo era seu sustento quotidiano; mas ainda comprado taõ caro, que antes que o tomasse, se lhe ouviaõ profundos gemidos, acompanhados de grossas lagrimas, que cahiaõ de seus olhos compostos, e mortificados. Grande imitaçaõ daquelle penitente, a que só o pranto servia de prato! Melhor daquelle, a que os suspiros preparavaõ a mesa, as lagrimas a iguaria.

Fuerunt mihi lachrymæ panes. Ps. 41 4. Antequã comedam suspiro, & tanquæ inundantes aqua sic rugitus meus. Job. 3.24.

Occupavalhe o dia o serviço da Casa, e guardava o exercicio da oraçaõ para a noite. Inteiras as passava na Igreja; que nunca se lhe soube de cama. Nas lages nuas, ou pé de algum Altar a acharia vencido do sono, mais que convidado do descanço; doutrina, que lhe dera

ra N. Patriarcha. Ordenaraõ-lhe os Prelados, que tomaſſe a occupaçaõ da Portaria; feſtejou-o a ſua caridade, que em breves dias lhe deu o nome de Pay dos pobres; com elles gaſtava o dia; e como a noite lhe levava a aſſiſtencia da Igreja, naõ teve nunca cella, nem lugar em que ſe recolheſſe, ou deſcançaſſe em quarenta e ſeis annos que teve de vida, e aſſiſtencia neſta Caſa. A toda a hora o achava a neceſſidade com a porta aberta, as mãos diligentes, a boca cheya de rizo. Buſcavaõ-no peſſoas illuſtres, e poderoſas, eſpecialmente Dom Theotonio de Bragança, Arcebiſpo de Evora, commercio, que eſtimava para remedio dos ſeus pobres, alcançando continuas, e groſſas eſmolas, que naõ ſó repartia com os mendigos, mas, lince das neceſſidades occultas, entrava ſua piedade pelas portas á viuva deſamparada, e á donzella recolhida, ſabendolhe antes os deſamparos, que a caſa.

Com os pobres da ſua Portaria deſvelado, e induſtrioſo em ajuntar os ſobejos da meſa, diviſando-ſelhe no roſto a abundancia, ou penuria do que ficava. Aſſim era já adagio nos Religioſos, confórme tinha ſido a meſa, chamarem ao dia triſte, ou alegre para Frey Jorze. Mas pagavaſe tanto o Ceo da deſconſolaçaõ, com que ſe achava ao faltarlhe que repartir, que abrindo muitas noites a porta, via, que chegavaõ alguns mancebos repartindo paõ, e vinho aos pobres, que chegavaõ a ella. Vinhaõ eſtes todas as noites buſcar o abrigo, que Frey Jorze lhes preparava debaixo do alpendre com eſteiras, e a roupa, que podia. Aſſim ſe repartia o trabalho entre elle, e o Ceo, que elle lhes fazia a cama, e o Ceo lhes mandava a cea. Deſte caſo foy muitas vezes teſtemunha de viſta hum homem criado da Caſa, e de boa vida, a quem Fr. Jorze fazia crer, que os mancebos, que faziaõ o diſpendio, eraõ vinhateiros, que vinhaõ do trabalho, ſendo facil de entender, (porque nenhum foy conhecido) que ſeriaõ Anjos, que vinhaõ a aliviar a afflicçaõ do bom Porteiro. Mas ſendo eſte o unico cuidado, que o naõ deixava deſcançar huma hora, aſſim lhe parecia que fazia pouco, que, perguntandolhe em huma occaſiaõ Manoel Severim de Faria, Chantre de Evora, como ſe achava com os ſeus pobres, lhe reſpondeo: *Ah Senhor, naõ ſey ſe me levaráõ os pobres ao Inferno!* Grande confuſaõ para as entranhas duras, e bolças cerradas dos ricos, e poderoſos, quando a meſma pobreza diſpendendo, e ſervindo, vive atemorizada!

De lidar com os pobres o paſſava muitas vezes a ſua caridade a occuparſe com os doentes, em os havendo na Caſa, ſendo tal ſua diligencia, que eſtando todo na Enfermaria, o naõ achavaõ menos na porta. Aſſiſtia ao enfermo ſem perdoar a paſſos, ou a deſvelos; em tudo ſe achava taõ adiantado, que commummente era ſó na promptidaõ dos remedios, e ainda dos regalos, ou desfaſtios, na limpeza, e aceyo da cama, e da cella; e até o naõ reſtituir á inteira melhora, naõ deſcançava. Eraõ ſuas mãos, e ſuas oraçoens a mais efficaz medicina, naõ ſó para o corpo; pare-

ce, que moſtrou o Ceo que tambem para a alma.

Eſtava de muitos annos entrevado o Padre Frey Duarte de Oliveira, reduzido ao eſtado de huma criança, porque até, como deſamparado do uſo da razaõ, naõ obrava couſa, em que naõ moſtraſſe eſſa falta. Aſſiſtialhe Frey Jorze com as entranhas de huma mãy deſvelada, porque como a tolhido até lhe era preciſo meterlhe o ſuſtento na boca. Deſenganados já os remedios, affligiaõ-ſe os Religioſos de que acabaſſe Frey Duarte ſem Sacramentos. Foy couſa notavel, que nas ultimas horas de ſua vida correo Frey Jorze ao Prelado, dizendo-lhe, que o enfermo eſtava reſtituhido a inteiro juizo, e voz deſembaraçada, com que pedia os Sacramentos. Confeſſouſe logo, e recebeoos, e com grande conſolaçaõ de ſua alma acabou a vida com ſinaes da unica felicidade, que ſe póde ſeguir a ella, reſolvendo os Religioſos, que ſem duvida premiara o Ceo ao bom Enfermeiro o ſeu trabalho naquella unica, e verdadeira melhora do ſeu enfermo.

Incançavel no cuidado com o proximo, tudo comſigo eraõ deſcuidos no que tocava a commodos da vida. Era o ſeu habito na materia vil, e groſſeiro, no feitio antes mortalha, que habito, ajudado de remendos, que devia á ſua induſtria, porque o que lhe davaõ para ſe melhorar delle, era do primeiro mendigo, que lhe apparecia menos enroupado. Naõ he ſó digno (naõ digo de reparos, mas de aſſombros) que naõ veſtio outro em 46. annos; e muito mais, que naquelle burel gaſtado, más nunca conſummido com o uſo de tanto tempo, pizado de noite pelas lages da Igreja, e de dia ſervindo á meſa aos pobres na Portaria, nem ſe vio nunca o deſaceyo de nodoas, ou ſe percebeo mao cheiro de quem o examinava de perto, antes agradavel, e attractivo, com o exterior concerto, e limpeza, como ſe até aos veſtidos ſe communicaſſe a de ſua alma.

Naõ faltavaõ cobiçoſos daquelles velhos, mas aceados remendos, que já os Religioſos da Caſa, e os que tinhaõ mais commercio com elle, tinhaõ em grande eſtima, como os que faziaõ reparo no que ſe conſervavaõ, e no corpo, que cobriaõ. Houve hum Religioſo de auſentarſe para outro Convento, e levando deſte a magoa de perder a companhia de Frey Jorze, naõ ſe reſolveo á partida ſem levar huma prenda daquella ſua gala. Obſervou hum fio, que lhe pendia della, diſſimulou, entrou com elle em pratica, e parecendo-lhe, que o tinha devertido, e ſeguro, lançou acautelado maõ do fio, e recolhendo-o com ſegredo, indo a deſpedirſe, poz nelle os olhos Frey Jorze, e diſſelhe com roſto grave: *Padre, que he iſto, que faz? Naõ ſou contente, que uſe iſto comigo nos veſtidos.* Sem ſuperior conhecimento (aſſentava o Religioſo) que o naõ podia ter do furto. Mas grande preço de tunica, donde obriga a reparo o tocarſelhe em hum fio! Fello o meſmo Chriſto, fazendoſe-lhe o meſmo á ſua. Singular gloria ſem duvida de huma remendada mortalha Dominicana!

Tetigit fimbriam veſtimenti ejus. Matthæi 9. 20. Ait, quis tetigit veſtimenta mea. Marci 5. v. 30.

Debaixo daquelle pano groſſeiro,

feiro, e roto cobria Frey Jorze hum coraçaõ inteiro, inflexivel, zelador da honra de Deos na observancia do que lhe era mais aceito, advertindo com liberdade modesta, e reportada aos mesmos Prelados da Casa, o que deviaõ obrar para refórma, e bom governo della. Se era mais ardua a materia, e que o escutalla mal o Prelado, o podia pôr em alguma desattençaõ de subdito, deixavalha escrita na cella, quando de madrugada hia buscar as chaves da porta. Conheciaõ os Prelados, que fallava em Frey Jorze o zelo, e que a materia viria já conferida em mais soberano conselho, e determinada por mais acertado voto. Escutavaõ, e obedeciaõ. Mas nem ainda assim faltavaõ ouvidos rebeldes de algum, que sentindo humanamente do que se lhe aconselhava, escutava o acerto com desagrado, expondo-se antes a errar absoluto, que a acertar aconselhado; capricho muy casado com o genio de quem tem mando. Por duas vezes acharaõ semelhaute repulsa, e inobediencia as proveitosas advertencias de Frey Jorze em dous Prelados inflexiveis, e cabeçudos; mas a hum segurou, que se naõ fizesse o que lhe advertia, o castigaria Deos brevemente com huma doença. A outro, (seria de mais importancia, e consequencia o aviso) que a vontade Deos era a execuçaõ delle; que naõ esperasse, que lha viesse pedir a morte, porque o desenganava, que naõ o executando, acabaria primeiro a vida, que o Priorado. Succedeo assim. Nem os Prelados obedeceraõ, nem os castigos tardaraõ, perdendo hum a vida, o outro tendo-a arriscada em huma grave doença.

Naõ era menos importante o que Frey Jorze propunha, e advertia aos Provinciaes, experimentando-se no infallivel do effeito as anticipadas noticias, com que o Ceo o tinha illustrado. Dous casos bastaráõ para argumento. Dera o Provincial o habito de Frade Leigo a hum moço, irmaõ inteiro de Frey Jorze, (que o pedira com instancias) e o alcançara por se saber, que o era; estava ao presente o Provincial neste Convento de Evora; e por mais que a supplica, e despacho foy em segredo, porque assim o pedirá o pertendente, na mesma noite o alcançou Frey Jorze, sabendo-se tambem, que em toda ella naõ tivera elle, como costumava, mais que o Santo commercio da sua oraçaõ na Igreja. Amanheceo, entra pela cella ao Prelado, e pondo os olhos no chaõ, as mãos levantadas, e as lagrimas nos olhos, lhe disse: *Padre Provincial, peço a Vossa Paternidade pelo amor de Deos, naõ dê licença a meu irmaõ para tomar o habito de Nosso Padre S. Domingos.* Estava já passada a Patente, tomou o irmaõ o habito em Elvas; mas professando, e tendo logo huma leve causa, deixou o habito, e o Convento, e desappareceo, sem haver outra noticia delle.

Conseguio outro mancebo o mesmo despacho para Frade do Coro; sua capacidade dava esperanças de melhor acerto, naõ no voto de Frey Jorze, que buscando ao Provincial, lhe advertio, que naõ convinha; e naõ lhe differindo, se sahio desconsolado, dizendo á porta da cella:

la: *O Padre Provincial está firme em aceitar o Noviço, os Religiosos darlhebaõ o voto, mas elle assistirá muy pouco no Convento, e Cidade, em que tomar o habito.* Vio-se assim, porque alguns desmanchos trouxeraõ o Religoso sempre mal visto dos Prelados, e alguma falta depois descuberta, retirado dos Conventos mais populosos. Assim era proveitoso, e bem encaminhado o zelo de Frey Jorze, escolhendo Deos aquelle instrumento rude, e fraco no voto do Mundo, para confundir o sabio, e domar o poderoso.

Stulta mundi elegit Deus, ut confundat sapientes. 1. ad Corinth.1.v. 27.

Com igual inteireza, e espirito affouto admoestava aos Religiosos, em que via alguma falta, para a emenda della; o mesmo com os seculares, com que tinha algum trato, mas com hum tal estylo, que primeiro os deixava agradecidos, e depois emendados. Veyo visitar esta Provincia o Mestre Frey Pedro Manrique de Steneſtroza; (que depois foy Provincial de Andaluzia) achava-se nesta Casa, descia á Portaria para passar a visitar as Freyras, e reparando em Frey Jorze, elle lhe disse, beijando-lhe o Escapulario: *Reges eos in virga ferrea, & tanquam vas figuli confringes eos*: saõ palavras do Psalmo 2. querem dizer: governay os subditos com vigor, e inteireza, e aos maos reduzios a pó, e nada. Ficou admirado, (e depois de saber quem era o conselheiro, confundido) o Visitador, naõ só da pronuncia, mas da energia da advertencia.

Psalm. 2. v. 9.

Unia, e ajuntava Frey Jorze a esta liberdade, e inteireza no advertir, e reprehender huma obediencia fabricada na officina de sua profunda humildade admirando o como se escondiaõ aquelles imperios de ministro nas sogeiçoens de Religioso. Naõ só respeitava com ellas abatido, e sem acçaõ propria, aos seus Prelados, mas aos seus Mestres, e Pays do espirito, sacrificando até as mayores evidencias do conhecimento proprio (ainda illustrado) ao que se lhe ordenava por preceito. Foy caso novo; nelle temos prova, e clareza.

Adoeceo Frey Jorze, e mostrou logo carranca a doença. Assistialhe Manoel Peres, Medico da Casa, e naquelles tempos Oraculo da Medicina. Resolveo, que todos os sinaes eraõ de morte; que o enfermo se sacramentasse. Acodio Frey Jorze, assegurando com socego, e brandura, que naõ era necessario Viatico, porque elle naõ morria. Instou o Medico novamente informado, replicou Fr. Jorze muito mais seguro. Era seu Confessor o Mestre Frey André de Santo Thomaz; alcançou licença do Prior para ministrar o Viatico ao enfermo, entendendo, que venceria nelle toda a repugnancia, por suppor, que o demonio a fomentava. Confessou-se Frey Jorze, e advertindo-lhe outra vez o Confessor, que havia de tomar o Sacramento por Viatico, e a Unçaõ como moribundo, pois assim o dispunha o Medico, respondeo: *Padre Mestre, eu bem sey, que o como devo tomar o Senhor he por devoçaõ, e naõ por Viatico, porque eu naõ morro; mas pois Vossa Paternidade como meu Confessor mo ordena, eu estou prompto para tudo.* Assim tomou o Viatico, e a Unçaõ com muita

ta devoçaõ, e lagrimas; mas vioſe ao outro dia a ſegurança com que fallava, levantando-ſe, e indo para a ſua Portaria, confuſos todos aſſim da repentina melhora, como do ſacrificio de ſua obediencia.

Naõ ſó o illuſtrava o Ceo, ao que parece, no que lhe pertencia, mas de muitas couſas teve anticipadas noticias, e taõ verdadeiras as que dava, que naõ havia caſo de importancia, em que ſe naõ viſſe importunado para o patrocinio, como para o conhecimento do ſucceſſo; occaſioens a que fugia, e ſe eſquivava, facilitando-ſe mais com os Religioſos, porque os naõ podia ver afflictos. Foraõ os ſucceſſos muitos, ſem mais, que a circunſtancia de ſer infallivel o que reſolvia. Naõ nos detemos, porque naõ pareça deſejo de alargar a eſcritura, e enfadar com ella. Apontaremos ſó, que por meyo de ſua oraçaõ conſeguio Frey Jorze (ao que parece) o communicarlhe o Ceo os ſeus ſegredos, franqueados ſempre aos pequenos, e abatidos.

Abſcondiſti hæc à ſapientibus, & revelaſti ea parvulis. Matth. 11.

Faleceo a mãy de hum Religioſo da Ordem, conhecida ſua, e que o ajudava para o diſpendio da ſua Portaria; deraõ-lhe na Igreja do Convento ſepultura, e viraõ-no a elle já alta noite com os braços abertos, lançado ſobre a campa della (era eſte o eſtylo com que as mais vezes orava.) Amanheceo, e pedio eſmola para duas Miſſas, que mandou logo dizer pela defunta, entendendo-ſe, que na oraçaõ alcançaria, que eraõ os ſuffragios, que pedia ſua alma. Faleceo Dom Joaõ de Caſtro, que foy Governador do Algarve, e occupou outros poſtos neſte Reyno; tinha ſua caſa junto ao Convento, grande commercio com elle, e ſua mulher igual opiniaõ de Frey Jorze. Pedio-lhe, inſtou com elle, e importunou-o a viuva, que pediſſe a Deos pela alma de ſeu marido, e que lhe alcançaſſe ſe eſtava em boa parte. Eſcuſouſe o pobre Frade da noticia, mas prometteo os ſuffragios. Paſſados alguns dias, e tornando a inſtar a viuva, lhe diſſe: *Que deſcançaſſe; que a alma de ſeu marido eſtava vendo a Deos.*

Aſſim era familiar o commercio, que tinha com o Senhor na oraçaõ, e aſſim ſobia daquelle abatimento com que orava, ás viſinhanças do Ceo, que mais que a terra parece tinha por vivenda. Conhecia-ſe nas vezes, que o viaõ extatico. Em humas Matinas ſolemnes, a que aſſiſtia, repararaõ alguns Religioſos, que acompanhava o Coro no Cantico *Te Deum laudamus*, com huma voz ſobida, e harmonioſa, naõ ſendo daquelle metal a que tinha. Paſſaraõ os Religioſos palavra huns aos outros, e chegando alguns a carearſe com elle, o viraõ immovel, ſem dar attençaõ a nada, tendo abertos os olhos, de que lhe cahiaõ groſſas lagrimas, vozes mudas com que ſua alma acompanhava ſua harmonia.

Mas naõ ſofria o inimigo commum ver taõ valîdo do Ceo hum Leiguinho rude, pobre, roto, e abatido; (como ſe naõ foſſem ſempre eſtes os ſeus unicos mimoſos) e deſenganado, ou receoſo de entrar com elle em contenda, de que ſahiſſe com vitoria, ſe reſolveo em aſ-

ſuſtallo,

fuſtallo, e deſafiarlhe o ſofrimento. Soubeſe, (ſeria depois de ſua morte) que o demonio ameaçara a Frey Jorze, que naõ paſſaſſe a noite na Igreja, porque a cada inſtante o inquietaria; e ſem duvida foy deſafogo do ameaço o ſucceſſo, que diremos agora. Tocaraõ huma noite á Portaria com repetiçaõ, e com preſſa. Acordou o Prior, e eſperou tempo, dando lugar a que o Porteiro deſceſſe abaixo. Vio que tardava: amiudando-ſe os golpes na campainha, ſahe com ira da cella, buſca a Frey Jorze na Igreja, que era a ſua; e reprehendendo-o com aſpereza, e mandando-o acudir á porta, lhe reſpondeo: *Padre Prior, póde V. Paternidade recolherſe, que ninguem eſtá na porta.* Inſtou o Prior que ſim; e indignando-ſe com os moços do Convento, que o ſeguiaõ, e lhe ſeguravaõ que tal naõ ouviraõ, mandou a Frey Jorze, que ſem replica foſſe á Portaria. Obedeceo elle, e abrindo a primeira porta, que hia para ella, diſſe: *Muito bem vos conheço*; e chegando á porta, e vendo-a deſamparada, voltou para o Prior, dizendo-lhe: *Iſto eſtá acabado: eu terey o cuidado que devo.* Recolheoſe o Prior, e paſſando pela cella de hum Religioſo entrevado, que achou com o Enfermeiro, ouvio o ultimo deſengano, porque lhe ſeguraraõ, que a tal porta ſe naõ tocara, pois elles alli eſtavaõ, e ella viſinha.

Soube-ſe pela manhãa o caſo, e reſolveraõ os que tinhaõ mais conhecimento do Porteiro, que eraõ traças, com que o inquietava o demonio, fazendo, que ſó o Prior, e elle ouviſſem aquelle eſtrondo, para que ſe ſeguiſſe o que tinha ſuccedido, porque o Prelado havia de indignarſe de tardar o Porteiro, o Porteiro naõ havia de acodir, ſabendo que era o demonio. Na Igreja, e na Portaria ſe lhe andava offerecendo em varias figuras, com viſagens eſtranhas, que humas vezes o moviaõ a aſſombro, outras a rizo, como lhe ſuccedeo em occaſiaõ, que ajudando á Miſſa, vio, que ſobre os hombros de huma velha, que eſtava na Igreja, ſe volteava, e ſaltava ligeiro, com meneyos, e figura de hum grande, e carrancudo mono.

Creſceo hum anno a fome na Cidade; a pobreza, como a primeira executada, corria á Portaria de S. Domingos, aonde a chamava a fama caritativa do ſeu Porteiro, que, ſem perdoar a diligencias, recorria quotidianamente á mais importante, que era propor aquelle deſamparo aos clementes olhos da Virgem Maria em huma Imagem ſua, (que ſe via ſobre o ſegundo taboleiro da eſcada, que ſobe do Clauſtro para o Dormitorio) que ſaudava de joelhos todas as vezes, que por alli fazia caminho. Agora a buſcava com mais ancia, obrigado do aperto em que via a pobreza. Succedeo, que ajoelhando huma vez para fazer a meſma ſupplica, eis-que dá com os olhos em huma grande alcofa de paõ alvo, e mimoſo; alvoroçouſe, e eſtendendo com preſteza, e alegria os braços a pegar na alcofa, vê, que lhe foge das mãos; vaya ſeguindo por largo eſpaço, ſem dar mais tino (como depois confeſſara) que o de conſeguir aquella grande preza; vê

vê finalmente a alcofa parada, e lançando-lhe as mãos, quando lhe deſapparece de entre ellas.

Levava em outra occaſiaõ Frey Jorze humas poucas de roſas no Eſcapulario para a Imagem de huma Senhora, de que era devoto; e pondolhe os olhos, as vê convertidas em paõ, que (dando a Deos graças) repartio logo em eſmolas, por ſe achar entaõ afflicto de o naõ ter para o diſpender nellas. Raivou o invejoſo inimigo com o ſucceſſo do bom Porteiro, vendo, que o Ceo o favorecia, e o remedeava: eſperou-o outra vez, que lhe vio roſas no Eſcapulario; e temendo, que lhe ſuccedeſſe o meſmo prodigio, arrebata-as, e deſapparece com ellas. Naõ foy ſó huma vez o tirar as roſas do Altar da Senhora para as levar, e trocar em paõ na Portaria, porque muitas vezes ſe devia Frey Jorze de valer daquellas ſoberanas flores para ſuſtento da pobreza; porque em chegando Abril, ſe lhe ouvia como proverbio, que repetia com alegria, e ſegurança: *Em tempo de roſas nem ellas faltaõ no Altar da Senhora, nem aos pobres paõ na Portaria.*

Eſtimulavaõ continuamente eſtes ſucceſſos ao pay da inveja tanto, que muitas vezes ſe reſolveo a vingalla, apanhando ás mãos o innocente caritativo, que com mayores coroas de paciencia ſahia dellas moleſtado. Mas naõ eraõ as coroas, que Frey Jorze grangeava no conflicto; ſó aquellas, em promeſſa da gloria futura, mas parece, que podia dizer com S. Paulo, que ainda na terra o tinha o Ceo já taõ mimoſo, que permittia, que o anjo de Satanás foſſe ſeu flagello, porque ſe naõ eſvaeceſſe de favorecido. Já vimos, e tocamos algumas occaſioens, em que pareceo illuſtrado; paſſemos a ſemelhante argumento, e ſejaõ de ſegundo Capitulo.

Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ angelus Satanæ, qui me colaphizet. 2. ad Corint. 12. v. 7.

CAPITULO IX.

Continuaõ-ſe as noticias do Irmaõ Frey Jorze.

LEigo era o Irmaõ Frey Jorze por profiſſaõ; e porque naõ tivera alguma de letras, era tambem leigo, mas doutrinado na Aula do temor de Deos, nenhum como elle ſabio. O Latim entendia, e pronunciava, como os que com mais applicaçaõ o aprenderaõ. Na Eſcritura Sagrada eſtava taõ viſto, e mais que os que continuamente a revolviaõ. Muitos caſos pozeraõ eſta verdade em publico, de que foy boa teſtemunha o Meſtre Frey Martinho da Fonſeca, Prégador delRey Dom Joaõ o IV., e os Lentes, que por todos aquelles annos occuparaõ as Cadeiras de Evora. A liçaõ de Eſcritura, que ſe coſtuma ler á meſa, lhe penetrava de ſorte o coraçaõ, que andando recolhendo os ſobejos para os pobres, parava, e ſe eſquecia muitas vezes no meyo do Refeitorio, como alheyo, e extatico.

Mas paſſemos da intelligencia do Latim á que o Ceo lhe diſpenſava nos caſos, que previa, e de que aviſava. A hum Religioſo amigo ſeu, que ſe deſpedia delle, por ir aſſinado para Abrantes, nos fins de Outubro, ſegurando-lhe, que dalli a oito dias (nem pedia mais o caminho) eſtaria no Convento,

to, disse Frey Jorze: *Irá Vossa Paternidade, e mandarmoha dizer a primeira Dominga do Advento, porque nesse dia chegará a essa Casa.* Celebroulhe o Religioso a nova como galantaria, e tornou Frey Jorze a repetir o mesmo, e com a mesma segurança. Partio naquelle dia o Religioso, festejando com algumas pessoas o vaticinio: mas foy tal o temporal, que por terra até Setubal o prendeo nas estalagens, e no mar o deteve na embarcaçaõ, arribando muitas vezes, que sem advertir no dito Frey Jorze, entrou na primeira Dominga do Advento em Abrantes; mas recolhido á cella, que lhe deraõ, se lhe representou tudo o que tinha passado, e o fez logo publico.

Visitava a Frey Jorze com algum mimo para os seus doentes, ou esmola para os seus pobres, a Madre Dona Maria de Mello, (Religiosa de Santa Clara da mesma Cidade) pessoa de bom nome, e que tinha grande devoçaõ com elle. Mandoulhe em huma occasiaõ cousa de pouca substancia, aque elle agradecido escreveo huma regra, cousa, que naõ fizera nunca. Era o que continha: *Que elle estimava o presente, e a vontade: e que o dia deantes mandara dizer huma Missa por sua tençaõ, para que Deos Nosso Senhor a livrasse de perigos de alma, e corpo, como esperava em sua misericordia.* No dia seguinte descia esta Madre para o Coro, e embaraçandoselhe hum pé no primeiro degrao de huma escada de pedra longa, e empinada, rodou sem se poder valer por toda ella, com tanta violencia, que as que correraõ a acudirlhe, a tiveraõ por morta; mas ella desembaraçando-se do manto, em que se embrulhara, e sentada com descanço, segurou a todas, que naõ tinha molestia; attribuindo com tanta segurança o successo ás oraçoens de Frey Jorze, que assim o jurou a quem lhe pedio alguma noticia delle. De outros casos de naõ menos risco sahio sem elle esta Religiosa, applicando sempre o effeito ao seu advogado; e entendeose delles, e do que tinha escrito, que de todos lhe adiantara o Ceo o conhecimento.

Assim parece, que o teve da milagrosa saude de Francisco de Abreu, que muitos annos tinha servido no Convento. Achavase este ás portas da morte. Naõ tivera na sua doença, que foy larga, mais soccorro, que o com que lhe acodia o pobre Porteiro; mandoulhe render as graças pelo cuidado, e despedirse delle com a supplica de que se lembrasse de sua alma, e de o ajudar com suas oraçoens naquella ultima hora. Enterneceose o pay dos pobres, sabendo o desamparo, em que ficava a casa daquelle; e naõ tardou muito em lhe mandar segurar, que se naõ desconsolasse, que naõ morreria daquella doença. Foy assim, que, como se resuscitara, lhe veyo em breves dias dar as graças á Portaria.

Mas o mayor favor, com que o Senhor quiz illustrar o seu servo, foy a anticipada noticia de sua morte, como a que o era do principio de sua felicidade. Contava já Frey Jorze 66. annos de idade, os quarenta e seis de exercicios santos naquelles Sagrados Claustros;

achava-ſe cortado de penitencias, deſamparado de forças, ſem que o eſtado, em que ſe via, o fizeſſe afroxar nas primeiras, ſe quer por naõ acabar de conſumir as ſegundas, quando o chamou Deos para lhe trocar eſtas em eternidades, e aquellas em coroas. Poucos dias antes deſta felicidade gaſtara o bom velho em oraçaõ toda a noite; chegou a madrugada, entra na cella do Prelado (como he eſtylo da Ordem) a buſcar as chaves da Portaria, e diz-lhe com voz, e ſemblante alegre: *Padre Prior, tenha voſſa Paternidade muito bons dias com as novas, que lhe dou de ſerem os meus acabados.* Aſſuſtouſe o Prelado, e advertindo-lhe, que ſe declaraſſe, porque naõ entendia o que lhe vinha a dizer, reſpondeo: *Padre Prior, eu morro.* Creſceo no Prior o ſobreſalto, e levantando-ſe apreſſado, lhe diſſe: *Naõ ſaõ por certo Frey Jorze para mim bons dias os em que me dá eſſa nova, porque a ſinto no coraçaõ, onde o tenho, e eſtimo;* e lançando-lhe os braços, ſe lhe prenderaõ as vozes com as lagrimas. Era o Prior o Preſentado Frey Franciſco Travaços, Prégador de nome naquelles tempos, peſſoa grave, e de maduro entendimento, que ſabia pezar a perda de hum tal ſubdito.

Chamou logo a conſelho, e propondo o referido aos Religioſos mais graves, e Letrados do Convento, reſolveraõ, que o Prelado tornaſſe a chamar Fr. Jorze, e que delle ſoubeſſe com mais individuaçaõ a certeza, que tinha de ſua morte, pondo-lhe huma obediencia, caſo que ſe eſcuſaſſe. Fello aſſim o Prior: e chamado Frey Jorze, e dizendolhe: *Frey Jorze, o que me diſſe hoje, foy illuſaõ do demonio, ou effeito de melancolia?* Reſpondeo elle: *Nem huma couſa, nem outra, mas verdade pura, porque eu morro dentro de breves dias, como Voſſa Paternidade bem verá. Pois eu* (lhe tornou o Prior) *lhe mando por obediencia, que me diga logo a circunſtancia, com que alcançou eſſa noticia. Obedeço,* (reſpondeo o bom velho) e continuou: *A noite paſſada, rezando na Igreja, ſoube, que Veſpera de S. Joſeph, que he daqui a poucos dias, havia de morrer.* E pondoſe logo de joelhos, levantadas as mãos, diſſe: *Rogo eu muito a Voſſa Paternidade, ſendo ſervido, que do que aqui paſſamos naõ ſeja alguem ſabedor. Pois ſe iſſo he aſſim,* (concluîo o Prior) *eu lhe ponho a meſma obebiencia para que aceite cella, e cama para morrer.*

Aceitou Frey Jorze, ſacrificandoſe aô lugar do deſcanço, como ſe fora o do martyrio; mas conſolado de que o lograria breve tempo. Foy ſe á Portaria, deu a ultima eſmola aos ſeus pobres, deſpedindo-ſe delles com as lagrimas nos olhos, antes arrancando-ſe de ſeus braços, como faltando-lhe o ſofrimento, para eſcutar os lamentos de ſeus deſamparos. Recolheo-ſe logo para a cella, que lhe determinou o Prelado, confeſſouſe, e como lhe pareceo tempo, recebeo o Viatico, banhado em lagrimas de alegria, como ſe naõ ſoubera já fallar ao Senhor ſenaõ com as linguas da alma, diſpondo-ſe para o commercio, e vida della.

Aſſim ſe experimentava; porque cerrados os olhos, e ſem

dar attençaõ a nada, se recolhia em huma contemplaçaõ profunda, ouvindo-selhe ás vezes algumas palavras, e oraçoens imperfeitas, de que se colhia a consolaçaõ, que estava recebendo sua alma. Entrado já na ultima hora, e despedido dos Religiosos com semblante alegre, e alvoroçado, entenderaõ os que lhe assistiaõ, na alegria, e contentamento, que nos olhos se lhe reparava, e no que dizia, ainda que já com fraca, e interpolada expressiva, que lhe assistia, e visitavaõ-no a Soberana Trindade da terra, Jesus, Maria, e Joseph. Assim passou seu espirito, com taõ ditosa companhia, a logralla na felicidade eterna, em Vespera de S. Joseph, como tinha dito (Advogado, que toda sua vida tinha grangeado.) Contavaõ-se 18. de Março de 1632. Tem sua sepultura no Capitulo, nella se lê este epithafio:

Frater Georgius de Sanctis, Conversus, hujus Cœnobii filius, & ostiarius, in Deum pius, zelo Religionis accensus, in egenos, & infirmos magnoperè affectus, Ecclesiam semper habens pro cella, humum pro lecto, abstinentiis, bonisque aliis operibus plenus 15. Kalendis Aprilis senex moritur, & magno fratrum desiderio, hîc in arca lignea sepelitur 1632.

Bem poderaõ dilatar mais esta escritura muitos casos individuaes de sua vida, a naõ se entenderem, e supporem do inculpavel, e penitente della. Testemunharaõ-na como a temos escrito, os grandes talentos, que naquelle tempo se faziaõ lugar naõ só nesta Prouincia, mas em todo o Reyno, e fóra delle, com igual reputaçaõ em letras, e virtude, e que tambem neste livro daõ venturoso assumpto ao nosso trabalho, antes premio ao seu emprego. Tanta he a gloria de os termos por assumpto! Aqui se acharáõ espalhados, confórme a antiguidade dos seus Conventos. Agora me pareceo unillos, porque depois de Frey Jorze, authorizem a verdade do que dizemos delle. Foraõ elles o Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, Bispo de Viseu; o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, Inquisidor da Mesa Grande, Prégador delRey Dom Joaõ o IV. que foy Provincial desta Provincia; o Padre Mestre Frey André de Santo Thomaz, Lente de Prima na Universidade de Coimbra; o Padre Mestre Frey Pedro de Magalhaens, Inquisidor da Mesa Grande; o Padre Mestre Frey Fernando Soeiro. De taõ authorizadas testemunhas colheo, e recolheo as noticias, de que fabricamos esta memoria, o Padre Presentado, e Prégador Geral Frey Francisco de Sousa, da mesma Familia Dominicana, em hum Tratado Panegyrico, que escreveo

veo ſobre a vida deſte ſervo de Deos; mas porque eſte Senhor depois das conjecturas, que de ſua penitente vida podiaõ formar argumento para a gloria, que ſe ſeguio á ſua alma, ainda permittio, que o ſeu nome ficaſſe vivendo nas memorias de muitos devotos, que com elle triunfaraõ de grandes apertos, apontaremos alguns caſos, que por confiſſaõ dos meſmos favorecidos pareceraõ prodigioſos.

Cahio enfermo de huma maligna Ruy da Sylva, filho de Jorze da Sylva, Cavalleiro Fidalgo, e de Dona Brazia de Abreu, moradores na Cidade de Evora, e em breves dias chegou ás portas da morte com taõ grande deſengano de ſeus pays, e familia, que, fechadas as janellas, e ſepultados todos em hum laſtimoſo pranto, antes tratavaõ dos ſuffragios, que dos remedios. Mas os parentes, e peſſoas graves, que lhe aſſiſtiaõ, aconſelhados do que continuamente eſcutavaõ de Frey Jorze, Porteiro de S. Domingos, dando-lhe eſperanças de remedio, paſſaraõ ao Convento, e repreſentando ao bom Porteiro o eſtado do enfermo, ſentimento de pays, e familia, o obrigaraõ a que chegaſſe áquella caſa, em que ſe ſuſpirava tanto ſua aſſiſtencia. Eſcuſouſe Frey Jorze modeſto, e humilde, naõ ſentindo de ſi tanto, ou temendo os aſſaltos de vangloria, que hia diſpondo o inimigo. Naõ houve mais remedio; recorrem ao Prelado, que laſtimado, como perſuadido, lhe manda, que logo vá viſitar o enfermo. Toma Frey Jorze a capa, entra pelo meyo da familia choroſa, e dizendo com voz deſembaraçada: *De que ſe agaſtaõ, de que ſe agaſtaõ? Morre Ruy da Sylva? Morra.* Creſceo em todos o pranto, e a magoa, entendendo pouco a fraſe, com que ſe coſtuma explicar a virtude. Chegou entaõ á cama, em que o enfermo por inſtantes eſpirava, e applicando-lhe a maõ (depuzeraõ as teſtemunhas, que aſſim lhe pareceo) á cabeça, voltou aos pays, e mais familia, e diſſe-lhes. *Naõ ſe agaſtem, naõ ſe agaſtem; que Deos dará ſaude a Ruy da Sylva. Demme eſmola para que ſe diga huma Miſſa a S. Gonçalo, que eu heide ajudar a ella, e rogar pelo enfermo.* Deu-ſe-lhe a eſmola, voltou para o Convento, e ao meſmo inſtante abre os olhos o moribundo, e ſegura a todos, que ſe acha ſem febre, e reſtituhido, como logo ſe vio, á inteira ſaude.

A meſma, e igualmente repentina conſeguio Gaſpar de Faria Severim, (affirmava-o Manoel de Faria ſeu tio, Chantre de Evora) por interceſſaõ de Frey Jorze, porque fallando com elle para lhe pedir o ſoccorro de ſuas oraçoens, e dando-lhe noticia, que o enfermo (que aſſiſtia em Lisboa) eſtava perigoſo, Frey Jorze lhe ſegurou, que eſtiveſſe ſem cuidado, porque naõ havia já perigo, e outras circunſtancias, que fizeraõ o caſo mais prodigioſo, depois que ſe ſoube o tempo, e melhora do enfermo.

Já deſenganada de remedios para huma cruel maligna, eſperava a ultima hora Antonia Jorze, mulher de Pedro Joaõ, moradores na meſma Cidade de Evora; e tanto ſem eſperança alguma de vida, que já em Caſa tinha o habito de S. Domingos,

gos, que efcolhera por mortalha. Era devota da Religiaõ, bemfeitora do Convento no que alcançava, como cuidadofa de acudir a Frey Jorze com o que neceffitava para a fua Portaria. Sentio elle a noticia da enferma, vifitou a, confolando-a com o que Deos difpunha; e detendo-fe hum pouco a rezar pelas fuas contas, fe levantou, dizendo-lhe, que queria Deos livralla daquella doença, e que contaffe tantos annos, que viffe a morte de feus filhos; e lançando-lhe huma bençaõ, fe defpedio, e no mefmo tempo a febre á doente. Pedio de comer, que já naõ fallava, nem lhe paffava nada da garganta, e em breve teve faude perfeita, e depois vida taõ dilatada, que fe verificou a circunftancia, que feu bemfeitor lhe promettera.

Domingas Coelha, moradora na mefma Cidade, padecia, havia annos, grande achaque, e dores nos olhos, a que naõ valeo em tanto tempo toda a induftria dos Medicos. Levou-a a fama do Porteiro de S. Domingos a bufcallo, e pedirlhe, e importunallo por algum remedio, com tal fé, e efficacia, que admirando-a o bom Frade, naõ pode mais defenderfe, e lhe diffe, que foffe para cafa, e lavaffe os olhos com agua limpa, que naõ teria nada. Naõ reparou a fé no facil da cura; lavou a mulher os olhos, e ficou logo, naõ fó fem achaque nelles, mas nem mais o fentio em fua vida, que foy larga.

Mas cafo novo, que fuccedeo a Frey Jorze, que vendo-fe o prodigio, fe defconhece o motivo delle. Eftava na fua Portaria, quando chega a ella huma moça, com huma quarta á cabeça, pedindo-lhe, que lha mande encher na fonte, que corre no Clauftro: fufpendeofe elle á primeira fupplica; e á fegunda, rompendo em hum impeto, nelle eftranho, pega na quarta, e faz tiro com ella a grande diftancia, em que fe fez em pedaços. Seguiraõ-fe os lamentos, e agonias da moça, e voltando a ella Frey Jorze, lhe diffe: *Ide, ide bufcar a voffa quarta; e naõ torneis mais aqui.* Volta ella, e vê inteira a quarta, e vem moftrando-a pela Cidade, contando o que com o Porteiro de S. Domingos lhe fuccedera, feguida de muitas teftemunhas de vifta. Myfteriofa foy em Frey Jorze a ira, que de outra forte naõ merecera o que fe feguio na quarta. Mas a que effeito huma coufa, e outra, fe a primeira pareceo impropria, e a fegunda defneceffaria? Porém ao que efcrevemos compete o reparo, e naõ a decifaõ. Affim paffaõ pelos juizos dos homens as acçoens dos Juftos!

A hum Religiofo, grande feu amigo, que de outro Convento vinha para o de Evora, diffe Frey Jorze (abraçando-o na Portaria, e tendo eftado nella como fe o efperara) hum particular, que o Religiofo trazia no penfamento, e a ninguem tinha communicado. Teftificava-o depois o mefmo Religiofo, que de entaõ começou a ter em mayor eftima ao bom Porteiro. Tinha graça particular para pacificar animos difcordes, e fazer amizades. Affim reduzia a commercio, e trato Chriftaõ a muitos entre fi inimigos, e de envelhecidos odios; e á concordia conjugal a muitos cafados. Eftas,

e as mais acçoens authenticadas em hum proceſſo, que ſe hia fazendo ſobre a vida deſte Servo de Deos, lhe poderaõ já ter adquirido o culto de Canonizaçaõ geral, ou particular, que, ſuppoſto rigoroſo exame, coſtuma dar a Igreja; mas cortou a morte os paſſos, que o Preſentado, e Prégador Geral Frey Franciſco de Souſa começava a dar neſta diligencia, ficando todas ſepultadas no deſcuido deſta Provincia; culpa ſó neſtes particulares tolerada, pelas poucas poſſes della, deſengano, que a acobarda para naõ expor mais filhos ſeus á veneraçaõ Catholica, como a magoa de naõ dar a Deos eſſa gloria, eſſe credito a ſi, e á Igreja.

CAPITULO X.

Do Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, Biſpo de Viſeu, filho do Convento de Evora.

GRandes qualidades concorreraõ no Meſtre Frey Joaõ, para que a ſua noticia (neſte, e mais ſeculos) naõ dependeſſe da noſſa diligencia, baſtando-lhe ſeu nome para Chronica; porque o ſeu ſangue o eternizou na duraçaõ de ſua illuſtre Familia, a ſua virtude na ſucceſſaõ dos que com ſeu exemplo foraõ tomando o pezo á ſua Mitra; e a ſua ſciencia nos partos de ſua penna, que nos conſerva a eſtampa. Mas naõ baſta a taõ ſingular Varaõ noticia taõ commua; devaõ os Leitores mais miudas, e eſtimaveis circunſtancias á noſſa noticia, e authorizeſe a Caſa de Evora com hum filho, que baſtava a fazella venturoſa.

Nella, ſendo ſeu Prior Fr. Antonio Bernardes, Provincial deſta Provincia o Meſtre Frey Franciſco Foreiro, e Meſtre Geral de toda a Ordem Frey Vicente Juſtiniano, tomou o habito o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, filho dos Condes de Vimioſo Dom Affonſo de Portugal, e Dona Luiza de Guſmaõ, e irmaõ de Dom Luiz de Portugal, que depois de ſucceder na Caſa, como legitimo herdeiro della, reduzio a eſcolha o que primeiro foy natureza, paſſando a acompanhar nos Clauſtros Dominicanos ao Meſtre Fr. Joaõ, como ſe quizera no habito fazer ſegundo parenteſco. (Em ſeu lugar nos ſervirá eſta reſoluçaõ de aſſumpto.) Nos primeiros annos veyo Frey Joaõ de Portugal a abraçar os rigores da Religiaõ neſta Caſa, correndo com tanta felicidade, e conſtancia o de approvaçaõ no Noviciado, e os de exame no eſtudo, que (medida ſua capacidade, em tudo grande) ſe fez hum tal lugar nelle, que naõ ſó o eſcutaraõ na Cadeira como Meſtre, mas, alargando a penna a mayores empregos, fez, que o leſſem como hum dos Eſcolaſticos luminares da Theologia, nos dous grandes Tomos, que eſcreveo de *Gratia*, obra digna de deſempenhar hum profundo Theologo no voto dos melhores do ſeu tempo.

O M. Fr. Joaõ de Portugal.

Sobre os nobres aliceſſes da ſciencia, e do ſangue, avulta com mais eſtimaçoens o edificio da virtude. Era conhecida, e venerada a do Meſtre Frey Joaõ, e taõ adiantada em experiencias, que os Religioſos Bemficanos, onde entaõ reſplandecia mais notoria a reforma da

Provin-

Provincia, entenderaõ, que só com hum tal Prelado seguravaõ naõ só a conservaçaõ, mas o augmento della. Era aquella Casa de Bemfica para o genio, e espirito do Mestre Frey Joaõ o mais appetecido centro, a naõ lho desnaturalizar o haver de entrar nelle com o nome de Prelado; quizera o trato daquelles Religiosos, como de companheiros, e naõ de subditos; mas o que naõ explicava o cargo, soube praticar a industria. Eleito em Prior, assim foy suave o seu governo, assim achou superfluas as leys, donde a observancia era já natureza, que naõ veyo a ter naquella Casa o bom Prelado mais que o exercicio de companheiro. Assim o experimentavaõ pontual naquelles Santos Claustros as obrigaçoens de hum particular Religioso; só o finalava Prelado a precisa ley de assistir a tudo.

Esta grande capacidade, o reformado de sua vida em toda a estreiteza das Constituiçoens, assim o adiantavaõ a mayores emprezas, que lhe meteo o Ceo nas mãos huma das que se contaõ entre as raras; naõ faltando quem diga, (e he verosimil) que seu exemplo foy o primeiro brado, que o mesmo Ceo deu nos coraçoens dos Condes de Vimioso, (seu irmaõ, e cunhado) para que deixando seus Estados, se recolhessem aos pobres Claustros Dominicanos, e levantassem (sogeita á mesma Ordem) huma Casa recoleta, que até o presente he os olhos desta Provincia, como (ajudando-nos Deos) o mostraremos em larga, e merecida escritura. Assim veyo do Mestre Geral da Ordem, (era entaõ Frey Jeronymo Xavier) commettida ao Mestre Frey Joaõ toda a direcçaõ na nova fundaçaõ do Mosteiro do Sacramento, sendo elle seu primeiro Vigario, a quem deveo aquella Casa, naõ só o augmento material, que em breve tempo se conseguio a desvelos de sua industria, mas tambem a alma de sua observancia nos documentos, e leys, (que arrimadas ás Constituiçoens da Ordem, apertaõ as obrigaçoens da Casa) taõ ajustadas, e taõ previstas, que sem duvida ficaraõ sendo a mais viva demonstraçaõ, naõ menos da capacidade grande de seu entendimento, que da piedade religiosa de seu espirito.

Assim voava huma, e outra qualidade nas azas de sua nobreza, que naõ contentes na estreita esféra da Corte Portugueza, ainda estreitadas na espaçosa de todo o Reyno, passavaõ aos estranhos, entrando pelas portas do Palacio Castelhano a occupar os ouvidos de Filippe II. a tempo que, vagando o Bispapo de Lamego, teve este Rey a fortuna de premiar merecimentos, sem o trabalho de consultar escolhas. Passou o Mestre Frey Joaõ a occupar aquella Mitra, deixando já em sua perfeiçaõ o Mosteiro do Sacramento, e a observancia delle, sendo veneraçaõ, e milagre das estimaçoens da Corte, estado, em que ainda hoje florece, com tantos esmeros de virtude, e constancias de austeridade, que a seu tempo nos daraõ glorioso assumpto, como em todo nos tem servido de credito. O muito, que o Mestre Frey Joaõ tinha grangeado neste Reyno, podia ser a mais certa noticia

do que obraria no cargo, sendo taõ ingrata a memoria daquelles tempos, que consentio, que com elle se enterrassem as mais individuaes informaçoens de sua vida, e naõ nos roubou menos o esquecimento nos successos, que a sepultura nos seus ossos, ficando sem estes queixosa a Patria, sem aquelles a Provincia. Queixosa a Patria, porque na posse da sua sepultura prevaleceo Viseu como seu Bispado, contra Lisboa, ou Evora, que lhe servio de berço; a Provincia, porque podendo enriquecerse, e authorizarse com mais individuaes, e multiplicadas noticias de sua vida, alcançou só algumas, que vieraõ á nossa maõ com mais fortuna, que diligencia, polo pouco fruto, que se tira destas contra os poderes do tempo. Mas na calidade do pouco, que este nos perdoou, se poderá colligir o muito, em que poderamos alargar a escritura, reduzindo agora á de hum Capitulo, a que sem duvida seria capaz de avultar em hum Tomo.

CAPITULO XI.

Continuaõ-se as noticias do Mestre Fr. Joaõ de Portugal.

SEm recorrer ao illustre de seu sangue, eraõ os cargos, que occupou o Mestre Fr. Joaõ, divida ás suas letras, e virtude; assim se crê, que a informaçaõ destas o pozeraõ no Pulpito de Filippe II. como seu Prégador, no lugar de Inquisidor da Mesa Grande, e no de Vigario do Mosteiro do Sacramento, occupaçaõ, que ao presente he bastante a calificar benemeritos, muito mais sendo o primeiro, que se escolheo para ella, a voto de hum Geral da Ordem, (e talento como foy Justiniano) que queria plantar naquella Casa o mayor rigor da observancia. Estes lugares occupou o Mestre Frey Joaõ: mas como nenhum era mayor que elle, nenhum alterava nelle a vida de verdadeiro Frade. A sua unica grangearia era ter naquelles postos mais que dispender entre necessitados; essa era toda sua ancia, que eleito Bispo, cresceo com as obrigaçoens da Mitra. Tudo o que lhe vinha á maõ, passava ás do Padre Frey Manoel do Rosario, (Religioso digno da sua estimaçaõ por exemplar, e reformado, que assistira com elle no Sacramento) este era seu particular Esmoler, este o de que alcançamos (de sua mesma letra) esta memoria.

Era o Mosteiro do Sacramento o primeiro soccorrido; o que restava, se repartia entre viuvas nobres, donzellas recolhidas, e Estudantes pobres, especialmente Irlandezes, a quem ajudava com zeloso intuito, e piedosa esperança de Missionarios de sua Patria. Naõ tinha outros empregos qualquer grangearia sua; o Padre Frey Manoel arrecadava, e dispendia tudo. Affirmou-o elle mesmo, accrescentando, que nunca o Mestre Frey Joaõ pedira contas, nem em sua maõ tomara dinheiro em toda sua vida, quanto aos muitos annos em que o conhecera, e acompanhara. Bem alcançava aquelle grande, e bem doutrinado entendimento, que naõ tinha o dinheiro mais prestimo, que para bem dispendido, nem mais con-

ta, que ser tambem empregado.

Este foy na caridade; (todo do proximo) naõ foy menos na obediencia (nada de si). Mostre-o entre muitas huma occasiaõ. Tratado de hum Prelado com excesso, (culpavel desacordo esquecerse de que he pay hum Prelado) assim no largo tempo, que o teve prostrado em venia, como no aspero, e solto das palavras, a que o precipitou inconsideradamente a colera, se levantou o Mestre Frey Joaõ, sem se lhe ver, nem ouvir outra acçaõ mais, que as que se praticaõ nas Constituiçoens, que he beijar ao Prelado o Escapulario, e repetir *Benedictus Deus*, como se dissera: Por tudo seja Deos bemdito. Era a innocencia a que escutava aquella semrazaõ, e nem esta, nem aquella bastaraõ a abalar aquella estatua do silencio mais, que para prostrarse sobre a terra victima da obediencia.

Nesta se ensayou sua humildade, e nem os privilegios da prelazia o escusavaõ dos empregos de mayor servidaõ. Era Prior de Bemfica, e sem faltar a nenhuma obrigaçaõ da Casa, lia actualmente Theologia. Pelos lugares visinhos o escutavaõ doutrinando Apostolicamente assim no estylo do Pulpito, como no do caminho. Era a primeira ancia, que o levava, estender por aquelles ouvintes rusticos, e atear naquelles coraçoens secos a devoçaõ do Rosario, (a que a tinha ardentissima) occupaçaõ, que hum culpavel descuido, e huma omissaõ indesculpavel nos tirou das mãos, sendo os filhos de S Domingos os primeiros, e unicos, que por Instituto se escutaraõ nestes Reynos, naõ só pelos Templos, e Pulpitos, mas pelas praças, e ruas publicas: empregos, de que se jactaõ obreiros mais modernos, usurpando para si o nome, que nesta cultura grangearaõ, e souberaõ merecer os nossos, e hoje conservaõ com credito, e reputaçaõ, se bem com menos applicaçaõ, (a auditorios rudes, innocentes, ou incapazes) naõ digamos só de esquecidos, digamos tambem de cançados.

Eleito Bispo o Mestre Frey Joaõ, antes foy dispenseiro, que Prelado de sua Igreja, com taõ seguro conhecimento de que naõ podia ter outro nome hum Bispo, como se vê em huma reposta, que deu ao seu Secretario. Falecendo seu irmaõ Dom Nuno Alvares de Portugal, que actualmente era hum dos Governadores deste Reyno, e deixando cinco filhos orfãos, e desamparados, (cousa incrivel de quem tinha na maõ hum governo, mas esperada do austero proceder de Dom Nuno, como de hum pay, que deixava a seus herdeiros a melhor nobreza destes Reynos, com a reputaçaõ de ter occupado nelles os mayores postos, sem que se sentisse que tinha filhos) escreveo ao bom Prelado seu sobrinho Dom Miguel de Portugal, (que faleceo depois sendo Bispo de Lamego) dando-lhe noticia do desamparo dos orfãos, e de que o cunhado delles o Conde de Monsanto, e Marquez de Cascaes, levara para casa dous, bastante fineza para o parentesco, e naõ menos carga para quem se achava assaz attenuado. Concluia finalmente Dom Miguel, que aquelles orfãos naõ tinhaõ já os olhos mais que na-

quelle tio, a que como pobres executavaõ como pay. A esta supplica, ao parecer taõ justificada, respondeo elle: *Que fóra de sua Igreja naõ podia em consciencia alargar a maõ, nem ainda á mais arrezoada esmola; que elle como tio sentia o desamparo, mas como Bispo naõ se lhe podia offerecer para o soccorro; que se seus sobrinhos quizessem vir para sua casa, achariaõ nella, como orfãos do Bispado, sustento, e ensino.* E advertindo-lhe o Secretario, que huma tal esmola naõ admittia escrupulo, respondeo (palavras dignas de tanto Prelado, e de se gravarem entre as Armas de todos os da Igreja.) *Ainda naõ sabeis, que as rendas dos Bispados saõ o dote dos Bispos; as Igrejas as esposas; os filhos os pobres? Pois para que se me deu este dote, senaõ para os criar só a elles?*

Assim tinha repartido as rendas do Bispado, que ficando-lhe para sua casa, e familia tres mil cruzados, o que restava para dezaseis (que era a renda toda) passava ás mãos da pobreza, mas repartido com tanta prudencia, que naõ chegava só aos mendigos, a que de paõ, e dinheiro se soccorria á porta, mas entrava pelas da viuva authorizada, da donzella recolhida, e do honrado, a que o pejo prendia os passos, e tapava a boca, sentenceado entre duas paredes ao martyrio de sua miseria. Para o acerto deste dispendio tinha pessoas de confiança em todo o Bispado, que o avisavaõ assim do desamparo, como do procedimento dos benemeritos daquelle cuidado, e daquelle soccorro. Entrado no Bispado, eraõ muitos os doentes. Retardavaõ-se os medicamentos; porque naõ era prompta a expediçaõ ás petiçoens dos necessitados. Naõ sofreo esta froxidaõ o bom Prelado, que, como outro Paulo, enfermava com todos. Passou huma Provisaõ ao seu Medico Manoel Monteiro, e ao seu Boticario, para que, conhecida a pobreza do enfermo, se lhe acodisse com tudo, sem que se attendesse nas receitas ao custo, mas ao remedio; antes porque naõ houvesse falta em nenhum, em a havendo em casa do enfermo, se lhe fizesse aviso. Quis infirmatur, & ego nõ infirmor? 2. ad Corint. 11.

Aos Religiosos Arrabidos, que tinhaõ Convento em Orgens, (lugar tres legoas da Cidade) dispoz com suavidade a custosa jornada, que faziaõ ao meyo dia, vindo á esmola. Assentou com o Guardiaõ, (que dava por causa de virem ao peditorio áquella hora, o ser a em que todos estavaõ em casa) que viessem os Religiosos de manhãa fóra da calma, que recebessem o que achassem, e que o que lhes faltasse, se lhes daria da sua. Assim com huma piedosa industria lhes remediou as faltas, e os livrou de doenças.

Chegouse certo homem honrado, (de que tinha informaçaõ da muita miseria, e multiplicada familia) a pedirlhe huma esmola; e mandando, que se lhe dessem quatro mil reis, e recebendo só dous de quem os dispendia, ficou o homem passeando no patio, a tempo que o bom Prelado chegava a huma janella. Chamou-o, e sabida a causa da suspensaõ, e da detença, perguntou ao Esmoler porque lhe naõ dera os quatro mil reis, que lhe mandara. *Senhor*

nhor (refpondeo o criado) *porque entende que fó dous. Pois agora* (tornou o Bifpo) *dai-lhe oito. E agradeçovos a pouca advertencia, que defpertou a minha; porque na verdade para quem tem tanta familia, e tanta falta, harto pouco faõ oito, quanto mais quatro.*

Pedialhe certo Conego huma efmola em nome de huma viuva honrada, que dava eftado a huma filha, e propunhalhe a fupplica com rodeyos, e frieza. Refpondeolhe, (atalhando-lhe a pratica) *Senhor Conego, quando voffa merce me fallar em femelhantes materias; falle com mais confiança; que para os filhos naõ fe pede aos pays com rodeyos.* E mandoulhe dar doze mil reis, que para aquellas partes, e para aquelles tempos era huma aventajada efmola. Mas outro cafo nos eftá chamando, trilhado fó dos mais agigantados paffos da caridade.

Efperavaõ-no os criados em huma Dominga, que hia prégar á Sé. Dilatava-fe confideravelmente, e era a caufa da detença chegarfe hum pobre á janella da cafa em que affiftia, (cahia para o patio a janella, e era terreira a cafa) e como fe lhe moftraffe defpido, e naõ fe achaffe o bom Prelado com que remediallo, foy dentro, e defpindo hum jibaõ, que trazia de poucos dias, o entregou ao pobre, pondo em feu lugar hum taõ velho, que elle mefmo o tinha deixado. Soubefe o roubo, que fe tinha feito a fi mefmo: reparando hum domeftico, e perguntando-lhe, porque naõ ufava do jibaõ novo? *Eu* (refpondeo) *naõ tenho mais que efte. O outro levou-o quem o havia mifter mais que eu.* Affim entendia efte Prelado, que eraõ os Bifpos fervos, e Miniftros dos pobres, e que naõ devia o Senhor andar defpido, e o Miniftro enroupado. Ou entendia melhor a fua caridade, que naõ era defpirfe a fi, o veftir ao pobre, fendo advertencia do mefmo Chrifto, o naõ defprezar nella a fua mefma carne.

Cum videris nudum, operi eum; & carnem tuam ne defpexeris. Ifaiæ 58. 7.

Cafos de igual, e mayor circunftancia lhe fuccederaõ nefta materia: fepultou-os o defcuido. Em nada o teve depois de Bifpo, daquella regra, e eftylo de vida, que exercitara nos Clauftros Sagrados da Religiaõ. De manhãa, (antes que o fentiffe fua familia) paffava huma hora de oraçaõ diante do Santiffimo Sacramento. A' noite (depois de recolhida ella) outra. Para efta occupaçaõ, mais vezes continuada no dia, efcolheo hum quarto baixo para fua affiftencia; affim lhe vinha a ficar a cafa, em que a fazia, com porta para a Capella. Alta noite o fentiaõ talvez abrilla, por mais que fiava o fegredo daquella hora. Alli hia bufcar o defcanço, defconhecendo-o no leito. Naõ fabia ter focego nas vifinhanças daquelle Divino fogo; fahia a refrigerarfe, e tornava a accenderfe.

Tinha a fua abftinencia duas circunftancias de martyrio. O jejum, e o naõ poder diffimulallo. Fazia-o ás vezes com a induftria de indifpofto. Muitos jejuns de paõ, e agua, inventando diffimulos para o naõ perceber a familia. Acompanhava-os com rigorofas difciplinas; fe eftas defcançavaõ, naõ o faziaõ hum cilicio de agudos bicos, ou huma afpera corda de efpar-

eſparto, que o cingia com tanta eſtreiteza, que teſtemunhava o ſeu Cirurgiaõ, que algumas vezes (lançando-lhe algumas ventoſas por cauſa de queixa repentina) lhe vira as chagas, e ſinaes della. Antes de ſua morte chamou a hum Pagem, de quem ſó fiava os rigores de ſua penitencia; (eſtava já havia dias de cama, e reſtavaõ-lhe poucos de vida) e ſahindo eſte com as lagrimas nos olhos, de detraz de huma cortina, que lhe cobria a cama, ſe ſoube delle, (depois de importunado, e perſeguido) que o ſegredo fora entregarlhe com muito aquelles inſtrumentos, com que ſe cingia. Agora parece, que o martyrizavaõ mais quando os tirava, na contingencia de ſe ſaber que os trouxera.

Eſtes eraõ os theſouros, que o juſto Prelado eſcondera, em quanto pizou o caminho da vida. Quem aſſim o trazia cuberto, naõ queria, que lhe roubaſſem o theſouro; naõ eſcondello he indicio de o permittir roubado, dizia o grande Gregorio. Temia o penitente Prelado, que o ſalteaſſe a vangloria, e prevenia-ſe com as armas da cautela. Conheceo-ſe bem (depois de ſua morte) a muita que tivera, achando-ſe-lhe nas gavetas de hum contador alguns cilicios, e diſciplinas, onde o ſangue era a melhor rubrica, para ſe entender, que naõ eſtiveraõ ocioſas. Eſtas as peſſas de valor, com que occupava gavetas, como quem ſó nellas ſuppunha as precioſidades de theſouro, com que ſe podia comprar hum Reyno; ou como quem ſabia, que aquelle era o theſouro unico, que vinha a ter preſtimo guardado. Mas hiaõ as penitencias, e a idade conſummindo aquella vida, ſuſtentada ſó a deſejos de mais mortificada, ſobre ſerem os achaques continuos acrédores deſſe pouco que vivia. Romperaõ finalmente em humas dores inſoportaveis, acompanhadas de continuos, e violentos vomitos; durando aſſim tres dias, em que o bom Prelado (que ao primeiro conheceo, que eraõ os ultimos) ſe diſpoz para aquella hora (que o he da vida) com tanto ſocego, como ſenaõ fora para perdella.

Depraedari ergo deſiderat qui theſaurũ publicè portat in via. D. Gregor. homil. 12. in Evang.

Pararaõ impenſadamente os vomitos, recebeo com ſuavidade os Sacramentos, reſpondendo, e ajudando ao da Unçaõ, como ſe antes o dera, que o recebera, ficando com huma nova alegria, que bem ſe lhe diviſava no ſemblante, e como ſe já o reconhecera immortal o achaque, ſem demonſtraçoens delle. Tal era ſua paciencia, ou tal a repreſentaçaõ do premio, que eſperava! Rodeava-o magoada, e ſaudoſa ſua familia, e outras peſſoas graves, que lhe faziaõ aſſiſtencia: voltou a todos os olhos com ſocego; e com voz deſembaraçada pedio a todos perdaõ do mao exemplo, que lhes dera, continuando em huma exhortaçaõ ſobre o que os Catholicos (e eſpecialmente Prelados) deviaõ dar na vida, e na morte, authorizando o que dizia com lugares Sagrados, e acçoens de Santos, com tanta propriedade, e taõ genuina accommodaçaõ trazidos, como ſe aquella hora o permittira, ou elle deſconheceſſe que eſtava nella. Tal era ſeu ſocego! Tal ſua advertencia!

Mas

Mas aquelle era o eftylo, com que os grandes Prelados da primitiva Igreja paffavaõ defta á melhor vida.

Acabou: e pondo os olhos em hum Chrifto crucificado, fufpendia a voz, para que fallaffe o efpirito, quando dos Religiofos, que lhe affiftiaõ, lhe diffe hum: *Senhor, grande confolaçaõ terá Voffa Senhoria, de que fe lhe acabem os trabalhos com huma vida, que, fervindo fempre a Deos, mereceo o ultimo premio, como o prometteo S. Paulo: Ipfe autem falvus erit.* Ao que com promptidaõ, e voz clara, e percebida de todos, refpondeo: (continuando o lugar do Apoftolo) *Sic tamen quafi per ignem.* Como fe differa: Sim fe falvará, mas como paffando por fogo. Quiz parecer, (porque em hum tal Varaõ, em tal hora, e com tal advertencia naõ deixava de fer myfteriofa a continuaçaõ do Texto, que fe lhe tinha trazido) que fallava de illuftrado, ou como taõ grande Theologo, deixando pendulo, e dubio o conceito, que fe podia formar daquellas palavras: *Sic tamen quafi per ignem*, naõ fe entendendo de proprio, ou determinado fogo. Porque na intelligencia do Anjo das Efcolas, noffo Meftre Santo Thomaz, valem tanto como dizer: *Effe, que foy Meftre, e enfinou, confeguirá a vida eterna, mas paffando por martyrio, por fogo, por penalidade, ou nefta vida, ou no fim della, ou no fim do Mundo.* E quem como efte penitente Prelado viveo em hum continuado martyrio, parece, que fallava de fi, como já vifinho áquelle ultimo premio.

1. ad Corinth. cap. 3. n. 105.

Salvus erit falute æterna, fic tamen quafi per ignem, quem fe prius fuftinuit, vel in hac vita, vel in fine hujus vitæ, vel in fine mundi. D. Thomas hic.

Tornou a levantar os olhos, já nevoados com as fombras da morte, e pondo-os no Crucifixo, lhe entregou por elles a alma, trocando-felhe a cor palida em huma taõ viva, e gefto taõ compofto, e bem affombrado, que lho naõ conheceraõ femelhante, nem o viraõ com taõ boa prefença no mayor vigor de fua vida. Mas effas eraõ as ventagens da que agora lograva. Teftemunhou-o affim o Padre Frey Manoel do Rofario, Religiofo da Ordem, reformado, e digno de credito, de que atraz temos já fallado. Naõ mereça menos credito o Padre Fr. Ignacio de S. Payo, Religiofo tambem da Ordem, que affiftia ao bom Prelado. (e efte o feu mayor abono, fer feu efcolhido.) Advertio efte Religiofo, que fobre o apofento do moribundo fe deixara ver hum cometa, mais vivo naquella hora, porque confta, que muitos dias antes fe divifara. O em que faleceo o Santo Prelado foy o de 26. de Fevereiro de 629. ás cinco para as feis horas da tarde.

Divulgou-fe a morte pela Cidade, com huns effeitos taõ funebres, como fe fora enlutando os coraçoens de feus habitadores. Todos perdiaõ; os pobres pay; as ovelhas paftor; a Igreja Prelado. Diziaõ-no os clamores dos neceffitados, confirmava-o a trifteza, e lagrimas de todos. As mâys apertavaõ nos braços os pequenos filhinhos, e diziaõ: *Filhos, donde hemos de ir? A quem haõde recorrer noffas neceffidades, que morreo o Pay dos pobres?* Eftes lamentavaõ: *Quem nos defenderá dos poderofos, da foberba, da arrogancia, e da violencia, fe fe quebrou o efcudo da noffa honra, e da noffa vida:* Diziaõ outros:

Quem

Quem ſe doerá de nós? Da noſſa afflicçaõ, da noſſa miſeria, da noſſa deſgraça, Se já ſe acabou a piedade, a comiſeraçaõ, a laſtima, e a clemencia? E todos em hum lamento confuſo diziaõ, e bradavaõ: *Donde eſtá o noſſo Biſpo ſanto?* Com eſta demonſtraçaõ (repartida, e repetida pelas janellas, e pelas ruas) acompanharaõ o corpo até a ſepultura. Abrioſe-lhe eſta no pavimento da Capella môr da Sé, para a parte do Evangelho; cobre-a hum grande marmore, em que ſe lêm eſculpidas eſtas letras:

Sepultura do Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, Biſpo que foy de Viſeu. Faleceo a 26. de Fevereiro de 1629.

Pequena urna para tanto Fenix, a naõ tomar a fama á ſua conta outra mais elevada; ou a naõ ſer empreza dos que o ſaõ na virtude, quererem, que ſó lha lavre a humildade. Era o Meſtre Frey Joaõ de proporcionada eſtatura, roſto bem afigurado, mas deſmayado, e ſeco, de exercicios penitentes. Eſtes, como todos os de ſua vida, lhe grangearaõ a antonomaſia de Biſpo Santo, com que ainda em vida o appellidava todo aquelle Biſpado.

CAPITULO XII.

Do Padre Frey Franciſco da Purificaçaõ, e o Padre Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, ambos filhos do meſmo Convento de Evora.

O P. Fr. Franciſco da Purificaçaõ.

TOmou o habito, e profeſſou neſte Convento tambem por filho delle o Padre Fr. Franciſco da Purificaçaõ, moſtrando na latinidade, recolhimento, e amor do eſtudo hum talento de tantas eſperanças, que logo começaraõ a ter experiencia no exercicio das Aulas, paſſando ao Collegio de Coimbra, dalli ao Porto, a ler a Cadeira de Moral, que temos publica naquella Cidade, com grande, e experimentado fruto dos Eccleſiaſticos, que alli bebiaõ, e bebem as primeiras doutrinas, adeſtrando-ſe a apacentar o rebanho das ovelhas de Chriſto naquella Provincia, e mais Igrejas deſte Reyno. Naõ era menor o intereſſe, com que o eſcutavaõ no Pulpito, ſendo tanta ſua capacidade para elle, que ouvindo-o cada dia, nem lhe afroxava o auditorio, nem lhe enfraquecia o talento. Do Porto paſſou a Lisboa a continuar a leitoria de Moral no Collegio da Rainha Dona Catharina. Neſte tempo foy eleito Prior de Elvas, Patria ſua; e reſtituido depois á ſua Caſa de Evora, ordenou novo modo de vida.

Era a ſua até alli ordinaria, mas deſcobrindo-ſe já nella almas luzes de que ſe encaminhava á perfeita, em hum genio humilde, e modeſto, huma ſinceridade de animo, que talvez parecia incomparavel com a agudeza de ſeu entendimento, huma pontualidade na aſſiſtencia do Coro, eſpecialmente nocturno,

no, por mais que a occupaçaõ do eſtudo o tinha diſpenſado; e finalmente hum coraçaõ brando, inclinado ao bem do proximo. Com eſte eſtylo de vida foy paſſando, até que alguns annos antes de ſua morte o illuſtrou o Ceo para aperfeiçoalla, merecendo na paſſada o conſelho de adiantar o que lhe reſtava della. Retirouſe de todo o commercio, (ſem ſer viſto mais que nas Communidades) empregando o tempo, que lhe grangeara o retiro, no exercicio da oraçaõ, em que ſe inflammava para os empregos da penitencia, cercando-ſe de cilicios, tomando todos os dias huma diſciplina, e apertando os jejuns da Regra, a que accreſcentava outros de mayor eſtreiteza. Fora ſempre devoto da Senhora do Roſario: agora, como ſe para ella ſó vivera, naõ lhe deixava o Altar. Nelle officiava o Terço todos os dias; nelle cantava a Miſſa todos os Sabbados; nelle fazia as Praticas todos Domingos, tratando-ſe em tudo como hum humilde Capellaõ ſeu.

De noite ſe detinha orando diante de ſua Imagem; em huma o aſſaltou, ao que parece, hum penſamento deſeſperado, (repreſentaçaõ do inimigo, a que ſeu concerto de vida traria já cuidadoſo) porque rompendo o ſilencio em voz alta, e choroſa, como deſafogando-ſe de huma grande agonia, diſſe fallando com a Senhora: *Eu heime de perder Senhora? Naõ fio eu taõ pouco de voſſa grande piedade, e miſericordia: antes ſeraõ os meus peccados occaſiaõ de moſtrar que ſois Mãy de Deos.* E callou continuando os ſoluços. Teſtemunharaõ-no alguns Religioſos, (que ſe achavaõ fazendo oraçaõ em diverſas, e diſtantes Capellas) de que Frey Franciſco ſe julgava ſeguro, por ſer fóra de horas.

Enfermou pouco tempo depois, e aggravando-ſelhe a doença, eſcutou ſem ſuſto o ultimo deſengano da vida. Recebeo os Sacramentos devoto, e alvoroçado. Aſſim lhe cahiaõ dos olhos as lagrimas com deſaſſombro, ſahindo-lhe com o meſmo as jaculatorias do peito. Julgava-ſe aquella inteireza por favor de ſua ſoberana Advogada, entendendo-ſe lhe anticipara a noticia de ſua morte, e de que ſe lhe ſeguiria a eterna felicidade; porque, acabada a Unçaõ, chamou hum Religioſo de ſua confiança, e com hum eſtranho ſocego lhe pedio, que mandaſſe dizer a humas ſobrinhas ſuas, que elle eſtava para ſe partir para o Ceo; que ſe naõ deſconſolaſſem, e encomendaſſem tudo a Deos. E voltando-ſe para os Religioſos, que o Prelado, como he coſtume, tinha poſto, para lhe aſſiſtirem, lhes diſſe: *Bem podem ir deſcançar, que iſto naõ he para agora, porque naõ acabarey ſenaõ daqui a oito dias, na primeira Oitava do Natal.* Admiraraõ-ſe todos naõ ſó do que dizia, mas da grande ſegurança, e aſſento com que o propunha; mas moſtrou-o aſſim a experiencia.

Paſſou os oito dias com huma paz, e vida Angelica, ſem mais que fallar em Deos, pedir, que lhe rezaſſem, ou ajudaſſem a rezar o Officio, e Roſario da Senhora, e outras devoçoens, que eſcutava com muita doçura; e chegada a primeira Oitava, depois de advertir, que lhe puzeſſem á cabeceira a Imagem da Senho-

Senhora do Rosario, e de Christo Crucificado, disse a hum dos Religiosos, que lhe assistiaõ, que fosse tocar as taboas, para que se ajuntasse a Communidade. Tocou-as, ainda que com repugnancia, porque naõ havia no enfermo final de ser aquella a ultima hora. Com o mesmo conceito resistiaõ os Religiosos a lhe rezar o Officio da agonia, mas pedia-o, e huma véla acceza com tal instancia, que pareceo naõ se lhe dilatar o que pedia. Tomou a véla, e acabado o Officio, espirou placidamente, deixando a todos igualmente sentidos, e consolados, em a primeira Oitava do Natal, como dissera, anno de 1643. Está sepultado no Capitulo.

O M. Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

Nunca o estará o nome de outro filho, em que esta Casa podia livrar todo o seu credito, o Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ. Nella tomou o habito, e este foy o berço, em que começou a criar os espiritos, com que depois triunfou, se naõ de serpentes, de trabalhos. Abraçou todos os da Religiaõ com tanta ancia de fazer com elles ditosa grangearia, que nem o mais arduo estudo lhe enfraquecia a constancia. Parco, recolhido, penitente, e adiantado em huma exemplar refórma, como em annos, quiz sacrificar a Deos os mais robustos em mais preciosos empregos. Embarcouse para a India, donde exercitada, e conhecida sua grande capacidade, (com que authorizou as Escolas daquella Congregaçaõ) alcançou o grao de Mestre, sem que nos annos, em que o andou merecendo, afroxasse em Pulpito, e Confessionario na applicaçaõ da cultura Evangelica, para que o Pay de Familias o chamara.

Ou fosse outra a causa, ou desejos de dar os ultimos abraços á Patria, voltou para ella; fez o caminho por terra, com a industria de caminhar, e aprender, e com tanta ventura, que passando por Armenia, escutou muito acaso naquelle remoto clima os já enfraquecidos eccos da voz Evangelica do espirito Dominicano, que obediente ao Instituto Apostolico, naõ se estreitou a hum só hemisferio: *In omnem terram exivit sonus eorum.* Psalm. 18. Naõ lhe valeraõ a Armenia as distancias com que olha para a Europa; lá penetraraõ os descobridores de melhores Indias, avaliando por thesouros as almas, que enriqueciaõ Catholicas. Achou aqui o Mestre Frey Antonio hum pequeno, e pobre Convento de Armenios Dominicanos, e observantes a seu estylo, mas guardando nelle taõ pouca politica Christãa, que os mesmos Sacerdotes cultivavaõ a terra, passando do Altar a pegar na enxada.

De outra fórma temos tambem esta noticia, que o que achou o Mestre Frey Antonio, naõ era Convento, mas alguns Religiosos dispersos por differentes partes, vivendo com liberdade secular, mas pobremente, sem terem de Dominicos, e Religiosos mais, que o nome. Começou a congregallos, ou advertillos o novo hospede, a darlhe larga, e miuda relaçaõ de nossas ceremonias, de nosso exercicio, e observancias; pendiaõ da boca do prudente Legislador, como de Oraculo, que o Ceo lhe destinara para sua refórma, e era a vida, que nelle

observavaõ, huma animada estampa, a que cada hum começou a compor a sua. Desejavaõ Prelado o que escutavaõ Mestre, recorreraõ a Roma, veyo o Mestre Frey Antonio feito, e confirmado em Provincial de Armenia. Entaõ entrou em mais maduros cuidados de Legislador; fezlhe a nosso estylo Actas, e Ordenaçoens, que vio obedecidas no tempo de sua prelazia, com tanta gloria de as ver observadas, como os subditos com gosto de se verem observantes. Assim os deixou taõ industriados, como saudosos; e passou a Roma.

Era pelos annos de 1684. celebrava-se o Capitulo geral, em que sahio eleito em Mestre da Ordem o Mestre Frey Joaõ Bautista de Marinis. Achava-se na Curia o Presentado Frey Manoel de Vasconcellos, assistindo a algumas importancias do Mestre Frey Diniz de Lancastro, Provincial desta Provincia, que tendo noticia da assistencia do Mestre Frey Antonio, mandou ordem, para que no Capitulo entrasse como Diffinidor, e o Presentado Fr. Manoel como Socio. Assim conheceo Roma o seu talento, que ainda entre as primeiras personagens fazia vulto, e taõ grande lugar a sua pessoa, que a teve aquelle grave Congresso por hum espelho da observancia, a que toda a Ordem se podia compor, e de que se devia authorizar.

Chegado a este Reyno, naõ tardou Bemfica em o querer ver seu Prelado, como Casa reformada, e costumada a semelhante escolha. Elegeraõ-no aquelles Religiosos em Prior, honra, que recebeo com agrado, por ter experiencia da verdade, com que naquella Casa costuma ser escravidaõ a prelazia. Alli viveo contente, alli esmerou as pontualidades de observante, vendo-se obedecido de huns subditos, donde a refórma, antes que ley, parecia escolha, antes que mortificaçaõ, competencia. Descançava do cargo, quando o Tribunal do Santo Officio de Evora o chamou para seu Deputado. Ainda que honroso, era trabalho, havia de achallo prompto; deixou Bemfica, partio para Evora. Faleceo por este tempo, em que se contavaõ os annos 1654., o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro. Promoveo a Sede Vacante ao Mestre Frey Pedro de Magalhaens de Deputado ao lugar do Conselho Geral da Inquisiçaõ de Lisboa; suspiravaõ nella, e nelle pelo Mestre Frey Antonio, veyo a occupar o lugar de Deputado, que deixava o Mestre Frey Pedro.

Eraõ já publicas as noticias de religiaõ, e letras, com que o Mestre Frey Antonio se fazia buscado, para plantar, ou cultivar refórmas; naõ quizeraõ as muito Religiosas Madres do Sacramento, que se queixassem do seu voto humas qualidades destinadas a ser exemplo. Pediraõ-no, e tiveraõ-no Vigario; mas hiase abbreviando a carreira de sua vida, tantos annos antes sepultada, porque naõ era seu habito mais que huma estreita mortalha, que o cingia. O jejum continuo, as penitencias repetidas, e descarregadas em hum corpo seco, e descarnado, o tinhaõ reduzido a hum vivo esqueleto. Cahio enfermo: e conhecendo logo, que naõ seria a a cama mais, que hum breve des-

defcanço para tornar a caminhar para a fepultura, chamou o Enfermeiro, e fiando delle parte do thefouro, com que tinha comprado o Ceo, lhe entregou huns cilicios, e difciplinas, para que os fepultaffe donde ninguem os viffe, porque naõ fiava do eftado, em que eftavaõ, o fegredo do eftylo com que ferviraõ. Pedio, e recebeo os Sacramentos com animo inteiro: e entre demonftraçoens penitentes, e compungidas, acabou taõ fuavemente a vida, como fe fe lhe anticipara a certeza de melhoralla, em 15. de Outubro de 1665.

Foy o Meftre Frey Antonio da Encarnaçaõ hum dos finalados Theologos do feu tempo, de clariffimo entendimento; de fua difcriçaõ, e natural elegancia nos ficou fegura memoria no additamento, em que defcreveo o Convento de Bemfica no eftado em que o poz o defvelo, e induftria do Veneravel Padre Meftre Frey Joaõ de Vafconcellos. Le-fe na fegunda Parte da Chronica do Padre Frey Luiz de Soufa, cuja vida efcreveo tambem no Prologo della, taõ obfervante nas regras da legitima hiftoria, que parece, que com affumpto lhe deu tambem a penna o Chronifta. Sem duvida da maõ lha tirou a morte, embaraçando-lhe femelhante emprego, a que tinha feito Prologo nas relaçoens das Chriftandades de Solor, que imprimio, naõ deixando de fer culpavel em fua mefma modeftia, o naõ querer deixarnos em mais largo papel mayor doutrina. Mas praticada maxima entre os grandes talentos, que fempre teve, e tem efta Provincia, fepultar prendas, como fe as legitimas temeraõ, e fe acautelaraõ contra as jactancias, ou naõ as deftinara o Ceo para publicas, caftigando as omiffoens dos que, fepultando o talento, efperdiçaõ o lucro. Tem fepultura no Capitulo de S. Domingos de Lisboa. Nem fe defcuidou o Ceo de fingularizalla na opiniaõ, que ainda corre de que fe vio feu corpo inteiro alguns annos depois de fepultado. Foraõ os que viveo 67. para 68.

CAPITULO XIII.

Do Meftre Frey Valerio de Saõ Raymundo, Bifpo que foy de Elvas, filho defta Cafa de Evora.

O Mais moderno filho defta Cafa, e digno de que ella fe jacte de o merecer filho, como efta Provincia de o obedecer Prelado, e a Cadeira de Elvas Bifpo, foy o Meftre Frey Valerio, filho da nobre Villa de Eftremoz, de pays honeftos, de que fahio com huma Chriftãa educaçaõ. Paffou nos primeiros annos á da Religiaõ Dominicana, vivendo nella com obfervancia, e inteireza de vida; nos eftudos correo as Cadeiras com tal reputaçaõ de Letrado, que foy Oraculo da Theologia no feu tempo. Nas prelazias foy taõ conhecido, e bufcado o feu zelo, que, depois de occupar muitas, chegou á de toda a Provincia, em que fua feveridade defempenhou a refórma, como a fua capacidade encheo o lugar. Affim o pertendiaõ os da mayor obfervancia, que o Mofteiro do Sacramento (centro della) o pedio, e confervou

O M. Fr. Valerio de S. Raymundo.

vou muito tempo seu Vigario. Chamou-o o Tribunal supremo da Inquisiçaõ para seu Deputado, primeiro de Evora, depois de Lisboa, adonde passou para o lugar do Conselho Geral, que exercitou, e encheo com suas letras, prudencia, e modestia, acompanhadas de huma agigantada estatura, de hum aspecto isento, e carregado; naõ porque o fosse o seu genio, mas porque nasceo (como sua capacidade) seu grande talento com aquella recomendaçaõ de respeitado.

Finalmente acclamaçaõ commua, que seguia, e espalhava seu merecimento, com as notorias, e excellentes calidades de grande Religioso, e grande Letrado, o offerecia nas consultas aos melhores votos deste Reyno, para os cargos, que nunca o acharaõ pertendente, e sempre benemerito; desengano com que elRey Dom Pedro II. o poz na Cadeira Episcopal de Elvas, que venturosamente o recebeo Prelado, e o experimentou Pay. Foy sagrado em 10. de Mayo de 1683. no Religiosissimo Mosteiro do Sacramento, em que actualmente era Vigario, pelo Illustrissimo Arcebispo Inquisidor Geral Dom Verissimo de Lancastro, Assistentes o Bispo do Rio de Janeiro, e Secretario de Estado Dom Fr. Manoel Pereira, e o Bispo de Angra Dom Lourenço de Castro, ambos da Ordem dos Prégadores, como se verá nestes escritos. Tomou posse do Bispado em 22. de Março de 1683. Naõ mudou Frey Valerio mais que de Cidade, porque naquella começou o seu Palacio a ser mais hum Convento Dominicano. O nû, e despido de suas paredes, o pobre de suas alfayas, o modesto, e moderado de sua Familia, naõ era outra cousa. Com o pobre ornato da sua cella, que levou do Convento de S. Domingos de Lisboa, poucas cadeiras, barra de pao tosco, mantas, e cubertas de seu uso, passou a occupar, e vestir as casas em que fallava, e se recolhia. Na sua mesa (que era tinelo, a que entrava com os Religiosos, que lhe assistiaõ, e alguns Ecclesiasticos de seu serviço, que naõ passavaõ de quatro) desconhecido sempre o regalo, naõ entrava mais que hum prato, (e esse moderado) para sustento. O serviço da mesa, com ordem, e composiçaõ de hum religioso, e concertado refeitorio, aceyo sem ostentaçaõ, ou ornato, porque a sua prata era só a que servia nos Pontificaes.

Da assistencia da sua Sé só se dispensava enfermo. A estes por suas mãos administrava o Viatico, em quanto os achaques lhe naõ impediraõ este exercicio; mas nem poderaõ elles mais que sua caridade; que aos Prelados legitimos da Igreja cahemlhes os grilhoens do pés, e mãos, quando he para o serviço della. Já o bom Prelado se movia com difficuldade, cheyo de chagas, e miserias, effeitos, e resultancias de huma vida, passada entre o desvelo dos livros, e exercicios religiosos, quando eis-que hum dia (a tempo, que todo o Povo tinha concorrido á praça da Cidade a hum divertimento de Touros) vem recado á Sé, pedindo a Unçaõ para hum moribundo. Fezse sinal ao Paroco, para que acodisse; repetiose sem effeito; fez repa-

Et cecide-runt catenæ de manibus ejus. Act. Apost. cap. 12.

reparo o Biſpo, manda ſaber a cauſa, e parecendo-lhe, como vigilante Paſtor, arriſcada a detença, ſahe de caſa ligeiro, já antes deſconhece, que atropella o embaraço dos pés; entra na Sé, acompanhado dos ſeus Religioſos, e Meſtre-Eſcola, ſahe como Oleo ſagrado, e naõ podendo ſer ſenaõ pela praça, em que ſe divertia o Povo, o caminho para caſa do enfermo, ſe ſuſpendeo todo aquelle concurſo á viſta daquelle Prelado, daquelles annos, e daquelle zelo.

Eſte era o que tinha o Biſpo Frey Valerio para acodir ás ſuas ovelhas. Igual, e inflexivel o da honra de Deos, ſendo ſua vigilancia digna de mais dilatada vida, que ainda que ſe prolongou a ſua, ſempre parece ſer breve a que he taõ neceſſaria. Roubou a morte na ſua capacidade hum dos mayores eſpiritos, que ſuſtentaraõ aquella Mitra. Choraraõ-no os neceſſitados, e ainda hoje o ſuſpiraõ os zeloſos, porque no eſpaço de ſeis annos deixou exemplo para muitos Prelados, e ſaudades para muitos ſeculos. Morreo pobre, como viveo eſmoler; e acabou com ſocego de eſpirito, como quem ſempre conſultara com elle as obrigaçoens do cargo. Enterrou-ſe entre os ſeus Frades no Convento de Elvas, na Caſa do Capitulo, que fez para jazigo delles, e ſeu. Faleceo em 29. de Julho de 1689. Le-ſe na pedra de ſua ſepultura eſte Epithafio:

D. Frater Valerius à Sancto Raymundo, in Sacra Theologia Magiſter, ex Ordine Prædicatorum, olim in hoc regno Prior Provincialis, Regis, ſupremique Sancti Officii Tribunalis Conſiliarius, ac nonus Epiſcopus Elbenſis, hoc juſſit ædificare ſacellum, pro ſua, ſuorumque fratrum ſepultura, in quo nullus alius poterit ſepeliri.

Obiit die vigeſima nona Julii,
anno 1689.

Mors omnibus utilis: quieſcunt
boni mortui.
Ceſſant peccare improbi.

CAPI-

CAPITULO XIV.

De alguns Religiosos filhos desta Casa, notaveis em virtude, e letras.

COm advertencia deixey para este ultimo Capitulo, (quanto á noticia desta Casa) estes filhos della, naõ lhe desconhecendo, ou negando a antiguidade, que tinhaõ quasi todos a respeito dos que ficaõ escritos; mas conhecendo, com a continua queixa do nosso descuido, que de nenhum podia haver noticia capaz de encher Capitulo, a que só todos juntos podiaõ dar corpo. Mas nem quero, que percaõ o foro de mais antigos, por entrarem ultimos nesta escritura, como nem seraõ dignos de menos gloria, por naõ tella mais dilatada, entendendo-se, que foy antes roubo do tempo, que falta de assumpto. Assim ficará bastando o seu nome para fiador de sua vida, como este Capitulo para Catalogo de sua gloria.

O P. Fr. Jeronymo Ramos. Mereceo-a de grande, e verdadeiro filho de S. Domingos o Padre Frey Jeronymo Ramos, (que o foy tambem desta Casa) que com voto, e applauso commum se deixou ouvir nos Pulpitos deste Reyno com tanta agudeza de engenho, como fervor de espirito. Duraõ ainda em alguns papeis os eccos daquellle brado, que emprestou á sua fama, e em que se deixou perceber o exemplar de sua vida. Perpetuou o Prélo a que escreveo do Infante Santo Dom Fernando.

O P. Fr. Thomaz do Espirito Santo. Floreceo no mesmo tempo o Padre Mestre Frey Thomaz do Espirito Santo, a que tradiçoens, e memorias mais antigas daõ o nome de Veneravel, escutado naquelle seculo, taõ costumado a achar sogeitos dignos delle, como a naõ o empregar em quem o naõ fosse. Viveo este Padre muitos annos na India, em que conservou com incançavel zelo a refórma, exercitando os Priorados de mais importancia com taõ conhecido interesse de todos, que houve de occupar lugar, em que se estendesse a todos elles. Assim foy primeiro Vigario, Geral, depois Visitador Geral, daquella Congregaçaõ, a voto, e diligencia do Veneravel Padre Mestre Fr. Francisco de Bobadilha, que entaõ governava esta Provincia.

O M. Fr. Thomaz Galvaõ. Naõ foy digno de menos memoria o Mestre Frey Thomaz Galvaõ, pois entre os grandes descuidos, (braços, em que nesta Provincia espiraõ as memorias de semelhantes talentos) que continuamente vamos sentindo, e culpando, conseguio o conservarse seu nome com alguma individuaçaõ em hum assento, que se achou nesta Casa, e diz o seguinte:

Erat vir acerrimi ingenii, egregius Prædicator, & Orator, qui etiam ſtudioſiſſimus fuit non ſolùm linguæ Latinæ, ſed Græcæ etiam, & Hebraicæ; naufragio periit in Indiam navigans cum aliis graviſſimis, doctiſſimiſque Patribus. Anno ſalutis 1590. *die* 18. *Decembris ex portu Ulyſipponenſi profectus eſt.*

Vem a dizer no noſſo idioma: Foy Varaõ de perſpicaz, e vivo engenho, Prégador, e Orador celebrado, eſtudioſiſſimo, e verſado nas linguas Latina, Grega, e Hebraica. Pereceo em naufragio, paſſando do porto de Lisboa aos remotos da India. Partio delle em 18. de Dezembro de 1590.

Naõ ſe reconheceo menos talento em ſeu irmaõ o Meſtre Frey Ignacio Galvaõ, que deſta Caſa foy tambem filho, e ella o reconheceo Prelado. Foy grande ſua capacidade para tudo, dotado de hum fecundiſſimo engenho, ajudado de grande eſtudo, como ſe collige de dous Tomos, que eſcreveo ſobre a reza de Santo Thomaz; doutos igualmente, e diſcretos, ſendo mimo da Providencia a deſtreza artificioſa de ſua penna (de que era dotado) para que o bem diſcurſado tiveſſe tambem a ventura de bem eſcrito. Tiroulha da maõ a morte, quando a hia alargando em hum diſcurſo ſobre o Pſalmo *Miſerere*.

O M. Fr. Ignacio Galvaõ.

Foy tambem filho deſta Caſa o Meſtre Frey Pedro Calvo, com quem gaſtamos ſó a noticia de ſer filho della, porque de ſua capacidade grande no Pulpito he voz ainda viva a ſua prédica, que em trez Tomos anda pelas mãos dos melhores profeſſores della, que ſabem eſtimar o ſolido, o ſincero, e o Chriſtaõ de ſua doutrina, bem eſcutada naquelle ſeculo, em que ainda naõ tinhaõ ſobido ao Pulpito os eſcandalos de tablado. Naõ he menor argumento de ſua erudiçaõ outro Tomo, que intitulou *Lagrimas dos Juſtos*. Foy benemerito Prégador de Filippe II. em Portugal III. em Caſtella.

O M. Fr. Pedro Calvo.

Mas demnos licença os filhos deſta Caſa, a reconhecer ſingular a hum, que naõ ſó o foy para ſua gloria, mas de toda eſta Provincia, por ſuas grandes calidades, e as que ſó coſtumaõ fazer vulto nos votos della, como ſaõ virtude, e ſciencia. Com eſtas ſe fez conhecido o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, taõ reformado, e obſervante Religioſo, que muitos annos o conſervou Vigario o Moſteiro do Sacramento. (Diſſemos já, e ainda o repetiremos em ſeu lugar, que he aquella Vigairaria o melhor argumento de virtude, e authoridade nos eſcolhidos para ella). Alli aſſiſtio o Meſtre Frey André como em centro de ſeu eſpirito, deſcançando dos largos exercicios do eſtudo, a que o tornaraõ a reſtituir, mandando-o ler a Cadeira de Prima na Univerſidade de Coimbra, como ſe roubaſ-

O M. Fr. André de Santo Thomaz.

roubassem hum centro á sua virtude, para restituirem outro ás suas letras. Fraõ estas assim grandes, e conhecidas, que se naõ poderaõ negar áquella esféra, a que chegaõ as mais abalizadas. Faleceo, e sepultouse no Collegio de Santo Thomaz de Coimbra, na Capella môr, donde hum grande marmore o cobre; e ao Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ, seu antecessor na Cadeira, de que passou á do Bispado de Angra. Em taõ breve espaço escondeo a morte dous talentos, que parece estreitavaõ o Mundo nomeados. A inscripçaõ, que se lê na pedra, continúa a noticia de ambos, mas partillahemos, para que tenha cada hum em seu lugar a noticia, que lhe toca. Diz assim:

Prædicatores Theologi Academiæ Primarii....
E continúa na parte inferior.
Frater Andreas á Sancto Thoma Transtaganus, Consultor Sancti Officii, præclarum regularis observantiæ exemplar.

Vem a dizer: Prégador Theologo, Lente de Prima desta Academia, Frey André de Santo Thomaz Trastagano; Consultor do Santo Officio, exemplar reconhecido da observancia Regular. Fique a outra parte do Epithafio para acompanhar as noticias do Mestre Frey Antonio.

Naõ he menor argumento para authorizar as do Mestre Frey André o assento, que se lê, e guarda em hum livro antigo, que está no Cartorio do mesmo Collegio, e diz o seguinte: *Seguiose por Lente de Prima da mesma Cadeira o Padre Mestre Frey André de Santo Thomaz, de muita virtude, e letras; foy verdadeiro filho de S. Domingos, e verdadeiro discipulo de Santo Thomaz, morreo neste Collegio, em o qual fez o retabolo da Igreja, e a morte o impedio naõ acabar o Dormitorio, e enriquecer este Collegio, ao qual deu tudo.*

Nem se póde dizer mais de suas letras, e virtude, senaõ que foy verdadeiro filho daquelle Pay, e verdadeiro discipulo daquelle Mestre.

Porém naõ se jactem as letras de que vestem mais azas á virtude, quando se naõ levanta menos nos braços singeleza, e sãa simplicidade, como o meditava bem a Aguia de Agostinho, encolhendo as azas á vista dos vigorosos voos, com que arrebataõ o Ceo os menos doutrinados. Assim o entendia, assim o suspirava. Temos para exemplo, entre tantos talentos, tantos Letrados, o Irmaõ Converso Fr. Paulo do Ermo, que ainda sepultando comsigo as acçoens de sua vida (notavel sem duvida, como testemunhaõ em commum as memorias della) se faz taõ grande lugar entre os que o tiveraõ grande, que basta a pedra de sua sepultura para mudo Chronista. Ve-se na mesma Casa de Evora, e lese nella o seguinte:

Genibundus protulit: surgunt indocti, & violenter rapiunt cœlum. D. Augusti. in ejus vita.

O Irmaõ Fr. Paulo.

Frater Paulus de Eremo, Converſus, Communitatis zelo, & devotione accenſus hic ſitus. eſt 1623.

Vem a dizer: Jaz aqui Fr. Paulo do Ermo, Irmaõ Converſo, abrazado em fogo de devoçaõ, e zelo caritativo com ſua Communidade.

O P. Fr. Gaſpar do Roſario.

Ainda que naõ com letras, com diviſas, ſe diſtingue tambem a ſepultura do Padre Frey Gaſpar do Roſario, a que ella dá o nome de filho deſta Caſa, naõ ſe deſcobrindo noticia ſegura de que foſſe outra. Foy eſte Padre obſervantiſſimo, capacidade, que muitos annos o deteve na occupaçaõ de Meſtre de Noviços. Todo o tempo, que lhe reſtava da aſſiſtencia deſtes, gaſtava em oraçaõ no Coro. Depois de recolhidos de Matinas, aſſim os diſcipulos, como os mais Religioſos, tornava a elle com cautela; a conſervaçaõ deſta, na aſſiſtencia da Igreja, o ſogeitou ao trabalho de Sacriſtaõ o tempo, que eſteve eſcuſo do noviciado. Entaõ com mais liberdade amiudava as diſciplinas, infalliveis á ſeſta feira, naõ podendo eſconder a crueldade com que ſe feria, ou nos golpes, que ſe ouviaõ a boa diſtancia, ou no ſangue, que cobria mal a ſua induſtria, e diligencia.

O ſeu ſuſtento, paõ groſſo, e o mais duro, que diſſimuladamente lançava em hum pouco de caldo. Caritativo ajuntava á ſua reçaõ os ſobejos, que procurava da meſa, e paſſava á Portaria a polla aos pobres; com elles era todo o extremo de piedade, como toda a diligencia em aproveitar tudo á Caſa. O deſcuido ſó comſigo, hoſpedando-ſe mal, aſſim de interiores, como de cama de lãa. Era de coraçaõ ſingelo, aſſim taõ facil em ſe deixar enganar da malicia, e da traveſſura, como em ſe mover a lagrimas, mas empregadas ſempre em objectos pios, outras vezes cahindo-lhe voluntarias; feriaõ fruto de ſua contemplaçaõ. Eſte dom piedoſo lhe ganhou com a ſemelhança o nome daquelle Profeta, (porque lhe chamavaõ o Jeremias) que as trazia ſempre nos olhos. Aſſim parece, que reproduzira o Ceo em Frey Gaſpar a ſua piedade, e o ſeu zelo, para lamentar em o ſeculo naõ menos calamitoſo. Faleceo neſta Caſa com as demonſtraçoens, que ſe eſperavaõ de ſua vida, e grande opiniaõ, que ainda hoje dura.

O M. Fr. Manoel Ferreira.

Naõ foy menos a que deixou o Meſtre Frey Manoel Ferreira, Deputado do Santo Officio no Tribunal de Evora, ainda que ſem noticia individuada do que nos podera dar materia a mayor eſcritura. A modeſtia nos olhos, e roſto, a reforma nas acçoens, e habito, davaõ bons indicios da eſtreiteza, em que vivia ſeu eſpirito. Na Cadeira ſe fazia eſcutar com reſpeito, com goſto, e admiraçaõ no pulpito, ainda que pouco confiado nas promptidoens da memoria. Prudente, e ſofrido, naõ ſó o achavaõ as injurias mudo, mas ainda benevolo.

volo. Assim viveo, e morreo, com opiniaõ commua de grande Letrado, e grande Religioso.

O P. Presentado Fr. Antonio Vel.

Com estas duas calidades se grangeou singular reputaçaõ o Padre Presentado Frey Antonio Vel. Crescia esta cada dia mais nos olhos do Povo, que o reparava huma viva imagem da observancia. Tal era sua compostura em os olhos, e acçoens, naõ só no publico da Cidade, mas no retiro do seu Convento. Acabou as Cadeiras, que occupou, e encheo com bom nome, e dispensando-o a Religiaõ, como faz aos Presentados, em premio de tantos annos de trabalho, elle recusando modestamente esse premio, começou a seguir as Communidades com as pontualidades de particular Religioso, assistindo a tudo, como o mais obrigado. Grande ministro da occupaçaõ Dominicana, sobia ao Pulpito com applauso dos ouvintes, e lucro das almas; o que por seu trabalho lhe offereciaõ, passava logo ás mãos da pobreza, talvez ao pé do Pulpito, em que o merecia, e grangeara. Assim era caritativo. Experimentava-o o desamparo de gente honrada, de que na Cidade tinha noticia, acodindo-lhe todos os mezes, ou com o suor do seu trabalho, ou com a limitaçaõ do seu deposito. Faleceo com o socego de quem no Ceo o tinha guardado, como se aprendera do Apostolo assim a diligencia, como a esperança. Está sepultado nesta Casa. Na sua sepultura se vem huns azulejos com o seu sobrenome por divisa. Costuma inculcar veneraçaõ semelhante advertencia.

1. ad Thimot. 1. 12. Potens est depositũ meum servare. Depositũ æternam salutem quam eminet pauperibus erogando. Hugo, hic.

O M. Fr. Gaspar de S. Jeronymo.

O P. Fr. Antonio Tarrique.

Do Mestre Frey Gaspar de S. Jeronymo, que foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India, e Deputado do Santo Officio, e Frey Antonio Tarrique tambem Deputado em Evora, ha memorias de religiaõ, e letras, mas confusas, e fiadas só da tradiçaõ, que escureceraõ os tempos, talvez com a injuria de nos roubarem memoraveis assumptos. Do Mestre Frey Gaspar ficou a noticia de que faleceo navegando da India para a China com o Bispo Frey Joaõ da Piedade, tambem da Ordem.

O P. Fr. Gaspar Soares.

Outro ultimo filho, que merece fazer numero entre os benemeritos desta Casa, he o Padre Frey Gaspar Soares, porque alguma memoria sua, a que perdoou o tempo, e escapou das injurias do descuido, nos diz, que faleceo neste Convento de Evora pelos annos de 1625. e naõ se descobrindo noticia de Casa, a que pertença, lha fica dando a sepultura, conjecturando-se, e bem, que costumaõ os Religiosos entrados em dias, ir a acaballos á Casa, que lhes servio de berço. Assistio este Padre por Prelado na Vigairaria, que tivemos em Tangere. Sua grande religiaõ, e zelo o levaraõ áquellas partes, adonde entendeo, que se offereceriaõ mais occasioens de servir á Patria, e a Deos. Assim o achavaõ os enfermos á cabeceira; assim o escutavaõ os desencaminhados no Pulpito; assim o encontravaõ os arrependidos no Confessionario: era taõ grande seu fervor, que prégando em huma occasiaõ contra as abominaçoens de Mafoma, se accendeo de sorte seu zelo em reprehendellas, e confutallas, que hum Mouro (sem du-

vida dos cativos ; que havia na Praça) atrevido, e desatinado, o finalou com hum golpe no rosto. Hoje se vê no seu retrato como brazaõ daquelles, de que se gloriava o Apostolo.

Usque in hanc horam, & esurimus, & sitimus, & nudi fumus, & colaphis cædimur. 1. ad Corinth. 4. 11.

O muito, que este Padre trabalhou naquella Praça, o grande exemplo, que se admirava em sua vida, as letras, que authorizavaõ sua pessoa, (de que ficaraõ boas testemunhas em varios escritos, que deixou espalhar, e perder a nossa culpavel inadvertencia) arrezoaraõ a eleiçaõ, que delle se fez para Bispo de Targa. Até aqui chega a escassa noticia, que nos deu materia a esta limitada lembrança, com a repetida magoa de perdermos grande materia. Sem duvida grande, e inferida deste pouco, que temos dito, estreitando a penna ás escrupulosas leys de escrever o preciso da tradiçaõ, na escritura, que descobrio, antes desenterrou a nossa diligencia, sem lançarmos maõ das liberdades falliveis da conjectura, porque naõ he, nem póde ser nosso animo alargar escrituras, mas perpetuar verdades. Entendemos sim o muito a que se podiaõ estender as memorias deste Padre por duas razoens. Primeira, porque se naõ fiava o governo daquella Vigairaria de Tangere, menos que de espiritos muito examinados; segunda, porque naõ costumaõ descançar as Mitras senaõ em mayores talentos. Assim podiamos augmentar as capacidades de Frey Gaspar, das que se buscavaõ para o emprego, em que as memorias nolo propoem occupado. Faleceo neste Convento de Evora. Tem nelle sepultura, ainda que desconhecida.

Naõ será bem que o fique a lembrança de outros dous filhos deste Mosteiro, benemeritos delle, e della, e saõ os ultimos de que tivemos noticia. Foraõ elles o Padre Frey Francisco Veloso, e o Mestre Frey Bartholomeu Ferreira. Teve a morte de hum, e outro circunstancias dignas de reparo; estas nos daraõ breve assumpto. Foy Fr. Francisco Veloso Religioso de muita capacidade, que o poz nos lugares de Prior das Alcaçevas, Elvas, e finalmente de Evora. Fora este para Confessor da Madre Sor Maria de S. Joseph, (Religiosa Carmelita Descalça) antes de se recolher no Mosteiro de S. Joseph, Casa de Santa Theresa na mesma Cidade de Evora. Era a Madre Sor Maria pessoa de grande espirito, e praticava alguma vez com o Padre Frey Francisco as importancias, e desafogos delle; e succedeo, que em huma das praticas, depois de varias conferencias, em materias, que sempre deviaõ ser meditadas, se propoz qual seria na Paixaõ de Christo o Passo de mais comiseraçaõ para o coraçaõ humano. Resolveo o Padre, que o considerar ao Senhor com as mãos atadas. *Este Passo* (continuava inflammado em ardor compassivo) *me estreita, e me fere o coraçaõ. Atadas aquellas mãos, que criaraõ o Ceo, e a terra! Atadas aquellas mãos, que se estenderaõ a dar vida, e vida eterna, ao mesmo homem ingrato, que as ata! Atadas aquellas mãos, em que o Eterno Pay poz todos os thesouros de sua sabedoria! Atadas estas mãos! Estas mãos!* E como se a dor lhe penetrara vivamente o coraçaõ, cahio sem alento da cadei-

O P. Fr. Francisco Veloso. O M. Fr. Bartholomeu Ferreira.

cadeira. Bradou assustada a Religiosa, chegou o Leigo, que tinha ido por seu companheiro, e vio, que tinha passado desta vida, a receber daquellas mãos, que chorara prezas, a coroa, que prometteraõ aos seus fieis, gloriosas, em Março de 1687.

Naõ coroou menos gloriosamente a idade de 90. annos o Mestre Frey Bartholomeu Ferreira, que foy Provincial desta Provincia, e Deputado no Santo Tribunal de Evora. Tinha-o já a irremediavel enfermidade de velhice entrevado em huma cama; levantouse della para adorar, e receber o Senhor, que lhe trouxeraõ por Viatico, resolvendo os Medicos, que duraria pouco. Pedio logo a Unçaõ, e depois della, entrou a rezar o Officio Divino; acabada Noa, entrou na ultima agonia, respondendo a todo o Officio della até a Ladainha, e ao pronunciarse S. Bartholomeu, já se lhe naõ percebeo a reposta, mas com ella na boca passou desta vida, entendendo-se, que o Santo, que lhe dera o nome, o viera encaminhar á mayor felicidade.

Naõ neguemos nesta Casa a memoria a hum filho, que a fez precisa com o exemplar de sua vida, e o laborioso de sua penna, que foy o Padre Frey Joaõ dos Santos, a que devemos as mais fieis noticias da Ethiopia Oriental, que foy só o que conseguio o beneficio da Imprensa.

Para fim, e remate deste Capitulo, satisfarey a hum escrupulo, em que poderáõ tropeçar os reparos de quem ler. Faço aqui memoria do Mestre Frey Thomaz do Espirito Santo, convencido de que naõ he este o de que o Padre Frey Luiz de Sousa faz memoria no quarto livro da sua terceira parte da Historia desta Provincia; porque sendo este, de que fallo, Vigario Geral da Congregaçaõ, o naõ acho na serie delles; como nem entre os Religiosos, que por Março de 1548. mandou o Mestre Frey Francisco de Bobadilha para se fundar a primeira Casa da Ordem em Goa. Teve mais o outro Religioso o cargo de Deputado do Santo Officio, que naõ leyo deste segundo, sendo verosimil, que naõ era circunstancia, que admittisse esquecimento. Finalmente, se saõ distinctos, deva-se á minha resoluçaõ o naõ temer a duvida, por lhe naõ faltar com taõ merecida lembrança. Se he o mesmo, perdoeseme o repetilla, que em tanto Varaõ seria providencia acharse este caminho de dilatalla.

CAPITULO XV.

Do Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos. Entra na Religiaõ; cargos, que teve nella; como se houve nelles.

HE Bemfica aquella antiga classe de virtudes, donde desde sua primeira fundaçaõ, no anno de 1399. até o presente de 1706. se exercitaraõ tantos, e taõ eminentes Mestres, que os poderaõ envejar as austeras Escolas da Thebaida, admirandose, que taõ longe della soubesse descobrir igual deserto o recolhimento do espirito. He o sitio accommodado para os empregos delle; porque retirado da estada, se recolhe á sombra de hum monte, que sem a pen-

saõ

ſaõ de o deixar triſte, lhe offerece o campo de huma graciosa, e freſca varge, em que ſe eſtende fertil domicilio, em que as plantas, as flores, e as aves bemquiſtaraõ a terra, hoſpedadas da natureza. No meyo ſe levanta o Convento, que melhorado a deſvelos, e induſtrias do Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, teve já na ſegunda parte da Chronica a primeira, que lhe podia dar a ventura, depois das ſingularidades da ſua fabrica, lograndoas na penna, que ſoube deſcrevella. Aſſim ſe moſtra taõ igual, taõ perfeito, e acabado, como bem trabalhada emenda de todos os modernos, dignamente merecida de ſeus habitadores, que ſempre a foraõ conſervando no antigo foro de domicilio das virtudes. O aceyo da Igreja, e officinas, o ſilencio obſervado em todas, o recolhimento dos Religioſos, he hum mudo brado, que ja todos eſtá dizendo os ſeus exercicios, como ſe aquellas ſantas paredes tiveraõ bocas para eſtar prégando refórmas: que a peſſoas notaveis ouvi dizer, entrando pelo Dormitorio (que ſempre ſe acha deſembaraçado) que naõ podiaõ ſenaõ fallar de manſo, accuſados de taõ piedoſo ſilencio. Eſta foy a officina daquelles grandes eſpiritos, que ſentenceando-ſe ao carcere de huma cella, donde o Mundo os ignoraſſe vivos, ou os eſqueceſſe ſepultados, aſſim começaraõ a cultivar o aſpero deſerto da recoleta, que a pezar de ſua modeſtia, romperaõ os brados de ſua penitente vida as paredes da Clauſura, a ſerem aſſombros de toda a terra. Aſſim foraõ ficando aquelles ſantos exemplos em huma ditoſa herança aos filhos deſta Caſa, de que até o dia de hoje enriquecidos trabalhaõ para novos herdeiros. Seja o primeiro o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, a quem eſte Convento ditoſamente mereceo, ſobre a conſervaçaõ de virtuoſos progreſſos, o melhoramento de novos edificios, devidos eſtes á ſua induſtria, como aquelles á ſua aſſiſtencia. Naõ foy o Veneravel Padre filho deſte Convento; mas quando o naõ perfilhaſſem as virtudes, bem podiaõ os annos, que nelle aſſiſtio, (reformando-o) e foy delle Prior, darlhe hum lugar entre os filhos, como o deſvelo de Reedificador adiantallo nelle a todos. Com eſta forçoza razaõ ſeja o exemplar grande de ſua vida authorizado prologo ao continuado de ſua refórma. Diſpenſe eſta preheminencia o Convento de S. Paulo de Almada, de quem foy filho, para que logre eſte deſempenho o de Bemfica, de quem foy Pay, e ficarlhehá ainda devendo eſta Caſa, ſobre o melhorarlhe a architectura, o confirmarlhe a fama. Aſſim havendo de eſcrever dos filhos de Bemfica, pomos primeiro quem lhes reedificou a Caſa.

Mas entremos no eſpaçoſo mar de noticias, que ſó á ſua capacidade grande ficará rio pobre, e apoucado. Tanto foy o que achou a noſſa diligencia! Tanto o que eſcondeo a ſua modeſtia! Ninguem duvida (que he commua experiencia) o quanto debil a natureza vay perdendo os vigores com o longo curſo das idades. Aſſim neſta, em que já parece, que caduca,

ſaõ

faõ froxos os partos, com que povoa a terra; como se começara a moſtrar o que ſe vay aviſinhando aos ultimos periodos de ſua vida. Só a graça na propagaçaõ da virtude, ſem reſpeitar ſeculos, enriqueceo ſempre a terra com robuſtos, e vigoroſos partos, repartindo por todas as idades a feliz producçaõ de ſeus Heroes. Reſplandeceo entre elles o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos com eſpiritos taõ aventajados de virtudes, letras, e nobreza, que, ſe por eſta naſceo Principe, naquellas foy Oraculo.

Foraõ ſeus pays Dom Manoel de Vaſconcellos, e Dona Luiza de Vilhena, das grandes, qualificadas, e eſclarecidas Caſas (em huma, e outra linha) de Marialva, e Santa Cruz, taõ conhecidas, e veneradas; naõ ſó neſte Reyno, mas em todo o Mundo, que o nomeallas he mais ſeguro Panegyrico. Grande parenteſco, naturalmente travado entre a virtude, e a nobreza! E com huma muy clara ſimpatia, porque ſe a nobreza faz grandes para a terra, a virtude os faz para o Ceo, como ſe a graça ſe permittira a emulaçoens com a natureza; e naõ deixarey de reparar em a piedoſa reflexaõ de hum entendimento politico, e bem conſiderado, a quem muitas vezes eſcutey, que diſpenſara Deos a noſſo grande Patriarcha, que os mais dos Santos filhos ſeus juntaſſem em ſi aquellas tres qualidades de Santos, ſcientes, e nobres, como ſe naõ houveſſe circunſtancia no Pay, que os naõ legitimaſſe filhos. Em nada deſmereceo eſte nome eſte grande Varaõ, e já deſde os primeiros annos começaraõ a ſer dignos do reparo de todos aquella ſogeiçaõ, modeſtia, e madureza, a que ſobreſahia hum feliz engenho, taõ conhecidamente dado do Ceo, que para grangear com hum muitos talentos, lhe deſtinou por Meſtre o que o era conſummado em virtudes, e letras, o Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ (chamado hoje vulgarmente o Beato Antonio) da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, que no Convento de S. Bento dos Loyos reſidia neſte tempo, e foy eſcolhido para eſte miniſterio, porque entendia, que buſcar hum Meſtre Santo era lograr no exemplo ſegundo enſino.

Aſſim ſuccedeo a Dom Alvaro Mendes, (que aſſim ſe chamou primeiro o Veneravel Padre) porque a virtude do Meſtre o diſpoz para Santo, e aſſim o capacitou o enſino para Letrado, que com grandes eſperanças de ſeu talento paſſou a augmentar o numero da nobreza no celebre Collegio de S. Pedro, ſendo ſeu Porcioniſta, e a admirar toda a Univerſidade de Coimbra com ſeu eſtudo, ſeu recolhimento, e ſua modeſtia. Aſſim trazia repartidas as horas, que ſem faltar á minima circunſtancia de ſua obrigaçaõ, lhe ſobejava tempo para conſultar as melhoras de ſeu eſpirito, que bem meditadas da capacidade de ſeu entendimento, o aconſelharaõ a pizar aquelle caminho, por donde a virtude, e as letras lhe levavaõ ſuavemente o genio. Eſta he a raiz dos acertos, ou dos erros, que cada dia, ou ſe admiraõ, ou ſe choraõ, quererem talvez, que

a

a efcolha da vida refpeite commodos, e naõ genios. Povoaõ-fe as Aulas dos que talvez entrariaõ melhor nas campanhas; eftreitaõ-fe nos Clauftros, os que parece que ainda abafaõ no Mundo, fendo taõ natural, e praticada a maxima de examinar primeiro o genio, que reduzillo a exercicio, que até a maõ de Deos (a quem tudo he facil) bufca nos fogeitos difpofiçoens previas, para lograr acçoens proporcionadas. Para lavar culpas bufca no Bautifmo o natural das agoas.

Conhecia Dom Alvaro o feu genio, illuftrava-o a vocaçaõ, que continuamente lhe fallava ao efpirito; tinha ponderado, entre as outras Religioens, na Dominicana aquella continua, e incançavel alternaçaõ do Coro, e a Aula, em que taõ felizmente trabalhaõ os efpiritos, o melhor (*non plus ultra*) de Santos, e Letrados. Efte era o centro do feu genio; difpoz, que o foffe de fua vida. Achava-fe nefte tempo em Portugal o Meftre Frey Martinho Efcay, defta Sagrada Familia, vindo a vifitalla por ordem do Reverendiffimo Meftre Geral Frey Jeronymo Xaxierre. Chegou a Coimbra, quando Dom Alvaro com huma Sagrada ambiçaõ de efpirito dava calor á venturofa refoluçaõ de veftir o habito. Conheceo o Vifitador as grandes qualidades, que apadrinhavaõ o pertendente, mas dilatou-lhe o defpacho, por examinar-lhe o propofito, reconhecendo com madureza, que naquella idade, pofta nos lifongeiros braços da efperança como mayor negaça da vida, faõ talvez femelhantes acertos aconfelhados muito á ligeira dos acafos, e fó tardaõ de arrependidos o que fe lhes dilata de confiderados. Naõ tinhaõ efte rifco as refoluçoens taõ meditadas de Dom Alvaro, porque quem lhe abrio os olhos para a efcolha, tambem lhe aconfelhava a razaõ para a conftancia. Taõ fina a defempenhava o difcreto pertendente, que fem perdoar a diligencias, a continuas vifitas, inceffaveis fupplicas, e piedofas profias, bem deixava examinar, que fem duvida era Celefte o norte, que affim o trazia a pizar o caminho da humildade. Acabou de convencerfe o Vifitador; efcreveo ao Prior da Batalha, que lhe lançaffe o habito; partio Dom Alvaro taõ ligeiro, como andava defejofo; lançoufe aos pés do Prelado com tantas demonftraçoens de fatisfeito, como quem na vida naõ afpirava a outro premio; voltando affim as coftas ao que o Mundo podia dar ás fuas prendas, que até lhe engeitou o nome, ou como quem queria, que dalli em diante lho naõ foubeffe, ou porque nem effe divida lhe confeffaffe, moftrando-lhe no que tomava de Joaõ, a Sagrada induftria, com que a graça o reproduzia á melhor vida.

Naõ levaraõ bem feus parentes a efcolha defta; que talvez inconfiderada a nobreza teme apoucados os brazoens efclarecidos na humilde eftreiteza dos Clauftros, fem efcutar as vozes de hum Rey Santo, difcreto, e defenganado, em cuja efcolha valiaõ mais os abatimentos da Cafa de Deos, que a fumptuofidade de foberba dos Palacios da terra: *Elegit abjectus effe in domo Dei mei, magis quam habi-* Pfalm. 18.

habitare in tabernaculis peccatorum. Chegaraõ as queixas aos Reaes ouvidos de Filippe III. aos mal informados do Nuncio Apoſtolico, que entaõ reſidia na Corte, com quem culpavaõ o Viſitador, e o Prior da Batalha, como cumplices na reſoluçaõ do Noviço, alcançando huma ordem, para que foſſe trazido a Lisboa, e reſtituido a ſua caſa. Obedeceraõ os Prelados; veyo a Lisboa o Noviço, foy depoſitado em Santo Eloy, campo, em que o noſſo Soldado da milicia Dominicana reſiſtio á porfiada bataria, com que ſeu pay, e parentes determinaraõ conquiſtar ſua conſtancia, taõ inteira ſempre nas repetiçoens do combate, como ſe com o nome tivera deſpido as ſimpatias do ſangue. Prevaleceo contra elle a reſoluta valentia de ſeu animo, que doutrinado do Evangelho, ſabia que, para ſeguir a Chriſto, ſe podia reſiſtir a hum pay com odio ſanto. Naõ ignorava, que com o diſſimulo do parenteſco repetia aquelles aſſaltos o demonio; mas quem ſe deſtinava a melhor Hercules do eſpirito, havia de começar deſpedaçando ſerpentes no berço.

Siquis venit ad me, & non odit patré ſuúm... non po teſt meus eſſe diſcipulus. Lucæ.14.

Ficou Frey Joaõ continuando o Noviciado em o Convento de Almada, donde ſervindo de exemplo, e de aſſombro aos Religioſos, profeſſou ſolemnemente aos 11. de Mayo de 1608. Teve por Meſtre de Noviços o Padre Meſtre Frey Manoel Pereira, peſſoa ſinalada em virtude, e ſciencia, ſendo Provincial, e Viſitador o Meſtre Frey Martinho Eſcay, e Geral da Ordem o Meſtre Frey Jeronymo Xavierre, já Cardeal. Paſſou logo ao Convento de Lisboa, e voando nos eſtudos, os coroou taõ felizmente no Real Collegio de Santo Thomaz de Coimbra, que obrigando-o os Prelados a reſtituirſe a Lisboa, começou a ouvirſe nas Cadeiras de Filoſofia, e Theologia como Oraculo de huma, e outra. Eſcutou-o com a meſma fortuna, e na meſma occupaçaõ a Univerſidade de Evora, ſem que os inſuperaveis trabalhos do eſtudo o obrigaſſem a diſpenſar com as piedoſas occupaçoens do eſpirito, paſſando talvez a diſciplina áquella maõ, que inda naõ deſcançava da penna.

Contava 35. annos de idade quando foy eleito em Prior do Convento de Bemfica, que como morgada da refórma de toda a Heſpanha, ou como primeira convaleſcença da ſegunda peſte da Clauſtra, eſtava coſtumado a Prelados taõ unicos, que contava hum Frey Vicente de Lisboa, e hum Frey Bartholomeu dos Martyres, hum, e outro taõ conhecidamente Heroes, que já o querer repetir ſuas letras, e virtudes, fora aggravar a eſpalhada noticia de ſeus nomes. Eſte foy o lugar, que o Veneravel Padre occupou; e o pouco, que contava de annos, foy o muito que provou de ſingularidades. Eſcuſara-ſe primeiro ás de Prelado, por aborrecer até os eccos do dominio; que nem as prelazias tem mais que as vozes da ſuperioridade, ſendo verdadeiramente humas eſcravidoens, que authorizou o nome. Era eſte taõ malquiſto na humildade de Frey Joaõ, que intentou rebatello com a arrezoada deſculpa de eſtar actualmente lendo Theologia; e era razaõ de

de grande consequencia, porque se privavaõ as Escolas do grande interesse de sua doutrina, porque o tivesse hum lugar, em que as letras, inda que sempre authorizaõ, poucas vezes ajudaõ; e parecia genero de injustiça entre a Provincia, e o Convento, perderse hum bom Letrado, por se conseguir hum bom Prior. Acodio a providencia do Provincial, (que huma, e outra qualidade reconhecia nelle;) e mandoulhe, que lesse Theologia no Convento; e conseguio o Prior, e naõ perdeo o Letrado. Obedeceo Frey Joaõ como homem, mas parece que se atreveo como Anjo, porque repartido por tantas occupaçoens, queria ser todo para cada huma, que só isso he saber ser para todas.

Aqui se admirava este grande talento homem de todas as horas, dispondo-as assim entre devoto, e estudioso, que inda lhe sobejavaõ as precisas para o governo. Nada parece que lhe tomava o tempo, porque só hum naõ foge, que he o bem empregado. Este o milagre quotidiano, com que Nosso grande Patriarcha premea o desvelo de seus filhos, que, sendo na sua familia taõ continuas as horas do Coro, assim saibaõ dar lugar ás do estudo, que cada dia sayaõ delles sogeitos taõ doutrinados, como se só huma applicaçaõ os trabalhara unicos. Naõ faltava o grande Prelado no Coro; naõ faltava na Cadeira; naõ faltava no temporal da Casa; como se a Providencia reproduzira outro Paulo, feito para todos, feito para tudo; e com hum taõ singular socego (de que sua modestia, e compostura era testemunha justificada) como se a contemplaçaõ lhe andara aproveitando aquellas reliquias de tempo, que mediavaõ entre o buscar huma occupaçaõ, e o deixar outra; assim sahiaõ sempre todas as suas acçoens a ser acertos, com que trazia os subditos doutrinados, e suspendidos.

(Omnibus omnia factus sum. 1. ad Corinth. 9. 12.)

Era grande aquelle coraçaõ por nascimento, por genio; nenhuma difficuldade o assombrava, nenhum trabalho o vencia. Passou afouto a meditar hum grande emprego, sem mais apoyos para a resoluçaõ, que aquelle espirito, que doutrinado nas escolas do Ceo, aprendera a mudar os montes nos valentes braços da Fé. Cedia já neste tempo ás continuas batarias delle a antiga fabrica do Convento de Bemfica, ou porque os muitos annos saõ o mortal achaque dos mais robustos edificios, ou porque o desamparado, e desabrido do sitio naõ necessitava do repetido, ou continuado assalto de muitos annos. Ameaçava ruina a Igreja, examinava-o o Prior, naõ podia dissimular a magoa de ver aquellas santas paredes (em que o mesmo Deos se hospedava) naõ só pouco polidas, mas ainda velhas, naõ só velhas, mas já arruinadas; e lamentava com piedoso zelo a desgraça de que, parecendo indecencia, fosse precisa.

(Siquis dixerit huic monti tollere, & mittere in mare, & non hæsitaverit... fiet ei. Marci. 11. v. 23.)

Metitava huma fermosa fabrica, que, nas poucas posses daquella Casa, assim a deixasse melhorada, que se dignasse o mesmo Deos de a ter por sua; e podia dizer com o Rey Sabio: *Domine dilexi decorem domus tuæ*: Senhor, eu amey a fermosura de vossa Casa. Chamou a Capitulo

(Psalm. 25. v. 8.)

lo os mais antigos della, propoz a empreza; reprovou-a a ponderaçaõ mais madura, resolvendo que, medidas as posses, e os dispendios, só podia emprenderse, recorrendo a hum milagre. Naõ desmayou o Santo Prelado, porque nas difficuldades crescia a sua fé; tornou a convocar a Capitulo, achou mais favoraveis os votos. (effeito sem duvida das ancias, e suspiros, com que pedia a Deos, que lhe facilitasse os embaraços). Derribou finalmente a Igreja, innovou, e polio todo o Convento, e sahio huma das mais perfeitas obras, que naquelle genero reconhece este Reyno, na igualdade, e proporçaõ da obra, na novidade, e primor da architectura, que sem duvida deveo ao Ceo até a idea, como a ultima felicidade de ser escrita pelo grande talento do Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ; porque sobre a fortuna de consummada, só aquella penna a podia capacitar ás noticias de todos, contrapezando a alguns o pezar de a naõ examinarem com a vista, na ventura de a lograrem na sua elegancia.

Quem quizer aproveitar o tempo em examinalla, lea o Additamento á fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Bemfica, na segunda Parte da Chronica, livro segundo, e verá na capacidade da obra, e na brevidade com que se admirou perfeita, que se a resoluçaõ de a emprender foy conselho do Ceo; por conta delle se facilitaraõ os meyos, que naõ podiaõ ser menos que milagrosos. Achava-se o Santo Prelado commummente falto de dinheiro para fazer a feria aos officiaes, e em chegando aquella hora, se via remediada a falta (com as esmolas, que lhe chegavaõ das partes em que continuamente prégava) o que talvez lhe succedia duas vezes no dia, passando desde Bemfica a Lisboa sem mais descanço em taõ largo caminho, que hum bordaõ, nem mais alivio, que o de voltar a trocar a Cadeira pelo Pulpito, a fadiga, e o cansaço do caminho pela assistencia do Coro, e governo do Convento. Sem duvida, que nos lugares o substituîaõ os Anjos, que nas forças de hum homem naõ cabia a satisfaçaõ a tantos, e taõ diversos empregos. Assim consummou aquella grande obra, sendo os mayores soccorros os interesses da sua prédica; e se esta era milagre escutada, porque o naõ seria aquella concluida? Assim com hum trabalhava outro milagre. A'quellas vozes se deveo posta em pé aquella fabrica, por tantos titulos milagrosa. Milagrosa foy na sua criaçaõ a machina do Universo; e repetidas vozes custou a Deos perfeita aquella machina.

Dixit Deus fiat lux, & facta est... Dixit quoque Deus fiat firmamentum. Genesis 1.

Nomearaõ neste tempo Bispo de Viseu o Mestre Frey Joaõ de Portugal, sogeito dignissimo daquelle cargo, (vinculado a hum Varaõ perfeito) como de enriquecer as memorias desta Chronica com o escondido thesouro de sua vida. Vagara por esta eleiçaõ o lugar de Prégador delRey, e entenderaõ, que para o encher, só eraõ capazes as grandes virtudes de Fr. Joaõ de Vasconcellos. Aceitou o cargo, porque destinara os interesses delle a soccorros do seu Convento; naõ por desconhecer a obrigaçaõ perigosa de fallar ver-

dade em auditorio, em que talvez acharia ouvintes, que vivendo com o tributo de lisongeados, se haveriaõ de exasperar reprehendidos; mas nada intimidava as resoluçoens de seu espirito Apostolico, naõ lhe faltando para exercitallo a perseguiçaõ de hum desterro, a que corria alegre, a naõ lhe suspender a execuçaõ quem talvez sabia, que naõ era aquelle o premio de quem tam bem exercitava o seu officio. Foylhe imposto, que no Pulpito naõ fallasse em governos. Respondeo com inflexivel, e Apostolica constancia semelhantes razoens:

Que elle naõ reprehendia governos, senaõ vicios; que tanta obrigaçaõ tinha elle de os arguir, como os Ministros de os evitar; que a palavra de Deos era espada, que se naõ embainhava, senaõ á vista da emenda; que escusasse os crimes quem temesse os golpes. Que Deos fizera aos seus Prégadores sal; que este naõ ardia senaõ cahindo sobre a chaga; que na parte sãa naõ fazia molestia. Que elle fazia a obrigaçaõ de Pregador; que a fizessem os seus ouvintes de Catholicos. Que como queriaõ os mal encaminhados, que elle receasse ameaços, se elles naõ temiaõ avisos? Que o que lhe podiaõ impedir, eraõ as vozes, e naõ a razaõ; e que quando o castigasse a injustiça, dariaõ nova razaõ á sua innocencia. Que esperar nos seus Sermoens lisonjas, era querer que lhe esquecesse, que era filho, e discipulo de hum Pay, e de hum Mestre, que vaticinado a espalhar o Evangelho, se dera a conhecer (como hyeroglifico Apostolico) em a mysteriosa figura de hum animal, cujos brados antes ameaçaõ, que cathequizaõ; atemorizaõ, e naõ lisongeaõ. Que elle trabalhava para destruir culpas, reformar consciencias, desnaturalizar abusos, aconselhar acertos, bemquistar a justiça, e desterrar a lisonja; e que estas eraõ as razoens de estado, que praticavaõ os Ministros do Ceo, para que se naõ arruinasse huma alma, que era a mais importante Monarchia. Se assim o naõ entendiaõ os queixosos, que elle appellava para os desenganados. Que elle tinha tanto conhecimento das obrigaçoens daquelle officio, como parece que faltava a quem o estranhava inteiro. Que os Prégadores dos Reys, como sobiaõ á mayor atalaya, obrigavaõse a esforçar os brados para os avisos; que se a aspereza da voz offendia os ouvidos, o enfraquecella tinha o risco de naõ chegar a todos. Que para prégar, era verdade que elRey o escolhera, mas que Deos era o que o mandava; e se elle obedecera a elRey em aceitar o cargo, como naõ o faria a Deos em o exercitar resoluto? Que o depozessem delle, se o havia de occupar sem esta liberdade, porque tinha proposto em sua alma, ficar antes malquisto com os homens, que ser inobediente a Deos.

Assim confundia, e edificava os emulos de seu zelo Santo, espalhando-se sua constancia Apostolica com taõ commum applauso, que vagando o lugar de Inguisidor do Tribunal supremo, por morte do Mestre Frey Antonio de Sousa, elle só a entender de todos foy proposto, e escolhido pelo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, que (pezando bem aquelle grande talento) era taõ amante das suas virtudes, como ellas dignas de naõ as deixarem queixosas. Era grande o lugar; e como havia

via de fobir, retardava-o o pezo grande de fua humildade. Foy neceffario, que o preceito dos Prelados lhe déffe a maõ; tomou-a a obediencia; fó efta o faria fobir fem repugnancia. Vinte e dous annos occupou o cargo em conhecido beneficio daquelle Tribunal Santo, confirmando a muita juftiça, com que ao zelo Dominicano fe daõ os feus lugares, como premio do incançavel defvelo, com que coftumaõ trabalhar nelles. Naõ o defconheceraõ neftes noffos dias os mais maduros votos, examinados pela prudencia, e pio zelo da Mageftade delRey Dom Pedro II. na occafiaõ, em que (talvez a invejofos arbitrios de noffos emulos) fe reduzio a queftaõ o darfenos o lugar, que vagou por morte do Meftre Frey Vicente de Santo Thomaz. Conheceole, e affentoufe, que devia reftituirfe á Ordem como data de Filippe II. I. nefte Reyno, que governando-o, fez a mercê, e attendendo a urgentes razoens, que naõ defconhecem eftes Santos Tribunaes em toda a Chriftandade nos filhos do Noffo grande Patriarcha, como primeiro Inquifidor em toda a Igreja por Innocencio III. com authoridade abfoluta, paffada a feus filhos pelas Cabeças, e Tiaras do governo de Chrifto, e naõ por commiffoens, ou poderes delegados, como lograraõ fogeitos grandes de outras Religioens, a quem inconfideradamente querem feus Efcritores attribuir efta honra, fazendo-fe a fi a injuria de a quererem roubada.

Naõ reduzo a difputas verdades conhecidas; que trabalhar em defeza, parecem efcrupulos de pouca fegurança. Contentarmehey, que para defengano de alguma duvida, que fem fundamento fe quizer mover nefta materia, firva de convincente repofta a refoluçaõ, que elRey Dom Pedro II. do nome, (que ao prefente governa pacifico eftes Reynos, como fingularmente affecto á Familia de Noffo Santo Patriarcha, como quem por feu Real fangue paffou a devoçaõ a natureza) tomou fobre efte particular, movido das zelofas fupplicas, e incançaveis diligencias dos Meftres defta Provincia, cujo zelo nos eftá executando ao pequeno premio da noticia de feus nomes, como de reconhecidos filhos a efta Mãy, a quem authorizaõ com fuas letras, e quizeraõ perpetuar em fuas antigas honras; o Meftre Frey Jofeph Galraõ, que quando ifto efcrevemos, he Provincial defta Provincia; o Meftre Frey Manoel Leitaõ, que naquelle tempo era Vigario Geral; o Meftre Deputado Frey Antonio Pacheco; o Meftre Frey Agoftinho de Santo Thomaz, Provincial que foy defta Provincia; o Prefentado Frey Antonio Galraõ, que tambem teve o mefmo cargo; o Prefentado, e Prégador Geral Frey Silveftre Pacheco, que nefte tempo era Prior de Saõ Domingos de Lisboa, com o mefmo defvelo propuzeraõ fua juftiça ao Inquifidor Geral, o Bifpo Dom Jofeph de Lancaftre, acompanhando-os o Meftre Frey Manoel de Santo Agoftinho, e o Meftre Frey Manoel da Encarnaçaõ, affaz, e dignamente conhecido pelo nome de fua Patria *Pontevel*, e benemerito de mais larga efcritura, que fó fe fiaria bem áquella penna, que

que ao preſente tem na maõ ſobre as explanaçoens do Evangelho de S. Mattheus, que inda depois de tantos Expoſitores, reſervou ao agudo de ſeu engenho novidades. Lograraõ-ſe felizmente as diligencias; ordenou elRey ao Inquiſidor Geral, que lhe nomeaſſe ſogeito benemerito, que occupaſſe o lugar. Foy eſte o Meſtre Frey Gonçalo do Crato, Deputado no meſmo Tribunal de Lisboa. Aceitou elRey a nomeaçaõ, e proveo-ſe o lugar no Meſtre Deputado, em 13. de Junho de 697. Eſtá eſta reſoluçaõ, e aſſento na Secretaria de Eſtado, no livro do Regiſto dos deſpachos, que por ella ſe expedem para o Conſelho Geral do Santo Officio, e Inquiſidor Geral, folhas 10. v. 5. de donde ſe tirou, e he o ſeguinte:

Reſtituiçaõ do lugar do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ, feita á Ordem por elRey D. Pedro II. em 24. de Mayo de 1697.

„ Em huma propoſta do Biſ„po Inquiſidor Geral, em que „propoz a Sua Mageſtade que „Deos guarde, para dous lu„gares de Deputados do Con„ſelho Geral aos DD. Joaõ „Carneiro de Moraes, e Joaõ „Moniz da Sylva, foy Sua Ma„geſtade, que Deos guarde „ſervido tomar a reſoluçaõ ſe„guinte: *Approvo eſtas nomeaçoens, e mando paſſar o deſpacho, para ſe tirarem as cartas. E como a Religiaõ de S. Domingos he taõ benemerita ao Santo Officio, e lhe tem feito tantos ſerviços, o Biſpo Inquiſidor Geral me conſultará logo o ſogeito, que nella lhe parecer mais digno de ſer provido no lugar do Conſelho Geral, e quando vagar algum dos lugares de Clerigos, ſe extinguirá o que agora ſe prove de mais. Lisboa 24. de Mayo de 697.*

Em ſemelhante lugar provido o Veneravel Padre, ſe exercitava como Argos da Fé. A applicaçaõ a revolver os Concilios, a paſſar os Sagrados Canones, ajudada das grandes Theologias, de que ſe tinha feito capaz, o formaraõ hum taõ perfeito Miniſtro, que naõ havia difficuldade, que naõ alhanaſſe, duvida, a que naõ ſatisfizeſſe, negocio, por arduo, que naõ concluiſſe, trazendo taõ meditados, e anteviſtos os acertos, que como Oraculo o eſcutava aquelle Tribunal Santo. Delle foy mandado á Corte dos Reys Catholicos a negocios de grave, e ſobida importancia, que tratou zeloſo, e effeituou ſabio. Mas naõ ſe deixava, em quanto aſſiſtio nella, hoſpedar dos cortejos, e ceremonias da Corte, lembrado da ſolidaõ em que vivera contente. Aſſim, em podendo, ſe furtava ás confuſoens daquella grande Babylonia, retirando-ſe elle, e ſeu companheiro, a algum lugarejo, em que podeſſe paſſar deſconhecido. Alli ſe havia algum Convento, ſe recolhia nelle (como hum Frade ordinario, ou fingido peregrino). Se alguma Hermida, nella paſſavaõ, edificando aquelle peque no Povo, que ignorava o hoſpede, que tinha de portas a dentro.

Aſſim abominava, e tacitamente reprehendia aquellas cegas, e vaidoſas idolatrias, taõ praticadas entre os Cortezãos, e envelhecidas nos antigos altares da Corte, donde adorados os grandes, ſe deſconhecem da meſma maſſa dos humildes. O meſmo barro, em huns venerado; em outros abatido. Coſtumava dizer, (e foy alguma vez argumento de ſeus Sermoens:)

Que

Que na Corte succedia o que cstavamos culpando na Gentilidade; que o genio, que cortava o tronco, de huma parte formava o Idolo, a outra entregava ao fogo, para que o accendesse ao sacrificio; e que ao mesmo tempo se estava vendo o tronco em huma parte ouro, em outra carvaõ; e que quem diria, que este carvaõ abatido era irmaõ daquelle Idolo adorado? Este conhecimento o fazia voltar as costas á vaidade, e embrenharse no despovoado, donde o desconhecesse, ou esquecesse o Mundo; mas nem sempre lhe succedia como o dispunha.

Assistia em hum lugarejo visinho á Cidade Imperial de Todo, quiz passar a ella, e deterse alli alguns dias desembaraçados, com desejo de visitar a prodigiosa Imagem do Sagrario. Recolheo-se a huma Casa da Ordem, o Convento de S. Pedro Martyr, com aquella industria, e santo dissimulo, com que o grande Arcebispo Frey Bartholomeu dos Martyres costumava caminhar por seu Arcebispado, e recolherse aos Conventos da Ordem como pobre, e desvalido passageiro. Com o companheiro tinha assentado este piedoso engano, mas naõ lhe durou muito esse gosto, porque encontrando-o hum Inquisidor do Tribunal daquella Cidade, lhe começou a culpar o disfarce com a cortez queixa de lhe naõ ter honrado a Casa. Correspondeo urbano o Veneravel Padre ao cortejo politico, mas escondendo em seu coraçaõ a magoa de se ver descuberto; mal se despedio do Inquisidor, quando o fez da Cidade. Estranhavalhe o companheiro a resoluçaõ. Respondeo-lhe: *Que elle se naõ achava com paciencia para as importunas correspondencias de Cortezãos, donde por força havia de mentir a quem lhe mentisse, porque era o mesmo, que cortejar a quem o cortejasse. Que naõ havia tempo mais perdido, que o das politicas do Mundo, mais para se chorarem, que para se corresponderem; que era assaz louco capricho, saber cada hum, que mentiaõ todos, e terem todos por injuria o faltarse-lhe com a mentira; que logo saberia o melhor da Cidade, que elle estava no Convento, para virem desinquietallo; e que melhor era que o seu retiro lhe poupasse a elle esse desgosto, e a elles a occasiaõ de desperdiçar o tempo.*

Assim se tornaraõ a retirar ao lugarejo, de donde tinhaõ sahido, dahi á Corte a assistir ás importancias, que o levaraõ a ella; e porque chegava a Semana Santa, intentou aproveitar aquellas ferias em retiro tam bem meditado, que lhe vingasse a magoa do mal succedido. Desejava ver a Cartuxa de Segovia, Santa Maria de Paular, huma das mais famosas, e celebres Casas, que naquelles Reynos tem esta Santa Religiaõ. Communicou a resoluçaõ com o Mestre Frey Antonio de Magalhaens, que nesta occasiaõ foy seu companheiro, com o mesmo desejo; naõ teve com que intimidallos o largo, o escabroso do caminho.

CAPITULO XVI.

Retira-ſe ao Convento da Cartuxa de Santa Maria de Paular de Segovia.

VIgoroſa he a caridade, que na valentia de ſuas azas levanta o pezo de noſſa terra ſobre as Eſtrellas! O ſeu vigor explicou S. Paulo na ſua conſtancia. Nem a vence a morte, ſempre eſtá conſtante, e firme: *Nunquam excidit*, eſta esforçava ao Veneravel Padre para abraçar as difficuldades do caminho, aliviando-lhe a carga do corpo em taõ pios, e continuados exercicios debilitado. Abrazava-ſe em fervoroſos deſejos de ſe ver com Deos naquella ſolidaõ ſagrada, donde (para lhe fallar ao coraçaõ) coſtumava levar a alma mais mimoſa. Aſſim ſe entregaraõ ao caminho, ſem mais ajuda para vencello, que o fraco arrimo de hum cajado: começaraõ a ſobir a grande montanha, difficultoſa ainda aos mais deſembaraçados paſſos; a poucos ſe lhe cerrou a noite; com a eſcuridade foy engroſſando a neve; naõ havia embaraço, que lhe naõ eſcondeſſe o caminho. As pobres capas naõ reſiſtiaõ ao frio, os flexiveis cajados naõ baſtavaõ ao deſcanço; a pouca noticia da terra nem lhe permittia o norte do tino; todas as circunſtancias faziaõ mais medonho o deſamparo. Affligia-ſe o companheiro, ſó o Servo de Deos, que ſabia o como era apertado o caminho mais ſeguro, naõ eſtranhava a aſpereza, ſuppondo, que caminhava para o Ceo da terra. Vinhalhe á memoria ſeu penitente Patriarcha, quando ao entrar nos deſertos a pizar os caminhos mais eſcabroſos, deixava como outro Moyſés o calçado, (por lhe parecer, que ſó com o ſangue, que lhe tiravaõ os eſpinhos, podia comprar a delicia de pizallos) rompendo em demonſtraçoens taõ alegres, que entoando ſagrados Hymnos ao compaſſo das dores, ou as aliviava, ou as deſconhecia. Aproveitava-ſe da liçaõ o diſcipulo verdadeiro, convidou o companheiro á ſagrada muſica; aſſim ſe lhe acabou o caminho.

1. ad Corinth. 13. 8.

Ducam eam in ſolitudinem.

Oſeas 1. 14.

Era alta noite quando chegaraõ ao Convento, que ſepultado em ſilencio, deſenganou aos cançados peregrinos a eſperança de algum deſcanço; aſſim paſſaraõ o reſtante da noite com o que naquelles deſamparos achava o ſeu eſpirito; que eſte era o que o Servo de Deos buſcava naquella ſanta Thebaida, donde os incommodos ſe tem por vivenda. Ao romper da manhãa ſe abrio a Portaria, e ſem darem áquelles Padres mais noticia, que a devoçaõ de viſitarem aquella Caſa, pedindo ao Prelado a bençaõ para nella paſſarem o devoto daquella ſemana, foraõ gaſtar as primeiras horas na Igreja, como alivio de huma noite mal paſſada. Deraõſe-lhe ſuas cellas na hoſpedaria, e começaraõ a continuar o Coro, e frequentar a Igreja de noite, e dia, em toda aquella ſemana, com huma taõ deſvelada aſſiſtencia, profunda modeſtia, e inteira obſervancia, que compungidos, e edificados os Monges, começaraõ a entender, que naõ devia de ſer menos eſtreita a Cartuxa, que criava eſpiritos, para que já olhavaõ com ſanta

inveja. O tempo, que lhe restava do Coro, se recolhia o Servo de Deos ás Capellas da Igreja, que por solitarias, recolhidas, e devotas convidavaõ ainda á mayor frieza de espirito a abrazar-se nas vivas lavaredas da contemplaçaõ. Alli se suspendia, alli se elevava, como esquecido das miserias do corpo, começando suavemente a gostar as liberdades do espirito. Alli se aliviava seu coraçaõ no doce desafogo das lagrimas, e dos suspiros, como se ferido aos golpes da meditaçaõ (a que o obrigava o que naquelles dous Altares via) se sangrasse pelos olhos, e se queixasse nos gemidos.

Mas chegava o tempo de se abrirem na Corte os Tribunaes; deixou o santo retiro saudoso, e magoado. Inda o ficou mais, quando, chegando á Corte, achou nas cartas, que tinhaõ chegado de Portugal, a noticia de que estava eleito, e confirmado Provincial desta Provincia. Atemorizavaõ-no as dignidades, a que sempre voltou as costas a cobardia santa de sua modestia, ou o religioso desagrado de sua inteireza. Sempre para fugillas deu o primeiro passo o merecimento. Mas perseguiaõ-no as deixadas, porque saõ as dignidades sombras. Achava rigorosa a ley do governo, donde até os successos se olhaõ como delictos, e ainda os acertos haõ de deixar queixosos. Mas houve de encolher os hombros a obediencia, e offerecellos á grande carga da Provincia, pedindo a Deos com coraçaõ affligido huma luz de seus documentos, como quem conhecia que só quem soubesse obedecer a Deos, acertaria a mandar os homens.

Outra noticia, naõ menos penosa, acompanhou a esta; que era falecido o Mestre Frey André de Santo Thomaz, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, consideravel perda para a Ordem, que já escutava pertendentes os sogeitos mayores das outras Religioens, que intentavaõ desapossar a Dominicana daquella antiga, e continuada honra, a que a capacitaraõ os grandes talentos, que nella se costumaõ criar para semelhantes postos; como as datas dos Reys, que (desde a primeira fundaçaõ da Universidade, que em Lisboa plantou o Real, e estudioso genio delRey Dom Diniz, pelos annos de 1291. trasladada primeiro a Coimbra pelo mesmo Rey, restituida depois a Lisboa por elRey Dom Fernando, e finalmente assentada em Coimbra por elRey Dom Joaõ o III.) experimentaraõ, e conheceraõ taõ povoadas as suas Cadeiras de Varoens insignes, que seria injustiça o naõ lhas permittirem em herança, fiando do continuo desvelo, com que esta Provincia dá calor aos estudos, a gloriosa propagaçaõ de sogeitos, que poupassem o trabalho de eleger outros, e confirmasse o acerto dos elegidos.

Nesta occasiaõ o foy o Mestre Frey Diogo Artur, Hespanhol de naçaõ, e hum dos abalizados sogeitos, que conhecia Hespanha, e confessou Coimbra. Deveo-se esta Provisaõ ao incansavel desvelo do Veneravel Padre, que com continua oraçaõ diante de Deos, e importuna diligencia nos Tribunaes da terra, alcançou a data da Cadeira por Filippe IV. aconselhado da experiencia de naõ haver Universi-

versidade em toda Hespanha, que pelos nossos Cathedraticos se naõ reconhecesse bem servida, e acreditada. Hoje o quer negar á de Coimbra, que fechando os olhos á mesma experiencia, e os ouvidos aos brados da nossa justiça, quer tirar á Cadeira de Prima o hereditario titulo da Cadeira de Santo Thomaz, em lhe embaraçar hum discipulo, que fielmente lhe desempenhe esse nome, sem haver na Religiaõ mais culpa, que quererem os superiores naõ destruir, mas suspender a data por incidentes particulares, que os emulos das glorias Dominicanas com pouco sesudas envejas, e pueris queixas querem passar a culpa á original, trabalhando, que esta desgraça vá ficando dos antigos aos modernos em herança. Mas se nos suspendem a honra, parece, que nos accrescentaõ a injustiça; e vay a nossa queixa criando novos brios, para ter mais que allegar esta Provincia, que (sobre a injuria de desapossada) nas razoens de benemerita accrescentará as semrazoens de mal escutada, e os damnos de suspendida.

CAPITULO XVII.

Passa o Veneravel Padre ha Evora por mandado de Filippe IV. da-se conta de hum prodigioso caso, que ahi lhe succedeo.

GRandes fogos naõ podem extinguirse repentinos. Passaõ das lavaredas ás brazas, das brazas ás cinzas, que favorecidas do grande calor, que lhes deu o ser, conservaõ ainda mortas actividade de accezas, quando naõ dissimulem brazas, em que se vaõ guardando atreiçoadas minas. Ardera Evora em bandos pela mudança dos governos; entrou a acodir o castigo, escondeose, naõ se extinguio o damno. Seguiraõ-se os tributos, como viraõ que a sogeiçaõ offerecia os hombros. Foy o pezo engrossando, exasperou-se o sofrimento; este foy o sopro, que, espalhando as cinzas a impaciencia, veyo a descobrir as brazas para as rebeldias. Saõ os tributos na razaõ de estado aquelles alimentos, que em beneficio commum servem a conservar o corpo da Monarchia; mas se haõ de sahir do mesmo corpo, devem ser moderados, que para serem remedios, he tyranno arbitrio que sejaõ primeiro desmayos. Tirar muito sangue com a promessa de fazer delle mesinha, he pôr na contingencia de que enfraqueça tirado donde depois naõ aproveite restituido. Cada hum he estadista da sua conveniencia. Alterou-se o Povo, e poz a el-Rey em cuidado. Entendeo, que aquelle desmancho tanto necessitava da pressa, como do remedio. Era arduo o negocio, pedia hum homem feito. Residia na Corte de Madrid o Veneravel Padre; eraõ taõ grandes suas qualidades, que levadas continuamente aos ouvidos delRey, foraõ as primeiras, que se lhe offereceraõ aos olhos. Zeloso, nobre, e sabio, e santo, circunstancias eraõ taõ poucas vezes juntas, que naõ esperou exames a escolha; accrescia o ser o servo de Deos natural de Evora, aparentado com o mais fino de sua nobreza, e favorecido della; seria mais bem escutado de todos. De sua prudencia

dencia naõ fe difcorria menos. Defpachou-o elRey, obedeceo alvoroçado, em alviçaras de ir ajuftar pazes, que ordenadas ao bem commum, eraõ, e foraõ fempre todo o emprego de feu defvelo. Só replicou, que feria conveniente levar perdaõ geral para os culpados, que effa era a melhor negaça com que podia nogociar a induftria, efcufando a força em femelhantes cafos, ou baldada, ou perigofa. Concedeolhe elRey largamente o que lhe pedia, (fendo fó aquella toda a fua importancia) fegurando ao Veneravel Padre facil defpacho em todas as que tiveffe; nas ordens, que deu logo ao Conde Duque, para que Frey Joaõ de Vafconcellos foffe efcutado, e preferido como pediaõ feus merecimentos em qualquer requerimento em que foffem padrinhos.

Affim partio para Evora, carregado de honras, e de efperanças, levando diante dos olhos, que aquellas foffem fó para Deos, e eftas para augmento da fua Provincia, de quem fe via obrigado como filho, e agora empenhado como pay; e naõ contente com a authorizar com fua peffoa, lhe queria valer com a fua diligencia. Com toda chegou a Evora, e communicando o empenho com muita nobreza, que achou na Cidade, expoz a efta, e ao Povo os intereffes grandes da paz, uniaõ, e conformidade, que deviaõ abraçar. Era o Veneravel Padre dotado de fingular eloquencia, efficaz energia, e perfuafiva induftriofa; propoz, ampliou, refolveo, e concluio; e com tanta felicidade, que teve da fua parte até o mais rebelde, ajuftando-fe entre todos huma fogeiçaõ unica á primeira cabeça, em que viaõ a Coroa. Para efte effeito fe juntaraõ com o Veneravel Padre no Senado, porque tudo fe ratificaffe com termos judiciaes.

Andava o Servo de Deos moleftado, tinha trabalhado muito no conclave, adiantou-fe com feu companheiro a fahir do Senado, para pafarem ao Convento. Efperava a refoluçaõ o tropel tumultuofo do Povo, vio fahir o Padre defacompanhado, e que as cabeças do motim naõ appareciaõ; convenceraõ-fe levemente, que naõ tinha havido ajufte; e com impeto cego, e facrilego, lançando maõ de pedras, com hum chuveiro dellas cobriraõ em hum inftante o Servo de Deos, que vendo aquella barbaridade amotinada, fem que a innocencia lhe aconfelhaffe o defender a vida, pondo os joelhos em terra, e levantando as mãos, e os olhos ao Ceo, exclamou com as mefmas palavras, que em occafiaõ femelhante foraõ do Protomartyr Santo Eftevaõ: *Senhor perdoailhes efta culpa, que naõ entendem o que fazem.* Mas nem efta indefenfavel paciencia, nem os piedofos clamores daquella fupplica, baftantes a abrandar as pedras, o faziaõ aos que as tiravaõ; antes com impiedade barbara engroffavaõ o diluvio dellas fobre a innocencia. Mas ó prodigio! O' milagre raro! O' nunca vifto! Cahiaõ fem força as pedras, que tocavaõ o inculpavel corpo, como lavrando-lhe hum muro para defendello.

Deufe parte á nobreza, e ás cabeças do antigo motim (que eftavaõ no Senado) de como defen-

deſenfreado o Povo tinha poſto o Servo de Deos naquelle aperto; ſahiraõ admirando o milagre de o acharem vivo. Creſceo o aſſombro com a noticia do ſucceſſo. Gritavaõ, que o Servo de Deos era o ſeu pacificador, a quem a Cidade devia o ſeu ſocego, e os tumultuoſos o ſeu perdaõ. Monſtro de variedades he o Povo; a incoſtancia he o ſeu verdadeiro centro; ſegue por natureza as acçoens de liberdade, e incerto entre muitas cabeças, faz reſoluçaõ do que ſe lhe propoem por qualquer. Trocaraõ-ſe em hum inſtante as iras em rendimentos, os opprobrios em applauſos, com que até ao Convento, antes que acompanharaõ, perſeguiraõ a modeſtia do Veneravel Padre, que já duvidava de que ſe doeria mais, ſe de apedrejado, ſe de applaudido. Com a noite creſceo eſte tormento, porque entre as luminarias (em que ardeo a Cidade) naõ ceſſaraõ á porta do Convento as muſicas, e os vivas, que tendo o Servo de Deos por aſſumpto, foy o mais rigoroſo aſſalto, que deraõ ao ſeu ſofrimento.

Mas quiz Deos provallo por outro caminho. Tinha dado noticia a elRey do pacifico ajuſte da Cidade, quando o acometeo huma aguda febre, que com indicios mortaes começou a deſenganar os Medicos, e a entriſtecer a todos. Foy couſa maravilhoſa, que aquella Cidade, ha taõ pouco amotinada para lhe tirar a vida, aſſim começou a chorar os riſcos della, que com publicas preces pedio ao Ceo a ſua melhora. Tanta opiniaõ lhe conciliara o ſucceſſo paſſado; tanta aquelle coraçaõ para todos aberto, aquelle genio para todos benigno. Eſcutou o Ceo o juſtificado das ſupplicas, teve ſaude, convaleceo em poucos dias. Deixou ſaudades em Evora, foy aliviar as de Lisboa, que o apertava obrigaçaõ de viſitar a Provincia; mas as importancias do Santo Tribunal, que deixara em Madrid bem aſſombradas, neceſſitavaõ de ſua aſſiſtencia naquella Corte. Paſſou a ella bem viſto delRey, concluio tudo com felicidade. Voltou a Lisboa, recebido nella com univerſal eſtimaçaõ daquelle Tribunal Santo, que com tantas razoens ſe lhe confeſſava agradecido. Naõ baſtavaõ nem todos eſtes deſvelos, paſſados com trabalho, a aconſelharlhe o menor deſcanço; reſolveuſe a viſitar a Provincia. Abrazava-o a caridade da refórma dos ſubditos, da melhora dos Conventos. Aquella ancia o transformava em fogo. Já era todo fogo, naõ podia ter ſocego.

CAPITULO XVIII.

Viſita a Provincia; caſos, que lhe ſuccederaõ.

Regra, e exemplar de Prelados era o Veneravel Padre, naturalmente affavel, facil, e brando; com hum roſto para todos igual, e deſembaraçado; mas aſſim ardente, e prompto em zelo, e refórma de Religiaõ, que, ſem reſpeitar peſſoas, com ninguem diſſimulava quebras. Aſſim praticava as maximas de ſeu verdadeiro Meſtre Chriſto, que ſendo ſuave, e brando de coraçaõ, ſó a falta de Religiaõ, e zelo de que ſe naõ obſervaſſe, lhe poz huma vez

na

na maõ o açoute. Efte nativo zelo, efte animo defvelado, com que o Veneravel Padre olhava para a fua Provincia, o poz no caminho para vifitalla, fendo feu companheiro o Padre Frey Jeronymo da Cunha, peffoa taõ juftificada, como digna daquella efcolha. Paffou aos Conventos de Entre Douro e Minho; e no caminho, que levava, tomou de Noffo grande Patriarcha o eftylo, como tinha o cargo. Apé caminhava com feu companheiro; aviftando povoado, levantava as mãos ao Ceo, que alli o trouxera. Recolhia-fe ao Convento, fe ahi o havia; quando naõ, á Igreja, onde fe detinha todo o tempo, que lhe reftava de comer, ou que naõ havia de caminhar. De tarde pofto a caminho, rezava o Itinerario com o companheiro, depois o Rofario, a que convidava quem a cafo no caminho lhe fazia companhia, propagando affim, como verdadeiro Dominicano, aquella devoçaõ proveitofa, como foberana. Chegando a Convento da Ordem, vifitada a Igreja, tomada a bençaõ dos fubditos, perguntava fe havia alguns enfermos? Vifitava-os compaffivo, lembrava aos Prelados o defvelo com que deviaõ fer affiftidos. Affim os deixava confolados, e compungidos. Tal era fua pratica! Tal fua prefença! Efte eftylo guardava em toda a vifita.

Detinha-fe nella em o Convento do Porto. Tinha advertido nelle (como fazia em todos) que no trato da mefa o naõ fingularizaffem, porque como qualquer Religiofo feguia as Communidades em toda a hora, que lhe defoccupava a vifita. Naõ baftou efta advertencia com o Prior, que querendo ufar de mais algum agafalho, difpoz que na taboa, em que coftumaõ ir as reçoens á mefa, melhoraffem a do Provincial. He eftylo nos Refeitorios Dominicanos começar a darfe a taboa pelos Leigos, e acabar nos Prelados (dictame praticado desde o fabido fucceffo do Convento de S. Xifto em Roma, donde fuftentando Deos aquelles Santos Religiofos, de todo o humano auxilio defamparados, ao repartiremlhe na mefa o paõ os mefmos Anjos, começaraõ por aquelles bons Leigos, e ultimamente chegaraõ a Noffo Santo Patriarcha, que como Prelado occupava a cabeceira da mefa. Por efte eftylo difpoz o Ceo, que comeffem os homens o paõ dos Anjos. Paffou o prodigio a documento, o documento a eftylo, como as mais ceremonias da Religiaõ, fendo rara a que naõ tem por principio algum favor do Ceo.) Advertio o Prelado ao que fervia com a taboa, que fó ao Provincial deixaffe tirar aquella reçaõ della. Achoufe o Santo Prelado com a pitança nas mãos, que fem reparo eftendera a tomalla. Reparou, que a que fe dava á Communidade naõ era a mefma, nem taõ aventajada; diffimulou, e naõ comeo. Foy a graças, tirou o Prior a Capitulo, deulhe huma reprehenfaõ afpera; mandou-o ao outro dia fentar em terra, e comer nella paõ, e agua (caftigo huma coufa, e outra com que na Religiaõ fe compenfa o grave de huma culpa.) Naõ baftaraõ com a inteireza do Santo Prelado a remir o Prior daquella fatisfa-

çaõ rigoroſa as repetidas, e importunas ſupplicas de todo o Convento. Aſſim deſconhecia reſpeitos a ſua inteireza; aſſim abominava ſingularidades em ſua peſſoa, eſtranhando, que os cargos trocaſſem em privilegios os exemplos.

Caſo ſemelhante lhe ſuccedeo em outro Convento. Deraõ os Religioſos o peixe em eſtado, que ſó o cheiro baſtava a deſenganar o goſto. Advertio-o o Veneravel Padre; e ainda que o ſervidor da meſa lhe offerecia certa reçaõ na taboa, lançou maõ da outra, que lhe pareceo como todas. Examinou-a, naõ a achou comeſtivel. Chamou o ſervidor, mandou-o fazer a venia; culpoulhe a induſtria. A graças no Coro reprehendeo o Prelado. Saõ os Religioſos os Mercenarios na Caſa do Pay do Prodigo; e ainda que o pobre prato ſeja hum ſó, deve ſer capaz de lhe matar a fome, e naõ deixallos perecer a ella. Que o primeiro ſuſpirava o Prodigo; o ſegundo fora o ſeu caſtigo. Afeoulhe com graves razoens a falta da caridade; que naõ acertaria a ſer pay ſem eſta virtude.

Mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autẽ hic fame pereo. Lucæ 15. 17.

A falta della experimentou o Veneravel Padre em outro Prelado, e foy hum notavel exame de ſua humildade, e ſofrimento. Via-ſe o Santo Prelado ás portas do Reyno de Galliza, pizando as terras, que o caudaloſo, e celebrado Minho banha, e fertiliza com ſuas aguas; accendeoſe em ſantos deſejos de viſitar o melhor theſouro de Heſpanha, o corpo de ſeu grande Patraõ Santiago, que buſcado reverentemente de toda a Chriſtandade, ſobre Metropoli, e Cabeça de toda Galliza, faz a Compoſtella celebrado Emporio dos Peregrinos. Tornou a recomendar a ſeu companheiro o Padre Frey Jeronymo da Cunha aquelle ſegredo, com que coſtumavaõ caminhar diſſimulados, e deſconhecidos: e ſem mais proviſaõ, que os ſeus Breviarios, tomaraõ o caminho, miſturando-ſe no numero dos Romeiros. Aſſim chegaraõ á Cidade, eſquecidos do largo, e trabalhoſo da jornada, donde ſó os mortificara o ſuſto de arriſcar o ſegredo, porque a modeſtia, e compoſtura do Veneravel Padre, acompanhadas de huma gravidade nativa, e agradavel preſença, eraõ huns brados mudos, que hiaõ pedindo a todos attençoens, e reparos, com que o fiel companheiro ſe via perſeguido, e o ſegredo quaſi deſcuberto pelos indicios de taõ diſſimulado. Recolheraõ-ſe ao Convento da Ordem; proſtraraõ-ſe diante do Prelado a tomar a bençaõ; diſſeraõ, que eraõ huns Portuguezes, que a devoçaõ trazia áquella Cidade; que nella naõ ſeria pezada a ſua aſſiſtencia.

Seria o Prelado da Caſa dos que querem ignorar que ſaõ huns diſpenſeiros do que ha nella, e com cor de zelo da Communidade, faltaõ aos particulares, como ſe delles naõ reſultaſſe aquelle todo, em que os hoſpedes ſaõ huma parte muy importante, no voto, e conhecimento da caridade, queixoſa de os ver tratados com deſabrimentos. Fuy hoſpede, e naõ me agaſalhaſtes, dirá Chriſto: *Hoſpes eram, & non collegiſtis me*, como hum dos cargos, que haõ de entrar na condemnaçaõ dos preſci-

prefcitos. Voltou a elles o indigno Prelado, e com rofto indignado, e defmedidas, e arrebatadas vozes lhes diffe, que fahiffem logo do Convento; que na Cidade bufcaffem commodo; que a Cafa naõ eftava em eftado de fer hofpedaria. Com os olhos no chaõ, e animo focegado efperou, e ouvio o Servo de Deos efte defengano; e tornando a proftrarfe, e feu companheiro, fó com o filencio refpondeo áquelle defatino.

Naõ tardou muito que o indifcreto Prelado fe naõ arrependeffe delle, porque encontrandofe o Veneravel Padre com hum Cathedratico daquella Univerfidade, (que de Madrid o conhecia) e havendo de efcufarfe de naõ affiftir com os Religiofos feus Irmãos, veyo a entender o Doutor a imprudencia do Prelado; e paffando ao Convento, lhe afeyou o eftylo com que fe havia com Eftrangeiros, a que o mefmo habito abria a porta, e devia recolher; quando naõ a caridade, fe quer a politica; feguindo-fe do contrario, o faltar com o refpeito á fogeitos de mayor fuppofiçaõ, como era o Religiofo Portuguez, que defpedira, naõ menos, que o Provincial de Portugal, Inquifidor do Tribunal fupremo, o Meftre Frey Joaõ de Vafconcellos; nome, que ainda a mayores diftancias enchia os ouvidos, e veneraçoens de todos, como as eftimaçoens delRey, e de toda Hefpanha, por fuas letras, por fua virtude, e por feu fangue. Pezarofo, e envergonhado fahio o Prior da advertencia; querendo emendalla, acompanhado dos feus Religiofos, veyo a bufcar o fanto Prelado, lançando-felhe aos pés, e allegando em defenfa de feu pouco reparo, e inconfiderado defabrimento, a ignorancia de taõ grande hofpede, offerecido a iguaes defatençoens naquelle disfarce. Recebeo-o, ouvi-o, e defculpou-o, facil, e benigno o Servo de Deos, dizendo, que elle era hum Frade de feu Irmaõ, mas taõ indigno filho de S. Domingos, taõ pouco benemerito defte titulo, que naõ fora injuftiça o naõ permitillo no Convento; que fó tivera de mao o encontro o faberfe que tinha pouca caridade hum Prelado.

CAPITULO XIX.

Sabe de Compoftella, recolhe-fe em Aveiro. Offerecemlhe o Bifpado de Miranda, naõ aceita. Efcolhemno Vifitador da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelifta, efcufafe. Paffa a Coimbra a vifitar o Santo Tribunal, por ordem do fupremo de Lisboa; a Univerfidade, pela delRey; e os Conventos da Ordem de Irlandezes, Frades, e Freiras, pela do Meftre Geral. Efcufafe ao Arcebifpado de Braga, offerecido por elRey.

NAõ fe deteve o Veneravel Padre muito na Cidade; ainda que a devoçaõ, com que vifitava aquelle Sagrado Sepulchro, o hia efquecendo de qualquer outro cuidado; mas facrificara-fe a deixar os da fuavidade de feu efpirito, por acodir ás vozes com que o chamava feu zelo a concluir a vifita, que tinha fufpendido. Atraveffou os grandes rios Minho, e Douro; chegava a Aveiro, quando encontrou

controu hum correyo com aviſo de que a Mageſtade de Filippe IV. o tinha feito Biſpo de Miranda. Tinha já chegado eſta noticia a Lisboa, a ſeus parentes, e amigos, ſendo o mais alvoroçado o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, com quem os augmentos do Veneravel Padre eraõ o mais importante intereſſe; mas conhecendo bem, que nada da terra tinha naquelle grande coraçaõ eſte nome, e o ſanto deſagrado, com que as dignidades o encontravaõ eſquivo, houve de eſcreverlhe, que ſem reſponder á carta, ſe viſſem com brevidade, que aſſim convinha a algumas importancias do Santo Tribunal. Entendia eſte bom Prelado, que ſó a induſtria dobraria talvez aquella conſtancia; mas eſtava eſta tambem aconſelhada de hum maduro, e religioſo deſpego, com que o Veneravel Padre olhava para as eſtimaçoens da terra, que nunca ſe podia anticipar a ſua reſoluçaõ, nem á mais deſvelada diligencia, ſem fazer outra mais que a importante de conſultar a Deos em larga oraçaõ, e dar noticia a ſeu companheiro, (com quem fugia nos votos do que deixaria, a vangloria do que deixava) reſpondeo pelo meſmo correyo ao Conde Duque, de quem tivera o aviſo. Dizia a carta ſemelhantes razoens: *Taõ coſtumado eſtá Sua Mageſtade, que Deos guarde, a fazerme honra, como Voſſa Excellencia a negocearma; e avulta tanto eſta circunſtancia no meu rendimento, como o pezar de a naõ aproveitar por indigno. Hum Biſpado, Senhor, he grande carga para os hombros de hum Frade, que coſtumado a encolhellos á obediencia, naõ acertará a dilatallos á prelazia. Sobre huma mortalha naõ ficará muy ayroſo hum Roquete; e ſeria delirio de quem ſe vê com huma mortalha, authorizarſe para caminhar para a ſepultura. Na aceitaçaõ do poſto, em que me tem a minha Provincia, obedeci como filho, para trabalhar como ſervo; o de que me faz mercê Sua Mageſtade, he taõ authorizado, que me fará eſquecer de ſubdito; e quem tem examinado a felicidade de o ſaber ſer, por nenhum intereſſe o deve arriſcar. Repreſento a V. Excellencia a minha inſufficiencia, porque quero melhorar o ſeu favor na minha eſcuſa. Eſpero, que V. Excellencia me deſculpe com Sua Mageſtade, que, ſendo ſervido, póde melhorar a eſcolha, como V. Excellencia o favor, pondo-ſe da parte da minha conſciencia. Nas minhas pobres oraçoens me naõ eſquecerá eſte beneficio, a que melhor poderey correſponder no canto da minha cella, que a outro no Palacio de Miranda. O Ceo dilate a vida, e felicidades de Voſſa Excellencia. Aveiro, em 22. de Setembro de 1640.*

Eſta foy a carta com que deſpachou o correyo, ſignificando em outras ao Inquiſidor Geral, e a ſeus parentes, as muitas razoens com que ſe eſcuſava áquella honra, reſolvendo por mais forçoſa a de naõ ſahir do eſtado, que profeſſara, em quanto Deos lhe permittiſſe eſſa ventura, a quem pedia o favor de perdella ſó com a vida. Voltava o Servo de Deos os olhos á ſua Religiaõ, e via tremer as mayores columnas della, ameaçadas do pezo da Mitra. Olhava para ſeu Santo Patriarcha, Oraculo da pobreza; para hum

Thomaz, gloria da Igreja; para hum Raymundo, affombro de Roma; para hum Vicente Ferreira, honra de Valença; media aquelles grandes talentos, encolhidos á vista de taõ formidavel carga, e recolhido á sua consciencia, pedia a Deos, que favorecesse as razoens da sua escusa. Mas naõ bastava a diligencia cautelosa com que se escondia, e se negava aos premios com que o conhecimento o perseguia; naõ bastava a embaraçar as vozes da admiraçaõ, que rompendo os limites de Portugal, e Hespanha, chegaraõ repetidas vezes a espalhar seu nome, e sua virtude na mesma Corte de Roma, com tanta veneraçaõ, e applauso, que Innocencio X. que entaõ governava a Igreja, começou a pôr nelle os olhos para cousas grandes, embaraçadas só de sua modestia, e repugnancia.

Propozse, e resolveose na Sagrada Congregaçaõ de Regulares a refórma da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, e entendeo o Pontifice, que só ao zelo, e prudencia do Veneravel Padre se podia fiar o arduo desta importancia. Sahio nomeado Visitador, e Reformador. Mas inculcando tanta authoridade o cargo, naõ podia deixar de o encontrar atemorizado, e desgostoso. Recebeo com veneraçaõ as letras Apostolicas, mas medindo com sua grande prudencia, e profundo conhecimento as consequencias de huma refórma, as contingencias de concluilla, resolveo, que era difficil lograrse o acerto em huma acçaõ, donde sendo precisos os emendados, já hiaõ de antemaõ os queixosos; e naõ escutando sempre a estes os arrezoados, vay ficando em duvida se o saõ os comprehendidos. Terrivel officio o de emendar; porque se o receber emendas diz confessar erros, grandes duas difficuldades no genio dos homens! Sacrificarse defeituoso, por inferir a outro justificado.

Escusouse finalmente, propondo, e significando á Rota: *Que elle se achava com tantas occupaçoens entre mãos, que, naõ podendo acudir a todas, mais conveniente lhe era deixar algumas, que receber outras; e pareceria demasiada ambiçaõ de governar, aceitar tantas, para naõ satisfazer bem a nenhuma. Que nenhumas, sendo novas, se podiaõ queixar de deixadas, porque só as antigas, de que se tinha entregue, o executavaõ bem assistidas. Que as refórmas queriaõ sogeitos espirituosos, ardentes, Gigantes, a quem todas as difficuldades fossem superaveis. Noticias, e intelligencias miudas para reconhecer o damno, resoluçoens, e inflexibilidades para applicar o remedio; e que o seu animo era mais maviofo, que austero, mais facil de reduzir á commiseraçaõ dos defeitos, que á inteireza dos cargos.* Naõ faltavaõ ao Veneravel Padre as circunstancias, que apontava, e em si desconhecia; mas assim sepultava tudo nos abysmos de sua humildade, como se castigara em suas prendas o teremno inculcado para as honras. Alguem disse, que se escusara a esta, por ter devido o ensino em sua infancia ao Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ, na Casa de S. Bento de Xabregas, que havia de ser a primeira, que experimentasse a refórma; e naõ quiz o Veneravel Padre, com reli-

religiosa modestia, chegar áquellas portas, a que se confessava agradecido, podendo encontrar motivos, que o executassem rigoroso.

Mas se pode escusarse a esta visita, outras duas lhe entraraõ pela porta, com taõ executivo preceito para admittillas, que houve de ceder toda sua repugnancia á razaõ, que lhe naõ admittia nenhuma. Achou o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, com aquelle incançavel zelo, com que se fazia presente em todos os Santos Tribunaes deste Reyno, que era conveniente visitarse o de Coimbra; como Prelado, e como amigo, commetteo, e fiou do Veneravel Padre esta importancia, como quem conhecia a execuçaõ com que se desembaraçava de todas. Assim sahio desta com o credito que costumava, e com aquella expediçaõ, que désse a conhecer o pouco, que havia que emendar. Naõ lhe succedeo assim na visita, e refórma daquella Universidade, que lhe commetteo elRey, informado de alguns abusos, e desmanchos, a que tinhaõ aberto caminho o tempo, e o descuido. Resistia o Servo de Deos, porque entendia o desagrado com que o haviaõ de olhar huns, e outros, os delinquentes, e os justificados; estes, porque em qualquer reparo supporiaõ a sua innocencia injuriada; aquelles, por terem já a relaxaçaõ por natureza: mas nada aproveitou á repugnancia; entrou na visita. Porém naõ valeo nella aquelle animo despido de respeitos, applicado só ao interesse commum, e beneficio dos estudos, e Estudantes, para que naõ começasse a semrazaõ das queixas a embaraçar, e desconhecer as melhoras, achando contradiçoens, favorecidas de quem talvez devia desbaratallas. Suspendeo o Veneravel Padre a diligencia, voltou para Lisboa com o pezar de naõ poder dar ouvidos á magoa dos mais pios, e zelosos da Universidade, que já hiaõ descubrindo o felice caminho, que levavaõ os augmentos della. Mas o Santo Reformador, que media o quanto excedia o numero dos rebeldes aos obedientes, tinha já bem meditado, que só podia recorrer ao remedio da violencia; mas sobre ser contra o seu genio, tinha largas experiencias de que antes fomentava obstinados, que reduzia comprehendidos.

Chegado a Lisboa, achou Patentes do Reverendissimo, o Mestre Frey Nicolao Rodulfo (em cujo talento se pezava bem a reputaçaõ, em que estava na Curia o Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos) para que visitasse, e presidisse ao Collegio de Santo Thomaz dos Hibernios, e o Mosteiro de Freiras da mesma naçaõ, hum, e outro da Ordem, e immediatos ao Geral. Tinha sido o Veneravel Padre em Madrid o mais empenhado padrinho, que reconheceo o seu desamparo, quando fugindo ao levantado cutelo da heresia, se retirara a Hespanha, e dahi a Portugal, por concessaõ, e em tempo de Filippe IV. Assim aceitou esta obrigaçaõ com taõ gostoso desvelo, como quem já conhecia huns taõ bem afortunados filhos da Fé, e da Religiaõ de S. Domingos, que entre a braveza dos infieis de seus paizes contaraõ dentro de hum anno

mais

mais de cento e feffenta Martyres, criados os mais delles nefte Collegio, para verdadeiros promulgadores do Evangelho, a cujas aras, depois de incriveis perfeguiçoens, como conftancias, confagraraõ as vidas. A de fuas patricias, fepultadas com Chrifto no fagrado Mofteiro do Bom Succeffo, affim he toda para o Ceo, que fem commercio humano, nem a mais leve noticia, as faz trataveis com a terra. Affim faõ eftimado fegredo para feu Efpofo, como feu Efpofo o feu unico fegredo. Se eftes fe conquiftarem ainda a diligencias do preceito, naõ faltará materia para mais larga efcritura, arrimando a efta o lugar, em que as póde hofpedar o noffo trabalho, obrigado da liberalidade com que lho premittio efte Reyno.

Mas naõ quiz o Ceo, que o Servo de Deos participaffe efta dilicia fem fe lhe feguir o mayor fufto, que lhe podia affaltar o defcanço. Lograva já defembaraçadamente delle no canto da fua cella, por ter acabado de governar a Provincia; mas os feus merecimentos bemquiftos, como bem experimentados, affim o levavaõ á memoria delRey, que havendo de prover o Arcebifpado de Braga, lhe occorreo logo o Meftre Fr. Joaõ com o grande intereffe de poupar confultas, e refolver efcolhas. Chegoulhe a notiaia da que delle tinha feito elRey, que muy pago defte acerto, (porque o naõ fufpendeffe algum embaraço) lhe fazia faber, que o defpacho das Bullas corria por feu Real cuidado, e diligencia, de que o Pontifice já tinha noticia. Efte fingular favor, e as cartas cheas de honras, e promeffas, affim dobraraõ a pena, affim quebraraõ o coraçaõ ao Servo de Deos, que bem entendeo, que era permiffaõ fua aprovar fua paciencia, e examinar fua conftancia. Mas naõ foy efta menos, que a com que refiftio á offerta de Miranda; e valendo-fe do mefmo eftylo na repofta, e na efcufa, accrefcentou: *Que já os annos o achavaõ mais defenganado; e que feria defgraça, que fe lhe dobraffe o conhecimento, para fe arrepender de hum bom propofito. Que o que tinha feito de viver, e morrer em humildade religiofa, tinha já tantas raizes, que fó abrindolhe a cova, lhas poderiaõ arrancar. Que Sua Mageftade em premio do bem que defejara fervillo, lhe concedeffe a merce de fe efquecer delle para as de tanto pezo; que affim fe confeguia muito, ficar Sua Mageftade bem fervido, a dignidade menos queixofa, e a fua confciencia quieta.*

E quem naõ peza efta refoluçaõ, taõ defpida das paixoens da natureza! O que deixava o Veneravel Padre naõ era já o Bifpado de Miranda, era a Cadeira de Braga, Morgada da Igreja na Ecclefiaftica Monarchia das Hefpanhas, e Primafia dellas, reftaurada, ou defendida pelo feu grande Arcebifpo Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, affiftindo em Trento em tempo do Papa Pio IV. Efta era a offerta, a que voltava as coftas, e o grave pezo a que fogia com os hombros o Meftre Frey Joaõ de Vafconcellos, por naõ defpir huma mortalha, e por naõ deixar a eftreita prizaõ de huma cella. Ifto era o que fó deixava, mas

inda avaliava por favor o aceitarem-lhe a efcufa. Venturofo feculo, em que fe acharaõ Varoens, que aborreciaõ honras; e votos, que fó as davaõ aos que as aborreciaõ!

CAPITULO XX.

Recolhe-fe ao Mofteiro do Sacramento como feu Vigario. Da-fe conta das virtudes em que mais fe efmerou. Tocaõ-fe alguns fucceffos prodigiofos em confirmaçaõ.

Renunciadas, ou defpedidas das duas Mitras, e recolhido ao canto da fua cella, eftava o Veneravel Padre gozando aquelle defcanço, que a fagrada ambiçaõ das virtudes cobiça para feu continuo defafocego, e exercicio, quando vagando a Vigairaria do Sacramento, de que fahio para Lente de Prima da Univerfidade o Meftre Frey André de Santo Thomaz, começou a convidar a feu efpirito á companhia daquelles, que habitavaõ, e hoje habitaõ aquelle Sacrario Dominicano. He efte lugar a todas as luzes da mayor reputaçaõ, pelos fogeitos, que fempre o occuparaõ, e pelas fubditas, que nelle fe dominaõ. Pelos Prelados, porque de Meftres, Provinciaes, e Inquifidores, paffaõ a efta occupaçaõ; pelas fubditas, porque fobre a eftreita, e viva obfervancia em que eftaõ naturalizadas, fobrefahe o efcolhido da nobreza, que tem trocado, e cada dia troca em Santo palacio aquellas fagradas paredes, defde feus primeiros fundadores o Conde de Vimiofo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joana de Caftro, filha dos Condes de Bafto. Aquelle, que confagrando feus bens áquelle Santo edificio, veftio o habito de S. Domingos, bufcando em o feu Convento de Bemfica a viva, e venturofa fepultura de huma cella. A Condeffa, que levantando os muros, em que gaftara o que poffuia, foy a primeira, que do diluvio da terra fe recolheo áquella arca, que fabricara. Fique o efclarecido efquadraõ das que a feguiraõ, para o lugar que lhe permitte a diftribuiçaõ defta efcritura, que fempre fora o primeiro, fe entraraõ a votos os merecimentos.

Efta vivenda, e efta companhia efcolheo o Veneravel Padre, fatisfazendo os fantos defejos de o verem na fua aquellas fubditas, a que a femelhança das virtudes reconhecia filhas; naõ experimentaraõ nelle menos, que amor de pay, applicando-lhes o Veneravel Padre as fuas rendas para ajuda de feu fuftento; e as que achou na Cafa, com groffos dotes, que accrefceraõ, melhorou no gafto, por querer melhorar o Mofteiro da Igreja, fabricando em fua idéa (fecunda pelas noticias, que tinha adquirido de architectura) o novo defempenho, que hoje fe vê bem avaliado da arte, e merecido do aceyo daquelles efpiritos caftos, que por fer o Sacramento Paõ de Anjos, lhe adereçaõ, e ornaõ aquella Cafa, e Mefa com a mayor decencia, que fe póde alcançar na terra. Aqui fe empenhou, e defempenhou o defvelo do Santo Prelado, vendo em pouco tempo fubir as fagradas paredes, e concluirfe huma obra, que en-

tra a fazer numero com as mais regulares de Lisboa, podendo dizer a sua piedade, e sciencia, o que o Mestre das Gentes aos do Corintho: Eu dey a traça, e comecey a levantar os alicerces a esta fabrica, como sabio Architecto.

Ut sapiés architectus fundamentú posui. 1. ad Corint. 3. 10.

Começou aqui o Veneravel Padre a ser todo de Deos, pelo desembaraço de negocios, como sempre o fora por fervor de desejos; estes o faziaõ arder em taõ vivas lavaredas de amor de Deos, que para desafogo dalma parece, que se valia da desnudez da pobreza. Taõ estreita era a que abraçava, que logo se lhe divisava, ou no despido da cella, ou no vestido singelo, e talvez remendado, de que usava. O chapeo estava já taõ desfigurado, e rendido com o tempo, que reparandolhe nelle em huma occasiaõ sua cunhada a Condessa de Figueiró, lhe deu dinheiro para outro. Aceitou o Servo de Deos a esmola, e entendendo, que ainda a sua necessidade naõ merecia este nome, ao sahir da porta, a repartio com huns pobres, que achou a ella. Succedeo repetir a visita, e perguntando-lhe a Condessa pela compra, lhe explicou o estylo, porque a melhorara. Tornou a Condessa a refazello para segunda; voltou para Casa, e encontrando huns pobres, tornou a esquecerse de si, por se lembrar delles. Deixou-lhes nas mãos o dinheiro. Soubeo-o a Condessa; naõ desconhecia o santo contrato, mas parecialhe indecente o tratarse por aquelle estylo huma pessoa de tanta authoridade. Assentou com seus criados, que lhe comprassem hum chapeo. Naõ reparou o servo de Deos na troca, quando ao despedirse, o tomou na maõ; mas naõ o passou á cabeça, porque ao sahir da porta, pegando no do companheiro (que pouco se melhorava ao seu antigo) lhe poz na maõ o novo.

Naõ lhe succedia menos com o calçado; e pode mostrallo hum successo, que se naõ estranhará por miudeza, pelo muito que inculca de sua pobreza Apostolica. Caminhava sempre o Veneravel Padre a pé; levantouse o dia, que por ordem delRey havia de partir para Coimbra como seu Visitador, e Reformador; e advertindo-lhe o companheiro, que quem havia de caminhar a pé naõ tinha sapatos, que gastos, e rotos o deixariaõ a poucas horas de caminho, instavaõ os que alli se acharaõ, que comprasse outros: resolveo, que se chamasse hum sapateiro; que com qualquer concerto naquelles velhos, se escusava o gasto de huns novos. Veyo o official, e em quanto lhos reparou, inda que á custa de muitos remendos, teve os pés sobre huma cortiça, esperando, que só lhos cobrisse a sua pobreza. Fermosos pés, que hiaõ a dar passos para pacificar animos, e desterrar abusos! Estes eraõ os atavios, com que a sua humildade se enfeitava aos olhos de todos, para dizer com as acçoens com que sempre a testemunhou, naõ havendo nenhuma em sua vida, que a naõ tivesse por alma.

Quàm pulchri pedes annunciantis, & prædicátis pacé, annunciantis bonum. Isai. 52. 7.

O mesmo testemunho se encontrava na cella, taõ nua, e despida, como a que naõ tinha mais serventia, que a de sepultura. Nella assim em Bemfica, como em Lisboa (sendo buscado do mais illustre della, que

com o motivo de parenteſco, ou da devoçaõ, lhe entrava pela porta) coſtumava tomar em pé as viſitas, por ſe naõ acharem alli mais que duas cadeiras de pao para agaſalhallas. Enganaraõſe alguns dos parentes mais chegados, que naõ ſeria voluntaria aquella pobreza; mandaraõ-lhe ornar decentemente a cella; deſpio-a logo para veſtir nos pobres as paredes de Chriſto. A cama humas taboas nuas, duras, e mal polidas, cubertas de groſſas mantas, conveniente agaſalho para quem antes queria deſpedir, que convidar o deſcanço. Taõ inimigo delle, fugia as occaſioens de o poder ter em nada da vida, que doendo-ſe o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro de ſeus grandes, e continuos achaques, e do mal, que podia convalecer delles no longo caminho, que de Bemfica a Lisboa pizava todos os dias, (que como Inquiſidor, vinha aſſiſtir ao ſeu Tribunal) lhe mandou dar huma mulla, que lhe facilitaſſe a jornada. Eſcuſouſe o ſervo de Deos, ſem que ſua indiſpoſiçaõ, nem os rogos de quem lhe fazia a offerta, baſtaſſem a reduzillo áquella conveniencia. Houve de darſe por ſentido, e aggravado o Inquiſidor Geral, e interpondo todo ſeu valimento, vio-ſe o Veneravel Padre obrigado a ceder de ſua auſteridade; mas reparando em que a mulla trazia mais authorizados arreyos, que os que os que convinhaõ a huma carruagem, que ſe aceitava por força, e ſe havia de uſar por neceſſidade, lhos mandou tirar, e pôr huma cella velha, applicando-a os dias que ſe naõ ſervia della, ás cargas de lenha, e mais ſerviço da Caſa, dizendo (por ſe ter em conta de mais inutil carga) *que naõ havia de ſervir ſó de acarretar terra de Bemfica a Lisboa.* Em chegando a ella, ſe apeava, entendendo, que o mais parecia fauſto, e naõ remedio.

Aſſim naõ deixava paſſar acçaõ, em que a humildade, quando a naõ podeſſe ter toda, naõ ficaſſe com a melhor parte della. Era Prior de Bemfica, e como Salomaõ daquelle Santuario, zelava o ſeu aceyo. Ordenava ao Meſtre, que com os ſeus Noviços vieſſe varrer, e alimpar a Igreja; e vendo talvez, que tardavaõ como occupados no continuo exercicio do noviciado, naõ lhe ſofria o coraçaõ fiar aos Leigos, e aos moços aquella diligencia; pegava em huma vaçoura, e acompanhava-os nella. Neſte eſtado o acharaõ muitas vezes ſendo Prior, Provincial, Prégador delRey, e Inquiſidor, os Fidalgos, os Senhores, e os Miniſtros do Santo Tribunal, vendo-o acompanhar a Communidade no varrer do Dormitorio (demonſtraçaõ humilde de noſſa Religiaõ ſagrada, uſada huma vez na ſemana, e taõ religioſamente abraçada de todos, que os Prelados ſaõ os primeiros) Pouco era iſto: o que parecia mais era a ſagrada ambiçaõ, com que o Veneravel Padre naõ deixava paſſar hum lançe de abatimento, pelos mayores reſpeitos do Mundo. Aſſim fazia eſperar a viſita até ſe deſoccupar com a Communidade, deixando a todos, antes que queixoſos, edificados. Em quanto aſſiſtio em Coimbra, viſitando a Inquiſiçaõ, ou a Univerſidade, naõ permittio a Miniſtro,

ou a pessoa alguma de mais, ou menos supposiçaõ, que o acompanhasse; ou por aborrecer a lisonja, ou por fugir á singularidade; ou porque olhava para huma cousa, e outra, como verdadeiro humilde.

Como o naõ sabe ser senaõ o mais consummado na virtude, exacto, e unico era o Veneravel Padre na regular observancia, a que de taõ poucos annos consagrara sua vida, desempenhando nella o exemplar mais vivo, a que podia olhar o espirito mais reformado. O jejum das Constituiçoens, dilatado desde Santa Cruz de Setembro até a Paschoa da Resurreiçaõ, observou assim indispensavel, que nem os achaques lhe aconselharaõ as quebras delle. Da pobre reçaõ, que se lhe punha na mesa, assim eraõ os pobres quotidianos acrédores, que sempre se contentava com a menor, e peyor parte della, fazendo-o com mais estreiteza na Quaresma, em que o seu prato naõ passava de humas hervas. Muitas vezes, que o melhorava de regalo, era hum pouco de paõ molhado em agua quente, com hum fio de azeite; mas esta pitança era a com que contentava o trabalho de hum dia inteiro, quando o gastava em Lisboa, recolhendo-se á noite a Bemfica, cançado da assistencia do Tribunal, e de outras importancias de igual pezo. Levando naquelle tempo o de Prior por muitos annos, assim trazia as horas medidas, que assistindo a cousas muy diversas, naõ lhe faltava tempo para todas. De manhãa antes de Prima oraçaõ, depois Coro, logo Missa celebrada com tanta suavidade, e doçura de espirito, que sem caberlhe o coraçaõ no peito, lhe rebentava pelos olhos em grossas lagrimas, a que fiava os jubilos como a mudas linguas. Acodia logo á sua Cadeira, ás obras do Convento, ou ás funçoens da Communidade; o mais oraçaõ: breve descanço antes de Matinas, depois dellas menos; em humas nuas taboas nunca podia ser muito, inda que lho dispensasse o tempo. Em todo continuou o Coro nocturno, sem que o embaraçassem as precisas occupaçoens, que o ser Inquisidor, Provincial, e Prégador delRey costuma trazer comsigo. A esta exacçaõ de vida se accrescentavaõ as disciplinas de sangue, os cilicios asperos, naõ fiando só o desabrimento com que se tratava ao grosseiro, e esquivo da tunica de estamenha, que (ainda gravemente enfermo) só o preceito do Prelado lhe fazia trocar por linho.

A sua inteira observancia acompanhava huma fé viva, huma esperança firme, huma caridade ardente. O seu grande, o seu continuo desvelo era a decencia no culto Divino. Tudo para este emprego lhe parecia pouco. Assim com animo largo, e liberal ornou, e polio seu Convento de Bemfica com o mais selecto, a que antes parece, que podiaõ chegar os milagres, que as posses. Quadros da melhor maõ, que entaõ reconhecia o pincel, lhe ornaraõ as Capellas, e taõ prodigiosas esculturas lhe occuparaõ os nichos das duas do Cruzeiro, (que saõ hum Christo espirando na Cruz, e huma Senhora do Rosario) que ainda se naõ deixaraõ imitar dos mais peritos, como se vem admira-

miradas de todos. Aſſim trabalhou, e conſeguio o Veneravel Padre na proporçaõ, no ornato, e no aceyo daquella Igreja, hum breve Ceo na terra; e porque nelle ſe eſcutaſſem em todo o tempo poſſivel louvores a Deos, ordenou, que a Coros ſe rezaſſe pelos Religioſos no fim de Completas o Roſario, repartido em terços pelos dias da ſemana. O meſmo inventou no Moſteiro do Sacramento; continua-ſe com fervor em huma, e outra parte. Deſte commercio continuo que tinha com Deos, e com o que lhe tocava, lhe naſcia hum vivo, e ſeguro conhecimento, que enſinado da experiencia, ſó a Deos levava ſua eſperança, fiando tanto de ſua Divina Providencia, que nunca emprendeo couſa, que naõ viſſe; com ella, naõ ſó concluida, mas ainda continuada, aſſim na fabrica de Bemfica, donde rara vez chegou ſem falta de dinheiro o dia de pagar aos jornaleiros, e nunca ſe acabou ſem os mandar pagos. Eſtes os effeitos de ſua firme eſperança; e daqui o atearſe em ſeu coraçaõ a mais viva chamma da caridade.

Apertou a eſte Reyno o cruel cerco da fome, com que o braço da Divina juſtiça o quiz caſtigar por aquelles annos. Achavaſe Prior em Bemfica o Veneravel Padre, creſcia na Portaria o numero dos pobres, (que neſta occaſiaõ ſempre as Religioens ſaõ os piedoſos Pelicanos, que do que ſe tiraõ ao ſuſtento, alimentaõ os pobres de Chriſto, quando os ricos, e poderoſos fechaõ naõ ſó as portas, e as entranhas, mas ainda os ouvidos ao brado das miſerias.) Mandou o Veneravel Padre, que ſe cozeſſe mais paõ, e que ſe acudiſſe ao deſamparo; começou a correr todo aquelle contorno com as noticias do bom agaſalho. Era de pobres o celleiro do Convento, que coſtumava proverſe mais de eſmolas, que de rendas; faltavalhe aquelle anno (por experimentarem o meſmo em ſuas caſas) a com que o Correyo môr, e o Arcebiſpo de Lisboa acodiaõ áquella. Tinha medido o que ſe podia dar (e já ao Convento faltaria para comer) o Pade Frey Lourenço das Chagas, que tinha a ſeu cargo o celleiro. Recorreo ao Prior, propozlhe a falta, com que já o ameaçava o largo, e continuo da eſmola, concluindo, que naõ acabariaõ já o anno ſem ella. Eſcutou-o o ſervo de Deos com animo, e roſto ſocegado, e reſpondeolhe: *Padre Frey Lourenço naõ afrouxe nas eſmolas, alargue a maõ, ſem olhar para o trigo, que nem tendo-o nós, ha de faltar aos pobres, nem tendo a Deos, nos ha de faltar a nós.* Foy caſo notavel, e que chegou a eſcutarſe nos Pulpitos, que continuando na Portaria, e com peſſoas particulares, a que apertou a meſma neceſſidade, o remedio dellas, até ſe deſconhecer a fome, nunca faltou trigo no celleiro, e naõ ſó chegou, mas ſobejou ao novo.

Mas naõ parou aquella inextinguivel ſede de ſua caridade em ſuſtentar os pobres, paſſou a veſtillos; e para os veſtir a elles, ſe deſpio a ſi. Era Inquiſidor, mas aſſiſtia em Bemfica, que foy ſempre o appetecido centro de ſeu eſpirito. Paſſava todos os dias a Lisboa. Reparou

rou o Prior (que era entaõ Fr. Antonio dos Reys) pela noticia que tinha, naõ só das alfayas de sua cella, mas da roupa que vestia, que para as grandes giadas, com que aquelle Inverno fazia intrataveis as manhãas, e as estradas, era debil, ou nenhuma a resistencia, que lhe podia fazer huma tunica velha, e huma capa gastada. Dissélhe o bom Prior, que seria razaõ, reparando a sua debilidade ao trabalho, e ao tempo, fazerlhe huns interiores, que o abrigassem contra elle; e respondendo o Veneravel Padre, que graças a Deos inda tinha com que se cobrisse, que melhor fora applicallos a mayor necessidade, naõ se deu por despedido o Prior, antes mandando logo fazer huma casaca de pano assaz grosseiro, lha mandou levar á cella. Recusou o servo de Deos a offerta, inculcando adonde seria mais bem empregada. Conhecia o Prior, que para vencer naquelles particulares a sua inteireza, naõ havia mais que huma valia. Mandoulhe, que a vestisse por obediencia. Beijou-a, e vestio-a; mas naõ lhe durou muito a gala; passados poucos dias, chegava á Portaria huma manhãa a esperar, que a chuva lhe désse lugar para se pôr a caminho para a sua occupaçaõ do Tribunal, vinha a este mesmo tempo fugindo a elle hum pobre taõ roto, e despido, que o soccorro do tilheiro, que estava junto á Portaria, foy a sua camiza, e a sua capa. Estava a manhãa, sobre chuvosa, enregelada, e desabrida. Fazia precisa a lastima no desabrigo do miseravel. Menos espectaculo fora bastante a enternecer as entranhas daquelle ethna da caridade. Mandou ao companheiro, que com toda a pressa fosse pedir licença ao Prior, para agasalhar aquelle pobre com a sua casaca, porque sem acodir áquelle desamparo, nem sahiria da porta, nem socegaria a sua consciencia. Chegou o Prior admirado a examinar o motivo da supplica, e achou ao servo de Deos tanto mais trespassado da lastima, que o pobre da chuva, que entendeo, que mais necessitava o Padre de despir a casaca, que o pobre de vestilla. Assim as muitas aguas naõ poderaõ extinguir, mas atear a caridade, que naõ á de pequenas chuvas, mas nem á de caudelosos rios pode cobrir seus incendios. Naõ temia os assaltos da agua, e do frio, quem por defender ia outrem, os queria esperar a peito descuberto. Veyo o Prior na licença de que désse a casaca. Recolheo-se a despilla, trouxe-a com pressa, entregou-a com ancia; antes pareceo, que a restituîa, do que que a dava. Caminhou contente para Lisboa.

Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem. Nec flumina obruent illam.

Continuo era o Veneravel Padre neste desvelo com os pobres, vestindo a muitos, e entre elles a este, que agora o deixou despido. Mas como tambem a pobreza se naõ livrou de genero de contrato, vendia este o vestido, e tornava a apparecerlhe em fórma de grangear outro. Reparou nelle o companheiro do Veneravel Padre, e reprehendendo-o com a aspereza que merecia, quem com capa de miseria, queria cobrir, e dissimular a estafa, o despedio da esmola como merecia sua malicia; mas naõ o consentio o servo de Deos, e estranhando-o

muito ao companheiro, lhe diſſe: *Que quem recebia no pobre, era Deos, porque nunca ſe perdeſſe o que ſe déſſe ao pobre. Que elle naquelle favorecia a miſeria, e naõ a callaçaria. Que a caridade naõ era tribunal de reprehender, mas de remediar. Que a eſmola era aquelle rio impetuoſo, que rega a Cidade de Deos, a congregaçaõ dos Fieis, e verdadeiros pobres; que ſempre em ſi he limpo, e puro, inda que o aqueducto ſeja toſco, e pouco proporcionado.* Aſſim naõ ſabia o ſervo de Deos, nem preſumir mal, nem deixar de fazer bem.

Eſta ancia caritativa o deſentranhava aſſim com os neceſſitados, que ſem ſe perdoar a ſi meſmo, nem o que lhe era preciſo eſtava com elle ſeguro, mais que em quanto lho permittia a ſupplica da pobreza. Viſitando a Provincia, mandou dar hum habito de dous que lavava, a hum pobre, que meyo deſpido o apanhou na eſtrada ſem dinheiro, ſentenciando-ſe em quanto andou naquella occupaçaõ a pedir hum habito de empreſtimo; em quanto ſe havia de lavar o que trazia no corpo, desfigurado do mao trato do caminho. Foy iſto pouco. Hia para a Inquiſiçaõ huma manhãa deſabrida, chegouſe a elle hum miſeravel pouco enroupado, eſcutou a ſupplica, que lhe fazia enternecido, voltou ao companheiro, que era Frey Gaſpar da Sylva, acharaõ-ſe ambos incapazes de remediallo. Podera reſponderlhe o Veneravel Padre, o que em companhia de Joaõ diſſera Pedro ao Paralitico, que lhes pedio a eſmola á porta do Templo: *Naõ tenho prata, nem ouro, mas doute o que tenho*; porque retirando-ſe a huma logea, deſpio com preſteza os calçoens, e entregou-os ao pobre, andando ſem elles até que ſe lhe fizeraõ outros, que veſtia antes como quem ſe aparelhava para outro encontro, que por guarnecerſe contra a inclemencia do Inverno.

Argentũ, & aurum non eſt mihi; quod autem habeo, hoc tibi do. Actor. 3. 6.

Mas reparando, que o tratar dos pobres naõ havia de ſer eſquecendo-ſe de que o era, reſolveo-ſe a impetrar do Pontifice Urbano VIII. hum Breve, com que ſem eſcrupulo podeſſe alargar a maõ a repartir com fabricas Sagradas, e com os ſeus pobres o que lhe rendiaõ os lugares, que occupava, o que elle grangeava pela ſua prédica, o que lhe davaõ ſua irmãa, e outras ſenhoras como a theſoureiro dos pobres, emprego, que aſſim reconheceo, e eſtimou nelle a Mageſtade de Filippe IV. que eſtando em Madrid, lhe mandou dar certa ſomma de dinheiro, entendendo a liſonja, que fazia á ſua caridade, em lhe dar para diſpender; graça, que o Veneravel Padre avaliou por unico intereſſe, ſendo taõ pouco déſtro no de qualquer cabedal, que ſe affirma delle, que inda ignorava a valia de hum toſtaõ. Tinha hum Religioſo por ſeu particular depoſitario; eſte arrecadava, e diſpendia; e ſe o Veneravel Padre queria alguma vez ſer o diſpenſeiro de algumas eſmolas, pedia, que lhe embrulhaſſe o dinheiro em diverſos papeis, podo-lhe a ſomma do que continhaõ; aſſim fechados, os paſſava ás mãos da pobreza, como quem lhe naõ conhecia outra ſerventia. A certo homem, que lhe arrecadava a renda de Inquiſidor, tinha da-

do

do permiſſaõ, para que acodiſſe a alguma neceſſidade, que ſe lhe offereceſſe. Trazia eſte em tempo determinado o reſto, e o rol da deſpeza, mas nunca pode obrigar ao Veneravel Padre a que lhe puzeſſe os olhos, perguntando-lhe ſó a diligencia, com que acodira aos apertos, como quem tinha já aſſentado, que aquella fazenda era dos pobres, e que o que alli podia haver de novo, era a promptidaõ no diſpendio.

CAPITULO XXI.

Caſos prodigioſos, que continuaõ o argumento de ſua virtude: Cahe em huma grave enfermidade; origina-ſe della ſua morte.

ASſim ſe hia remontando o Veneravel Padre ſobre a terra, aligeirando-ſe com o artificio de lhe ir deixando o que ella lhe hia offerecendo, depoſitando nas mãos dos pobres o pezo da prata, e do ouro, para que ſem eſſe embaraço ſe aviſinhaſſe ao Ceo, ſeu ſuſpirado centro. Aſſim pobre, e abatido a ſervo dos pobres, parece que ſe remontava ſeu eſpirito, conſumidas no fogo da caridade as penſoens do corpo. Mas naõ ſofre o pay da inveja o ver que outros ſobem, por donde elle cahio; que ſubaõ por abaterſe, como elle cahio por remontarſe. Aſſim começou a buſcar caminhos, que turbaſſem ao Veneravel Padre o ſocego de ſeu eſpirito, e em varias occaſioens ſuppoz o conſeguiria, aſſuſtando-o, ſe orava na cella, com golpes na porta; e com deſuſado eſtrondo em todo o Moſteiro, ſe ficava na Igreja; mas vendo a conſtancia com que continuando ſeus exercicios, lhe deſprezava os medos, e os terremotos, huma noite, que tinha provado toda ſua induſtria, ſem mais fruto, que conhecella ocioſa, ſe atreveo a maltratar o ſervo de Deos com taõ duros, e pezados golpes, que eſta foy ſem duvida a origem de ſuas grandes enfermidades, a juizo dos que tiveraõ eſta noticia, e obſervaraõ a ſua indiſpoſiçaõ depois della. Naõ quebrou aqui a infernal furia, que no ſofrimento do ſervo de Deos ſe vio novamente injuriada. Tratou de provar a maõ em traça, de que em ſi tinha experiencia; quiz que a vaidade foſſe todo o tropeço daquella ſegurança.

Carregadas as nuvens, como ameaçando diluvios, deſcompoſto, e profiado o vento, como promettendo tempeſtades, bruſco, e deſabrido amanheceo hum dia, em que o Veneravel Padre com mayor importancia havia de ſahir de Bemfica á obrigaçaõ do ſeu Tribunal. Era neſte tempo ſeu companheiro o Padre Frey Joaõ das Neves; elle, e Jeronymo Correa, (inſigne entalhador, que aſſiſtia neſta occaſiaõ ao aſſentar o retabolo na Capella môr do Convento) por lhe pedir o Veneravel Padre hum eſcravo, que lhe levaſſe a bolça dos papeis, começaraõ a pedirlhe, e logo a proteſtarlhe, que naõ eſtava dia para aquella jornada; menos para arriſcar huma ſaude taõ perigoſa como a ſua. Naõ valeo nada, puzeraõ-ſe a caminho para Lisboa; nem chegaraõ a ella ſem que as nuvens ſe deſataſſem em huma chuva ſobre groſſa, taõ

taõ profiada, que durando todo o dia, nem ao declinar delle o fez a tempeſtade. Naõ havia de ficar o Veneravel Padre, nem ainda por mais urgente motivo, fóra do ſeu Convento. Reſolveo-ſe com o companheiro, puzeraõ-ſe a caminho. Já noite cerrada chegaraõ á Portaria; tocaraõ a que lhe abriſſem a porta. Paſſeava a eſte tempo no Clauſtro Jeronymo Correa, eſperando que ſerenaſſe algum inſtante, para paſſar, como coſtumava, a agaſalharſe na quinta dos Loureiros, que ſem meter em meyo mais que huma pequena lameda, a fica ſenhoreando a breve diſtancia do Convento; (hoje Caſa de prazer dos Marquezes da Fronteira, e o mais viſtoſo, e celebrado retiro, que reconhece eſte Reyno, e ainda nos eſtranhos ſe lhe naõ nega o lugar entre os mais famoſos) mas naõ ſe atrevia o Correa a paſſar ainda taõ breve diſtancia; tanta, e taõ continuada era a chuva! Ouvio tocar á Portaria; chegou com o Porteiro a examinar quem era, e vendo entrar ao Veneravel Padre (como mimoſo, e favorecido ſeu) ſe chegou a elle, e com verdadeira, e compaſſiva queixa lhe diſſe: *Por certo meu Padre Meſtre, que genero foy de temeridade ſahir Voſſa Paternidade de Lisboa com tal agua; porque ainda nos mais robuſtos parecera loucura.* Eſcutou-o com ſocego o ſervo de Deos, e como admirado do que lhe ouvia, reſpondeo formaes palavras com ſegura ſynceridade: *Pois que? chove?* Advertido o Correa, como o que já eſtava enſinado a naõ duvidar do que poderia ſer, ſe chegou mais ao Veneravel Padre, e tocandolhe os veſtidos, os examinou enxutos. O meſmo exame fizeraõ Frey Joaõ das Neves, (que ſe achava traſpaſſado da agua de todo o caminho) e o meſmo Porteiro; eſte, que eſtava ouvindo a chuva, aquelle, que a eſtava examinando na ſua Capa; e todos trez taõ mudos de aſſombrados, e taõ extaticos de convencidos, que deraõ lugar a que o ſervo de Deos atalhando nova experiencia, ſe recolheſſe ao canto da ſua cella.

Mas naõ lhe valeo a retirada, porque o inimigo, que o via fugir o encontro da vaidade, naõ deſconfiava de que ainda na publicidade do ſucceſſo o poderiaõ ir pondo de cerco. Naõ dilatou a experiencia. Recolhia-ſe o Veneravel Padre ao cerrar da noite em huma das ſeguintes para o Convento, e chegando com ſeu companheiro á ponte, que dá paſſo para elle, vio que nella ſe lhe atraveſſava hum homem, que detendo-o, lhe perguntou ſe era daquelle Convento? E naõ eſperando repoſta, continuou: *Dizem, que o Padre Frey Joaõ de Vaſconcellos he taõ virtuoſo, que veyo pela chuva ſem ſe molhar?* Naõ eſtranhava o ſervo de Deos as aſtucias de ſeu inimigo, conheceo o aſſalto, e voltando as coſtas, diſſe a ſeu companheiro (que neſta occaſiaõ era o Padre Frey Gaſpar da Sylva): *Padre vamos de preſſa, que a ſemelhante pergunta, ſó o naõ dalla he repoſta.* Sem eſperar alguma, deſappareceo o homem; naõ o deſconheceo o Veneravel Padre, nem o intento com que lhe lembrava aquella occaſiaõ, em que a mais ſegura virtude o naõ eſtá

das

das traiçoens da vaidade; mas eſtava fortalecido contra ellas o ſervo de Deos, devendolhe illuſtraçoens mais ſobidas, que em duas occaſioens parece que ſe viraõ deſempenhadas; naõ poderaõ eſtas eſconderſe à diligencias do Veneravel Padre, em cujo religioſo ſilencio ficaraõ ſepultados aquelles prodigios, que ſua ſanta modeſtia, e humildade profunda pode roubar aos olhos, e aos aſſombros da piedade Chriſtãa. Mas naõ baſtou eſte recato a embaraçar o muito, que havia que ſaber; naõ cabiaõ apertados na nuvem da diſſimulaçaõ os rayos da virtude; ſahiaõ a ferir nos olhos da experiencia.

Trabalhara com todo o deſvelo, e primor da arte o grande Entalhador Jeronymo Correa (de que diſſemos acima) o retabolo para a Capella mayor de Bemfica. Mandara o Veneravel Padre obrar pelo melhor Eſcultor, que entaõ conhecia Heſpanha, duas Imagens de humana eſtatura, huma de Noſſo Padre S. Domingos, outra de S. Pedro Martyr, para ſe accommodarem em dous nichos abertos no meſmo retabolo. Tinhaõ-ſe tomado as medidas, naõ devia de ſer com taõ miudo reparo, como era preciſo, trabalhando-ſe em partes taõ diſtantes os nichos, e as Imagens; aſſim ſahiraõ as Imagens mais compridas hum palmo, que os nichos. Aſſiſtia Jeronymo Correa neſta occaſiaõ com os officiaes. Sobiraõ eſtes huma, e outra vez, levando a medida; huma, e outra vez deſceraõ deſenganados, que naõ havia mais remedio, que romper os nichos. Era primoroſa, e bem medida toda a obra, ficavaõ os nichos na mais viſtoſa parte della, (porque acompanhando o remate do arco do meyo, ficaõ deſcançando ſobre as quatro columnas em que elle ſe ſuſtenta) e qualquer novidade, quanto mais hum deſmancho, a deſcompunha, e deſproporcionava. Naõ imaginavaõ remedio, que naõ foſſe perda. Affligiaſe o Veneravel Padre, que a via no mais importante da obra; mas bem conhecia, que na Caſa de Deos o meſmo Senhor devia ſer o mais empenhado; ſem duvida que illuſtrado, e ſobindo ao Ceo com eſte penſamento, lhe propoz a ſua magoa como petiçaõ do remedio; porque no meyo de tanta irreſoluçaõ mandou, que levaſſem acima as Imagens. Pareceo aos officiaes loucura, naõ aſſim ao Correa; aquelles tinhaõ tocado a difficuldade com repetida experiencia; eſte tinha mayor experiencia de quem os mandava. Sobiraõ-ſe em fim as Imagens, applicaraõ-ſe aos nichos, recolheraõ-ſe nelles naõ ſó ſem violencia, com deſembaraço, ficando na proporçaõ, que lhes podia dar a arte, e hoje admira a experiencia.

Naõ foy menor demonſtraçaõ das illuſtraçoens, com que Deos premiava o ſeu ſervo, o que lhe ſuccedeo com o meſmo Jeronymo Correa. Eralhe affeiçoado o Veneravel Padre, (porque ſobre o ſer eminente no que pertencia á ſua arte, era homem lizo, de vida concertada, e conſciencia limpa). Succedeo enfermar gravemente; naõ valeraõ remedios, chegou aos ultimos deſenganos. Naõ lhe eſquecia o bom amigo, tinha expe-

experiencias, que lho ſeguravaõ melhor Medico; pezava em mais a ſaude do eſpirito, para ella o tinha guardado. Com todo o encarecimento mandou pedirao Veneravel Padre, que lhe permittiſſe a conſolaçaõ de o ver; que bem ſabia que era larga, e penoſa a jornada, mas que teria o alivio de ſer a ultima. Sentio o ſervo de Deos a noticia, porque ſabia pezar a perda. Pozſe logo a caminho, eſquecendolhe o que tinha de cuſtoſo; chegou a caſa do enfermo, achou-o no extremo perigo, e taõ certo delle, que levantando as mãos ao Ceos, pedia ao Veneravel Padre, lhe permittiſſe, que gaſtaſſe com elle em reparos de ſua conſciencia o pouco, que lhe reſtava de vida. Levantouſe o Padre de junto da cama donde eſtava, e pondo os joelhos em terra diante de hum Crucifixo, que acompanhava o enfermo, ſe ſuſpendeo em huma breve oraçaõ; e levantandoſe della, ſe tornou a chegar á cama, pegou na maõ ao enfermo, e diſſelhe, que ſe ficaſſe com Deos: *Padre* (tornou o enfermo ancioſo, e affligido) *com eſſa ſequidaõ ſe vay, deixandome ás portas da morte? Eſte deſamparo naõ eſperava eu da ſua piedadade. Eſta he a hora, em que coſtumaõ valer os amigos como Voſſa Paternidade, e entendia eu, que eſta era a ultima fineza, que lhe havia de dever a minha vida. Naõ ſe deſconſole, que deſta vez naõ ha de perdella,* (lhe reſpondeo o Veneravel Padre) *e ſaiba, que dia da Encarnaçaõ, que he daqui a quinze, ſe achará com ſaude ſegura, e ſe levantará da cama. Por tudo dê a Deos infinitas graças.* Eſtas foraõ as palavras do Veneravel Padre, e depois o ſucceſſo o deſempenho dellas, ſem falta da minima circunſtancia, como depoz, e jurou o meſmo Jeronymo Correa.

Mas naõ ſó illuſtrava Deos ao ſeu ſervo, deſcobrindo-lhe os ſegredos de ſua elevada Providencia, tambem parece lhe participava aquelle unico privilegio, que tem para ſi reſervado, conhecendo, e examinando o ineſcrutavel coraçaõ dos homens. Era o Veneravel Padre Vigario do Sacramento, paſſou á Lisboa hum dos rigoroſos dias do Eſtio a huma importancia indiſpenſavel; naõ foy facil o concluilla; eraõ duas horas depois do meyo dia quando voltava para Caſa. O caminho largo, o Sol intenſo, a debilidade do ſervo de Deos, a lida de huma manhãa inteira, e o ſuſtento dilatado até aquella hora aſſim o traziaõ desfigurado, e taõ rendido, como ſe a cada paſſo foſſe eſpirando. Acompanhava-o neſta occaſiaõ o Padre Frey Alvaro de S. Joſeph, (a quem neſtes eſcritos teremos tambem por merecido aſſumpto, com a conſolaçaõ de o termos tido por Meſtre no Noviciado). Reparou huma, e muitas vezes nelle, e conſiderando no eſtado em que hia, compadecido, e laſtimado dizia entre ſi: *Pobre homem, em que fadigas poens a tua vida, como ſe os achaques a naõ trouxeraõ ameaçada! Que prodigalidade he eſta de huma ſaude, que te falta? Naõ he a vida, e a ſaude o primeiro que ha no Mundo? Naõ Padre Frey Alvaro,* (reſpondeo o ſervo de Deos voltando a elle) *naõ he.* Paſmou o companheiro, porque caminhava callado, e tratava aquel-

la

lá pratica só em seu pensamento; e continuou o Padre: *Se eu entendera que este negocio, que nos traz a esta hora fóra de casa, naõ era do serviço de Deos, e honra da Religiaõ, he certo que me naõ custara passos, nem desvelos, quanto mais discommodos. Os que sinto saõ os que Vossa Paternidade tem passado hoje; mas naõ esperdice esta occasiaõ de sofrimento; que tem Deos muito que nos dar, e nós vida muy breve para o merecer.*

Naõ podia ser dilatada a do Veneravel Padre, porque a aspereza, com que se tratava, favorecida dos grandes achaques que padecia, assim lha traziaõ sempre arriscada, que parecia milagrosa a resistencia. Já parece que naõ tinha vigor para ella, porque assaltado de huma grave doença, que lhe sobreveyo no anno de 1651. fiou totalmente prostrado, começando a escutar o ultimo desengano. Tornou a recuperar alguma saude, mas como sobre posse, e com grande difficuldade; porém a mayor era resistir áquella ancia de se entregar á sua antiga aspereza; era companheira de sua vida, suppoz, que naõ convaleceria sem ella. Debil, e sem forças tornou a exercitalla, tratando-se com taõ pouca piedade, como se a doença tivera sido crime, e o trabalho della ociosidade; porém estavaõ taõ cortadas suas forças, e taõ prostrada a natureza, que sem poder tolerar o desmancho, desparou em huma febre, com simptomas mortaes. Descobriraõ-se melhor no termo critico do seteno; entristeceraõ-se os Religiosos, que lhe assistiaõ, desconsolaraõ-se as virtuosas subditas, que o escutaraõ, porque lhe lembrou o perigo o que naõ havia muito tinha escutado a huma filha daquella penitente Casa, (que nella falecera com opiniaõ, e demonstraçoens de verdadeira filha sua) que Deos naõ tardaria em fazer hum grande favor ao Mestre Frey Joaõ naquella mesma Casa, em premio da Igreja que lhe trabalhara nella. Naõ duvidavaõ aquelles espiritos castos, que o levallo a melhor vida era o favor de mais conta, como sabiaõ a pouca que o servo de Deos fazia da que lhe tirava a doença.

CAPITULO XXII.

De seu notavel transito, e circunstancias de seu enterro.

JA' com descuberto desengano viaõ todos, que eraõ aquelles os ultimos dias daquella vida, que os merecia eternos, e por isso hia perdendo os caducos. Conheceo-o assim o Veneravel Padre, e vendo, que o descompassado da febre lhe acomettia o cerebro, pedio os Sacramentos; recebeo com extraordinarias demonstraçoens de interior gosto o Viatico, preparando-se para elle com huma confissaõ taõ penitente, ainda no exterior, como se só remettera as vozes aos olhos, e naõ lhe coubesse o coraçaõ senaõ nos suspiros. Mas como sabia pezar as ultimas importancias da consciencia, pedio lhe mandassem chamar o Mestre Frey Fernando de Menezes, que assistia em Lisboa, seu estreito amigo, a quem havia annos escolhera para consultar as melhoras de sua alma.

Com

Com alivio della o recebeo; e naõ ſe eſquecendo para que o conſervara amigo, fez com elle huma confiſſaõ geral, naõ contente com a que havia pouco tinha feito; porque ſabem olhar os Juſtos para ſi com diverſa conſideraçaõ, que os outros para elles. Os que vem de fóra, chamaõ ás imperfeiçoens eſcrupulos, elles delictos. Naõ he erro de contas em quem eſtá de caminho para hum Tribunal, donde ſe tomaõ taõ eſtreitas. Augmentavaſe-lhe a inſtantes o achaque, e aſſim o hia chegando ás portas da morte. Bem ſabia o ſervo de Deos o que ella podia tardar, e pedio a Unçaõ, porque a queria receber com inteiro conhecimento, e agradecer a Deos aquelle grande beneficio de partir deſta vida como bem afortunado, e mimoſo filho da Igreja.

Pareceo tempo de ſe lhe ſatisfazer á ſupplica, recebeo aquelle Sacramento com vivas moſtras de compunçaõ, e doçura de eſpirito, reparando, e reſpondendo a todas as ceremonias daquelle piedoſo acto, a que acompanhou, pedindo com palavras cheas de humildade profunda perdaõ a todos do mao exemplo de ſua vida, negligencias nos cargos, que tivera nella, deſejando alli a todos para lhes fazer a meſma ſupplica, encaminhando-a ao Provincial, para que em ſeu nome a fizeſſe a toda a Provincia; e accreſcentou com voz mais eſperta, e mais viva ancia: *Que a toda ella rogava, lhe perdoaſſe todo o eſcandalo, ou motivo de queixa, da falta de juſtiça, com que poderia ter olhado para os benemeritos, ou naõ examinando mais miudo o merecimento, ou abraçando as reſoluçoens do ſeu voto. Mas que elle proteſtava diante de Deos, que nelle o naõ levara nunca paixaõ particular da abominavel peſte das parcialidades, mas ſó o mayor ſerviço de Deos, e beneficio commum da Religiaõ; que os erros ſe imputaſſem antes á ſua incapacidade, que á ſua malevolencia; que iſto praticara ſempre em ſua vida, e o repetia agora ás portas da morte.*

Rodeavaõ-no os Inquiſidores, os Titulos, e ſenhores ſeus parentes; aſſiſtialhe o Provincial, e o ſeu Confeſſor o Meſtre Frey Fernando, todos ſentidos, e todos edificados. Entrou o Biſpo de Coimbra; aſſim fazia bom roſto ás viſitas, como ſe lhe vieraõ dar parabens de ſuas melhoras. Naõ as havia na doença, eraõ todas para ſua alma. Pediaõ-lhe o Biſpo, e o Confeſſor, perſuadiaõ-no os mais, que lhes diſſeſſe alguma couſa em ordem á exhortaçaõ da virtude, para que aquellas ultimas palavras ficaſſem como reliquias á ſua ſaudade: *Hum taõ grande peccador*, (reſpondeo o ſervo de Deos) *e que ſe vê neſta hora com o pezo de huma conſciencia, e taõ mal ajuſtada, que tempo póde ter, que para ſi naõ ſeja pouco? Offenſas de toda huma vida, deviaõ ter huma eternidade por exame, pois a podem ter por caſtigo. O que poſſo dizer, (e he o que devo repetir) he a neceſſidade, que tenho de que me perdoem o mao exemplo, que a todos tenho dado; a frouxidaõ com que tratey ao proximo, a negligencia com que acodi ao neceſſitado, o amor proprio, que me naõ deixou deſpir de mim meſmo.* Eſtava já cançado o eſpirito, naõ

podia

podia o calor debil resistir ao frio da morte, ouviase-lhe a voz fraca, e balbuciente; mas tornando-o a importunar os que lhe rodeavaõ a cama, e lhe assistiaõ na cella, como cobrando novo alento, e como se de todo se vira desassombrado daquelle ultimo lethargo, começou a fazer huma exhortaçaõ á virtude, com palavras taõ ardentes, e efficazes, com razoens taõ vivas, e convincentes, como se o leito se lhe trocara em Pulpito, e se lhe couberaõ na lingua todos os desenganos daquella hora. Assim desafogou seu espirito, e seu coraçaõ, como quem levantando já os olhos aos montes da eternidade, via o pouco, ou o nada que deixava neste valle da miserias, tirando lagrimas piedosas, e compungidas dos olhos dos que com coraçaõ magoado pezavaõ, e sentiaõ a falta de taõ grande Mestre de espirito.

Lançaraõ-selhe a beijarlhe a maõ; o primeiro foy o Bispo de Coimbra; resistio o Veneravel Padre, mas houve de ceder o debil quanto recusava o humilde. Fezlhe em fim dar as mãos a fraqueza, e aproveitando-se della o Bispo, passou a devoçaõ aos olhos aquelles violentados thesouros, que lhe queria esconder a terra. Seguio-se o Provincial, e os senhores, que alli se acharaõ, por mais que o servo de Deos mostrava no semblante a mortificaçaõ, que naõ podia na resistencia. Pedio que lhe começassem o Officio; naõ lhes parecia aos Religiosos tempo; desenganou-os hum parocismo. Tornou em si logo; meteraõ-lhe na maõ a véla; beijou-a, e pedio que lhe dessem hum Crucifixo; e abraçando-se com elle, e beijando-lhe os pés, lhos banhou com grossas, e repetidas lagrimas, que lhe cahiaõ dos olhos, naõ menos ardentes, que as fervorosas, e continuas jaculatorias, que se lhe arrancavaõ do coraçaõ, naõ havendo nehum (dos que o viaõ, e escutavaõ) taõ seco, que o naõ attendesse compungido, ou o naõ acompanhasse no mesmo desafogo. Cobrou mais alento; pedio, que lhe dessem o habito, e com admiraçaõ de todos, que viaõ a sua debilidade, o vestio, e poz a capa, inclinando-se a socegar o pouco, que lhe tardou outro parocismo; de que mais aliviado, disse aos que lhe assistiaõ, (com a efficacia que lhe permittia a sua fraqueza) que o encomendassem muito a Deos, que era rigoroso aquelle instante; e voltando os olhos ao Crucifixo, que tinha defronte da cama, em mal formadas, e suspendidas palavras se lhe ouvio: *Vir aqui a mim desta maneira meu Jesus!* Como eraõ soltas, e intercadentes as palavras, entenderaõ os que assistiaõ, que o dizia pelos que entravaõ; e dizendo-lhe, que se naõ molestasse de os ver alli, que todos lhe queriaõ assistir com gosto, e consolaçaõ de espirito; respondeo, que o naõ dissera por isso: e suspendendose, outra vez lhe tornaraõ a escutar: *Vir aqui meu Jesus!* Mais dizia segundo o movimento dos beiços, mas tinha já a voz taõ quebrada, que entre elles se lhe perdia.

Estando hum pouco socegado, viraõ que pondo os dedos sobre a boca, disse: *Haja profundo silencio*; e continuou: *Hoje, hoje he o dia: Omnes Virgines,*

nes. Iſto ſó ſe lhe percebeo, inda que continuou, porque em voz mais baixa, e tartamuda, naõ ſe lhe alcançava palavra perfeita. Só chamando o ſeu Confeſſor, ſe lhe ouviraõ eſtas: *Agora com taõ grande favor da Virgem ſe póde caminhar ſeguramente.* Entendeo-ſe logo dos que aſſiſtiaõ que a Rainha dos Anjos, cercada das Onze mil Virgens, vinha a buſcar ſua alma, para accreſcentar o numero daquella triunfante companhia. Parece que o confirmou o Veneravel Padre, porque logo pedio que lhe deſſem huma Imagem da Senhora do Roſario, que com o Crucifixo eſtava em hum Altar fronteiro. Naõ o perceberaõ; traziaõ-lhe o Crucifixo; fez final que a Senhora; e tomando-a nos braços, aſſim ſe lhe reſtituiraõ os alentos, que entre as ſombras daquelle lethargo ſe lhe deſcobriraõ nos olhos, e ſemblante as demonſtraçoens do interior gozo de ſeu eſpirito, como ſe já eſquecido dos horrores da morte, lhe feriſſe nos olhos a luz da ditoſa eternidade. Aſſim ſe lhe percebiaõ melhor as piedoſas ternuras, e petiçoens pias, que lhe fazia, ainda que com voz cançada, e interrompida. Deſpedida a Imagem, voltou a todos os olhos com huma ſuſpenſaõ alegre, hum ſanto agrado, e hum deſuſado ſocego, e a cada hum per ſi foy abraçando com o eſcaço alento, que lhe hia eſtreitando o ultimo paroxiſmo. Entrou nelle, pedio a Imagem do Crucifixo, e beijandolhe com ternura os pés, e o lado, poz os braços em Cruz, e apertando-o entre elles, e o peito, em huma ſocegada reſpiraçaõ lhe entregou o eſpirito, em huma terça feira 29. de Janeiro de 1652. das trez para as quatro da tarde, ficando com hum ſemblante agradavel, trocada em huma cor acceza a palidez naõ ſó da morte, mas que tivera em vida, como ſe já na morte cor daquella copia ſe começaraõ a diviſar os vivos matizes da Bemaventurança.

Naõ ſe auſentaraõ os que tinhaõ aſſiſtido, até naõ deixarem o corpo na Igreja ſobre dous degraos cubertos de veludo, a que o conduziraõ os Inquiſidores, Fidalgos, e Religioſos mais graves. Alli eſteve aquella noite aſſiſtido das ſuas Religioſas, a quem a noticia de ſeu ditoſo tranſito, e as largas experiencias de ſua vida, ſe lhe podiaõ enxugar os olhos na contemplaçaõ das coroas de ſua alma, naõ valeriaõ menos a humedecellos as ſaudades de ſua ſanta companhia. Começou a cuidarſe da ſepultura. Era grande o theſouro, todos cobiçavaõ a mina. As Religioſas, como ſubditas favorecidas do Ceo, que lha trouxera a caſa, julgavaõ por roubo o levar-ſelhe fóra della. O Biſpo Inquiſidor Geral, como parente, que a todos os ſeus tinha lavrado em Bemfica o mais ſumptuoſo enterro, queria ajuntar eſta reliquia áquelle Santuario. O Prior, e Convento de Almada, com a razaõ de o merecerem filho. O Prior, e o Convento de Bemfica, com a ventura de o reſpeitarem Reedificador, e Prelado, fiavaõ toda ſua diligencia ás evidencias de ſua juſtiça. Eſcutaraõ-ſe todos do Provincial como Juiz; remetteo ao voto dos Padres mais graves a reſoluçaõ; e porque eſta naõ deixaſſe queixoſos, houve

ve de entrar o feu poder abfoluto a melhorallo de partido, difpondo, que o Real Convento de S. Domingos de Lisboa lograffe aquella honra como Cabeça da Provincia, confeguindofe felizmente o deftinarem-fe áquellas ditofas cinzas a mayor Corte por templo, e o mais grandiofo Convento por tumulo.

Naõ cederaõ os litigantes. Era grande o intereffe, nenhuma razaõ podia pezar mais que a poffe. Appellaraõ para o Geral, requerendo que fe depofitaffe o corpo, em quanto fe liquidaffe a cada hum o direito, e proteftando a violencia, com que precedia o Convento de Lisboa. Se tanto valem as fezes, que em hum cadaver deixou a virtude, a que valia fobirá o ouro aquilatado do efpirito? A' quarta feira, que foy o dia feguinte, fe celebrou a Miffa de corpo prefente. Cantou-a o Bifpo Inquifidor Geral, affiftindo a ella os Bifpos de Coimbra, Leiria, e Elvas, os Inquifidores, e Miniftros do Santo Tribunal, as peffoas graves de todas as Religioens, os Senhores, Titulos, e o mais qualificado da nobreza da Corte, a que chamou o parentefco, ou ajuntou a devoçaõ. Celebrada a Miffa, chegou em veftes Pontificaes o Bifpo Inquifidor a dar o ofculo de paz ao Veneravel Padre; feguiraõ-no os mais Bifpos, e peffoas notaveis, que affiftiaõ, beijando-lhe a maõ com devoto, e rendido refpeito. A's duas da tarde vieraõ as Communidades de Lisboa, Bemfica, Almada, e Collegio de Santo Thomaz dos Hibernios; diffe cada hum feu Refponfo; precedeo Almada, Cafa de que fora filho o Veneravel Padre; diffe a Oraçaõ o Prior o Meftre Frey Diniz de Lancaftro; feguiraõno os mais Priores nefta ceremonia, como na de venerar o corpo; fizeraõ as Communidades o mefmo, todos com os coraçoens taõ cheyos de efpiritual confolaçaõ, como os olhos de lagrimas.

Seriaõ as trez da tarde, deufe ordem ao enterro. Era grande o concurfo, naõ foy pouco defembaraçar o caminho. Repartiofe a cera; naõ pareça miudeza efcufada, merecendo tambem efta memoria a liberalidade fempre grande do Bifpo Inquifidor Geral, que com larga maõ a mandou difpender; nos muitos, que concorreraõ, naõ pareceo pouco; fó teve effe nome no feu animo. Adiantoufe a nobreza a pegar no efquife; oppuzeraõ-fe as Religioens, que naõ confentiaõ privarfe daquella honra. Era largo o caminho, concordou-fe, que a todos contentaria a piedofa carga. Foraõ os primeiros Dom Joaõ Mafcarenhas, Conde de Santa Cruz, Dom Pedro de Lancaftro, Dom Veriffimo de Lancaftro, fobrinhos do Veneravel Padre, efte, que depois foy Bifpo Inquifidor Geral, e Cardeal de Lancaftro, o Provincial defta Provincia, com os Priores de Lisboa, Bemfica, e Almada, o Meftre Frey Fernando de Menezes, peffoas graves de outras Religioens; grande parte da nobreza foy eftendendo o acompanhamento, chegando na mefma Ordem ao Convento dos Eremitas de S. Paulo, que ficava mediando o caminho. Aqui efperava o Santo Tribunal da Inquifiçaõ, com todos

todos ſeus Miniſtros, e Familiares, e muita nobreza. Nas ruas aſſim carregou o concurſo, que foy neceſſario, que o reſpeito da juſtiça deſembaraçaſſe o caminho. As janellas, e paragens, por donde haviaõ de paſſar, aſſiſtidas de ſenhoras, e peſſoas graves, que convidadas da fama de tanta virtude, queriaõ ſe quer com os olhos contentar a devoçaõ, e proſtetar o reſpeito. Eſcutavaõ-ſe os lamentos dos pobres, que o ſentiaõ perdido amparo; ouvia-ſe a acclamaçaõ do Povo, que o invocava Santo; e ſó aquellas lagrimas faziaõ pezo a eſtes vivas, para que ſe entendeſſe, que era aquella pompa funebre de enterro, e naõ apparatoſa prociſſaõ de triunfo.

Revezavaõ-ſe os que levavaõ o eſquife; porque era o caminho largo; tinha vencido com a ditoſa carga grande parte delle o Conde de Santa Cruz. Chegou-ſelhe hum Religioſo grave; e deſejoſo de que o deixaſſe merecer, em troco de o aliviar, lhe diſſe, que ſe alargava o caminho, e pezaria o corpo: *Naõ peza nada já o corpo do Padre Meſtre*, reſpondeo o Conde. Entendeo pia, e theologicamente, que era aquelle corpo de hum bemaventurado, que no dote da agilidade deſconhecia as penſoens de terreno. Chegaraõ ao Rocio, e ſendo huma das mais deſembaraçadas praças, o concurſo a fez eſtreita, ſendo preciſo aſſim nella, como na entrada do Convento de S. Domingos, interporſe a authoridade do Biſpo Inquiſidor Geral, e mais Biſpos de Coimbra, Leiria, e Elvas, para que o tumulto atrevido de devoto, deixaſſe recolher á Igreja o veneravel corpo. Aſſim tocavaõ nelle (como podiaõ) as contas, e paſſando a querer alguma reliquia de ſuas roupas, por duas vezes o tiveraõ fóra do eſquife, eſtado já no Coro, e levantado ſobre alguns degraos; mas a ambiçaõ ainda devota parecia ſacrilega. Acodio o reſpeito dos Biſpos, e ſenhores, e aſſim reſgataraõ as veneraveis reliquias das mãos da piedade, como ſe fora das da irreverencia. Naõ promettia menos a fé com que o Povo tinha eſcutado o nome do Veneravel Padre, e as ſaudades, que deixava naõ ſó em toda a Corte, mas nas viſinhanças della, concorrendo a pobreza de Bemfica, e Alcantara, donde tinha ſido mais continua a ſua aſſiſtencia, a lamentar o deſamparo em que ficava, e correſponder o muito, que recebera naquella demonſtraçaõ da ſua magoa.

Creſciaõ as da devoçaõ com tanto detrimento dos Religioſos, que faziaõ o Officio da ſepultura, que a conſelho do Inquiſidor Geral, acabada aquella ceremonia pia, ſe recolheo o corpo em huma caixa de madeira, e ſem mais dilaçaõ ſe paſſou á ſepultura, eſtando o meſmo Biſpo em pé ſobre ella, em quanto ſe acabava de tapar, porque a devoçaõ já menos ſofrida de deſenganada, naõ appellaſſe aos deſmanchos da violencia. Eſcondeo-ſe em fim na terra o que já della levava taõ pouco, que bem o podia deſconhecer de filho.

CAPITULO XXIII.

Noticia das exequias; casos notaveis, que obrou o Ceo mediante suas reliquias; breve relaçaõ de sua fisonomia, e prendas.

SAõ as exequias aquelle sacrificio, que entre demonstraçoens funebres offerece aos olhos de Deos a Igreja como Mây piedosa, ou para resgatar seus filhos daquelle rigoroso carcere de fogo, ou, quando já livres delle, para lhes augmentar as glorias de seu triunfo. Fallando das almas dos justos dizia Santo Agostinho: *Pro valde bonis gratiarum actiones sunt.* Vem a dizer: offerecidas pelos bons, passaõ as exequias a acçaõ de graças. Assim parece, que o quiz mostrar o Ceo nas exequias do Veneravel Padre, pois estando todos aquelles dias desabridos, e tempestuosos, amanheceo o da segunda feira seguinte (que se contavaõ 5 de Fevereiro) taõ socegado, e sereno, como se quizera tranquear á devoçaõ o caminho para assistir ás honras daquelle funebre triunfo. A mesma observaçaõ se tinha feito em a tarde do enterro, e o dia seguinte, em que se cantou a Missa do corpo presente, parecendo, que privilegiara Deos aquelle tempo, para que a continua, e importuna teima das aguas naõ embaraçasse a mais populosa, e authorizada assistencia áquellas exequias.

Auguft. in Enchirid. cap. 108.

A cargo de seu desvelo, e da sua liberalidade as tomou o Bispo Inquisidor Geral, com aquella ancia sempre de amigo, e agora já de devoto. No meyo da Igreja mandou levantar a Eça, que cuberta de hum pano de veludo preto, (atravessado de huma Cruz de téla branca, e franjada de ouro) se rodeava de grossas tocheiras, e accezos brandoens. Assistio o mesmo Inquisidor Geral com todos os Ministros, e Familiares em fórma de Tribunal, toda a Nobreza da Corte, Prelados das Religioens, e sogeitos mais graduados dellas. O Povo taõ sem numero, que sendo a Igreja das mayores da Corte, hospedou no Adro a mayor parte delle. Cantou a Missa o Provincial desta Provincia; prégou o Presentado Frey Alvaro Leitaõ, (depois Mestre em Theologia) que por entre muitos, e celebrados sogeitos, que entaõ respeitava o Pulpito Dominicano, sobio a elle escolhido do grande deste assumpto. Naõ podia deixar de dar muitos á sua eloquencia, quem em vida tinha dado tantos á admiraçaõ de todos, continuando-os depois de sua morte; ou porque o Ceo quiz calificar a virtude do Veneravel Padre, ou porque o executava a viva confiança, com que a piedade Christãa lho propunha em suas necessidades por valia. Assim se julgaraõ ditosos, depois de seu transito, os que lhe alcançaraõ alguma parte de vestido, recorrendo muitos ao Mosteiro do Sacramento, a procurar com incansavel diligencia, e supplica os retalhos de suas pobres roupas, feitas nelles para abranger, e contentar a devoçaõ.

Naõ se enganaraõ na diligencia, sendo de tanta importancia, como depois mostraraõ alguns casos. Naõ saõ poucos os de que podia haver noticia mais miuda, mas entregou-os

ao tempo o noffo defcuido, fendo antigo o com que efta Provincia coftuma olhar para o que lhe póde dar honra, que em vez de juftificar as defcubertas, parece, que fe empenha em efconder as juftificadas. Muitas, e varias relaçoens, e tradiçoens de maravilhas obradas por intercessaõ defte fervo de Deos aponta a piedade de alguns Fieis, que o conheceraõ, e olharaõ para fuas coufas com devoto reparo; mas por naõ parecer que antes queremos alargar a penna, que propôr a verdade, tocaremos o que já com o nome, e fubftancia della achamos impreffo em o livro da vida do Veneravel Padre, que efcreveo o Meftre Val de Cebro, da Ordem dos Prégadores da Provincia de Hefpanha, e fe imprimio em Madrid em 1668. Mas firva de preludio aos cafos, que a piedade Chriftãa lhe reconheceo milagrofos, a ancia efcrupulofa, com que o Veneravel Padre coftumava examinar todos; e naõ ferá de menos credito feu, fer em vida menos facil em crellos, que depois de fua morte em obrallos.

Collocara o Veneravel Padre a Imagem da Senhora do Rofario no Altar, que fica da parte da Epiftola, no Cruzeiro da fua Igreja de Bemfica. He rara a efcultura, e inimitavel aos defvelos da arte, que em officiaes notaveis defte Reyno a tomou pro prototypo. Começou a fermofura a affervorar a devoçaõ na femelhança, julgando-fe, que o era aquella da verdadeira, difpenfada á terra para confolaçaõ de quem tambem a fervia. Concorria o Povo de longe, e perto, convidado dos milagres, que da Imagem nova fe efcutavaõ cada dia. Daqui nafceo convencerfe a ignorancia, que era milagre tudo o que felizmente lhe fuccedia, fuppofta a invocaçaõ da Senhora; com efta voz fe começou a encher a terra, chegando aos ouvidos do Veneravel Padre com tanta magoa, que fe refolveo a defenganar o Povo daquelle abufo; e entrando hum dia na Igreja, chamado do concurfo tumultuofo, que na Capella do Rofario apregoava por milagre hum fucceffo muy leve, chegou a examinallo de perto, e colhendo das circunftancias, que naõ paffara de hum acafo, laftimado em feu coraçaõ, e logo accezo em vivo zelo, levantando os olhos, e as mãos á fagrada Imagem, lhe diffe: *Senhora adverti, que he precifo, que naõ façais mais milagres; e olhay que, fe os os fazeis, que vos heide tirar da voffa Capella, e ainda defta Igreja.* Paradoxos parecem ás vezes as refoluçoens dos Juftos! Quem naõ reparou na confiança de hum Jacob, com Deos a braços, ameaçando-o, que o naõ largaria da prizaõ em que o tinha nelles, fe o naõ enriquecia primeiro com huma bençaõ; como fe defconhecera, que era hum Deos Omnipotente o com quem o havia? Aquelle eftranho eftylo, com que fallava vulgarmente o Apoftolo de Valença, o Noffo S. Vicente Ferreira, que mandava a feu mefmo Prelado, que foffe fazer os milagres, para aliviallo do trabalho dos que tinha feito. Obedecia o Prelado, e fazia os milagres em nome do Santo. Defpedia os doentes, dizendo, que aquelle dia naõ eftava para fazer milagres. Man-

Non dimittam te nifi benedixeris mihi Geni. 32. 26.

Na fua Lenda.

Mandava-os vir ao outro, e a todos despedia com remedio. Mas quem naõ mede, que estas, que nos soaõ a temeridades, saõ só privilegios, para singularizar agigantadas virtudes? Foy caso notavel; que daquelle dia até o presente senaõ escutaraõ, nem trouxeraõ áquelle Altar mais milagres, como se se conseguirá aquelle grande de obedecer á voz de huma creatura o Sol de Maria Santissima.

Quasi o mesmo successo se reparou com a Imagem de Christo crucificado (como ouvi praticar a Religiosos antigos). Em correspondencia da Imagem do Rosario fica a do Crucifixo, em outra Capella do Cruzeiro para a parte do Evangelho. He a Imagem de Christo vivo, e assim desempenha a arte o que quiz a devoçaõ, que nem nos pertos se acabaõ de desenganar os olhos, se a falta de movimento he mais que desmayo de moribundo; assim abala o coraçaõ, e desperta a lastima, que entenderaõ todos, que nem haveria olhos, que o naõ attendessem com verdadeira piedade, nem esta perderia o interesse dos milagres, com que o Ceo a corresponde. Temeo o servo de Deos o mesmo successo, ou desatino, que no Rosario, e que lhe descomporiaõ a Capella os votos dos agradecidos, que talvez desfaceaõ no que parece que authorizaõ, e pedio á sagrada Imagem com verdadeiro zelo, (só dos ignorantes mal entendido) que naõ fizesse milagres. Conseguio o rogo, ao que mostrou o tempo, porque conhecia o Ceo a synceridade de seu animo. Era grande Theologo o Veneravel Padre, e praticou nas Escolas Thomisticas aquella madureza, com que os seus Mestres trataõ esta materia, atalhando erros, que com o tempo redundaõ á Fé em conhecidos damnos de consciencias erroneas, e revelaçoens fingidas; e essa será a razaõ de se verem commummente as nossas Capellas mais ornadas de devoçaõ, que de muletas, e mortalhas, sendo as nossas Igrejas, como taõ antigas, as mais authorizadas das Imagens milagrosas, como confessará o versado nas Chronicas Dominicanas.

Mas se o Ceo permittio ao Veneravel Padre esta nova graça de desfazer milagres em sua vida, naõ quiz que lhe faltasse a de os fazer depois de sua morte. Assim os apontamos sem mais circunstancias, que as que lhes deu a piedade Christãa, com quem lhe grangeou mayor nome a grande opiniaõ do Padre Alvaro Correa, Advogado nesta Corte de Lisboa. Estando este Padre comendo, se lhe atravessou hum bocado na garganta, com tanto aperto, que o privava para o lançar, ou engolir; naõ podiaõ ser muitas, nem alguma era de proveito, que a idade decrepita de mais de noventa annos, que contava, naõ tinha vigor para o desembaraçar daquella agonia. Sentia hum sobrinho, e mais familia que tinha em casa, o veremlhe perder taõ arrebatadamente a vida, que naõ podesse levar della o que no cabo de tanta idade faria venturosa a sua morte. A pressa embaraçava os remedios; a afflicçaõ só os buscava no Ceo. Lembrouse o sobrinho, que tinha hum retalho do Escapulario do Veneravel Padre; applicou-

lho

lho com viva fé á garganta, ao toque ſe lhe deſembaraçou, e engolio o bocado; e já deſaſſombrado da morte, levantou as mãos, dando graças a Deos, e ao ſeu ſervo, a cuja interceſſaõ reconhecia aquelle beneficio.

O meſmo experimentou em ſua caſa, e no que mais eſtimava nella em a vida, Diogo Nunes, morador na meſma Cidade de Lisboa. Amiudavaõ-ſe nella as eſquinencias, achaque, em que perigaõ as crianças mais facilmente. Alcançou a hum ſeu filho de tanta idade, que amava unicamente. Deſenganou-o brevemente a medecina, porque lhe tomou o mal a garganta, ſem permittir, que algum genero de alimento paſſaſſe por ella. A eſte extremo trazia o Ceo os apertos, quando quer que reconheçaõ os ſeus prodigios. Corriaõ neſte tempo, e neſta Corte, com ſingular conſolaçaõ, e reſpeito do Povo, os do ſervo de Deos, chamados daquella primeira fé, que ainda naõ tinha afrouxado o tempo. Havia em caſa huma reliquia ſua, applicou-a o pay á garganta do menino, pondo-o nas mãos do ſervo de Deos com verdadeiras lagrimas, e rendidas ſupplicas. Foy caſo, de que teſtemunharaõ os olhos, que ao toque da reliquia ſe desfez hum grande tumor, que o menino tinha naquella parte, como ſe o abriſſe o violento golpe da lanceta, ſeguindo-ſe a eſta deſcarga a da boca, a que arrojou a natureza taõ peſtilente humor, como ſe quizera augmentar o prodigio com eſta circunſtancia, pois com elle naõ ſe compadecia o eſcapar com a vida. A'quella deſcarga ſe ſeguio melhora breve, e perfeita.

Mas naõ haviaõ de ſer todas eſtas experiencias fóra de caſa, nem ſe devia eſquecer o ſervo de Deos da neceſſidade, que tinhaõ do ſeu ſoccòrro as do ſeu habito. Experimentou-o aſſim na do Moſteiro da Roſa (neſta Corte de Lisboa) ſoror Iſabel da Palma, Religioſa ſua. Era eſta Meſtra de Noviças. A occupaçaõ era boa fiadora de ſua vida. Mereceo, que o Senhor a viſitaſſe como ſua ſerva com hum daquelles regalos, que o naõ parecem no eſtylo, e moſtraõ o que o ſaõ no effeito. Deraõ-lhe humas ſezoens, logo perigoſas, e a poucos dias mortaes. Mandaraõ ſacramentalla os Medicos, paſſaraõ logo á Unçaõ depois do Viatico, taõ ligeira corria a doença ao ultimo paroxiſmo; aſſim ſe deraõ preſſa o Confeſſor da Caſa Frey Joaõ de Pina, (e Frey Jeronymo de S. Domingos, que o acompanhou) entrando no Moſteiro a applicar-lhe eſte ultimo Sacramento, achavaõ-na taõ proſtrada, que entenderaõ, que lhe faltaria para elle a vida, e aſſim a deixaraõ nas mãos da morte, aſſiſtida do ultimo cuidado das Religioſas. Tinha huma dellas huma reliquia do ſervo de Deos, chegou-ſe á moribunda, e pozlha nas mãos, levou-a ella aos olhos, e á boca, advertida do que tinha nellas; e aconſelhada de quem lha trazia, fez ao ſervo de Deos huma promeſſa, invocando-o com viva fé, e cordial amor de devota, e irmãa. Aſſim começou a cobrar alento, com huma taõ repentina melhora, que, havendo paſſado muitas noites ſem deſcanço, a que logo ſe ſeguio,

levou

levou de hum ſuave ſono, e taõ venturoſo, que nelle vio, que entre ſonhos lhe apparecia o Veneravel Padre, que chegando-ſelhe á cama, lhe dizia: *Eſte veneno ſe acabará logo.* Acordou goſtoſa, e alvoroçada, livre de todo do mortal riſco; e reſtituida, ou reſuſcitada á ſua ſaude primeira, continuando o cargo de Meſtra de Noviças, ſatisfez a promeſſa, que ao ſervo de Deos fizera; e ficou dalli com huma devoçaõ taõ reconhecida, que a elle recorria, e ſe encomendava em todo o tempo, que lhe durou a vida.

Naõ foy menor o riſco em que eſteve a de hum viſinho do Convento de Bemfica, que ſendo eſta a antiga vivenda do Veneravel Padre, ſem duvida teve o enfermo alguma valia na viſinhança. Andava nella muy viva a devoçaõ do ſervo de Deos, quando cahio gravemente enfermo de huma febre aguda Franciſco Fernandes; era homem de poucos cabedaes, fazia-ſe difficultoſo á ſua pobre familia chamaremlhe Medico de Lisboa; aſſim foraõ entretendo com remedios caſeiros o doente, naõ a ſabre, que creſcendo ſem reſiſtencia, ſobio acommettendo-lhe o cerebro, e offendendo-lhe aſſim o juizo, que o incapacitou aos ſoccorros da alma, quando já naõ havia que eſperar nos da vida. Lamentavaõ os de caſa, deſconſolavaõ-ſe os da viſinhança, mas lembrando a huns, e a outros o que ſe praticava nella, recorreraõ ás reliquias do ſervo de Deos; trouxe hum dos viſinhos hum retalho da Capa, applicou-o á cabeça do enfermo, em quanto a affligida familia com ſupplicas, e lagrimas chamava o ſeu Bemfeitor, em morte, como em vida, reconhecido em todo aquelle contorno. O meſmo foy tocarlhe a cabeça, que abrir o enfermo os olhos, com ella taõ aliviada, e deſempedida, que pedindo de comer, cobrou alento, e confeſſando-ſe logo com deſembaraço, aſſim teſtemunhou a ſua melhora, que dentro em dous dias deixou a cama. Chamava-ſe o viſinho Ambroſio de Figueiró Torres.

Naõ ſe eſtreitava a interceſſaõ do ſervo de Deos nos limites da Corte; donde quer que lhe ſabiaõ o nome, experimentavaõ a ſua piedade. Em o Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto, de Religioſas Dominicas, vivia huma como paralytica, ſem poder menearſe, nem moverſe em meya parte corpo, que lhe deixara como eſquecido certo achaque. Voava por todo o Reyno a noticia do que valiaõ as reliquias do ſervo de Deos, eſcolhidas do Ceo para efficazes medecinas de todo o genero de doenças. Pedia a Religioſa com inſtancia, que lhe trouxeſſem huma; que eſtava ſegura, que nella lhe tinha Deos depoſitada a ſua melhora, e que lhe baſtaria a diligencia de tocalla. Naõ ſe enganou a ſua fé, porque trazendolhe huma parte da tunica, e tocando com ella aquella parte inutil, a moveo logo, ficando com igual movimento em todo o corpo, e augmentando o numero dos devotos, favorecidos por interceſſaõ do Veneravel Padre, de cuja gloria, e bemaventurança, (ſendo o primeiro a ſua vida) ſaõ naõ ſó eſtes, mas muitos mais os indicios, naõ para a infallibilidade da Fé, em quanto o naõ diſ-

poem a Igreja, mas para conſolaçaõ dos Fieis, que reconhecem a Deos poderoſo para animar as pedras em filhos de Abrahaõ, levantando do humilde, e toſco barro da humanidade os venturoſos filhos da Igreja Triunfante.

Porém coroe eſtas ſuas memorias, e dê noticia de como ainda hoje eſtaõ vivas hum teſtemunho de ſuas illuſtres ſubditas, e mimoſas, que o veneraraõ Prelado, e o experimentaraõ bemfeitor, as Madres da Recoleta do Sacramento. Eſtimaõ eſtas Religioſas aſſim qualquer couſa do uſo do Veneravel Padre, que como preciſa joya guardaraõ, e guardaõ hum habito ſeu, como doutrinadas, e advertidas, que ſe dos ſervos de Deos foy util huma ſombra, como o naõ ſerá huma tunica; ou conhecendo, que na Capa de Elias naõ ſó depoſitou o Ceo o ſeu eſpirito, mas ainda o permittio dobrado. Aſſim parece, que deixou ás ſuas ſubditas o Meſtre Frey Joaõ naquella pobre rota eſtamenha, naõ ſó alivios para a ſaudade, mas dobrados alentos para a ſaude. Aſſaltou a da Madre Soror Antonia da Magdalena huma cruel dor, que tomando-lhe huma parte do corpo, aſſim a atormentava toda, que perdido o ſofrimento, naõ havia já remedio, que naõ accreſcentaſſe o deſengano de eſperar algum. Gemia impaciente a Religioſa, rodeavaõ-na as outras compadecidas, como attribuladas; já naõ havia que recorrer ás meſinhas; levantaraõ ao Ceo fervoroſas ſupplicas. Entra a Prioreza, (era a Madre Sor Filippa, que hoje vive) vê ſem remedio a ſubdita, abraza-ſe em fé, e devoçaõ, pede ás Religioſas, que lhe tragaõ com preſſa parte do habito do Veneravel Padre, e poemno nas mãos da queixoſa. Applica-o ella á parte principal da dor. Caſo grande, que parou toda no meſmo inſtante, em que com elle ſe tocou aquella parte! Vive ainda hoje, quando iſto eſcrevemos, a Madre Sor Antonia da Magdalena, a quem ſuccedeo o prodigio; deveſe-lhe todo o credito pelas grandes calidades de virtude, e ſangue; ao preſente he neſta Caſa Prioreza ſegunda vez: grande argumento de ſua grande capacidade, de que naõ menos ſe ſegue o irrefragavel teſtemunho do que temos eſcrito.

Mas corria o tempo, e pediaõ aquelles venerados oſſos mais authorizado depoſito, porque ainda o era a primeira ſepultura, aberta no meyo do antecoro, e fechada com hum grande marmore; mas (como lugar taõ publico) pizada commummente da deſattençaõ, que ſem reparar no epithafio, fazia caminho para o Coro. Porém as poucas poſſes do Convento naõ chegavaõ á veneraçaõ, e ao deſejo de a melhorarem de ſitio, trocando-a em hum mauſoleo ſumptuoſo, como Altar já reconhecido dos votos dos agradecidos, e apaixonados. De hum, e outro titulo eraõ acrédores os eſclarecidos parentes do Veneravel Padre, e quiz eſmerarſe no reconhecimento, como mais chegado, o Conde de Figueiró, ſeu ſobrinho, naõ conſentindo, que a impoſſibilidade do diſpendio dilataſſe taõ merecido culto. Aſſim alargou a maõ como parente, e o fizera

zera

zera como poderoſo, a naõ haver de accommodar ſua grandeza á diſpoſiçaõ da modeſtia religioſa, que lhe naõ deu mais lugar, que o de hum arco, que com baſtante capacidade correſponde ao que nas coſtas do Coro, (na meſma caſa, em que eſtava a primeira ſepultura) abraça o tumulo do Veneravel Padre Meſtre Frey Luiz de Granada. Aſſim ficou o do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos fazendo-lhe correſpondencia em jaſpes, e feitio de obra, ſendo a mais alteroſa, que permittio o ſitio, e a mais polida, a que ſe podia alargar a imitaçaõ do tumulo fronteiro. Aſſim diſpoz a Providencia ſuperior, que ſe eſtiveſſem communicando aquellas mudas cinzas, moſtrando a proporçaõ entre huma, e outra vida huma, e outra morte, podendo dizerſe do dia da vida, e da noite da morte de dous taõ grandes, e ſcientes Prégadores, (pois dos Prégadores ſabios, e juſtos ſe entendem as palavras) que as ſemelhanças, que tiveraõ nas vidas, inda as eſtaõ clamando nas ſepulturas: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat ſcientiam.* Querem dizer: *Hum dia falla a outro dia. Huma noite explica a outra noite.* Hugo in Pſam. 18.

Aſſim avulta naquelles dous correſpondentes marmores o *non plus ultra*, que unido por diſpoſiçaõ do Ceo neſta Caſa, ſouberaõ levantar a virtude, e as letras no Templo das glorias Dominicanas. Podem lerſe as proporçoens nos epithafios, (ſendo hum como fraſe de outro) que melhor, que as flores, com que a Gentilidade ornava ſeus ſepulchros, cobrem de eternas coroas aquellas veneradas cinzas. Diz aſſim a do Veneravel Padre:

Magnus Theologus Frater Joannes de Vaſconcellos, ex Prædicatorum familia, clariſſimus ſanguine, moribus nitidior, Regis, ac ſupremi Inquiſitionis Senatus à Conſiliis, Prioris Provincialis munere, Regii Concionatoris laurea, Pontificia recuſata dignitate, virtutibus cumulatus, ac meritis, in Crucifixi amplexu, magna Chriſtianæ pietatis opinione, pauperum dolore, omniumque deſiderio, Ulyſſipone moritur Kal. Feb. ann. ſal. 1652. ætatis ſuæ 62.

Vem a dizer em o noſſo vulgar: O grande Theologo Frey Joaõ de Vaſconcellos, da familia dos Prégadores, clariſſimo em ſangue, muito mais em virtude, do Conſelho delRey, e ſupremo Tribunal da Inquiſiçaõ, Prior Provincial, e Prégador delRey, recuſada a dignidade Epiſcopal, cheyo de virtudes, e merecimentos, abraçado com hum Crucifixo, (com grande opiniaõ de piedade Chriſtãa, magoa dos neceſſitados, e ſaudade de todos) morre em Lisboa. Em as Calendas de Fevereiro, anno da ſalvaçaõ 1652. de idade de 62.

Neſte nobre depoſito ſuſpira, e reconhece ao ſervo de Deos a veneraçaõ pia: e para naõ perder de viſta hum dos motivos della, lhe tem dado o pincel em muitas copias ſegunda vida, levando-o nella a devoçaõ a contentar o deſejo de Reynos eſtranhos, e mais remotos. E porque a penna na eſtimaçaõ dos Rhetoricos he o pincel mais vivo, mais ligeiro, e mais miudo, que doutrinado das ſuas figuras com a Hipotipoſi delinia o corpo, e com a Ethopeia decifra o animo, por obrigaçaõ corre á noſſa o lançar aqui hum breve raſcunho, em que a imagem do Veneravel Padre chegue aos olhos da devoçaõ mais facilmente eſcrita, do que póde copiada, ſendo os livros os mais ligeiros quadros, que a induſtria do commercio eſpalha pelas noticias de todo o Mundo.

He o ſemblante (confórme o que enſinaõ os Fiſionomicos) eſpelho do eſpirito, copia do genio, imagem do coraçaõ, treſlado dalma, e ſobreſcrito da natureza. He a verdadeira ſabedoria huma participaçaõ do lume da gloria: e aſſim como eſte dos eſpiritos redunda, e ſe eſpalha nos corpos, aſſim no verdadeiro ſabio lhe ſahem ao roſto as prendas do eſpirito. Aſſim era proporcionado o ſervo de Deos, aſſim de veneravel roſto, e preſença, como ſe nelle, e nella ſe lhe eſtiveſſe lendo a alma. Roſto comprido, proporcionado ao corpo, que era de eſtatura creſcida. Olhos grandes, e taõ modeſtos, que eraõ huma reprehençaõ muda dos que ſe erguiaõ a vellos com menos ſeſudeza. As ſobrancelhas, como a cabeça, bem povoadas de cabello, na barba pouco. Nariz avultado na proporçaõ do roſto. Boca compoſta, na cor deſmayada, nos beiços nem groſſa, nem delgada. Aſſim moſtrava hum aſpecto mageſtoſo, veneravel, e penitente, que a palidez, que ſe lhe via no ſemblante (de que a cor nativa era branca) parece, que ſe tinha paſſado á natureza; porque ſobre a trazer debilitada de achaquado, ſempre aſſim lha conſervou o exercicio de auſtero. Apadrinhava eſte modo de vida o trato exterior de ſua peſſoa, ſendo huma eſtatua viva, e huma refórma muda. O habito de panno groſſo, taõ apoucado, e cingido ao corpo, que bem moſtrava, que naõ podia ter na vida outra ſerventia, que a que ſe lhe acha na morte, ſem mais differença, que amortalhar os meſmos oſſos, ou cahidos, ou animados.

No fallar grave, modeſto, e conſiderado. Tinha graça nativa, diſcorrendo no que ſe offerecia, divertindo com tanta os Religioſos na hora, que os ajuntava o recreyo, que ouvi dizer a peſſoas, que o trataraõ, que naõ edificava menos compoſto, do que alegrava divertido, fóra daquellas carrancas com que a hipocreſia ſe coſtuma maſcarar de ſeſudeza. Os continuos eſtudos o trabalharaõ hum conſummado Theologo; a agudeza do entendimento hum grande Politico; o fervor do eſpirito hum Prégador perfeito. Prégava com liberdade Apoſtolica, com mais animo, e ambiçaõ de refórmas, que de honras, buſcando nos ouvintes antes o vicio, que o agrado, como quem entendia, que era o Pulpito

aquella atalaya, donde só se deviaõ applicar os olhos do discurso a descobrir no campo o inimigo, e naõ lisongeallo com as pacificas mostras do entertenimento. Todo o seu Sermaõ era doutrina, porque todo era Sermaõ. Conhecia, que aquella espada, que sahia da boca da sabedoria, era de huma, e outra parte aguda, naõ embainhada para ornar, mas nua para ferir. Despidas propunha as verdades, porque o enfeite das elegancias as naõ malquistasse mentiras. Grande confusaõ para o lamentavel abuso deste seculo, em que as fabulas, e as rhetoricas, e ás vezes esta adulterada, e aquella antes arrastada, que trazida, saõ as Missionarias, que do Pulpito costumaõ gritar as emendas! Aos Principes, e aos Grandes reprehendia com desafogo; aos Ministros com desabrimento; aos peccadores com auctoridade; e a todos com zelo. Foy casto, syncero, candido, tudo reflexos de seu espirito. Entre as honras humilde; entre as riquezas pobre; entre as adversidades inflexivel; entre as injurias constante. Os pobres o acharaõ sempre com o coraçaõ, e as mãos abertas. Os affligidos com as lagrimas nos olhos. Os desamparados com o remedio nas diligencias, ou nos desejos. Os peccadores com o fogo nas palavras; e os arrependidos com jubilos no coraçaõ. Assim servio a Deos, á Igreja, ao Reyno, ao Povo; honrou a Patria, e illustrou a Religiaõ, grangeando (como entende humilde a piedade Christãa) no Ceo as coroas, que se soube trabalhar na terra; na terra as acclamaçoens de sua virtude, a que só as cinzas do Mundo sepultaraõ o nome.

CAPITULO XXIV.

Do Padre Frey Luiz de Sousa, filho deste Convento, e Chronista da Ordem nestes Reynos de Portugal.

SE assim como o Padre Frey Luiz mereceo o lugar nestes escritos, podera emprestar a penna para continuallos, justamente lhe pagaria esta Provincia aquella duvida em que a poz com os seus; porque só naquelle methodo caberia este assumpto. Mas se a sua penna, nos que escreveo rascunhou a sua vida, já toda a sua Chronica he hum artificioso epitome della, ficando este Capitulo sendo só hum elencho em que se aponta.

Foy o Padre Frey Luiz filho deste Convento, a que se recolheo já entrado na idade, aconselhado de hum desengano, com que parece, que o Ceo o negociou para si todo. Foy estranho o successo. Escreve-o, como tambem sua vida, o Padre Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ com o seu estylo verdadeiramente aureo, e capaz de estender a penna a mais largo assumpto. Tomou este na segunda Parte da Chronica, encostando a vida do Auctor ao Prologo, resoluçaõ, que ainda que em tudo tomou para si o primeiro lugar, nem assim nos deve embaraçar o de escrever, senaõ com tanto acerto, com mayor obrigaçaõ.

Nasceo Manoel de Sousa Coutinho (que este foy no seculo o Padre Frey Luiz) filho quinto de Lopo de Sousa Coutinho,

tinho, (a quem chamaraõ por ſeu raro juizo, compoſiçaõ de coſtumes, circunſpecçaõ, e prudencia, o Cataõ Uticenſe daquelle tempo) e de Dona Maria de Noronha, ambos bem conhecidos no eſclarecido de ſeu ſangue, nas vozes de ſeus appelidos, como na experiencia de ſuas virtudes. Foy doutrinado em todas, como promettia o cuidado de ſemelhantes pays; e naõ deſmereceo o nome de ſeu filho, na docilidade com que correſpondeo a ſeu deſvelo, deſcobrindo-ſe nelle juizo claro para as letras, e genio mais prompto para as virtudes: eraõ já eſtas humas premiſſas das que havia de render ao Ceo no holocauſto da Religiaõ. Entrou em ſeus primeiros annos no Noviciado da de Saõ Joaõ do Hoſpital em Malta, berço do valor, e Fidalguia Portugueza. Cativo ſe vio dos Mouros em hum encontro; mas foy Providencia do Ceo deſconhecerem-no no cativeiro, para poder reſtituir-ſe por reſgate; eſperança, que naquelle infortunio naõ logra os profeſſores daquella vida, a que o odio infiel naõ perdoa, ainda a inſtancias do mayor lucro, com a cautela de naõ conſervar hum flagello.

Reſtituido, naõ continuou por certos embaraços o noviciado. Paſſou á Patria, (com honrados penſamentos de ir pizar em ſeu obſequio o theatro da India) moſtrando-lhe, que a naõ ſabia buſcar filho ſem a reſoluçaõ de a ir honrar Soldado. Empregos de honra, e de valor o puzeraõ neſta viagem, moſtrando em todas, como nos acaſos deſta, que nunca lhe eſquecia a obrigaçaõ, com que naſcera, de correſponder aos brazoens de ſua familia, e aos dotes de ſua Patria. Voltando a ella, e dado a honeſtos, e ſeſudos exercicios, tomeu eſtado, caſando com Dona Magdalena de Vilhena, viuva de poucos annos de D. Joaõ de Portugal (que ficara com ſeu pay D. Manoel de Portugal, filho de D. Franciſco de Portugal, primeiro Conde de Vimioſo, na infelice lamentavel batalha de Africa). Com eſta Senhora eſteve caſado alguns annos, em que teve huma filha, que em breve tempo perdeo, como ſe o Ceo foſſe prevenindo, que naõ houveſſe embaraço, que o ſuſpendeſſe na vida, quando o chamaſſe para outra mais ſegura.

Viviaõ em huma Quinta ſua em Almada, quando chegou a ella hum Peregrino; ſobio hum criado, dizendo a Dona Magdalena, que elle a procurava. Achava-ſe neſta occaſiaõ Manoel de Souſa Coutinho fóra de caſa, e eſtava nella ſeu irmaõ o Padre Frey George Coutinho, viſitando a Dona Magdalena; reſolveraõ, que entraſſe o Peregrino. Chegado á ſua preſença, e propondo como era hum Peregrino Portuguez, a quem a devoçaõ levara a viſitar os Lugares Santos de Jeruſalem, accreſcentava, que ao deſpedirſe delles, o buſcara hum Portuguez, que ſabendo como elle tornava para a Patria, e examinando, que era eſta Lisboa, lhe pedira paſſaſſe pela Villa de Almada, e buſcaſſe á Dona Magdalena de Vilhena, para que lhe ſeguraſſe, que inda por aquellas partes vivia quem ſe lembrava della.

Suſpendeo-ſe Dona Magdalena,

lena, e perguntou ao Peregrino, que finaes dava do homem do recado; ao que elle tornou, propondo os mais fingulares, e mais vivos, individuando todos com tanta fegurança, que a defenganou de que naõ poderia fer outro, fenaõ Dom Joaõ de Portugal. Meteo-a o novo accidente em outro, a que acodiraõ as criadas. Paffou a outra fala o Padre Frey Georze, levando o Peregrino; e perguntando-lhe com fagaz advertencia, fe conheceria o homem que lhe fallara, vendo algum retrato feu, lhe refpondeo, que eftava a fua memoria taõ frefca, que o naõ duvidava. Entravaõ já em outra fala, donde entre alguns retratos de fua familia fe via o de Dom Joaõ; naõ fe deteve muito o Peregrino, e apontando para elle, fegurava, que aquelle era. Com efta ultima diligencia fe defpedio, deixando a todos confufos, e defenganados. Naõ podia produzir o fucceffo menos contrarios effeitos.

Chegou de fóra Manoel de Soufa Coutinho, e informado de Dona Magdalena, e de feu irmaõ do que fuccedera, propondo-fe entre os trez o que fe refolveria, elle com defembaraçado difcurfo, e prompta refoluçaõ, voltando a Dona Magdalena, lhe diffe femelhantes razoens: *Sey, Senhora, que hum, e outro eftamos inculpaveis no engano; como já advertidos do fucceffo; naõ fe offende o Ceo de ignorancias, que faõ innocencias. Entendo que, a teres noticia do voffo primeiro efpofo, nem me aceitarieis fegundo, nem eu o confentiria Catholico. Nefte accidente, que nos defengana, pouco difcorrerá quem naõ entender, que he a fraze com que o Ceo avifa, e menos quem naõ julgar, que fó mudando de vida, correfpondemos á fua Providencia. Em bufcar a Deos feguramos os acertos da mudança; fó efte propofito moftrará, que entendemos aquelle avifo: fe elle nos abrio os ouvidos, e os olhos, na noffa refoluçaõ eftá o mover os paffos. Já achamos trilhado o caminho, que nos poupa efcolher outro exemplo. Os Condes de Vimiofo nolo deixaraõ aberto. Elle tomando o de Bemfica, eftrada direita para o Ceo, a Condeffa o do Sacramento, novo Paraizo na terra. Efta me parece a cabal fatisfaçaõ, que (fuppofto efte fucceffo) devemos dar a Deos, e ao Mundo; ao Mundo deixando-o, como a quem nos tratou com efte engano; a Deos feguindo-o como a quem nos abrio os meyos de conhecello. Naõ efpera a minha refoluçaõ mais fortuna, que encontrar com as mefmas circunftancias a voffa.*

Callou Manoel de Soufa, porque impaciente já o efpirito de Dona Magdalena, temia, que o attender pareceffe efperar, e naõ fe accommodava com que o violentarfe fufpendida a deixaffe parecer duvidofa, ou a attençaõ de novas razoens a fizeffe julgar aconfelhada. Affim affentou no que Manoel de Soufa refolvera, como fe ao mefmo tempo o infpirara o Ceo a hum, e outro. Seguiofe a execuçaõ ao propofito, na brevidade confirmou os acertos o retiro.

Tinhaõ os Condes de Vimiofo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joanna de Mendonça nefte tempo fundado o Mofteiro do Sacramento, abaixo de S. Vicente de Fóra, junto aõ poftigo do Arcebifpo; aqui profeffara a Con-

Confeſſá ; o Conde em S. Domingos de Bemfica. Retirou-ſe Dona Magdalena ao Sacramento, donde com a vida mudou o nome em o de Soror Magdalena das Chagas. Em Bemfica tomou o habito Manoel de Souſa Coutinho, trocando o nome em o de Frey Luiz, em ſinal da fina amizade, que profeſſava com o Conde. Aſſim tomaraõ o caminho do Ceo eſtes dous eſpiritos, taõ bem doutrinados de ſuas illuſtraçoens, que ſem voltar os olhos aos incendios do Mundo, aſſim os empregaraõ na perſeverança de ſeu propoſito, que nem mais ſe viraõ, nem ainda ſe eſcreveraõ, como quem andava eſcutando áquellas mortalhas, que naõ havia já alli nada das primeiras vidas.

Aſſim abraçou Frey Luiz a aſpereza da nova, que eſcolhera com huma reſoluçaõ tambem aconſelhada, que na perſeverança do noviciado ſe foy confirmando, que ſó era o Ceo o que o tinha diſpoſto. Admirava, e confundia, ver aquelles annos no ſeculo taõ brioſos, aquella idade madura, e taõ doutrinada em maximas da terra, reduzida ao commercio, e trato fraternal com os poucos, com os tenros annos dos que começavaõ a vida da obſervancia, ſem que a deſſemelhança nas idades, e genios, ſoubeſſe deſaſocegar a natureza, reproduzida já no deſengano de viver ſem arbitrio. Eſcutava o conſelho Evangelico, e entendia quanto lhe importava o tornar a ſer menino. Profeſſou em
Math. 18. dia da Natividade de 1614. nas mãos do Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, e começou a diſpor de ſorte ſua vida, como ſe lhe enſinara a ſegunda, que já eſtava no fim da primeira. Pobre em ſua peſſoa, e pobre em ſua cella, como quem naõ deſconhecia, que naõ póde ſer gala a mortalha, nem ſala a ſepultura. O habito, que lhe dava a Religiaõ, trazia, até que a neceſſidade lho deſpiſſe. Na cella havia o toſco aſſento de hum tanho, e huma cama com mantas de lãa, de que eraõ tambem as tunicas interiores. Inviolavel obſervava o jejum, e eſtendendo a todo o anno a obrigaçaõ dos ſete mezes, todos os dias tinha em ſeu limitado prato a hum pobre por companheiro.

Nas penitencias de diſciplinas, e cilicios, deſafogava a ancia de querer exceder as obrigaçoens da regra, e ſempre o achava adiantado a obſervancia. Lançou maõ da caridade, como glorioſo eſtendarte das virtudes. Deſvelado ás ſuas cabeceiras o achavaõ os enfermos. Pedio eſte officio, excedeo-o no cuidado. Na providencia dos medicamentos, na vigilancia de applicallos, tinha o enfermo na cella hum Medico; nos mais miniſterios inda menos decentes achava hum eſcravo. Aſſim lhes aſſiſtia, aſſim os aliviava, com ſeu deſvelo, com ſua converſaçaõ affavel, concertada modeſta, e religioſa, ſem ſe lhe ouvir palavra, que offendeſſe, ou que naõ edificaſſe.

No Coro, na oraçaõ continuo, na devoçaõ ardente da piiſſima Mãy do Roſario, e do Santiſſimo Sacramento exceſſivo, que nem os achaques, nem as occupaçoens lhe roubavaõ aquelle quotidiano paſto, que no ſacrificio da Miſſa dava a ſeu eſpirito,

pirito, recebido com tanta ſuavidade nelle, que rompendo, e paſſando aos exteriores, compungia, e admirava a quem lhe aſſiſtia.

Obſervantiſſimo na obediencia, como primeiro emprego da humildade. Aquella lhe poz na maõ a penna com que honrou eſta Provincia, e talvez a Patria, confundindo na ſingularidade, com que o fez, a indiſcreta calumnia de quem o culpou occupado neſte heroico exercicio, ſem paſſar ás Eſcolas, ou cultivar os Pulpitos, como ſe naõ houveſſe profeſſores de huma, e outra faculdade, incapazes de tomar a ſeu cargo a de eſcrever, perdoando-lhe as pobrezas de Theologia, como elle lho podia fazer nas do idioma. Mas naõ baſtaraõ eſſas luzes, e pequenas nuvens, a eſconder o menor raſgo daquella luzida penna, que com tantas vivezas deſenterrou das ſombras da confuſaõ as eſcaſſas noticias, ſobre que começou a levantar a fermoſa fabrica de ſua Chronica, tam bem recebida, e avaliada dos grandes talentos deſta Provincia, e dos melhores juizos de noſſa Patria, (e inda das eſtranhas) que entre os Eſcritores Portuguezes ſe fez aquelle grande lugar, que nunca lhe negaráõ as idades.

Foy incançavel na grande applicaçaõ de revolver Cartorios; peſquizou, e finalmente deſcobrio as antiguidades da Religiaõ, e Conventos deſta Provincia, eſcrevendo ſempre com igual elegancia, que clareza. Tiroulhe a morte a penna da maõ, de donde ſó lha tirava a occupaçaõ de Religioſo, com que alternava as de Eſcritor, porque valia com elle mais a imitaçaõ do que hia eſcrevendo, que a obrigaçaõ com que eſcrevia. Ou ſeria ſanta inveja de ſaber ſondar, que naquelle genero de eſcritura mais valia dar o aſſumpto, que acertar o eſtylo. Os de ſua vida mereceraõ o ſocego de ſua morte, para que ſe aparelhou com animo deſaſſombrado, como quem havia tanto que ſe andava enſayando. Recebeo todos os Sacramentos; e pedindo perdaõ a todos do que com ſua vida os eſcandalizara, aſſim edificava, e compungia, que entre as lagrimas dos que com oraçoens o ajudavaõ, paſſou á melhor vida, deixando huma eterna ſaudade na ſua memoria, e muitas memorias nos milagres de ſua penna.

Bem póde contarſe por primeiro a vida do Arcebiſpo Primaz Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, em que parece quiz o Padre Frey Luiz adiantar as glorias deſta Provincia, naõ fazendo (na proporçaõ poſſivel) eſte menos com a penna, que aquelle com a vida. Obra foy ſem duvida, em que ſe eſmerou ſeu deſvelo, com os merecidos premios de a ver ainda em ſua vida dada á eſtampa, e depois de ſua morte nas mãos, e admiraçoens de todos, em eſpecial Prelados da Igreja, que com madureza pezaõ, que nem os Principes Eccleſiaſticos acharaõ mais vivo eſpelho, nem na traça, e diſpoſiçaõ o haverá mais pulido. Maxima he, que começou a praticarſe em Reynos eſtranhos, chegando elRey Chriſtianiſſimo a fazer tanto apreço deſte livro, (já traduzido em o ſeu idioma) que com elle oc-

cupa a maõ, que os Bispos, e Arcebiſpos de ſeu Reyno eſtendem a tomar o bago, julgando a ſua leitura pela mais importante pençaõ de ſua Mitra.

Eſcreveo mais a Chronica de elRey Dom Joaõ o III. por mandado delRey Dom Filippe IV. de Caſtella; (no tempo em que governava eſtes Reynos) eſta ſe pedio á Ordem depois da morte do Padre Frey Luiz, para ſe dar á eſtampa, e trocouſelhe eſta em deſmerecida ſepultura, de que a naõ pode reſuſcitar a mayor diligencia. Era obra dividida em dous Tomos. Finalmente eſcreveo as Chronicas da Ordem de S. Domingos, no que toca á Provincia de Portugal, e Conquiſtas, repartidas em trez partes, obra, a que conſagrou todos ſeus ſuores, todos ſeus trabalhos, todos ſeus eſtudos, como ſingular baze, em que o tempo lhe levantou a merecida eſtatua de Chroniſta. Em verſo Latino (teſtemunhas da variedade fecundiſſima de ſeu engenho, e emprego piedoſo de ſuas Muſas) ficou a vida de Noſſo Patriarcha, animando em dyſticos elegantes as pinturas, que ſe viaõ no Clauſtro de S. Domingos de Liſboa, agora em azulejo, donde ſe admira o dom de claridade, e doçura, de que Deos o dotou em todo o idioma.

Eſtas taõ relevantes virtudes lhe negocearaõ naõ ſó o commum applauſo dos doutos, mas o agrado dos Principes, que conheciaõ aquella ſingularidade, com que da urna religioſa, em que ſepultou a ſua nobreza, renaſceo Feniz a ſua erudiçaõ. Entre todos, os que a ſouberaõ pezar, occupou todas as memorias o eſclarecido Monarcha o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. que no tempo de Duque de Bragança teve com o Padre Frey Luiz hum ſingular commercio, conſultando com elle ſuas mayores importancias, como ſe pódo ver em algumas cartas, que ficaráõ no Cartorio de Bemfica, em que aquelle grande Principe naõ ſó o honra com o trato de amigo, mas o qualifica com o apreço, que faz do ſeu voto. Era o do Padre Frey Luiz trabalhado nas largas experiencias, que lhe aconſelharaõ os acertos de ſua vida, tal, que pareceo diſcipula da ſua eſcritura. Com eſta opiniaõ faleceo em Mayo de 1632. Eſtá ſepultado no jazigo commum, que fica no Antecoro; e ainda que naõ em lugar conhecido, naõ lhe falta epithafio, porque tudo, o que eſcreveo ſua penna, he letreiro de ſua ſepultura.

Acompanhem a eſte grande Eſcritor dous filhos deſta Caſa, que com a ſua penna nos mereceraõ eſta memoria. Foraõ elles o Padre Frey Antonio de Senna, que eſcreveo hum Tomo das noticias de Ethiopia, e o Padre Frey Pedro de Santa Maria, que eſcreveo outro, intitulado *Politica Chriſtãa*; e entre tambem neſta recopilaçaõ de noticias o Padre Frey Simaõ das Chagas, que, depois de muitos annos de Meſtre dos Noviços neſta Caſa de Bemfica, paſſou a Obreiro Evangelico nas Chriſtandades de Solor, em que acabou a vida com tanta reputaçaõ, que ficou delle o monumento: *Miraculis clarus obiit.*

CA-

CAPITULO XXV.

Do Meſtre Frey Fernando de Menezes, Biſpo do Algarve, e do Padre Frey Franciſco de S. Domingos da Cruz.

MAis antigo que o Meſtre Frey Fernando reconhecemos ao Padre Frey Franciſco; mas porque deſte ſe alargará mais a eſcritura, e naquelle tem precedencias a Mitra, anteponhamos a noticia, ficará a vida do Meſtre Frey Fernando ſervindo de Prologo á do Padre Frey Franciſco, vindo deſta ſorte a ſer paga a meſma precedencia, em que ſe fundou a divida. Foy eſta Recoleta Bemficana ſem duvida o Seminario dos grandes povoadores dos lugares mais authorizados da Igreja. Temos entre mãos hum delles no Meſtre Frey Fernando de Menezes, por outro nome da Encarnaçaõ, filho de Dom Fradique de Menezes, da illuſtriſſima Caſa dos Marquezes de Marialva, ſua mãy Dona Iſabel Henriques igual em nobreza. Provou eſta ſempre bem na Familia Dominicana. Nos primeiros annos a buſcou o Meſtre Frey Fernando, com taõ boa indole para a virtude, e genio taõ eſtudioſo, que com igual reputaçaõ o reconheceraõ Meſtre, e obſervante.

Eſtava por Regente em S. Domingos de Lisboa, quando o chamou docemente a ſolidaõ de Bemfica, melhor Patria de ſeu eſpirito, e Aula mais proporcionada para meditar a concluſaõ da vida, achando-ſe já muy entrado nos dias della. Obedeceo ás ſaudades como filho amante, fugindo ás aſſiſtencias da nobreza como verdadeiro Frade, moſtrando aos parentes quanto obrigavaõ mais os da virtude, que os do ſangue. Entre os Religioſos deſta Caſa começou a goſtar huns longes da Bemaventurança, no ſanto, no ſocegado, e no delicioſo della, e accreſcentando o numero dos reformados na modeſtia da vida, no continuo da oraçaõ, no continuado do jejum. Nada valeraõ, nem os graos, nem os annos, para que Bemfica o deſconheceſſe filho. Agora pizava aquelles ſantos Clauſtros com tanta obſervancia, como ſe lhe andara dando conta da que lhe enſinara.

Facil, e affavel no commercio; humilde, e exemplar no trato, como ſe quizera moſtrar áquella ſua antiga mãy, que a ſua auſencia fora ſó a capacitarſe para huma Mitra, por lhe trazer mais eſſa honra a caſa. Nella a vio repetida, primeiro nomeado Biſpo do Cochim (e o primeiro, que teve eſte titulo) pela Mageſtade delRey D. Joaõ o IV., depois Biſpo do Algarve, como ſe fora cautela repetirlhe os titulos por lhe naõ aggravar os merecimentos. Anticipouſe a morte a tirarlhe a Mitra, porque diſpunha o Ceo trocarlha em coroa. Paſſou a recebella de idade de 73. annos. Eſtá ſepultado neſte Convento, donde entre os nobres filhos delle ſe vê o ſeu retrato, induſtria de lhe honrar as paredes até depois de morto. Recopiloulhe o Meſtre Fr. Domingos de Santo Thomaz a vida no epithafio, que ſe lê em ſua ſepultura. Que mais deve o Feniz ao Sol, que o que Fr. Fernando a Fr. Domingos? Diz aſſim o epithafio:

Magiſter Theologus Fr. Ferdinandus á Incarnatione, Epiſcopus Algarbiorum nominatus, hujus Cœnobii filius, ſanguinis origine clarus, doctrina, literis, ac virtutibus illuſtris, Regularis obſervantiæ cupidiſſimus, Mundi lenociniis abjectis, adamata paupertate, humilitate aucupata, modeſtia ſelecta, moribus tranquillis, ætatis 63. annis vix expletis, poſtrema in ægritudine integro aſpectu, atque auditu, Chriſti Servatoris Cruci affixi ſacram imaginem complexatus, inter illius dulcia colloquia, & ſoliloquia, vitam exhalavit. Exanime corpus Bemficani Cœnobitæ ibi lamentis fleverunt, hic deſideriis tumularunt. Obiit die 27. Auguſti, anno Domini 1662.

Mas já nos chamaõ, e convidaõ a penna as noticias do Padre Frey Franciſco. Naõ devia jactarſe a natureza da fermoſura varia, com que moſtra á noſſa admiraçaõ os ſeus effeitos, ſem que a graça, mais poderoſa que ella, ſenaõ acreditaſſe com mais deſuſados aſſombros; que he ver as aguas por natural antipatia ſuperando o fogo, e verſe muitas vezes fogo ateado nas meſmas aguas? Que he ver o fogo, natural conſumidor das materias ligeiras, e voarem no meyo delle as aveſinhas chamadas Chariſtias, como reſpirando das meſmas lavaredas? Que he ver a terra, naturalmente eſtavel, e conſtante, moverſe como huma grande embarcaçaõ ſobre as aguas, como o admira Lidia nas ſuas Ilhas? Finalmente, que he ver os peixes por natureza mudos, mugindo, e vozeando entre as aguas do rio Elitorio? Que he ver na natureza eſtas ſingularidades, que antes parecem extravagancias, que providencias? Mas ſe bem o conſultamos, levantando o diſcurſo, ſaõ ſem duvida variedade fermoſa, com que a Sabedoria de Deos quiz offerecer aos noſſos olhos eſcaſſos raſcunhos de ſeu poder illimitavel.

Plin. l. 2. cap. 16.

Maiolus colloqui 6. de Avibus.

Theophraſtus.

Peerencis in ſua circum navigati.

Voltemos agora o diſcurſo, e ponderaçaõ aos novos effeitos da graça; naõ ſerá ſua variedade menos rara, menos fermoſa. Que he ver a virtude, dando a primeira liçaõ de humildade, deſempenhar em alguns juſtos acçoens ao parecer jactancioſas, ſe naõ ſoberbas? Parecia-o aſſim no noſſo Apoſtolo Valenciano S. Vicente Ferrer, Thaumaturgo Dominico, obedecendo humilde ao preceito de Chriſto, (que o deſtinara Pregoeiro de ſeu juizo, e Paraninfo de ſua ſegunda vinda ao Mundo para julgallo) e eſperando ás portas das Cidades, mandado recadó ao Conſelho dellas a que o vieſſem buſcar, e receber com Pallio, veneraçaõ, e reſpeito? Que era vello mandar ao meſmo Prelado do ſeu Convento, que foſſe reſuſcitar a hum menino, e

accrefcentar: (á rezaõ do Prelado, que fe efcufava por indigno:) *Vá Padre Prior, e em meu nome o refufcite?*

Documento he da virtude o recolhimento, o retiro, o filencio, as palavras pezadas, e medidas, as acçoens advertidas, e reformadas, o fazerfe efpectaculo vivo, a que fe componhaõ, e fe concertem os coftumes do Povo, e em fim a aufteridade no trato, e commercio com elle. Pois que ferá ver a virtude, como vagamunda pelas praças, entrando as cafas, curfando as ruas, frequentando os Palacios, tratando com os poderofos, efcutando, e refpondendo (ainda que fem faltar á modeftia religiofa) a perguntas, e galantarias, e tratando, e communicando todo o genero de peffoas? Grandes fegredos da Providencia, que parecem novidades repugnantes á virtude, e á graça! Naõ pareça reflexaõ fuperflua, antes refpofta precifa á tacita pergunta, e admiraçaõ de ver hum Religiofo celebre em obfervancia, e com eftas liberdades, e eftylos de vida. Temos entre mãos grande experiencia, porque tudo acharemos nas noticias do Padre Frey Francifco, filho defta Cafa de Bemfica, e affaz conhecido no Povo, e Cidade de Lisboa.

O P. Frey Francifco de S. Domingos da Cruz.

Foy efte Padre huma reproducçaõ dos primeiros efpiritos da verdadeira, e antiga refórma defta Recoleta Bemficana. Lãa junto á carne; peixe, e jejum, efte de fete mezes, aquelle de todo o anno; Coro nocturno, filencio perpetuo, em que fó difpenfa a vontade do Prelado. Efta era a vida de Frey Francifco; em em fua peffoa notavel defprezo, o habito mais roto, menos aceado, como quem entendia, que naõ pedia mais alinho huma mortalha. Baftavalhe para eftimaçaõ a vida inculpavel, com que o trazia aos olhos de todos. Hum cabafinho embraçado no braço efquerdo, depofito de efmolas, com que fahia do Convento para os pobres, que encontrava no caminho, e das que á volta da Cidade lhe davaõ para trazer aos pobres do feu Convento. Era affim venerado como thefouro da caridade, que era fingular mimo, que apprefentava ao melhor da Corte, hum pomo, que fervia talvez de peita para algum defpacho caritativo. Aquelle tofco, e pobre cabafinho era a taça de valor, em que fazia offertas ás mefmas Mageftades, feftejando a Rainha Dona Luiza, e elRey Dom Affonfo feu filho, o que nelle lhes offerecia como eftimavel regalo, paffado pelas mãos de hum efmoler de Chrifto.

Com mais continuaçaõ lhe fuccedia o mefmo em cafa dos Duques de Aveiro, que veneravaõ fua fingeleza, tratando-o familiarmente, e fiando della groffas efmolas, que por fua maõ paffavaõ ás de muitas peffoas neceffitadas. Eftimava muito o Duque Dom Raymundo as fuas vifitas, queixando-felhe, e culpando-o na falta dellas, e celebrando a alegria, e eftylo de palavras, com que lhe offerecia alguma data das fuas. *Sé fé*, dizia ao Duque (com efta dicçaõ acompanhava toda a repofta) *aqui tem V. Excellencia efta maçãa fãa.* Outras vezes: *Sé fé, aqui trago efta pera pera Voffa*

Excel-

Excellencia. Porque o ſeu eſtylo mais feſtivo, e de mais agaſalho era fallar por eccos. Viaõno os Duques pouco enroupado, e entendendo, que naõ ſeria ſó voluntaria pobreza, lhe davaõ habito, e capa, que elle eſtimava, porque buſcando no Convento o Religioſo mais pobre, trocava com elle. O habito mais remendado, mais çafado, mais roto, o que lhe fazia mais appetecido o contrato.

Desvelava-o a neceſſidade do proximo, ſempre o traziaõ ſem deſcanço as do ſeu Convento, entrando pelos Tribunaes a pertender, pelas caſas grandes a pedir; taõ igual no diſpendio do que grangeava, que ſendo a primeira porçaõ para os ſeus Recoletos, applicava a outra aos Capuchinhos da Convaleſcença, Caſa pequena, a que tinha amor pela ſua refórma, e com que tinha commercio pela muita viſinhança. Como eraõ bem ſuccedidas todas ſuas diligencias, encarregoulhe o Prior, que paſſaſſe a Lisboa a cobrar huns quarteis na Alfandega. Foy preciſa a detença, e á volta para caſa o apanhou a noite em Campo Lide, eſtrada menos ſeguida (e áquella hora deſerta) da Cidade para o Convento. Trazia o bom velho o dinheiro com reſguardo, mas naõ lhe valeo nenhum ao encontro de alguns vadios, que alli coſtumaõ buſcallos. Pediraõ (que he a fraze com que entra ſemelhante gente) primeiro em ſom de eſmola ſeguio-ſe o ameaço á eſcuſa, á reſiſtencia a força, e deſpojando-o do dinheiro, com mãos atrevidas, e palavras ſoltas, o deixaraõ mais magoado do que perdia o Convento, do que do que tinha ſofrido.

Com eſta pena chegou a Caſa, conta ao Prior o ſucceſſo, eſcutado com ira de quem vendoſe ſem remedio, naõ tem outro deſafogo mais que condemnar o comprehendido, e deſconhecer ſempre as razoens do infortunio. Mandoulhe fazer a venia, obedeceo o bom ſubdito, que mandado levantar della, lhe diſſe: *Sê ſê Padre Prior, ſoceguefe Voſſa Paternidade, que os velhaquinhos viraõ pela manhãa.* Zombou o Prior da promeſſa, eisque de madrugada lhe entra pela cella o Porteiro, e entregando-lhe a quantia, que ſe tinha roubado a Frey Franciſco, lhe diz, que acodindo ao romper da manhãa á campainha, e abrindo a porta, lhe entregara hum homem deſconhecido aquelle dinheiro, que o déſſe ao Prelado. *Pedilhe,* (continuava o Porteiro) *que eſperaſſe, que fallando com V. Paternidade iria com mais ſegurança, e daria noticia de quem era. Reſpondeo, que baſtava o que tinha dito; e deſappareceo.*

Repetia Frey Franciſco as jornadas a Lisboa, era ſempre emprego de caridade o que o levava, buſcando Miniſtros como protector de deſamparados, e perſeguindo poderoſos para ſoccorro de famintos. Aſſim era ſua vida pedir, e dar; e ſó para ter que dar, a grande ancia de pedir. Recolhia-ſe ao Convento, ſem que o canſaço do caminho o diſpenſaſſe do goſto de Enfermeiro. Talvez levava no ſeu cabaz o desfaſtio, com que regalava o enfermo. Mas diga hum ſucceſſo o que lhe deviaõ eſtes de cuidado. Receita-

ra

ra o Medico hum medicamento para hum Religioso enfermo, que se achava apertado; havia de vir da botica de S. Domingos de Lisboa, distancia de quasi huma legoa. Tardava o moço, affligia-se o enfermo, a tempo que Frey Francisco partia para Lisboa. Chega á Portaria do mesmo Convento, acha nella a medicina, sem noticia do moço, que viera buscalla; lança maõ della, e pondo-se outra vez a caminho para Bemfica, chegou taõ ligeiro, que quasi senaõ sentio falta. Estes saõ os servos, que Deos occupa em sua Casa, abrazados, e ligeiros. Que importa caminho largo, para azas de fogo?

Facit ministros suos flámam ignis. ad Hebr. 1. v. 7.

Naõ eraõ só estes os empregos da sua comiseraçaõ, naõ eraõ só estes os enfermos, que desasocegavaõ sua caridade. Os que sentiaõ o achaque mortal da culpa, com esses era incançavel sua diligencia. Viaõ-no, e ouviaõ-no pelas ruas, pelas praças, bradando, espalhando verdades nuas, doutrinas importantes, conselhos saudaveis, antes ensinando ignorantes, encaminhando innocentes, e arguindo peccadores, que divertindo ouvintes. Que importante reflexaõ se nos metia agora nas mãos, se as apertadas leys da historia nos naõ prenderaõ a penna! Bem podia soltarse com liberdade, aconselhada do zelo Christaõ, a estranhar em este seculo calamitoso, o introduzirse a memoria ás funçoens da sciencia Evangelica, violentada de estudos, que só vaõ a lisongiar ouvidos.

Prégava Frey Francisco com animo, e zelo de aproveitar aquelles innocentes, que o seguiaõ, e ainda aos mal intencionados, que o motejavaõ. Para este exercicio o convidava qualquer concurso, hum poyal o seu Pulpito, o interesse o aproveitamento do auditorio, a devoçaõ da Cruz o seu principal assumpto; que foy rara a reverencia, e o affecto com que abraçava este sagrado Lenho. A donde quer que o via, ou encontrava, postos em terra os joelhos, o adorava, saudando-o com esta, (*Ave Crux Sancta*) composta sem duvida por elle (de sua letra se lhe achou na cella) com accommodaçaõ á oraçaõ Angelica, e com mais devoçaõ, que propriedade em alguma clausula. He a seguinte:

Ave Sancta Crux ave!
Bemdita es tu entre todos os madeiros:
Bento he o teu fructo Jesus.
O' Sancta Crux!
Ora por nós peccadores,
Agora, e na hora de nossa morte. Amen Jesus.

Esta

Eſta devoçaõ grande lhe deu o ſobrenome, eſta o trazia advertido pelas ruas, pelos cantos a reſgatar eſte ſoberano Madeiro de lugares immundos, e indecentes, donde o collocara o pouco reparo, e o conſervava o deſcuido. Vio-ſe em varios ſucceſſos; diremos o mais celebre, e digno de que o naõ eſqueça a noſſa piedade.

Coroouſe elRey Dom Affonſo IV. e ſuccedeo armarſe-lhe hum ſitial em huma janella do Paço, a que ficava inferior huma Cruz. Paſſou Frey Franciſco, e dando com os olhos nella, e medindo o lugar em que eſtava, pondo os joelhos em terra, a ſaudou com a ſua Ave Maria. Levantouſe, e á força de mãos, e de hum inſtrumento, que alli pedio, rompeo, e deſmanchou o alto de huma parede, em que o ſagrado Madeiro eſtava fixado. Conſiderou bem, que era genero de indecencia, e ainda que naõ advertida, que eſtiveſſe inferior ao da terra o Throno do Rey dos Reys, e taõ authorizado Throno, que foy a baze de hum immortal imperio, com tanta eſtimaçaõ do Principe da paz, que reynou nelle, que em ſeu meſmo hombro o levantou ſolio, e o inclinou Sceptro; exemplo, de que lembrado agora Frey Franciſco, abraçando aquelle ſinal, e imagem ſua, authorizando os hombros com ella, e acompanhado de meninos, e Povo, que ajuntou a novidade, entoando no meyo de todos a Ladainha, caminhou com o ſuave pezo até a rua larga de S. Roque, (diſtancia baſtante) e entrando no patio do Marquez de Niza, que tem o ſeu Palacio no alto da calçada, lhe pedio déſſe lugar a taõ authorizada hoſpeda. Levantou-ſelhe hum Altar, que inda hoje occupa.

A eſta devoçaõ, de que nada o divertia, ajuntava a grande, com que aſſiſtia ás Matinas da meya noite, por mais embaraços que tiveſſe. Nem o vir cançado, o vir perſeguido das inclemencias do Inverno, pelo Veraõ dos calores de hum dia inteiro ſem deſcanço, que juntos com a diſtancia do caminho, o pediaõ preciſo, nada o eſcuſava de ſer o primeiro no Coro; e porque entendia, que o podia vencer o ſono, deixando-ſe hoſpedar de humas pobres mantas, e hum enxergaõ duro, uſava de hum agudo eſporaõ de ferro, como quem alcançava o quanto ſe retarda o homem no caminho de Deos, movendo-ſe pezado, e vagaroſo naquella parte que tem de bruto, ſe a naõ trata como tal o deſabrimento.

Já velho, fazia as ſuas jornadas em hum jumentinho, e eſte já taõ cançado, e ronceiro, que huma manhãa o achou morto de hum enxame de abelhas, que o cobrio. Recorreo ao Duque de Aveiro, e diſſe-lhe: *Senhor, as abelhinhas me mataraõ o meu eſtudante; ſem elle perecemos todos os pobres, porque para pedir, nem elles tem boca, nem eu pés.* Mandou o Duque, que ſe lhe déſſe para comprar ſegundo, e terceiro. Voltou o bom velho contente com o deſpacho, e dizia aos pobres, e aos Religioſos do Convento, que naõ ſeriaõ aleijados de todo, que muy boas muletas lhe dera o Duque de Aveiro.

Carregado de annos, e trabalhos,

balhos, cahio em huma cama, donde se purificou sua paciencia. Tantos foraõ os achaques, que lha exercitaraõ. Recebeo os Sacramentos alegre; á morte fez o mesmo semblante, porque se pareceo com a sua vida a sua morte. Antes de espirar se lhe descobrio huma chaga, que lançava oleo. Pareceo demonstraçaõ da vigilancia, com que o achou aquella hora. Era a em que o Esposo chamava para as eternas vodas a sua alma, e naõ faltou o oleo, ainda que se hiaõ extinguindo as luzes da vida. Alguns Religiosos molharaõ panos, e os guardaraõ com veneraçaõ. Ensinoulhe a experiencia, a que deviaõ ao moribundo, e a que pedia a novidade daquelle caso, naõ visto nunca, menos que em argumento de Santidade calificada.

Admirouse na Nossa Santa Margarida de Castello, que ao embalsemarse seu cadaver, aberto por hum lado, foy tanto o licor suavissimo, que manou delle, que se encheraõ muitas redomas cristalinas, de que ainda hoje se guardaõ algumas. Oleo destilou de seu corpo virgineo a Doutora de Alexandria, Martyr victoriosa Santa Catharina. O Pontifice de Licia S. Niculaõ, ainda (como canta a Igreja em sua festa) destila do sepulchro mysterioso, e medicinal oleo. Outros muitos Santos desempenharaõ este prodigio; e naõ deixou de ser no Padre Frey Francisco glorioso testemunho de sua virtude, que isso daõ a entender semelhantes maravilhas; de sua caridade, que isso val oleo nas Divinas letras.

CAPITULO XXVI.

Dos Padres Frey Alvaro de S. Joseph, Frey Joaõ de Aragaõ, Frey Francisco de Santo Thomaz, e Frey Martinho da Fonseca, filhos do mesmo Convento.

SEguindo aquella Ordem, com que até aqui vamos escrevendo, dando antiguidade aos Religiosos pelo dia de sua morte, que he o nascimento dos justos; parece, que devia de abrir este Capitulo o Padre Fr. Joaõ de Aragaõ, que faleceo primeiro, a naõ ser razaõ mais urgente a de precederem os filhos aos perfilhados, e ser o Padre Frey Alvaro dos primeiros. Será pois este o seu lugar, e taõ merecido o seu nome, que com tanta gloria sua lhe deu o de seu filho esta Casa, como o de pay a mayor parte da Provincia, pois em crear, e doutrinar os filhos della, cançou, e consumio quasi toda sua vida.

Foy ella taõ reformada, que no tempo em que mais vivos estavaõ os rigores da observancia Bemficana, (com se achar abundante de espiritos grandes a Provincia) só elle foy escolhido para Mestre de Noviços nesta Casa, como espelho, a que se deviaõ compor aquellas vidas, que começavaõ a respirar no berço da Religiaõ. Era taõ conhecida a sua, que contendiaõ os Conventos donde havia noviciados, para o terem por exemplar dos seus Noviços. Lograraõ tambem esta felicidade Lisboa, e Azeitaõ. Veyo buscalla Frey Alvaro na mortalha Dominicana em seus primeiros annos, e era tal a sua capaci- *O P. Fr. Alvaro de S. Joseph.*

dade ainda nelles, que deſcançavaõ os Meſtres de Noviços, repartindo com elle o trabalho de preſidir aos outros.

Acabados os eſtudos, ſe recolheo á ſua Caſa de Bemfica, adonde logo começou a exercitar o cargo, para que ſe enſayara; mas ſe foy Noviço com capacidades de Meſtre, era agora Meſtre como ſe fora Noviço. A oraçaõ repetia de dia, e noite, e taõ larga, como ſe eſquecera ou as outras occupaçoens da vida, ou as preciſas penſoens da natureza. Notavel vigilancia, e huma particular prudencia para accommodarſe áquellas idades tenras, com quem ha de obrar antes a induſtria, que a força; e huma certa deſtreza no favor, e diſpenſaçaõ para as afeiçoar aos trabalhos do eſpirito, e desfigurarlhe as carrancas do trabalho. No caſtigo dos defeitos era inflexivel, e ſevero, e nos de quebras de religiaõ, e obſervancia taõ aſpero, que achando hum Noviço com tunica interior de linho (ſendo da Conſtituiçaõ a lãa junto á carne) aſſim veſtida lhe poz o fogo na parte, que lhe cobria os hombros, e a golpes da diſciplina lho apagou nelles.

Mas ſe o achavaõ com eſta auſteridade os comprehendidos, era facil, e credulo á menor queixa dos neceſſitados. Aſſim era ſyncero, aſſim candido ſeu animo, que chegou a ſer nelle como anthonomaſia, a incredulidade de qualquer ruim ſuſpeita. Diſtaõ muita maldade, e innocencia, e nem com a viſta póde eſta vencer a diſtancia; eſta a razaõ de deſconhecer aquella, ou por affaſtada, ou por peregrina. Os bons ſaõ taõ faceis em crer, que ninguem he mao, como os maos em aſſentar, que ninguem he bom. Parecia, que ſe reproduzia em Frey Alvaro aquella idade ſanta de Nathanael, donde antes parece que ſe ignorava, que ſe aborrecia o engano, e o coraçaõ dobrado, como delle diſſe Chriſto. Conhecido, e tratado parecia o Padre Frey Alvaro homem daquelle ditoſo ſeculo, em que ſe criava o ouro puro da natureza, ſem as fezes da malicia. Achava-ſe naquelles primeiros Padres, e Patriarchas, que como primeiras columnas da Fé, lhe abriaõ ſynceramente nos ouvidos a porta, que com os olhos fechavaõ ás falacias da vida. Nathanael Dominico ſe podia chamar o Padre Frey Alvaro, como o que tinha hum coraçaõ, em que nunca ſe hoſpedou engano.

Ecce veri S. Iracliti in quo dolus non eſt Joan. 1. v. 47.

Era a ſua vida a primeira voz, e advertencia, que enſinava os diſcipulos, e de taõ conhecida refórma, e obſervancia, que eſcuſava outra doutrina. No que mais edificava era a aſſiſtencia de todo o Coro, ſeguindo o da meya noite com huma taõ ſanta tenacidade, que mandando os Medicos em tempo deſabrido, (em que os pleurizes ameaçavaõ o Convento, e talvez os hia já experimentando) que ſe diſſeſſem as Matinas á prima noite, foy ſempre o ſeu voto, que ſe naõ devia afrouxar na obſervancia por acautelar a vida, como ſe inexoravel aos riſcos della, deſconheceſſe em ſi os conſelhos da natureza, ou ſuppozeſſe a ſua privilegiada. Eſta auſteridade, e hum animo deſpido de tudo o que coſtuma eſtimar a terra, o fez eſcuſar

com

com huma modeſta repulſa os lugares de Prelado, que muitas vezes lhe offereceo a Provincia; porque eſtavaõ as ſuperioridades taõ malquiſtas com a humildade, que ſempre abraçara, que o atemorizavaõ ainda lugares donde tambem devem ſervir os que ſe fazem obedecer. Viveo largos annos, ſempre robuſtos, em paga de bem empregados, e acabou com huma morte, que pareceo premio delles, e principio de os trocar por eternas felicidades.

Sigaõ-ſe agora dous filhos, que deu a eſta Caſa a reſoluçaõ de virem a acabar nella a vida. Naõ parece, que deve ter mais privilegios para perfilhar o berço, que o ſepulchro; porque ſe no berço ſe criaõ alentos, creſcem, e avultaõ eſpiritos; no ſepulchro ſe recolhem os cadaveres, reſtituidos á terra como univerſal Mãy de todos. Antes parece, que faz mais força o natural deſta hoſpedagem, naõ ſó porque o he tanto o naſcimento, como a morte, mas porque neſta funeſta Caſa habitaraõ os oſſos mirrhados, naõ ſó annos, mas ſeculos. Naõ ha logo melhor razaõ para perfilhar na Caſa, em que ſe naſce, que na em que ſe morre; nem fazemos injuſtiça a Provincia alguma, perfilhando hum filho ſeu neſta Caſa (em que vida, e morte achou cella, e ſepultura) quanto mais ſendo impoſſivel a averiguaçaõ daquella a quem pertence, e eſtando eſta por tantos titulos de poſſe.

O P. Fr. Joaõ de Aragaõ. Foy eſte filho o Padre Frey Joaõ de Aragaõ, que tomando o habito nas Filippinas, e paſſando á India, e dahi voltando a eſtes Reynos, começou a dar indicios em ſeu ſofrimento, do berço da obſervancia, em que ſe tinha criado, ſofrendo com igual animo muitos incommodos, porque como neſſe tempo ardiaõ em guerras as duas Coroas de Portugal, e Caſtella, malquiſtou-o a falſa ſuſpeita de poder ſer eſpia. Aſſiſtio em alguns Conventos deſta Provincia, e veyo a parar como em centro neſte de Bemfica, por achar nelle mais vivos os eſpiritos da refórma. Veyo aſſim a achar em Bemfica o eſquecimento da ſua Patria, e Patria de ſeu eſpirito, enſinado a viver em aſpereza. A das Conſtituiçoens obſervava á riſca, Coro nocturno, peixe continuo, de que nem os achaques o eximiaõ ſem preceito de Prelado, e inſtancia dos Medicos, a que ſe ſogeitava violento, porque trocada a abſtinencia em natureza, já o ſuſtento de carne lhe ſervia antes de mortificaçaõ, que de medicina, porque lho naõ conſentia o eſtomago, já eſtranho a tudo o que parecia regalo.

O jejum continuado, e eſtreito, a que ajuntava a abſtinencia de vinho, ſendo eſte no uſo do peixe hum ſuſtento, que ſe naõ eſcuſa como remedio, eſpecialmente em eſtomagos, que cortaõ o primeiro vigor na applicaçaõ dos eſtudos, como ſuccede a todos os que abraçaõ o noſſo Inſtituto, que desde os primeiros annos trazem de continuo em huma maõ a poſtila, em outra o Breviario. A oraçaõ naõ ſó repetida, mas taõ larga, que parecia eſquecerlhe tudo, em ſe entregando a ella. Julgava para eſta occupaçaõ mais a propoſito o tempo depois de Matinas, quando ſe viaõ aquel-

les ſantos Clauſtros ſepultados em ſilencio, rompido dos ſuſpiros dos que o acompanhavaõ na eſcolha do tempo, e lugar da Igreja. Mal via eſte deſpejado o bom velho, quando para deſafogar a devoçaõ, recorria aos golpes da diſciplina, taõ repetidos, e impiedados, como ao outro o dia o teſtemunhava o pavimento da Igreja, taõ coſtumado antes a inundaçoens, que a finaes, (naõ era ſó o Padre Frey Joaõ o aggreſſor daquella penitente tyrannia, mas outros, que com o meſmo eſpirito povoavaõ entaõ a Caſa) que advertido, e acautelado o Prior, naõ permittia, que abriſſem pela manhãa a porta da Igreja, ſem que primeiro o Sacriſtaõ a deixaſſe examinada, e limpa. Teſtemunhou-o muitas vezes (e eu lho ouvi) o Meſtre Frey Manoel Veloſo, Deputado do Santo Officio, que neſta Caſa era entaõ Prelado.

Era já o Padre Frey Joaõ muy entrado em annos, temia o Prior, que lhe acabaſſe de conſumir aquellas poucas forças o Coro da meya noite, e mandando-lhe por obediencia, que ficaſſe delle, dava na epiquea, que lhe aconſelhava a ſua devoçaõ, entendendo, que o preceito lhe embaraçava ſó o Coro, e o meſmo era tocarem a Matinas, que ir elle para a Igreja, e movido de huma ſanta inveja de ouvir rezar os Religioſos ſem lhe fazer companhia, levantava as mãos, e os olhos ás Imagens do Senhor na Cruz, da Senhora do Roſario, e de noſſo Patriarcha, e rompia neſta queixa (taõ acompanhada de lagrimas, como interrompida de ſoluços) em ſeu meſmo idioma: *Señor, gran ſin razon! Premitis, que el Prelado ſin culpa mia quiera deſterrarme del lado de mis dichoſos hermanos? Ellos merecen exercitar el officio de los Angeles; y yo miſerable ſin anadir la mia a ſus vozes.*

Eſta magoa o eſquecia com os joelhos em terra, donde muitas vezes o achou a madrugada. Ameaçou-o finalmente a morte; diſpozſe como quem antes a eſperava tranſito, que a temia ameaço; e já ſacramentado, com grande ſocego, e conſolaçaõ de eſpirito a eſperava afouto, quando parece que o quiz deſinquietar o commum inimigo. Entendeo-ſe aſſim, porque applicando os olhos para os pés da cama, fez algumas acçoens de quem deſprezava a ſua bataria. Chegou a ultima hora, e com os olhos em hum Crucifixo, paſſou ditoſamente do fim da vida ao principio da eternidade. Deſte Religioſo affirmaõ muitos, que o conheceraõ, que no ceo da boca tinha eſcrito o Santiſſimo nome de Jeſus em letras como empoladas na meſma carne, que o Ceo lhe permittio na boca, quiz a devoçaõ repetir no corpo, porque em hum braço abrio o meſmo nome com o ferro. Eſte ſem duvida foy o nome, em que recopilado o Eſpoſo, pedia á alma pura, que o eſtampaſſe no braço. (Pone me ut ſignaculum ſuper brachium tuum Canticorum 8. 6.)

(*O P. Fr. Franciſco de Santo Thomaz.*)

Foy o outro filho deſte Convento (dos que mereceraõ a filiaçaõ nelle, eſcolhendo-o para vivenda, e para ſepultura) o Padre Frey Franciſco de Santo Thomaz, porque ainda que eſte Padre pertença á Congregaçaõ da India, o gaſtar o melhor de ſua vida neſte Reyno, o vir acaballa nos braços da obſervancia deſta Caſa, ſaõ grandes razoens

para

para lhe facilitarem efte lugar, e efte nome nella. Tomou efte Padre o habito em Goa, de donde paffou á China, bufcando na Cidade de Macao a Cafa, que alli tem a Congregaçaõ, grande paleftra de virtude naquelle tempo, e eftreitiffima obfervancia, que de taõ longe brindava a feu epirito. Aqui viveo alguns annos, e voltando a Goa, com grandes capacidades de religiaõ, e zelo, o elegeraõ Prior; refiftio conftante ao cargo, houve de ceder perfeguido; efperava licença do Reyno para paffar a elle, naõ tardaria muito, facrificoufe a effe pouco tempo. Veyo em fim a eftes Reynos, a que o chamava mais o defamparo de huma irmãa, que as faudades da Patria; recolheofe nefta Cafa de Bemfica, convidando-o o conhecimento da fua obfervancia; naõ reconhecia outro centro o exemplar de fua vida, nem fe efcondeo efta por retirada á noticia dos Religiofos mais obfervantes defta Provincia; inftava a eleiçaõ da Cafa reformada de Viana, foy o Padre Frey Francifco eleito em Prior della, mas com tanta defconfolaçaõ de feu efpirito, e genio, que naõ valendo com elle perfuaçoens, e inftancias para aceitar o cargo, houve de acabar a obediencia, o que naõ pode a induftria.

Foy em fim para o Priorado, mas moftrando, que hia mandar fó por obedecer; porém affim fe violentava naquelle exercicio, que naõ efperou, que lho tiraffe das mãos o tempo; ao repetido, e importuno de fuas fupplicas, e diligencias fe vio reftituido ao primeiro focego, que lhe tinhaõ roubado. Tornou alegre a ver as fupiradas paredes de Bemfica, Patria de feu efpirito, em que o perfilhara o amor da refórma. Aqui foy fua vida o exemplar della. Era quafi continua fua oraçaõ, porque entre a mental, e vocal repartia o tempo, e ninguem o encontraria fenaõ rezando. Naõ fe lhe advertia ifto fó no Convento, tambem fóra delle no caminho, porque indo alguma vez á Cidade com o Noviço, que o acompanhava, (fendo Meftre delles) alternava o Terço da Senhora, taõ embebido na contemplaçaõ delle, que fem dar fé de quem pizava a mefma eftrada, affim levantava a voz com devoçaõ, e fervor de efpirito, que paravaõ a efcutallo. Lãa junto á carne, e pobre cama; mas naõ queria nella mais agafalho quem o coftumava deixar no melhor do defcanço, porque affim era continuo nas Matinas, que mandando-o o Prelado ficar alguma vez dellas, nunca o pode acabar com elle, fem que valeffem nem o privilegio dos annos, nem o defabrimento dos frios.

O habito taõ apanhado, e taõ reduzido a fórma de mortalha, que fendo o Padre Frey Francifco defagradavel, e carregado de afpecto, affim o encontrava o fufto, que o tornava logo a contemplar o reparo edificado, e compungido. Affim fe fazia eftranho a quem o via, fendo taõ outro a quem o tratava, que o naõ havia mais facil, mais alegre para a converfaçaõ, e repoftas de boa graça, effeitos de hum coraçaõ fingelo, e confervado na candidez de feu efpirito. Nos jejuns, naõ fó os da Conftituiçaõ eftreitiffimos,

mos, mas dous dias na ſemana ſem outro ſuſtento, mais que humas codeas de paõ em hum pouco de caldo, a reçaõ para os pobres; entaõ inteira, nos mais dias a melhor parte della. Rodeavaõ-no continuamente cilicios, e ſobre o peito huma Cruz de metal, cheya de agudas pontas. Aſſim andava crucificado, como ſe ſe gloriara com Paulo na Cruz de Chriſto, ou como aquella venturoſa alma, que mereceo trazer ſobre o peito o ſello do Eſpoſo. Naõ lhe valeo a grande cautela com que diſſimulava eſtes, e ſemelhantes empregos de ſua vida, e penitencia, porque as mais miudas, e individuaes noticias de huma, e outra, o deraõ a conhecer a elRey Dom Pedro II. naõ ſe lhe eſcondendo o berço em que profeſſara, e os annos que vivevera no remoto Imperio da China, de que lhe reſultara a grande ſingularidade com que era pratico nelle.

Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum Cantico-rum 3.

Valeo tanto com elRey eſta informaçaõ, achada em peſſoa de boa nota, que o nomeou Biſpo de Macao. Chegou a carta da merce ao bom velho, que taõ longe eſtava da honra, como da terra. Teve-o primeiro por traveſſura de algum Religioſo; mas informado de que o caminho por donde lhe viera o que naõ eſperava, fora o Secretario de Eſtado, (cargo, que entaõ tinha o Biſpo Dom Frey Manoel Pereira ſeu amigo, e como logo veremos filho tambem deſta Caſa) aſſim ſe entrou de hum profundo ſentimento, como ſe ſe conhecera injuriado. Pegou na capa, e tomando a bençaõ ao Prelado, caminhou para a Corte, pedindo aos Religioſos, que o acompanharaõ até a Portaria, que lhe naõ repetiſſem hum titulo, que lhe afrontava o merecimento; que elle hia deſenganar a elRey do mal fundado conceito, que tinha de ſua capacidade na experiencia, que lhe punha diante dos olhos em ſua pratica, e ſua peſſoa.

Naõ lhe eſqueciaõ ao novo Biſpo aquelles altos documentos de hum Frey Bartholomeu dos Martyres, que eſcutando intimada huma obediencia, para que aceitaſſe a mitra, proſtrando-ſe por terra, como ſe o perſeguira hum rayo, diſſe atemorizado: *Deos ſeja comigo!* Naõ ſe enganava hum, e outro nos receyos, porque aceitar hum Biſpado, naõ he menos que fazer voto de ſer perfeito; e em huma vida taõ miſeravel, que até os fortalecidos tropeçaõ no dia ſete vezes, que entenderáõ os que ſe tem em conta de peccadores?

Oportet Epiſcopum irreprehenſibilem eſſe 1. ad Timot. 3.2.

Aſſim medroſo, triſte, e pezado, chegou o Biſpo aos pés delRey, que vendo diante de ſi aquelle eſpirito amortalhado, aquelle aſpecto inteiro, e reſoluto, aquelle breve eſpectaculo da pobreza, e da obſervancia, ſe ſuſpendeo, tanto de aſſuſtado, como de compungido. Aſſim ſe detinha, quando rompeo Frey Franciſco o ſilencio com ſemelhantes palavras: *Senhor, V. Mageſtade aſſim zomba de hum pobre Frade! Eu Biſpo Senhor! Eu miſeravel! Eu, que entre as paredes da minha cella naõ me entendo com o governo da minha conſciencia, atreverme ao de tantas! Senhor, V. Mageſtade eſtá zombando, ou me quer Deos caſtigar com o terem mal informado?* Frey

Fran-

Francisco, Senhor, he hum miseravel Fradinho, que dessa grande Babylonia, para que Vossa Magestade o quer degradar, veyo fugindo por singular mimo do Ceo, para o Sagrado da Recoleta Bemficana; e já no porto, como tornará á tormenta? Os meus annos antes me podem passar ao esquife, que ao navio. Os meus achaques antes se hospedaráõ em huma enfermaria, que em hum Bispado. Vossa Magestade busque a quem dar este, que eu, ainda que fiel vassallo, como inutil, mais sirvo a Vossa Magestade em Bemfica para Mercieiro, que na China para Bispo.

Já as lagrimas lhe embaraçavaõ a pronuncia; lançouse a beijar os pés delRey, que o levantou nos braços, admirado igualmente da santa liberdade, e do resoluto desinteresse. Assim o despedio consolado, segurandolhe, que olharia para o seu descanço, mas com a pena de se lhe frustrar a escolha em hum homem, em que agora descobria mayores razoens para ella. Mas as lagrimas, os annos, e os achaques com hum Monarcha pio saõ grandes valedores; vio-se Frey Francisco restituido ao seu antigo socego, dando graças ao Senhor, de se ver triunfante daquelle assalto, a que o Mundo chama triunfo.

Mas eraõ já crescidos os annos, achavaõ menos resistencia os achaques. Commetteo-o hum pleuriz, entrando com hum accidente, que o deixou prostrado. Acodiraõ os Religiosos, e vendo, que recorriaõ a remedios humanos, pedia com instancia, que lhe naõ chamassem Medicos, que os do espirito queria consultar primeiro. Crescia o achaque, que dispunha o Ceo, que fosse o ultimo; houve de sogeitarse ao que lhe ordenava o Prelado. Veyo o Medico, conheceo que era pleuriz, e mortal. Ouvio a noticia desassombrado, recebeo os Sacramentos compungido, e abraçando muitas vezes a Imagem de hum Crucifixo, que banhava com repetidas lagrimas, passou a colher o fruto dellas na eterna seara da Bemaventurança. Tem sua sepultura na Via sacra, que vay para a Sacristia. Por sua morte se lhe descobriraõ melhor as confirmaçoens de penitente, achando, que sua cama foraõ dous feixes de vides, dissimulados em huma manta, que tambem cobria o travesseiro, que era hum tronco nodoso. Acharaõ-selhe varios instrumentos de ferro, para cingir, e castigar todas as partes do corpo; e taõ livres de ferrugem, que naõ eraõ necessarios mais indicios, para se saber, que naõ estiveraõ ociosos.

Fechemos este Capitulo com huma memoria, que a outro filho seu deve esta Casa, pelo que a acreditou com sua pessoa. Foy este o Padre Frey Martinho da Fonseca, Prégador delRey Dom Joaõ o IV., que sabia conhecer, e estimar seu talento. Era Frey Martinho discreto, facundo, noticioso, e no Pulpito hum dos Oraculos do seu tempo, excedendo a todos no estylo, promptidaõ, graça, e viveza no dizer. Sua vida era concertada, e taõ ajustadas as contas della, que todas as noites se confessava. Mostrou o successo, que lhe aconselhara o Ceo a cautela, porque huma noite, chamando-o para humas

Matinas do Roſario, o acharaõ ſem vida. Grandes ſegredos da Providencia!

CAPITULO XXVII.

Dos Meſtres Frey Manoel Pereira, e Frey Lourenço de Caſtro, tirados da Religiaõ para Biſpos filhos deſta meſma Caſa de Bemfica.

O M.Fr. Manoel Pereira Biſpo do Rio de Janeiro.

DOus grandes filhos deſta Caſa vem a coroar os muitos, que temos deſcuberto nella, e os que ultimamente a confirmaõ de proporcionado berço, para criar os mais venturoſos Hercules, que creſceraõ a levantar glorioſamente as duas columnas, em que ſe vê decifrado o *non plus ultra* da virtude, e da ſciencia, ou da ſciencia, e da doutrina. Em hum, e outro emprego, no da Cadeira, e no do Pulpito, no da Theologia, e no da prédica, ſe fez grande lugar o Meſtre Frey Manoel, filho de Lisboa, e de pays honeſtos Rafael Palladi, e Margarida de Meira. Sahindo dos eſtudos, e depois das Cadeiras ſabio, profundo, agudo, e deſtro. No Pulpito Eſcriturario ſentencioſo, elegante, e convincente, ſendo nelle iguaes à fermoſura no propor, e a energia no convencer, qualidades em huma, e outra faculdade, que o capacitaraõ para os lugares de muitos talentos, porque o ſeu talento baſtava a encher muitos lugares. Aſſim o viraõ Provincial da Terra Santa em Roma, Prior Provincial neſta Provincia, Inquiſidor da Meſa Grande, Biſpo do Rio de Janeiro, Secretario de Eſtado, e Prégador delRey D. Pedro II.

Paſſou a Roma, de donde veyo feito Provincial deſta Provincia, deixando ſuas virtudes immortaes memorias naquella Curia, que ſoube avaliar as capacidades de hum homem, em qualquer dellas grandes. Naõ lhe valeo pouco, voltando a eſte Reyno, o virem apadrinhadas de voto eſtrangeiro, que os de caſa quaſi ſempre os deſencaminha, ou intereſſe particular, ou enveja commua. Vio-ſe o que valeo a recomendaçaõ, porque eſcutada dos Miniſtros deſta Coroa, e delRey Dom Pedro, que tinha mais anticipada, e individual noticia, ſahio eleito Biſpo do Rio de Janeiro, (á inſtancia do meſmo Rey por Innocencio XI. anno de 1676.) e Secretario de Eſtado, lugar, que encheo o ſeu merecimento, e cargo proporcionado a ſeu genio, deſtro, e diſciplinado na Curia Romana, exercitado no expediente de muitas, e graves importancias, ficando em auſencia do Reverendiſſimo por Vigario Geral de toda a Ordem Dominicana, ſendo eſta, e outras occupaçoens as que o habilitaraõ para as aſſiſtencias deſta Monarchia, pagando no ſerviço della á Patria em deſvelos, o que o tinha adiantado em cargos. Applicou a eſte todas as forças de ſua capacidade, ſervindo ao ſeu Rey com zelo de Portuguez, ſatisfazendo ao Povo com animo de Religioſo, e accommodando-ſe com os Miniſtros com as qualidades, que pedia o cargo.

Comprehenſivo, advertido, prompto, e dotado de huma deſafogada, e ſegura memoria, foy viſto muitas vezes nas propoſtas, que occorriaõ no conſe-

lho

lho de mais ardua, e ponderavel circunstancia, escutar a cada Ministro o seu voto, e antes de descobrir o proprio, referir o de todos, sem lhe faltar a minima circunstancia, ou palavra. Mas hiaõ carregando os annos, cresciaõ os achaques, favorecidos dos desvelos, e applicaçoens de pezo, abriraõ-lhe facilmente a sepultura. Já a tinha lavrado com religiosa advertencia em huma Capellinha, que levantara ao nosso Thaumaturgo Portuguez S. Gonçalo, a que o levava hum terníssimo, e piedoso affecto. Com este alcançou da Tiara, que entaõ regia a Igreja, o indulto, para que se estendesse a sua festa, e reza a toda a Ordem Dominicana. Imprimio estampas com a Imagem do Santo, que repartia com gosto, e zelo de accender no coraçaõ dos Portuguezes o amor, e devoçaõ de hum nacional taõ poderoso, e agradecido, como cada dia experimentaõ os necessitados, e devotos.

Em Bemfica celebrava o dia do Santo com igual pompa, que dispendio, acompanhando com lagrimas aquelles obsequios, que lhe costuma tributar devota a alegria, e a singeleza. Finalmente morreo com elle na boca, e nos braços, e veyo buscar ao pé do seu Altar (na Capella, que lhe lavrava nesta Casa) a protecçaõ, que lhe pedira em vida. Notouse, (e o affirmaõ hoje Religiosos, que estiveraõ presentes ao officio da sepultura) que assistira a ministrar nelle hum mancebo de gentil presença, gravidade, e modestia, com que a todos levou os olhos, perdendo-o estes repentinamente de vista ao recolherse o caixaõ no jazigo. Cresceo o reparo com o desengano de o naõ conhecer nem a familia do defunto. Mas para que fique mais conhecida, e espalhada a grande devoçaõ deste Prelado ao Santo, e o beneficio, que fez á Igreja deste Convento, dando-lhe mais hum Santuario, sem lhe alterar a proporçaõ, ou lhe tomar o campo, descreveremos aqui brevemente a fabrica da Capellinha, e será esta pequena digressaõ á conta do agradecimento desta Casa, que neste filho experimentou, e reconheceo hum dos seus mayores bemfeitores, naõ havendo nella lugar, em que naõ lembrem suas liberalidades.

Abre-se a porta da Capella em hum vaõ, que no Cruzeiro da Igreja, para a parte da Epistola, fica entre a porta da Sacristia do Rosario, e a que dá passagem ás Capellas daquella banda. Assim fica só a porta occupando a parede, em correspondencia da que se abre para o Claustro da outra parte, alargando-se a Capella para a do Adro em pequeno circuito. Levanta-se, e cresce a obra em fórma oitavada, continuada com varios, e finos jaspes, que abrem oito nichos a oito Imagens de alabastro, (de estatura proporcionada a toda a obra) avultadas com tanta propriedade, e viveza, como se esquecerá ao artifice, que eraõ de pedra. Saõ todas daquelles Santos, que a sua devoçaõ conheceo mais propicios. De huma parte a Senhora do Rosario, superior a outro nicho, em que se vê Nosso Padre S. Domingos; da outra occupa o nicho superior o Patriarcha S. Joseph, o inferior o Dou-

tor Anjo Santo Thomaz de Aquino. Correſpondem a eſtes da parte fronteira, em que fica a porta da Capella, (tendo-a no meyo) outros quatro nichos; nos ſuperiores de huma parte Santa Thereſa, de outra Santa Apollonia; embaixo com a meſma correſpondencia os illuſtres Patriarchas S. Bento, e S. Joaõ de Deos.

Coroa eſta obra, ſeguindo a meſma fórma della, huma alteada, e graciosa abobeda, varia em pedras, oitavada em feitio, deſcançando ſobre hum frizo de jaſpe branco, que perfila em redondo toda a obra, começando delle a de huma capaz tribuna, que no meyo da Capella ſe abre ſobre o Altar, formando-lhe o arco de fóra hum jaſpe trocido, e matizado, que deſcança ſobre duas columnas da meſma materia, e feito. Ve-ſe no meyo da tribuna, em huma bem lavrada peanha de embutidos de jaſpe (de que tambem he a banqueta, e o Altar) o Santo de fino alabaſtro, de eſtatura de huma peſſoa, e taõ vivo em acçoens, e goſto, que parece, que eſtá enſinando á piedade, que lhe naõ faltaõ ouvidos para receber os votos. Communicaſe a luz á Capella por huma deſafogada janella, que cahe ſobre o Adro da Igreja, cerrada com bem lavradas portas, e quando aberta, defendida de ſua vidraça. Correſponde-lhe da outra parte com igual moldura, e tamanho hum painel de jaſpe branco, em que ſe lê o rendimento, com que o Biſpo conſagra a Capella ao Santo, e grava o epithafio do ſeu ſepulchro, e he o ſeguinte:

D. O. M.

D. Gundiſalvo de Amarante Luſitaniæ Thaumaturgo, tutelari ſuo ſemper propitio devoti, gratique animi ergo imparem voto ædiculam, ſuumque ibi conditorium Epiſcopus Fr. Emmanuel Pereira hujus Bemficani Cœnobii Filius condit, & dicat.

Anno Domini M.D.C.LXXXV.

No pavimento fica o jazigo, deſcanço daquelle coraçaõ devoto, que beneficiado do Santo em vida, veyo entregar ao ſeu patrocinio o depoſito daquellas cinzas, em lograr aquelle lugar venturoſas, e em deſpertar nelle a noſſa devoçaõ agradecidas. Deixou a Capella bem provida de alampada, caſtiçaes, e mais ornatos de Altar de prata, ornamentos, e cortinados ricos; e ainda intentava deixar hum juro (mas faltou-lhe a vida) para o diſpendio da feſta, como fizera em Roma, comprando fazenda, e deixando-a ao Vigario do Hoſpicio, (do noſſo Convento da Minerva) que foſſe pelo tempo,

po, para que todos os annos se repetisse a festividade do Santo com pompa, e luzimento. Foy finalmente esta Capella a memoria, que este Prelado deixou á sua Casa de Bemfica, naõ sendo necessarios mais despertadores para ella, que os beneficios de que sempre se vio obrigada, renovando-os sempre no retrato deste grande filho, que agora lhe honra as paredes, e lhe alivia as saudades.

O M. Fr. Lourenço de Castro.

Siga-se a este Prelado outro naõ menos amante nas razoens de filho, naõ menos desempenhado nas de bemfeitor. Foy este o Mestre Frey Lourenço de Castro, nobre por nascimento, e illustrissimo por qualidades de letras, e religiaõ; humas, e outras o puzeraõ em muitos, e honrados lugares, na Ordem, passando de huns a outros, por naõ parecer, que cabiaõ em hum só os seus merecimentos. Foy natural de Lisboa; seus pays Pedro de Castro, Senhor de Perada, e Sanguinhedo, Chefe da familia dos Castros de Melgaço, foy Provedor dos Armazens, e Dona Lourença da Costa, da illustre familia dos Homens. Tomou o habito em Bemfica no anno de 1637. cursou as Escolas, e occupou as Cadeiras até o grao de Mestre, sempre reconhecido seu grande talento. O Convento da Batalha o chamou para seu Prior. Bemfica para que o fosse da sua Recoleta, elRey Dom Pedro II. para o Pulpito da sua Capella. Accrescia ás letras, e authorizada presença, com que enchia aquelle lugar, a liberdade Apostolica, com que nelle fallava, sendo muitas vezes taõ aspero, e azedo em cortar pelo illicito, que aconselhando-lhe bem intencionados, que senaõ fosse atraz de todas as verdades, que o podiaõ fazer mal escutado, e em fim perseguido, respondeo: *Eu faço o que devo ao meu officio; nem sey lisongear, nem sey temer.*

Era o seu centro a Recoleta Bemficana. Nos seus exercicios elle o mais exemplar. Era Prior no nome, e no trabalho, na pontualidade subdito, na refórma Noviço, no trato affavel, brando, e attractivo, como se nelle escolhessem, e encontrassem os Religiosos antes pay, que Prelado. Estas partes de reformado, e bemquisto, a opiniaõ de Cadeira, e Pulpito o divulgaraõ benemerito. Estava vaga a Cadeira Episcopal de Angra; o nome de Frey Lourenço foy a melhor consulta. Promoveraõ-no a ella no anno de 1671. naõ pareceo, que lha davaõ, mas que lha restituhiaõ. Experimentou-se melhor o acerto, quando por informes, que vieraõ do Bispado, se entendeo, que tinhaõ mandado antes hum Esmoler, que hum Bispo; porque ainda que estes dous nomes devaõ ser synonymos, he muito antiga a queixa de se acharem diversos. A sua familia apoucada em numero, honesta em trato; o seu Palacio hum concertado Convento, e o Bispo hum taõ verdadeiro Religioso, que nem a Mitra lhe pode tirar o Capello. Foy resoluçaõ, e maxima sua, com que respondeo a quem lhe persuadia, que áquelle lugar era mais decente o Roquete: *Pois eu* (disse) *avalio de outro modo; a haver de despir, antes o Roquete, que o habito.*

Continuo na assistencia da

Sé; do Coro paſſava para o Confeſſionario, do Altar para o Pulpito; verdadeiro Paſtor, em todo o lugar o achavaõ as ovelhas, e de todos ſahiaõ melhoradas. As eſmolas media pelas rendas, porque tirada pouca porçaõ para o perciſo de ſua Caſa, todas as rendas eraõ para eſmolas. Chegavaõ eſtas da Ilha até a Corte de Lisboa. Experimentava-o a pobre Recoleta de Bemfica, e a obſervantiſſima Caſa do Sacramento, a que todos os annos acodia com maõ larga, eſtendendo-ſe tambem eſta a peſſoas de que a ſua compaixaõ tinha noticia, ſem que a diſtancia lhe difficultaſſe a providencia; que a caridade, ſe he lince quando applica os olhos, tambem he Gigante quando eſtende os braços.

Chamado da Ilha para eſta Corte, o paſſaraõ á Mitra de Miranda, no anno de 1681. Achava-ſe já pezado com achaques, e annos, houve de ſacrificarſe ao trabalho, porque o ter que diſpender com os pobres, lho desfigurou em lucro. Eſte unico intuito o fez pôr a caminho. Naõ ſaõ conjecturas minhas; eſcrevo o que ouvi proteſtar ao meſmo Prelado, e o que depois moſtrou o effeito. Em quanto ſe deteve na Corte, e naõ paſſava ao Biſpado, viveo com ſogeiçaõ de Frade. Buſcava o Convento, e os Prelados delle, proſtrando-ſe em ſua preſença, ceremonias dos que vem de fóra. A petiçaõ ſua ſe lhe lançava como aos mais Religioſos Sermaõ na taboa; ſobia ao Pulpito quando ſe ſeguia. Poſto em Miranda, era o ſeu mayor deſvelo o que lá o levara, o ſoccorro da pobreza. Naõ havia para ella porta fechada em ſua caſa. Achava-ſe huma vez na em que commummente aſſiſtia, (a tempo em que a mais familia ſahido á Cidade) chegou até ella hum pobre pedindo mais com a deſnudez, que com a voz. Compadeceoſe o bom Prelado, que áquella hora ſe achava naõ menos pobre, ainda que naõ taõ deſpido. Chamou para que ſoccorreſſem o neceſſitado; naõ acodia ninguem, nem na pobre caſa ſe achava peça, de que lançaſſe maõ a ſua ancia. Naõ permittia eſperas a em que eſtava, como o que eſcutara ao Apoſtolo, que a caridade para obrar bem, naõ he ſofrida, inſta, e naõ eſpera. Retira-ſe a outra caſa impaciente, deſpe-os interiores, vem ao pobre, entregalhos, para que ſe viſta, e agaſalhe, e vem a ficar no interior como alli chegara o pobre. Até aqui o amor da pobreza! Partilhas no veſtido fello aquelle Principe perfeito, que amava ao vaſſallo como a ſua alma. Fello aquelle Prelado, que cobrio a ſeu Senhor com meya capa ſua.

Charitas Chriſti urget nos 2, ad Corinth. 5.

Diligebat quaſi animam ſuam, nam expoliavi ſe tunica. 1. Regum 18.

Mas parece, que naõ quiz o Ceo dilatar o premio a ſemelhantes lances de caridade, porque naõ foſſe eſta mais apreſſada em merecer, que elle em premiar. Era promptiſſima, e quaſi quotidiana a aſſiſtencia do bom Prelado na ſua Igreja. Chegou o dia do ſeu, e noſſo Patriarcha, e naõ baſtou o achallo indiſpoſto, para lhe embaraçar o ſer o meſmo que celebrou a Miſſa, e fez o Sermaõ, acompanhada huma couſa, e outra de tantas lagrimas, que ſendo affecto a ſeu grande Pay, pare-

Martinus hac me veſte contexit.

ceo

ceo depois despedida de suas ovelhas. O calor grande de hum dia de Agosto, naquelle terreno ainda mais rigoroso, a applicaçaõ de hum Pontifical, e hum Sermaõ, tudo penoso, e dilatado, o ser o Bispo achaquado, e grosso, lhe fomentaraõ hum grande febraõ, com que o levaraõ para casa, e que logo lhe desenganou as esperanças da vida. Assim a acabou com conformidade Catholica, e demonstraçoens de contriçaõ verdadeira. Sepultou-se na sua Sé, seguido das lagrimas dos pobres, e das saudades dos subditos. Alguns annos depois de sepultado, dizem se achara inteiro o corpo; naõ foy facil de averiguar esta noticia, (naõ faltando dispendios de diligencia) mas favoreceo-a a grande veneraçaõ, e respeito, e naõ menos cautela, com que o guardaõ os seus Conegos; porque propondo-selhes, que se deviaõ trasladar seus ossos para Bemfica, donde em vida mandara lavrar Capella, e sepultura, responderaõ, que tal naõ consentiriaõ, por ser notoria injuria para elles permittirem, que ficasse despojada aquella terra, e aquella Igreja de hum tal thesouro, e de hum tal Prelado.

Mas já que ou a resistencia daquelle Cabido, ou a frouxidaõ de quem ficou com a obrigaçaõ de restituir aquellas cinzas á sua propria urna, nos deixa com as saudades envejosas da que as guarda com menos justiça, naõ nos pouparemos nós á diligencia de apontar qual seja sua sepultura, fazendo mais publica a divida, que naõ póde perdoar a Caza Bemficana. No Cruzeiro da sua Igreja, para á parte da Epistola, se abre a porta de huma Capellinha, fazendo lado ao arco da Capella môr, com que lhe fica á maõ direita em correspondencia proporcionada a porta, que sahe da Sacristia para a Igreja, e fazendo igual frontaria á porta, e Capellinha de S. Gonçalo, jazigo do Bispo Dom Frey Manoel Pereira, como temos escrito.

He a Capellinha mais alta, que espaçosa, cubertas as paredes de bom, e miudo azulejo até o frizo, em que descança o tecto, vestido de hum brutesco azul, naõ permittindo mais enfeite, ou variedade a representaçaõ dolorosa, que offerece á vista hum quadro de boa maõ, que tomando toda a parede da frontaria da Capella, exprime as dores da Virgem Mãy, vendo recolher na sepultura a seu Filho, e nosso Redemptor pela piedosa diligencia de Joseph, e Nicodemus, assistida nos seus desmayos das lagrimas da Magdalena, e soluços do Evangelista mimoso. Descança o quadro sobre o Altar, que se levanta em fórma de Mausoleo, abrindo na parte inferior hum grande vaõ em toda a frontaria, que ornada de grandes de pedra fingida, recolhe huma devota Imagem do Senhor morto, de estatura de hum homem. Aqui se costuma guardar o Senhor em festa feira mayor, e he o lugar taõ proporcionado para aquella acçaõ piedosa, que ninguem o entra a visitar, (ainda fóra dos dias della) que se naõ sinta entrado de huma devoçaõ maviosa, e compassiva. No pavimento dispoz o bom Prelado ainda em vida a sua sepultura,

adver-

advertindo, que naõ eſcolhia outra, (exprimindo, e repreſentando no lugar da ſua a de noſſo Redemptor) como ſe o aconſelhara o Ceo, e o levara venturoſamente o eſpirito a acompanhallo no ſepulchro, para ſeguillo na Reſurreiçaõ, eſcutando, e eſperando o comprimento da promeſſa, que aos Coloſſenſes fazia Paulo: *Mortui eſtis, & vita veſtra eſt abſcondita cum Chriſto. Cum Chriſtus apparuit vita veſtra, tunc & vos apparuerit vita veſtra, tunc & vos apparebitis cum ipſo in gloria.* Como ſe diſſera: Se ao morrer eſcondeis, e ſepultais a voſſa vida com Chriſto, ſabey, que o acompanhareis nos triunfos de glorioſo.

Ad Coloſſen. 3. 3.

CAPITULO XXVIII.

Dos Padres Frey Niculao do Roſario, Frey Joaõ Barreto, Frey Jacintho do Eſpirito Santo, filhos deſte Convento; e de dous Irmãos o Padre Frey Luiz da Cruz, e o Irmaõ Frey Joaõ de Portugal.

PAra coroar as noticias deſta Caſa, reſervamos eſtes Religioſos, e em particular Capitulo, porque achamos a ſua filiaçaõ duvidoſa, ainda que elles os mais antigos entre os filhos della. Foy reparo de quem naõ quer roubar aos Conventos a gloria, que ſe lhe ſegue de ſemelhantes filhos; e proteſto de que naõ encontramos neſta materia os ſeguros da verdade, ſe depois de tantos annos, e tantas diligencias houver quem a ache, ou a deſenterre. Por agora valemonos de hum apontamento antigo, e (por tradiçaõ) de ſogeito a que ſe deve credito, que conta eſtes Religioſos entre os filhos deſta venturoſa Recoleta. Seja hum delles o Padre Frey Niculao, Inglez de naçaõ, naſcido em Londres, criado aos peitos da hereſia. Perdeo ſeu pay, ficando de pouca idade, e com muita fazenda, dous caminhos largos para a perdiçaõ de quem por herança ſe acha com poſſes, e naõ eſcuta verdades.

O P. Fr. Niculao do Roſario.

Chamou-o logo o commercio, e trato, em que ſe criara ſeu pay, naõ ſendo entre os de ſua naçaõ emprego eſtranho da nobreza a commerciaria; reſolveoſe a paſſar a eſte Reyno, porque ſobre ſegurar nelle a mais groſſa, tinha eſcutado a experiencia de naõ haver peregrino, a que ſe naõ troque em Patria, ſahindo talvez ſeus filhos fogindo á ſua ingratidaõ para as eſtranhas, a que achaõ ſempre com eſſe nome. Facilitoulhe a jornada outra importcia, porque lhe chegara a notitancia, que hum parente ſeu, que havia annos ſe detinha em Lisboa, ſe recolhera ao gremio da Igreja Catholica, e eſporeava-o a ancia de vir culparlhe a reſoluçaõ, ou a eſperança de o ver arrependido della. Embarcouſe, chegou á Cidade do Porto, adonde entre os homens de mais groſſo commercio ſe encontrou acaſo com hum Inglez, por nome Joaõ Coſtel, bom, e fiel Catholico, que na Cidade de Lisboa tinha caſa, e familia, detendo-o entaõ naquella certa importancia.

Vinha Frey Niculao como moço, e de groſſos cabedaes, bem tratado, e luzido, era dotado de galharda preſença, circunſtan-

cunſtancias, que obrigaraõ a Joaõ Coſtel a chegarſe a elle, (tocado de interior laſtima de preſumir quem ſeria) e travando pratica, como diſſimulaçaõ, e induſtria ſaber, como logo ſoube, o meſmo que receava. Deixou travada communicaçaõ com o galhardo Inglez, e repetindo viſitas, e praticas, tocava talvez algumas de religiaõ, em que achava ao moço taõ eſquivo, e inteiro, que bem entendia, que naõ guardava o Ceo o reduzir aquelle coraçaõ para bataria taõ frouxa, como a ſua. Carteava-ſe daquella Cidade do Porto, em que o detinhaõ negocios, com hum Religioſo Dominico, tambem Inglez (que aſſiſtia em Convento de Bemfica) chamado Frey Nicolao da Cruz, peſſoa de virtude, e letras, déſtro nas controverſias com rebeldes á Igreja, como o que nellas triunfava cada dia para gloria ſua. Eſcreveo a eſte Joaõ Coſtel, dando-lhe noticia da empreza, que o Ceo lhe metera nas mãos, confeſſando a debilidade dellas, para eſgrimir as armas de ſemelhantes campanhas. Pedio-lhe, eſcreveſſe ao mancebo Inglez, e o reduziſſe a paſſar a Lisboa, emporio do commercio, e viſtoſo theatro de todas as naçoens, adonde aviſtando-ſe ambos, eſperava huma reſulta de goſto para todos.

Naõ tardou Frey Niculao da Cruz em eſcrever, ſabendo aſſim veſtir o que propunha, e pertendia, que a voltas de comprimentos, e offertas, tocou alguns pontos em materia de Religiaõ, por eſtylo, que naõ ſó naõ deſaboriou ao mancebo, mas antes o fez entrar de hum reparo de ſe ſeria ſeguro o caminho, em que o ſeu naſcimento o tinha poſto. Seguioſe á conſideraçaõ o receyo, a eſtes huma ancia de apurar a duvida. Naõ lhe dava eſta deſcanço; eſcreve a Frey Niculao, que paſſava á Corte a buſcallo, e pozſe a caminho. Já parece, que o Ceo começava a illuſtrallo para buſcar o verdadeiro, diſſimulando-lhe os aviſos em hum ſonho, que deu grandes forças ao primeiro abalo. Sonhou, que via hum Religioſo Dominico, que chegando-ſe a elle com ſemblante alegre, e voz ſuave, lhe dizia: *Naõ tardes, vay, e reſolvete a ſer Frade de minha Ordem.* Eſtava já o moço advertido por cartas de Frey Niculao, do deſvelo, com que o Ceo diſpunha a conquiſta de huma alma, e inteirado daquella ſanta fadiga, com que noſſo Patriarcha procurara a deſtruiçaõ da hereſia, e reducçaõ dos eſcravos della, convenceo-ſe, que o Ceo o illuſtrava, e Domingos o reduzia.

Mal aportou em Lisboa, buſca a Frey Niculao, dalhe noticia da celeſte bataria, a que já hia fraqueando ſua cegueira; finalmente a poucas praticas entra nas de verdadeiro Catholico, com tanto conhecimento, que olhando para o paſſado ſonho, como importante aviſo, entendeo, que naõ ſó lhe convinha fugir os antigos erros, mas adiantar-ſe a empregos ſeguros, recolhendo-ſe aos Sagrados Clauſtros Dominicanos. Pede o habito com humildade; recebe-o com lagrimas, corre o anno de approvaçaõ com conſtancia, e profeſſa com demonſtraçoens de ſobrenatural alegria na Caſa de Bemfica, e tomando

o

o nome do que o trouxera a ella, e sobrenome da Senhora, que escolhera por Advogada, se chamou Frey Niculao do Rosario. Entra nos estudos; naõ havia para elle mais que ou Coro, ou Aula, ou cella. Humilde andava aos pés de todos. Pobre, naõ só tudo seu era dos necessitados, mas elle todo, porque ainda pedia para lhe dar, depois de lhe ter dado o que tinha. Penitente, era huma viva estampa das Constituiçoens observadas á risca.

Depois da Theologia, se adestrou nas controversias, com que buscou, e disputou com os Hereges, dando-lhe o Ceo tanta efficacia, que nunca se vio baldada bataria sua; assim igualmente o temiaõ os contumazes, e o seguiaõ os penitentes. Mas ferialhe o coraçaõ o ver, que conseguia em tantos, o que naõ podia nos seus, porque sua mãy, e parentes viviaõ ainda nos braços da cegueira. Tentou a primeira diligencia com cartas, escreveolhe muitas, taõ doutas, e doutrinaes, taõ pias, e taõ convincentes, que a naõ deixar perdellas culpavel omissaõ, seria aqui bom argumento de frutos do seu estudo, e das ancias do seu zelo. Houve de ceder á violencia delle, por mais que riscos, e embaraços lhe cobriaõ o caminho, em que muitas vezes o pozeraõ as piedades, e as leys de verdadeiro Religioso, vendo na mãy obstinada certa a ultima miseria, como desperdiçada a sua diligencia; resolveo finalmente á jornada para sua Patria.

Era actualmente Capellaõ, e pay espiritual dos Inglezes, filhos da Igreja, que frequentavaõ a Corte de Lisboa, (ventura, que estes pertenderaõ, e alcançaraõ dos Prelados da Provincia) e com grande credito della, e da Religiaõ Catholica, pelos muitos filhos, que continuamente trazia a ella, sendo a principal diligencia o exemplar de sua vida. Com elles communicou a importancia de passar a Londres, mas anticipouse huma febre aguda a embaraçarlhe a jornada, desenganando-o de que estava em vesperas de fazer a ultima. Pedio, e recebeo o Viatico, disposto para ella com o mesmo alvoroço, que para a primeira. Arrebataraõ-no logo delirios freneticos, e rompendo na força della em desentoadas vozes, dizia: *Vamos prégar a Inglaterra? Vamos morrer pella Fé de Christo?* Passados dous dias, e restituido a perfeito juizo, pedio aos que lhe assistiaõ perdaõ do que os escandalizara com a sua loucura; e deixando a todos edificados, e saudosos, passou ao premio de suas resoluçoens, e bons desejos, por Julho de 1622. Foy sentida sua morte dos Inglezes, e mais Povo de que era conhecido, e tratado como de hum homem Santo, em que perdiaõ o seu remedio. Assim pediraõ, e veneraraõ como reliquias cousas de seu uso.

Com a mesma duvida de filho desta Casa, entra o Padre Frey Joaõ Barreto nas memorias della; porque ainda que tomou o habito na de Vianna, passados os estudos, se retirou á Bemfica, adonde ha noticia, que se perfilhara. Naõ podia buscar menos centro a inclinaçaõ de seu espirito, já conhecido por sua grande observancia,

O P. Fr. Joaõ Barreto.

(que

(que nesta Casa o conviou) tambem conservada com todo o rigor, e inteireza. Nella buscou, e achou o Padre Frey Joaõ por Prelado ao Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, a quem amava, e de quem era estimado com aquella harmonia, que em seus espiritos affinava a semelhança. Pontual no Coro, continuo na oraçaõ, aspero nas penitencias, e caritativo com os proximos vivia o Padre Frey Joaõ, como quem só para Deos vivia, sem reconhecer mais na vida, (tal era sua mortificaçaõ) que o que bastava para merecer com ella.

Ainda temeo dar lugar ao descanço, e viver para si alguma hora, e pedio ao Prelado o officio de Enfermeiro, em que naõ descançava nenhuma, costumando dizerse pela incançavel applicaçaõ com que lhe assistia: *Que Frey Joaõ acompanhava os enfermos, ou até a cova com as lagrimas, ou até sarar com as mesinhas.* Offereceo-se importancia grande, para que o Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos passasse á Corte de Madrid; naõ se sabia separar delle o Padre Frey Joaõ, houve de acompanhallo, sendo taes as circunstancias, com que se despedio do Convento, e de sua Patria, como se estivera vendo, que na alhea o esperava a sepultura. Entre as pessoas, que communicavaõ com elle materias de seu espirito, era huma Maria da Assumpçaõ, Terceira de Nosso Patriarcha S. Francisco, pessoa (na opiniaõ de todos) de vida justificada. Estava entaõ o Padre Frey Joaõ em S. Domingos de Lisboa, adonde o buscava. Ao despedirse della, vio a boa Terceira, (foy confissaõ sua) que hum fermoso rayo de luz se punha sobre o peito do Padre, desapparecendo com hum relampago, de que entendeo a Terceira, (como depois tambem testemunhava) que o naõ tornaria a ver nesta mortal vida. Succedeo assim, porque assistindo o Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos em Castella, e em o Convento de Atocha, a que se retirara, acabou o Padre Frey Joaõ santamente, adiantando-selhe o conhecimento de sua morte, e demonstraçoens de viva confiança, de triunfar da eterna. Ignora-se o dia; sabe-se, que foy pelos annos de 1637.

O P. Fr. Jacintho do Espirito Santo.

Naõ saõ de menos estima as memorias do Padre Frey Jacintho do Espirito Santo, nem menor a duvida da Casa, que o mereceo filho; mas vamo-nos encostando ao que achamos apontado. Foy este Padre de vida exemplar, mas sem lhe valerem os seguros de observantissimo, padeceo em toda ella o martyrio de escrupuloso. Viveo muitos annos nesta Casa de Bemfica, viva columna de sua refórma. Naõ lhe dava outro nome quem o conhecia. Com o de Santo espirou em dia de Natal de 1656. Admirando todos, que com a boca chea de rizo o encontrassem os horrores da morte, como se fora em alviçaras de acabar o tromento da vida, ou alvoroços da que o esperava.

Mas coroemos este Capitulo com dous Irmãos, a que a mesma duvida deu este lugar, sendo ambos benemeritos de o encher, como sobrinhos dos Condes Vimioso, depois Frey Domingos do Rosario, que imitaraõ

raõ em buſcar o meſmo habito, como em abraçar os rigores delle com o meſmo eſpirito. Foraõ elle o Padre Frey Luiz da Cruz, e o Irmaõ Frey Joaõ de Portugal, ambos irmãos, ambos reformados, e obſervantes, ambos humildes, e penitentes. Aſſim o era Frey Joaõ, que levantando-ſe de noite para tomar diſciplinas, exercicio de quaſi todas, como era irmaõ de Caſa de Noviços, e o podiaõ entender os outros, ſahia da cella para o Oratorio deſcalço, com o receyo de quem hia fazer aquelle grande roubo á ſaude, e ao deſcanço. Para as letras tinha grande genio, anticipouſe a morte a cortar as eſperanças delle, achando-o com tanta conformidade, como quem ſabia, que perdia pouco na vida, ainda quando a perdia principiada, quem paſſava a outra, que naõ acaba nunca.

O Irmaõ Fr. Joaõ de Portugal.

Naõ foy tambem de duraçaõ a de ſeu irmaõ o Padre Fr. Luiz, porque pouco depois de Sacerdote, faleceo etico. Ajudou muito a eſte achaque mortal a aſpereza com que ſe tratava, o desfalecimento lhe tirou da maõ a diſciplina, como o preceito dos Medicos o rigor da obſervancia. Já reduzido á cella como a Enfermaria; commungava amiudadamente, e com tanta ſuavidade de eſpirito, que diſpoz embaraçalla a induſtria do demonio. Eſperava hum dia por eſte alivio, e pelo Confeſſor, que tinha chamado, eisque á porta da cella lhe chega hum negrinho, dizendo-lhe: *Que dizia o Padre Confeſſor, que aquelle dia naõ commungaſſe, que o faria em outro.* (Era eſte ſolemne, e por iſſo eſcolhido da ancia do enfermo) com eſte deſengano pedio de comer ao Enfermeiro. Mas chegando o Confeſſor, e teſtemunhando, que naõ mandara tal recado, (antes vinha ao que lhe tinha pedido) aſſentaraõ ambos, que fora eſtartagema do demonio. Faleceo deſte achaque com grande conformidade, e paz de eſpirito. Ao abrirſe hum alicerce junto de ſua ſepultura, ſe ſentio ſuaviſſimo cheiro. Teſtemunhou-o Religioſo digno de credito; naõ ſe devia eſte menos a depoſito de tal corpo.

O P. Fr. Luiz da Cruz.

O ultimo filho deſta Caſa, (neſtes ultimos dias, que eſcrevemos) benemerito da memoria della, e de nos occupar eſta eſcritura, he Dom Frey Joſeph de Jeſus Maria, (que ao preſente vive) Biſpo de Patara, filho de pays honeſtos. Joſeph da Fonſeca, e Joanna de Oliveira, tomou o habito na Recoleta deſte Convento, em que profeſſou a 10. de Novembro de 1683. Entrou nas Eſcolas, em que moſtrou talento, como ſendo Collegial no Collegio de Santo Thomaz da Univerſidade de Coimbra, paſſando della á de S. Domingos de Lisboa, em que leu Artes, e Theologia; tomou o grao de Preſentado, e foy Prior do Convento, cargo, que exercitava quando foy nomeado Biſpo Titular de Patara, e Coadjutor do Arcebiſpo de Evora Dom Simaõ da Gama, pelo Pontifice Clemente XI. em 5. de Mayo de 1714. Sagrouſe em S. Domingos de Lisboa, pelo meſmo Arcebiſpo Dom Simaõ, aſſiſtindo os Biſpos Dom Frey Joſeph de Oliveira, Biſpo de Angola, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho,

nho, e Dom Manoel da Sylva Francez, Bifpo de Tagafte. Em Evora he (quando ifto efcrevemos) o Bifpo Dom Jofeph Duputado do Santo Officio, e juntamente Provifor do mefmo Arcebifpado, e Prefidente da Relaçaõ Ecclefiaftica della.

CAPITULO XXIX.

Addiçaõ ao Convento de Noffa Senhora da Mifericordia da Villa de Aveiro.

CORriaõ os annos de 1323. quando teve principio a Cafa dos Religiofos de S. Domingos de Aveiro, fendo a primeira pedra; fobre que começou a fobir aquelle Santo edificio, hum dos mayores prodigios, com que o Ceo honrou fabricas confagradas a feu culto, fendo a venturofa Villa de Aveiro a que depois de Roma mereceo femelhante favor, igual no fucceffo, cuido, que nas circunftancias, aventajado. Averiguaçaõ he mais panegyrica, que hiftorica; os curiofos podem bufcar o fucceffo na fegunda parte da Chronica, adonde tem campo aberto para admirar a maravilha, como para ventilar a duvida.

Fr. Luiz de Souza Chronifta de S. Domingos.2. p.l.3. c.3.

A fabrica do Convento, e Igreja affim era tofca, e apoucada, como de homens pobres, que mais olhavaõ para o que edificavaõ o Povo no efpiritual edificio, que no avultado das paredes, e ainda do Templo; affim fe accommodaraõ muitos annos, mais contentes com a veneraçaõ do fitio deftinado pelo Ceo, que com o cuidado nos artificios, com que os podia melhorar a terra, penfamento fem duvida, com que refolveo o Chronifta, que lhe melhorava a defcripçaõ da fabrica na narraçaõ da maravilha. Affim paffou em filencio as mais circunftancias da Cafa, que augmentando-fe (efpecialmente a Igreja) a induftrias, e defpezas dos Religiofos della, naõ ferá jufto, que a noffa omiffaõ deixe queixofo o feu defvelo.

Grande, e defembaraçada cafa (antes grande falaõ) era a Igreja, quando eleito Prior do Convento o Padre Frey Manoel de Magalhaens, (que chegara da India, tendo fido muitas vezes Prelado na Congregaçaõ) quiz dar a conhecer a efta Provincia, que as grangearias com que fe recolhera daquellas partes, (fempre entre os noffos Frades mayores na fama, que na experiencia) naõ fe foubéraõ defencaminhar por fuas mãos, paffando do Oriente a fer tributo na Cafa de Deos. A efta fe applicaraõ as fuas poffes, e cuidados, de forte, que feguindo-fe outros Priores, como o Meftre Frey Jorge de Caftro, o Prefentado Frey Silveftre Pacheco, o Prefentado Frey Pedro Monteiro, e o Padre Frey Joaõ da Apprefentaçaõ, ficou perfeita a obra, fem fe perdoar a trabalho, nem a difpendio.

Ve-fe na Capella môr, que alterofa, e defafogada fica (como he vulgar nas noffas Igrejas) á face do Coro; hum retabolo, a que os da architectura chamaõ compofito; começa a crefcer em quatro columnas, que dando nos meyos lugar a dous grandes nichos, deixaõ o vaõ principal para o Sacrario, que da mefma obra fobe com ellas até o remate de hum frizo, fo-

bre que deſcançaõ as baſes de outras quatro columnas com igual correſpondencia de nichos. No meyo ſe abre a tribuna deſafogada, e mageſtoſa, o vaõ eſpaçoſo, o throno proporcionado, hum, e outro de entalhado moderno. Cobre-a os dias, que naõ ſaõ de feſtividade, hum quadro, em que ſe vê a Senhora da Miſericordia como Orago da Caſa, aſſim fecha com o retabolo em feitio arquiado, frizando com a abobada.

Nos nichos inferiores ſe recolhem em avultada eſtatura as Imagens de Noſſos Patriarchas S. Franciſco, e S. Domingos. Nos de cima as de Santo Thomaz, e S. Pedro Martyr. Corre a abobada da Capella viſtoſa com hum gracioſo bruteſco, que faz ſahir toda a obra do Coro, que por cima das cadeiras delle continua em retabolo encoſtado, (obra de talha bem dourada) repartido em molduras de quadros, em que ſe vem os Santos da Ordem com aquella valentia, e propriedade com que o pincel Romano ſe coſtuma dar a conhecer por todo o Mundo.

Naõ ſe vê menos fermoſo o corpo da Igreja, donde antigamente ſe naõ viaõ mais que quatro Capellas, (antes Altares) ficando dous á face, que no lugar dos presbiterios acompanhavaõ o arco da Capella môr. Aqui ſe levantaraõ os presbiterios de pao preto bronzeado, obra de que tambem he o Pulpito. No corpo da Igreja tomaõ todo o comprimento das paredes as ſeis Capellas, continuando de huma, e outra parte os arcos dellas com as das ultimas, que deſembaraçando o vaõ em lugar de Cruzeiro, encoſtaõ os dous retabolos, acompanhando o arco da Capella môr. Aſſim ficaõ fazendo face a toda a Igreja, e deſcobrindo-ſe de qualquer parte della. Saõ ambas (huma do Roſario, outra do Santo Chriſto, buſcado como milagroſo, de notavel concurſo) as mais perfeitas, e aventajadas. Tem huma das outras o nome, e a Imagem da que eſtava no Adro de Noſſa Senhora da Eſperança, que alli ſe recolheo para mayor decencia.

Aſſim fica toda a Igreja ayroſa, e bem aſſombrada, dando-lhe alma a luz, que ſe lhe ganhou em porta, e vidraças, derribando a antiga alpendrada, que aſſombrava o Adro, para cobrir o Pulpito, de que algum tempo ſe praticava ao Povo, paſſando já neſte a ſer valhacouto de ocioſos, o que entaõ era commodo para os doutrinados.

Naõ deixaremos em ſilencio outra obra, que ſobre ſer honroſo deſempenho da Caſa, ficou tambem ſervindo de adorno á Igreja, na parte, que correſponde á porta das graças, (que fica na Capella do Roſario) e vem a ficar na do Santo Chriſto. No vaõ, que faz para correſpondencia da outra porta, ſe levantou, e lavrou de boa pedra, ſobre quatro Leoens (hum honrado Mauſoleo) huma polida, e bem lavrada caixa, em que ſe recolheraõ os oſſos de Joaõ de Albuquerque. Eſtiveraõ em pequeno tumulo no meyo da Capella, depois ſervindo-lhe de arrimo a parede, finalmente paſſados a eſte nobre depoſito, como cinzas de hum grande bemfeitor do Convento.

CAPITULO XXX.

Do Padre Prefentado Frey Mattheus Tofcano, e dos Padres Frey Manoel da Encarnaçaõ, Frey Jacintho dos Anjos, Frey Luiz da Annunciaçaõ, e do Doutor Meftre Frey Domingos Freire, filhos do Convento de Aveiro.

GRande fortuna defta Cafa o acharfe com hum filho, que governando-a Prelado, a ennobreceo obfervante! Foy efte o Padre Prefentado Frey Mattheus Tofcano, que depois de Prior de Amarante, o veyo fer a efta Cafa, de que era filho, acabando nella antes a vida, que o governo. Tal era aquella, que o chamaraõ para elle em tempo, em que a obfervancia defta Cafa efcolhia pela Provincia talentos em que fe lograffe o feu augmento, ou fe naõ arrifcaffe a fua confervaçaõ. De hum, e outro defempenho dava grandes efperanças a noticia, que fe efpalhava da capacidade do Padre Frey Mattheus, como exacto profeffor das leys da Religiaõ. A lãa junto á carne, diffimulando os cilicios com que a cobria; os jejuns rigorofos, as difciplinas áfperas, e continuas, como muitas vezes teftemunharaõ as paredes da cella; o pavimento da Igreja, donde naõ fabiaõ callar as vozes do fangue, nem a cautela, nem a afpereza. Efte modo de vida, já antigo nelle, agora mais pezado, com a occupaçaõ do governo de huma Cafa, em que os exercicios da obfervancia naõ deixavaõ mais tempo, que o que fe podia furtar ao fono, e ao defcanço, lhe

O P. Prefentado Fr. Mattheus Tofcano.

apreffaraõ a morte, que efperou fem fufto, pedindo, e recebendo os Sacramentos com focego, e confolaçaõ de efpirito, e com tanta advertencia na obrigaçaõ de Prelado, que nem alli o pode difpenfar o feu efcrupulo, deixando para todos hum novo exemplo. E foy o cafo.

Poucos dias antes de cahir na cama, tinha caftigado a hum fubdito, que o merecera. Recebidos os Sacramentos, e pedindo perdaõ a todos os Religiofos, reparou, que faltava o caftigado, que depois da doença lhe naõ tinha entrado na cella, como nem naquella hora, em que toda a Communidade lhe affiftia, e elle a chamara para pedir perdaõ a toda. Mandou, que lhe chamaffem o Religiofo, e mandando-o em fua prefença proftrar por terra, lhe fez hum capitulo (chama-fe affim a reprehençaõ, que daõ os Prelados) afeando-lhe a contumacia, e falta de caridade com os enfermos, mais aggravante com os Prelados, que caftigando como pays, naõ devem fer odiofos como tyrannos, pois evitaõ no ligeiro caftigo, que daõ ao fubdito, o mais pezado a que ficariaõ fogeitos em tribunal mais rigorofo; e mandando-o chegar á cama, e dando-lhe huma difciplina, accrefcentou: *Naõ quero, Padres, meter na conta, que vou dar a Deos, a falta de caftigo nefte filho inconfiderado, nem me difpenfa a hora em que eftou, porque em quanto me dura a vida, me dura a obrigaçaõ; e entendaõ Voffas Reverencias pela hora em que a fatisfaço, as eftreitas contas, que devem dar a Deos os Prelados.*

Notavel inteireza de animo, e

e palavras benemeritas de hum Prelado verdadeiro, para confusaõ! Pedio a Imagem de hum Christo crucificado, e fazendo huma protestaçaõ da Fé, entre ancias de contriçaõ verdadeira lhe entregou a alma. Seguiraõ-se finaes, que favoreceraõ esta piedosa conjectura; porque pezando-se a cera, que ardeo no Officio, e enterro, assim no Convento, como no Mosteiro das Religiosas, se achou naõ só que naõ diminuira, mas que ainda crescera. Foy experiencia de que testemunhou a Communidade toda.

O P. Fr. Manoel da Encarnaçaõ.

Donde eraõ taõ justificados os Prelados naõ podiaõ faltar subditos, que sobessem ser discipulos, sendo conhecida a energia, com que convence o exemplo nos Prelados. Assim o tomou delles o Padre Frey Manoel da Encarnaçaõ, que em breve tempo os pode dar a muitos. Conheceo-o bem a Provincia, que o escolheo naquella Casa para Mestre de Noviços, officio, que occupou muitos annos com conhecido lucro dos que nelles, e nella vieraõ buscar a Religiaõ, com a ventura de escutarem sua doutrina. O recolhimento, a oraçaõ, e a disciplina eraõ a difficultosa estrada, que continuamente trilhava o seu zelo; e sendo taõ rigoroso comsigo, como no cargo, era igual nelle, como nos discipulos, o aproveitamento.

Mas naõ o deixava descançar huma continua ancia de acodir a tudo; e enfraquecido da desvelada occupaçaõ de Mestre, asperezas de penitente, e largos annos de idade, perdeo a vista totalmente, trabalho, que o dispensou do de Casa de Noviços, e o recolheo na sua cella; mas pedindo a hum Religioso amigo seu, que na Casa servia de Organista, que lhe ensinasse aquelle instrumento, para que tinha, ou tivera algum genio, foy tal a sua applicaçaõ, que em breves dias pedio aos Prelados, que o occupassem em ajudar o Coro, porque naõ podia acabar comsigo viver, e naõ trabalhar, estar na cella ocioso comendo o paõ, que os outros mereciaõ com trabalho quotidiano. Sacrificouse gostoso ao de acompanhar a Communidade, assim de dia, como de noite, louvando a Deos no seu instrumento, a que a visinhança da morte affinava mais a suavidade, como animada deste com tantas semelhanças Dominicano Cisne. Para elle naõ havia hora mais penosa, (ainda que fosse nocturna) que a em que a obediencia o dispensava daquella occupaçaõ, que nos seus annos sem duvida era mais penosa. Contava perto de noventa quando o apanhou a morte, antes alvoroçado, que temeroso, vendo-se nella sinaes de que a Virgem Senhora, de que era extremoso devoto, e seu soberano filho, lhe assistira, e o premiara.

O P. Fr. Jacintho dos Anjos.

Siga-se ao Padre Frey Manoel outro, que o imitou no cargo, como no zelo, grande Religioso, e grande Mestre de Noviços, como foy o Padre Fr. Jacintho dos Anjos, que nesta occupaçaõ gastou a vida. Foy ella a mais penitente, a mais reformada, a mais zelosa. Debaixo da estamenha, que sempre usou junto á carne, trazia hum aspero cilicio, de que só o dispensou a morte. Nos jejuns era taõ mortificado, que ao jantar

co-

comia pouco, e o menos gostoso, á noite nada; mas as mais vezes com dissimulaçaõ, e industria, mostrando que comia, dava tudo aos pobres, fiando-se do Noviço, que servia á mesa, ou do que lhe ficava á ilharga. Na oraçaõ taõ continuo, que as mais das noites passava orando, sem se lhe divisar de dia falta de descanço, e sono.

Desvelado com a creaçaõ dos Noviços, achavaõ nelle antes pay, que Mestre, porque ao ensino se seguia a caridade, com que soccorria os mais pobres. Era o tanto, que sem reservar nada do que tinha adquirido em alguns Sermoens, ou pitanças de Mestre, empregou tudo em fazenda, que rendesse para a Casa. Seguio tambem nella os passos do Padre Frey Manoel, porque a idade, e penitencia lhe tiraraõ a vista; mas tendo muito clara a de sua alma, com que esperava ver a Deos, a ensayava entre as cegueiras do corpo, gastando o mais do tempo em oraçaõ no Coro. Delle passou para o leito, porque de mais de 80. annos o chamou o Senhor para o contemplar claramente, dando-lhe huma morte taõ suave, que no que se lhe percebeo da alegria do semblante, ainda em vida parece que gostou da eterna felicidade. Testemunharaõ-no muitos Religiosos, e especialmente seus Confessores, que lhe assistiraõ, e o notaraõ, affirmando, que sua morte fora de santo. Pedio hum Crucifixo, e abraçando-se com elle estreitamente, e repetindo penitentes osculos em suas Chagas, passou desta vida a contemplallas gloriosas.

Chegamos ao ultimo filho desta Casa nas noticias, que podemos alcançar della, e digno, como os mais, de a deixar ennobrecida, como a esta memoria. Foy este o Padre Frey Luiz da Annunciaçaõ, natural do Porto. No Convento, que a Religiaõ tem nesta Cidade, gastou os primeiros annos, depois de acabar, os seus estudos, lendo huma Cadeira de Moral, que alli tem a Ordem com liçaõ publica, a que satisfazia o Padre Frey Luiz com reputaçaõ do habito, e interesses do Clero, que com applauso commum o consultava, e ouvia Oraculo naquella faculdade. Com o mesmo nome leu em Vianna a mesma Cadeira, mas entrado em idade mais madura, e advertindo, que importava pouco o mestrar ás almas a verdadeira estrada, se tambem a naõ havia de pizar a sua, ou entendendo o quanto era lamentavel desgraça prégar aos outros, e ensordecer ás inspiraçoens com os reprobos, foy tal o extremo a que reduzio sua vida, como se no Pulpito, e no Confessionario trabalhara só para a sua emenda.

O P. Fr. Luiz da Annunciaçaõ.

Nec fortè cum aliis prædicaverim, ipse reprobus efficiar. 1. ad Corinth. 9. 27.

Já pobre, naõ tinha mais que huma tunica; penitente, humas taboas por cama. As alfayas da sua cella hum Christo, hum bordaõ, e hum Breviario. Desconhecendo as inclemencias do tempo, nem o Inverno o achava com mais abrigo, e igualmente o Sol o achava com a cabeça descuberta. Prégava todos os Domingos; o lucro das almas o seu estipendio. Se o importunavaõ, que o aceitasse, mandava, que se entregasse a esmola ao Convento adonde assistia. Duas, e trez legoas o levava a pé o zelo deste exerci-

cio

cio Apostolico, com o Breviario por companheiro, o bordaõ por descanço, desconhecendo descommodos, e distancias, porque a sua caridade lhe desfigurava as molestias, e lhe vestia azas. Era o seu mayor empenho espalhar a devoçaõ do Rosario, a que o chamava hum extremoso affecto, seguindo as pizadas de seu Patriarcha, tanto seu filho em abraçar este importante trabalho, como em o achar sempre este, e semelhantes com alegre gosto.

Ao jejum da Constituiçaõ, observado á risca, accrescentava sempre peixe no restante do anno, em que só o dispensava a doença com preceito do Prelado. No seu sustento esta era a substancia, a quantidade pouca, e acompanhada de broa a mais dura, e mais grosseira. Já carregado de annos, se recolheo ao Convento do Porto. Tinha precedido a fama de sua vida a fazerlhe hum lugar grande na piedade, e veneraçaõ do Povo. Passou a experiencia a confirmar o credito, o modo de vida era o mesmo. Parece, que se valia a caridade de materia peregrina, ateando-se agora mais naquelles ossos secos, a que o reduziria a idade, e a penitencia. Escutavaõ-no no Pulpito Ministro da verdade, fallando com resoluçaõ Apostolica; viaõ-no no caminho imagem da pobreza; humilde, e alegre, velho, e affavel, penitente, e apoucado, naõ lhe sabiaõ mais nome, que o de S. Gonçalinho.

Succederaõ-lhe casos, que dissimulou a sua modestia, ou apoucou a sua singeleza. Fez delles mais memoria o Povo, culpando ou o nosso pouco reparo, ou o nosso muito descuido. Estando em Vianna, e entrando a visitar huma casa grave, quizeraõ fazerlhe offerta de hum pouco de doce. Trazia-o huma serva em huma taça cristalina, fermosa, e de estima; descuidouse, e cahindo-lhe das mãos, se fez em pedaços, com magoa dos que assistiaõ. Naõ mudou o bom velho de semblante, e pedindo que se naõ entristecessem, com elle alegre, e inclinando-se a recolher os pedaços, eis-que apparece com a taça inteira nas mãos, passando-a ás da serva, emmudecida do que via, como a mais familia, que a cercava. Mais poderamos dizer delle, se houveramos de dar credito a narraçoens a vulto, mas naõ tiramos da variedade dellas mais que a razaõ de nos ir occupando a queixa estes lugares, que devia encher a memoria.

Sem mais achaques que huma penitente, e attenuada velhice, acabou o Padre Fr. Luiz com todos os Sacramentos aquella vida, com que mereceo huma morte taõ fóra dos horrores della, que no corpo ficou meneavel, no semblante com presença gentil, e accidentes, que se lhe naõ divisaraõ vivo, ou por muita mortificaçaõ, ou por menos aceyo; e em fim ficou de sorte, que (a juizo de trez Medicos) naõ podia ser assim naturalmente. Sentio sua morte o Povo, mais a nobreza, assistido, e buscado de todos, com tanta ancia, que antes parecia perseguido, que acompanhado. Dous habitos se lhe vestiraõ, que nem a cautela, nem a resistencia pode tirar das mãos da devoçaõ em pequenos retalhos.

lhos. Assim se apressou o enterro, que acompanharaõ as Communidades de S. Francisco, e Santo Agostinho, recolhendo-se o cadaver, como se antes se escondera, que se sepultara, atalhando os excessos da devoçaõ, que de anciosa passava a inadvertida, naõ querendo perdoar-lhe nem ainda a mortalha. Mas tal era a opiniaõ, que se grangeou naquelle Povo! Tal a memoria, e saudade, que deixou nelle!

O M. Fr. Domingos Freire.

Naõ honrou menos esta Casa com suas letras o Mestre Fr. Domingos Freire, assaz conhecido por hum abalizado Theologo, e naõ menos celebre por peritissimo na Latinidade. Ainda hoje se escuta com veneraçaõ o seu nome na Universidade de Coimbra, donde viveo largos annos; muitos no Tribunal da Inquisiçaõ desta Cidade, sendo Deputado, lugar, que encheo com grande reputaçaõ, destro, e prespicaz indagador das cavilaçoens Judaicas, e zizanias Rabinas, dotando-o Deos para aquelle ministerio do dom de decernir; advertencia, que fazia a seus discipulos o melhor Mestre: Que examinassem as voracidades dos lobos, vestidas, e dissimuladas em pelles de ovelhas. Viose o que importava ao socego da Fé a vigilancia deste Argos, em caso, que poderamos individuar, a naõ ser em grave desabono de mayor sogeito, em cujos escritos soube a capacidade grande de Frey Domingos perceber, e descobrir as pizadas da raposa, por mais que desfiguradas com a cauda de huma fraudulenta, e industriosa pericia. Faleceo em S. Domingos de Lisboa carregado de annos; e podera ser de mayores premios, a naõ serem os merecimentos os pertendentes mais desvalidos.

Attendite à falsis Prophetis, qui veniunt ad vos in vestimentis ovium.

CAPITULO XXXI.

Do Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, Bispo de Angra, filho do Convento de Azeitaõ.

CRiados no berço da pobreza religiosa, amortalhados em hum grosseiro, e pobre habito, parece sem duvida, que se adestraõ mais os espiritos para a occupaçaõ de pays de pobres, para o uso do Mundo, alheyos de tudo delle. Com essa consideraçaõ se resolviaõ, e resolvem bem os Principes Catholicos, especialmente Portuguezes, em pertender, que occupem os principados da Igreja os grandes talentos criados nas Religioens, adonde antes estudaraõ humildade, e parcimonia, que faustos, e pompas, emprego das vaidades, e olhos da ostentaçaõ humana. Foy hum destes escolhidos, e em que se desempenhou bem esta verdade experimentada, o Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ, Prelado porque choraraõ os Povos de Angra os muitos seculos, que durara sua memoria.

Filho desta Casa de Azeitaõ, hum dos tres Conventos reformados, (depois da peste da Claustra) e segundo berço da observancia nesta Provincia, começou a vultar nella, primeiro com esperanças, depois com experiencias, o Mestre Frey Antonio, sobindo ás honras, e prelazias pelos degraos de justifica-

do merecimento. Felice ſeculo! Idade venturoſa, em que ſenaõ ſobia por degraos ao alto da prelazia! Aſſim ſe remontavaõ ſuas prendas, como ſe quizeraõ vingarſe nos voos da natureza, dos grilhoens, que no naſcimento lhes lançara a ventura, ſendo o ſeu de ſorte taõ humilde, como ſe póde entender do que lhe ſuccedeo hum dia ao recolherſe para Caſa. Acompanhava-o hum Leigo, e reparou, que ſe adiantava a buſcar huma pobre velha, que vinha encarando com elles. O trage das que coſtumaõ ſervirſe a ſi, o que entaõ fazia, levando hum cargo á cabeça. Chegou o Padre á boa velha, e com reſpeitoſa cortezia tomando-lhe a maõ, e beijando-lha, voltou ao companheiro, dizendo-lhe: *He minha mãy.* Abençou ella ao humilde filho, e a voto de quem melhor reparou no ſucceſſo, áquella bençaõ attribuia depois o ſeu augmento.

Repetiraõ-ſelhe eſtes, ſobindo á Cadeira de Prima da Univerſidade de Coimbra, ao lugar de Deputado do Santo Officio; mas como nem eſtes lhe mudavaõ as propenſoens da humildade, hia o ſeu merecimento levantando o voo a esféras, que contrapezaſſem o ſeu abatimento. Aſſim andavaõ as grandes partes do Meſtre Frey Antonio, as ſuas letras, a ſua refórma, a ſua modeſtia, e eſpecialmente aquelle animo deſpido de oſtentaçoens, e intereſſes, pelas bocas, e admiraçoens dos Tribunaes deſte Reyno, e do que (pertencente a ella) reſidia em Caſtella. Sahio eleito Biſpo de Angra; ſagrouſe na Igreja de S. Braz em Lisboa; eſtava impedida a do noſſo Convento eſſe dia, e naõ ſe dilatava eſte, porque hum dos preciſos Aſſiſtentes partia para Roma. Houve de accommodarſe o Biſpo com o que lhe diſpunha o tempo. Fez o acto da ſagraçaõ o Colleitor Caſtracane; aſſiſtiraõ o Colleitor, que acabava, e Dom Pedro do Rego, Biſpo de Anel de Lisboa. Foy a funçaõ feſtiva; era por Junho de 1638.

Havia tempos, que eſtavaõ deſamparadas de Prelado aquellas Ilhas; com o cargo entrou o Meſtre Frey Antonio no eſcrupulo de que já o executavaõ aquellas ovelhas, mas tropeçava eſta ancia no preciſo embaraço do commodo, e opportunidade da jornada; ſendo neceſſaria dilaçaõ para que elRey o deſpachaſſe (como ſe uſa entre os Biſpos Ultramarinos) parece, que attendiaõ os Miniſtros menos a eſtas faltas, que o bom Prelado á que eſtava fazendo á ſua Igreja; reſolveoſe, e embarcouſe com taõ pouca proviſaõ, e diſpendio, como ſe quizera ſegurar, que o animo que o levava naõ era a buſcar commodidades, mas a ſoccorrer pobres. Poſto entre elles, naõ menos eſtendeo a maõ para o remedio, que as acçoens todas de ſua vida para o exemplo, ſendo taõ raro o que dava aſſim em ſua peſſoa, como em ſua familia, que antes parecia que viera a fundar huma Recoleta, que a governar huma Mitra.

Morgada dellas he, e deve ſer a caridade, aſſim exercitada deſte bom Prelado, como o confirma o ficarlhe o nome de pay da pobreza. Aſſim era emprego das ſuas viſitas, e vigilancias,

naõ

naõ só o exame de bons, ou maos costumes, mas o das necessidades dos visitados, e com a mesma igualdade levantava o braço com a vara do castigo, que estendia a maõ com o dispendio do soccorro; e se talvez excedia, antes era neste, que naquelle; porque a clemencia, e genio compassivo o levava para os pobres, e só a razaõ para os delinquentes. Assim servia de admiraçaõ o bastarem as rendas daquella Mitra a huma maõ, que só olhava para a miseria de quem pedia, e naõ para as posses della.

Lançava o habito a huma Noviça no Mosteiro da Conceiçaõ, (jurisdicçaõ sua, e Casa com quem se desentranhava, e entaõ com gasto consideravel, na segunda fabrica da Igreja) pelo grande conhecimento que tinha dos espiritos, que guardava aquella Clausura. Lançava o habito a hum, que se recolhia a ella, quando sentio, que junto á Cadeira, em que fazia a Pratica, se acompanhava a funçaõ com choro, e soluços de huma mulher, que assistia a ella. Acabada, voltou o Bispo a examinar a pessoa, e a causa; a pessoa era huma donzella, natural da Cidade, recolhida, e nobre. A causa, respondeo ella com semelhantes razoens: *Senhor, bem me conhece Vossa Senhoria, pois sou huma das alimentadas da sua piedade, nasci nobre, e sempre desejey recolherme. Via agora com essa ventura a esta Noviça, e a mim sem posses para imitalla; esta magoa me chegou ao coraçaõ, e se passou aos olhos.* Consolou-a o bom Prelado, segurando-lhe, que tomava a seu cargo enxugarlhe as lagrimas, e favorecerlhe a resoluçaõ. Foy assim, que em breves dias á dispendio seu lhe lançou o habito, com edificaçaõ de toda a Cidade, em que o caso se fez publico, e foy festejado.

O zelo, a piedade, a vigilancia, eraõ iguaes, e continuos, a ancia da universal reforma assim abrazada, que esquecido dos muitos achaques que padecia, o naõ atemorizavaõ, descommodos para essa diligencia. Começou a visitar aquellas Ilhas, examinando todas suas Igrejas, nellas prégava Missionario, ministrava os Sacramentos Paroco, attendia ás necessidades Esmoler, desterrava os abusos Legislador, castigava os rebeldes Juiz, amparava os opprimidos, e consolava os necessitados, pay, amigo, e Prelado. Igual era o concurso ao fruto das suas praticas, que ao interesse de suas esmolas. Na administraçaõ dos Sacramentos incançavel, e no da Chrisma continuo, que por muitas vezes era necessario sustentarlhe os braços cançados do exercicio para continuallo. Assim sustentavaõ os braços daquelle Ministro de Deos, daquelle Moysés segundo, para ungir os novos Athletas de Christo, que animava para triunfarem do demonio.

Cum leveret manus Moyses vincebat Israel....... Aron autem, & Hur sustentabát manus ejus. Exodi 17. v. 11.

Em menos de hum anno tinha visitado quasi todas, e mais principaes Ilhas de sua jurisdicçaõ. Restavaõ-lhe duas; (eraõ as de S. Miguel, e Santa Maria) resolvia-se á jornada da primeira, mas os achaques lhe prendiaõ os pés, e talvez o obrigavaõ a valerse de huma Cadeira, em que que o levavaõ ás mãos; accrescia a repugnancia de toda a familia, e voto do

do Medico, que vendo-o taõ debilitado, naõ duvidavaõ de que buſcava naquella Ilha a ſua ſepultura. Era experiencia larga, que o tinha ſido de muitos Prelados; eſtava freſca a memoria de trez anteceſſores ſeus D. Agoſtinho, Dom Pedro da Coſta, Dom Joaõ Pimentel. Lembravaõ-lho os criados, a que reſpondeo o Biſpo conſtante, e inflexivel: *Dizeis bem: mas eu tenho obrigaçaõ de reconhecer as ovelhas, que eſtaõ a meu cargo; ſe perder a vida no meu officio a perco.* Vaticinava ſua morte, comprida a breves dias de aſſiſtencia na meſma Ilha. Recebeo muy confórme todos os Sacramentos, e ſuſpirando por ſe ver naquella hora entre os ſeus Religioſos, paſſou a louvar a Deos entre os Anjos. Sepultouſe ſeu corpo, ſeguido das lagrimas dos neceſſitados, e das ſaudades de todos, na Igreja de S. Sebaſtiaõ, Matriz da Cidade de Ponta Delgada. Dalli a tempo de trez annos ſe paſſou para o Moſteiro da Conceiçaõ, de donde ſe trasladou para o Collegio de Santo Thomaz de Coimbra. Tradiçaõ he, que ſe achou inteiro; teſtemunhava-o ſeu ſucceſſor (depois de muitos annos) no meſmo Biſpado, o Meſtre Fr. Lourenço de Caſtro.

Mais largas noticias podera ter conſervado eſta Provincia, ſe naõ tardara tanto em pôr a penna na maõ de quem por obrigaçaõ as deſcobriſſe, e perpetuaſſe; que ſem duvida foy ventura o encontrar eſtas poucas da maõ, e letra de Religioſo noſſo, que aſſiſtio ao meſmo Prelado. Elle o foy, levado de ſeu merecimento, mas aſſim reſiſtido de ſeu genio eſtudioſo, recolhido, e retirado, que muitas vezes eſtando ſó, e como deixando levarſe das ſaudades do ſeu antigo ſocego, lhe ouviraõ ſuſpirar, enchendo-ſelhe os olhos de agua: *Minha cella! minha cella!* A ſua inteireza com as rendas da Mitra naõ foy mais que huma fiel adminiſtradora. Tendo parentes pobriſſimos, era taõ igual, e commua a eſmola com que os ſoccorria, como de quem olhava para elles como parentes. O que lhe rendia a Cadeira de Prima, antes de eleito Biſpo, gaſtava no Convento de Coimbra, que deve á ſua induſtria a fórma, que hoje tem de Convento. Eſta Caſa de Azeitaõ, que o mereceo filho, o achava ſempre bemfeitor. Tudo o que foy ſeu, foy dos Conventos; tudo o que foy da Mitra, dos pobres. Aſſim foy grande Frade, aſſim grande Biſpo. Confirme-o hum aſſento antigo, que ſe acha no Cartorio do Collegio, que diz aſſim:

Foy o Padre Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ Lente de Prima de Theologia neſta Univerſidade, e digniſſimo Biſpo de Angra, inſigne Theologo, e por tal conhecido, e reſpeitado. Morreo no ſeu Biſpado com notavel ſentimento de ſuas ovelhas. Viveo no Convento, que reformou, e ſuas obras eſtaõ moſtrando o emprego de verdadeiro Frade. No meſmo Collegio de Santo Thomaz tem ſua ſepultura na Capella môr, junto com o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, Lente de Prima, de que já démos noticia entre as de Evora. A ambos cobre a meſma campa; já apontamos parte do epithafio, que pertence ao Padre Meſtre Fr. André; pertence a outra ao Meſtre Frey Antonio, e diz aſſim:

Præ-

Prædicatores Theologi, Academiæ Primarii. D. Fr. Antonius de Resurrectione, Ulyssipponensis, Sancti Officii Deputatus, & Angriæ Episcopus.

CAPITULO XXXII.

Dos Padres Frey Pedro Martyr, Frey Jeronymo das Chagas, Frey Antonio da Natividade, Frey Manoel do Desterro, e Fr. Jorge de Santo Thomaz.

O P. Fr. Pedro. Martyr.

COmeçou o Padre Frey Pedro a vida da Religiaõ, dando grandes esperanças de desempenhar o nome de filho della; depois que professou nesta Casa, na grande, e aproveitada applicaçaõ dos estudos; passou a Coimbra a acaballos, e logo a mostrar igual talento nos Pulpitos. Com elle entendeo o Prelado da Provincia, (era entaõ o Padre Frey Agostinho de Sousa) que podia negociar o lucro das almas; e havendo de mandar Obreiros para a cultura Evangelica, em que entaõ trabalhavaõ incançaveis os nossos nas secas, e agrestes campinas do Oriente, foy o Padre Frey Pedro hum delles. Mas naõ teve a missaõ effeito, porque tornou o temporal a trazer a náo ao porto, de que tinha sahido. Naõ quiz Frey Pedro tentar outra vez a jornada, que ainda com melhor successo costuma aconselhar o arrependimento a quem a naõ commette com desenganado espirito, ou a quem naõ alarga os olhos ás negaças do lucro. Voltouse á antiga occupaçaõ de seus estudos, leu alguns annos Moral, frequentando os Pulpitos, e os Confessionarios; estes com edificaçaõ, com reputaçaõ aquelles; exercicios acompanhados de hum genero de vida ordinaria, de recolhimento, e modestia religiosa.

Mas o Ceo, que dispunha seu espirito a mayores empregos, permittio, que estando morador no Convento de Setuval, (oito annos antes que falecesse) hum secular, homem de consciencia larga, lingua solta, e depravada, talvez porque o bom Padre lhe estranhasse os desmanchos de huma, e outra, lhe levantou hum testemunho em materia pezada; e sendo-lhe facil o mostrar que o era, prevaleceo nelle a consideraçaõ de que posto o caso em litigio, podia ficar em duvidas a reputaçaõ do habito, com a temeridade daquelles, que saõ mais faceis de julgar trocida a justiça, que justificada a innocencia. Assim aconselhado de superior impulso, assentou comsigo, que a sua justificaçaõ devia ser só o seu procedimento. Dispoz o novo modo de vida; huma tunica de burel junto á carne, que affligisse aquella parte do corpo, a que perdoasse hum aspero cilicio; duas taboas nuas para o leito, tudo taõ dissimulado, que só se lhe pode ver á furto, ou depois de morto. Disciplinas amiudadas, jejum de todo o anno, parte delle a paõ, e agua. Nos mais dias hervas, e legumes; peixe, regalo, que se dispensa-

penſava ao Domingo. A ſua cella huma ſepultura, aſſim no deſpida, como no fechada; ſó os actos da Communidade o tiravaõ della; o Pulpito, ou o Confeſſionario, funçoens, a que trazia a obediencia. Levava-lhe a oraçaõ as noites inteiras diante do Santiſſimo Sacramento, com tanta cautela, que ao entrar a Matinas, parecia, que vinha de novo; e ao acabarem-ſe, que ſahia primeiro. Ao tocar á Miſſa da alva ſe recolhia a tomar ſobre as ſuas taboas huma hora de deſcanço. Eſta era ſua vida, ſem que o rigor della, ou ſe lhe diviſaſſe no roſto, ou o proſtraſſe achaquado. Fazia ſem duvida o goſto o milagre de deſconhecer os rigores do trato.

Naõ foy ſó a mudança na vida, com ella mudou tambem a natureza; era a ſua colerica, e fogoſa, deſconhecida agora antes por morta, que por mortificada. Naõ faltava quem o meteſſe em occaſioens de recorrer á antiga, mas elle eſtava taõ longe de ſe reſentir offendido, que nem ſe defendia culpado. Deſpira (ao conſelho do Apoſtolo) aquelle homem antigo, e veſtira-ſe de outro novo, ſepultado o primeiro a rigores da penitencia, e reſpirando já o ſegundo na ſuperior, e deſembaraçada eſfera do eſpirito. Seguioſe a todas eſtas mudanças tambem a de eſtylo, e idioma de Pulpito; eſqueceo conceitos ſubidos, e trabalhados, para argumento de agudezas; fabricas, e inventos exquiſitos, para oſtentaçaõ de ideas; figuras, fraſes, e verboſidades concertadas, para prova de infructiferas elegancias; ſó propunha verdades nuas, aſperas, e azedas, que ameaçavaõ rebeldes, e compungiaõ penitentes. Aſſim ſe reveſtia de huma inteireza Apoſtolica, de huma ſeveridade inteira, de huma liberdade deſtemida, que coſtumavaõ dizer os ſeus ouvintes, porque tinhaõ muito conhecimento delle: *Que Frey Pedro deixa a ſua manſidaõ ao pé do Pulpito*; porque tratado fóra delle, era encolhido, affavel, brando, meigo, e compaſſivo. Aſſim era grande a reputaçaõ, e conceito, que ſe tinha grangeado naquelle Povo; mayor a coroa, que lhe quiz dar o Ceo pelos exercicios com que o tinha grangeado. Cahio de doença mortal, noticia, e deſengano, que o deixou alegre, como quem entendia, que naõ vinha a morte mais que a reſgatallo das prizoens da carne, embaraço, que lhe retardava a Patria de ſeu eſpirito. Voou a ella, recebendo primeiro os Sacramentos com devoçaõ, pondo-ſe logo nas mãos de Deos com conformidade de quem a conhecia intereſſe.

Spoliantes vos veterem hominem cum actibus ſuis, & induentes novum. Ad Colloſſenſes 3. 9.

Mas ſiga-ſe a hum martyr da penitencia outro, que o foy ás mãos da tyrannia. A hum, que o foy no nome, outro, que o foy na realidade. Foy eſte o Padre Frey Jeronymo das Chagas, filho deſta Caſa, em que profeſſou pelos annos de 1572. Acabados os eſtudos, ſe embarcou para a India; moſtrou o effeito o eſpirito, que o levava a ella. Em Malaca, perdeo a vida em defenſa da Fé, ás mãos da barbaridade; naõ conſta com que genero de morte, ſabe-ſe, que depois della teſtemunharaõ muitos milagres ſua gloria. Continuaõ-ſe na terra de ſua ſepultura,

O P. Fr. Jeronymo das Chagas.

tura, ſendo univerſal meſinha. Nas memorias da India, que, ajudando-nos Deos, nos ſervirem de aſſumpto neſte meſmo Tomo, alargaremos mais a penna, ſe deſcubrirmos mais individual noticia. As que deſte Padre deixou o Padre Frey Luiz de Souſa, naõ ſaõ mais, que a de filho deſta Caſa, e a de embarcarſe para a India, porque no 7. cap. do livro 4. diz na ſegunda parte: *Foy ſegundo dos quatro o Padre Frey Jeronymo das Chagas, que neſta Caſa profeſſou em 1. de Abril de 1562. e acabado ſeu eſtudo, ſe embarcou para a India.* O mais, que aqui apontamos, ſe tirou de hum aſſento, que ſe acha no livro das Profiſſoens deſta Caſa; le-ſe á margem da do Padre Frey Jeronymo, de donde tambem ſe tirou a memoria de que foy Lisboa ſua Patria, para que todos ſe poſſaõ gloriar de o ter por natural, ou por filho, a Patria, a Caſa, e a Provincia.

O P. Fr. Manoel do Deſterro.

Foy tambem filho deſta Caſa o Padre Frey Manoel do Deſterro; nella naõ foy outra ſua vida, mais que aſſiſtencia de Coro, e cella. Antes que recolhido, ſe lhe podia chamar ſepultado; antes que callado, imagem do ſilencio, em que foy taõ obſervante, que nas horas delle ſe lhe naõ ouvio huma palavra, hum aceno o explicava, ſe alguma lhe era preciſa. Pontual nas Conſtituiçoens, e na Regra, lãa, e jejum indiſpenſavel. Raras vezes, muito de paſſagem o viaõ fóra da cella, ou do Coro, porque com Deos era todo o ſeu commercio, aſſim era a oraçaõ ſeu exercicio continuo, em outra couſa o naõ viaõ nunca occupado, como ſe vivera homem com privilegios de Anjo. De ſuas mortificaçoens, e penitencias houve ſó conjecturas, entendendo-ſe, que aquelle taõ obſervado retiro era a encobrillas. Viveo aſſim grangeando o nome de grande Frade, e deſcanço em boa velhice.

O P. Fr. Antonio da Natividade.

Naõ foy inferior o que adquirio outro filho, e igualmente bemfeitor deſta Caſa, o Padre Frey Antonio da Natividade, que a honrou com a grande reputaçaõ, e credito com que ſe eſcutava no Pulpito, e a ſoccorreo com as creſcidas grangearias delle, que com maõ larga diſpendia para o ornato da Igreja, e gaſto da Sacriſtia. A Capella môr authorizou com as duas grandes Imagens, que nella ſe vem de Noſſos Santos Patriarchas S. Franciſco, e S. Domingos. Para a ceremonia do Enterro de Seſta Feira mayor fez hum Sepulchro com toda a decencia, riqueza, ornato, e aceyo. Aſſim grangeava com ancia, e diſpendia com grandeza incanſavel na mayor decencia do culto Divino. Seguia-ſe a eſte o zelo da Religiaõ, e amor da obſervancia das leys della, de que era hum perfeito modelo a ſua vida. Naõ baſtava o grande trabalho, e applicaçaõ do Pulpito para o divertir da aſſiſtencia das Communidades; menos o eſtudo continuo, para afrouxar na auſteridade do jejum, e mortificaçoens. Conheceraõ-ſe melhor eſtas em ſua morte, achando-o cingido de duas cadeas de ferro. Eſte era o agaſalho, e o mimo, que fazia a 80. annos, de que faleceo com tanta paz, e ſocego de eſpirito, como quem até aquella idade trabalhara para elle.

Q

O ultimo filho deſta Caſa, digno das memorias della, e de que ſe acha noticia, foy o Padre Frey Jorze de Santo Thomaz, Frade tanto para tudo, que applicado primeiro aos eſtudos, ſahio douto, e depois a mayores virtudes, (deixemme dizer) ſahio Santo. Nos primeiros annos cultivou as Aulas (paſſos primeiros, em que a Religiaõ adeſtra todos ſeus filhos, como deſtinados a enſinar com a voz, com a penna, com a vida). Sahio Frey Jorze o que ſe eſperava, com as grandes capacidades de entendimento, genio, e eſtudo. Mandaraõ-no a Coimbra; foy bom Collegial, como ſeria Lente, ſe o animo inquieto naõ deſprezara aquella vida, pela ter com mais liberdade. Viveo aſſim alguns annos, até que os mais maduros o retiraraõ ás Recoletas de Azeitaõ, e Bemfica, com hum genero de vida taõ eſtreita, e reformada, que antes parecia milagre, que emenda da primeira. No eſtylo da de Bemfica poſſo ſer teſtemunha ocular de muito, porque mereci a fortuna de ſer algum tempo ſeu Noviço.

O P. Fr. Jorze de Santo Thomaz.

Eleito Prior de Bemfica, mais a piedoſas importunaçoens, e diligencias dos Religioſos da Caſa, que a voto do ſeu genio, natural, mas ſantamente aſpero, e deſabrido, para hum lugar, em que docil a natureza, ſe ha de accommodar a ſer muitas, para contentar a todas. Era Frey Jorze ardente, eſpiritoſo, duro, e deſcarnado de todos aquelles affectos, com que o amor proprio coſtuma agaſalhar as piedades, que contemporizaõ com o corpo, ou de debilitado, ou finalmente de humano. Entendeo, que para eſtes reſpeitos, e occupaçaõ, em que ſó era bem ouvido o preciſo nome de pay ſervia mais a brandura, que a inteireza; largou o cargo com ſete mezes de governo, e retirado ao centro da ſua cella, aſſim reforçou os rigores da penitencia, como ſe ſe quizera vingar do tempo, em que o cargo, pelo trazer mais publico, o reduzia a menos ſevero.

O ſilencio perpetuo, ſem ſe valer do pequeno deſafogo, diſpenſado pelos Prelados algumas horas do dia, para reſpirar o animo do ſucceſſivo trabalho do Coro, e do eſtudo. Na ſua cella aproveitava a licença, fallando com os livros, a que era dado, liçaõ, que acompanhada de huma nativa agudeza, de que o dotou o Ceo, o faziaõ prompto, e facil na intelligencia do que ſe propunha, e praticava em huma, e outra Theologia; diſcreto, e divertido na converſaçaõ, em que o detinha o acaſo, ou o reſpeito. O jejum inviolavel, eſtendendo os ſete mezes aos mais tempo do anno. Nas Veſperas da Senhora, dos Apoſtolos, Santos da Ordem, e todas as ſeſtas feiras a paõ, e agua; diſſimulado na meſa com tal induſtria, que ſó a muita viſinhança o alcançava. O ſeu ſuſtento quotidiano eraõ hervas, e legumes, que merecendo o nome de regalo, muitas vezes deſaboreava, lançando-lhe agua, ou cinza, que levava em hum papel, para a ſupporem pimenta. Nos dias mais feſtivos hoſpedava hum pobre com ametade da reçaõ, e havendo de ſer igual a partilha, ſó elle ſe podia queixar della.

A

A compoſtura era taõ notavel, que fóra da Eſtante no Coro, ou no Altar nem o mais curioſo reparo lhe vio olhos abertos. A gravidade mortificada, com que no Coro occupava a ſua cadeira, compungia, e atemorizava, tendo que aprender nelle o Noviço mais modeſto, e o Religioſo mais reformado. Era deſtro no noſſo canto, e acompanhada eſta ſciencia de huma voz chea, larga, e ſonora, era alma daquella harmonia uniſonante, mais ajudada por menos artificioſa, mais para repetir cultos a Deos, que para contentar ouvidos ás creaturas. No aſpero, no repetido das diſciplinas naõ era ſó penitente, era hum inſaciavel perſeguidor do ſeu ſangue, que deſapiedadamente deſatava, e que no chaõ ſorviaõ os tijolos, ou enxugava a cautela, que nas paredes naõ podia ſer taõ ardiloſa, ou taõ advertida, pois ainda hoje nellas acha rubricas a noſſa confuſaõ, lendo o abrazado daquelle eſpirito, e o inexoravel daquelle braço.

Eſte exercicio lhe levava o tempo, que na noite lhe ſobejava de Matinas, ou a oraçaõ até Prima, tomando raras vezes huma hora, em que o hoſpedava para deſcançar, por colchaõ huma taboa nua, por traveceiro huma caveira; eſpectaculo de que fuy teſtemunha; porque eſtando em Caſa de Noviços (occupaçaõ, em que por algum tempo o teve a obediencia) e dando-me deſacautelado a chave de ſua cella, (que tinha fóra) para huma diligencia, eſquecera a ſua grande cautela o correr a cortina á alcova. Reparey na calidade do leito, e fogindo com os olhos ao horror do que nelle via, dey com elles em outra alfaya, naõ menos eſtranha, porque entre algumas diſciplinas de corda, que ſe viaõ na meſma alcova, eſtavaõ humas de ferro groſſas, e dobradas, com agudas, e trocidas rozetas, que naõ podendo negar, que havia pouco que tinhaõ ſervido, moſtravaõ nas pontas alguma carne, que compaſſiva devia de ſahir por naõ deſamparar o ſangue, de que a quiz deſpojar o golpe. Fora o natural deſte Padre livre, forte, e rebelde, confeſſava-o elle, e naõ contente com as mais auſteridades, parece que ſó fiava ao rigor do braço o trazello ſogeito, e domado, como ſe aprendera, e eſcutara ao Apoſtolo o conſelho, e o exercicio, vendo ſogeitarlhe as rebeldias do corpo ás providencias do caſtigo.

Caſtigo corpus meum, & in ſervitutem redigo. 1. ad Corint. 9. 7.

Nos ultimos annos de ſua vida aſſiſtio em Setuval, Vigario do Moſteiro de S. Joaõ, devendo-ſe ao ſeu zelo, religiaõ, e vigilancia, a refórma daquella Caſa, donde as ſuas vozes baſtavaõ para leys; tal a opiniaõ, que as Religioſas tinhaõ de ſua vida! As meſmas com que, (tendo para iſſo cauſa) ſe moſtrava mais deſabrido, davaõ eſte teſtemunho. Em nada afrouxou no eſtymulo de ſua antiga mortificaçaõ, e penitencia; ſó eſtimava a mayor liberdade para os exercicios della. No patio das caſas dos Religioſos o viaõ algumas vezes de madrugada em tempo deſabrido, e com a cabeça ás inclemencias delle, com os joelhos deſpidos ſobre huma pedra, antes extatico, que ſuſpendido na oraçaõ; aſſim ſe moſtrava immovel com

as mãos, e olhos levantados ao Ceo. A ancia com que o ſuſpirava Patria, naõ permittio (aſſim parece, que o Ceo ſe obrigava della) que ſe lhe alongaſſe mais o deſterro na vida. Paſſou deſta com ſinaes de merecer a verdadeira, reparando-ſe, que desde, que eſpirou, até que o recolheraõ na ſepultura, ſe vio ſobre o telhado da ſua cella huma pequena ave, que em todo aquelle tempo, nem deixou o lugar, nem a harmonia.

CAPITULO XXXIII.

Do Martyr Frey Joſeph de Morant. Memoria pertencente ao Convento de S Sebaſtiaõ de Setuval.

GRande gloria da Caſa de Setuval, eſcolhella Deos para depoſito de hum Soldado ſeu, laureado já com tantos triunfos, como foraõ os conflictos! Como ſe ſe fizeſſem partilhas entre o Ceo, e eſta Caſa para que ella foſſe urna em que ficaſſe, (naõ as cinzas, mas o corpo) e no Ceo triunfaſſe Feniz o eſpirito entre as felicidades eternas. Creſce mais a circunſtancia da gloria no eſtylo, com que coſtumamos perfilhar os Religioſos na Caſa, em que eſtaõ ſepultados, quando naõ conſta da em que profeſſaraõ como filhos, ley, que dá a eſta de Setuval a juſtiça com que póde chamar filho ſeu ao Padre Frey Joſeph, que como a mãy veyo buſcar, com naõ menos conſelho, que do Ceo.

O M. Fr. Joſeph de Morant. Aragones de naçaõ nos apontaõ as memorias, que foy eſte Padre, naõ podendo haver outras, aſſim de ſua Patria, como de parentes, e Convento, em que tomou o habito, pelas guerras vivas, que continuavaõ entre eſtas duas Coroas, Portugueza, e Caſtelhana, no tempo em que o corpo, e nome deſte Martyr chegou a Lisboa. Sabe-ſe ſó, que embarcando em porto de Heſpanha, a poucos dias de viagem ſe vio em poder de hum corſario de Argel, Cidade, em que começou a arraſtar os grilhoens de ſeu cativeiro, eſtimando-os como colares de mayor preço, e valia, com que queria, e diſpunha o Ceo ornar ſua paciencia. Era grande ſeu eſpirito, criado nos berços da obſervancia, em que ſe reforçara para mais penoſa lida; naõ o atemorizava o cutelo, que lhe ameaçava a garganta, ſe ſe tiveſſe noticia de quem era, como dos exercicios em que ſe occupava, animando os miſeraveis cativos, (de que achou povoadas as maſmorras) com a palavra, com o exemplo, afferverando-os com documentos Santos, dizendo-lhe Miſſa, adminiſtrando-lhe os Sacramentos, ſoccorrendo os mais neceſſitados, e reprehendendo os eſquecidos, com hum taõ vivo zelo da honra de Deos, que ſua muita reſoluçaõ atemorizava ainda a alguns infieis, que tinhaõ diſto noticia, entendendo, que alguma Divindade o animava; conceito, que os tinha callados, e ſofridos, ſendo-lhes taõ facil o tirarlhe a vida, como ao bom Padre o trazella arriſcada.

Mas naõ eraõ ſó os inimigos da Fé os que o eſcutavaõ com deſagrado, e deſabrimento, deſejando-lhe eſſe caſtigo; os meſmos Chriſtãos lho adiantavaõ, e lhe perdiaõ o reſpei-

to.

to. Soube Frey Joſeph, que hum moço eſquecido das obrigaçoens de Chriſtaõ, e ſurdo ao ruido das cadeas, que lhe lembravaõ a miſeria em que vivia, corria deſenfreado, e cego, a abraçar ſua condemnaçaõ em culpa abominavel; advertio-o primeiro com brandura, naõ houve emenda; recorreo á aſpereza, e ameaço, de que eſtimulado o deſatinado delinquente, o ferio, e afrontou na face com hum ſacrilego golpe, achando-o a injuria taõ ſofrido, como a culpa o experimentara exaſperado; antes nem baſtou a ſemrazaõ, e exceſſo do aggravo, para lhe naõ repetir mayor beneficio, porque tendo depois noticia, que o meſmo moço, ou convidado da liberdade, ou vencido de outro intereſſe, ſe reſolvia a deſamparar a Fé, poſto de joelhos diante delle, lhe offerecia (entre os conſelhos, que lhe propunha) a outra face, para que a meſma navalha a feriſſe; *mas que naõ quizeſſe perderſe, antes viſſe o que devia fazer por ſua alma, quando via o a que elle ſe expunha pela alheya.* Valeo a inſtancia, reſgatou ao moço daquella ultima miſeria.

Com eſte deſvelo, com eſta ancia voava Frey Joſeph nas azas da ſua caridade, preſente em toda a occaſiaõ, em que podia ſervir de exemplo, de remedio, de alivio, e melhor de conſtante arrimo á Fé dos companheiros, taõ arriſcada aos deſamparos, como perſeguida dos riſcos. Perto de oito annos contava o bom Padre neſte labyrintho de deſaſocegos, caritativos. Santos, e proveitoſos.

Mas caſo raro, venerado, e naõ comprehendido de diſcurſo humano, e Catholico! que aquelle meſmo, que até agora ſe gloriava com eſte nome, aquelle meſmo, que atè agora pizava difficuldades, por engrandecello, zombava de riſcos, deſconhecia aſſaltos por conſervallo, convidava os cativos para as vitorias da Fé, arvorando o ſeu eſtandarte no meyo dos ſoberbos, e poderoſos inimigos delle, eſſe meſmo Frey Joſeph, criado no gremio da Igreja, nutrido aos peitos da Religiaõ Dominicana, doutrinado nas Aulas della para perſeguir, e abominar os ſuperſticioſos, os barbaros, os pertinazes emulos da verdade Catholica, eſſe meſmo amanhece hum dia cuberta a cabeça de hum mouriſco turbante, abraçando a ley de Mafoma, (que até alli impugnara) em trage, em acçoens, em voz, em reſoluçaõ, naõ ſó profeſſor, mas defenſor della. Aiegraõ-ſe os barbaros, confundem-ſe os cativos, concorre o Povo de miſtura, infieis, e Chriſtãos, perguntando-ſe huns aos outros, e eraõ as lagrimas deſtes o ecco das acclamaçoens daquelles. Já rodeavaõ ao novo profitente os Baxás, já o abraçavaõ os Dunas, (preheminencias, e titulos daquella Republica infiel) já o feſtejava, e reconhecia a nobreza, e já finalmente era aquelle o dia mais feſtivo, que podia amanhecer áquella Cidade, vendo ſeguida, e venerada de ſeus meſmos inimigos a maldita ſeita de ſeu falſo Profeta.

E que mayor aſſumpto póde ter o reparo, e o aſſombro! Em que deſmereceo hum homem, que no centro do deſaſocego ſe eſtendia a tantos coraçoens,

çoens, para conſervar nelles a Fé de Jeſu Chriſto? que deſconhecia intereſſes pelo naõ ver blasfemado? que ſofria injurias pelo naõ chorar eſquecido? que com a palavra, com a vida, com o trabalho, com a induſtria, conſervava vivo o ſeu nome nos ouvidos dos atemorizados confeſſores delle? Em que mereceo o deſamparo em que cahio? O lamentavel eſtado, a ultima miſeria, a que chegou, e em que ſe perdeo? Que inexcrutaveis os juizos de Deos! Caminhos nunca trilhados da comprehençaõ creada!

Aſſim começou a ſoltarſe o ſeu deſatino na mais licencioſa vida, como o que perdera o verdadeiro norte della. Aſſim a apreſſar os deſencaminhados paſſos pela eſcura regiaõ da mortal cegueira, ſem haver deſmancho, que lhe naõ déſſe a maõ, para o levar ao precipicio; taõ eſquecido do caminho, porque até alli o trouxera a verdade allumiado da luz da razaõ, arrimado aos conſelhos da Fé, que naõ ſó deſconhecia o ſeu erro, mas culpava nos cativos de ſe ſacrificarem á eſcravidaõ, podendo taõ facilmente como elle comprar a ſua liberdade, convencidos ainda de ſegundo intereſſe; porque naõ ſó ſe livrariaõ da miſeria, mas ainda lhe pagariaõ com honroſos premios o deixarem-na.

Eſte errado diſcurſo, á ſombra da vaidade de ſe ver buſcado, e aſſiſtido, as abundancias, com que encontrava ſervido ſeu deſejo, lhe tinhaõ o entendimento prezo, nevoados os olhos, adormecidos os reparos. Aſſim paſſou algum tempo, ſurdo aos brados da conſciencia, inſenſivel aos eſtimulos da culpa, e immovel ás batarias da razaõ. Já fraqueava a Fé nos diſcipulos, que inſtruira; já entravaõ muitos na conſideraçaõ, *de que naõ ſeria deſamparar a verdade, ſeguir ao Meſtre; ou que ſó o que ſe ſeguia no Meſtre, podia ter nome de verdade. Já ſe lhe faziaõ intoleraveis as penſoens do cativeiro, porque lhe hia eſquecendo o premio immortal, que lho tinha ſuavizado. Já começava a ter mais valor no ſeu conceito o preſente da vida, paſſado com deleite, e liberdade, que hum futuro premiado, mas (na ſua opiniaõ) diſtante, e contingente. Quando talvez viria lá huma hora, em que ſe recuperaſſem deſmanchos de toda huma vida.* Aſſim vacilavaõ os miſeraveis Chriſtãos, dando ouvidos a ſemelhante diſcurſo, agora fomentado daquelle mao exemplo; quando amanheceo na alma de Joſeph a luz do auxilio ſoberano com tantas actividades, e efficacias, que proſtrando por terra toda aquella machina, em que ſe hia encorpando ſua rebeldia, poz os olhos no Ceo, e os joelhos em terra, e cahindo-lhe groſſas lagrimas dos olhos, começou, como outro Paulo, a ſacrificarſe ao que Deos diſpuzeſſe. Naõ ha detença; entra pelas cadeas, pelas maſmorras, lança-ſe aos pés dos cativos diſcipulos eſcandalizados, e diz-lhes (com mais tropel de lagrimas, que concerto de razoens) ſemelhantes a eſtas:

Domine quid me vis facere? In Actib. Ap. cap. 9.

Amigos Irmãos, prezos nos ferros da barbaridade, mas reſgatados com o ſangue de Jeſu Chriſto, pizáyme, ponde em mim voſſas plantas; como indigno de chegar a voſſos braços. Caſtiguemme os voſſos deſprezos, como incapaz de

de merecer os vossos perdoens. Eu sou, filhos, eu sou aquelle escandalo da Christandade, que lhe voltey as costas, criandome ella nos seus braços. Eu sou aquelle sacrilego, que pondo-me o mesmo Christo á sua mesa como seu Sacerdote, o vendi pelo tenue interesse de huma liberdade. E como liberdade, se agora geme agrilhoada no cativeiro do mesmo demonio? Eu sou aquelle mao Frade, aquelle filho rebelde, que despi a candidez de ovelha do rebanho Dominico, e fuy a viver nas covas dos Dragoens, e dos Leopardos. Eu sou; mas para que vos canço? Sou a afronta dos homens, o inimigo de Deos, o monstro da terra, o escandalo do Ceo, o tyranno da Fé, o apostata da verdade, o Lusbel da Religiaõ, o filho da ira, o centro da miseria. Já o conheço; mas por isso já o abomino; já posto a vossos pés o confesso; a minha confusaõ he o meu castigo; já pesso as vossas lagrimas, para medianeiras com o Ceo. Troque-se o vosso escandalo em lastima, e mereça-vos a minha dor, o que desmereceo a minha culpa. Aqui torno a bater ás portas da Fé, ligeiras de abrir aos golpes da penitencia, e ás vozes da confissaõ. Aqui estaõ os meus arrependimentos contra os meus desatinos, como os de outro Prodigo. Aqui estaõ as minhas lagrimas contra as minhas infidelidades, como as de outro Pedro. Aqui estaõ as minhas sogeiçoens contra as minhas rebeldias, como as de outro Saulo. Finalmente aqui está a minha vida, para resgatar a minha culpa, sem mais reparo, que ser ella huma, e ellas tantas: ella emprego de huma só morte, ellas materia de muitos infernos. Mas já nem os Ministros deste, nem o medo da morte, nem o amor da vida, nem os Anjos, nem os Potentados, nem as industrias, nem as instancias, nem o Ceo, nem o abysmo me poderáõ apartar do amor de Jesu Christo, arrancando-me das mãos a palma do triunfo com os horrores do martyrio. Bem estou vendo, que me ameaça o fogo; mas taõ pouco acabará comigo o rigor da lavareda, como com Paulo o da espada. O que vos pesso he o conselho, para ser mais publica esta resoluçaõ, como a que ha de satisfazer a Deos, e aos homens, a elle como o tenho offendido, e a elles escandalizado. Industrieme o vosso voto, e ensinayme vós a ser penitente, melhor que eu a vós a ser Christãos. Tomemos hum acordo, que me venha a servir a mim de castigo, aos homens de edificaçaõ, a estes barbaros de afronta, e a Deos de gloria.

Certus sum, quia neque mors, neque vita, neque Angeli; neque principatus ... neque altitudo, neque profundum poterit nos separare à charitate Christi. Ad Rom. 8. 38.

Lançaraõ-se a beijarlhe os pés os cativos, respondendo-lhe primeiro com as lagrimas, que era o idioma, que correspondia ás suas; logo levantando a Deos as mãos, dando-lhe graças, e depois assentando o dia, e occasiaõ mais publica, para confundir aquelle barbarismo, soberbo com a vitoria da sua seita, e jactancioso de ver a Ley de Christo debaixo dos pés dos professores della. Chegouse o dia decretado, esperava-o o novo Soldado de Christo, fortalecido com as armas do jejum, da oraçaõ, da penitencia, robusto com as assistencias do Espirito Santo, convidado com a protecçaõ, e exemplo de seu nacional, e Irmaõ no habito, S. Raymundo de Peñafort, porque no seu dia se offereceo aos olhos do Mundo aquelle espectaculo.

Acha-

Achavaõ-ſe na praça de mayor concurſo da Cidade o Baxá Regedor, e Juiz ſupremo, outro, que acabava de exercitar o cargo, hum Duna, que val o meſmo que Conſelheiro, a mayor parte do Povo, que acodia aos Tribunaes, por ſer dia de deſpacho, quando rompendo intrepido por entre todos o profeſſor de Chriſto, e poſto em preſença do Baxá, lançando por terra o turbante, (demonſtraçaõ dos apoſtatas de ſua ley) levantava a voz, ſegurando, *que ſó a de Chriſto he a verdadeira, falſos os dogmas de Mafoma, cegos, e enganados os ſequazes de ſua abominavel ſeita.* Accreſcentando: *o como o Ceo piedoſo lhe abrira os olhos para ver o deſatino, em que o permittira o ſeu deſamparo, e que já ſó as fecharia a morte; com que o queria deixar ſatisfeito.*

Amotinouſe o Povo, alterouſe o Baxá, e ameaçando a Frey Joſeph com ſemblante accezo, e colerico, que ſe continuaſſe, o queimaria vivo, lhe reſpondeo o Padre intrepido: *Naõ te canςes em ameaços, nem eſperes de mim arrependimentos, porque ſe me ques queimar, ſó te pedirey a preſſa; e porque ſe naõ dilate, ahi tens para lenha.* E lançoulhe huma pataca. Paſmou o concurſo, ſuſpendeoſe o Baxá, voltavaõ atonitos huns aos outros os roſtos, deſamparados de cor ſem mais vozes, que as mudezes. Levantavaõ logo os olhos a admirar aquelle coraçaõ, naõ ſó eſquivo com a vida, mas eſtranho (nos ameaços do tromento) ao ſenſivel da natureza. Parece, que eſtava Fr. Joſeph eſcutando aquelle acto heroico, que Chriſto aconſelhava aos ſeus Athletas, e Profeſſores no Horto, que compraſſem os inſtrumentos para o ſeu martyrio. (Aſſim na intelligencia de Santo Ambroſio). Naõ rompia em menos exceſſos aquella ancia de ver contrapezada a ſua culpa.

Vendat tunicam, & emat gladium. D. Ambroſius. Eſt etiam gladius pationis, ut exuas corpus, & immolatæ carnis exuviis ematur tibi corona martyrii. D. Ambroſ. in cap. 22. Lucæ. l. 10.

Manda logo o Barbaro, que retirem o Padre, porque a ſua conſtancia naõ convença os Mouros, e confirme os cativos; recolheo-o em hum carcere, entra em praticas com elle, acha-o firme; recorre á bataria das offertas, honras, e riquezas; ultimamente apura os esforços na das delicias, introduz no carcere, e fecha na meſma caſa com o conſtante Confeſſor duas mulheres, com belleza, e deſenvoltura, armas ſempre vitorioſas na campanha, porque ſempre medidas com a fraqueza. Naõ acharaõ em Joſeph, que como outro Thomaz Angelico, fechado na Torre com ſemelhante inimigo, o affugentou com o fogo caſto, que lhe ardia no peito; ou como outro Joſeph (de que herdou com o nome a pureza, e a conſtancia) poſto em igual campanha, ſoube tambem fugir, para ſaber vencer.

Sahem do carcere as mulheres com o deſengano, eſpalhaſe a reſiſtencia de Joſeph com aſſombro, creſce a opiniaõ de ſua conſtancia para gloria da Fé de Chriſto, e leva os olhos, ainda infieis, ainda cegos, o valor de hum homem, a que nenhuma induſtria, nenhum artificio ſabe achar humano. Entra em receyos o Baxá, teme affeiçoado o Povo, fomentado o tumulto, reſolve arrebatado, e tyranno, que tirem a vida a Frey Joſeph a fogo lento. Deſeja-

ſejava-o aſſim o penitente Padre, porque queria huma morte, que ſe dilataſſe em muitas, para igualar huma culpa, em que ſe incluiraõ todas.

CAPITULO XXXIV.

Martyrio, e milagres do Veneravel Frey Joſeph de Morant.

JA' ſahe do carcere o Soldado de Chriſto, rodeado de miniſtros, e algozes, que o levaõ com tanta cautela, e reſguardo, como ſe elle meſmo ſe naõ offerecera ao patibulo, e com tal crueldade, e deſabrimento, como ſe lho quizeraõ anticipar no caminho. Era em taõ venturoſo dia, como ſe fora ſua a eſcolha; mas ſem duvida pareceo no Ceo Providencia; porque o em que abjurou a ley de Mafoma, e tornou a abraçar a de Chriſto, foy o de hum Irmaõ ſeu S. Raymundo; era eſte agora, em que hia dar a vida pela Fé, de outro, porque era o dia de S. Gonçalo. Naõ deixa de ſer ponderavel, ſe a narraçaõ nos dera liberdade a largas reflexoens. Baſte o ſer facil de inferir a gloria, que quiz dar o Ceo a Noſſo Patricha, correndo em hum, e outro dia taõ grande eſpectaculo por ſua conta, porque ſe huma vez ſe vio hum filho ſeu convidando a outro para o conflicto, em outra ſe vio outro animando o meſmo para o triunfo; e eſſe o glorioſo objecto de ſeus olhos, ao meſmo tempo na terra vencendo a campanha, no Ceo empunhando a palma. Mas mayores circunſtancias nos chamaõ neſte eſpectaculo.

Caminhava Frey Joſeph repetindo louvores a Deos, e firmezas da Fé, porque hia dar a vida, quando chegando-ſe a elle hum Chriſtaõ renegado, levantou a maõ, e lhe ferio o roſto com huma cruel bofetada; ergueo o Padre os olhos, e com a boca chea de rizo, lhe pagava o beneficio, eisque o impio, metendo maõ a hum punhal, o atraveſſa com elle. Continuou o Padre o caminho, ſem demonſtraçaõ de ſentimento, nem ſe lhe perceberem mais vozes, que as do ſangue, que lhe ſahia pela boca, que o ferro lhe abrira. Chamame a paciencia de Job, clamando o ſeu ſofrimento á viſta de hum opprobrio, mas naõ ſendo mais os clamores, que hum ſorrizo, e o ſofrimento. Aſſim chegou a emmudecida victima a huma praça, em que atada a hum tronco, e rodeada de fogo activo, mas affaſtado, para que pouco a pouco a foſſe torrando, e conſumindo, deu a vida pela Fé, que offendera, abbreviando a caduca para reſpirar na eterna.

Ecce clamabo vim patiens. Of. 70.

Ridebo opprobrio veſtro. Job. cap. 10. 7. D. Ambroſius hic.

Ouvioſe-lhe nas horas, que lhe durou o tromentos humas vezes prégar a verdade, porque morria, outras chamar a Virgem Soberana, e piiſſima do Roſario; outras Noſſo Santo Patriarcha. Admirados os que claramente o ouviraõ, de que o fogo, que lhe creſtava o corpo, lhe perdoaſſe aos beiços, e o fumo, que tinha ſepultado, lhe naõ embaraçaſſe a reſpiraçaõ. Teſtemunharaõ-no muitos cativos, que aſſiſtiraõ á execuçaõ tyranna, e viraõ, e notaraõ as minimas circunſtancias della, requeridos, e examinados

Ecce nideo in opprobriis, & non loquar nec reſpondebo convitiis.

dos dos Religioſos deſta Caſa de Setuval, a que concorriaõ a viſitar o corpo de ſeu Meſtre, e ſeu companheiro (agora na ſua Fé ſeu advogado.)

Chegado o corpo a eſte Reyno (permittindo o Ceo, que hum cativo o tiraſſe do lugar do tromento, o eſcondeſſe, e finalmente com todo o ſegredo o trouxeſſe diſſimulado em hum envoltorio de lãa, e roupa, a que perdoou a ſoſpeita) na occaſiaõ da redempçaõ de alguns cativos, que com a ſua embarcaçaõ vieraõ buſcar o porto de Setuval, pelos annos de 1646. foy igual o alvoroço ás diſſençoens, e tumulto em que ſe dividio o Povo. Concorreraõ os Clerigos, que havia na Villa, com o ſeu Vigario da Vara; concorreraõ os Vereadores da Camara; argumentavaõ eſtes, que lhe pertencia, por deſembarcar no ſeu porto; os outros que a elles, por ſerem ſemelhantes theſouros dos depoſitos do Arcebiſpado, de que o Vigario da Vara era Miniſtro; todos queriaõ ter juſtiça; trocouſe a devoçaõ em contenda. Entraraõ os noſſos Religioſos do Convento da meſma Villa, pediaõ, mais aventajados, ſem controverſia, mas proteſtavaõ os outros dous partidos, huns, que ſe déſſe noticia ao Deſembargo do Paço, outros ao Cabido, tomando-ſe com maduro conſelho o expediente, de que ſe depoſitaſſe o corpo no Palacio de Dom Pedro de Lancaſtro, filho do Duque de Aveiro, eleito Arcebiſpo de Braga. Conheceoſe finalmente a noſſa juſtiça, como de pertendentes do corpo de hum Religioſo, ainda que peregrino em naçaõ irmaõ no habito, naõ tendo a Villa mais acçaõ para pertender, que a venturoſa contingencia de vir deſembarcar nella; contentouſe com o intereſſe de que ficando em noſſa Caſa, o tinha de portas adentro da ſua.

Foy-nos concedido o corpo, mandando, a inſtancia noſſa, o Cabido de Lisboa a reconhecello, e authenticar os milagres, que delle ſe eſpalhavaõ, pelo Doutor Vicente Feyo Cabral, Vigario Geral deſte Arcebiſpado, e o Notario Apoſtolico Pedro Coelho Ferreira. Aſſiſtiraõ teſtemunhas, que acompanharaõ o Martyr no cativeiro, outras das benificiadas por ſua interceſſaõ; mas quiz o Ceo, que correſſem por ſua conta as primeiras, e viraõ-ſe tres maravilhas. Foy huma, que ao deſcobrirſe o envoltorio em que vinha o corpo, ſe encheo tudo de hum ſuaviſſimo cheiro, percebido de todos, e ſeguido de lagrimas, e louvores a Deos. Outra, que appareceo o corpo inteiro, ſendo o fogo capaz de o ter reduzido a cinza, e quando naõ a todo, a alguma parte. Outra, que ſendo o fogo, e o fumo tanto, e taõ continuado, appareceo o corpo com a ſua alvura, e cor natural, naõ denegrida, e desfigurada como ſe entendia.

Provou bem o Ceo; porque eſtes tres foraõ os argumentos, que teſtemunharaõ a verdade do Lenho Santo, em que padeceo Chriſto Senhor Noſſo, duvidando-ſe, que foſſe verdadeira huma parte delle, que havia na Sé de Sevilha. Contaõ-no aſſim as Hiſtorias de Heſpanha. Acdendeoſe hum grande brazeiro, lançouſe nelle a parte do madeiro Santo, e eſtando entre vi- L. 4. Hiſtor. Hiſpan. c. 4.

vas

vas brazas, e lavaredas, pelo grande espaço em que se celebrou huma Missa de Pontifical, continuou em exhalar suavissimas fragrancias, e naõ só se naõ reduzio a cinzas, mas sahio com o mesmo lustre, (e mais avantajado) com que entrara no fogo. Semelhantes prodigios quiz o Ceo, que authenticassem a verdade de que aquelle era o corpo do Martyr, ou o ouro escolhido, que o Ceo examinara no fogo, e agora (por permissaõ sua) enriquecia este Convento, escolhido para seu deposito.

Mas tinha grande direito a este thesouro o cativo, que o trouxera a este Reyno com dispendio, com industria, com trabalho; recompensaraõ-lhe tudo os Religiosos deste Convento com maõ larga, como os que reconheciaõ ineftimavel a sua grangearia. Da doaçaõ, que o dito cativo fez do corpo ao Convento, se guarda no seu Cartorio hum papel, de que tiramos o treslado, que lançamos aqui para mayor clareza da posse pacifica em que está esta Casa.

Digo eu Sebastiaõ de Oliveira, natural de Castello Viegas, termo de Coimbra, que vindo do cativeiro, trouxe o corpo do bemaventurado Mestre Frey Joseph de Morant, da Ordem do Patriarcha S. Domingos, o qual corpo de presente está em poder do Senhor Dom Pedro de Lancastro, e pela presente faço doaçaõ do dito corpo aos Padres do Convento de S. Sebastiaõ de Setuval, da Ordem de S. Domingos, com obrigaçaõ de que os ditos Padres, em recompensa dos ditos gastos, que tenho feito com o dito corpo, tiraraõ por toda esta Villa a esmola, a qual me deraõ para remedio, e ajudar humas orfans minhas irmãas; e além disto os ditos Padres se me obrigaraõ a dar a sua esmola em toda a largueza, e possibilidade que poderem; e além disto se deraõ por obrigados a me darem carta para todos os Conventos de sua Ordem, por donde passar, que estiverem neste Reyno, me darem esmola, e ma pedirem nas Villas, ou Cidades, em que os ditos Conventos estiverem; e para assim o manter, desde logo lhe faço a dita doaçaõ de todo, e qualquer direito, que tenho no dito corpo; e para assim manter mais o sobredito, naõ quero ser ouvido em juizo, nem fóra delle, sem primeiro depositar o dito corpo no dito Convento; e por assim passar na verdade, e eu naõ saber escrever, roguei a Manoel Pires, que este por mim fizesse,

e como teſtemunha aſſinaſſe, e com mais teſtemunhas, que ao preſente eſtavaõ. Luiz Rodrigues = Joaõ Gomes = Antonio Jorze = Domingos Teixeira =. E aſſinou o Padre ſuperior Vigario in capite do dito Convento Fr. Domingos do Eſpirito Santo, com os mais Padres do Convento, abaixo aſſinados. Feito eſte conhecimento no dito Convento de S. Domingos em 6. de Julho de 1646.

Collocouſe o corpo na Capella môr, abrindo-ſe na parede da parte do Evangelho hum capaciſſimo arco, com vaõ capaz de recolher huma caixa de pao preto, (depoſito do corpo) guardada de grades do meſmo, que tomaõ a largura do arco. Cobre toda a parede do nicho hum quadro, em que ſe vê o Martyr, e todas as circunſtancias do martyrio, com toda a viveza, e alma, que ſe permitte á pintura; obra toda devida á devoçaõ, e diſpendio de Dom Pedro de Lancaſtro. Neſte ſitio, e neſte culto o buſca, e venera ainda hoje a devoçaõ do Povo, ſem que a pobreza religioſa ache braço, que a ajude a levantar mais avultado mauſoleo áquellas veneraveis cinzas, ou áquelle Feniz, que reſpeitado da fogueira, deſcança inteiro em taõ pequena urna; mas o que lhe falta a eſta de porfidos, e jaſpes, ſe melhora de prodigios, e vozes, com que os ſeus milagras recomendaõ as ſuas veneraçoens, e condemnaõ as noſſas eſcacezes.

Authenticaraõ-ſe muitos, que a noſſa omiſſaõ eſqueceo na maõ do Notario Pedro Coelho Ferreira, ſuccedidos; naõ ſó em Setuval, e todo ſeu contorno, mas em todo eſte Reyno, e no do Algarve, adonde reconheceraõ por univerſal meſinha a lãa, em que eſtivera, e chegara a eſta Villa eſcondido o corpo do Veneravel Martyr. Achamos de tanto, que ſe perdeo, a eſcaça memoria de que nem o meſmo deſcuido póde ſer ſepultura. Em Setuval, de Maria Gomes, mulher de Mathias Simaõ; na meſma Villa Urſula Vaz; Joaõ Machado, na meſma; de todos eſtes conſtou que ficaraõ livres repentinamente de enfermidades, de dores, de achaques, quando deſconfiados de remedios, recorreo a ſua fé ás reliquias deſte Martyr. Teſtemunha-o de ſi o Padre Franciſco Lopes Pintado: e lançaremos aqui huma Certidaõ ſua, poupando-nos outras, que em ſemelhante, ou igual caſo teſtificaõ o meſmo, e he a ſeguinte:

Certifico eu o Padre Francifco Lopes Pintado, Clerigo de Miſſa, do habito de S. Pedro, morador em a Cidade de Lisboa, que ſendo em 14. deſte preſente Julho, eſtando eu de humas terçans muito enfermo, ſangrado nove vezes, naõ tendo pedido a Deos, nem a Santo algum, me livraſſe de tanto mal, como havia muitos tempos padecia, por ter poſto em as mãos de Deos minha melhoria, dizendo-lhe me déſſe paciencia, para por ſeu amor ſofrer as penas que padecia; e ſendo em o dito dia, e mez acima dito, eſtando padecendo a terçãa, me veyo como por inſpiraçaõ que, ſe queria alcançar ſaude, a teria de Deos por interceſſaõ de hum Santo Martyr, cujo corpo havia poucos dias tinha chegado a Setuval; e com eſta fé, e grande affecto da alma me encomendey a Deos, que por virtude, e interceſſaõ daquelle Santo, me quizeſſe livrar do que padecia, promettendo, ſe aſſim foſſe, ir á ſua Santa Caſa, onde foſſe poſto, e darlhe as graças, e dizerlhe huma Miſſa; e acabada eſta petiçaõ, ſenti logo em o meſmo inſtante que o mal, que tinha, ſe foy, e fiquei livre da terçãa, que padecia, e das mais, que me podiaõ vir até hoje; e aſſim para honra de Deos, gloria do Santo, e devoçaõ de ſeus devotos, mandey paſſar, e aſſiney eſta Certidaõ, em que affirmo paſſar tudo o acima eſcrito na verdade in verbo Sacerdotis, *em Lisboa a 21. de Julho de 1646 annos.*

O Padre Francifco Lopes Pintado.

CAPITULO XXXV.

Do Padre Frey Domingos do Roſario, no ſeculo Dom Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioſo, filho do Convento de Almada.

PArece, que foy bençaõ particular, com que noſſo Patriarcha quiz enriquecer os Clauſtros ſagrados de ſua Religiaõ, aquella Santa emulaçaõ, com que o mais eſcolhido da nobreza da Chriſtandade veyo povoallos. Ou ſeria incentivo, com que ſuas illuſtres qualidades ſouberaõ inclinar as mayores, ſendo ſua nobreza huma perſuaſiva circunſtancia no exemplo de ſua vida. Aſſim vemos ſempre até eſte viſinho ſeculo, que alcançamos, e eſpecialmente neſta Provincia, abraçada, e pertendida a mortalha Dominicana de peſſoas notaveis, e dignas de ſingular memoria. Occupe-nos agora merecidamente eſta o Conde de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, aſſaz conhecido por ſua nobreza, (entre as mais eſclarecidas deſte Reyno, como tronco Real, e antiga deſcendencia da Sereniſſima Caſa de Bragança) e igualmente por ſua peſſoa, ornada de capacidades grandes, e deſtra em huma, e outra milicia, primeiro na do Mundo, depois na de Chriſto. Na primeira o teſtemunhavaõ as feridas, de que tinha ſemeado o corpo, curando-ſe ainda depois de Religioſo, e já velho, de algumas dellas, que lhe duraraõ com a vida. Admirava-ſe hum Religioſo Leigo, que caritativamente lhe aſſiſtia á cura: a que reſpondeo o bom velho, (ſem que a cinza dos annos tiveſſe ſepultado o ardimento dos brios:) *Naõ ſe admire, Irmaõ, porque os Condes de Vimioſo nunca ſouberaõ fugir.* Eſte foy na primeira milicia: logo o veremos na ſegunda.

Foy ſeu pay Dom Affonſo de Portugal, II. Conde de Vimioſo, a quem Dom Luiz acompanhou ſervindo, e militando, pay, e filho, com elRey Dom Sebaſtiaõ na lamentavel campanha de Africa, ſepultura fatal da nobreza Luſitana. Ficou no combate cativo Dom Luiz, morto ſeu pay. Reſtituio-o á Patria groſſo reſgate; entrou por ella taõ grande diſcipulo dos trabalhos, que podia ſer o concertado de ſua vida regra dos que quizeſſem juſtificar a ſua. Mas neceſſitava ſua Caſa de ſua peſſoa, como herdeiro della, e em a idade, que pedia o eſtado em que ſe achava, attenuada da funçaõ, que precedera. Houve de ceder á razaõ, ſacrificando o goſto, que ſó o chamava a veſtir huma mortalha, antiga vocaçaõ ſua, porque de poucos annos deſamparando ſua Caſa, em que deixava os mimos de morgado, entrara pelos eſtreitos Clauſtros da Arrabida, pedindo aquelle ſanto burel, para nelle acabar a vida, que eſcaçamente principiava.

Embaraçaraõ-lhe entaõ os Condes ſeus pays a reſoluçaõ, que agora lhe divertia tambem o preciſo de conſervar a Caſa á ſua familia. Caſou com Dona Joanna de Mendonça, filha de Dom Fernando de Caſtro, Conde do Baſto, de que teve filhos, e filhas. Entrado já em dias, ſentio, que ſe hiaõ animando á lavareda aquellas faiſcas de vo-

caçaõ, que guardara fempre na alma. Fomentava-as o reformado de fua vida, adonde eraõ continuo fopro, que as defpertava, as horas, que coftumava tomar todos os dias, retirandofe no feu Oratorio a tratar com Deos as importancias de feu efpirito. Ateara o Ceo o mefmo fogo no da Condaffa; difpuzeraõ ambos recolherfe em Claufura, precedeo voluntario divorcio, vencidos taõ multiplicados embaraços, como fe lhe quizeraõ igualar os defejos. Animava a heroica refoluçaõ deftes o Veneravel Padre Meftre Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde, (de que já démos larga noticia) com fua direçaõ fe difpoz a fundaçaõ da illuftre Recoleta do Sacramento, primeiro voto dos Condes. Nella fe recolheo a Condeffa, venturofa Feniz, que no mefmo Altar, que levantou aos rayos do Sol na penitente urna, foube facrificarfe obediente victima, emprego, em que alargaremos mais a penna, efcrevendo a fundaçaõ daquella Cafa.

Retiroufe o Conde á de Bemfica, que era entaõ os olhos da obfervancia, adonde efteve algum tempo em habitos de fecular, e exercicios de Religiofo, affiftindo a Coro, e Officios Divinos, como o mais reformado, em quanto fe liquidavaõ os embaraços de dividas, que havia na Cafa. Mas naõ fofria vagares feu efpirito, achando-fe já em annos, que naõ permittiaõ muita efpera, e em que podia anticiparfe a morte a darlhe outra mortalha, que vieffe a fer ley, e naõ efcolha. Acabou com Dom Affonfo, filho, a quem vinha a Cafa, que fe obrigaffe ás dividas della; e tomou o habito taõ fatisfeito, como o que tinha achado induftria para começar naquelles annos huma vida. Mandaraõ-no os Prelados para o Convento de S. Paulo de Almada, adonde paffou o noviciado, e profeffou com tanto gofto daquelle eftado, como o dos que viaõ correr nelle huma idade decrepita ao mefmo paffo com a juvenil, naõ voando menos para bufcar em Chrifto o exemplar mortificado, os cançados paffos de Pedro, que os vigorofos de Joaõ; ainda que depois prevaleceraõ eftes áquelles. Currebant autem duo fimul. Joan. 20.

Affim era Frey Domingos do Rofario, (que por efte trocou o nome de Dom Luiz de Portugal) affim era prompto no fequito das Communidades, affim ligeiro, e adiantado no ferviço da Cafa, como fe os defejos lhe fizeraõ efquecer os annos. Já profeffo, fe paffou a Evora, mas taõ cortado, affim do rigor da nova vida, como do máo trato, que lhe tinha precedido nella, que os Prelados o difpenfaraõ daquelles rigores, que lhe podiaõ dobrar os achaques. No trato de fua peffoa era o mais pobre, o mais humilde; na communicaçaõ affavel, e alegre; nos achaques, e adverfidades fofrido, e conftante; nas difpofiçoens dos Prelados prompto, e obediente; e taõ amante da obfervancia Religiofa, que todo era ancias de dilatalla; entre eftas o apanhou a morte, e paffou a melhor vida. Le-fe a fua epilogada em hum grande marmore, que lhe cobre a fepultura. He efte o Epitafio:

P.

P. Frater Dominicus de Roſario, idem in ſæculo Domnus Ludovicus de Portugal, Comes Vimioſenſis, unà cum uxore Comitiſſa Domna Joanna de Mendonça, illo conſenſu animorum, quo piè vixerant, Religioni Prædicatorum ſe devovit; tandem anno ſuæ ætatis 82. ab ortu Chriſti 1637. die Julii 30. optimæ memoriæ conſecratus, placidiſſimè obiit, virtutum omnium monumentis ornatus, tum verò præcipuis obedientiæ, paupertatis, religionis, zeli, charitatis, & humilitatis, quibus ſingulariter floruit; quique vivens ſe conſepeliverat ſæculo, hic defunctus in tumulo feliciter vivit Deo.

CAPITULO XXXVI.

Do Meſtre Frey Fernando Soeiro, filho deſte Convento de Almada; e de alguns Religioſos, filhos deſta Provincia, de que ſe duvida, ou ignora a Caſa.

NAõ roubemos a eſta Caſa de Almada a gloria de hum filho benemerito deſta memoria, como foy o Meſtre Frey Fernando Soeiro, Prégador del-Rey Dom Joaõ IV., e grande Prégador, porque o reformado de ſua vida era o primeiro conceito, que delle percebia o ſeu auditorio; aſſim eraõ os ſeus Sermoens huns brados, que faziaõ ecco no eſpirito, taõ fóra de contentar a curioſidade, que ſempre ſahia de o ouvir a compunçaõ. Eſtas circunſtancias o faziaõ aceito áquelle Monarcha, que pezava bem o como naõ podia ſer o Pulpito Cadeira de oſtentaçoens, de facundia, e Rhetorica, mas de doutrina, e penitencia. Mas ſe o Meſtre Frey Fernando deſempenhava bem as obrigaçoens do Pulpito, naõ empregava com menos acerto as grangearias delle. Hoje ſe vem muitos do ſeu zelo em empregos, que igualmente pediaõ poſſes, como coraçaõ grandioſo, e devoto; aſſim o moſtra a obra do ſepulchro, (que em S. Domingos de Lisboa mandou lavrar para Quinta Feira Mayor) fabrica ſempre admirada pela materia, por ſer tudo prata, agora mais, por reduzida a melhor fórma, em que ſe vê avultada em preço, e architectura; para o que deixou hum juro, que vay ſervindo para o augmento, e ficará depois para conſervallo. Aſſim o deſvelava o levantar throno ao Rey dos Reys no dia, em que a piedade Catholica lhe dobra o joelho pelas repreſentaçoens de abatido. Coraçaõ, em que ſe meditavaõ eſtes cultos para Deos, bem ſe póde ſuppor que naõ admittia outro cuidado mais, que o de ſervillo. Confirmava-o aſſim a refórma, e obſervancia, em que continuou até a morte, que

O M. Fr. Fernando Soeiro.

que deixou a todos compungidos; como sua vida doutrinados. Faleceo em S. Domingos de Lisboa pelos annos de 1674.

Até aqui as memorias, que pode desenterrar a diligencia, e industria da sepultura, da omissaõ, e esquecimento, que favorecido dos annos, se faria senhor de mayores assumptos, que devendo sello á nossa escritura, ficaõ para a nossa magoa. Mas aliviese de algum modo esta, dando aqui lugar a alguns Religiosos, a que se ignora, ou duvida a Casa, de que saõ filhos, e seja o primeiro o Padre Frey Antonio Coutinho, Commissario do Santo Officio, illustre por nascimento, que lhe deu o appellido, celebre pelo grande talento, com que enchia o Pulpito, de que saõ boas testemunhas as Imprensas, que lhe conservaraõ algumas memorias, naõ só em Sermoens avulsos; mas em tres tomos grandes predicativos, a que intitulou *Promptuario espiritual das mais principaes festas dos Santos, e da Senhora.* Naõ desconheceo a Provincia a sua capacidade, ainda para outros empregos, que algumas vezes o contou entre os seus Prelados.

P. Fr. Antonio Coutinho.

Mereceraõ a mesma lembrança os Religiosos seguintes: o Mestre Frey Thomaz Aranha, (a que alguma tradiçaõ faz filho de Coimbra) grande talento para tudo, e em qualquer emprego parecia que estava todo. Repartia-o com felicidade entre a Cadeira, e o Pulpito. Foy dotado de rara erudiçaõ; ainda mayor a fermosura, a viveza, a graça com que usava della. Honrou a estampa com repetidos trabalhos de seu estudo. Escutaõ-se ainda hoje suas memorias com agrado.

M. Fr. Thomaz Aranha.

O Padre Frey Domingos da Assumpçaõ, de vida exemplar. A experiencia, que se tinha della, o levou a Mestre de Noviços no Convento de S. Domingos de Lisboa, naõ menos ao Bispado de Santo Thomé, para que o inculcou sua opiniaõ, e em que o collocou a dos que entendiaõ bem, que taes lugares querem quem vá levar doutrina, e naõ quem vá buscar honra. Nem o arriscado do clima o divertio da jornada; antes desprezou a vida, por passar a descobrir áquellas ovelhas o caminho da eterna.

O P. Fr. Domingos da Assumpçaõ, Bispo.

Entre tambem neste numero o Mestre Frey Vicente Pereira, grande Theologo em huma, e outra Theologia, Mystica, e Escholastica. Na primeira servio de exemplo, na segunda de Oraculo. Suas grandes letras assaz reconhecidas o collocaraõ no zenith dellas, lendo a Cadeira de Prima na Universidade de Coimbra, sendo nella o terceiro nos Lentes da Ordem, e o primeiro, que a possuio depois que nos foy dada de propriedade por Filippe II. em Portugal, III. em o resto de Hespanha. Fez elRey a merce á Religiaõ em 23. de Outubro de 1615.

O M. Fr. Vicente Pereira.

Fernandes in confert. Prædic.

Mereça-nos a mesma memoria o Mestre Frey Diogo Artur, porque, ainda que Hibernio, o perfilhou esta Provincia, a que o trouxe o grande brado de suas letras a occupar a mesma Cadeira de Prima, lugar, que encheo depois dos Mestres Frey Antonio da Resurreiçaõ, que foy Bispo de Angra, e Frey André de Santo Thomaz, de que já em seus lugares fica noticia

O M. Fr. Diogo Artur.

mais

mais individual. Foy promovido á Cadeira o Meſtre Fr. Diogo no anno de 1637. e nella continuou até o de 1646. em que foy apoſentado por elRey Dom Joaõ o IV com cento e dez mil reis de tença. Aſſim veyo a Religiaõ a poſſuir a dita Cadeira desde que foy inſtituida por elRey Dom Joaõ o III. em Coimbra, no anno de 1534. até o preſente ſucceſſivamente, ſem mais interrupçaõ, que a de hum pouco de tempo, que a leu em huma vacatura o Padre Meſtre Franciſco Soares Granatenſe, da Companhia de Jeſus.

Occupava neſte meſmo tempo a Cadeira de Prima de Eſcritura o Meſtre Frey Jorze Pinheiro, ſogeito grande, que eſta Provincia reconheceo Provincial, e a Inquiſiçaõ de Coimbra Deputado. Em huma, e outra Cadeira ſe ſuſpenderaõ eſtes Padres pela perplexaõ, que houve em huma propoſta, de que ſe devia eſperar a reſoluçaõ do Geral; que dilatando-ſe alguns annos, deraõ os noſſos Monarchas a ſubſtituiçaõ da Cadeira de Prima a outras Religioens, em que naõ duvido que as letras fariaõ igual juſtiça, a naõ ſer eſta toda noſſa.

Temos dado fim com eſte primeiro livro ás noticias dos Religioſos, que neſta Provincia nos executaraõ a eſta memoria, authorizando-a com ella: mas como o Padre Frey Luiz de Souſa na ſegunda, e terceira Parte, a que ſe ſegue a que eſcrevemos, faz liſta dos Provinciaes, que tinhaõ governado até o anno, em que ſuſpendeo a penna, que foy o de 1613. ſerá razaõ que naõ faltemos a eſta circunſtancia, e eſtylo de hiſtoriar, em que muitas vezes ſe póde deſejar ſemelhante clareza nos ſucceſſos da Provincia, accreſcendo o dar aſſim lugar a ſogeitos, que o naõ deſmerecem para a ennobrecer, como o tiveraõ para a governar. Conhecerſehaõ na reflexaõ, que fizermos na ſerie, que he a ſeguinte.

Serie dos Provinciaes, que governaraõ eſta Provincia deſde os annos de 1613. até o preſente de 1729.

O ultimo Provincial, que aponta o Padre Frey Luiz de Souſa, eleito em S. Domingos de Lisboa por Mayo de 1612. foy o Padre Frey Agoſtinho de Souſa, illuſtre por naſcimento, e taõ conhecido por capacidades de prudencia, e refórma, que ſe lhe commetteo a dos Padres Loyos da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta pelos annos de 1629. Governou os ſeus 4. annos.

Em 1616. feito Capitulo em Bemfica, foy eleito o Meſtre Frey Thomaz de Brito, que depois morreo em Evora Deputado do Santo Officio. Preſidio neſte Capitulo hum Religioſo Caſtelhano, por nome Frey Agoſtinho, por mandado do Reverendiſſimo Frey Serafino Sico. Governou os 4. annos.

Em 1620. ſendo o Capitulo em Santarem, foy eleito o Meſtre Frey Diogo Ferreira, ou Baralho, Conſultor do Santo Officio. Govenou os quatro annos.

Em 1624. tornando a ſer em Santarem o Capitulo, foy eleito o Meſtre Frey Antonio Tarrique, Deputado do Santo Officio. (viſitava neſſe tempo eſta Provincia o Meſtre Frey Domingos Pimentel, Caſtelhano, da Caſa dos Condes de Benavente, que depois foy Biſpo de Cordova, Arcebiſpo de Sevi-lha,

lha, e ultimamente Cardeal da Igreja Romana, feito pela Santidade de Innocio X. no anno de 1652.) Governou os quatro annos.

Em 1628. celebrando-se Capitulo em S. Domingos de Lisboa, foy eleito o Meſtre Frey Manoel Telles, que governou até 22. de Dezembro de 1631. porque entaõ o tiraraõ para Arcebiſpo de Goa. Paſſou a Caſtella a dar as graças a elRey. Sagrou-o em Santo Domingo el Real Dom Joaõ Manoel, Biſpo de Coimbra, que entaõ ſe achou na Corte de Madrid. Já apontamos em ſeu lugar, como o Arcebiſpo faleceo na viagem.

Em 22. de Dezembro de 1631. tornando a celebrar-ſe Capitulo em Lisboa, foy eleito Frey Franciſco de Sottomayor, Caſtelhano, que ao preſente aſſiſtia em Caſtella; anticipouſe-lhe a morte á poſſe do cargo. Preſidio neſta eleiçaõ Frey Pedro Manrique de Eneſtroſa Caſtelhano, por ordem do Reverendiſſimo Rodulfo. Parece, que naõ approvou o Ceo, nem devia approvar eleiçaõ, em que o poder de Caſtella, ou a ambiçaõ favorecida delle, ſe introduzio a uſurpar a preſidencia, e a prelazia, em prejuizo, e aggravo dos ſogeitos grandes, que neſta Provincia tinhaõ juſtiça para huma couſa, e outra. Mas veyo a reſtituirſe-lhe o governo, ficando por morte do Provincial eleito na maõ de Frey Agoſtinho de Souſa, como Prior de Lisboa, que de preſente era, Caſa, em que eſtava aſſignado o Capitulo futuro. Aſſim governou Frey Agoſtinho, como Vigario Geral, até 28. de Janeiro de 1634.

Celebrouſe Capitulo no meſmo Convento de Lisboa em 28. de Janeiro de 1634. e ſahio eleito o Meſtre Frey Jorze Pinheiro, peſſoa de grande nome, que occupou a Cadeira de Prima de Eſcritura na Univerſidade de Coimbra, e foy Deputado do Santo Officio. Governou tres annos até Mayo de 1637.

Em 1637. elegeraõ em Liſboa o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, do Conſelho Geral do Santo Officio, Prégador delRey. (já ſua vida nos deu neſte livro aſſumpto a larga eſcritura) Aſſiſtia entaõ na Corte de Madrid com importancias do Santo Officio. Governou quatro annos.

Em 1641. foy eleito em Liſboa o Meſtre Frey Alvaro de Caſtro, Deputado do Santo Officio, que governou os quatro annos.

Em 1645. celebrando-ſe o Capitulo em Lisboa, aſſiſtio por Preſidente da eleiçaõ, por commiſſaõ eſpecial do Meſtre Geral Frey Thomaz Turco, o Meſtre Frey Domingos do Roſario, Hibernio; vieraõ do meſmo Reverendiſſimo tres apontados, ſem excluſiva. Foraõ o M. Fr. Manoel Rebello, o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens, e o Meſtre Frey Fernando da Encarnaçaõ, ſogeitos de grande reputaçaõ na Provincia, (dos dous ultimos fizemos já mais larga memoria) mas foy a eleiçaõ fóra dos apontados, em Frey Ignacio de S. Payo. Houve erro ſobre o eſcrutinio; convocaraõ outra vez a Capitulo, naõ ſe achou nelle o Preſidente Hibernio (que até entaõ fora Viſitador deſta Provincia) nem o Eſcrutador mais antigo, que era o Meſtre Frey Ma-

Manoel Rebello. Fez-ſe a eleiçaõ no meſmo Frey Ignacio, que remettida ao Geral, a annullou, e reſolvendo em conſelho que eſtava devoluta a ſi, inſtituîo Provincial da Provincia ao Preſentado Frey Mauricio da Cruz. Tomou poſſe em Janeiro de 1646. governando no tempo, que mediou, Frey Agoſtinho de Souſa, com poderes, que lhe deu o Vice Colleitor Jeronymo Batallino.

Em Abril de 1649. dividido o Capitulo, ſahiraõ duas eleiçoens; naõ tiveraõ valor; caçou-as o Preſidente Geral de toda a Ordem, o Meſtre Frey Niculao Rodulfo, promovido a eſte lugar, (por morte do Meſtre Geral Frey Thomaz Turco) pelo Papa Innocencio X. de que impetrou Breve para inſtituir Provincial, que foy o Meſtre Frey Thomaz da Mota: tomou poſſe em Março de 1650. tendo governado no tempo, que mediou, como Vigario Geral, o Meſtre Frey Rafael da Fonſeca, Prior de Lisboa. Governou o Meſtre Frey Thomaz até o anno de 1653. em que veyo Patente de Viſitador Geral, e Vigario da Provincia (por ordem do Reverendiſſimo, o Meſtre Frey Joaõ Baptiſta de Marines, que morto o Reverendiſſimo Rodulfo, entrou a governar a Ordem) ao Meſtre Frey Manoel Ferreira, que depois morreo Deputado do Santo Officio em Evora. Governou hum anno.

Por 1654. convocado Capitulo para Santarem, foy eleito o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, peſſoa de grandes reſpeitos por ſua calidade, como irmaõ dos Condes de Obidos, e Santa Cruz. Já creſcido, (tinha entaõ acabado o governo de Tangere) o trouxe à Religiaõ hum ſingular affecto, com que abraçou as pençoens della; mas naõ lhe valeo o Sagrado a que fogio, que lá foy perſeguido ſeu preſtimo, de quem fiava delle a felicidade de acertar em tudo, mandando-o elRey Dom Joaõ o IV. por Embaixador a Hollanda. Naõ era menos o conhecimento, e experiencia, que tinha de ſua madureza a Provincia; eſtas as adherencias, que o levaraõ a Prelado della. Governou quatro annos, e faleceo já muy entrado nelles. Tem ſepultura em Bemfica, na Via Sacra, que corre do Capitulo para o Coro. Deveo á penna do Meſtre Frey Domingos de Santo Thomaz o epitafio, taõ merecido como do Meſtre Frey Diniz, taõ elegante como do Meſtre Frey Domingos.

No anno de 1658. convocado Capitulo para o Convento da Batalha, ſahio eleito o Prégador Geral Frey Jorze Coelho, que governou até Novembro de 1660.

Em 1660. veyo por Viſitador, e Vigario Geral da Provincia o Meſtre Frey Vicente Baronio, de naçaõ Francez, e dos reformados da Provincia de Toloſa, peſſoa de grandes letras, como teſtemunhaõ ſeus livros. Ficou ſuſpenſo o Provincial, e governou o Viſitador hum anno.

Em Janeiro de 1661. mandou o Reverendiſſimo Marines Patente de Vigario Geral da Provincia ao Preſentado Frey Miguel Bautiſta, tirando os poderes ao Baronio; e porque o Geral advertia na Patente, que

fazia

fazia a Frey Miguel Vigario *usque ad electionem suo tempore faciendam*, paſſado o tempo da eleiçaõ, confirmou ao Meſtre Frey Fernando Soeiro o motu proprio de Pio V. por ſer Prior de Bemfica, adonde eſtava aſſignado o Capitulo futuro. Tomou poſſe de Vigario Geral o Meſtre Frey Fernando, e vendo-ſe obedecido de quaſi toda a Provincia, baſtou o conhecer deſcontente a minima parte della, para deſiſtir do cargo; aſſim era ſeu animo deſpido de ambiçoens de governo! ou aſſim preferia o ſocego da Provincia aos reſpeitos de ſua peſſoa! Ficou governando o Preſentado Frey Miguel Bautiſta, naõ menos benemerito para o cargo aquelle que o recebia, que aquelle, que o regeitava, obrando em hum a prudencia o que em outro o zelo dá reforma; com a noticia deſta ſe perpetua a memoria de Frey Miguel, merecendo-a o religioſo, e obſervante de ſua vida, que duas vezes lhe poz nas mãos o governo da Provincia, como o das mais notaveis Caſas della. Governou como Vigario Geral até Setembro da meſma Era de 1661.

Em 27. de Setembro do meſmo anno veyo Patente por hum motu proprio de Alexandre VII. para o Meſtre Frey Bartholomeu Ferreira, que foy Deputado do Santo Officio em Lisboa, e em Evora, Religioſo de grande exemplo, a quem nem os cargos, nem as occupaçoens diſpenſavaõ das obrigaçoens do eſtado. Talvez largava o livro, porque o chamava o Coro; e talvez a penna, para pegar na vaçoura, quando ao Sabbado tocaõ na Communidade áquella demonſtraçaõ humilde, em que ſahem os Religioſos a varrer o Convento, ſendo dos Meſtres, Prelados, e Religioſos mais creſcidos o Clauſtro como lugar mais publico; neſte, como em todos de ſervir, e ſe abater, era o Meſtre Frey Bartholomeu o primeiro. Governou os quatro annos.

No de 1665. foy eleito em S. Domingos de Lisboa o Meſtre Frey Manoel de Vaſconcellos. Foy a Roma o Eſcrutinio com falta, por inadvertencia; caçouſe a eleiçaõ, e tornou a vir por Vigario Geral da Provincia o Preſentado Frey Miguel Bautiſta, que governou dous annos, e elegeo o Meſtre Geral em Provincial ao Meſtre Frey Manoel Pereira, que entaõ ſe detinha na Curia com o cargo de companheiro, e titulo de Provincial da Terra Santa. (já delle fica feita mais larga, e merecida memoria). Veyo a eſte Reyno; governou quatro annos.

No de 1671. no Capitulo de Lisboa foy eleito o Meſtre Frey Valerio de S. Raymundo, Inquiſidor da Meſa Grande, e Biſpo de Elvas, taõ digno daquelle cargo, como deſta Mitra, e tanto deſta reflexaõ, como da memoria, com que já nos deixa bem occupada eſta eſcritura; governou quatro annos.

No de 1675. veyo motu proprio ao Meſtre Frey Jorze de Caſtro, Deputado do Santo Officio em Lisboa, grande, e profundo Theologo, antes o Oraculo da Theologia no ſeu ſeculo, ſogeito digno de occupar mayores lugares (a que voava, ſem chegar nunca) o ſeu talen-

to, confirmado na fatalidade de o deixarem queixoſo. Governou os quatro annos.

Por 1679. ſahio eleito no Capitulo da Batalha o Meſtre Frey Simaõ de Macedo, Conſultor do Santo Officio, que faleceo em Agoſto de 1680. ficando por Vigario Geral ſeu irmaõ, como Prior da Batalha, o Padre Frey Manoel Pinto. Celebrouſe no meſmo anno de 1680. Capitulo no meſmo Convento da Batalha, e elegeraõ o Meſtre Frey Agoſtinho de Santo Thomaz, Conſultor do Santo Officio, que governou cinco annos, ſendo eleito em Dezembro.

No de 1685. tornando a convocarſe Capitulo na Batalha, (preſidio a eſta eleiçaõ o Meſtre Frey Gaſpar da Mota, Viſitador Caſtelhano) ſahio eleito o Meſtre Frey Manoel Leitaõ, que governou os quatro annos. Era Conſultor do Santo Officio, e da Junta das Miſſoens.

No anno de 1689. celebrando-ſe Capitulo em Evora, elegeraõ o Preſentado Frey Antonio Galraõ, que governou quatro annos de Provincial, de Vigario Geral hum, porque, celebrado Capitulo na Batalha pelos annos de 1693. em que, repartidos os votos, ſahiraõ eleitos o Meſtre Frey Manoel Veloſo, Deputado do Santo Officio, e o Meſtre Frey Manoel da Aſcenſaõ, Inquiſidor da India, naõ tendo effeito o Capitulo em Roma, continuou o Provincial aquelle anno com Patente do Nuncio.

No anno de 1694. no Capitulo de Lisboa foy eleito o Meſtre Frey Manoel Maſcarenhas, Conſultor do Santo Officio, e Examinador da Meſa da Conſciencia, em cujo governo vindo por Vigario, e Viſitador Geral o Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ, entre hum, e outro ſe encheraõ os quatro annos do governo.

No de 1698. veyo motu proprio de Innocencio XII. ao Meſtre Frey Joſeph Galraõ, que governou os quatro annos. Foy Conſultor do Santo Officio.

Pelo de 1702., celebrado Capitulo em S. Domingos de Lisboa, foy eleito o Meſtre Frey Joaõ Bautiſta de Marines, que perpetuado no Collegio de Santo Thomaz, foy reconhecido por hum grande Theologo. Foy depois Deputado do Santo Officio em Evora, e tambem neſta Corte, da Junta das Miſſoens.

Acabado o governo do Meſtre Marines, no anno de 1706. foy eleito o Meſtre Frey Manoel de Sénna, Conſultor do Santo Officio, e da Junta das Miſſoens. Faleceo Vigario do Sacramento, lugar de reputaçaõ, que occupou muitos annos.

Seguio-ſe no anno de 1710. o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, conhecido pelo cognome de Pontevel, que lhe deu ſua Patria. Foy Conſultor do Santo Officio, e hum dos Eſcritores da Ordem neſte ſeculo, em que compoz quatro Tomos ſobre o Evangelho de S. Mattheus, aproveitando-lhe a Imprenſa os trabalhos de muitos annos, aſſim do Pulpito, como da liçaõ da Sacra Pagina, de que foy Lente no Real Convento de S. Domingos de Lisboa, onde faleceo.

Seguio-ſe no anno de 1714. o Meſtre Frey Domingos de Santo Thomaz, Conſultor do Santo Officio, em que occupou

o lugar de Deputado de Lisboa, que vagou por morte do Meſtre Frey Manoel de Santo Agoſtinho. Foy tambem Deputado da Bulla. Era actualmente Prior de S. Domingos de Lisboa, quando entrou no Provincialado, que exerceo por tres annos.

Seguio-ſe no de 1717. o Preſentado Frey Manoel de S. Joſeph, que no de 1721. paſſou a Roma ao Capitulo Geral, em que foy eleito em Meſtre Geral de toda a Ordem dos Prégadores o Meſtre Frey Agoſtinho Pipia, que de Secretario do Indice (eſtimavel lugar, que pertence á Religiaõ, e de que teve o primeiro exercicio o noſſo doutiſſimo Portuguez Oleaſtro) paſſou ao Generalato, e delle á Purpura Cardinalicia no anno de 1724. chegando ao numero de ſeſſenta e oito dos que a veſtiraõ ſobre o Eſcapulario Dominicano.

Seguio-ſe o Meſtre Frey Antonio do Sacramento, Conſultor do Santo Officio. As Aulas Conimbricenſes, em que tomou o grao de Doutor, o eſcutaraõ conſummado Theologo, como os Pulpitos da meſma Cidade, e da de Lisboa o teſtemunharaõ inſigne Cultor Evangelico, exercicio, com que alguma vez enriqueceo o prélo. No ſeu tempo teve a Ordem de S. Domingos a ſingular gloria de ver a hum filho ſeu occupar a Cadeira Pontificia, no Cardeal Vicente Maria Urſini, nome, que teve na Religiaõ, e trocou no de Benedicto XIII. eleiçaõ milagroſa, como naõ eſperada, que, applaudida por toda a Chriſtandade, o foy ſingularmente da reverente, e Catholica attençaõ delRey Dom Joaõ o V. o Magnifico Noſſo Senhor, que diligenciando, e conſeguindo eſſa noticia anticipada, a mandou participar ao meſmo Provincial, a que hindo-lhe beijar a maõ, honrou, e a toda a Religiaõ com expreſſoens dignas de ſeu pio, e Real animo.

Deveo tambem eſte Prelado a eſte religioſo Numa Porguez, e Catholico Monarcha, a approvaçaõ de melhorar a Igreja de S. Domingos de Lisboa, livrando-a da improporçaõ, e irregularidade, que a faziaõ indecente, ſendo a ſua muita antiguidade (que já em partes a promettia menos ſegura) a primeira executora ao beneficio de innovada; empreza, que eſpiritos mais frouxos condemnaraõ temeraria; e vay moſtrando o effeito o que teve de judicioſa.

Muitos annos antes o tinha intentado o Meſtre Frey Manoel Maſcarenhas, ſendo Provincial, no reynado delRey Dom Pedro II. (de ſaudoſa memoria) que conhecendo-a improporcionada a braço, que naõ foſſe Real, (como o que ſabia, que fora deſempenho de dous Monarchas deſta Coroa) entrou em penſamentos de facilitalla. Deſvaneceo-ſe o intento; ſeria frouxidaõ de quem pertendia, porque naõ podia ſer arrependimento da generoſidade, que promettera. Agora com melhores auxilios deveo o Meſtre Frey Antonio (e eſta ſua Real Caſa) a elRey Noſſo Senhor as direcçoens, e idéa da nova, e proporcionada fabrica, que ſerá Sagrado padraõ de ſua Regia, e incomparavel beneficencia.

Já diſſemos que, governando eſta Provincia o Meſtre Frey Antonio, derribara (naõ ſem be-

beneplacito ſoberano) a antiga fabrica da Igreja, naõ ſó por irregular, e incompoſta, mas já taõ perſeguida dos annos, que antes pareceo acautelar ruinas, que meditar melhoras. A diſpendio, e diligencias do meſmo bemfeitor, ſe lhe vaõ (quando iſto eſcrevemos) conſeguindo algumas. Duas Capellas ſe vem já lavradas á moderna. Huma, que offereceo ao Santo Chriſto, como devoto; outra ao Meſtre Angelico, como diſcipulo; e paſſando a authorizar o corpo da Igreja, fabricou dous mageſtoſos Pulpitos de bem lavrada talha, alargando a maõ na ſua eſtructura, como agradecido ao nome, que lhe deraõ os theatros da prédica.

No anno de 1726. que damos eſta noticia, tem o Provincialado, como ſucceſſor do Meſtre Fr. Antonio, o Meſtre Fr. Joſeph de Santo Thomaz, Conſultor do Santo Officio. Paſſou a elle ſendo actualmente Prior de S. Domingos de Lisboa.

No anno de 1729. a 7. de Mayo, celebrando-ſe o Capitulo Provincial em S. Domingos de Lisboa, ſe elegeo o Muito Reverendo Padre Frey Chriſtovaõ de Santo Thomaz, Meſtre em Theologia, Conſultor do S.to Officio, ſendo actualmente Prior do meſmo Convento; e ao tempo, que iſto eſcrevemos, continúa com religioſos progreſſos o ſeu ditoſo governo, devendo-lhe eſta Provincia o perpetuarſe a gloria daquelles ſeus filhos, (aſſim obſervante, como literaria) que com tanta a ſerviraõ, e ennobreceraõ, mandando com zelo prelaticio, e eſpirito generoſo (como ſempre empenhado em promover as glorias da Religiaõ) dar á eſtampa eſta quarta Parte da Hiſtoria deſta Provincia, ſepultada por longos annos (em injuria de tantos benemeritos) na indigna omiſſaõ ou do pouco reparo, ou do culpavel deſcuido.

CAPITULO XXXVII.

Fundaçaõ do Convento de Santa Joanna, Princeza de Portugal, da Ordem dos Prégadores.

CORria o anno de 1697. quando por morte de Dom Joaõ de Caſtro Telles, ultimo poſſuidor do Morgado de Dom Alvaro de Caſtro, ſe poz em pratica a fundaçaõ do novo Convento de Santa Joanna, com tantos embaraços vencidos, que parece pode entender a piedade Chriſtãa, que entrou o Ceo com eſpecial Providencia na permiſſaõ deſta fabrica, ſendo eſtes os prodigios, que lhe ſerviraõ de preludios, porque naõ houveſſe fundaçaõ Dominicana, a que aquelles naõ abriſſem caminho, e conciliaſſem credito. Cheas eſtaõ as noſſas Hiſtorias deſtas verdades, e os Conventos deſta Provincia com os Cartorios cheyos de ſeus teſtemunhos. Mas baſte-nos o referir fiel, e brevemente o que precedeo aos principios deſta Caſa, ſem fazer comparaçaõ a outras, com o riſco de expormos o que eſtá eſcrito ao dezar de mal treſladado.

Foy Dom Alvaro de Caſtro hum Fidalgo taõ illuſtre, como diz o ſeu appellido, e taõ affecto á Religiaõ Dominicana, como todos os que o tiveraõ. Deſcançaõ entre nós (como os do meſ-

mesmo Dom Alvaro) os ossos de muitos, e por muitos os do esclarecido Vice-Rey Dom Joaõ de Castro, cinzas de grande Feniz, a que destinou igual urna o Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro na Capella, que lavrou no Convento de Bemfica. Descançava D. Alvaro de Castro na Patria, depois de a ter servido nas alheas, em huma Quinta sua, que ao sahir de Lisboa, junto ao Mosteiro de Santa Marta, fica na estrada, que corre da Cidade para o lugar de Nossa Senhora da Luz, que dá nome ao chafariz, que em hum largo, em que se remata a Quinta (de quem tambem he a agua) lhe fica servindo de espelho a huma janella, e fazendo o sitio delicioso á sede, e cançaço dos passageiros, como ao commodo, e divertimentos dos visinhos. Assim se ficou chamando o sitio *Chafariz de Andaluz*, nome, que o faz celebre entre os mais circumvisinhos á Cidade.

Tem a Quinta boa casaria, Palacio dos que naquelles tempos authorizavaõ huma Casa de campo, appetecida esta pelas liberdades delle, nas visinhanças da Cidade. Era esta Quinta, e Olivaes, que nas costas della se estendem, o principal, e mais bemparado da fazenda de Dom Alvaro, quando havendo de acompanhar a elRey Dom Sebastiaõ, com a mais nobreza, na infeliz jornada de Africa, e resolvendo-se como homem de consciencia concertada, e advertida, a deixar sem embaraços as importancias de sua alma, fez o seu testamento; e naõ se esquecendo do affecto grande, que sempre lhe deveo a Ordem, naõ contente com ter em o Convento de Bemfica jazigo, e Capella bem dotada, assim dispoz de sua fazenda, que veyo ultimamente a deixar a mesma Ordem por herdeira do melhor della.

Deixou a seu sobrinho Dom Leonardo de Castro as casas, e Quinta de Andaluz, com os Olivaes, e mais pertenças a ella, com clausula, que herdassem só os descendentes da linha recta, excluindo a transversal, e que em falta daquella, fosse chamado á herança o Convento de Bemfica, fazendo-se nas casas, e Quinta hum Convento da Ordem, pela direcçaõ do Provincial, que fosse pelo tempo. E para que se veja na prudente disposiçaõ do Testador o desejo, e ancia de dar mais huma Casa a esta Provincia, diz assim, tirado da verba do testamento, no corpo delle.

E assim com tal pacto, e condiçaõ, que o dito Convento (falla de Bemfica) *seja obrigado, dentro em dous annos, successivos á morte do ultimo possuidor, por quem assim houver a dita Quinta, pôr por obra, começar, e ordenar com effeito na dita Quinta hum Mosteiro de Frades da Ordem de S. Domingos, com todas as officinas a elle necessarias, do tamanho, que parecer ao Provincial, que a esse tempo for, &c.*

Assim dispoz Dom Alvaro o seu testamento, e assim ordenou o Ceo, que em o espaço de cento e dezanove annos faltasse successaõ por linha recta em huma taõ grande Casa, acabando em Dom Joaõ de Castro, ultimo da linha, para começar em acrescer as paredes de hum novo Convento desta Provincia,

ao

ao mesmo tempo, em que para lhe occupar os Altares, se beatificava huma filha della na Princeza Dona Joanna. Entrou o Provincial, que entaõ governava, o Mestre Frey Joseph Galraõ, em cuidados de dar cumprimento ao legado; mas vencida, quando menos se imaginava, a primeira difficuldade, qne era faltar successor, que entrasse na herança, topamos com outra quasi insuperavel, que era a de levantar nova Casa em tempo, em que povoada a Corte de Lisboa, (de que ficava taõ visinha a fundaçaõ, que se intentava) de tantas, e taõ grossas, fazia lembrar os inconvenientes grandes, que se seguiaõ a hum Reyno pequeno, desfrutado de rendas, que applicadas ao espiritual, faltavaõ ao civil.

Malquistava mais a nossa pertençaõ, a que tinhaõ os poderosos a huma Casa de Campo taõ nobre, e em tal sitio, que a fazia cobiçada ainda dos que estavaõ melhorados de vivenda. Engenhaõ-se facilmente dos cobiçosos os desaffeiçoados. Começou a nossa Communidade a criar inimigos, e a avultar nos olhos de todos o que, sem pertencer a nenhum, cresceo na valia; tudo o que se lhe foy impossibilitando a esperança. Discorriaõ, (por mais que naõ ignoravaõ a vontade do Testador) que parecia ambiçaõ o querermos outra Casa, quando na Corte estavamos logrando na de S. Domingos de Lisboa o melhor sitio della; outra á vista, no lugar de Almada; outra em pouca distancia, em Bemfica, naõ fallando em tres Mosteiros de Freiras dentro da Cidade, dous fóra, e na visinhança della, e hum de Hibernios, tudo da Ordem, ainda que nem tudo da Provincia.

Mas naõ advertiaõ, que para esta pertençaõ eramos chamados, (como o fomos para este Reyno) e o desinteresse com que em todas as partes delle nos houvemos nas occasioens, em que nos poderamos adiantar em lucros, naõ mal merecidos, como salarios, do que servimos sempre a Igreja, e naõ menos a Coroa; testemunho, que póde dar quem já lançou os olhos a nossas Historias, e hoje os passar, pela limitaçaõ, e pobreza de nossas Casas, a que nos recolhemos com o preciso para o sustento, em tempo, em que naõ passava de preciso, e que no attenuado de hoje deixa o campo aberto á necessidade; e se entaõ á vista do agrado, com que nos chamavaõ, e recebiaõ, eramos curtos, e acanhados até no aceitar, que seria depois no pedir? Mas callando estas repostas, como tolerando aquellas invectivas, sendo força dar satisfaçaõ ao legado, propoz o Provincial a elRey Dom Pedro II. as razoens da nossa supplica, apadrinhadas de duas circunstancias, que a todos o votos as faziaõ arrezoadas. Primeira, que naõ havia ainda neste Reyno Casa da Princeza Santa Joanna, novamente dada, e descuberta ao culto da Igreja pelos Principes della; e era reconhecimento ao Ceo, que lha deu Portuguéza, e Santa, veneralla Santa, e agradecella Portugueza, com demonstraçaõ apadrinhada por Sua Magestade, que a reconhecia tia sua. Segunda razaõ; que a Casa se fundava para hospedagem de Missionarios

para

para a India, e Christandades, que temos nella, para onde esta Provincia manda destes Reynos a sua missaõ todos os annos. Era o genio delRey pio devoto da Santa, reconhecido ás razoens de parentesco com ella, concedeo liberalmente a licença, como consta do Alvará, passado em Lisboa a 20 de Setembro de 1698. e he o seguinte:

Eu elRey faço saber, que o Provincial da Ordem de S. Domingos me representou por sua petiçaõ, que no testamento com que falecera Dom Alvaro de Castro, vinculara em morgado huma Quinta, que tinhaõ ao Chafariz de Andaluz, chamando para successores a Dom Leonardo de Castro, e seus descendentes, e na falta delles, ao Convento de S. Domingos de Bemfica, com tal condiçaõ, que neste caso seriaõ obrigados os Religiosos a principiar hum Convento de Frades da sua Ordem na mesma Quinta, dentro de dous annos depois da morte do ultimo possuidor; e que para proseguirem a obra do dito Convento, poderiaõ vender até dous mil cruzados das fazendas, que se achavaõ fóra da cerca da dita Quinta; e por quanto, por falecimento do ultimo dos descendentes chamados, que fora Dom Joaõ de Castro Telles, se viera a purificar o caso da substituiçaõ do dito Convento de Bemfica, o qual entrara de posse pacifica da dita Quinta, e para haver de dar cumprimento á vontade do Instituidor, tinha destinado fundar na dita Quinta hum Convento, consagrado á memoria da Princeza Santa Joanna da sua Ordem, para nelle se haverem de criar, e instruir Missionarios para a India Oriental, me pedia lhe fizesse merce conceder Alvará para o dito effeito; e visto o mais que allegou, informaçaõ, que se houve pelo Doutor Gaspar Mosinho de Albuquerque, Juiz da Coroa, e reposta do Procurador della, a que se deu vista, e naõ teve duvida: Hey por bem fazer merce ao supplicante, em veneraçaõ, e memoria da Princeza Santa Joanna, que dos bens, que lhe ficaraõ de Dom Alvaro de Castro, possa fundar na Quinta referida, sita ao Chafariz de Andaluz, hum Convento de Religiosos da Ordem de S. Domingos, para se criarem Missionarios, que vaõ propagar

a Fé Catholica á India Oriental, e que em nenhum tempo possa servir este Convento, senaõ para o ministerio da criaçaõ, e instrucçaõ dos mesmos Missionarios, tendo sempre aquelle numero, que commodamente se possa sustentar com as rendas, de que consta o vinculo do dito morgado, e que seraõ obrigados a mandar todos os annos aquelles Missionarios, que for possivel; e faltando a estas obrigaçoens, mandarey prover do remedio, que me parecer cunveniente: comprindo-se este Alvará inteiramente como nelle se contém, que valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçaõ do livro segundo, titulo quarenta em contrario. André Rodrigues da Sylva o fez em Lisboa, a 20. de Setembro de 1698. Joseph Fagundes Bezerra o fez escrever.

REY.

Conseguida a licença, deuse calor á obra, e em 25. de Novembro de 1699. dia de Santa Catharina Virgem, e Martyr, Protectora da Ordem, se lançou a primeira pedra. Fez a funçaõ Dom Frey Pedro Foyos, Bispo de Anel no Arcebispado de Lisboa, com o titulo de Bona, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Assistiraõ o Provincial, e Religiosos graves. Cresceo logo a fabrica da Igreja, espaçosa, e desembaraçada. Ficaõ lhe as costas ao Poente, e ao Nascente a porta principal, a que serve de Adro, e terreiro a estrada, que corre entre a Quinta, e huns Olivaes. He a architectura moderna; formaõ o corpo da Igreja quatro Capellas á face della. Abre-se a mayor com hum ayroso arco, e vaõ espaçoso em correspondencia de toda a obra, a que algumas janellas em proporçaõ introduzem a muita luz, que lhe serve de alma. Assim á maõ direita, como á esquerda, lhe fica campo direito, e desembaraçado para hum proporcionado Convento, com todas suas officinas, em que se trabalha com o vagar de fundaçaõ pobre, e desvalida, sendo nos Religiosos de S. Domingos peregrina, ou totalmente ignorada aquella agencia, com que vemos crescer outras cada dia. Taõ pouca a ambiçaõ, que ha nesta Provincia de ter mais huma Casa! Ou taõ pouco o commercio com os ricos, e poderosos, que a podiaõ pôr em outra altura! Bençaõ será de Nosso Patriarcha S. Domingos, que desde suas primeiras fundaçoens, quiz as suas Casas pobres. Antes Aulas para o estudo, que Palacios para o regalo.

Esta he a ultima fundaçaõ, que nos deu assumpto até este anno de 1706. em que vamos escrevendo quanto ao que pertence a Casas de Religiosos; e estas as noticias dignas de memoria, como do emprego da nossa diligencia, e escritura quanto aos filhos desta Provincia. A muitos mais poderamos estender a penna, se nos levara a ambiçaõ de dizer muito, antes que o conselho de naõ passar do preciso, ou a cautela de naõ enfastiar repetindo o mesmo. Teve esta Provincia muitos filhos observantes das Constituiçoens, e Regra, que professaraõ, sendo este exercicio hum argumento taõ claro de huma vida inculpavel, que chegou a dizer nosso grande Pontifice S. Pio V. *Que para canonizar hum Religioso Dominico, bastava a prova de que guardara as suas Constituiçoens á risca.* E naõ deixa de ser motivo de bem considerada reflexaõ, o haver tantos espiritos, que as guardassem nessa fórma, naõ tendo a sua observancia o freyo, ou o ameaço de culpa, que obrigasse a ella, porque Nosso Patriarcha attendendo á suavidade do jugo Evangelico, proposto pelo mesmo Christo á vontade dos homens, convidando, e naõ constrangendo (como escreve S. Mattheus do estylo, com que chamara á seus Discipulos: *Dixit discipulis suis: Siquis vult venire post me*) seguio o acerto do melhor Legislador, e naõ quiz carregar a guarda das suas leys com a rigorosa pensaõ de preceito, que obrigasse a peccado. Assim naõ incorrem nelle, nem ainda venial, os transgressores, (excepto se entra desprezo) ficando só sogeitos ao castigo dos Prelados, porque na simplez fracçaõ da ley ha pena, e naõ ha culpa.

Este he o argumento de especial favor do Ceo, no numero grande de observantes, naõ havendo o ameaço rigoroso de hum peccado, que sirva ou de freyo á liberdade, ou de estimulo á observancia. Mas como nesta numerosidade de Religiosos observantes, que neste tempo floreceraõ, entre o descuido de apontarem as suas acçoens, naõ achamos caso mayor, que os singularize, baste ás suas virtudes o ficarem á conta do justo Retribuidor dellas, de quem receberaõ o premio, que cada huma merece, escrito seu nome no volume da eternidade.

Mas ainda que alarguemos este Capitulo mais do costumado, he preciso encostar á noticia desta Casa huma nova gloria, que hoje veneramos nella. Deixou já escrito o nosso grande antecessor o deposito da Santa Princeza no Convento de Jesus de Aveiro, inferior ao Commungatorio na parte interior do Coro; lugar, em que descançaraõ suas veneraveis Reliquias até o anno de 1577. em que do primeiro caixaõ se trasladaraõ para outro em fórma de tumulo, de mayor grandeza, e artificio, de pao de evano, cuberto, e ornado com chapas de bronze douradas, guardando-se dentro outro caixaõ, em que estavaõ as Reliquias. Cercavaõ o tumulo grades do mesmo bronze, e cobria-o hum pano rico; pia, e devota liberalidade, com que quiz venerar a Santa, Dona Jeronyma de Castro, e que depois continuou com cubertura

de mayor preço a Duqueza de Caminha Dona Anna Manrique de Lara, que por algum tempo fez neſte Moſteiro aſſiſtencia. Em hum, e outro tumulo acreditou Deos ſua ſerva, e eſpoſa, ſendo continuos os favores, que experimentaraõ, e experimentaõ ſeus devotos na medicinal terra da ſua ſepultura, como apontaõ os que eſcreveraõ ſua hiſtoria, e eu ponderey com mais reflexaõ no Panegyrico da meſma Santa.

Aſſim eſtiveraõ as Sagradas Reliquias por muitos annos com a veneraçaõ de huma Miſſa de todos os Santos, que ſe cantava no dia de ſeu tranſito a 12. de Mayo, em que com a viſta do tumulo ſe contentava a devoçaõ do Povo. Havia Sermaõ em que ſe relatavaõ as virtudes da Santa; no Altar môr ſe collocava hum Retrato, e Vera effigies ſua, portentoſa para a piedade, e veneraçaõ Chriſtãa, como teſtemunhaõ muitos favorecidos, e entre elles o Prior do Convento de S. Domingos da meſma Villa de Aveiro, e o Conego Manoel Bello, reſtituidos, hum, e outro á repentina, e inteira melhora, ſó com a viſta, e veneraçaõ da prodigioſa pintura. Hoje ſe guarda eſta no Palacio dos Biſpos de Coimbra, deſde o anno de 1689. em que o Biſpo Dom Joaõ de Mello, (eſpelho de Prelados, e veneraçaõ, e ſaudade daquella Dioceſi) indo a formar os proceſſos para a Beatificaçaõ da Santa, e vendo, e admirando o dito Retrato, o pedio ás Religioſas com inſtancia, e o trasladou ao Paço, em que ſempre ſe tem conſervado com o meſmo culto, e experiencias repetidas de prodigioſo.

Chegou finalmente o anno, em que ſe começou a dar calor a mayor culto da Santa, que foy em 1626. em que á inſtancia das Religioſas. (em que eraõ taõ ardentes os deſejos de ver occupados os Altares com as ultimas veneraçoens da Santa, como os coraçoens o eſtavaõ para agradecer as piedades com que lhe aſſiſtia) mandou o Biſpo de Coimbra, que era entaõ Dom Joaõ Manoel, tirar inquiriçoens de vida, e milagres, a ſeu Proviſor Bernardo da Fonſeca Saraiva, que formou de tudo hum ſufficiente proceſſo, com que deu hum glorioſo principio a eſta ſagrada empreza, attribuindo-ſe eſte á piedoſa ancia, e eſpirituaes negociaçoens das Religioſas, ſabendo-ſe de huma, que por eſpaço de doze annos ajuntou á ſua ſupplica todas as ſegundas, e ſeſtas Feiras o jejum de paõ, e agua.

Entrou tambem a negociar a obrigaçaõ, em que a Santa poz a dous ſeculares nobres da Villa, o Doutor Joaõ de Mello, e Damiaõ Pereira da Sylva, que carecendo de filhos, a tomaraõ diante de Deos por medianeira, e fazendo particulares votos, ſe acharaõ com o que pertendiaõ, moſtrando-ſe agradecidos; Joaõ de Mello offerecendo, e tributando á Santa huma grande alampada de prata, e Damiaõ Pereira ſeiscentos mil reis, para ajuda dos grandes gaſtos, que trazem ſemelhantes negocios. Fez-ſe logo ſupplica ao Pontifice, (para o que paſſou á Curia o Preſentado Frey Manoel Maſcarenhas, que depois foy Meſtre, e Provincial deſta Provincia) para que ſe podeſſe rezar, e dar culto a huma Princeza de Por-

tugal, que acabando a vida no habito de S. Domingos, já de tempo immemorial devia ao ſeu Reyno, e ainda á veneraçaõ dos eſtranhos, a glorioſa anthonomaſia de Princeza Santa. Vieraõ Decretos ao Biſpo de Coimbra Dom Joaõ de Mello, para que formaſſe o proceſſo dos milagres, em que naõ foy o menor a ſobrehumana fragrancia, que, aberto o tumulo, e caixaõ, exhalaraõ as Santas Reliquias, naõ ficando ſó nas viſinhanças do Coro, e Moſteiro, mas paſſando á Igreja, em que todos, os que aſſiſtiaõ áquelle acto, o perceberaõ com ſuavidade, e aſſombro.

Tudo ſe propoz na Curia, em que já por morte de Innocencio, ſe achava na Cadeira Pontificia Alexandre VIII. a que ſuccedeo brevemente Innocencio XII. que á inſtancia do Senhor Rey Dom Pedro II. de ſaudoſa memoria, (que venerava na Santa huma eſtimavel conſanguinea) e do meſmo Biſpo, do Provincial de S. Domingos, de toda a Religiaõ, e muitos Senhores do Reyno, precedendo todos os Sagrados ritos, beatificou ſolemnemente a Santa no anno de 1693. como conſta da Bulla, paſſada a 4. de Abril do meſmo anno, que principia: *Sacroſancti Apoſtolatus cura*, &c. e logo no ſeguinte anno concedeo o meſmo Pontifice, que ſe rezaſſe da Santa em todo o Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas debaixo do rito Semiduplex, para o Clero, e Regulares, que veyo a ſer Duplex para a Religiaõ Dominicana; o que conſta do Decreto da Sagrada Congregaçaõ de Ritos, paſſado a 9. de Julho do meſmo anno.

Huma, e outra conceſſaõ foraõ applaudidas com jubilos Catholicos, e feſtivos apparatos, eſpecialmente em Aveiro, e na Corte de Lisboa, em que o Convento de S. Domingos expoz hum plauſivel triduo, com aſſiſtencias Regias, e religioſas, elegantes Panegyricos, e concurſos populoſos, ſendo tudo glorioſas reſultancias do zelo, piedade, e generoſa grandeza, primeiro do eſclarecido Rey D. Pedro II. Auguſta Rainha, e devoto Biſpo Conimbricenſe, que ſem perdoar a cuidado, e diſpendio, ornaraõ os Altares do Chriſtianiſmo com mais huma Santa; accreſcentaraõ á Coroa Portugueza mais huma pedra precioſa; e fizeraõ deſcobrir no Firmamento da Religiaõ Dominica mais huma Eſtrella. Finalmente no anno de 1715. a 6. de Abril concedeo, e ordenou a Sagrada Congregaçaõ de Ritos Oraçaõ, e Liçoens proprias para o Officio da Santa, gloria dos ſeus merecimentos, e conſolaçaõ dos ſeus devotos.

Aſſim moſtrou ſempre, que o era o grande, e pio Monarcha Dom Pedro II. que foy o que venturoſamente deu a primeira Caſa (que na Chriſtandade he a unica) a eſta ſua Princeza, como deixamos eſcrito. Mas outro monumento, (que, ainda que por erigido na Caſa de Aveiro, nos offerecia nella lugar para eſta memoria, aqui o fez mais proprio a liberalidade deſte Portuguez Alexandre) nos convidou neſte lugar para que ſe veja por junto o deſempenho da ſua devoçaõ, e da ſua grandeza com a Princeza Santa, no cuidado, no diſpendio, no culto, na Caſa, e no

no tumulo. Neſte, que lavrou á Santa na Caſa de Aveiro, com o diſpendio de doze mil cruzados, ſe levantou hum padraõ, que exporá aos olhos, e veneraçaõ da poſteridade a ſua pia, e Regia magnificencia, ſem que as mudezes dos jaſpes ſejaõ improprias á expreſſaõ de noticioſas vozes.

He o tumulo, ou Mauſoleo ſagrado (que fica no lugar do primeiro) quadrado, e alteroſo, lavrado de jaſpes finiſſimos com variedade de embutidos primoroſos, e em cada remate hum Anjo; ſobre o tumulo ſe vem as Quinas Portuguezas, e na face a Cora de eſpinhos, que a Santa eſcolheo por glorioſa empreza, e teve por eſtimavel troca. Toda a obra reſpira mageſtade, e move ſaudoſas lembranças, como urna daquella racional Fenis da virtude, da regalia, e da belleza, a que a penitencia foy aroma, a caridade pyra, e he ſegunda vida a da gloria. He o tumulo Altar de votos reverentes, refugio de affligidos miſeraveis, e manancial de ſobrenaturaes favores.

Para elle ſe trasladaraõ as ſagradas Reliquias no anno de 1711. no feliciſſimo reynado del-Rey Dom Joaõ o V. o Magnifico Noſſo Senhor; parece, que diſpondo a Divina Providencia, em beneplacito da meſma Princeza Santa, que ſe déſſe hum throno Regio ás ſuas ſagradas cinzas, quando ſobia ao ſeu hum Monarcha, que tendo o meſmo ſangue, lhe herdava com a Coroa o nome.

Foy acto mageſtoſamente feſtivo, em que ſe vio luzir a devoçaõ, zelo, e grandeza de animo do Biſpo Conde Dom Antonio de Vaſconcellos de Souſa, que por Decreto Real paſſou á Villa de Aveiro, convocando os Abbades de S. Tirſo, S. Bento de Coimbra, e os de S. Bernardo da meſma Cidade, e de Ceiça, e concluîo eſta grande funçaõ com todas as ceremonias, authoridade, e decencia, que ella pedia; permittindo o Ceo, para teſtemunhar em todo aquelle concurſo os merecimentos da ſua Princeza, hum caſo, que fez o acto mais glorioſo.

Achava-ſe a Prelada do Moſteiro de cama, com a penoſa ancia de huma febre aguda, agora mais creſcida com o preciſo embaraço de haver de faltar áquelle acto com a ſua aſſiſtencia. Propunha ella eſta impoſſibilidade, e eſta magoa ao Provincial da Ordem, (entaõ o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, mais conhecido pelo nome de ſua Patria Pontevel) que entrara na Clauſura a diſpor o preciſo para a funçaõ proxima; e ouvindo compaſſivo a queixa da Prioreza, lhe diſſe com impulſo devoto: *Madre, ſe he Prelada d'ſta Caſa, em que a Santa Princeza foy taõ obediente ſubdita, ponha-lhe hum preceito, para que a reſtitua á ſua perfeita ſaude, para ir aſſiſtir áquelle acto como Prelada, e adorar as ſuas Reliquias como devota.* Caſo prodigioſo! que proferindo a Prioreza o preceito, ſe achou com taõ repentina, e taõ inteira melhora, que com alvoroço teſtemunhou o prodigio, e para confirmaçaõ delle deixou o leito, e foy exercitar o ſeu officio, e aſſiſtir ao acto entre os aſſombros do Moſteiro, e do concurſo, aquelle, que vio, eſte, que eſcutou o prodigio. Mayores

ſe viraõ, e experimentaraõ na devoçaõ dos Catholicos; que depois deſta trasladaçaõ vem a venerar eſte ſagrado Mauſoleo, que a incuria inveterada deſta Provincia naõ ſó deixa paſſar ſem atteſtaçaõ authentica, mas nem ainda os entrega a huma ſimplez eſcritura.

Naõ poſſo aqui deixar de admirarme da ſegurança com que algumas pennas Portuguezas, ainda que naõ muitas, e ainda eruditas, havendo de dar noticia da Santa Princeza, cahem naquella affectada ignorancia de diminutas; porque dando-lhe o nome de Princeza, lhe callaõ o de Religioſa, ſendo huma couſa, e outra iguaes para a noticia, e havendo o ſegundo de lhe ſervir de diſtintivo no primeiro.

A noticia do eſtado, que profeſſou a Santa, he huma individuaçaõ accidental, que ſingulariza aquella Princeza; com que ainda ſem ſe entrar em mais obrigaçaõ, que a de lhe expreſſar a peſſoa, ſe deve naõ preterir a circunſtancia de Santa Religioſa Dominica, titulos, que a individuaõ, e calificaõ.

A Santa Princeza foy em Jeſu de Aveiro Religioſa da Terceira Ordem Dominicana; e naõ ſe ſatisfaz ainda a noticia mais eſcaça, dizendo, que foy *Princeza*, e que *em Aveiro tem ſepultura.* Com que eſte affectado ſilencio naõ ſó condemna ao Eſcritor de pouco noticioſo, ou muito diminuto, mas ainda he injurioſo aos Breves Pontificios, como ſe póde ver nos de Innocencio XII. Diz no primeiro da Beatificaçaõ, paſſado em 4. de Abril de 1693. no corpo do Breve:

... *proceſſus ſuper ſanctitate vitæ, & virtutibus Beatæ Joannæ, Alfonſi V. dum vixit Portugalliæ, & Algarbiorum Regis illuſtris natæ, ac Religioſi Ordinis Sancti Dominici, cognomento Sanctæ Principiſſæ.*

Em outro, concedido pelo meſmo Pontifice a toda a Ordem dos Prégadores, e a todo o Reyno de Portugal, para a reza, e celebridade da Santa Princeza, diz no principio aſſim:

Coimbrien. ſeu Luſitaniæ.
Canonizationis
Beatæ Joannæ,
Filiæ Alfonſi V. Regis Luſitaniæ,
Tertii Ordinis Sancti Dominici.

Diz mais no corpo do indulto:

... *Officium, & Miſſam de Beata Joanna, Alfonſi V. Regis Filia, Tertii Ordinis Sancti Dominici.*

Vejaõ agora os Eſcritores, que fazem capricho de ſemelhantes omiſſoens, ſe ſe condemna a ſua malevolencia ſilencioſa nas vozes dos Oraculos da Igreja.

CAPITULO XXXVIII.

Dos Religioſos filhos deſta Provincia, que occuparaõ, e ſerviraõ os lugares do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ. Aponta-ſe como os filhos de S. Domingos foraõ os primeiros, a que os Pontifices commetteraõ a fundaçaõ deſte Santo Tribunal; e as primazias, que nelle teve eſta Provincia.

ESCrevemos verdades puras, conhecidas, e diſputadas, naõ para oſtentaçaõ de primazias entre as mais Familias ſagradas, (emulaçaõ odioſa, e impraticavel entre os profeſſores da humildade) mas para moſtrar a antiguidade, e eſpiritual intereſſe, com que a Religiaõ Dominicana ſervio, e ſerve fiel, e deſveladamente á Igreja. Naõ contendendo pelas mayorias, mas pelas ſervidoens, como eſcutando a reprehençaõ do verdadeiro Prelado aos primeiros ſubditos, e Religioſos, que na Monarchia Eccleſiaſtica reduziraõ a diſputas a primazia.

Facta eſt autem contentio inter eos, quis eorum videretur eſſe maior. Lucæ cap. 22. v. 24.

Eſta he a noſſa tençaõ, valendo á verdade o privilegio de o ſer, contra a ſuſpeita de referilla quem ſe authoriza com ella. Naõ he iſto querer roubar a gloria alhea, he querer apoyar a opiniaõ, que a arrezoa noſſa, paſſando-a á evidencia; ſem temor de que me digaõ, que cada hum olha para a ſua juſtiça, ſem confeſſar o que val a ſympatia de propria. Porém ſe houveramos (e com razaõ) de attender á deſigualdade dos Patronos, pareceme, que antes ſe devia eſtar pela aſſeveraçaõ de hum Pontifice, como Sixto V. que pela de hum Eſcritor, com Bſovio; naõ ſendo menos gloria para as verdades da noſſa propoſta, o ſer hum ſeu Advogado eſtranho, como Paramo, eſpecialmente em eſtabelecimentos de reputaçoens, que forçoſamente as ha de defender quem a ſi as intenta arrogar.

Paramo de Origine Inquiſit. Tom. 1. cap. 2. p. 98. Monarchia Luſitan. Tom. 3. p. 138.

Que Noſſo Patriarcha S. Domingos foſſe o primeiro, que com o nome de Inquiſidor ſerviſſe a Igreja, impugnaſſe, convenceſſe, e puniſſe os inimigos della, moſtra largamente, e com fundamentos ſolidos o Padre Fr. Luiz de Souſa, confutando a pertinacia (que he a ſua razaõ unica) de dous Eſcritores de huma Religiaõ grave, que ſem advertirem, que deſauthorizavaõ os ſeus primeiros Chroniſtas, eſcrevendo o que elles naõ ſonharaõ, ſe vinhaõ a deſacreditar a ſi, eſcrevendo contra o que todos ſentiaõ. Com igual evidencia convence o meſmo Chroniſta a outro oppoſitor voluntario, com o teſtemunho do Pontifice Sixto V. em que ſe vê como, ſem competencia, foy Noſſo Patriarcha o primeiro Inquiſidor por authoridade Apoſtolica de dous Pontifices, Honorio, e Innocencio, ambos Terceiros no numero. Aſſim fica ſem controverſia, que foy S. Domingos o primeiro Inquiſidor por Letras Apoſtolicas, naõ ſó contra os Albigenſes, (contra quem ſe vio, e ouvio em campanha aſſim guerreira, como literaria) mas para todos os Reynos da Chriſtande, como aponta Fontana.

Fontana Monum. Domin. 1. p. c. 1. n. 1220. Param. Boroxenſe l. 2. Bſovi.

Feito primeiro Inquiſidor Geral Noſſo Santo Patriarcha, (já independente do Legado do Pontifice, condiçaõ, com que primeiro o fora) entrou nas funda-

daçoens dos Tribunaes com a mesma authoridade Apostolica de Honorio III. Fundou o primeiro em Tholosa de França, o 2. no Delfinado, o 3 em Pariz, o 4. na Cidade de Rens, o 5. na Cidade de Avinhaõ. Assim em Milam, Pavia, Vercellis, Mantua, Ferrara, Bressa, Torim, e Verona. Por morte de Nosso Patriarcha ficou como herança a seus filhos, como já bem exercitados, a commissaõ desta grande importancia, pelas Cabeças da Igreja. Assim seguiraõ a seu grande Pay com a occupaçaõ de Inquisidores, Conrado Constanciense, Prothomartyr da Ordem dos Prégadores, Provincial de Germania, e primeiro Inquisidor Geral nella, Frey Pedro Sillano, que assistio no Concilio Lateranense, Frey Guilielmo Arnaldo, Frey Bernardo de Peñaforte, e Frey Garcia Aura, que perderaõ a vida victimas da Fé, Frey Robaldo de Milam, Inquisidor de Tholosa, Frey Pedro Veronense, (depois S. Pedro Martyr) que com seu sangue escreveo o Symbolo da Fé, e estabeleceo o Santo Tribunal della, Frey Raynero Placentino, Frey Poncio, Frey Pagano, Frey Guilhelmo Costa, Frey Niculao Roseli, Frey Niculao Hymerico, Frey Niculao, e Frey Joaõ, ambos Hungaros, Bispos, Inquisidores, e Martyrey, Frey Antonio Pavono, e Frey Bartholomeu Cerveiro, mortos em odio da Fé, Frey Bartholomeu Podio, Frey Bartholomeu Lapaccio, Bispo Coronense, que se achou no Concilio Florentino, Frey Conrado de Catalunha, Martyr, Frey Pedro Cadereta, Frey Pavono, e Frey Antonio Siviliano Martyres, Frey Paulo de Dalmacia, Martyr, Frey Poncio de Tholosa Santo, Frey Joaõ Eschenfeld, Frey Guito, de Sexto, Frey Miguel Ghislerio, depois S. Pio V. Frey Vicente de Lisboa, Portuguez, Provincial de toda Hespanha, e Inquisidor Geral de todos os Reynos della. (huma das primasias desta Provincia) Mas passemos aos Tribunaes, que os mesmos filhos de Domingos fundaraõ, ou regeraõ em a Christande, espalhados por toda ella.

No que pertence á Regiaõ, que domina Italia, e se reparte em varias Provincias, ha em cada huma dellas seu Tribunal supremo, a que estaõ sogeitos, e subordinados outros inferiores. Depois dos que já temos apontado, na Lombardia superior ha hum Tribunal supremo, que está em Milam, e em que foy Inquisidor Geral S. Pedro Martyr; saõ-lhe sogeitos os de Bressa, Bergamo, Como, Pavia, Novara, e Crema. Em Piemonte, Estados do Duque de Saboya, ha hum Tribunal supremo; tem seu assento em Torim; saõ seus suffraganeos os de Asti, Vercelli, Mondovi, e Saluzzo. Na Marca Trivisina ha Tribunal supremo, que se fundou em Veneza, e lhe estaõ sogeitos os de Verona, Vicencia, Mantua, e Ferrara. Na Liguria ha Tribunal supremo, que reside em Genova, de que saõ suffraganeos os de Sena, Padua, e Trivisio. Na Marca de Ancona ha Tribunal supremo, que está em Ancona, e tem hum só, sogeito, em Perosa. Na Romaniola ha Tribunal supremo, que se fundou em Arimíno, com hum só suffraganeo em

em Faença. Na Lombardia inferior ha Tribunal ſupremo, fundado em Bolonha, depoſito ſagrado, e venturoſo do corpo de Noſſo grande Patriarcha S. Domingos; ſaõ ſeus inferiores, e ſubordinados o de Módena, Reggio, Parma, Placencia, Tortona, e Alexandria da Palha.

Em Florença ha Tribunal, fundado na meſma Cidade. Em Sicilia outro, fundado em Palermo. Em Napoles naõ ha Tribunal, ha hum Inquiſidor com nome de Commiſſario Geral, que ſempre deve ſer Religioſo Dominico. Em Alemanha ha Tribunal ſupremo, fundado em Teutonia, com trez ſuffraganeos, que ſaõ os de Dalmacia, Croacia, e Iſtria, Fundador de todos o noſſo Frey Gonçado de Vaſt. Em Hungria, e Polonia fundou os Santos Tribunaes o noſſo S. Jacintho, acabou o de Hungria, dominada eſta pelo Turco, e ficou em Cracovia o Tribunal de Polonia. Em Armenia, Ruſſia, Georgia, e Walachia fundaraõ os Tribunaes Frey Elias Petit, e Frey Joaõ Gallo, Dominicos. Nos Eſtados de Galandia foy o primeiro Inquiſidor Geral Frey Joaõ Stomach, Dominico, nelles levantaraõ os Santos Tribunaes Religioſos do meſmo habito; extinguiraõ-ſe, ſeparadas muitas Provincias da obediencia da Igreja; mas nós apontamos as fundaçoens dos Tribunaes, naõ a duraçaõ delles.

Em Bolemia, e Uratislavia houve Tribunal, fundado pelo Noſſo Santo Frey Ceslao, irmaõ de S. Jacintho. Na Armenia ſuperior fundou outro Frey Bartholomeu Pauco, Dominico. Nos Eſtados de Flandres, e Cambray fundou Tribunal Frey Roberto Coreh, Dominico. Em Tunes, e Marrocos fundou Tribunal, em tempo do Papa Honorio III. Frey Raymundo Martins, Dominico. No Reyno de Aragaõ, e Principado de Catalunha fundou o Tribunal o noſſo S. Raymundo de Peñafort, pelos annos de 1233. No Reyno de Valença fundou Tribunal Frey André Roz.

Pelos annos de 1232. occupando a Cadeira Pontificia Gregorio IX. paſſou hum Breve aos 6. dias de Mayo do meſmo anno, que começa: *Declinante jam mundi veſpere ad occaſum*, &c. em que mandava com preceito ao Arcebiſpo de Tarragona, e aos ſeus Biſpos Suffraganeos, que ou per ſi, ou por meyo dos Frades Prégadores, ou peſſoas idoneas inquiriſſem, ſe em ſuas terras havia gente infamada de hereſia. No ſeguinte anno deu o Arcebiſpo noticia do Breve ao Santo Fr. Gil Portuguez, Provincial da Ordem dos Prégadores em Heſpanha. (de todos os Conventos, que nella havia, ſe compunha entaõ huma ſó Provincia, depois ſe dividio, como hoje ſe vê, em muitas) Foraõ eſtas as primeiras letras Apoſtolicas, que vieraõ a ella, para ſe exercitar o Santo Officio, em virtude das quaes nomeou logo o Santo Provincial Religioſos ſeus para Inquiſidores. Aſſim começaraõ os noſſos Religioſos a ſervir o Santo Officio neſtes Reynos, em que por induſtria ſua ſe foraõ levantando os Santos Tribunaes, como em Caſtella, em que ſó havia Inquiſidores, até o tempo dos Reys Catholicos, fundou entaõ

Souſa. 1. p. l. 2. c. 19.

entaõ Tribunal em Cidade Real Frey Thomaz de Torquemada, Religiofo Dominico, Varaõ infigne em letras, e fantidade, Confeffor dos mefmos Reys, e depois Cardeal, que fendo o primeiro Inquifidor Geral do mefmo Tribunal, o paffou depois para Toledo, em que hoje refide, devendo toda Hefpanha a efte Varaõ o grande beneficio de lhe introduzir em fuas terras efte Tribunal Santo.

Paranuf. Fernand. Bfovi. in æmuli. Fontana 1482.

No tempo dos mefmos Reys Catholicos, e por induftria do mefmo Inquifidor Geral Frey Thomaz, fe fundou Tribunal em Andaluzia, em que até entaõ fó havia hum Inquifidor. (no tempo de Henrique IV. o era o Meftre Frey Alonfo de Oxeda, Dominico) Foraõ feus primeiros Inquifidores Frey Miguel de Murillo, e Frey Joaõ de S. Martinho, do mefmo habito.

Finalmente nas mais remotas partes da terra penetrou o zelo dos filhos de S Domingos, levantando o eftendarte da Fé, e fazendo-o venerar de feus emulos, e inimigos, como foy nas partes da Ethiopia Oriental, que chamaõ do Prefte Joaõ, adonde fe fundaraõ dous Tribunaes por dous Inquifidores noffos, hum na Cabeça do Imperio do Abexim, pelo noffo Santo Frey Pantaleaõ Abexim, outro em Nabia por Frey Bartholomeu de Tibuli, da mefma naçaõ, tambem Dominico, e acclamado por Santo em todo aquelle vafto Imperio.

Razi Chronica de S. Domingos folhas 299. Paramo l. 2. de origine Inquif. 2. c. 19. folhas 837.

A eftes dous Inquifidores Geraes fe feguiraõ outros com o mefmo cargo, celebres pelo zelo, pela fantidade, e pelo martyrio. Foraõ elles Frey Thacleay Manotho, illuftre por geraçaõ, mais por virtudes, e milagres. Frey Thaclavareth, fobrinho do Prefte Joaõ, de vida fanta, milagrofa, e coroada com o martyrio. Frey Filippe, (filho de Glareacas, Rey de Sceval no Imperio do Abexim) Varaõ em todo elle reconhecido por Santo, dotado de valor Apoftolico, e laureado com o martyrio, todos trez Religiofos de S. Domingos, filhos do Convento de Blurimanos. Suas vidas prodigiofas, ainda que breves, e recopiladas, podem ler os curiofos em Frey Joaõ dos Santos. E temos tocado em geral o que pertence á fundaçaõ do Santo Tribunal em toda a Chriftandade, e de alguns Religiofos noffos, Miniftros delle, por naõ fer do noffo Inftituto tratar de todos em huma noticia taõ recopilada; paffemos ao que mais propriamente pertence á promettida.

Fr. Joaõ dos Santos Ethiopia Oriental l. 1. cap. 9. e cap. 10.

CAPITULO XXXIX.

Continua-fe a materia precedente, e huma recopilaçaõ da fundaçaõ do Tribunal do Santo Officio no Reyno de Portugal.

CORria o anno de 1397. quando attendendo ao bem de Hefpanha o Papa Bonifacio IX. quiz inftituir hum Inquifidor Geral, que defendeffe eftes Reynos da pefte da herefia, que por toda a Chriftandade fe efpalhava pelos rebeldes á Igreja. Vivia por eftes annos o Meftre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial da Ordem dos Prégadores em toda Hefpanha, peffoa de grande reputaçaõ em letras, e virtudes em toda ella, como Con-

feſſor, e Prégador delRey Dom Joaõ o I. Neſte Varaõ, que levara as attençoens á melhor parte de Europa, poz o Pontifice os olhos, e quiz deſcançar aquelles cuidados, com que o deſvelava huma tal importancia. Fello Inquiſidor Geral, primeiro de Portugal, e Algarves, depois em todos os Reynos de Heſpanha, como conſta do Breve do meſmo Pontifice, paſſado em Julho de 1403. e diz aſſim:

Dilecto filio Vincentio de Lixbona Ord. Fratrum Præd. Sal. & Ap. bened.

Inter ſollicitudines varias, &c. quem dudum in Hiſpaniæ, Portugalliæ, & Algarbii Regnis hujuſmodi pravitatis Inquiſitorem deputavimus, ipſiuſque Inquiſitionis officium in hujuſmodi Regnis laudabiliter exercuiſti, prout exerces ad præſens, ſcies, & poteris per tuæ diligentiæ, & ſollicitudinis ſtudium, etiam de tota Provincia Hiſpaniæ hujuſmodi labem extirpare: te Inquiſitorem hæret. pravit. etiam in eadem Provincia authoritate Apoſtolica conſtituimus, &c. tibi per Apoſtolica ſcripta mandantes in remiſſionem peccaminum diſtrictius injungentes, quatenus in Regnis, & Provincia prædictis, omni timore poſtpoſito, præfatum Inquiſitionis officium, prout hucuſque exercuiſti illud in Regnis *prædictis &c. ut per tuæ ſollicitudinis providentiam, Herbæ, Arbores, Lapides, Altaria, & alia ad Idolatriam pertinentia, & radix pravitatis hæreticæ exinde penitùs evellantur*, &c.

Do que ſe collige, que foy o Meſtre Frey Vicente o primeiro Inquiſidor Geral, que teve Portugal, em que fundou eſte Tribunal Santo, ainda que naõ na fórma, em que depois ſe poz, e agora o vemos. Depois obrou o meſmo em toda Heſpanha. Nem embaraça ao Meſtre Frey Vicente a primazia de Inquiſidor Geral em toda Heſpanha a commiſſaõ, que Clemente V. mandou pelos annos de 1308. aos Inquiſidores de Portugal (ſem duvida Religioſos Dominicos) para ſe acabarem de extinguir os Templarios; porque aquelles naõ eraõ Inquiſidores Geraes. (Fontana an. 1308.)

Falecido o Meſtre Frey Vicente de Lisboa pelos annos de 1401., paſſou o meſmo Pontifice Bonifacio hum Breve ao Provincial de Heſpanha, da Ordem dos Prégadores, que foſſe *pro tempore*, (governava

por

por estes tempos hum só as Provincias de Portugal, Andaluzia, e Castella) para que com authoridade Apostolica podesse eleger, e confirmar Inquisidores, que exercitassem o pertencente ao Santo Tribunal; com declaraçaõ, que os ditos Provinciaes eleitores podessem em presença dos Inquisidores eleitos dispor, e resolver o que julgassem mais conveniente; e assim vinhaõ a ficar os nossos Provinciaes com jurisdiçaõ, e poder de Inquisidores Geraes. O Breve se guarda no Cartorio da Batalha, adonde entaõ devia residir o Vigario Geral, que governava as Casas de Portugal, a quem sem duvida foy concedido o Breve, porque Castella por este tempo estava em cisma, reconhecendo o Antipapa Clemente, e naõ a Bonifacio Pontifice legitimo; e naõ he crivel, que o Pontifice concedesse a quem o naõ reconhecia, huma occupaçaõ de tanta honra, e tal importancia para a Igreja; circunstancia, de que se tira outra singularidade para esta Provincia. Diz assim o Breve:

Provinciaes da Ordem dos Prégadores Inquisidores Geraes.

Bonifacius in perpetuam rei memoriam.

Breve de Bonifacio IX. aos Provinciaes da Ordem dos Prégadores.

Sedis Apostolicæ providentia circunspectans hæreticæ pravitatis labe respersos, quorum nequitia serpit ut cancer, ne in aliorum perniciem sua venena diffundant, remedium libenter adhibet opportunum, ut exinde negotia Catholicæ Fidei evulsis omnino, & eradicatis erroribus prosperentur, ac Fides ipsa fortius invalescat. Cùm itaque sicut accepimus, quondam Vincentius de Lisbona, Ordinis Fratrum Prædicatorum professor, olim in Provincia Hispaniæ Inquisitor hæreticæ pravitatis, per dictam Sedem deputatus extra Romanam Curiam fuerit vita functus, nos affectantes ad hujusmodi negotium Fidei ibidem efficaciter promovendum continuè talem deputare personam, cujus honesta conversatio exempla tribuat puritatis, ejusque labia erudita doctrinam fundant sapientiæ salutaris, ut ejus ministerio omne frumentum exinde labis hujusmodi expurgetur; authoritate Apostolica tenore præsentium ex certa scientia statuimus, & etiam ordinamus, quod ex nunc, & de cætero, perpetuis futuris temporibus, Provincialis Provinciæ Hispaniæ secundum morem prædicti Ordinis, qui nunc est, & pro tempore fuerit, ibidem Inquisitorem hæreticæ pravitatis hujusmodi, prout ei secundum Deum visum fuerit expedire autho-

authoritate Apostolica, quoties expedierit, deputare: ac bujusmodi Deputatum, sicut quoties sibi videbitur, ab hujusmodi officio removere, & alium loco suo subrogare. Ac etiam Inquisitionis officium hujusmodi quoties sibi placuerit, tam in absentia, quàm in præsentia Deputati hujusmodi pro tempore exercere possit, & debeat; qui quidem Deputatus pro tempore in hujusmodi negotio Inquisitionis procedere valeat, tam secundum indulgentias, & privilegia Inquisitoribus pravitatis ejusdem, dicta authoritate Apostolica deputatis, seu officia Inquisitionis hujusmodi exercentibus ab eadem Sede concessa, quam etiam secundùm Canonicas Sanctiones districtiùs inhibentes quibuscumque personis Ecclesiasticis, & mundanis, quorum interest, vel intererit quomodolibet in futurum, ne Provincialem, & Deputatum hujusmodi pro tempore super his contra præsentium tenorem impedire, seu molestare quoquo modo præsumant: ac decernentes ex nunc irritum, & inane, si secus super his à quoquam, quamvis authoritate, scienter, vel ignoranter, contigerit, attentari. Pro hujusmodi autem deputatione, ut præmittitur faciendam locorum Ordinariis, quominus Christi Inquisitionis officium super labe prædicta, prout volunt dictæ Canonicæ Sanctiones exercere valeant, & quibuscumque privilegiis Ordinis, vel Inquisitoribus, seu officio memoratis, si qua sunt eis à dicta Sede concessa, nullum volumus præjudicium generari. Nulli ergo omninò hominum liceat hanc paginam nostri statuti, ordinationis, & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Siquis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum ejus se noverit incursurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum, Kalendis Februarii, Pontificatus nostri anno decimo tertio.

Este

Este Breve se praticou depois na pessoa do Mestre Frey Luiz de Vallisoleto, (Confessor delRey Dom Joaõ II. de Castella) que por seu mandado assistio no Concilio Constanciense. Era este Padre o que entaõ tinha o governo, e ficou sendo Inquisidor Geral de toda Hespanha, como o fora o Mestre Frey Vicente de Lisboa. Depois, correndo o anno de 1419. achamos (naõ consta o motivo da divisaõ) Inquisidor Geral só dos Reynos de Portugal o Mestre Frey Joaõ de Santa Justa, filho de Coimbra; e naõ ficou mais memoria nesta materia até o anno de 1541. dos nomeados, correndo a nomeaçaõ nos Provinciaes.

Fontan. in nonum. Domin. an. 1419.

Reynando por estes annos em Portugal elRey Dom Joaõ o III. Monarcha piedoso, desvelado no augmento da Fé, como na refórma da Religiaõ, exercicios, em que foy outro Numa Portuguez, reproduzio nestes Reynos o Santo Tribunal, renovando-o, e pondo-o na fórma, que agora se vê, por conselho dos Mestres Frey André de Resende, seu Prégador, e Frey Francisco de Bobadilha, Confessor da Rainha Dona Catharina sua mulher, este Hespanhol, aquelle Portuguez, ambos Dominicos. Propuzeraõ a elRey para exemplar do que emprendia, a fórma, e disposiçaõ do Tribunal de Hespanha, fundado pelo Mestre Torquemada, de que já fica noticia, e he a que até o presente se observa neste Tribunal Santo de Portugal. Assim foy a reproducçaõ, e nova fórma delle pelos annos de 1541.

Fontan. an. 1551.

No de 1542. a teve tambem o Santo Tribunal de Roma. Tinhaõ os nossos Geraes, por authoridade Apostolica, poder para nomearem Inquisidores Geraes para toda a Christandade; o que exercitaraõ até o Pontificado de Paulo III. Dispoz este Pontifice na Curia o Santo Tribunal (como se vê hoje) na Congregaçaõ de seis Inquisidores Cardeaes, à que se passou toda a jurisdiçaõ, que tinhaõ os Mestres Geraes da Ordem dos Prégadores. Levantado este Tribunal, elegeo a Congregaçaõ dos Eminentissimos Ministros inferiores a ella, como Commissario Geral do Santo Officio, que o foy logo o Mestre Theophilo de Torpea, e se conserva sempre em hum Mestre da Ordem dos Prégadores. Este reside no Palacio da Inquisiçaõ com hum Adjunto, e dous companheiros, todos Mestres em Theologia da mesma Ordem. Alli tem Tribunal, em que preside, e faz Congregaçaõ á segunda feira, e usa de poder de justiça.

Instituîo depois o mesmo Paulo III. cinco Theologos Consultores do mesmo Tribunal supremo, para todos os casos, e resoluçoens delle; e o primeiro he sempre o Mestre Geral da Ordem dos Prégadores, o segundo o Mestre do Sacro Palacio, tambem da Ordem, e tambem perpetuo. Faz-se esta Congregaçaõ dos Eminentissimos á quinta feira, e entra na Mesa o Commissario Geral; o lugar he a cella do Mestre Geral da Ordem. Sendo-o o Mestre Justiniano, mandou continuar junto a ella grandes, e espaçosas salas para esta funçaõ. Feita ella no dia, que dissemos, vay o

Com

Commiſſario Geral dar parte ao Pontifice do que ſe obrou na Meſa; funçaõ, que tambem faz o Meſtre Geral, a que o Papa dá audiencia huma vez na ſemana. Neſta Congregaçaõ, e Tribunal do Santo Officio dos Eminentiſſimos ſe elegem Inquiſidores para toda a Chriſtandade, exceptos os Tribunaes independentes, como o noſſo de Portugal: e tornando a elle.

Depois de levantado na fórma, em que hoje continúa, teve primeiro ſeu aſſento em Evora; depois ſe fez ſegundo em Lisboa; depois em Coimbra; e ultimamente no Oriente na Cidade de Goa. Todos eſtes quatro Tribunaes eſtaõ debaixo da juriſdiçaõ de hum Inquiſidor Geral, que nomea os Inquiſidores, e Deputados para todos. Ha no Tribunal de Lisboa (que he a Cabeça a reſpeito dos trez, e lugar, em que aſſiſte o Inquiſidor Geral) duas Meſas; a Meſa Grande, a que chamaõ o Conſelho Geral; e a Meſa Pequena; os Miniſtros do Conſelho Geral ſaõ tambem do Conſelho delRey, e ſaõ ſeis em numero; hum he ſempre Religioſo Dominico. Occupa hoje eſte lugar o Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ. Na Meſa Pequena ha trez Inquiſidores, (e aſſim he nos Tribunaes de Evora, e Coimbra) donde ha ſó eſta Meſa, em que ſe explicaõ os lugares com o nome de Cadeiras. Os Deputados naõ tem numero certo; ſempre houve, e ha entre elles Religioſos Dominicos. Ao preſente ha trez, o Meſtre Frey Antonio Pacheco em Lisboa, o Meſtre Frey Joaõ Bautiſta em Evora, o Meſtre Frey Rodrigo de Alencaſtre em Coimbra. Diſpoem-ſe os Deputados para paſſar ao Conſelho ſupremo, havendo lugar vago. Tem o Conſelho Geral exercicio dous dias na ſemana, ás terças, e ás ſeſtas. A Meſa Pequena toda a ſemana, exceptos os dias Santos, e alguns feriados. Em huma, e outra Meſa deſte Tribunal ſaõ todos os Miniſtros peſſoas de vida exemplar, ſogeitos doutos, e pela mayor parte das boas calidades do Reyno, e ſempre das melhores o Inquiſidor Geral; lugar, que (quando iſto eſcrevemos) occupa Nuno da Cunha, Biſpo Capellaõ môr.

Tem mais eſte Tribunal Miniſtros inferiores, a que chamaõ Commiſſarios do Santo Officio, que reſidem nas terras principaes do Reyno, em que naõ ha Tribunal; a eſtes ſe commettem as importancias deſte. Por todas as Religioens tem ſeus Conſultores, para o que ſe offerecer de pareceres; ſaõ eſtes tambem Revedores dos livros, e papeis, que ſe imprimem no Reyno, ou vem de alguns, em que naõ ha Tribunal de Inquiſiçaõ. Deſtes he ſempre grande o numero, que ha na Religiaõ de S. Domingos, e ſaõ pela mayor parte tantos, quantos ſaõ os graduados. No Convento de S. Domingos de Lisboa tem o Tribunal perpetuamente dous, porque paga ordenados. Todos eſtes ſaõ peſſoas de opiniaõ em letras.

Tem mais eſte Tribunal outros Miniſtros inferiores, como Advogados, Meirinhos, Carcereiros, Porteiros, e Continuos, todos Chriſtãos velhos, e bem procedidos, a que ſe tiraõ exactas informaçoens, como

aos Familiares, que naõ tem numero certo, e saõ aquelles, que justificados, e reconhecidos por Christãos velhos, se admittem debaixo da protecçaõ do Tribunal, que se val delles para as prizoens dos delinquentes.

Esta he a disposiçaõ, e fórma deste Tribunal Santo, Oraculo da Fé, propugnaculo da Ley Evangelica, escudo da Igreja Catholica, Escola da verdade, freyo da heresia, e flagello do Judaismo. Este o a que se deve o conservarse neste Reyno a Fé pura; o que naõ succede em outros, em que falta este braço, e esta maõ da espada de Deos, a que devemos os Portuguezes dar infinitas graças, por querer, que os nossos Monarchas fossem defensores da sua honra, levantando nestes Reynos este sagrado Propugnaculo, para fazer guerra a seus inimigos; de que Nosso Patriarcha S. Domingos terá singulares graos de gloria, como o primeiro, que lançou a pedra, e depois continuou a fabrica desta inexpugnavel Torre, que coroa as muralhas da Igreja.

Posto este Tribunal Santo nesta fórma, que he a em que hoje continúa, o primeiro Inquisidor Geral, que se nomeou, foy Dom Frey Henrique, Religioso de S. Francisco da Provincia da Piedade; mas eleito pouco tempo depois Arcebispo de Braga, entrou no lugar o Cardeal Dom Henrique, irmaõ del-Rey Dom Joaõ o III. a quem succedeo na Coroa. Era o Cardeal zeloso, naõ lhe esqueceraõ as obrigaçoens do cargo, entrou em cuidados de eleger, e nomear Inquisidores; e como naõ desconhecia, que o Santo Tribunal tivera sua origem em S. Domingos, o muito, que tinhaõ trabalhado seus filhos pelos augmentos delle, e que a jurisdicçaõ, e poder de nomear Inquisidores, tinha andado nestes Reynos nos Provinciaes da Ordem, como tambem nos Geraes della em Roma, a respeito de toda a Christandade, attendendo a tudo, nomeou para Inquisidores quatro Religiosos Dominicos; ainda que ao mesmo tempo escolheo dous de duas Religioens distintas, e benemeritas.

Dos quatro Dominicos foy o primeiro o Mestre Frey Jorze de Santiago, que depois foy Bispo de Angra; nomeou-o o Cardeal em 10. de Novembro de 1540., e foy o segundo Inquisidor, que teve este Tribunal Santo, depois de instituido. O segundo foy o Mestre Frey Jeronymo de Azambuja, chamado vulgarmente o Oleastro, grande, e celebre Escritor; elegeo-o o mesmo Cardeal em 2. de Setembro de 1552. Inquisidor no Tribunal de Evora, e depois no de Lisboa. O terceiro foy o Mestre Frey Bernardo da Cruz, que foy Bispo de S. Thomé, e mandando-o o mesmo Cardeal Dom Henrique levantar, e instituir o Santo Tribunal na Universidade de Coimbra, foy nelle o primeiro Inquisidor. O quarto foy o Mestre Frey Manoel da Veiga, a que o mesmo Cardeal nomeou Inquisidor para o Tribunal de Evora, aos 10. de Outubro de 1566. Depois o foy em Coimbra, e ultimamente em Lisboa.

Fontana an. 1541. Paramo.

Fr. Antonio de Sousa nos Aforismos.

Sousa nos Aforism. e Frey Luiz de Sousa. 1. p. l. 6. cap. 37.

Sousa nos Aforism. Fr. Luiz de Sousa. 1. p. l. 3. c. 36.

Fontana ubi sup.

Sousa ubi suprà.

Fr. Luiz 1. p. l. 3. c. 37.

Depois correndo o anno de 1614., e governando estes Rey-

nos Filippe II. nelles, III. em Caſtella, attendendo ao que a Religiaõ de S. Domingos tinha obrado neſte Tribunal Santo, com incançavel zelo na defenſaõ da Fé, extirpaçaõ das hereſias, e Judaiſmo, houve por bem conceder (como primeiro muito de antes merecido, e logrado) a eſta Provincia hum lugar perpetuo no Conſelho Geral do meſmo Tribunal, mercê, que já fizera á Provincia de Caſtella, benemerita do meſmo premio, como incançavel no meſmo exercicio. Foy feita a mercê; e eſcrita a carta para ella ao Inquiſidor Geral Dom Pedro de Caſtilho, no Eſcurial, a 23. de Setembro de 1614. anda lançada na terceira parte da Chronica, e ſe mandou reſiſtar na Torre do Tombo deſtes Reynos, por Diogo de Caſtilho Coutinho, que entaõ era Guarda môr della, no livro das doaçoens delRey Dom Joaõ III. a folhas 186. Aqui a repetimos como em lugar proprio, e parte eſſencial do que vamos eſcrevendo; diz aſſim: *Fr. Luis de Souſa. 3. p.*

Carta delRey.

Por ElRey. Ao Reverendo Biſpo Dom Pedro de Caſtilho, do ſeu Conſelho de Eſtado, ſeu Capellaõ mór, e Inquiſidor Geral. Eu elRey vos envio muito ſaudar. Havendo reſpeito a que a principal obrigaçaõ do Inſtituto da Ordem de S. Domingos dos Prégadores he a defenſaõ da verdade de noſſa Santa Fé Catholica, e extirpaçaõ das hereſias, em que os Religioſos da dita Ordem ſe empregaõ ſempre com o cuidado, e zelo, que he notorio, e pela particular devoçaõ, que eu tenho: Hey por bem de lhe fazer mercê de hum lugar perpetuo no Conſelho do Santo Officio da Inquiſiçaõ deſta Coroa, aſſim como neſta lho concedi agora; e pela boa informaçaõ, que me foy dada das letras, e virtude do Meſtre Frey Manoel Coelho, tendo tambem conſideraçaõ ao tempo, que ha, que ſerve de Qualificador do Santo Officio, o nomeyo para o dito lugar do Conſelho delle, e vos encomendo, e encarrego muito, que em conformidade deſta reſoluçaõ ordeneis, que ſe paſſem logo os deſpachos neceſſarios, para elle haver effeito, e me venhaõ a aſſinar. Eſcrita em S. Lourenço, a 23. de Setembro de 1614.

Den-

Deu-se logo posse, em virtude desta ordem, ao Mestre Frey Manoel Coelho, do lugar do Conselho Geral, aos 30. de Outubro do mesmo anno, sendo Inquisidor Geral Dom Pedro de Castilho; e assim se foy, e vay continuando até o presente nos Religiosos de S. Domingos, naõ faltando contradiçoens, e embaraços, contra que prevalecem a justiça, e a razaõ, sempre favorecidas do zelo, e benevolencia dos nossos Monarchas. Foy o Mestre Frey Manoel Coelho Provincial desta Provincia de Portugal, Prégador dos dous Reys Filippe I. e II. pessoa de grande reputaçaõ em letras, e refórma de vida. Passou no anno de 1617. a o Tribunal de Evora.

Sousa nos Aforism.

O segundo, que occupou o lugar, foy o Mestre Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioso, antes herdeiro da Casa, que trocou pela mortalha Dominicana. Fora primeiro Deputado no Tribunal de Lisboa, depois Bispo de Viseu, grande Theologo, como dizem os seus escritos, grande Religioso, e grande Prelado, como se póde ver nestes nossos. O terceiro, que occupou o lugar, foy o Mestre Frey Antonio de Sousa, aos 8. de Junho de 1626. sendo Inquisidor Geral D. Fernando Martins Mascarenhas. Foy o Mestre Frey Antonio illustre por nascimento, muito mais por suas letras, testemunhas saõ as suas obras. Foy o quarto, que occupou o lugar, o Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, sendo Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, pelos annos de 1632. Foy o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, conhecido, e venerado, naõ só na Corte Portugueza, mas em todas as de Europa, pelas grandes qualidades de virtude, letras, e sangue. Foy Provincial da Provincia de Portugal, Prégador del-Rey Dom Joaõ o IV. Reformador da Universidade de Coimbra, recusou duas Mitras neste Reyno, e faleceo com opiniaõ de Santo. Já sua vida nos deu mais largo assumpto neste livro.

4. p. l. 1. cap. 8.

Neste livro c. 14.

O quinto, que occupou o lugar, foy o Mestre Frey Pedro de Magalhaens, que primeiro foy Deputado nos Tribunaes de Evora, e Lisboa. Nomeou-o o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, no anno de 1652. Foy o Mestre Frey Pedro de grande authoridade por letras, procedimento religioso, e nascimento. Succedeo-lhe no lugar o Mestre Frey Valerio de S. Raymundo, Provincial que foy desta Provincia, e Bispo de Elvas. Nomeou-o o Bispo Inquisidor Geral Dom Verissimo de Lancastro, depois de ter sido Deputado nos Tribunaes de Evora, e Lisboa. Vagando o lugar, nomeou para elle o mesmo Inquisidor Geral a Dom Frey Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, Secretario de Estado, e Provincial que fora desta Provincia de Portugal, querendo, que o Bispo occupasse o lugar da Religiaõ, visto ser Religioso da Ordem; o que resistido, e instado pelos Prelados della, consultou o mesmo Inquisidor Geral o ponto com os Lentes da Universidade de Coimbra, e foy-lhe respondido, que em consciencia devia nomear para o lugar (supposto este era Bispo) outro Religio-

ligiofo; o que fez logo na pef-foa do Meftre Frey Vicente de Santo Thomaz, que fora Deputado do Tribunal de Evora.

Vago o lugar por morte do Meftre Frey Vicente, efteve fete annos fem provimento, irrefoluto, e perplexo o mefmo Cardeal Inquifidor Geral Dom Veriffimo, com os muitos fogeitos (como elle dizia) benemeritos da nomeaçaõ, tempo, em que o colheo a morte; fuccedeo-lhe no lugar de Inquifidor Geral feu irmaõ Dom Jofeph de Lancaftro, Bifpo de Leiria, que tomando poffe, nomeou logo para os trez Tribunaes de Lisboa, Evora, e Coimbra trez Deputados Religiofos de S. Domingos, a faber para Coimbra o Meftre Frey Manoel Velofo, para Lisboa o Meftre Frey Gonçalo do Crato, e para Evora o Meftre Frey Antonio Pereira, que já em Goa havia tido efta occupaçaõ. Sufpendeo o provimento do lugar do Confelho General; e querendo annos depois fazello em fogeito fóra da Religiaõ, com promeffa de que depois daria o primeiro lugar, que vagaffe, á Ordem, em lugar do feu, que entaõ lhe intentava prover em fugeito de fóra, fe queixaraõ os Prelados, e Meftres della a elRey Dom Pedro II. que attendendo á juftiça da queixa, e á mercê feita pelos Reys antepaffados, e continuada por mais de oitenta annos nos Religiofos de S. Domingos, mandou ao Bifpo Inquifidor Geral, que nomeaffe fogeito da Religiaõ, digno do lugar; o que fez o Inquifidor na peffoa do Meftre Frey Gonçalo do Crato, nefte tempo Deputado no mefmo Tribunal; e aceita a nomeaçaõ por elRey, entrou o Meftre Deputado no lugar em 13. de Junho de 1697. Eftá lançada efta refoluçaõ na Secretaria de Eftado, no livro do refifto dos defpachos, que fe expedem para o Confelho Geral do Santo Officio, folhas 10. v. 5. Diz affim a refoluçaõ delRey: *Approvo eftas nomeaçoens, e mando paffar o defpacho para fe paffarem as cartas. E como a Religiaõ de S. Domingos he taõ benemerita ao Santo Officio, e lhe tem feito tantos ferviços, o Bifpo Inquifidor Geral me confultará logo o fogeito, que nella lhe parecer mais digno de fer provido no lugar do Confelho Geral: e quando vagar algum dos lugares de Clerigos, fe extinguirá o que agora fe prove de mais. Lisboa 24. de Mayo de* 697.

Por morte do Meftre Frey Gonçalo do Crato tornou o lugar a cahir em femelhantes irrefoluçoens ás que precederaõ ao feu provimento; affim fe retardou outra vez á Religiaõ alguns annos, em que chegou a morte do Bifpo Inquifidor Geral, mas tinha já feita a nomeaçaõ (que depois de fua morte fe publicou) na peffoa do Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ, que nefte tempo era Deputado no Tribunal de Evora. Affim paffou para o Confelho Geral, em que affifte quando ifto efcrevemos.

Refta-nos a noticia dos lugares do Tribunal da India, occupados pelos Religiofos de S. Domingos, por mercê, e graça feita á Ordem pelos Senhores Reys defte Reyno, e Inquifidores Geraes delle, com os olhos no zelo, que fempre acha-

acharaõ na familia Dominica, para servir, e defender a Igreja. Foy hum dos Religiosos o Presentado Frey Thomaz Pinto, mandado para Inquisidor do Tribunal de Goa por elRey Filippe I. em Portugal, e nomeado pelo Inquisidor Geral Dom Jorze de Almeida, em 6. de Outubro de 1586. Exercitou o cargo, como se esperava de sua vida, e zelo. Seguiose-lhe o Meſtre Frey Gaſpar de Mello, que occupou o meſmo lugar, mandado, e nomeado pelo meſmo Rey, e pelo meſmo Inquiſidor Geral em 18. de Setembro de 1588. Depois, correndo o anno de 1672. occupou o meſmo lugar de Inquiſidor o Meſtre Frey Lucas da Cruz, que foy Vigario Geral da India. Os ultimos, e mais chegados a eſte tempo, em que eſcrevemos, foraõ o Meſtre Frey Thomé de Macedo, que foy Vigario Geral da Congregaçaõ, e zeloſo Reformador della, como incançavel na occupaçaõ de Inquiſidor. Foy filho da Congregaçaõ, faleceo na perdiçaõ da nao Noſſa Senhora da Ajuda, vindo para eſte Reyno. Foy o outro o Meſtre Frey Manoel da Aſcenſaõ, filho da Provincia de Portugal; nomeou-o o Inquiſidor Geral Dom Joſeph de Lancaſtro em Fevereiro, pelos annos de 1694. voltando para eſte Reyno, faleceo nelle brevemente em 28. de Dezembro de 1701.

...ousa. ...forismo Fr. Luiz ...p. l. 3. ...ap. 7. ...ffonso ...ernandes Hist. ...or. Ec-...lesiast. ...ap.

Fr. Luiz ...p. l. 4. ...ap. 7. Fontan. ...an. 1672.

Eſtas ſaõ as noticias baſtantes a provar a razaõ, com que os Monarchas naturaes Senhores deſtes Reynos, ou Governadores delles, como foraõ os de Caſtella, puzeraõ no lugar do Santo Officio os Religioſos de S. Domingos; ſendo eſte grande Patriarcha o primeiro Fundador delle, ſeus filhos incançaveis Miniſtros, que continuos defenſores da Fé lhe tingiraõ com ſeu ſangue o Eſtendarte, com ſuas letras o arvoraraõ ſempre triunfante das heresias, contra quem por todo o Mundo continuaõ a guerra com os eſcritos, com as controverſias, com as perſuaſivas, como no tempo, que iſto eſcrevemos, ſe ſabe neſta Corte de Lisboa, em que Frey Rodulfo de Santo Thomaz, Religioſo Dominico, de naçaõ Hollandez, tem reduzido, e tirado das garras do demonio perto de oitenta Hereges proteſtantes, (que eſtaõ neſte Reyno, por razaõ do contrato) que elle meſmo ſacramentou na Igreja de S. Domingos, Convento, em que aſſiſte por Capellaõ, e Confeſſor dos Alemaens. O Padre Meſtre Frey Manoel da Madre Deos, que hoje vive no noſſo Convento do Porto, com a occupaçaõ de Commiſſario, e Qualificador do Santo Officio, tem com o meſmo zelo convertido á noſſa Santa Fé trinta e quatro Hereges de differentes naçoens do Norte. Naõ negamos com tudo, que nos Santos Tribunaes tiveraõ os Religioſos de S. Domingos, por muitas vezes (das outras Religioens Sagradas) Coadjutores zeloſos neſte exercicio, naõ baſtando a execuçaõ delle neſta fórma, para lhe tirar a propriedade, e a primazia.

CA-

CAPITULO XL.

Dos Religiofos de S. Domingos, pertencentes a efta provincia, e que nos Reynos, e Conquiftas de Portugal mereceraõ Mitras, como dos que fe efcufaraõ a ellas.

NAõ deu fó o Patriarcha S. Domingos (alcançando-o de Deos, como prometteo á fua Familia na fua ultima hora) o esforço de efpirito a feus filhos, para perfeguir, e triunfar do lobo infernal, como Paftores robuftos, e deftemidos; mas tambem lhes communicou a vigilancia, prudencia, e defvelo, para governar o rebanho de Chrifto. Naõ fó participaraõ eftes filhos daquelle Pay illuftre as virtudes, e qualidades de verdadeiros Paftores, contendendo, como David, com as facrilegas arrogancias de Goliad; mas conduzindo, como Moyfés, as ovelhas até o monte da Vifaõ, pelo deferto do Mundo, com o baculo do feu exemplo. Eftes foraõ os Prelados, e Principes, que da Religiaõ de S. Domingos paffaraõ a occupar as Cadeiras da Igreja; affim depois dos Miniftros do Tribunal da Fé apontaremos nos Arcebifpos, e Bifpos os cultores della, quanto ao que pertence a efta Provincia, Reyno de Portugal, e Conquiftas, tirando-os das Hiftorias, e Chronica della, para mais facil noticia dos que a defejarem nefta materia.

Foy o primeiro, quanto aos Arcebifpos, Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, Arcebifpo de Braga, Primaz das Hefpanhas, filho de Lisboa, e gloria della, como defta Provincia, Varaõ veneravel, e illuftre em letras, mais em fantidade. Em fua Beatificaçaõ fe trabalha ao prefente. Foy nomeado pela Rainha Dona Catharina, Regente deftes Reynos por morte delRey Dom Joaõ III. feu marido. O fegundo Dom Frey Domingos de Gufmaõ, filho natural do Duque de Medina Sidonia, e primo delRey de Portugal Dom Pedro II. Foy nomeado pelo mefmo Rey Bifpo de Leiria, e pouco depois Arcebifpo de Evora.

Quanto aos Arcebifpos da India Oriental. Dom Frey Ambrofio foy Arcebifpo de Cranganor, e Meliapor, pelos annos de 1526. reynando em Portugal Dom Joaõ o III. Foy efte Prelado incançavel na refórma, e augmento daquella Chriftandade, que ficou do Apoftolo S. Thomé; faleceo com grande opiniaõ de fantidade. Dom Fr. Jorze Themudo foy Arcebifpo de Goa, promovido por elRey Dom Joaõ III. da Cadeira Epifcopal de Cochim, fendo o primeiro, que a occupou. Seguio os mefmos paffos, do Bifpado de Cochim, para a Cadeira Primaz de Goa, (promovido por elRey Dom Sebaftiaõ) Dom Frey Henrique de S. Jeronymo pelos annos de 1566. foy morto com veneno em odio da Fé. D. Frey Vicente da Fonfeca foy Arcebifpo de Goa, nomeado por elRey Dom Filippe I. defte nome em Portugal; acompanhou a elRey Dom Sebaftiaõ na infelice jornada de Africa, adonde ficando cativo, reduzia a alguns dos inimigos da Fé. Dom Frey Manoel Telles, Provincial, que

Fontana an. 1526.

Soufa 1. p. l. 3. c. 36. Alonfo Fernand. Æthiop. Orient.

Fontana an. 1582.

Soufa 1. p. l. 3. c. 6.

Hieronymo de Mendonça l. 13. folhas 110. na hiftoria defta jornada.

que foy da Ordem dos Prégadores na Provincia de Portugal, foy Arcebispo de Goa, nomeado por Filippe III. em Portugal; faleceo na viagem, que continuava para a sua Igreja.

Quanto aos Bispos. Dom Frey Sueiro o Segundo deste nome foy Bispo de Lisboa, reynando Dom Sancho II. ainda esta Cadeira naõ era Archiepiscopal, dignidade, que teve no anno de 1330. Dom Frey Roberto foy o primeiro Bispo no Reyno do Algarve. Occupou a mesma Cadeira Dom Frey Bartholomeu, nomeado por elRey Dom Affonso III. Dom Frey Jorze de Padilha, sendo Portuguez, e filho desta Provincia, passou a Italia, adonde foy Bispo em Civita Ducale, no Ducado de Parma, pelos annos de 1607. Dom Frey Justo Baldino foy Bispo de Ceuta, reynando elRey Dom Joaõ o II. de quem foy muy estimado. Dom Frey André Dias foy Bispo de Megara, em Grecia, na Provincia de Achaya, pelos annos de 1432. reynando elRey Dom Joaõ I. renunciou o Bispado, e recolheose a Lisboa ao seu Convento.

Dom Frey Duarte Nunes passou ao Oriente com o titulo de Bispo de Laodicea (e foy o primeiro, que passou áquellas partes com o de Bispo) por mandado delRey Dom Manoel, para importancias de todas as Igrejas daquelle Oriente. Dom Frey Fernando de Tavora foy Bispo do Funchal, no reynado delRey Dom Joaõ III. ficou no Reyno para importancias delle. Depois foy Esmoler delRey D. Sebastiaõ. Dom Frey Jorze de Santiago occupou a Cadeira Episcopal de Angra, reynando elRey Dom Joaõ o III. vivia pelos annos de 1546. Dom Frey Jorze de Lemos foy Bispo do Funchal, pelos annos de 1556. reynando elRey Dom Sebastiaõ. Dom Frey Antonio Bernardes foy Bispo Titular de Martyria, para o que foy chamado por elRey Dom Joaõ III. de Coimbra, adonde era Bispo de Anel. Dom Frey Gaspar dos Reys foy Bispo Titular de Tripoli, no reynado delRey Dom Joaõ III. Dom Jeronymo Pereira foy Bispo Titular de Salé; vivia pelos annos de 1576.

Dom Frey Bernardo da Cruz foy Bispo de S. Thomé, reynando elRey Dom Joaõ o III. Ficou no Reyno por importancias delle. Occupou a mesma Cadeira Episcopal por nomeaçaõ do mesmo Rey, Dom Fr. Joaõ Bautista. Passou este Prelado á Ilha de S. Thomé, com doze Religiosos do seu habito, a prégar na sua Diocesi no Reyno de Congo, com grande exemplo, e igual fruto. Dom Frey Jorze de Santa Luzia foy o primeiro, que occupou a Cadeira Episcopal de Malaca, governando por algum tempo a Primaz de Goa, reynando elRey Dom Sabastiaõ. Dom Frey Gaspar da Cruz foy Bispo de Macao por elRey D. Sebastiaõ. Passou ao Imperio da China (antes da dignidade) e foy o primeiro, que ferio com as vozes do Evangelho nos ouvidos daquelle Gentilismo. Dom Frey Joaõ de Cintra, foy Bispo do Oriente, nomeado por elRey Dom Sebastiaõ, pelos annos de 1570. Dom Frey Antonio de Sousa, filho de Martim Affonso de Sousa, Governador da India, foy Bispo de Viseu por

[Margin notes, left:] ...sa 2. ...2. — ...amber- ...s Mal- ...nda ...stilho. — ...usa 1. l. 2. c. ...o. — ...ousa ubi ...up. — Alonso Fernan. in Conc. Pradic. fol. 455. — Sousa 2. p. l. 6. cap. 7. — Fontana an. 1432. — Sousa 2. p. — Fontana an. 1503. Fernan. in Conc. Pradic. — Fr. Joaõ dos Santos Æthiop. Orient. c. 12.

[Margin notes, right:] Fontana an. 1579. — Sousa 1. p. l. 3. c. 36. — Alonso Fernan. in Conc. Pradic. folhas 455. — Sousa 1. p. l. 3. c. 36. — Alonso Fernan. in Conc. Pradic. fol. 455. — Sousa 1. p. l. 6. c. 38. — Ambros. Altamu. — Fontana an. 1554. — Santos na Æthiopia. — Marchesio in Diario tom. 1. — Sousa. — Fontana an. 1579. — Maluenda de Antichristo c. 15. — Mendonça l. 2. Hist. da China. — Affonso Fernan. — Georgi Gracia. — Gravano Carmelita.

por nomeaçaõ delRey Filippe I. em Portugal. Foy Provincial deſta Provincia pelos annos de 1579. Vigario, e Generaliſſimo de toda a Ordem por Clemente VIII. no anno de 1594.

Marchéſio, e outros.

Plodio de viris illuſt. Ambroſio de Alta. Antonio de Souſa de Macedo, Flores de Heſpanha. Fontana 1604. Souſa, e Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 3. cap. 12.

Dom Fr. Joaõ da Piedade foy Biſpo de Macao, nomeado por Filippe II. em Portugal, pelos annos de 1606. Dom Frey Antonio Valente foy Biſpo de S. Thomé, pelos annos de 1609. nomeado pelo meſmo Rey. Dom Frey Antonio de Santo Eſtevaõ foy Biſpo de Angola, nomeado pelo meſmo Filippe. Fez em aquellas terras grande ſeara Evangelica. Dom Frey Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ, nomeado pelo meſmo Filippe, foy Biſpo de Cabo Verde. Aſſim ſe achavaõ quaſi todas as Conquiſtas povoadas da Familia Dominicana, como de Cultivadores grandes do Evangelho por inſtituto, muito mais por zelo.

Souſa 2. p. l. 2. c. 14.

Dom Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioſo, Varaõ veneravel por virtude, letras, e calidade, foy Biſpo de Viſeu, nomeado por elRey Filipe III. em Portugal. Já neſte livro nos deu mais largo aſſumpto. Dom Frey Antonio da Reſurreiçaõ, que tambem com ſua vida augmentou os deſta eſcritura, foy Biſpo de Angra, da nomeaçaõ do meſmo Rey, e Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra, e hum dos grandes Oraculos della. D. Frey Miguel Rangel, ſogeito grande em letras, e virtude, foy Biſpo de Cochim, e o ſexto, que occupou aquella Cadeira. Governou dous annos o Arcebiſpado de Goa. Foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India; faleceo ſuſpirado de toda ella, e ha de occuparnos neſte Tomo mais larga eſcritura. D. Frey Jacintho de Saldanha foy Biſpo de Anel em Goa, nomeado por elRey Dom Joaõ o IV., e ſagrado, governando já Dom Pedro II. pela difficuldade que houve ſobre o Pontifice paſſar as Letras para eſte Reyno.

Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 4. cap. 7.

Fontana an. 1631.

Dom Frey Lourenço de Caſtro, ſogeito abalizado em Cadeira, e Pulpito, occupou a Epiſcopal de Angra, depois a de Miranda, por nomeaçaõ delRey Dom Pedro II. de quem era Prégador. Já neſte livro nos deu mais largo aſſumpto. Dom Frey Manoel Pereira foy Biſpo do Rio de Janeiro, nomeado pelo meſmo Rey, que o deixou ficar no Reyno por Secretario de Eſtado. Foy Provincial da Provincia de Portugal, e Vigario Generaliſſimo de toda a Ordem, companheiro do Geral della, com o titulo de Provincial da Terra Santa. Já deixamos neſte livro mayor noticia. Dom Frey Valerio de S. Raymundo, reconhecido por hum dos mayores Theologos do ſeu tempo, foy Biſpo de Elvas, nomeado por elRey Dom Pedro II. foy Provincial da Ordem dos Prégadores, Deputado no Santo Tribunal de Evora, e Lisboa, depois do ſupremo Conſelho. Já neſte livro nos deu aſſumpto Dom Frey Pedro Pacheco, deſcendente do grande Duarte Pacheco, Scipiaõ Portuguez, rayo do Oriente, he Biſpo de Cochim, nomeado por elRey Dom Pedro II. pelos annos, que iſto eſcrevemos. Dom Frey Manoel de Santo Antonio, ſogeito de reputaçaõ grande em letras, e virtude, Biſpo de Malaca, nomeado pelo meſmo Rey, vive

Conde de Ericeira Portugal Reſtaurado p. 2. l. 12.

pelos

pelos annos de 1706. (que vamos continuando as memorias desta Provincia) administrando as Christandades das Ilhas de Solor com incançavel, e ardente zelo, filho de seu espirito. Dom Fr. Joseph de Jesus Maria, Bispo de Patara. Já deixamos mayor noticia sua. Fr. Francisco das Chagas he a este mesmo tempo Prelado, e Administrador dos Rios em toda a Costa da Ethiopia Oriental, desde o Cabo de Guardafú até o de Boa Esperança. He lugar de reputaçaõ, que tem occupado, e vulgarmente occupaõ os Religiosos de S. Domingos quasi sempre.

Quanto aos que nomeados para a dignidade Episcopal, lhes roubou a morte o que lhe dava o merecimento, foraõ o Mestre Fr. Fernando de Menezes, filho dos Senhores da Barca, ramo da illustre Casa de Marialva, Religioso reformado, e reconhecido Oraculo entre os Theologos de seu tempo, foy nomeado Bispo de Cochim, depois do Algarve por elRey D. Joaõ o IV. faleceo antes de ser sagrado, no anno de 1657. Fr. Fernando de Liove, natural de Anvers no Estado de Flandres, que viveo, e faleceo nesta Provincia, e está sepultado em S. Domingos de Lisboa, foy nomeado Bispo do Funchal por elRey Dom Joaõ o IV. Foy este Religioso Confessor de seu irmaõ o Infante Dom Duarte, e teve concluido o negocio de o trazer a este Reyno do Castello de Milaõ, adonde o deteve o Emperador Fernando III. em contemplaçaõ de Filippe IV. de Castella, a quem era formidavel hum taõ grande Soldado

Fontana in monum. Dom. año 1657.

nas guerras, que se seguiraõ ao levantamento deste Reyno. Fr. Luiz de Menezes, filho natural do Duque de Caminha, que passando (depois da Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV.) com o Duque de Aveiro a Castella, foy nomeado por Filippe IV. Bispo daquella Coroa, dignidade, que lhe roubou a morte. O Mestre Fr. Domingos do Rosario, de naçaõ Irlandez, Religioso de grandes letras, e reforma, de que em seu lugar daremos mayor noticia, foy nomeado Bispo de Coimbra pela Rainha Dona Luiza (governando este Reyno por morte de seu marido D. Joaõ o IV.) faleceo esperando as Letras.

Quanto aos que modestamente se escusaraõ ás Mitras, offerecidas pela Coroa Portugueza, foraõ sete, Fr. Jorze Vogado, Confessor delRey D. Manoel, grande Religioso, que recusou o Arcebispado de Braga, offerecido pelo mesmo Rey. Frey Pedro de Sayna, Hespanhol, perfilhado nesta Provincia, Confessor da Rainha Dona Isabel, mulher delRey Dom Manoel, que recusou a mesma Mitra, offerecida pelo mesmo Rey. Recusara já em Castella o Bispado de Abula. O Mestre Fr. Luiz de Granada, sogeito taõ grande, como o seu nome, que recusou o Arcebispado de Braga, que lhe offereceo a Rainha Dona Catharina, (de quem era Confessor) governando esta Coroa por morte delRey D. Joaõ o III. Mais Mitras recusou; sabemos, que a de Viseu, offerecida por elRey Dom Sebastiaõ. Tendo noticia, que o Pontifice Sixto V. o intentava crear Cardeal, trabalhou incançavel, reconhe-

Sousa. Alonso Fernan. in Conc. Prædic.

Cesar Espiciaro na vida de S. Carlos Marieta. Diogo, e Fr. Luiz de Sousa na sua vida.

conhecendo ao meſmo Pontifice por graça o naõ o obrigar com aquella. O Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, ſogeito grande, que recuſou o Biſpado de Viſeu, offerecido pela Rainha Dona Catharina, Regente da Coroa Portugueza. Frey Antonio Serraõ, que recuſou o Biſpado de Cochim. O Meſtre Fr. Jeronymo da Azambuja, vulgarmente o Oleaſtro, aſſaz conhecido, e venerado, que recuſou o Biſpado de S. Thomé no meſmo tempo.

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic.

Souſa 1. p. l. 3. c. 3.

O Meſtre Frey Gaſpar Leitaõ, grande Letrado, e Provincial deſta Provincia, que recuſou o Biſpado de Malaca, depois o de Cabo-Verde. O Meſtre Frey Joaõ de Valladares, Oraculo das letras neſte Reyno, que recuſou o meſmo Biſpado de Malaca, o lugar de Inquiſidor da India, e neſte Reyno o de D. Prior de Palmella. O V. P. M. Fr. Joaõ de Vaſconcellos, irmaõ de Dom Franciſco de Vaſconcellos, Conde de Figueiró, que recuſou o Biſpado de Miranda, depois o de Braga, offerecidos pelos Reys Filippes III., e IV. governando eſte Reyno. Fr. Franciſco de Santo Thomaz, Religioſo de inteira, e exemplar obſervancia, que recuſou o Biſpado de Macao, offerecido por elRey Dom Pedro II. Já nos deu aſſumpto neſte livro.

Souſa 2. p. l. 2. c. 15.

Souſa 2. p. l. 2. c. 16.

André Valdecebro na ſua vida folhas 104. e 113.

O mais, que aqui falta em materia de Prelados Portuguezes, e ainda eſtranhos, tirados dos Clauſtros Dominicos para as Mitras deſta Coroa Portugueza, e ſuas Conquiſtas, póde ver o curioſo Leitor no Clauſtro Dominicano, que eſcreve o Meſtre Frey Pedro Monteiro. Mayor individuaçaõ do que toca á Ordem, quanto ao Santo Tribunal, dandonos Deos vida, nos occupará agora a penna em verdades, ou expoſtas, ou diſputadas, introduzidas nas glorias Dominicanas, que intentamos expor ao Mundo, para confirmar verdadeiros, informar duvidoſos, e refutar obſtinados.

QUAR-

QUARTA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, PARTICULAR DO REYNO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO.

Das Religiosas, que floreceraõ, e tiveraõ nome em virtude nesta Provincia, desde o anno de 1614. que o Chronista della o Padre Frey Luiz de Sousa suspendeo a penna, até o de 1705. em que temos entre mãos a divida de continuar a sua memoria. Nelles iremos tocando o que a nossa industria, e diligencia chegou a descobrir de suas vidas, confórme a antiguidade das Casas.

CAPITULO I.

Das Madres Dona Violante de Mendonça, Dona Anna de Mendonça, Dona Francisca de Noronha, e Dona Ignez Henriques no Mosteiro de S. Domingos das Donas.

Mosteiro das Donas de Santarem.

NAõ sey decidir se he mayor a obrigaçaõ em que a Villa de Santarem (notavel entre todas as deste Reyno) poz a esta Provincia, hospedando naõ só os primeiros Religiosos, mas as primeiras Religiosas della; se a em que a Provincia poz a Santarem, buscandoa, e preferindo-a neste Reyno para primeira hospedagem de gente de tanto espirito. He sem duvida, que entre os que professaõ as verdades delle, sempre avulta mais o que recebem, que o que fazem; e na humildade religiosa (melhor Dominicana) sempre foy mayor brazaõ o saber ser agradecido, que o esperar agradecimento. Este recompensou sempre esta Casa, lembrada das obrigaçoens, como das glorias de primeira, sendo hum fecundo jardim de virtudes, flores, que passando-se a frutos bem sazonados, foraõ de utilidade commua, de credito para a Casa, de exemplo para a Villa, e de consolaçaõ para todos, ficando sem controversia com a primazia dos Mosteiros Dominicanos neste Reyno, visto per-

der, ou fugir o de Chellas a eſſe titulo, ſogeitando-ſe a outro governo, e naõ por ter ſido iſento do Dominicano, como quiz affirmar o mal conſiderado Siſifo, que levantando huma pedra, antes, que nos hombros da verdade, nos voluntarios alentos de huma penna, a poz no alto do Templo daquella Caſa, de donde cahe, e cahirá tantas vezes, quantas attender á ſua eſcritura qualquer madura, e bem verſada noticia. Mas porque naõ pareça, que alargamos eſtes eſcritos á cuſta das que ſe devem á alhea penna, remetto o curioſo á 1. Parte da Chronica deſta Provincia, em que o Padre Frey Luiz de Souſa, com clareza, e energia riſca, e confunde as letras daquelle padraõ, indecoroſo ás veneradas, e recebidas tradiçoens da antiguidade, e apocrifo contra as deſta Provincia, taõ ſeguras para o ſeu credito, como impugnadas ſó do capricho, ou do deſagrado.

Mas naõ he o ficar com o lugar de primeira, a gloria de que póde jactarſe eſta Caſa das Donas, mas do numero de heroicas filhas, que em tantos ſeculos lhe foraõ naõ ſó ſuſtentando, mas reproduzindo o eſpirito da obſervancia, (que ainda hoje ſe exercita na mayor parte das cultivadoras della) dandonos neſtes ultimos annos glorioſa materia para nova eſcritura. Seja a primeira a Madre Dona Violante de Mendonça. Foraõ ſeus pays Lopo de Souſa de Caſtro, e Dona Joanna de Caſtro, illuſtres, como o affirmaõ ſeus appellidos (nelles herdados, e naõ eſcolhidos) e venturoſos, como pays de huma filha, que conhecendo na virtude a mais legitima nobreza, entrou pelos ſagrados Clauſtros deſta Caſa taõ eſquecida das vaidades de que fugira para ella, que naõ houve acçaõ de abatimento, em que naõ edificaſſe a quem melhor a conhecia, ou em que naõ quizeſſe dar a conhecer, que o que deixara era nada; e o tudo o conhecer que o era.

A Madre Dona Violante de Mendonça.

Aſſim paſſou o anno de approvaçaõ com as eſperanças, que podia dar quem taõ reſoluta, e goſtoſa abraçara aquelle genero de vida, profeſſando ainda com mayores deſempenhos, que promettiaõ as eſperanças. A lãa junto á carne; ao jejum de ſete mezes ajuntava continua oraçaõ, e liçaõ bem meditada de livros ſagrados, com tanta intelligencia dos lugares da Biblia, que com ſingular promptidaõ, e propriedade os applicava aſſim para ſua refórma, como para a edificaçaõ de quem a ouvia; em ſua morte o veremos com ſufficiente prova. Era pratica ſua a confiſſaõ de mais indigna do habito, que trazia, adiantandoſe a ſervir em tudo, como ſe trabalhara por merecello. Era deſtra no Orgaõ, e incançavel no goſto de aſſiſtir ao Coro, ajudando com elle o canto ſagrado, em que ſe ſuſpendia ſuavemente ſua alma, imitaçaõ, e ternura do grande Agoſtinho. Naõ entrara no Moſteiro a Madre Sor Violante com o contrato de exercitar eſta parte; mas parece, que o fazia com Deos de louvallo como podia na terra; ſendo enſayo para o fazer na bemaventurança. Naõ devia de lhe prometter pouco lucro o contrato; porque, como ſe o deixara em herança, enſinou a duas

Flebat autem uberrimè in Hymnis, & Canticis ſuave ſonantis Eccleſiæ vocibus vehementer affectus. In ejus ſeſt.

duas sobrinhas (que no Mosteiro fez tomar o habito, e tinha comsigo) aquelle instrumento; pedindo-lhes, e lembrando-lhes sempre, que o que entoassem a elle, fossem cousas sagradas. E que mal escutado conselho nas que destras em semelhantes prendas, as infamaõ, e desnaturalizaõ em agradar, e divertir ouvidos profanos, naõ se isentando, nem o sagrado do Coro, de ser atalaya, em que se escutem vozes menos decentes, que as que destinou o Ceo para seus louvores! Culpavel lethargo de quem as devia mandar emmudecer, o naõ acordar á dissonancia, ou o adormecer na omissaõ!

Contava a Madre Sor Violante cincoenta annos, quando a assaltou huma doença, promettendo ser antes dilatada, que perigosa; mas sem duvida o foy tanto no seu voto, que chamando a Prelada, e muitas parentas, que tinha na Casa, lhes disse o pouco, que lhe restava de vida, propondo-o com tal segurança, que fez crivel naõ seria imaginaçaõ, ou conjectura sua, mas superior noticia com que o Ceo a illustrara; naõ se mostrando menos na conformidade, com que começou de disporse para o ultimo golpe. Pedio os Sacramentos, e recebendo-os contrita, e resignada, dava graças ao Senhor pela mercê, que lhe fizera, pedindo ás Religiosas, que repetissem, e entoassem o Miserere, que acompanhou com lagrimas, e demonstraçoens compungidas; e porque huma Religiosa, pondo-se lhe diante, lhe tirava a vista de huma janella, que lhe ficava fronteira, lhe disse: *Madre, deixeme ver o Ceo, que só essa vista me alegra*; suspiro daquelle grande, e Santo Prelado, que para encaminhar a Deos sua alma, pedia, que lhe deixassem ver o Ceo em semelhante hora.

Sinite me cælum videre ut spiritus dirigatur ad Dominum. Sanct. Martin.in ejus vita.

Suspendia-se nelle a Madre Sor Violante, por mais, que a apertavaõ as dores, que dissimulava sofrida; e perguntando-lhe huma Religiosa, que o reparava, se sentia alguma cousa, respondeo: *Timor mortis conturbat me.* Hia-lhe faltando o alento, pedio com grande ancia a Unçaõ; recebida, e dizendo-lhe huma irmãa sua, que já estaria descançada, repetio: *In pace in idipsum dormiam, & requiescam.* Pedio logo, que lhe dessem hum Crucifixo, e beijando-lhe as Chagas, apertando-o sobre o rosto, disse: *In baculo isto transivimus Jordanem*, e espirou, como se dissera: *Este he o bordaõ mais seguro para passar o arrebatado rio da morte, para o porto da eterna felicidade.* Ignora-se o dia. Sabe-se, que foy no anno de 1619. Mas naõ deixaremos em silencio hum caso merecedor de reparo; e foy que, havendo de levarse o corpo para o Coro, ao tirarse o esquife de huma casa, em que se guardava, se poz sobre a cuberta delle huma Pomba branca, parecendo impossivel o ter tido entrado na casa de donde sahia, como o ter vindo áquelle tempo de fóra, porque ninguem vira que caminho trouxera. Assistio no mesmo lugar ao Officio da sepultura; e cuberta a cova, se levantou no ar, e se perdeo de vista, ficando as Religiosas taõ suspensas agora de a naõ achar nenhuma diligencia, como primeiro desanimadas

das para a de lançarem maõ della.

Tia da Madre Sor Violante, e com muito mayor parentesco na virtude, foy a Madre Dona Anna de Mendonça, (que de profissaõ se chamou Anna do Espirito Santo) a que a grande observancia, gravidade, e modestia de sua pessoa negociaraõ muitas vezes o lugar de Prelada, que aceitou sempre constrangida, porque era todo seu genio viver retirada, naõ por esquivarse ao commercio das mais Religiosas, que amava, mas para empregar todo o tempo na oraçaõ, commercio de que só tirava lucro, e em que achava o centro do verdadeiro gosto. Assim lhe succedia o tempo, que se achava livre das pensoens de Prelada, que acabadas as funçoens da Communidade no Coro, ou de dia, ou de noite, se deixava ficar nelle, como se em todo o Mosteiro naõ conhecera outro lugar o seu descanço. Observante nas Constituiçoens, e Regra, só com apparecer parece, que reprehendia as defeituosas, e incitava as reformadas. Tal era o espirito, que se lhe lia no rosto, tal a reforma, que se lhe via no habito. Caritativa, e penitente, roubava-se a si mesma o sustento para soccorrer o pobre, e vinha a ser o seu jejum mais austero, tendo a sua caridade mais esse desafogo. Entrada em annos, cahio em huma grave enfermidade, que lhe apressou a morte. Pedio, e recebeo os Sacramentos com actos de verdadeira devoçaõ, e arrependimento, e acabou a vida sem mais desasocego, que a ancia de passar ao eterno descanço, pelos annos de 1627.

A Madre Dona Anna de Mendonça.

Naõ desmerecem fazer numero com estas duas grandes Religiosas, outras duas sinaladas por nobreza, e conhecidas por reforma de vida, a Madre Dona Francisca de Noronha, e a Madre Dona Ignez Henriques. Quasi no mesmo tempo viveraõ nesta Casa, e deixaraõ nella eterna memoria, primeiro de huma caridade abrazada com que acodiaõ ás affligidas, assistiaõ ás enfermas, e se adiantavaõ a servir a todas. Penitentes; naõ houve instrumento de atormentar, que se naõ achasse por sua morte, com bastantes sinaes do que se tinha usado delle. Na oraçaõ taõ continuas, que se lhes naõ contava o tempo della por horas; dias, e noites inteiras lhes levava este exercicio santo, com tanta suavidade de espirito, que muitas vezes alheas, e extaticas, lhes succedeo ficarem de joelhos a hum canto do Coro, (sem dar tino ao que se fizera nelle) desde as seis da manhãa até depois das duas da tarde.

As Madres Dona Francisca de Noronha, e Dona Ignez Henriques.

Contemplativas (exercicio, em que a muita liçaõ de livros sagrados as fizera mestras) se abrazavaõ em hum taõ activo ardor de devoçaõ, que derretendose-lhes os coraçoens em copiosos suores de lagrimas, houve Religiosa, que affirmou que chegara a ver no chaõ os sinaes dellas. Naõ crescem menos as inundaçoens do Nilo penitente, quando assim se atea o estio da caridade! Mais intensa parece, que ardeo alguma vez a da Madre Sor Francisca, que para que o sangue excedesse ás lagrimas nas correntes, pedio a seu Esposo tantas chagas, quantos foraõ os seus açontes.

Mere-

Mereceo o heroico da ſupplica a permiſſaõ da ſemelhança ; ficou Sor Franciſca mimoſa, como ſe com o nome herdara o privilegio do Serafim em carne; podendo dizer com Franciſco o que Franciſco diſſera com Paulo: que eſtava vendo em ſeu corpo as Chagas de Jeſu Chriſto. Aſſim chegou ás portas da morte cuberta dellas, e tambem conhecidas, e avaliadas, que lhes chamava as ſuas Roſas. Nem neſta parte foy deſſemelhante Sor Ignez, fiando das diſciplinas os eſpinhos das ſuas. Acabaraõ eſtas Madres retratos da penitencia, com demonſtraçoens de paſſar a receber as coroas della.

Stigmata Jeſu in corpore meo porto.

CAPITULO II.

Das Madres Sor Jeronyma das Chagas, Sor Mecia de S. Franciſco, Sor Franciſca Henriques; e da Irmãa Converſa Sor Maria do Eſpirito Santo.

BEnçaõ particular ferá de Noſſo Patriarcha a differença, que achamos em algumas Caſas na fecundidade de eſpiritos virtuoſos; e com grandes conjecturas, ſe olhamos para os primeiros fundamentos dellas, como para os deſte Moſteiro, e Caſa das Donas, voluntarias, e conſtantes ſubditas, que chegaraõ a veſtir a mortalha Dominicana, vencendo grandes trabalhos, e contradiçoens da terra na primeira reſpiraçaõ deſta Provincia; que ſem duvida he premio daquelle conflicto a continuaçaõ de herdeiras daquelle eſpirito primeiro, que começou a dar exercicio á obſervancia, e nome á Caſa. Acabamos agora de vello, e vamo-lo continuando na Madre Sor Jeronyma das Chagas, (de Matos ſe chamou no ſeculo) de quem ſabendo em commum a grande reputaçaõ, com que viveo neſta Caſa, e nome, que adquirio, ainda fóra della, ſaõ muy poucas as noticias individuaes, que nos chegaraõ á maõ de ſua vida, mas conhecidas, ou argumentadas as ſingularidades della por ſua morte.

A Madre Sor Jeronyma das Chagas.

Desde o berço da Religiaõ começou eſta Madre a fazerſe hum taõ grande lugar na eſtimaçaõ das Religioſas de mais talento, e eſpirito, que em quanto viveo a teve ſempre a obediencia occupada naquelles empregos, em que he preciſa a modeſtia; e de que ſe póde tirar doutrina. De poucos annos ſervio todos os officios: e ſabia aſſim repartir o tempo, que (ſem faltar a ſeus exercicios eſpirituaes) acodia a todos. Mas como o que em ſummo grao luzia nella era o zelo da obſervancia, a continuaçaõ do Coro, do jejum, da diſciplina, da oraçaõ, todo o empenho dos Prelados, e Preladas era obrigarem-na á occupaçaõ de Meſtra das Noviças, que ſeis vezes exercitou, e em que acabou a vida, e de que ſe abſolveu outras tantas, compadecendo-ſe os Prelados da ſua ſupplica, porque a chamava ſuavemente o retiro da cella, e a vida contemplativa. Com liberdade para ella a achavaõ a toda a hora na preſença do Santiſſimo Sacramento, e Senhora do Roſario, de que era devotiſſima; e porque de hum accidente ficou incapaz de ſe firmar nos pés, pedia, que a levaſſem ao Coro, que ajuda-

va como podia; depois orava, ſendo o ſeu mayor goſto deixarem-na alli como eſquecida.

Com eſte eſtylo de vida paſſou muitos annos, e ainda que melhorou dos pés, ſobrevieraõ achaques, que a debilitaraõ, e finalmente huma doença, que a proſtrou de todo, ameaçando-lhe mortalmente a vida. Naõ aſſuſtaõ os deſenganos de a perder a quem a ſoube gaſtar. Pedio os Sacramentos com grande ſocego de eſpirito, e querendo-lhe dar a Unçaõ, levantou as mãos ao Ceo e diſſe com devota ancia: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Como ſe diſſera: *Que darey ao meu Senhor, que tanto me tem dado?* E acabada a Unçaõ, repetio com o meſmo affecto: *Domine, quid tribuiſti tibi pro omnibus, quæ retribuiſti mihi?* Querendo dizer: *Senhor, que he o que vos déſtes a vós, pelo muito, que me tendes dado a mim?* Pergunta na verdade chea de myſterios, e piedade Chriſtãa, e proferida de hum eſpirito doutrinado na Eſcola do amor de Deos. Porque aſſim ſe empenha Deos em nos faz favores, como ſe o levara a ancia dos que correm a ſe negocear intereſſes; e ſem duvida ſe beneficía (diſcorrendo á noſſo modo) a ſi meſmo, para nos dar de obrigado. Da-ſe a ſi as glorias de miſericordioſo, e manifeſtaçaõ de ſeus attributos, para ſe incitar a darnos ſuperabundancias de remedios. Via-ſe a Madre Sor Jeronyma ás portas da morte, depois de huma vida obſervante, e penitente; achava-ſe com ſuas culpas confeſſadas com dor, e arrependimento, com todos os Sacramentos, com que aos ſeus filhos ſoccorre naquelle aperto a Igreja; e via-ſe eſpirar no gremio della, na Caſa de Deos, e de S. Domingos, na mortalha Dominicana, nos braços de tanta gente reformada, e Santa; e achando, (e bem) que naõ havia mayores favores, que eſtes, perguntava ao Senhor, encarecendo ao humano: *Qual era o grande beneficio, com que a ſi ſe obrigara, para lhe dar tantos a ella?*

Algumas horas entrada já a noite, depois de recebida a Unçaõ, repararaõ as Religioſas, que ſe ſuſpendia entre demonſtraçoens de alegria, e admiraçaõ. Eſteve aſſim hum pouco, e rompendo a ſuſpenſaõ, diſſe: *Que fermoſa Senhora! Que grande belleza!* E como ſe tomara as palavras da boca áquella Iſabel venturoſa, por ſe ver com a meſma ventura em caſa, continuou: *Minha Senhora, e donde mereci eu tal mercê?* E dizendo-lhe huma Noviça ſua, que lhe aſſiſtia: *Noſſa Madre, que Senhora he eſſa, que Voſſa Reverencia diz?* Tornou ella: *Naõ vedes a belleza, que eſtá aqui?* E ficando ſuſpendida por largo eſpaço, como ſe depois aſſuſtara caſo novo, chamando a Noviça lhe diſſe: *Filha, lançay agua benta para aquelle canto.* E levantando a cabeça hum pouco, e hum Roſario, que tinha na maõ, como que o moſtrava para aquella parte, diſſe com voz inteira, e deſtemida: *Vaite maldito, vaite, que contra eſte naõ póde ninguem.* Inclinouſe logo debilitada, e pedindo á Noviça, que a ajudaſſe a rezar o Officio de Noſſa Senhora, deſcançou.

Et unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini ad me? Luc. 1.

Sobre a madrugada, chegando-ſe cinco Religioſas ao lugar donde

donde estava a moribunda, com desejo de saber como tinha passado, e suspendendo-as o receyo de lhe estorvar o descanço, ouviraõ, que tocando-se primeiro huma arpa suavemente, a acompanhava logo huma voz com suavidade. Percebeo-se esta, naõ a letra, crescendo o assombro depois de examinado todo aquelle sitio, sem que podessem testemunhar os olhos, o que acabavaõ de perceber os ouvidos. Tudo estava solitario; só duas Noviças assistiaõ á moribunda; acabou de entenderse donde a musica viera. Entrou a dizerse Missa na Enfermaria, attendia a enferma com olhos, e devoçaõ a ella; chegou a levantarse a Hostia Sacrosanta, vio-a, e adorou-a, e inclinando a cabeça, passou a lograr a gloria, contente de ter acabado de ver o penhor della.

Novo modo de historiar parecerá este, a que nos obrigaõ as escassas noticias, a que perdoou o tempo, e nos vieraõ á maõ com trabalho, pois escrevendo vidas, he a narraçaõ mais especificada, ou quasi toda das mortes, e esse o mayor incentivo para a nossa queixa, porque semelhantes mortes argumentaõ peregrino progresso nas vidas; mas o que primeiro esperdiçou o pouco reparo, acabou depois de consumir o descuido. Hum, e outro nos roubou sem duvida grande materia de escritura na Madre Sor Mecia de S. Francisco. Foy ella huma das mais reformadas, que reconheceo aquella Casa, ainda em tempo, em que naõ entravaõ poucas naquelle numero. Mas naõ se contentava o Ceo de a ver a braços só com a observancia della; cinco annos continuos exercitou sua paciencia em o martyrio de crueis achaques, e irremediaveis dores, que tomando-lhe todo o corpo, a tinhaõ muitas vezes paralytica, outras se exaspera vaõ de sorte, que tirando-lhe o sentido, a faziaõ parecer frenetica; e entendendo, que haveria quem se escandalizasse de alguma palavra, a que recorria a impaciencia, pedia logo perdaõ della.

A Madre Sor Mecia de S. Francisco.

Cinco mezes antes de sua morte se lhe suspendeo este tormento, mas o lugar, que este deixara, occupou a penitencia, condemnando as suas austeridades o sofrimento, a que perdoaraõ as dores. Assim podemos dizer que foy esta Madre Martyr toda sua vida, naõ padecendo menos doente, que observante. Deraõ-lhe humas febres, de que logo entendeo que morria; alegrouse como quem sempre na vida padecera, e com huma placida, e suave morte passou a receber a coroa de quem assim padece. Deu o Ceo esse indicio em huma claridade grande, que ás onze da noite (em que espirou) se vio, e admirou sobre o telhado da sua cella, contemplada naõ só das Religiosas, mas das visinhanças do Mosteiro, e mais de meya legua ao largo, como ao outro dia se divulgou, crescendo a noticia com o conhecimento da causa.

Digna de iguaes, e mayores consideraçoens foy a que deu á nossa diligencia, e a esta memoria a Madre Dona Francisca Henriques, filha de Alvaro de Miranda Henriques, e huma Senhora de igual qualidade, a que esta noticia supprirá por

A Madre Dona Francisca Henriques.

Ee nome,

nome, por nos naõ determos baldadamente na variedade, com que algumas lembranças fallaõ nelle. De doze annos deixou esta Madre o Mosteiro do Menino Jesu de Evora de Religiosas Agostinhas, e veyo buscar esta Casa, convidada das boas noticias della. Já naquella idade entrava affouta pelos asperos caminhos da penitencia; e achando-os bem trilhados na observancia, que buscara, a poucos passos se achou adiantada ás que lhe faziaõ companhia. Todo o corpo lhe tomavaõ asperos cilicios de ferro, naõ se podendo menear sem difficuldade, e tormento. O chaõ, ou alguma nua taboa era o seu leito, em que tomava taõ poucas horas de descanço, como se podia suppor de quem alli o buscava. Era ganhar tempo, para dilatar o da oraçaõ, sempre escasso para as suavidades com que seguia aquelle exercicio.

Nunca comeo carne, tirado nos apertos em que a punhaõ os achaques, e a obediencia. O jejum foy de toda a vida, austero, e apertado. Nas Vesperas das festividades da Senhora, de que era devotissima, nas de Communhaõ, e sestas feiras de todo o anno a paõ, e agua, destemperando com vinagre esse pouco de legumes, ou hervas, que comia nos mais dias. Sangravase cruel, e amiudadamente com disciplinas de ferro, de vario artificio, sempre de sua eleiçaõ o mais rigoroso; e porque o braço o naõ podia ser tanto, como o desejo, punha muitas vezes na maõ a pessoa de sua confiança o instrumento daquelle martyrio, porque já o costume lhe tinha dobrado no sofrimento as forças, que lhe enfraquecia no braço. Trazia-os em vivas chagas, porque naõ satisfeita do que os cilicios lhos tinhaõ cortado, os atormentava com pingos de lacre fervendo.

O pouco tempo, que lhe sobejava das assistencias do Coro, e exercicios quotidianos, gastava em aceyos, em que era industriosa, para huma Capella, (do Santo Cruxifixo) que era sua. Devotissima do Santissimo Sacramento, tudo o que tinha, e grangeava, estava applicado para a sua festa, para seu Altar, e mayor ornato, e decencia sua. Coroava o inculpavel desta vida com hum extremo de caridade, com que a achavaõ os pobres, e a tinhaõ sempre junto de si as doentes, e muito mais quando o eraõ as serventes da Casa, porque naõ havia desamparo, para que naõ madrugasse o seu desvelo, naõ havia aperto, em que a naõ encontrassem diligente, nem occupaçaõ a que estranhasse a sua humildade.

Tinha esta Madre grande conhecimento, e opiniaõ do Mestre Frey Fernando de Menezes, eleito Bispo do Algarve, Capello authorizado (entre muitos, que vio juntos nesta Provincia aquelle seculo) em virtude, letras, e qualidade, e sobre tudo amavel pela synceridade de animo, affabilidade de genio, com que sabia entrar a todos pelos coraçoens, ateando nelles o fogo Divino, tanto com as palavras, como com as lagrimas, que (em fallando em Deos) eraõ os eccos dellas. Mayor noticia deixamos já de sua vida no primeiro livro. Das que a Madre Sor Francisca tinha de seu espirito, nasceo o com-

commercio, e consolaçaõ grande, com que escutava, ou lia os seus documentos; pedindo instantemente a Deos, que quando a levasse desta miseravel vida, lhe permittisse tello á sua cabeceira. Era naõ só contingente, mas parecia moralmente impossivel, porque o Mestre Frey Fernando assistia em Bemfica, e em quinze leguas de distancia podia retardarse a noticia, e muito mais facilmente difficultarse a jornada, quando a enfermidade, ou estylo de morte désse lugar a huma cousa, e outra.

Mas como a immensidade de Deos desconhece distancias, e em hum instante, para soccorrer a Daniel, passa hum Profeta dos campos de Judea ao lago dos Leoens de Babylonia, nada difficultou á supplica da Madre Sor Francisca, dispondo sua Providencia que se achasse o Bispo em o Convento de Santarem a tempo, em que ella prostrada de huma enfermidade, batia ás portas da morte, servindo-lhe de grande consolaçaõ o disporse para ella com as advertencias, que sempre suspirara. Pedio mais a Deos, que a levasse em huma sesta feira, e nem lhe negou o Senhor esta circunstancia. (bons argumentos de quanto a tinha mimosa) Em esse dia, (no anno de 1558.) e ás trez horas da tarde lhe entregou felizmente seu espirito, como ás mesmas o entregara seu Esposo nas mãos de seu Pay Eterno.

Daniel 14. v. 34.

Acompanhe agora (para coroar este Capitulo) a estas Madres huma Irmãa Conversa, taõ benemerita de as seguir nesta memoria, como na gloria de que serviraõ a esta Casa. Chamavase esta Irmãa Maria do Espirito Santo; que guiada por elle, aprendeo em breve a voar ao monte da virtude. Nelle a collocou o continuo exercicio da oraçaõ, a que sacrificava as horas do sono, por naõ cortar pelas do trabalho, reconhecendo que a vida, que abraçara, antes pertencia ás diligencias de Marta, que ás meditaçoens de Maria; mas ajuntando ambas com santa industria, só o corpo podia formar a queixa de Marta, porque se de dia trabalhava descançando o espirito, de noite para contemplar o espirito, naõ se dava descanço ao corpo.

Sor Maria do Espirito Santo.

Avultaraõ nella com extremo o zelo da Religiaõ, e a devoçaõ do Rosario. Aquelle acompanhava com incançaveis exercicios da observancia, e continua penitencia. Aquelle lhe grangeou a ultima felicidade da vida; tiroulha huma dilatada doença. Já no fim della se achava disposta, recebidos os Sacramentos, e offerecendo a Deos as dores, em que a sua clemencia lhe anticipava o purgatorio; assistiaõ-lhe algumas Religiosas compadecidas, e admiradas da sua conformidade, e sofrimento, quando tomada de hum repentino, e grande alvoroço, disse com voz, e semblante alegre: *Minha Senhora, venhais muito embora.* E perguntando-lhe que via? e quem era? Respondeo: *Que era a sua Senhora; e que rezassem nove vezes a Salve Rainha á sua pureza.* Acompanhou as Religiosas, e descançou. Amanhecido o seguinte dia, e perguntando-lhe como passara a noite, respondeo: *Que muitas cousas vira nella*; e por mais

mais que instaraõ em que as disseste, defendeose, *que naõ podia.* Estava já muito debilitada; chegou o ultimo termo, e pedindo que lhe dessem hum devoto Crucifixo, beijando-lhe os pés, e pondo-lhe os olhos já nevoados com a sombra fria da morte, lhe disse com voz cançada, e anciosa, que lhe sahia do coraçaõ: *Senhor, a pezar de tudo, creyo, que sois meu Deos, e que morrestes por mim. Ora Senhor vamos. Mas, Senhor, e para donde me mandais? Seja feita vossa vontade, que isso he o que quero.* E tornando a beijarlhe os pés, lhe deu a alma em hum penitente gemido.

CAPITULO III.

Das Madres Dona Maria de Vilhena, Dona Joanna de Castro, e a Irmãa Conversa Sor Francisca Coutinho, todas irmãas; e das Madres Sor Margarida do Espirito Santo, Sor Filippa de Siqueira, Sor Maria Magdalena, Sor Anna de Macedo, Sor Marianna de Jesus; a Irmãa Conversa Sor Joanna da Conceiçaõ; e da Noviça Sor Maria Michaela, do mesmo Mosteiro de S. Domingos das Donas.

VEnturosa Familia a que do Mundo passou a fazer numero com a de Christo, com santa emulaçaõ sobre quem havia de parecer mais da sua, e melhorarse humilde nos exercicios de domestica! Esta foy a contenda de trez venturosas irmãas, assim no sangue, como na virtude, sendo taõ conhecidas por esta, como illustres por aquelle, mas todas taõ empenhadas em buscar o Esposo das almas antes como escravas, que como Esposas; que a mais velha dellas naõ quiz passar do lugar de Conversa, excedendo na humildade ás irmãas, que a acompanharaõ na vocaçaõ. Todas trez obedeceraõ venturosamente a ella, buscando esta Clausura; e foy a primeira, que entrou nella, a Madre Dona Maria de Vilhena; seja agora esta a primeira na noticia. *A Madre Dona Maria de Vilhena.*

Entrou esta Madre em idade tenra a ser Pupilla, mas com hum tal genio, que foy a primeira esperança do que seria em Religiosa. Já professa, observou à risca as leys a que se obrigara, naõ sendo poderosos a afrouxar esta observancia os crueis achaques de que logo se vio perseguida; só prohibindolhe a lãa, que os aggravava; começou a usar de estopa crua, e da mais grosseira. Pobrissima na cella, como no trato da pessoa, ainda de si mesma era mais despida, sem ter acto de vontade, como se nascera sem ella. De huma tença, que tinha, e deixava na maõ de huma irmãa menor, pedia para remediar os pobres, ancia, que a conservou muitos annos no lugar de Porteira, gloriando-se muito com o nome, que lhe davaõ de Tia. Da sua reçaõ repartia com elles, e para elles aceitava o que lhe offereciaõ parentes de mimo, e de regalo.

Igualmente penitente, que recatada, só por sua morte se entenderaõ bem os seus exercicios de penitente, nas disciplinas com sinaes de bem exercitadas, cilicios rigorosos, e huma Cruz de ferro armada de bicos. Na penitencia parece

que ensayava a tolerancia; nem as injurias lhe alteravaõ o semblante, nem os achaques, que padecidos tantos annos, lhe tiraraõ a vida, lhe deveraõ a menor queixa. Juraraõ as Religiosas, que a trataraõ, que tendo muitas vezes arrezoada causa, se lhe naõ percebeo nunca movimento de ira, menos palavra, que levasse sombras de vingança; ás que podiaõ servir de escandalo, ou offensa ao proximo, se as naõ podia embaraçar, tapava os ouvidos. Frequentava o Santissimo Sacramento com singular doçura de sua alma, desconhecendo a Vespera desse dia o descanço da cama. Dos pés do Confessor se levantava assim compungida, que edificava, testemunhando elle despois de sua morte, que nunca lhe achara culpa mortal. Era este o Padre Frey Gonçalo Pereira, Religioso de vida reformada, como eu vi em Bemfica no Noviciado em que o tive por Mestre, e o venerey observante.

Este estylo de vida da Madre Sor Maria a poz duas vezes no lugar de Prelada, que exercitou com tanto trabalho, como quem sabia que naõ tem privilegios aquelle dominio: assim a naõ dispensava nem dos exercicios de abatimento. Com similhantes empregos se grangeou huma tal opiniaõ com as Religiosas, que nos mayores apertos, e muito mais nos ameaços do Ceo, recorriaõ a ella para o remedio, e para o refugio. Succedia-lhe assim nas occasioens das trovoadas, continuas, e formidaveis sobre esta Villa de Santarem, como situada em lugar alto, e descuberto. Cresceo a tromenta em huma occasiaõ mais horrorosa; condensaraõ-se as nuvens escondendo o dia, allumiado só dos amiudados relampagos. Correo o pezo das nuvens a cobrir o Mosteiro, e as Religiosas a rodear a Sor Maria, que orava no Coro, dando-se por segura a que se cobria com o seu habito. Reparou a boa Madre em huma taõ desfigurada, que se lhe hia passando o receyo a desmayo, e disse-lhe com muita segurança, livre de todo o sobresalto: *Naõ temais, filha, que pela misericordia de Deos, naõ haverá perigo.*

Naõ tardou muito, que com hum horrivel, e estrondoso estalo naõ cahisse hum rayo, que ao parecer dos da Villa se suppoz que abrazara o Mosteiro, porque sobre elle se rasgou o ar, e vio o fogo. Correraõ todos a ver a ruina, e naõ houve mais sinal, que o de se ter sepultado á porta da Igreja, o que os Religiosos da Companhia attribuiraõ a milagre. Tambem o parecia durar a vida á Madre Sor Maria entre os muitos achaques, que sobre muitos annos padecia nella. Chamaraõ estes finalmente á morte taõ suave, que parece perdeo com ella este nome. Assistiolhe, e confessoua para tomar o Viatico o Padre Frey Gonçalo Pereira; entrou despois ao enterro, e tomando-a nos braços, a lançou na sepultura, affirmando, que só esse interesse o trouxera; e accrescentou que o que elle sentira, tocando aquelle corpo puro, ficava só para Deos. Voltou entaõ a huma Religiosa, (que he a de que tivemos esta noticia) e fora discipula da Madre

dre Sor Maria, e disse-lhe: *Madre peço a vossa Reverencia muito que ponha em lembrança a vida desta serva de Deos; que naõ deve ficar em esquecimento o amor, que teve a este Senhor, e ao proximo.*

A Madre Dona Joanna de Castro.

Naõ se esmerou menos nelle sua irmãa a Madre Dona Joanna de Castro, que sobre sua grande observancia, excedia nas occupaçoens de caritativa. Todo o tempo, que lhe restava do Coro, que era o seu centro, lhe levava o cuidado, e assistencia das enfermas, primeiro as mais pobres, e mais necessitadas, como era huma servente da Casa, entrevada, e cuberta de chagas, e taõ asquerosas, que todas lhe fugiaõ até com os olhos. A estas applicava Sor Joanna as maons, as mezinhas, e os emplastos; a estas lavava, e fomentava sem asco, desconhecendo-o, ou dissimulando-o com alegre rosto. A esta sua lastima acompanhava com santa inveja, porque nada tanto suspirava, como dores em que exercitar a paciencia; assim pedia a seu Esposo, que lhe désse a sentir algumas das que padecera crucificado. Parece, que mereceo ao Senhor esse mimo, porque perseguida de crueis achaques, lhe sobreveyo huma dor em o peito, de que se lhe repartiaõ pelas juntas de todo o corpo, martyrio, que a deixava sem sentido. Acompanhava estas dores com profunda contemplaçaõ daquelle dia, em que o Senhor em Jerusalém começara a padecer as suas.

Elegeraõ-na Prelada; achando-a em todas as Communidades com pontualidades de subdita. Desvelava-a muito o aceyo do culto Divino, e querendo fazer huma obra para mayor decencia delle, se achou hum dia com o desengano de que lhe era impossivel pelo custo. Affligio-a muito esta pena, e entrando a caso no Locutorio, achou nelle algum dinheiro (quantia a que podia chegar a obra). Fez diligencia pelo Mosteiro sobre quem alli o tinha posto, e naõ lhe sahindo dono, fez o que intentava, reconhecendo todas o prodigio. De outro similhante naõ ficou mais, que a memoria de que lhe succedera; perderaõ-se outras, a que se devia esta, como as de sua penitencia, ainda que occulta, ficando só as noticias della para quem lhe daria a paga.

Cahio de enfermidade mortal, causada da dor do peito; pedio, e tomou logo o Viatico; mas dilatando-selhe a vida, como crescendo o fervoroso affecto, que tinha áquella soberana Mesa, suspirava outra vez o suavissimo manjar della. Assim houve de se lhe permittir despois de alguns dias, para contentar o desasocego da sua ancia, que só por esta delicia esperava, porque recebida ella com grandes jubilos de sua alma, pedio a Unçaõ com pressa, em que acompanhou a Communidade nos Psalmos Penitenciaes. Pedio logo huma véla, e pondo os olhos no Ceo, (que assim lhe ficaraõ, como se os naõ assombrara a morte) entregou o espirito ao Creador delle.

Mas consintaõ estas duas boas irmãas (a Madre Sor Maria, e a Madre Sor Joanna) de que acabamos de fallar, hum lugar

grande, para o que as excedeo no primeiro nascimento, como mais velha, e no segundo da Religiaõ, como mais humilde. Foy esta Sor Francisca Coutinho, no seculo Dona Francisca, que naõ lhe faltando dote inteiro, por abatimento proprio quiz ser Freira de véo branco. Assim ficou Religiosa Conversa, como a que imitava seu Esposo em fazer brazaõ de escrava. Servia a Casa com tal desvelo, e diligencia, que lhe sobejava tempo para assistir aos officios Divinos no Coro, donde edificava sua modestia, e seu silencio.

Sor Francisca Coutinho.

A' observancia das Constituiçoens ajuntava exercicios devotos, inventados com espirito, e continuados com fervor. Tinha grossa tença, que naõ sahia da maõ da Prioreza, mais que para obras precisas na Casa, especialmente na Sacristia; no trato proprio era huma imagem da pobreza. Perseguiaõ-na escrupulos, de que pedio a Deos a livrasse antes de sua morte. Succedeo assim, porque chegada ella, se confessou com grande socego, e consolaçaõ de espirito. Com esta tomou o Viatico, e perdendo os sentidos por hum pouco, entenderaõ que tinha espirado; e indo a cobrirlhe o rosto, abrio os olhos, e pondo-os com semblante alegre, e risonho em huma Imagem do nosso Patriarcha, (está hoje no Coro) que tinha junto á cama, e a que servira toda sua vida, se despedio venturosamente della.

Naõ espera a virtude pelos vagares da idade, porque a graça, de que he fruto a virtude, desconhece vagares. Assim anticipou na Madre Sor Margarida do Espirito Santo as madurezas de huma observante, e exercitada Religiosa, nos tenros annos de Pupilla. Nestes entrou nesta Casa, dando-se nella a si mesma o nome da *Menina pobre*, por que a conheceraõ sempre. Em Pupilla foy perfeita Noviça, em Noviça perfeita Professa, e Religiosa, em professa confusaõ das Religiosas, e exemplar das Noviças. Dada á oraçaõ parece que nada a divertia, recolhida sempre em si mesma. Hiaõ as palavras para donde trazia os pensamentos; sempre era em Deos a sua pratica; e se alguma das que assistiaõ, se desviava levemente della, dizia com hum suspiro: *Ay! Madres, quem nos dera no Ceo com nosso verdadeiro Pay!*

A Madre Sor Margarida do Espirito Santo.

Rara na humildade, naõ só escutava desprezos socegada; (e muitas vezes se lhe faziaõ para experiencia) mas agradecida. Desempenhava bem o nome de Menina pobre em poucos annos, corpo pequeno, e debilitado, e huma penuria na sua cella, e sua pessoa de tudo, o que póde ser commodo na vida. Tomaraõ-lhe huma roupa interior, era-lhe precisa pelo pouco abrigo, que (sendo inverno) podia esperar de hum habito çafado, e roto. Pedio pelo Mosteiro, que pelo amor de Deos restituissem a roupa á Menina pobre; e naõ lhe valendo a diligencia, callouse sofrida, quando ao segundo dia chamando-a á roda hum homem desconhecido, lhe voltou nella a roupa, que lhe faltara, naõ a mesma, mas huma nova, e talhada para o seu corpo, a que naõ servia tudo por pequeno.

Rom-

Rompendo-ſelhe outra vez o calçado, ſe recolheo á Capella do Senhor dos Paſſos, e pedio-lhe: *Que lhe déſſe outro, pois ella era Eſpoſa pobre, e naõ tinha de quem ſe valeſſe.* Naõ paſſaraõ muitas horas, que paſſando pela Capella huma moça com o calçado para huma Freira, lho offereceo dizendo, que deſpois lho pagaria. Tomouo Sor Margarida, e fazendo deſpois diligencia, porque teve occaſiaõ da paga, ſe eſcuſou a moça dizendo, que de tal ſe naõ lembrava; nem foy poſſivel deſcubrir quem lhe fizera a eſmola. Encarecia o ſucceſſo vir o calçado medido para ella.

Cahio de doença mortal, recebeo os Sacramentos com alegria, e adormecendo deſpois da Unçaõ, chamada das Religioſas, que entendiaõ que eſpirara, diſſe: *Ay Madres, para que me chamaraõ, que eſtava eu em hum campo muy delicioſo com o meu Apoſtolo,* (era Santo André, de que era devotiſſima) *que me dizia que cedo iria eu para donde elle eſtava?* Chegou veſpera do Roſario, que foy dahi a dois dias, e cantando-lhe a Salve na Capella da Senhora, que ficava viſinha á ſua cella, ſe ſentou na cama, e acompanhou as Religioſas com huma voz mais ſonora, que a que ſempre tivera, porque tambem teve a prenda de boa muſica, que ſó para louvar a Deos eſtimava. Acabando de cantar, e voltando-ſe para huma Religioſa, que lhe aſſiſtia, lhe diſſe com muita ſegurança: *Madre, eu já vou para o Ceo*; e inclinando-ſe ſobre o traveſſeiro, como ſe entrara em hum deſcançado ſono, parece que caminhou para donde tinha dito. Entendeoſe aſſim de ſua vida, e de ſegurarem os Meſtres de ſua conſciencia a pureza della.

Com menos individuaçaõ tivemos noticia da de outras Religioſas, mas naõ eſqueceremos o pouco, que ſe pode ſaber dellas. Foy huma a Madre Sor Filippa de Siqueira, de notavel recolhimento, e obſervancia. Madrugava todos os dias com huma ancia deſvelada, dizendo que de nada tinha inveja no Mundo, como das aveſinhas, que eraõ as primeiras, que no dia louvavaõ a Deos. Aſſim ſe anticipava a cantar Hymnos a huma janella, que cahia para o campo, adonde deſpois ao romper do dia acompanhava aquelle ſimples, mas concertado coro com grande, e goſtoſa ſuſpenſaõ de ſeu eſpirito. He de crer que lhe permittiria o Senhor (paſſando deſta vida placidamente) o aſſiſtir, e acompanhar o Coro das aves racionaes, que o louvaõ inceſſavelmente por toda a eterninade. *A Madre Sor Filippa de Siqueira.*

Da Madre Sor Maria Magdalena, que ficando no Mundo viuva, ſoube buſcar neſta Clauſura Eſpoſo, que naõ acabava, ficou a noticia de huma ſogeiçaõ rara. Em nada moſtrou vontade propria. Aſſim (vivendo em toda a eſtreiteza da obſervancia) a poz nas maons da Prelada, com muita fazenda de que fora ſenhora, reduzindo-ſe a huma extrema pobreza, que a morte (muy parecida á ſua vida) trocaria em huma eterna abundancia. *A Madre Sor Maria Magdalena.*

Conheceo a bem a Madre Sor Anna de Macedo naquelle paſto Celeſtial dos Anjos, e dos homens, naquelle ſoberano *A Madre Sor Anna de Macedo.*

Paõ de fartura, que venerava no Sacrario, assistindo sempre no Coro, e com huma taõ grande ancia de continuar naquella assistencia, que nem para tomar o preciso sustento se queria apartar, indo ao Refeitorio. Sahia a hum lugar, adonde lhe traziaõ alguma refeiçaõ ligeira, e assim tornava á sua assistencia todo o dia, e muitas vezes a noite toda. Em sentindo recolhido o Mosteiro, ajoelhada diante de huma Imagem de nosso Patriarcha, se confessava de todo o culpavel em que cahira aquelle dia. Sonhou huma Religiosa de confiança sua, cousa em que dava a entender, que a Madre Sor Anna sahia fóra da Clausura. Escutou ella com attençaõ, e disse-lhe: *Madre, já sey, que he chegada minha morte.* E advertindo-lhe a outra Religiosa, que se confessasse de dar credito áquelle agouro, lhe respondeo com muita segurança: *Para vós será agouro, mas para mim he aviso.* E assim o pareceo; porque em breves dias com pouca queixa, e nenhum genero de agonia, pedindo o Viatico, (assim foy piedosa conjectura) passou a continuar na Patria a assistencia, que lhe fazia na terra.

A Madre Sor Catharina dos Anjos.

Continuava as mesmas com igual devoçaõ, e espirito a Madre Sor Catharina dos Anjos; gastando todo o tempo, que tinha livre, no Coro, adonde costumava ficar a noite inteira do dia em que commungava, e alli rezava hum Psalterio em louvor do Sacramento. Foy esta Religiosa de vida muy austera, e taõ esquiva com os regalos, e ainda com o preciso alimento da vida, que o pobre prato, que se lhe punha na mesa, ou o carregava de sal, ou o cobria de agua. Faleceo segura, e consolada, como se a convidara o Ceo para lhe pagar em melhor mesa os sacrificios da sua.

A Madre Sor Marianna de Jesus.

Nos de penitente foy rara a Madre Sor Marianna de Jesus. Apodreciaõ-lhe as costas com o rigor das disciplinas; naõ lhe aproveitavaõ curas, porque as tornavaõ a rasgar os golpes mal convalecidas. O jejum, o mais estreito; repetido o de paõ, e agua em muitos dias, especialmente nas vigilias dos Apostolos, e Santos da Ordem. Entendeo-se, que lhe corresponderaõ á devoçaõ, assistindo-lhe na ultima hora, por algumas palavras, que se lhe perceberaõ nella. Escutaraõ se lhe tambem outras, indicio de rigorosa batalha, que teve com o demonio, espirando com hum tal socego, que parece segurava o triunfo.

Sor Joanna da Conceiçaõ.

Acompanhe a estas Religiosas huma Conversa, que o soube conseguir naõ com menos industria, que ellas, tendo-a para ajuntar as duas vidas, contemplativa, e operosa. Foy esta Sor Joanna da Conceiçaõ, humilde, caritativa, e penitente. Voava nas occupaçoens de seu officio, grangeando tempo para buscar quem lhe lesse livros de espirito, em que se suspendia com grande suavidade delle. Viveo inculpavelmente venerada de todo o Mosteiro, a que edificava com sua vida, e consolou com sua morte, que foy taõ suave, como a fragrancia, que a ella se seguio em sua cella. Assim o testemunharaõ todas as que lhe fizeraõ assistencia.

Coroemos este capitulo com huma Noviça, que o póde fazer

zer venturoſamente as memorias deſta Caſa, merecendo ſer contada entre as mais reformadas profeſſas della. Foy eſta Sor Maria Michaela, que nos primeiros, e mais tenros annos começou a pizar o caminho, que ainda naõ conhecia, e por donde já o Ceo a chamava. Gaſtava o tempo em particulares devoçoens. Todo lhe parecia pouco para frequentar as Igrejas, ou o Oratorio. Convidavaõ-na com ſingular doçura as praticas de Deos. Tudo em idade, em que naõ podendo ter mais eſcola, que o berço, ſem duvida naõ podia ter mais Meſtre, que o Ceo. Já mais creſcida, e para poder tratar mais facilmente eſtas propenſoens de ſeu eſpirito, ſe retirou a hum Recolhimento, em que fazendo voto de caſtidade, voltou as coſtas, e cerrou os ouvidos ás diligencias dos que buſcavaõ em ſua maõ, antes que os intereſſes de grande dote, aquellas prendas, que ſaõ a mayor felicidade delle.

Sor Maria Michaela.

Quiz logo viver com mais ſeguros, ou dar ao Mundo mais deſengano, e pedio o habito neſte Moſteiro das Donas, em que admittida, começou a ſentir a difficuldade de naõ ter todo o dote; e querendo aſſentar a entrega delle, contando-o a caſo com humas parentas, para ver o que lhe faltava, o acharaõ inteiro, e cabal. Como já ſabiaõ todas o muito que lhe faltava para o eſtar, entendendo, que fora engano, repetiraõ a diligencia de contallo, ſahindo de todas inteiro, e acabando de aſſentarſe o que tinha de prodigio. Notavel empenho de ſeu Eſpoſo, que lhe prefazia o dote, por naõ retardar o thalamo! Tomou Sor Maria o habito com alvoroço, e continuou o noviciado com exemplo. Era ſua vida a oraçaõ; e peſſoa de vida reformada, e de ſua confiança confeſſava as muitas vezes, que a vira tranſportada. Era mais certo o dia em que recebia o Sacramento, de ſorte, que ſe eſquecia deſpois na meſa com o prato diante; aſſim andava como alhea todo aquelle dia, comprindo á riſca as obrigaçoens de Eſpoſa na entrega dos corpos; porque ſe ſeu Eſpoſo lhe entregava o ſeu Sacramentado, ella lhe entregava o ſeu abſorto.

Com Chriſto crucificado era a ſua mayor devoçaõ, e vendo-ſe perſeguida de crueis achaques, dizia a eſta peſſoa, (de quem ſe fiava) que andava como crucificada nas dores. Tomara as liçoens do eſpirito de Paulo, e como toda a ſua gloria era meditar nelle na Cruz, toda a ſua vida era crucificarſe com elle nella. Hum dia no mayor fervor da oraçaõ lhe pedio, *que ſe ella Profeſſa naõ havia de guardar as leys da Religiaõ á riſca, que a levaſſe para ſi antes de Profeſſa.* Cahio logo enferma naquelle dia, e de doença taõ rigoroſa, que foy exame de ſua paciencia. Tomou logo o Viatico, que o pedio aſſim o mal, e dilatando-ſelhe alguns dias a vida, dizendoſe-lhe ſe ſe queria reconciliar na ultima hora, reſpondeo, que naõ tinha de que, ſó ſentia naõ morrer Profeſſa. Mas diſpollo ſeu Eſpoſo como lho pedira, e houve embaraço, para lhe naõ ſatisfazerem eſta ancia. Eſpirou como quem naõ tivera outra em ſua

vida,

vida, mais que a de merecer com Christo crucificado o nome de Esposa. Segurou-o a fragrancia, que se sentio na sua cella, e o testemunho, que deu seu Confessor da pureza de sua alma.

or Lui- a de anta Inna anver- a.

Acompanhe a esta grande Noviça huma naõ inferior Conversa. Foy esta Sor Luiza de Santa Anna, que destinada para o Ceo, começou nos primeiros annos de sua vida a batalhar com os embaraços, que lhe difficultavaõ a de Religiosa; resoluçaõ, e constancia, que lhe premiou o mesmo Ceo com hum indicio prodigioso, que lhe segurou finalmente o vir para esta Casa de S. Domingos das Donas, o que ella mesma contava despois de se ver nella, com huma santa singeleza, de que era dotada; e como os singelos de coraçaõ saõ sempre os mais industriosos nas materias de espirito, soube ella huma madrugada dispor huma sahida, e enganar huma tia, que deixou em certa Igreja, fugindo della para este Mosteiro, e entrando de joelhos na Portaria, se prostrou aos pés das Religiosas, que ignorando, que ella tinha ajustado a entrada com a Prioreza, a despediaõ com indignaçaõ, e desprezo, culpando-a resoluta, e tratandoa como louca, até que conhecida de huma Religiosa, que acodio chamada do estrondo, a levaraõ ao Coro, em que banhada em lagrimas, vestio o habito, e se deixou ficar em oraçaõ com a suavidade, e socego de quem se via naquelle centro suspirado.

Assim começou o anno do noviciado, mostrando bem, que o naõ desconhecia quando o pertendera; e o continuou com hum estylo de vida, que bem mostrava quem lha aconselhara. Silencio continuo, que lhe naõ ouviraõ romper, menos que com palavras de edificaçaõ. Humilde; naõ havia exercicio de abatimento, que a naõ achasse naõ só prompta, mas satisfeita. Caritativa (furtandose ao sono, e ao descanço, como á advertencia das que mais a tratavaõ) tomava pela meya noite rigorosas disciplinas, sobre as covas das Religiosas, que tinha visto falecer. Na oraçaõ assim se inflammava, que logo no rosto se lhe divisava, que sahia della.

Continua nos louvores de Deos, e caridade com os proximos, pontual nas obrigaçoens do seu estado; exacta em todo o ponto da observancia, chegou a praticarse entre as Religiosas mais graves, e reformadas, que Sor Luiza era irreprehensivel ainda na menor venialidade. Attenuada com os jejuns, e austero trato, que dava ao corpo, naõ promettia larga vida, quando (havendo treze mezes, que professara) a tomou hum accidente, de que (para segurar a ditosa, á que passava) tornando em seu perfeito juizo, e Sacramentada com socego, e grande consolaçaõ de espirito, acabou, deixando aquellas Religiosas taõ saudosas da sua companhia, como edificadas do exemplo com que lha fizera.

Faleceo em Março de 1710. foy natural de Arouca; seus pays lavradores honrados, e tementes a Deos, de que receberaõ aquella unica filha, me-

lhor que para perpetuarse sua casa, para a fazer mais ditosa, e conhecida. Despois de sua morte favoreceo o Ceo a muitas Religiosas, (que testemunharaõ suas virtudes gloriosas) com o patrocinio dellas; havendo experiencias, que conservaraõ esta pia credulidade em todas. Mais largo assumpto nos roubou o silencio de seu Confessor, de que se soube em commum, que era precioso o thesouro, que guardava, e mostrou a experiencia queixosa, que foy culpavel descuido a sua avareza.

CAPITULO IV.

Das Madres Sor Margarida do Rosario, Sor Maria do Presepio, Sor Catharina da Gloria, Sor Catharina das Chagas, Sor Catharina de S. Jacintho, que floreceraõ no Mosteiro de Corpus Christi de Villa Nova do Porto.

Mosteiro de Corpus Christi do Porto.

HE verdade experimentada, que sempre o mystico corpo da Religiaõ se achou mais vigoroso na infancia, que na adolescencia, e mais idades (discorrendo por ellas com allusaõ á vida do homem) sendo suas forças verdadeiras o desempenho das fabulosas, que a antiguidade mentio em Hercules, quando o considerou no berço, despedaçando serpentes. Paradoxo parecerá sem duvida a quem lançar os olhos aos progressos da natureza, que ao compasso dos annos vay distribuindo os alentos, naõ sendo nunca os mais espiritosos, nem os primeiros, nem os ultimos. Mas esse reparo he o que nos poem na penna esta breve reflexaõ, sobre o privilegio, com que esta Provincia Dominicana, nascendo com os espiritos, que já no seu berço contemplariaõ os noticiosos, ainda agora (contando já os annos de sua ancianidade) os naõ mostra menos alentados na mesma debilidade do sexo, que ao presente nos vay dando assumpto na antiga Casa de Religiosas em Villa Nova do Porto, rara palestra da observancia, em que naquelle nosso primeiro seculo exercitada a fraqueza femenina, se vio a braços com a penitencia, espectaculo digno dos olhos do amoroso Antagonista nosso Santo Patriarcha.

A Madre Sor Margarida do Rosario.

Seja a primeira das que continuaraõ, e se coroaraõ na palestra, a Madre Sor Margarida do Rosario, nobre por nascimento, que melhorou nos braços da Religiaõ, vindo-a buscar a esta Casa, em que principiou a vida della com tanto gosto, como se conheceo logo no que cada dia se lhe descobria de augmento. Observantissima dos preceitos, que professara, os estendia a mais rigor; o jejum de sete mezes ao de todo o anno, e nelle muitos dias a paõ, e agua, como na Quaresma dois dias na semana. Parecia-lhe este genero de mortificaçaõ lento, e vagaroso; recorria ao cilicio, e porque este naõ parecia já taõ austero por costumado, amiudava as disciplinas, em que se sangrava sem piedade.

Era sua mayor assistencia no Coro, diante do Santissimo Sacramento; de madrugada a primeira, que o buscava; de noite,

te, a ultima, que delle sahia, e por poucas horas: sendo taõ escassas as do seu descanço, como se podia suppor de quem muitos tempos naõ teve cama mais, que o chaõ, dando a sua (assim pobre, e penitente, como era) a huma irmãa Conversa, que a naõ tinha, e cahira gravemente enferma. Ao darlhe a cama, se seguio o ser sua enfermeira. Era a enfermidade aguda, intentavaõ divertilla da assistencia, que parecia arriscada; e respondeo: *Seja o que Deos for servido, que naõ se ha de permittir, que morra esta irmãa á falta de cuidado.* Este, e similhantes eraõ os de sua caridade; e como para elles se queria achar livre, como para o retiro, e o silencio, de que era grande observante, eleita Prelada, satisfez em hum anno á obediencia, e logo instou com o Prelado, que a absolvesse, culpando seu pouco prestimo, naõ havendo alguma, que tivesse tanto.

Restituida á sua cella, inventou hum novo genero de vida, em que entregue toda á contemplaçaõ, fugia de tudo o que podia ser alivio, ou divertimento. As horas que tinhaõ as Religiosas em tempo de recreyo, passava só no Coro; se as festas eraõ na Igreja, na cella. Rara no sofrimento, nunca, (por mais, que desafiada da sem razaõ) lhe ouviraõ palavra, que soasse a desculpa, ou a vingança. Era muy devota da Senhora em sua Purificaçaõ, sacrificando á sua festa tudo o que tinha. Celebrou-a pelos annos de 1620., e sentindose sem forças, (estado a que a reduzira o jejum, naõ só na estreiteza, mas na qualidade desse pouco, que comia) pedio os Sacramentos, e só para o da Unçaõ se fez levar á enfermaria, e se encostou na cama. Choravaõ as Religiosas, que sabiaõ estimar sua companhia, e avaliar a sua perda, e ella com a boca cheia de rizo, despedindose de todas, lhe pedia, que naõ chorassem, pois era chegada a hora de sua mayor alegria; e voltando o coraçaõ a Deos, cerrou os olhos, e passou a gozar a eterna.

A Madre Sor Maria do Presepio.

Venturoso foy aquelle anno para esta Casa, dando ao Ceo duas filhas suas. Assim seguio os passos da primeira a segunda, que foy a Madre Sor Maria do Presepio, nobre, e bem assistida de seus pays, que professando nesta Casa, faleceo nella em breves annos, conhecendo-se, que o Ceo a destinara para sua na brevidade com que a levava, como em huma singeleza rara, que fez inculpavel sua vida. Era seu pay homem de cabedaes, e amante da filha, como de outra, que tomou o habito com ella; alargava a maõ com grandeza, porque a nenhuma faltasse nada; mas naõ eraõ as de Sor Maria mais, que hum deposito da pobreza; primeiro da de algumas Religiosas da Casa, supprindo o que esta naõ podia, especialmente com as enfermas, a que acodia, e visitava com tanto segredo, como largueza. Aos pobres de fóra hia o que lhe restava, sendo ella só a que ficava pobre entre os de Casa, e os de fóra; documento, que lhe dera seu Esposo, que para fazer ricos os pobres, se fez pobre, sendo rico.

Egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis. 2. ad Corint. 8. 9.

Quatro annos se lhe prolon- gou

gou huma doença, que a reduzio a tisica, sendo necessario, que a obediencia a eximisse das obrigaçoens de perfeita Religiosa, substituindo em lugar das penitencias as molestias grandes, e assim toleradas, como de quem sabia o que se podia merecer com ellas. Confessou-se, e pedio os mais Sacramentos, vendo-se assaltada de huma debilidade, que já parecia ultima. Deu-lhe pouco credito a Enfermeira, por mais que ella instava, que o era. Assim á advertencia de huma Religiosa se lhe veyo a dar o Viatico com pressa. Recebeo-o entre demonstraçoens de contriçaõ, e alegria, taõ estranha esta em dezanove annos, que se viaõ junto da sepultura, como natural a outra em huma vida, a que nunca esqueceo, que caminhava para ella. Espirou; e assim espirou como viveo; foy a morte alegre, como a vida fora innocente.

A Madre Sor Catharina da Gloria.

Mas passemos de dezanove annos de vida a 114 de Religiosa, como se viraõ na Madre Sor Catharina da Gloria, que de seis entrou nesta Casa, e já taõ inclinada aos exercicios della, que o mayor mimo, que lhe faziaõ, era admittilla a elles. Em acçoens de menina misturava advertencias de adulta. O almoço, que lhe davaõ, levava os mais dos dias a huma Imagem de Santo Thomaz; e pondo-o sobre o seu Altar, e os joelhos em terra, lhe dizia com ancia, que se lhe percebia melhor, que o idioma: *Meu Santo, e meu Mestre, ahi vos offereço o que tenho, daime vós muito saber para servir a Deos.* Naõ desprezou a supplica, e offerta innocente o grande Mestre das sciencias, e da virtude, porque assim sahio bem doutrinada a Madre Sor Catharina, que ao conhecimento grande, que tinha da Escritura, ajuntava o rezar, e recitar o Psalterio de memoria; e nas Liçoens, e mais particulares do Officio Divino estava taõ prevista, e prompta, que acodia, e reparava na mais leve falta, que nelle se commettia.

O grande zelo do amor de Deos, e da Religiaõ, a puzeraõ trez vezes (primeiro a votos da Casa, despois a ameaços da obediencia) no lugar de Prelada, que exercitou com inteireza, e constancia, sendo seu genio hum abysmo de humildade, e brandura, em tudo o que naõ tocava ao respeito da prelazia. Via-se assim igualmente querida, e respeitada de todas, como a que tantos annos ou escutaraõ Mestra, ou obedeceraõ Prelada; mas nenhuma hora para ella de mais gosto, que a que entre ellas se via servindo, sem lembrança da auctoridade, que com seu estylo de vida, e governo da Casa, se tinha grangeado nella, como da que deixara na de seu pay Diogo Leite Pereira, Fidalgo dos principaes, que reconhecera o Porto sua patria. Mas o que mais luzio, e avultou nesta Madre, foy hum exacto silencio, em que (para andar sempre contemplando) antes se sepultava, que se recolhia. Fóra das horas de licença, se lhe naõ ouvio nunca huma palavra.

Contava já cento e vinte annos, menos sete dias, quando cahio na cama desamparada já da natureza, mas com hum soce-

ſocego, e vigor de eſpirito, como a que começava agora a melhor vida delle. Já ſacramentada, durou poucos dias, diſpenſando-lhe nelles o Ceo, que viſſe em ſombras as felicidades, a que ſe eſtendiaõ ſuas eſperanças. Rodeavaõ-na as Religioſas, quaſi todas diſcipulas ſuas, deſconſoladas de ſua falta; e perguntando-lhe o que ſentia? Reſpondeo, que deſejos de chegar a huns deleitoſos prados, que dalli eſtava vendo, taõ viçoſos, e cubertos de flores, que nem a diſtancia (porque eſtavaõ em muita) lhe tirava o eſtar percebendo a ſua fragrancia; e fazendo-lhe ao outro dia a meſma pergunta, diſſe: *Que via o meſmo campo, mas já mais viſinho.* Eraõ ſem duvida os verdadeiros Elyſios da eterna Primavera, a que ſe hia chegando ſua alma, porque o dia, que faleceo, diſſe muitas vezes, e com ſegurança, que já os via como dentro da cella. Aſſim eſpirou, alvoroçada de paſſar a gozar de ſua delicia.

A Madre Sor Catharina das Chagas.

Naõ ſuſpirava com menos ancias por ella a Madre Sor Catharina das Chagas, attenuando o corpo com continuas penitencias, porque aliviado o eſpirito, correſſe mais ligeiro. Nas Vigilias dos Santos, e ſeſtas feiras de todo o anno, cingia aſpero cilicio; tomava diſciplina; naõ era o jejum menos auſtero, e o de meya Quareſma de paõ, e agua. Oraçaõ continua, ſeguida com huma taõ ſanta ambiçaõ, que naõ havia para ella mayor violencia, e ſacrificio, que as occupaçoens, em que a voto do de todas a punha o ſeu preſtimo; porque o que naõ era contemplar em Deos, julgava por tempo perdido. Com eſta magoa ſe ſogeitava aos officios de Prelada, e Meſtra, accreſcendo outra circunſtancia de naõ menor pena em ſe ver reſpeitada, porque naõ havia para ella empregos como os de abatida, eſquecida já, e deſnaturalizada da muita nobreza com que naſcera.

Neſte eſtylo de vida contava muitos annos, quando chegando o de 1623. a 7. de Setembro, em veſpera da Natividade da Senhora, mandou a Prioreza, porque ſe dilatava muito a Miſſa do dia, que commungaſſem nella as Religioſas confeſſadas, que para o outro ficariaõ as outras. Adiantouſe a Madre Sor Catharina, pedindo á Prelada, que a deixaſſe confeſſar a ella, porque naõ ſabia ſe chegaria ao outro dia: pareceo deſconfiança de timorata, ou culpouſe como tontiſſe daquella idade, mas fez-lhe a Prelada o goſto; commungou, e ficou com ſocego. Seguio-ſe a noite, e exercicio da Vigilia, e acabando de tomar a diſciplina, tendo eſta ainda na maõ, deu alguns paſſos a buſcar outra Religioſa, que para o meſmo effeito a acompanhara, e cahindo-lhe nos braços com hum accidente, paſſou a celebrar com os Anjos o naſcimento da Rainha delles.

Mas coroemos eſte Capitulo com outra Catharina, nome venturoſo neſta Caſa, como ſingularmente fauſto para a familia Dominicana, mimoſa ſempre daquella grande, e glorioſa Doutora Alexandrina, que a ſeus filhos illuſtrou ſempre como a diſcipulos, e favoreceo como a devotos, achando-me eu

no

no segundo numero com a felicidade de me patrocinar o seu nome, gloria, que naõ trocara pelos que póde prometter a immortalidade. Mas continuemos com a Madre Sor Catharina de S. Jacintho, terceira em numero, e igual ás outras no espirito. Sua grande religiaõ, e observancia lhe deraõ alguns annos o cargo de Mestra, incançavel em industriar as discipulas, zelosa na perfeiçaõ do culto Divino, mais desvelada no que tocava ao Coro.

A Madre Sor Catharina de S. Jacintho.

Ainda tendo outra occupaçaõ, assistia nelle como Cantora, para que Deos lhe deu huma voz fermosa, empregando-a agradecida nos louvores de quem lha dera. Foy toda sua vida mortificada na continuaçaõ de jejuns, e disciplinas; taõ aspera, e austera no trato de sua pessoa, como com todas tratavel, meiga, e caritativa. Deu-lhe huma febre aguda, pedio que a levassem para a enfermaria, e a sacramentassem logo; attendeo a tudo com grande consolaçaõ de seu espirito. Pedio ás Religiosas, que rezassem as Horas de nossa Senhora, acompanhou-as; e cantando-lhe a Antiphona *O' Rex gloriose*, sentada na cama, levantou a voz com tanto vigor, e inteireza, como se desconhecera os effeitos da hora em que estava, afinando à solfa, e encaminhando a todas, como se se achara no Coro entre ellas. Descançou hum pouco, e logo abraçando-as, e despedindo-se com alvoroço de quem sabia qual era sua jornada, partio venturosamente desta vida por Novembro de 1623.

CAPITULO V.

Das Madres Sor Maria do Bautismo, Sor Isabel da Madre de Deos, Sor Luiza de Saõ Raymundo, e outras filhas do mesmo Mosteiro.

NAõ era motivo de admiraçaõ, ainda que de reparo, que nesta Casa respirassem tantos, e taõ adiantados espiritos no caminho da virtude, porque os que precediaõ, deixavaõ assim doutrinados os que ficavaõ, que reproduzidas as virtudes, continuavaõ, sem descahir com a injuria das idades. Destes foy hum o da Madre Sor Maria do Bautismo, que nascendo rica, e bem apparentada, ainda foy mais venturosa em ter huma Religiosa grave nesta Casa, que de trez annos a trouxe, e criou nella. Com taõ boa Mestra cresceo na virtude, como na idade, e tomando o habito, e professando, começou a viver taõ exacta nas obrigaçoens delle, que a elegeraõ Prelada, naõ o pedindo ainda os annos, e recusando-o com grandes diligencias a sua humildade; mas viose o acerto de escolhida no zelo com que sustentou a observancia.

A Madre Sor Maria do Bautismo.

Toda sua assistencia era no Coro, diante do Santissimo Sacramento, de que era devotissima, e com quem gastava o muito que tinha, sem reservar para si nada. Rara na sua parcimonia, era o seu prato o mais pobre; e naõ pequena singularidade, havendo posses, naõ haver appetites. Acautelada com sua consciencia, acabado o officio de Prelada, se reduzio a hum

hum filencio, de que fó a difpenfava o zelo de reprehender algum defeito, porque os naõ fabia diffimular, efpecialmente no Coro, ou pertencente ao culto Divino. Affim era hum Argos para a perfeiçaõ delle, concerto da Communidade, obfervancia da Regra, e reforma da Cafa, podendo dizer: *Que o zelo da Cafa de Deos, e da fua honra a tinha reduzido a hum incanfavel defafocego.* Com efte genero de vida Angelica, fem mais commercio, que com o Ceo, a apanhou a morte a 6. de Agofto de 1630. taõ adiantada em annos, que lhe tirou pouco na vida, e tanto em virtudes, que lhe apreffou as felicidades da eterna.

[...]lus domus tuæ medit[...] Pf. [...]. 10.

Naõ feguio o alcance dellas com menos efpirito, e refoluçaõ a Madre Sor Ifabel da Madre de Deos, porque podia dizer (como logo veremos) com o Apoftolo, que como efcrava do Senhor, feguia a fua vocaçaõ, rompendo, e pizando todos os embaraços, todos os troppeffos, ou da honra, ou da infamia; efta imputada, aquella offendida. A humildade, e a paciencia foraõ as azas com que efta Madre fe adiantou, ou atropellou os mefmos obftaculos, que lhe intentavaõ retardar os voos. Já era Freira crefcida, e a mais reformada; e como a viaõ fofrida, naõ faltava quem fe atreveffe a defconfolalla. Defconhecera ella os parentes como fe vio reproduzida na Claufura em melhor nafcimento, talvez porque o delles naõ feria taõ puro, promettendo nelle menos Fé, que a que abraçara no habito, e inftituto. Achou o demonio efta brecha, para continuar com efperanças a bateria á fua paciencia, tomando por armas as linguas affoutas de algumas ferventes da Cafa, ou talvez (o que efcrevo com bem magoa) de Religiofas della, que veftindo de zelo o feu defagrado, culpavaõ os Prelados de introduzirem em fua companhia quem na fua opiniaõ nafcera indigna della, fem repararem, que a obfervancia, e reforma da excluida lhe condemnava a repulfa; naõ fendo dezar na rofa o terem-lhe dado berço os efpinhos, para que ainda entre as mais puras affucenas, naõ deftinaffe a natureza mais decente lugar á fua formofura.

[...]l Madre [S]or Ifabel [d]a Madre [d]e Deos.

Defafogava-fe a defaffeiçaõ em lhe chamar nomes injuriofos, que ella com os olhos no chaõ efcutava, e naõ rebatia, dando com efte fofrimento calor á oufadia, que a tratava com nomes expreffos por pouco fegura na Fé. Efte era o golpe, que mais lhe chegava ao coraçaõ, que naõ lhe cabendo no peito, e rebentando-lhe pelos olhos, era a muda queixa com que recorria á Imagem de hum Chrifto crucificado de fua continua devoçaõ. Alli fe proftrava por terra, dando mais vigor aos gemidos, que fobiaõ antes a pedir fofrimento, que caftigo; propondo com o Pfalmifta a fua injuria efcutada, e humildemente fofrida: *Tu fcis Domine improperium meum, confufionem meam, & reverentiam meam.* Como fe differa: *Senhor, vós bem vedes as afrontas, que efcuto, e como me confundo, humilho, e emmudeço.* Pf.68.20.

[E]xhibeamus nofmetipfos ficut Dei miniftros in multa patientia. per gloriam, & ignobilitatem;per infamiam & bonam famam. 2. ad Corinth.6.9.

Chegou a mais a impiedade de quem a perfeguia, atrevendo-fe

do-fe a levantar a maõ, e defcarregar hum golpe na face da humildade innocente, fem que primeiro lhe déffe efta caufa, ou defpois fe lhe ouviffe queixa, mais que a que coftumava acompanhar a fua tolerancia, que eraõ as lagrimas, fangue, que nos modeftos, e fofridos rebenta dos golpes da afronta, como gemido da natureza. Affim vivia já a Madre Sor Ifabel defpida da carne, e fangue, que a fazia malquifta, como a impiedade, como fe lhe quizera moftrar que, fe lhe davaõ em culpa o tella, já a naõ tratava como fua. Quiz a Prelada caftigar a agreffora, e fufpendeo o caftigo a incriveis diligencias da offendida. Difficil caminho, porque a fua tolerancia fobia, bufcando a coroa do martyrio, tanto mais rigorofo, quanto he mais preciofa victima a vida da honra, que o alento da vida.

Era a fua em tudo a mais obfervante. A' abftinencia do jejum de fete mezes fe feguia o de trez dias na femana no reftante do anno. Ufou fempre lãa junto á carne; cama, e cella penitente, e pobre; affim no trato de fua peffoa, porque huma penfaõ, que lhe pagavaõ todos os annos, applicou com licença dos Prelados para fe feftejar a Natividade da Senhora, de que era muy devota, fervindo a huma Imagem fua com defvelo no ornato, e aceyo de huma Capella. Outra Imagem tinha na cella, e nella a fua devoçaõ tanta confiança, que defamparando as Religiofas o Dormitorio baixo, por ameaçar alguma ruina, em huma chea do Douro, fó ella fe deixou ficar, dizendo affouta: que ficava com quem a guardaria. E naõ a enganou a confiança, porque durou o Dormitorio fem rifco contra a opiniaõ commua.

Na guarda das Conftituiçoens, e Regra, como eftaõ efcritas, era taõ vigilante, que examinando-a em muitas occafioens algumas incredulas, e imprudentemente efcrupulofas, fahiraõ igualmente defenganadas, que confufas. Nefte modo de vida, fem afrouxar nella, contou a Madre Sor Ifabel cento e quinze annos de idade, porque ainda que efta a moftrava caduca, para tudo o que tocava a Deos, e á Religiaõ eftava prompta, e advertida. Faltaraõ-lhe as forças, e com ellas a vida; pedio, e recebeo os Sacramentos com demonftraçoens de verdadeira, e venturofa penitente, opiniaõ, que fe confirmou em alguns dias, que fe lhe dilatou a ultima hora, porque trazendo comfigo fimilhante idade muitas miferias de achaques, e chagas, e defaceyo, que fe fegue a huns, e outras, fufpendiaõ-fe as Religiofas, que entrando, e affiftindo na fua cella, rodeando a cama da enferma, lhe occupava os fentidos huma defconhecida fragrancia, explicada de todas como fe fora hum muito de flores, e perfumes, fem que podeffem ver os olhos o que eftava affirmando o olfato. Com efta circunftancia paffou fuavemente defta vida em 2. de Mayo de 1633. eftando as Religiofas em Vefperas, entoando o Cantico de Magnificat, de efpecial doçura para ella.

Siga-fe a efte extremo de fofrimento outro de caridade

na

Madre Sor Luiza de S. Raymundo.

na Madre Sor Luiza de S. Raymundo, de quem dizem as memorias, (que de boa maõ vieraõ á noſſa) que nunca ſe poderá encarecer o que eſta Madre foy nos empregos deſta grande virtude. Creſceo ella ſobre os aliceſſes da obſervancia regular, em que era exacta, de hum zelo ardente do augmento da Religiaõ, e reforma da Caſa, de huma abſtinencia, e eſtreiteza de jejuns, accreſcendo aos da Regra muitos de paõ, e agua, acompanhados ſempre de diſciplina; ſobre eſtes fundamentos, e hum genio brando, affavel, e compaſſivo, avultava a caridade com o proximo, taõ ambicioſa do emprego, que a menor moleſtia de qualquer Religioſa a chamava enfermeira, occupaçaõ, que com inſtancia pedia, e deſempenhava, ſem perdoar a trabalho, ou a diſpendio, ſe a enferma era deſamparada; conſumido o pouco cabedal, que para eſte effeito ajuntava a ſua induſtria (fóra ſo da ſua tença) recorria a ſeus pays, que com maõ larga reſpondiaõ á petiçaõ da filha, como herdeira de ſua muita piedade, conhecidos por ella, como por ſua nobreza na Cidade do Porto, de que eraõ naturaes; ſeu pay ſe chamou Fernaõ Nunes Barreto, ſua mãy Dona Maria Henriques.

O meſmo deſvelo, a meſma diligencia occupava com as ſerventes, e ainda eſcravas da Caſa, como ſe vio na aſſiſtencia, que fez a huma por eſpaço de trez mezes, em que o mais tempo ſe naõ deitou em cama, deſcançando ao pé da da enferma, ou naõ deſcançando as muitas noites, que eſteve perigoſa. Da Enfermaria, ou das cellas das doentes, paſſava á coſinha, fiando de ſuas maons, e diligencia os guizados com mais deſfaſtio, para as que ſem elle naõ levavaõ o ſuſtento. Deſoccupada deſte trabalho, entrava no de fazer-lhes a cama, curallas por ſuas maons, alimparlhes as cellas, ſempre com ſemblante taõ alegre, como quem naõ ignorava os eternos avanços do ſeu intereſſe. O tempo, que lhe perdoavaõ ſimilhantes exercicios, acodia aos da obſervancia da Caſa, ao Coro, á oraçaõ, em que o Senhor enriquecia ſeu eſpirito com o copioſo orvalho das lagrimas, com que acodia a temperar o eſtio ardente de ſua incançavel caridade.

Quando commungava, ſe via nella com mayores abundancias eſte effeito; ſervindo ás Religioſas de compunçaõ, e aſſombro. Foy mayor o que ſe vio em ſua morte, (que foy taõ ſentida, como invejada) trocando-ſelhe a palidez do roſto em a cor viva de huma roſa, que todas viraõ, e contemplaraõ, como ſe ſe lhe reſtituira ſua belleza, que foy muita. Faleceo aos quarenta e nove annos de ſua idade, por Outubro de 1639.

As Madres Sor Agueda da Graça, e Sor Juliana de S. Bernardo.

Remate eſte Capitulo a noticia de duas Religioſas; que criou eſta Caſa com a gloria de as poder dar a outra, em que foſſem plantar a obſervancia, que aprenderaõ nella. Foraõ ellas as Madres Sor Agueda da Graça, e Sor Juliana de S. Bernardo, buſcadas, e eſcolhidas para Fundadoras do Moſteiro de noſſa Senhora do Tojal, ſendo as noticias de ſeu grande zelo,

zelo, e espirito, as que naõ cabendo na Clausura, passaraõ a occupar os reparos, e vozes de toda aquella Provincia, tendo ambas tantos votos para o cargo, quantas prendas lhe contava o merecimento. Sahiraõ deste Mosteiro de Corpus Christi a 2. de Setembro de 1640., e deraõ inteira satisfaçaõ na fórma, e primeira ebservancia da fundaçaõ nova, porque em ambas se achavaõ, e experimentaraõ as qualidades de espirito, inteireza, e vigilancia, que saõ as com que principia a respirar a vida de huma Clausura.

Sabemos, que a Madre Sor Agueda foy logo Prioreza, e Mestra de Noviças a Madre Sor Juliana, succedendo esta no lugar de Prelada por morte da primeira. Seriaõ as circunstancias, e progressos de sua vida, dignos de mais larga escritura, mas naõ he assumpto da nossa hum Mosteiro, que com Fundadoras, e Constituiçoens Dominicanas (ou fosse por difficil commercio, e distancia com os Conventos da Ordem, ou pouca ambiçaõ nella de contar muitos) tomando-lhe o Instituto, lhe naõ restituhio nunca a sogeiçaõ.

CAPITULO VI.

Das Madres Sor Maria de S. Joseph, Sor Anna da Appresentaçaõ, Sor Marianna de S. Joseph, Sor Luiza da Conceiçaõ, Sor Antonia de S. Domingos, Sor Joanna Bautista, e Sor Anna de Jesus, da mesma Casa.

SEm duvida se póde convencer quem ler estes escritos, que a mayor parte do que nelles podia ser assumpto, nos escondeo avaramente o tempo, como se se vingara da pouca ambiçaõ com que pegamos na penna, antes que para estender, para recolher memorias, que nos deixou mais o descuido, que o cuidado de quem sem obrigaçaõ quiz apontar algumas, porque ficando as mais antigas, que alcançamos desta Casa, no anno de 1639. as tornamos a descobrir só desde o de 1669. vindo-nos a faltar, e emmudecer pelo largo espaço de trinta annos, sem que nos fique de repetidas diligencias, mais que o desengano de que naõ tem outro fruto as que se fazem, despois de dar tantas largas ao tempo. Mas naõ o occupemos com queixas sem remedio, que será segundo erro (inda que sem nossa culpa) occupallo agora mal, naõ o occupando até agora; e tenha o primeiro lugar a Madre Sor Maria de S. Joseph, irmãa do Bispo do Porto Dom Nicolau Monteiro.

Naõ se contentou esta Madre com a observancia pontual do que ordenaõ as leys, que professara, aspirou ainda a mais estreito modo de vida, naõ o sendo pouco o que se ajusta ás Constituiçoens, e Regra. Aos jejuns ajuntou muitos de paõ, e agua, sem que hum achaque de tosse, que por muitos annos lhe enfraqueceo o peito, a dispensasse daquelle rigor voluntario. Continuava o Coro despois de o fazer a Communidade as horas, que esta naõ assistia nelle. Levava-a suavemente a contemplaçaõ áquelle lugar, de que só a tirava o receyo de ser vista, ou reparada. Na sua

A Madre Sor Maria de S. Joseph.

cella

cella naõ ſó faltavaõ aceyos, mas ainda commodos, e abrigos, porque para aſſento havia o chaõ deſpido, e para deſcanço humas taboas, e alguma cuberta, que as diſſimulava em fórma de cama. Continua Enfermeira, deſcançavaõ no ſeu cuidado as que tinhaõ eſſe officio. Eſmoler, nunca teve couſa de preſtimo, ou valia, que naõ paſſaſſe logo ás maons da neceſſidade, e da pobreza. Compaſſiva, e deſvelada com ella, pedia para remedialla.

Humilde, eſpreitava as occaſioens naõ ſó de mayor trabalho, mas abatimento; e entre as Noviças, ou ſerventes da Caſa era a primeira, lançando muitas vezes maõ dos inſtrumentos do mais vil ſerviço, e alliviando delle até a huma eſcrava de huma Religioſa, irmãa ſua, que naõ podia acodir a toda a ſua obrigaçaõ, ou de occupada, ou de enferma. Adiantava-ſe a Madre Sor Maria a ſervir de compaſſiva, a evitar-lhe o caſtigo de que a via ameaçada, e perſeguida. Por mais que eſta Madre (como com leves motivos o foy) o foſſe de ſem razoens, ſe lhe naõ ouvio nunca na repoſta ſinal de ira, ou de queixa. Aſſim foy ſua morte pacifica, e ſuave, como ſe a andara enſayando no ſeu genio. Acabou com todos os Sacramentos, e demonſtraçoens grandes de conſeguir os effeitos delles, em 8. de Abril de 1669. Em eſpirando, ſe mandou entregar a ſeu irmaõ o Biſpo huma carta, que lhe deixara com eſſa circunſtancia, que aberta, vio que era a ſubſtancia, pedir-lhe, que ſe lembraſſe de ſua alma, pois ella ſenaõ podia valer a ſi como filha da pobreza, ſendo grande a em que acabava. Levantou o Biſpo as maons ao Ceo, e a voz bem ouvida dos que lhe aſſiſtiaõ, e diſſe: *Graças a Deos, que me eſpirou hoje huma irmãa capaz de me deixar com ſentimento, e ſem ſuſto, porque eu a amava por ſua vida, e ella viveo como quem merecia a eterna.* E deu logo ordem em toda a Cidade a Miſſas, e ſuffragios com maõ larga.

Naõ ſe podia dizer mais de huma grande Religioſa, como foy a Madre Sor Maria, nem ſe poderia dizer menos de outra igual ſua, a Madre Sor Anna da Appreſentaçaõ, peſſoa de grandes reſpeitos, aſſim no ſeculo, como neſta Caſa, devidos á dos Marquezes de Marialva, de que era, como tia de Dom Fradique de Menezes, Senhor da Barca, e de Dom Joſeph de Menezes, Arcebiſpo de Braga. Medio eſta Madre com a ſua nobreza a ſua obſervancia, e mais por eſpelho deſta, que por valia daquella, a elegeraõ Prelada deſta Caſa, naõ lhe tirando as occupaçoens do cargo os exercicios em que voava ſeu eſpirito. Aſſim ſe deſvelava ſua vigilancia, que prompta a todos os actos de Communidade, e zeloſa na refórma da Caſa, grangeava muitas horas de tempo livre para ſe recolher na Capella dos Paſſos, a que a levava hum coraçaõ mavioſo, e devotiſſimo da Paixaõ de Chriſto. *A Madre Sor Anna da Appreſentaçaõ.*

Alli ſe eſquecia orando, e alli ſe affervoravaõ de ſorte ſeus deſejos compaſſivos, que rompendo em demonſtraçoens penitentes, feria muitas vezes o roſto com taõ rigoroſos golpes, que paſſavaõ a fazer eſtrondo no

Dor-

Dormitorio. De contemplativa andava continuamente abſorta, e pagava-lhe o Ceo o deſvelo, fazendo-a capaz de ſuas delicias. Em huma noite de Natal, antes de tocarem a Matinas, ouvio ao paſſar por junto ao Coro, huma ſuave, e eſtranha harmonia, que lhe ſuſpendeo o paſſo. Entendeo, que feriaõ algumas Freiras moças; entrou a reprehendellas, deſenganando-ſe, que naõ havia entre as que alli achava, alguma de que ſe podeſſe eſperar o que ouvira; e muito mais affirmando huma de reſpeito, que alli ſe naõ cantara. Ao que reſpondeo: *Eu o creyo, porque o que eu ouvi, foraõ muitas vozes, que com peregrina conſonancia, e ſoberano concerto enchiaõ eſte Coro.* Contemplava ſem duvida a Madre Sor Anna áquella hora nos myſterios daquella noite; e quiz o Ceo naquella hormonia fazella participante da que nella houvera.

Em caſo mayor lhe moſtrou como correſpondia ao commercio, que tinha ſó com elle, aconſelhando-a para o bom governo da ſua Communidade. Abrio por algumas partes, ameaçando ruina, a parede principal do Refeitorio; entravaõ nelle as Religioſas a medo, e a Madre Sor Anna (que continuava na occupaçaõ de Prioreza) em cuidados de diſpenſallas de irem á noite á colaçaõ. Era zeloſa, e conſiderada, ſuſpendia-ſe com o receyo das conſequencias, que coſtumaõ ter as diſpenſaçoens nas Communidades, que de permiſſoens licitas paſſaõ a relaxaçoens exorbitantes. Via, que ſe hoje diſpenſava com a colaçaõ, em dois dias ficaria até ao jantar deſpovoado o Refeitorio, ſendo notavel a brevidade com que caminha a diſpenſaçaõ no menos licito, que ſem admittir meyo, paſſa de permittido a praticado. Occupava-a, e ſuſpendia-a eſte penſamento, quando huma noite, que ſe detinha junto ao Refeitorio, vio vir, e entrar para elle a Communidade com grande ordem, e ſilencio; entrou com ella, occupou o lugar de Prelada, ſem fazer reflexaõ em nenhuma ſubdita, ou porque occupada na ſua imaginaçaõ, naõ attendia a outra couſa, ou porque poucas luzes em caſa grande naõ permittiaõ eſſes reparos á viſta. Eis-que indo a fazer ſinal, levanta os olhos, e vê todos os lugares vaſios. Recorre a que ſeria fraqueza na viſta, mas via as meſas, e a ninguem mais na caſa; entendeo logo, que naõ era vontade do Ceo, que faltaſſe a Communidade á obſervancia de ajuntarſe naquella hora. Conſultou o ſeu Confeſſor, Religioſo de grande capacidade, que aſſentou no meſmo; aſſim ſe continuou na colaçaõ o Refeitorio, acodindo-ſe, e reparando-ſe ao que havia nelle de riſco. Eſtes aviſos merecia do Ceo a Madre Sor Anna, como demonſtraçoens do que lhe agradava o ſeu zelo, e refórma.

Devotiſſima do Roſario da Senhora, foy a que introduzio, que ſe rezaſſe todos os dias no Moſteiro na fórma, em que o diſpoz o Santo Pio V. Houve contradiçoens, e repugnancias, favorecidas ainda das mayores da Caſa, com o pretexto de naõ gravar a Communidade com novas obrigaçoens. Mas ella ajudada

dada de seu zelo, e industria, convidava primeiro as amigas, foy despois affeiçoando outras, até que todas o abraçaraõ, e hoje se continúa com toda a Communidade na Capella dos Passos, donde ella decretou que fosse. Obrigouse o Filho do obsequio, que se fez á Mãy, e chegada esta Madre ás portas da morte, despois de todas as disposiçoens para ella com grande conformidade, permittio, que estando rezando o Terço da Paixaõ, (seu exercicio quotidiano) passasse desta vida a lograr o premio de sua devoçaõ, e zelo, em 6. de Fevereiro de 1637.

Naõ foy menos o de outra Prelada desta Casa, taõ observante em sua pessoa, como em fazer pôr em execuçaõ as leys, que professara. Assim eraõ todas as Religiosas, mas propriamente antes suas discipulas, que suas subditas, e antes que huma cousa, e outra, filhas amadas, porque era a brandura com todas igual á austeridade comsigo. Foy sua morte taõ suave, que logo pareceo premio de sua vida, testemunhando-o o Ceo nas vozes com que a chamou para a eterna, porque ao espirar, se ouviraõ no Claustro entoar finas, e concertadas a Antiphona *Veni electa mea, & ponam in te thronum meum.* Como se dissera por ellas o Esposo das almas: *Vinde esposa escolhida, que haveis de ser o throno do meu descanso.* Vivem hoje as Madres Sor Isabel da Visitaçaõ, e Sor Elena de Jesus, que por terem para aquella parte as cellas, o ouviraõ, e o testemunhaõ. Chamava-se esta Madre Sor Marianna de S. Joseph. Faleceo por Abril de 1677.

A Madre Sor Marianna de S. Joseph.

Siga-se a estas duas Preladas huma grande Mestra de espirito, como da vida activa da Religiaõ, porque trinta annos continuos o foy de Noviças. Bastava sua vida para ensinallas, mas adiantavaõ-se a mais os empregos de sua vida, que nem attenuada de jejuns, nem atormentada, e perseguida de cilicios, e disciplinas, deixou de alongarse até a idade de cem annos. Avultou nesta Madre entre as mais virtudes a da paciencia, assim para sofrer molestias, como para escutar injurias, sem que estas a deixassem com desagrado, nem aquellas a achassem com queixa. Era uso seu levantarse todos os dias pelas trez horas; as que hiaõ até Prima, gastava em oraçaõ no Coro; e succedendo-lhe pelo Veraõ, ao passar para elle, ouvir no Claustro os passarinhos, que cantavaõ ao romper do dia, se detinha, e levantando a voz, e os olhos, lhes dizia com santa inveja, e singeleza: *Eya lambareiros, primeiro que eu madrugastes a louvar o Senhor?*

A Madre Sor Luiza da Cõceiçaõ.

Muitas vezes lho ouviraõ algumas Religiosas, que acaso se achavaõ perto, outras, que para a ouvir, a seguiaõ de proposito, e com segredo. Reparavaõ nella outras vezes, que passando por donde visse o Ceo descuberto, levantando a elle as maons, e os olhos, se lhe desfaziaõ em copiosas lagrimas. Vozes pareciaõ do coraçaõ, que naquelle saudoso idioma suspirava no degredo, por se ver na Patria. Alargava-lhe o Ceo os annos, porque queria escutarlhe os desejos, indo estes merecendo quanto aquelles se hiaõ dilatando, e dispondo, que a

naõ

naõ aſſaltaſſe a morte com mais golpe, que ſua meſma idade. A tarde precedente á noite em que faleceo, correo o Moſteiro, deſpedindo-ſe de todas, a quem reſpondia, que adiantava aquella diligencia, porque já naõ podia durar muito. Havia pouco que tinha commungado, foy a Matinas a prima noite; deſpois á meſa com a Communidade; dalli ſe recolheo á cella, chamando algumas Noviças ſuas, e pedindo-lhe, que a ajudaſſem naquella hora, que naõ queria dar ás Religioſas eſſa moleſtia; e lançada no chaõ com demonſtraçoens penitentes, o nome de Jeſus na boca, lhe entregou a alma em 8. de Abril de 1682. Acharaõ-ſe-lhe ao amortalhalla ſinaes freſcos de rigoroſa diſciplina, das que a miudo tomava, como na cella varios inſtrumentos da ſua penitencia. Chamava-ſe eſta Madre Sor Luiza da Conceiçaõ.

A Madre Sor Antonia de S. Domingos.

Naõ deixou menos ſinaes de penitente a Madre Sor Antonia de S. Domingos, por mais que o recatava ao mais miudo reparo. Naõ contente com o continuo exercicio de cilicios, e diſciplinas, trazia ſempre por baixo da toalha huma aſpera corda de eſparto aos peſcoſſo, que trocada, ſe lhe hiaõ as pontas rematar na cintura. Seguia-ſe a eſtas penitencias, como premio dellas, o dom de lagrimas, e o meſmo era porſe de joelhos no Coro, que começarem-lhe a cahir taõ copioſas, e continuadas, que naõ havia diligencia para encobrillas. Teve eſta Madre hum ſonho; primeiro entendeo, que naõ paſſava de o ſer, deſpois lhe enſinou o effeito, que fora mais que ſonho. Repreſentou-ſelhe nelle, que huma voz lhe perguntava com brandura, e agrado, ſe queria ter neſta vida o Purgatorio? a que reſpondeo, que ſim; e acordou com a magoa de que foſſe ſonho, porque aquelle era o ſeu deſejo.

Satisfez-lho o Ceo, porque trez annos antes de ſua morte lhe deu hum taõ rigoroſo achaque, que a teve entrevada em quanto lhe durou a vida, ſobrevindo-lhe taõ grandes tribulaçoens, e taõ novos aſſumptos de martyrio, que muitas vezes lhe eſcutavaõ o ancioſo deſafogo de hum gemido, com a laſtimoſa voz de que lhe faltava o ſofrimento. Eſpirou entre dores, mas como quem tendo-as por Purgatorio, paſſava delle ao immortal refrigerio. Teſtemunhou-o a ſuavidade de cheiro, que ſe percebeo em ſua cella, e no Coro, em quanto o corpo ſe naõ deu á ſepultura. Faleceo em 6. de Mayo de 682.

A Madre Sor Joanna Bautiſta.

Coroemos em fim eſte Capitulo, e as noticias deſta Caſa com as ultimas duas filhas, que ennobreceraõ as memorias della, e como benemeritas, occupaõ as da noſſa eſcritura. Foy huma a Madre Sor Joanna Bautiſta, que com ſanta ſingeleza ſeguio hum genero de vida taõ reformada, que nunca as Communidades a acharaõ menos, fóra dellas na ſua cella, ou no Coro. Nas penitencias auſtera, nas moleſtias ſofrida, e com todas caritativa, ſogeita, e branda. Chegou entrada já em annos, ao ultimo termo da vida, com taõ venturoſos annuncios da que eſperava, que eſtando para eſpirar, ſe ouvio cantar ſua-

ſuavemente a *Salve Regina* (coſtuma-ſe rezar na Religiaõ aos que entraõ naquelle ultimo, e formidavel termo) no Dormitorio, eſtando a Communidade toda no Coro. Ouviraõ-na clara, e diſtintamente algumas Religioſas enfermas, outras, que aſſiſtiaõ na cella da moribunda, com reparo, e admiraçaõ de todas. Chegada deſpois a Communidade, pedio que lhe entoaſſem o Roſario, (era na primeira Dominga de Outubro, em que elle ſe celebra) e ajudando ella a rezallo, com mais eſpirito, que forças, lhe faltaraõ com a vida, paſſando a acaballo com os Anjos na gloria, em 2. de Outubro de 684.

Madre Sor Anna de Jeſus. Foy a outra Madre Sor Anna de Jeſus, igualmente extremoſa na meſma devoçaõ, ſem largar hum inſtante das maons as contas, a que ſó advertia, e de que ſe divertia ſó para a aſſiſtencia do Officio Divino. Sua vida foy ſempre igual, obſervante da Regra, e Conſtituiçoens em todo o ſeu rigor, mas taõ retirada, que (ſuppondo-ſe) naõ ſe ſabia mais de ſua vida nas circunſtancias de penitente, e mortificada. Eſpirou, devendo ao Ceo o primeiro ſuffragio, porque por todo o Moſteiro ſoaraõ concertadas, e funeſtas vozes, como adiantando-lhe o officio do enterro. Correraõ as Religioſas aonde eſtava o corpo, cuidando cada huma, que hia tarde, e acharaõ unicamente as que aſſiſtiaõ a amortalhallo. Seguio-ſe logo huma fragrancia, que occupou o Dormitorio, como (com ſuavidade, e conſolaçaõ) a grande parte das Religioſas, que nelle ſe achavaõ, e hoje o teſtemunhaõ. Ao inſtante em que eſpirou, cantava a Communidade no Coro o Pſalmo *Nunc dimittis.* Contavaõ-ſe 21. de Julho de 687. Os mais aſſumptos memoraveis deſta Caſa, como já diſſemos, ou lamentamos, ſepultou o tempo á noſſa noticia. Baſte eſta para exemplo, e conſolaçaõ das que buſcarem eſta Clauſura, como dos piedoſos cultivadores da obſervanca.

CAPITULO VII.

Das Madres Sor Maria do Roſario, Sor Maria do Sepulchro, Sor Paula da Cruz, Sor Marianna da Reſurreiçaõ, Sor Maria de Jeſus, do Moſteiro do Salvador.

NAõ coſtuma o Ceo abrir caminho com finaes prodigioſos, ou auctorizar com demonſtraçoens raras a origem de peſſoas, e couſas, que ſe naõ hajaõ de oſtentar pelos ſeculos com menos progreſſos, que maravilhas, que o recomendaõ, e o confirmem. Aſſim o moſtrou a experiencia, e lê repetidas vezes no teſtemunho da Hiſtoria, ſendo o raro de ſeus naſcimentos o fiel moſtrador do que deſpois ſe deſempenha no novo curſo de ſua vida, ainda debaixo das juriſdicçoens da natureza, mas muito mais nas da graça; e parece, que ſe eſtendeo eſte privilegio grande aos edificios ſagrados; verdade, de que naõ mendigamos teſtemunhos, tendo muitos de portas a dentro nos que foraõ berços, em que a Familia Dominicana começou a reſpirar neſta Provincia, naõ podendo negar (ſenaõ o primeiro) hum lugar gran- *Moſteiro do Salvador.*

grande ao que fe levantou na Cafa, e Mofteiro do Salvador, attendendo ás circunftancias com que começou a crefcer, e a avultar aquella fagrada fabrica, em que fe defvelaraõ os homens, trabalharaõ os Anjos, e parece fe efmerou o Ceo, naõ em lhe lavrar jafpes, e porfidos, ou lhe levantar columnas, mas em lhe difpenfar prodigios, bons fiadores dos que fe lhe haviaõ de continuar por muitos feculos.

E naõ pareça efcufada, ou exquifita reflexaõ (a quem tiver noticia defta Cafa) o lembrarme das abelhas, que no inculto lugar della lavraraõ Altar ao Salvador, que crucificado em hum tronco, deu nome ao fitio, para entender agora, que eraõ aquellas huns emblemas das racionaes, que trabalhando pelo tempo futuro nas flores de fuas virtudes, haviaõ de levantar ao mefmo Senhor mais eftimaveis Altares; como fe fe continuara com melhora o prodigiofo exercicio das abelhas (a que chamaõ fegredo, e milagre da natureza) no que o Ceo defempenha, e continua nas induftriofas filhas defta Cafa, e da obfervancia della. Affim fe vê defde o anno de 1392. em que o Bifpo Joaõ Efteves a fundou, até o em que a deixou defcrita, e memorada o Padre Frey Luiz de Soufa, fendo a ultima Religiofa, de que nos deixou noticia, a Madre Sor Catharina das Chagas, pelos annos de 1619.

Mas naõ he poffivel excufemos a repetida queixa de omiffaõ daquelles tempos, porque naõ achando noticias mais que do anno de 1635. a efta parte, nos vem a ficar o efpaço de dezafeis annos fepultando, á boa conjectura, affumptos, em que poderiamos alargar a penna. Seja o primeiro dos que fe nos permittiraõ a ella, a Madre Sor Maria do Rofario, rara em penitencias, como continua em contemplaçaõ, efpecial a do Paffo, em que os Judeos trataraõ com ludibrio, e afronta ao feu verdadeiro Rey, pondo-lhe na maõ por Sceptro huma cana, na cabeça huns efpinhos por coroa, ornato, com que o Prefidente de Judea o expoz ao Povo em huma varanda, moftrando-o chagado, e ferido como homem, por ver fe a femelhança lhe aconfelhava a comiferaçaõ, e lhe mitigava a ira. Entrava-fe efta Madre defta contemplaçaõ, e nas noites das fextas feiras corria o Mofteiro, ornada com as divifas daquelle tormento, e ludibrio, facrificando-fe ao que as ferventes da Cafa faziaõ talvez de fua peffoa, ou as que tratavaõ aquella demonftraçaõ como loucura. Era igual feu abatimento á fua paciencia; parece que fe movia nella antes, que hum corpo, huma eftatua. Obfervante nas Conftituiçoens, como na affiftencia do Coro, nada mais lhe levava o tempo, que o fer procuradora dos pobres; affim andava inquirindo, e examinando neceffidades, mendigando incançavel, para foccorrellas, e remediallas. Naõ parava nas Religiofas; cuftavaõ-lhe as mefmas diligencias os pobres de fóra, que recorriaõ a ella como a fua depofitaria. Efte exercicio foy toda fua vida, como fua morte, com tanto alvoroço, como quem fe via ás portas do premio do que tinha fervi-

do, pelos annos de 1635.

Naõ se esmerou menos no exercicio da oraçaõ (que no da caridade a Madre Sor Maria do Rosario) outra filha deste Mosteiro, donde tudo eraõ estradas para o Ceo, ainda que parecessem diversas no emprego, e no excesso. Foy esta a Madre Sor Maria do Sepulchro; era a primeira, que se levantava na Casa, correndo as portas das Religiosas, e convidando-as para o Coro, para a oraçaõ antes de Prima. Era o seu exemplo a mais efficaz diligencia, e a continuaçaõ, e desvelo nesta, o grande conhecimento, que tinha, e seria tambem experiencia das grangearias della. Estudara aquelle desvelo com quem era todo do coraçaõ de Deos; e propondo-lhe, que o buscava, lhe accrescentava a circunstancia de ser com os desvelos da madrugada; emprego, a que o mesmo Senhor deu por premio a Bemaventurança.

Deus Deus meus ad te de luce vigilo. Ps. 62.

Seguia-se aos fervores da oraçaõ, assim em Sor Maria, como nas que a seguiaõ, e acompanhavaõ nella, huma constante resoluçaõ de attenuar o corpo, para que desembaraçado o espirito, sobisse continuamente a gostar as delicias da contemplaçaõ; recorria, para o conseguir, ao rigor da disciplina, sendo muitas vezes trez as que repetia entre dia, e noite, como se as rebeldias da natureza a achassem sempre com a maõ levantada para o golpe. Naõ menos rigorosa na abstinencia, observava os jejuns das Constituiçoens á risca; no mais tempo a porçaõ da Communidade, e ainda a mais limitada, a deixava satisfeita. A ancia de servir ao proximo a poz duas vezes na Enfermaria, e nesta occupaçaõ taõ prompta, e desvelada, que de ordinario escusava as serventes desta officina. Com taõ santa ambiçaõ applicava as maons ao trabalho della.

Levavaõ-lhe estes empregos esse pouco que tinha, ficando pobrissima, assim no trato de sua pessoa, como nas alfayas da cella. Algum tempo, e talvez furtado ao sono, e ao descanço, empregava em obras de agulha, em que era industriosa, destinando o lucro, e a grangearia ao ornato da Imagem milagrosa de Nossa Senhora das Neves, antigo emprego da devoçaõ desta Casa, de que daremos alguma noticia. Em tunicas interiores, e mantas para a cama, usava de estamenha; e considerando huma Religiosa amiga sua, que até aquellas duravaõ ajudadas de remendos, e que lhe seria necessario algum panno, que substituisse em lugar de estamenha, lho offereceo; advertindo-lhe, que ainda que este era mais mimoso que ella, seria provisaõ para se se achasse achaquada. Aceitou Sor Maria a vontade, escusando-se á offerta, repetindo os seguros de que lhe naõ faltava nada. Conhecia a Religiosa a sua pobreza, e examinando-lhe a cella, lhe naõ achou cousa alguma, naõ bastando este desengano, para naõ continuar com a mesma segurança, de que lhe naõ faltava nada. Admirada a Religiosa, referio o caso ao Mestre Frey Guilherme do Vadre, (pessoa de grande espirito, que já nestes escritos nos deu assumpto) accrescentando, que se admirava, porque conhecia, e tinha gran-

grande opiniaõ de Sor Maria, e agora a via faltar ao ponto da verdade, ſegurando, que tinha o que lhe era preciſo, o que era pelo contrario. Suſpendeo-ſe o Meſtre, e reſpondeo, rompendo o ſilencio com hum ſuſpiro: *Ah Madre, que eſſa Theologia naõ alcançamos*! Aſſim pezava eſte talento o extraordinario daquelle eſpirito.

Levava-a hum filial, e accendido affecto a Noſſo Padre. Trabalhavaõ para o ſeu ornato algumas Religioſas, bordando-lhe huma capa de Eſtrellas, e foy Sor Maria a primeira pelo primor da ſua agulha, e mais ſingular, porque em trabalhando na capa, ſe punha de joelhos, e aſſim continuava aquella goſtoſa tarefa muitas horas. Naõ foy deſagradavel ao Santo eſte obſequio. Adoeceo pouco tempo deſpois eſta Madre, foy a doença de morte, pedio os Sacramentos, e eſtando-ſe confeſſando diſſe ao Confeſſor, que junto da cama tinha huma viſita, porque eſtavaõ alli a Senhora das Neves, e Noſſo Padre S. Domingos, com huma capa bordada de Eſtrellas. Faleceo dahi a pouco com ſinaes de quem paſſava ao Palacio dellas. Advertindo o ſeu Confeſſor, e o Meſtre Frey Guilherme, (tinhaõ ambos noticia de ſua conſciencia) que ſe lhe pozeſſe hum final na cova. Foy ſua morte pelos annos de 1664.

Seguio as pizadas da Madre Sor Maria, a Madre Sor Paula da Cruz no emprego da oraçaõ. Na mental, com taõ ſuave fruto de ſeu eſpirito, que ſobre ſerem as lagrimas os ſuores daquelle coraçaõ, que ſe aviſinhava ao verdadeiro fogo, aſſim ſe alienava das ſenſibilidades de humana, que ficava extatica. Era Subprioreza, (officio, que exercitou muito tempo, porque era ſua vida o Coro) chegavaõ-ſe a ella a advertirlhe o que importava, achavaõ-na ſem ſentido, ſuavemente roubado de mais ſuperior centro. Na oraçaõ vocal naõ eraõ menos as lagrimas, (como a que tinha o dom dellas) e taõ dada a ella, que duas vezes rezava o Officio Divino; artificio para naõ ter mais tempo, que para fallar de Deos, ou com elle. Era aſſim ſó com o Ceo o ſeu commercio, e parece que foy nella herança, porque aſſim irmãas, como parentas, que teve neſte Moſteiro, naõ aſpiraraõ a outro, mais que ao eterno. Mas naõ baſtava a grande obſervancia de ſua vida a reſgatalla do martyrio de eſcrupuloſa; e com tanto extremo, e deſconſolaçaõ ſua, que em fallando com Religioſa de mais confiança, naõ era outra a pratica, acompanhada com ancias, com lagrimas, ſem alivio, ſem remedio, circunſtancias, que fizeraõ mais notavel ſua morte.

Chegada eſta em huma doença (que ajudada de achaques, e annos, deſenganou logo os remedios) entrou em huma ſuſpenſaõ grande, recebidos os Sacramentos. Naõ ſe lhe ouvia palavra; chegouſe huma ſobrinha ſua, (vive ainda hoje Religioſa de opiniaõ, e a que ſe deve todo o credito) e perguntoulhe como a que ſabia o tormento de eſcrupulos, com que ſempre vivera a moribunda, ſe queria reconciliarſe? ſe a affligia, ou ſe ſe achava ainda com algum eſcrupulo? A que reſ-

pondeo Sor Paula com admiravel socego: *Escrupulo? de que? Nenhum escrupulo tenho.* Entraraõ nesta occasiaõ os Medicos, mandaraõ com pressa darlhe a Unçaõ; e ao entrar o Confessor, pondo nelle os olhos, disse: *Laqueus contritus est, & nos liberati sumus.* Vem a dizer: *Rompeose e laço, o estamos livres.* Palavras, que proferidas naquella hora, e conhecida quem as proferia, sempre tem favoravel intelligencia, e seja o laço o escrupulo, ou o corpo, sempre soa á ultima ventura a ultima liberdade do espirito. Faleceo em 7. de Dezembro de 1668. Vieraõ a darlhe sepultura os Religiosos com grandes demonstraçoens de veneraçaõ, naõ sendo pouco argumento para favorecella, o ser hum delles o Mestre Frey Guilherme do Vadre, primo da defunta, e de que já démos noticia. Dura ainda hoje entre as da Madre Sor Paula o que succedeo á sua devoçaõ digno de credito, porque o testemunhou ella, e de naõ esquecerse para incentivo, e consolaçaõ das devotas. Servia esta Madre com grande zelo a S. Jacintho na sua Imagem milagrosa, que está nesta Casa, e de que ainda daremos mais noticia. Era Subprioreza, foraõlhe precisas duas vélas para gastar no Coro, guardava-as para o Santo, fez com que se servisse dellas o aperto; e achando-se logo em occasiaõ de as accender ao Santo, desconsolada, e afflicta de naõ ter com que as comprar, succedeo abrir o almario de donde as tirara, eisque acha outras, taõ medidas pelas primeiras, que ella só podia testemunhar, que naõ eraõ as proprias. Fez publico o caso para gloria do Santo; veremos ainda nelle mayores demonstraçoens de agradecido.

Ps. 12. 3.

Mas sirva-nos de assumpto entre annos crescidos a noticia de poucos, e igualmente empregados, sendo a graça a que naõ espera tempos para sasonar frutos, colhendo maduros os da virtude, assim no estio, como na primavera da idade. Foy assim na Madre Sor Marianna da Resurreiçaõ, porque ao seu anno de noviciado chamaraõ as Religiosas, antes que de approvaçaõ, de exemplo. Dava-o no continuo da oraçaõ, e era o mesmo pôr em terra os joelhos, que soltarem-se de seus olhos grossas lagrimas, linguas com que seu espirito continuava praticas com seu Esposo. Via-se logo, que tanto como linguas da alma, eraõ faiscas do coraçaõ, abrazando-selhe este com tanta vehemencia, que a fazia romper em ardentes jaculatorias. Era este o seu suspiro: *Quem me dera amor de Deos! Quem soubera amallo!* Assim se ateava o Divino fogo naquelles verdes annos, materia igualmente disposta para a sua chamma, como já o tinhaõ sido as aguas no primeiro desasocego, que lhe deveraõ as creaturas. Era Sor Marianna de gentil parecer; e como o Ceo queria mostrar, que até este fora data sua, (porque toda fosse do Ceo) já o viçoso daquellas flores era escolhido combustivel daquella sagrada lavareda, que se atea por escolha, e arde sem resistencia.

Spiritus Domini ferebatur super aquas. Genes.

A poucos mezes de Professa a poz a obediencia na officina da Sacristia, occupaçaõ, que

a escusava do Coro, mas naõ de mayor mortificaçaõ nas obrigaçoens delle, porque de joelhos rezava o Officio Divino. Mortificada na mesa, da meya reçaõ fazia cada dia huma esmola. Sofrida, obediente, e pobre, naõ havia accidente, que a naõ achasse com o mesmo semblante. Queria o Ceo examinar sua paciencia, dispunha, que lhe succedesse poucas vezes o que esperava. Mas encontravaõ-na as adversidades, e mortificaçoens taõ confórme, como a que nunca vivera para a sua vontade. Acabado o anno daquella occupaçaõ, abraçou contente huma mortal doença, que teve por premio do bem que a tinha exercitado, mas foy que queria o Ceo darlhe o verdadeiro premio, e passou a lograllo com tantas demonstraçoens de conformidade, como quem entendia a vontade, que o dispunha; com tantas de alegria, como se já entendera o que a esperava. Faleceo em 2. de Novembro de 1672. de idade de dezasete annos, poucos para as Religiosas, que choraraõ a sua ausencia, muitos para o Ceo, que a naõ consentio mais na terra.

Feche este Capitulo como irmãa, assim por observancia, como por natureza, da Madre Sor Paula (de quem ha pouco fallamos) a Madre Sor Maria de Jesus. Entrou esta Madre nesta Casa já taõ exercitada no que vinha buscar nella, (que era a reforma da vida) que tiveraõ as Religiosas veteranas antes que aprender, do que doutrinar na sua. Mas no que mais se esmerava, era em hum retiro considerado, hum silencio perpetuo, em que antes se sepultava, que vivia. Grande industria! furtarse a qualquer commercio, que naõ fosse todo de Deos, para andar sempre na sua presença, achando-se tam bem com elle, que só em caso preciso se lhe escutava alguma reposta breve, mas muy sentenciosa, como a que versada no idioma do Ceo, naõ podia articular palavra, que naõ fosse conceito.

Entendeose, que era aquelle silencio huma prizaõ dos sentidos, por trazer occupadas as potencias na meditaçaõ da Paixaõ de Christo, como se repartira os successos della pelas horas do dia, porque perguntando-selhe (de encontro) alguma cousa, que importava, respondia promptamente com o Passo, que tocava áquella hora, e só despois de advertida, respondia em outra fórma. Como trazia assim recolhidos os sentidos, era-lhe facil o exercicio da oraçaõ. Assim se esquecia nella, como se naõ vivera para outra cousa; para lhe naõ embaraçarem este exercicio, se retirava a lugares mais escondidos, que de medonhos, eraõ menos frequentados, especialmente nas horas da noite, ficando muitas inteiras no Coro debaixo em tempo, que naõ tinha mais fórma, que a de hum Cemiterio, sem mais abrigo, que humas lages nuas, nem mais luz, que a escassa, que se lhe communicava de alguma alampada da Igreja. Mas que menos assoutos, e destemidos aquelle sexo, em aquelles poucos annos! se era em huma esposa, que profeticamente se vira já (deixar a brandura do leito) correr a Cida-

In lectulo meo per noctes quæsivi quem diligit anima mea.... surgã, & circumibo civitatem. Cant. 3.

Cidade entre os horrores da noite, desconhecendo medos, e desprezando encontros, só por lograr o Esposo em seus braços.

Era Sor Maria hum espelho de innocencia, e singeleza, dotada de rara fermosura, que sempre com gesto alegre, parece que convidava os coraçoens a dar graças a Deos, de offerecer aos olhos aquella copia de huma alma bemaventurada. Assim se representava a paz de seu espirito; mas naõ a sofria envejoso o demonio, querendo perturballa (como se soube por seus Confessores) com ameaços, e representaçoens horriveis. Foy huma a do Inferno em hum grande lago de fogo; mas naõ bastavaõ estes assombros para divertilla do continuo exercicio de estar orando, ou para assustarlhe a firme esperança, que tinha em seu Esposo.

Recolhia-se algumas noites á cella, e como a tinha pobre, e desprovida de tudo, querendo em huma occasiaõ rezar algumas devoçoens particulares, e faltando-lhe luz, pedio azeite a huma Religiosa visinha; que no pouco que lhe deu, e nas muitas semanas, que despois lhe durou; (naõ faltando advertencia de quem observava tudo o que lhe succedia) veyo a entender, que o Senhor lho multiplicara milagrosamente. Vive ainda hoje a Religiosa, que assim o testemunha.

Algum tempo antes de sua morte, arrebatada de huma grande enfermidade, recebeo os Sacramentos com interior, e descuberto gozo de se ver em vesperas do verdadeiro. Despediose das Religiosas, pedindolhes perdoens, e repartindo entre ellas algumas reliquias, que eraõ o thesouro, e unica estima de sua pobreza, quando esperando-se sua morte cada instante, lhe sobreveyo hum symptoma com huma commoçaõ de todo o corpo, mas sepultada em silencio, que (metendo-lhe a véla na maõ, e apertando-a com vigor) rompeo dizendo com voz limpa, e desembaraçada: *Viva a Fé, Fé, Fé!* E suspendendose hum pouco, cobrou alento, e em breve convaleceo de todo, seguindo o observante, e antigo estylo de sua vida, que acabou despois de doença ordinaria, deixando a todo o Mosteiro edificado, e saudoso, em dia do Bautista, de que era singular devota, no anno de 1676.

CAPITULO VIII.

Das Madres Sor Maria da Gloria, Sor Justina do Espirito Santo, Sor Maria de Jesus, Sor Joanna de Santa Clara, Sor Catharina do Presepio; e da Irmãa Conversa Natalia do Salvador (diz outra memoria, de Jesus) do mesmo Mosteiro.

ABra-nos este Capitulo huma illustre filha desta Casa, que como legitima da observancia, a podemos tambem auctorizar com o nome de mimosa Mercieira da Virgem Maria, especialmente com duas Imagens suas, que ha no Mosteiro, a Senhora dos Remedios, e a dos Prazeres, de que despois daremos mais miuda noticia.

Foy esta Religiosa a Madre Sor Maria da Gloria, que logo no anno da approvaçaõ começou a segu- *Sor Maria da Gloria.*

ſegurar as eſperanças, que prometteo a modeſtia, e recolhimento com que vivera no Mundo, e a ſogeiçaõ, e o goſto, com que entrou neſtes ſantos Clauſtros a veſtir o habito. Profeſſa, teve huma cella junto á Capella da Senhora dos Prazeres, em que começou a aſſiſtir como devota, e ſervir como eſcrava. Tal era o deſvelo com que a occupava o aceyo, e o ornato da Capella! Tal o fervor, com que muitas vezes no dia a viaõ ſuſpendida diante da Senhora! Obſervante nas obrigaçoens da Communidade, Conſtituiçoens, e Regra, dava ao baſtidor, em que era deſtriſſima, o tempo, que reſtava, trabalhando nelle para repetido adorno das duas Imagens, de que coſtumava dizer, que ſe deſvelava com ellas quanto cabia em ſuas forças, porque na hora de ſua morte lhe aſſiſtiſſem ambas. Naõ podia enganalla eſperança fundada na verdadeira Eſperança. Dillo-ha melhor a experiencia.

Frequentava a oraçaõ com ſuavidade de eſpirito, acompanhada de lagrimas, mayor indicio das conſolaçoens delle. Nas horas determinadas de ſeu recolhimento, aſſim de manhãa, como á noite, a ninguem dava repoſta, ou difficultoſamente ſe encontravaõ com ella. Deſpois de cea, continuava a oraçaõ na Capella da ſua Senhora até á meya noite, e taõ ſepultada na contemplaçaõ, que por mais que entraſſem na Capella, nada ſentia. Era grande a ternura com que adorava a ſagrada Imagem, eſquivando-ſe ao commercio das Religioſas, como receando, que houveſſe couſa no Mundo, que lhe levaſſe hum unico cuidado, de que naſcia o ouvir-ſelhe algumas vezes, que parecia deſarrezoado, e ainda injuſto, que ſe agradaſſe de alguma creatura quem amava a mais perfeita de todas, como era a Senhora.

Era a Madre Sor Maria muito mortificada, e ſobre a abſtinencia dos jejuns das Conſtituiçoens, e Regra, fazia votos de naõ goſtar o que lhe parecia, que podia deſpertar mais o appetite. Inventava penitencias, e modos exquiſitos de exercitar a paciencia nas vigilias da Senhora, convidando as Religioſas a louvalla, e renderlhe particular culto com aquelle ſacrificio. Adoeceo com todos os ſinaes de perigo, mas naõ conſentio, que ſe lhe chamaſſe Medico, ou ſe lhe applicaſſe medicamento. Per ſi meſmo ſe desfez o mal, ſuſpendidas as Religioſas, que o eſtavaõ vendo, e duvidando. Paſſou alguns dias de convalecença, e chegou o de Veſpera da Encarnaçaõ. Tardaraõ os Confeſſores, reſolveo-ſe, que as achacadas naõ ſe confeſſariaõ aquelle dia; mas Sor Maria com reſoluçaõ, e firmeza, que o naõ paſſaria ſem confeſſarſe. Foy aſſim, e confeſſando-ſe mais largamente, que o que tinha de coſtume, commungou ao outro dia. Ao de Ramos, trazendo-lhe de manhãa huma Religioſa huma palma, ſe abraçou com ella, e poſta de joelhos, dilatou a oraçaõ até ás duas da tarde.

Pedio logo, que lhe trouxeſſem a Imagem da Senhora dos Remedios, e ornando-a para ficar aſſim para a Paſchoa, ſe lhe ouviraõ algumas palavras,

vras, de que se inferia, que estava certa de naõ ver já nenhuma das Senhoras nas suas Capellas. Detinha-se ainda neste ornato, quando a assaltou huma dor taõ vehemente, que se naõ pode levantar. Ficou alli a Imagem á sua cabeceira, e perguntando-lhe as Religiosas, que entravaõ, que novo accidente a molestava, estando já boa? Respondia, que era favor, que lhe fizera aquella Senhora. Entrou em ancias mortaes ao seguinte dia, e soando no Mosteiro, que espirara, apressando-se huma Religiosa amiga sua, e tirando a Senhora dos Prazeres da sua Capella, lha levou, chamando-a com ella nas maons. Voltou Sor Maria o rosto, e olhos a ver a sua Senhora, e tornou a cahir como amortecida. Repetio dahi a pouco a mesma vista já sem alento, e com os olhos na sagrada Imagem espirou, lembrando-se as Religiosas do que tanto repetira em vida, que as duas Imagens lhe haviaõ de assistir na ultima hora. Foy esta por Março de 1677.

Mas dem lugar as filhas desta Casa a huma Irmãa sua, que póde ser credito dellas, e della, como foy a Madre Sor Justina do Espirito Santo, Religiosa de veneraveis memorias, assim pelo exemplar de sua vida, como pelo reparo, que se deve aos principios della; porque andando sua mãy pejada, insperadamente, e em sitio, que fez advertir mais no successo, voou huma Pomba com cabeça, e costas pretas, branco o mais corpo, e se lhe poz no regaço; circunstancias, que naõ se esqueceraõ ao ver entrar pelas sagradas portas desta Casa a Sor Justina, como se aquella ave, sobre ser geroglifico da innocencia de sua alma, tivera sido annuncio em suas cores, de que vestiria a ditosa mortalha Dominicana. Bem póde tambem crerse, que attendendo ao successo, escolheria o sobrenome do Espirito Santo, por ser a mesma ave o seu mais conhecido geroglifico.

Tomou o habito com demonstraçoens de gosto, naõ menos o das Religiosas, que conseguiaõ nella hum compendio de todas as boas partes, que ainda faziaõ avultar mais o bom parecer, de que a dotara o Ceo. Era em musica destrissima, e feita Mestra do Coro, se desvelava em louvar a Deos, que estima nas suas esposas aquelle culto, e obsequio de melodias, como o mostrou, pedindo á mais perfeita, que com sua voz lhe regalasse os ouvidos, e divertisse o mesmo Coro de Anjos. Mas naõ bastava esta applicaçaõ, para a retardar nas obrigaçoens de seu estado, e interesses de seu espirito. Era muy concertada sua vida, grande a obediencia, e sogeiçaõ a seus Confessores, pouco o seu trato, e só com as mais observantes; mas como o demonio via caminhar a Sor Justina taõ ligeira, e desembaraçada ao centro da summa perfeiçaõ, que he o da sua inveja, tratou de armarlhe tropessos no caminho, fomentando praticas, que lhe condemnavaõ singularidades de vida entre as outras; maxima verdadeiramente diabolica, com que quer palear a malicia, e soltura, a magoa de se ver excedida, e tacitamente condemnada

Amici auscultãt; fac me audire vocem tuam. Cant.c.8.

da perfeiçaõ, e da refórma.

Logrou o inimigo a induſtria, porque ſe foy esfriando em Sor Juſtina aquelle primeiro fervor em que ſe via taõ adiantada, dando ouvidos, e attençoens a cuidados, que adormecendo as vigilias do eſpirito, vaõ pouco a pouco paſſando o deſcuido a lethargo. Mas naõ permittio o Ceo, que ſe ſepultaſſe nelle Sor Juſtina, deſpertando-a, como he crivel, a hum brado da ſua Providencia. Chegou hum dia ao Moſteiro hum Sacerdote deſconhecido nelle, mas como deſpois ſe teve larga noticia, de vida reformada, e já entrado em dias. Procurou a Prioreza, e logo huma Religioſa, de que deu os ſinaes, mas naõ ſabia o nome. Pelos da refórma, e obſervancia chamou algumas a Prelada, naõ havendo poucas na Caſa, a que ſe podia applicar aquella noticia, mas naõ chegava a buſcada, até que chegou Sor Juſtina. Conheceo-a o Padre, e praticando com ella ſobre o eſtylo de ſua vida, ſe começaraõ a ver repentinos effeitos na refórma della, á viſta das frouxidoens, com que já ſe deſcuidava.

Lançou fóra tudo o que lhe podia ſervir de embaraço na preſſa com que tomou novo caminho. A's Conſtituiçoens obſervadas como eſtaõ eſcritas, accreſcentando novos rigores a ellas. A cama duas taboas no chaõ, duas mantas, e o pedaço de hum tronco por traveſſeiro. O ſuſtento hervas, e legumes. Fóra do jejum dos ſete mezes, muitos, e a paõ, e agua. Cilicio aſpero, e perpetuo. Diſciplinas de ferro, em que ſe ſangrava todos os dias de madrugada. Na oraçaõ mental taõ prompta, e continua, que lhe cuſtava muito reduzir-ſe á vocal (foy confiſſaõ ſua) alguma hora do dia. Começaraõ os rigores deſta vida, e mais a perſeverança nella, a picar o pay da inveja, impaciente de ver zombada a ſua primeira aſtucia, e rompeo em ameaços, que nunca paſſaraõ de ſer ſuſtos, apparecendo-lhe algumas vezes á entrada do Coro na figura de hum preto. Baldado eſte aſſalto, recorreo a outro, em que tambem lhe ſerviſſe de arma a meſma fraqueza da que lhe reſiſtia.

Coſtumava eſta Madre abſterſe a tempos de alguma couſa, a que via o ſeu goſto mais inclinado. Tinha feito voto de naõ comer figos aquelle anno, porque daquelle genero naõ podia fazer mayor ſacrificio. Entrara o tempo daquella fruta, eisque hum dia chega á roda hum pretinho com hum açafate della, e da mais fermoſa, e eſcolhida, aſſim compoſta, aſſim aceada, que baſtara o artificio a fazella appetecida; e diz, que a entreguem á Madre Sor Juſtina. Admirouſe a Rodeira, que ſabia o pouco commercio, que aquella Madre tinha de portas a fóra, para ſe ver preſenteada; e perguntando por quem mandava o mimo, reſpondeo o preto, que ſe entregaſſe á tal Religioſa, que ella o ſabia. Era aſſim, porque entregue o açafate, com a noticicia de quem o trouxera a Sor Juſtina, ſorrindo-ſe, diſſe: *Que ſim ſabia, e que por eſſa cauſa lançaſſem logo fóra o açafate como viera.* Tal era a maõ, que o tinha mandado!

Tal

Tal a que Sor Juſtina tinha para rebater o ſeu inimigo, que neſta occaſiaõ naõ ficou taõ victorioſo, como no campo primeiro, em que ſe perdeo o genero humano, por mais que foy tambem aqui a ſua arma hum pomo, (em boa opiniaõ o meſmo) e com huma mulher o conflicto, porque o que conſeguio com eſte eſtratagema, foy naõ comer mais eſta Madre ſimilhante fruta em toda ſua vida.

Só achava goſto, e o mais verdadeiro, e mais ſobido, na ſuaviſſima, e delicioſa do Sacramento; viaõ-ſe os effeitos do muito que o era para ſua alma, no recolhimento grande com que ſe diſpunha, no eſquecimento de operaçoens humanas, deſpois que o recebia, porque eſſe dia ficava até as quatro horas da tarde no Coro, e de joelhos, ſem que baſtaſſem a enfraquecella mais de oitenta annos, que já contava. Em ſimilhante dia encontrando-a huma vez certa Religioſa ao ſahir do Coro áquellas horas, e dizendolhe: *Como virá eſſe corpo a eſtas horas em jejum?* Reſpondeo com ſemblante alegre: *Nenhuma fraqueza ſinto; quem tem dentro em ſi hum homem Deos, podem-lhe faltar forças?*

Foy muy perſeguida de doenças, trabalhoſas todas, como ſe vieraõ ſó a exercitar-lhe a paciencia. Convalecida, tornava logo ao rigor da vida coſtumada. Naõ cabia já a grande experiencia, e opiniaõ della nos eſtreitos Clauſtros do Moſteiro, ſahia ſua noticia naõ ſó a occupar a Cidade, mas o Reyno, pertendida, e buſcada ſua valia com Deos de muitas partes delle, publicidade, e diligencia a que ſe eſquivava, ſepultada em ſeu proprio abatimento, e modeſtia. Ficou em lembrança, que ao Moſteiro da Encarnaçaõ das Commendadeiras, na Cidade de Lisboa, eſcreveo a huma em certa occaſiaõ, e com preſſa, dando-lhe aviſo, que acodiſſem a huma menina, que eſtava em perigo de cahir em hum poço. Foy aſſim; e ſahio a noticia do meſmo Moſteiro.

De peſſoas grandes, e poderoſas, que a buſcavaõ, alcançou groſſas eſmolas com que acodia á Caſa. Fez nella obras taõ preciſas, como grandioſas. Entre ellas o Coro debaixo, bem apainellado, e Capella bem dourada, em que poz a Senhora da Appreſentaçaõ, particular devoçaõ ſua. Contava noventa annos, quando a apanhou a morte, e taõ mortificada, que pouco lhe levou na vida, mas com grandes demonſtraçoens de que antes a melhorara, que perdera. Mas naõ eſqueçamos hum reparo, que o auctoriza. Era a Madre Sor Juſtina de diſpoſiçaõ groſſa (como ſe a abſtinencia ſoubeſſe tambem ſer paſto do corpo, como do eſpirito; ou como ſe ſe repetiſſe nella o prodigio da parcimonia de Daniel, e ſeus companheiros, famintos, mas naõ attenuados) ficava a ſua cella longe do Coro, a eſcada por donde haviaõ de tirar o corpo, por eſtreita, e empinada, perigoſa, e com huma volta apertada; parecia impoſſivel a conducçaõ do cadaver ainda ás mais robuſtas, e determinadas. Neſta pratica, que as affligia, voltou huma Religioſa das aſſiſtentes, e com voz ancioſa pedindo á meſma defunta, que lhes valeſſe, pegou

Apparuerunt vultus eorũ meliores, præ omnibus pueris, qui veſcebantur cibo regio. Danielis. 1. c.

gou com outras no eſquife, achando taõ pouco pezo, e a paſſagem taõ ſem embaraço, que confuſas, e admiradas, chegaraõ ao Coro, attribuindo o ſucceſſo a prodigio. Faleceo eſta Madre por Outubro de 1670.

Ainda que naõ com tanta individuaçaõ de acçoens, com igual opiniaõ de virtude, dura por tradiçaõ o nome de outras Madres (que quaſi no meſmo tempo concorreraõ neſta Caſa) para gloria de Deos, e das memorias della. Foy huma a Madre Sor Maria de Jeſus, de rara, e ſingular innocencia, que parece, que reduzio ſua vida a Angelica. Aſſim ſe póde dizer, que antes ignorou, que fogio a malicia, como ſe privilegiada, ou adoptada pelo Ceo, a deſconheceſſe a terra de filha ſua. Pelas Capellas, que ha no Moſteiro, em as achando ſolitarias, cantava louvores a Deos, eſpecialmente na de Belem, com baile, e muſica, que inventava, e compunha a ſua ſingeleza, e em que bem ſe diviſava a ſua devoçaõ das Religioſas, que para a ouvir, a ſeguiaõ com cautela, por mais que ella ſe prevenia, e guardava com muita. O ſilencio foy perpetuo, igual o retiro. Fóra das obrigaçoens da Caſa, em que era a primeira, a ſepultava a cella. Aſſim foy ſua vida antes hum deſconhecimento da vida, porque naõ o quiz o Ceo, que com eſſe nome tiveſſe outra mais que aquella, para que ſe diſpoz ſepultada.

Sor Maria de Jeſus.

Naõ foy menos a ſincerida- de de coraçaõ, e candidez de eſpirito da Madre Sor Joanna de Santa Clara. Igualmente inculpavel ſua vida, eſtreitada na obſervancia das Conſtituiçoens, e Regra; extremoſa na devoçaõ do Santiſſimo Sacramento, amava ao diſcipulo amante, como o que eſtivera recoſtado no vivo, e verdadeiro Sacrario delle; e a S. Thomaz, porque fora o ſagrado Ciſne, a quem tocaraõ as endexas daquella morte repreſentada, porque apoſtilando ſobre o myſterio, alargou tambem a penna aos ſuaves Hymnos, e mais ſagrada melodia, que na ſua feſta entoa a Igreja; naõ faltando quem diga ſe deveo ao meſmo Santo a compoſiçaõ, e a ſolfa. Aſſim coſtumava dizer eſta Madre com huma boa graça, de que a dotou o Ceo: *Que tinha trez devotos, de que os dous eraõ Aguias, e hum o Sol.* Era eſte Chriſto Sacramentado, os dous, o Evangeliſta, e Santo Thomaz; e eraõ eſtes os trez ſingulares empregos da ſua devoçaõ.

Sor Joanna de Sãta Clara.

Eſtando o Senhor expoſto, poucos inſtantes largava o Coro, aſſiſtindo nelle em pé, e rezando. Intentava divertilla deſta, como de outras devoçoens, o inimigo commum, e repreſentava-ſelhe em varias fórmas, e figuras. Muitas vezes no Coro em trage de Soldado, chegando-ſe a ella a moleſtava, mas a boa velha o deſprezava com ſegurança, ameaçando-o com os ſeus devotos, ſe a naõ deixava. Tinha outra Religioſa irmãa ſua hum caõzinho, que a feſtejava, ſeguia, e buſcava na cella. Recolhida a ella á noite Sor Joanna, e deixando o brutoſinho na da irmãa, lhe perguntava logo ſe o tinha lá comſigo, (porque na ſua cella achava o meſmo) e reſponden-

do-lhe

do-lhe a irmãa, que lá eſtava com ella, dizia ſem ſuſto: *Oh! pois já ſey quem cá tenho.* Aſſim andava deſtra em conhecer as traças do inimigo; e fazendo o ſinal da Cruz, o mandava, e elle deſapparecia. Viveo eſta Madre largos annos, ſem que eſtes até á ultima hora a diſpenſaſſem de exercicios ſantos, rigoroſos, e repetidos.

[So]r Ca[th]arina [d]o Preſe[pi]o. Continuou com o meſmo fervor nelles a Madre Sor Catharina do Preſepio, que antes vivia, que continuava no Coro, porque recolhidas as Religioſas, e ficando ſó nelle, a ouviaõ toda a noite fallando com Deos. Se ſe recolhia por pouco tempo á cella, continuava a meſma pratica com as Imagens, que nella tinha, eſpecialmente com as de hum painel, em que eſtava a Rainha do Ceo com o Menino nos braços; com ella dilatava ſuaves, e terniſſimos colloquios, que compungiaõ as Religioſas, que paſſavaõ, e ſe detinhaõ a eſcutallos. Contou eſta Madre muitos annos em grande auſteridade, e obſervancia de vida, até que a chamou o Ceo com penoſa doença. Recebidos os Sacramentos, e eſtando ſó com a Enfermeira junto da cama, lhe diſſe com voz repentina, e apreſſada: *Afaſte-ſe Madre, afaſte-ſe, que entra huma Prociſſaõ de muitas Santas, e no fim Santa Catharina de Senna, noſſa Madre, que me vem buſcar.* E fazendo huma inclinaçaõ com o corpo, e cabeça, paſſou ſua alma a tomar lugar entre aquella ditoſa companhia. Naõ teve menos premio a grande devoçaõ, que tinha á meſma Santa Catharina, venerada em huma das Imagens da ſua cella.

Feche-nos eſte Capitulo huma Irmãa Converſa, digna de nome, e lugar entre as que melhor o mereceraõ na memoria deſta Caſa. Foy eſta Sor Natalia de Jeſus, recolhida neſte Moſteiro para o ſerviço delle, porque igualmente nobre, que neceſſitada, ſe a ſua nobreza a trouxe a eſte retiro, a ſua pobreza lhe naõ permittio outro eſtado. Porém foy tal ſeu procedimento, tal a opiniaõ, que ſe grangeou no modeſto, e concertado de ſua vida, tal o agrado, que ſoube merecer a todas na occupaçaõ, e ſerviço da Caſa, que junto tudo com a valia de ſua conhecida nobreza, lhe alcançou o lugar de Converſa, veſtindo com o habito as novas obrigaçoens, que ſuſpirava ſeu eſpirito, e exercitando-as com tanto, que de todas era tida, e reſpeitada por mulher ſanta. *Sor Natalia de Jeſus.*

Occupouſe logo o ſeu preſtimo no trabalho da Sacriſtia, gaſtando o tempo, que lhe ſobejava delle, em aſſiſtir á Senhora da Aſſumpçaõ, Imagem fermoſa, que eſtá em hum nicho no Coro, e era todo o ſeu emprego. Mas era muita a pobreza em que vivia, e naõ ſe contentava de ſervir ſó com deſejos a eſta Senhora; deu em vender a ſua reçaõ, (fiando o ſuſtento de alguma eſmola, ou ſobejo, em que o tinha contingente, e limitado) e com o que ajuntava, lhe fazia em ſeu dia a feſta á ſua *Bella Senhora*, titulo com que goſtoſamente a nomeava. Era extremoſa ſua caridade, deſvelada ſempre em grangear ás enfermas o alivio, poupar ás ſans o trabalho, e ſervir a todas com goſto. Applicava-ſe com mais cuidado ao pre-

preciſo da ſua occupaçaõ, para que lhe ficaſſe livre, e deſembaraçada aquella hora da noite, a que ſahem de Matinas as Religioſas. He eſcuro, e trabalhoſo o paſſo, que alli vay do Coro para o Moſteiro, pizado das Religioſas velhas com riſco, e ſuſto. Nelle ſe vinha pôr áquella hora ſabida Sor Natalia com hum a luz, eſperando, que a Communidade ſahiſſe, e paſſaſſe ſeguramente; providencia, que ſem duvida naõ deſagradava ao Auctor da caridade, pois dava tanto cuidado ao inimigo della, que o obrigava a veſtirſe de varias figuras (para aſſuſtar a boa Leiga, e apartalla do ſitio) ſendo a que mais vezes tomava, a de hum corpulento, e medonho mulato.

Entrada em annos, cahio em huma grave doença, que por mais que o era, nada tinha para ella de penoſa, mais que o embaraçarlhe a viſta da ſua *Bella Senhora.* Aſſim a ſentiaõ eſtallar de ſaudades as Religioſas, que lhe aſſiſtiaõ, reſolvendo-ſe algumas de compadecidas, a trazer-lhe a ſagrada Imagem, pagando-ſe a Senhora tanto daquella piedoſa ancia, que lhe quiz continuar a paga em melhor aſſiſtencia, porque ainda que naquelle meſmo dia tornou a Imagem para o ſeu lugar do Coro, ſegurava Sor Natalia, que a tinha alli comſigo, e aſſim ſe entendia de a ver com hum grande ſocego, e ouvir a ſegurança com que repetia colloquios devota, e enternecida, encaminhados (ao que parecia) a quem os eſcutava junto á cabeceira; entre elles eſpirou em huma Veſpera da Aſſumpçaõ da meſma Senhora, recebidos os Sacramentos com alvoroço, e ſuavidade de ſua alma. Ao ſeguinte anno, em a meſma Veſpera da Senhora, que foy por Agoſto de 1670. levando a ſagrada Imagem (como he uſo deſde a fundaçaõ do Moſteiro) a horas de meya noite em Prociſſaõ, e triunfo pelo Clauſtro, advertiraõ Religioſas, (que hoje vivem) que voava, e ſeguia o andor da Senhora huma Pomba branquiſſima, que recolhida a Imagem, deſappareceo junto á ſepultura de Sor Natalia. Aſſim parece, que quiz dar a entender a Senhora, o como a acompanhava a ſua devota no eterno triunfo da Bemaventurança.

CAPITULO IX.

Das Madres Sor Magdalena de Jeſus, Sor Ignez da Encarnaçaõ, Sor Iſabel da Viſitaçaõ, Sor Filippa da Cruz, Sor Maria da Cruz, Sor Marianna das Chagas, Sor Antonia Bautiſta, do meſmo Moſteiro do Salvador.

Dilatada, e eſpaçoſa ſeara de virtudes, a que frutificou no pequeno campo deſte Moſteiro, (ſendo o primeiro milagre da Providencia, o conſervar o copioſo no acanhado) como aquelle, em que ſe achou o verdadeiro graõ de trigo, promettendo a fecundidade na eſpigada haſtea do madeiro. Aſſim foy aquelle trigo ſagrado, venturoſo annuncio da grande, e continuada ſeara, que conſeguiria o Ceo deſta pouca terra, cultivada venturoſamente pelos ſemeadores Evangelicos, filhos de

Na fundaçaõ do Moſteiro ſe achou aImagem de Chriſto crucificado.

de Domingos. Já o temos lido assim nas Historias desta Provincia, e fundaçaõ desta Casa; repete-o agora, e continua-o neste affastado seculo a nossa diligencia, venturosa de se ver tambem occupada no numeroso de suas filhas, assumpto, em que poderamos alargar mais a penna, se o tempo nos naõ tivera enfraquecido noticias, que a omissaõ, ou a modestia nos tinha quasi sepultadas.

Sor Magdalena de Jesus. Seja a primeira da Madre Sor Magdalena de Jesus, Religiosa singularmente penitente, e observante. Toda sua vida huma imagem do silencio, e da obediencia. Naõ fazia acçaõ sem que precedesse a licença da Prelada. O tempo, que lhe sobejava do Coro, occupava na cella, em que todos os dias tinha oraçaõ diante de huma Imagem da Senhora, e huma copia de Christo crucificado, derretendo-selhe (na contemplaçaõ daquelle Sol, ainda que já posto) com tanta suavidade o coraçaõ pelos olhos, que convidando-se as lagrimas humas a outras, banhava huma pequena banquinha, que tinha diante com algum livro devoto. Parece, que lhe dispensara seu Esposo com o nome de Magdalena o exercicio de compassiva, tendo-a a seus pés naquella lamentavel figura, em que perdeo a vida, e a venturosa penitente o acompanhou chorosa. Naõ faltou quem buscando a Sor Magdalena de repente, para fazer exame desta verdade, sahio com tantas lagrimas de compunçaõ das que achara, como se se lhe trocara a duvida em experiencia. Desta continua occupaçaõ de dia, a hospedavaõ para descançar poucas horas da noite humas pobres mantas, e hum pedaço de tronco nu, e seco por cabeceira. Toda sua vida, tunica interior de grossa, e aspera estamenha; igual o pobre, e despido da cella, onde só se viaõ instrumentos de penitencia. Corou-a muitos annos com huma firme perseverança; esta com huma morte venturosa.

Sor Ignez da Encarnaçaõ. Naõ foy menos conhecido o dom de lagrimas na Madre Sor Ignez da Encarnaçaõ. Foy esta Madre observantissima; sua delicia a assistencia do Coro, como o ver nelle toda a Communidade exercitando o culto Divino com a mayor decencia, e aceyo. Mas quiz o Ceo privar seu espirito daquelle centro; deulhe hum achaque, que a reduzio a fazer da cella enfermaria; mas recolhidas ao Coro as Religiosas, sahia pelo Claustro, e varandas delle a visitar os Passos da Paixaõ, prostrando-se diante de cada hum com tantas lagrimas, que as tirava dos olhos de quem a via. Eraõ aquellas representaçoens dolorosas o continuo emprego das suas; e assim vinha a ser em seu coraçaõ cada ferida, vista, e contemplada, hum penetrante golpe, a que se desatava copiosamente aquelle compassivo sangue. Obrigou-se seu Esposo dos desperdicios delle, e quiz fazer a Sor Ignez hum favor, em que continuando-selhe o motivo, mostrasse o que lhe agradava o effeito. Achou esta Madre huma manhãa junta á cabeceira huma flor de cinco folhas, em que se viaõ singularmente ao vivo as cinco Chagas. Suspendeose primeiro, assim porque para o segredo de suas penitencias costumava descan-

çar com a cella fechada, como por naõ ſe achar, nem ter viſto em todo o Moſteiro flor de ſimilhante feitio. Pelo exame que andou fazendo, ſe divulgou a novidade do caſo, ficando-lhe o conhecimento de que o devera a ſeu Eſpoſo. Foy rara ſua paciencia. Sobreveyo-lhe ao ſeu achaque antigo hum tumor no peito; a eſte huma chaga, que com crueis dores lhe durou por muitos annos, até falecer della, e já neſte tempo taõ medonha, e aſqueroſa, que ainda a peſſoas mortificadas era difficil o aſſiſtirem, e applicarem-lhe a cura; mas em eſpirando, ficou em tal fórma, que ſem alguma violencia a amortalharaõ, e compuzeraõ, advertindo com piedoſa conjectura, pelo eſtado em que ficara aquelle corpo, o em que eſtaria ſua alma.

Sor Iſabel da Viſitaçaõ. Cultivou deſveladamente a ſua, reduzindo o corpo a todo extremo da penuria, da deſnudez, e da penitencia, a Madre Sor Iſabel da Viſitaçaõ, porque ſobre a pobreza, que profeſſara, ſe reduzio dentro daquelles ſantos Clauſtros á voluntaria miſeria de mendigar para ſuſtentar a vida. Vendia a ſua reçaõ, applicando o lucro della para ornato do Santiſſimo Sacramento, de que era devotiſſima, e que parece lhe multiplicava nas maons aquella ſanta grangearia, pelo grandioſo das peſſas, que ſahiraõ della. Hum Pallio rico, hum bom cortinado, peſſas de prata de eſtimaçaõ, e valia. Para a Capella do Senhor Menino (Imagem prodigioſa, de que daremos mayor noticia) bom ornamento, e alampada de prata. Aſſim he verdadeira pedra Filoſofal a maõ do pobre, trocando em ouro aquelle pouco, ou aquelle nada, que ſe tira ao ſeu ſuſtento, para o depoſitar no gaſiofilazio de Chriſto. Aos jejuns da Regra accreſcentava Sor Iſabel muitos de devoçaõ, e á eſtreiteza do habito, com que ſe cingia, o penitente abatimento de andar deſcalça. Paſſava do Coro, em que a detinha oraçaõ larga, ao ſerviço, e aceyo das Capellas das Imagens de que era devota, eſpecial a do Senhor Menino. Aſſim permittio elle, que vivendo Sor Iſabel como domeſtica, como eſcrava de ſua Caſa, faleceſſe como venturoſa herdeira della.

Sor Filippa da Cruz. Naõ moſtrou menos que o era a Madre Sor Filippa da Cruz. Teve o dom de lagrimas; em meditando na Paixaõ (de que foy devotiſſima) eraõ mais copioſas, como em chegando aos pés do Confeſſor, onde baſtavaõ aquellas linguas mudas ao inculpavel de ſua vida, ainda que naõ ao deſafogo de ſeu eſpirito. Tanto ardia neſte o amor de Deos, por iſſo naõ havia já, que purgar, onde tudo era arder. Era faiſca, que cahia daquella grande lavareda a caridade abrazada, com que attendia ao commodo, e remedio do proximo. Deſpia-ſe para o defender do frio; e até a pobre cama ſe tirou a ſi para lhe dar deſcanço, ficando-lhe o chaõ ſervindo de leito. Aſſiſtia com ſingular affecto á Senhora das Neceſſidades, Imagem milagroſa. Pediolhe o deſpacho de trez petiçoens; foy a ultima, que a tiraſſe já da terra para ſua companhia. Em breve tempo vio ſatisfeitas as duas; naõ tardou a terceira, tendo

dito a mesma Madre, que brevemente a esperava. Deraõ-lhe humas dores insofriveis, e rebeldes á diligencia de muitos remedios. Pedio, que a recolhessem á cella, de que já naõ sahiria, porque estava despachada a sua terceira supplica. Deraõ-lhe o Viatico, que recebeo contrita, e alvoroçada, e logo a Unçaõ, por mais que resistiaõ os Medicos, e toda a Casa; entendendo, que naõ tinha a pressa com que ella a pedia. Era em huma sesta feira, perguntou logo, que horas eraõ? E respondendo-lhe, que trez da tarde, disse: *Esta he a hora: e ás cinco, que levaraõ meu Senhor para a sepultura, irey eu para o Coro*; e accommodando-se de costas, e compondo o corpo, tomando em huma maõ a véla, hum Crucifixo na outra, pedio, que lhe cantassem a Salve; e no meyo daquella sagrada, e piedosa melodia, esforçando a voz, e pedindo trez vezes misericordia, espirou placidamente, cumprindo-se o que tinha dito, porque soando as cinco horas, levavaõ seu corpo para o Coro.

Sor Marianna das Chagas. Na assistencia deste foy rara a Madre Sor Marianna das Chagas, a que o Ceo deu boa voz, grande genio musico, e a ventura de bem empregado, porque era a primeira, que assistia a louvar a Deos, supprindo por humas, e convidando a todas, para que naõ houvesse falta naquella occupaçaõ Angelica. Acabados os Officios Divinos, a todo o tempo, se deixava ficar, antes esquecer em oraçaõ no Coro, diante do Santissimo, de quem era devota com inexplicavel extremo. Nascia deste huma insaciavel ancia de o receber a toda a hora. Fazia-o com especial licença, assim dos Prelados, como de Padres de espirito, trez, e quatro vezes na semana. Como gastava a manhãa no Coro, naõ havia Missa em que naõ a abrazasse esta ancia, mas já destra na pratica do Ceo, commungava espiritualmente. Era assim sua vida taõ concertada, como a que sempre trazia aquelle Senhor, naõ só no coraçaõ, mas na presença. Costumava dizer: *Que só sentiria a morte por privalla da doçura de commungar; porque ainda logrando a Deos na bemaventurança, lhe parecia, que teria saudades de o lograr na Hostia.* Venturosa alma, a que o mesmo Senhor parece, que quiz aliviar aquella ancia, promettendo, que na gloria poria aos bemaventurados á mesa! Lá se lhe satisfaria aquella ditosa fome, como na Patria das abundancias, e farturas. Entrada em annos, a perseguio hum cruel achaque, mas nem este a suspendeo do rigoroso estylo de vida, que continuava. Com industria alcançou, assim dos Medicos, como dos Prelados, licença, para o jejum de quatro dias na semana. Perdeo a vista, mas lince sua alma, naõ sahia hum instante da presença daquelle Sol, que lha illustrava, e que na noite da morte lhe madrugou para sua eterna felicidade.

Faciet illos discumbere; & trâsiens ministrabit illis. Lucæ 12. 37. Satiabor cum apparuerit gloria tua. Ps. 16. 15.

Sor Antonia Bautista. Parece, que foy a mesma a da Madre Sor Antonia Bautista, buscada, e pertendida com hum estylo de vida aspera, e rigorosa; mas assim sabia usar do rigor da penitencia, que juntamente servisse de algum alivio ao proximo, e que fosse para ella de tormento. Usava

tunica de grossa estamenha junto á carne, e porque a láa cultivada da agua, fica menos esquiva, pedia ás mais Religiosas as tunicas novas, ou por troca das suas já de usadas mais brandas, ou para lhas restituir menos asperas. Toda sua vida foy hum continuo trabalho de adestrar Noviças para servirem o Coro, e Mosteiro. Duas vezes a escolheo este Prelada, naõ lhe dando no cargo, mais que a pensaõ de mayor desvelo. No mais era subdita, só com a distinçaõ de ser a primeira, antes que no lugar, nas occupaçoens da Casa. Naõ a dispensava nenhum de rigorosas disciplinas, estreitos jejuns, e huma abstinencia de carne por toda sua vida.

Tinha devoçaõ particular com a Senhora de Nazareth; na sua Capella assistia continua, nem sem lhe beijar a maõ se recolhia de noite á cella. Diante desta Imagem eraõ seus exercicios devotos de todo o anno, mais particulares ao Sabbado. Huma rara paciencia, e huma sede grande de martyrio, alcançaraõ de seu Esposo repetidas occasioens de exercitar o sofrimento. No peito se lhe abrio huma dor taõ aguda, que recorrendo a todas as industrias da cirurgia, (por se lhe abrir huma chaga) se entendeo no seu pouco effeito, que só lha permittira o Ceo para martyrio. No meyo dos rigores deste a viaõ com rosto socegado, e alegre. Com o mesmo escutou a certeza de sua morte; dispoz-se para ella tanto com alvoroço, como conformidade, ouvindo-lhe repetir muitas vezes: *Oh como folgo de morrer! e que mercê me faz Deos!* Espirou rezando-lhe a Communidade o Officio Menor da Senhora, que fora sua devoçaõ quotidiana, sendo digno de reparo, que com o ultimo verso delle se lhe acabou a vida.

Mais escassas noticias nos ficaraõ da da Madre Sor Maria da Cruz; só a tradiçaõ segura de huma observante Religiosa. Grande humildade, grande obediencia, mas com excesso rara perseverança na oraçaõ; mais dilatada de noite no Coro, diante do Santissimo. Alli a assustava, e perseguia o demonio com desusados estrondos, sempre desprezados de sua constancia, e seu silencio, de que provocado o inimigo, lhe apertou huma noite a cabeça entre as maons, (ao parecer da Madre) abalando-a com tanta violencia, que a deixou quasi sem sentidos. Entendeo a industria diabolica seu Confessor (era o Padre Frey Manoel Carreira, Religioso de bom nome nesta Provincia) e mandou lhe, que naõ deixasse a assistencia, e oraçaõ do Coro, que continuou por toda sua vida sem segundo susto. *Sor Maria da Cruz.*

CAPITULO X.

Das Madres Sor Eusebia do Sacramento, Sor Anna de Jesus, Sor Marianna de S. Joseph, Sor Catharina de S. Joaõ, Sor Antonia de Jesus; e de mais trez Religiosas suas irmãas, todas filhas desta Casa do Salvador.

COntinúa o numero das gloriosas filhas desta Casa a Madre Sor Eusebia do Sacramen- *Sor Eusebia do Sacramento.*

mento, que em pouca idade deixou larga experiencia de ſua virtude. Grande retiro, grande ſilencio, que antes parecia mudez, que obſervancia, antes genio, que refórma. Era em tudo igual a de ſua vida, ſempre mortificada; mas naõ baſtou para que o Ceo por outra parte naõ provaſſe a ſua paciencia. Vioſe aſſim em duas rigoroſas doenças. Foy a ultima mais prolongada; com ella ſe fez etica, e ſe lhe abriraõ no corpo chagas, para que nunca pedio meſinha, nem dellas ſe lhe ouvio queixa; antes ſó deſpois de morta ſe ſoube, que as tinha. Diſpozſe para a ultima hora com ſocego de quem naõ padecia, e com deſembaraço de quem naõ receava. Tal era ſua paciencia! Tal tinha ſido ſua vida! Segurou-o aſſim ſeu Confeſſor a muitas Religioſas, (que lhe rodeavaõ o leito ſentidas, e choroſas de ver eſtallar aquella vida, taõ tenra, e tam bem quiſta) dizendo, que Sor Euſebia iria direita ao Ceo, porque naõ peccarà mortalmente. Parece, que o quiz provar a experiencia, naõ ſó naõ ſe gaſtando, mas ainda creſcendo a cera, que ardeo no ſeu Officio, e enterro. Jurou-o aſſim o Cerieiro, naõ querendo aceitar paga, antes guardando a cera como reliquia.

Sigaõ ſe aos poucos annos venturoſos da Madre Sor Euſebia os muitos, e bem gaſtados da Madre Sor Anna de Jeſus. O que mais ſe admirou em todos os de ſua vida, foy a rara obediencia com que coroou huma exacta obſervancia. Aſſim eſtava eſta Madre prompta aos acenos da Prelada, que era advertencia deſta o praticarlhe primeiro o que havia de fazer, e deſpois mandalla, porque aſſim deſconhecia a ſua ſogeiçaõ qualquer embaraço, que mandada, naõ havia mais que inclinar a cabeça, e tomar o caminho. Parecia, que toda era ouvidos, e nada vontade. Naõ he menos a agilidade com que os Eſpiritos celeſtes ſe deſempenhaõ obedientes. Vi-os David mover em labaredas de fogo, que em hum inſtante vive, arde, e ſobe. Mas ſe era Anjo na obediencia, naõ o parecia menos em huma notavel ſinceridade, e ſingeleza, em que ſe eſtribava o puro, e inculpavel de ſua vida. Acabou eſta de conſumida de aſperas, e continuas penitencias, contando neſtas tantos lucros, como naquella annos.

Sor Anna de Jeſus.

Facit miniſtros ſuos ignẽ urentem. Pſalm. 10. 3.

Igualmente ditoſos foraõ os da Madre Sor Marianna de S. Joſeph, como occupados nos mayores empregos da caridade. Via eſta Madre, que as Religioſas enfermas, ou pelo cuidado da Communidade, ou de amigas, e parentas, eraõ mais bem aſſiſtidas, que as criadas da Caſa, e tomava por ſua conta eſta aſſiſtencia com tanto deſvelo, que noites inteiras a tinhaõ á ſua cabeceira as que eſtavaõ mais perigoſas, aſſiſtindo igualmente a todas em lhes fazer as camas, applicar-lhes remedios, e procurar-lhes desfaſtios. Nada a trazia mais alegre, que o dobrarem-ſelhe as occaſioens de ſervir, como a que entendia as grandes grangearias daquelle emprego de ſervo dos ſervos, brazaõ de Paulo, e exercicio do meſmo Chriſto. O que era mais de admirar, foy a providencia com que anticipando-ſe para o traba-

Sor Marianna de S. Joſeph.

trabalho, naõ faltava ás horas do Coro, e mais precisas funçoens do Mosteiro. Assim fazia gosto de toda a occupaçaõ penosa, que como se alli descançara, passava dellas ao rigor das disciplinas, continuava jejuns estreitos, naõ perdia occasiaõ de exercicios devotos. Faleceo de doença trabalhosa, mas soportando-a com tal tolerancia, como quem sabia, que se lhe dera por coroa.

Sor Catharina de S. Joaõ.

Correo a grangealla a Madre Sor Catharina de S. Joaõ, pobre, rota, deseſtimada, e faminta. O seu habito, o que deixava alguma Religiosa de velho, e usado. A sua reçaõ, o que alguma lhe queria dar de esmola, porque a que lhe dava a Communidade, vendia, para ornar a Capella do Bautista, e fazerlhe a sua festa, servindo-o com huma devoçaõ taõ extremosa, que muitas vezes a viaõ diante da sua Imagem suspendida, e elevada, ou já rompendo em colloquios, acompanhados de vivas, e piedosas lagrimas, edificando-se, e compungindo-se ás Religiosas, que ouviaõ aquelles, e viaõ estas. No Coro era larga sua oraçaõ, a vocal occupaçaõ de toda a hora; assim ao mesmo tempo que servia, rezava. Grande frequencia nos Sacramentos. Ao receber os ultimos, mereceo hum favor grande do Santo Bautista. Confirmou-se nelle a experiencia, que ha nesta Casa, e he já tradiçaõ muy antiga, que se naõ vio nunca acabar sem todos os Sacramentos Religiosa devota sua, por mais que a morte fosse apressada, e houvesse embaraços para chegarem os Ministros. Viose, e succedeo assim agora na Madre Sor Catharina. Estava havia dias com o Viatico, e resolvendo-se pelo Medico, que era precisa a pressa da Unçaõ, porque por instantes espirava, se entristeceraõ as Religiosas, vendo a distancia, (que he grande) que vay do Mosteiro ao de S. Domingos, de donde haviaõ de vir os Religiosos. Mandou-se recado, mas a tempo, que já a moribunda naõ promettia nenhum de vida; eis-que chegaõ os Religiosos, testemunhando, que dando-selhes o recado, e pondo-se a caminho, o tomaraõ com tal velocidade, como se os trouxeraõ pelo ar. Assim o tornavaõ a affirmar admirados, e nem as Religiosas criaõ menos, porque os viaõ chamados naquelle instante, e já juntos á cama da doente. Deraõ-lhe a Unçaõ, que recebeo como mimo do seu grande Advogado, e com essa consolaçaõ espirou logo. Outros favores recebeo esta Madre do Santo Bautista, de que naõ ha noticia especificada. Deste ultimo vivem testemunhas dignas de credito.

He de Fé, que estima Deos o culto, que damos a seus Santos, porque he elle admiravel * nelles, e nelles o admiramos, e louvamos a elle; mas ás vezes, quanto a nosso modo parece, que se paga mais de humas, que de outras devoçoens, assim como fez distinctos, e mais vantajosos os merecimentos destes, que daquelles Justos. Nasce daqui o communicaremse-nos mais beneficios por intercessaõ de huns, que de outros, naõ obstando, que a nossa muita, ou pouca Fé consegue mayores, ou menores beneficios. Acabamos

mos de o ver na devoçaõ, que as Religiosas desta Casa tem com o Bautista, vejamo-lo agora na de nosso Patriarcha S. Domingos, por ser o mais, que se sabe da vida da Madre Sor Antonia de Jesus, algum favor, com que o Santo premiou sua fé, e calificou sua devoçaõ. Assim naõ pareceo mais a vida desta Madre, que huma mercearia, que exercitava, louvando, e servindo ao Santo Patriarcha, a que chamava com sinceridade devota, e engraçada: *O meu primoroso D. Domingos de Gusmaõ.* Com este estylo fallava, e se detinha em praticas com huma Imagem sua, que está no Coro desta Casa, e com tanto acento discorrendo sobre alguma importancia, que lhe encomendava, como se lhe estivera escutando repostas do que lhe propunha.

Sor Antonia de Jesus.

Era pobrissima esta Madre, porque tudo o que tinha, e grangeava, punha nas maons da pobreza. Nascia desta santa prodigalidade, o faltarlhe até para o pouco custo de lavar hum habito. Pedio em huma occasiaõ a algumas Religiosas, que lhe fizessem este dispendio; e vendo, que todas se escusavaõ, e naõ tinha mais recurso, vem-se ao Coro, prostra-se diante de seu grande Pay, e Advogado, e propoem-lhe com humildade a queixa de desamparar huma Merceira, e filha sua, podendo mover os coraçoens das outras a soccorrerem a mais necessitada. Eis-que ao levantar-se, e voltar para a cella, se chega a ella huma Religiosa, pedindo-lhe o habito para lho mandar lavar. Viose outras vezes em desamparos grandes, e sem mais diligencia, que recorrer ao Coro, fallar com o Santo, sahia com confiança, e logo experiencia de que se lhe vinha meter na maõ o remedio.

Como para o dos pobres tinha decretado tudo, nada divertia (de huma tença, que tinha) para alguma necessidade extrema, sem pedir licença ao Santo, a quem propunha o aperto. Arrecadada a tença, lha levava, e punha aos pés. Fello em huma occasiaõ, em que necessitava de hum véo; e mostrando-lhe o que trazia velho, e roto, lhe pedio, que dispensasse com ella para comprar outro, ou dispuzesse quem lho désse, ainda que usado. Ao sahir do Coro, a encontrou huma Religiosa, que voluntaria lhe fez essa offerta. Saõ as terças feiras na Religiaõ dedicadas a nosso Padre, nellas por particular indulto se reza delle, naõ occorrendo mayor celebridade. Assim eraõ estes dias singulares para a devoçaõ da Madre Sor Antonia, e costumava a dizer, que nunca nelles lhe faltara nada.

Assistia a huma viuva honrada, que junto ao Mosteiro vivia com muitos filhos em summa miseria; para esta andava pedindo esmolas ás Religiosas continua, e desvelada, sofrendo repostas secas, e desabridas das que desconheciaõ a sua caridade com o nome de impertinencia. Outro muito differente tinha na estimaçaõ do Ceo, com quem Sor Antonia negoceou com melhor fortuna, porque com muita dispoz, e conseguio bom casamento para huma filha da viuva, (que ás suas oraçoens attribuia o remedio de sua Casa) e lhe alcançou o habito

bito dos Eremitas de Santo Agoſtinho para dous filhos. Teſtemunhavaõ elles deſpois, que indo a recebello no Convento de Noſſa Senhora da Graça na Cidade de Lisboa, ſe chegara a elles, e os acompanhara hum Religioſo Dominico, apadrinhando-os com os Prelados do Convento, donde deſappareceo acabada a funçaõ, ſem que alguem o conheceſſe. Naõ tinha commercio com nenhum á Madre Sor Antonia, nem dado a ninguem eſta noticia, e tendo-a do que ſuccedera, dizia chea de contentamento, e ſegurança: *Sem duvida ſeria o meu primoroſo D. Domingos de Guſmaõ, que mandaria algum de ſeus filhos a acompanhar os pobres.*

Era eſta Madre muito penitente; grande parte do anno tinha o chaõ por leito, eſtylo, que inviolavelmente obſervava todo o tempo, que a Igreja nos propoem o Menino Deos no Preſepio. Agradou ſem duvida ao Ceo eſte penitente abatimento, e vio-ſe pelo que o intentava embaraçar o demonio. Em huma noite da Veſpera da Aſſumpçaõ, (celebre na Caſa pela Prociſſaõ do triunfo, que ſe faz eſſa noite nella) recolhida a boa velha á ſua cella, ouviraõ as viſinhas tal eſtrondo, que as teve aſſuſtadas até o dia ſeguinte, em que lhes diſſe, deſpois de importunada: *Que hum negrinho teimoſo, e emperrado a empuxara, e perſeguira com força, e violencia, para que ſe deitaſſe na cama, mas que o naõ conſeguira.* Era extremoſa na devoçaõ do Santiſſimo Sacramento, e todos os dias accreſcentava ao Officio Divino todo o da ſua feſta, que tomara de memoria. Já entrada em annos, enfraquecidos de aſperas, e longas penitencias, paſſou deſta vida, com o ſocego de quem a naõ eſperdiçara, em 30. de Outubro de 1691.

Com igual parenteſco no ſangue, que na virtude, viveraõ tambem, e acabaraõ neſta Caſa trez Religioſas, irmãas da Madre Sor Antonia de Jeſus. Foraõ ellas a Madre Sor Iſabel de S. Domingos, a Madre Sor Brites de S. Jacintho, e a Madre Sor Marianna do Roſario, taõ parecidas na refórma, e obſervancia de vida, que humas eraõ eſpelhos das outras, e todas eſtimaçaõ, e credito da Caſa. Aſſim lhe chamavaõ as columnas della. Na pobreza religioſa, nos jejuns eſtreitos, nas diſciplinas aſperas, e repetidas, na aſſiſtencia do Coro, e mais funçoens de mortificaçaõ, e trabalho do Moſteiro, eraõ iguaes as boas irmãas; ſobreſahia, e ſinalava-ſe cada huma em ſua particular virtude. *Sor Iſabel de S. Domingos, Sor Brites de S. Jacintho, e Sor Marianna do Roſario*

A Madre Sor Iſabel de S. Domingos em huma conformidade rara com as diſpoſiçoens Divinas, deſconhecendo aſſim os accidentes da fortuna, como ſe naſcera ſurda aos brados da natureza, que muitas vezes lhe ſoaraõ no coraçaõ na morte de parentes, e occaſioens as mais ſenſiveis, que podem temerſe na vida, e arruinar a paciencia; mas acharaõ-na eſtas ſempre ſepultada em hum abyſmo de ſofrimento, ſem abrir a boca mais que para louvar a Deos, e moſtrar a conformidade de ſua alma, repetindo com reſignados affectos della o deſafogo do Exemplar da paciencia: *Faça-ſe a vontade de Deos.* Com

eſte

este estylo de vida chegou a contar cem annos de idade.

Pouco menos contava na sua a Madre Sor Brites de S. Jacintho, com igual procedimento, mas singularizando-se no excesso de amor com o seu Esposo Sacramentado. Parece, que se lhe ateara no coraçaõ aquella braza Eucharistica, applicada pelas maons Angelicas a cauterizar-lhe as imperfeiçoens de humana. Assim costumava chamar áquelle mysterio Sacrosanto: *O seu Amor.* No Coro lhe assistia continua, na mesa o buscava anciosa; naõ tinhaõ suas praticas outro assumpto, nem suas acçoens outro termo. A's quintas feiras (dia consagrado a esta soberana memoria) pedia todo o anno pelo Mosteiro esmola para a sua festa. Nas Vesperas della levava a grangearia, e huma pobre tença ás maons da Prelada, porque se dispendia. Naõ guardou o Senhor o premio para quando elle mesmo o ha de ser dos Justos, nesta vida mortal o adiantou a Sor Brites em particulares mimos; apontaremos hum, que se fez mais lugar entre os outros. Achava-se enferma, e perigosa, eis-que hum dia sente crescer o mal com hum repentino symptoma, que lhe promettia poucas horas de vida. Sabia ella, que no seu Amor estava toda, como centro da verdadeira; levanta as maons, e a voz, e entoa o doce verso do Hymno da sua festa: *Tantum ergo Sacramentum.* Foy reparo, que a ninguem se escondeo. No mesmo instante respirou do perigo, e continuou melhorando. Passava já de oitenta annos, (achaque, que lhe tirou a vida) quando a acabou com o suave nome de seu Amor Sacramentado na boca, passando a gostallo na eterna mesa da Bemaventurança.

Seguio os passos das mais irmãas, a ultima, que foy a Madre Sor Marianna do Rosario, prompta, e desvelada no caminho da observancia, e igualmente pobre voluntaria, gastando tudo o que tinha em mayor culto de algumas Imagens do Mosteiro, especial a da Senhora da Appresentaçaõ, com que era a sua devoçaõ mais continuada, e mais fina. Sinalouse esta Madre (como já o reparamos das mais irmãas) nos empregos de penitente, na austeridade dos jejuns, e mortificaçoens inventadas, e continuas. Toda sua vida andou descalça, como a que pizava a terra Santa, em que Deos se mostrava naquella abrazada, e amorosa Çarça da Eucharistia, no escabroso monte daquella penitente Casa.

Mas honre tambem as memorias della huma assaz merecida de huma servente sua. Foy esta Catharina Pereira, que de poucos annos veyo para a Clausura, que observou como qualquer Religiosa, bebendo no exemplo dellas o concerto de sua vida. Das penosas occupaçoens della (como a que servia toda a Casa) respirava nos braços da penitencia; passava destes aos exercicios de caritativa; o seu mayor, e mais repetido, com as Santas Almas do Purgatorio, desentranhando-se para alivia-las daquelle intoleravel cativeiro. Esta ancia lhe trazia continuamente na maõ a disciplina, larga, e rigorosa. Mas deseja-

Catharina Pereira.

deſejava no que lhe era permittido, acompanhallas na ſemelhança das penas. Entrava deſcalça a concertar o forno da Communidade, quando acabavaõ de ſervir-ſe delle, eſtando ainda ardente, e inſoportavel. Mais o parecia a labareda caritativa, que lhe ardia no coraçaõ, ſe a ſeu reſpeito recorria ao fogo, como deſafogo, e refrigerio. Acabou ſeus dias com a grande opiniaõ, que merecera nelles. As que a trataraõ, e conheceraõ, lhe chamaraõ mulher ſanta; e foy tal ſua morte, que pareceo paſſagem para o lugar, que lhe promettia eſſe nome.

CAPITULO XI.

De algumas Imagens milagroſas, que ao preſente ſe reſpeitaõ com eſſe titulo, e experiencia neſta Caſa.

NAõ ſerá razaõ, que faltemos ao eſtylo do noſſo Chroniſta, coroando as noticias das Caſas com as notabilidades dellas; eſpecialmente na memoria de Imagens milagroſas, teſtemunho grave, e credito grande das Religioſas, que neſta lhe aſſiſtem, e as veneraõ, premiada ſua fé, e devoçaõ com favores, a que ainda que naõ califiquemos por milagres, lhe podem acommodar o nome as circunſtancias, e raridade delles. Mas deixemos primeiro em memoria alguns, com que o Santiſſimo Sacramento tem beneficiado eſta Caſa, como tanto ſua, ſenaõ no nome, na ſorte com que ſe vio mimoſa debaixo da ſua protecçaõ, e providencia. Aſſim o achará nas ſuas memorias quem buſcar a liçaõ dellas.

Corria o anno de 1655. governava eſta Provincia o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, e viſitando eſte Moſteiro, e fazendo-o (como he coſtume) ao Sacrario, advertio, que era difficultoſa a ſerventia para elle, impoſſivel ao Sacerdote o paſſar direito, mas de ilharga, com trabalho, e menos decencia. Mandou, que logo ſe alargaſſe o caminho, deſviando-ſe o Altar, para que ſe podeſſe tirar, e recolher o Santiſſimo com mais decencia, e mais commodo. Parecia impraticavel, por ſer o Altar de huma ſó pedra, toda ſagrada, banqueta grande, que deſcançava em groſſas columnas, que lhe faziaõ coſtas, e rodeado de muitos, e largos degraos de pedra. Affligiaõ-ſe as Religioſas, conſultando officiaes, que lhe aſſeguravaõ, que ſe arriſcava a veneravada antiguidade daquella ſagrada pedra, por mais que a obra ſe deſmanchaſſe por partes pela grande, e antiga travaçaõ, que havia entre todas. Pezavaõ hum dia eſtas difficuldades o Vigario da Igreja, e alguns Sacerdotes, e tendo a maõ ſobre o Altar, reſolvia, que era impoſſivel o movello ſem grande perda, eis-que de improviſo ſente, que o fazia, deixando deſembaraçado o eſpaço, que ſe deſejava. Levantaõ as vozes, tornaõ a applicar a viſta, e a fazer experiencia, e acclamaõ o milagre. Acodem as Religioſas, eſcutaõ a noticia delle, lançaõ-ſe por terra, entoaõ graças ao Senhor. Vivem hoje muitas, que o viraõ, e o teſtemunhaõ. Era Prioreza a Madre Sor Franciſca de

Fr. Luis de Souſa 2. p. l. 1 cap. 20.

S. Paulo, Sacriſtãa a Madre Iſabel da Viſitaçaõ, Vigario da Igreja o Padre Franciſco Bernardes, Theſoureiro o Padre Antonio Antunes.

Naõ ſó ſe dignou o Senhor de aliviar aquellas ſuas Mercieiras daquella perda, que temiaõ, mas de as ſoccorrer em perigos, que as ameaçavaõ, e eſpecialmente em muitos incendios repentinos. Foy mais notavel o que ſuccedeo no anno de 1690., que ateando-ſe no forno da Communidade com vigor, e violencia, naõ podendo entrar a embaraçallo os moſſos da Caſa com a brevidade, que pedia; criou tantas forças, que começaraõ as labaredas a eſpalharſe por toda a Caſa, e a ſenhorearſe della com pavor, e aſſombro de mulheres, que á meya noite ſe viaõ aſſaltadas de taõ poderoſo inimigo. Chegou primeiro a aviſtallo huma ſervente da Communidade, que hoje vive, e levantando a voz, diſſe (com grande fé) *Santiſſimo Sacramento apagay eſte fogo!* Ao meſmo inſtante ſe viraõ ir recolhendo as labaredas ao centro do forno, e ceſſou o incendio. Chamava-ſe a ſervente Maria Vieira. Era Prioreza a Madre Sor Anna do Sacramento.

Eſtas, e muitas experiencias fomentaõ a grande fé deſta Caſa, e a devoçaõ extremoſa, com que o Senhor he ſervido nella, tendo-ſe por mimoſa ſua a que lhe faz a feſta, para que ſe lançaõ ſortes; naõ faltando já quem a pertendeo, e eſperou com as induſtrias de jejuns, e mayores penitencias. Para as cinco quintas feiras, que precedem a eſte dia, ſe offerecem todas com ancia; ſendo já tradiçaõ, que viſita o Senhor com grandes favores a devoçaõ dos que o deſempenhaõ; aſſim dos da Caſa, como dos de fóra. Vio-ſe na felicidade, com que ſe viraõ livres enfermos, e attribulados. Moſtraõ as Religioſas o ſeu agradecimento no deſvelo, e diſpendio com que aſſiſtem a eſte Senhor no ornato de ſua Capella, em que ao preſente lhe tem lavrado grandioſa tribuna, que enchem, e cobrem de muita prata, de que lhe tem feito offerta, e fazem cada dia, ſendo ſempre mais os favores, que recebem, que as offertas, que fazem.

Naõ experimentaõ menos piedades nas Imagens da Mãy de Deos, que lhe authorizaõ a Clauſura, e lhe pagaõ a mercearia. Seja a primeira a da Senhora dos Prazeres, nome, que lhe deu o dia em que ſe lhe faz a feſta, ſendo o ſeu primeiro, (como ſe lê nos principios da Caſa) o da Senhora do Milagre, pelo grande, e ſingular, que deſempenhou nella. Nos ſeus alicerces foy achada, e eſtá hoje collocada na Capella, que na Religiaõ chamaõ das Horas, por rezar nella a Communidade o Officio Menor da Senhora, quando pelo tempo o pede a reza. He celebre a ſua feſtividade, e immemoravel a antiga experiencia de ſe naõ comprar cera para ella, baſtando para encher o Altar, e ſobejar para continuas funçoens de todo o anno o cuidado das devotas, concorrendo cada huma com ſeu cirio, por mais que a Veſperas ſe achê a Religioſa Sacriſtãa da Capella ſem hum unico. Aſſim o affirma a que hoje tem eſta ocupaçaõ com expe-

Fr. Luiz de Souſa 2.p.l.10. cap. 11.

experiencia de trinta annos.

Igual a tem todas dos beneficios, que continuamente recebem da Sagrada Imagem, invocada de toda a Casa com devoçaõ, e fé viva em qualquer aperto, que haja nella. Testemunhaõ-no assim a Madre Sor Marianna de S. Francisco, que padecendo grandes dores, procedidas de huma disfórme inchaçaõ no estomago, se achou de todo sãa, sem mais medicina, que o azeite da alampada da Senhora. A Madre Sor Martha de Jesus, que de hum assombramento de ar padecera muitos dias seus effeitos com a voz preza, e turbada, com hum manto da Senhora se vio restituida á saude perfeita, que ainda dura a memoria em hum manto, que deu á mesma Senhora. Outra Religiosa (sendo ainda pupilla nesta Casa) assaltada com grande violencia do mesmo mal, recebeo, tocando a Sagrada Imagem, o mesmo beneficio. Naõ seria facil reduzir todos a numero, como nem o termos noticia de muitos, que cada dia experimentaõ suas devotas, ainda fóra desta Casa; como succedeo a Dona Antonia de Vilhena, mulher de Dom Antonio de Menezes, que com trez dias de parto, e a criança morta no ventre, (sentenceada ao rigoroso remedio, a que em similhantes casos appella a cirurgia) pondo hum volante, que á Senhora servia de toalha, lançou a criança, e ficou livre de perigo, protestando o beneficio em quatro cirios, de que faz offerta á Senhora em cada anno.

Naõ he menos celebre outra Imagem da Senhora com o titulo das Necessidades, naõ taõ antiga na Casa, mas mais conhecida nella pela grande devoçaõ, e desvelo com que lhe assistia Sor Filippa da Cruz, de que atraz dissemos, alcançando della singulares, e continuos favores. Era o feitio mal affigurado, e tosco, obrigando antes que a devoçaõ, a reparo, hoje sem nova maõ de artifice, se acha, e venera com aspecto fermoso, agradavel, e aprasivel. Testemunhaõ-no assim todas as Religiosas, (muitas dignas de todo o respeito, e credito) como as que fizeraõ observaçaõ na nova methamorfoseos da Sagrada Imagem. Está em huma Capella no Dormitorio, a que chamaõ de Belem, donde he buscada, e assistida de commua, e particular devoçaõ das Religiosas, taõ continuas, como premiadas. Mas baste por todas a noticia de hum prodigio com que o foy a fé de huma.

Era Noviça a Madre Sor Francisca de Santa Rosa, e servindo no Coro, quebrou em huma queda o braço direito. Seguiraõ-se crueis dores, repetidas, e grandes curas dos mais eminentes homens, que no Reyno conhecia a cirurgia, sem mais effeito, que o desengano de ser tudo baldado, porque abaixo do cotovello estava quebrada a cana do braço, ficando pendurada a mais parte delle com a maõ, a que se naõ communicava calor, nem movimento, como a parte descontinuada, e estranha. Assim se foy secando, denegrindo, e desenganando toda a esperança de remedio. Determinouse dia, em que os pays viessem tirar a Noviça, (que naquelle estado naõ po-

podia ſeguir o de Religioſa) e foy o em que na Caſa ſe fazia a feſta á Senhora das Neceſſidades, a quem aſſim Sor Franciſca, como todos ſeus parentes, faziaõ ſupplicas naquelle aperto, com grande fé, e devoçaõ. Lamentava a Noviça o haver de deixar o habito, e a Caſa, magoa, que lhe levou grande parte daquella noite, entre as mayores dores, que nunca ſentira, miſturando lagrimas, e ſupplicas, encaminhadas áquella Senhora, a que pedia o remedio, obrigando-a com o ſeu meſmo titulo. Seguio-ſelhe á moleſtia (já como cançada) huma ſuſpenſaõ nas dores, logo ſuave ſono, de que deſpertando pela madrugada, e ſentindo-ſe com alivio, começou a menear ſem violencia o braço. Applicou o outro, achou que ſe ajudavaõ ambos com igualdade, e ſem moleſtia. Parecia-lhe, que ainda naõ deſpertara; ſahia da duvida, e tornava a repetir o exame, que lhe tirava todas, mas naõ acabava o ſuſto de deixar romper o alvoroço.

Acaba finalmente de convencer-ſe, attendendo a quem lhe faria aquelle favor, taõ difficultoſo, como naõ eſperado; dá vozes a huma ſervente, que lhe aſſiſtia, e diz-lhe, que eſtá ſãa. Reſponde-lhe a ſervente, que deſcance, e naõ inquiete a Caſa com aquelle delirio; (naõ lhe podia parecer outra couſa o que ouvia) inſta a Noviça, que a Senhora das Neceſſidades lhe reſtituira o braço, e confirma-o, levantando-ſe, veſtindo-ſe, e meneando-o como o outro. Acodem as Religioſas, convencem-ſe com experiencias, paſmaõ, ſuſpendem-ſe do que ao meſmo tempo eſtaõ vendo, e duvidando. Leva-ſe a Imagem milagroſa para a Igreja á inſtancia dos pays, e parentes da Noviça, augmenta-ſe a feſta, publica o ſucceſſo do Pulpito o Meſtre Frey Alvaro Leitaõ, que era o Prégador della. Vive hoje a Religioſa, que tem ſervido todos os officios, e os de mais trabalho, que ha na Caſa com a felicidade da enferma, a que na de Pedro deu o meſmo Chriſto ſaude, que naõ ſó a recuperou perfeita, mas começou a ſervir ao Senhor para teſtemunho della. Da inteireza, e illeſaõ do braço ſou eu teſtemunha de viſta. Et continuo ſurgens miniſtrabat illis. Lucæ 4. 39.

He tambem na Caſa conhecida por milagroſa a Imagem de S. Jacintho, que eſtá no Coro em hum nicho. Aſſim o confeſſa a devoçaõ das Religioſas, pela experiencia de muitas. Seja huma por todas a Madre Sor Leonor das Chagas, que preza de inſoportaveis, e continuas dores, que a naõ deixavaõ ſahir de hum lugar, nem poder mearſe, chegando a beijar a Santa Imagem, que ſe recolhia de hum Altar para o ſeu nicho, ſentio como que huma maõ lhe corria o corpo, e ficou ſem dor alguma de improviſo, e taõ ſenhora de todo o ſeu movimento, que ella meſma poz o Santo em o ſeu lugar, com ſer taõ alto, que ſe valeo de huma eſcada para fazello.

Outra Imagem ha no Moſteiro, (he de S. Gonçalo, eſtá em hum nicho na Capella do Senhor dos Paſſos, que fica no Antecoro) e naõ menos que a de S. Jacintho, he venerada por

por milagroſa. Aſſim buſcada com devotas, e continuas offertas, e feſtejos no ſeu dia, de que o Santo ſe paga, olhando para a fé, e ſinceridade alegre de quem o feſteja, circunſtancia, que o meſmo Deos quer, e parece que eſtima em quem o buſca, e lhe offerta, como nos diz o Sagrado interprete da ſua vontade. A eſtes obſequios, acompanhados de hum coraçaõ devoto, ſe moſtra o Santo obrigado nas mercês, e favores, que cada dia conta todo o Moſteiro. Apontemos a de que ſe naõ eſquece a Madre Sor Barbara de S. Jacintho, que eſtando tolhida de hum accidente de ar, ſem que valeſſem medicinas para que ſe quer ſe pozeſſe em pé, ou podeſſe menearſe, recorreo ao Santo, pedio, que lhe pozeſſem na cella a ſua Imagem, adonde deſpois de algum tempo, (obrigando-a em todo com ſupplicas, e devoçoens) amanheceo hum dia ſãa, e deſembaraçada, ſahindo pelo Moſteiro a publicar o favor do Santo, e confirmando-o naõ ſó em a verem diſcorrer ligeira por toda a Caſa, mas ſervindo deſpois muitos annos em as occupaçoens mais trabalhoſas della.

Hiarem datorem diligit Deus. 2. ad Corinth. 9. 7.

Tem tambem eſta Caſa em grande veneraçaõ huma Imagem do Senhor com a Cruz aos hombros, buſcada em grandes apertos, aſſim fóra, como dentro no Moſteiro, achando nelle a devoçaõ, e fé dos neceſſitados prodigioſos, e favoraveis effeitos. Teſtemunhaõ delles (com conhecida, e larga experiencia) as Religioſas, e entre ellas a Madre Sor Marianna de Nazareth, vendo-ſe, ſó com tocar a tunica do Senhor, livre de hum cruel achaque, com improviſa, e inteira ſaude. Mas paſſemos a mais particulares noticias da Imagem celebre do Menino Jeſu, que creſce; nome, que lhe deu a experiencia das que o viraõ pequeno, e o veneraõ hoje avultado.

Corria o anno de 1630. quando a Madre Sor Adriana dos Anjos (Prelada entaõ deſta Caſa, e Religioſa de grande nome, e refórma) mandou fazer huma Imagem do Menino Jeſu, para que em hum nicho acompanhaſſe a de S. Joſeph, que eſtava no Antecoro, advertindo o muito tempo, que o Santo ficava deſacompanhado da Imagem de outro, que tinha pela maõ, e paſſava aos braços da Senhora, e ao Preſepio todos os Nataes, e em todas as funçoens Sagradas, que a Igreja nos repreſenta naquelles dias. Fez-ſe a Imagem, e nem careceo de myſterio o ſer o Artifice hum Manoel Quareſma, Eſtatuario de fama, e homem de boa vida, coſtumado (como era ſabido) a confeſſar-ſe, e commungar naquelle dia, em que havia de applicar as maons a ſemelhante obra. Sahio a Imagem, ainda que naõ muy perfeita de materia, inteira, e maciça; collocouſe no nicho á maõ do Santo; mas com o diſſabor de algumas Religioſas, eſpecialmente da Prelada, que a viaõ ſem aquella gentileza, que devia repreſentar, e o achavaõ curto, e acanhado para chegar bem á maõ do Santo. Acodia a eſtes reparos a Madre Sor Brites da Magdalena, Religioſa antiga, e de grande reputaçaõ na Caſa, dizendo com graça myſ-

myſterioſa, que depois pareceo profetica: *Ora deixem o Menino, ponhaõ-no em ſeu lugar; que ſe naõ he tambem affigurado, elle ſe fará; e ſe fica pequeno, elle creſcerá, ſe quizer.* Mas ficava taõ curto, e via-ſe tanto eſſa falta, que paravaõ as Religioſas a dizer-lhe com devota confiança: *Creſcey Senhor. Creſcey, day a maõ a voſſo pay.*

Parece, que ſe agradava o Senhor da ſupplica, e ancia de ſuas eſpoſas, porque paſſados alguns annos, ſe começou a reparar o pouco, que diſtava já a maõ do Menino da do Santo. Logo ſe foy vendo a igualdade, e proporçaõ; advertiraõ-lhe nas opas curtas, paſſaraõ a examinar-lhe as camiſinhas violentadas nos pulſos, as alparcas apertadas nos pés, e ſingularmente a huma Cruz de prata, que tinha na maõ eſquerda (e lhe paſſava a cabeça) foy vencendo de ſorte, que hoje ſe lhe vê abaixo da maõ. Mas mayor prodigio foy eſtarem as Religioſas com tanta confiança, de que o Menino creſceria, que ſem admiraçaõ lhe começavaõ a cortar opas mais compridas, ſem ſe valerem da medida das primeiras. Fez-ſe mais patente o milagre, porque aſſim avultou a Imagem, que naõ ſofreo a primeira pianha, por pequena, e de materia menos ponderoſa; lavroulhe outra de evano cuberta de prata, e finalmente, eſtreitando-ſe o nicho, que tinha a capacidade, que pedia a Imagem do Santo (que he fermoſa, e encorpada) veyo a naõ poder receber a do Menino, deſpois de o fazer alguns annos com geito, e trabalho. Lavrou-ſelhe cuſtoſa, e decente Capella no meſmo Antecoro, com capacidade, e largueza para as meſmas Imagens. Alli ſe vê ao preſente a do Menino, naõ ſó avultada na eſtatura, mas de fermoſa, e alegre preſença, e alli ſe lhe faz a feſta o primeiro dia do anno, e ſe lhe continúa até o da Epifania, aſſim pela veneraçaõ, que tem grangeado eſte viſivel, e indubitavel prodigio, como pelas muitas mercês, que as devotas experimentaõ a cada paſſo.

Auctorizaõ a verdade do que temos eſcrito Religioſas de opiniaõ, que vivem hoje, e viraõ collocar a Imagem nova no ſeu primeiro nicho. Todas por tradiçaõ, e pelo que vaõ experimentando. Ve-ſe nas opas, e veſtidos primeiros do Menino, e medeſe com evidencia em huma Imagem do Evangeliſta, que eſtá no meſmo Antecoro, feita juntamente com a do Menino, e taõ indifferentes, e igualmente capazes, aſſim no tamanho, como no feitio, para os titulos, que lhe havia de dar a eſcolha das Religioſas, que ſe deſtinou eſta para ſer do Evangeliſta, pela unica diſtinçaõ de ter a boca como que fallava, e eſtar indicando, (a juizo das devotas) que proferia o Evangelho: *In principio erat Verbum*, ſendo conſtante a primeira igualdade deſtas duas Imagens, no acanhado de huma ſe vê o que tem avultado a outra. Deſpertou eſte prodigio a devoçaõ da Caſa, ſeguio-ſe a ella a repetiçaõ de favores, que experimentaõ cada dia as filhas della, conhecendo no augmento da Sagrada Imagem o grande de remedios, e ſoccorros

ros em ſeus mayores apertos, como mimoſas daquelle Soberano Eſpoſo, de quem diſſe o ſeu Paraninfo: *Que importava, que creſceſſe, quando o dava a conhecer como remedio do genero humano.* Entendendo-ſe eſte augmento dos ſignaes, e milagres, com que o Senhor ſe havia de fazer conhecido, e venerado nas acclamaçoens, e ſogeiçoens do Mundo, como explicaõ neſte lugar os Sagrados Interpretes. Permittaſe nos eſta accommodaçaõ devota, quando participa tambem da intelligencia genuina.

Illum oportet creſcere. Joannis 3. v. 30. Creſcit Chriſtus ſecundũ quod paulatim manifeſtat ſe per ſigna, & miracula. Theophi. hic.

Aſſim começou a creſcer a fé ao paſſo, que a avultar a Imagem; os milagres ao paſſo, que a avultar a fé; dando-ſe o Senhor a conhecer, e a venerar aſſim nos finaes, que ſe admiraraõ, e admiraõ em ſua Imagem, como nos prodigios, que experimentaõ cada hora os neceſſitados, que recorrem a ella. Pelos annos de 655. ſuou a Sagrada Imagem, examinando-o naõ ſó as Religioſas, mas o Provincial deſta Provincia o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, e officiaes chamados para o exame, de que ſe fez huma memoria authentica, e ſe guarda no Cartorio da Caſa. As mercês, e favores com que nella, e fóra della ſe deſempenha a Imagem Sagrada com quem a buſca, e venera, tem ſido tantos, e vaõ ſendo taõ continuados, que ſeria cançar em larga eſcritura, havendo ſempre de ſobejar aſſumpto para ella. Baſtem os meſmos remediados para padroens vivos, quando o meſmo Senhor os vay, e irá cada dia multiplicando, para gloria ſua, e conſolaçaõ deſta Caſa.

Eſtas ſaõ as circunſtancias dignas de advertencia nas memorias della, ſeguindo o eſtylo do Padre Frey Luiz de Souſa, Chroniſta taõ indigno da nota, (que lhe quiz pôr quem nunca o poderia igualar) como digno da inveja dos que melhor o ſouberaõ ſer. Elle o foy com tanta circunſpecçaõ nas noticias deſta Caſa, (ſuccedendo-lhe o meſmo em todas) que naõ deixou a minima de que houveſſe ou tradiçaõ, ou memoria ſegura. Sem duvida a achou de que neſtes Clauſtros eſtava ſepultada a Infanta Dona Catharina (filha dos Reys Dom Duarte, e Dona Leonor) porque certamente nelles eſteve recolhida. Podia bem ſer, que falecendo nelles, ſe trasladaſſem ſeus oſſos para outro jazigo, de que quer fazer credito o Eſcritor, que cenſura eſte lugar do noſſo, dando-o a eſta Infanta em huma Caſa de ſuá Congregaçaõ, e queixandoſe do roubo, que ſe fazia a ella em eſte Real depoſito, ſem advertir, que para hum Moſteiro como o do Salvador, que he todo hum Sagrado Mauſoléo de Santas, e veneradas cinzas, era ambiçaõ eſcuſada o querer, que o foſſe de oſſos ſecos de Infantas. Os Chroniſtas apontaõ tudo, e o noſſo tinha tanto em que occupar a penna, que a naõ obrigallo a ley da memoria, que achara, nunca o deteria aquella advertencia. Eu a naõ fiz aqui para defender em taõ leve materia hum taõ grande Chroniſta, talvez por entender, que ſó penna, que podeſſe voar ſobre os ſeus eſcritos, lhe poderia deixar cahir hum borraõ nelles.

CAPI-

CAPITULO XII.

Das Madres Sor Ignez de S. Jacintho, Sor Maria do Bautismo, Sor Magdalena do Sepulchro, Sor Isabel das Chagas, Sor Isabel de S. Joaõ, do Mosteiro de Jesus de Aveiro.

Mosteiro de Jesus de Aveiro.

ASsim corre ligeiro o tempo, que brevemente desengana a quem naõ acautelando-se contra sua velocidade, lhe naõ vay observando os voos no mesmo instante de passados, fiando só da memoria as notabilidades, que vay perdendo de vista, mal desamparadas do descuido, quando já sepultadas do esquecimento. Cada hora o mostra a experiencia, e o provamos agora nas memorias desta Casa de Jesus de Aveiro, que espelho da observancia nesta Provincia, nos vem a deixar por espaço de vinte e hum annos sem a noticia das filhas da sua refórma, que naõ he possivel faltassem; mas faltou a cautela de naõ as deixar passar sem algum reparo para a lembrança, ficando-nos o unico recurso da que achamos viva em algumas Religiosas, em que os annos a naõ tem já com aquelle vigor, e advertencia, que pedem informaçoens individuaes, em que perdemos mais largos assumptos para esta escritura, como grande parte de suas glorias esta Casa.

Sor Ignez de S. Jacintho.

Foy huma das filhas, que lhas grangeou, a Madre Sor Ignez de S. Jacintho, filha de Diogo de Albuquerque, e de Dona Guiomar da Rocha, gente nobilissima, como bem conhecida em Coimbra sua patria. Seguiose nesta Madre ao bom genio o bom ensino; hum, e outro a trouxeraõ a esta Casa, capacitando se tanto no grande exemplo, que achou nella, que já o dava, e ainda o aprendia. Tinha hum singular affecto com a Senhora com o titulo do Carmo. Estendia-se a seus filhos, socorrendo a algumas necessidades da Casa, que delles ha na Villa. Parecia milagre em suas poucas posses, mas naõ se alarga a menos hum desejo tambem occupado, favorecido da diligencia, e da industria. Exacta na observancia das Constituiçoens, lhe ajuntava particulares exercicios penitentes, grande recolhimento, e oraçaõ, que parecia sua vida a mesma observancia animada. Este nome se grangeou, e tam bem recebido de todas as da Casa, que naõ houve mayor magoa para toda ella, que o ameaço de perderem sua companhia, porque cahindo de grave doença, disse logo, que infallivelmente morria.

Apertou-a hum accidente em huma noite. Eraõ duas horas, sahiaõ as Religiosas de Matinas. (observancia, que nunca afrouxou nesta Casa) Tinha-se anticipada a enferma em receber o Viatico, como a que estava certa de que se chegava a jornada; e perguntando-lhe agora se queria a Unçaõ, respondeo, que naõ eraõ horas para inquietar os Religiosos; que ella teria cuidado, quando fosse preciso. Soavaõ as cinco da manhãa, e chamando a Prelada, lhe pedio, que mandasse entrar o Confessor, porque aquella era sua ultima hora. Assim foy ungida, assistindo áquella acçaõ sagra-

ſagrada com tanto ſocego, e advertencia, como ſe antes a ajudara, que recebera. Achavaſe á ſua cabeceira a Madre Sor Iſabel das Chagas (Religioſa de grande vida, e de ſua confiança) havia concerto entre ambas, que a que faleceſſe primeiro, declararia á outra o que ſe paſſava naquella tremenda hora; e lembrando lhe agora Sor Iſabel o contrato, levantando a enferma as maons, e os olhos ao Ceo, diſſe com voz clara, e compungida: *Miſericordias Domini in æternum cantabo.* Como ſe diſſera: *Já entoarey eternamente na viſta do Senhor as miſericordias, que uſou com minha alma*; e aſſim paſſou felizmente a dar principio ao que promettia.

Siga as memorias, como ſeguio os paſſos da Madre Sor Ignez, ſua ſobrinha a Madre Sor Maria do Bautiſmo, ainda que entre a morte de huma, e outra ſe paſſou largo tempo, mas dê eſte lugar a conhecerſe a uniaõ da virtude, para gloria do parenteſco, e do ſangue. Foy a Madre Sor Maria nobre por naſcimento, mas illuſtrada do Ceo, que a trouxe a eſta Caſa, conheceo tanto, que naõ havia mais nobreza, que o abatimento, que nem as muitas prendas de que era dotada, lhe fomentaraõ hum penſamento de eſtimaçaõ propria. Com as ſerventes mais humildes a achavaõ ſervindo a Caſa, entre as mais pobres a reparavaõ pelo pobre trato de ſua peſſoa. Seguia-ſe facilmente á ſua humildade huma obediencia ſogeitiſſima, abraçando aſſim as leys das Conſtituiçoens, que antes tinhaõ as Preladas, e as mais auſteras de que ſe edificar, que de que a advertir. Adiantou-ſelhe a capacidade aos annos, e começaraõ a importunalla para que aceitaſſe o cargo de Prioreza. Naõ ignorava, que tambem neſte podia ſer eſcrava, mas achava-ſe taõ eſtranha com a ſuperioridade, que até lha fazia intratavel o nome. Inſtaraõ as Religioſas, recorreraõ a parentes, entraraõ finalmente os Prelados com a ultima inſtancia, allegou razoens, e ſupplicas, que ſe anciparaõ a ſuſpender as temidas vozes da obediencia; ſem eſta trabalhou de balde a induſtria, nada a tirou do canto da ſua cella, donde a alcançou a morte, (taõ deſpida de tudo o a que dá valor a terra) que lhe naõ tirou mais que a vida, que o Ceo melhorou em ſua alma, permittindo alguns ſinaes da bemaventurança della; noticia, que ha muitos annos ſe conſerva nas tradiçoens deſta Caſa.

Sor Maria do Bautiſmo.

Com igual reputaçaõ viveo nella a Madre Sor Magdalena do Sepulchro, grangeada com hum grande zelo da obſervancia, de que ſua vida era a mais efficaz advertencia. Devotiſſima da Senhora com o titulo da Viſitaçaõ, era na ſua Capella (que eſtá no Clauſtro) a ſua mayor aſſiſtencia, nas horas, que lhe ſobejavaõ do Coro, e exercicio quotidiano, porque naõ as podia haver para ella de mayor deſcanço, nem mayor goſto. Aceava, e concertava a Capella, veſtia, e ornava a Imagem da Senhora em os ſeus dias mais feſtivos, e feita eſta diligencia, ſe lançava por terra, pedindo-lhe perdaõ do pouco, e mal, que a ſervia. Uſo foy

Sor Magdalena do Sepulchro.

foy efte inviolavel de toda fua vida, que foy larga; e chegado o fim della, (fem preceder achaque, ou doença) era em dia feftivo, entrou a Madre Sor Magdalena de madrugada a compor a fua Senhora; e feita oraçaõ, ataviada a fagrada Imagem, fe lançou por terra, como coftumava, no chaõ da Capella. Tinhaõ-na feguido com recato, e fegredo algumas Religiofas, que goftofas, e edificadas, coftumavaõ ver aquelle efpectaculo; mas advertindo agora, que a boa Madre fe naõ levantava da venia, por efpaço de huma hora, fe chegaraõ a ella, e a acharaõ fem vida, conjecturando com igual confolaçaõ, que fentimento, com a larga experiencia de qual ella era, que a mefma Senhora feria fervida de melhorar naquella hora de gala aquella alma ditofa, pelas que em fua vida lhe dera, e com que taõ devotamente a veftira, e ornara.

Sor Ifabel das Chagas.

Naõ foraõ menos dignos de memoria os extremos de devoçaõ, com que a Madre Sor Ifabel das Chagas coroou o inculpavel de fua vida. Foy efta de tanta refórma, e obfervancia, que lhe grangeou a efta Madre na Cafa, e tradiçaõ, que ainda dura nella, o nome de mulher fanta. Grande argumento da larga materia, que nos roubou o tempo, e o defcuido a efta efcritura, ver o nome de fanta como anthonomafia em huma Cafa, em que nunca faltaraõ efpiritos reconhecidos acrédores delle, e della! Mas naõ ficou mais individual memoria, nem efta era digna de deixada.

Soube merecella entre as filhas defta Cafa a Madre Sor Ifabel de S. Joaõ, que entrando de tenros annos nella, deu logo indicios de que a mereceria. Affim era obediente, affim humilde, affim penitente, affim devota! Foraõ avultando com os annos eftas virtudes até o difficil grao de perfeitas, em que continuou fua vida, fem mais lembrança nella, que a unica attençaõ ao Senhor, que a efcolhera efpofa. Foy promeffa, que lhe tornou a ratificar no mefmo dia em que profeffou; porque acabada aquella fagrada funçaõ, (levando para teftemunhas a duas Religiofas) fe foy ao Coro, e pondo os joelhos em terra, levantadas as maons, e os olhos ao Santiffimo Sacramento, que venerava no Sacrario, diffe: *Meu Senhor, e meu Efpofo, de novo ratifico o voto, que acabo de fazer, e vos prometto, que naõ haja creatura, que me divirta da fé, que vos devo de efpofa.* Affim o cumprio, e com taõ grande ancia (moftrada bem nas grandes pontualidades de Religiofa) de paffar a thalamo mais feguro, que fobrevindo-lhe huma doença, aos vinte e trez annos de fua idade, (que a ameaçou de morte) pedio com inftancias, que logo a facramentaffem, e ungiffem, como quem fe alvoroçava para a fua ultima ventura. Faziaõ fuas prendas mais defejada fua vida; levaraõ-lhe as Religiofas huma Imagem milagrofa da Senhora, e aconfelhando-a, que lhe pediffe faude, refpondeo: *Para que quero eu faude, fe toda a minha ancia he verme no Ceo com efta Senhora?* Mas cantem-me alguma coufa do feu agrado, em quanto effa feli-

Sor Ifabel de S. Joaõ.

felicidade naõ chega; e entoando-lhe os Hymnos de Noſſa Senhora, eſpirou taõ placidamente, como ſe adormecera áquella ſagrada harmonia.

CAPITULO XIII.

Das Madres Sor Maria de Jeſus, Sor Filippa de Noronha, Sor Monica de Santo Agoſtinho, Sor Anna Natalia, Sor Camila Bautiſta; e de trez Irmãas, que deixaraõ nome de virtude, todas da meſma Caſa de Aveiro.

Oleum effuſum nomen tuum, ideo adoleſcentulæ dilexerunt te. Spiritus Sanctus nomen Sponſi oleo comparat. D. Bernardus.

SEm duvida quiz o Eſpoſo das almas deſempenhar neſta Caſa de Aveiro, a quem deu o ſeu nome, as qualidades attractivas delle, como o teſtemunhou a alma pura, quando vendo-o exhalar fragrancias, attrahia a ſi as caſtas, e innocentes Pombas, que o ſeguiaõ naõ ſó namoradas, mas extremoſas; porque acabamos de eſcrever de huma eſpoſa, que por chegar aos braços deſte Eſpoſo, perdeo goſtoſamente a vida, e paſſamos a outra, que deſprezou tudo o que préza a vida, por ter dado a Jeſu Chriſto palavra de eſpoſa. Foy eſta a Madre Sor Maria de Jeſus, (nome que eſcolheo, para que entendeſſe o Mundo, que já naõ era ſua, e de quem era) que filha de pays ricos, e honrados, começou em ſeus primeiros annos a ſer emprego de muitas diligencias, que buſcavaõ em ſua maõ fazenda, e fermoſura, dotes, que naõ ſó fazem bemquiſto, mas invejado o matrimonio. Mas ſendo diverſos os empenhos de ſeus pays, querendo cada hum effeituallo a ſeu goſto, recorreo o pay a hum embaraço, mais que de conſiderado, de teimoſo, que foy vir, e trazer a eſta Caſa de Aveiro o dote para ſua filha, deixalla aceita a votos, e voltar para Coimbra, em que tinha ſua caſa. Mas aſſim ſe achou nella arrependido do que tinha feito, e diſpoſto, que ajuſtou com o voto de ſua mulher novo caſamento, e de taõ creſcidas conveniencias, que por naõ arriſcallas deu logo palavra em nome da filha, propondo-lhe deſpois os intereſſes, que o obrigavaõ áquella mudança.

Sor Maria de Jeſus.

Eſtava Sor Maria já certa de naõ fazella daquella vida, que ſeu pay lhe dera primeiro ſem goſto, e o Ceo lhe enſinara a abraçar como o mais ſeguro; aſſuſtouſe á nova propoſta, mas tornando em ſi, e diſſimulando o ſeu propoſito, começou a diſpor vagares, logo a deſperſuadir aos pays com razoens, com meiguices, que infructuoſas a ouvidos cerrados (e vendo o como o eſtavaõ os caminhos de ſeus ſantos propoſitos) appellou á ultima reſoluçaõ, e lhe diſſe, ſimilhantes palavras: *Por certo, Senhores, que bem devieis já pôr os olhos nas diſpoſiçoens do Ceo, pois experimentaſtes, que ainda contra voſſo goſto, me levaſtes a entrar pelas portas Santas de Jeſus de Aveiro. Naõ podeis duvidar, que ſó do Ceo era o acerto; porque na terra ſó ſe diſpunha o contrario; e eu eſtou certa que, ſe o Ceo o diſpoz primeiro ſem o voſſo goſto, o concluirá agora, ainda pondo vós o embaraço. Quem como eu conhece já os riſcos, que ſe ſeguem, e acompanhaõ aos do Mundo, vede ſe abraçará hum eſtado, em que naõ*

só me poupo aos riscos, mas vou em seguro alcance dos verdadeiros lucros. Quem mereceo ao Ceo o de se destinar para esposa de Christo, como ha de resolverse á mudança, donde he imposivel, que a convide a melhora? Deste conhecimento nasce a minha resoluçaõ; e quanto elle tem de ajustado, terá ella de constante.

Com similhantes razoens se escusava Sor Maria ás que intentavaõ dobralla, e persuadilla; continuose incançavel bataria, encontrando-a sempre com huma taõ varonil, e destemida constancia, que exasperado o pay, rompera em algum desatino, a naõ se interpor o respeito dos parentes, de que aconselhado já (ou do seu desengano) se resolveo a trazer a filha a esta Casa, (em que logo vestio o habito) e despois lhe veyo assistir á profissaõ, mas com hum desagrado taõ inteiro, e taõ desabrido, que nem a quiz ver, nem fallar; o que Sor Maria já nova, e superiormente reproduzida, avaliou por mimo da Providencia, que assim a dispunha para os desprezos de tudo da vida. Era a sua taõ austera, que bastava sua presença para compor quem a via; e nem se atrever palavra menos decente diante della. No exercicio das Constituiçoens, e Regra observantissima; no da oraçaõ perpetua, de que se seguia ser no Coro toda sua assistencia; e caso grande o que a tirava delle. Taõ pobre de espirito, que podendo por morte de seus pays recolher huma grande herança, tudo deixou, e dispoz se repartisse entre parentes, e pobres, ficando-lhe só huma moderada tença, que lhe tinhaõ feito em sua vida, e ella applicado ao ornato, e decencia do culto Divino, dispondo-a com tal governo, como mostraõ ainda hoje as melhores alfayas da Sachristia, e da Capella de S. Joaõ Bautista, de que era devota.

A esta voluntaria pobreza ajuntava huma rara humildade, nascida do conceito, que sempre formava do nada, que era. Mostrou-o bem, quando querendo, e resolvendo se hum irmaõ seu a deixar o Mundo, e recolher-se aos santos Claustros da Companhia de Jesus, quiz contratar com o seu Mosteiro, comprando-lhe por grande preço huma Capella, e dotalla com a mesma largueza, deputando-a para jazigo, a que logo queria trasladar os ossos de seus pays. Oppozse Sor Maria a esta resoluçaõ, advertindo a seu irmaõ, que seus pays naõ necessitavaõ de jazigo taõ auctorizado; que a Igreja, donde descançavaõ, lhe bastava para jazigo, porque naõ era a sua qualidade para aquelle estrondo. Seguio-se a este conhecimento o com que esperou a morte, tam bem assombrada, que antes pareceo transito, que termo.

Téve as mesmas circunstancias a das Madres Sor Filippa de Noronha, de illustre nascimento, e Sor Monica de Santo Agostinho, irmãa do Duque de Aveiro Dom Raymundo. Foy a vida de ambas huma estampa da humildade, porque vivendo entre quem as conhecia, só ellas viviaõ como se se desconheceraõ. Entre as serventes da Casa as viaõ occupadas no mais humilde, e abatido serviço della, sem admittir descanço. Levava-lhes o tempo delle o aceyo, e

Sor Filippa de Noronha, e Sor Monica de Santo Agostinho.

e concerto das Capellas, que ha no Moſteiro, como das Imagens dellas. Tinha a Madre Sor Monica grande devoçaõ com a de hum Senhor crucificado, que eſtá no Coro, e deſvelo tanto, como gaſto na limpeza, e vigilancia de huma alampada ſempre acceza. Diante deſte Senhor gaſtava a mayor parte do dia, ſendo raro outro qualquer commercio, que lhe levaſſe huma hora. A Madre Sor Filippa devotiſſima da Imagem de S. Joſeph, que eſtá no Coro debaixo, vendeo tudo o que tinha, para lhe ornar a Capella, em que era continua Mercieira, occupaçaõ de que ſó a tirou o cargo de Prioreza, que teve duas vezes, e de que fogio muitas, porque foy ſua vida dilatada, como ſua morte hum evidente premio de ſua vida, naõ menos, que a de Sor Monica, ſeguida a huma incrivel tolerancia de dores de hum cancro, que foy o dilatado purgatorio, de que paſſou ao eterno deſcanço.

Sor Anna Natalia. Soube tambem merecello a Madre Sor Anna Natalia, como a que corria a buſcallo, deſpida de todos os embaraços com que coſtuma prender o Mundo a quem ainda no deſerto de hum Moſteiro fazem carga as alfayas do Egypto. Eraõ as deſta Madre duas tunicas, ou dous pobres habitos de groſſa eſtamenha; o leito hum enxergaõ, e huma manta, ſobrado agaſalho para quem nunca recorreo a elle, affirmando Religioſas, que tinhaõ della experiencia, que ſe naõ deitou nunca; encoſtada, e por breve eſpaço tomava algum deſcanço. Taõ eſcaſſo o dava ao corpo com os rigores da penitencia, que os cilicios lhe deſcompozeraõ, e tiraraõ de ſeu lugar os oſſos, que as diſciplinas lhe deixaraõ deſcubertos. Aſſim vivia morta, quando veyo a acabar a vida; mas aſſim acabou a vida como quem começava a ver os premios da que mortificara.

Sor Camila Bautiſta. Naõ o fez menos a Madre Sor Camila Bautiſta, porque nem os achaques, eſpecial o de hum cancro, (que lhe durou ſete annos) a faziaõ afrouxar no rigor da Religiaõ, e penitentes exercicios, ſem que rompeſſe o ſeu ſofrimento em outro deſafogo mais, que o de hum gemido, em que ſe lhe ouvia: *Meu Jeſu valeime, ainda que ſey, que mayores tormentos merecem meus peccados!* Foy ſua vida huma doença continuada, em que lentamente ſe conſumia; aſſim chegou martyr ao fim della; e eſtando já ſacramentada, pedio ás Religioſas, achando-ſe já ſem forças, que naquella hora, que lhe reſtava, a ajudaſſem a ſatisfazer a reza daquelle dia; e rezou todo o Officio Divino, porque naõ pareceſſe mais preciſo o pagar a divida de humana, que a de Religioſa; e pagou a primeira, como o promettia o cuidado, com que ſatisfizera a ſegunda.

As Madres Dona Brites da Sottomayor, Dona Iſabel de Padilha, e Dona Magdalena de Vaſconcellos. Coroem eſte Capitulo trez irmãas, que naõ deraõ menos credito a eſte Moſteiro. Foraõ ellas a Madre Dona Brites de Sottomayor, Dona Iſabel de Padilha, e Dona Magdalena de Vaſconcellos, taõ igualmente obſervantes, e reformadas, como ſe o ſangue enſinara ao eſpirito a repartir-ſe em todas; mas naõ eſqueceremos o em que ſe moſtravaõ ſingularizadas.

Pare-

Parece, que o foy a Madre Sor Brites na avaliaçaõ do Ceo, porque havendo duvidas na Casa sobre a eleiçaõ de Prioreza, e sendo ainda sua idade muy improporcionada a este nome, se representou a huma Religiosa de espirito, (estando todas na oraçaõ do Coro) que entrando por elle Nosso Padre S. Domingos, se chegava a Sor Brites, e lhe punha nas maons as chaves do Mosteiro. Soube-se despois esta visaõ pelo Confessor da Casa, naõ o nome de quem a tivera, e favoreceo-a o successo, para desenganar a duvida, porque no mesmo dia de voz, e acclamaçaõ commua sahio a Madre Sor Brites eleita em Prioreza, occupaçaõ, que a voto do Mundo cahiria melhor em mais annos, que naõ faltavaõ na Casa, em que os poucos de Sor Brites, se bem já avultavaõ para o exemplo, ainda naõ para o cargo.

Foy o seu governo como o promettia a sua eleiçaõ, e no fim do triennio a quizeraõ repetir as subditas, inteiradas do que perdiaõ, mas sem effeito, porque o seu genio, mais bem achado no retiro, esteve naõ só surdo a offertas, mas inflexivel a diligencias. Devotissima da Senhora do Rosario, lhe fabricou a sua Capella á custa tanto de dispendios, como de constancias a contradiçoens, e embaraços, que em vez de esfriarem o seu zelo, vieraõ a descobrir a sua prudencia. Continuando neste fervor, e exercicios de devota, como nos de quem fora filha escolhida, a alcançou a morte. Pedio, que lhe trouxessem a Senhora do Rosario, e despois de penitentes, e piedosos colloquios, despedindo-se della com os olhos do corpo, passou a contemplalla eternamente com os do espirito.

Seguia os mesmos passos a segunda irmãa a Madre Sor Isabel, aventajando-se na devoçaõ ardentissima com Nosso Patriarcha S. Domingos. Lavroulhe na Enfermaria huma Capella, nella assistia continuamente todo o tempo, que lhe deixavaõ as obrigaçoens da Communidade. Era sua humildade extremosa, e nada pedia ao Santo Patriarcha com tanta instancia, como que a livrasse da occupaçaõ de Prelada, petiçaõ mal escutada das Religiosas, que viaõ nella as capacidades para que devia olhar o acerto, e conveniencia da Casa; assim valeo pouco a sua repugnancia; sahio eleita em Prioreza. Chegoulhe brevemente a confirmaçaõ do Prelado. Daõ-lhe esta noticia, sahe da cella, busca o Altar de S. Domingos, lança-se por terra diante delle, e sem mais vozes, que as mudas, e impetuosas, das lagrimas, lhe lembra a sua antiga supplica, propondo-lhe a grande luta em que entravaõ a sua humildade, e a sua obediencia. Passava o tempo, naõ cessava o pranto; levaõna como sepultada nelle compassiveis as subditas para a cella, adonde em breves dias, sem se lhe descobrir outra cousa, mais que hum mortal desfalecimento (que se lhe seguio áquella pena) perdeo a vida com penitentes demostraçoens, mas alegre, e consolada (assim o testemunhou na ultima hora) de naõ ter passado do estado de subdita.

Naõ acabou com menos felicidade a terceira irmãa a Madre

dre Sor Magdalena, que falecendo hum retrato da paciencia, da conſtancia, e da conformidade, com que tolerou crueis achaques toda ſua vida, (em que nem elles lhe afrouxaraõ a refórma) ao abrirſe muitos annos deſpois de ſua morte ſua ſepultura, ſe achou inteiro, e incorrupto ſeu corpo, como ſe por deſpojo de taõ bem ſofridos achaques, e continuas dores, lhe reconhecera a terra immunidades. Foy ſempre todo, e o mayor emprego deſtas venturoſas irmãas a oraçaõ, acompanhada de lagrimas penitentes, e compungidas; com ellas regaraõ no deſterro da obſervancia as flores com que ſe coroaraõ na Patria.

CAPITULO XIV.

Das Madres Sor Paula de S. Jeronymo, Sor Iſabel da Viſitaçaõ, Sor Filippa do Eſpirito Santo, Sor Marianna do Roſario, Sor Maria Magdalena, Sor Catharina dos Anjos, da meſma Caſa de Aveiro.

NEm ſempre pareceo ſofrido o amor daquellas eſpoſas, que ſouberaõ empregallo no melhor Eſpoſo. Nem ſempre eſperaraõ, que lhes bateſſe á porta, paſſados os vagares do dia, e ainda dilatando-ſe nas horas da noite; mas houve muitas, que madrugaraõ a buſcallo no thalamo, ainda que para as vodas pareceſſe anticipado o tempo, porque quizeraõ adiantar na eſcolha aquella ventura, que as outras mereceraõ com a eſperança. Succeſſo foy muitas vezes repetido neſta Caſa, a que ſe recolheo a Madre Sor Paula de S. Jeronymo tanto na madrugada de ſua vida, que naõ contava mais que cinco annos, mas já taõ enſinados a ſaber merecer o nome de fina eſpoſa, que naõ havia acçaõ de virtude heroica, a que ſe naõ animaſſe, e ſe quer com o deſejo, quando a idade lhe embaraçava o exercicio. Nas da humildade voava, ſem ter mayor goſto, que verſe occupada nas officinas donde via mais trabalho, e mais abatimento, edificando, e compungindo muitas vezes o ver aquelles tenros annos tomando ſobre os hombros (que o naõ eraõ menos) pezados feixes de lenha para ſerviço da coſinha, occupaçaõ das mais modernas Religioſas da Caſa, humilde, e penoſa, mas ennobrecida muitos annos antes por quem ſabia, e melhor entendeo quanto pezava mais na cabeça huma Coroa, que nos hombros hum feixe de lenha, a Santa Princeza Sor Joanna, gloria, e ſaudade immortal deſta Clauſura.

Media nocte clamor factus eſt: ecce ſpōſus venit. Lucæ.

Sor Paula de S. Jeronymo.

Naõ tiveraõ menos exemplar os eſpiritos, que deſpois abraçaraõ nella eſte genero de vida. Apurouſe a de Sor Paula, deſpois de profeſſa, com os eſmeros, que o prometteraõ em Noviça, ſem baſtarem a ſuſpendella na velocidade, com que pizava o caminho da penitencia, as graves doenças, que por eſpaço de vinte annos foraõ ſeu purgatorio, e a viva fornalha, em que ſe purificou ſeu ſofrimento, ſem ſe lhe eſcutar mais deſafogo, que a paciente voz com que dava a Deos graças de a reduzir a hum eſtado, em que via, que eſtava merecendo. Cançaraõ os achaques, mas

mas naõ a maõ da penitencia, com que ſe apertaraõ mais os cilicios, ſe amiudaraõ mais as diſciplinas, acompanhadas de continuos jejuns, muitos de paõ, e agoa, Matinas de meya noite, e ſem deſcançar antes dellas, deſvelo na oraçaõ, que tinha diante de huma Imagem de Noſſa Senhora, que eſtá no Dormitorio, a que tinha ſingular affecto. Com eſta vida continuou até a idade de oitenta e quatro annos, eſquiva, e eſtranha a todo o commercio humano, por dar mais largas ao Divino, cauſa, que deſpois de ſua grande humildade a fez recuſar muitas vezes a occupaçaõ de Prelada com conſtancia, e inteireza. Aſſaltou-a finalmente a morte em hum accidente, mas naõ a intimidou o aſſalto, como a que nunca ſe deſcuidara do ultimo. Deu-lhe lugar para receber com pias demonſtraçoens os Sacramentos, e acabou taõ deſaſombrada, como quem aprendera a morrer toda ſua vida.

Sor Iſabel da Viſitaçaõ. Tal foy a da Madre Sor Iſabel da Viſitaçaõ, irmãa da Madre Sor Paula, que pareceo, que tambem a virtude ſe propagava com o ſangue; e ſem duvida ainda que a graça, que he a raiz de todas as virtudes, ſeja huma ſoberana natureza, (como participaçaõ da Divina) e aſſim muy diſtinta da que os pays communicaõ aos filhos; e entre ſi conſervaõ os irmaons, como filhos do meſmo pay, veyo a dizer a Sabedoria Increada: *Que de arvore ſanta tambem eraõ ſantos os ramos*; como ſe diſſera, que tambem a virtude ſe propagava. Aſſim achamos na Madre Sor Iſabel eſtes dous parenteſcos com a Madre Sor Paula, irmãa no ſangue, e irmãa na virtude. Foy bem conhecida a deſta Madre, deſempenhando em largas experiencias o grande conceito, com que entrara por eſtes ſantos Clauſtros a entregar ao verdadeiro Eſpoſo, deſpois da ſua alma, huma rara formoſura, que a furto de ſeus pays, (que a deſtinavaõ a eſpoſos da terra) livrou neſta Clauſura, da commua penſaõ de mal empregada.

A eſta reſoluçaõ ſe ſeguio igual vida, e hum tal eſquecimento da que deixara, que nunca mais fallou, nem foy viſta de peſſoa de fóra, ſendo ſua vida dilatada. Acabou com huma morte, que foy o mayor teſtemunho, que podia ter ſua vida. Ficou della huma memoria digna de conſervada, para argumento de ſua modeſtia, e compoſtura, e do conceito, que fazia de ſua belleza, amortalhada em hum véo, e cadaver daquella Clauſura. O ſucceſſo ſerá boa prova.

Entrou por força a Villa de Aveiro o Principe Dom Antonio, (filho do Infante Dom Luiz) acclamado Rey de Portugal, e já agora reſiſtido neſta Villa como roto, e vencido, antes das infames aſtucias, que das armas do Duque de Alva, que governava o partido de Caſtella, e tinha conſeguido aquella grande vitoria de entrar por Lisboa deſamparada dos bons Portuguezes, e vendida por melhores traidores. Entrou o Principe no Moſteiro; ſeria naõ ſó a honrar aquella Caſa, mas a viſitar a ſepultura da Santa Princeza Joanna, conſanguinea ſua, e herdeira que fora

ra da Coroa, que elle ſe ſegurava. Sentado no Coro, lhe vieraõ a beijar a maõ as Religioſas, entre ellas a Madre Sor Iſabel; e reparando o Principe na perfeiçaõ da maõ, que buſcava a ſua para beijalla, inferindo a belleza, que occultava o véo, pedio á Prelada mandaſſe deſcobrir aquella Religioſa. Atalhou-o, eſcuſando-ſe Sor Iſabel, e para ſatisfazer á inſtancia, reſpondeo com modeſtia, e inteireza: *Senhor, naõ eſtranhe Voſſa Alteza a reſiſtencia; que eu valho-me dos privilegios, que me deu eſta venturoſa mortalha. A's eſpoſas do Rey do Ceo naõ he decente ſerem viſtas, nem ainda das Mageſtades da terra.* E que tem, de que jactarſe já agora os Chroniſtas da Gentilidade com as auſteridades das ſuas Veſtaes, fomentadas mais da vangloria, que da modeſtia? Quanto mayor inteireza os podia admirar nos eſpiritos verdadeiramente caſtos, prevenidos, e acautelados até contra a liſonja dos olhos humanos, e ainda dos que a Mageſtade faz appetecidos? Mas iſſo vay de eſpiritos purificados a aſſiſtencias de immortal fogo, aos que a pezar de deſvelo humano o choraraõ tantas vezes extincto. Aſſim zelava Sor Iſabel os privilegios de eſpoſa, e aſſim os merecia a ſua pureza, como os zelava a ſua cautela.

Sor Filippa do Eſpirito Santo.

Naõ ficou inferior a eſtas duas irmãas outra Religioſa, ſobrinha de ambas. Foy eſta a Madre Sor Filippa do Eſpirito Santo, que recolhida neſta Caſa de idade de ſeis annos, e vivendo nella ſetenta e oito, foy huma columna viva da ſua obſervancia, ſacrificada ao trabalho de Meſtra de Noviças com o lucro de a ver avultada, e o culto Divino com aquella perfeiçaõ, e decencia, que entendia, e meditava o ſeu zelo. Eſte a poz duas vezes no lugar de Prioreza, que continuara toda a vida, ſe a naõ eſtimara antes para merecer com a obediencia, ganhando mais tempo para exercicios penitentes, e devoçoens particulares. Eraõ as ſuas principaes o Santiſſimo Sacramento, a Senhora do Roſario, os nove Córos dos Anjos, as Onze mil Virgens, e o Apoſtolo S. Simaõ, gaſtando com ſuas Capellas, aceyos, e ornatos de ſuas Imagens o que tinha, e o que agenciava, com tanto goſto, como quem entendia os grandes avanços daquelle contrato.

Ameaçou ruina hum Dormitorio no ultimo anno dos em que foy Prelada, e ſe achava ſem poſſes para acodir á ruina. Vai-ſe ao Altar da ſua Senhora do Roſario, proſtra-ſe diante della, e pede-lhe, que ſuſtente aquellas paredes em quanto naõ elegem Prelada nova, que ella lhe fazia voto de rezar todos os dias diante do ſeu Altar o ſeu Cantico grao. Hoje ſe continua na Caſa o deſempenho deſta promeſſa, entaõ taõ aceita á Senhora, que paſſando perto de hum anno, que ſe naõ pode acodir ao Dormitorio, vindo os officiaes ao reparo, avaliaraõ por milagre o ter-ſe ſuſtentado tanto tempo. Chegou o da morte de Sor Filippa em huma doença breve, mas taõ rigoroſa, como ultima; quizeraõ recorrer a remedios, requereo, que lhe deſſem os Sacramentos, que eraõ os da alma,

ma, que ella ſó queria, e que lhe deixaſſem acabar a vida com deſcanço. Aſſim foy, e aſſim ſe ſeguiria o eterno a huma morte, que lhe trocou as rugas de oitenta e quatro annos em o ſemblante de huma idade tenra, e os horrores de cadaver em huma copia de alegria. Naõ foy menos digno de reparo, e outro teſtemunho da felicidade de ſua alma, o vir em o meſmo dia ao Moſteiro huma peſſoa de grande opiniaõ, que fallando com as Religioſas mais antigas da Caſa, lhes diſſe, que vinha a darlhes o parabem de huma tal Irmãa, que paſſara deſta vida em companhia dos que logravaõ a eterna, e que a eſtar no Purgatorio, ſeria muy pouco tempo. Suſpendeo-ſe hum pouco o que tinha fallado com eſta ſegurança, e achando-ſe álcançado do muito, que diſſéra, continuou: *Eu, Madres, digo iſto com os olhos na miſericordia Divina, que naõ deixaria de pagar o zelo de huma eſpoſa, que em tudo moſtrava de quem o era.*

Mas paſſemos a outra gloria para as filhas deſta Caſa, como foy o entrar-lhe pelas portas a buſcar ſua companhia huma filha da mayor Meſtra de eſpirito, que a Providencia de Deos permittio á terra, para dar calor, e luz á ſua eſcola, a grande Madre Santa Thereza, até niſto liberal amante da Familia Dominicana, ſempre ſua mimoſa, e eſta ſempre igualmente agradecida. Terceira deſta grande Madre fora a Madre Sor Marianna do Roſario. Aſſim bem doutrinada, tomou o habito neſte Moſteiro, achando nelle tantos eſtimulos para continuar a obſervancia, como trazia documentos para as diſpoſiçoens della. Adiantou o jejum de ſete mezes ao de todo o anno, deſconhecendo (por induſtria ſua) no ſuſtento quotidiano naõ ſó regalo, mas nem ainda goſto. Eraõ frequentes os jejuns de paõ, e agua, e taõ eſtreitos, como ſem comer em todo o dia, e á noite taõ pouco, que antes parecia ceremonia, que ſuſtento. Obſervava tambem eſta abſtinencia os dias, que commungava, como a de todo o trato, e commercio do Moſteiro, ſem ſahir em todo o dia do Coro. Aſſim deſpois de ſua grande ſingeleza, eraõ os dous extremos, em que mais avultava ſua obſervancia, a ſubſiſtencia, e a oraçaõ. Nellas gaſtou, e conſummio a vida, paſſando a reproduzilla eterna, como ſe podia collegir do ſuave de ſua morte, e deſpois do teſtemunho do ſeu Confeſſor, em que naõ peccara mortalmente.

Sor Marianna do Roſario.

Coroem eſte Capitulo dous extremos, hum da caridade, outro da paciencia (que naõ honraraõ menos eſta Caſa) as Madres Sor Maria Magdalena, e Sor Catharina dos Anjos, ambas verdadeiras filhas da obſervancia, e exemplares della; mas o que mais luzio na Madre Sor Maria Magdalena, foy huma caridade ardente, em que a achavaõ ſempre empenhada os doentes, e os pobres. Aſſim ſervia voluntaria na Enfermaria com taõ igual fervor, que com o meſmo deſvelo a achavaõ ás ſuas cabeceiras as ſerventes, como as Religioſas. Dizia, que as doenças eraõ mimos da maõ de Deos, e ſe eſtes vinhaõ igualmente a humas, que a outras, como ſeriaõ ſingula-

Sor Maria Magdalena, e Sor Catharina dos Anjos.

rizadas para o remedio as que o naõ eraõ para o mimo? Todo, e o ſeu unico deſcanço era que o tiveſſem as enfermas na ſua moleſtia. A pontualidade com que lhes applicava as meſinhas, lhe deixava pouco, e ainda mais apoucado o cõm que paſſava da Enfermaria para a Roda, a ſoccorrer naõ ſó os pobres, que chegavaõ a ella, mas os de que tinha noticia na Villa, que prezos, ou do pejo, ou da meſma penuria, pereciaõ no canto da ſua caſa. Foy digno de grande reparo (conhecidas as poſſes de huma Religioſa pobre por profiſſaõ, e mais pobre, porque até o que poſſuia, com licença lhe levava a Enfermaria) o ver, que foy raro o neceſſitado, que chegou á Roda, (tendo eſta Madre o officio de Rodeira) que ſahiſſe della ſem algum ſoccorro, em anno em que a fome tinha recolhido á Villa os contornos della, e era brado, que chamava a todos o conhecimento da boa Rodeira. Entre eſtes exercicios a achou a morte, taõ contrita, e penitente, que antes pareceo tranſito para os eternos tabernaculos, que ſe prometteraõ á caridade.

Facite vobis amicos de mammona iniquitatis, ut, cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula. Lucæ 16.

Outro extremo foy de penitencia a Madre Sor Catharina dos Anjos, porque ſobre trabalhos ſem deſcanço, e afflicçoens ſem alivio, em que o Ceo lhe enſayou o ſofrimento, começaraõ as doenças a reduzilla a eſtado, que parecia milagre o que hia vivendo. Sobreveyo-lhe hum cancro em o peito, ſem acabar com ella o intoleravel das dores, que appellaſſe ſe quer ao deſafogo de hum gemido; mas levantando os olhos, e maons ao Ceo, offerecia ao Senhor aquelle mimo, como quem conhecia o que hia merecendo, mas taõ emmudecida, como ſe receara que a voz ſe lhe trocaſſe em queixa. Aſſim eſpirou muda, e ſofrida, verdadeira victima da paciencia, e copia venturoſa do ſeu Eſpoſo ſacrificado, e emmudecido.

Facite eleemoſynam pauperibus.

Quaſi agnus coram tondente ſe obmuteſcet, & non aperiet os ſuum. Iſaiæ. 53. 7.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Maria do Naſcimento, Sor Margarida de Tavora, Sor Antonia de S. Domingos, Sor Magdalena dos Serafins, Sor Luiza de S. Joſeph, Sor Guiomar da Gloria, Sor Filippa do Sacramento, da meſma Caſa de Aveiro.

NEm credito, nem deſprezo merecem os ſonhos, por mais que muitas vezes ſe viſſem auctorizados dos ſucceſſos. Sonhou Cornelio Rufino, que perdia a viſta, e acordou cego. Sonhou o Liberto de Plinio, que lhe cortavaõ o cabello, e acordou com elle cortado. Mas levantemos mais o diſcurſo no ſonho de Joſeph do Egypto, promettendo-o, e deſempenhando-o em ſeu throno. No ſonho de Nabucodonoſor, arruinado em huma eſtatua, decipado em huma planta, preſagios, e annuncios da ſua lamentavel fortuna. Naõ ha duvida que ha ſonhos, que ſaõ aviſos, e a eſtes ſe deve dar credito, conhecendo-ſe logo, que naſcem de boa cauſa, pois ſe encaminhaõ a doutrina, e melhora da creatura. Por eſtes adverte muitas vezes o Ceo aos Juſtos para ſe conſeguirem, ou ſe continua-

rem

rem os acertos. Mas que bem conſidero o dos verdadeiros timoratos, que ſonhando-ſe mimoſos do Ceo, o attribuem a accidente da fantaſia, acautelados contra aquelle eſpirito, que transformado em Anjo de luz, offerece a huma alma os tropeços da vangloria!

Sor Maria do Naſcimento.

Naõ parecerá infructuoſa, ou deſaccommodada eſta digreſſaõ para o que vamos a dizer da Madre Sor Maria do Naſcimento. Vivia no ſeculo em caſa de hum irmaõ, mas com hum eſtylo de vida taõ concertado, que nada teve que eſtranhar na Clauſura, para que deſpois ſe paſſou, e agora deſejava. Eſta ancia a trazia deſvelada, como occupada em devotos exercicios, em que pedia ao Ceo o acerto da eſcolha, que faria deſta, ou daquella vida. Eis-que huma noite ſe lhe repreſenta em ſonhos que via huma Senhora de grante mageſtade, e fermoſura, veſtida de branco, manto azul nos hombros, ſalpicado de Eſtrellas, e que trazendo nas maons hum habito branco, lho offerecia, dizendo-lhe, *Que o veſtiſſe, porque aſſim aſſeguraria a ſalvaçaõ de ſua alma.* Acordou Sor Maria com eſtranho alvoroço, mas como de ſingelo, e humilde coraçaõ, ou já doutrinada contra os aſſaltos da vangloria, naõ ſe reſolvia a reconhecer-ſe digna de mimo taõ ſingular. Naõ deſprezou com tudo o ſucceſſo, pelo que tinha de ſanto o conſelho, mas advertida em os riſcos de ſimilhantes ſonhos, naõ aſſentava em que as circunſtancias correſpondiaõ a merecimentos.

Naõ ſe deſcuidava neſte tempo o irmaõ de lhe diligenciar o eſtado, a que a via inclinada, e aſſentou a ſua entrada no Moſteiro de Santa Clara da Villa de Guimaraens adonde vivia; e dando eſta noticia a Sor Maria, (que a recebeo com alvoroço) quiz ella meſma ver o Moſteiro por ſer tal ſeu recolhimento, taõ pouco o commercio, e conhecimento do que hia no Mundo, que nem a viſinhança a tinha levado áquella Caſa, nem ſabia, que feitio de habito uſavaõ as Religioſas. Vio-as, e ſuſpendeoſe, lembrada de que naõ era aquella a cor, que vira nas maons da Senhora. Aſſim propoz, e contou tudo ao irmaõ, ſegurando-lhe, que ſó aquelle habito com que ſonhara, a teria ſatisfeita. Naõ deſejava elle outra couſa, ſuſpendeoſe o contrato com Santa Clara, a tempo, em que muito acaſo veyo ás maons de Sor Maria a ſegunda Parte da Chronica de S. Domingos, em que ſe lê a noticia, e fundaçaõ deſta Caſa de Jeſus de Aveiro; eſta lhe levou taõ ſuavemente o agrado com a noticia de que o habito, que ſe veſtia nella, era branco, que em breve tempo entrou por ſuas portas a procurallo, e a veſtillo, e reparando na fórma delle, ſe lembrou, que por aquelle feitio era o que ſe lhe moſtrara no ſonho.

Entendeo agora, que aquella era a gala branca, com que a Rainha do Ceo a chamava para as vodas do Cordeiro, e quiz deſempenhar no eſtylo de ſua vida as obrigaçoens em que a pozera. Aſſim começou a voar na obſervancia dos preceitos, que profeſſara, ſentenciando-ſe a hum tal extremo de penitencias, que affirmaõ as Religio-

ſas, que della tiveraõ noticia, que eraõ impoſſiveis de imaginar, quanto mais de ſofrer. Nas diſciplinas teſtemunhavaõ-no as paredes, e pavimento do lugar em que as tomava. Coſtumava continuallas em nove dias, e no eſpaço delles repetir cinco mil açoutes. O prato quotidiano cobria de pós amargoſos, porque já que havia de ſervir de ſuſtento, naõ paſſaſſe a ſer regalo. Aſſim eſtava ſacrificada a tudo o que lhe podia exercitar o ſofrimento, que hum dia inteiro trouxe huma agulha, que ſe lhe atraveſſou em hum pé, por naõ faltar ao ſerviço da Communidade, (em que ſe achava muy occupada) fazendo eſcrupulo de gaſtar o tempo em ſe livrar daquella cruel moleſtia.

Das continuas do dia deſcançava á noite ſobre duas taboas, que lhe ſerviaõ de cama. Cahio nella de huma doença mortal, e neſſa noite repararaõ algumas Religioſas em huma Pomba branca, que voando algum tempo pelo Dormitorio, deſappareceo por cima da cella da doente. Cauſou grande reparo ave de eſpecie, que ſe naõ achava na Caſa, nem nas viſinhanças della, e naõ menos á hora em que apparecera. Naõ duvidaraõ (ſuppoſta a grande opiniaõ da enferma) que ſeria aquella ave copia da pureza daquella alma, que em breves dias voou pacifica aos premios da ſinceridade, e da innocencia.

Sor Margarida de Tavora.

Vioſe, e admirouſe huma, e outra na Madre Sor Margarida de Tavora, porque naõ houve acçaõ alguma, que lhe deixaſſe má ſuſpeita. Aſſim antes parecia, que deſconhecera, do que abominara a malicia. Obſervante em todas as leys da Religiaõ, excedia ás mais adiantadas nella no abatimento proprio, ſendo taõ illuſtre por naſcimento, (de que nunca ſe lembrava) como tia dos Condes de Miranda. Era continua ſua oraçaõ; da mental paſſava ao Coro a continuar a vocal em devotos colloquios com o Menino Jeſu, e ſua Santiſſima Mãy, e eſta chamava a ſua hora de recreyo, de que ſó a divertia o acudir a alguma obra de caridade, virtude, que lhe deu grande nome, e de que parece o premio ſua morte.

Sor Antonia de S. Domingos.

Aſſim a ſoube merecer a Madre Sor Antonia de S. Domingos, ſendo huma viva copia da obſervancia. Sua vida foy contemplativa, e aſſim ſe affervorava na oraçaõ, e taõ facilmente ſe transformava nella, que o meſmo era pôr os joelhos em terra, que começar a regalla com lagrimas; naõ eraõ ellas menos copioſas. Teſtemunho he de quem muitas vezes o vio, e admirou. Seu grande zelo da refórma a poz no lugar de Priorеza, em que a Caſa teve taõ boa Prelada, como as filhas della boa Meſtra. Naõ o foy menos da paciencia, tirando-lhe a vida repetidos, e rigoroſos achaques, (de que ſoube fazer merecimentos) agradecendo-os a Deos como mimos.

Sor Magdalena dos Serafins.

Teve o meſmo dom de lagrimas a Madre Sor Magdalena dos Serafins. Aſſim ſe ſuſpendia entre ellas na Capella da Senhora do Roſario, como ſe eſta ſuavidade de eſpirito a eſqueceſſe de todo o mais commercio. Era aqui mais dilatada ſua aſſiſtencia os dias que commun-

mungava. No Coro foy muitos annos alma daquella sagrada melodia, com que louvaõ a Deos suas esposas, porque tinha voz cheya, e clara, que perdeo em huma doença, querendo o Senhor escutar antes a de seu coraçaõ, e de suas lagrimas, que apadrinhadas com o nome de Magdalena, parece, que tinhaõ mais suavidade, e consonancia. Observantissima das leys, que professara, foy extremosa na do silencio. Nunca dispensou com elle mais que ou para louvar a Deos, ou ao proximo. Deulhe huma doença, que a reduzio a tisica; assim começou a morrer muito anticipada. Poucas horas antes de sua morte (por ser em huma primeira Dominga do mez) lhe sahio hum Rosario por sorte, que lhe trouxeraõ com a mesma Senhora delle. Foy cousa rara, que esquecida da debilidade mortal, em que já estava, com o alvoroço da sagrada visita, se sentou na cama, e tirando o Rosario das maons da Senhora, o lançou ao poscoço, e tornando a deitarse, levantou as maons a dar graças ao Senhor, e com os olhos em sua Mãy Santissima, passou a colher o eterno fruto das flores, que lhe trouxera.

Mas passemos de huma fructuosa devoçaõ a outra, que o naõ foy menos. Experimentou-o assim a Madre Sor Luiza de S. Joseph, natural da mesma Villa de Aveiro, que sendo taõ pertendida, como bem dotada, voltou as costas aos esposos da terra, doutrinada da Santa Princeza Joanna; que com o seu exemplo a chamava para esta Casa; vocaçaõ a que obedeceo prompta, como sua grande devota. Mas vendo-se perseguida de doenças graves, que se lhe seguiraõ á profissaõ, e dando-lhe mayor pena o verse inhabil para continuar o estado, que escolhera, recorreo á sua Princeza Santa, fazendo-lhe hum voto de que, se a melhorava, lhe faria a sua festa, e a serviria confórme suas posses em toda sua vida. Chegado o dia da Santa, pedio que a levassem á sua sepultura, e fazendo oraçaõ, se sentio repentinamente com forças, tendo chegado alli sem ellas, e em breves dias se vio sem queixa, ou molestia alguma, prodigio, de que testemunharaõ todas as Religiosas; e servio para o processo da Beatificaçaõ da Santa, authenticado pelo Bispo Dom Joaõ de Mello.

Sor Luiza de S. Joseph.

Porém naõ pára aqui o prodigio, outra circunstancia tem naõ menos rara, que nos deu para assumpto a vida da Madre Sor Luiza, porque naõ só se sentio esta Madre restituida á sua antiga disposiçaõ, mas abrazada interiormente em huma emulaçaõ santa de seguir os passos da Santa Princeza, reduzindo-se ao mayor extremo da refórma. Assim começou a avultar nesta, que sendo grande a desta Casa, se fazia o primeiro lugar nella a de Sor Luiza. O de Enfermeira occupou com grande lucro das enfermas, e admiraçaõ de todas, acodindo ella só a tudo, como se a multiplicara o trabalho. Por sua maõ lhes fazia o comer, e ao mesmo tempo estava prompta para todo o serviço, por mais que vil, e por mais que penoso. Naõ achavaõ nella menos desvelos os pobres, que as doentes;

tes; para humas, e outros era huma fiel difpenfeira de tudo o que tinha, e podia alcançar a fua diligencia, exercicio de que a tirou huma doença taõ penofa, como mortal, abraçando-a fofrida com tanta conformidade, e paciencia, que bem pareceo difpofiçaõ para as coroas della, paffando placidamente a gozallas com a Santa Princeza, que lhe enfinara a pertendellas. Mas naõ deixemos paffar efte beneficio da Real Bemfeitora defta Cafa, fem apontar outro, que ao tempo, que ifto efcrevemos, teftemunhava, e reconhecia da mefma maõ da Santa Princeza a Madre Sor Lourença dos Martyres, agora fegunda vez Prioreza.

Achava-fe a primeira vez, que teve efte cargo, perfeguida de humas trabalhofas cezoens; corria o tempo, e os remedios, fem mais fruto, que o defengano, de que nem o fabia fer o tempo; eis-que hum dia, que efperava a repetiçaõ do achaque, lhe occorre, que de portas a dentro tem certa a mefinha delle, e em fua maõ o applicalla no mefmo inftante. Entra-fe de huma fé viva, e repete comfigo refoluta: *E naõ fou eu Prelada defta Cafa? Naõ eftá aqui o corpo da mais obediente filha della? Naõ eftá naquella fepultura a Princeza Sor Joanna? Por ventura efcufar-feha de fubdita, porque já fe venera fanta? Tenho eu mais, que porlhe huma obediencia? Haverá de faltar a ella? Naõ por certo. Pois que me detenho?* Chega com efta refoluçaõ á fepultura da Santa; proftrafe primeiro em oraçaõ; levanta logo a voz, e diz: *Madre Sor Joanna, eu lhe mando como Prelada defta Cafa, em virtude de fanta obediencia, que logo me tire eftas cezoens.* Foy cafo notavel, que fendo o dia, e a hora, em que pontualiffimamente vinhaõ, faltaraõ, e nunca mais lhe vieraõ. Teftemunhou-o todo o Mofteiro; publicoufe do Pulpito ao Povo.

Seja louvado o Senhor, como he admirado nos feus Santos, dando ouvidos a huns offos fecos, e fepultados, para moftrarem o que veneraraõ a obediencia vivos! Affim obedeceo o cadaver do noffo grande Patriarcha S. Francifco (que ha tantos annos admira em pé a Cafa de Affis) ao preceito do Summo Pontifice, que lhe mandou, que naõ retiraffe o pé, que lhe queria ver, e beijar, admirando aquelle eftupendo favor das chagas, concedido vifivelmente a Francifco, e invifivel á grande Catharina Senenfe, para que até nefta gloria houveffe partilhas entre os pobres filhos dos dous irmaons Patriarchas. Affim obedeceo tambem o cadaver do grande Apoftolo do Oriente ao preceito, que fe lhe intimou do Geral de fua Religiaõ, quando, querendo cortarlhe hum braço, por pedir o Summo Pontifice huma reliquia do fanto corpo, tremeo, e ameaçou ruina a Capella, e lugar da fepultura, até que, intimado o preceito, ceffou o terremoto, e fe lhe cortou o braço.

Naõ he menos refpeitada a obediencia (como bem conhecida) dos venturofos profeffores della, como nem menos gloria de huma Cafa, ter fubditas, que obedecem ainda fepultadas; e das Preladas della o verem-

verem-se obedecidas de Santas. Soube ajuntar este nome ao officio de Prelada a Madre Sor Guiomar da Gloria, que entrando de trez annos neste Mosteiro, assim avultou nelle o seu zelo, que a singularizou para o cargo. A fervorosa devoçaõ, que tinha com a Mãy de Deos, lhe levava grande parte do dia, e da noite. A S. Luiz Beltraõ escolheo para seu singular Advogado; tudo o que tinha, gastava no ornato, e aceyo de huma Capella sua. Igual devoçaõ tinha com o Bautista, e com Santa Theresa; vio-se em sua morte a venturosa escolha destes grandes arrimos, que buscou na vida. Foy toda ella huma estampa da da Madre Sor Ignez de S. Jacintho, tia sua; (de que já fizemos memoria) coroou-a com huma ditosa morte. Precedeo-lhe hum accidente taõ violento, que só ficou viva no pulso. Era em dia de Santa Theresa, Advogada sua, dia, em que todos os annos mandava huma esmola a seus filhos; agora tendo-a já junta, lha arrebatou das maons o accidente, mas mandaraõ-na as Religiosas ao Convento, (que ha na Villa) pedindo aos Padres, que se lembrassem da sua bemfeitora, relatando-lhe o estado em que ficava, e pedissem á sua Madre, que lhe restituisse os sentidos para receber os Sacramentos. Foy digno de reparo, que pontualmente se lhe restituiraõ com inteireza ao tempo, que os Religiosos faziaõ a devota supplica. Recebeo logo a moribunda os Sacramentos com inteiro juizo, e conhecimento, e naõ menos rara conformidade. Pedio logo huma estampa de S. Luiz Beltraõ, e beijando-a, e abraçando-se com ella, estendeo a maõ para que lhe déssem o Senhor, que assiste ás moribundas, e assim abraçada com a estampa do Santo, e com os olhos no Crucifixo, lhe entregou a alma taõ socegada, como se adormecera.

Sor Guiomar da Gloria.

Feche-nos este Capitulo huma memoria escassa, mas merecida, da Madre Sor Filippa do Sacramento, restituida taõ depressa ao Ceo, que a dera a esta Casa, que parece, que com ella desappareceraõ as noticias com que podia auctorizalla, e naõ menos esta escritura; mas bastenos para conjectura do que perdemos, o testemunho de seu Confessor, (Religioso devoto, e timorato) que affirmou louvara a Deos de ver huma mulher moça, illustre, como da Casa de Miranda, naõ menos estimada por prendas da natureza, abraçando a morte com a mayor conformidade, e a contriçaõ mais verdadeira, que se póde entender naquella hora. Ficou vulgar noticia de sua rara humildade. Bem se póde inferir do alicerce o que avultava o edificio de sua virtude.

Sor Filippa do Sacramento.

CAPITULO XVI.

Das Madres Sor Berarda dos Martyres, Sor Maria Evangelista, Sor Maria das Chagas, Sor Maria dos Serafins, Sor Luiza da Annunciaçaõ, da mesma Casa de Aveiro.

GRande valida de Deos saõ a singeleza, e sinceridade de espirito! Estes foraõ sempre os seus mimosos; por isso dizia o Senhor: Que os meninos eraõ

os

os herdeiros de sua Casa: Que se tornassem em meninos os que houvessem de pertender essa herança: Que a elles revelava os seus segredos, e lhes offerecia a sua communicaçaõ como validos. Privilegios saõ estes, que podemos dizer teve, e logrou a Madre Sor Berarda dos Martyres, porque dotada de huma grande singeleza, entrou esta Clausura taõ mimosa do Esposo, que buscara nella, que naõ só avultava cada dia nas melhoras de sua alma, mas tambem alcançou de Deos com continuos rogos as de seu pay, que (falecida sua mãy) vio com seus olhos voltar as costas ao Mundo, e passar das solturas de Soldado ao voluntario carcere de huma Recoleta, trocando as galas por hum pouco de burel, mortalha em que acabou a vida, taõ dessemelhante da que lhe licenciavaõ os privilegios de rico, e de poderoso, que conseguio, e deixou o nome, e opiniaõ de Santo.

Sor Berarda dos Martyres.

Toda a vida de Berarda foy huma reza continuada; porque advertindo na pureza, que se requeria para estar fallando com Deos, e de Deos, naõ satisfeita com rezar o Officio Divino no Coro, o repetia na cella, ou nas Capellas do Senhor na Columa, e do Rosario, que eraõ sua vivenda. Perseguiaõ-na crueis escrupulos; fizeraõ-selhe intoleraveis; recorreo ao Senhor da Columna; (de que aquelle anno sahira por sorte Mordoma) he huma Imagem de grande devoçaõ, que está em huma Capella em o Capitulo, servida, e buscada das Religiosas com fé, e dispendio. Pedio ao Senhor, que usasse com ella de piedade, que ou a livrasse de escrupulos, ou a levasse para si. Seguiose a esta supplica a confiança com que a esperava despachada. Naõ se enganou, porque o ultimo dia em que acabou de Mordoma, que foy o primeiro do anno seguinte, cahio de doença, que entendeo era a ultima, como o foy, acabando com sinaes de taõ confórme, e taõ contrita, que o pareceraõ de que passava a lograr o despacho da sua supplica.

Parece, que foy filha das da Madre Sor Filippa do Espirito Santo (que honrou esta Casa com suas virtudes heroicas) como comparenta herdeira della) a Madre Sor Maria Evangelista, sobrinha sua, e mais singular imitadora, trazida a estes santos Claustros com o grande exemplo, e suave industria da boa tia. Foy esta Madre hum retrato da paciencia, dado pelo Ceo a esta Casa, para alentar as affligidas filhas della. Professa, entraraõ logo os achaques a ser seus algozes, reduzindo-a a estado, que podia dizer com Job, que naõ era mais que hum esqueleto vivo, segurando, que era outro reproduzido no sofrimento. Assim lhe foy durando como por milagre a vida, mas taõ assustada, e temerosa da morte, que nada pedia a Deos como valor para a conformidade, e constancia para os assaltos daquelle perigoso instante. Chegou este, e começaraõ a divisar-selhe no semblante, e na pratica demonstraçoens de alegria, com admiraçaõ de quem até alli a via, e escutava timida, e receosa. Já se lhe hiaõ contando os alvoro-

Sor Maria Evangelista.

voroços pelos desmayos, e nos finaes do gosto, e do socego, as pressas com que hia acabando. Quizeraõ darlhe a Unçaõ, respondeo, que ella a pediria, porque a queria tomar na ultima hora; e como se as tivera medidas, o fez a tempo, que pode acompanhar a Communidade, recitando os Psalmos Penitenciaes. Hia-lhe faltando o alento, deraõ-lhe a Sagrada Imagem de hum Crucifixo, e beijando-lhe os pés, e estreitando-o sobre o peito, disse com ternura, e alvoroço: *Bom foy temello eu sempre, porque agora me regalo de o ter comigo!* E continuando algumas jaculatorias, já mal percebidas, lhe entregou a alma, ficando com hum semblante taõ vivo, como se ainda a tivera, e taõ alegre, como se segurara o lugar donde a tinha.

Sor Maria das Chagas. Siga-se a este exemplo de paciencia outro de penitencia, e caridade na Madre Sor Maria das Chagas, que entrou nesta Casa de cinco annos, acompanhando a sua mãy, que (enviuvando moça) veyo a sepultar os seus nella. Assistio-lhe assim a boa filha, (servindo-a cuidadosa alguns annos, que durou entrévada) que edificava as Religiosas, porque nem aquelle trabalho a divertia da assistencia do Coro, a que chamava o seu descanço. As rezas dilatadas eraõ o seu mayor gosto; assim chamava ás ferias; eraõ, e lhe chamava os seus dias de festa, porque dizia, que assim se havia de chamar aos em que se tinha mais largo commercio com Deos. Cuidadosa com os pobres, naõ só partia da sua raçaõ com elles, mas tendo alguma cousa, que parecesse regalo, provava-a, e dizia: *Isto quero eu para o meu Anjo da guarda*, e passava-a ás maons de hum pobre, a quem dava aquelle nome. Aos inviolaveis jejuns das Constituiçoens, austeros, e estreitos, ajuntava muito a miudo rigorosas disciplinas de sangue. Naõ satisfeita com a afflicçaõ de tunica de lãa junto á carne, costumava apertarse com cilicios, e nas costas huma Cruz, que cuberta de pontas de ferro, lhas trazia em chagas.

Furtava-se ao sono, para se applicar ao ornato, e aceyo do culto Divino, em que luzia muito o seu cuidado, por ser singular em obras de agulha, destra em dibuxos, e na inventiva delles. Para estes dispendios, e para o de cobrir de obra de talha algumas Capellas, (especialmente huma da Senhora da Conceiçaõ) applicou huma boa tença, que tinha, e por sua morte ficou á Casa, de que ainda hoje sahe o dispendio da Festa do Santissimo, com grande luzimento. O amor, e caridade com as Religiosas, como o zelo da observancia, a puzeraõ no lugar de Prioreza, que exercitou com a inteireza de quem o naõ procurara. Consummida, e attenuada de annos, e penitencias, passou desta vida com o socego de quem empregara bem aquelles, e já começava a gostar o premio dellas. Repararaõ-no algumas Religiosas de suppoliçaõ, e nome, vendo ao instante, que espirou, sentar-se, e voar sobre o Mosteiro hum bando de innumeraveis, e brancas Pombas, favorecendo o reparo o serem aves, que se naõ achavaõ na Villa, nem

nem nas vifinhanças della. Quizeraõ attribuillo á grande devoçaõ, que a defunta tivera com as Onze mil Virgens. Saõ tambem eftas aves geroglificos da pureza; e a occafiaõ, e a novidade fizeraõ naõ defprezar a conjectura.

Sor Maria dos Serafins. Companheira, e fimilhante affim no nome, como na virtude, da Madre Sor Maria das Chagas, foy a Madre Sor Maria dos Serafins, como fe tudo herdara della, ou fe participaraõ o efpirito huma á outra, como primas que eraõ por fangue, irmãas por profiffaõ, iguaes por exercicios, e para coroar a fimilhança, a poz tambem a fua obfervancia no lugar de Prelada. Naõ menos feguio a prima em applicar a fua tença, que era groffa, ás obras de que neceffitava a Cafa, e foccorrer as Religiofas mais pobres della, com maõ caritativa. A efta caridade com o proximo ajuntava o amor, e refpeito a Deos, porque nada fe lhe pedia em feu nome, que logo naõ déffe. Ajuntaraõ-fe a fuas continuas penitencias as mayores, que podiaõ apurar feu fofrimento em rigorofos efcrupulos; mas quiz Deos fobiffe a mayor prova a fua conftancia, porque naõ baftando a larga experiencia de fua vida, (e a mais reformada) permittio, que a perfeguiffem teftemunhos em materias graves, a que a fua innocencia fe facrificou muda, até que o vagarofo cryfol do tempo a moftrou juftificada. Entrada em annos, cahio entrevada em huma cama, que foy o ultimo purgatorio de fua vida, e huma continua difpofiçaõ para acaballa. Acabou-a com finaes de quem principiava a verdadeira.

Sor Luiza da Annunciaçaõ. Demos fim ás memorias defta Cafa com a de huma Religiofa, que a teve por berço; taõ pouca era a idade em que veyo bufcalla, mas por iffo mayor o lucro, que tirou da creaçaõ della. Foy efta a Madre Sor Luiza da Annunciaçaõ, que antes parece, que defconheceo o Mundo, que o deixou; mas dotada de hum taõ claro entendimento, que muito melhor o deixara, fe o conhecera. Affim teve fua vida taõ pouco de terreftre, como a que fe creara aos peitos da virtude. Nelles bebeo hum efpirito taõ robufto, que eraõ inexplicaveis fuas penitencias, affim na continuaçaõ, como no modo. Em Quinta Feira Mayor, ao tempo, que fahia a Procifsaõ da Mifericordia, e por todo o em que corria a Villa, fe fechava em o Coro debaixo, ferindo-fe com açoutes, que lhe deixavaõ as coftas em vivas, e rafgadas chagas, como o promettiaõ golpes continuados em mais de quatro horas.

No Coro, e mais funçoens da Communidade affim era a primeira, e a mais defvelada, que a fua falta fe attribuia logo a doença; e era ella a mais rigorofa, fe chegava a prendella. A ancia de confervar, e adiantar a refórma, a poz duas vezes no lugar de Prelada, defpois de combatida fua refiftencia, e o feu defprezo proprio, que fobre tudo fe admirava nella, como fe defconheceffe as paixoens de humana. Foy fempre muito pobre; viafe-lhe no trato da peffoa, viafe-lhe nas alfayas da cella; a mais tenue,

e mais penitente; a cama, poucas horas da noite ſe ſervia della, deixava-a pelo Coro em toda a Semana Santa. Mas naõ era nada ſer pobre, o mais foy, que de eſmolas, e do que lhe dava a Communidade, teve induſtria para ornar a Capella da Senhora da Aſſumpçaõ (a quem ſervia com eſcravidaõ amoroſa) deixando-a rica de prata, e ornamentos dos mais cuſtoſos, e aceados, que tem hoje o Moſteiro. No ſegundo triennio de Prelada, aſſaltada de hum rigoroſo achaque, pedio a abſolviçaõ do officio, e retirada á ſua cella, começou a viver ſó para Deos, e paſſou a lograllo deſpois de ſeis mezes de martyrio.

CAPITULO XVII.

Das Madres Sor Iſabel de Meſquita, Sor Iſabel de Lemos, Sor Eſtefania de S. Joſeph, Sor Franciſca Pimentel, Sor Joſefa Maria, Sor Filippa de Athaide, do Moſteiro de Santa Anna de Leiria; e de algumas ſerventes de opiniaõ que viveraõ, e acabaraõ na meſma Caſa.

Moſteiro de Santa Anna de Leiria.

EM todos os tempos moſtrou bem a Caſa de Leiria a grande, e venturoſa fecundidade de que a dotara o Ceo, dando-lhe taõ bem doutrinadas filhas, que as outras Caſas as buſcaraõ Fundadoras, e as eſcolheraõ Preladas. Achaſe aſſim nas noticias de ſua fundaçaõ, e ainda hoje ſe collige das boas diſciplinas daquellas primeiras, e grandes Meſtras, como ſe vio na Madre Sor Iſabel de Meſquita, regra, e obſervancia viva daquella Caſa.

Sor Iſabel de Meſquita.

Foy eſta Madre muito nobre, e ſendo a ſua familia igualmente abaſtada, diſpoz a Providencia de Deos, que em breve tempo ſe vio deſamparada della, mortos ſeu pay, e irmaons, e reduzido hum unico ſobrinho (que ficou de toda a Caſa) a taõ extrema miſeria, que ella o ſuſtentava da pobre reçaõ, com ſer limitada para ſua muita parcimonia, mas ſempre com roſto alegre, e animo igual, dando graças ao Senhor pelo exame, que fazia da ſua tolerancia, naõ deſconhecendo as coroas della. Entre eſta, e outras virtudes ſoube Sor Iſabel mais ſingularmente eſcolher a melhor parte, porque a caridade foy o mayor emprego de ſeu eſpirito. Pelas officinas do Moſteiro, e cellas das Religioſas, mendigava para ſoccorrer a pobreza, eſtimando a occupaçaõ de Porteira, que teve grande parte de ſua vida, para ſer naõ ſó ſua procuradora, mas ainda ſua diſpenſeira. Aſſim o era de tudo o que tinha, que todo o ſeu poſſuir era diſpender; mas naõ ficou ſem premio, ainda na terra, eſta ſanta prodigalidade.

Achava-ſe neceſſitada certa Religioſa, entroulhe na cella, violhe algum dinheiro; pediolho para remediar-ſe; reſpondeo-lhe Sor Iſabel, que o tinha para pagar a huma peſſoa pobre, mas que o levaſſe, ſe entendia, que ſeria mayor ſua neceſſidade; e ſem duvida o ſeria, porque a Religioſa levou o dinheiro. Naõ ſe paſſaraõ muitas horas, quando chegando á Roda do Moſteiro huma mulher deſconhecida, e pondo nella a meſma quantia, diſſe, que aquelle dinheiro ſe entregaſſe á Ma-

Madre Sor Iſabel, e ſem dar repoſta a alguma pergunta, que ſe lhe fez, deſappareceo. Favoreceo mais o ſucceſſo para o reparo a reſiſtencia, que fez a Madre ao entregarſe-lhe o dinheiro, defendendo-ſe com conſtancia, que ſe lhe naõ devia, e que de ninguem o eſperava. Cahio em fim na conta, que era o Ceo o que lho reſtituia. Naõ lhe deviaõ menos deſvelo as neceſſidades do eſpirito, meditando continuamente as que padeceriaõ os que gemem no rigoroſo carcere do Purgatorio. Aſſim naõ havia acçaõ penoſa, que lhe naõ offereceſſe para reſgate. Ao romper da manhãa corria os Clauſtros, lançando agua benta pelas ſepulturas das Religioſas falecidas; paſſava dalli ao Coro, detendo-ſe na oraçaõ por ſuas almas; e ſeria ſem duvida cautela para a ſua, o que era compaixaõ para as outras.

Deſejavaõ as Religioſas (com quem eſtes, como outros exercicios a tinhaõ poſto em reputaçaõ) vella no lugar de Prelada. Teve eſta noticia; affligio-ſe, eſcuſouſe, tendo por taõ pezado o officio, que teve por leve o deſaſtre, que a livrou delle, como o foy o cahir-lhe hum lenho ſobre a cabeça, que a deixou totalmente ſurda, e incapaz da occupaçaõ, que a ameaçava. Naõ duvidaraõ muitas Religioſas, que foſſe o caſo negociado com Deos por ſupplicas. Tanta foy a tolerancia com que ſofreo o golpe! Tanto o goſto de ficar inhabil! Parece, que ſe podia entender aſſim, porque chegando no dia ſeguinte á Portaria hum Religioſo de grande opiniaõ, que importunado das Religioſas, fez o final da Cruz ſobre a cabeça de algumas, chamando todas a Sor Iſabel, para que o Padre lhe fizeſſe o meſmo nos ouvidos, diſſe com ſocego, que a deixaſſem, que naõ queria ouvir, pois o Ceo aſſim o queria. E na verdade conſelho pareceo ſuperior, ſendo a mais proveitoſa cautela para o ſocego da vida religioſa, donde facilita o caminho para o commercio do Ceo o fechar-ſe alguma porta aos da terra.

Entrada em annos, e eſtando na Enfermaria ſangrada de doença perigoſa, ſe lhe ſoltou de noite huma ſangria, acodindo-lhe taõ tarde, que a tiveraõ por morta, e acordando de hum largo deſmayo, diſſe: *Naõ ſe aſſuſtem, que eu naõ heyde ir deſta.* Mas naõ tardou muito outra, de que logo ſegurou, que ſeria a ultima. Foy aſſim. Recebeo os Sacramentos, e já ſem poder articular a voz, ſuccedeo o que baſtou a fazer notavel ſua morte, e deixar acreditada ſua vida. Fora nella devotiſſima de huma Imagem da Senhora da Piedade, que antigamente eſtivera no Coro debaixo, e de quem a Madre Sor Mecia (Religioſa da fundaçaõ da Caſa) recebera aquelle grande favor de ver traſladado o Senhor dos braços da Mãy laſtimada aos ſeus, em occaſiaõ em que diante della orava enternecida. Eſcreveo-o o Padre Frey Luiz de Souſa na ſegunda Parte da Chronica, nas noticias deſta Caſa. Conheciaõ as Religioſas a devoçaõ extremoſa, e deſvelada, que Sor Iſabel tinha com a Senhora, e rompeo-ſe no Moſteiro, (ſem ſaber o principio) que a meſma Senhora lhe falla-

ra,

ra, ajudando-o a praticar o ver, que a Imagem tinha agora a boca como entre aberta; affentando o commum reparo das mais antigas da Cafa, que a viraõ primeiro fem aquella circunftancia. Era grande a modeftia de Sor Ifabel, naõ fe atreveraõ a averiguar a duvida com ella. Agora que por inftantes efpirava, affiftia-lhe o feu Confeffor o Padre Frey Manoel de Torres, e porque tinha noticia das duvidas em que andavaõ as Religiofas, parece, que intentava tirallas dellas, e diffe para a moribunda: *Madre, Voffa Reverencia eftá na hora da fua ventura, deme licença para que poffa fallar agora.* Ao que ella acodio com preffa, (como fe já naõ tivera embaraço no ouvir) e levando a maõ á boca, a tapou como que naõ dava a tal licença. Affim efpirou placidamente, entendendo-fe do que fenaõ diffe, a verdade do que fe dizia, e muitas, que poderiaõ auctorizar fua vida, como inferir-fe a ditofa, a que paffava.

Siga-fe a efta Ifabel na memoria outra, que a feguio no nome, como na vida. Foy efta a Madre Sor Ifabel de Lemos, que tambem como Sor Ifabel de Mefquita, foy natural da mefma Cidade de Leiria, naõ menos venturofa por dar a taes filhas berço, como o Mofteiro de lho offerecer melhorado. Taõ tenra foy a idade em que ambas fe recolheraõ nelle! Crefceo Sor Ifabel, e avultou mais depreffa em virtudes, que em annos, porque naõ tinha ainda muitos, quando a fua capacidade a poz no lugar de Prelada, em que fe deveo a refórma da Cafa tanto á fua vigilancia, como ao exemplo de fua vida. Foy ella larga, affim cheya de trabalhos, e miferias. Poz-fe da parte dellas o inimigo das virtudes, e difpoz-lhe algumas ciladas, que vio zombadas, e defcobertas com grande fentimento feu, porque no dia em que a boa velha, chegada ás portas da morte, fe confeffou geralmente, fe viraõ no Mofteiro dous effeitos, que bem o pareciaõ da raiva, e impaciencia da ferpente venenofa, como foy o encher-fe a cella da moribunda, e os Dormitorios de hum cheiro agudo, e infoportavel de enxofre, que examinado, fe lhe naõ achou principio; e ouvirem-fe ao mefmo tempo no Pomar, defronte da mefma cella, huns gemidos, que em tal lugar, e taes horas naõ podiaõ fer humanos. Entendeo-fe melhor quem alterava com eftas novidades o focego das Religiofas, quando algumas viraõ, que antes de fazer a moribunda o ultimo termo, mudando-felhe, e alterando-felhe o gefto, defembaraçou huma maõ da roupa, dando com ella duas figas para huma parte da cella, final fem duvida de que deixava o inimigo naõ fó fem triunfo, mas com vituperio. Entrou logo em hum grande focego, e delle paffou a gozar o eterno.

Sor Ifabel de Lemos.

Naõ contendeo menos por confeguillo a Madre Sor Eftefania de S. Jofeph, rara no retiro, e recolhimento, e affiftencia do Coro, gaftando o que lhe reftava, affim do dia, como da noite, em oraçaõ, com tanta fuavidade nella, que derretendo-felhe o coraçaõ pelos olhos, fe efquecia do defcanço,

Sor Eftefania de S. Jofeph.

ço, ou moſtrava, que naõ queria outro. Sua grande refórma, e obſervancia a fez Meſtra de Noviças; com ellas era affavel, e branda, comſigo auſtera, e eſquiva, moſtravaõ-no muitas vezes as paredes da ſua cella nos ſinaes mal diſſimulados de rigoroſa diſciplina. Levava-lhe ſuavemente os cuidados, e os affectos da alma huma Imagem da Senhora da Encarnaçaõ. Obrigouſe a Senhora dos ſinceros deſejos de ſua devota, porque entrada em dias, e cahindo de huma mortal doença, lhe deu a entender a meſma Senhora os avanços com que a ſervira.

Eſperava já ſacramentada, e contrita a ultima hora, quando a tomou hum ſono pezado. Aſſiſtia-lhe huma Religioſa de ſua confiança acordou-a, parecendo-lhe, antes lethargo, que repouſo. Abrio a moribunda os olhos, e esforçando a voz, lhe diſſe: *Ay Madre! para que me acordaſtes? Sonhava eu agora, que cahira em hum grande, e immundo lago, e que chegando a minha Senhora, e tirando-me delle pela maõ, dizia: Naõ te deſconſoles, que ficarás limpa; aſſim o vi logo, e que a minha Senhora naõ me largando da maõ, me levava a hum dilatado, e fermoſo campo.* Callou aqui Sor Eſtefania, e ſuſpendendo-ſe hum pouco, diſſe como alcançada do que diſſera: *Madre, naõ creais nada do que vos digo, que iſto he ſonho*; e em breves horas, com ſinaes de grande conſolaçaõ, paſſou (como ſe póde entender com piedoſa conjectura) ao campo, a que a levava ſua ſoberana Advogada.

Das Madres Sor Franciſca Pimentel, e Sor Joſefa Maria ſaõ recopiladas as noticias, que achamos; mas aſſim ſingulares as de ſuas mortes, que ſaõ o melhor argumento do como viveraõ. Foraõ ambas muy reformadas, recolhidas, e continuas na oraçaõ. Repetia eſta a Madre Sor Franciſca com entranhavel ancia pelas Almas, e parece, que ſe lhe quizeraõ moſtrar agradecidas, porque entrada em artigo de morte, para que ſe diſpoz com grande reſignaçaõ, e conformidade, aſſiſtindo-lhe a Communidade, como he coſtume, ouviraõ algumas ſerventes, que na Caſa tinhaõ bom nome, que no Coro ſe cantava. Eſtranharaõ-no como falta de caridade, por lhes parecer ſeriaõ Religioſas, que faltavaõ naquella hora a taõ preciſa aſſiſtencia, e paſſando a examinar o Coro, advertio huma, que entre as vozes, que ſe ouviaõ, conhecia a de huma Religioſa, que havia tempo falecera com boa opiniaõ na Caſa, mas chegando todas, viraõ as cadeiras vaſias, nem trouxeraõ mais noticia, que de ſer o eſtylo da muſica de Officio de defuntos. Fizeraõ as Religioſas conjectura, que ſeriaõ as Almas, que vinhaõ aſſiſtir, e acompanhar a ſua bemfeitora, que na meſma hora paſſou, e ſeria a receber o premio de o ter ſido.

Sor Franciſca Pimentel, e Sor Joſefa Maria.

Naõ foy menos venturoſa a morte da Madre Sor Joſefa (ainda que lhe precedeſſe conflicto, ſahindo delle com triunfo) porque dous dias antes que faleceſſe, entrando em grandes agonias, e ſem dar attençaõ ao que lhe perguntavaõ algumas Religioſas, levantou a maõ, e deſcar-

descarregou hum grande golpe em a face; pedio logo, que lhe lançassem agua benta para hum lado da cama, e ficando só com huma Religiosa, de que se fiava, lhe disse: *Madre, como me deixou só, que tive hum grande trabalho com o inimigo, mas acodiome o Senhor.* Deste instante até o em que espirou, se lhe naõ ouvio mais que darlhe graças, passando a entoallas com os Córos dos Anjos.

...or Fi-
...ppa de
...thaide.

Parece, que pizou o mesmo caminho, naõ conhecendo em toda sua vida outro mais que para Deos, a Madre Sor Filippa de Athaide, illustre por nascimento, mas mais conhecida por hum zelo ardente, e huma resoluçaõ livre, com que reprehendia as mais leves quebras da observancia. Na do Coro taõ continua, que como se os achaques (que padecia muitos, e intoleraveis) a respeitassem, recolhida áquelle Sagrado, era a primeira, que a todas as horas junto á estante dava alma áquella sagrada melodia, com huma voz clara, e chea, de que era dotada. Acabadas as horas, e Missa, ficava em oraçaõ até á mesa; occupaçaõ, que repetia assim de dia, como de noite, a toda a hora, que tinha livre, e o mesmo era levantar a Deos o espirito, que começarem a cahir de seus olhos taõ copiosas, e continuadas lagrimas, que entraraõ as Religiosas no reparo de que naõ seria só compunçaõ o motivo dellas. Fez-lhe a pergunta huma, que tinha mais familiaridade com ella, a que respondeo com singeleza: *Madre, como naõ heide chorar? Orar naõ sey eu; sey, que em me pondo diante de Deos, vejo o braço de sua justiça, levantando huma espada para castigar minhas culpas; e se ellas saõ tantas, como seraõ as lagrimas poucas?*

Pobre, e humilde edificava a quem a via, e a tratava; porque sendo taõ bem nascida, e tendo huma tença grossa, naõ usava do que tinha, nem tinha outro conceito do que era, mais que o da mais abatida servente da Casa; huma, e outra cousa se via no trato de sua pessoa. Contava muitos annos neste estylo de vida, quando a assaltou huma febre aguda; recebeo logo com grande consolaçaõ de espirito os Sacramentos, e a ultima noite, que teve de vida, viraõ as Religiosas, que lhe assistiaõ, que mudando-selhe o semblante (entre accidentes de fermosura, e alegria) sorrindo-se, estendia os braços, como que queria receber a alguem nelles. Assistia-lhe huma irmãa sua á cabeceira, e perguntou-lhe admirada, que novidade era aquella; ao que disse, naõ como reposta, mas como quem acabava de entender o que via: *Sim, sim, a parenta, que me vem buscar.* E dalli a pouco espirou, continuando-selhe tal alegria no semblante, como se desconhecera os horrores da morte. Entenderaõ logo as Religiosas, que a parenta de que dizia vinha buscalla, era huma Religiosa, parenta sua, falecida havia muitos annos na mesma Casa; naõ ficou della mais que esta memoria, e a de que se chamava Dona Violante, mas as circunstancias com que parece a via, e fallou nella a moribunda, a seguravaõ digna de occupar esta escritura com mayor noti-

noticia. Fique efta para argumento de fua vida, e queixa da omiffaõ de quem podera apontalla.

Mas paffemos das Religiofas defta Cafa ás ferventes della, e fejaõ eftas o appendice da vida daquellas, pois ao feu exemplo fe fizeraõ capazes de nos dar affumpto. Naõ digaõ os politicos do Mundo, que podendo fó fer contagiofos os males, fó elles fe participaõ com a vifinhança, porque na pratica do Ceo tambem fe pegaõ as virtudes. E porque havia de ter mais induftria a malicia, que a graça? Tenhaõ embora fequito os peccadores; que fantos, fe o naõ tem taõ numerofo, temno mais admiravel. Foy experiencia, que fe defempenhou nefta Cafa, fendo as ferventes della humas vivas eftampas das heroicas virtudes das Religiofas, como as que vivendo de portas a dentro com o feu enfino, fe adiantaraõ com o feu exemplo; affim vieraõ a defempenhar por efcolha, o que viaõ obrar por obediencia.

Margarida dos Anjos. Seja huma das que melhor o executou, Margarida dos Anjos, que entrando nefta Cafa com efperanças de Freira Converfa, faltando a poucos mezes de fua entrada quem lho prometera, fe via importunada de feus pays, que intentavaõ levalla para cafa; mas tinha já lançado grandes raizes em fua alma a refoluçaõ de pizar aquelle caminho, que via taõ trilhado das cultivadoras da virtude, e naõ era já fó com defejo, mas paffava a exercicio. Efquivou-fe a promeffas, e a diligencias, efcolhendo antes viver na Cafa de Deos com abatimento, que abrir os braços, e os ouvidos ás efperanças com que a chamava o Mundo. Dizia, que Deos era melhor, e verdadeiro Pay, e que os que queriaõ fer verdadeiros filhos, deviaõ erguer os olhos fó á fua Providencia, que nunca foubera faltar á bem fundada confiança. Com efte animo ficou no Mofteiro, fervindo na Enfermaria delle com huma taõ extremofa caridade, que fó o tempo, que fe furtava ao fono, para dar a Deos, podia chamar feu; porque naõ havia hora, em que as enfermas a naõ achaffem á cabeceira, affim para o regalo, como para a mefinha.

Nefta occupaçaõ lhe cançaraõ as forças; deu o lugar a quem as tiveffe mais robuftas, por naõ confentir as enfermas mal fervidas, e fogeitoufe a affiftir a algumas Religiofas, com o lucro de que fendo menos o trabalho, lhe fobejaffe mais tempo para fervorofos exercicios, affim de penitencia, como de oraçaõ. Efta a levava antes de amanhecer para o Coro. Sua mais extremofa devoçaõ era com a Imagem de hum Menino Jefus, a que (em podendo) affiftia occupada; naõ o largava da lembrança; nelle era toda fua pratica. Entroufe hum dia da meditaçaõ do que aquelle Senhor padecera, (paffava acafo pela cafa, que chamaõ do Rofario) eis-que fe lhe reprefenta, que via paffar o Senhor com o madeiro nos hombros, cubertos, e banhados os olhos, e o rofto em fangue, desfalecido, e attenuado, como fe a cada paffo o defamparara o efpirito. Perguntavaõ-lhe defpois algumas Religiofas, que a viraõ

raõ naquella occasiaõ parar, e suspenderse como extatica, qual fora o motivo, e ella o declarava com huma grande sinceridade, e singeleza.

Naõ sofria o inimigo della, como pay do engano, e da astucia, que huma mulher rude, e simplez lha deixasse frustrada. Naõ havia caminho por donde naõ intentasse atalharlhe o que pizava a sua perseverança; atemorizava-a com estrondos, ameaçava-a com precipicios, finalmente apparecia-lhe horrivel, e formidavel para divertilla de seus exercicios santos. Succedeo assim em huma madrugada, porque indo nella (como costumava) para o Coro, ao atravessar a casa do Rosario, vio, que de huma, e outra parte lhe occupavaõ, e cobriaõ as paredes homens armados, que com aspectos medonhos, e indignados a ameaçavaõ, se intentasse passar. Deixou a Serva de Deos de atemorizada o caminho, e tomando outro, foy ter sua oraçaõ em huma Capellinha retirada de mayor commercio, adonde a continuou algum tempo, até que mais esquecida do successo, tornou ao Coro.

Occupados, e bem gastos muitos annos em similhantes exercicios, cahio de huma doença mortal. Levaraõ-na as Religiosas para a Enfermaria, assistindo-lhe todas com grande caridade, chamadas da boa opiniaõ de sua virtude. Cresceo o mal, e huma noite, que se achava só, advertio huma Religiosa, que estava na mesma Enfermaria, que ella com voz, e respiraçaõ cançada se queixava de que morria sem Sacramentos, e desamparada das suas Religiosas. A esta queixa (como ouvio a mesma Religiosa decumbente) se seguio huma voz, que claramente dizia: *Naõ te desconsoles, que naõ morrerás sem as tuas Freiras.* Entaõ se encheo toda a Enfermaria de huma claridade taõ estranha, que excedia a luz do dia; percebendo-se hum rumor como de pessoas, que se hiaõ movendo a compasso, e como sem estrondo de calçado. Atemorizou se a Religiosa, deu vozes, que lhe acodissem, e quando chegaraõ a ella, a acharaõ entrada em hum desmayo, que passado, contou o que havia visto, e ouvido. Passaraõ a examinar a mesma Margarida, e perguntando-lhe, que tinha visto, ou com quem tinha fallado, respondeo com hum semblante cheyo de hum novo vigor, e alegria: *Que nem vira, nem sabia de nada.* Era reposta muy repetida de sua modestia. Recebeo os Sacramentos entre effeitos de compunçaõ, e alvoroço, e passou a lograr a felicidade, que se lhe conjecturava nelle. Foy sua morte em hum Domingo 17. de Fevereiro de 1686.

Naõ deixemos em silencio os nomes de outras duas serventes, ainda que mais antigas, mas naõ de menos credito, e argumento do como se cultivava a virtude nesta Casa, servindo tambem esta memoria de castigo á omissaõ della, porque sem duvida mayores assumptos nos devia de roubar o tempo, e o descuido em vidas de mulheres, que mereceraõ o que agora veremos. Tinha-se mandado do Mosteiro fazer huma Imagem de Santa Barbara, appetecida da devoçaõ das Reli-

giofas, como perfeguidas naquelle fitio, e fuas vifinhanças de medonhas trevoadas. Por efte tempo fe achavaõ huma madrugada as duas ferventes, de que fallamos, no Clauftro, a que defceraõ para ferviço de huma officina, quando viraõ, que por elle paffava huma menina de rara fermofura, e eftranha, como rica gala. Sufpenderaõ-fe como as que fabiaõ, que naõ havia daquella idade fecular alguma na Cafa, menos quem áquellas horas paffeaffe por ella. Parou a menina, e detendo-fe pouco efpaço, defappareceo, obfervando ellas o lugar. Chegou ao feguinte dia a Imagem da Santa, e vifta por ellas com a memoria frefca, teftemunharaõ, que era aquella a menina, que tinhaõ vifto no lugar do Clauftro; nelle fe lhe abrio hum nicho, em que a Imagem fe poz, e he venerada, confervando-fe nella efta memoria. Chamavaõ-fe as ferventes Luiza Carreira, e Maria das Chagas.

A efta antiguidade encoftaremos outra, de que naõ achamos noticia na Chronica, mas achamos traductaõ inveterada, e fegura na Cafa, ainda que o tempo nos roubou huma parte muy effencial, como foy o mome da Religiofa, que nos offerece a prefente materia, mas naõ fe fepulte a efte Mofteiro a gloria de ter mais huma filha digna defta efcritura. Orava efta Religiofa em certa occafiaõ diante de hum Crucifixo, crefceo o fervor do efpirito, bufcou nas lagrimas o defafogo, e favorecida das mudas vozes dellas, fempre ouvidas do Ceo, esforçou a fua, pedindo ao Senhor, que a fizeffe do numero das predeftinadas. Eis-que ouve clara, e diftintamente huma voz, que lhe dizia: *Lava-me eftes pés com effas lagrimas; que es do numero das efcolhidas.* Atemorizoufe a Religiofa, e levantando a voz, correo para huma Ermida de Santo Antonio, que eftá na Cerca, como bufcando companhia nas Religiofas, que alli affiftiaõ a toda a hora. Naõ faltaraõ algumas, que fizeraõ reparo no fucceffo, naõ podendo tirar da Religiofa mais infórme delle, que o fufto, e o retiro; ao feguinte dia diffe o Confeffor a toda a Communidade, que deffem a Deos as graças pelo favor, que fizera a huma Religiofa daquella Cafa; e por morte della fe teve inteira noticia.

Muitas nos deixara fepultadas a pouca advertencia de recolhellas. Lamentavel herança defta Cafa, que fundada no rigor da obfervancia, (que entaõ florecia nefta Provincia) e povoada de efpiritos com que fe adiantava huma, e outra, fempre ficou defraudada, e queixofa do muito que fe deixou defperdiçar nella, valendo-fe fempre affim noffo anteceffor, como a noffa diligencia, do remedio da tradiçaõ, talvez diminuta.

CA-

CAPITULO XVIII.

Das Madres Sor Catharina do Presepio, Sor Isabel de Christo, Sor Aldonça da Magdalena, Sor Magdalena do Horto, Sor Marianna de S. Miguel, Sor Joanna de Jesus, Sor Catharina da Cruz, do Mosteiro de Nossa Senhora da Saudaçaõ de Montemór o Novo.

Mosteiro de N. Senhora da Annunciaçaõ de Montemôr o Novo.

SIga-se venturosamente á Casa de Santa Anna de Leiria, a de Nossa Senhora da Saudaçaõ, de como a que deveo áquella as primeiras Mestras da sua observancia, como foy a Madre Sor Isabel Vaz, e duas companheiras. Em nenhum tempo lhe faltaraõ gloriosas discipulas, cultivadoras deste jardim de virtudes, titulo que mereceo em todas suas idades, como lho deu na sua primeira o Padre Frey Luiz de Sousa. Vello-hemos agora nas Religiosas, que floreceraõ nesta mais visinha, e seja a primeira a Madre Sor Catharina do Presepio, a quem deu o sobrenome a devoçaõ extremosa da representaçaõ deste mysterio, que desde os primeiros annos, que veyo para esta Casa, até os oitenta, que contou de vida, lhe servio de meditaçaõ, e de pratica, porque sobre desconhecer totalmente todo o comercio do Mundo, naõ se lhe ouvia fallar mais que em Deos nascido. Com elle na pobreza, e na ternura dos primeiros alentos, reclinado no tosco, e desabrigado leito das palhinhas eraõ os seus cuidados, os seus requebros, entoando-lhe ao Orgaõ, e outros instrumentos em que era destrissima, letras com mais devoçaõ, que arte, que a cada hora lhe compunha, ensinando-as, e convidando com ellas as Religiosas, para que a ajudassem a louvar o Senhor de todas.

Sor Catharina do Presepio.

Foy sua vida inculpavel, mortificada, e exercitada em todo o genero de virtude, em todo de aspereza. Confirmou-o sua morte. Esperava o ultimo golpe della, recebidos com suavidade todos os Sacramentos, quando entenderaõ as Religiosas, que lhe assistiaõ, que entrava em batalha com inimigo, porque mostrando afflicaõ, e desasocego, viraõ que voltado o rosto a huma parte da cella, respondeo duas vezes com esperteza, e promptidaõ rara naquella hora: *He mentira, he mentira.* Assistia-lhe o Prelado, pozlhe preceito, que dissesse o que via, (porque ao mesmo instante lhe ficou o semblante sereno, e alegre) respondeo: *Que vinha a Menina buscar a velha.* Era estylo seu chamar Menina á Senhora da Appresentaçaõ, de que era devota, e era aquelle o seu dia. Tornou a alvoroçar-se como que se lhe representava assumpto de nova alegria, e attendendo ao que lhe mandava o Prelado, disse: *Que vinha toda a Corte do Ceo a acompanhar a Senhora*; logo foy nomeando os Santos, de que era especial devota, accrescentando: *E por coroa chega o meu Evangelista*; e cerrando suavemente os olhos, passou a acompanhar aquella soberana, e bemaventurada esquadra.

Naõ trabalhou menos para merecer a sua companhia a Madre Sor Isabel de Christo, que desde menina se criou nesta Casa, *Sor Isabel de Christo.*

ſa, adonde entrou como outro Samuel conſagrado a Deos pela promeſſa dos pays, que o receberaõ quando menos o eſperavaõ; venturoſos os de Sor Iſabel em terem mais filhos, como em nobreza, e bens de fortuna, mas mais venturoſa a filha em lhes darem outro Pay, e melhor Caſa. Diſpoz tambem o Ceo, que ſe accommodaſſe com as penſoens della, porque ſendo Sor Iſabel rica pelo que tocava á ſua legitima, por caſos, e demandas chegou a entrar no noviciado taõ pobre, que eſcaſſamente teve dote, mas por iſſo melhorada no da virtude. Mas tal era a induſtria de ſuas maons, e tal a de ſua diligencia, que ſó com ella fez grandes obras na Caſa, como foy hum juro, que rendeſſe para a Feſta do Sacramento; lavroulhe retabolo, e tribuna; e o dia que a vio acabada, banhada em lagrimas, e proſtrada por terra, lhe dava graças, por aceitar de huma pobre aquelle pequeno tributo naquella Capella, que feita de eſmolas, era o gaziofilazio de Chriſto. O exemplar de ſua vida a poz no lugar de Prelada, que exercitou com grande refórma. O jejum da Conſtituiçaõ á riſca, comendo ſó huma vez ao dia, e da reçaõ, por mais que limitada, era a melhor porçaõ para hum pobre. Todos os dias huma diſciplina de ſangue. Oraçaõ no Coro o mais do tempo, e (para a occultar) no que furtava ao ſono. Teve dom de lagrimas; entre hum fervoroſo impeto dellas ſe lançava por terra ao ouvir as oito horas da noite, em veneraçaõ da inſtituiçaõ do Santiſſimo Sacramento, centro, e termo de todos os ſeus cuidados, e exercicios.

Uſou ſempre lãa junto á carne, e cama huma cortiça. Nada ſe via em ſua cella, nada no trato de ſua peſſoa, que naõ prégaſſe penitencia. Seguio-ſe-lhe á muita idade a morte; precedeo-lhe huma doença, de que logo diſſe que morria. Recebido o Viatico, repararaõ todas, que ſe lhe inflammava o roſto, como ſe nelle ſe lhe ateara huma labareda; e perguntando-lhe a cauſa, reſpondeo: *Naõ poſſo dizella, mas peſſo a todas, que ſejaõ devotiſſimas do Santiſſimo Sacramento, porque he inexplicavel o premio.* Eſtava já muy proſtrada, naõ pode, por mais que ſe animava, pôr os joelhos em terra, (porque recebeo o Senhor veſtida) e vendo que naõ podia, levantou a voz ſonora, e clara, e começou a entoar o Hymno do Sacramento: *Sacris ſolemniis juncta ſint gaudia.* Continuo-o, mas já ſe lhe naõ percebia com a fraqueza, e acabou com elle venturoſamente a vida. Por ſua morte ſe acharaõ os inſtrumentos de ſua penitencia, diſciplinas, cilicios, e huma cruz de metal com grandes, e agudos bicos; era eſta o martyrio de toda a Quareſma, ſeſtas feiras de todo o anno, e veſperas de Communhaõ. Faleceo em huma quinta feira, dia conſagrado ao Santiſſimo, como ſe a ſua devoçaõ o eſcolhera para o venturoſo daquella jornada.

Sor Aldonça da Magdalena.

Seguio-ſe á Madre Sor Iſabel a Madre Sor Aldonça da Magdalena, aſſim no ajuſtado da vida, como na eſpecial devoçaõ do Sacramento, que parece lhe ficou em herança, ſen-

do esta Madre huma das que escutaraõ a Sor Isabel, quando á hora da morte aconselhou esta devoçaõ como mais importante. Desempenhou-se bem com ella Sor Aldonça nas obras, que fez para o culto do Senhor, dispendendo com maõ larga, e grandiosa, porque sendo-o a sua tença, era ella a mais pobre, porque tudo dava. Era esta Madre filha de Dom Fernando Martim Mascarenhas, e Dona Maria de Alancastre; e como se na nobreza se estudasse a humildade, era taõ humilde, como nobre. Nada se ouvia em suas palavras, que naõ soasse a desestimaçaõ propria, nada se reparava em sua pessoa, que naõ servisse de edificaçaõ a quem a via.

A' do Sacramento ajuntava a devoçaõ do Rosario; huma, e outra lhe occupava o tempo, que lhe restava do Coro. Levavaõ-na para elle de madrugada, porque de cincoenta annos perdeo a vista. Alli gastava o dia, acompanhando a Communidade no canto, e na reza, porque tudo sabia de memoria. Assaltada de doença grave, pedio que a levassem para a Enfermaria, que hia acabar nella. Foy a doença rigorosa, como dilatada, sem que as dores alterassem o socego de sua paciencia. Recorria ao ultimo alivio de sua alma, que era commungar algumas vezes. Apertaraõ-na humas rigorosas dores nos pés de sorte, que pedio a huma servente, que lhe assistia, que se quer com as maons lhos fomentasse, porque aquellas eraõ dores de morrer. (parece, que a ouvira a servente alguma hora, pedindo ao Senhor na Cruz, que lhe désse a sentir o que padecera nella) Respondeo-lhe agora: *Madre, naõ pedio Vossa Reverencia a Christo crucificado, que lhe désse a sentir o que tinha sentido?* Ao que tornou a Madre: *Sim, sim pedi*; mas cahindo logo no que tinha dito, accrescentou: *Naõ sey se pedi, mas ainda que pedisse, quem sou eu para lhe merecer esse favor?*

Achava-se já muy prostrada, e praticavaõ entre si algumas Religiosas, que estavaõ na cella, que naõ durava mais que aquelle dia. Levantou a voz, e disse: *E á manhãa naõ presta, que he dia de Nossa Senhora?* Voltou logo para huma irmãa sua, que sentio chorar, e disselhe, que se naõ desconsolasse, e que já que as Freiras a respeitavaõ como Mãy, fizesse porque entre todas se conservasse a paz; que ella estava com a verdadeira em sua alma, e que alli tinha á sua cabeceira huma leiguinha muito fermosa, que lhe fizera, e fazia muitos bens, e a Senhora do Rosario com muitos em a maõ. Costumava esta Madre dar nas primeiras Domingas do mez os Rosarios, que se tiraõ por sortes; parece que lhe quiz mostrar a Senhora a que aquelle pequeno dispendio a obrigara. Da leiguinha se entendeo, que seria Santa Rosa, de que era muy devota, e lhe chamava a Santa leiguinha. Pedio dahi a poucas horas, que lhe chamassem o Confessor para se reconciliar, que já estava Sacramentada, e dizendo-lhe, que para o dia seguinte, que era o Sabbado, por naõ ser já hora, respondeo: *E quem vos disse a vós, que entaõ terey eu falla?* Succedeo assim; e recebida a Unçaõ no Sabbado

do que differa, cerrou os olhos taõ fuavemente, como quem os abria no dia da eterna felicidade.

Sor Magdalena do Horto.

Sem duvida, que he a mayor dos Juftos (em quanto andaõ nefta vida mortal) o padecer, pois faõ effes os mimos com que o Ceo os tem regalados. Vejamolo na Madre Sor Magdalena do Horto, de vida taõ exemplar, que concorrendo Religiofas de grande efpirito nefte Mofteiro com ella, a fingularizaraõ para Prelada, mas com tanto exceffo caritativa, que fobre difpender o que tinha com as que neceffitavaõ, com maõ taõ larga, que fe fez pobre, da mefma forte applicava ás mefmas os bens, e contingentes da Communidade; mas dando lhe iffo em cargo, largou o governo, dizendo, que fe ella naõ havia de remediar neceffitadas, para que queria ter fubditas? Solta defte embaraço, a naõ achavaõ mais que na cella, e no Coro. Fez o Ceo nella huma rara harmonia, porque unio hum grande entendimento com huma grande fingeleza, e penetrando tudo, em nada achava malicia. Parece, que picou ao demonio efta finceridade de animo em taõ prompto juizo, pela oppofiçaõ de fer elle aquella infaufta Intelligencia, em que fe uniraõ a fciencia, e a malicia. Começou de perfeguir a Sor Magdalena.

Em hum vulto negro fe lhe offereceo, tomando-lhe o caminho de huma efcada. Fez forças para a lançar por ella, mas a boa velha, (que bem o cochecia) encoftando-fe á parede, levantou a voz, e diffe-lhe deftemida, e fegura: *Como ha de fer ifto? ou para cima, ou para baixo.* E defappareceo o vulto; mas parece, que teve mais larga licença outra vez, que entrando-lhe na cella, a tempo que ella fe levantava da oraçaõ, lhe deu hum encontro com tanta violencia, que cahindo, defmanchou hum pé, e com tanta enormidade, que por mais curas, que fe lhe fizeraõ, fempre a lefaõ foy a mefma, como igual a paciencia com que fofreo naõ fó as dores da quebra, mas os rigores da cura. Affim paffou toda fua vida em hum continuado tormento, aliviado no conhecimento de que Deos o aceitava; pois o permittira. Mas nem efte, nem os annos a fizeraõ difpenfar no rigor de feus exercicios, os mais penofos occultos. Já vifinha á morte, viraõ as Religiofas, que lhe rodeavaõ a cama, que alterada com huma repentina alegria, fe fentava nella, dizendo a todas, que ajoelhaffem, porque chegava a Rainha dos Anjos; e ficou logo taõ tranfportada, e fóra de fentidos, que entenderaõ, que efpirara.

Tornou defpois de grande efpaço em fi, e por mais perguntas, e diligencias, naõ refpondeo ao que fe lhe perguntava do que vira, antes por efpaço de trez dias, que ainda viveo, naõ tomou nem agua, nem coufa de fuftento; como fe fó o foraõ os grandes fegredos, em que eftava elevado feu juizo, (que o tinha inteiro) como outro Paulo. Affim efpirou em venturofo focego. Viraõ-felhe defpois nos pés finaes de chagas, e nas coftas de açoutes, como fe feu Efpofo a tivera feito em vida huma eftam- Erat ibi tribus diebus, & non manducavit, neque bibit. Act. 9. v. 9.

pa

pa fua. A roupa do leito em que eftivera, refpirava fragrancias, como o que fora urna de huma Feniz, que acabava de efpirar caduca, para viver eterna.

Mortificationem Jefu in corpore noftro circunferentes. 2. ad Corinth. v. 4.

Em mais longa vida, e igualmente penofa o pertendeo a Madre Sor Marianna de S. Miguel, que nefta Cafa faleceo de cem annos, fendo em todos os que teve de Freira, hum retrato da obfervancia, e efpecial da pobreza religiofa. Para fi naõ refervou nunca coufa alguma; o que lhe davaõ, ou de efmola, ou de propina, ajuntava, applicando-o para algumas peffas de prata, que deu a Santos de fua devoçaõ, fingularmente a Noffo Padre, a que a levava hum taõ vehemente affecto, que parece, que a tirava de feu fizo. Só nelle fallava, fó delle queria ouvir fallar. No dia do Santo, levantada ante manhãa, corria o Mofteio, tocando hum adufe, e cantando, e chamando as Freiras, que vieffem para o Coro, para fazerem o dia mais largo. A letra era compofiçaõ fua, feita, e cantada com mais devoçaõ, que arte, e harmonia. Ficou, e fique em memoria para argumento de huma Santa fingeleza, e vinha a fer:

Sor Marianna de S. Miguel.

Defpertay Freiras filhas
de S. Domingos de Gufmaõ,
do meu coraçaõ, do meu coraçaõ.

Pagaõ-fe os Santos muito das verdades delle, ainda que defpidas de artificio, e conceito; e parece, que fe pagou Noffo Patriarcha das do extremo de Sor Marianna, porque affim o moftrou o defempenho com que fe houve com ella. Cahio doente, dando logo a entender, que era chegada fua morte; e eftando para fe lhe dar o Viatico, diffe, que lhe pozeffem huma toalha lavada, e outra para commungar. Era de madrugada, efcufavaõ-fe as Religiofas, que fe achavaõ na cella, que naõ tinhaõ vindo os Padres, que eftiveffe focegada; ao que refpondeo: *Eu bem fey o que digo, ponhaõ-me a toalha, e cheguem-me outra, que eftá aqui Noffo Padre S. Domingos para me dar a Communhaõ.* Admiravaõ-fe as Religiofas da fegurança com que o dizia, e porque o repetia, e inftava, a compozeraõ de toalha, e chegando-lhe outra, abrio a boca, e a cerrou como fe commungara, ficando por tempo confideravel como fepultada em igual repoufo, que filencio. Durou mais alguns dias em que tomou o Viatico, mas naõ fe lhe ouvio mais palavra; viraõ-fe fim grandes demonftraçoens do alvoroço de feu efpirito, com que efpirou, ficando com hum tal femblante, como fe defconhecera a idade, e a morte.

Naõ foy menos a fingeleza de outra Madre, que de maduros annos, mas na innocencia menina, veyo para efta Cafa. Foy efta a Madre Sor Joanna de Jefus, taõ obfervante das leys,

Sor Joanna de Jefus.

leys, que profeffara, como da que lhe enfinaraõ como Catholica nos dous preceitos, em que fempre andava meditando, amor de Deos, e amor do proximo. A oraçaõ, ou vocal, ou mental, lhe levava o mais do tempo, cortando ainda pelo do fono. A caridade com o proximo taõ prompta, e taõ defvelada, que diante della fe naõ havia de dizer palavra, que o offendeffe. Se naõ era facil a defenfa, deixava a pratica. Affim vivia huma vida inculpavel, e quieta, antes ignorando, que fogindo a malicia. Adoeceo gravemente. Foy rara fua toleranicia, mayor a conftancia com que foportou os tiros do inimigo, que entaõ reforçou como defefperado.

Huma noite, que defcançava a doente, e eftava para fe lhe dar huma bebida, eis-que a hum golpe de vento tempeftuofo fe apagaõ todas as luzes da Enfermaria. Levantaraõ a voz algumas Noviças, que affiftiaõ nella, porque crefceo o temor com o eftrondo como de huma grande ruina. Acodem as Religiofas affuftadas, achaõ a doente mortificada com o pezo de huma cadeira, que tinha ficado aos pés da cama, e agora lha tinhaõ lançado fobre o corpo com violencia. Huma panella em que fervia o medicamento, entornada, e apagado o lume em que fervia. Perguntaõ-lhe pela auctora de tanto mal; e refponde ella com tanta fingeleza, como fegurança, apontando para huma parte da cafa: *Quem foy? Foy o diabo, heilo alli eftá. Agora fe efcondeo entre aquellas Noviças, lancem-lhe agua benta.* Lançaraõ-na, e accrefcentou ella: *Já lá vay pela porta fóra.* Admiravaõ-fe as Religiofas do fuccedido, quando voltando a reparar na doente, viraõ, que alternadamente fe fufpendia, e alegrava; e perguntando-lhe, que novidade a movia, refpondeo com alvoroço, que era a Mãy de Deos, que a vifitava; e accrefcentou logo: *E S. Joaõ Bautifta.* Continuaraõ-lhe as perguntas, mas fem mais attender a ellas, nem fazer mais movimento, efpirou, cerrando os olhos como em defcançado fono.

Ponhamos fim ás noticias defta Cafa com huma Religiofa, que já o era antes de entrar nella, como foy a Madre Catharina da Cruz, que nafcendo para o Ceo, affim fe começou nos primeiros annos a efquivar ao Mundo, que em cafa de feus pays até com os irmaons cerceava o commercio; nem tinha, nem bufcava outro mais, que com Deos retirada a hum Oratorio. Recolhida, e profeffa no Mofteiro, continuou feus exercicios affim penitentes, como devotos, e todo o feu antigo eftylo de vida, fem accrefcer mais que o merecimento da obediencia, fó fe melhorou de fegredo, e cautela (que naõ podia ter em fua cafa) de que nafceo a pouca noticia do eftylo com que fe mortificava, porque affim vivia folitaria, e efcondida, que lhe chamavaõ a Sepultada.

Sor Catharina da Cruz

Vio-fe com huma tença groffa, que eftimou para difpenfeira da pobreza; tudo punha nas fuas maons, attendendo primeiro ás neceffidades da Cafa. Naõ as houve nella de trigo, em quanto teve a occupaçaõ do Celeiro,

leiro, antes se fez reparo, e vio com admiraçaõ, que tendo as mesmas rendas, e tratando-se a Communidade com largueza, assim sobrava, que se vendia. Já muy entrada em annos, (que contava noventa) lhe tomou parte do rosto hum sinal vermelho, que engrossando, e escurecendo-se com deformidade, mostrou a fórma de hum bicho, apertando-a com tanta violencia, que lhe ameaçou a vida, entendendo-se, que morreria suffocada. Era igual a paciencia, mas mayor o desvelo de aparelhar-se para o ultimo golpe della, que naõ tardou muito com huma morte taõ ditosa, que o mesmo Ceo a deu a conhecer a toda a Villa, porque estando a doente para espirar, se vio sobre o telhado da Enfermaria huma luz em fórma de labareda, e imaginando da Villa, que seria fogo, correraõ ao Mosteiro a tempo, que espirando a doente, se apagou a luz.

De mais Religiosas podera haver similhantes noticias, mas saõ as desta Casa taõ escrupulosas em referillas sem exacta prova do succedido, que nem nos podemos queixar de se nos apoucar o assumpto. Naõ o perderemos, (se Deos nos der vida) alargando-se o tempo, porque até o presente he a Casa reformada, e digna de se esperarem della iguaes empregos para nova escritura, e continuados creditos para esta Provincia.

CAPITULO XIX.

Da Madre Sor Maria das Chagas, filha do Mosteiro de Nossa Senhora da Annunciada de Lisboa.

FOy esta Casa da Annunciada aquella copia taõ viva da primeira observancia Dominicana, que se naõ contentou com as imitaçoens, e similhanças da Casa de Jesus de Aveiro, (de donde para ella vieraõ as primeiras mestras de espirito, como da mais celebre classe delle, que reconhecia aquella idade) mas a voto de bom juizo, parece que competia com a primeira aspereza das observantes de S. Xisto em Roma, jardim cultivado com o desvelo de Nosso Santo Patriarcha. A tanto chegou a reputaçaõ desta Casa nos seus principios, e assim o foy conservando até estes nossos tempos, como se desconhecera a injuria delles na continuaçaõ da refórma, e nos gloriosos effeitos della. Começamas a vello em huma de suas filhas, e desculpese-me huma pequena digressaõ, a que me dá motivo, e a que o affecto nacional me leva gostoso, e desculpado.

Mosteiro da Annunciada de Lisboa.

Que se povoe o Ceo de espiritos, tirados das Thebaidas, das Palestinas, dos desertos, e das brenhas, hospedarias dos peregrinos da terra, que a vaõ pizando até chegarem á Cidade permanente, (que aqui naõ tinhaõ, nem acharaõ) em que descançaõ como Patria sua domesticos de Deos por todas as eternidades, naõ he muito, porque as Palestinas, e as The-

baidas ſaõ as claſſes, em que ſe enſina a pizar aquella eſtrada, e as hoſtiarias, em que ſe toma o ſuſtento para continuar o trabalho della. Mas que nas Cortes, nos Palacios, nos Templos da ſoberania, e mageſtade humana, ſe crie hum eſpirito deſapegado do ſeu centro, deſcontente das meiguices da fortuna, e negaças da vida, deixando tudo atraz para buſcar as pizadas dos que pobres, e amortalhados correm com ancia a abraçar os deſcommodos da vida, e os rigores da penitencia, bem parece particular diſpoſiçaõ da Providencia de Deos, que com eſtes exemplos, tantas vezes repetidos nos Palacios Portuguezes, quer que os reconheçamos ſeminarios da virtude, de donde coſtuma tirar já induſtriados os ſeus mimoſos. Entendello-ha melhor quem tiver noticias das ſuas Chronicas; agora continuemos eſſa experiencia na vida de Dona Maria de Vilhena, Sor Maria das Chagas deſpois de recolhida a eſta Caſa.

Sor Maria das Chagas.

Foy Dona Maria filha de Fernando da Sylva, e de Dona Brites de Vilhena, Fidalgos taõ conhecidos, como virtuoſos, que governando eſta Coroa El-Rey Dom Sebaſtiaõ, (com quem Sebaſtiaõ da Sylva, irmaõ de Dona Maria, morreo em Africa) viviaõ na Corte de Lisboa. Morta ſua mãy Dona Brites, reſolveo ſeu pay, e parentes, que Dona Maria ſe recolheſſe no Paço por Dama da Infante Dona Maria, como da Rainha Dona Catharina o fora ſua mãy. Achou bom agrado na Infante; boa aceitaçaõ no Paço, lugar, que tambem lhe grangearaõ as prendas de fermoſura, diſcriçaõ, e modeſtia, qualidades juntas, que podendo-a jurar Feniz humana, a deixavaõ ſegura de toda a competencia. Mas naõ baſtava o applauſo commum, e aquella vaidade nativa dos idolos da fidalguia, e da belleza, para que Dona Maria ſe eſqueceſſe das experiencias, em que cada dia examinava que naõ paſſavaõ todas de humas eſtatuas de barro, a que a pedra da ſepultura desfazia em cinza.

Aſſim ſe entrava continuamente de hum maduro conhecimento da improporçaõ, que tinha aquella vida com tantas larguezas, andando-lhe os inſtantes da morte contando as pizazas, ſem que podeſſe a mais advertida cautela prevenir a ultima. Bem alcançava Dona Maria com hum entendimento claro que eraõ golpes, com que o Ceo deſpertava o ſeu deſcuido, e com hum genio docil correſpondia com bons propoſitos, mas logo enfraqueciaõ eſtes com leves embaraços. Succedeo neſte tempo ir ao Paço, chamado a huma importancia de eſpirito, o Padre Frey Thomé de Jeſus, Eremita de Santo Agoſtinho, peſſoa de boa reputaçaõ em virtude, e letras (conceito, que confirmou, falecendo em as maſmorras de Barbaria com hum raro exemplo de paciencia, deixando eſcrito aquelle livro, que ſe intitula Trabalhos de Jeſus). O conhecimento, que deſte Religioſo ſe eſpalhava por toda a Corte, convidou agora a Dona Maria, para que o buſcaſſe, praticando com elle as vehemencias, e frouxidoens do ſeu propoſito; ſahindo (do que lhe ouvio) abra-

zada

zada em desejos de executallo. Propoz logo recolher-se em o Mosteiro da Madre de Deos, adonde sobre a chamar a refórma daquella Casa, se lhe facilitava a entrada nella, pelas repetidas vezes, que a Infante a fazia.

Assim o determinou em seu coraçaõ, sem dar parte a pessoa alguma; e chegada a occasiaõ de entrar com a Infante naquelle Mosteiro, nelle se lhe deu huma carta de Frey Thomé, em que a advertia, que naõ ficasse naquella Casa, porque era Deos servido que fosse em outra. Suspendeo-se, e admirou-se com a advertencia, medindo bem, que sem revelaçaõ naõ podia ser sabido, o que naõ teve mais testemunhas, que seu mesmo pensamento. Voltou para o Paço, donde por mais que se valia de seu entendimento para a cautela daquella ancia de melhor vida, se lhe começou a divisar logo grande differença em tudo. A modestia no vestido, a frequencia no Oratorio, o retiro das praticas, e a esquivança com as estimaçoens palacianas. Chegou em fim á noticia de seu pay, que naõ tendo em quem descançar as esperanças de sua Casa, levou muito a mal o esquecer-se a filha dos interesses della, e pedio á Infante, que a nenhum Mosteiro a levasse comsigo. Mas Dona Maria taõ advertida, como resoluta, tinha já escrito ao da Annunciada, dando noticia de seus intentos, e embaraços á Madre Sor Margarida de S. Paulo, Religiosa de sua amizade, e confiança, para que tivesse alcançado licença del-Rey (circunstancia precisa para se aceitar qualquer Religiosa nesta Casa) em que ella resolutamente buscava sepultura. Ao mesmo tempo (porque esse era o impedimento mais forçoso) propoz á Infante com discreta persuasiva aquella importancia de sua alma, que antes devia favorecer, que embaraçar, pois era negocio posto nas maons de Deos, a quê naõ chegavaõ nem os braços dos Principes. Era a Infante de coraçaõ Catholico, e pio; prometteo-lhe antes destruir, que patrocinar-lhe o minimo estorvo, e porque a dilaçaõ naõ fomentasse algum, resolveo (que até aqui se estendeo a supplica de Dona Maria) entrar logo com ella nesta Casa da Annunciada, o que fez em dia de Nossa Senhora de Setembro, pelos annos de 1577., e no mesmo dia de tarde tomou Dona Maria o habito, com grande alvoroço de seu espirito, confusaõ, e inveja do Paço, gloria, e edificaçaõ do Mosteiro.

A' mudança da vida se seguio tambem a do nome; chamou-se Sor Maria das Chagas, mas taõ pouco estranha na mudança da vida, que antes parecia, que naõ fora até alli a sua mais, que hum ensayo para acertar a que buscara. Assim a achavaõ prompta para a assistencia do Coro, para o serviço das officinas de mais trabalho, naõ lhe podendo fazer mayor mimo, que occuparem-na donde elle fosse mais penoso, e com hum semblante taõ alegre, como se se vira agora senhora do Mundo. Era centro de seu espirito a oraçaõ, e reconhecia o favor da Mestra de Noviças em lhe deixar mais horas livres

para aquelle exercicio. Naõ ſó pontual, mas deſvelada para o das Matinas da meya noite. Profeſſa, naõ ſe aproveitou de mais alguma liberdade mais, que para tomar ainda mais tempo para a oraçaõ, ſeu quotidiano paſto. Para a vocal tomava determinado tempo, porque devotiſſima de N. Senhora, ajuntava todos os dias ao ſeu Roſario o ſeu Officio Menor, e muitas commemoraçoens de Santos; aſſim vinha a ſer ſempre o ſeu commercio com Deos. Parca no fallar, naõ permittia, que nem levemente ſe offendeſſe o proximo; defendia-o induſtrioſa, ainda quando a razaõ o culpava, dizendo, que naõ havia nenhuma para negar deſculpas, quando mandava Deos, que a todos ſe deſſem os perdoens.

Amante da pobreza, ſe lhe diviſava no trato da peſſoa, e na deſnudez da cella. Penitente, ſe cortava com diſciplinas amiudadas, e ſe cingia com cilicios de ferro, e com tanta eſtreiteza, que abrindo-ſelhe chagas pela cintura, ſe veyo a ſaber pela cura, que fiou de huma Religioſa, com bem magoa da ſua cautela, que ſem duvida nos ſepultou mayores empregos de ſua penitencia. Sobre os jejuns das Conſtituiçoens accreſcentava muitos, e muy eſtreitos. Chegou-a a pôr o ſeu zelo no lugar de Prelada, que encheo com igual deſvelo, que inteireza, e com hum animo taõ dilatado, que acabou a Igreja (que ficara imperfeita por morte de ſua anteceſſora) com grande diſpendio, ſem perdoar a diligencia, e induſtria, para ajuntallo. Da ſua tença lavrou huma Capella a S. Jacintho, agradecida ao favor de a livrar de huma queixa, a que naõ valeo medicina, por mais que ſe empenharaõ os profeſſores della. Fallando deſta Caſa na terceira Parte da Chronica, conta o ſucceſſo o Padre Frey Luiz de Souſa.

Já carregada de annos, começou a padecer a penſaõ delles nos achaques; foy o primeiro taõ rigoroſo, que lhe tirou a viſta, a que ſe ſeguio dores, que lhe naõ permittiaõ o menor deſcanço, mas taõ conforme com tudo o ſeu ſofrimento, que ſó o preceito da Prelada a fez conſentir em algum remedio. Nenhum foy de proveito: com que lhe veyo a durar com a vida o martyrio. Naõ era outro o alivio delle mais, que retirar-ſe ao Coro, donde gaſtava o dia inteiro, e grande parte da noite. Proſtraraõ-na de todo os achaques, chegou o ultimo effeito delles na morte, pedio os Sacramentos ancioſa, e recebeo-os com moſtras de verdadeira contrita. Tinha ſido em vida muy perſeguida de eſcrupulos, eſperava aquella noite a ultima hora, offereceo-lhe o Confeſſor, que ficaria perto do Moſteiro para ſe reconciliar ſendo neceſſario, reſpondeo: *Que já o naõ era, porque Deos lhe acodiria.* Aſſim parece, que foy ſervido de a aliviar daquelle tormento. O meſmo lhe fez ao das duas dores, porque aggravando-ſelhe de ſorte, que a naõ deixavaõ parar hum inſtante, e pedindo-lhe ella que, ſe foſſe ſua vontade, lhas temperaſſe, porque queria em ſeu coraçaõ fallar com elle, a deixaraõ de todo depois de tantos annos de tormento.

Assim livre de toda a afflicçaõ, gastou muitas horas em huma estranha suspensaõ, e silencio, e abrindo os olhos, como se despertara de hum lethargo, pedio que lhe chamassem a Prelada, e mais Religiosas, porque era chegado o tempo de deixallas; e despedindo-se de todas, perdeo os sentidos, e como se adormecera, passou a melhor vida. Entendeo-se piedosamente assim, escutado tambem o testemunho do Padre Fr. Francisco da Costa, seu Confessor de muitos annos, dizendo, que em todos elles lhe naõ achara nunca culpa mortal, e algumas vezes nem venial; e lhe parecia, que naõ podia haver creatura mais miuda, e acautelada em sua consciencia, nem mais temerosa de offender a Deos. Houve tambem (como he tradiçaõ) pessoa de virtude, que dissera, que passara esta Madre do leito ao Ceo. Naõ faltou outra, que apontou alguns prodigios, que se seguiraõ á sua morte, mas com huma noticia taõ confusa, que nos naõ dá mais lugar, que a esta. Faleceo a Madre Sor Maria em 24. de Dezembro de 1630. contava de idade setenta e trez.

CAPITULO XX.

Das Madres Sor Maria de Jesus, e trez irmãas Sor Brites do Sacramento, Sor Anna de Jesus, e Sor Catharina do Espirito Santo, do mesmo Mosteiro da Annunciada.

Sor Maria de Jesus, NAõ suspirava menos por se ver no ditoso talamo do Esposo a Madre Sor Maria de Jesus, que despois da Madre Sor Maria das Chagas, veyo buscar a mesma ventura nesta Casa; mas parece, que quiz o Ceo, que a desejos comprasse o lugar nella, porque assim se lhe retardou este gosto, que o veyo a conseguir já em idade crescida, mas com tantos seguros de que a tinhaõ violentado os embaraços, que entrando na Portaria, levantou os olhos a hum Christo crucificado, e disse com voz chea de alvoroço, que lhe naõ cabia no peito: *Graças vos dou, Senhor, que já me vejo no que tanto desejava!* Quem assim deu a entender, que entrava no centro, já se entende, que continuaria com gosto; assim fazia tudo com acerto, servindo, e edificando todo o Mosteiro. Na guarda das Constituiçoens escrupulosa, estreita, e miuda; naõ só nas sogeiçõens de Noviça, mas despois em mayores liberdades de professa. Desejosa de sustentar, e recrear a miude sua alma com o pasto dos Anjos da Eucharistia, sofria contrariedades das Preladas, e de algumas Religiosas, que attribuiaõ a hypocrezia aquellas frequencias; naõ era sua paciencia inferior áquelle desejo, accommodava-se muitas vezes com elle embaraçado, por evitar reparos no Mosteiro.

De noite se desvelava para as Matinas, para a oraçaõ nas madrugadas, inventando despertadores para o sono, que a perseguia, pelo pouco tempo, que lhe dava. Mas o inimigo, vendo que o empregava na oraçaõ, naõ havia industria, ou artificio, que lhe naõ desmanchasse para a deixar adormecer, o que ella sentia, vingando-se delle com nomes de desprezo,

que ſe lhe ouviaõ repetir muitas vezes na cella, como ſe o ſeu enfado o tivera á viſta. Ajuntava a eſte deſvelo grandes, e continuas penitencias de cilicios, e diſciplinas, que o demonio lhe naõ podia embaraçar, vingando-ſe em a perſeguir. Aſſim a divertia, e aſſuſtava, apparecendo-lhe em fórmas horriveis, o que lhe ſuccedeo certa noite, eſtando no Coro em Matinas, porque levantando os olhos para a caſa do Orgaõ, que lhe ficava fronteira, vio na porta della, e que a tomava toda, hum medonho Dragaõ com repreſentaçoens de ira, e fereza, os olhos duas vivas labaredas, erguidas no ar as garras, e a cauda ondeada, e longa, como que ſe queria lançar a fazer preza. Entendeo Sor Maria a viſagem diabolica, e ſem ſuſto poz os olhos no chaõ, e foy rezando. Daqui lhe ficou o naõ erguer mais olhos em eſtando no Coro.

Chamava-a a contemplaçaõ a lugares ſolitarios, razaõ porque eſtimou muito o officio, que teve de Cerqueira. Entrava na Cerca, e eſpalhava os olhos com goſto por aquelle Ceo deſcuberto, e dizia com ſingeleza, que em huma occaſiaõ vira nelle huma claridade mais viva, que a do Sol, e que lhe parecera, que raſgando-ſe, moſtrava hum abyſmo de luz, que lhe ferio nos olhos. Paſſava outro dia por huma das ruas da meſma Cerca, e ſuſpendeo-ſe ao ver huma flor taõ fermoſa, e nunca viſta, que convidada da novidade, e da delicia, quiz lançar maõ della, mas mortificando-ſe, paſſou adiante, e ao voltar a naõ achou, nem ſinal de que alli eſtivera, naõ ſendo a detença muita, e eſtando a Cerca fechada. Entendeo logo, como lhe dava o Ceo a entender quanto valia a mortificaçaõ, e que ſem duvida para merecer com ella, lhe pozera aquella flor á viſta.

Pobre voluntaria (porque ſuppoſta a licença dos Prelados, podia ter o uſo da muita abundancia, que havia em ſua caſa) ſe lhe via no habito, e na cella, que nunca lhe eſquecera, que eſta era ſepultura, e aquella mortalha. Singeleza de coraçaõ, em nada achava malicia; com grande ternura delle, que a fazia romper em lagrimas, ouvia fallar na Paixaõ de Chriſto. Com a meſma aſſiſtia ao Menino na repreſentaçaõ do Preſepio, fazendo-lhe algumas jaculatorias taõ pias, e taõ bem diſcurſadas, que bem ſe entendia, que a ſua ſingeleza era dote da alma ſem miſtura de ignorancia.

Contava perto de oitenta annos quando hum achaque a poz ás portas da morte; pedia os Sacramentos com grande reſignaçaõ, e conformidade, admiradas as Religioſas, que toda a ſua vida a viraõ tremer daquella hora, e com igual reparo de a verem ſem o minimo eſcrupulo, ſendo eſtes o ſeu continuo tormento. Na noite que eſpirou, aſſiſtiaõ-lhe já as Religioſas em vigias, e contavaõ duas horas, quando ferio a porta da cella hum grande golpe, como de tiro, que deixou a todas com ſobreſalto, e medo, menos a moribunda, que voltando á porta o roſto, diſſe com voz de motejo! *Ha caõ! e como te conheço!* Entendendo bem,

bem, que era o demonio; nem a taes horas, a tal ſitio, e com tal violencia podia chegar outro braço. Conheceo-ſe melhor o tiro ao outro dia, achando-ſe huma pequena pelota de ferro defronte da porta.

Perguntou logo a enferma em que dia eſtava, e reſpondendo-lhe, que era o de Santa Catharina de Sena, diſſe com alvoroçado ſemblante: *E como entraremos hoje ambas fermoſas, e ayroſas polo Ceo! Ella me levará como minha madrinha.* Era Sor Maria devotiſſima deſta Santa. Apreſſou-lhe o goſto a jornada, e eſpirou com tanto ſocego, como ſe tivera o ſeguro de que fazia a que diſſera. Contavaõ-ſe 30. de Mayo de 1676.

Sor Catharina do Eſpirito Santo.

Com mais antiguidade no dia de ſeu falecimento (que he a que ſeguimos neſtes eſcritos) conhecemos a Madre Sor Catharina do Eſpirito Santo; mas precedeo á Madre Sor Maria de Jeſus, para ficar livre o lugar ás trez irmãas dignas delle. Foraõ ellas Flamengas de naçaõ, tomaraõ o habito, e profeſſaraõ juntas, foraõ igualmente reformadas, e acabaraõ taõ ſantamente, como diraõ eſtas memorias. Foy a primeira a Madre Sor Catharina, e foy eſta Madre huma eſtampa viva de huma verdadeira Religioſa. Correraõ nella parelhas a virtude, e a capacidade, conſeguindo o ſaber repartir ſeu eſpirito nos empregos de Martha, e Maria, parecendo ſempre, que em cada hum delles eſtava toda. Obſervantiſſima nas Conſtituiçoens, adiantava-ſe no exercicio, e eſtreiteza de mais jejuns, continuas diſciplinas, aſperos cilicios. Antes parecia morta, que mortificada, porque o habito (que nunca veſtio novo) era mortalha, eſtreita, rota, e deſvalida, a compoſtura huma imagem da modeſtia; parecia, que o Eſcapulario antes lhe prendia as maons, que lhas diſſimulava; os olhos taõ recolhidos em ſi meſmos, que ſó a ancia da morte, que lhos abrio, acabou de dar a conhecer a cor, que tiveraõ. Teſtemunha-o quem a vio, e tratou. Silencio continuo, mais eſtreito em toda a Semana Santa, em que ſe lhe naõ ouvia palavra.

A caridade para aſſiſtir ás doentes, lhe tirava o ſono; para acodir aos pobres, o ſuſtento. O mayor aceyo do culto Divino a fazia trabalhar engenhoſa, empregando nelle toda a grangearia; luzia ella nos Altares da Igreja, e nas alfayas da Sacriſtia. Eſtes eraõ os empregos do tempo, que lhe ſobejava do Coro, em que naõ faltava dia, e noite, por mais que a diſpenſaſſe o embaraço de qualquer officio. A noite, e dia da Encarnaçaõ paſſava nelle orando, e proſtrada em ſe vendo ſem companhia. Tal a devoçaõ, que tinha com eſte ſoberano myſterio! Era igual a do Naſcimento, e Reſurreiçaõ. Naõ ſe celebrava até aquelle tempo o triunfo della neſta Caſa com ſolemnidade publica; inventou-a ella (alcançada licença dos Prelados) com Sermaõ, e Prociſſaõ feſtiva; diſpendio, que fez toda ſua vida, e ficou a ſuas irmãas em herança. Dura até hoje na devoçaõ de alguma Religioſa.

Abrazava-ſe em zelo da honra de Deos, e obſervancia regular, reprehendendo com intei-

teireza qualquer quebra della, mas com huma tal doçura nas palavras, que baſtavaõ a reformar, e compungir. Faleceo de achaque rigoroſo, conquiſtando a coroa do ſofrimento, porque até os gemidos, que ſahiaõ natural deſafogo, eraõ proteſtos da conformidade de ſeu eſpirito. Na ultima reſpiraçaõ delle abrindo os olhos, e percebendo-ſelhe hum ſubrizo nos beiços, diſſe, apontando para parte determinada da cella: *Affaſtem-ſe; naõ vem?* Suſpendeo-ſe logo, e eſpirou com ſocego, entendendo as Religioſas piedoſamente, que ſeria a Rainha dos Anjos, de que Sor Catharina era ſingular devota na repetiçaõ de ſeu Roſario, contemplaçaõ de ſeus myſterios; exercicio, a que ſe naõ ſeguem menos lucros.

Trabalharaõ por conſeguir os meſmos, que a boa irmãa, às outras duas, a Madre Sor Anna de Jeſus, e a Madre Sor Brites do Sacramento. No rigor, e auſteridade de vida ſeguio a Madre Sor Anna a Madre Sor Catharina, porque achando-ſe com muitas forças, carregava a maõ nas penitencias. Ardia em zelo da refórma, e reprehendia com tanta aſpereza, que muitas vezes entrada de eſcrupulo, ſe proſtrava, e pedia perdaõ a quem tinha reprehendido. Era inſeparavel companheira de ſua irmãa Sor Catharina nas aſſiſtencias do Coro, deſvelo da oraçaõ, exercicios devotos, e quotidianos. Ficou por ſua morte com o cuidado, e diſpendio para o triunfo da Reſurreiçaõ, e parece, que ſe pagou o Senhor deſte cuidado, porque em hum dia de Paſchoa paſſou deſta vida com o ditoſo reparo de ſe lhe contar o dia de morrer no de reſuſcitar.

Pagou ultima das trez irmãas eſte tributo, a Madre Sor Brites do Sacramento, a que os achaques prenderaõ deſpois de alguns annos os paſſos, para naõ acompanhar as duas irmãas na aſpereza da obſervancia; mas igual no eſpirito, parece, que ſe adiantava a todas na contemplaçaõ. O Coro era o ſeu centro, as lagrimas as vozes, com que nelle fallava a Deos. Enternecia-ſe á viſta das Imagens, eſcutando a Paixaõ do Senhor, e vendo a repreſentaçaõ do ſeu Naſcimento, e ouvindo as Lendas dos Santos, de que tirava documentos. Tudo o que tocava a Deos, fazia facilmente grande impreſſaõ na ſinceridade, na pureza, na ternura de ſua conſciencia. Obediente, e humilde, entendia, que a todas devia ſogeiçaõ; prodigio deſempenhado ſó de hum eſpirito deſpido, e deſcarnado de todas as paixoens de terreno. Queriaõ ou importunalla, ou ouvilla as Noviças, e emendavaõ-na em alguma couſas, ſahindo as mais prudentes compungidas, e todas doutrinadas de verem ſua ſogeiçaõ, e eſcutarem ſuas repoſtas.

Devotiſſima do Bautiſta, (foy empenho de todas trez) lhe lavrou huma Capella, e compoz com bom ornato, feſtejando nella com grandeza, e alvoroço o dia de ſeu naſcimento. Carregada de annos, e recebidos com doçura de eſpirito os Sacramentos, faleceo em huma madrugada do dia dos Santos da Ordem, em 9. de Novembro

vembro de 1678. Poz-se logo, como he costume, o corpo no Coro, e anticipou-selhe ás exequias a celebridade do dia, como em mysterioso annuncio das em que assistiria sua alma; conjectura piedosa, e favorecida do testemunho de seus Confessores, que lhe naõ acharaõ nunca culpa mortal.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Elena da Cruz, Sor Maria da Vera Cruz, Sor Catharina da Cruz, Sor Margarida de S. Miguel, e outras Madres de reputaçaõ, e nome; e de duas irmãas Conversas do mesmo Mosteiro da Annunciada.

NAõ deixemos sem reparo a repetiçaõ de appellidos do soberano sinal da Cruz, que lemos no titulo deste Capitulo de Religiosas, que floreceraõ juntas, tomando por brazaõ, e credito o mesmo, que lhe havia de servir de martyrio, para que se naõ entendesse, que o ser cruz o estado, que abraçavaõ, as atemorizava, antes servindo de lhe auctorizar o nome, as incitava para a obrigaçaõ da vida. Seja a primeira das que fizeraõ taõ singular escolha, a Madre Sor Elena da Cruz, aparentada na Casa dos Condes da Ericeira, e criada na sua com taõ bons ensayos para a vida, que começou nesta Clausura, como se tivera frequentado as covas da Thebaida; assim era a sua cella o carcere voluntario, a que a sentenceava huma nativa aspereza comsigo mesma. Mas se o seu habito no exterior naõ desdizia de mortalha, como lhe naõ serviria de sepultura? Andava descalça, e ainda que os chapins lhe livravaõ os pés do chaõ, em estando donde se lhe naõ podessem ver, os punha nelle, naõ sendo menos martyrio o trazellos á inclemencia do tempo.

Sor Elena da Cruz.

Dava pouco ao descanço, sobre huma taboa, e duas mantas, que lhe serviaõ de leito. O mais da noite passava orando, antes, como despois de Matinas, a que assistia continua, desvelada, e gostosa. Achavaõna assim os exercicios penitentes. Muitos jejuns a paõ, e agua, disciplinas continuadas, cilicios rigorosos, e mortificaçaõ em todos os sentidos; mas a mayor, o naõ ser possivel á sua industria, e cautela esconder aos olhos de toda a Casa estes empregos da sua vida. Daqui lhe nasceo a mayor desconsolaçaõ, e martyrio della, desejando mudar-se á Recoleta do Sacramento, naõ só porque nella considerava as austeridades sem dispensaçaõ alguma, mas porque alli podia usar dellas sem parecer, que se singularizava. Com este desejo encaminhado a mais perfeiçaõ de vida, a acabou com todos os Sacramentos, e passaria a melhorar della, pagando-lhe Deos a resoluçaõ, e ancia de aspirar á mais perfeita.

Parece, que o foy a juizo humano a da Madre Sor Maria da Vera Cruz, que já em idade de mais crescida a veyo sepultar nesta Casa. Poz diante o exemplo das que achou mais reformadas nella, e sem admittir dispensaçaõ alguma, nem rigorosos achaques a faziaõ afrouxar na observancia. Mas em huma

Sor Margarida da Vera Cruz.

ma circunſtancia ſe exercitou, e ſe deu a conhecer ſua vida. Era Sor Maria Religioſa de muita capacidade, e preſtimo, mas em tudo o que fazia tinha taõ pouca fortuna, e tal deſagrado ao humano, que já era apodo a ſua deſgraça, para qualquer couſa mal ſuccedida. Aſſim ſe eſquivavaõ com ella, e a motejavaõ até as humildes da Caſa. Mas nem baſtava iſto para exaſperar ſua paciencia, menos ſua obediencia, pondo-a as Preladas em officios, que já pareciaõ eſtranhos nos ſeus annos. Em todos os que viveo, grangeou, para empregar em mayor veneraçaõ, e augmento do culto Divino, devendo-ſe o mayor ornato da Igreja ao ſeu deſvelo, e diſpendio.

Tinha tença larga, e era bem aſſiſtida de parentes, mas em ſua maõ naõ tinha nada; do depoſito paſſava tudo para os empregos, que temos dito, ſem que ſe viſſe na ſua cella mais, que o retrato da mais extrema pobreza. Entrada em annos, e proſtrada de huma doença rigoroſa, ouvio o deſengano de que morria com grande conformidade, igual o apparelho, e devoçaõ com que recebeo os Sacramentos· Durou deſpois alguns dias, e tornando em hum delles de hum parociſmo, em que a rodeou a Communidade, abrio os olhos, e diſſe: *Ainda naõ he tempo, porque eu naõ heide morrer ſe naõ ás Ave Marias.* Pareceo treſvalio, porque ella vivia, e ellas haviaõ de dar-ſe logo. Mas foy couſa digna de reparo, que divertidas as Religioſas com aquella aſſiſtencia, eſqueceo a todas o darem-ſe as Ave Marias ás ſuas horas, e deſpois das oito da noite ſe foraõ dar, e entaõ eſpirou Sor Maria, cumprindo-ſe o que diſſera.

Mais que a Madre Sor Maria, com que agora acabamos, madrugou a Madre Sor Catharina da Cruz, para buſcar eſta Clauſura, porque de mais tenros annos começou a viver nella, e com tanto deſpego de tudo o que he Mundo, e commercio humano, que o meſmo foy profeſſar, que excluir-ſe de todo, ſem ter outro mais que o Divino. Conſelho fora eſte de ſuas tias, (grandes meſtras de eſpirito) aquellas trez irmãas, de que já fallamos no Capitulo paſſado. Aſſim era a ſua vida no Coro. Pelas quatro da madrugada hia para elle, dalli ás funçoens preciſas da Communidade, voltando, o naõ deixava ſe naõ ás dez da noite. Taõ puro, e taõ candido era ſeu coraçaõ, que a naõ eſtranhariaõ no ſeu numero os Anjos, gaſtando a vida em louvores Divinos. Teve dom de lagrimas, linguas com que reſpondia ao ouvir fallar nos beneficios de Deos, eſpecialmente no de padecer para nos remir.

Sor Catharina da Cruz.

Pobre, mortificada, e penitente, foy auſtera no jejum: ſó huma vez no dia tomava o ſuſtento, ſem admittir nunca couſa, que pareceſſe regalo. Devotiſſima da Senhora, e de Noſſo Patriarcha, a nenhum deſmereceo o nome de filha; aſſim conſervou a pureza de ſua conſciencia. Viveo largos annos neſte eſtylo de vida, e chegou a ver a morte affouta, e deſembaraçada. Pedio os Sacramentos entre ardentes ſuſpiros de ver a Deos, e pedindo ás Religio-

ligiosas, que consolassem suas ancias, fallando-lhe em cousas do Ceo. Antes de espirar, disse com segurança, acompanhada de hum reverente alvoroço, que a vinhaõ buscar os Patriarchas, os Martyres, e as Virgens; e logo fallando com Deos, repetia muitas vezes: *Senhor, Senhor, lo dicho dicho.* Conjecturou-se, que com o Senhor fizera algum venturoso contrato em vida, e lho lembrava naquella hora. Propunhaõ-lhe as Religiosas algumas supplicas, para que as fizesse por ellas a Deos, vendo-se em sua presença; e ella respondia, que sim, com agrado, e segurança. Com toda nos merecimentos de Christo, passou desta vida, deixando piedosas conjecturas de conseguir a que esperava.

Sor Margarida de S. Miguel. Trabalhou por merecella a Madre Sor Margarida de S. Miguel, que discipula das grandes mestras, que achou nesta Casa, começou a pizar o estreito, e trabalhoso caminho da observancia, com tantos lucros de sua alma, como colhia nos suaves frutos de piedosas lagrimas com que acompanhava sua oraçaõ. Assim adianta Deos os premios a pequenos serviços; como melhor conhecem os mimosos de seu Divinos regalos, porque até nas lagrimas sabem descobrillos, melhorando-se ainda no que cantava, e promettia o Profeta aos que caminhando pelos desertos da penitencia, semeavaõ boas obras, cultivando-as com lagrimas, para despois virem alegres a colher os frutos dellas. Mas este he o discurso dos homens, que vem como primeiro se lança a semente á terra, despois se rega para fructificar, e despois chega o tempo da colheita, e da alegria. Porém naõ he assim na disposiçaõ do Ceo com os seus semeadores, porque ainda que no ultimo da vida se colha o fruto da eterna, já ao regar no valle de lagrimas a sementeira, se tem anticipado a doçura nos frutos da esperança. Por isso os que choraõ lagrimas penitentes, na mesma dor percebem suavidades. Ainda vaõ regando, e já parece, que vaõ colhendo.

Euntes ibant, & flebant mittentes semina sua, venientes autem venient cũ exultatione, portantes manipulos suos. Ps. 125.

Assim o experimentava Sor Margarida em tudo o que lhe podia servir de mortificaçaõ, porque esse era o caminho do merecimento. Daqui lhe nascia a inteireza com que observava as suas leys, ainda que carregada de achaques, porque levantava os olhos a mayores interesses. Foy nella rara a cautela de fallar, temendo offender até com huma palavra, como se pedira a Deos com o Profeta, que lhe puzesse huma guarda na boca. Assim era o silencio a sua mais aconselhada reposta. Eraõ já muitos os achaques, e os annos, tinhaõna preza, e entrevada huns, e outros; entendeo, que se chegava sua morte, e principiou a devoçaõ, que Nosso Patriarcha ensinara a huma sua devota, para que a tivesse boa. Rezava (despois do Rosario quotidiano) hum Terço, contemplando a cada década o mysterio, que lhe pertencia; era esta devoçaõ exercicio de hum anno; chegou a Madre Sor Margarida ao fim delle, e disse: *Ora já conclui com a devoçaõ: se Deos he servido, venha embora a morte.* Deulhe logo o mal, que a trouxe, e estando já sacramentada,

Pone Domine custodiam ori meo. Ps. 140.

tada, e confórme com o que Deos diſpunha, como era devotiſſima da Senhora do Roſario, lha trouxeraõ em hum Sabbado para a cella as Religioſas, cantando-lhe a Salve, e Hymnos, de que moſtrou grande conſolaçaõ em ſua alma. Mas acabada eſta muſica, começou a ſoar pelo Moſteiro outra mais ſuave, e peregrina. Correraõ humas Religioſas ao Coro, vinhaõ outras á cella da moribunda, alli ſe percebia com mais clareza, mas em nenhuma parte quem a entoava; ao compaſſo della paſſou Sor Margarida placidamente deſta vida, ficando com os membros taõ trataveis, e huma compoſiçaõ, e fermoſura no ſemblante, como ſe deſconhecera os effeitos da morte.

Deraõ-ſe ſempre bem as maons neſta Caſa a virtude, e a nobreza, que nas filhas de S. Domingos parece herança, porque nelle ſe acharaõ com igualdade huma, e ourra. Nem pareça impropria advertencia da nobreza nas memorias de humas mulheres amortalhadas, retiradas, e eſquecidas até dos eccos da ſoberania, e da vangloria, porque conhecendo-ſe o muito, que pizaraõ nella, venha a entender-ſe melhor o quanto ſe abateraõ fogindo-a. Convidame a eſta reflexaõ o haver de apontar as grandes meſtras de eſpirito, que teve eſte Moſteiro neſte noſſo viſinho ſeculo. Foraõ ellas a Madre Dona Margarida de Vilhena, da Caſa dos Condes de Unhaõ; a Madre Dona Guiomar Henriques de Menezes, da Caſa dos Condes da Ericeira; a Madre Dona Iſabel de Vilhena, da Caſa dos Condes de Miranda; a Madre Dona Maria de Menezes, da Coſa dos Saldanhas; a Madre Dona Maria de Albuquerque, da meſma Caſa; foraõ eſtas Religioſas muitas vezes Preladas, lugar, que encheo a ſua authoridade, e deſempenhou a ſua virtude. Zeladoras da obſervancia, e da refórma, as faziaõ correr ſem quebra, ſem mais que o exemplo, e muda reprehenſaõ de ſua vida. Carregadas de annos, e agrilhoadas de achaques, naõ afrouxavaõ na guarda das Conſtituiçoens, e continuaçaõ das Communidades, cahindo muitas vezes deſmayadas no Coro, que continuavaõ já ſem alento.

Sor Margarida de Vilhena.

Na caridade avultou mais a Madre Sor Margarida de Vilhena; deſpois de Prelada a viaõ no officio de Porteira, deſvelada naõ ſó em remediar pobres, mas em curar feridos, e doentes. Seguio-a no coraçaõ compaſſivo a Madre Dona Maria de Menezes. Tinhaõ nella mãy todas as Religioſas, experimentavaõ-no melhor as neceſſitadas. Mas o que a fazia ſingular entre todas, era hum genio ſingelo (ſendo dotada de hum entendimento agudo). De nada preſumia mal, e dava a razaõ, dizendo com graça, e agudeza: *Que todas as couſas tinhaõ dous caminhos, hum mao, outro bom; e ſe aſſim era, ſeria ruindade ſua eſcolher o peyor.* Aſſim trazia meditada ſua morte, que por ſua maõ aparelhou a ſua mortalha, advertindo a humas ſobrinhas ſuas o lugar em que a punha, porque naõ tiveſſem o trabalho de lhe fazer outra. Obrigava-a ſua humildade, e huma caridade grande a acodir a qualquer falta em que ca-

Sor Maria de Menezes.

hia alguma Religiosa, especialmente Conversa, com que a cada passo a viaõ, carregada de annos, servindo no Coro, no Refeitorio, e em tudo de trabalho, que se offerecia no Mosteiro. Na Madre Dona Angela de Albuquerque luzio com ventagens o fogo do amor Divino, e entranhavel compaixaõ dos tormentos de nosso Redemptor. Nada lhe pediraõ pelas Chagas de Christo, que em veneraçaõ sua naõ fizesse, por mais difficil que fosse. Assim viveraõ estas Religiosas para exemplo, falecendo com demonstraçoens do que com elle tinhaõ merecido. Serviraõ de grande reputaçaõ a esta Casa, e saõ, e seraõ perpetua saudade della.

Mas sirva-lhe de coroa, como tambem a este Capitulo, a memoria de duas Religiosas Conversas, taõ iguaes na observancia, e estylo penitente de vida, que em huma podia ficar tresladada a de outra, por naõ servir a repetiçaõ mais que de malquistar a escritura, receyo com que muitas vezes recorremos ao estylo conciso, entendendo, que os pleonasmos mais saõ para os Rhetoricos, que para os Historiadores. Foraõ estas duas Religiosas Sor Theresa do Sacramento, e Sor Paula da Columna. Em ambas se vio a observancia das Constituiçoens á risca, no sustento de peixe, na lãa junto á carne. Nos jejuns accrescentava Sor Theresa muitos de devoçaõ, e entre elles a Novena do Nosso Patriarcha, e meya Quaresma a paõ, e agua. Seu sustento quotidiano era (e dos mais tenues) de sobejos, que se ajuntavaõ para os pobres. A cama de huma, e outra, huma taboa, e hum cepo por cabeceira; nella tomava Sor Paula poucas horas de descanço; ás duas se hia pôr em oraçaõ no Coro, Sor Theresa á huma, ficando no mesmo exercicio até Prima. Em ambas eraõ continuos os cilicios, as disciplinas amiudadas, e rigorosas; accrescentava Sor Theresa huma Cruz de bicos sobre o peito.

Sor Theresa do Sacramento, e Sor Paula da Columna.

Humildes, e obedientes, promptas nas suas obrigaçoens, desveladas com as enfermas, eraõ toda a estimaçaõ das Religiosas. Cahio Sor Theresa de huma febre aguda, que lhe ameaçou a vida, achando-a taõ desembaraçada do amor della, que dava a Deos graças, porque assim o dispunha. Recebidos os Sacramentos, esperava o ultimo instante, quando parece, que o demonio lhe offereceo, e propoz alguma culpa antiga; inferio-se assim da reposta, porque se lhe ouvio dizer com esperteza: *Assim he; mas já o tenho confessado.* Pedio, que lhe lessem huma oraçaõ de S. Gregorio Papa, de que era devotissima, e ouvindo-a com demonstraçoens de compunçaõ, e suavidade de espirito, passou desta vida com admiravel socego.

Naõ o achava nella Sor Paula, assim vendo-se carregada de annos, suspirava passar á verdadeira, a adorar o Senhor, de quem a esperava. Entre estas ancias a viaõ muitas vezes banhada em lagrimas saudosas. Assim chegou a confessar a huma companheira de confiança, achando-se prostrada de huma mortal doença, que o que mais a affligia, naõ eraõ as dores, senaõ aquellas saudades; como se

fe fentira com David os vagares do tempo, que fendo breve para a vida, era prolongado para o defterro. Obrigou-fe o Ceo daquelle defejo, e apreffou-lhe a morte, e ella como fe tivera conhecimento da ultima hora, pedia ás Religiofas, que fe naõ defvelaffem com a fua affiftencia, que ella as chamaria. Chamou-as defpois, e fabendo, que horas eraõ, pedio a véla, e a Imagem de hum Crucifixo, e em anciofos colloquios, em que já cançada a voz, fallavaõ fó os latidos do coraçaõ, lhe entregou o efpirito em hum eftreito, e venturofo abraço.

Heu mihi quia incolatus meus prolongatus eft. Pf. 110.

CAPITULO XXII.

De Sor Ifabel dos Anjos, e Sor Fauftina das Chagas, Converfas da mefma Cafa da Annunciada.

BEm afortunada Cafa, adonde as Religiofas Converfas defempenhaõ efte nome com a vida, fendo tal fua converfaõ, que com ella naõ fó fervem a todas de exemplo, mas á mefma Cafa de credito. Defte numero foy Sor Ifabel dos Anjos, que lembrada naõ menos do nome de Ifabel, fe confagrou ao grande Bautifta, defde que entrou nefta Cafa, como quem o bufcava para exemplar da pureza, e penitencia. Vio-fe o que lhe importou a devoçaõ na refórma de fua vida. Regulada efta pelas leys da Religiaõ, ainda fe adiantava a mayor afpereza. Veftia lãa junto á carne; naõ a admittio por fuftento em toda fua vida. Peixe raras vezes; hervas, legumes, ou coufa tenue era o feu prato, affim o feu jejum eftreito. Oraçaõ muito amiudada, fempre proftrada por terra. No trato exterior de fua peffoa, e no de fua cella, pobriffima, e reformada. O habito, mortalha gaftada, e velha. Na cella huma Cruz de pinho, e hum banco. A cama huma taboa por colchaõ, huma trave por cabeceira, e a cuberta de huma manta. Naõ lhe valiaõ os privilegios de achacada, para afrouxar nos exercicios da penitencia. Com elles fe difpunha para chegar á Mefa dos Anjos. Viafe-lhe o fervor com que fe aparelhava; e chegava a ella com a compunçaõ com que della fahia. Bem alcançava, que toda a riqueza de huma alma eftava naquelle penhor da gloria. Parece, que lhe accendeo efta devoçaõ hum cafo, em que fe entende lha fomentava o Ceo.

Sor Ifabel dos Anjos.

Grangeava Sor Ifabel por fua induftria com que feftejar as Imagens, de que era devota, como lhe fuccedia com o feu Bautifta, a que todos os annos fazia a fefta. Achava-fe huma vez com algum dinheiro, e com o cuidado de faber empregallo. Recorria nas perplexidades, ou apertos em que fe via a huma Senhora, a que fervia, com fingular affecto. Vai-fe ao feu Altar, proftra-fe diante da Imagem fagrada, e adormece, propondo, e repetindo a fua duvida. Eis-que ouve em fonhos huma voz, que lhe dizia: *Meu filho efpera a fua fefta, e tu naõ lhe dás efmola, para que fe lhe faça?* Andava nefte tempo afflicta a Prioreza, porque fe achava perto da celebridade do Corpo de Deos, e via-

fe

ſe ſem Juiz, nem poſſes para lha fazer. Acorda Sor Iſabel alvoroçada, leva o dinheiro á Prioreza, que foy tanto, que baſtou para o gaſto, ficando Sor Iſabel lembrada, e agradecida de que o Senhor a fizeſſe ſua depoſitaria. Correo por ſua conta dalli em diante o gaſto das Hoſtias, que muitos tempos fez por ſuas maons, edificando-ſe quem alguma vez a vio ir para eſta occupaçaõ.

Hiaõ pelas trez horas de madrugada, ella, e outra companheira (era eſta Sor Fauſtina, de que tambem temos aſſumpto para eſta eſcritura) ambas deſcalças com a decencia, e aceyo poſſivel, e convidando alguma Religioſa do Coro, que conheciaõ mais devota deſte myſterio, entravaõ em Caſa deputada para eſte ſuave trabalho, e começavaõ a fazer as Hoſtias, ou obreas, eſtando ſempre de joelhos, e eſcutando os Hymnos do Sacramento, que entoava a Religioſa, que fazia companhia. Na verdade grande, ainda que muda, reprehenſaõ para envergonhar, e confundir o pouco reſpeito, e decencia com que ſe trataõ, e apuraõ as alfayas, que em algumas Caſas de Deos tem ſerventia para aquella Meſa immaculada, como tambem a pouca attençaõ, e reverencia com que alguns por eſſes Templos a vem poſta, e já que ſe naõ aproveitem della, nem ſe quer ſe ſuſpendem para adoralla!

Attendia a Prelada ás poucas forças de Sor Iſabel, e aſſim a occupava em trabalho mais ligeiro. Tinha agora a ſeu cargo a limpeza do Clauſtro, e cultura do jardim. Deteve-ſe huma tarde na cella (antes de deſcer a ella) com a quotidiana liçaõ de livros devotos, e foy o daquelle dia o da vida de Santa Catharina de Sena, de que era devota; chegara a ler aquelle favor grande, que o Senhor fizera a ſua Eſpoſa, dando-lhe hum precioſo anel para prenda, ſegurança, e laço daquelle ſoberano deſpoſorio. Com eſta repreſentaçaõ viva em ſua alma, ſe inflammou Sor Iſabel em huns vehementes deſejos de ſer digna de ſimilhante prenda, mas confundindo-ſe com reconhecer em ſi todas as improporçoens para ella. Com eſte deſejo, e deſengano deſceo ao jardim, e começando a mover a terra com hum ſachinho, eisque entre ella diviſa hum anel ao parecer de tambaca. Lança maõ delle aſſuſtada, e confuſa, (pelo que naquelle inſtante imaginava, e lhe ſuccedia) e vê, que ſe fechava o circulo do anel com duas maons enlaçadas. Guardou-o como myſterioſo, mas duvidando do que lhe dava a entender o ſucceſſo. Iſto foy o que ſe alcançou delle; ſaberia mais circunſtancias o Meſtre Inquiſidor Frey Pedro de Magalhaens, que como ſeu Conſeſſor, tinha toda a noticia de ſua conſciencia, e ficou em ſua maõ o anel, porque na occaſiaõ, em que entrou neſta Caſa a darlhe o Viatico, lho tirou do dedo. Naõ deixava de conhecer a precioſidade da peſſa quem ſe contentava com ella por herança.

Pagava o Ceo a Sor Iſabel eſtes, e outros ſantos deſejos (que valiaõ muito para elle acompanhados, e favorecidos do penitente, e do puro de ſua vida,

da, e ſua conſciencia) com o favor de algumas viſoens, em que ſó foy teſtemunha a ſinceridade, e ſingeleza com que ella as repetia, e a grande opiniaõ, que ſe tinha grangeado neſta Caſa. Muito antes de vir para ella, ſe ſoube de alguma, de que teſtemunhou a experiencia. Nós naõ authenticamos, eſcrevemos ſem nos alargar a mais, que á advertencia de que a tradiçaõ foy de Religioſas fidedignas, e da meſma Caſa, e muitas, que conheceraõ, e trataraõ a Sor Iſabel; mas paſſemos ao primeiro ſucceſſo.

Laſtimava-ſe a mãy de Sor Iſabel com a falta de noticias de ſeu marido, que havia tempo ſe tinha embarcado, quando hum dia, eſtando Iſabel á janella (era ainda de idade tenra) eis-que de improviſo levanta a voz, e começa a repetir aſſuſtada: *Ay! que meu pay cahio no mar, morreo?* Levanta-ſe a mãy affligida, e caſtiga a menina indignada, naõ lhe tardando o deſengano do que acertara a filha, porque ſoube como com aquelle genero de morte no meſmo dia, e hora ficara viuva. Similhantes caſos ſuccederiaõ a Sor Iſabel, até a idade de recolherſe; naõ ſe alcançou eſſa noticia; daremos alguma do que ainda hoje ha teſtemunhas neſta Caſa.

Adormecera em huma occaſiaõ Sor Iſabel ao pé do Altar da ſua Senhora; acorda aſſuſtada, dizendo ás que lhe perguntavaõ o que tinha, que ſe chegava ſua morte, porque a ſua Senhora lhe diſſera: *Que ſe apparelhaſſe, porque em huma Paſchoa faleceria.* Inſtava a do Natal; diſpoz-ſe entendendo, que ſeria eſta. Naõ o foy agora, mas dahi a alguns annos outra.

Proſtrada no Coro em oraçaõ a tempo, que as Religioſas rezavaõ nelle, vio algumas (que eraõ já falecidas) que entre as vivas eſtavaõ pagando leviſſimas culpas. Deſpois o diſſe, entendendo-ſe, que ſeriaõ defeitos na aſſiſtencia do Coro, e Officio Divino. Mas accreſcentava, que ſendo leves as culpas, naõ o eraõ aſſim as penas. Orava outra vez, quando vio, que diſcorria pelo Coro hum carrancudo, e feyo bugio, que naõ duvidou ſer o demonio; era em Matinas pela meya noite, e andava como tentando as Religioſas, ſeria ſem duvida com a frouxidaõ, e o ſono; porque a huma, que Sor Iſabel vio dormindo, diſſe ao outro dia: que era certo, que naõ dormiria a noite antecedente tanto no Coro, ſe vira nelle o que ella tinha viſto.

Recolhia-ſe huma noite já tarde do Coro para a cella, quando vio, que paſſando de hum Dormitorio a outro, hia o Senhor Jeſus com hum pezado madeiro ſobre os hombros, e ſe recolhia na cella de huma Religioſa Converſa. Era em tempo em que eſta menos merecia aquella viſita, pelo que ſe deſcuidava das obrigaçoens de Religioſa. Contou-lhe Sor Iſabel o que vira, e conheceo-ſe o effeito na emenda. Cançada em fim de annos, e trabalhos, e arrebatada de huma violenta apoplexia, paſſou deſta vida, recebidos os Sacramentos, como em premio della, em huma Paſchoa da Reſurreiçaõ, como lhe advertira a ſua Senhora, em 19 de Abril de 1661.

Mas ſiga neſta eſcritura (como

mo o fez na vida) a Sor Isabel, Sor Faustina das Chagas sua companheira, e taõ grande sua imitadora, que já na primeira deixamos rascunhada a segunda. Fez nella a sympatia da virtude huma inseparavel amisade, que sem duvida valeo muito a Sor Faustina pelos annos adiante; porque tomando o habito nesta Casa, passou os primeiros de sua vida, com menos attençaõ á refórma della. Porém o piedoso genio, de que o Ceo a dotara, parece que a dispoz para os avisos, com que se reduzio a verdadeira Religiosa. Apontaremos hum delles. Passava em huma madrugada a parte desviada do Mosteiro, que ficava no cerco delle, quando a assustou huma claridade grande, que vio logo procedia de fogo, e entre elle a huma Religiosa. (que havia pouco falecera na Casa) Entendeo-se, que lhe pedio algum soccorro de oraçoens; e servio á Sor Faustina de mayor assombro ouvir, que ainda o necessitava huma Religiosa, que no voto de todas fora de inculpavel vida.

Sor Faustina das Chagas.

Trocou-se desde aquelle instante a sua, e sem duvida, se deveo a mudança ao successo, que ella fiara de huma amiga, por quem despois se divulgou na Casa; escolheo logo por cama huma taboa, e com huma manta, e huma pedra por cabeceira, dava poucas horas de descanço ao corpo, attenuado de rigorosos jejuns. Eraõ elles taõ estreitos, que huma unica vez, que comia no dia, naõ era carne, ou peixe, mas quasi sempre hum pouco de paõ, do que se amassava para os pobres, ou que ella amassava com cinza, ajuntando-lhe o conduto de alguma laranja azeda, ou humas folhas de louro. As disciplinas eraõ rigorosissimas, sem haver parte do corpo, a que naõ chegassem os golpes della; á imitaçaõ seria do Senhor, que a Igreja nos representa prezo á Columa. Para se ferir como esta impiedade, se fechava em parte retirada, adonde se entendeo vio, e encontrou materia, do susto, e medo, que lhe durou toda sua vida, valendo-se para o socego della, da cella, e companhia de Sor Isabel, de que só se fiava.

Reduzida a huma extrema pobreza, e com hum desprezo, e despego de tudo o que se estima na terra, pedia de esmola algum habito velho, que por sua maõ reduzia a feitio, antes de mortalha, que de habito. Em sendo noite, deixava o calçado, por mais que a ameaçasse o rigor do tempo, e o sitio das officinas aspero, e desabrigado. O seu estylo de vida foy sempre igual; satisfeitas as obrigaçoens da Casa, se hia para o Coro das Conversas, e lançada por terra, orava. A's sete horas se recolhia para a cella, e Sor Isabel, sua companheira, ás duas de madrugada, estavaõ ambas no Coro, despois que naõ poderaõ continuar as Matinas, a que muitos annos assistiraõ naõ obrigadas. Frequentava os Sacramentos com piedosas demonstraçoens, só á noite se desjejuava nesse dia. Da Mesa da Communhaõ sahia como sem alentos, e sem sentidos, e buscando algum lugar mais retirado, se lançava por terra, ficando por muitas horas como desacordada.

Aſſim ficava muitas vezes ouvindo as Lendas dos Santos. Diſcipula da aſpereza com que ellas ſe trataraõ neſta vida mortal, ſuſpirava por vida de mayor aſpereza. Entrou em penſamentos de ſe paſſar para o Moſteiro do Sacramento, ella, e Sor Iſabel ſua companheira, brindando-lhe a Caſa, com a inteireza de naõ aceitar diſpenſaçaõ alguma; mas fazendo ambas repetidas diligencias, de repente ſuſpenderaõ todas, e houve Religioſa, que lhe ouvio dizer algumas vezes: *O certo he, que onde Deos nos chama a primeira vez ahi he que nos convem eſtar.* Naõ he pouco credito para eſta Caſa, o naõ permittir o Ceo, que ſe preferiſſe outra, em eſcolha de refórma; e grande argumento de qualificar a que ſe obſerva nella.

Era fervoroſa ſua caridade, com as enfermas eſpecialmente; e parece, que ſe obrigava o Ceo do ſeu deſvelo, como veremos em hum caſo. Era pelo mez de Mayo, quiz a Prioreza, que ſe fizeſſe hum pouco de aſſucar roſado para huma enferma; comprou-ſe á porta por boa contingencia hum paninho de roſa, e trouxeraõ-no a Sor Fauſtina, que com algumas Religioſas eſtava na officina em que ſe faziaõ os doces. (que entaõ eſtava a ſeu cargo) Eſtava ao meſmo tempo enferma, e com cruel faſtio Sor Iſabel ſua companheira, e deſejava muito hum par de ginjas; naõ as diſpenſava ainda o tempo, que eſtava o mez no principio. Affligia-ſe Sor Fauſtina com o deſengano de naõ alcançar aquelle desfaſtio. Pegou agora no pano da roſa, e diſſe com ancia: *Podera Noſſo Senhor (aſſim como com falta della trouxe eſta roſa) deparar nella humas ginjas para ſe aliviar aquella enferma!* Abria o pano acabando de o dizer, eis-que ſobre a roſa vê hum mólho de ginjas. Sempre he incredula a virtude favorecida; porque ſempre tem por curto, e improprio o merecimento. Corre á porta, pergunta á mulher da roſa, ſe trouxera as ginjas entre ella. Reſponde a mulher eſtranhando a pergunta, que mal traria fruta, que ainda ſe naõ achava. Admiraraõ-ſe todas, ſó Sor Fauſtina ſe confundia, e ſepultava no centro de ſua humildade, aſſim porque entendia naõ merecer aquelle mimo, como por ver, que lhe apanhavaõ nas maons aquelle fruto; mas dando em ſeu coraçaõ graças ao Senhor, que para favorecer a huma Iſabel convertia as roſas em ginjas, como no regaço de outra trocara o dinheiro em roſas. A mais ſe eſtendia a piedade com os doentes. Tinha grande fé com o Bautiſta, como grande devota ſua. Serenava na ſua noite muita agua, e dando-a deſpois a varios enfermos, ſe viaõ effeitos milagroſos.

Faleceo Sor Iſabel ſua companheira, a eſta magoa ſe lhe ſeguio a deſconſolaçaõ de perder a viſta. Entendeo-ſe, que ſeria o motivo huma claridade grande, que em certa occaſiaõ ſe lhe repreſentou no Ceo; naõ ſe ſoube de mais particularidade; ſoube-ſe ſó, que algumas vezes diſſera: *O meu Bautiſta me tirou a viſta, elle ſabe o que convinha á minha alma.* Era zeloſa da honra de Deos, e da

refór-

refórma do Mosteiro, rompendo muitas vezes com santa impaciencia a reprehender algum desmancho, que via. Mas naõ faltavaõ desattençoens, que a injuriavaõ, tratando-a como tonta, e outros desabrimentos, que escutava sofrida, e muda. Faziaõ-na mais timorata, e escrupulosa casos prodigiosos, de que o Ceo lhe dispensava a noticia. Vio huma Religiosa (que falecera na Casa com opiniaõ de perfeita) cercada de huma viva labareda e ouvio, que lhe dizia que vinha pagar a culpa de naõ assistir por costume ao De profundis, que se reza antes de entrar na mesa.

Esta foy a vida de Sor Faustina, ou o que se pode colher della. Dos mimos, e favores, que Deos lhe dispensaria, podia testemunhar só o seu Confessor o Mestre Frey Pedro de Magalhaens, de quem muito acaso se alcançou huma carta, que lhe escrevia, aconselhando-a: *Que quantos mais favores recebia de Deos, tanto mayor devia ser sua humildade; e que lhe lembrava, que Santa Catharina de Sena, por voltar huma vez os olhos, perdera a presença de Deos.* O que daqui se póde inferir he muito; o que se sabe, o que está escrito. Com este genero de vida, que dissemos, continuado em boa velhice, a alcançou a morte de hum accidente. Ungiraõ-na, e viveo trez dias nelle sem acordo. Só ao Ceo, que assim o permittio, saõ reservadas as razoens, porque assim a chamou. Faleceo em 12. de Abril de 1671.

CAPITULO XXIII.

Da Madre Sor Leonor de Santa Theresa, da mesma Casa da Annunciada, e algumas particularidades della.

Concluamos as memorias desta Casa com huma, que digna desta escritura, lhe serve de assumpto, conseguido no mesmo anno, em que a vamos proseguindo. He ella da Madre Sor Leonor de Santa Theresa, cuja vida tem tantas testemunhas, quantas saõ as Religiosas, que ao presente vivem nesta Casa, em que deixou sem controversia o nome, e opiniaõ de mulher santa, naõ sendo esta circunstancia de menos pezo para seu credito, por ser vulgarmente o voto domestico vario, e descontentadisso, ou porque o governa antes, que a razaõ, o agrado, ou porque tambem a virtude (entre quem pouco a conhece) perde no commercio, sendo a verdadeira a que menos se avalia, por ser a que mais se acautela. Foy a Madre Sor Leonor filha de pays igualmente nobres, ricos, e tementes a Deos, emprego em que se adiantou sua mãy, continuamente occupada nos exercicios de caritativa, que cahindo enferma de mal, que lhe tirou a vida, mereceo ouvir trez vezes huma voz, que clara, e distincta lhe dizia: *Constança* (era este o seu nome) *a Madre de Deos te avisa que desta morres.* Assim faleceo com tanto socego, como quem mereceo, e se soube aproveitar daquelle aviso. Estes pays foraõ o espelho, em que Leonor começou a en- *Sor Leonor de Santa Theresa.*

a ensayar as primeiras acçoens em que a razaõ teve voto, e o genio exercicio, parecendo os seus já naquella idade tenra frutos do mais meditado desengano da vida. Contemplava assim a duraçaõ ligeira, e instantanea de tudo o que se estima nella, que vendo em sua Casa praticar no muito, que seus pays possuiaõ, e tinhaõ junto de fazenda, perguntou a hum criado (que era o superintendente della) com discreta ignorancia: *Se por ventura era eterna esta vida?* E respondendo-lhe elle: *Que era de Fé que tudo se havia de acabar*; accrescentou Leonor: *Pois se isto naõ he eterno, para que he desvelar tanto por isto?*

Alcançava, que só se deviaõ empregar as diligencias, e as fadigas, pelo que eternamente se havia de lograr sem ellas, e punha em execuçaõ este pensamento, levando-lhe só os cuidados os interesses do espirito. Caritativa, era com seus pays a mayor procuradora da pobreza; penitente continua em repetidos, e estreitos jejuns; contemplativa, gastava a mayor parte da noite orando, e o pouco, que lhe restava, descançando em huma cortiça. Com a idade crescia aquelle conhecimento, com que pizava o Mundo, voltando-lhe por muitas vezes as costas ás offertas de nobres, e opulentos desposorios, que pertendiaõ tanto como seu dote, e fermosura, sua modestia, e prudencia. Mas foy caso digno de reparo, que o mesmo era tratar seu pay de lhe escolher, e contratar esposo, que perder este a vida, como se Deos a zelasse já esposa, ou quizesse mostrar, que para tal a escolhia. Repetido este successo, entrou Leonor em reconhecimento de que naõ podia ser acaso, e correspondendo com a resoluçaõ ao conselho do Ceo, (seguindo os passos da Santa Princeza Joanna, a quem o mesmo succedera) desenganou o páy, que terceira vez lhe propunha este genero de vida; e passou a sepultalla em a Clausura desta Casa, senteceando-se a perpetua escrava daquelle Senhor, que a chamara esposa.

Usou toda sua vida estamenha junto á carne, seu sustento, peixe. Disciplinas largas, e rigorosas. Cingio-se de hum cilicio taõ estreitamente, que se movia com difficuldade. Na mesa mortificada, e abstinente. No Coro continua, e com mais desvelo, e gosto nas Matinas da meya noite. Ouvindo tocar a ellas, se punha de joelhos, rezando o Cantico *Te Deum laudamus*, dando a Deos graças pela que áquella hora recebeo o Mundo, vendo-o nascido. Dava poucas horas ao descanço, levando-lhe a oraçaõ quasi todas as que na noite lhe restavaõ do Coro. Rara sua pobreza; via-selhe no habito, via-selhe na cella, porque huma grossa tença, que tinha, destinava ao ornato, e pessas de valor da Igreja, de que ainda se vem hoje nella dous frontaes de prata. Desvelada na observancia, igualmente tinha zelo para reprehender desmanchos, e paciencia para sofrer desabrimentos, frutos, que se costumaõ colher de pertender aquelles emendados. Humilde, nunca perdeo occasiaõ de abater-se, entendendo sempre, que em tudo se

lhe

lhe adiantavaõ todas; mas desfcia ainda mais este abatimento na profunda consideraçaõ do nada, que eraõ as creaturas diante de Deos, que he tudo, como se a adestrara o pensamento de David, que posto na presença de Deos, confessava o nada, que era. Daqui lhe nascia o profundo respeito, com que assistia aos Officios Divinos, e nos lugares sagrados. Correndo por sua conta as alfayas da Sacristia, de joelhos gastava muitas horas no concerto, e aceyo dellas.

Substantia mea tanquam nihilum ante te. Ps. 38. Cum est coram Deo in oratione tunc videt se nihil esse. Hugo hic.

O exemplo de sua vida a poz no lugar de Mestra das Noviças, a que bastava para doutrina, e advertencia o exemplo de sua vida. Costumaõ ellas rezar todos os dias o Terço á Senhora do Rosario, que tem no Oratorio do Noviciado; continuavaõ hum dia esta devoçaõ, e interrompida a reza, (com a inquietaçaõ de todas pela travessura de alguma) as reprehendia a Mestra, e vendo que naõ bastava, levantando a maõ, descarregou em sua propria face rigorosos golpes, e rebentando-lhe nos olhos o sangue das lagrimas, lhes disse: *Quero em parte satisfazer os aggravos, que estais fazendo a Deos, fallando com elle, e com sua Mãy Santissima com taõ pouco temor, e decencia.* Palmaraõ as discipulas; e ficando naõ só emendadas, mas compungidas, acompanharaõ suas lagrimas. Elegeraõ-na Prioreza, occupaçaõ fóra de toda a sua esperança, e diligencia; entendendo-se, que era assim vontade de Deos, pela sogeiçaõ com que a aceitara. Governou com inteireza, e affabilidade; grandes estradas, para adiantar refórmas, e attrahir subditas. Teve pouco tempo esta occupaçaõ, tirando-lhe a vida o excesso dos achaques, que por nove annos foy o purgatorio della.

Naõ ficaria sem premio aquelle zelo, e esta tolerancia, mas tudo sepultou sua modestia. Sabemos só, que muitas vezes teve anticipadas certezas da morte de algumas pessoas. Especialmente da de hum sobrinho seu, que faleceo distante. De mayores thesouros seriaõ seus Confessores depositarios, mas permittio Deos, que sendo elles quatro, o Padre Manoel Monteiro, Provincial, que foy da Companhia, o Mestre Frey Fernando Soeiro, o Mestre Frey Ignacio da Costa, e o Mestre Inquisidor Frey Gonçalo do Crato, a todos vencesse ella em dias, naõ nos ficando mais que a noticia, que temos dado, e a pureza de consciencia com que acabou os seus, testemunhando o Confessor (que a ultima vez a sacramentou) que assim a achara inculpavel, que pedindo-lhe materia para a absolviçaõ, recorrera ella á vida passada, e se confessara geralmente com admiravel brevidade. Recebeo o Viatico com grande consolaçaõ de espirito, porque precedendo alguns vomitos, entrara em receyos de naõ recebello. Assim acabou fazendo huma protestaçaõ da Fé, repetindo finas jaculatorias a seu Esposo, e deixando as Religiosas igualmente saudosas, que compungidas; doutrinadas, que invejosas. Achou-selhe em hum braço esculpido o final da Cruz, que sem duvida abriria a violencia do fogo,

fogo, como se lê do nosso Beato Henrique Suzo. Era aquella a marca, com que se destinara a ovelha do rebanho de Christo. Faleceo em 24. de Mayo de 175.

Sor Anna de S. Jacintho. Acompanhe esta grande Mestra huma discipula sua, imitaçaõ, e retrato de sua vida, verdadeira Irmãa no habito, e no espirito, como o foy no nascimento, a Madre Sor Anna de S. Jacintho; que recolhendo-se em idade tenra com ella nesta Clausura, assim soube aproveitar-se do que via, e observava na boa Irmãa (a que deveo a educaçaõ, e cuidado de mãy) que em poucos annos encheo empregos de muitos; porque de quarenta e dous passou desta vida com o nome, e opiniaõ de perfeita Religiosa. Incançavel na assistencia do Coro, (adonde a veneraçaõ do Santissimo a teve sempre em pé, ou de joelhos, e sentando-se só na alternativa dos Psalmos) cuidadosa na mayor decencia do culto Divino; desvelada nas necessidades do proximo; penitente, humilde, e zelosa da observancia; virtudes, que parece lhe apressaraõ a morte, por lhe naõ dilatar a coroa.

Mas ainda que alarguemos notavelmente este Capitulo, (por se dever introduzir nelle esta memoria) coroe as gloriosas filhas desta Casa huma illustre Conversa, digna de encher o numero das que, souberaõ ennobrecella. Foy esta Sor Ignez de Jesus, que lembrada sempre de que o era, observante a mostrou no seu estado; esposa o confirmou por voto. Observando os da Religiaõ no Mosteiro, a que a destinou o Ceo, voltou as costas ao Mundo; que injuriado da sua constancia, lhe negou os alimentos, que lhe podiaõ facilitar o lugar de Freira do Coro, ficando no de Conversa, em que destinada a servir, vio no muito, que grangeava, o pouco que perdera.

Sor Ignez de Jesus.

Assim o mostrou logo na ancia, com que abraçava tudo o que a podia abater, e mortificar; taõ despida dos commodos da vida, que até renunciou o commum de huma cella, como esposa de quem naõ teve em que reclinar a cabeça. Assim se lhe impossibilitou o descanço, que só como foro da natureza, pagava escaçamente, e em partes, em que até o socego era sacrificio. Entrou o preceito do Confessor a evitar o damno, que se seguiria ao mao tratamento; obedeceo Ignez, contrapezando nas resignaçoens de sogeita todas as resoluçoens de mortificada.

Filius autem hominis non habet ubi caput reclinet. Lucæ 9. 58.

Mas appellando á liberdade do que estava na sua maõ, alcançou a disciplina, com que (inexoravel ao que podia pedir hum corpo cortado de continuo trabalho) se feria na noite trez vezes, devendo ao seu Santissimo Patriarcha o exemplo, e ao seu rigor o saber desempenhallo; e porque a naõ inquietasse o escrupulo de que naõ seria taõ desabrida comsigo, tornava a aggravar os golpes com huma lixa, com que os esfregava.

Nos jejuns, sendo severa observante dos da Ordem, naõ o era menos nos outros, todos continuos. Naõ satisfeita com roubar ao corpo, e ao sustento o uso da carne; a brandura do linho, o commodo do leito,

a re-

a refeiçaõ do sono, o reduzio a hum continuo martyrio trazendo sobre o peito huma Cruz de ferro, semeada de pontas, de que pendia huma medalha, que rodeada das mesmas tinha no meyo a estampa de seu Esposo, na representaçaõ de menino, e este era o sinete com que fechara o coraçaõ ao Mundo. Cingia-lhe a cabeça huma coroa de espinhos, naõ lhe cultando talvez tanto o sentilla, como o dissimulalla.

Engenhou huma Cruz, em que trez horas estava cada dia, como crucificada. Assim rezava o Rosario. Aqui, e em outras occasioens de solidaõ (que buscava, para tratar com desafogo de espirito a seu Esposo) vingava os desejos, que sempre teve de ser Freira do Coro, naõ por pertender mais respeitos, mas para entoar todas as horas os louvores Divinos. Essa ancia a fez traduzir (naõ se diz com que industria) alguns Hymnos, e Canticos do Officio Divino, que eraõ o seu recreyo.

Na occupaçaõ de Conversa (que he nesta Casa a mais penosa) excedia a todas na vigilancia, e na humildade, contente, e satisfeita em desempenhar no que podia as proporçoens de esposa, pois o era de hum Esposo, que para o ser, se fez Servo. Assim celebrava com actos (ainda externos) de veneraçaõ profunda, e devoçaõ excessiva, aquelle ineffavel favor, em que o Senhor no Sacramento se enlaça com as almas, que o sabem receber dispostas; e aqui se entendia lhe communicava o mesmo Senhor algumas illustraçoens, que se lhe percebiaõ no semblante, sempre inflammado com o reflexo, que lhe rebentava do peito.

Estas eraõ as faiscas, que lhe sahiaõ do coraçaõ, em que ardia o amor de Deos, e do proximo; aquelle lhe sahia aos beiços, naõ fallando commummente mais, que com Deos, ou de Deos; este na affabilidade, com que a achavaõ as afflictas, e constancia com que assistia ás moribundas, o desvelo com que acodia ás enfermas; alli era agradavel a todas, tirando aquellas occasioens em que a pertendiaõ como advogada com Deos, para algum soccorro, porque entaõ se lhe percebia hum certo desagrado; cautela sem duvida contra a vangloria com que peleijou em toda sua vida, assustada de ter ouvido em pequena, que adulta seria hypocrita.

Mais poderoso, que este receyo, o conhecimento das cousas do Ceo, (que residia em sua alma) a fazia romper em repostas, ou praticas mais profundas, fallando em alguns mysterios, com termos taõ proprios, e percepçaõ taõ assentada, que bem parecia participaçaõ superior, e pratica de quem andava sempre na Divina presença; especialmente despois que os annos, e os achaques a obrigaraõ a viver em retiro, que sempre foy, ou as Capellas do Mosteiro, ou o canto do seu Coro.

De varios casos, e estylo de sua vida, se percebiaõ activos, e fervorosos effeitos na sua frequente oraçaõ, que a transportavaõ. Houve quem o testemunhou a furto de sua grande

cau-

cautela, e vigilancia. Teve conhecimento de couſas occultas, e futuras, em que talvez a ouviraõ, ou fallar, ou reſponder, com clareza, e ſegurança. A meſma evidencia houve dos aſſaltos com que o commum inimigo a perſeguia, e aſſuſtava, com as horriveis figuras em que lhe apparecia.

Ficaraõ para teſtemunho das eſpecialidades de ſua vida; da pureza de ſua alma; do rigor da ſua penitencia; do abrazado incendio, com que continuamente buſcava o Divino Eſpoſo; da uniaõ, que chegou a fazer com elle, abſtrahida de todo o humano, duas proteſtaçoens, que expoz ſeu Confeſſor, grande Religioſo, e grande Theologo.

Propunha-lhe Sor Ignez em huma carta, em que lhas remettia (porque Deos aſſim o ordenava) que aquella madrugada (era dia da Circumciſaõ) ſe levantara abſorta na rara fineza, que o Senhor fizera pór ſua alma, (que via ornada com os rubins daquelle ſangue, e com as perolas daquellas lagrimas) e que querendo correſpondella, appellara a ſua ancia ás mais dilatadas, e rigoroſas diſciplinas, e copioſas lagrimas, que com o ſangue dos golpes, queriaõ buſcar aquelle mar de ternuras, e de finezas. Aqui expreſſava, com huma amoroſa energia, os affectos de tranſformar-ſe em ſeu Eſpoſo os deſejos de que todos ſe aproveitaſſem daquelles rubins derretidos; que os peccadores ſe converteſſem; que os Hereges ſe reduziſſem; que as almas, apagando ſuas rigoroſas chammas com aquelle ſangue, paſſaſſem logo triunfantes á eterna felicidade. Terminava finalmente a carta, explicando com mais elevado, e expreſſivo eſtylo o gozo, que entaõ ſentira em ſua alma, de que ſó lhe ficara huma doce ſaudade, e fé eſcura, com inexplicaveis reſabios da felicidade eterna, e que como arrebatada daquella repreſentaçaõ ſuaviſſima, para ſeguro da proteſtaçaõ, que fizera, raſgara com hum ferro o peito. Com o ſangue da ferida firmou o extremo; com a rubrica do ſangue o deixou percebido.

Conſtavaõ os proteſtos, de actos de amor os mais fervoroſos; reſignaçoens na vontade Divina, reſoluçoens heroicas de amar até no abyſmo, ſe a elle a ſentenceaſſe o Divino Decreto. Affectos de transformar a vida em puro amor, e eſpirar ás maons do mais fino extremo. Ratificaçoens dos votos do ſeu eſtado; e repetido ſacrificio de tudo junto. Firmava-ſe no fim: *Firme eſcrava do ſeu Jeſu, e Eſpoſo eterno.*

Era o dia da Circumciſaõ, hum ſingular emprego das ancias do ſeu eſpirito; aſſim o feſtejava com exceſſivos jubilos, e o correſpondia com exquiſitos extremos. Propunha em hum delles ao ſeu Confeſſor a inextimavel grangearia com que o celebrara, ſeguindo-ſe a huma dilatada meditaçaõ, que nelle tivera, o parecer-lhe, que o Senhor ſe dignara de deſpoſar-ſe com ella. Accreſcentando, que o repetia com medo; que talvez ſe enganaria, porque comſigo o naõ fizera nunca.

Em outro dia do meſmo myſterio, ſegurou ao ſeu Confeſſor, que arrebatada daquella fine-

fineza, e impaciente no impoſſivel de retribuilla, lançara maõ de hum ferro em braza, e com elle eſcrevera no braço eſquerdo o nome de JESUS, e junto delle a fórma dos trez cravos. Já o ferro a ferira no peito, agora o ferro a ſinalava no braço, já Sor Ignez podia retratar a duvida de eſcolhida eſpoſa. Deſta varonil, rara, e eſtupenda reſoluçaõ, foraõ no dia de ſua morte ás Religioſas oculares teſtemunhas, examinando tudo no veneravel cadaver, venturoſo deſpojo daquelle ferro; eſtimavel cinza, daquelle fogo.

Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum, ut ſignaculum ſuper brachium tuum. Cantico-rum 8. c. 8.

A taõ inculpavel, e penitente vida, ſe ſeguio huma morte, que pareceo premio da juſtificada, que deixava, e ſeguro da ditoſa, que ſe lhe ſeguia. Parece, que teve revelaçaõ do dia da coroa, porque ſe lhe ouvio, quando a levaraõ para a Enfermaria, que já naõ tornaria mais á cella, como conhecendo aquella doença por ultima. Nella foraõ iguaes os tormentos á paciencia, e ſuperior a tudo o deſejo de padecer ſem alivio, entendendo, que era o que lhe reſtava de hum caliz, que ſe lhe tinha repreſentado, em occaſiaõ em que deſejara ter parte no de ſeu Eſpoſo. Em muitas occaſioens entendeo que o bebia, agora que o eſgotava.

Por muitas vezes dilatando-ſe a doença, tomou o Senhor; e eſpiritualmente o recebia todos os dias, com iguaes ancias a appetecello, que lagrimas a tomallo. Naõ ſofria o inimigo invejoſo eſta ſuavidade, em que deſcançava ſeu eſpirito, e quiz aſſuſtalla, já que naõ podia impedilla; entendeo-ſe, que a accuſava; porque eſtando algumas vezes ſuſpenſa, ſe reparava, que reſoluta, e a preſſada, reſpondia: *He mentira! he mentira!* A mais paſſou a pertinacia diabolica; porque moſtrou á enferma, que huma vez queriaõ arrebatalla; vioſe na preſſa anciosa, com que ſe abraçou com hum Crucifixo, que tinha ao peſcoço, repetindo: *Queriaõ-me levar! Queriaõ-me levar!* E perguntando-lhe huma Religioſa: *Que tivera?* Reſpondeo aſſuſtada: *Que ſentira, que pelos pés a queriaõ arraſtar fóra da cama.*

Contra eſtes combates ſe queria fortificar, e pedia a Unçaõ. A' inſtancia, que fazia, ſe lhe perguntou, porque tanto a deſejava? Reſpondeo, que a queria receber em ſeu juizo perfeito, para ter a conſolaçaõ, de ouvir como aquelles ſagrados Oleos lhe hiaõ purificando os ſentidos. Apertava-a a ancia de acabar, e ver-ſe com ſeu Eſpoſo; entrou em eſcrupulo, ſe ſeria eſte deſejo opposto á vontade Divina. Lembraraõ-lhe, que aſſim ſuſpirava S. Paulo, e ficou ſocegada.

Chegou ao ultimo termo a doença, recebeo os Sacramentos com vivas demonſtraçoens de compungida, ſatisfeita, e reſignada; mas até eſte ultimo ſocego lhe intentou perturbar o inimigo, fazendo no alto da cella hum arrebatado, e pavoroſo eſtrondo, ſem mais fruto, que deixar as Religioſas amedrentadas, e a moribunda advertida, pedindo, que a naõ deixaſſem ſem companhia, e lhe repetiſſem os ſoccorros da agua benta. Entrou na ultima agonia, invocando a Sacratiſſima

Advogada, (que ſingularmente ſe pertende no Ordem para aquella hora) e a ſeu ſagrado Eſpoſo. Pediolhe entoaſſem a Ladainha da meſma Senhora, que acompanhou, ainda que debilitada. Deſpois a Paixaõ de Chriſto; e eſtando com os ſentidos eſpertos, o aſpecto compoſto, e hum ſocego deſuſado, moſtrou fazer reſignada aquelle acto amoroſo, em que ſempre deſejara entregar o eſpirito, pondo-o nas maons de ſeu Creador, em dia de S. Pedro Martyr, 29. de Abril, aos oitenta e ſeis annos de ſua idade. Ficou flexivel, reveſtindo-ſelhe o roſto de huma cor, agora deſconhecida morte, como antes, dos annos, e dos achaques. Foy ſepultada no jazigo das Preladas, onde o conhecimento de ſua vida leva as Religioſas, ou enfermas, ou neceſſitadas a pertender o remedio, que algumas teſtemunhaõ conſeguido. Mayores demonſtraçoens póde eſperar a piedade Catholica, que deve reconhecer a virtude, laureada, e manifeſta por aquella maõ ſuprema, que naõ he abbreviada.

Mas naõ deixemos em ſilencio algumas particularidades deſta Caſa, que ſem duvida lhe ſervem de gloria. Seja a primeira a devota Imagem da Senhora do Repouſo, que eſtá no Coro, adonde a collocou a devoçaõ das Religioſas, que com ſingular affecto de filhas a ſervem, e lhe aſſiſtem, obrigadas aſſim do fermoſo aſpecto com que as convida, mercês, e favores de que ſe tem experiencia, como do eſtranho caminho, porque veyo a eſta Caſa. E foy o ſucceſſo. Fechava-ſe hum dia a Portaria a horas de Noa; quando a ella ſe achou hum homem deſconhecido, de trage humilde, que em hum cabaz trazia dous meyos corpos de Imagens, ſó com a encarnaçaõ dos roſtos, o mais para ſe diſpor, e encorpar para veſtidos, como ſe coſtuma nas Imagens antigas, emendadas hoje com mais decencia, e a melhor voto, no feitio de eſtufado. Chegaraõ as ver as Porteiras, e algumas Religioſas, levadas da belleza dos roſtos, em que hum excedia; poz neſte os olhos huma Religioſa Eſtrangeira, natural de Hamburgo, e diſſe com alvoroço: *Eſta ſe parece com huma irmãa minha, que ſempre peſſo a Deos me deixe vella, como ultimo goſto da vida, já que por amor delle deixey Caſa, e Patria.* Com eſta novidade, adoraraõ a Imagem, levando-a a moſtrar por todo o Moſteiro; e reſolvendo-ſe, que ficaſſe nelle com o titulo de Mãy de Deos, vieraõ á porta a fazer o preço, mas naõ acharaõ já ninguem nella; chamaraõ as ſerventes de fóra, e feita, toda a diligencia, ſe naõ teve noticia de que dalli ſahiſſe peſſoa alguma.

Aſſim com reparo grande das Religioſas, veyo a ficar a Senhora, que logo ſe veſtio, e collocou no Coro, com a veneraçaõ, que accreſceo, ſabendo-ſe, que ao Moſteiro da Madre de Deos ſe levara a Imagem (que hoje tem eſſe titulo, e eſtá no Altar Collateral da parte do Evangelho) no meſmo dia, e com a meſma circunſtancia de naõ ſe ſaber quem a levara, de que ſe inferio piedoſamente, que ſeriaõ Anjos os que

conduziraõ as Imagens da sua Rainha, para os palacios em que se venera hoje huma, e outra. A da Madre de Deos, celebre he naquella Casa, por devoçaõ, e concurso no publico da Igreja. A deste Mosteiro ficou com religiosa ambiçaõ de suas filhas, e devotas de portas a dentro da Clausura. Está sentada em huma cadeira, o rosto, e os olhos com huma inclinaçaõ modesta, modo, e gesto, que lhe deu o titulo de Senhora do Repouso. Esta a Senhora, a que Sor Isabel dos Anjos (de que já fica noticia) chamava a sua Senhora, e a que lhe fazia tantos favores, e mercês, como com seu piedoso aspecto, belleza, e magestade, promette a todas, que a buscaõ, e veneraõ, porque como Mãy de Deos póde, e como Rainha dos Ceos dispende.

Teve este Mosteiro da Annunciada, despois de seu primeiro augmento, que foy pelos annos de 1539. em que as Religiosas entraraõ nelle, outro, que o deixou naõ só accommodado de officinas, e largueza, para suas habitadoras, mas auctorizado com o mais essencial da Igreja, lavrada de boa pedraria, e ornada, e repartida com proporcianadas Capellas. (tudo industria da Madre Sor Catharina de S. Joaõ, sendo Prioreza) Despois veyo a ficar de todo aperfeiçoada de retabulos dourados nas Capellas, singular, e de mayor, pelo cuidado, e desvelo da Madre Sor Maria das Chagas, que succedeo a Sor Catharina no governo, e no espirito, conseguindo com incançavel trabalho a cobrança de juros de consideraçaõ, que se deviaõ ao Mosteiro, favorecida do valimento do Conde de Miranda, seu cunhado. Hoje se vê melhorada toda a Igreja com o tecto de boa pintura apainelada, e brutesco ao moderno, e auctorizada a Capella mór com fermosa tribuna de que o Throno he de prata, a dispendio de huma Religiosa. Bem meditada circunstancia, que nos convida a culpar a omissaõ das Preladas antigas, como o pouco reparo das modernas, que naõ podendo ignorar, que ElRey Dom Manoel foy Padroeiro desta Casa, deraõ, ou prometteraõ nas paredes da Capella mór lugar ás Armas de Senhores, que naõ tem nenhum dominio nella, mais que por favor do mesmo Rey huma sepultura. Testemunhando os mesmos Senhores desta, a verdade de naõ serem Padroeiros, naõ entrando com dispendio na obra, que se faz de novo, costumando concorrer os que o saõ, ou com parte, ou com tudo, como cada dia estamos vendo. Assim podem, e devem protestar as filhas desta Casa, pela inconsiderada permissaõ, tanto em prejuizo della, devendo reconhecer só o Padroado Real, assim para o cerdito do privilegio, como para a contingencia do favor, e beneficio.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Sor Branca, Sor Anna Henriques, Sor Brites do Preſepio, Sor Maria da Reſurreiçaõ, Sor Brites do Eſpirito Santo, Sor Brites da Conceiçaõ, Sor Iſabel Bautiſta; e de outra Religioſa, ſem mais nome, que a ſua vida: todas filhas da Caſa de Noſſa Senhora do Paraiſo da Cidade de Evora.

Moſteiro de Noſſa Senhora de Paraiſo de Evora.

SEm duvida, que (a noſſo eſtylo de fallar) naſceo eſta Caſa com a fortuna, naõ ſó de ſervir a ſuas filhas de fecundo, e glorioſo berço, mas de ficar ſendo hum eſtimavel padraõ, que bemquiſtaſſe o ſexo feminino, raras vezes reconhecido por inſtrumento do bem publico; penſaõ, e caſtigo, que parece lhe ficou em herança, deſde aquelle primeiro eſtrago, que chorou todo o genero humano, em que ſem duvida foy eſte ſexo o primeiro inſtrumento. Nem deixou de favorecer eſte conceito a experiencia, que deſde aquelles primeiros ſeculos correo até o noſſo, ſendo taõ raras as mulheres, a que ſe attribuiſſem operaçoens de publicos intereſſes, que querendo Ravizio Textor auctorizar a ſua Officina com algumas de illuſtre fama em ſemelhante emprego, advertio logo, que ſeria ſuccinto o Catalogo. Mas ſe nas pennas, e nas vozes do Mundo naõ voaõ, nem ſoaõ outros eccos mais que contra eſte debil, e fraco ſexo, naõ aſſim nos vigoroſos brados da virtude, adonde para moſtrar os lucros, e as operaçoens importantes, que ſe deveraõ á debilidade feminina, naõ propoem mais Apologia, que a experiencia. Alarga-ſenos muito eſta reflexaõ para podermos apontar exemplos, lançando os olhos por eſſes paſſados ſeculos; mas permitta-ſenos a licença para mayor gloria de Deos, triunfo da virtude, e exemplo da fragilidade; e porque os naõ buſquemos fóra de Caſa, quem naõ vê huma Catharina de Sena, de que ſe valeraõ os meſmos Pontifices, para coadjutora dos negocios mais arduos, que entaõ occorreraõ na Igreja; extinguindo odios, pacificando Reynos, e reconciliando inimigos? Deixo huma Margarita de Saboya tambem Dominicana, feita victima da tolerancia, por ſe concluir a paz de toda a Igreja. Deixo huma Iſabel de Aragaõ, deſvelada em evitar diſcordias, e reconciliar Coroas. Mas porque ſempre ficaremos dizendo pouco, que outra couſa foraõ as Cecilias, as Catharinas, as Apollonias, as Barbaras, as Dorotheas, e o eſquadraõ de victorioſas Virgens, que pizando, e vencendo o fogo, e o ferro, arvoravaõ o Eſtendarte da Fé entre os tumultos da barbaridade, e da fereza; que outra couſa foraõ mais, que huns ſagrados Oraculos, em que todo o Mundo eſcutou documentos? Mais que huns exemplares ſantos para compor vidas, e acertar nas melhoras? Mas coroe já eſte diſcurſo a verdade, que lhe deu motivo, a Caſa da Senhora do Paraiſo, que nos convidou a eſta reflexaõ, ſendo fabricada por duas mulheres, (como ſe póde ver na ſua fundaçaõ) devendo a huma a primeira fabrica, a outra o augmen-

Ravizio Textor na Officina.

augmento della, assim no material da obra, como no espiritual da refórma, e observancia. Taõ proveitosa huma, e outra, que com ellas desempenharaõ duas mulheres hum Paraiso de virtudes, que deu gloria a Evora, adonde se plantou, credito a esta Provincia, em que cresceo, e finalmente berço a tantos espiritos, como naquelle seculo o povoaraõ, com tanto lucro dos que se lhe seguiraõ, como agora veremos em algumas noticias, resgatadas com trabalho do consumidor estylo do tempo. Seja a primeira da Madre Dona Branca.

Sor Dona Branca.

Naõ ficou memoria do seu sobrenome, só a circunstancia de sua nobreza, (por ser tia dos Senhores das Alcaçovas) mas ainda nesta avultava mais a rara humildade com que se conhecia, e tratava pela infima entre todas da Casa. Acabada a assistencia do Coro, entrava pelas officinas della, e pelas de mais trabalho, applicando as maons ao das serventes, acarretando agua, e lenha para a amassaria. Pouco era occuparse neste emprego, o mais, a alegria, que se lhe divisava nas palavras, e no rosto, espertando as remissas, ajudando as debilitadas, e confundindo a todas. Exacta na observancia do que professara, naõ tinha outra opiniaõ na Casa menos, que de mulher santa; e assim recebida, e assentada entre as Religiosas, quando acabou a vida, que chegando-se a ella sua sobrinha, a Madre Dona Anna Henriques, lhe pedio, que despois de falecida, lhe viesse dizer como estava Deos com ella.

Prometteo-o assim a boa velha com admiravel segurança, e naõ tardou muito, que huma noite a naõ visse em sonhos à sobrinha, que lhe dizia: *Madre, muday de condiçaõ, que Deos sempre está bem para vós.* Era a Madre Dona Anna Religiosa de grande recolhimento, e oraçaõ, mas com hum genio esquivo, e aspero, com que fogia a todo o commercio. A virtude essa prova tem no exterior, de naõ ser hypocrisia, que naõ tem carranca; os retirados, e os austeros bem podem naõ ter tratos com o Mundo, mas naõ se haõ de fazer intrataveis no modo. A aspereza, que comsigo he penitencia, com os outros parece arrogancia; e se a pedra fundamental da perfeiçaõ ha de ser o abatimento, com muita prudencia se deve exercitar o retiro; porque a isençaõ tem muitos eccos de vaidade. Emendou-se de genio a Madre Dona Anna; seguir-sehiaõ a esta emenda os effeitos do que lhe segurou a boa tia; naõ nos ficou noticia de sua morte, mas só esta tocada de sua vida. Tal foy a da Madre Dona Branca, que naõ só sua morte lhe conservou o bom conceito, mas antes della o mereceo, confirmado com hum prodigio; e foy, que o dia, que cahio na cama entrevada, entrando a visitalla certa Religiosa, vio, que Christo crucificado em estatura de homem, lhe occupava a mayor parte do leito; parece, que queria trocar o em que espirara, pelo florido, a que o convidava aquella esposa. Soube-se despois de sua morte, e occultou a Religiosa, que o vio, o nome. Taõ povoada estava a Casa

ſa de eſpiritos, que mereceſſem ſimilhante viſta!

Naõ alcançou menos favor do Divino Eſpoſo, (ſe naõ poſto na Cruz, com ella nos hombros) a Madre Sor Brites do Preſepio, Religioſa de grande obſervancia, penitencia, e oraçaõ. Detinha-ſe nella em huma occaſiaõ no Coro, diante do Senhor, a que chamaõ dos Paſſos, quando ouvio, que claramente lhe dizia, que ſe aparelhaſſe para ir para elle. Proſtrou-ſe a boa Madre, pondo o roſto em terra, e paſſado grande eſpaço, em que a teve ſepultada o reſpeito, e alvoroço, ſe foy á cella, e tomando o depoſito das Freiras, (era entaõ Depoſitaria) o foy entregando pelas cellas a cada huma. Pedio logo, que lhe aparelhaſſem hum lugar na Enfermaria, e lhe chamaſſem o Confeſſor, por mais que a Prelada ſe eſcuſava, eſtranhando-ſe a reſolução como loucura, por naõ ver nella accidente, que lha deſculpaſſe taõ repentina; mas inſtava com tanta ſegurança, que ſe lhe houve de fazer o que pedia. Recebeo os Sacramentos com piedoſas demonſtraçoens, e ſepultada em huma contemplaçaõ, (de que naõ permittio, que alguem a divertiſſe) em breves dias acabou ſantamente.

Sor Brites do Preſepio.

Seguio os meſmos paſſos na ventura de ſimilhante morte, ainda que com ſucceſſo deſſemelhante, outra Religioſa, que com razaõ póde queixar-ſe deſta Caſa, pela indeſculpavel omiſſaõ de ſe lhe ſepultar nella, com o corpo, o nome, e a vida; naõ podendo deixar de ſer benemerita de ſingular memoria, quem mereceo acaballa com as circunſtancias, que agora diremos. Eſtava em penſamento a horas de madrugada, eis-que de repente ſe lhe occupaõ, e cobrem as grades de ferro de huma janella viſinha á cama, de hum numeroſo bando de varios, e alegres paſſarinhos, cantando com huma taõ concertada, e ſuave harmonia, que eſquecidas, e ſuſpenſas as Religioſas, ſó voltaraõ a reparar, que a doente eſpirava ao callarſe a muſica. Voou, e deſappareceo ao meſmo inſtante o bando das aveſinhas, que ſeriaõ Eſpiritos Angelicos, como o affirmava o voto, e admiraçaõ das Religioſas.

Com igual ſuavidade de muſica, porque ſem duvida ſeria a meſma Capella, ſahio a Madre Sor Maria da Reſurreiçaõ deſte valle de miſerias. Vellohemos logo. Foy eſta Madre huma viva columna daquella antiga, e primeira obſervancia; em taõ eminente grao tinha todas as virtudes com que ella ſe conſerva; mas excedia na ferveroſa caridade, e abrazada devoçaõ com ſeu Eſpoſo Chriſto, na repreſentaçaõ das glorias de reſuſcitado. Era ſua continua contemplaçaõ eſte myſterio; todos os Domingos do anno, ſatisfeita a reza da Igreja, recitava a da Paſchoa, e paſſando muito de manhãa a buſcar o Senhor á Capella do Sepulchro, acompanhava em eſpirito as ſantas mulheres, que naquella hora venturoſa fizeraõ ſimilhante jornada. Pagou-ſe o Senhor deſta, que Sor Maria frequentava, igual no nome, como na ancia do primeiro deſvelo, que a fizera; parece que o moſtrou aſſim o ſucceſſo. Entrada em dias,

Sor Maria da Reſurreiçaõ.

dias, cahio Sor Maria de grave doença, apressou-selhe a morte, e entrava em artigo della, assistida da Communidade, quando apertando hum desmayo a huma Religiosa, (assistia esta entaõ na Sacristia) pedio ás outras, que a fossem chamar para tocar o sino em a moribunda espirando, que ella se recolhia ao seu leito. Espirou com venturoso socego Sor Maria, e foraõ logo chamar a Religiosa, que como se a tiraraõ de huma suspensaõ profunda, e deliciosa disse: *Madres, bem ouvia, bem ouvia, que acabou a moribunda, mas naõ me sabia sahir da suspensaõ em que me prendeo o ouvir nesse instante cantar a Sequencia de dia de Paschoa* Victimæ Paschali Laudes, *com huma tal melodia, que bem se via naõ ser cousa da terra.* Era esta a letra com que Sor Maria costumava na madrugada do Domingo ir a buscar seu Esposo ao Sepulchro.

Mas passemos ás mais modernas, de que temos noticia nesta Casa, e seja a primeira a Madre Sor Brites do Espirito Santo, em quem se conservaraõ as virtudes das primeiras Fundadoras; tal era o seu zelo! tal o seu exemplo! Nobre no seculo, e mais antiga no Mosteiro, tudo parece, que desconhecia a sua humildade, occupada nos empregos mais abatidos della. O jejum da Constituiçaõ inviolavel, a colaçaõ a mais estreita, porque era quasi sempre huma casca de laranja azeda, naõ toda, mas aquella porçaõ branca, que fica entre os gomos, e a casca, que sem duvida he o fel daquella fruta. Na Quaresma raro o dia, que naõ era a paõ, e agua; e paõ, naõ do mimoso, mas broa mal amassada, e seca. Disciplinas rigorosas, e amiudadas; consumida larga vida nestes exercicios, chegou ás portas da morte, merecendo o premio delles em hum final, com que o Ceo ennobreceo a sua, abrindo-se nelle huma estrada de luzes, que corria sobre a Enfermaria entre o Norte, e o Sul. Durou o tempo, que tardou em espirar a moribunda, começando a descobrir-se no primeiro termo, que fizera, como se se abrira para dar passagem á sua ditosa alma. Foy vista esta grande luz de muita gente da Cidade, chamada do prodigio em a tal noite.

Sor Brites do Espirito Santo.

Siga-se outra Religiosa, em que o mesmo nome acompanhou a igual virtude. Foy esta a Madre Sor Brites da Conceiçaõ; que guardando sempre a mesma igualdade de vida reformada, e austera, com o mesmo rigor da fundaçaõ da Casa, avultou nella mais em huma perpetua, e anciosa devoçaõ com as Almas, a que applicava todas suas penitencias, o que tinha, e o que com petiçoens, e industrias grangeava, parecendo-lhe tudo pouco para os suffragios de esmolas, e Missas. O que estas valiaõ, e aproveitavaõ diante de Deos, parece, que mostraraõ algumas vezes aquelles Espiritos agradecidos. Apontaremos dous successos. Estava a Madre Sor Brites já em idade, que os annos lhe agrilhoavaõ os passos, mas por mais que tardava o corpo, voava o espirito, que tinha o centro no Coro; assim madrugava para ir para elle, ainda que com trabalho. Suavizava-o huma Religiosa sobrinha sua, que lhe ser-

Sor Brites da Conceiçaõ.

fervia de bordaõ naquella jornada; mas defcuidando-fe huma manhãa, e naõ a vendo na cella, vai-fe ao Coro, e achando-a nelle, a culpou com enfado, porque havia de fahir fó da cella, quando naõ podia dar huma paffada, e taõ cedo, que lhe naõ podia acodir ninguem a dar huma queda? *Deixay, deixay, idevos recolher* (lhe refponde a boa velha) *que ahi por effe corredor me tomaraõ nos braços, e me puzeraõ nefte lugar, ainda que naõ vi ninguem.*

Veftia-fe em outra madrugada, e querendo pôr a toalha, naõ a achava; feita a poffivel diligencia, affligia-fe, e lamentava-fe, quando fentio, que lha punhaõ na cabeça, dizendo á fobrinha, (que já junto a ella lhe perguntava quem lhe acodira) *que ella naõ vira peffoa alguma, mas que humas maons frias fentira, quando lhe punhaõ a toalha.* Inftou com ella a fobrinha, que lhe havia de tomar huma fervente, que a toda a hora lhe affiftiffe, ao que lhe refpondeo: *Naõ vos canceis, nem vos dê iffo pena, que eu tenho quem muito melhor me acompanha.* Entendia-fe, ou dava ella a entender, que as Almas eraõ fuas continuas valedoras. Affim o feriaõ em fua morte, porque affim foy ella pacifica, e bem affombrada, em o Oitavario do Corpo de Deos, pelos annos de 1690.

Mas hum novo reparo nos eftá convidando com admiraçaõ, e gofto, achando nefta Cafa (em huma filha della) a mais heroica, e mais incrivel obfervancia de filencio, antes de huma mudez voluntaria, entre o precifo trato, e commercio (ainda que regulado, e religiofo) de hum Mofteiro. Affim fe vio, e experimentou na Madre Sor Ifabel Bautifta, a que em toda fua vida fe naõ ouvio huma palavra mais, que ou refpondendo á Prelada, ou em materia de fua obrigaçaõ, e totalmente precifa. Naõ era menos o rigor dos exercicios penitentes, a que fe facrificava. Affim eftendia, e alargava o jejum da Conftituiçaõ de fete mezes a todo o anno. A paõ, e agua todas as feftas feiras delle, como trez dias em cada femana de advento, e Quarefma; e fendo neftes dias fó o paõ o feu fuftento, era muito pouco, porque feco, naõ lho confentia o eftomago. Ufava a mefma abftinencia nas Vigilias de Noffa Senhora, e Santos de fua particular devoçaõ.

Em Advento, e Quarefma naõ fe deitava em cama, e todas as femanas fazia o mefmo da noite da quinta, até a do Sabbado para o Domingo. As noites, que tomava de defcanço, era taõ efcaço, que ás dez da noite fahia do Coro, e gaftando duas na cella em devoçoens particulares, á huma tornava para elle, como para centro, de que fe naõ fabia defcuidar feu efpirito. Affuftavalhe efte focego o inimigo com vifoens horriveis. Huma noite, que continuava a oraçaõ, fe vio taõ vencida do fono, que encoftou no chaõ a cabeça, mas ao mefmo tempo defpertou, vendo, que hum vulto negro, e defmedido, fe lhe punha á ilharga na mefma fórma, e como fe lhe tapara a boca, nem o nome de Jefus podia proferir, ainda que em feu coraçaõ

a fua

a sua alma o repetia. Assim esteve algum espaço, até que a deixou o inimigo, que ella conheceo, e desprezou logo.

Ao Officio Divino accrescentava todos os dias outro particular. Ao Domingo o Officio da Resurreiçaõ. A's segundas o dos Defuntos. A's terças o de Nosso Padre. A's quartas o dos Anjos. A's quintas o do Sacramento. Ao Sabbado o de Nossa Senhora. Naõ ficava de vago a sesta feira, rezando nella o que a sua devoçaõ escolhia. Naõ só era observante, mas olhavaõ para sua vida, como para huma Constituiçaõ, e regra animada. Pagava-lhe o Senhor estas pontualidades com algumas visoens; representou-selhe em certo dia estando no Coro, que o via todo cheyo de Religiosas, mas todas sem cabeças; entendeo; que era a falta da inclinaçaõ, que se faz com ellas nas ceremonias da reza, em que havia pouco reparo, e advertencia. Estando orando, se lhe offereciaõ á vista sinaes com que alcançava, que falecia tal, ou tal Religiosa; e naõ só desta Casa, mas das de toda a Provincia. Em certa occasiaõ teve huma visaõ estranha, de que naõ ficou particular memoria, mas só de que ella entendeo, que huma Religiosa, que falecera havia pouco, tinha hum singular Purgatorio em hum lugar da Casa, donde se observa silencio.

Já cheya de annos venturosos, por mortificados, esperava o ultimo golpe da morte, contemplando em a Imagem de huma Senhora, de que sempre fora muy devota. Cerrou por hum pouco os olhos, e abrindo-os, os levantou a huma janella, que lhe ficava fronteira á cama, com tal contentamento, e alegria, que bem se vio, que seria mais que natural o assumpto della. Parou o alvoroço, e espirou com socego.

CAPITULO XXV.

Das Madres Sor Isabel dos Anjos, Sor Leonor do Espirito Santo, Sor Maria do Monte Olivete, Sor Cecilia da Encarnaçaõ, Sor Maria da Annunciaçaõ, Sor Francisca das Chagas, Sor Catharina do Espirito Santo, Sor Antonia de Jesus; e de trez Irmãas Conversas, Sor Domingas, Sor Agueda da Cruz, e Sor Maria de Belem, todas da mesma Casa do Paraiso de Evora.

FEcundo Paraiso foy este, de admiraveis affluencias de virtude, rico de preciosos pomos nas innumeraveis filhas, mysticas Romans, que debaixo da candidez do mesmo habito, ardiaõ como pequenos graons no incendio do amor Divino; sendo este os frutos candidos, e abrazados, de que o verdadeiro Esposo se agradava no seu Paraiso, ou naquella alma, que ornada de virtudes era o dos seus deleites. Mas vamos vendo estes frutos, e vejamolos primeiro nos Santos exercicios da Madre Sor Isabel dos Anjos. Era o mais principal, e continuo a oraçaõ; retiravase ao Coro, e alli se esquecia de todo o commercio humano. Naquelle lugar observava assim o silencio, que em toda sua vida se lhe naõ ouvio nelle huma pa-

Emissiones tuæ Paradisus malorum punicorum cum pomorũ fructibus. Cant. 4. 13.

palavra; porque a quem lha queria, vinha eſcutar fóra. E que importante reflexaõ ſe nos offerecia agora contra o que hoje ſe uſa, contra o abuſo, que hoje ſe tolera, talvez dando-ſe paſſagem á nobreza, (padrinho, com que entraõ as relaxaçoens da obſervancia) talvez por dar paſſagem á cortezia, naõ advertindo as Preladas que aquella he a fala, em que o Rey do Ceo dá audiencia ás ſuas ſervas; e ſó vozes do eſpirito (como ſuſpiros, e lagrimas) deviaõ alli ſer ouvidas. Lá o conſiderem as que tem obrigaçaõ de zelar a Caſa de Deos, e vejaõ ſe ſe póde admittir outra pratica naquella, em que o Senhor tem ſitial para a ſua audiencia.

Como Sor Iſabel continuamente lha pedia, continuamente ſe diſpunha, purificando ſua vida nos rigores da penitencia; aſſim diziaõ que aquella vida era Angelica: e aſſim devia ſer; porque naõ tinha outra mais, que fallar com Deos. Padeceo o martyrio dos eſcrupulos, mas acabou a vida taõ livre delles, como quem ſoube anticipadamente a hora em que havia de acaballa; porque deſpedindo huma noite as Religioſas, (que já lhe aſſiſtiaõ na cella como a moribunda) lhes diſſe que ſe recolheſſem a deſcançar, e que ás trez da madrugada as havia de miſter. Aſſim veyo a Communidade á hora, que o pedira, e aſſim eſpirou como o diſſera.

Sor Leonor do Eſpirito Santo. Mereceo tambem ao Ceo a meſma noticia anticipada a Madre Sor Leonor do Eſpirito Santo, em que avultou ſempre huma fervoroſa caridade. A que a levava para Deos, a trazia com os joelhos continuamente por terra, pedindo-lhe ſua clemencia. A que a obrigava a deſcer ás creaturas, a deſvelava na aſſiſtencia das enfermas, mas mais cuidadoſa com as moribundas. Acabava huma noite de rezar as Eſtaçoens, que em todas corria com exceſſiva devoçaõ, eis-que lhe apparece huma irmãa ſua. Era eſta peſſoa de virtude conhecida, de que naõ temos noticia mais extença, ſó ſe ſabe que eſtava na India, adonde, ſem o ſaber Sor Leonor, falecera; appareceo-lhe agora, e diſſe-lhe: *Leonor, aparelhaivos, que brevemente me heis de ir ver.* Parecia-lhe á boa Religioſa que era illuſaõ da fantazia, e por ſahir della, reſpondeo: *E como poſſo eu, minha irmãa, ir a vervos taõ longe?* Ao que reſpondeo a irmãa: *Naõ, naõ me heis de ir ver á India, mas diante de Deos, e na Celeſtial, em que o eſtá gozando minha alma.* Alvoroçou-ſe Sor Leonor, e deſtemida, e affouta, ſem mais duvida lhe inſtou: *E ſe eu morrer, quem me ha de aſſiſtir, ſendo eu a que aſſiſto a todas as moribundas? Em premio deſſa piedade* (lhe tornou a irmãa) *vos aſſiſtirá a miſericordia Divina, que deſſa ſorte paga;* e deſappareceo.

Com eſte aviſo começou Sor Leonor a diſpor-ſe. Era inculpavel ſua vida; nunca o parece aſſim aos Juſtos; atalhou-lhe brevemente huma doença penitentes aparelhos. Aggravou-ſe-lhe o mal, recebeo os Sacramentos, e em breves dias lhe chegou o ultimo. Naõ indicavaõ os finaes que viria taõ ligeiro. Aſſiſtiaõ-lhe duas Religioſas; e havendo de darlhe

hum

hum apito, com que tardava huma, foy a outra apressalla; e voltando ambas, acharaõ a doente sem vida. Verificar-se-hia o que a irmãa lhe promettera; e como se verificou na morte, seria o mesmo na eterna felicidade.

Sor Maria do Monte Olivete.

Soube buscalla, e fez por merecella a Madre Sor Maria do Monte Olivete, que entrando nesta Casa, fazendo nos primeiros annos huma vida commua, deu tal volta nella, que se entendeo, que sendo conselho do Ceo, fora taõ bem escutado, que o correspondia obedecido. Entregou-se a exquisitas penitencias; e porque entendia, que a commiseraçaõ propria lhe pausava o braço com que se feria, peitava huma Irmãa Conversa, para que procurasse molhos de sylvas, e fazendo-se atar a huma columna, pedia que com ellas a ferisse sem piedade. Cançava a Conversa nos golpes, primeiro que Sor Maria nas supplicas para elles. Tal o odio Santo com que se perseguia! Naõ era nos jejuns menos austera. Assim se mortificou na vida, e assim começaria a viver da morte, que depois daquella tempestade penitente, lhe prometteo huma perpetua serenidade.

Sor Cecilia da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos austera comsigo a Madre Sor Cecilia da Encarnaçaõ, mas podendo com todos os rigores, assim da observancia Religiosa, como dos exercicios da sua penitencia, nada a affligia mais que verse Prelada, lugar em que a acabou de pôr a sua obediencia, e a que a destinou o exemplar de sua vida. Bastou esta para reforma de toda a Casa, e as suas oraçoens para reduzir as que viviaõ com algum descuido nella. Meditava continua na Paixaõ de Christo, e com huma commiseraçaõ taõ entranhavel, como dirá este successo. Faziaõ-se obras no Mosteiro, vio em huma occasiaõ alguns officiaes, que levando huma grande trave, tomavaõ descanço, opprimidos do pezo. Suspendeo-se com a vista, e cahindo desmayada entre algumas Religiosas, que alli assistiaõ, ao acordar do desmayo, perguntando-lhe o motivo, respondeo: (com ancia, que lhe fez esquecer o de que sempre se acautelava) *Se estes homens tantos, e juntos vaõ taõ trabalhados com aquelle madeiro, qual seria a agonia de Christo, levando a Cruz desacompanhado?*

Acabou o seu tempo de Prelada, e succedendo-lhe governo mais frouxo, suspirava por vêlla outra vez nelle huma Religiosa de espirito, que entendia, e bem, que basta o das Preladas a dar calor ao corpo de huma Communidade, em que a frouxidaõ introduz os desmayos da observancia. Orava esta Religiosa, e pedia a Deos com instancia o despacho da sua supplica; que merecessem seus olhos para interesse da Casa, ver outra vez a Sor Cecilia Prioreza nella, quando lhe fere os ouvidos huma voz, que dizia: *Prioreza no Ceo.* Naõ tardou muito a morte de Sor Cecilia, nem o saber-se esta circunstancia pelo Confessor da Religiosa. Faleceo no anno de 1633. Nem faltaraõ prodigios, que favorecessem o succedido, como foy hum claro, e luzido, Cometa, que se estendeo so-

bre a cella em que eſpirara.

Sor Maria da Annunciaçaõ.

Com igual ternura de coraçaõ, e compaſſivo affecto, contemplava a Madre Sor Maria da Annunciaçaõ nas penas, nas agonias do Redemptor, em ſua doloroſa Paixaõ. Aſſim o trazia ſempre diante dos olhos de ſua alma, com aquella cruel, e ignominioſa coroa, com que o ferio, e eſcarneceo a impiedade Judaica. A acompanhallo naquella agonia ſe encaminhavaõ todos ſeus exercicios penitentes. Nos da Religiaõ era exacta, e nos da devoçaõ do ſeu Senhor tanto, que naõ havia importancia, que a retardaſſe della. Occupava-a huma Religioſa, e dizia-lhe, que deſpois teria tempo para aquelle exercicio. Reſpondeo-lhe Sor Maria: *Iſſo haveis de dizer? Naõ o differeis, a ſaber o que devo a eſte Senhor.* Naõ deviaõ de ſer favores communs, que aſſim ſe póde conjecturar da pureza de ſua vida, como de vir a de paſſar della em o dia, que a Igreja celebra a meſma coroa de eſpinhos, que ella lamentava como injuria; e o meſmo Senhor diſporia moſtrarlha glorioſa, em 7. de Mayo de 1647.

Sor Franciſca das Chagas.

Siga a huma devota dos Eſpinhos outra, que igualmente o foy das Chagas, tomando nome, e ſobrenome, que foſſe lembrança dellas. Foy eſta a Madre Sor Franciſca das Chagas. O appellido a convidou ao penitente eſtylo de vida, que ſeguio; eſtrada real, que pizaõ os que conhecem, que para o Ceo naõ ha outra mais direita, nem mais ſegura. Fez perpetua guerra ao deſcanço, e como inimiga de todo, naõ teve em ſua vida cama em que hoſpedallo; ſobre a terra ſatisfazia ás preciſas penſoens do corpo, que cançado, a buſcava como centro. Diſſaboreava o ſuſtento, que ſe lhe punha no prato, com o receyo de que lhe ſerviſſe de regalo; lançava-lhe agua, já que o naõ podia eſcuſar de ſuſtento.

Era hydropica ſua caridade; ſempre lhe parecia pouco o que dava, como eſcuſado o que tinha. Aſſiſtia deſvelada ás enfermas; com mais ancia ás moribundas; emprego verdadeiramente morgado da caridade, deſpido de todas as negaças do intereſſe, como exercitado com os que eſtaõ no ultimo eſtado de neceſſitados, e (quanto ao Mundo) fóra de todo o de agradecidos. Mas parece, que tomou Noſſo Patriarcha á ſua conta a recompenſa com Sor Franciſca. Eſperava ella a ultima hora, (a que já cançada de annos, e achaques, a trouxera huma doença) e eſtando já ſacramentada, perguntava ás Religioſas: *Quem era hum Frade Dominico, que eſtava alli perto do ſeu leito, rezando por hum livro?* Naõ duvidaraõ ellas de quem ſeria, ainda que naõ viaõ nada. Pedio, que a naõ enterraſſem no Cemiterio do Moſteiro, que ſabia era depoſito de gente Santa; que para o ſeu corpo, ainda era muito huma cova no Clauſtro. Voltou os olhos á Imagem de hum Crucifixo, e entre demonſtraçoens de verdadeira penitente eſpirou com ſocego, e ſuavidade, ficando com moſtras della no ſemblante. Vinte annos deſpois, abrindo-ſe ſua ſepultura, teſtemunhou na fragrancia o corpo que guardara, e toda a Com-

munidade, o peregrino da fragrancia. Faleceo a Madre Sor Francisca em Outubro de 1666.

Escolheo Deos a simplicidade para confundir a sabedoria da terra; e para que se entendesse, que esta sabedoria era simplicidade. Assim o veremos agora na avaliaçaõ, que tinha no voto do Mundo huma Religiosa de coraçaõ puro, e fingelo. Era este o de Sor Catharina do Espirito Santo, a que esta purissima Pomba parece, que infundira a qualidade no nome; assentando as Religiosas menos consideradas, (que naõ attendiaõ ao inculpavel de sua vida) que toda sua innocencia era ignorancia. Mas confundiraõ-nas, e desenganaraõ-nas maravilhosos successos. Tocaremos dous.

Sor Catharina do Espirito Santo.

Costumava Sor Catharina passar no Coro a noite da quinta para a festa, por devoçaõ particular, e algumas Religiosas, que tinhaõ a mesma. Faltou o azeite a huma alampada, de que se haviaõ de valer para rezar; apagou-se, ficando Sor Catharina com o sentimento de naõ poder rezar a Paixaõ de Christo, que recitava todos os dias pelas Almas. Queixou-se ás companheiras da pouca providencia de quem accendera a alampada, e levantando-se disse: *Eu a vou accender*. Festejaraõ as Religiosas a promessa, e determinaçaõ como simplicidade; mas Sor Catharina, chegando á alampada, e dando-lhe hum sopro, lhe restituhio a luz, que durou toda a noite, trocados em confusaõ os gracejos das que o viraõ, e admiravaõ. Naõ se estende a menos effeitos a participaçaõ da graça, que Deos dispensa aos seus Justos, para que como elle obrem prodigios, que se com hum quasi sopro deu vida a hum barro, possaõ dar vida a huma luz com hum sopro.

Era grande a pobreza de Sor Catharina, igual a devoçaõ, que tinha com Nosso Santo Patriarcha, mas naõ chegavaõ suas posses mais, que a accender a alampada a huma Imagem sua na Vespera do seu dia; porém sendo taõ pouca a porçaõ de azeite, que podia levar o vidro, durava a luz acceza todo o Oitavario. Convidava esta Madre as enfermas, que se untassem com este azeite; feriaõ milagrosos os effeitos, que obraria, mas naõ ficaraõ em memoria; nem outra da Madre Sor Catharina, mais que a de huma morte merecida de sua innocencia, no anno de 1681.

Assim he Deos amente della, que parece busca industrias para conservalla. Vio-se assim na Madre Sor Antonia de Jesus, que entrou nesta Casa, em que vivia huma vida commua, sem escandalo nella, mas com frouxidoens na observancia. Passados alguns annos, sonhou, que se achava junto a huma deliciosa fonte, em que via huma Senhora de mageftade, e fermosura peregrina, como o era a de hum menino, que estreitava nos braços. Alvoroçouse Sor Antonia, e pedio ao menino hum gracioso ramo, que tinha na maõ. Retirou-o elle, segurando-lhe, que lho daria, se mudasse de vida. Acordou entre o susto, e o alvoroço do que sonhara, e entendendo, que em tal materia eraõ os sonhos avisos, e conselhos, assim trocou

Sor Antonia de Jesus.

cou a vida, que em breves dias a viraõ reduzida a huma eſtampa da penitencia, por mais que ſe ignorava a cauſa da mudança, de que ſó deſpois de ſua morte ſe teve noticia. Naõ ſe deitou mais em cama. O jejum o mais auſtero, a contemplaçaõ continua, e finalmente a morte taõ ſocegada, como digna de ſe conjecturar, que della paſſaria a receber da maõ de ſeu Eſpoſo o ramo ſempre verde das perpetuas felicidades.

Aſſim ſoube ſuſpirar por ellas huma grande Converſa, filha deſta Caſa, (que em noſſos dias reſtituhio a ella, na ſua vida, huma copia daquellas primeiras cultivadoras da ſua obſervancia) que de muy tenros annos naõ ſó fez voto de caſtidade ao Eſpoſo della, mas ſe ſacrificou a ſervir neſta Caſa, ſó com os olhos no premio de ſe ver Religioſa Converſa. Foy eſta Sor Maria de Belem, que de pouca idade trouxe a eſte Moſteiro huma das graves obſervantes delle, para lhe aſſiſtir; porque ſendo Sor Maria criada com mimo, e abundancia em caſa de ſeus pays, ſe viaõ eſtes agora reduzidos a tanta penuria, que cantavaõ por fortuna o ſervir ſua filha eſcondida aos olhos de quem os conhecera.

Sor Maria de Belem.

Achava-ſe neſte tempo o Moſteiro deſtituido de quem aſſiſtiſſe á obrigaçaõ do forno, porque os annos, e os achaques tinhaõ impoſſibilitada huma Religioſa Converſa, que tinha eſſa incumbencia; lançou a Prelada maõ de Sor Maria, que em taõ pouca idade, compreiçaõ debil, e em ſua peſſoa taõ pouco robuſta, e ainda delicada (em que ſe via a improporçaõ para hum trabalho, que pedia forças dobradas) antes era pedirlhe hum milagre, que darlhe huma occupaçaõ; e aſſim ſuccedeo, porque dizendo ella ás que lhe exaggeravaõ o impoſſivel, que a Senhora da Conceiçaõ (fallava de huma Imagem de particular culto no Moſteiro) lhe daria forças para ſervir ás Religioſas, entrou a exercitar o officio com admiraçaõ de todas.

Aſſim entrava deſaſombrada nas officinas de mayor trabalho, porque a ancia de ſe ver Converſa, lhe dobrava eſſas forças que tinha. Seu ſuſtento quotidiano era hum pouco de paõ ſeco, e alguns dias mais feſtivos algum legume, regalo de que ſe abſtinha em Quareſma, e Advento; porque a reçaõ, ou qualquer pitança, era do primeiro pobre, que encontrava na Portaria. Para deſcanço lhe ſervia de cama huma taboa (quando ſe achava indiſpoſta) porque o chaõ foy ſempre a ſua cama; mas ainda por taõ poucas horas, que quaſi ſempre a achavaõ no Coro as da madrugada, em que (como a que vivia na Caſa das Eſtrellas Dominicanas) acompanhava com ſuaves jaculatorias a melodia das Matutinas. Mas cuſtoulhe primeiro muitas lagrimas, e rogativas, o haver de vir, e aſſiſtir naquelle lugar áquellas horas, e paſſar muitas vezes nelle todas as da noite.

Fica o Coro debaixo muy fóra do commercio do Moſteiro, e ſobre ſer ſombrio, e carregado, a idade, e o ſexo lho faziaõ mais horroroſo; mas a Imagem de hum Chriſto crucificado,

ficado, de grande devoçaõ (que estava nelle, e com que ella a tinha grande) assim ouvio os gemidos daquella Pomba, que suspirava aquella assistencia nocturna, (em que a soledade, e o segredo apascentaõ suavemente o espirito) que desterrando-lhe prodigiosamente o medo, a convidava no mais alto da noite a fazer habitaçaõ nas aberturas lastimosas daquella sagrada Pedra, que a vara mostrava tantas vezes ferida. Assim frequentava Sor Maria o sitio, e assim queria imitar nelle a seu Esposo, que crucificada nos seus cilicios, lhe abria a continua oraçaõ chagas nos joelhos, de que muitos annos foy só secretaria a sua paciencia.

Naõ lhe succedeo assim nas disciplinas, que repetia naquelle sitio, porque nem toda a sua cautela, e advertencia podiaõ apagar as evidentes rubricas do sangue, em que se lia nas paredes, e pavimento, o como eraõ rigorosas, e continuas. Conseguio melhor a dissimulaçaõ em outro martyrio. No primeiro anno, que entrou no Mosteiro, cahio, levando hum pezo desmedido ás suas forças; e á violencia do golpe, lhe ficou hum braço com grandes dores, e sem movimento. Affligio-se excessivamente, porque o seu empenho era servir para merecer o habito; e agora se temia repudiada por inhabil. Recorreo anciosa á Senhora da Conceiçaõ, sua continua Protectora, fazendo voto de lhe rezar todos os dias hum Terço, se lhe restituhia o movimento no braço, ainda que lhe continuassem as dores nelle. Caso raro! Desde logo conseguio perfeito, e robusto movimento, mas continuando-lhe as dores no braço por muitos annos, ficando habil para servir, sem perder o merecimento de padecer. Que alto conselheiro teve sempre a virtude nas suas operaçoens! Naõ passava de treze annos, quando fez esta taõ bem meditada supplica.

Estes, e outros testemunhos de sua concertada, e penitente vida, foraõ as adherencias, que lhe negocearaõ o habito de Conversa, sem que se lhe ouvisse huma palavra de empenho para conseguillo mais, que dar graças a Deos, quando via que se lhe dilatava. No dia, em que o recebeo, (que ella testemunhava pelo mais feliz de sua vida) passando pelo Coro, se prostrou por terra diante do seu Crucificado, segurando-lhe, que no que coubesse na sua fragilidade, o adoraria Esposo; acto em que (dizia) lhe pareceo que se lhe arrancava o coraçaõ do peito com huma suave, mas poderosa, e executiva violencia. Mas esta era a primeira, e mais importante victima, que no altar daquelle madeiro lhe pedia seu Esposo.

No novo estado pouco achou, que accrescentar á Regra, mais que o gosto de ver que obedecia; mas só se lhe conheceo excesso na observancia da pobreza: sentia ella as suas oppressoens, só por naõ ter com que acodir ao aceyo das Capellas, e provimento das alampadas, para o que se soccorria das Religiosas mais abastadas; diligencia, e cuidado, que o Senhor lhe premiava com evidentes prodigios, trocando-lhe muitas vezes as fundages do azeite no

mais

mais puro, e claro; outras, achando se providas as talhas, que se tinhaõ deixadas por vasias; casos de que testemunhavaõ as mesmas Religiosas, que a soccorriaõ para estas pias providencias.

Todo o tempo, que lhe restava das occupaçoens, que estavaõ a seu cargo, lhe levava a assistencia das Imagens, de que era devota; diligencia, com que valeo a algumas Religiosas em grandes molestias. Confirmemos esta conjectura com huma, em que se fez grande reparo. Achava-se huma Religiosa enferma, já sem esperança alguma de vida. Recorreo (como via fazer a muitas) huma irmãa sua a Sor Maria, para que rogasse a Deos pela enferma; e como ella a estas petiçoens se escusava com a generalidade de que Deos acudiria, instando a Religiosa, e indo para esse effeito importunalla ao Coro, lhe respondeo: *Madre, leve á doente a Imagem de Nosso Padre, que está em tal Capella, que eu sonhey, que o Santo queria rogar a Deos pela sua saude; que nisto naõ se perde nada, porque naõ he mais que hum sonho; mas tenha segredo.* Assim succedeo, que convaleceo repentinamente com a assistencia do Santo, e admiraçaõ dos Medicos, que lha faziaõ desconfiados.

Continuamente se lhe representava, que tudo no Mundo estava no ar; assim os edificios, assim as pessoas, que casualmente via de alguma janella do Mosteiro, e o mesmo Mosteiro em Dormitorios, e Claustros, que pizava, com receyo de que naõ estavaõ seguros; e logo se lhe representava o Mundo cheyo de peccados, o que a reduzia a huma grande afflicçaõ, e profunda tristeza, que desafogava em continuas lagrimas, de que (como ella confessou) só convalecia na sua oraçaõ solitaria. Muitos foraõ os casos, em que assim se conheceo; baste hum por todos, por ser o mais publico.

Sahindo por Visitador desta Provincia o Mestre Frey Ignacio da Costa, entre as ordens, que mandou pelos Mosteiros, foy huma a este do Paraiso, em que ordenava, que as Freiras Conversas vestissem escapulario preto, deixando o branco, para se conformarem nesta exterioridade com os Irmaons Conversos da Ordem. Vinha esta com excommunhaõ ás Preladas, ainda que se suspendeo com a appellaçaõ das Conversas. Naõ entrou Sor Maria no numero das appellantes, mas recorrendo á Senhora, que era, (como já dissemos) a sua protectora, lhe confessou a inconsolavel pena, que lhe daria o largar o escapulario branco, como representaçaõ da pureza religiosa. Sentia mais, que houvesse litigios, a que se havia de seguir inquietaçaõ da Casa, e da consciencia; mas que pedia ao Senhor lhe désse huma grande conformidade. Isto disse com muitas lagrimas, naõ podendo occultar a continuaçaõ dellas, e a grande afflicçaõ em que andava á mesma Prelada, como sua domestica. Ao seguinte dia appareceo com semblante mais sereno, e os olhos enxutos, de que admirada a Prelada, e suspeitando já o que podia ser, a importunou para que lhe descobrisse

briſſe a novidade, que ella depoz, (ou vencida dos rogos, ou ameaçada dos preceitos) dizendo, que a noite antecedente, indo como coſtumava, provendo as alampadas, ſe proſtrara diante do ſeu Senhor,) que era a Imagem de hum Crucifixo) e lhe pedira perdaõ da ſua rebeldia, ainda que eſtava prompta para a obediencia; e que logo ſe ſentira com menos repugnancia; e deſcendo ao Coro debaixo, ao entrar nelle, ouvira huma voz, que diſtintamente diſſera: *Naõ te afflijas, que naõ ha de ſer; e que no Coro naõ achara peſſoa alguma, achando-ſe totalmente livre daquella afflicçaõ.* Eſte caſo praticavaõ a Prelada, e o Vigario (que logo aſſentou, que tudo eſtava desfeito) quando chegou noticia, de que era o Viſitador falecido, e ſe poz o Decreto em perpetuo ſilencio.

Orava huma noite no Coro; chegou-ſe a ella huma Religioſa, que pertendia huma eſmola para fazer huma ſobrinha Freira, (o que a trazia affligida, e deſconfiada) e pedio-lhe encommendaſſe ao Senhor (que eſtava expoſto) aquella importancia, que ella mandaria fazer a Imagem de S. Joſeph, muy ſuſpirada no Moſteiro. Naõ reſpondeo Sor Maria, e foy continuando a ſua oraçaõ; (em que ficava como ſem operaçoens de viva) deteve-ſe orando a Religioſa, e paſſado algum eſpaço, voltou a ella Sor Maria, e diſſe-lhe: *Confie, Madre, na miſericordia do Senhor, que ouvirá petiçaõ taõ juſta, e mande logo fazer a Imagem, que ſe naõ baldará o cuſto.* Brevemente ſe vio a Religioſa deſpachada como queria, o que tudo teſtemunhou ella meſma.

Aſſim era ſua oraçaõ taõ continua, como fructuoſa, o que o inimigo naõ podia diſſimular, inquietando-a com eſtrondos, que as Religioſas ouviaõ, fogindo temeroſas, e aſſuſtadas; e vendo, que Sor Maria ficava com ſocego, e perguntando-lhe o que foſſe, reſpondia, que naõ entendia o que era, mas que ſe naõ devia fazer caſo de nada. Entendeo-ſe, e eſpecialmente pela Prelada, (com quem vivia, e fazia aſſiſtencia) que as Almas a animavaõ, e lha faziaõ; porque ella ſegurou, que orando no Coro, ſentia, que eſtavaõ junto della, mas naõ via nada. Huma noite, que ſe detinha fóra de horas, orando na Capella do Sepulchro no Clauſtro, ſe ſentio cercada de hum repentino, e exceſſivo calor. Voltou os olhos ao Clauſtro, e vendo que ardia em grandes labaredas, entendendo, que ſe pegara fogo no Moſteiro, ſahio fòra aſſuſtada, e naõ vio couſa alguma.

Mayores caſos lhe deviaõ ſucceder na oraçaõ; ſepultou-os a ſua grande vigilancia. Diremos o que eſta naõ pode eſconder. Orava na Enfermaria, (em que aſſiſtia a huma enferma) e tomada de hum leve ſono, ſe lhe repreſentou Chriſto Senhor Noſſo em hum campo de flores, em que eſtava muita gente. Tinha o Senhor na maõ hum caliz de puriſſimo criſtal, em que recebia o precioſo licor de ſeu ſangue, que lhe ſahia do lado. Proſtrou ſe Sor Maria, pedindo miſericordia, e o favor celeſtial de participar daquelle Divino nectar. Concedia-lho o Se-

Senhor, e a algumas Religiosas, a petiçaõ sua. Entaõ levantou o Senhor a voz, e chamou por huma Religiosa, que vivia no Mosteiro com pouco reparo; e naõ respondendo esta, ordenou que fosse castigada. Com o horror desta sentença acordou Sor Maria, sepultada em huma taõ profunda tristeza, que obrigou a que a importunasse a Prelada, e soubesse a causa daquella afflicçaõ repentina. Mas vio-se o fruto da sua oraçaõ, porque em breves dias (em que a Prelada se entende participaria o caso á Religiosa) ella se reduzio a huma vida reformada, e dentro de hum anno faleceo, inferindo-se de sua morte a melhor vida a que passava.

A outra Religiosa assistia com continuos conselhos, pedindo a Deos por ella na oraçaõ, porque a via, ainda que inclinada á observancia, como confusa, e suspendida. Eis-que hum dia claro, e sereno soou de improviso hum trovaõ estrondoso, ferindo com tanta actividade nos ouvidos daquella Religiosa, que entendendo, que para ella era o ameaço, correo a abraçar-se com hum milagroso Crucifixo; e repetindo segundo trovaõ com mayor horror, fez com a boca naquellas Sacrosantas Chagas hum voto de emenda, que se conheceo logo no estylo de sua vida, em que a confirmou o saber de Sor Maria, que na noite precedente ao trovaõ, tinha sonhado, que cahia hum rayo no Mosteiro, e que ella prostrando-se diante daquelle Crucifixo, pedia naõ permittisse, que fizesse damno. Mais individuaçoens haveria neste caso; mas sempre as de mayor reparo costumava deixar em silencio.

Adoeceo gravemente a Prelada, a que assistia; receava Sor Maria o rigoroso golpe da sua falta; foy excessivo seu sentimento, que naõ podia dissimular como domestica; e advertindo-a a enferma, que era culpavel a sua pena, porque devia accommodar-se com a vontade Divina mais, que attender ao amor da creatura, lhe respondeo: *Que o seu sentimento era divida, por quem a trouxera áquella Casa, e lhe dera a honra de ser filha della, (o que naõ merecia) porque Deos castigava, e aborrecia ingratos. Que quanto a inclinaçoens, sabia Deos, que nunca em seu coraçaõ entraraõ de cousa desta vida.* Mas aggravava-se a doença á Prelada; ordenaraõ os Medicos, que se lhe dessem os Sacramentos; e advertio ella a Sor Maria, que se dispuzesse, porque ambas haviaõ de receber o Senhor. Assim succedeo; e reparando a enferma, que Sor Maria se revestia de huma alegria desusada, vio, que chegando-se a ella, lhe dizia: *Madre, confie no Senhor, que naõ ha de ir desta, porque quer elle, que lhe faça ainda muitos serviços*; successo, que logo testemunhou a mesma Prelada, e se confirmou na melhora repentina, com que se restituhio a saude perfeita.

Tornou a adoecer a mesma Prelada dahi a alguns annos, e dizendo a Sor Maria, pela ver muy desconfiada, que devia conformar-se com a vontade Divina, lhe tornou ella com muitas lagrimas: *Confirme-se vossa mercê tambem, porque agora lhe digo, que já naõ terá saude em*

quan-

quanto viver; e assim foy, como o multiplicarem-se os trabalhos áquella Religiosa, promettidos tambem por Sor Maria, que lhe certificou vira em sonhos huma grande Cruz, e logo huma grande estrada, que hia parar junto á cella daquella Prelada.

Mas mais singular caso confirmou os favores, que Sor Maria conseguia na sua oraçaõ. Cahio na cama de doença, que pareceo ser a ultima. Assistia-lhe a sua amante Prelada, e dizendo-lhe, que esperava em Deos, que havia de ter melhora, lhe respondeo: *Ainda mal, que naõ ha de aqui ter termo o meu purgatorio.* Ficou dizendo isto absorta, e sem sentido. Vieraõ os Medicos, e tomando-lhe o pulso, voltaraõ para as Religiosas, dizendo, que aquelle accidente era superior aos remedios dos homens, e que mais se haviaõ de dar a Deos graças, que applicar mesinhas. E tornando em si, e achando alli só a Prelada, lhe disse: *Nesse lugar em que vossa mercê está, tive eu hontem aos grandes Patriarchas S. Domingos, e S. Francisco, a que me queixey muito de se me dilatar tanto este desterro; mas isto saõ sonhos, naõ ha para que reparar nelles.* Dahi a pouco tempo a tomou huma taõ ardente febre, que foy preciso chamar o Medico, que lhe applicou hum cordeal, e voltando-se ella para a parede, voltou dalli a espacio, e sentada na cama, pedio o vestido; e tanto instou, que (ainda que parecia delirio) se lhe deu, e se levantou, e a petiçaõ sua a levaraõ ao Coro; de donde veyo sem arrimo, nem admittio mais Medico, antes dalli a dous dias se poz na sua austeridade costumada, e serviço da Communidade na assistencia do forno, de que a Prelada a quiz aliviar, e ella o naõ admittio, dizendo: *Que como Deos naõ quizesse, lhe tiraria as forças; que daquella sorte a quizera o Senhor, e nella havia de perseverar.*

Bem conhecia Sor Maria os avanços daquella humildade, exercicio em que muitas vezes a espreitaraõ, e a viraõ extatica com os joelhos em terra, logrando as delicias daquelle Esposo, que por ella se fizera servo.

Alguns favores, que recebia do Ceo, ou importunada, ou inadvertida, communicava á sua Prelada, mas cahindo logo em si, dizia: *Madre, isto tudo saõ imaginaçoens*; e logo se retirava, naõ deferindo a pergunta alguma. Via-selhe no semblante quando tinha sido favorecida; e em huma occasiaõ hia a dizer o que neste particular lhe succedera, e fallou taõ altamente, que a Prelada ficou suspensa, e testemunhou despois, que o que só lhe percebera, fora: *Que o Senhor, ainda que muito humano, assim infundia veneraçaõ nos coraçoens, que tudo parecia temor, mas que o amor podia mais.*

Havendo algumas dissençoens no Mosteiro, e palavras entre algumas Religiosas, affirmava, que nada ouvia. A sua pratica, que era raras vezes, só com Religiosas reformadas, e em cousas do Ceo; herança daquelle grande Pay, que se fallava, ou era com Deos, ou de Deos. Assim se resolveo despois de vinte e tantos annos, por conselho da sua Prelada, a communi-

municar a ſua conſciencia com hum Religioſo de letras, e vida concertada, e dizia: *Que ella ſim ſeguia bom caminho, mas ás eſcuras, porém agora com candea.*

Exceſſiva no affecto, e reverencia ao Santiſſimo Sacramento, introduzio no Moſteiro, que no ſeu Oitavario houveſſe Lauſperenne; pedindo-o com muita inſtancia á ſua Prelada, que aſſim o ordenou com grande lucro eſpiritual das Religioſas; e houve circunſtancias, de que ſe inferio, que fora aquelle empenho conſelho do Ceo. A hum Eſtudante, que queria ordenar-ſe, o mandou ella dar por huma Religioſa ſua parenta, que naõ tomaſſe aquelle eſtado, ſem fazer primeiro huma confiſſaõ geral; porque de outra ſorte ſe lhe aparelhavaõ grandes infortunios. A grandeza, e continuaçaõ deſtes moſtraraõ, que ſe naõ tomou o conſelho.

Como na oraçaõ os participava do Ceo, coſtumava embaraçarlha o inimigo. Vio-ſe em hum tremendo caſo. Recolhia-ſe huma noite para a caſa da Prelada, em que aſſiſtia, e taõ inquieta, e choroſa, que importunando-a pela cauſa, reſpondeo: *Que heide fazer, Madre, ſe teve poder o inimigo para me eſtorvar a minha hora de deſcanço? Porque aſſim como entrey na minha Capella, ſe me poz neſta imaginaçaõ, que via muita gente no Clauſtro, e traziaõ as Religioſas a huma com hum mortal accidente, e por mais diligencias naõ podia confeſſar-ſe, nem tomar o Senhor. Iſto ſe me imprimio de ſorte, que ſahi ao Clauſtro, mas o inimigo com medos, e eſtrondos me fez retirar.* Recolheo-ſe; mas bem vio a Prelada, que naõ deſcançava, e a pouco eſpaço ſahio da cella. Levantou-ſe a Prelada ao romper da manhãa cuidadoſa, eis-que lhe fere os ouvidos hum deſuſado eſtrondo, e chegando a examinal-lo, vê, que traziaõ em braços a meſma Religioſa, que diſſera Sor Maria, com hum accidente, que ſem obedecer a remedios, lhe tirou a vida ſem confiſſaõ.

Ao tempo que iſto eſcrevemos, vive Sor Maria, mas taõ attenuada com annos, e achaques, que nos braços a levaõ para o Coro, em que gaſta os dias, e parte das noites. O Senhor, que a tem conſervado até aqui, para demonſtraçaõ de ſua clemencia, a poderá deſempenhar com mayores evidencias na morte de ſua ſerva, para gloria ſua, e aſſumpto de melhor penna.

Mas fechem o numero das glorioſas filhas deſta Caſa duas Irmãas Converſas, que ainda que mais antigas nella, deraõ o ſeu lugar ás Madres de que temos eſcrito, para entrarem juntas neſte ultimo. Foraõ ellas Sor Domingas, e Sor Aguéda da Cruz, e aſſim ſouberaõ abraçar a da Religiaõ, que igualmente edificavaõ, e ſerviaõ a Caſa com o ſeu exemplo, e com o ſeu cuidado. Naõ quiz ter Sor Domingas outro, mais que ſervir; como quem conhecia, que o meſmo Deos feito homem, naõ eſcolhera outra occupaçaõ na terra. Entrara neſta Caſa com huma irmãa, e huma ſobrinha, todas para Freiras Converſas; tiveraõ depois dote, paſſaraõ as duas para *Sor Domingas, e Sor Aguéda da Cruz.*

ra Freiras do Coro, naõ quiz Sor Domingas, tendo o mesmo. Servia a Communidade no trabalho do forno, como se desafiasse as labaredas de sua caridade nas que accendia nelle. Andou sempre descalça, para que a convidavaõ os tojos de sua officina, onde naõ queria dar passo, que naõ podesse ser martyrio. Observante do jejum, ainda esse pouco que comia, dissaboreava com agua. Alcançou huma cadea de ferro, que fora de Servo do Deos o Irmaõ Frey Pedro, Porteiro de S. Domingos de Evora, teve noticia do para que lhe servira, e cingindo-se com ella, e fechando-a com hum cadeado, lançou a chave em hum poço. Consumida de penitencias, annos, e trabalho, foy sua morte de Santa, e como de tal, venerada sua sepultura.

Seguio seus passos nas penitencias Sor Agueda, sangrada de rigorosas disciplinas, descançava poucas horas da noite sobre huma taboa, nunca em cama. Seu desvelo principal, acodir, e remediar a pobreza. Era hum retrato desta a sua cella, e a melhor alfaya, que guardava em hum almariosinho, huma caveira, espelho a que compunha sua vida, e assim a ensinou a morte a viver, que começaria a viver felizmente desde a morte.

Lucrecia da Conceiçaõ. Naõ deixemos em silencio a venturosa, que teve Lucrecia da Conceiçaõ, escrava do Mosteiro, em que viveo muitos annos exercitada em huma extremosa devoçaõ com a Senhora do Paraiso, a que chamava *a sua Senhora do alto*; acompanhava esta devoçaõ com concerto de vida, que parecia effeito della. Achava-se na ultima hora, e levantando a voz, disse, que lhe chamassem trez Religiosas, apontando os nomes dellas, (eraõ as que se conheciaõ na Casa mais devotas da Senhora) e que viessem com toda a pressa a ver a sua Senhora do alto, que lhe entrava pela janella a fazer-lhe huma visita; e com o alvoroço de recebella, passou desta vida; seria a acompanhar a Senhora.

Mais copiosas noticias nos devia de roubar o tempo, ou o descuido, e quero tambem crer, que a modestia desta Casa, porque muito mais nos promettia a observancia, que se continúa nella, de que naõ faltaõ memorias de vidas reformadas, mas a similhança dellas sem caso particular, nos escusaõ o trabalho de as repetir, podendo a repetiçaõ causar fastio, e tendo já apontado as que bastaõ para exemplo. Sempre nesta Casa houve espiritos, que o fomentaraõ, lembrados da pura refórma de seus principios; para credito dós quaes naõ deixarey de apontar aqui huma circunstancia, que em boa, e assentada tradiçaõ se conserva na Casa, e de que nosso antecessor parece naõ teve notica, e vem a ser, que era (nos primeiros annos de sua fundaçaõ) tal o despego do Mundo, com que se vivia, (ainda no que naõ se escusa) e tal o amor da verdadeira pobreza religiosa, com que se conserva a observancia, sem mais cuidado, que o augmento della, que visitando a Casa ElRey Dom Manoel, (occupado entaõ em refórmar todas as do Reyno) e dando

gra-

graças á Madre Joanna Correa, terceira Prioreza, pela grande reſórma com que o Moſteiro corria, tendo toda a Communidade junta, diſſe ás Religioſas, que pediſſem o de que neceſſitaſſem; e inſtadas outra, e outra vez, que pediſſem (porque todas ſe callavaõ) pediraõ doze mil reis, porque o numero era de doze Religioſas, o que ElRey lhes concedeo taõ admirado de ver ſua parcimonia, como ſó entaõ menos lembrado de ſua Reeal liberalidade. Naõ ſe eſqueceraõ as Religioſas da ſua obrigaçaõ, avultando-a tanto, que todos os dias até o preſente lhe ficaraõ cantando á Hora de Prima o Hymno *Veni Creator Spiritus*, com ſeu verſo, e oraçaõ; e no Oitavario dos Defuntos hum Officio. O Hymno naõ ſey, que porporçaõ tenha para o ſeu agradecimento, ſalvo ſe he em lembrança do que lhe cantaraõ na entrada do Moſteiro.

Mas coroemos as memorias delle com a ſua gloria; a ſua ventura, e o ſeu amparo, que ſaõ as mercês (fallamos nas modernas) da Senhora do Paraiſo, que lhe dá o titulo, e o conſerva reſpeitado. Vio-ſe aſſim por Julho de 1701. que levantando-ſe huma horrivel trovoada, a tempo que as Religioſas rezavaõ Matinas, rompeo taõ viſinho o trovaõ, que entrando a repentina clarida-de por huma janella do Coro, pareceo, que nelle feria o coriſco. Proſtraraõ-ſe as Religioſas por terra, ou aconſelhadas da devoçaõ, ou compellidas do ſuſto, recorrendo com fervoroſos clamores á Senhora do Paraiſo; e examinando deſpois os ſinaes de fogo, que o rayo deixara nas varandas, e lugares altos do Moſteiro, hindo cahir em huma rua da viſinhança (ſem fazer offenſa) o attribuiraõ á protecçaõ da Senhora, que como Cherubim daquelle Paraiſo, lhe ſerve de guarda, continuando a Communidade a memoria do favor em huma Antiphona com ſua oraçaõ, que todos os dias ſe entoa antes de Prima.

Outro favor eſpecial, e moderno ſe ſabe, e teſtemunhaõ as Religioſas, que ſe vio em huma ſervente do Moſteiro, que vendo-ſe ſuffocada de huma poſtema (perigo, a que naõ valiaõ as induſtrias da medicina) ſe levantou da cama, e levada igualmente da devoçaõ, e da ancia ſe foy ao Coro, e pondo-ſe com fé viva nas maons da Senhora, lançou immediatamente a poſtema, teſtemunhando o prodigio com huma repentina, e ſegura melhora. Devem-ſe as deſta Caſa a eſta ſoberana Senhora, que he (como lhe chama a Igréja) Porta do Paraiſo, por onde entraraõ todas as do Mundo.

CAPITULO XXVI.

Das Madres Sor Brites de Lima, ou da Cruz, Sor Brites da Encarnaçaõ, Sor Leonarda da Trindade, Sor Guiomar dos Fiéis de Deos, Sor Urſula de Santa Maria, Sor Antonia de Jeſus, Sor Magdalena da Sylva do Moſteiro da Roſa.

ENtremos no jardim duas vezes fechado, pelo voto da Clauſura, e pela cautela da obſervancia, florecendo aſſim nelle

Hortus cõcluſus, hortus cõcluſus. Cant. 4o.

nelle as flores della, que justamente lhe deu primeiro o Rosario, despois a Rosa, o nome, como emblema das venturosas Primaveras em que respiraraõ tantas Assucenas Dominicanas, sendo este o jardim, que duas vezes escondido aos olhos do Mundo, soube roubar os daquelle Esposo, a que a esposa verdadeira offereceo entre flores o thalamo, e o logrou na Clausura das Rosas como sustento. Já na fundaçaõ da Casa se percebeo largamente a fragrancia de virtudes, com que o Ceo a enriquecia; durou despois, e dura ainda como em herança nas filhas, que despois a cultivaraõ, como mostraremos agora; e seja entre ellas a primeira, a Madre Sor Brites de Lima, tia do Bisconde de Ponte de Lima, nobreza, que pizou, para ir descendo ás occupaçoens de serva na Clausura Dominicana. Tal era sua humildade. Com toda pedio, e vestio a mortalha religiosa, abraçando com tanto gosto os seus rigores, que nem quiz que os achaques a dispensassem delles; antes começando estes a perseguilla, se poz da sua parte com as austeridades da sua penitencia. Mas era muita sua debilidade, para resistir a tantos inimigos; veyo a prostralla huma enfermidade, ajudada de todos. Dilatou-selhe por alguns mezes, naõ para lhe perdoar a vida, mas porque quiz o Ceo mostrar os quilates de sua paciencia; só nos effeitos se via a violencia do achaque, porque se lhe naõ ouvio queixa, ou gemido de que se percebesse. Naõ tinha mais de alivio, que aquelle dia que commungava, com tanta devoçaõ, e lagrimas, que as tirava de compunçaõ dos olhos das Religiosas.

Mosteiro da Rosa.

Lectulus noster floridus Cant. 1.

Acervus tritici vallatus liliis, vallatus Rosis. Cant. 7.

Sor Brites de Lima.

Chegava-se sua morte, quando dous dias antes crescendo com excesso o rigor do mal, que se via nas ancias, e desasocegos, lhe acodio o Ceo com suaves lenitivos, percebendo a doente, e outras Religiosas, (assim assistentes, como distantes) por muitas vezes soberanas, e concertadas vozes, que se repetiaõ no Coro, em que se naõ achava quem as repetisse, por mais que percebida, e continuada a suavidade, se fazia o exame. Entre estes regalos, e mimos do Ceo, passou a lograr nelle a coroa de sua tolerancia, em 19. de Julho de 1622.

Siga huma Brites a outra, huma sobrinha a huma tia. Siga a Madre Sor Brites da Encarnaçaõ á Madre Sor Brites de Lima. Fora esta daquella, naõ só tia, mas mestra, e Sor Brites da Encarnaçaõ taõ grande discipula, que no exemplo, que despois deu a toda a Casa, começou a substituir pela mestra. Foy esta Madre filha do Bisconde Dom Lourenço de Lima, dotada de grande prudencia, e igual modestia, mas a delicadeza, e debilidade natural, mimosa da criaçaõ que tivera, naõ se resolvia a abraçar as asperezas do estado que tomara, e em que a doutrinara sua tia; assim se deixou passar os primeiros annos em hum genero de vida concertada, antes com attençoens á sua qualidade que em sogeiçaõ, e sacrificio á virtude. Entravaõ os achaques a desculpar as relaxaçoens, mas dispoz o Ceo, que elles mes-

Sor Brites da Encarnaçaõ.

meſmos aconſelhaſſem a refórma, porque creſcendo com exceſſo, romperaõ hum dia em hum accidente, que a privou de falla, juizo, e movimento, ſem aproveitar induſtria, ou remedio humano.

Recorreraõ as Religioſas á Senhora do Roſario; no ſeu dia teve falla, e juizo inteiro; das leſoens, e debilidades do corpo foy pouco a pouco convalecendo, e das do eſpirito, com huma taõ repentina melhora, que bem ſe deſcobria, que o Ceo, que lhe dera a primeira, a aconſelhava para a ſegunda. Começou a entrarſe de hum conhecimento proprio, que a abateo, e meteo debaixo dos pés de todas, desfazendo em cinza aquellas fabricas antigas, em que o idolo da eſtimaçaõ ſe deixava adorar nas repetidas liſonjas da calidade, e das prendas. Trocou a cella pelo Coro, o deſcanço pela oraçaõ. Era raro o lugar, em que achando as Preladas, ou Religioſas antigas, ſe naõ puzeſſe de joelhos, pedindo-lhe perdaõ de ſuas paſſadas vaidades, ou deſattençoens ao ſeu reſpeito; eſpectaculo nunca viſto ſem lagrimas, e ſempre com acçaõ de graças áquella excelſa maõ, que faz eſtas mudanças. Tornaraõ a perſeguilla os achaques, que por oito annos foraõ ſeus algozes, ſem acabarem com ella o reduzir-ſe a menos auſtera vida, antes adiantava a perfeiçaõ della em huma rara conformidade, e tolerancia.

Chegou huma Veſpera de Noſſa Senhora da Purificaçaõ, acabara de confeſſar-ſe, eſperava commungar com a Communidade, quando entendeo, como ſe em clara voz o ouviſſe, que o dia ſeguinte ſeria ſua morte. Poz-ſe nas maons de Deos, recebendo-o, e paſſando aos pés da Prelada, lhe pedio perdaõ como indigna ſubdita, e a bençaõ, que já ſeria a ultima, porque era chegado o fim de ſua vida; que Deos lhe permittira eſſa noticia, e naõ havia duvida. Reprehendeo-a a Prelada, entendendo, que ameaçada de algum accidente, rompia naquelle delirio, advertindo-lhe, que naõ déſſe credito a fantezias, taõ alheas do que coſtuma dar a virtude. Obedeceo Sor Brites, culpando-ſe de huma temeridade, e ſogeitando-ſe, contra o que experimentara, ao dictame da Prelada, como Oraculo da ſua obediencia; ſacrificio, a que ſó chega a perfeiçaõ mais abalizada. Deteve-ſe Sor Brites no Coro aquelle dia mais do que coſtumava, e recolhendo-ſe á noite para a cella, diſſe a huma ſervente, que lhe aſſiſtia, que puzeſſe junto ao leito taes medicinas, que lhe ſeriaõ neceſſarias. Foy aſſim, que de madrugada a tomou huma violenta apoplexia, de que paſſados trez dias, eſpirou, ficando-lhe o roſto até alli mortificado, e conſumido, com huma tal ſerenidade, e belleza, que parece copiava a gloria de ſua alma. Faleceo em 13. de Fevereiro de 1639.

Muitas vezes ſe nos tem offerecido o fazer eſta reflexaõ ſobre a harmonia, que venturoſamente fazem a virtude, e a nobreza, porque a cada paſſo ſe nos repete eſte aſſumpto nas filhas deſta Provincia, naõ ſendo menos venturoſo eſte Reyno

na

na circunstancia de serem os seus Mosteiros huns reformados Palacios, em que hospedado o melhor de sua nobreza, desempenha com ventagens as estreitezas da observancia. Esta a razaõ de repetir a reflexaõ com gosto, porque naõ desconheça o Reyno, que os Mosteiros da Provincia naõ enfraquecem a sua grandeza, antes conta em todos mais, e melhorados Palacios.

Continue o argumento desta verdade, despois das duas Madres, de que temos escrito, a Madre Sor Leonarda da Trindade, igualmente com ellas illustre por nascimento, e digna desta memoria por sua humildade, zelo, e observancia; mas sobre tudo por huma singular devoçaõ ao mysterio da Santissima Trindade, que lhe deu o nome. Fazia-lhe todos os annos a festa, mas era taõ pobre, que valendo-se da industria de suas maons, trabalhava todo o anno para aquelle dia. Venturosa tarefa, premiada com hum successo, em que parece mostrou o Ceo, que estimava o trabalho! Costumava Sor Leonarda fazer festivo o dia, naõ só quanto ao culto da Igreja, mas queria, que tambem abrangesse ás Religiosas com huma limitada pitança de fruta. Naõ era o tempo muy liberal della; tinhaõ sido poucas as sobras do gasto principal, para acodir áquella falta. Recolhia-se á noite da oraçaõ para a cella com essa pena, quando lançando os olhos para donde tinha alguma fruta, que se lhe dera de esmola, a acha taõ avultada, que contando-a com alvoroço, achou para repartir com largueza por todo o Mosteiro. Era rigorosa, e estreita nos jejuns, comprava paõ grosso, dando o mimoso, com a reçaõ, que lhe dava a Communidade, aos pobres. Em alguns legumes, ou hervas, que lhe punhaõ no Refeitorio, e eraõ o seu prato quotidiano, lançava agua para lhes tirar o gosto. Assim foy sua vida huma mortificaçaõ continuada, sua morte o mayor alivio, e mayor ventura della.

Sor Leonarda da Trinda-

Teve a mesma a Madre Sor Guiomar dos Fieis de Deos, como veremos logo. (continuamos ainda nella o numero das nobres, e observantes) Foy esta Madre com excesso humilde, e penitente, continua em fervorosa oraçaõ, as mais vezes pelas Almas, que igualmente experimentava agradecidas, e em cousas taõ publicas, que lhe naõ era possivel recatallas; por mais que o prevenia a sua modestia, e se cançava a sua industria. Foy ainda mais publico o que testemunharaõ todas as Religiosas em sua morte. Poucas horas antes della, se ouviraõ no Coro vozes desconhecidas, entoando o Officio de Defuntos, entre ellas levantou a moribunda as maons, e olhos ao Ceo, e dando-lhe graças em vozes já mal percebidas, espirou, ficando na mesma fórma com tanto socego, e compostura, como se ainda vivera.

Sor Guiomar dos Fieis de Deos.

Grande espelho de refórma vio esta Casa na Madre Sor Ursula de Santa Maria, pessoa de grandes respeitos por sua qualidade, mas tanto mais sobidas as de sua virtude, que naõ só nesta Casa, em que a tiveraõ por Mestra, a elegeraõ

Sor Ursula de Santa Maria.

Prelada, mas eleita em outras, foy a reftaurar nella a refórma. Naõ fatisfeita com os rigores da Religiaõ, tinha particular induftria para inventar outros, com que fe penitenciava. Affim fez por fuas maons humas difciplinas com taõ multiplicados, agudos, e rigorofos bicos, que baftavaõ poucos golpes para martyrizar, feguindo-fe taõ largas fangrias, que era precifo á fua cautela, andar bufcando os lugares mais efcondidos da Cafa, e advertir a huma amiga, de quem fe fiava, que a taes horas a procuraffe, para lhe fervir de arrimo, para vir para a cella; a tal eftado a reduzia o rigor da difciplina! Affim trazia o corpo, antes efpedaçado, que ferido. Muitos annos perfeverou nefta vida, paffando, muy entrada nelles, a lograr o que merecera nella.

Sor Magdalena da Sylva.

Da Madre Sor Magdalena da Sylva ficou a memoria de grande obfervante; penitente, tanto como obfervante, e humilde, tanto como nobre. O feu zelo a poz no lugar de Prelada, e a fua obediencia (acabado o cargo) nos officios mais penofos do Mofteiro; fervia-os com defvelo, fem que os annos, ou os achaques lhe ferviffem de embaraço. Por todos cortava fogindo para o feu centro, que era a oraçaõ, em que fe efquecia com fuavidade de efpirito, como moftravaõ as groffas, e continuas lagrimas, que cahiaõ de feus olhos, em fe pondo de joelhos. Com eftas mudas, mas expreffivas linguas, fallou na ultima hora de fua vida a feu Efpofo, que tinha na maõ na Imagem de hum Crucifixo. Efpirou, chegando os fagrados pés aos olhos, como fe encaminhara aquelles dous penitentes rios ao mar de mifericordias, que contemplara naquellas Chagas. Venturofa Magdalena, que foube regar aquelles pés com lagrimas, que já em outra fecaraõ culpas, e já em outros colheraõ premios!

Mas fechemos efte Capitulo com as memorias de huma filha defta Cafa, em que parece foy a virtude herança, e naõ ferá pouco credito feu conhecer-fe o parente, de quem a herdou. Foy efta a Madre Sor Antonia de Jefus, venturofa confaguinea do Noffo Arcebifpo de Braga Frey Bartholomeu dos Martyres, por anthonomafia o Santo Arcebifpo; e foy a primeira virtude, que herdou delle, huma intenfa caridade com o proximo, defempenhando nella os lanços, que o Santo Prelado com os neceffitados, porque para os remediar a elles, fe faltava a fi. Ninguem chegou com affliçaõ a ella, que naõ fahiffe aliviada, porque ou acodia com o remedio, ou com a commiferaçaõ. Gaftava a noite inteira orando, e na cella, por fugir á publicidade do Coro, ou porque efcutara bem o preceito Evangelico, de orar no retiro; a mayor parte do tempo de joelhos, defpois em pé, tomando de madrugada, pouco, para hum ligeiro defcanço.

Sor Antonia de Jefus.

O feu zelo, o feu defvelo, o feu exemplo a puzeraõ duas vezes no lugar de Prioreza, que encheo, e exercitou com feveridade, valor, e inteireza. Com igual prudencia trabalhou pela confervaçaõ da paz, e concordia religiofa, baze, e funda-

mento

mento da obſervancia. Aſſim a deſvelava eſta importancia, que em ſabendo, que havia differenças entre Religioſas, as admoeſtava, e reduzia, chegando muitas vezes a lançar-ſe aos pés das rebeldes, appellando para a ultima diligencia das lagrimas. Enfraquecida já de annos, e trabalhos, e muito mais com os de Prelada, a ſegunda vez, que o era, pedio abſolviçaõ ao Prelado, dando a entender, que já era tempo de reparar ſó em ſi, porque ſe aviſinhava o da ſua morte, que chegou ligeira, ainda que de achaque, que a naõ promettia. Poucas horas antes de eſpirar, diſſe com grande alvoroço de ſeu eſpirito, que eſtava vendo ao Santo Bautiſta junto á ſua cabeceira, que a vinha ajudar naquelle aperto, e pagarlhe a devoçaõ, com que ſempre o tinha ſervido; mas que era taõ ſoberana aquella viſta, que juntamente era premio, e regalo; e aſſim eſpirou com ſingular ſocego.

CAPITULO XXVII.

Das Madres Dona Maria de S. Lourenço, Dona Anna da Aſcenſaõ, Dona Maria de S. Sebaſtiaõ, Dona Iria de Mello. Dona Antonia de Brito, Sor Barbara de S. Franciſco, Sor Anna Bautiſta, Sor Catharina de Sena, Sor Ignez de Santa Maria, do meſmo Moſteiro da Roſa.

EM nada inferiores ás primeiras, de que temos eſcrito, achamos memorias das que iremos eſcrevendo, tanto nas qualidades da nobreza, como da virtude, naõ ſendo ocioſa a da nobreza, como a que offerece incentivos ás que naſceraõ com os meſmos reſpeitos, para ſeguirem os meſmos paſſos. Eſte exemplo deixou a Madre Dona Maria de S. Lourenço na eſtreiteza de vida, que abraçou, ſendo a mais humilde, e a mais pobre, eſquivando-ſe com os parentes opulentos, e illuſtres, porque cingida da mortalha Dominicana, (naõ tinha o ſeu habito mais feitio, que o de mortalha) naõ ſe tinha mais que em conta de huma eſcrava da Caſa, aſſim no abatimento, como na penuria. Dotou-a o Ceo de huma Santa ſingeleza, em que ſe via a pureza de ſua alma; mas o que mais avultava nella, era huma continua oraçaõ, e taõ fervoroſa, e abrazada, que eſtando orando diante de huma Imagem da Senhora da Aſſumpçaõ, de que era devotiſſima, ſe lhe viraõ ſahir da boca vivas faiſcas de fogo, indicio da labareda, que lhe ardia no peito. Vio-o, e teſtemunhava-o aſſim a Madre Sor Maria de Jeſus, digna de todo o credito, pela grande reputaçaõ, em que eſtava no Moſteiro.

Madre Dona Maria de S. Lourenço.

Naõ podia deixar de prometter ainda mayor fruto ſimilhante effeito; e vio-ſe em outro caſo. Orava a Madre Dona Maria diante da meſma Senhora, em occaſiaõ de huma cruel tempeſtade, fuzilavaõ os relampagos, aſſobiavaõ os ventos, açoutavaõ as janellas da Caſa chuveiros groſſos, e continuos, e Sor Maria immovel, e arrebatada naquelle ſoberano Arco, que podia reduzir a ſerenidade mayor diluvio, quando deſcen-

do hum rayo sobre a mesma Casa, passou por entre a Senhora, e Sor Maria, sem lhe fazer molestia, deixando para mayor evidencia queimados os vestidos da Senhora. Naõ se alterou a devota Madre, mas continuou a oraçaõ com o mesmo socego, achando-a na mesma fórma as que despois a buscavaõ em cinza.

Naõ lhe deixava sua caridade ter cousa propria. Concorrendo com igual necessidade, sahia sempre remediada a alheya; assim perseverou muitos annos, coroados com huma morte taõ ensayada nelles.

Dona Anna da Ascensaõ

Naõ foraõ menos venturosos os da Madre Dona Anna da Ascençaõ, tia dos Biscondes de Ponte de Lima, porque com igualdade guardou em toda sua vida o mayor rigor, e intereza da observancia. Inventava novos modos de affligir-se, e martyrizar-se industriosa na penitencia. Usou sempre lãa junto á carne, e na pobre cama. No Advento, e Quaresma a trocava pelo chaõ, ou huma cortiça. O zelo, e a prudencia iguaes nella a fizeraõ Prelada. Entrada em annos, cahio enferma, dando novos exemplos na sua tolerancia. A's portas da morte chamando as Religiosas, as exhortou para o desprezo do Mundo, e amor da Religiaõ, com palavras cheyas de fogo, a que se derretiaõ em compungidas lagrimas os coraçoens das que a estavaõ ouvindo; e dizendo-lhe, que ella era ditosa, pois sempre observara o que lhes propunha, as atalhou respondendo: *Que naõ olhassem para ella, mas para o que lhes dizia; porque ella fora sempre huma grande peccadora, e que naõ tinha mais esperança, que no sangue de Christe, por ser todo misericordia.* Pedio logo, que lhe lessem a Paixaõ, e no lugar em que deraõ ao Senhor a bofetada, levantou a maõ, a que a compaixaõ deu nova força, e descarregou hum grande golpe na face, e entre demonstraçoens de confórme, e penitente, espirou entre a voz commua de mulher santa, no anno de 1627.

Dona Anna de S. Sebastiaõ

Parece que nas similhanças do nome, da qualidade, e naõ menos da virtude correo parelhas com esta Madre a Madre Dona Anna de S. Sebastiaõ, Religiosa exacta na observancia, rigor, e inteireza das leys, que professara. Sendo de genio brando, e sofrido, era fogo exasperado no que tocava a offensas contra Deos, ou relaxaçoens, e faltas na refórma, zelo, que a poz no lugar de Mestra de Noviças, sacrificada ao trabalho de cultivar plantas novas; despois no lugar de Prioreza, fazendo o milagre de contentar todas as subditas. Em Quaresmas, Adventos, e Vigilias de muitos Santos naõ tinha mais cama, que o chaõ. Naõ teve mais vida, que huma penitencia continuada; cheya de annos, e enfermando gravemente, naõ teve dia mais alegre, que o em que lhe deraõ o desengano da sua morte. Vio-a sem pavor, e poz-se nas suas maons, como a que esperava passar ás de Deos, em 11. de Setembro de 1648.

Dona Eria de Mello.

Quasi contando a mesma idade, se lhe seguio pouco despois na morte a Madre Dona Eria de Mello, tia sua, donde a virtude mostrou sympatias com o san-

o sangue, porque igualmente zelosa servio o cargo de Prioreza, igualmente observante, era o vivo exemplar, a que se reformava toda a Casa. O que foy mais raro nella, foy sua constancia, naõ havendo caso, por prospero, ou adverso, que a achasse com diverso rosto; mas dando com Job graças a Deos por se fazer sua vontade, como quem conhecia, que só elle dispunha o mais conveniente. Consumida de annos, e penitencias, lhe sobreveyo huma grande fogagem, que repentinamente se lhe recolheo. Pedio, e recebeo logo os Sacramentos com muita paz, e conformidade, e ao mesmo instante começou o fogo, que estava recolhido, a vaporar por todas as partes do corpo, ateando-selhe nelle, e no rosto, como se pegara, e ardera, em materia combustivel; assim parecia toda huma viva braza, (fora isto, como se lembrou huma Religiosa de sua confiança, o que tinha pedido a Deos o dia que professara, que lhe désse o purgatorio nesta vida) e assim a cresceu de sorte, que desfigurada, metia medo, movendo a compaixaõ os gemidos, que com voz fraca articulava vencida da dor, com taõ violentos symptomas, que no espaço de quinze dias, que durou este martyrio, se ajuntou muitas vezes a Communidade, e com pressa, entendendo-se, que acabava.

Poucas horas antes de espirar, acordando de hum grande parocismo, disse com voz, e rosto alegre, e alvoroçado: *Quem veyo? Que vejo!* E suspendendo-se hum pouco, continuou: *Meu Padre S. Domingos.* E perguntando-lhe huma Religiosa, que lhe assistia, se vira Nosso Padre, respondeo como cahindo no que tinha dito: *Ay Madre! E mereço eu isso?* E espirou logo, trocando-selhe o rosto de medonho, e disforme em fermoso, e alegre; seguindo-se a esta transformaçaõ prodigiosa huma peregrina fragrancia, que encheo, e admirou toda a Casa.

Siga a estas Madres huma sobrinha de ambas, e herdeira de seu espirito, como a que por virtude fez com ellas mais estreito parentesco. Foy ella a Madre Dona Antonia de Brito, que com igual zelo, e refórma foy tambem Prioreza, sendo venturoso seu governo pelas direcçoens, e conselhos do Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, que entaõ governava esta Provincia. A' observancia das Constituiçoens, e Regra accrescentava os exercicios de aspera penitencia, estreito jejum, e rigorosa disciplina. Achava-a a madrugada no Coro, desvelo, a que a convidava na oraçaõ, acompanhada de anciosos gemidos, e copiosas lagrimas, interrompidas da penitente voz com que recorria á Divina misericordia. Desvelava-a o ornato, e aceyo do culto Divino, e para o que pertencia a elle, nas obras da Igreja, e pessas para a Sacristia, applicou huma pequena tença, mas muito augmentada com os lucros de obras de maons, em que era muy engenhosa, ficando para si reduzida a huma total penuria. Devota do Santo Bautista, se vio recorrendo a elle antes resuscitada, que livre, de huma mortal enfermidade.

Dona Antonia de Brito.

Vi-

Viveo despois muitos annos, seguindo ainda mais estreito estylo de vida, como ensayado ás portas da morte, a que estivera. Chegou ella, recebeo os Sacramentos, e acabou em paz.

Naõ teve esta Casa menos interesses espirituaes em outra Prelada, que primeiro lhe industriou Santamente as Noviças, e despois governou com igual prudencia as Religiosas. Foy esta a Madre Sor Barbara de S. Francisco, parenta do Santo Arcebispo Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, como sobrinha da Madre Sor Antonia de Jesus, que no Capitulo passado nos deu assumpto. Achava-se nesta Madre, sobre o desvelo da observancia, á virtude da fortaleza, com que em seu tempo teve grandes augmentos o concerto, e refórma desta Casa. Destra no Latim, e ceremonias, naõ houve para as principiantes melhor Mestra. Zelosa, e incançavel no trabalho, naõ houve mais vigilante Prioreza. No Dormitorio zelava o silencio, na Portaria a modestia, no Coro a assistencia; em todas as partes se achava, bastando para o concerto de todas a sua presença. Grande confusaõ para os Prelados, que cuidaõ, que naõ devem de encher mais que hum lugar! Por isso ha tantos, que o pertendem, e taõ poucos o satisfazem, sem acabarem de entender, que dos homens, que devem valer por muitos, escaçamente se acha hum entre todos.

Sor Barbara de S. Francisco.

Era a Madre Sor Barbara grande Prelada, porque multiplicadas suas virtudes, tinha com que encher todos os lugares. O que mais avultou em sua vida, foy a ancia, e industria de saber mortificalla. Destemperava esse pouco que comia, veyo a absterse totalmente de beber, e começouse a mirrhar; antes era hum esqueleto, que corpo attenuado. Sua vivenda era no Coro, adonde a buscavaõ as Religiosas, para as adestrar no Officio Divino, sendo todo o seu cuidado, que se venerasse a Deos sem defeito; ouvindo-selhe muitas vezes dizer, que desejara morrer mirrhada em huma daquellas cadeiras. Tal era o desejo, de que se naõ faltasse á minima circunstancia da reza. Faleceo em boa velhice, com grandes esperanças da eterna felicidade, em 9. de Mayo de 1646.

Parece que se adiantou mais a Madre Sor Anna Bautista, naõ só continua na assistencia do Coro, mas reduzindo-se a hum tal concerto de vida, que andava sempre na presença de Deos. Assim o promettia a ancia com que veyo buscallo no thalamo da Religiaõ, e Clausura, esquivando-se ás diligencias, e industrias dos pays, que a convidavaõ com esposo da terra, e negaças da ventura. Sobre a observancia das suas leys, grande humildade, e paciencia, sobida, e remontada no exercicio de contemplativa; e se a tiravaõ delle as precisas obrigaçoens, e commercio religioso, era tal sua santa destreza, que voltava, e metia a pratica em Deos. Em tudo o que era de seu serviço, ou tocava ás importancias de sua alma, era executiva, resoluta, e inteira, sem attender a respeitos, ou embaraços, respondendo a huns, e a outros, que no serviço de

Sor Anna Bautista.

Deos

Deos naõ podia haver excessos, porque sempre o que se fazia, era menos do que o que se devia fazer. E como se accommodaria com o pouco, quem ficava devendo ainda obrando o tudo? Entrada em dias, cahio em huma cama, em que se encheo de chagas, purgatorio, que lhe naõ deveo nem o desafogo de hum suspiro, sendo suas lagrimas antes supplicas, que queixas; desta agua, e daquelle fogo passou ao eterno refrigerio, em 28. de Abril de 1651.

Fechemos este Capitulo com duas Religiosas, que podiaõ dar assumpto a muitos, se a omissaõ das que as conheceraõ, e trataraõ, se naõ contentara com noticias commuas. Foraõ ellas as Madres Sor Catharina de Sena, e Sor Ignez de Santa Maria. Da Madre Sor Catharina baste o testemunho de seus Confessores, a que muitas vezes se ouvio dizer, que naõ tinha culpa mortal. Todo o tempo lhe parecia pouco para a oraçaõ. De noite ficava no Coro até ás onze, e ás trez da madrugada estava outra vez nelle. Entrava na oraçaõ, que continuava com tanta delicia, que muitas vezes ficava extatica. Em huma occasiaõ ardendo-lhe hum rolo, que tinha junto a si, lhe queimou, sem ella o advertir, grande parte da toalha, e do véo, apagando-se per si, sem lhe fazer damno. Taõ sepultada estava naquelle gostoso exercicio! Naõ era o Ceo em lho pagar menos prompto. Penitente, e mortificada, teve por toda sua vida o martyrio de escrupulosa. Teve dom de lagrimas, faiscas do fogo em que trazia o coraçaõ abrazado. Ardia em zelo da honra de Deos; aspera, e azeda em reprehender o que a podia encontrar. Naõ faltavaõ animos livres, que lhe respondiaõ com injurias, escutadas della com hum taõ seguro sofrimento, que estranhando-selhe, que naõ respondia, respondeo: *Que mais importava naõ cahir em huma culpa, que desafogar com huma reposta.* Acabou por Janeiro de 1660. com tanta paz de espirito, como se em toda sua vida desconhecera escrupulos, e despois della naõ podesse haver receyos.

Sor Catharina de Sena, e Sor Ignez de Santa Maria.

Da Madre Sor Ignez ficou a memoria de huma Religiosa perfeita, humilde, penitente, e sofrida; sobre tudo fervorosa na oraçaõ, que a todas as horas repetia diante da Imagem de huma Senhora com o Menino nos braços. Esta era todo o seu cuidado, sem haver outro emprego, que lhe levasse o tempo, que lhe restava do Coro. Nelle (applicando-se a algum trabalho de maons) com sua agencia, e industria lavrou huma Capella a esta sua Senhora. Achava-se, quando a acabou, perseguida de achaques, e quasi tropega, levaraõ-na nos braços a ver a obra, e lançando-se sobre os degraos da Capella, disse levantando os olhos á Senhora, entre lagrimas de alegria: *Já agora minha Senhora, que vos vejo com a decencia, que o meu coraçaõ desejava, a vida he vossa, disponde della, que eu despois deste gosto, naõ tenho que esperar mais na vida.* Alli ficou debruçada diante do Altar, alli gastou a noite em oraçaõ, amanheceo ao outro dia, com hum achaque, de que faleceo brevemente, com tanta conso-

conſolaçaõ de ſua alma, como ſe entendera, que aſſim o diſpuzera a ſua Senhora, e que aſſim lhe apreſſava o premio do amor com que a ſervira. Acabou em 6. de Março de 1660.

CAPITULO XXVIII.

Da Madre Sor Ignacia dos Santos, e da Irmãa Converſa Sor Maria da Aſſumpçaõ, do meſmo Moſteiro da Roſa.

Sor Ignacia dos Santos.

CHama-nos huma circunſtancia digna de reparo, e obriganos a que demos principio ás memorias da Madre Sor Ignacia desde o berço, porque antes que chegaſſe ao da Religiaõ, parece que deu indicios de que o buſcaria neſta Caſa, e com a ventura, que deſcubriremos em ſua vida. Sahindo nos primeiros dias della do ſagrado banho do Bautiſmo, lançou maõ de hum Roſario, que trazia a comadre, que a tinha nos braços, e com tanta tenacidade, que naõ foy poſſivel largallo, defendendo-o com reſiſtencias, e com lagrimas; aſſim o teve aquella noite, e o dia ſeguinte; caſo, que deſpertou a memoria ás peſſoas, que a criaraõ, quando a viraõ entrar pelas portas do Moſteiro do Roſario, e muito mais quando pela vida adiante ſe lhe conheceo a grande devoçaõ á Senhora delle.

Annuncios ſaõ aquelles a juizo da piedade Chriſtãa, com que o Ceo dá a conhecer os ſeus mimoſos, como deſpertando as attençoens, para que anticipadamente os reparem ſingularizados. Succedeo aſſim ao Anjo, e Sol das Eſcolas S. Thomaz de Aquino, quando ao banhallo a ama, que o criava, apertou, e prendeo na maõ fortemente hum papel, que tirando-lho (antes com induſtria, que força) e vendo-ſe, que eſtava eſcrita nelle a AVE MARIA, lho reſtituhio a ama, para lhe enxugar as lagrimas com que o pertendia. Feſtejou-o reſtituhido, e levando-o á boca, o engulio. Foy ſem duvida vaticinio o fazer paſto de hum taõ ſoberano myſterio, aquella boca, que havia de ſer Oraculo de todo o Mundo. Mas deixemos as reflexoens ao Leitor, e paſſemos a ver Sor Ignacia no berço da Religiaõ, voltando as coſtas ás offertas da ventura, como filha, ſenaõ unica (a mais mimoſa, e bem dotada) e fogindo com a maõ ás pertençoens de eſpoſo da terra, que a voto de ſeus pays a convidava com os commodos, que ſe eſtimaõ na vida. Mas foy tal a induſtria de Sor Ignacia, que deſvaneceo as eſperanças ao pertendente, ſem eſcandalizar o goſto do pay, que com todo a vio veſtir a mortalha Dominicana.

Nella começou a eſtreita, e pura vida de verdadeira eſpoſa. Era inviolavel o jejum das Conſtituiçoens, a que accreſcentava os de paõ, e agua nas Veſperas de Noſſa Senhora, Feſtas de Chriſto, ſeſtas, e Sabbados de todo o anno. No jejum vulgar ſó comia huma vez no dia, a colaçaõ ſao ſeguinte era eſmola de hum pobre. Entrada a Quareſma, ſe cobria de cilicios, e ſobre o peito huma Cruz de metal, ſemeada de bicos. Aſſim andava até á Paſchoa, paſſando as noites em pé na cella. Apertava-a o ſono; uſou da induſtria de encoſtarſe

a

a hum bordaõ, para que cahindo-lhe, a acordaſſe, ou com o deſamparo da maõ, ou com o eſtrondo do golpe. Imitadora grande de Noſſo Patriarcha, ſe caſtigava todos os dias duas, e em muitos trez vezes com diſciplinas de ferro; penitencia, que naõ podia eſconder de alguma amiga de mais confiança, que a curava; tal era a crueldade com que ſe feria.

Deſvelava-ſe para horas largas de oraçaõ, que vinha ter no Coro, deſpertando algumas diſcipulas do ſeu exemplo, que ſe levantavaõ a ſeguillo. A Quinta Feira Mayor communga-va, e até o dia de Paſchoa, em que o repetia, e naquelles trez dias naõ comia, nem fallava, nem deſamparava o Coro. Fervoroſa na caridade, a achavaõ as doentes continua á ſua cabeceira, todas com a conſolaçaõ, e a aſſiſtencia, as neceſſitadas com a eſmola. Dando-ſelhe os Sacramentos, naõ deſamparava a nenhuma até o inſtante, que eſpirava, ſahindo entaõ a tomar huma larga, e rigoroſa diſciplina, até que a chamava o ſino para levarem o corpo para o Coro. Intentava o demonio, que Sor Ignacia o naõ frequentaſſe naquellas noites, e madrugadas ſeguintes, e achando baſtante motivo (no medo, e pavor, que ficava em todo o Moſteiro) o accreſcentava dando grandes golpes nas cadeiras, em a vendo entrar para ellas; mas ella, que o conhecia, naõ ſe retirava, mas pedia a Deos, que naõ permittiſſe ſe lhe repreſentaſſe couſa, que a deixaſſe atemorizada. E ſuccedeo como lho pedio.

Veyo a romperſe no Moſteiro o exceſſo de penitencias com que ſe perſeguia, entraraõ as Preladas com preceitos, e admoeſtaçoens a embaraçalla. Era grande ſeu ſentimento, propunha, e ſegurava, que ſe enganavaõ com ella, e que antes era materia de conſciencia, vendo-a com tantas forças, naõ lhe porem o preceito para mortificallas. Naõ era ouvida; appellava para os Confeſſores, pedindo-lhes penitencias graves. Aſſim exercitava ſua ancia, naõ faltando á obediencia. Mas queria o Senhor aliviarlhe aquella ſede de padecer, deulhe hum achaque, naſcido do que ſe tinha atormentado em toda ſua vida, nos ultimos annos della, mas taõ vehemente, que parecia acaballa a cada inſtante. Na conformidade, e paciencia (com que o levava) lhe pareceo dado para bem lavrar a coroa della. Seu unico alivio era receber amiude o penhor da gloria, porque ſuſpirava, contentando as ſaudades com aſſiſtencias, que no Coro lhe fazia, todas as vezes, que ſe expunha; eſſe dia gaſtava inteiro neſſa aſſiſtencia, e ſempre ou de joelhos, ou em pé, como ſe em companhia dos Cortezaons da gloria eſtivera exercitando taõ importante politica. E que confuſaõ para os deſcuidos, e culpaveis deſatençoens de hoje, em que a vulgaridade de ſe moſtrar o verdadeiro Rey debaixo de hum ſitial, tem feito aos homens afoutos, e groſſeiros (por naõ dizer menos Catholicos) naõ ſó tomando aſſento diante daquella Mageſtade, mas occupando-ſe, e divertindo-ſe em praticas, e indecencias, baſtando para o ſer, o verem-ſe ſentados

Seraphim ſtabant. Iſaiæ c. 6.

os homens, onde ſe viraõ em pé os Serafins!

Mas chegava-ſe a morte da Madre Sor Ignacia, mandouſe levar nos braços das ſerventes pelas cellas das Religioſas, deſpedindo-ſe dellas, como a que tinha certeza de que ſe lhe chegava a ultima jornada. Inſtava ella, e contava-ſelhe já por inſtantes a vida; diſſe-lhe huma Religioſa, (que a via ardendo em huma labareda, havia trez dias, e ſem levar nada de ſuſtento) que hia ao Coro pedir a Deos, que lhe moderaſſe as ancias. Reſpondeo-lhe: *Que tal naõ fizeſſe, que antes Deos uſava com ella de muy ſuaves caſtigos por ſeus peccados; e antes pedia a ſua miſericordia, que ſe ainda eraõ neceſſarias mayores dores, todas para a importancia daquella hora ſeriaõ ſuaves*. Entraraõ ao Officio da agonia, a que eſteve reſpondendo ſem turbaçaõ; e ſem apartar os olhos de hum Crucifixo, que tinha nas maons, lhe entregou o eſpirito, repetindo na ultima reſpiraçaõ: *Jeſus*. Contavaõ-ſe 14. de Outubro de 1660.

Mas entre tambem a fazer numero nas memorias deſta Caſa, quem naõ ſó lhe ſoube merecer o nome de filha, mas ſervir-lhe tambem de gloria. Foy eſta a Irmãa Converſa Maria da Aſſumpçaõ, que recebida ao habito por eſmola, tendo entrado no Moſteiro por ſervente de huma Freira, deu tal ſatisfaçaõ de ſi a toda a Communidade, que tendo a ſeu cargo o ſerviço ſó de algumas Religioſas, parece, que ſe multiplicava para aſſiſtir a todas. Aſſim o continuava deſpois de Freira; humilde, e pobre, naõ ſó ſe metia debaixo dos pés das Religioſas, mas ainda das ſervas. Alegre, para a occupaçaõ de mais trabalho era a primeira; caritativa, para a aſſiſtencia das doentes a mais deſvelada. O que lhe reſtava de tempo, gaſtava com huma Senhora da Aſſumpçaõ, que lhe deu o nome, orando diante da ſua Imagem, deſpois que tratava do aceyo do ſeu Altar. Aſſim era ſua vida inculpavel, e penitente. Nas palavras ſe lhe ouvia huma (antes que ſimplicidade) ſingeleza, porque ſem miſtura de malicia. Da pobre reçaõ, que lhe dava a Communidade, cerceando-ſe o ſuſtento, o dava a ſua mãy; deſpois que a naõ teve, ao parente mais pobre. A eſta grande parcimonia, ou a eſte eſtreito, e continuado jejum, ajuntava rigoroſas diſciplinas.

Sor Maria da Aſſumpçaõ.

Poucas horas de noite lhe levava o deſcanço; ſempre lhe amanhecia no ante Coro diante da ſua Senhora, quando naõ gaſtava no meſmo lugar a noite inteira. Parece, que eſtimava a Rainha dos Anjos aquelles pobres deſejos; aſſim deu a entender o que ſouberaõ avultar por bem empregados. Pobriſſima era Sor Maria; pedira licença ás Preladas, para ſe occupar em algum trabalho, que tiveſſe lucro, o tempo que lhe reſtaſſe do ſerviço do Moſteiro. Seguio-ſe á licença a ſua induſtria, e o favor da Senhora a fomentalla de ſorte, que gaſtava Sor Maria com ella, o que naõ podera com a mais groſſa tença. Fazialhe a Feſta no ſeu dia com a da Calenda, e Oitavario, com tanto cuſto, e grandeza, que bem ſe deixava ver,

que

que naõ era fó effeito de induftria humana. Ornoulhe o Altar com prata, e ornamentos preciofos; aperfeiçoou a Cafa do ante Coro, fahindo todo efte difpendio (coufa incrivel) de fua agencia, e trabalho. Naõ lhe dilatava a Senhora o premio; vellohemos agora.

Jejuava muitos dias na Quarefma a paõ, e agua; achava-fe em huma, e em hum delles a horas de jantar debelitada, e desfalecida com o pezo do trabalho; tinha dado a huma pobre a reçaõ de paõ, que lhe dera a Communidade. Naõ tinha com que comprallo; entra na cella, bufca, e revolve hum almarinho, em que punha alguma coufa de fuftento, acha-o de todo vafio; fahe ao Mofteiro a ver fe defcobre algum foccorro, e naõ vendo de quem o podeffe efperar, torna a recolher-fe á cella a desjejuar-fe fe quer com hum pucaro de agua, quando fe lhe offerecem aos olhos no almarinho, que já tinha bufcado, trez paens grandes, alvos, e mimofos. Levanta as maons ao Ceo, conhecendo, que era favor da fua Senhora, e naõ menos o numero, pelo que venerava na fua Capella, em que tambem eftavaõ o Menino Jefu, e S. Jofeph, que com a Senhora formavaõ a Trindade da terra.

Naõ foy menor favor o que em outra occafiaõ attribuio tambem á mefma Senhora. Coftumava pelas Pafchoas cobrilla, e ornalla com algumas joyas, que lhe empreftavaõ de fóra. Tinhalhe pofto em huma huns brincos de groffas perolas, occafiaõ, em que vencida do fono, defcançava na fua cella, quando abalando-a duas vezes, lhe repetiraõ: *Maria da Affumpçaõ, acodi á voffa Senhora do ante Coro.* Defperta ligeira, fahe da cella, chega ao Altar, quando vê huma fervente, que pofta fobre elle, lançava as maons ás perolas da Senhora; larga o furto, foge apreffada, fegue-a, (para conhecella) Sor Maria, e a moça, vendo-fe alcançada, e o caftigo, que merecia, lança-felhe aos pés, pedindo-lhe pela mefma Senhora, que a naõ defcubra. Soube-fe defpois o cafo, mas nunca a aggreffora do furto.

Affim experimentava Sor Maria a cada hora as piedades da boa Senhora, a quem fervia, e o como corriaõ todos os foccorros por conta de fua particular providencia. Vio-fe affim no que diremos agora. Ficara Sor Maria empenhada por huma Fefta da Senhora (em occafiaõ, em que a achou menos provida) em quantia de vinte mil reis. Era o acrédor mal fofrido, executava a pobre Freira, que lhe pagaffe logo; e vindo hum dia, (que lhe finalara por ultima efpera) naõ tendo Sor Maria de quem valer-fe, vay-fe ao Altar da Senhora, proftra-fe diante della, pede-lhe com fé, e lagrimas, que a foccorra. Quando (cafo raro!) chamaõ por ella na roda, e lhe entregaõ vinte mil reis, com huma carta de hum irmaõ, que havia annos tinha na India, e lhos remettia para remediar fua pobreza.

Outro cafo fingular, e bem publico, (por paffar entre muitas peffoas) coroou a experiencia do muito, que em todos os empenhos devia Sor Maria á fua Senhora.

Pedio em huma occasiaõ a hum Sacerdote, que assistia na Sacristia, e cuidado da Igreja, que lhe fosse comprar huns covados de tafetá roxo, porque chegava a Quaresma, e queria acabar hum vestido á sua Senhora; mas naõ chegava o dinheiro ao custo, e pedia por mercê lhe esperassem pelo resto. Naõ quiz o mercador, e veyo o Padre descontente; mas nem por isso deixou Sor Maria de pedirlhe, que tornasse a fazer a proposta, offerecendo a mesma Senhora por fiadora. Escuta o mercador impaciente a supplica, e resolve, que naõ dará nada, sem vir toda a quantia. Torna a contar o dinheiro, e acha o preço certo. Admira-se o Padre, que o contara, e o trouxera, e sabia o que lhe faltava, e em fim vem a assentarse, que fora desempenho da mesma Senhora.

A ella recorria em todas suas afflicçoens Sor Maria, como taõ experimentada, mas naõ faltando no empenho de agradecida, nada mais a molestava, que ver, que lhe faltavaõ as circunstancias de alguma Festa, que lhe fazia, sendo todo o seu desvelo a mayor solemnidade della. Negavaõ-lhe algumas vezes licença os Prelados para ter o Senhor exposto; e he digno de saberse o desafogo a que recorria, para testemunho da singeleza de sua alma. Hia-se, recolhida a Communidade, ao Altar da sua Senhora, e despois de se encomendar a ella, dizialhe, como quem se despedia, em voz alta: *Senhora, eu naõ sey, que vos faça. Acodime, que eu só naõ posso. Manday vosso filho a Roma, que traga licença para que se façaõ as vossas Festas, como vossas, que a mim negaõ-ma, porque sou huma triste barbata.*

Ao Menino Jesus, que estava na mesma Capella, porque lhe tiravaõ (talvez por travessura) alguns brincos, que ella lhe dava, dizia com muita segurança: *Tomay Menino; ouvisme? Se vos quizerem tomar alguma cousa, chamay logo por mim, para que vos acuda.* Esta era sua sinceridade, como se naõ soubera mais da vida, que o serviço da Casa, o commercio com a sua Senhora, e o desvelo de lhe ornar a Capella. Mas queria a Senhora della darlhe a coroa por aquelle gostoso trabalho, e em hum dia da Assumpçaõ, andando ordenando a Festa, se sentio ameaçada de grave doença. Duroulhe alguns mezes, com interpolaçoens de melhora, e commungando em o dia da Conceiçaõ, se lhe seguio hum taõ forte accidente, que entrou logo em artigos de morte. Acodiraõ as Religiosas a applicarlhe remedios, e ella, que já por nenhuns esperava, começando o Credo, pedio a véla, e continuou oraçoens para aquella hora; e ao entoarem as Religiosas a Antiphona: *Assumpta est Maria in Cœlum*, passou desta vida com o venturoso annuncio daquella musica sagrada, cantando-se agora, quando Maria da Assumpçaõ espirava, o que a Maria, Rainha da gloria, canta em sua Assumpçaõ a Igreja. Contavaõ-se 14. de Dezembro de 1663.

CA-

CAPITULO XXIX.

Da Madre Sor Violante do Ceo, e de huma Pupilla, ambas da meſma Caſa da Roſa.

FEche venturoſamente o numero das filhas deſta Caſa huma naõ ſó benemerita della, mas digna de todos os beneficios da memoria, naõ nos eſcuſando a eſta as muitas, que deixou eſpalhadas ſua penna, porque neſte lugar he ſem duvida huma das acredoras da occupaçaõ da noſſa. Foy eſta a Madre Sor Violante do Ceo, que devendo-lhe a elle o ver-ſe melhorada na eſtimavel prenda do entendimento, (e taõ deſtro, e facil nas ſuavidades da poeſia, como ſe ſe lhe trocara a arte em natureza) começou a pagar ao Mundo aquellas attençoens, e liſonjas com que a reſpeitava Oraculo, até que eſcutando o dos annos, e das experiencias, abrio os olhos para conhecer, que os das Aguias naõ deviaõ ter outro emprego mais que o Sol.

Sor Violante do Ceo.

Voltou Sor Violante já crédula as puras luzes da razaõ, mais que as labaredas do entendimento, que miſturadas com o fumo da vangloria, lhe mortificaraõ a viſta, deſencaminhando-a na eſtrada, que primeiro eſcolhera, e a que tornava agora. Já trilhando-a com ſegurança, foy ſingular ſua refórma. Nem os annos a divertiaõ do ſequito das Communidades, de ſua cautela, e recolhimento ſe inferiaõ exercicios penitentes. No da oraçaõ vocal era continua no Coro, em que ſe ſuſpendia contemplativa, e devota. Já violenta a tudo o que naõ era commercio com Deos, ſe eſcutava até nos eccos da ſuà poeſia a verdade, com que ſe transformara de Serea dos golfos da adulaçaõ humana, em racional Ciſne das aguas da penitencia; attractivas correntes, que já lhe convidavaõ o genio nos primeiros paſſos de ſua vida, como ſe vê nos ſeus Soliloquios, obra com mais eſpirito, que corpo, com mais ſubſtancia, que vulto; pequenhez, que pareceo providencia para a decorar toda a memoria, (armada contra o eſquecimento) ſendo ainda hoje, até a mais pueril, depoſito daquelle theſouro.

Muito mais, e mais avultados teſtemunhos da felicidade de ſeu engenho, (em que ſempre ajuntou com ventura clareza, doçura, e elegancia) eſpalhados pelas maõns da curioſidade, conſervaõ ainda hoje ſeu nome; mas ſem duvida (confeſſaraõ os melhores votos do ſeu ſeculo) ſe lhe devia mais duravel pagina para eſcrevello, que a que a antiguidade conſagrou ás ſuas Corinas, ás ſuas Saphos, ás ſuas Polas, e ás ſuas Damoplilas, que com as meſmas pennas com que voaraõ ao Templo da Fama, eſcreveraõ ſeu nome nos bronzes da poſteridade. Naõ ſerá eſta eſcaça com a Madre Sor Violante, agradecida aos multiplicados aſſumptos com que lhe deixou occupada a memoria, e repetidos eccos, que ſempre ſoaráõ em ſeus eſpaços. Faleceo com grandes demonſtraçoens de penitente, e confórme, deixando ás Religioſas grande conſolaçaõ a ſua morte, como perpetuas ſauda-

ſaudades a ſua vida. Naõ ſeja eſtranho neſta breve noticia della, o termos tomado o eſtylo, antes que de narraçaõ, de Panegyrico, porque para elle nos levou o aſſumpto; com ſimilhante naõ ſe eſcreve de outra ſorte. Na materia ſeguramos a deſculpa.

Naõ a podemos ter para excluir das memorias deſta Caſa a de quem a buſcou para berço, e para ſepulchro. Taes foraõ os annos em que a buſcou, e taõ poucos os que nella viveo! Mas deixando-lhe a gloria, e a ventura, de ſer berço de muita virtude, ainda em pouca idade, contava a de ſeis annos, quando entrou a ſer Pupilla huma filha de Antonio Rodrigues da Veiga, e Dona Maria de Souſa, por nome Guiomar; e como ſe a razaõ ſe adiantaſſe aos annos, era tal o eſtylo de ſua vida, que deixava atraz aquelles milagres, em que ás vezes coſtuma romper a natureza. A humildade, o retiro, o ſilencio, a traziaõ ſempre ſepultada. A humildade aos pés das Religioſas, e ainda das ſerventes da Caſa. O ſilencio, porque continuamente a recolhia a rezar no Coro, deſpois de viſitar os Paſſos no Clauſtto. O ſeu deſvelo era ſaber quando eraõ os dias de jejum, que eſtreitamente obſervava, como todos os Sabbados, e Vigilias de Noſſa Senhora. Todas as noites rezava o ſeu Roſario, naõ ſe acabando nunca com ella, que ſe recolheſſe, ſem que o ſatisfizeſſe. Meditava com ternura, e compunçaõ maravilhoſa os tormentos da Paixaõ. Aſſim ſe chamou Guiomar da Paixaõ, ſobrenome, que tomou na Criſma por eſcolha ſua. Naſcera em huma ſeſta Feira Mayor, e conjecturava-ſe, que era aconſelhada do Ceo aquella devoçaõ em huma idade, que naõ podia ainda diſcurſar para ſentir, ou incapaz de ſentimento compaſſivo. Mas por iſſo devoçaõ aconſelhada do Ceo, que ao inſenſivel dos Anjos ſoube permittir lagrimas nos olhos. (Angeli pacis amare flebunt Iſaiæ 33)

Caritativa, buſcava induſtrias diſſimuladas, (fugindo aos olhos de quem a tinha a ſeu cargo) para repartir com os pobreſinhos da ſua idade do ſuſtento, e do veſtido. Inquiria, e examinava as virtudes em que ſe exercitavaõ as Religioſas, para imitallas; e naõ era tanto o imitallas, como o eſcondellas. Fallava em Deos com tanto conhecimento, tanta ancia, e tanto affecto, como ſe lhe tivera ſervido o berço de eſcola de eſpirito; e no que tocava ao Mundo taõ eſtranha, como ſe lhe naõ dera berço. Naõ podia durar na terra, quem a deſconhecia centro. Peregrinou nella até idade de onze annos, em que cahio em huma doença, que antes lhe grangeou o reſgate, que a morte. Nos ultimos apertos della levantou os olhos, e banhando-ſelhe o roſto em huma repentina alegria, diſſe em voz clara: *Maria, Mãy de graça, Maria, Mãy de perdaõ, livrayme do inimigo, e na morte merecebey*; e eſpirou, ſahindo da cama, e eleito em que eſtava, hum cheiro, e fragrancia, como do mais precioſo, e exquiſito aroma. Teſtemunharaõ-no aſſim muitas Religioſas, que lhe aſſiſtiraõ, taõ cheyas de aſſombro, como dignas de credito. Venturoſa Caſa, a que o Ceo deu

deu Anjos para filhas! E venturosas filhas, que merecerað accrescentar no Ceo o numero dos Anjos! Mais largas noticias desta Casa se sepultarað com as vidas de Religiosas antigas, que erað o deposito, e archivo dellas; mas em tempo, em que o descuido, e a omissað tinhað esta Provincia, sem quem tivesse obrigaçað de as recolher, conhecendo-se agora o damno sem remedio, da falta desta providencia, em que se podiað lograr para gloria de Deos mayores, e mais repetidos documentos, que nos servissem a nós de doutrina, e á Provincia de honra.

CAPITULO XXX.

Das Madres Sor Catharina do Nascimento, e Sor Brites de S. Joseph, do Mosteiro de S. Joaõ de Setuval.

Mosteiro de S Joaõ de Setuval.

PArece, que quiz communicar o grande Precursor o Bautista a esta sua Casa, a que deu o titulo, as qualidades de deserto, e influir nos espiritos, que a habitassem, huma ancia penitente, de que elle desde seus primeiros annos fora mestre. Assim o veremos nas filhas desta Casa, que com Santa industria a transformarað em deserto, naõ dessimilhante aos da Thebaida, e Palestina, porque entre o commercio humano, ainda que religioso, viviað solitarias, e recolhidas em si mesmas, substituindo o grilhað da Clausura, pelo voluntario carcere da mais aspera cova. Observa-se assim nas que já povoarað estes Claustros na sua primeira fundaçað, e torna-se a ver agora nas que herdeiras do mesmo espirito, nos dað venturosamente igual assumpto. Foy huma dellas a Madre Sor Catharina do Nascimento, filha de pays Hespanhoes, de geraçað illustre, e tað mimosos de bens da fortuna, que passando da de Castella a viver nesta Coroa, se virað perseguidos da nobreza della, que pertendia na mað de Catharina as duas grandes qualidades de sangue, e riqueza, primeiros idolos da veneraçað humana; mas Catharina, que já em seu coraçað os desconhecia, tendo feito entrega delle a quem só para si a creara, assim soube obrigar aos pays para que lhe nað embaraçassem o seu bom proposito, que logo alcançou o fim para effeituallo, ainda que com mais esperas, e vagares, que os que permittia o seu desejo, mas amavað-na os pays ternissimamente, e queriað que lhe fosse pagando nas esperas, o que despois lhe havia de custar nas ausencias.

Sor Catharina do Nascimento.

Assim se intertinhað os pays com Catharina, em quanto ella intertinha a ancia de buscar a seu Esposo na Clausura, com a industria de a fazer de sua mesma Casa. Communga va a miudo no seu Oratorio. Alli gastava em oraçað muitas horas de noite, e dia; alli se ensayava para os empregos de vida mais perfeita; abraçou-a em fim de trinta e trez annos na mortalha Dominicana, com todo o rigor della. Com raro sofrimento a achavað as molestias, com o mesmo escutava injurias, respondendo com brandura, e segurança (a alguma má tençað, que queria desauthorizalla): *Façað-me o que quizerem, terey*

mais

mais em que ter merecimento, e deſpois mais aliviado Purgatorio; conſelho grande, e eſcutado de hum Oraculo da penitencia, o noſſo S. Luiz Beltraõ, que rodeado de agonias, coſtumava dizer, pedindo a continuaçaõ dellas: *Senhor, aqui cauterizay, aqui feri, aqui naõ perdoeis, para que eternamente perdoeis.* Grande avanço de contrato, eſperdiçado ſó pelos mal ſofridos, comutarem-ſe tormentos inſtantaneos, por eternos! Mas contrato, que ſó aceitara com os homens a miſericordia de Deos.

Domine hic ure, hic ſecca, hic non parcas ut in æternũ parcas.

In ejus vita.

No ſilencio antes parecia Sor Catharina muda, que callada. Nas Matinas da meya noite, nos cilicios, nas diſciplinas, ſempre rigoroſas, e muitas vezes trez cada dia, antes parecia bronze, que creatura. No dia, e noite quatro, e cinco horas de oraçaõ; ſobejando-lhe tempo, ſervia ás enfermas, occupaçaõ, (como todas as da obſervancia) que naõ deixou ainda perſeguida de achaques, que reconhecia mimos do Ceo, trocando as queixas em acçaõ de graças. Cahio desfalecida em huma cama, em que as repetia a toda a hora. Pedio logo, que lhe chamaſſem o Confeſſor, porque queria tomar o Viatico, pois ſe chegava a hora de paſſar ás eternas vodas com ſeu Eſpoſo. Iſto repetia com ſegurança; mas as Religioſas, que naõ viaõ eſſes ſinaes no achaque, entendiaõ, que ſeria teima da velhice. Eſcuſavaõ-ſe todas; inſtava ella, que naõ chegaria ao outro dia. Aſſim recebeo os Sacramentos com conſolaçaõ, e alegria de eſpirito, e pedindo huma véla, e a Imagem de hum Chriſto crucificado, ſe abraçou com elle, dizendo-lhe algumas palavras mal percebidas, e já ſem alento (ſorrindo-ſe) inclinou a cabeça, e lhe entregou a alma. Ficou com huma fermoſa preſença, flexivel, e meneavel, que ſó a falta de reſpiraçaõ a ſegurava cadaver. Ao levarem-na no eſquife para o Coro, ſe lhe poz huma taõ eſtranha claridade ſobre o peito, que pararaõ as Religioſas com o aſſombro, (aſſim o vio a Communidade toda) e naõ deſappareceo até naõ recolherem o corpo na ſepultura. Faleceo aos 14. de Setembro de 1654.

Sor Brites de S. Joſeph.

Segundo exemplo de penitencia temos neſte obſervante deſerto do Bautiſta, na Madre Sor Brites de S. Joſeph, ou Brites Joſefa do Sacramento. Foy eſta Madre filha dos Duques de Aveiro, Caſa Real, a que eſte Moſteiro deveo ſua fundaçaõ, como agora o enriquecella com eſta filha, em que foraõ iguaes as prendas ao naſcimento, porque naõ teve o grande dellas, mais com que ſe medir, que com o auguſto delle. De oito annos entrou neſta Caſa, já o genio era de Santa. Nos jejuns, na oraçaõ, na modeſtia, naõ fazia acçaõ em que naõ negaſſe a idade, promettendo o que ſeria na mayor. Já profeſſa, eſtendeo toda ſua capacidade a encher o nome de huma perfeita obſervante. Nas occupaçoens humildes era a primeira, ainda naõ obrigada; nas penitentes, unica, e ſempre mal ſatisfeita do pouco que fazia. Nas continuas da Communidade naõ ſó prompta, mas deſvelada; aſſim naõ havia mais bem repartido, nem mais bem exercitado eſtylo de vida, quando come-

começou a afrouxar nella, dando ouvidos, e attençoens á lisonja de muita nobreza, que a começou a cortejar prendada, e a buscar parenta.

Era Sor Brites discreta, era fermosa, era Senhora; estes os degraos do throno, em que a veneravaõ idolo. Naõ havia estimaçaõ, que naõ fosse tributo. Começou a vaidade a convidalla com as negaças de preferida, e a fama com as de buscada; mas o genio (sempre mimoso do Ceo) que suave, e poderosamente a levava ao centro da virtude, lhe assustava, com o reparo dos descaminhos, a melhor hora dos desvanecimentos. Elegeraõ-na Prelada, e como tinha claro entendimento, entrou em si a discursar, que aquelle lugar primeiro se devia encher com a vida, que com a pessoa; que para obrigar com o imperio, primeiro devia affeiçoar com o exemplo; e conhecendo agora melhor o como as suas desattençoens a tinhaõ lançado longe da estrada, em que a nova obrigaçaõ a metia, foy tal a sua confusaõ, que de hum dia para o outro appareceo a estatua da delicia, transformada em imagem da refórma.

Cobrio o corpo de cilicios dissimulados em huma mortalha de burel branco, a capa do mesmo, imitando a nosso Padre, que até nisto o propoz para exemplar. Seguia-o em trez rigorosas disciplinas, que todos os dias tomava. Condemnou-se a hum quasi perpetuo silencio, e em toda sua vida se lhe naõ ouvio mais palavra superflua no Advento, e Quaresma, nenhuma, escrevendo em hum papel o que queria, se era muita a importancia. Commungava duas vezes na semana, chegando áquella sagrada Mesa descalça, e com tanta abundancia de lagrimas, que compungia as Religiosas. Nas Matinas da meya noite continua, e desvelada; acabadas ellas, se dilatava na oraçaõ. Nella gastava inteiro o dia que commungava, sem tomar sustento algum. Fazia o mesmo desde a sesta Feira Mayor até o Domingo de Paschoa ao jantar. Ou de joelhos, ou em pé assistia no Coro em se expondo o Santissimo. Levava-a ao Senhor neste mysterio, affecto mais ternissimo; com o seu culto, e ornato gastava o que tinha; pobrissima em sua cella, e pessoa. Austera no jejum; em as Vigilias dos Santos de sua devoçaõ, especialmente nas de Nossa Senhora (como nas sestas feiras de todo o anno) naõ tomava no dia mais que hum caldo; o mesmo fazia na Quaresma trez dias na semana, ficando a sua reçaõ para sustento de huma aleijada; desta mesma era a melhor, e mayor porçaõ, ainda nos dias que comia. Nove annos teve por cama huma taboa nua. Nella descançava trez horas; duas rezava encostada; o restante da noite em oraçaõ de joelhos. Assim entre dia, e noite lhe levava este exercicio sete horas; huma com os braços em Cruz; todas com copiosas lagrimas.

Era sua humildade huma continua confusaõ de quem a via, e a tratava. Buscada de grandes Senhores (parentes mais chegados) se affligia com os respeitos com que a tratavaõ, invejando hum nascimento humilde, em que naõ escutasse nem

nem os eccos da vaidade. Grande zeladora da honra de Deos, credito do proximo, obſervancia, e concerto do Moſteiro. Fez continuar o rigor das Matinas da meya noite; e entre dia, e noite duas horas de oraçaõ a toda a Communidade, como trez diſciplinas cada ſemana pela Quareſma. Livre da occupaçaõ de Prelada, e Meſtra das Noviças, continuava mais exercicios devotos, andando deſcalça, onde podia ſer com cautela. Aſſim corria os Paſſos de madrugada. Muitas noites hia ter oraçaõ á Cerca ao pé de huma Cruz, a que tinha devoçaõ, em lembrança do monte Olivete. Algumas vezes ſe retirava a lugar mais eſcondido da meſma Cerca, gaſtando dias inteiros em oraçaõ, com pouco, ou nenhum commercio com o Moſteiro.

Sete mezes antes que faleceſſe, ſe vio ſobre a ſua cella hum rayo de luz, que a certas horas apparecia todas as noites, deſapparecendo na em que cahio enferma de hum mal, que lhe deu, eſtando em Matinas. Continuou-as, e deſpois as ſuas horas de oraçaõ; acabadas, ſe deſpedio do ſeu Senhor Sacramentado, dizendo a huma Religioſa de ſua confiança, que ficava orando: *Que aquella ſeria a ultima vez, que a viſſe no Coro.* Creſceo o achaque, pedio os Sacramentos, que recebeo com animo inteiro, conſolando as Religioſas, que a rodeavaõ chorando. Deſpedio-ſe de todas, pedindo-lhes perdaõ do que as eſcandalizara com ſua vida; admoeſtou as Noviças á perfeiçaõ della, e amor da Religiaõ, e refórma, com humas palavras taõ accezas no amor de Deos, taõ filhas do ſeu genio meigo, (com que attrahia os coraçoens) que eſtalávaõ os das Religioſas, compungidas de a ouvir, e ſaudoſas de a perder. Trouxeraõ-lhe as Imagens de Noſſa Senhora, e Noſſo Padre, que recebeo com alegria, e a que ſe encomendou com ternura, reparando toda a Communidade, (que deſpois o teſtemunhava) que dos roſtos das duas Imagens parecia ſahirem vivos reſplandores.

Pedio que tiveſſem ſentido na meya noite, porque eſſa ſeria a ſua ultima hora; e como ſe affligia, porque tardava, perguntou ao ſeu Confeſſor, ſe ſeria culpa o deſejalla apreſſada. Chegada ella, pegando em hum Chriſto, a que ſe encomendou com ancia, e batendo nos peitos com mais vigor, que o que promettia aquella hora (em moſtras de viva penitencia) eſpirou ſem movimento algum no ſemblante, ficando com hum ar de rizo nelle. Ao inſtante, que eſpirava, ſe vio ſobre a ſua cella huma luz no lugar em que tinha faltado a outra, e mais reſplandecente que ella. Faleceo a Madre Sor Brites em huma terça feira 23. de Mayo de 1673. Contava de idade cincoenta e dous.

CA-

CAPITULO XXXI.

De outras Religiosas, que falecerao com opiniao de virtude nesta Casa de S. Joao de Setuval; e de algumas notabilidades pertencentes a ella.

PAra argumento de que nunca faltaraõ nesta Casa, como classe da penitencia, discipulas, que escutassem as liçoens do grande Bautista, daremos noticia, ainda que recopilada, de outras Religiosas, que nestes annos visinhos ao em que escrevemos, passaraõ desta vida, dandonos materia na sua. Seja a primeira a Madre Sor Joanna do Deserto, de geraçaõ illustre, circunstancia, com que avultava mais sua grande humildade. Observante nas Constituiçoens em todo o rigor dellas, como estaõ escritas. Muitos annos foy Mestra de Noviças; em todos os de sua vida, exemplar das Religiosas. Chegada sua morte, pedio, e recebeo os Sacramentos com alvoroço, e alegria de espirito, e antes de espirar, disse, voltando-se á Communidade: *Madres, se a morte he taõ suave, quem ha de recear a morte?* Disse bem esta Madre, porque tal foy sua vida. Quem viveo com as agonias de quem morre, porque naõ morrerá com as suavidades de quem vive? Succedeo o mesmo a huma sobrinha sua, discipula de sua doutrina, a Madre Sor Catharina de Jesus, (que com rigorosa penitencia, e oraçaõ continua, lograva as suavidades do dom de lagrimas com que o Ceo a enriquecera) porque espirou fallando com Deos em penitentes colloquios, exhortando as Religiosas á inteireza da observancia, e fazendo agora a sua advertencia, o que até alli fizera a sua vida.

Sor Joanna do Deserto.

Sor Catharina de Jesus.

Foy inculpavel a da Madre Sor Elena da Visitaçaõ, que de seis annos entrou nesta Casa, ensayando-se já em Pupilla, para as obrigaçoens de verdadeira professa, que desempenhou de sorte, como se o Ceo lhe ensinára a recopilar em dous annos aquelles extremos de observancia, e penitencia, que podiaõ encher muitos, porque só dous viveo, despois que professou, falecendo com taes demonstraçoens de predestinada, que trocaraõ as Religiosas o sentimento em Santa inveja, confirmando-a na informaçaõ do Padre Frey Manoel Feyo, que testemunhava, conservara Sor Elena a graça bautismal.

Sor Elena da Visitaçaõ.

Com igual perfeiçaõ de vida em mais largos annos, mereceo similhante morte a Madre Sor Iria de Jesus. Seu principal empregò foy hum desprezo proprio, e ancia de viver servindo. Assim lançava maõ das occupaçoens mais humildes da Casa, naõ só com obediencia, mas com alegria. Viaõ-selhe bem no rosto os sinaes de penitencia, que sepultava a sua cautela. Andava continuamente repetindo com doçura: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe.* Entrada em artigo de morte, se espalhou por sua cella huma tal fragrancia, (e mais percebida de quem mais se lhe chegava á cama) como se alli se accendera a mais preciosa caçoula. Na manhãa da noite em que espirou, mandaraõ os Religiosos Capuchos, (que

Sor Iria de Jesus.

(que ficaõ em huma eminencia donde o deſcobrem) perguntar ao Moſteiro, que feſtividade houvera nelle, porque o tinhaõ viſto cuberto de luminarias aquella noite.

Sor Luiza da Purificaçaõ.

Similhante prodigio de luzes ſe vio na morte da Madre Sor Luiza da Purificaçaõ, porque pouco antes della, ſe vio allumiada toda a Enfermaria de huma claridade deſuſada. A eſte prodigio, reparado de muitas Religioſas, ſe ſeguio outro, que o foy de toda a Caſa, ouvindo-ſe nella, ſem ſe determinar onde, cantar a Ladainha da S. com tanta ſuavidade, que a todas teve ſuſpenſas. Fora a Madre Sor Luiza devotiſſima da Senhora do Roſario. Era muſica deſtriſſima, o meſmo nos inſtrumentos de Orgaõ, e harpa. Com eſtas ſuas prendas, como com huma vida juſtificada, louvada, e ſervia á Senhora, ſendo a mais empenhada em todas ſuas Feſtas, como penitente nas Vigilias. Entendeo-ſe, que aquella melodia fora em premio da que em vida exercitara.

Sor Ignez da Conceiçaõ.

Naõ parece, que eſperava menos premios, ainda que naõ ſimilhantes, quem ſuſpirava na morte a viſinhança delles. Succedeo aſſim á Madre Sor Ignez da Conceiçaõ, (peſſoa de grandes reſpeitos, da Caſa dos Condes de Portalegre) que trez vezes occupou o lugar de Prioreza, com grandes intereſſes na refórma da Caſa. Huma penoſa doença de que morreo (contando já oitenta e ſete annos de idade) lhe tirou da maõ a diſciplina, e a eſcuſou dos mais exercicios com que ſe mortificava. Dilatava-ſelhe a morte, por que ſuſpirava ancioſa, como deſcanço da vida, e paſſagem para a verdadeira. Aſſim acabou, como quem parece a merecia.

Sor Maria da Purificaçaõ.

Naõ occupou com menos capacidade o lugar de Prelada a Madre Sor Maria da Purificaçaõ, rara na tolerancia de achaques, que foraõ o purgatorio de ſua vida. Muitos annos antes de ſua morte ſe vio tolhida; quatro antes della, cega; prizoens que ſentia, porque lhe embaraçavaõ os exercicios devotos, e penitentes em que ſe criara. Para o Coro a levavaõ, onde paſſava todo o dia, e a mayor parte da noite em oraçaõ, aſſiſtindo ao Santiſſimo, de que era extremoſamente devota. Moſtrou-o aſſim em dezaſete annos, que aſſiſtio na Sacriſtia, para o ſervir mais domeſtica, gaſtando no ſeu culto, ornato, e aceyo com incrivel largueza, ſem mais tença, que a ſua induſtria; mas ſabia eſta merecer os lucros com os diſpendios, como permittia o Senhor, obrigar-ſe dos diſpendios, ſendo o que diſpuzera os lucros. Faleceo a Madre Sor Maria cheya de annos, e de eſperanças dos premios eternos.

Sor Iſabel de Jeſus.

Outra Religioſa achamos continua na aſſiſtencia do Coro, ſem a prenderem nelle os achaques, mas os deſejos de fazer numero com os Anjos. Foy eſta a Madre Sor Iſabel de Jeſus, de vida auſtera. Eſcrupuloſa, e eſtreita nos jejuns da Religiaõ, que inviolavelmente obſervava; o paõ havia de ſer de centeyo, o ſuſtento huma vez ao dia, e limitado. Satisfeitas as obrigaçoens da Communidade, ſe tornava ao Coro como

a cen-

a centro, onde sempre a viraõ de joelhos, por mais que cortada de penitencias, e carregada de annos. Assim espirou, como viveo, porque louvando a Deos, com repouso, e socego lhe entregou o espirito.

A mesma suavidade achava na contemplaçaõ, em que era continua a Madre Sor Marianna do Rosario, desejando estar sempre livre para seguir este exercicio. Era devotissima de Nosso Patriarcha. As vozes com que acompanhava as Religiosas nas suas Festas, eraõ lagrimas, taõ copiosas, e compungidas, que era rara a que a naõ acompanhava com as suas. Houve alguns prodigios em sua morte; naõ ficou mais que esta tradiçaõ em commum de que os houve.

Sor Marianna do Rosario.

Sendo só hum o caminho da virtude, porque tambem he hum só o termo delle, saõ varios os modos com que he pizado dos Justos. Acabamos de o ver seguir pelo socego da oraçaõ, vellohemos pizar agora pela aspereza da penitencia na Madre Sor Ursula das Virgens? Assim era esta Madre huma viva estampa da observancia mais austera. Disciplinas amiudadas, e rigurosas; cilicios, que lhe cobriaõ todo o corpo; descançava destes, rodeando-se com grossas, e pezadas cadeas de ferro; e porque o attenuado das suas forças, favorecido da commiseraçaõ propria a naõ pozesse em risco de se aliviar daquelle penitente cativeiro, se cingio de huma, e fechando-a, lançou a chave do cadeado fóra. Soube-se, quando falecendo, foy necessario para resgatarlhe o corpo, limarse o ferro. Servia-lhe de cama huma taboa, que dissimulava com huma manta, por travesseiro huma pedra. Espalhava-se sua virtude pela Villa, e recorriaõ a ella os enfermos, com a experiencia dos que sahiaõ remediados. Davalhes humas particulas de *Agnus Dei*, para que as tomassem em agua, e a ellas attribuia a sua repentina melhora. Acabou com grandes demonstraçoens de que passava do purgatorio da sua penitencia, a descançar na felicidade, que he premio della.

Sor Ursula das Virgens.

Seguiraõ os mesmos passos as Madres Sor Eugenia das Chagas, Sor Isabel Bautista, Sor Isabel Josefa, todas igualmente conhecidas por verdadeiras Religiosas, perseverando em inteira observancia toda sua vida, sem admittirem dispensaçaõ, ou alivio em todo o rigor della; de que se viraõ grandes effeitos em suas mortes. Ficou mais individual memoria da da Madre Sor Isabel Josefa, porque dous dias antes (que foy para a Enfermaria) entrando-lhe as Religiosas para essa diligencia na cella, a viraõ cheya de huma estranha claridade, sendo de noite, e naõ havendo na cella cousa que a désse. Testemunharaõ-no muitas Religiosas, que o viraõ, e admiraraõ. Faleceo esta Madre (e foy a ultima, de que nesta Casa tivemos noticia) em 20. de Outubro de 1703.

Sor Eugenia das Chagas. Sor Isabel Bautista. Sor Isabel Josefa.

Mas naõ passemos em silencio algumas circunstancias dignas de se participarem ao conhecimento dos que o quizerem ter do material desta Casa, por accrescerem despois que nosso antecessor escreveo della. Vese

ſe hoje a Capella môr da Igreja auctorizada com huma nobre, e eſpaçoſa tribuna de lavor moderno, e brutéſco dourado. Deveo-ſe á diligencia, e induſtria da Madre Sor Maria da Viſitaçaõ, ſendo Prioreza. Dentro da Clauſura ornou-ſe o Clauſtro com huma fonte de fina, e varia pedraria, de que ſe vê correr agua com artificio, e extravagancia. A' Caſa do Refeitorio, que por ſua grandeza ameaçava ruina no tecto, ſe accreſcentaraõ ſeis columnas de pedra bem lavrada, que a deixaraõ afermozeada, e ſegura. Mas o que mais auctoriza a Caſa, e o que póde coroar todas as noticias della, he a Imagem de hum Menino Jeſus, que he do tempo da fundaçaõ; e ainda que nella ſe paſſa em ſilencio, ſeria por querer o Ceo guardar para eſtes annos mais viſinhos a nós os prodigios, que hoje a fazem mais celebre, e conhecida, dandonos aſſumpto para novamente ennobrecer a Caſa, e a eſcritura.

Era eſta Imagem menos polida, e tinha hum dos bracinhos taõ unido ao peito, que ſe affligia, e cançava huma Religioſa todas as vezes, que o veſtia. Quando hum dia, que chegava a fazer a meſma diligencia, vê que o Menino tinha levantado o bracinho de ſorte, que o veſtio ſem trabalho; aſſombro, que praticado, convidou a devoçaõ, e o reparo das mais Religioſas, e primeiro ás mais antigas, que affirmavaõ naõ ſó a novidade do braço, mas a de verem toda a Imagem direita, e bem affigurada, (o que de antes naõ era tanto) na encarnaçaõ, como na eſcultura. Seguio-ſe a eſte piedoſo reparo, e univerſal teſtemunho, a devoçaõ de todo o Moſteiro, deſta a fé com a ſagrada Imagem, e da fé muitos prodigios, e favores, que experimentaõ as Religioſas, que a buſcaõ em ſuas doenças, em ſuas preſſas, em ſuas agonias, de que ſe perderaõ (culpavel omiſſaõ) muitos papeis de ſucceſſos peregrinos, todos authenticados. Veyo á noſſa maõ hum, que o foy no anno de 1683. pelo Vigario da Caſa, o Preſentado Frey Gregorio da Affonſeca; e paſſou aſſim.

Sentio-ſe a Madre Sor Franciſca Joſefa, Religioſa deſta Caſa, ferida de hum ramo de ar, de que leſa toda a parte eſquerda, lhe levantou o hombro, unindo-lho á orelha; o braço trocido ſobre as coſtas, e a perna em hum arco. Naõ houve meſinha, força, ou induſtria, que valeſſe; entraraõ remedios rigoroſos, acompanhados de muitas ſangrias, que deixaraõ a enferma ſem forças. Já deſenganada, que naõ aproveitariaõ as humanas, pedio que lhe trouxeſſem o Menino, e tendo-o diante de ſeus olhos, lhe fez hum proteſto, que ſó delle eſperaria a ſua melhora, nem dalli em diante admittiria mais meſinha. Com eſta eſperança deixou ficar o Menino na cella. Paſſados poucos dias, entrando-lhe por ella em huma noite de Natal a Madre Sor Maria Ignacia (que vinha do Coro) e dizendo-lhe, que já o Menino era naſcido, que era tempo de lhe pedir favores, lhe chegou á cama a Imagem de outro Menino, que eſtava na meſma cella. Eſcuſou-ſe a enferma, pedindo, que lhe déſſe a do Menino

nino milagroso, porque nelle tinha as esperanças do seu remedio. Trallo, e offereceo-lho a Religiosa, levanta-se Sor Francisca, e com extraordinaria ancia, e alvoroço estende os braços sem achar impedimento, e apertando a sagrada Imagem entre elles, se sente sem lesaõ, restituidos os membros a seu lugar, e proporçaõ, taõ desembaraçada, e livre (a que de debilitada, naõ podia levantar a cabeça) que vestida, ao mesmo instante começou a correr a Enfermaria, levando nos braços a seu Bemfeitor, entre lagrimas de gosto, e vozes de agradecimento; a que se seguio a admiraçaõ, e alegria de toda a Casa. Tem este Menino nella lugar no Coro de cima, e a Casa nelle a sua mayor gloria.

CAPITULO XXXII.

Da Madre Sor Maria da Assumpçaõ, e outras Religiosas, filhas do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça da Villa de Abrantes, e da Irmãa Conversa Leonor de Jesus, do mesmo Mosteiro.

Mosteiro de N. Senhora da Graça da Villa de Abrantes.

NEm sempre havemos de culpar nestas noticias a omissaõ das Religiosas, muito menos quando temos alcançado, que em muitas foy antes encolhimento, que descuido, antes modestia, que inadvertencia, como succedeo nesta Casa, onde a singeleza dos coraçoens attendia mais á refórma propria, que ao reparo dos augmentos da alheya; (conseguidos talvez em lhe propor para a imitaçaõ a sua) antes fazendo escrupulo, que podia ser lanço de vangloria o enthesourar similhantes noticias, deixaraõ que o tempo triunfasse de todas, ficando-nos a escaça tradiçaõ de alguma, que por mais notoria, nem todos os poderes do descuido a entregaraõ á jurisdiçaõ do tempo. Foy huma a da Madre Sor Maria da Assumpçaõ, nobre por nascimento, base, em que assentou bem o edificio de sua virtude, avultando primeiro nos empregos da humildade, que até no trato de sua pessoa se lhe divisava. Nunca vestio habito novo; o que lhe davaõ seus pays, trocava por outro çafado, roto, e remendado. O mesmo lhe succedia na mesma roupa de seu uso. Na cella a mesma penuria. A sua vida era no Coro, onde se deixava ficar (acabadas as funçoens delle) a mayor parte do dia, e noite, e sempre, ou em pé, ou de joelhos, e taõ sepultada na contemplaçaõ, que a nada attendia. Foy espectaculo, a que muitas vezes paravaõ as Religiosas, vendo-lhe o rosto cuberto da importuna persegui-çaõ das moscas, sem mostrar o minimo sentimento, como se antes fora estatua, que corpo vivo. Neste lugar fazia mayor assistencia nos dias que commungava, naõ tomando nada de sustento nelles, ou muy tarde quando a obrigavaõ os achaques.

Sor Maria da Assumpçaõ.

Retirava-se á cella, esperando as horas mais quietas, e seguras para tomar disciplinas, acautelando-se de huma Religiosa irmãa sua, que lhe embaraçava as penitencias, lastimada de a ver padecer muitas molestias. Escondia-lhe os cilicios, e ella industriosa em supprir a

falta

falta delles, metia entre a carne, e tunica paos aſperos, e nodoſos, com que naõ achava menos a dureza dos ferros. Obſervantiſſima do ſilencio, antes parecia ſepultada, que recolhida. Em ſua propria cella (era experiencia commua) ninguem a achava, que naõ foſſe de joelhos, e por mais que prevenida, diſſimulava; entendeo-ſe aſſim, que contemplava a toda a hora. Nem ſe podia inferir menos, ſe eſtando acompanhada, o fazia. Segurava-o huma Religioſa de ſua confiança, porque eſtando junto della, (quando vinha alguma vez ao Locutorio a fallar a ſeus irmaons) eraõ raras ſuas palavras, os olhos a inſtantes levados ao Ceo, e as maons levantadas a elle debaixo do eſcapulario.

Tinha grande liçaõ das contemplaçoens do Veneravel Padre Meſtre Frey Luiz de Granada, com ſeus documentos compunha ſua vida. Em toda ella pedio a Deos o dom de lagrimas; porque parece lhe ſecava os olhos o incendio da caridade, que lhe ardia no coraçaõ. Toda ſua ancia era a frequencia dos Sacramentos; e dizendo-lhe huma Religioſa, (que lho eſtranhava) que entendia que ſe a deixaſſem no Confeſſionario, nunca ſahiria delle, reſpondeo com ancia: *Ay Madre! E ſe eu ſempre tenho culpas, como naõ ſuſpirarey pela meſinha dellas!* Aſſim era com Deos todo o ſeu commercio, eſcuſando-ſe, e eſcondendo-ſe a todo o do Moſteiro, retiro, que ſepultaria alguns caſos de ſua vida, como parece, que ſeria o que lhe ſuccedeo em huma occaſiaõ, em que diſſe a huma Religioſa de virtude, que ſe aſſiſtiſſe á ſua morte, lhe perguntaſſe o que lhe ſuccedera no ante Coro, junto á caldeirinha. Naõ houve quem ſe lembraſſe da pergunta, e perdeo-ſe a noticia.

Apreſſou-ſelhe a morte de hum leve achaque. Tinha alguns dias antes della pedido a ſua irmãa com inſtancia, que lhe remetteſſe duas cartas para ſeus irmaons, o Governador da Pederneira, e outro Religioſo, que com elle aſſiſtia. Naõ quiz a irmaã, e deixou-as ficar; logo nos valeremos dellas, e naõ parecerá eſcuſada eſta noticia, por nos favorecer huma importante conjectura. Aggravou-ſelhe mais o achaque, mas ſem motivo de cuidado, mas pedio logo, e recebeo os Sacramentos, contra a opiniaõ das que os naõ ſuppunhaõ preciſos, e ſem mais que huma inflammaçaõ nos olhos, ſem augmento de febre, entrou em artigos de morte, e eſpirou ſuavemente. Poucas horas antes tinha advertido á irmãa, que as cartas, que lhe pedira, as mandaſſe ſem falta. Fora rara a vez que eſcrevera aos irmaons, e eſta ſupplica encarecida, ajudou o reparo da irmãa para querer ſaber a importancia. Pareceo-nos, que o era o lançallas aqui, pois dellas ſe conjectura a noticia anticipada, que teve de ſua morte Sor Maria. Abrio-as a irmãa, e vio, que dizia em ambas poucas palavras. Dizia aſſim a que eſcrevia ao Religioſo: *Meu irmaõ. Eſta ſerá a ultima, que vos eſcreva; peſſo-vos muito vos lembreis de minha alma, e me digais tantas Miſſas logo;* apontava o numero, e os Santos

tos, a quem se haviaõ de dizer; e naõ continha mais a carta. Dizia a que escrevia ao secular: *Meu irmaõ. Esta será a ultima, que escreva a vossa mercê; pesso-lhe muito se lembre da minha alma; a minha irmãa, e sobrinhas faço a mesma supplica*; e naõ dizia mais. Bem se collige, junta a circunstancia de pedir á Madre Sor Maria os Sacramentos com taõ leve molestia, que lhe faria Deos o favor de lhe anticipar o conhecimento daquella hora, premio de huma vida, em que por testemunho de seus Confessores se naõ achou culpa.

Acompanhem as memorias da Madre Sor Maria algumas, ainda que escaças, de Religiosas mais antigas na Casa, de que a tradiçaõ nos deu só o nome, e em commum o muito que teve sua virtude. Seja a primeira a Madre Sor Brites de S. Paulo, de extremosa humildade, que ao instante, que espirou, se accenderaõ de improviso as vélas do Altar da Enfermaria, que ficava defronte da sua cama, e com huma luz taõ extraordinaria, que só o Ceo a accendera. Testemunhavaõ no assim as Religiosas, que alli assistiaõ, e o admiraraõ.

Sor Brites de S. Paulo.

A Madre Sor Ignez de Jesus, Religiosa de grande observancia, e igual singeleza; taõ recolhida, que a naõ viraõ nunca, fóra de actos de Communidade, mais que ou no Coro, ou na cella. O seu silencio taõ inviolavel, que se lhe naõ ouvia palavra, attribuindo-o todas a ignorancia; engano de que sahiraõ, ouvindo-a fallar com Deos antes, e na hora da sua morte, com tanto entendimento, e espirito, que lhes parecia resuscitara nella hum Oraculo, que as deixou a todas igualmente confusas, que doutrinadas.

Sor Ignez de Jesus.

A Madre Sor Maria de S. Bento, de vida austera, naõ só usava estamenha junto á carne, mas continuamente a cobria de cilicios, e outros artificios, com que a sua industria a trazia atormentada. Jejum, e silencio perpetuos. No prato do sustento quotidiano lançava agua, porque fosse só sustento, e naõ servisse de gosto. Naõ teve mais leito, que o Coro, nem descanço, senaõ falecendo. Das Madres Sor Maria dos Anjos, e Sor Maria da Soledade ficou a noticia de sua estreita, e rigorosa observancia, e final perseverança nella.

Sor Maria de S. Bento.

Sor Maria dos Anjos, e Sor Maria da Soledade.

Concluamos as memorias desta Casa com as de huma Irmãa Conversa, taõ benemerita de encher esta escritura, que basta a contentarnos a magoa das muitas que aqui nos faltaõ nella. Foy esta Sor Leonor de Jesus, desvelada no serviço da Communidade, incançavel no das doentes, e contente no dos pobres. A estes dava a sua reçaõ, e o que de sobejos podia ajuntar com ella, com o cuidado de o passar do lume á Portaria, e com o mayor aceyo, que era possivel á sua diligencia, como a que conhecia a quem hospedava naquelles panos, assim rotos, e desvalidos. Assim ficava o seu sustento na contingencia do que vinha de sobejo na louça, que lavava. No trabalho da Communidade assim era assistente, (naõ só de dia, mas até alta noite) que era necessario o preceito da Prelada,

Sor Leonor de Jesus.

para que ſe recolheſſe, e o deixaſſe. De noite naõ ſe retirava á cella, porque naõ tinha nella cama, nem em quarenta annos conheceo outra mais que o chaõ do Coro debaixo, em que tomava poucas horas de deſcanço. Veſtia o que algumas Religioſas lhe davaõ de eſmola, habitos velhos, e gaſtados. Naõ baſtava que os Invernos a achaſſem pouco enroupada; nas partes menos abrigadas rezava, e aſſiſtia.

Falecida alguma Religioſa, paſſava as noites junto da ſua ſepultura, dizendo que hia acompanhalla. Mas o que nella ſervia de commum reparo, era, que nem a occupaçaõ da coſinha, nem a falta de roupa, nem o ſervirlhe o chaõ de cama, baſtavaõ a criar naquelles pobres panos algum mao cheiro, nem ainda á viſta materia de aſco. Mas quem ignora que a pobreza ſanta he o verdadeiro arminho, que entre as immundicias ſe conſerva immaculado? Todo o ſeu affecto lhe levava a Senhora da Piedade, Imagem devota, que eſtá no Capitulo, e a que chamava ſua mãy. A experiencia lhe confirmou o nome, porque ſó a ella recorria, e ſó ella a remedeava. Do que ſe ſoube apontaremos alguma couſa.

Ha no Moſteiro huma ciſterna, a que ſe deſce por huma eſcada, que terá trez braças de altura; daqui cahio Sor Leonor: naõ podia deixar de ſer grande o golpe, e ainda prodigio o eſcapar com vida, porque o mayor foy na cabeça. Tiraraõ na banhada em ſangue, vieraõ Medicos, viraõ a ferida, quizeraõ que ſe deitaſſe, e que ſe ſogeitaſſe á cura; naõ conſentio nem em huma couſa, nem em outra, pedindo muito, e gritando que a levaſſem á ſua Mãy; que naõ neceſſitava de cura, porque ſe ſua Mãy quizeſſe, ella lha faria. Naõ houve remedio, levaraõ-na ao Capitulo; deixaraõ-na a rogos ſeus nelle, onde paſſou ſem mais cama, que o pé do Altar, ſem mais medicamento, que o que eſperava na Senhora: e aſſim ſe vio; porque deſpois, de dias daquella aſſiſtencia, a viraõ ſahir ſãa, e robuſta, e começar a ſervir a Caſa. Em outra occaſiaõ perdeo humas chaves de importancia nella; buſcou-as, revolveo tudo, veyo parar ao Capitulo; e pedindo a ſua Mãy que lhas déſſe, ſahio outra vez a buſcallas com muita ſegurança, achando-as no lugar em que havia pouco as buſcara.

Eraõ os Religioſos Capuchos os ſeus pobres mimoſos: achava-ſe em hum dia de Santo Antonio (era offerta, que lhe fazia cada anno) com hum tacho de arroz ao lume, mas faltavalhe o aſſucar, porque a enganara certa promeſſa; ſahe da coſinha, entra no Capitulo, propoem a ſua Mãy o deſgoſto, com que eſtava, de que houveſſem de ficar os ſeus Irmaons ſem ſobremeſa; e reſolutamente conclue que lhe dê o aſſuçar, que ella naõ tem com que o compre, ou de quem o eſpere. Volta com eſta confiança á coſinha, eis-que vê nella hum grande prato de aſſucar, teſtemunhando ſerventes, que eſtavaõ fóra, que ninguem entrara, e naõ ſe achando (que ſe fez eſſe miudo exame no Moſteiro) quem reconheceſſe por ſeu o prato.

Mais,

Mais, e mayores favores lhe faria a soberana Mãy, a quem para elles naõ falta nunca, nem vontade, nem poder; mas os Servos de Deos só publicaõ, o que naõ podem occultar.

Huma das supplicas, que Sor Leonor fez sempre a Deos, foy que a conservasse em pé até a hora de sua morte. Desperta-va-lhe este desejo o inculpavel odio, que tinha ao descanço. Parece que entendia, que naõ era a vida mais que huma estrada para a morte, e na estrada quem aproveita o tempo, caminha, e naõ descança; ou alcançava com mais profundidade o que he a vida, e o que he a morte. Em pé ha de estar quem luta, em pé quem vigia; porque a vida he milicia, e a morte sono. Se adormecer a sentinella, facil será o assalto do inimigo; se naõ estiver em pé o lutador, facilmente o levará debaixo. Grande cautela de Sor Leonor! Mas mayor documento para os preguiçosos, e para os descuidados.

Parece que ouvio Deos a sua supplica, porque apertada de huma grave doença, por mais que hia a febre em augmento, e passava a delirios, e inchado o corpo com desformidade, lhe ameaçava a morte, sempre teve espiritos para se naõ tratar com sogeiçoens de doente; até que passados tempos, e já desfalecida, a reduzio o preceito da Prelada a recolherse á Enfermaria, para a sacramentarem. Confessouse com demonstraçoens penitentes, e chegando o Viatico, tanto que vio o Senhor, levantou com voz clara, e como se a exercitara toda sua vida, o Hymno *Tantum ergo Sacramentum*. Pedio despois ao Prelado algumas licenças, e entre ellas a de deixar a cama, em se achando com algum alento. Parece selhe concedeo, porque na noite, que se seguio, se levantou a orar, e dar graças a Deos, e á sua piedosa Mãy? De madrugada, achando-se vencida do mal, se lançou no chaõ, levantando a Deos as maons, por se ver naquella regalada cama, que a hospedara toda sua vida. Era muita a fraqueza, pedio que lhe déssem huma fatia de paõ, e hum pucaro de agua, unico regalo com que se despedio da vida, ou viatico mysterioso, com que (como outro Elias) começou a caminhar até o monte da eternidade, porque dahi a breves horas espirou placidamente. Era por Novembro de 1702.

CAPITULO XXXIII.

Da Madre Sor Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioso, e da Casa de Santa Catharina de Sena de Evora.

NAõ podemos negar a esta Casa de Santa Catharina de Sena (entre todas as da Provincia) a estimavel gloria de ser o berço, em que se criaraõ aquelles grandes espiritos, com que começou a respirar a vida aspera, e observante do Mosteiro do Sacramento. Na Casa de Santa Catharina de Sena se ensayaraõ as virtudes heroicas, com que aquelle Ceo da terra começou a animar racionaes Estrellas, ornato com que se authorizou o firmamento Dominicano. Naquella tocha se accenderaõ estas luzes; daquelle jardim

Mosteiro de Santa Catharina de Sena de Evora.

dim ſe tranſplantaraõ eſtas flores; daquella concha ſe tiraraõ eſtas margaritas; e daquelle mar correraõ eſtes rios a fecundar a terra daquelle Paraiſo recoleto; aſſim foraõ tiradas deſta Caſa para ſuas primeiras povoadoras as duas irmãas, as Madres Sor Joanna Bautiſta, e Sor Filippa de Jeſus, que em ſeu lugar nos daráõ aſſumpto a mais larga eſcritura; mas nem aſſim paſſaremos aqui em ſilencio, que taõ doutrinadas ſahiraõ deſta Caſa a ſerem Meſtras na do Sacramento, que já os achaques ameaçavaõ a Madre Sor Joanna Bautiſta pelas grandes, e aſperas penitencias, em que ſe exercitara desde a idade de Noviça, e Profeſſa até a de trinta annos, em que paſſou a Fundadora, e em nada inferior á Madre Sor Filippa, que entrando neſta Caſa de doze annos, (anticipando no goſto, o que deſpois havia de ſer preceito) primeiro ſervia de aſſombro, que de exemplo, porque era inimitavel o eſpirito, com que abraçava penitencias, como a pontualidade de acodir ás obrigaçoens religioſas. Para ſer exemplar nellas, (tendo de idade vinte e cinco annos) a eſcolheraõ, e a ſua irmãa, a Madre Sor Joanna, os Condes de Vimioſo, paſſando-as ao ſeu novo Palacio recoleto do Sacramento.

Naõ me reſolvo por certo em votar ſobre qual ſeja mayor gloria, ſe a deſta Caſa, que a eſtas Religioſas chamou filhas, ſe á da Caſa do Sacramento, que as mereceo Fundadoras? Sey que ſaõ mayores, e mais activas as luzes do Sol no Zenith, que no Oriente, mas nem por iſſo deixa de ſer em hum, e outro extremo reciproca a dependencia, porque ſe o Oriente reſpeita ao Zenith para ver o Sol conſummado, o Zenith reſpeita ao Oriente para o ver naſcido. Aſſim ſe tempera o glorioſo litigio das duas Caſas; porque ſe eſta deu aquellas filhas para Fundadoras, aquella recebeo deſta Fundadoras para as deſempenhar conſummadas, e Santas. Outra irmãa (que era a mais velha, e as acompanhou na entrada deſta Caſa com o nome de Sor Maria da Reſurreiçaõ) viveo poucos annos deſpois de Profeſſa, mas taõ igual com as duas irmãas na vida; que ſó a morte a tirou de as ſeguir naquella nova, e mais aſpera; deixando memorias ſaudoſas do que ſe perdeo na ſua. Sirva-lhe eſta breve noticia (que ſe naõ deſcobrio outra) para a contarem entre as filhas deſta Caſa, e deſculpe-ſeme á digreſſaõ, como merecida gloria della, paſſando á que outras filhas lhe continuaraõ, e ſeja a primeira a Madre Sor Luiza de Deos. *Sor Luiza de Deos.*

Foy eſta Madre filha dos Condes de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joanna de Caſtro e Mendonça, filha dos Condes de Baſto; aquelles dous grandes eſpiritos, (pay, e mãy) que pizando titulos mageſtoſos, vaidades, pompas, e liſonjas do Mundo, feito entre ambos Santo divorcio, lavraraõ a Deos Caſa, e a Condeſſa para ſi ſepultura, veſtindo, como o Conde, a mortalha Dominicana; em que mortos para o Mundo, começaraõ a viver para o Ceo, ſervindo de confuſaõ ao ſeculo, e de exemplar á poſteridade. Do Conde fica já a noticia no pri-

primeiro livro; da Condessa a daremos no seguinte na Casa do Sacramento. Recolhida nella a Condessa, ficou Dona Luiza de idade de onze annos, tam bem doutrinados, que abraçou com gosto o trocar a liberdade pela Clausura desta Casa de Santa Catharina de Sena, em que se recolheo com tias, que nella tinha, passando despois ao Sacramento, onde estava sua mãy, Casa de que a tiraraõ tanto os achaques, como o pouco gosto de viver em tanto aperto.

Era Dona Luiza bem inclinada, tinha claro entendimento, revolvia os livros de espirito, naõ desconhecendo as verdades delles, mas sem passar a leitura a negociar documentos para o concerto da vida; mas o Ceo, que ainda em olhos mais cegos costuma ferir com os rayos do desengano, assim illustrou em huma occasiaõ os de Dona Luiza, que passando a inflammarlhe o coraçaõ, acabou ella de reduzir a cinzas os altares, que ainda conservava nelle aos idolos da vaidade. Começou huma nova vida, a frequentar os Sacramentos, a cultivar as flores do Rosario, com hum taõ fervoroso desvelo, que em breve começou a colher os frutos de huma interior suavidade, que a suspendia, e arrebatava como alhea do que até alli fora. Via-se logo perseguida de varias tentaçoens, primeiros tropeços dos passos bem encaminhados; mas pizou-os com constancia, adiantando-se a guarnecerse contra elles na defensavel praça da Clausura religiosa. Escolheo esta de Santa Catharina de Sena, para onde se recolheo triunfante de repetidos perigos, que lhe buscaraõ a vida, na terra em hum despenhadeiro, no mar em huma tormenta.

Muitos desvios teve esta entrada, porque naõ promettendo a debilidade, a que a tinhaõ reduzido achaques, muita continuaçaõ nos exercicios da vida que buscava, intentavaõ seu pay, e irmaons, que na de casada (em que o melhor do Reyno a pertendia) continuasse os interesses, e importancias de sua Casa, e nobreza. Desvaneceo-se este primeiro embaraço, porque já Dona Luiza tinha aceito Esposo, que a illustrara para a escolha, desenganando os parentes, que a naõ podiaõ esperar melhorada. Tinha a entrada outro estorvo, porque estava resoluta Dona Luiza em que o thalamo dos seus desposorios fosse a Casa do Sacramento, porque já o rigor, e a aspereza tinhaõ trocado para ella as carrancas em negaças. Mas as supplicas das Religiosas desta Casa a hiaõ suspendendo, até que hum sonho mysterioso lhe servio de resoluçaõ, e conselho. Sonhou huma noite, que via, e se lhe representava neste Mosteiro de Santa Catharina, huma bandeira rota, e estragada, que tinha a Imagem de hum Christo crucificado, e ouvio, que lhe diziaõ, que corresse por sua conta o concerto. Illustrava-selhe logo o entendimento, e conhecia, que o enigma se havia de entender por esta Casa, em que o seu exemplo, e industria havia de reduzir a todo o ponto a refórma. Eraõ as frouxidoens com que entaõ corria, as

que

que apertavaõ a Dona Luiza para onde a ſuppunha mais vigoroſa.

Acorda alvoroçada, deſvanece-ſe a ſuſpenſaõ, entra no Moſteiro, toma o habito, e o nome de Sor Luiza de Deos, porque diſſeſſe o nome, a que reſolvia a vontade. Teve por Confeſſor o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, ſogeito de grande reputaçaõ em letras, e virtude. (no primeiro livro démos delle mais larga noticia) Aſſim ſe adiantou Sor Luiza nos primeiros paſſos, que começaraõ a parecer ultimos. Lãa junto á carne, ſuſtento de peixe; habito, que ſó era mortalha; oraçaõ, que parecia vida; e vida, que parecia ſepultada. Dava-lhe o Senhor a conhecer as ſuavidades, interpoladas com as ſequidoens, alternativa da Providencia, com que regala, e experimenta os ſeus mimoſos, e domeſticos. Aſſim lhe permittia a anticipada noticia de algumas couſas, para ſeu alivio, e ſocego. Detinha-ſe huma noite orando no Coro, quando ſentio hum grande eſtrondo, ſeguio-ſe a elle huma ſuſpenſaõ, e ſilencio, que rompeo huma voz clara, e ſentida, entoando a primeira Liçaõ do Officio dos Defuntos. Entendeo logo, que aquelle por quem ſe dizia, eſtava em deſcanço; e ſoube deſpois, que naquelle dia falecera ſeu irmaõ Dom Fernando de Portugal, e deu a Deos graças pelo que entendera do bem de ſua alma. Succedeo-lhe o meſmo na morte de ſeu tio Dom Nuno Alvares de Portugal, hum dos Governadores deſta Coroa por Caſtella.

Já Profeſſa, entrou em novas obrigaçoens para o ſeu conhecimento, mas naõ tinha que adiantar no primeiro eſtylo de vida, que continuava, porém ao paſſo, que era a mais exacta filha da obſervancia, era taõ advertida, e acautelada em guardar o theſouro de ſua penitente vida! (como quem conhecia os perigoſos aſſaltos da vangloria) que a naõ ſer huma ſerva, mulher de bom eſpirito, (que ſempre lhe aſſiſtio, e de que ella ſe fiou) naõ haveria della mais que huma geral noticia de grande Religioſa. Como tinha tias no Moſteiro, e a ſua compleiçaõ naõ era para reſiſtir a muito trabalho, era preciſo fogir aos olhos, que a lamentavaõ attenuada, e começou a valerſe de induſtrias para mortificarſe deſempedida. Achava mimoſas as mantas de eſtamenha, que tinha por cama, eſcondia-lhe debaixo humas taboas, e dormia nellas. Tiroulhe eſte regalo a vigilancia das tias; appellou para a induſtria de ter huma cortiça na cella para aſſento, ſobre ella tomava poucas horas de deſcanço, deſvelando-ſe para a oraçaõ, ou leitura dos livros piedoſos. Nelles eſtava meſtra, levando com ſeu conſelho, e praticas as Religioſas moças ao exercicio de ler, e orar, com tanto goſto ſeu, como aproveitamento dellas. Adiantava-ſe a todas em huma abrazada caridade; della naſciaõ aquellas advertencias de naõ ſaber ter nada, que naõ melhoraſſe no emprego da eſmola. A cella pobre, mas as maons ſempre cheas do que lhe davaõ os parentes, paſſando-o ás dos pobres. Nem ao bocado, que lhe punhaõ diante, perdoava, e com

e com a dissimulaçaõ de achacada, lograva os dous lanços do jejum, e da esmola.

Aos jejuns da Constituiçaõ ajuntava muitos oitavarios de paõ, e agua, offerecidos á Nossa Senhora, e a Santa Catharina de Sena. No Coro perpetua, no nocturno mais gostosa, com o alivio de ficar nelle em oraçaõ, até que a recolhia o receyo de a apanharem desvelada. Nas funçoens de servir era a primeira, e taõ sofrega do trabalho da Sacristia, que sempre a que o tinha por obrigaçaõ, a achava companheira. Tudo achava pouco (gastando muito) para o culto do Sacramento. Suspirava pela Patria, de que elle he penhor, e com hum taõ vivo desejo, que ao ver espirar alguma Religiosa, dizia com santa inveja, e saudosa ancia: *Já está perto de Deos*! Como se suspirara com o Profeta, que se lhe alargava o desterro da vida, hospeda, e peregrina na Babylonia da terra. Assim suspirava Sor Luiza pela liberdade da Patria! Assim envejava a felicidade das que deixavaõ o desterro da vida! Era a sua huma continuada ancia, naõ só dos lucros de sua alma, mas para todas os appetecia, sem ter mayor consolaçaõ, que a noticia de que se apuravaõ em observancia este, ou aquelle Convento da Provincia, ou filho, ou filha della. Com o mesmo gosto inquiria, e escutava os augmentos da Christandade. Tanta era a caridade com que a desvelava o proximo! Tanto o zelo de ver a Deos venerado!

[Marginal note: ...eu mi-, ...i, quia ...ncolatus ...neus ...rolon-...atus est.]

Isto lhe pedia incessavelmente, offerecendo-lhe quotidianos martyrios em cilicios asperos de que se cingia; mas testemunhava logo aquella violencia huma viva inflammaçaõ no rosto. Assim fogia com elle ás Religiosas, ou recorria aos seus achaques, para lhe dissimularem o segredo. Naõ o sabiaõ guardar as paredes da cella, onde o sangue fresco descobria o rigor da disciplina, e ao mesmo tempo andava esta nas maons de Sor Luiza, e os instrumentos de a dissimular nas da serva. Nada bastava para satisfazer-lhe a sede de merecer, penetrada do conceito do pouco, que era, e desejava verse pizada, e debaixo dos pés da mais vil creatura, que nunca o seria tanto como ella. Vingava este desejo como podia. Em certos dias mandava á serva, que aquentasse agua; recolhia-se com ella na cella, punha-se de joelhos a seus pés, e lavando-lhos, lhos beijava; (naõ valendo nenhuma resistencia) deu a serva em os trazer limpos; naõ o consentio Sor Luiza, affligio-se, importunou-a, convenceo-a; mais persuasivo banho eraõ as lagrimas, naõ lhe faltou na imitaçaõ, nem o vencer resistencias; grande discipula de seu Esposo, tudo soube desempenhar, naõ bastava lavar os pés, naõ bastava dobrar os joelos, tambem havia de inclinar com rogos.

Escutavaõ-na as Religiosas como Oraculo; as experiencias de sua vida lhe tinhaõ conciliado este respeito. Fizeraõ reparo nas seguranças com que anticipadamente dizia algumas cousas, que o successo mostrava depois verdadeiras; e advertindo-lhe que assim succedia como ella dissera, metia a pratica a

galan-

galantaria, valendo-ſe de hum claro, e agudo entendimento de que a dotou o Ceo. Teve elle verdadeiramente o foro de prenda na deſeſtimaçaõ, e deſcuido, com que ſe trataraõ algumas obras, em que o moſtrou a Madre Sor Luiza, eſcritas em verſo, e taõ piedoſas, como profundas: e naõ podendo á ſua modeſtia, e diligencia ſepultallas (porque deſpois de ſua morte foraõ viſtas) naõ ficou dellas mais que eſta memoria, que ſó ſerve de ſe conhecer a perda.

Paſſados alguns annos, e lembrada a Madre Sor Luiza de hum concerto, que fizera com as Religioſas deſta Caſa, e do myſterioſo ſonho, que a obrigara a ficar nella, por ſe conſeguir de todo o ponto a ſua refórma, fez com que vieſſe a Madre Sor Filippa ſua irmãa da Caſa do Sacramento, a ſer Prioreza neſta, e ficando ella Meſttra de Noviças, ſe vio em breve tempo como o conſeguiraõ ambas. Pagava-lhe Deos o zelo, e deſvelo de continuar aquellas melhoras, com algumas illuſtraçoens, e favores, de que ſeus Confeſſores foraõ teſtemunhas; e que ella (ainda que ſempre duvidoſa) aponta no livro, que por obediencia eſcreveo de ſua vida.

Repreſentava-ſelhe a Senhora com o Menino Jeſus nos braços, viſta, a que ſe ſuſpendia com amoroſos colloquios. Vio, ou repreſentou-ſelhe huma vez, que o Menino tomava o ſagrado peito da Mãy; pedio-lhe que repartiſſe com ella daquelle nectar delicioſo; e a Mãy piedoſa lho permittio, ficando Sor Luiza com huma tal ſuavidade na boca, que muitos tempos lhe durou nella, como na repreſentaçaõ toda a vida.

Fallou-ſe em fundaçaõ de Religioſas do habito na India, e na Metropoli de Goa. Movia, e fomentava a pratica Frey André Rangel, Religioſo Dominico de vida exemplar; (que deſpois foy Biſpo da China, e tambem nos auctorizará eſta eſcritura) propoz a empreza á Madre Sor Luiza, reconhecida por elle por Meſtra da refórma, levando duas columnas grandes para avultar o edificio della em ſua virtude, e qualidade. Naõ foy neceſſario perſuadilla; voluntariamente ſe ſacrificou logo aos perigos da jornada, e arriſcadas experiencias de naõ experimentado clima, tendo de caſa os ſeus achaques, que com menos cauſa ſabem ſer algozes; mas naõ teve effeito. Sentio-o ella baldado; e muito mais que o tiveſſe a vontade das Religioſas, pondo-a no lugar de Prelada, que aceitou, deſpois de larga reſiſtencia, entendendo que era vontade de Deos. Confimou-a a obediencia, ſogeitou-ſe emmudecida, e exercitou o cargo como quem o aceitara timorata.

Nada obrava ſem a direcçaõ de ſeus Confeſſores. Era-o agora o Meſtre Frey Fernando Soeiro, deſtro em materias de eſpirito; e como o que tinha do ſeu tanto conhecimento, lhe mandou, que eſcreveſſe a ſua vida, entendendo o que ſe podia grangear com o exemplar della. Reſiſtio Sor Luiza, e deſpois de larga bataria, e bem arrezoadas eſcuſas, que eſcutava rebatidas, e baldadas; veyo em hum concerto, que ella eſcreveria,

veria, mas com a clausula de fazer patentes todos os desmanchos de sua vida; aceitou o Confessor o contrato, como quem sabia os poucos, que se podiaõ apontar nella. Guarda-se o livro no Mosteiro, com a veneraçaõ, que se deve á Auctora; e ve-se bem nelle, como em hum espelho, a profunda humildade, com que se vinga de si mesma, apoucando o que lhe podia servir de gloria, e ampliando o que só servia para confusaõ sua, mas em hum tal estylo, com huma accommodaçaõ taõ genuina de lugares da Escritura, com que auctoriza alguns da Historia, que ao melhor voto, mayor espirito lhe governava a penna.

Triunfaraõ finalmente de sua vida (taõ debil, como continuamente ameaçada da morte) as penitencias, e os achaques, sendo taõ cruel o que a poz neste ultimo desmayo, que só para lhe provar o sofrimento, parece que naõ foy logo executivo. Nelle teve a Madre Sor Luiza o seu purgatorio, sem que desmentisse a sua conformidade o mais leve gemido. O unico alivio, a que recorria, era a oraçaõ, e a Communhaõ, que com grande ancia frequentava. Apertou o mal, chamou o Confessor, revestida de alvoroços, e confessou-se sem escrupulos. Parece, que já lhe valiaõ os privilegios do eterno socego, que se lhe avisinhava, para a naõ inquietar o mayor martyrio, que teve toda sua vida. A grande pena, com que se achava, era haver de acaballa sem receber o Viatico, porque tinha lançado huma postema, e continuavaõ os vomitos; mas pararaõ, e recebeu-o; porém tornaraõ logo, para que se visse, que só tinhaõ parado para aquelle effeito. Choravaõ as Religiosas a sua perda, consolava-as ella com os olhos na sua ventura; assim se despedio de todas, e passou a logralla em o primeiro de Abril de 1641.

Bem poderamos alargar a mais a penna, a naõ attendermos, que a relaçaõ individual dos successos naõ comprehende mais que os precisos, porque os mais vulgares causaõ fastio, e os muy exquisitos perdem o credito. Mas naõ deixaremos de apontar brevemente alguns casos, (que para isso guardamos juntos) que se attribuiraõ á Madre Sor Luiza como prodigiosos. Tinha a seu cargo a Sacristia, e advertio-lhe a servente della, que estavaõ os candieiros desprovidos de azeite, sem que o houvesse nas vasilhas, em que se guardava; eraõ precisos para as Matinas, affligia-se a servente com o desengano, porque tudo achava vasio. Chega Sor Luiza a repetir a mesma diligencia, eis-que acha providos os candieiros, e com tal azeite, que em trez noites se servio o Coro com o mesmo. Achava-se huma Religiosa gravemente molestada, e atemorizava-se com o ameaço de huma grande doença. Propoz a sua desconsolaçaõ á Madre Sor Luiza, (era entaõ Prioreza) que lhe respondeo: *Naõ receeis; que naõ haveis de adoecer, porque sois na Communidade muy precisa: e quando naõ, mandar-voshey por obediencia.* Riose a Religiosa, e tornou a Prelada: *Pois já que vos rides, eu vos mando que naõ adoeçais.* Foy cou-

couſa advertida, e admirada, que no meſmo inſtante ſe achou a Religioſa ſem moleſtia, ſãa, e robuſta. Contava-o deſpois com confuſaõ propria, e veneraçaõ da Prelada. Traz-nos eſte caſo á memoria, pela ſua extravagancia, os prodigios do noſſo Thaumaturgo de Valença S. Vicente Ferrer, em quem talvez entrava a virtude (a noſſo voto) deſconhecida, com a capa da ſoberania, e arrogancia. Mas mais proprio vem para eſte lugar o imperio de Chriſto na febre da ſogra de S. Pedro, onde o preceito ſoube ſer medicina inſtantanea, e robuſta convalecença.

Via-ſe outra Religioſa perſeguida de huma tentaçaõ; parecia-lhe frouxa toda ſua reſiſtencia; recorre a Sor Luiza, propoem-lhe o aperto, e conflicto em que ſe acha, pedelhe, que lhe alcance de Deos a conſtancia, de que neceſſita. Compadece-ſe a boa Prelada, (que tambem entaõ o era) conſola a affligida, com a promeſſa, que ſem duvida ſe negoceou com Deos na oraçaõ a noite ſeguinte, porque nella ſe achou a Religioſa reſtituida ao antigo ſocego de ſua conſciencia. Naõ permittia o Senhor, que o valimento, que com elle tinha Sor Luiza, ſerviſſe ſó ás moleſtias alheyas, quiz tambem, que lhe valeſſe nas proprias. Sentio-ſe hum dia com huma rigoroſa dor de cabeça, que nem podia levantalla; naõ ſentia tanto a moleſtia, como o embaraço para naõ aſſiſtir no Coro, e mais funçoens do Moſteiro. Pede á ſua Senhora, (era a que trazia continuamente no penſamento, deſde que lhe permittio o neſtar de ſeus virginaes peitos) pede-lhe, que a alivie; eis-que ſe lhe repreſenta no meſmo inſtante, que no ſoberano regaço da meſma Senhora encoſta a cabeça, deſapparecendo a dor taõ de improviſo, que com todo o deſembaraço ſe levanta, e vay para o Coro. Aſſim foy a Madre Sor Luiza mimoſa da Senhora; mas tal foy ſua vida, que aſſim mereceo ſer mimoſa.

CAPITULO XXXIV.

Das Madres Sor Catharina do Evangeliſta, Sor Luiza da Columna, Sor Barbara da Trindade, Sor Felicia da Purificaçaõ, Sor Maria dos Anjos; e da Irmãa Converſa Sor Ambroſia de Santo Agoſtinho, filhas da meſma Caſa de Santa Catharina.

HE ſem duvida, que ſendo eſta Caſa hum dos fecundos ſeminarios de virtude deſta Provincia, como a que em todos os tempos deu os grandes eſpiritos, com que ſe plantou, e augmentou a refórma nos ſeus Moſteiros, bem fica provado qual ſeria a que das portas a dentro ſe obſervava, e quantas as profeſſoras della. Mas o pouco reparo, naõ culpavel, mas ſanto, com que a virtude coſtuma olhar para os ſeus progreſſos, ſem duvida nos ſepultou muitos, talvez ſem attender que tanto nos roubava de exemplos. Aſſim naõ ſerá muito o que diſſermos de algumas Religioſas, naõ ſendo pouco o conſeguirmos eſta breve noticia dellas. Seja a primeira da Madre Sor Catharina Evangeliſta, em quem foy taõ abrazada a devo- *Sor Catharina Evangeliſta.*

çaõ com o Senhor Sacramentado, como se do Altar (como a Isaias) lho tirara o Serafim em braza, e lho depositara na boca. Taes eraõ, adorando, ou recebendo este Senhor, os ardores de sua alma! Cahia este extremoso affecto sobre huma grande observancia, e refórma de vida; em toda ella augmentava o que tinha de tença com o trabalho, e industria, vendendo ainda o sustento quotidiano, para empregar no ornato, decencia, e aceyo do Altar do Santissimo; deulhe ornamentos preciosos, e lavroulhe huma Custodia, que he a melhor pessa que tem a Casa. A primeira vez, que se expoz o Senhor nella, adorando-o, disse com segurança: *Já sey, que o Senhor me ha de dar no Ceo huma Casa, pois eu agora lha dey na terra: e ha de ser servido, que em huma Quinta Feira de Endoenças passe eu a viver nella.*

Succedeo assim despois de largos annos; porque em huma Quinta Feira Mayor, ao tempo, que se expunha o Senhor no Sepulchro, passou esta Madre a adorallo no verdadeiro throno. Assim se trouxe o seu corpo para o Coro debaixo, em que esteve as vinte e quatro horas em que o Senhor se venerou exposto, com assombro, e consolaçaõ de toda a Casa, que tantas vezes lhe escutara o que agora via. Naõ foy congruencia de menos felicidade hum sonho, em que na mesma noite se vio, que caminhava a Communidade das Religiosas com habitos candidissimos, e vélas, seguindo-as debaixo de rico Pallio huma, que levava nas maons huma pessa de ouro preciosa. Parece, que quem teve o sonho, mereceo a intelligencia delle, e entendeo-se, que a que hia debaixo do Pallio, era a Madre Sor Catharina, e a pessa de ouro a Custodia; mas naõ constou nunca, que a pessoa do sonho fosse servente, ou Religiosa; conheceo-se sim a bondade do Senhor taõ agradecido, por taõ pouco, e a ventura de sua serva, em lhe restituir o que lhe tinha dado.

Da Madre Sor Luiza da Columna ficou a memoria de hum zelo ardente da Religiaõ, e observancia. Foy sua vida exemplar della. Nada de mais consolaçaõ, e gosto seu, que ver a Communidade composta, e modesta. Occupada em Mestra das Noviças, parece, que povoou a Casa antes de Santas, que de discipulas. Devotissima de seu Esposo crucificado, pregava o véo com trez alfinetes (em lembrança de trez cravos) reprehendendo as que via concertar o toucado com muitos. Veremos logo caso raro, que nos naõ faça ter esta ponderaçaõ em pouco. Cançada Sor Luiza de annos, e cortada de penitencias, passou a receber o premio dellas. Conjecturou-se assim, porque abrindo-se despois de largos tempos a sua cova, succedeo o que se se abrira, ou espalhara o mais fino, e precioso aroma; achou-se a sua caveira seca, mas com o véo inteiro, e pregado com os trez alfinetes; permittindo o Senhor (em cuja Providencia se naõ perde nem hum cabello da cabeça do Justo) que se confervassem na de Sor Luiza os testemunhos daquelle sacrificio, sem

Sor Luiza da Columna.

Capillus de capite vestro nõ peribit.

ſem duvida entre as creaturas avaliado em pouco.

Siga-ſe á eſta Madre zeloſa, outra com igual extremo caritativa. Foy ella a Madre Sor Barbara da Trindade, que com humas compaſſivas, e piedoſas entranhas era o remedio, e conſolaçaõ das Religioſas neceſſitadas. Quanto tinha, e grangeava, naõ tardava mais em chegar ás maons da pobreza, que o que ſe detinha em naõ chegar á ſua. Tinha huma irmãa Religioſa na meſma Caſa, e ſem duvida, que neſte meſmo emprego ſuá diſcipula. (ſó eſta noticia nos ficou della) Todo o empenho era, qual mais havia de diſpender com os pobres, acautelando-ſe huma de outra; aſſim ſuccedia, que chegando muitas vezes a horas do ſuſtento, ſe achavaõ ambas ſem elle, e aſſim paſſavaõ o dia ſem haver entre ellas mais queixa, que o querer tello dado primeiro cada huma. No Coro era continua, gaſtando nelle a melhor parte da noite. Obſervante das ſuas leys, ajuntava a ellas outras voluntarias, e naõ ſe contentando com o jejum de ſete mezes, ſe decretou muitos de paõ, e agua, que obſervou toda ſua vida. Entrada em annos, e conſumida delles, lhe deu hum rigoroſo accidente; convalecida delle, entendeo, que era aviſo; preparou logo a ſua mortalha, e pedio os Sacramentos com admiraçaõ das que a viaõ ſem indicios de lhe ſerem neceſſarios; mas houveraõ de ceder á efficacia, e conſtancia de ſeus rogos. Deſpedio-ſe das Religioſas, e pedindo dahi a pouco, que lhe tocaſſem as taboas, paſſou deſta vida com huma morte taõ ſoceгada, como quem tanto de antes a conhecera.

Sor Barbara da Trindade.

Naõ foy menos fervoroſa a caridade da Madre Sor Felicia da Purificaçaõ, porque o meſmo cuidado, e o meſmo deſvelo com que a Madre Sor Barbara ſe havia com a pobreza, era o com que eſta Madre buſcava, e ſe unia a Deos. Todo o ſeu emprego era enſinar eſte amor ás creaturas, ſegundo aquella ancia, com que o meſmo Senhor o queria atear nas almas. Muitos annos foy Meſtra de Noviças, mas naõ ſó eſtas, mas quem quer que fallava com ella, ſentia, que cada palavra ſua era huma faiſca, que ſe introduzia no coraçaõ a ſer labareda. Do grande commercio, que tinha com Deos por meyo da oraçaõ, ſe ſeguia o retiro de todo o humano; e ſem duvida ſeriaõ effeitos daquelle commercio a ſegurança, com que anticipadamente dizia algumas couſas, que deſpois ſe viaõ pontualmente ſuccedidas. Aſſim foy tida por mulher ſanta, e confirmou a ſua morte a opiniaõ, que ſe tinha della.

Sor Felicia da Purificaçaõ.

Foy tambem grande a que deixou neſta Caſa a Madre Sor Maria dos Anjos, pelos dous extremos grandes de pobre, e penitente. A pobreza extrema ſe lhe via na cella, e no trato da peſſoa; a penitencia ſe lhe via, e vio em todas as acçoens de ſua vida. No uſo de eſtamenha junto á carne, ajuntava o ſuſtento de peixe, e jejum continuo. Diſciplinas aſperas, e repetidas, a oraçaõ a toda a hora. Deſtes penoſos exercicios, ajudados de hum continuado cilicio, deſcançava no chaõ, porque em toda ſua

Sor Maria dos Anjos.

sua vida naõ conheceo outra cama. Frequentava os Sacramentos, suspirando aquelle Divino sustento, com intensissimos desejos, e recebendo-o com iguaes alvoroços. Tinha huma voz cheya, e fermosa, e viasselhe o gosto com que no Coro a empregava. Era destra na pintura; levava-lhe este exercicio alguma hora livre, encarnando humas Imagens, e copiando outras, achando-a muitas vezes elevavada nellas. Tiveraõ muitas o voto de consummadas, examinando-as os mais peritos da arte, acompanhando o voto com o assombro. A decencia, e aceyo do culto Divino em o seu mayor reparo, devendo-se á mayor perfeiçaõ delle á sua industria, trabalho, e engenho.

Devotissima das Chagas de Christo, desejava tellas estampadas em seu coraçaõ. Abrazava-se em ardores Seraficos, e compassivos, como o Serafim humano, Francisco, e a Serafica Catharina de Sena, quando mereceraõ ao mesmo Senhor o favor estupendo de fazer delles estampas de seu corpo chagado; e parece, que conseguio similhante favor, naõ como elles o lograraõ, mas como ella o desejara; porque inflammando-se-lhe hum peito, que esteve á votos de cortado, levou nelle cinco golpes, de que lhe ficaraõ abertas cinco penetrantes feridas; e sendo as dores as que se podem imaginar, nem se quer hum gemido lhe devia o sentimento, como o que entendia, que seria desperdiçar o thesouro, que o Ceo fiara da sua constancia; ou seria genero de ingratidaõ, queixarse de se ver mimosa com o que sempre suspirara, e de que ainda se confessava indigna. Deste achaque se lhe originou a morte, imitando a do Cisne; porque, recebidos os Sacramentos, com suavidade cantou Hymnos do Espirito Santo, com huma voz taõ fermosa, e desembaraçada, como se se lhe trocaraõ as ancias em harmonias. Espirou dahi á poucas horas.

Auctorizemos tambem as noticias desta Casa com huma taõ venturosa filha della, que já o seu nome se anticipou celebre, e conhecido por hum milagre, que nella obrou a Senhora do Rosario, (como se lê na terceira Parte da Historia desta Provincia (chamava-se entaõ Maria da Coroa, era servente da Communidade, occupaçaõ, que desempenhou taõ cuidadosa, que obrigando as Religiosas, e muito mais com o estylo de huma vida reformada, lhe deraõ o habito de Irmãa Conversa, e se chamou Sor Ambrosia de Santo Agostinho. Com a obrigaçaõ cresceo o desvelo; com elle buscava a Deos; com elle servia a Communidade; com elle acudia aos pobres. Era inculpavel sua vida, toda ella huma ancia de ver a Deos venerado: assim empregou huma herança, que teve, em pessas preciosas para ornato, e decencia do culto Divino. Tinha grande devoçaõ com Santo Agostinho, festejava o seu dia com o dispendio do que adquiria com o seu trabalho. Cortada delles, e do rigor de huma penitente vida, parece, que lhe anticipou o Ceo a noticia de que se lhe chegava o fim della. Pedio, que lhe chamassem o Confessor; achava-se doente, mas

de

de queixa taõ ligeira, que ſe lhe naõ defirio á ſupplica. Inſtou ſegunda, inſtou terceira vez, dizendo, que já naõ havia tempo para eſperas. Deu-ſelhe credito, recebeo os Sacramentos, e como ſe reſpirara com hum novo deſcanço, pedio, que lhe trouxeſſem a Imagem de Santo Agoſtinho, lembrando-lhe, que para lhe aſſiſtir naquella hora, o ſervira toda a vida; e ajudando o Officio da agonia, como ſe deſconhecera as da morte, eſpirou placidamente.

Mas coroem-ſe as memorias, naõ ſó deſta Caſa, mas das mais Religioſas deſta Provincia com o pouco, que nos veyo á noticia de trez filhas deſte Moſteiro, que o ennobreceraõ com ſuas vidas, com ſeus exemplos, e finalmente com o depoſito de ſeus corpos: foraõ ellas a Madre Sor Antonia de Santo Thomaz, a Madre Sor Margarida de S. Miguel, e a Madre Sor Michaela de Jeſus. Foy a Madre Sor Antonia de Santo Thomaz muy penitente; aſſim trazia ſempre o corpo cuberto de chagas, de cortado aſſim de eſtreitos cilicios, como de rigoroſas diſciplinas. O grande zelo de conſervar a refórma, como do augmento da Caſa, a poz trez vezes no lugar de Prioreza. Parece, que mereceo ao Ceo anticipada a noticia de ſua morte, porque dando-lhe huma febre ligeira, ſe deſpedio logo de algumas Religioſas de confiança, e preparou o que pertencia á mortalha. Recebeo os Sacramentos, e acabou de hum parociſmo, ficando-lhe o ſemblante compoſto, e bem aſſombrado.

Sor Antonia de S. Thomaz, Sor Margarida de S. Miguel, Sor Maria Michaela de Jeſus.

Na Madre Sor Margarida de S. Miguel avultou mais a caridade, com que os mais dos dias ficava ſem reçaõ, por ſuſtentar hum pobre. Era incançavel no zelo de eſtender a devoçaõ do Roſario, para o que os comprava, e repartia. Suſpirava por ver em ſeu coraçaõ as vehemencias do amor de Deos, que elle permittio a alguns Juſtos, que com ellas foraõ tidos por loucos; ancia, que exprimia com lagrimas, poderoſas a conſeguir o que deſejava, porque muitos tempos padeceo delirios, tratada com deſeſtimaçoens, e deſprezos. Reſtituida a ſeu inteiro juizo, ſe lhe aviſinhou a morte de hum achaque no peito. Acabando de commungar hum dia, diſſe a algumas Religioſas: *Daqui a oito dias repreſentarey eu neſte Coro outro papel muy differente.* E ſahindo delle, batendo com o bordaõ em huma campa, repetio: *Daqui a oito dias entrarey neſta Caſa.* Dalli paſſou á cella da Prelada, a pedir-lhe aquella cova, entendendo todas as Religioſas, que outra vez delirava; mas paſſados os oito dias, ſe cumprio o que diſſera.

Parece, que permittio o Ceo o meſmo favor á Madre Sor Maria Michaela, conhecendo a hora, em que havia de paſſar a lograr o premio de ſua reformada vida; e que eſſe favor foy nella como herança, porque ſua mãy Dona Michaela de Almeida já tinha falecido com demonſtraçoens de merecer o meſmo conhecimento, contando as horas, e pedindo a véla na ultima, em que acabou com grandes moſtras de contrita. Naõ foy menos o que ſe vio em Sor Ma-

Maria Michaela sua filha, que despois de huma continuada, e estreita observancia, cahindo em huma longa doença, foraõ taes os termos della, que hum dia se entendeo que acabava, e com tanta pressa, que naõ poderiaõ Sacramentalla; e lamentando-o huma tia sua, que lhe assistia, lhe disse Sor Maria com muita segurança: *Minha tia, naõ se afflija; que eu heide morrer com todos os Sacramentos.* Foy assim, que logo deu lugar a doença; e tocando-se as taboas para se ajuntar a Communidade para o Officio da agonia, disse que se naõ inquietassem, que ella naõ havia de morrer naquelle dia, senaõ dahi a dous, que era o de quinta feira; nesta passou com tanto socego desta vida, como se tambem conhecera o premio, que a esperava.

Recopilaremos agora a noticia de algumas filhas desta Casa, que nestes ultimos annos testemunharaõ a observancia della. Foy huma dellas (em que a illustre familia dos Mascarenhas contou mais huma gloria, mais hum exemplar a Dominicana) a Madre Sor Aldonça da Magdalena, que aconselhada do seu nome, escolheo a melhor parte de huma oraçaõ continua, colloquio sagrado, de que sahia com o rosto acendido, e com mais excesso, quando communicava a seu Esposo Sacramentado, a que sempre fazia a festa, assistindo-lhe com tantos jubilos, como dispendios, em que entrava tambem o da mortificaçaõ, prohibindo-se todo o sustento, e até o refrigerio da sede, por todo o tempo em que o Senhor estava manifesto.

Sor Aldonça da Magdalena.

Taõ extremosa com o Filho, como o naõ seria com a Mãy, buscando-a para delicias do seu espirito, entre as flores do seu Rosario, de que era taõ devota, que corria por seu dispendio, e cuidado o tellos promptos (como se usa na Ordem) os primeiros Domingos. Levada da sympatia destas mysteriosas Rosas, tomou por Advogada a mais fragrante, que floreceo no Jardim da Ordem, experimentando a Santa Rosa de Lima por sua continua Protectora. Mostrou a Santa, que o era, e melhor na sua ultima doença, (de que faleceo entrevada) porque muitas vezes disse com singeleza: *Que estava muy obrigada a huma fermosa Leyguinha, (que ella naõ conhecia) que achava sempre á sua cabeceira.*

Chegou a ultima hora, que a achou abraçada com hum Crucifixo, a que alli, como em toda a doença, repetio taõ discretos, como fervorosos colloquios, e entre elles lhe entregou o espirito, com a felicidade ultima de encontrar naquella sagrada morte viva as esperanças de passar a viver despois de morta. Pode-o colligir a piedade Catholica, vendo-se á hora (que era nocturna) e sobre a parte da Enfermaria, em que faleceo, dous arcos Celestes, festivos seguros de que o conflicto se lhe trocava em triunfo.

Similhante testemunho authorizou a morte da Madre Sor Catharina da Cruz, porque na noite, em que faleceo, se vio sobre a Enfermaria (na parte em que espirara) hum luzido Cometa, que sobre as experien-

Sor Catharina da Cruz.

cias

cias da severa observancia, e pureza de sua vida, pareceo lhe indicava a eterna.

Se naõ linguas do Ceo, foraõ espiritos delle os que protestaraõ naõ menos gloriosa a morte da Madre Maria da Natividade, que estando enferma, e visitada huma madrugada, de sua irmãa (na mesma Casa Religiosa) lhe disse que logo a passassem para a Enfermaria, porque certamente morria; que assim lho tinha segurado aquella noite o seu Anjo da guarda. Succedeo assim em breves dias, por mais que se naõ julgou mortal a doença até a ultima hora. Mas a grande reputaçaõ, em que estava a enferma, fez esperar a todas, e finalmente ver o que dissera.

Sor Maria da Natividade.

O mesmo conhecimento da sua ultima hora (que só a favores do Ceo se participa) teve a Madre Sor Isabel de S. Joseph, que perseguida de continuos achaques, e tendo-os por menos severos algozes da vida, lhe fez parciaes os rigores de huma aspera penitencia, que a pezar de sua grande cautela, escrevia nos pavimentos, e paredes do Mosteiro a severidade da disciplina. Alguns dias antes que falecesse (sem haver accidente, que indicasse sua morte) entrou a dispor tudo o que para aquella hora he preciso. Praticou com Confessores, e seus Prelados todos seus escrupulos; e conseguido (como segurava) o ultimo socego de sua consciencia, e cahindo logo enferma, se começou a entender o para que se prevenira; chegado o ultimo termo da doença, e entrando na final agonia, se levantou no leito, e posta de joelhos com admiraçaõ de todas, entre copiosas lagrimas, e contritas jaculatorias, entregou a alma a seu sagrado Esposo, naquella penitente, e admiravel fórma, em que o grande Pay dos pobres S. Joaõ de Deos lha entregara.

Sor Isabel de S. Joseph.

Outra Isabel, de naõ menos portentosa morte, se seguio á que acabamos de admirar. Foy esta a Madre Sor Isabel de Christo; e tanto deste Senhor Sacramentado, que em sua vida, e sua morte se naõ viraõ mais que extremos, com que o servio como escrava, e com que o communicou como pura. No Coro lhe assistia, ficando nelle despois que a Communidade o deixava; e occupada sempre em taõ fervorosos actos de amor, que talvez sem o poder dissimular a sua cautela, se lhe percebiaõ no rosto reflexos do Sol, que tinha communicado.

Sor Isabel de Christo.

Naõ se admirou menos a ancia com que o fizera em toda sua vida, no ultimo espirito della; porque levantada de improviso sobre a cama, em que agonizava, pedio ás Religiosas que a viaõ admiradas, que lhe pozessem huma toalha, porque estava no ar o Santissimo, que queria receber. Assim esteve algum tempo suspensa, com demonstraçoens de que o fazia, e logo entoando o *Te Deum laudamus*, e os Hymnos do Sacramento, lhe entregou placidamente o espirito, ficando na cella huma repentina, e celestial fragrancia, como testemunho da assistencia, e da entrega.

Sem duvida que as Religiosas desta Casa se deviaõ reconhecer especiaes discipulas da

Sabe-

ſabedoria, pois como convidadas para a eterna felicidade, tiveraõ por mais bemquiſto o dia da morte. Aſſim o temos viſto nas que neſta recopilaçaõ temos approvado, e como o confirmaremos agóra com Sor Brites Bautiſta de S. Joſeph, obſervante ſevera das obrigaçoens da Regra, e da Caſa; occupava engenhoſa o pouco tempo, que lhe reſtava, em veſtir, e ornar as Imagens dos Santos, que havia no Moſteiro, pedindo a cada hum foſſe ſeu Advogado, ainda que a paga era exceſſiva; e parece que entendia que os Santos lhe aceitavaõ o contrato, pelo cuidado com que continuava o exercicio, e a alegria com que a achava o mais cuſtoſo, por ſerem para Deos eſtimaveis as offertas dos alegres.

...or Brites de S. Joſeph.

Hilarem datorem diligit Deus. 2. ad Corinth. 9.

Para ella o foy tanto o ultimo dia de ſua vida (que a ſua irmãa ſegurou cahindo enferma) que vendo que lamentava que lha roubaſſe a morte em vinte e oitó annos de idade, lhe diſſe: *Que ſe conformaſſe com a vontade Divina; que ella hia gozar da ſua preſença.* Recebeo os Sacramentos, e eſpirou com tal ſocego, que ſe naõ duvidou do que diſſera, vendo que no roſto ſe lhe trocou o horror da morte em huma rara fermoſura, que ſó podia ſer reflexo das luzes da Bemaventurança.

Eſtas as noticias deſta Caſa, e as do Moſteiro deſta Provincia, que pode deſenterrar a noſſa diligencia, ou naõ ſoube ſepultar de todo o tempo, que ſem duvida foy depoſitario pouco fiel de mais avultada materia, que nos roubou a eſta eſcritura. Mas nem aſſim tira o motivo a bem advertida reflexaõ, que ſe pode fazer de que em hum Reyno taõ pequeno, e em taõ pouco eſpaço de annos, como os de pouco mais de oitenta, floreceſſem tantos, e taõ abalizados eſpiritos em virtude, naõ reduzindo aqui a numero o grande de Religioſas de vida perfeita, que perderaõ aqui lugar, por lhes faltar caſo mayor, ou notabilidade grande, que as ſingularizaſſe, achando-nos ſem ambiçaõ de alargar eſcrituras, antes para fazer volume, que para dar noticias.

CAPITULO XXXV.

Fundaçaõ do Moſteiro de Noſſa Senhora da Oliva, do lugar do Tojal.

HE ſem duvida, em que a Provincia eſtá a eſta Caſa, o admittilla a fazer o numero com as que ſe fundaraõ, e vivem debaixo do ſeu governo, porque foy ſempre nella grande a ancia de naõ reſpirar outro, ainda que por couſas, que deſpois apontaremos, naõ tiveſſe effeito. Foy fundada a Caſa debaixo da Regra, e Conſtituiçoens Dominicanas. De Moſteiro da Ordem ſe tiraraõ ſuas Fundadoras: vivem as Religioſas com os meſmos ritos, e ceremonias na reza, o meſmo methodo de governo na Caſa, ſem lhe faltar mais que o exercicio da obediencia aos Prelados, impoſſibilidade a que antes abraçou o deſengano, que o conſentimento. O que ſuppoſto, genero de ingratidaõ, e deſconhecimento ſeria o faltarmos com o ſeu lugar a humas Irmãas, que

Moſteiro de N. S. de Oliva.

que reconhecendo por Mãy a esta Provincia, entraõ justamente em partilhas nas memorias della. Tenhaõ pois aqui a da sua fundaçaõ, com aquellas noticias, a que perdoou o tempo, naõ deixando em algumas, ainda que menos principaes, de lhe pagar o foro.

Fica o lugar do Tojal no Bispado, e Comarca de Viseu, como centro, e meyo delle, naõ inferior a nenhum dos da Beira, assim em pureza de ares, terra sadia, e frutuosa, regada de boas aguas, bons, e copiosos mantimentos, como todo o bom commodo para a vida humana, e commercio della, como lugar, que fica na estrada Real, para muitos do Reyno, e visinhança do de Castella. Neste lugar vivia pelos annos de 1630. o Doutor Feliciano de Oliva e Sousa, que alli nascera. Seus pays Feliciano de Oliva, e Catharina de Sousa, naturaes do mesmo lugar, pessoas de muita estimaçaõ, naõ só por mimosos dos bens da fortuna (idolo, a que todos dobraõ o joelho) mas por honrado nascimento, gente singela, e santa, protectora, e dispenseira da pobreza. Foy o Doutor Feliciano de Oliva, pessoa bem conhecida, naõ só nos limites do seu Bispado, mas em todos os do Reyno, occupando com satisfaçaõ muitos lugares no Ecclesiastico. De poucos annos foy Vigario Geral em Coimbra, Universidade em que se graduara. Foy Provisor em Braga no tempo do Arcebispo Dom Frey Aleixo de Menezes; em Viseu, em tempo do Bispo Dom Frey Joaõ de Portugal, e no tempo de Dom Bernardino de Sena, governando o Bispado, por seu falecimento, occupaçaõ, que tambem teve no Bispado de Lamego; foy finalmente nomeado Bispo da China, Mitra, que recusou, como destinado á ventura de se lhe trocar em coroa pela grande obra, que o Ceo fiou de sua diligencia.

Era Feliciano de Oliva abastado de bens da fortuna, que lhe grangeara o seu merecimento. (naõ sendo pouco o poder havellos com grangearia) Reconhecia o que a maõ de Deos andara com elle larga, quiz porlhe nas maons o que acabava de sahir dellas, como quem entendia, que se aquelle era o thesouro, só nelle se logravaõ com seguro. Entrou em pensamentos de auctorizar a sua Patria com hum Mosteiro, que povoado de Religiosas, fossem suas continuas mercieiras. Discorria, que era a Beira esteril de similhantes Casas, e havendo nella muita gente nobre, era grande o dispendio, grande o trabalho, de dar o estado santo da Clausura a suas filhas, sentenceando-se ellas ao desterro de sua Patria, e os pays ao de sua vista. Achava-se elle com irmãas, e sobrinhas, que só aquelle estado abracariaõ com gosto. A resoluçaõ destas chamaria outras; o commodo da visinhança chamaria a nobreza. Tantas conveniencias naõ pediaõ consultas, antes pressa, que atalhasse contingencias. Resolveo-se a procurar as licenças; conseguio logo a do Ordinario, dada por Dom Bernardino de Sena, Bispo de Viseu, passada aos vinte e sete de Julho de 1632. Despois se conse-

guio a de ElRey Filippe IV. de Castella, e III. que entaõ governava esta Coroa: e sem duvida pareceo milagrosa, porque metendo Feliciano de Oliva a petiçaõ na maõ delRey, lhe deferio, dizendo: *Antes vos farey Bispo, que permittirvos o que pedis.* Ao que o Doutor lhe respondeo confiado, e affouto: *Senhor, de nada desconfio, porque sey, que o coraçaõ dos Reys está na maõ de Deos.* Foy caso consideravel, que sem mais diligencia lhe mandou ElRey ao outro dia passar o Alvará, assinado por sua maõ em Madrid, aos 15. de Mayo de 1638.

Superadas estas difficuldades, a que muitos davaõ o nome de impossiveis, entrou o Fundador em novos cuidados na escolha do sitio. Tinha já decretado, que a Casa seria consagrada á Mãy de Deos, (a que o levava singular ternura) com o titulo de Oliva, e que as Religiosas fossem da Ordem de S. Domingos, Patriarcha de sua devoçaõ, fomentada com a familiaridade de ter dous irmaons na Religiaõ, o Presentado Fr. Paulo de Sousa, e Fr. Joaõ de Oliva. Como lhe naõ occupava o pensamento mais que o idear aquella sagrada fabrica, até nas horas do descanço lhe desasocegava o pensamento. Representou-selhe huma noite, que junto do leito, em que descançava, hia passando hum mancebo, na representaçaõ de idade de trinta e trez annos; o aspecto fermoso, e sesudo, o cabello cobrindo-lhe as costas, largo, castanho, e ondeado; vestia huma tunica rouxa, e levava da maõ huma mulher mayor, assim na idade, como na corpulencia; vestia de branco, e hiase movendo com o corpo inclinado. Precedia, e adiantava-se aos dous, com igual passo, e movimento, huma menina de peregrina belleza, os cabellos louros, soltos, e cubertos de hum fino volante; vestia huma tunica vermelha, e sobraçava hum manto verde; na idade representava treze para quatorze annos. Alvoroçou-se o Fundador com a vista, entendendo que o mancebo era Christo, a mulher anciãa a Igreja, a menina a Virgem Maria; e disse á Senhora: *Pois como, soberana Emperatriz! E assim vos ides, sem me dizeres adonde sois servida, que se lavre a vossa Casa?* Entaõ chegou a Senhora a huma janella, apontando para a parte, em que se havia de levantar a Igreja, ficando ao mesmo instante a mulher inclinada em fórma, e estatura direita. Desappareceo a visaõ, acordando o Fundador com alvoroço, e grande consolaçaõ de espirito.

Agora foy o fervor, e o desasocego; ajunta materiaes para a obra, conduz officiaes, que possaõ desempenhalla; decreta o dia para se lançar a primeira pedra, que foy aos 6. de Abril de 1633. Concorreo todo o Povo, assim do lugar, como dos visinhos, fez a ceremonia o irmaõ do Fundador, o Presentado Frey Paulo de Sousa, com a celebridade, que pedia a funçaõ, clerezia de toda aquella Comarca, e Procissaõ festiva. Começaraõ logo a crescer as paredes sagradas nos mesmos alicesses das casas do Fundador, recolhido em outras, que lavrou para largar as suas, e correndo iguaes o dispendio, e o cui-

cuidado, se vio brevemente acabado, e em sua perfeiçaõ o Mosteiro. Ornou-se a Igreja, collocou-se nella a Imagem da Senhora da Oliva, que chegada de Coimbra (onde foy feita, por mandado do Presentado Fr. Paulo de Sousa, entaõ Reytor no Collegio de Santo Thomaz) alegrou novamente o Povo, com os prodigios, que se tinhaõ experimentado no caminho. Diremos o mais celebre.

Conduzia o Padre Fr. Paulo a sagrada Imagem de Coimbra para o Tojal, quando no mais deserto, e desamparado do caminho se levantou huma rigorosa, e medonha tempestade de relampagos, trovoens, agua, e pedra, que no meyo da estrada naõ tinha mais reparo, que a paciencia. Mas, caso raro! que o duvidaraõ os mesmos, que o estavaõ experimentando, que nem no caixaõ em que vinha a Senhora, nem nas pessoas, que lhe faziaõ companhia, cahia pinga de agua, como se lhe mostrara o Ceo, que naõ chegavaõ as tempestades ás visinhanças daquelle Iris soberano, que serenou a primeira do Universo; ou que naõ podiaõ deixar de cessar as aguas, por mais que cahissem a diluvios, perdoando aos que se acolheraõ ás protecçoens da Arca, quando se recolheo nella a sagrada Pomba com o ramo de Oliva.

Arcum meum ponam in nubibus. Gen. 9. 13.

Illa venit ad eum portans ramum olivæ. Gen. 8. 11.

Já em casa do Fundador a Imagem, continuou os prodigios, tirando a huma irmãa sua de improviso humas crueis dores, que a tinhaõ sem socego; porque chegando esta a beijarlhe os pés, naõ só se achou logo com todo, mas nunca mais sentio aquella molestia, que muitas vezes a atormentava. Era a Senhora a verdadeira Arca do Testamento, e naõ havia de ficar menos beneficiada a casa do seu devoto, em que se recolhera, que a de Obededon, em que esteve huma figura sua. Assim se estendeo o titulo, e devoçaõ da Senhora pelos Povos visinhos, divulgando-se o que temos escrito, confirmado pelo mesmo Fundador, que ao abrir o caixaõ, em que vinha a sagrada Imagem, disse com alvoroço, acompanhado de piedosas lagrimas, que aquelle era o aspecto, aquella a fermosura, que se lhe representara no sonho. Deviase-lhe ao bom Padre todo o credito, affiançado na larga experiencia de sua virtuosa vida. Chegou finalmente a ver com seus olhos o unico gosto, que esperava nella; porque chegando o Breve Apostolico de Urbano VIII. passado aos 27. de Mayo de 1640. que com toda a especialidade fallava na disposiçaõ, e Casa, (e hoje se guarda no Cartorio della) trazidas, e chamadas pelo mesmo Breve do Mosteiro de Corpus Christi do Porto, duas Religiosas para Fundadoras, a Madre Sor Agueda da Graça para Prioreza perpetua, e a Madre Sor Juliana de S. Bernardo para perpetua Subprioreza, e Mestra de Noviças, se fez a solemne entrada no Mosteiro aos 8. de Setembro de 1640. acompanhando as Fundadoras trez irmãas, e seis sobrinhas do Fundador, que logo principiaraõ seu noviciado. Celebrou-se a entrada com a mayor pompa, e luzimento, que permittia a terra, e dispensava a liberalidade do Fundador, e o gosto inexplicavel,

Benedixit Dominus Obededon, & omnem domum ejus..... propter Arcam Dei. 2. Reg. 6. 11. 12.

vel, que com as vozes das lagrimas testemunhava que de excessivo lhe naõ cabia no peito. Acompanhavaõ-no os coraçoens dos assistentes, vendo fortunada, e gloriosa sua Patria na protecçaõ daquella pacifica Pomba, que em hum mysterioso ramo de Oliveira lhe segurava as promessas de Mãy de misericordia. Passado o anno, professaraõ as Noviças confórme as Constituiçoens, e Regra do Patriarcha S. Domingos, e com a direcçaõ de humas, e outras, continuou a Casa em venturosa observancia, com exemplo, e edificaçaõ do Povo, gosto, e gloria do Fundador do Mosteiro.

CAPITULO XXXVI.

De algumas particularidades desta Casa, e das Madres Sor Agueda da Graça, Sor Juliana de S. Bernardo, Sor Catharina de S. Joseph, e outras, que com bom nome faleceraõ nella.

SUpposta a fundaçaõ do Mosteiro, e entrada nelle, numero de Religiosas, e continuaçaõ de observancia dellas, resta a noticia assim do material da Casa, como da Religiaõ observada nella. Quanto ao material, tem o Mosteiro a largueza, e capacidade para recolher o numero de trinta e trez Religiosas do Coro, que foy o que veyo taxado no Breve Apostolico, e sete, que despois se accrescentaraõ por particular indulto. Naõ bastavaõ as poucas rendas, que o Fundador deixou, com ser toda sua fazenda, mas attenuada, e consumida com os gastos daquella fabrica, porém assim foy crescendo com os dotes de muita nobreza, que correo a povoar a Casa, que ficou com sufficiente sustentaçaõ para mulheres, que antes vinhaõ fogindo de regalos, que a buscallos em parte onde deviaõ ser desconhecidos.

Mas passando ao principal da Igreja, he de grandeza proporcionada ao corpo do Mosteiro, Capella môr alta, e desafogada, com seu retabolo dourado, repartido em columnas, que daõ lugar ás peanhas, em que descançaõ as Imagens. No alto fica a da Senhora com hum ramo de Oliveira na maõ; ficalhe ao lado direito o Patriarcha S. Domingos, ao esquerdo Santa Catharina de Sena. Corre mais inferior huma moldura, ou frizo, que fica sobre o Sacrario, no meyo está a Imagem de hum Menino Jesus, dando a maõ direita a S. Joaõ Bautista, e ficando-lhe á esquerda Santa Maria Magdalena, Santos de particular devoçaõ do Fundador. Fica sustentando o Sacrario o ultimo frizo, que termina o retabolo, e na parte do Evangelho se vem o Doutor Santo Thomaz de Aquino, na da Epistola S. Feliciano. Acompanhaõ o arco da Capella môr dous Altares com retabolos dourados, occupaõ-lhe os meyos, de huma, e outra parte, as Imagens da Senhora do Rosario, e de Christo crucificado; o mais corpo da Igreja coberto de vistoso azulejo; sobre o portal de fóra se lêm abertas em huma pedra humas letras, que dizem:

Dedicado á Senhora da Oliva, aos 6. dias do mez de Abril de 1633.

Naõ se vê que em parte alguma, ou fóra, ou dentro na Igreja deixasse o Fundador os signaes de vangloria, em que todos costumaõ perpetuar os premios da sua liberalidade, e as posteridades do seu nome. Le-se o do Fundador só no lugar, em que antes póde servir de desengano, que de desvanecimento, como he em huma pedra lisa, (entalhada no pavimento da Capella) que sua humildade escolheo para sepultura. Esta a pouca porçaõ, que tomou ás Religiosas do tudo, que lhes deu, contentando-se com os suffragios annuaes da primeira Missa de dia de Natal, e as Missas do dia no do Espirito Santo, e no da Annunciaçaõ. He o Coro das Religiosas espaçoso, assim o de cima, como o de baixo. O de cima ornado com duas ordens de cadeiras, que o cercaõ de material escolhido, e bem lavrado. Deixou o Fundador bem provida a Sacristia de ornamentos communs, e ricos, calices, e prata para o serviço dos Altares, e decencia do culto Divino, que no cuidado das Religiosas se perpetúa com augmento, e aceyo.

Quanto ao espiritual da Casa começou nella a correr a observancia com todo o rigor, e inteireza das Constituiçoens, e Regra, no peixe, na lãa junto á carne, no jejum de sete mezes, e nas mais austeridades, e exercicios penitentes; mas entraraõ enfermidades grandes, que se perpetuaraõ em achaques. Houve de afrouxar o rigor, (admittindo dispensaçoens) por attender á debilidade das que naõ viviriaõ com elle; mas foy mayor o numero das que sem pavor abraçaraõ com inteireza a refórma, que dura até o presente, com grande repugnaçaõ da Casa. Entenderaõ, que para a direcçaõ della lhe era precisa a sogeiçaõ ao Prelado da Ordem. Repetiraõ a supplica com incançavel diligencia. Era pelos annos de 1641. em que o Mestre Frey Alvaro de Castro governava esta Provincia; naõ consta, que no concelho della se fizesse a proposta, mas praticava-se a conhecida razaõ da escusa: porque supposto naõ ter a Ordem Conventos nem naquelle Bispado, nem nos visinhos, era preciso o inconveniente de ser seu Vigario hum Prelado absoluto, porque naõ era facil aos Provinciaes emprenderem jornada taõ custosa só para a visita de huma Casa; e sem possibilidade para ella, fora imprudencia aceitar o cargo, para naõ exercitar o governo. Meteo com tudo o Mestre Frey Alvaro o Mosteiro na Provincia, quanto aos suffragios, no Capitulo entre meyo, que celebrou na Batalha. Foy seu primeiro Prelado o Fundador, por sua morte passou o governo a D. Diogo de Andrada Leitaõ, Deaõ de Lamego; finalmente ao Ordinario do Bispado de Viseu, que

que agora o governava.

Eſtas as noticias mais individuaes, que ſe poderaõ colher de huma Caſa, que fora da Provincia; eſteve ſempre longo do ſeu commercio, e muito mais a ſingeleza de ſuas povoadoras, de cuidarem em guardar memorias para aſſumpto de ſimilhantes eſcrituras. Mas naõ ſendo muitos os annos de ſua fundaçaõ, valeo muito o teſtemunho, e lembrança de peſſoas vivas, para que a Beira, aſſim como nos deviou a caſa, nos naõ ſepultaſſe tambem as glorias della. Seja a primeira do que toca á Madre Sor Agueda da Graça, ſua primeira Prelada, e Fundadora. Para eſtas occupaçoens veyo eſta Madre do Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto, pedida pelo Fundador, que com maduro conhecimento ſabia pezar o grande coraçaõ, que devia animar o corpo de huma fundaçaõ nova, que começava a reſpirar na vida da obſervancia; e ſem duvida, que as noticias, que tinha da Madre Sor Agueda, o empenharaõ na ſua eſcolha. Moſtrou-o deſpois bem a experiencia, e vigilancia, com que naquella Caſa plantou, e fomentou a refórma.

Sor Agueda da Graça.

Continuava-a na aſſiſtencia do Coro, ainda fóra das horas do Officio Divino. Melhor, que na ſua cella, a buſcavaõ naquelle lugar, como mais certo. Entendia, que a oraçaõ era alma da vida religioſa; e propunha ás Noviças para enſino o ſeu exemplo. Na Quareſma naõ ſe contentava com a contemplaçaõ nas horas vagas do dia; muitas noites inteiras ficava no Coro, onde encoſtada a huma cadeira tomava pouco deſcanço. Tinha dom de lagrimas; corriaõ eſtas mais copioſas, lendo a Paixaõ de Chriſto, devoçaõ de todos os dias. Acompanhava o Senhor no que podia, e naõ era menos rigoroſo o golpe da diſciplina no corpo, que o da laſtima no coraçaõ. Nelle hoſpedava os pobres a ſua caridade; e naõ ſó lhes remediava a fome, mas a deſnudez: e ſe a diſtribuiçaõ do ſuſtento a deixou muitas vezes ſem reçaõ, a de veſtidos a deixou muitas ſem abrigo. Tudo para elles lhe parecia pouco, tudo para ſi eſcuſado; aſſim trazia ſempre encadeadas as virtudes, porque o diſpendio da eſmola lhe fazia guardar o jejum com mais eſtreiteza. A caridade de repartir dos ſeus veſtidos a fazia padecer na inclemencia dos tempos. A entranhavel, que tinha com as ſubditas, paſſava a continuo deſaſocego com as enfermas. Já entrada em annos, contando muitas diſcipulas de ſeus ſantos exercicios, alegre, e ſatisfeita de ver a obſervancia com dilatadas raizes naquella pequena porçaõ da terra (que o Ceo tinha trocado de Tojal em Jardim) entendeo que eraõ acabados ſeus dias, e era chamada para a paga daquella ſanta cultura. Mandou tocar a Capitulo, e junta a Communidade no Coro, cheyos os olhos de lagrimas ſaudoſas, lhe diſſe ſimilhantes palavras: *Filhas, ſegunda vez geradas no meu coraçaõ, naõ eſtranheis que eſte vos falle agora nas vozes mudas deſtas lagrimas, porque nenhumas arrezoaõ melhor, deſpidas. Eſta he a ultima vez, que vos chamo: e vos fallarey juntas, porque nem*

ao cançado dos meus annos poderá tardar a morte, nem já a frouxidaõ da minha vida merece acompanhar o fervor da voſſa. Agora começa ella, quando acaba a minha: e quizera eu reproduzirme em todas, para ter a gloria, naõ de me ver imitada, mas excedida. Eu como imperfeita, cançada, e já caduca, naõ fiz mais que moſtrar-vos com o dedo o caminho; vós como vigoroſas, e robuſtas, já hides pizando nelle os eſpinhos dos rigores, e os tropeços das difficuldades. Eſta Caſa, ou eſte Corpo da obſervancia, que começou a reſpirar com o meu pouco eſpirito, já vay vivendo com o voſſo: vede naõ vos cance o alento, que deſmayará todo eſte Corpo. O voſſo exemplo ha de ſer a vida das que vem a reformalla; e como creſceráõ para o trabalho as que ſe naõ alimentarem bem no berço? Grande gloria he a de ſer primeiras, mas comprada com a penſaõ de ſer juſtificadas; as que vaõ diante, auctoriza-as o cargo, mas devem abrir o caminho; e quanto mais o facilitarem, ſerá mayor o numero das ſequazes a que ſe adiantem. A eſtrada, que pizais, he nova, a importancia he deixalla bem trilhada; ſe a pizares com conſtancia, e ſem receyos, logo ſe lhe atreveráõ os pés mimoſos. Para nada vos convido, em que naõ haja trabalho: mas bem ſabeis que os que mais exercitaõ a tolerancia, ſaõ os que lavraõ mais de preſſa a coroa. Eſta pouca terra, em que o Eſpoſo Divino quiz ter o ſeu horto, duas vezes fechado, ſabey que primeiro ha de ſer horto regado com ſangue, que avultar em Tabor coroado de luzes. O thalamo do Eſpoſo, que a alma pura vio cuberto de flores, foy na Caſa ornada de cypreſte, ſymbolo da morte. No retiro das mortificaçoens, e das aſperezas ſe acha o Eſpoſo deſcançado entre delicias; e quem fora taõ ditoſa!

Lectulus noſter floridus: ligna domorum cedrina: laquearia noſtra cypreſſina. Cant. 1.

Aqui lhe prenderaõ os ſoluços a voz, e tomada de hum deſmayo, cahio nos braços das Religioſas, que acompanhando as ſuas lagrimas, choravaõ a perda como ſubditas, e o deſamparo como filhas. Recolheraõ-na á cella, onde aſſaltada de huma febre aguda, chegou brevemente o ſeu ultimo dia, que differa, e eſperava. Recebeo com paz de eſpirito os Sacramentos; e com o Roſario da Senhora nas maons repetia os ſeus Hymnos; desfalecendo-lhe a voz, pedio ás Religioſas, que lhos cantaſſem; e entre eſta ſuave melodia eſpirou, como ſe adormecera, eſcutando-a. Foy digno de reparo o que ſe vio, levando o corpo para o Coro; porque, naõ havendo na terra, nem nas viſinhanças della quem criaſſe, nem ainda viſſe Pombas, appareceo huma áquelle inſtante na Igreja, e ſahindo della, entrou por huma janella em o Coro, e poſta em ſitio viſinho ás Religioſas, ſem eſpanto, ou eſtranheza dellas, aſſiſtio ao Officio, reparando algumas, que ao recolherſe o corpo na ſepultura, voara, e correra o Dormitorio, e fazendo hum gyro ſobre a cella da defunta, deſapparecera. Naõ ajuizamos o que ſeria, mas naõ impugnamos o que podia ſer. O que podemos dizer he que a vida da Madre Sor Agueda podia favorecer qualquer piedoſa conjectura.

Naõ deu menos creditos á Caſa a ſegunda Fundadora, e Subprioreza perpetua, a Madre Sor

Sor Juliana de S. Bernardo.

Sor Juliana de S. Bernardo. O desvelo de ensinar as Noviças, o zelo de as conservar doutrinadas, lhe consumio a vida; porque amante da perfeiçaõ, assim no que tocava ao Officio Divino, como ás occupaçoens do Mosteiro, andava sempre sem descanço; assim era espelho para a observancia, e arrimo para a Casa. Era intensa sua caridade com as doentes, e com os pobres. Rara sua devoçaõ com a Paixaõ de Christo, em que contemplava lastimada, e compassiva; aqui encaminhava os exercicios de sua continua penitencia. Cançada de annos, e trabalhos, suspirava pelo descanço de huns, e premio de outros. Cahio de doença leve, mas apontou logo o dia de sua morte. Succedeo assim; recebidos os Sacramentos, porque naõ só no dia, mas na hora, que primeiro dissera, pedio, que lhe lessem a Paixaõ do Senhor, e (com os sentidos espertos até o ultimo espirito) enternecendo-se de ouvilla, espirou, permittindo em premio de sua devoçaõ o Ceo, que fizesse nella a compaixaõ, o que fizera no Senhor a impiedade, porque de algum modo se lhe assemelhasse na morte.

Sor Catharina de Oliva.

Naõ foy dessemelhante a da Madre Sor Catharina de Oliva, huma das irmãas do Fundador, que acompanhou as Fundadoras na entrada, e principiou logo o anno de Noviça. Tivera o estado de casada, de que enviuvou entrada em annos, ficando com algumas filhas. Via-as agora recolher na Clausura desta Casa, que seu irmaõ fundara, e cheya de huma Santa enveja, largou o governo da sua, por vir obedecer na de Deos, reduzindo-se ao estado de menina, e á igualdade com as filhas, Noviça como ellas; mas com o conhecimento de que assim era a pequenhez valida na Casa de Deos, que (como elle ensinara) era a principal industria para entrar nella. Deu principio a nova vida, vendo-se no berço da observancia, mas taõ adiantada nos exercicios della, que contando perto de sessenta annos, era a primeira que apparecia nas obrigaçoens da Casa. Usava estamenha junto á carne. A sua cama huma taboa, cuberta de huma manta grossa, e aspera. Aqui tomava pouco descanço, naõ só dos trabalhos do dia, e oraçaõ da noite, mas de disciplina larga, e rigorosa, com huma cadea de ferro, á imitaçaõ de nosso Patriarcha.

Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnũ cœlorũ. Matth. 18. 7.

Cingia-se continuamente de asperos cilicios. Observava com estreiteza os jejuns da Constituiçaõ, no que restava do anno trez dias na semana; nem assim perdoava ao limitado da reçaõ, porque hum pobre lhe levava sempre a melhor parte. Contava quinze para dezaseis annos nestes exercicios, quando a ameaçou a morte, achando-a antes alvoroçada, que temerosa. Pedio os Sacramentos, despedio-se das Religiosas, pedio perdaõ a todas; e porque lhe dilatavaõ a Unçaõ, disse que lha trouxessem (por mais que os Medicos lhe davaõ ainda dias de vida) porque ella dalli a poucas horas estaria diante de Deos, dando conta della. Fez-se-lhe o que pedia; e tendo o nome de Jesus na boca, e entre os braços a sua Imagem cruci-

cificada, acabou placida, e venturofamente a vida.

Naõ ficaraõ particularidades da de outras Religiofas, que pódem fazer numero com as que temos referido. Foraõ ellas as Madres Sor Maria de S. Domingos, Sor Catharina de Jefus, Sor Ifabel da Gloria, Sor Paula do Prefepio, Sor Jacintha dos Serafins, Sor Catharina do Evangelifta, eftas duas ultimas, filhas, as primeiras quatro, fobrinhas da Madre Sor Catharina de Oliva, e de fuas irmãas Sor Ifabel do Efpirito Santo, e Sor Maria das Chagas; geraçaõ toda Santa, trazida toda pelo Fundador á Cafa de Deos, que naõ fó lhe quiz dar a Cafa, mas tambem os fervos para ella. Mas fenaõ ficaraõ individuaçoens de fuas vidas, ficou a tradiçaõ commua de fua inteira obfervancia, merecedora de mais dilatada memoria, como de efpiritos com que começou a avultar a reputaçaõ defta Cafa. Mas fe o tempo nos roubou as fuas noticias para efta efcritura, bafte efta advertencia para a conjectura piedofa de que a naõ perderiaõ no livro da vida.

Sor Maria de S. Domingos, Sor Catharina de Jefus, Sor Ifabel da Gloria, Sor Paula do Prefepio, Sor Jacintha dos Serafins, Sor Catharina do Evangelifta.

Mas coroemos as memorias defta Cafa com a mais verdadeira, e gloriofa coroa della; com algumas maravilhas, obradas por interceffaõ da Imagem da Senhora da Oliva, authenticadas pelo Ordinario do Bifpado de Vifeu, como confta da fentença de approvaçaõ, que fe guarda no Cartorio do Mofteiro; e feja o primeiro prodigio (defpois dos que neftes dous Capitulos temos referido) porque todos foraõ authenticados pelo mefmo Ordinario.

Trabalhava-fe na obra da Igreja, e hia-fe fechando, e cobrindo a Capella môr, quando cahindo huma grande pedra do mais alto della, levou hum official, que achou diante, com tanto impeto, e violencia, que entenderaõ que já hia pelo ar fem vida; affim cahio em terra; e aos olhos dos que já o eftavaõ vendo feito em pedaços, fe levantou ao mefmo inftante fem ferida, ou lefaõ alguma, e começou a bradar (entre os que concorreraõ compadecidos, e admirados) *milagre! milagre! favor que me fez a Senhora da Oliva, por quem chamey com viva fé em meu coraçaõ.* Acompanhavaõ as vozes a vifta, e a experiencia, vendo a altura de que cahira, e o eftado em que fe achava.

Igual fucceffo, igual prodigio fe vio em outro official, que trabalhando no Dormitorio do mefmo Mofteiro, que hia em grande altura, e levando com outros, em huma padiola, huma pedra de dezafete palmos e meyo de comprido, e trez de largo, lhe efcapou hum pé, e naõ fó fe precipitou, mas defcahindo a pedra, o levou debaixo. Chegaraõ a levantalla, como fe o fizeraõ á campa de huma fepultura, entendendo que achavaõ ao miferavel naõ fó morto, mas delido; e ao levantalla vem que o moço fe levanta faõ, e defembaraçado, dizendo que a Senhora da Oliva lhe valera; e torna no mefmo inftante ao trabalho para defenganar os que o viraõ cahir, e o naõ acabavaõ de crer.

Ifabel Jorze, natural do mefmo lugar do Tojal, onde era cafada, e taõ pobre, que vivia do trabalho de fuas maons, que ago-

agora naõ exercitava, por se achar com huma nascida em hum braço, que com grandes dores naõ podia mover. Acompanhou a Imagem da Senhora o dia, em que a levaraõ em Procissaõ solemne para a sua Casa. Entrou na Igreja, deteve-se rezando, e lembrando á Senhora com fé, e lagrimas aquella sua grande molestia, em que naõ só padecia as dores, mas necessidades. Recolheo-se a casa, em que logo se lhe abrio a nascida, e ao dia seguinte amanheceo, naõ só com o braço livre della, mas nem o minimo final onde a tinha.

Maria Teixeira de Sá padecia insoportaveis dores de hum cancro incuravel; recorreo á Senhora, e principioulhe huma novena. Acabava de rezar, e untando aquella parte com o azeite da sua alampada, lhe dizia: *Senhora, vós o sois da Oliva; neste azeite está a virtude do vosso nome, vós me haveis de sarar com elle.* Eis-que ao quarto dia da novena, estando rezando na Capella, se sentio sem pejo algum naquella parte, e applicando a maõ, e logo a vista, se achou sem dores, nem final do que alli lhas causava. Testemunhava o prodigio toda sua casa, e o mesmo Cirurgiaõ, que a tinha curado naquelle dia.

Igual mercê fez a Senhora a Barbara Coelha, que de hum tumor em hum peito (que depois de muitas curas, veyo á ultima de huma lancetada) estava sem esperança de vida; já lha contavaõ por instantes, quando levanta a voz com fé viva, e pede á Senhora, que lhe valha. Cousa prodigiosa! que ao mesmo tempo rebentando-lhe o tumor (naõ pela lancetada) se lhe seguio huma descarga grande, e inteira saude.

Estes foraõ os milagres, que se authenticaraõ, sendo infinitos os que por toda a Comarca se espalharaõ, e espalhaõ cada dia, sepultados na distancia dos lugares, e pouca actividade dos pobres, que ricos de fé, saõ o primeiro emprego dos milagres. Assim mostrou, e mostra a Senhora da Oliva, o quanto foy de agrado seu esta Casa, premiando o zelo do Fundador, e daquelles espiritos, que a buscaraõ nella, com as mercês, com que enriquece a todos, sendo a soberana Oliveira, que plantada na Casa de Deos, fructifica nos dispendios da misericordia; e assim fructificará sempre nesta Casa em vigorosos effeitos da Regular observancia, para futuro assumpto de mais elegante escritura. *Ego autẽ sicut oliva fructifera in domo Dei. Ps. 51.*

CAPITULO XXXVII.

Das Irmãas Terceiras da Villa de Guimaraens, de seu recolhimento, e voluntaria Clausura, e noticia das primeiras, que com nome, e reputaçaõ entraraõ nella. *Irmãs da Terceira Ordem de S. Domingos em Guimaraens.*

GRande, e primeira Architecta a providencia Divina começou a levantar a fabrica do Universo dos principios do nada. A do homem, de pouco menos, como do pó da terra; e de taõ tenues fundamentos começaraõ a engrossar os corpos mais fermosos, que (depois dos Celestes) contemplaraõ as creaturas, como he a architectura deste Mundo pequeno, e animado, e daquelle agigantado, e crescido, naõ com me-

menos alma, que a meſma providencia. Naõ ſeguio eſta regularmente outra fórma nas fabricas do eſpirito, de que ſaõ grandes argumentos as experiencias, como ſe vê na converſaõ do peccador, augmentando-ſe, e creſcendo á grande labareda, a que ſe lhe ateou no coraçaõ pequena faiſca. Ve-ſe o meſmo no principio, e progreſſo das virtudes; e mais viſivelmente nas Congregaçoens de devotos eſpiritos, avultadas deſpois em eſquadroens numeroſos, de que a Igreja Militante ſe vê ornada, e defendida. Mas para o que vamos a dizer, temos repetidos exemplos de caſa, ſe lançarmos os olhos ás Hiſtorias deſta Provincia, reparando mais ſingularmente na pequena recluſaõ das Emparadadas (vulgarmente as Donas da Villa de Santarem) fomentada do Santo Prelado Frey Gil, primeiro poucas, e pobres mulheres, que convidadas, e convencidas do exemplo de Elvira Duranda, quizeraõ fechar a porta ao Mundo, ſepultadas onde lhe naõ viſſem o roſto, e as naõ achaſſe o ſeu commercio.

Aſſim começou aquella pobre Caſa, aquelle pequeno rebanho, ou para melhor dizer, aſſim ſe ſemeou em pouco eſpaço de terra aquelle pequeno, e deſvalido grão de moſtarda, que veyo deſpois a creſcer na dilatada arvore de heroicas filhas (e as morgadas) deſta Provincia, venturoſas ramas, que vio, e admirou morada das Celeſtes aves das virtudes, e carregadas de copioſos frutos, ſazonados ao eſtio de ſua ardente caridade, e colhidos no Paraiſo do perpetuo deleite. A' viſta das eſperanças, que nos dá eſta experiencia, ſeria culpavel a omiſſaõ da noticia deſta recluſaõ, e recolhimento de Guimaraens, agora pobre, e apoucada Congregaçaõ de filhas Terceiras de S. Domingos; mas campo, ainda que pequeno, que a Providencia poderá eſtender a ſeara Dominicana, agora pequeno rebanho; mas com eſperanças (deu-as o meſmo Chriſto) de gozar as abundancias do eterno paſto.

Nolite timere puſilus grex quia cõplacuit Patri veſtro dare.

Mas a principal razaõ, que nos executa a eſta noticia, he a geral, que nos obriga a todas as pertencentes á Familia Dominicana neſta Provincia, ſendo, como he eſta Caſa da Ordem da Penitencia, inſtituida por Noſſo Padre S. Domingos, primeiro com o nome da Ordem da Milicia de Jeſu Chriſto, com Regra approvada por muitos Pontifices, como foraõ Gregorio IX. Honorio IV. Joaõ XXII. Bonifacio IX. Innocencio VII. Eugenio III., e naõ ſó ſe obſerva naſta nova Caſa eſta Regra de Penitencia, mas ainda ſe obrigaraõ as filhas della a mais eſtreita obſervancia, em que hoje vivem, ſem afrouxar na primeira, circunſtancias, que de juſtiça lhe daõ lugar neſta eſcritura (deſpois das memorias da Ordem Primeira) com aquella veneraçaõ, que ſe deve a huma Ordem, campo fecundo, de que (como as mais Religioens das ſuas Terceiras) ſe tem colhido tantos frutos de ſantidade, que hoje occupaõ os Altares, honraõ as Provincias, e auctorizaõ as Hiſtorias, como ſe póde ver entre as innumeraveis profeſſoras deſta Regra, em huma Beata Angela de S. Severino, huma

ma Beata Daniela de Benavento, huma Beata Anna de Camerino, huma Beata Joanna de Urbe Veteri, huma Beata Helena de Pisis; e as mais, que deixo por celebres no culto, e reza por toda a Ordem Dominicana, como as que no reformado de tantas Provincias sepultaraõ os nomes nas distancias. Supposta esta advertencia, passemos á noticia da Casa nova.

Corria o anno de 1680. quando se achavaõ na Villa de Guimaraens nova donzellas de mayor espirito, e resoluçaõ, que annos, forças, e posses para a empreza, a que estendiaõ seus desejos, fomentados, e dirigidos pelo dictame, e exemplo do Padre Frey Sebastiaõ da Madre de Deos, Religioso Dominicano, pessoa de conhecida observancia, e sufficiencia, que assistia no Convento, que a Ordem tem na Villa. Sabia Frey Sebastiaõ, como seu Confessor, fondar as capacidades daquellas almas, que corriaõ a poz o suave cheiro da vocaçaõ do Esposo, desejando prendello naquelles amorosos laços, em que a verdadeira esposa o conseguio, para o naõ largar nunca, como tendo-o de assento na Casa de sua Máy a Religiaõ, no mais retirado, e escondido della, como no lugar de recolhimento, e Clausura: e como estes desejos eraõ legitimos, como aconselhados do Ceo, esperava, que nem se arrependesse quem os concebera, nem os desamparasse quem os aconselhara. Por outra parte naõ desconhecia o Padre os embaraços, e contradiçoens insuperaveis, que costumaõ acompanhar similhante negocio, intentado communmente de gente mais rica de vontades, que de posses; pouco assistida das da terra, como a que fugindo della, naõ pode achar outra correspondencia. Mas naõ podendo resistir ás instancias das pertendentes, e menos fechar os olhos ás tolerancias, e firmezas, com que cada dia as deixavaõ as opposiçoens victoriosas, começou a procurar, e dispor os meyos, que o Ceo lhe hia facilitando nas offertas, e boas vontades do Povo, movido da larga experiencia, e conhecimento das boas mulheres, que com o exemplar de sua vida, tinhaõ voltado a si os olhos, e animos de toda aquella Comarca.

Tenui eum, nec dimittã, donec introducã in domũ matris meæ, & in cubiculum genitricis meæ. Cant. 3.

Abrio caminho para o Recolhimento, e Clausura (que era o primeiro, a que se attendia) huma casa, ainda que pequena, com disposiçoens para o que se intentava; servia na Villa (donde se vê) de Hospital de Peregrinos; fora nos tempos antigos, em que veyo a Ordem para estes Reynos, huma das pobres casas della, mas taõ illustre por insignes habitadores, taõ fecunda por heroicos filhos, que nella foi Prior o Santo Fr. Pero Gonçalves, nella lançou o habito a S. Gonçalo Taumaturgo de Entre Douro, e Minho, nella viveo o Santo Frey Lourenço Mendes, nella finalmente aquelles nossos primeiros, e grandes Padres por espaço de quarenta e quatro annos, annuncio grande, e segredo da Providencia, tornar despois de tantos seculos a povoar-se aquelle antigo Seminario de virtudes, por huns espiritos, que promettiaõ restituir esse brazaõ áquellas quasi arruinadas,

nadas, mas veneraves paredes.

Superadas finalmente as mayores difficuldades no anno de 1680. entrando as eſmolas do Povo a facilitar o embaraço de dar em troca caſa aos Peregrinos; entraraõ as nove donzellas na que eſcolhiaõ por ſepultura, como Dominicana, profeſſas na Terceira Ordem da Penitencia. Aſſiſtiraõ, e meteraõ-nas de poſſe no Recolhimento os Religioſos do Convento, que a Ordem tem na Villa, a nobreza, e Povo della alvoroçada, e compungida, aſſim da viſinhança das boas hoſpedas, como da heroica, e venturoſa reſoluçaõ dellas. Lançou o Prior do Convento o habito a quatro Noviças. Poz-ſe á Caſa o nome de Santa Roſa. De tudo ſe paſſou Certidaõ com tanta clareza, que a lançamos aqui poupando-nos a eſcritura de mais individual noticia, e he a ſeguinte:

Certificamos nós os Padres Frey Diogo Oſorio, Prior do Convento de S. Domingos deſta Villa de Guimaraens, e Frey Sebaſtiaõ da Madre de Deos, Prior do Convento de Santa Cruz da Villa de Vianna, com os mais Religioſos Conventuaes do Convento deſta Villa, como de licença do Noſſo Muito Reverendo Padre Frey Manoel Pinto, Vigario Geral da Ordem dos Prégadores, e licença do Ordinario, dada pelo Doutor Proviſor, e Senhores do governo da Corte, e Arcebiſpado de Braga, aos 20. dias do mez de Outubro de 1680. annos, metemos de poſſe do Recolhimento, que ſe fez na rua Traveſſa deſta Villa, com a invocaçaõ de Santa Roſa, as noſſas Irmãas Terceiras Maria de Santa Roſa, Maria do Roſario, Maria de Santa Catharina, Marianna do Sacramento, Iſabel de S. Domingos, todas profeſſas da Terceira Ordem; e no meſmo dia, e hora lançamos o habito para Noviças a Joanna de Jeſus Maria, Catharina de Sena, Angela de Jeſus, e Maria do Deſterro; e da Capella do dito Recolhimento as levámos em Prociſſaõ publica pela rua, e as metemos pela Portaria do Recolhimento, e logo na dita Capella ſe expoz o Santiſſimo, e ſe diſſe Miſſa cantada, e prégaçaõ, e ſe deu Communhaõ pelo Commungatorio ás ditas Religioſas, e de tarde tornou a haver Sermaõ; a que tudo aſſiſtio grande concurſo de Povo, moſtrando em tudo o goſto, que tinhaõ de ver eſte Recolhimento, e ſem haver peſ-

pessoa, que impedisse, nem puzesse duvidas a tal entrada, antes todos louvavaõ a Deos pela obra. Em fé do que fizemos este termo; para que a todo o tempo conste que juridicamente, e solemnemente se fez a entrada destas Religiosas, hoje 21. dias do mez de Outubro de 1680.

Esta Certidaõ com todos o Religiosos Conventuaes assignados, reconhecida pelo Tabaliaõ da mesma Villa, Domingos de Freitas, se guarda no Cartorio do Recolhimento com huma licença do Arcebispo Primaz Dom Luiz de Sousa, concedida a 16. de Dezembro de 1683. para que podessem ter o Senhor em Sacrario na sua Capella; favor, e graça, que assim souberaõ estimar as novas cultivadoras da Clausura, que por espaço de seis annos passaraõ as noites no Coro debaixo, orando humas, em quanto descançavaõ outras, até que o ameaço de muitos achaques, grangeados no desabrimento do sitio, lho fez deixar, a conselho do Medico. Era passado hum anno despois da entrada, quando visitado o Convento da Villa, abrio o Mestre Frey Agostinho de Santo Thomaz, Provincial desta Provincia, visita nesta nova Casa; e informado da refórma, com que nella se vivia (a instancias das mesmas Terceiras) tomou a todas o juramento de perpetua Clausura, professou as quatro Noviças, que se tinhaõ tomado á entrada, deixou leys, e fez todas as funçoens de Prelado, aceitas com gosto, e obedecidas com pontualidade, como no Mosteiro mais observante. Repetio a visita no anno seguinte, e determinou-lhes Confessor da Ordem, que foy o Padre Frey Domingos de Jesus, Religioso por sua religiaõ, refórma, e modestia, digno da occupaçaõ, que até o presente executa.

Veyo no seguinte anno visitar esta Provincia, por mandado do Mestre Geral da Ordem, Frey Antonio de Monroy, o Mestre Frey Gaspar da Mota, Hespanhol; e visitado o Convento, chegando ao Recolhimento, e achando nelle a observancia, naõ só de Freiras Terceiras, mas no rigor da Primeira Regra (de que logo daremos noticia) aceitou o Recolhimento á Ordem, em nome do Geral com poderes, que para isso trouxera, assistindo por testemunhas seu companheiro, o Presentado Frey Francisco Pardo, e seu escrevente Frey Antonio Rodrigues, ambos Hespanhoes, e o Prior do Convento da Villa, Frey Joaõ Bautista.

Com esta sogeiçaõ ficaraõ, e vivem ao tempo, que isto escrevemos, as Irmãas Terceiras de Guimaraens. Respeitaõ ao Prior do Convento, como seu Vigario, e ao Provincial desta Provincia, como Prelado superior, naõ aceitando Freira alguma sem sua licença. Tem continuado os Provinciaes até o presente, que he o Mestre Frey Joaõ Bautista de Marines, em visi-

viſitallas como verdadeiras ſubditas, e Religioſas Dominicas. A vida he commua, e regulada pelas Conſtituiçoens da Ordem. Veſtem lãa junto á carne, comem ſempre peixe, excepto as obrigadas por preceito de Medico; jejuaõ os ſete mezes, fallaõ ſó a pays, e irmaons, e raras vezes; nem com eſtes ſe lhes permitte o commercio de hum eſcrito, ainda reſiſtado pela Prelada. Tal he a cautela de ſua obſervancia! Rezaõ em Communidade o Officio de Noſſa Senhora, e no mais o que diſpoem a Regra das Freiras da Penitencia. Suſtentaõ-ſe de eſmolas, e do que obraõ por ſuas maons; a ellas ſó fiaõ o ſerviço da Caſa, ſem admittir ſerventes nella, humildade (em gente delicada, e nobre qualidades, de que eſtá povoada a Clauſura) de que parece ſe pagou o Ceo, vendo algumas das Religioſas aos Anjos exercitando o nome de Miniſtros entre ellas, ou tomando á ſeu cargo todo o trabalho de algumas, ou aſſiſtindo, e ajudando ás mais occupadas.

Frequentaõ a oraçaõ, a que ajuntaõ diſciplinas trez dias na ſemana, e com tanto fruto de huma, e outra, que eſtando todas recolhidas no Coro, ſe ouvio hum golpe no ſino, ſeguindo-ſe outro no do Convento, averiguando-ſe, que a tal hora naõ podia ſer diligencia humana. Entendeo-ſe melhor, quando a voto de huma peſſoa de grande eſpirito (conjecturou-ſe, que illuſtrado) ſe divulgou, que aquelle fora hum ſinal de que o Recolhimento ſeria Caſa de Deos até o fim do Mundo. Naõ pareça improporçaõ, porque os ſinaes do Ceo naõ ſe accommodaõ a ſimilhanças da terra, para ſignificarem alguma couſa; antes como naõ ſaõ naturaes, mas de inſtituto abſoluto, e livre, ſó ſe accommodaõ á idea ſoberana do imponente. Senaõ, que proporçaõ tinha o rapar a barba em Ezechiel, lançar parte no fogo, eſpalhar outra ao vento, para ſignificar o eſtrago de Jeruſalem, Povo rebelde, e ingrato? Que proporçaõ o retroceder o Sol dez linhas no Relogio de Achaz, para ſignificar a vida de Ezechias?

Ezechielis 5. v. Jeremias v. 8.

Mas tornemos ao eſtylo de vida das novas Recoletas. He igual a tolerancia em todas nas neceſſidades, e penurias, que continuamente experimentaõ, e de que triunfaõ. Talvez entraraõ na meſa, e com huma ſó pera fez colaçaõ toda a Communidade. Em outra occaſiaõ com ſó trez maçans. Mereceo eſta conformidade particular providencia ao Ceo, vendo-ſe muitas vezes os ſoccorros taõ repentinos, que ſe naõ duvidava de quem os diſpunha; ſempre apoucados, que naõ paſſavaõ a regalos, de remedios, porque acodindo-ſelhe á miſeria, naõ ſe lhe embaraçaſſe a tolerancia. A gente taõ abſtraida da terra, a pouco cuſto ſe lhe poem a meſa. Viviaõ em grande eſtreiteza de caſa, e contavaõ já vinte annos nella, quando com huma groſſa eſmola, que deixou o Doutor Jeronymo Lopes de Araujo, ſe alargaraõ, diſpondo as pequenas caſinhas em feitio de Dormitorio; e ao preſente ajudadas da limitaçaõ de algum dote, levantaraõ hum, em que vivem com mais commodo,

modo; defpois de fe melhorarem de Igreja proporcionada á cafa, e taõ aceada, e bem fervida, com fe lhe affiftiraõ mayores poffes, que as defta.

Servem-fe de hum poço, que tem de portas a dentro; e he digno de reparo, que fendo primeiro a agua delle, naõ fó afpera para o gofto, mas nociva a quem ufava della, a fede, e a neceffidade, que a reduzio ao ufo de todas, a experimenta hoje, naõ fó goftofa, mas fádia. Grande chimica he a verdadeira, e voluntaria pobreza! e melhor vara de Moyfés a virtude, para trocar nas aguas em fuavidades os amargores.

Exodi cap. 15.

Affim começaraõ a crefcer, e a avultar eftas tenras plantas da obfervancia, affiftidas, e mimofas do Ceo, e da Eftrella de feu Patriarca, que influe nellas as fecundidades, e frutos da refórma. Já o deraõ ao Ceo em quatro filhas das primeiras defta Cafa, gloriofas premiffas dos grandes lucros della. Foraõ ellas Maria do Defterro, Catharina de Sena, Marianna de Jefus, Angela de Jefus, que com heroica perfeverança no rigor, com que entraraõ a Claufura, invencivel paciencia nos trabalhos de penofas doenças, de tribulaçoens continuas, de defamparos, penurias, e miferias, acabaraõ a vida com demonftraçoens de que principiavaõ a que naõ fe acaba, e fe melhora. He o numero das vivas ao prefente de vinte e huma, Prioreza Maria da Rofa de Santa Maria, que chamando-fe primeiro Maria de Santa Rofa (com motivos fepultados os mais evidentes em fua modeftia, e fegredo) fe chama hoje Maria da Rofa de Santa Maria.

Com fimilhante motivo, e igualmente occulto, (como he tradiçaõ) mandou o Prior do noffo Convento da Villa pelos annos de 1699. como Prelado immediato, pôr obediencia ás Religiofas, que mudaffem a invocaçaõ do Recolhimento, que era de Santa Rofa, em o de Mofteiro da Rofa de Santa Maria. Correm por conta de Deos os nomes das coufas, que quer reconhecidas por fuas; grande gloria para eftas novas efpofas, que o faõ, e melhor argumento de que o mereceraõ fer. Mas coroemos as noticias defta Cafa com huma circunftancia digna de reparo, e naõ menos de lhe fervir de credito, e vem a fer, que defde fua fundaçaõ até o prefente (que fe contaõ vinte e quatro annos) naõ tem tido mais que a mefma Prelada, que na entrada foy eleita. Grande argumento das capacidades della, e naõ menor da conformidade das fubditas! Mas fem duvida mais reparo nellas o defconhecerem as ambiçoens de mandar, como efpiritos Angelicos, em que todo o emprego he obedecer. Affim fe vay dilatando efte pequeno Ceo Dominicano; e difporá a Providencia de Deos, já reconhecida, e defempenhada nas Eftrellas dos primeiros, que nefte fe dupliquem, para que efta Provincia conte mais efta gloria, e fempre para a mayor de Deos fe povoe de fuas luzes o Firmamento das eternidades.

CAPITULO XXXVIII.

Da Madre Sor Iſabel do Eſpirito Santo, Freira da Terceira Ordem da Penitencia; primeiros paſſos de ſua vocaçaõ.

Naõ mereceraõ menos nome, ou naõ deraõ menos aſſumptos aos Catalogos Dominicanos as Religioſas da Ordem de Penitencia, que ſem o retiro da Clauſura, antes entre os perigos do ſeculo, e junto ás delicias dos rios de Babylonia, ſouberaõ ſuſpirar pelos ſocegos de Siaõ. Pizaraõ eſtas a difficultoſa eſtrada, que por entre eſpinhos abrio, e deixou trilhada a conſtancia de huma Catharina de Sena, de huma Roſa, que reſpirou entre eſpinhos, e de huma Ignez, que os trocou em flores, vivendo todas entre os tumultos, trafegos, e commercios do Mundo, ſem que eſtes lhes ſoubeſſem turbar a paz de eſpirito, que naquelles mortificados, e debilitados corpos ſabia fabricar hum deſerto. Provaraõ, e deſempenharaõ eſta ſanta induſtria muitas filhas deſta Provincia, que a volubilidade do tempo, favorecida do noſſo deſcuido, deixou ficar tanto atraz das juriſdiçoens da memoria, que nem a certeza dos nomes foy facil á noſſa diligencia; com eſta magoa paſſemos a eſcrever o pouco, de que ſe nos permittio noticia.

Sor Iſabel do Eſpirito Santo. Seja a primeira de Sor Iſabel do Eſpirito Santo, filha da Cidade de Liſboa, berço digno de tal filha, e filha taõ benemerita de o ſer ſua, que a pode numerar entre as circunſtancias da ſua grandeza, ou da ſua ventura. Aqui naſceo Sor Iſabel de pays taõ honeſtos, e virtuoſos, que pareceo a filha premio da virtude dos pays, no voto de peſſoas de opiniaõ, que os conheciaõ, e os tratavaõ. Naõ ficaraõ ſeus nomes em memoria, emendando-ſe eſta culpavel omiſſaõ no acerto de ſerem ſuas virtudes os ſeus nomes, eſpecialmente a da māy penitente, caritativa, e devota. Era-o com extremo da Paixaõ de Chriſto, que no dia contemplava muitas horas, e nunca ſem lagrimas. Andando pejada de Iſabel, ſentia hum tal fervor de devoçaõ, e huma lembrança taõ prompta para eſta meditaçaõ doloroſa, como ſe do ventre ſe lhe ſobira ao peito huma grande labareda. Ignorava que enclauſtrava em ſi huma faiſca daquelle fogo, com que Noſſo Patriarca abrazara primeiro o hoſpicio materno, deſpois todo o Mundo; e eraõ já herança na filha, deſtinada a Eſtrella ſua nos effeitos da natureza fogoſa; ou tambem (como deſpois ſe vio) pequena braza, que em Sor Iſabel havia deſpois avultar em implacavel incendio, fomentado no ſangue de Chriſto, que a tinha extatica tantas horas, e a fazia romper em inundaçoens de lagrimas.

Aos ſeis annos de ſua idade ſe vio nella com admiraçaõ. Boa confirmaçaõ ſerá o que agora diremos. Frequentava Iſabel com outras meninas a caſa de huma honeſta mulher, que as enſinava a obra de lavor: applicada á almofada, eraõ taõ expreſſas, e vivas as repreſentaçoens, que ſe lhe propunhaõ da Paixaõ de Chriſto, de que já era devotiſſima, que inflammada

da de hum vehemente affecto de compassiva, naõ cabia em si mesma, estalava de magoada, desejava offerecer em igual sacrificio a vida. Já fraqueava na dissimulaçaõ daquella ancia. Largava a almofada, e retirando-se a huma casa interior, encostada a huma parede, pregava, e estendia nella os tenros bracinhos, e assim crucificada, se lhe representava, que se incorporava, e unia com aquelle Senhor, que naquella fórma dera a vida por ella. Este era o desafogo, a que recorria em a arrebatando aquelle piedoso pensamento. Despertou o reparo, e logo a curiosidade da Mestra, a repetiçaõ com que Isabel se retirava, muito mais o tempo, que se detinha. Segue-a hum dia, acha-a naquella fórma de crucificada, suspende-se; espera, a ver se cança, e cança-se em esperar; chega mais perto, e ve-a immovel, alhea de sentidos, e taõ sepultada naquelle doce lethargo delles, que á custa de muita diligencia despertou delle.

Conhecia já aquelle entendimento, a quem madrugara mais superior luz, que a da razaõ; conhecia, que similhantes thesouros só os guardava o segredo; hia-se á maõ naquelle genero de desafogo, e só o buscava em casa, recolhida a hum Oratorio, despois que via tudo em socego. Alli achava o seu leito, alli o seu descanço, alli o seu centro; naõ tem outro quem, conhecendo as delicias do Ceo, acha tanta suavidade nos desvelos, que lhe parecem descanços, tanta nos suspiros, que lhe parecem logros. Assim hia crescendo Isabel, quando querendo o Ceo darlhe mais liberdade nas sogeiçoens da terra, para a ver mais sua, a deixou orfãa, mas com a consolaçaõ grande de ver ausentar a mãy com sinaes de pizar a venturosa estrada, para que ella tambem se dispunha. Vio-se no que succedeo, estando-a amortalhando; porque, apagando-se por desattençaõ as luzes, que havia na casa, sendo em alta, e escura noite, resplandeceo nella huma repentina, e taõ grande claridade, que a pessoa, que se occupava naquella piedade ultima da mortalha, a pode continuar, enfiando huma agulha. Durou tanto tempo o prodigio, que deu lugar ao reparo de toda a casa, e despois o testemunhava toda.

Orfãa Isabel, e dada totalmente aos exercicios da oraçaõ, e penitencia, começou a pedir a Deos lhe mostrasse o caminho, que fosse mais de seu agrado, offerecendo-lhe o alvedrio, livre já de todos os dominios do Mundo. Esta era sua continua supplica, quando repetindo-a huma noite, vio que lhe apparecia seu Esposo Christo, e lhe dizia com gesto benigno, e amoroso: *Audi filia, & vide.* Como se differa: *Ouve filha, e vê.* Levanta-se alvoroçada, entra no seu Oratorio, prostra-se por terra, e como indigna de levantar ao Ceo os olhos, respondia humilde, como outro Samuel obediente: *Aqui me tendes, Senhor: que he o que mandais á vossa inutil escrava?* *Segueme*, lhe respondeo o Senhor. Entaõ se entrou mais do receyo de indigna, e de hum penetrante conhecimento do que distava entre Deos,

e a creatura; e confundindo-a assim o gozo de favorecida, como o desengano do que era, se deixou ficar por muitas horas com a boca em terra, victima da sogeiçaõ, e da obediencia.

Começou-o logo a ser de mayores rigores. Fez os vestidos longos para andar descalça; o que usou toda sua vida, e com tanta cautela, que só o entenderaõ em sua casa, porque nem o mayor frio, que no Inverno gelava as aguas, nem o mayor calor, que pelo Estio accendia as pedras, nem o agudo, e escarnado dellas, que pizava, e topava talvez, lhe faziaõ no semblante mudança de que se percebesse. Em toda sua vida naõ comeo carne, nem pescado, só em dia de Natal pouco, e leve marisco. Seu sustento quotidiano eraõ hervas, naõ só desaboreadas no tempero, mas cozidas na segunda feira para prato de toda a semana. Assim as comia frias; era regalo, quando requentadas. Sentenceou-se a hum perpetuo silencio. Naõ se lhe ouvia palavra, que naõ fosse precisa. Nas Quaresmas, Adventos, sestas feiras de todo o anno, Vigilias da Senhora, Apostolos, e alguns Santos seus Advogados, passava com paõ, e agua. Cingia-se continuamente de cilicios. Repetia disciplinas rigorosas, entoando ao compasso do golpe com voz penitente o *Miserere*. Assim a viaõ taõ attenuada, que se entendia ou que vivia por milagre, ou que morria a cada instante.

Entrava huma Quaresma, era sabido que a havia de levar a paõ, e agua. Buscaraõ-na dous Sacerdotes parentes seus, de boa vida, e muito conhecimento, e experiencia do rigor, com que a Serva de Deos attenuava a sua; e parecendo-lhe agora que nesta Quaresma a arriscava, lhe praticavaõ, e propunhaõ o que tinha de imprudencia naõ afrouxar na aspereza, vendo-se taõ debilitada. Allegavaõ que a falta de caridade comsigo era culpa; que quando a vida fosse durando naquelle extremo, seria carregada, e perseguida de achaques, que a reduziriaõ a largar os exercicios devotos; que com o rigor temperado se podia conservar a vida, e continuar a penitencia; que naõ podia ser servir a Deos, e inhabilitarse para o servir menos; que era argumento de fraquear nas penitencias, o adiantarse ao que naõ podiaõ chegar as forças, como o que recorre ao violento da morte, para se livrar mais de pressa das miserias. E finalmente, que elles da parte de Deos lhe faziaõ aquella advertencia, porque entendiaõ que assim convinha ás melhoras de sua alma, e assim o devia obrar pelas obrigaçoens de Catholica.

Assustou-se a arguida penitente com a proposta, mas sogeitando-se ás razoens della, como intimadas por dous Ministros de Deos, que a sua humildade venerava, e reconhecia com mais luz, e conhecimento em importancia de espirito; porém como naõ havia negocio delle, que naõ consultasse com o melhor Mestre, fechou-se no seu Oratorio, continuou a oraçaõ, e no mayor fervor della, pondo no chaõ a boca, e deixando fallar o coraçaõ em vozes de lagrimas, dizia nelle o

que

que ſe expreſſava nellas, que eraõ ſimilhantes razoens : *Vós Senhor, que ſois verdadeira luz, dignaivos de ferir nos olhos de minha alma, para que naõ erre como minha, já que ſó quer moſtrar que he voſſa. Vós ſois verdade, aſſim como ſois luz: e ſe ſó a voſſa luz ſabe encaminhar ignorancias, ſó a voſſa verdade ſaberá dar reſoluçaõ nas duvidas. Bem vejo Senhor, bem vejo que ſenteceada por minhas culpas ao eterno degredo de voſſa viſta, ſó a lima da penitencia póde quebrar os grilhoens, que me rodeaõ como ſentenceada: mas ſe a minha imprudencia ha de deſatinar nos meyos de me valer dos remedios, naõ permitia a voſſa clemencia que degenerem os meus deſcargos em ſegundos delictos. Eu naõ quizera afrouxar no rigor da vida, e menos tropeçar na deſgraça da voſſa offenſa : eſte meyo naõ cabe na minha eſcolha, ſó vós me podeis illuſtrar para ella. Continúa* (lhe reſpondeo o Senhor, e ella ſenſivelmente o ouvio) *continúa o que começaſte; que eu te ajudarey.*

Jejuou a Quareſma, e em toda ella naõ teve nem a menor queixa na ſaude, com reparo, e admiraçaõ dos que lhe vaticinavaõ a morte. Dignos de cenſura ſaõ os rigores imprudentes nos cultivadores da penitencia; mas quem ſaberá ſe póde condemnar os rigores a hum eſpirito, que fóra já da esféra dos alentos humanos, naõ póde romper em menos, que em exceſſos? Se eſtá a imprudencia em querer exceder as proprias forças, quem ſabe as que participa a graça a hum eſpirito, de quem he já mais vigoroſa vida? Caſo he eſte, em que ſó vota bem a experiencia propria.

CAPITULO XXXIX.

Toma Sor Iſabel o habito. Favores, que mereceo do Ceo; ſua virtude. Acaba ſantamente; circunſtancias, que ſe admiraraõ em ſua morte.

OUvira, e attendera Sor Iſabel áquellas attractivas vozes do Eſpoſo das almas, quando lhe advertio que o ſeguiſſe; e como conhecia que naquelle ſeguimento pela aſpereza ſe conhecia o caminho, reſolvendo que o mais apertado ſeria o mais certo, todos ſeus deſejos eraõ ſepultarſe em a Clauſura de hum Moſteiro, naõ para fugir do Mundo, que iſſo fizera, e fazia no recolhimento de ſua caſa, mas porque entendia que as da Clauſura eraõ os floridos thalamos, em que o verdadeiro Eſpoſo ſe achava mais ſeguro, e mais ſatisfeito. Mas ſuſpendiaõ-na as poucas poſſes, embaraços inſuperaveis, que por alguns tempos a trouxeraõ deſconſolada, e affligida. Recorria ao rigor de novas penitencias; propunha ao Senhor ſua ancia no mais expreſſivo idioma das lagrimas; inſtava incançavel na oraçaõ, quando hum dia, engolfada mais nas doçuras della, ſentio banharſe-lhe o coraçaõ de huma nova, e ſuperior alegria, que naõ lhe cabendo no peito, ſe levantou deſaſocegada, e dando dous paſſos em huma caſa, ergueo os olhos a ver o Ceo, pedindo a Deos que ſuſpendeſſe aquella corrente de ſuavidades, em que ſe ſubmergia a fraqueza da capacidade humana. Eis-que viſivelmente ſe lhe offerece hum man-

minico, que lhe lançava huma bençaõ, e ao meſmo inſtante ſe achou com intera ſaude. Viſitando-a ao dia ſeguinte Sor Iſabel, inſtou a doente por ſaber quem foſſe o Frade, obrigada, e reconhecida á mercê, que lhe tinha feito; e naõ pode tirar mais, que ſaber que era hum Santo Dominico. Entendeo a devoçaõ, que ſeria S. Gonçalo, a quem a boa irmãa obrigaria áquelle deſempenho.

Naõ a encontravaõ com menos ancia as neceſſidades do eſpirito. Sobre a continua ſupplica, que fazia a Deos, de que lhe déſſe a todo o inſtante que ſentir, ainda lhe pedia com mais inſtancia que lhe déſſe a padecer os tormentos, que no Purgatorio ſentem as almas, para ſatisfazer por ellas. Obrigou-ſe o Senhor deſta ancia, e ao repetir, e continuar eſta ſupplica, ſe ſeguia o atear-ſelhe hum fogo em todo o corpo (ſem ſe lhe achar febre) que naõ parando no interior, lhe ſahia ao roſto em huma taõ viva labareda, que ſua irmãa, que lhe aſſiſtia, e naõ deſconhecia o que era, recorria a lançarlhe agua temendo por muitas vezes que lhe eſpiraſſe nos braços, porque aſſim creſcia activo o incendio, que nem o ſofria o toque de huma maõ.

Na oraçaõ era continua, ou em caſa no ſeu Oratorio, ou na Igreja na Capella de S. Pedro Martyr, que hoje ſe chama de Jeſus. Humas vezes a viaõ banhada em lagrimas, de que ſe ouviaõ os ſoluços. Outras extatica, e alienada dos ſentidos; de que fizeraõ grandes experiencias peſſoas incredulas, ſahindo do exame confuſas, e compungidas. Illuſtrara-lhe Deos o entendimento; fallava nas Eſcrituras como o mais douto, e verſado nellas, e muitas vezes couſas taõ difficeis, que admirava a ſeus Confeſſores, que aſſim o teſtemunharaõ do muito que lhe ouviraõ, devendo darſe credito a todos, como Religioſos de grande reputaçaõ em letras, e virtude, como foraõ o Veneravel Padre Meſtre Fr. Luiz de Granada, de quem bebeo as primeiras liçoens de eſpirito, o Meſtre Fr. Thomaz da Rocha, o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, o Padre Frey Agoſtinho de Souſa.

Rezava todos os dias o Officio Divino, repartido por ſuas horas, e á de meya noite as Matinas; para o que como ſe eſtiveſſe no mais reformado Moſteiro, ſe levantava, e buſcava o Coro no ſeu Oratorio. Ardia de enveja o progenitor della, e inimigo da virtude, e deſejava turbar o ſocego daquella vida quaſi Celeſte. Nas tentaçoens ſahia vencido, confuſo, e envergonhado; queria vingarſe em atemorizar aquella conſtancia, ou ſe quer interromper os exercicios, em que via taõ goſtoſa aquella alma; e em Sor Iſabel começando a rezar Matinas, entrava a perſeguilla, apparecendo-lhe viſivelmente em eſtranhas figuras, que bem moſtravaõ quem ſe entronhava nellas. Mas Sor Iſabel, que naõ ignorava ſua fraqueza, e que eraõ aquelles os ultimos esforços de ſua malicia, chamava-o, e punha-lhe na maõ hum rolo accezo, para que em quanto rezaſſe, lhe eſtiveſſe allumiando; e acabando de rezar, o mandava da parte de Deos, que ſem

fazer

fazer estrondos, a deixasse, e se fosse.

Mas já por entre os espinhos de huma longa, e aspera penitencia começava a respirar, e a verse banhada com o copioso orvalho de consolações Celestes, que corriaõ a alentar aquella vida attenuada, e consumida no seco deserto de sua austeridade penitente. Mas quanto sobrepujaraõ as delicias ás asperezas! Foraõ muitos os favores, com que o Ceo a recreou. Tocaremos os que achamos com mais miuda, e individual noticia. Suspirava huma noite de Natal, posta em oraçaõ no seu Oratorio, e suspirava com Santa inveja daquelles olhos, que viraõ a desnudez do Menino Deos no desamparo daquella lapa, no desabrimento daquella noite, e daquella hora. Lamentava naõ alcançar aquella ventura, mas confundia se, como indigna, suspendendo-se, como piedosa, alternativa entre este desejo, e o conhecimento proprio; eisque lhe apparece a Rainha dos Anjos, com o Menino nos braços, e o passa amorosamente aos seus.

Encostava-se outra noite, para tomar algum descanço em duas taboas nuas, que toda a vida lhe serviraõ de leito, quando reparou, que estando a casa sem luz, se enchia de huma desusada claridade, e vio logo, que entrava pela porta a Rainha do Ceo com o Menino nos braços, acompanhada de duas donzellas de peregrina, e superior fermosura; trazia huma hum açafate de flores, outra hum copo cristallino, e que chegando-se a Senhora, e destilando alguma porçaõ de Celestial nectar de seus virginaes peitos, mandou que o dessem a beber a Sor Isabel, e logo as flores, coroando estes mimos com lhe lançar os braços. Naõ acabava a Serva de Deos de entender se sonhava, ou estava desperta, mas gostava o sagrado licor, e percebia a fragrancia das flores com tanta viveza, que só o assombro, e confusaõ do muito que lograva, a podia ter duvidosa. Chegouse de joelhos á Senhora, e reparando, em que o Menino estava todo enfaixado, lhe disse: *Pois como, Mãy, e Senhora Nossa, trazeis a meu Senhor taõ cuberto, que nem lhe posso beijar hum pé?* E respondeo-lhe a Senhora: *Isabel, na Cruz o tens descuberto, ahi lhe pódes beijar os pés.* Desappareceo a visaõ, ouvindo-se os suaves eccos de huma harmonia Angelica entre a suavidade, e fragrancia das flores, que acompanhou a Sor Isabel por muitos mezes.

Descançava em outra noite, quando vio, que se chegava a ella o mesmo Christo, cercado de luz, vestido de huma tunica rouxa, as maons atadas, e lhe dizia: *Desatame Isabel.* Applicava ella as maons obediente, mas temerosa; mas baldada toda a diligencia, confessou ao Senhor, que naõ podia. Ao que o Senhor respondeo: *Pois Isabel tu me tens atado.* E desappareceo. Propunha a Serva de Deos o que lhe succedia com synceridade, e singeleza, sem que sua humildade levantasse o discurso a examinar o segredo, mas obrigada do preceito de seus Confessores, que ajuizaraõ da visaõ, que Isabel tinha atado as maons a Deos com o la-

ço indiſſoluvel de ſeu amor, para lhe naõ negar nada do que lhe pedia, como ella muitas vezes depunha; mas naõ menos lhas tinha atado com ſuas penitencias, porque naõ levantaſſe o braço ſobre os peccadores por ſuas culpas.

O meſmo Chriſto ſe lhe repreſentou outra vez (orava entaõ no ſeu Oratorio) e com palavras ſuaves lhe prometteo a bemaventurança. Orava em outra occaſiaõ, quando vio que lhe feria nos olhos huma fermoſa, e ſcintillante eſtrella, que no meyo, como em centro, trazia noſſo Patriarca. Aſſim chegou a ella, e com alegre ſemblante lhe lançou huma bençaõ.

Chegava-ſe já o fim de ſua vida, quando, entrando hum dia em o Oratorio, vio que hum Menino Jeſu, que nelle tinha, eſtava com as maons atadas, e dizendo-lhe: *Meu Senhor, quando vos verey com as maons ſoltas?* Lhe reſpondeo o Menino: *Cedo o verás*; e naõ tardou muito, porque aſſim o vio dahi a pouco tempo, entrando a fazer oraçaõ, e já ameaçada de cruel doença. Entendeo logo, que era a ultima, que iſſo lhe queria moſtrar o Senhor com as maons livres, como para lhe diſpender os eternos favores. Foy prolongada a doença, em que muitas vezes commungou, porque eſtallando de ſaudades pelas delicias da gloria, ſó ſe aliviava com recolher no coraçaõ o ſoberano penhor della. Aſſim foy taõ rara ſua paciencia (ſendo intoleraveis as dores de que eſtava cercada) que parecia já como alienada das miſerias de humana. Soltouſe dellas ſeu eſpirito (deſpois de grandes demonſtraçoens de conformidade, e alvoroço) com huma morte taõ ſuave, que o que ſe ſeguio a ella, foy no roſto huma rara belleza, que naõ tivera em vida, deſmentidos os annos, que contara nella; os membros meneaveis, o corpo como ſe antes fora hum precioſo, e fervente aroma, do que hum deſpojo da vida.

Todos o viraõ, todos o examinaraõ. Começou de juntarſe, e concorrer a gente, como ſe alguem lhe dera o aviſo, levando os Religioſos o corpo, já com a difficuldade do concurſo, que tocava contas, pedia partes do habito como reliquias, de que alcançou mais a nobreza, concorrendo tanta, que antes parecia triunfo, que enterro. Deraõ-lhe ſepultura no antecoro de S. Domingos de Liſboa, aos pés do Veneravel Padre Meſtre Frey Luiz de Granada; e aſſim começou logo a eſtenderſe ſua opiniaõ, e fama, que no Capitulo Geral, celebrado em Roma por Julho de 1629., que foy eſte em que a Serva de Deos falecera, ſe lhe fez (como ſe lê nas Actas do meſmo Capitulo) a ſeguinte memoria:

In Provincia Portugalliæ Soror Eliſabeth de Spiritu Sancto, tertii Ordinis profeſſa, quæ poſt vitam ſanctiſſimè peractam, obiit cum opinione ſanctitatis.

Fiquem-lhe eſtas letras por epithafio, como muda reprehenſaõ de lhe naõ determinarem em hum o lugar, em que deſcançaõ ſuas cinzas, roubado á conſolaçaõ dos devotos, e á veneraçaõ de todos. Mas parece, que ſe naõ contentava o Ceo com que os teſtemunhos da terra lhe perpetuaſſem a memoria; com hum prodigio ſeu quiz fomentalla, e favorecella. Eraõ paſſados alguns annos deſpois de ſua morte, quando falecendo Dona Joanna Manoel de Aragaõ, mulher de Dom Affonſo de Menezes, Meſtre-Sala del-Rey Dom Joaõ o IV., e mandando que ſeu corpo ſe depoſitaſſe no Convento de S. Domingos de Lisboa junto á ſepultura de Sor Iſabel, em quanto ſe naõ paſſava a S. Domingos do Porto, onde tinha ſeu jazigo, começaraõ a bolir com inadvertencia na ſepultura de Sor Iſabel (abrindo a meſma, havendo ſó de ſer outra viſinha) e a poucos golpes foy tal a fragrancia, que ſe eſpalhou na Caſa, que ſuſpendidos naõ ſó os Religioſos, mas os ſeculares, que paſſavaõ acaſo, começaraõ com aſſombro a examinar, e conhecer o motivo, ſe em breve tempo creſceo aſſim o tumulto, que aſſuſtado o Sacriſtaõ, ſem mais conſelho, nem advertencia, mandou logo cobrir a cova, naõ ſendo menos culpavel, que eſta reſoluçaõ, a omiſſaõ do Prelado da Caſa, que devia examinar aquelle precioſo theſouro, para depoſitallo em lugar mais ſeguro, e melhorado. Tudo o que temos eſcrito, digno de mayor reparo, teſtemunharaõ ſeus Confeſſores, que o naõ foraõ menos de todo o credito; mas ainda aſſim eſtreitamos a penna, por fugirmos ao encontro de eſcrupuloſos, ou incredulos.

CAPITULO XL.

De Sor Luiza de Jeſus, Freira da Terceira Ordem.

Fecunda máy de heroicos filhos a Cidade de Lisboa, continuou dando a eſta Provincia a Sor Luiza (benemerita filha da Terceira Ordem da Penitencia) como ſe o eſpirito de Sor Iſabel ſe reproduzira nella. Naſceo Sor Luiza neſta Cidade de pays honeſtos, creſceo com taõ boa reputaçaõ de modeſta, recolhida, e bem inclinada, que ainda com mediano parecer, e pouco dote, ſe vio pertendida por quem entendia, que o verdadeiro era o da virtude. Poſta naquelle eſtado, em que naõ entrara com mais voto, que a obediencia, começaraõ a perſeguilla deſconſolaçoens, e diſſabores; penſaõ rigoroſa, mas que naõ ſervia mais que de exercitarlhe a paciencia, naõ baſtando

tando a divertilla de fervoroſos exercicios de caritativa. Mas o Ceo, que a naõ queria repartida com os cuidados da terra, permittio que aos vinte e ſete annos de ſua idade ſahiſſe ſolta daquella cadea. No meſmo dia, em que ſe vio viuva, retirada a hum apoſento, e diante de hum Chriſto crucificado, lançando maõ da formoſura de ſeus cabellos, cortou nelles os cuidados, de que fez ſacrificio ao melhor Eſpoſo, em que ſó ſe empregaõ todos com lucro. Accreſcentou a eſta reſoluçaõ a de voto de perpetua continencia, e deu principio a hum taõ aſpero genero de vida, que ſe conformaſſe com o Eſpoſo, que lha offerecia em hum lenho crucificado.

Já ſe hiaõ deſpertando huns aos outros os deſejos do Ceo. Suſpirava Sor Luiza por ſaber o caminho, que com mais ſegurança, e brevidade a levaſſe a elle. Inſtou hum anno com oraçoens, com penitencias para conſeguillo, e naõ baldou a diligencia; porque eſtando em oraçaõ hum dia, lhe pareceo, que ſe lhe offerecia á viſta o vulto de huma mulher com o habito de S. Domingos, e que encarando bem nella, lhe moſtrava o eſcapulario, dizendo, que aquelle era o que o Ceo lhe deſtinava. Levantou Sor Luiza as maons ao Ceo, rendendo a a Deos as graças; mas começou logo de affligirſe, entendendo, que aquelle aviſo a chamava para os Clauſtros Dominicanos, e parecia impoſſivel pollo ella em execuçaõ, ſem a impiedade de deixar ſua familia deſamparada, havendo nella peſſoas, cuja idade a executava a preciſa aſſiſtencia.

Vacillava com eſta imaginaçaõ, quando, paſſados alguns dias, a viſitou certa peſſoa de boa vida, que entre outras praticas (de bom conſelho para ella) diſſe, que aquelle dia ſe achara na Igreja de S. Domingos, onde vira muito de que ſe edificar, reparando nas Religioſas Terceiras (a que chamavaõ as Beatas de Santa Catharina de Sena) que alli aſſiſtiaõ com tanta refórma, e modeſtia, como diſcipulas de ſeu eſpirito, e doutrina; porque eraõ eſtas humas mulheres, que vivendo no ſeculo, e na liberdade de ſuas caſas, obſervavaõ a ſogeiçaõ, e exercicios de Religioſas. Entendeo logo Sor Luiza o idioma com que o Ceo lhe fallava, e em breves dias moſtrou a pontualidade com que lhe obedecia, pedindo em o Convento de S. Domingos o habito de Freira da Penitencia, que alcançou logo dos Prelados, a quem ſe tinha anticipado a noticia, e experiencia de ſua peſſoa, e vida.

Começou com tanta aſpereza eſta que abraçara, como o promettiaõ as ancias de ſe ver nella; mas nem os jejuns continuos, e apertados, as diſciplinas repetidas, e rigoroſas, baſtavaõ a reſgatalla da grande perſeguiçaõ de eſcrupulos intoleraveis, que a cercavaõ. Animava-a o Confeſſor, moſtrando-lhe, que naõ eraõ mais que prova de ſua conſtancia, como deſpois de profeſſa vio por experiencia. No acto da profiſſaõ (a que aſſiſtiraõ Religioſos de nome em letras, e virtude, convidados da que conheciaõ na profeſſante) foraõ tantas ſuas lagrimas, taõ vivos, e fervo-

rosos os affectos de sua alma, que, acabada a ultima palavra, em que promettia perseverança naquella vida, cahio sobre os degraos do Altar, como abraçando a terra, privada de sentidos; effeito (como despois se soube por seus Confessores) da inexplicavel consolaçaõ de seu espirito, vendo com os olhos delle que o mesmo Christo se chegava a ella, e lhe dava a maõ como a esposa. Despertou este favor nella os cuidados de quem o sabia ser verdadeira, naõ se contentando com os rigores, que lhe propunha a ley, que abraçara, antes adiantando-se aos que só parece podiaõ caber no desejo, ou condemnar a resoluçaõ por mayor que as forças, se as de seu espirito naõ respeitaraõ já mayor coraçaõ por centro.

Junto á carne naõ lhe pareceo taõ desabrida a estamenha; de pano de saco, que nem a agua costuma fazer mais tratavel, fez as tunicas interiores. Seu leito duas taboas, e hum cobertor, antes para dissimular o leito, que para servir de abrigo. Cingio o peito de huma grossa cadea de ferro, que substituio a hum aspero cilicio, que até alli trouxera desde que enviuvara. Rodeou os braços com cilicios de ferro, sem haver parte no corpo, que naõ tivesse particular, e continuo martyrio. Naõ bastava este para apoupar ao de rigorosa disciplina, que com huma cadea de ferro repetia duas vezes todas as noites. Naõ lhe era (no seu conceito) necessario menos ferro para domar tanto inimigo. Assim era Sor Luiza huma estatua da penitencia, antes de bronze, que de barro fragil, que naõ pedia menos materia, para sustentar taõ rigorosa, taõ profiada bataria.

Naõ comeo carne muitos annos; dispensaraõ-lha já nos ultimos os achaques, os Confessores, e o preceito dos Medicos. O jejum naõ só dos sete mezes da Constituiçaõ, mas quasi todo o anno. Na Quaresma só paõ molhado, e fervido em huma pouca de agua. De Quinta Feira Mayor até Dominga de Paschoa naõ comia cousa alguma: sempre andou descalça; porque ainda que cobria os pés quando hia fóra, era o calçado em tal fórma, que lhe ficava a planta do pé nua sobre a terra. Na oraçaõ, antes continua, que amiudada, prostravase por terra em fórma de cruz, e alli se detinha muitas horas com tanta consolaçaõ de sua alma, que sofrendo mal o inimigo dellas o vêlla dilatar naquella fórma, dispunha, e machinava estrondos, e horrores para divertilla. Passou a mais a sua impaciencia: quiz em certa occasiaõ precipitalla por huma escada; resistio Sor Luiza, sahindo bem sinalada da luta. Por mais que algumas pessoas perceberaõ o estrondo, escondeo ella a causa. Souberaõ-se despois casos similhantes por testemunho de seus Confessores.

Ainda que vencido, nem fraqueava, nem se retirava o contrario. Naõ lhe faltavaõ astucias, como serpente antiga, destra, e exercitada nellas; apparecia-lhe em horriveis fórmas, a que a Serva de Deos respondia, e desenganava affouta. Succedeo-lhe assim, quando arguindo-a

do-a elle de hypocrita, e dizendo-lhe, que ſe cançara de balde em toda ſua vida, porque elle guardava ſuas forças, e induſtrias para a ultima hora della, lhe reſpondeo Sor Luiza intrepida, e confiada: *Que ella eſtava por conta de Deos, como eſpoſa ſua; e que ſe os merecimentos da Paixaõ de Chriſto ſeu Eſpoſo eraõ infinitos, naõ podia haver hora na vida, a que ſe naõ eſtendeſſem taes merecimentos.* Suſtentava o demonio a ſua propoſta, e creſcia em Sor Luiza a cautela taõ deſvelada, que pedio a ſeu Confeſſor, que na hora de ſua morte lhe aſſiſtiſſe, e a confortaſſe, lembrando-lhe os merecimentos de Chriſto. Agradou ao Senhor a ſupplica; vellohemos deſpois no deſpacho della.

Era grande ſeu recolhimento, igual ſilencio, naõ ſe lhe ouvio palavra, que naõ ſerviſſe de edificaçaõ ao proximo, todas ordenadas a louvor de Deos; e ſe acaſo ſe achava em pratica licencioſa, naõ ſó ſe retirava, mas aſperamente a reprehendia, uſando o meſmo com algumas peſſoas, que via com ſoltura, e menos decencia nas Igrejas; zelo, que lhe grangeou algumas perſeguiçoens, ou repoſtas afrontoſas, que a achavaõ taõ ſofrida, como as reprehenſoens a tinhaõ moſtrado reſoluta. O tempo, que lhe reſtava da Igreja, aproveitava na liçaõ de livros, que a enſinaſſem, e compungiſſem. Repetia a da Paixaõ de Chriſto, e a do livro intitulado *Contemptus Mundi*, donde coſtumava dizer, que achava facilmente remedio para quantas deſconſolaçoens perſeguiaõ ſeu eſpirito. Applicada algumas vezes á obra de lavor, ou coſtura, lhe ouviraõ entoar com vivos affectos da alma ſoliloquios ao Amor Divino. O mais repetido tivemos na maõ de ſua meſma letra, diſpoſto com mais devoçaõ, que arte. Naõ ſerá deſagradavel áquella, quando naõ a eſta, o lançallo aqui; he o ſeguinte:

O' Amor, que por amor do Ceo deſceſtes,
O' Amor, que por amor foſtes humilde,
O' Amor, que por amor foſtes perdido,
O' Amor, que por amor á Cruz ſobiſtes.
O' Amor, que por amor déſtes a vida,
O' Amor, que por amor morte ſentiſtes,
O' Amor, que por amor ficaſtes vivo,
O' Amor, que por amor os Ceos abriſtes.

Foy

Foy rara sua humildade, e taõ doutrinado della o conceito, que fazia da estimaçaõ propria: que mandando-lhe seus Confessores, que escrevesse sua vida, foy necessario, que acabassem de conseguillo os ameaços da obediencia. Faleceraõ estes Religiosos a tempo, que já tinha escrito muito, mas taõ descontente de ter escrito, que naõ descançou até naõ alcançar licença do novo Mestre de seu espirito, para queimar aquelles papeis, que poderaõ enriquecer esta escritura, como o fizeraõ as cinzas delles á sua modestia.

Teve esta igual testemunho, quando buscando-a certa Senhora para medianeira com Deos em huma importancia, e perguntando-lhe em Nossa Senhora da Escada (onde se detinha orando) por huma Religiosa Terceira, que se chamava Sor Luiza, ella lhe respondeo, que a naõ conhecia, e se sahio com pressa da Igreja, como se entendera o para que era buscada. Confundiose a que fizera a diligencia, entendendo pouco despois, que era a mesma Sor Luiza a que respondera, e se retirara. Estes os lances proprios da virtude, que estende as verdadeiras raizes no centro da humildade, esquivando-se ás diligencias, e estimaçoens da Corte, onde as hypocrisias andaõ taõ affoutas, sobindo as escadas dos poderosos, detendo-se nas salas dos Principes, a fazer ostentaçaõ do que deixaõ, como senaõ as estivera condemnando o que buscaõ. Temia-se, e acautelava-se Sor Luiza contra os tiros da vangloria, sem mais attençaõ, que a pureza de sua consciencia, sendo esta de sorte, que confessando-se duas, e trez vezes na semana, todo o trabalho de seu Confessor era pedirlhe materia para a absolviçaõ, naõ passando de venialidades, ainda quando se valia da vida passada.

Já muy adiantada em dias, a assaltou huma enfermidade rigorosa; mas naõ sentio tanto o seu rigor, como o haver de deixar o da vida, que levava. A força de preceitos afrouxou pouco nella, e taõ pouco, que aggravada a doença da esquivança, com que se tratava, a poz ua ultima hora. Recebeo os Sacramentos com mostras de grande consolaçaõ interior. Só se affligia de lhe faltar a assistencia daquelle seu antigo Confessor, a quem a pedira para confortalla na ultima hora. Achava-se elle ausente, grande a distancia; mas naõ se lhe contando a vida mais que por instantes, lhe durou até chegar a vello (porque chamado se poz logo a caminho) e a praticar com elle importancias de sua alma. Chegaraõ-se a ella algumas Religiosas Terceiras, e pessoas devotas, que a acompanhavaõ, e pedindo-lhe que se lembrasse dellas diante de Deos, respondeo com segurança: *Que a misericordia Divina o disporia assim com a sua alma, que pudesse ella fazer o que se lhe pedia.* Deraõ-lhe hum Crucifixo, poz nelle os olhos, e cerrando-os como em suave sono, lhe entregou o espirito em 27. de Julho de 1659. em hum Domingo, dia a que costumava chamar a alegria de seu coraçaõ, por se representar nelle

le a Resurreiçaõ gloriosa de Christo. Ficou com aspecto composto, e agradavel, com tanta dessemelhança do que tivera em vida, e do que lhe attenuara a doença, que foy universal o reparo, como digno delle o motivo. Consta o que temos escrito do testemunho de seu Confessor. Seu corpo tem sepultura no Claustro de S. Domingos de Lisboa, defronte do arco, que entra para o Capitulo. Lese na pedra, que lhe serve de campa, este epithafio.

Soror Luduvizia nostri Ordinis Terciaria, cum virtutum odore, & bonæ famæ opinione placida morte quievit die 27. Julii 1659.

CAPITULO XLI.

Da Madre Sor Joanna de Tavora, da Terceira Ordem de S. Domingos.

LEvaraõ sempre os agrados de Deos as Estrellas, que madrugaraõ para o seu louvor. Assim se desvelou o Sol Divino, a assistirlhe no berço, e assim parece, que o vio desde as mantilhas delle, mimosa do Ceo, Sor Joanna de Tavora, destinada a Estrella Dominicana. Chamou-se esta Madre (na vida, e commercio do seculo) Dona Joanna Maria de Tavora; foy filha de Francisco de Sá de Menezes, descendente da Casa dos Sás, e de Dona Antonia Leitaõ, da Casa dos Leitoens, ambos illustres calidades desta Coroa Portugueza. Já nos primeiros annos se lhe conhecia hum particular agrado para as cousas do Ceo, podendo-se dizer, que do berço passara ao Oratorio, desconhecendo os vagares do tempo, para aceitar os interesses do espirito. Naõ havia lisonja para o seu, como contemplarse preza em huma Clausura; desejo a que naõ podendo fazer resistencia, e conhecendo, que seus pays naõ admittiriaõ sua supplica, appellou para a industria de ficar hum dia inopinadamente no Mosteiro do Salvador de Religiosas Dominicas, onde tinha huma tia, que algumas vezes visitava; mas suspeitada por sua mãy a resoluçaõ, naõ vio mais a tia.

Ubi eras.. cum me lauderent simul astra matutina? Job.38.7.

Assim começaraõ a arruinarse aquellas fabricas, em que trabalhava sem fruto sua esperança, e muito mais agora, que de todo as avia postas por terra, porque falecida sua mãy, se começou a mover pratica de lhe admittirem esposo. Instava o pay, parentes, e Confessores, a que houve de obedecer executada, como herdeira unica da Casa, que seu irmaõ Balthasar de Sá lhe deixara, recolhendo-se aos Claustros da Companhia. Desposou-se finalmente com Dom Fernando da Sylveira, irmaõ do Conde de Sarzedas, Rodrigo Lobo da Sylveira; mas nada com o estado diminuio no concerto de vida, que até alli tivera, na oraçaõ, nos jejuns, nas penitencias, a que

que só accresceo a custosa cautela, com que se andava furtando aos olhos de toda sua casa. Começou a ter nella hum novo martyrio, privado do juizo seu marido, por huns feitiços, que lhe fizeraõ, e lhe duraraõ com a vida muitos annos, que ella padeceo de descommodos, abraçados com huma insuperavel paciencia, que passou ainda a suspender o castigo ao aggressor daquella culpa.

Ficando viuva, e pertendida para novas vodas, dispoz com todo o segredo, retirarse ao Mosteiro do Sacramento, vestindo a mortalha Dominicana, tantos annos suspirada. Mas dispunha o Ceo, que merecesse com dobrada grangearia, assim na vida, que tinha, como em se lhe embaraçar a que suspirava. Prendialhe agora os passos a pouca idade de hum filho, unico herdeiro, Dom Luiz da Sylveira, que desposado com Dona Luiza Bernarda de Menezes (filha de Dom Francisco de Sousa, Marquez das Minas, de iguaes annos) pedia a madureza de Dona Joanna para o governo da sua Casa. Entrou o conselho do Prior de S. Domingos de Lisboa, mestre de sua consciencia, e conhecendo como lhe era impossivel a Clausura, tomou o habito de Religiosa da Terceira Ordem, que chamaõ de Penitencia, satisfazendo ao desejo de vestir aquelle habito, e á obrigaçaõ de naõ deixar a Casa de seu filho sem governo. Assim fez de sua mesma Casa huma estreita clausura, de que sem licença do Prior de S. Domingos naõ sahia, por mayor que fosse a importancia.

Observante da sua Regra á risca, parecia sua familia huma Communidade concertada. Sua continua assistencia era no Oratorio, a que todas as noites chamava todos a entoar o Terço, por singular devoçaõ, que tinha com o Rosario. Desvelava-se com o remedio, e assistencia dos pobres, e doentes; com aquelles repartia até do seu prato; com estes era tanta a sua lastima, que ordenando o Medico, que huma criada, (que cahio de doença contagiosa) se curasse fóra de casa, taõ longe esteve de o permittir, que se lhe naõ apartava da cabeceira. Era rara sua humildade, de que se seguia o escusar-se ao commercio de Senhoras, ainda parentas, que nunca a puderaõ reduzir a ir ao Paço, donde a opiniaõ de sua virtude a fazia muy desejada, e pertendida. Frequentava os Sacramentos com grande consolaçaõ de seu espirito; privava-a do sentido aquelle gosto, via-selhe em lhe faltar a attençaõ para tudo, e em lhe ficar o rosto inflammado. Succederaõ-lhe alguns casos, que naõ careceraõ de mysterio, á consideraçaõ de pessoa timorata, que tinha della mais noticia, e nos participou esta.

Achava-se huma pessoa de casa em huma afflicçaõ grande, que a martyrizava interiormente, e de que a ninguem tinha dado parte. Chegou-se a ella Sor Joanna, e com a natural brandura de que era dotada, lhe começou a apontar razoens de consolaçaõ, e alivio, encaminhadas ao pezar, que a molestava, como se delle tivera toda a noticia. Chegou-se outra vez a esta mesma pessoa, que se queixava de rigorosas dores de cabe-

cabeça, e pondo-lhe a maõ nella, lhe disse: *Calloivos, que naõ tendes nada.* Foy assim, porque cessou a dor no mesmo instante. Mayor caso, e igualmente digno de credito, porque tambem o testemunhou o mesmo a quem succedeo. Achava-se acaso hum homem, que venerava muito a Sor Joanna em hum lugar só, e retirado, quando se vio, acometido de huma multidaõ de atrevidos siganos, a quem (pedindo-lhe a capa, e a bolça) houve de responder com a espada, pondo-se em desesperada defensa, e indo-selhe retirando, e fazendo-lhe cara, tropeçou, e cahio rodeado de todos, que lhe punhaõ as espadas nos peitos. Lembrou-lhe o perigo a recorrer á Serva de Deos, com quem tinha grande fé, e ao mesmo instante se vio livre dos inimigos, posto em pé sem saber o como, e menos por onde se tinhaõ retirado. Assim o contava muitas vezes com veneraçaõ, e assombro.

Naõ lograva Sor Joanna sem sustos o suave emprego de seus exercios; parece, que a desassocegava o demonio com bataria continuada; de muitas cousas se conjecturou, e de a verem muitas vezes como assustada, lançando agua benta no aposento em que assistia; nem se recolhia, sem a ter perto da cama, como arma, de que nos assaltos improvisos se valia. Sem duvida procederia delles o sentirse huma noite (poucos dias antes de sua morte) hum abalo na casa, a que chamava sua cella, que parecia, que se arruinava. Estava a esta hora orando nella.

Contava oitenta e cinco annos, que nem acompanhados de muitos achaques, lhe embaraçavaõ a continuaçaõ da sua observancia, quando havendo de ausentar-se hum Capellaõ seu, que tinha noticia de sua consciencia, lhe pedio, que suspendesse a jornada, em quanto ella naõ morresse. Admirou-se o Padre, que a via com a disposiçaõ costumada, sem queixa nova, que a podesse obrigar áquella cautela; vio-se despois o que teve de mysteriosa. Tinha feito huma protestaçaõ da Fé, e escrita em hum papel, a meteo na maõ de seu Patriarca S. Domingos, que tinha no seu Oratorio ao pé de hum Christo crucificado; e advertio a huma pessoa de sua confiança, que se Deos fosse servido, que morresse sem fallar, lhe metessem aquelle Senhor na maõ. Estranhavaõ-lhe a segurança com que fallava nestes contingencias, mas naõ tardou muito o desengano do conhecimento com que fallava nellas. Deulhe repentinamente huma mortal ancia, que logo a deixou muda, mas com inteiro juizo, e advertencia, pondo-se de joelhos, e batendo nos peitos, valendo-se das acçoens, pedio os Sacramentos, acodindo o Capellaõ a absolvella sem lhe dar lugar a mais a vida, de que passou á que soube merecer nella. Ficou flexivel em todos os membros, fóra dos horrores da morte, buscada, e vista de grande parte, e nobreza da Corte, pela grande opiniaõ de sua virtude.

Passou a Communidade dos Religiosos do Convento de S. Domingos de Lisboa, (que fica visinho ás casas em que faleceo esta Madre) a buscar o corpo, a que, acompanhado de mui-

muita nobreza, ſe fez o Officio da ſepultura, e o recolheraõ em huma, que no Capitulo deſta Caſa ſe deu a Miguel Leitaõ de Andrada, e pertencia á Madre Sor Joanna, como deſta familia. Fica entrando no Capitulo á maõ eſquerda; cobre-a hum grande jaſpe vermelho, occupado com inſcripçoens, que lhe tiraraõ ſem duvida a que ſe devia a eſta Madre, pelas duas grandes calidades de virtude, e ſangue; mas com a proporçaõ de ter deſconhecido jazigo entre os de grandes Religioſos, que deſpidos de letras nas ſuas campas, naõ deixaõ de ſer authorizadas urnas de veneradas cinzas.

Fim do ſegundo Livro.

muita nobreza, se fez o Officio da sepultura, e o recolherão em huma, que no Capitulo desta Casa se deu a Miguel Leitão de Andrade, e pertencia á Madre Sor Joanna, como desta familia. Fica entrando no Capitulo á mão esquerda; cobre-a hum grande jaspe vermelho, occupado com inscripções, que lhe tirarão sem duvida a que se devia a esta Madre, pelas suas grandes calidades de virtude, e sangue; mas com a proporção de ter descõnhecido jazigo entre os de grandes Religiosos, que despidos de letras nas suas campas, não deixão de ser authorizadas urnas de veneradas cinzas.

Fim do segundo Livro.

QUARTA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO.

Da fundaçaõ do Mosteiro do Sacramento da observancia da Ordem de S. Domingos, na Cidade de Lisboa.

CAPITULO I.

Dos Fundadores desta Casa, e embaraços, que se oppuzeraõ á fundaçaõ della.

GRANDE industria dos mais sabios Architectos da reforma, e restauraçaõ da observancia arruinada, offorecer aos olhos hum exemplar, que maduramente esteja convencendo erros, e abusos, para que vagarosamente (como se lhe fora minando os alicerces, e enfraquecendo as resistencias) se arruinem ás batarias da razaõ, e da verdade. Esta foy a Santa, e bem considerada estartagema, com que o Veneravel Raymundo de Capua, Mestre Geral da Ordem Dominicana, quiz reduzir a toda ella, das devacidoens, e liberdades, que se tinhaõ introduzido pelo scisma, que contra Urbano VI. prevaleceo, em favor do intruso Clemente VII. pelos annos de mil, e trezentos e sessenta e oito. Decretou o Geral, que em cada Provincia houvesse se quer hum Convento, que observasse a Regra com todo o rigor, como está escrita, e a guardaraõ nossos primeiros Padres, sem admittir dispensaçoens, que foraõ as brechas, por onde se introduzio a ruina na observancia.

O nosso Castilho Historia de S. Domingos 2. p. l. 2. c. 62. e 93.

Imitou bem esta industria o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal. Achava-se consultado do Conde de Vimioso, seu irmaõ, e da Condessa, ambos com espirito de darem á Ordem hum Mosteiro reformado; applicou suas forças para

que

que ſahiſſe aquelle exemplo mudo, a condemnar a frouxidaõ, com que já caminhavaõ, naõ ſó os da Provincia, mas de quaſi todo o Reyno; talvez pelo abuſo de começar a ſer genero de vida, o buſcalla em huma Clauſura, quem a naõ podia ter no ſeculo com mais fauſto.

Era grande o coraçaõ do Meſtre Frey Joaõ, criava brios nas difficuldades, voltava a Deos, e ao ſeu Patriarca S. Domingos os olhos, e os cuidados, e ſahia com a eſperança de dar huma nova gloria a eſta Provincia, que a elle lhe eſtá devedora das muitas, que neſta Caſa contou, e vay contando, ajudando-o o Ceo, e metendo-lhe nas maons a adminiſtraçaõ deſte theſouro, que a Providencia Divina nos guardava, e agora lhe deſcobria por bem novo caminho. Era o Conde de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, filho do Conde Dom Affonſo, que na lamentavel batalha de Africa, ſeguindo a ElRey Dom Sebaſtiaõ, perdeo a vida, deſgraça, em que o acompanharaõ ſeus dous irmaons Dom Franciſco, e Dom Manoel de Portugal. Achava-ſe caſado com Dona Joanna de Mendonça, filha do Conde de Baſto Dom Fernando de Caſtro, e de Dona Filippa de Mendonça, ſua mulher.

Naõ viviaõ os Condes ſó em paz, e concordia conjugal, mas com hum notavel exemplo de piedade Chriſtãa, que ſe via bem em ſeus filhos, e familia; faiſcas ſem duvida nunca apagadas do amor de Deos, que nos primeiros annos lhes abrazara aſſim os coraçoens, que mal eſcutados os afagos do Mundo, o Conde buſcara (fugindo á Caſa dos pays) o penitente bruel dos filhos de S. Franciſco da Provincia da Arrabida, e a Condeſſa perſeguira, e importunara ſua mãy, para que lhe trocaſſe o dote na ſepultura de huma recoleta. Naõ tiveraõ effeito eſtas grandes reſoluçoens, porque quiz o Ceo guardallo para idade, em que ficaſſem menos eſcrupuloſas, por mais meditadas, e mais ennobrecidas, por mais difficultoſas.

Caſaraõ finalmente os Condes, e viviaõ com o conhecimento de que tinhaõ perdido melhor eſtado; mas praticando entre ſi o naõ perder as eſperanças delle. Inſpiraçoens pareciaõ, que coſtumaõ acompanhar taõ piedoſos deſejos, que nunca eſtes vem a ficar menos bem pagos. Repetiaõ-ſelhe na oraçaõ, que ambos frequentavaõ; e repreſentando-ſelhe hum dia ao Conde (eſtava entaõ em Madrid) com mais viveza a perfeiçaõ da vida religioſa, e ſahindo os embaraços a ſuſpenderlhe os deſejos, ſentio ao fim deſta batalha hum interior abalo, que lhe confortava o eſpirito, como ſe ouvira, e claramente ſe lhe diſſera: *Que naõ havia difficuldades para quem ſe reſolvia.* Rezava entaõ (como grande devoto ſeu) o Roſario da Senhora; pareceo-lhe, que lhe devia aquelle bom penſamento, e o animo já mais affouto para executallo. Aſſim lhe encomendáva o bom effeito, pedindo-lhe, como a melhor Eſtrella, luz, e norte, para acertar o caminho; e conſultando-o com peſſoas doutas, e deſtras em materias de eſpirito, que naõ duvidavaõ aſſentar, que era inſ-

inſpiraçaõ ſoberana, a que o chamava para melhor vida.

Naõ ſuccederia menos neſte tempo á Condeſſa. Eſcreveo-lhe o Conde com reſoluçaõ, achou-a com os meſmos deſejos, e por ventura da meſma ſorte favorecidos. Havia ſó a ſuſpenſaõ na eſcolha da Caſa; reſolvia a Condeſſa, que a naõ aceitaria menos que recoleta. Como ſe nella viveraõ, hiaõ paſſando, e eſperando, que o Ceo pozeſſe de melhor ſemblante as difficuldades, que lhes dilatavaõ, mas naõ torciaõ a determinaçaõ; mas elle, que lhes queria arrezoar o premio, dobroulhe o conflicto, porque publico o ſegredo, começaraõ as reſiſtencias a provarlhe as conſtancias. Divulgava-ſe, que o retiro ſeria para Conventos de mais eſtreita obſervancia; que ſe lavraria hum, para recolhimento da Condeſſa. Parecia tudo, antes idéas, que reſoluçoens aſſentadas, e ſoltavaõ-ſe facilmente contra ellas razoens, que pareciaõ convincentes na pratica da Corte, e eſpecial, e mais livremente nas caſas dos parentes, que naõ ſó eſtranhavaõ o intento como aereo, mas feitos em hum corpo, lhes negavaõ a communicaçaõ, ſendo os primeiros Dom Fernando de Caſtro (pay da meſma Condeſſa) o Arcebiſpo de Lisboa Dom Miguel de Caſtro, ſeu irmaõ, e de Dom Diogo de Caſtro, ſeu filho.

Diſcorriaõ: *Que a Condeſſa era já mayor, que naõ teria forças, que reſiſtiſſem, ou ſoportaſſem os rigores da vida auſtéra; eſtranhando a falta do trato, que tivera ſua. Que os Condes ſe achavaõ com trez filhos, e duas filhas.* Eraõ elles Dom Affonſo, ſucceſſor na Caſa, Dom Miguel, e Dom Fernando de Portugal; ellas Dona Filippa, e Dona Luiza (de que deſpois haverá mayor noticia nas particulares deſta Caſa) *Que parecia genero de impiedade, deixallos no Mundo, em idade, que inda neceſſitavaõ de amparo, e enſino. Que eraõ inconſideraveis os diſpendios com huma Caſa, que ſe levanta dos primeiros alicerces, e que mal ſe podia eſtender a favorecella, quanto mais a dotalla, huma, em que eſtavaõ attenuadas as rendas, e taõ groſſas ás dividas: Que reſoluçaõ em materia taõ ardua, tinha de difficultoſa o que lhe faltava de meditada, e poſta em execuçaõ, por peſſoas de tanta qualidade, eſtava ſendo o alvo, a que ſe applicavaõ os olhos, e os reparos de todo o Mundo, com a conſideraçaõ, de que o acerto paſſaria com o nome de fortuna; e o deſmancho, com o de imprudencia.*

Aſſim diſcorriaõ ás oppoſiçoens humanas, taõ eſquecidas de Catholicas, que naõ advertiaõ, que reſoluçoens de melhoras de eſpirito ſó ſe podem ver á luz daquella ſagrada labareda, que para reduzir reſiſtencias, e difficuldades a cinza, aſſim ſabe atearſe nos troncos ſecos, como nas verdes plantas da vida, e da humanidade. Ardia agora naquellas varas menos verdes, illuſtrandolhes os entendimentos, para reſponderem ás objecçoens, que lhes punha o Mundo naquelle natural idioma, em que ſó diſcorre ſobre os commodos da vida.

Aſſim parece reſpondiaõ os Condes: *Que para ſeguir a Deos em Clauſura, e eſtreiteza della, naõ eraõ inhabeis os que chegavaõ*

na undecima hora, porque o Pay de familias, que satisfazia a estes, como aos que vieraõ ao romper do dia, lhes confirmava as capacidades na paga. Que deixar os filhos nos braços do Mundo, pela pressa de fugir os enganos delle, taõ fóra estava de parecer desatino, que o melhor Salomaõ o dera por conselho, a quem quizesse grangear muito. (Se deixares, naõ só os pays, mas a esposa, os filhos, e as herdades, por hum vos heide dar cento, dizia Christo) Que se o desamparo dos filhos era neste caso dos pays da terra, naõ era menos, que de Deos a tutoria. E naõ se viraõ com menos admiraçaõ os effeitos desta nestes filhos deixados; porque Dom Affonso, herdeiro da Casa, sahio Varaõ clarissimo, luzindo sobre os Reaes timbres do sangue com o esmalte de virtudes naturaes, e adquiridas; casou rico com a filha de Dom Christovaõ de Moura, Marquez de Castel-Rodrigo, privado grande de Filippe Prudente, e Vice-Rey neste Reyno, teve muitos filhos; desempenhou a Casa, e satisfez ao empenho, em que os Condes seus pays estavaõ á do Sacramento, para poderem professar sem embaraço. Dom Fernando foy grande Soldado, com procedimentos muito filhos de sua qualidade, e espiritos taõ ardentes, e Catholicos, que adiantando-se a pertender os premios da immortalidade, perdeo a vida, peleijando pela Fé, e ganhou a da fama (entre naturaes, e estranhos) como a que Deos costuma dar aos seus Solldados. Dom Miguel avultou na modestia, nas letras, na capacidade, e occupando lugares, de que era benemerito o seu talento, se sentou na Cadeira Episcopal de Lamego, e passou a Roma Embaixaidor delRey Dom Joaõ o IV. que alargava a maõ a premios, que merecia mayores, a naõ estenderse a da morte a tirarlhe a vida, que naõ mereceo taõ curta. As filhas sobiraõ ambas a thalamo de melhor Esposo; porque se naõ queixassem suas prendas, e qualidade, que era pouco o que fosse menos, que aquelle. Professou huma no Mosteiro do Sacramento, onde a Condessa sua mãy foy filha, e Fundadora; outra em Santa Catharina de Sena em Evora: ambas exemplares, ambas nestas escritos assumpto da nossa penna, e de mayor memoria. Assim desempenhou Deos o officio de tutor com os filhos dos Condes. Mas atemos o fio ás repostas, que ainda vaõ dando ás objeçoens do Mundo.

Qui reliquerit patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros centuplum accipiet. Matthæi. 19. 29.

Que naõ era inconsideraçaõ dar principio a huma Casa recoleta, sem seguranças nos subsidios da terra, quando estas, como todas do Ceo, correm por conta da Divina Providencia, sahindo de suas maons o que se escacea nas humanas, e passando por ellas (sem as importunarem supplicas) naõ só o sustento das pequenas aves, que suspiraõ no ninho, que a gala dos graciosos lirios, que respiraõ no campo. Que resoluçaõ, que Deos sem duvida inspirara, para melhorar de vida, elle mesmo a havia de adiantar por sua gloria, e honra; porque naõ era abbreviada a sua maõ, nem nas posses, nem nas piedades. Finalmente, que elles se punhaõ nella, como lugar, a que naõ podiaõ chegar as calumnias dos homens mais que para melhora de seus interesses, e merito-

ritoria prova de suas vontades.

Fomentava estas o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, como quem andava destro em conhecer que aquelles estorvos eraõ o crisol dos espiritos, e enfurecidos ventos, que inclinando os ramos da planta, daõ a conhecer a firmeza, com que entranhou as raizes na terra; só restava a difficuldade de haver quem se obrigasse ás dividas do Conde, impedimento, que lhes retardaria as prossoens, (tomada a nova vida) mas soltouse o embaraço, fazendo Dom Affonso, Conde herdeiro, a obrigaçaõ, e deixando os pays livres, assim para votarem vida religiosa, como para dotarem a nova Casa; acto, que se celebrou na fórma da seguinte Escritura:

Em nome de Deos Amen. Saibaõ quantos este instrumento, doaçaõ, e doaçoens entre vivos validouro, virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e seis centos e cinco, em vinte dias do mez de Outubro, na Cidade de Evora, nas casas e aposento do Senhor Dom Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, hora morador nesta Cidade, estando o dito Senhor presente, e bem assim a Senhora Dona Joanna de Mendonça, Condessa do Vimioso, sua mulher; e bem assim estando mais presente o Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, da Ordem, e habito de S. Domingos, hora aqui estante, que a isto disse intervir em seu nome, e por sua parte, e por virtude de huma Patente, que logo appresentou a mim Tabaliaõ, perante as testemunhas ao diante nomeadas, do Padre Frey Jeronymo Xavier, Mestre Geral da dita Ordem de S. Domingos, e por elle assinada, e sellada com o sello da dita Ordem, que no fim deste instrumento irá tresladada, e incorporada; e logo pela dita Senhora Condessa Dona Joanna foy dito, que ella tinha tratado, e communicado muitas vezes com o dito Senhor Conde seu marido, de fazerem em Lisboa hum Mosteiro de Freiras, da Ordem, e habito de S. Domingos, para o qual já tem havido auctoridade do dito Padre Geral, e estaõ já assinalados quatro mil cruzados, que se haõ de empregar em cem mil reis de juro, em comprimento dos legados da Senhora Dona Luiza, Condessa do Vimioso, que Deos tem em gloria, como mais largamente se contém

tém em huma Efcritura, e Inftrumento publico, feito pelo dito Senhor Conde, e outorgado por ella dita Senhora Condeffa. E por quanto ella Senhora defeja, que o dito Mofteiro tenha commoda renda, para melhor fe poderem fuftentar, e perpetuar no dito Mofteiro, por ferviço de Noffo Senhor, que fó he o que a iffo a move, de fua livre vontade, e motu proprio, era contente de dar, e doar ao dito Mofteiro, como logo com effeito por efte Inftrumento deu, e doou quatro mil cruzados, os quaes nomea, e declara, que faõ do feu dote, daquella parte, e porçaõ do dito dote, que ella Senhora póde teftar, por entender, que efta he huma das obras pias, que ella póde fazer, e deixar de mayor ferviço de Deos noffo Senhor. Pelo que desde agora para fempre quer apartar, e aparta para bem de fua alma a contia dos ditos quatro mil cruzados, por efte Inftrumento, e contrato entre vivos, e no modo mais firme, que em direito poffa fer, e valer, digo, fe fundará na Cidade de Lisboa em todo o rigor das Conftituiçoens da dita Ordem de S. Domingos, e que feraõ as grades do Locutorio fechadas, de modo, que fe naõ poffaõ nunca nelle ver as peffoas, com quem fallarem, nem ferem viftas, e affim mais feraõ obrigadas as ditas Religiofas a mandar dizer em cada hum anno para fempre doze Miffas rezadas, e huma cantada de todos os Santos, todas em vida dos ditos Senhores Condes, e Condeffas, ditas por fua tençaõ, e defpois de fua morte fe diráõ as ditas Miffas por fuas almas, e de feu pay, e mãy, e defcendentes, e a Miffa folemne ferá de Defuntos, com o Officio de nove liçoens. E os ditos quatro mil cruzados, que por efta doaçaõ aparta da mayor contia do feu dote, quer, e ordena a dita Senhora Condeffa, que fe empreguem em juro perpetuo, de dezafeis o milheiro, que vem a fazer contia de cem mil reis de juro perpetuo, os quaes quer, que fejaõ compra do dito Mofteiro, e que andem fempre nelle unidos em Capella, com obrigaçaõ das Miffas acima ditas. E porque efta doaçaõ, que ella dita Senhora Condeffa faz, he para bem, e utilidade de fua alma, a qual utilidade deve preferir a todas as mais, pedia ao dito Senhor Conde, que prefente eftava,

que

que estes quatro mil cruzados acima declarados, e os cem mil reis de juro, que com elles se haviaõ de comprar, se dessem, e pagassem logo ao dito Mosteiro, porque com isso os há ella Senhora por recebidos, e a elle Senhor Conde por desobrigado de lhos tornar a dar, e pagar para comprimento de seu dote: e desde agora para o tempo, em que as Religiosas do dito Mosteiro houverem os ditos quatro mil cruzados, e cem mil reis de juro, que com elles se houverem de comprar, dá quitaçaõ plenaria ao dito Senhor Conde da dita contia do dote, constando, que as Religiosas do dito Mosteiro estaõ satisfeitas delle, o que tudo assim comprir, obriga todos seus bens, e rendas, e em especial hypothecava os ditos quatro mil cruzados, de que em todo o tempo podia testar. E logo pelo dito Senhor Conde foy dito, que era verdade, que muitas vezes tinha tratado com a dita Senhora Condessa todo o sobredito, e que pois elle de seu proprio motu, e livre vontade fazia esta doaçaõ, e obrigaçaõ, que elle declarava, que de tudo era contente, e a tudo dava seu pleno consentimento, e outorgava, e promettia de em tudo comprir, e guardar esta doaçaõ, como pela dita Senhora Condessa estava dito, e declarado, por entender, que esta era huma das cousas de mais serviço de Deos Nosso Senhor, que elles podiaõ fazer, e ordenar; e que para este contrato, e doaçaõ ser mais firme, elle Senhor Conde para tudo haveria Provisaõ de Sua Magestade; e por quanto tinha hypothecado, para pagamento do dote da dita Senhora Condessa, o seu prazo de Palhacana, que está situado no termo de Alenquer, e Torres Vedras, elle dito Senhor Conde agora de novo torna a hypothecar, e obrigar por este Instrumento toda a renda do dito prazo de Palhacana, para pagamento dos ditos quatro mil cruzados acima declarados, por serem, como saõ, bens dotaes, e por ser a parte, e porçaõ delles, que precede todo o mais pagamento do dito dote, e bens dotaes, pois he para proveito, e utilidade da alma. E disse mais o dito Senhor Conde, que elle desde agora para sempre, se obrigava logo dar, e pagar os ditos quatro mil cruzados, e comprar com elles os ditos cem mil reis de juro, situados

na Cidade de Lisboa, por padroens assinados por Sua Magestade; e que em quanto naõ dava os ditos padroens, pagaria a contia dos ditos cem mil reis, que nelles se monta dos bens, e rendas de sua Casa, dentro na Cidade de Lisboa, o qual pagamento começaria a fazer do dia, em que as Religiosas do dito Mosteiro entrarem nelle, o que para tudo assim elle dito Senhor inteiramente comprir, e guardar, disse, que obrigava todos seus bens, e rendas, em especial o dito prazo de Palhacana, como está dito, e declarado. E logo pelo dito Senhor Conde foy dito, que posto que por esta doaçaõ, e por outro publico Instrumento, que elle dito Senhor Conde fez, para comprimento dos legados da Senhora Condessa sua mãy, as ditas Religiosas hajaõ de haver em Machico cada anno duzentos mil reis de juro, contheudos no dito Instrumento, e neste presente; e que posto que para o principio da fundaçaõ do dito Mosteiro seja bastante esta renda, que toda via lhe parece, que crescendo o numero das Religiosas, como confia em Nosso Senhor, naõ se poderáõ bem sustentar com menos de quatro centos mil reis de renda, e tratando elle Senhor Conde com a dita Senhora Condessa muitas vezes, o que nisto podiaõ fazer, para que esta fundaçaõ do dito Mosteiro, que hora pertendem fazer, vá sempre em augmento, ambos de maõcommum consentimento, haõ por bem, e saõ contentes de fazer de novo doaçaõ, além das duas, que já estaõ feitas, e acima referidas, de fazenda, e juros, que bem valhaõ duzentos mil reis de renda in perpetuum cada hum anno. A qual doaçaõ em effeito agora por este Instrumento fazem elles Senhores ambos, e cada hum de commum consentimento. Declarando, que por quanto ao presente tem muitas dividas, com as quaes naõ podem com boa consciencia fazer obrigaçoens, e doaçoens, que elles Senhores hajaõ de pagar logo: E por quanto confórme a traça, que tem dado para pagamento de suas dividas, confórme a renda, que hoje tem, e possuem, lhes parecia, e entendem, que dentro de termo de oito annos, poderáõ facilmente pagar todas suas dividas: por este publico Instrumento dizem, e declaraõ, que elles naõ seraõ obrigados a dar, e pagar os ditos duzentos mil

reis de juro, contheudos nesta ultima doaçaõ, senaõ despois de oito annos compridos....

Este o essencial da Escritura, estendendo-se mais em seguranças, e clausulas tabalioas. Foy feita em Evora, por Luiz de Pegas, publico Tabaliaõ. Correraõ logo facilmente as licenças, assim da Ordem, como del-Rey; só o que naõ teve effeito, foraõ os segundos duzentos mil reis, que diz a Escritura, porque ElRey Filippe III. de Castella, que governava entaõ esta Coroa, respeitando os serviços do Conde Dom Luiz, deu a este Mosteiro, em que estava, e professara sua filha Dona Filippa, duzentos mil reis de pensaõ na Mitra de Braga, notificada ao seu Arcebispo Dom Frey Aleixo, em Março de 615. e confirmada por Paulo V.

CAPITULO II.

Impetra-se licença do Geral: escolhe-se sitio: da-se principio ao novo Mosteiro.

VIa-se já o Mestre Fr. Joaõ desassombrado dos impossiveis, que tanto ameaçaraõ os progressos da empreza; queria dispor os meiyos para a felicidade da conservaçaõ della. Media com largas experiencias os caminhos, por onde pouco a pouco se arruinava a observancia; tinha entendido, que o humor, e variedade das cabeças afrouxava, ou reprimia a que devia haver nas leys; almas, com que viviaõ as Monarchias, assim seculares, como Ecclesiasticas; e resolveo, que o Mosteiro, que tinha entre maons, passasse immediatamente ás do Geral da Ordem, sem subordinaçaõ alguma aos Prelados da Provincia; ou porque aquelle (sem o risco de variar a ley com o governo) he entre nós perpetuo, ou porque nestes he talvez conveniente deputar Vigarios, antes da devoçaõ propria, que da utilidade da Casa; accrescentando, que as Religiosas desta fossem as que, examinados os talentos da Provincia, propuzessem ao Reverendissimo os que escolhiaõ para o cargo, attendendo a que nelle deviaõ preceder os mais reformados, e os mais doutos, assim para auctoridade da Casa, como para zelo da observancia.

Era Mestre Geral da Ordem Frey Jeronymo Xavier, natural de Çaragoça (que despois foy Cardeal) achava-se a este tempo no Convento de S. Paulo de Valhadolid; representou-lhe o Padre Mestre Frey Joaõ, em nome dos Condes, com carta sua, os intentos de dar hum novo Mosteiro á Provincia (Casa de total reforma, e só a elle subordinada) o dote, que offereciaõ; a resoluçaõ, que tomavaõ, de recolher-se (feito voluntario, e santo divorcio) nos mesmos Claustros Dominicanos; noticias todas de estima para Deos, para a Ordem, e para o Mundo. Passou logo o Reverendissimo Patente ao Mestre Frey Joaõ, com a comitiva do que lhe propunha, inteirado de sua auctoridade, zelo, e prudencia. Assim

sim veyo a ser o primeiro Vigario, que teve a Casa. Traduzida do Latim em Portuguez, diz assim a Patente:

Ao Reverendo Padre Mestre Frey João de Portugal, da nossa Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, Frey Jeronymo Xavier de C,aragoça, humilde Mestre Geral de toda a mesma Ordem, e Servo em Christo, saude. Como nenhuma cousa possa ser para nós mais agradavel, que experimentar diante de Deos, e dos homens, que a nossa Religião, que foy instituida, e fundada para a salvação das almas, florece, e faz frutos suavissimos de virtude, estende, e dilata seus ramos no caminho do Ceo, pelos Ministros, e fieis dispensadores da mesma Religião; de boa vontade, quando se offerecer occasião de dilatar nossa Religião, favoreceremos tudo, quanto pudermos. Por esta razão entendendo nós, que os muito illustres Condes de Vimioso desejão muito fundar Mosteiro da nossa Ordem, dentro nos limites da dita nossa Provincia, dando-lhe bens proprios, que bastem para sua sustentação; por tanto por auctoridade desta Patente, e de nosso officio, damos licença a vós Reverendo Padre Frey João de Portugal, para levantar, edificar, e instituir o dito Mosteiro de Freiras, cómo agradar ao zelo, e providencia dos ditos Senhores Condes, querendo toda via, que nenhuma cousa se estabeleça nesta fundação deste Mosteiro contra as Sagradas Constituiçoens da nossa Ordem, nem fóra della, nem que se introduza novidade alguma no habito, ou ceremonias. Mas declaramos sómente, que o dito Mosteiro se funde, levante, e institua com a observancia, e pura guarda de nossas Sagradas Constituiçoens, guardando-se inteiramente; advertindovos, que procureis, que seja fundado o dito Mosteiro com bastante renda, para se sustentar sem pobreza, e falta das cousas necessarias, não encontrando a isto cousa alguma; para fé do que me assiney aqui ao pé desta, sellada com nosso sello. Dada no nosso Convento de S. Paulo de Valhadolid, aos oito dias do mez de Julho, de mil e seis centos e cinco.

Fr. Jeronymo Xavier.

Supposta esta licença, applicou o Mestre Frey Joaõ as maons, e os desvelos á obra: mas representavaõ-selhe (e bem) os vagares, com que caminha a que para huma grande duraçaõ se levanta dos primeiros fundamentos, ainda com promptidaõ de cabedaes. Via, que desejos de buscar a Deos, naõ sabem esperar, porque se apagaõ tudo o que se naõ adiantaõ; que os da Condessa, sendo (como eraõ) verdadeiros, naõ saberiaõ ser sofridos; que huma resoluçaõ contra o voto de todos, tudo o que tivesse de suspensaõ, se ajuizaria arrependimento. Estas razoens lhe aconselharaõ a promptidaõ, como alicerse, sobre que crescem bem afortunados todos os edificios, fabricados para agasalhar desejos: naõ reparou assim, que fossem os principios antes imperfeitos, que retardados, sendo a humildade delles mais propria de gente, que vinha a professalla, e que antes vinha a edificar com exemplos, que com artificios.

Arrendou humas casas, que abaixo do Convento de S. Vicente de fóra, ficaõ junto ao Postigo do Arcebispo, propriedade do Morgado dos Campos, Alvaro de Andrade, de que estava entaõ de posse Ruy Vaz de Sequeira. Eraõ as casas a proposito para o que se pertendia, por despejos, e largueza: com que a pouca despeza se accommodaraõ de Ermida; repartiraõ-se as casas mayores em estreitas cellas; a este estylo as officinas. O enxoval para as primeiras povoadoras naõ deu muito em que entender, mais que no cuidado de se cercear ainda o preciso, como aquelle, que havia de ficar por molde ás professoras da pobreza, e estreiteza religiosa. Huma barra de taboas, enxergaõ, e chumaço, mantas de lãa, e grosseiro cobertor, huma cruz de pao á cabeceira, cortiça, ou esteiraõ para assento; hum banquinho tosco de obra, e materia, para accommodar dous livrinhos devotos. Estas as alfayas de huma casa, antes sepultura, que vivenda. Este o ornato, que hoje com o mesmo rigor se continúa.

Preparada assim a hospedagem (para quem naõ queria achar nella cousa, que divertisse, ou naõ apressasse a jornada, que se fazia para melhor vivenda) reparou o Mestre Fr. Joaõ os inconvenientes, que tinha o conformarem-se as novas Religiosas com o Canto da Ordem, porque nem seria facil entre poucas o juntarem-se vozes capazes, e scientes, e convinha menos o facilitar o trato com Mestres. Impetrou dispensaçaõ do Geral, para que podessem usar o Canto da Capucha, facil, e devoto (como sem regras, ou artificio) usado commummente nas Recoletas do Reyno. Foy passada a Patente em 3. de Mayo de 1626.

CAPITULO III.

Referem-se alguns vaticinios de pessoas de reputaçaõ em virtude; sobre a fundaçaõ desta Casa: da-se a razaõ de intitular-se do Santissimo Sacramento.

SAõ os vaticinos, e os presagios aquelles prologos, ou preludios, com que começaõ a dar-se a conhecer os effeitos,

tos, que o Ceo deſtinou para privilegiados; ou as primeiras luzes, com que coſtumaõ madrugar as futuras, e grandes ſingularidades; e aquelles talvez foraõ os primeiros tropeços da Gentilidade cega, e mal aconſelhada ás vozes dos Oraculos, em que o pay da mentira lhes auctorizava os enganos. Aſſim venerava Divindades a ſeus Monarchas, e Emperadores, anticipadamente promettidos pela boca dos fados, como venerou a Alexandre, vaticinado no ventre de Olympia, em a figura de huma affouta, e deſtemida féra. Aſſim ſe jactava Virgilio da guerreira, e victorioſa gente Romana, augurada em a cabeça de hum bellicoſo bruto, caſualmente achada nas entranhas da terra.

Quint. Curſio l. 1.

Mas naõ nos detenhamos na ſuperſticioſa obſervaçaõ gentilica; paſſemos á Catholica, donde verdadeiros vaticinios, e myſterioſos preſagios começaraõ a fazer lugar no aſſombro, e eſtimaçaõ dos homens áquellas couſas, que por grandes ficaõ ſempre fóra da diſpoſiçaõ delles; diſpondo muitas vezes o Ceo o anticipar-lhe a veneraçaõ na figura, ou dando a entender no deſvelo a valia, a que ſobem no ſeu conceito, ou doutrinando os homens, para que o naõ façaõ taõ leve, do que talvez naõ ſentem mais que humanamente. Precederaõ aſſim áquelles mais que homens (ou elegantes, ou mudos) os brados da Providencia, abrindo-lhe caminho entre as eſtimaçoens da terra. A Samuel, e aõ grande Precurſor nas vozes de hum Anjo; a Columbano, Santo Abbade, na figura de hum Sol, que illuſtrava o Mundo; a Villebrordo, Biſpo, e Santo, na fórma de huma Lua, que entre ſombras reſplandecia; a S. Domingos, antes de naſcido, na fórma de hum rafeiro (jeroglifico Apoſtolico) com huma tocha na boca, que accendida abrazava a terra; deſpois de naſcido na brilhante eſtampa de huma eſtrella, norte para buſcar o Sol, ou eſcondido ás ſombras da culpa, ou perdido aos deſatinos da cegueira.

Eſtes os deſvelos do Ceo em dar a conhecer, e a venerar os ſeus mimoſos, e os ſeus privilegiados ao Mundo; naõ faltando com os meſmos preſagios á futura producçaõ, e propagaçaõ de Religioſas Familias, como admirou o Mundo nas duas Imagens de animoſos Athlantes (eſtes foraõ Franciſco, e Domingos) applicando os hombros a todo o pezo da Igreja, inclinada a fatal ruina; viſaõ permittida pelo Ceo a Innocencio III. Pontifice Maximo, dando-lhe a conhecer, que ſeriaõ duas illuſtres Familias o duplicado arrimo, em que o myſtico Corpo da Militante Igreja deſcançaſſe, e ſe refizeſſe das forças enfraquecidas no combate das hereſias, dos peccados, e dos tempos. Naõ menos cuidado parece, que cuſtaõ á providencia de Deos as fabricas Sagradas, como berços, e como aulas, em que ſe criaõ, e adeſtraõ os eſpiritos ſeus mimoſos, e triunfadores do Mundo. Com ſimilhantes prerogativas havia eſte de admirar a nova Caſa do Sacramento; e diſpoz a Providencia, que começaſſem os vaticinios a ſer recomendaçoens para a veneraçaõ da terra; como

mo teſtemunhos do que a eſtimava o Ceo. Foy hum delles o ſeguinte.

Ficara viuva do Conde de Atouguia Dom Luiz de Ataíde (o grande, o temido, o ſempre victorioſo com a eſpada, e baſtáõ, que duas vezes empunhou no Imperio do Oriente) a Condeſſa ſua mulher Dona Iſabel da Sylva, moça rica, e taõ mimoſa do Ceo, como deſenganada de que valia mais huma mortalha voluntariamente eſcolhida, que toda, e a mayor riqueza; e que huma voluntaria ſepultura era a verdadeira urna do Feniz, em que ſó ſe conſumia a idade para melhor vida. Hum, e outro intereſſe, o da ſepultura, e o da mortalha, pertendeo, e conſeguio, entrando no Moſteiro da Madre de Deos, bem celebre com o nome de obſervante; mas ao tempo que eſta Senhora diſpunha a ſua entrada, ou praticava a reſoluçaõ della, teve aviſo de huma peſſoa de grande eſpirito, que ſe diſpuzeſſe a hum certo lucro de ſua alma, eſperando por huma nova fortuna, porque tinha Deos revelado a certa peſſoa mimoſa ſua, que neſtes Reynos de Portugal ſe havia de levantar cedo hum Moſteiro do Patriarca S. Domingos em fórma de recoleta; e que as trez primeiras peſſoas, que foſſem auctoras da fundaçaõ, teriaõ trez coroas no Ceo. Naõ tardou muito a fundaçaõ deſta Caſa em auctorizar a profecia. A meſma Condeſſa a tinha communicado; teſtemunharaõ as Religioſas do Moſteiro que aſſim lho tinhaõ ouvido; guarda-ſe o teſtemunho dellas (como de peſſoas de tanta reputaçaõ) no depoſito da Caſa, ainda que ſem noticia da peſſoa, que mereceo ao Ceo aquella anticipada; porque Secretarios de ſimilhantes ſegredos fazem tanto pelos merecer, como por ſe naõ deſcobrir.

Achava-ſe em Madrid o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, no Convento de Noſſa Senhora de Atocha; era já a tempo, que tinha commiſſaõ do Reverendiſſimo para a fundaçaõ deſte Moſteiro particular, que communicava com algumas peſſoas de eſpirito; foy huma dellas o Meſtre Frey Melchior Cano, Religioſo da Ordem, de grande reputaçaõ em letras, e virtude (de cuja vida, milagres, e profecias há já Hiſtoria impreſſa) Alegrou-ſe o ſervo de Deos, e com ſingulares demonſtraçoens de alvoroço diſſe ao Meſtre Frey Joaõ que nada lhe podia dizer de mayor conſolaçaõ, porque eſtas fundaçoens novas eraõ como huns jardins de flores de inextimavel fragrancia. Naõ ſahiriaõ da boca de taõ grande eſpirito ſimilhantes palavras (e com taes circunſtancias) ſó como conjectura; parece que as podiaõ ter de profecia.

Caſo de igual ponderaçaõ ſuccedeo ao Padre Meſtre com hum Religioſo da Ordem Seraſica, na ſua recoleta de Villa Franca, na meſma Provincia de Caſtella. Via-ſe affligido com alguns embaraços, que promettendo dilaçoens, parece que davaõ lugar á contingencia na importancia da fundaçaõ, naõ perdoando elle a deſvelo para deſtruillas; e communicando o com o Religioſo, elle lhe reſpondeo de ſorte, que o Meſtre Fr. Joaõ houve de entender mais da reſpoſta;

poſta; porque com reſoluçaõ lhe affirmou que naõ haveria embaraço, que impediſſe a fundaçaõ do Moſteiro; paſſando a tocar algumas couſas futuras, que deſpois moſtrou o ſucceſſo o conhecimento, com que foraõ ditas: tudo pezou, e ſoube pezar o Meſtre Frey Joaõ, aſſim pela deſtreza de ſaber avaliar eſpiritos; como porque o deſte Religioſo lhe tinha grangeado naquellas partes a reputaçaõ de Santo; chamava-ſe Fr. Franciſco Malion. Aſſim parece que ſe agradava Deos daquelle pequeno rebanho, á que tinha promettido o Reyno, diſpondo tambem que cá na terra tiveſſe, como de caſa, aquelle milagre, que he o penhor delle, como ſe vio no brazaõ titular, que teve o Moſteiro, chamando-ſe Caſa *do Santiſſimo Sacramento*, com circunſtancia naõ para eſquecida.

Reſolvia-ſe o Conde de Vimioſo Dom Luiz a eſta fundaçaõ a tempo que Dona Filippa ſua irmãa (que ſe recolhera em Santa Catharina de Sena em Evora) intentava (levada de interior impulſo) paſſar-ſe á recoleta da Madre de Deos em Lisboa. Advertia-lhe o Conde ſeu irmaõ, que viſto ſe reſolver a abraçar vida auſtera, e mortificada, tinha de caſa o que podia deſejar no novo Moſteiro, de que elle era Fundador, e brevemente intentava pôr em execuçaõ: ao que reſpondeo Dona Filippa, que ella lhe dava palavra de naõ fazer outra éſcolha, ſe entreviſſe huma circunſtancia (para ella de mayor eſtima) que era o intitularſe o Moſteiro do Santiſſimo Sacramento. Eſteve pela condiçaõ o Conde, naõ obſtante o eſtar já divulgado o titulo *de Santa Catharina de Lisboa*, em reconhecimento de lhe dar aquella Santa para Fundadoras as filhas da ſua Caſa de Evora.

Era Dona Filippa de Portugal (moſtrou-o melhor deſpois no novo Moſteiro, para que veyo logo) devotiſſima daquelle mayor compendio dos milagres, Paõ dos Anjos, e dos homens; e diſpoz o Ceo pagarlhe aquelle affecto, trazendo-a ao rebanho, a que com a ſingularidade do titulo parece que permittia, como mais proprio, aquelle ſoberano paſto para alimento de melhor vida, e ſingular patrocinio daquella Caſa; como ſe deſempenhara agora nella o que por boca de ſeus Profetas promettera ao ſeu Povo mimoſo (naõ já o Iſraelitico, mas o Catholico, e em todo elle a eſta pequena parte da Familia de Domingos) que o que fugiſſe dos grilhoens do Mundo, viviria na Caſa do trigo Sagrado, creſcendo como fecunda vinha, e derramando por todos os ſeculos as fragrancias de ſua memoria: *Vivent tritico, & germinabunt quaſi vinea, memoria ejus, ſicut vinum Libani.* Parece que eſte foy tambem hum dos vaticinios, que quizeraõ auctorizar eſta Caſa, deſcuberto no titulo, que lhe diſpoz a Divina providencia.

Oſeæ 14. v. 8. Da Euchariſtia, e das almas, que buſcaõ a Deos, deixando os laços do Mundo. He commum nos Expoſit.

CAPITULO IV.

Vem para primeiras Fundadoras do Mosteiro, e entraõ nelle Religiosas do de Santa Catharina de Sena de Evora; da-se noticia de quem foraõ.

AChava-se o Mestre Frey Joaõ de Portugal sem mais embaraço para hospedar naquella pobre Clausura os espiritos, que se sacrificaraõ a ella, que a escolha de primeiras Mestras daquella nova vida. Tinha já do Reverendissimo Frey Jeronymo Xavier outra Patente para poder tirar de qualquer Mosteiro desta Provincia aquellas Religiosas, que livre, e espontaneamente se offerecessem para a nova recoleta, e para poder pôr preceitos, e censuras a todas, e qualquer pessoa da Ordem, que lho embaraçasse, ou impedisse, e com comissaõ para eleger primeira Prelada. Com esta auctoridade tirou do religioso, e reformado Mosteiro de Santa Catharina de Sena de Evora trez Religiosas, e huma Noviça, de tanta capacidade, que criadas naquelle berço da observancia se achavaõ com espirito para estreitalla. Eraõ Soror Isabel de Jesus, naõ só huma das mais reformadas, mas tida por mulher de vida inculpavel, e santa; Soror Joanna Bautista, com taõ bom nome de virtude, e zelo, que correndo o tempo, foy Prioreza; e Soror Filippa de Jesus, sua irmãa, de naõ inferiores prendas, filhas ambas de André Bugalho Sodrinho, e de Dona Damianna Pereira de Savedo; era a Noviça Filippa do Santissimo Sacramento, natural de Lisboa, filha de Joaõ Vaz Rebelo, e de Maria de Lemos, tudo gente conhecida, e nobre. Acompanharaõ a estas Leonor Pires Rosada, já viuva, filha de Antonio Rosado, e Cecilia de Soure, lavradores honrados, e ricos em S. Miguel de Machede, no termo de Evora, e huma filha sua, Cecilia de Soure, assim mãy, como filha, para serem Conversas.

De Evora até Lisboa as acompanhou o Mestre Frey Joaõ, e outros Religiosos graves; as duas, que haviaõ de ser Conversas, se recolheraõ logo na Casa nova para preparaçaõ, e aceyo della. As Religiosas ficaraõ no Mosteiro do Salvador, assim por mais visinho ao novo, como por Casa da Ordem, e merecedora de taes hospedas, por reformada, inda que já enfraquecido o primeiro vigor, em que tiveraõ poder os annos, grandes arruinadores de santos edificios. Alli estiveraõ o dia, que chegaraõ da jornada, até á tarde do seguinte, em que se recolheraõ ao novo Mosteirinho, deixando aquella Casa edificada, como saudosa; tal era o seu exemplo, tal o seu trato! He verdadeiro iman a virtude, attrahe com brandura, sem ainda lhe repugnar a dureza. Quanto mais, que naõ achava nesta Casa estranhezas a primeira refórma, como a que já fora centro della; antes eraõ aquelles encontros poderosos fuzis, que feriaõ frias pederneiras a tirar faiscas de santa enveja. Foy o dia em que se recolheraõ, o nono de Julho de 1607., e oitavo da Visitaçaõ.

Ao sahir do Salvador as Religio-

ligioſas, deixados os habitos, que traziaõ de Evora, (como mais mimoſos, por ſerem de eſtamenha) e amortalhadas em hum burel branco, ou groſſeira grizé, toalhas de linho eſtiradas, e ſem artificio; lançaraõ compridos, e tapados veos ſobre o roſto, com que naõ ſó ſerviraõ de novo eſpectaculo ao Povo (que concorreo a vêllas) mas foraõ poucos os olhos, que lhe naõ pagaraõ em lagrimas aquelle deſengano, que lhe hiaõ dando mudas. Com a Communidade de S. Domingos concorreo muita nobreza a acompanhallas, aſſim em obſequio do Conde, como em veneraçaõ de taes hoſpedas. Recolhidas ao Moſteiro, foy a primeira acçaõ lançar o Vigario o habito ás duas Converſas. Chamou-ſe a mãy Soror Leonarda da Aſſumpçaõ, a filha Soror Cecilia dos Anjos, gente ſingela, e criada no campo, que deſpois ſe fez lugar no das virtudes, e agora o merecerá particular neſtes eſcritos. Aſſim principiou a nova recoleta com trez Profeſſas, e trez Noviças.

Mas naõ deixe de entrar nas memorias deſte dia hum ſucceſſo, que ſem duvida o deixou mais glorioſo, e o apadrinha mais lembrado. Como toda a ancia daquella ſanta familia, era verſe ſepultada, nenhum cuidado lhe levou o tratarſe como viva. Aſſim ſe recolheraõ ſem provimento para a mais limitada colaçaõ daquella noite; em Caſa naõ houve quem o diſpuzeſſe, menos de fóra quem o advertiſſe, porque o Meſtre Frey Joaõ ſe tinha recolhido ao Convento com a Communidade. Mas já eraõ aquelles eſpiritos os caſtos lirios do monte do Sacramento, que creſciaõ, e ſe alimentavaõ ſem cuidado proprio, porque o Ceo era o que ſe havia de deſvelar no ſeu ſuſtento. Parece que aſſim o moſtrou o ſucceſſo. Naõ as aſſaltou aquelle, porque naõ tinha mais que ſer anticipado aos que todas vinhaõ buſcando; foraõ-ſe ao Coro a dar graças ao Senhor por aquelle primeiro mimo; e continuaraõ-nas por outro; porque ao meſmo tempo acodindo ao final, com que chamavaõ á Portaria, acharaõ a huma mulher de eſtado humilde, que viſinha ao Moſteiro, e affeiçoada á nova viſinhança (tal era ſeu bom coraçaõ, e ſingeleza) vinha ſaber ſe neceſſitavaõ de alguma couſa. Soube da falta, e com boa diligencia lhe trouxe algum paõ, acompanhado de couſa taõ ligeira, como buſcada áquella hora.

Acervus tritici vallatus liliis. Cant. 7. 2.
Confiderate lilia quomodo creſcunt, non laborant. Luc. 12. 27.

Aſſim hoſpedou Deos aquella noite as novas eſpoſas em ſua Caſa, como dando-lhes a entender que já começavaõ a gaſtar do dote da pobreza. Chamava-ſe a mulher Domingas Franciſca, que (como ſe á penuria ſoubeſſe ſer negaça) naõ ſahio mais da Portaria, deixando ſua caſa pelo intereſſe de ſervir neſta; o que fez em quanto lhe durou a vida, deixando ao Moſteiro por ſua morte huma herança taõ pobre, que ſó lhe deu aquelle nome a vontade. No dia ſeguinte á entrada, ſe expoz o Santiſſimo na ſua Ermida com Miſſa cantada, e Sermaõ, que ſervio aſſim de edificar os ouvintes, como de accender os coraçoens das novas obſervantes, para dar graças

ças ao Ceo de se verem no centro daquelles espinhos, que elle sabe trocar em flores, para immortaes grinaldas de espiritos penitentes.

Estes foraõ os pequenos alicerces, de que começou a crescer o grande edificio, que taõ brevemente se avisinhou ao Ceo; este o mysterioso, e apoucado graõ de mostarda, semeado naquelle cantinho da terra, de que brotou a fermosa arvore da observancia Dominicana, em cujos ramos começaraõ a fazer voluntaria habitaçaõ tantas aves celestes, ou tantos espiritos obedientes. Finalmente este o pequeno, mas Real cubiculo, em que o Esposo Rey introduzio as almas justas, banqueteando-as com a mais suave das iguarias, dando-lhes seu Corpo para sustento, e a Casa da Eucharistia para domicilio, de que póde jactar-se entre perennes jubilos este Sagrado Coro de esposas, lembrando-lhes este dia, como o em que receberaõ da liberalidade do Esposo taõ sinalada fineza: *Introduxit me Rex in cellaria sua: exultabimus, & lætabimur in te, memores uberum tuorum.* Cant. 1.

CAPITULO V.

Elege-se a primeira Prioreza do Mosteiro, acodem Religiosas de outros, tomaõ o habito Dona Filippa de Portugal, e a Condessa Fundadora.

ERa tempo de dar Cabeça áquelle corpo mystico (ainda que pequeno) para que começasse a respirar nelle a nova vida da observancia nos exercicios da obediencia. Havia de ser a primeira Prioreza creaçaõ do Padre Mestre Frey Joaõ, como verdadeiro, e absoluto Vigario da Casa nesta Provincia; naõ lhe dava cuidado o buscar, senaõ o escolher: assim eraõ iguais as virtudes, e as capacidades das novas subditas para a prelazia, que só a humildade religiosa, e observante, emmudeceria a queixa ao merecimento das deixadas, e só a obediencia levantaria a mayor lugar a preferida. Foy esta a Madre Sor Isabel de Jesus, naõ só por mais antiga, mas por dotada de huma singular singeleza, e brandura, partes grandes fomentadoras de novas refórmas, e muito a proposito para levar adiante o rigor dellas, suavizado no genio tratavel de quem mandando para desempenhar o cargo, acompanha para facilitar com o exemplo.

Já começavaõ de levantarse as vozes do que davaõ as novas observantes, naõ só espalhadas pelos ouvidos da Corte, mas recebidas, e bem aceitas nos dos outros Mosteiros, soando mais persuasivas nos coraçoens das mais reformadas nelles. Viraõ-se notaveis effeitos; do da Annunciada (tambem da Religiaõ, e hum dos mais graves, e reformados della) sahio Soror Victoria da Cruz, trazida de santa emulaçaõ de querer tambem pizar aquelle novo atalho, que na terra se tinha descuberto para o Ceo. Do de Aveiro trouxe a mesma resoluçaõ a Madre Sor Catharina dos Martyres; e naõ sendo menos efficaz nos pertos, que nos longes aquelle mudo pregaõ da virtude, apressou a Dona Filippa de

de Portugal, irmãa do Conde Fundador Dom Luiz, para entrar por aquellas pobres, mas venturoſas portas, taõ deſpida do que lhe podia offerecer, e tinha offerecido o Mundo, como acompanhada do muito que lhe dera o Ceo, naõ ſendo o de menos valor hum claro, e comprehenſivo entendimento, com baſtante noticia da Latinidade, de que ſe valeo para a das Eſcrituras, de que tirou o tema, que neſta occaſiaõ deu ao Meſtre Vigario para a Pratica, que lhe fez na entrada. Foy o verſo 13. do Pſalmo 65. *Introibo in domum tuam in holocauſtis: reddam tibi vota mea, quæ diſtinxerunt labia mea.* Como ſe diſſera: *Entrarey Senhor, a ſer victima nos Altares de voſſa Caſa, e deſempenharey com voſco a minha promeſſa.* A que tinha feito (atraz fica dito) de entrar neſta Caſa, vinha cumprir agora com tanto alvoroço, como quem aſſim eſtendia os olhos á paga, que eſperava, como os paſſos á que fazia.

Naõ ſofriaõ os Condes Fundadores ver que ſe lhe foſſem adiantando aquelles eſpiritos, a que talvez a ſua reſoluçaõ dera exemplo; já lhes parecia omiſſaõ o naõ tomallo, ſem ſe quererem valer para a deſculpa de detidos, da de irem rompendo o caminho por entre embaraços. Parecia-lhes contemporizar com o Mundo, o eſcutar aquelles, ainda as mais reconhecidas difficuldades; romperaõ hum dia com todas, e mandando levantar antemanhãa toda a familia, recolhidos com ella a hum Oratorio, e feita oraçaõ, abraçada a Condeſſa com huma cruz, e naõ maons hum Roſario, voltando-ſe aos filhos com hum animo varonil, e eſpirito abrazado (de que pareciaõ faiſcas as palavras) lhes diſſe as ſimilhantes palavras:

Bem ſey que o Mundo chamará a eſta reſoluçaõ deſpego; e naõ deixara eu de conſentir na opiniaõ do Mundo, ſe as luzes de Catholica me naõ enſinaraõ, que ſendo Deos o centro das creaturas, nunca obraõ ellas com mais razaõ, que quando buſcaõ eſte centro. Sey que vós outros ſois pedaços da alma; e querer ſalvar eſte todo, nunca póde ſer violencia para as partes delle. Deixarvos, por buſcar a Deos, he porvos nas maons de Deos; e melhorarvos de pay, naõ he privarvos de mãy. Em naõ teres na mãy a aſſiſtencia, tendes no pay o remedio; e naõ hides a perder nada, ſe he á cuſta de grangear tanto. Deos, que vos tira dos meus braços, he para vos naõ tirar dos ſeus olhos; vede lá quanto mais valem os ſeus olhos, que os meus braços. Naõ podeis duvidar aquelle mimo, ſe olhais para a minha reſoluçaõ; porque, ſendo Deos taõ juſto, e taõ igual, nada perderey por amor delle, que elle naõ conſerve por amor de mim. Lembrevos que vos criey com todos os deſvelos de mãy; ſó o voſſo procedimento quero por paga deſte trabalho; e ſe o voſſo naſcimento, e o voſſo enſino vos executaõ a ſer bem procedidos para o Mundo, hoje, para que o ſejais para Deos, vos dá o meu exemplo melhor enſino. Naõ podia eu fazer mais com aſſiſtirvos, do que o que faço em deixarvos; que o que vay de enſinarvos a agradar ao Mundo a ſervir a Deos, he o que vay do enſino, que já vos dey, ao exemplo, que hoje vos dou: e ſe vos deixo melhor

lhor ensino neste exemplo, muito melbor mãy vos escolho quando vos deixo. A Virgem do Rosario he vossa mãy; isto quero que vos lembre desta despedida: que com o Rosario na maõ vos lancey a ultima bençaõ. Façavos a minha lembrança devotos; que a sua devoçaõ vos fará seus filhos. Lembrevos que sois irmaons, e Catholicos, para que vos ameis huns aos outros, e todos a Deos. Elle, que me leva dos vossos olhos, permittirá que os meus vos vejaõ em sua presença. Espero que façais por merecella, e que este sacrificio me facilite o caminho, por que a busco. Filhos, ficay, a Deos!

Assim callou, que já os olhos se lhe começavaõ a humedecer aos gritos do sangue, escutados com estranheza da resoluçaõ, e da constancia. Com a mesma voltou ao Conde (que tambem a escutava) e despedindo se delle com huma inclinaçaõ, passou a meterse em hum coche com seus dous cunhados o Mestre Frey Joaõ, e Dom Nuno Alvares de Portugal. Era o caminho, que levavaõ, de Sacavem para Lisboa: e querendo o Mestre Frey Joaõ passallo, confirmando a acçaõ da Condessa, advertindo-lhe que parentes do Mundo (dizia-o especialmente por seu pay, e seu tio) sobejavaõ a quem hia buscar a fraternidade religiosa, onde se naõ reconhecia mais pay, que Deos, que o era verdadeiro, accendida ella em hum novo fervor, rompeo assim o silencio:

Que me querem meus parentes? Satisfazellos hey a elles, desobedecendo a Deos? A Deos, que me chama, e obriga com tanta efficacia, que sempre conhecia que era impossivel a resistencia; e naõ cuidey alguma hora em fazella, que me naõ assaltasse a medonha representaçaõ de hum grande, e escuro poço, que diante dos olhos se me abria com hum ameaçador, e profundo Inferno. Pois se a disposiçaõ he Divina, como chamaõ a isto culpa, e minha? Custeme embora o passar a vida em desconsolaçoens, e em lagrimas a representaçaõ inculpavel, e natural (que bem sey que sou humana) de deixar o Conde, e meus filhos (que em fim saõ pedaços do coraçaõ). Deos, que o está vendo, me dará constancia, e esta a coroa. Se viver chorando, morrerey rindo.

Com similhantes praticas, fomentadas do grande espirito do Mestre Frey Joaõ, chegaraõ a Lisboa, buscaraõ o Mosteiro, e entrou a Condessa recebida nos braços, e alvoroços daquella santa companhia; sendo mais poderosa a edificaçaõ de a ver, e a ouvir, para lhe soltar as lagrimas, que a dor, com que a natureza havia taõ pouco a convidou a ellas. Mas antes que vejamos a Condessa abraçando esta suspirada mortalha, naõ he para esquecida a advertencia de que fundado, e dotado este Mosteiro pelos Condes, e pertencendo-lhes o titulo de Padroeiros, e a Capella môr delle, entendendo que esta superioridade seria embaraço para que algumas familias nobres se naõ recolhessem no Mosteiro, fizeraõ generosamente desistencia de tudo, como consta de huma Escritura (que por dilatada a escusamos desta) feita aos 18. dias de Julho de 1607., e se guarda no Mosteiro; em que explicaõ

que

que a nenhuma peſſoa, de qualquer qualidade, ſe dê o dito titulo, ou Capella môr, e ſepultura nella; o que feito, tornará á Caſa dos Coodes o padroado.

Dilatouſe por alguns dias que a Condeſſa tomaſſe o habito (eraõ eſperanças de que ſe reduziſſe ao conſentimento o Conde ſeu pay, e o Arcebiſpo de Lisboa ſeu tio) mas, ainda que ſem elle, começou logo a provar a maõ nos empregos da humildade, ſervindo na coſinha, e mais officinas do Moſteiro com tanto goſto, como ſe andara merecendo o executallo por preceito. Naõ lhe tardou muito: tomou o habito em 23. de Agoſto de 1607. Chamouſe Soror Joanna do Roſario, e começou logo a tratar-ſe como eſcrava na meſma Caſa, em que era Senhora; mas taõ contente, e ſatisfeita, como quem alcançava que naquella mortalha, que a cingia, eſtavaõ as mantilhas em que começava felizmente a reſpirar para a immortalidade. Já conhecia berço o que lavrara ſepultura; porque já fóra do Mundo entendia ás veſſas do que elle enſina. Como diria que fabricava berço para melhor vida quem viſſe a Feniz ajuntando os materiaes odoriferos para a fogueira? Aos rayos do Sol fabrica eſte Altar, como ſe feridos dos ſeus rayos ſe lhe abriſſem os olhos, para conhecer, e diligenciar aquelle venturoſo futuro. Sobre o Altar, que Sor Joanna levantára ao Sol Euchariſtico, ſe começava a abrazar Feniz entre as lavaredas, que o meſmo Sol lhe ateara no peito; e já parece que dizia illuſtrada, que no ninho, que edificara, acabaria a vida para multiplicalla diſcreta, e venturoſa Feniz. Permitta-ſeme eſta breve reflexaõ, onde o grande da materia podia diſpenſar com o deſpido da Hiſtoria, o raro ſuſpender a velocidade da penna.

In nidulo meo moriar: & ſicut Phenix multiplicabo dies meos. Job. 29. 11.

Naõ foy menos prompto, e exacto o Conde (já neſte particular fica neſtes eſcritos noticia delle.) porque ſem liberdade para pôr em execuçaõ o ſeu voto, como ligado á ſatisfaçaõ de algumas dividas, ſe retirou á recoleta de Bemfica. Compoſtas ellas, tomou o habito em Almada. Aſſim ficaraõ eſtes Senhores offerecendo a Deos hum Templo, e dous ſacrificios. Aquelle de ſuas fazendas, eſtes de ſuas peſſoas.

CAPITULO VI.

Moſtra-ſe a ſeparaçaõ, que eſte Moſteiro tem da Provincia, com ſogeiçaõ immediata ao Geral da Ordem.

SUppoſto vermos já o Moſteiro na ſó povoado, mas correndo com toda a obſervancia, e a mayor da Provincia, naõ parecerá eſcuſada noticia (como circunſtancia conſervadora daquella obſervancia) o moſtrar como he ſogeito immediatamente ao Geral, com Vigario dado por elle, e independente dos Provinciaes da Provincia; eſta ſingularidade, e privilegio lhe alcançou o Meſtre Frey Joaõ ſeu Fundador, em nome dos Condes, ſendo elle o primeiro Vigario, que reconheceo a Caſa, com poderes para fundaçaõ, e adminiſtraçaõ della, como conſta da Paten-

Patente do Reverendissimo Xavier.

Assim começou o Mestre Fr. Joaõ a executar o officio de independente. Escolheo para Confessor das Religiosas o Mestre Frey Aleixo de Setuval (Religioso exemplar de conhecidas letras, e opiniaõ de virtude) que despois de servir a Deos, e a Religiaõ na conversaõ das almas na India, voltou para a Provincia, como benemerito filho della. Fez Capellaõ; e como Prelado de todos, visitava assim Frades, como Freiras, punha preceitos, e censuras, ministrava todos os Sacramentos, recebia ao habito, fazia profissoens, confirmava Preladas, e delegava poderes, como lhe succedeo em trez annos, que foy Prior de Bemfica, e dous, que gastou na Corte de Madrid (a que foy a importancias mayores) deixando em seu lugar ao Confessor, com algumas limitaçoens no poder, como naõ fazer outro Confessor ordinario, naõ visitar, naõ pôr preceitos, naõ receber ao habito, naõ fazer profissoens.

Mas nada bastava a callar os escrupulos (guiados difficilmente de bom zelo, onde a materia trazia comsigo, quando naõ lucro, ao menos respeito) que instavaõ em que já se devia entregar a administraçaõ do Mosteiro aos Provinciaes da Provincia, como fundado nos destrictos della, explicavaõ, que a Patente do Vigario espirara com a fundaçaõ, que naõ tinha aquelle tantos poderes como exercitava, porque nem os Provinciaes os tinhaõ taõ amplos, e absolutos.

Estas as instancias; mas eraõ taõ claras as repostas, que bem mostravaõ, que o escrupulo tinha mais de enveja, que de duvida, e o abraçarse com ella, menos de zelo, que de teima. Quanto a que o Mosteiro pertencia ao Prelados da Provincia, por fundado nos destrictos della, era falso, porque Prelados de Religioens naõ tem destrictos como Bispos, e estes muitas vezes saõ nacionaes, e naõ locaes. Mas melhor exemplo em Napoles, onde a Provincia de Lombardia tem Conventos, que governa. Espirarem os poderes da Patente com a fundaçaõ, fora a declararse assim naquella, e naõ vindo absoluta, quando naõ quizesse recorrer o Vigario a que ainda restava a fundaçaõ do Mosteiro, porque até alli era huma Casa de emprestimo. Aos poderes amplos póde dallos o Geral, e aos delegados costuma dar todos os que pertencem á fundaçaõ, que se intenta, exceptuando os que expressamente limita.

Mas com o Padre Mestre Frey Joaõ naõ queria, que a virtude andasse em opinioens, e disputas, onde cada hum havia de sustentar a sua duvida, ou por capricho, ou por respeito, recorreo ao Geral (era o Mestre Frey Agostinho Galatino, successor do Xavier) que por Patente sua, expedida em 29. de Dezembro de 1609. confirmou a passada, mandando, que continuasse com o mesmo estylo de governo até alli. Huma, e outra Patente confirmou o Collector por huma Provisaõ (que para mayor prova vay aqui lançada) e traduzida, vem a dizer:

Octavio Accorombono, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Fossombruno, Colleitor Geral, e Apostolico, com poderes de Nuncio nestes Reynos, e Senhorios de Portugal. A quantos esta Provisaõ virem, fazemos a saber, que havendo respeito ao que a Madre Prioreza, e as Religiosas do Mosteiro do Santissimo Sacramento dizem, e outro si, o que o Reverendo Padre Provincial da Ordem de S. Domingos, nesta Provincia de Portugal, dá em reposta, auctoritate Apostolica *a nós concedida, e de que usamos nesta parte, confirmamos, e approvamos as Patentes, que os Reverendissimos Padres Geraes da dita Ordem, em favor do Reverendo Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, sobre a fundaçaõ, instrucçaõ, administraçaõ, e governo do dito Mosteiro passaraõ; e mandamos em virtude de Santa obediencia, e sob pena de excommunhaõ* ipso facto incurrenda, *aos inferiores dos ditos Padres Geraes, a que pertencer, e a cada hum delles* in solidum, *naõ encontrem em modo algum as ditas Patentes, por si, ou por outrem,* directe, vel indirecte; *antes em tudo as cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir, e guardar, como nellas se contém. O que tambem o dito Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, debaixo das mesmas censuras, cumprirá, e guardará, como fez até o presente. Dada em Lisboa sob nosso sinal, e sello, aos 17. dias do mez de Dezembro de 1615.*

Octavio Accorombono Bispo Fossombruno.

Vindo despois o Reverendissimo Frey Serafino Silo visitar esta Provincia de Portugal, e celebrar Capitulo geral no Convento de Lisboa em 1618., tornaraõ alguns Religiosos a propor as mesmas duvidas sobre este Mosteiro, e seu Vigario. Visitou-o o Geral, e tocando com a experiencia a refórma, e estylo de vida, e governo de seu Vigario, mandou pôr as duvidas em perpetuo silencio, e que o governo fosse continuando, accrescentando por nova Patente, que succedendo falecer o Vigario, ou tirarse por algum incidente, o Confessor continuasse no governo, até o Geral prover de Prelado novo.

O

O Geral Marinis concedeo, e ordenou despois o mesmo.

Correndo o tempo, eleito Bispo de Viseu o Mestre Frey Jaõ, e succedendo-lhe na Vigairaria o Mestre Frey André de Santo Thomaz, naõ bastaraõ todas suas letras (que eraõ grandes, e bem conhecidas) a resgatallo dos antigos escrupulos na administraçaõ do Mosteiro, independente da Provincia; ou porque olhava menos para o que sabia, que para sua consciencia, ou porque a pouca ancia de governar o levava a reconhecer embaraços donde os naõ havia. Recorreo ao Colleitor (era neste tempo Joaõ Bautista Paloto, que despois foy Cardeal) que satisfazendo-lhe ao escrupulo, o mandou continuar no governo. Delle o tiraraõ para Lente de Prima da Universidade de Coimbra, e em seu lugar foy eleito o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, por Patente do Reverendissimo Rodulfo, em 27. de Março de 1635. estendendo-lhe o poder a reformar o Mosteiro, se fosse necessario, e a fazer (sendo assim conveniente) Visitadores alguns Religiosos graves.

Destas resoluçoens, e Patentes consta bem, como a eleiçaõ de Vigario, com poder amplo, isençaõ, e governo de Mosteiro, he tudo firme, como reconhecido, e confirmado por quatro Geraes, mostrando bem o acerto de se conservar neste privilegio a continuada refórma, e observancia, sem afrouxar por espaço de quasi hum seculo, até o tempo, que escrevemos, antes avultando, e florecendo como Seminario de virtudes, e fecundo campo de castissimas flores, leito, em que descançava o Sagrado Esposo das Virgens, horto fechado, em que se apascenta o Cordeiro Eucharistico, venerado dos tempos, como eterno deposito da primeira graça.

CAPITULO VII.

Da Madre Soror Isabel de Jesus, huma das Fundadoras, e primeira Prioreza deste Mosteiro.

Conhecida já a exacta observancia desta Casa (restauradora nestes ultimos tempos daquella primeira, com que o grande Patriarcha desta Familia deu principio á Clausura de suas filhas de S. Xisto em Roma) segue-se a noticia das venturosas povoadoras della, em quanto nos naõ chama a obrigaçaõ de descrever a em que se melhoraraõ de vivenda, por ser preciso o ir esta memoria no mesmo lugar, e anno, em que se lhe acabou a vida. Foy a Madre Soror Isabel filha do Doutor Francisco Nogueira de Brito, e de Cecilia de Soure Cogominha, nascida, e criada em Evora, berço naõ menos de sua vida, que de sua virtude. Assim madrugou o Ceo a encaminhalla para si, e por hum taõ novo caminho, que dandolhe hum genio brando, e affeiçoado áquellas cousas, em que elle costuma criar huma estampa sua (na natural perfeiçaõ da fermosura) esta a levou a saber estimar a verdadeira.

Sendo muito menina, e vendo em casa a Imagem de hum Christo crucificado (e notavel

fermoſura da Imagem) aſſim ſe cativou daquella fermoſura, que nada lhe levava mais os olhos, e os agrados, que ella. Seria herança daquelle grande filho do meſmo pay, o Taumaturgo de Entre-Douro, e Minho, que dos braços da ama paſſava com ancia aos de hum Crucifixo, bebendo pelos olhos naquelle Sagrado ſangue melhor vida, que a que deſprezava no leite. Creſceo com os annos em Soror Iſabel o conhecimento, entrou o da Fé no da doutrina Chriſtãa, e alcançou della, que aquelle era o retrato do mais fermoſo entre os filhos dos homens, e que aquella era a repreſentaçaõ da fórma, em que dera a vida por elles.

Paſſou-ſe a ſympatia a razaõ, o genio a agradecimento, com huma taõ ſanta tenacidade de querer, e contemplar a ſobrenatural fermoſura, que alli ſe repreſentava, que fazia muito por eſtar ſó, ou em ſilencio (na occupaçaõ honeſta da ſua almofada) por ſe lhe repreſentar, que alli merecia affagos, e favores daquelle Eſpoſo, que eſtava com os braços abertos para elles (aſſim o contou com ſingular ſingeleza, ſendo já Religioſa, a huma de conhecido nome, com quem praticava couſas de ſeu eſpirito). Naõ ſofreo o de Soror Iſabel o dilatar a maõ de eſpoſa a quem eſtendia o braço para lhe dar a ſua, e nella a melhor coroa; celebrou os deſpoſorios, tomando o habito em Santa Catharina de Evora. Alli começou a goſtar com mais ſocego das ſuavidades da vida contemplativa: achavaſe no centro, porque aſſim começara a reſpirar a ſua, e aſſim ſe lhe trocou nella a contemplaçaõ em natureza, porque tiradas as horas do Coro, e preciſas obrigaçoens do Moſteiro, o mais do dia paſſava em oraçaõ, eſtendendo-a á mayor parte da noite.

Com o cargo, e obrigaçoens de Prelada (paſſada a eſte Moſteiro novo) perdia com magoa ſua muita parte deſta delicia de ſeu eſpirito, e aſſim ſe deixava levar deſte ſanto ſocego delle para o recolhimento, e pouco trato (inda do que tocava ao commodo humano da Caſa) que advertindo-lhe o ſeu Vigario o Meſtre Frey Joaõ (que ſabia muito de ſua conſciencia) *Que era neceſſario, que a Prelada foſſe menos recolhida, aſſim para examinar, e remediar defeitos, como para ſer exemplar de perfeiçoens, para que as Religioſas olhaſſem, naõ ſó como ſubditas, mas como diſcipulas*: reſpondia ella com humildade, e ſingeleza: *Eu bem proteſtey a Voſſa Paternidade, que era huma bruta: e Voſſa Paternidade me diſſe, que á ſua conta tomava o encaminharme; veja como ſou incapaz, que naõ ſey aprender, quanto mais enſinar?* Aſſim moſtrava moleſtia, quando lhe lembravaõ o nome de Prelada, reſpondendo ás Freiras: *Anday, anday, que eu naõ ſou Prioreza; ſou huma brutinha.*

Raro ſobre tudo era o ſeu ſilencio; o amor deſte lhe fazia ainda mais penoſo o officio, que naõ ſó a tirava muitas vezes da cella, mas a obrigava a fallar em couſas pertencentes á Caſa. Como para ella naõ havia mais vida, que a do eſpirito, naõ reconhecia mais idioma, que o do ſilencio. Caritativa,

tiva, naõ havia miseria, ou desamparo do proximo, que lhe naõ ferisse o coraçaõ; assim parece, que lhe estalava este, ou lhe naõ cabia no peito, com á ancia de pedir a Deos por alguma necessidade, e muito mais de espirito. Dizia, (e bem) que esta era mayor importancia. Se da parte de Deos se lhe pedia, toda a sua affliçaõ era o imaginar-se indigna de escutada, obrigada a naõ faltar ao respeito, porque se lhe pedia. Testemunhava o seu Confessor desta penosa batalha de sua alma.

Se compassiva, naõ escutava miserias sem lagrimas nos olhos, naõ os punha nunca sem ellas nas pinturas, ou Sagradas Imagens da Paixaõ de Christo; mas comsigno taõ esquiva, e austera, que costumava dizer, que naõ sabia como havia de morrer, porque naõ tinha necessidade alguma, em que Deos lhe provasse a paciencia; que o sustento era bom, e sem falta (este nome dava á pobre refeiçaõ religiosa de pescado, e hervas, aquelle commummente seco, estas, poucas vezes mimosas) que andava contente, e abastada, que assim mal se podia consumir a vida. Era a sua ancia, que ella se lhe acabasse, e julgava, que naquelle trato tinha largo arrimo, como se ella com o jejum, a oraçaõ, e a disciplina, tudo continuado, se naõ fosse enfraquecendo; mas pagava-lhe Deos esta alegria, com que vivia rica na pobreza de sua casa, com as espirituaes consolaçoens, de que sempre abundou esta.

Vivia ainda esta Madre na de Santa Catharina de Sena de Evora, onde tambem eraõ Religiosas as irmãas do Mestre Frey Joaõ de Portugal, que de huma grave enfermidade estava em Lisboa sem esperanças de vida. Choravaõ as desconsoladas irmãas, esperando cada hora a ultima noticia, quando entra por huma casa, em que estava huma dellas (a Madre Soror Joanna Bautista) a Madre Soror Isabel, que com extraordinaria alegria repetia muitas vezes: *Vida, vida, ha de viver, ha de viver.* Tinhalhe pedido muito a Madre Soror Joanna, que encomendasse a Deos a saude de seu irmaõ; parecialhe estylo de quem lhe metia animo de naõ esperar más novas, mas instava com ella, que lhe explicasse a causa de taõ alegre, e repentina promessa. *Sabey* (lhe respondeo a Madre Soror Isabel mais de singela, que de importunada, ou porque permittio Deos, que se soubesse aquelle favor, que fizera á sua serva) *que estando no Coro só, e em Oraçaõ, ouvi dizer claramente: Castigans castigavit me Dominus, & morti non tradidit me.* (He o verso 18. do Psalmo 117., e val tanto como: *Castigoume o Senhor, castigandome; mas naõ me entregou nas maons da morte*). Succedeo assim; melhorou o irmaõ Frey Joaõ desde aquelle dia, de que naõ tardou a nova.

Mas mayor favor o que o Senhor lhe fez em outra occasiaõ na mesma Casa. Achavaõ-se nella enfermas, e perigosas as duas irmãas do Mestre Frey Joaõ (que despois, como fica ja advertido, vieraõ para Fundadoras deste Mosteiro) as Madres Soror Joanna Bautista, e Soror Filippa de Jesus; assistia-

lhes

lhes na doença outra irmãa, tambem Religiosa, a Madre Soror Maria Pereira. Lastimava-se Soror Isabel, e sentia o privalla Deos de duas amigas de grande espirito, e com quem alivia-va o seu; assim pedia ao Senhor com lagrimas, e larga oraçaõ pela saude de huma, e outra, quando no mayor fervor della ouve em espirito, que morreria Soror Joanna. Entristeceo-se muito, e com grande aflicçaõ de sua alma instava com Deos, que o naõ permittisse; que lhe désse vida, allegando as grandes prendas de zelo, e Religiaõ, de que era dotada. Respondeolhe o Senhor: *Que se vivesse Soror Joanna, morreria a outra irmãa Soror Filippa. Naõ Senhor* (tornou Soror Isabel com anciosa efficacia) *nem Soror Filippa ha de morrer, que com a sua voz* (era fermosa, e suave a desta Madre) *vos louva no Coro, e faz devoçaõ a quem a ouve nelle. Morrerá logo Maria*: (tornou o Senhor) era esta a outra irmãa, que com boa saude assistia entaõ ás duas doentes. Estava a Madre Soror Isabel afflictissima, e confusa das replicas, que tinha posto, e como convencida de sua humildade, lançando-se por terra, e pondo nella a boca, poz na disposiçaõ do Senhor tudo o que pedia.

Convaleceraõ logo as duas irmãas, e cahio gravemente a outra Soror Maria, que dentro em 15. dias faleceo. Entristeciaõ-se muito as convalecidas, e praticando hum dia com a Madre Soror Isabel, lhes disse com santa singeleza: *Anday, anday, naõ sejais simplez* (palavras suas) *que vós ambas havieis de morrer; day graças a Deos, que vos deu vida, só para o servir.* Assim lhes contou o que lhe succedera para consolaçaõ sua. Tal era a candidez de seu coraçaõ, e tal a opiniaõ, que lhe tinha grangeado, que já entendiaõ, que o que revelava, era porque Deos lho permittia, para gloria sua, e honra de sua serva.

Convalecia Dona Filippa de Portugal, irmãa do Conde de Vimioso Dom Luiz (de que agora fallamos) ainda estava no seculo, e ao presente com o Conde seu irmaõ em huma quinta sua no termo de Evora. Fora arriscada a doença, era a convalecença vagarosa; escreveolhe a Madre Soror Isabel (conheciaõ-se, e tratavaõ-se com aquella grande sympathia de espiritos, que naõ tem commercio, que naõ seja para melhoras delle) que esperava em Deos, que lhe continuasse a melhora, e a vida, como quem lha guardava para huma Clausura da Ordem de S. Domingos. Teve Dona Filippa por graça a circunstancia da promessa, porque se achava ao mesmo tempo com licença do Provincial de S. Francisco para tomar o habito no seu Mosteiro da Madre de Deos, e naõ menos o consentimento do Conde seu irmaõ, a quem ainda naõ vinha á imaginaçaõ o fundar este Mosteiro: mas ao que crê a piedade, e despois favoreceo o successo, tomando Dona Filippa nelle o habito, sem duvida illustrou Deos sua serva com este anticipado conhecimento.

Teve-o taõ bem de sua morte com naõ menos raras circunstancias: era já nesta Casa naõ

só Religiosa, mas Mestra de Noviças a mesma Dona Filippa de Portugal, agora Soror Filippa de Jesus Maria, na segunda vez, que a Madre Soror Isabel era Prioreza nella. Adoecerão ambas, e gravemente; quando amanhece hum dia a Madre Soror Isabel com huma desusada alegria, e chamando algumas Religiosas (erão as principaes as Madres Soror Joanna Bautista, e Soror Joanna do Rosario) lhes diz, que a Madre Soror Filippa ha de viver, porque ouvira claramente dizer aquella noite: *Filippa viva*, a tempo que assim o pedia a Deos. O mesmo segurou ao Vigario o Mestre Frey Joaõ, que áquella hora entrava a confessalla, e perguntandolhe elle, se ella viviria tambem, respondeo: *Que tres vezes ouvira: Tu hasde morrer.* Pedialhe o Mestre Frey Joaõ, que naõ desamparasse taõ depressa aquella Casa, que para seus augmentos necessitava de sua vida, e que bem podia pedir a Deos com este fim a conservaçaõ della. *Façase a vontade de Deos* (respondeo) *ainda que he verdade, que naõ desejo vello.* E suspendendo-se hum pouco, accrescentou: *Per ignem, & aquam*, como se quizera mostrar, que naõ presumia de só passar áquelle gozo sem experimentar os rigores do Purgatorio; sendo, que na esperança de ver a Deos (assim o referia, e testemunhava o Mestre Frey Joaõ seu Confessor) estava como certa, e fallava como segura, como se lho revelara.

Recebeo aquelle mesmo dia o Viatico com juizo perfeito, e demonstraçoens de grande jubilo. Pediaõ-lhe as Religiosas, que lhes dissesse alguma cousa, com que as consolasse, já que as deixava. Respondeolhes, *que tinhaõ grande causa de consolaçaõ, porque aquelle seu Mosteiro cresceria muito, e brevemente, assim no temporal, como no espiritual.* (e assim se vio). Ficou logo em hum socegado silencio, como se o Ceo lhe quizesse pagar o que tanto guardara em vida, representandolhe as suavidades daquella, a que passava. Assim esteve, como extatica, dous dias, no cabo delles lhe deraõ a Unçaõ, e ella a alma a seu Creador placidamente, em 21. de Dezembro de 1611. naõ tardando o Ceo em mostrar, que lha dera, e o Senhor a ella, a melhor, e verdadeira vida, que já vivia.

Era a irmãa Conversa Soror Leonor da Assumpçaõ, sobrinha sua, e boa discipula de seu exemplo; as obrigaçoens do sangue, e do habito, as saudades da companhia, e do ensino, a levavaõ á sepultura da boa tia, pedindo a Deos, como podia, pelo descanço de sua alma, quando huma noite (poucos dias despois de sua morte) lhe apparece a mesma Madre, vestida naõ já em pano grosseiro, mas em hum habito branquissimo, lançado sobre a toalha, e escapulario hum Rosario, de que eraõ contas flores cheirosas, e exquisitas. Assustouse Soror Leonor á primeira vista, mas cobrou animo com a grande claridade, e alegria da visaõ, escutando, que lhe dizia a venturosa Madre: *Dizey á vossa Mestra, que cave por onde eu cavey*; e suspendendo-se Soror Leonor, e perguntandolhe o que vinha a dizer, porque

como

como de singelo entendimento, naõ penetrava o sentido, lhe respondeo: *Dizeilhe, que governe com brandura, como eu usey*; e desappareceo.

Era Mestra das Noviças sua grande amiga a Madre Soror Filippa de Jesus Maria, e assim a Soror Leonor, como ás mais, que estavaõ á sua obediencia, tratava com aspereza, por ser naturalmente fogosa, e austera. Serviolhe este conselho para moderar ao diante os rigores de Mestra, e a visaõ ás Religiosas, para aliviar as saudades de tal Prelada. Duas vezes o foy nesta Casa, sendo de quatro annos o governo, conforme o Breve de Julio II. (estylo, que durou até os annos de 1629. em que o Mestre Geral Frey Nicolao Rodulfo determinou, que se reduzisse a triennio). Deraõ-lhe sepultura em lugar separado; hoje a tem no Capitulo do Mosteiro novo, defronte do Altar.

CAPITULO VIII.

Da Madre Soror Filippa de Jesus Maria, segunda Prioreza desta Casa: e da Mestra Sor Victoria da Cruz.

NO berço (escreviaõ fabulosos os Antigos) que Hercules, hum dos Deoses, a que levantaraõ altares, despedaçava serpentes, como em feliz annuncio dos trabalhos, que o esperavaõ para a fadiga, e para a coroa, para o conflicto, e para o triunfo. Mas passou-se a verdade este encarecido fingimento no mais vigoroso, e invencivel Alcides, que os olhos humanos viraõ no berço de humas palhas, batalhando com a inclemencia dos elementos a poucas horas de nascido, como ensayo para os trabalhos, que vinha abraçar, e vencer na campanha do Mundo, deixando esta demonstraçaõ, para que por ella se conhecessem despois por seus descipulos, e mimosos, os que nascessem lutando com as miserias, e os infortunios.

Assim deu o Ceo a conhecer a Madre Soror Filippa de Jesus Maria (no seculo Dona Filippa de Portugal) que em poucos annos se vio assim rodeada de trabalhos, que já começavaõ a ser exames da constancia, por naõ poderem ser castigos na sua innocencia. Preza se vio com sua mãy, e mais seis irmãas, por Decreto delRey Filippe II. que as mandou recolher em Castella em o Castello de Santo Torcaz, sem haver nestas Senhoras a mais leve culpa, como a naõ podiaõ ter as que no retiro de sua casa, e commercio de sua grande qualidade, nem haviaõ de entrar nos desmanchos do Povo, nem podiaõ ter parte nas direcçoens do governo. Mas pareceo a este, que era aquella injustiça razaõ de estado: o em que estiveraõ as cousas deste Reyno, foy o motivo da prizaõ; huma breve noticia nos dará mais clareza.

Entre os pertendentes, que teve a Coroa Portugueza, por falecimento do Cardeal Dom Henrique (ultima cabeça, em que ella entaõ descançou, escassamente como ameaçada das fatalidades, a que a destinava o Ceo, para castigo destes Reynos) foy hum, e que se fazia grande lugar nelles, Dom Antonio, filho bastardo do Infante

Dom

Dom Luiz; que vendo, que lhe negavaõ (a feu voto) os ouvidos á razaõ, que gritava fua juftiça, remetteo ás armas toda a negociaçaõ della, como fe naõ viera efte eftrondo a confundir mais aquelle grito. Favorecia, e fuftentava efte partido com mais calor, e defvelo Dom Francifco de Portugal hum dos irmaons de Dona Filippa, e era publico, (com pacto feito entre elle, e Dom Antonio) que chegando efte a verfe com poffe pacifica no Reyno, daria a maõ de efpofo a Dona Filippa, que ajuntando as qualidades do fangue ás de huma fermofura rara, antes lhe vinha a parecer a Coroa tributo, que ventura. Prevaleceo Filippe (Segundo de Caftella) com os fopros defta, triunfando do partido contrario, que antes cedeo de defarmado, que de temerofo; e ordenou, que a Condeffa Dona Luiza de Gufmaõ foffe com fete filhas defterrada para Caftella; affim poftas em hum carro da Mancha, e acompanhadas de dous Alcaides, paffavaõ ao defterro, tratadas com tanta indecencia, como a promettiaõ Miniftros de huma Coroa tyrannizada.

Paffados tres annos, e examinada, e conhecida fua innocencia, foraõ reftituidas a efte Reyno, com attençoens Reaes, defejofas de demonftraçaõ poderofa a fatisfazer queixas de nobreza, e fazenda. Com efte refpeito a Dona Filippa, defpois de eftar nefte Mofteiro do Sacramento, fe lhe fez a elle a mercê de hum juro de duzentos mil réis de penfaõ na Mitra de Braga, por tempo de vinte annos, que acabados, fe lhe prorogou por mais quinze; acabaraõ eftes defpois da felice Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV. Reftituidas ao Reyno, e á Patria, faleceo a Condeffa em S. Antonio do Tojal, caufa, porque Dona Filippa, e Dona Eftefania, irmãa fua, fe recolheraõ ao Mofteiro de Santa Catharina de Sena de Evora.

Era venerada por milagre da Corte a fermofura de Dona Filippa, e avaliada affim pelo mais copiofo dote, com a grande circunftancia de fua qualidade, a que fe ajuntavaõ partes, e prendas naturaes, como adquiridas, fazendo tudo junto taõ grande harmonia nos ouvidos da mais qualificada nobreza, que muitas vezes foy bufcada, e pertendida para efpofa, com naõ menos padrinho, para facilitar o confentimento, que o Conde feu irmaõ, a que fempre deu por repofta aquelle illuftrado genio, que dos primeiros annos a levava a mais fuperior eftado.

Com efta refoluçaõ fez voto fimplez, entrando no Mofteiro de Santa Catharina; e como fe fora pura Noviça, acodia defveladamente ás obrigaçoens da Cafa, como a mais obediente fubdita della. Trazia eftamenha junto á carne, ufava-a na cama, que quafi fempre teve ociofa, porque no Coro paffava as noites, onde vencida do fono, lhe fervia de leito o pavimento, e de traveffeiro o degrao de hum Altar; defcommodo, que diffimulava mal a outro dia, divifando-felhe na face qual fora a almofada. Affiftia, e rezava com edificaçaõ grande das Religiofas ao Officio Divino. Levavalhe os cuidados, e o tem-

po a extremoſiſſima devoçaõ do Santiſſimo, eſmerando-ſe nas ſuas feſtas, até onde podiaõ chegar as ſuas poſſes, e ſó eſte emprego ſanto lhe enſinaria a deſejallas mais creſcidas a naõ entender, que na eſtimaçaõ do Ceo, as mayores ſaõ as vontades. Eſte affecto, o que a trouxe para eſta Caſa (já fica apontado) porque chamando-a efficazmente a ancia de viver em eſtreiteza de vida, e tendo já licença para paſſar para a Madre de Deos (recoleta Franciſcana) ao ſaber, que eſta Caſa do Sacramento o tomava por ſeu Orago, veyo a ella como a deſcançar no centro.

Vinha já deſtra nos eſtylos, e coſtumes da Religiaõ; achou com todo o calor a nova reforma, em meteria diſpoſta paſſou aquelle a levantarſe lavareda. Ainda era Noviça, e já a chamava o cargo de Meſtra; naõ menos outras occupaçoens de pezo, que logo nos primeiros tres annos confirmaraõ o ſeu grande préſtimo, naõ ſendo ainda eſte (mas ſó a obediencia) a que a introduzio nelles. O zelo da obſervancia (que começava a reſpirar naquelle berço della) era o ſeu eſtudo, o ſeu cuidado, o ſeu deſvelo. Convencia com as palavras, porque as ajudava com o exemplo. Nem os mais leves deſcuidos a achavaõ ſofrida; nem as muitas obrigaçoens cançada.

Elegeraõ-na Prioreza, e começou a ſer por officio o que era por genio, auſtera, e inflexivel zeladora da obſervancia. Aſſim o era nos ſantos Eſtatutos da Caſa, que pedindo-lhe a irmãa Converſa da coſinha, que a diſpenſaſſe por aquelle dia da oraçaõ (que tem as Religioſas depois de Prima) porque o comer ſe perderia ſem a ſua aſſiſtencia, lho naõ conſentio, accreſcentando, que melhor lhe ſeria a todas ficarem hum dia ſem ſuſtento, que ſem oraçaõ. Tinha muita auctoridade, ainda que deſpida das humanas attençoens do ſangue; via-ſe, que era zelo do cargo, em que, no que naõ tocava nos reſpeitos delle, era meiga, humana, tratavel, e ſobre tudo compaſſiva. Na oraçaõ era continua, e no dom de lagrimas, que tinha nella, ſe moſtravaõ as ſuavidades, com que Deos enriquecia ſua alma.

Tinha ſufficiente noticia da Grammatica, e Latinidade, e liçaõ proveitoſa da Eſcritura; aſſim applicava muitas vezes as palavras della com o ſentido genuino, e verdadeiro. Tivera grande amizade em Santa Catharina de Sena com a Madre Soror Filippa de Jeſus, que veyo para eſta Caſa por Fundadora, mas no officio de Prelada nem eſta eſtava para ella primeira (grande maxima para conſervar ſubditas ſem queixa). Diſſe-lhe eſta Madre alguns dias antes de falecer: *Noſſa Madre, aſſim ſe acabou, e acaba amizade de tantos annos?* Reſpondeo com inteireza, e ſegurança: *Converſatio noſtra in Cœlis eſt; acaba na vida, mas eſpero na miſericordia de Deos, que a continuemos na gloria.*

Se era auſtera no cargo, naõ o era menos comſigo (boa liçaõ de Prelada, entender de ſi, que he a primeira ſubdita). Aſſim eſtreitou o debil de ſuas forças com jejum, cilicios, e diſciplinas, e ſobre tudo, por ſe roubar o ſuſtento do ſono,

que

que veyo a romper o excesso em huma longa enfermidade, que naõ bastou a fazerlhe levantar a maõ do rigoroso trato, que a foy chegando ás portas da morte. Parece que teve anticipada certeza della, porque estando ainda nos principios da doença, e festejando as Religiosas a noticia de que já junto a Alcantara se abriaõ os alicerces para o novo Mosteiro, ella se alegrou muito com ellas; mas suspendendo-se, disse logo: *Vossas Reverencias o haõ de lograr; que eu naõ.* E assim foy, porque naquella doença faleceo.

Aggravou-selhe esta sem esperança de vida, mas já a achou desenganada; pedio, e recebeo os Sacramentos com piedade, e inteireza: e chamando algumas Religiosas, primeiro particularmente, e despois todas, lhes fez santas advertencias sobre a caridade fraternal, e paz religiosa, sobre o temor de Deos, e incerteza da formidavel hora de seu Juizo, preparaçaõ anticipada para ella; e accrescentou: *E se Vossas Reverencias me vem taõ socegada, sendo em toda a minha vida atormentada de escrupulos* (assim o tinha sido) *naõ entendaõ, que nesta hora deixaõ de perseguir escrupulos da vida; mas he misericordia de Deos, que por sua bondade usa com quem taõ pouco a merece.*

Dous dias antes de sua morte, reparavaõ as Religiosas, que o Ceo a consolava com sagradas visitas, e assistencias, porque algumas vezes lhe ouviaõ dizer: (*Anjos, e Santos*) inclinando a vista, e a cabeça para parte determinada da cella. Pedio a Unçaõ, e acabado o Officio, dando-lhe hum Crucifixo a beijar, o tomou, e pondo trez vezes com suavidade a boca nos pés do Senhor, com hum longo, e enternecido suspiro, disse: *Domine memento mei, dum veneris in regnum tuum.* E espirou nos braços das subditas saudosas, e compungidas.

Mas naõ deixou o Ceo de acreditar sua Serva, e enxugar as lagrimas áquella santa companhia com sinais da que ella já para sempre lograva; porque estando a Madre Soror Filippa de Jesus no Coro guardando o Senhor, e encomendando-lhe a moribunda, ouvio distinctas, e concertadas vozes (e ao que percebia, era o Officio de Defuntos, e na Enfermaria) estranhou a novidade, e sahindo a examinalla, e dizendo a algumas Religiosas, que encontrou, como cantavaõ sem ella (era sua voz a alma do Coro) lhe seguraraõ, que ninguem cantara; mas que espirara a Madre Soror Filippa. Naõ se duvidou, que fosse a musica daquellas aves do Ceo, que lhe tinhaõ feito assistencia.

Poucos dias despois de sua morte, estando huma noite as Religiosas no Coro em oraçaõ, e entre ellas a Irmãa Soror Leonor da Assumpçaõ (mimosa do Ceo em similhantes visoens, como já vimos no Capitulo passado, por sua grande singeleza, e candidez de espirito) vio esta que a mesma Madre Soror Filippa com alegre rosto, e em habito purissimo andava por todo o Coro chegando-se affavel ás Religiosas, como reconhecendo, e reparando no rosto de cada huma; e assim des-

desapparecera. Faleceo esta Madre em huma quinta feira 23. de Dezembro (dia sempre festivo na Casa, como consagrado ao Santissimo Sacramento, de que era devotissima) no anno de 1614.

Dous annos antes que a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, faleceo a Madre Soror Victoria da Cruz; mas respeitando a precedencia das duas Preladas, e ser esta a unica subdita, que as acompanhou, falecendo nesta primeira Casa, a guardámos para os ultimos dias della. Foy a Madre Soror Victoria huma das primeiras Religiosas, que convidadas da nova refórma, trocaraõ por este Mosteiro os em que tinhaõ professado, em virtude da Patente, que o Mestre Frey Joaõ tinha para tirar das Casas da Ordem as Religiosas, que quizessem nesta abraçar todo o rigor da observancia. Professara esta Madre no Mosteiro da Annunciada, mas com espirito taõ anciosо de mayor estreiteza de vida, que sendo muito reformada aquella Casa, pedia a Deos que dispuzesse a fundaçaõ de alguma de mayor, e total refórma. Nestes desejos passava muitas vezes largas praticas com as Religiosas (assimo affirmaraõ estas ao Mestre Frey Joaõ) até que o Ceo lhe poz nas maons o que pedia, podendo charmarse fruto de suas oraçoens a esta Casa, ou entender, que aquelles desejos tiveraõ alguma cousa de profecia.

Alegre se passou á nova sepultura, e assim o andava com a experiencia daquelles rigores, e austeridades, que costumava dizer, que fora favor do Ceo naõ enlouquecer de alegria de ver satisfeita a sua ancia naquella Casa, e naquella vida. Era a sua huma oraçaõ, e meditaçaõ continuada, ou estivesse no Coro, ou fóra delle, porque naõ havia occupaçaõ, que lhe embaraçasse o subir por esta escada a buscar a presença de Deos, e o commercio dos bemaventurados. Esta era a sua mais commua doutrina, e esta praticava ás Noviças, sendo Subprioreza, e sua Mestra, lembrando-lhes que eraõ Serafins, que andavaõ diante de Deos, porque acodindo ás funçoens, a que as chamava a obediencia (ainda que estivessem no Coro, e ellas fossem do Mosteiro) sempre hiaõ de Deos para Deos; porque Deos obedecido, tambem era Deos buscado; e taõ destra andava neste santo commercio, que bastava a elevalla á contemplaçaõ do Ceo, todo o aceyo, que via no culto Divino, e concerto do Mosteiro. Assim era notavel a sua ancia, para que o houvesse em huma cousa, e outra.

Era a Madre Soror Victoria huma estampa viva da exacta observancia das Constituiçoens, que como estaõ escritas, se guardavaõ, e guardaõ nesta Casa; mas em algumas cousas parece que ainda as excedia. Na caridade, e no silencio mais que em tudo. O silencio taõ raro, que ainda nas horas, que o dispensava a Prelada, era rara a palavra, que se lhe ouvia, valendo-se talvez de acenos, se a obrigavaõ a reposta: só huma industria havia para a facilitar na pratica. Grande discipula de seu Patriarcha, que só com Deos, ou de Deos fallava.

lava. No mais fó o precifo, e effe raro. Grande confufaõ para a foltura das linguas, defpois de conhecer, que he verdade irrefragavel, que até huma palavra ociofa ha de fer julgada; e onde haõ de vir á Juizo as ociofas, que ferá das pezadas! Naõ fe admire quem vio aquelles grandes efpiritos, retirando-fe, e efcondendo-fe pelas covas da Thebaida, e da Paleftina, antes como féras, que como homens; que quando naõ fogiffem mais que ás liberdades da lingua, naõ era pequeno triunfo ter defarmado taõ inevitavel inimigo.

Na caridade era tal o feu exceffo, que fendo pobre por profiffaõ, e em fua peffoa, ainda no Mofteiro da Annunciada, (onde podia ter alguma coufa como em depofito na cella) o mefmo era chegarlhe á maõ, que andar examinando a neceffidade para empregalla nella. O mefmo lhe fuccedia com a mefma roupa do feu ufo, ficando muitas vezes fem ella até na cama, e fofrendo, e expondo-fe aos incommodos do Inverno, com o intereffe de que alguma Religiofa naõ fentiffe falta. A fua fó a remediava a Prelada (chegando-lhe já tarde eftes exceffos á noticia) mas a poderes da obediencia, ou obrigando-a a que naõ déffe o precifo, ou acodindo-lhe com elle, pelo ter dado.

Era devotiffima de Noffa Senhora, e com fingular affecto do myfterio de fua Affumpçaõ; affim pedia a Deos a levaffe nefte dia, fallando muitas vezes niffo, já com tanta certeza, como fe tivera ouvido a repofta da fua fupplica. Parece que moftrou o fucceffo que affim fora. Chegava-fe a Fefta de Noffo Padre S. Domingos; refolveo-fe a fazer huma confiffaõ geral, com hum tal aparelho, e hum tal retiro, que caufou reparo, ainda vendo-felhe cada dia em outras o mefmo. A' Vefpera a acabou, e logo fe fentio taõ mal, que a paffaraõ á Enfermaria, mas com huma alegria taõ defufada, que nem lha moderavaõ as dores da moleftia, repetindo muitas vezes com focego de efpirito: *Seja Deos bemdito; que já naõ tenho mais que fazer.*

Parece que entendia fora aquella a preparaçaõ ultima para efperar confiada o Efpofo, e paffar venturofa ao thalamo. Defcobrio-felhe pouco defpois huma febre, que a privou do juizo, durando affim até o dia da Affumpçaõ, em que acabou como fempre fufpirara, permittindo Deos por feus juizos occultos o eftylo daquella morte, ou por naõ permittir que a fua ferva fentiffe os horrores della, ou para confundir o defcuido dos peccadores, quando fe vem aquelles affaltos ainda nos inculpaveis. Faleceo em huma fefta feira 15. de Agofto de 1612.

CAPITULO IX.

Fundaçaõ do novo Mofteiro, entrada das Religiofas nelle.

POr eftarmos já no anno de 1612., em que fe lançou a primeira pedra para a nova Cafa do Sacramento, e por naõ havermos já de dar noticia das Religiofas do antigo, fenaõ no de

de ſeu falecimento, he tempo de paſſarmos ás memorias do que precedeo á fundaçaõ, e da ſolemnidade della, apontando primeiro a Prelada, que ſe ſeguio na ſerie das que teve eſta Recoleta. Falecida a Madre Soror Filippa de Jeſu Maria, ſegunda Prioreza, começaraõ a correr voluntarios os votos para onde viaõ mais merecimentos (aſſim ſe procede nas eleiçoens, onde os reſpeitos particulares naõ conhecem mais centro, que o bem commum) Faziaõ-ſe grande lugar os da Condeſſa Fundadora a Madre Soror Joanna do Roſario, que pizando o Mundo, avultava tanto com elle debaixo dos pés, que a pezar de ſua modeſtia, e humildade, ſe naõ podiaõ eſconder as vantagens de ſua virtude. Com a meſma velocidade, com que fugira ao Mundo, ſe aviſinhara a Deos; e a quem aſſim tinha ſobido, ainda lhe ficava inferior o lugar mais alto.

Aſſim intereſſado a buſcava o de Prelada. Já reſiſtira outra vez a eſta bataria. Naõ a achava agora com menos conſtancia, reforçada com razoens, que entendia baſtantes para a reſiſtencia. Propunha, *que o ſeu retiro deixara dominios por abraçar ſogeiçoens; e que era genero de arrependimento deixar eſtas, por abraçar aquelles; que eſcandalizaria ao Mundo, ver que deixando o governo de ſua Caſa, aceitava o da de Deos, como ſe as razoens de Fundadora foraõ a valia para eſta melhora; que a naõ podia ter a Caſa com huma Prelada, que paſſava a ſello ſem muitas experiencias de ſubdita. Finalmente, que era ſem razaõ edificar a Deos a Caſa, e deixarſe ficar com o dominio della.*

Mas eraõ faciliſſimas de ſoltar as objecçoens; porque o ſer Prelada, antes era ſer eſcrava, que Senhora, porque eſſe he o eſtylo no governo, que deſconhece o Mundo. Nem eſte, quando ſe conheceſſe, deixaria de alcançar, que ſimilhante dominio nem era herança, nem eſcolha, antes todo ſogeiçaõ, abraçado com as da obediencia. Quanto á experiencia, ainda baſtavaõ menos de ſubdita, porque nunca eraõ poucos os em que ſe contavaõ grangearias de muitos; que ſacrificar a Deos a Caſa, naõ era tanto, como ſacrificarlhe a peſſoa, e agora em melhorada victima, expoſta aos golpes das opinioens da terra. Accreſcentavaõ, que dando-ſe principio ao novo Moſteiro, neceſſitava de huma Prelada, que com o ſeu reſpeito fomentaſſe aquelle principio, inclinando os animos da nobreza a favorecer a obra. Mas naõ havendo razaõ, que convenceſſe ſua humildade, recorreo o Vigario ás armas da obediencia, que ſaõ as de Prelado, com que facilmente ſe triunfa da legitima. Naõ houve mais contenda; callou, e ſogeitouſe Soror Joanna, com a conſolaçaõ, de que naõ ſe reſolvia ao cargo de Prelada, ſe naõ aceitando-o como ſubdita.

Elegida em Prelada, ſuccedeo o que ſe tinha vaticinado; começaraõ as mayores qualidades do Reyno a bater naquella pobre porta, a buſcar aquella humilde familia, ou já a acudir com o diſpendio, ou já a accreſcentar o numero (chegava já eſte a vinte e trez Religioſas) grande para aquella eſtreiteza,

teza, ainda acommodando-se com muita. Este descommodo deu calor á obra começada; mas vamos ao que precedeo a ella.

Como eraõ alugadas as casas, em que se principiou a refórma, e o Mestre Frey Joaõ (como pode crerse de seu espirito) lançava os olhos a dilatados augmentos della, creada a primeira Prioreza, os poz logo no lugar, em que hoje se vê a nova fundaçaõ, que he hum pedaço de terra espaçoso, e desafogado, que fica entre a Pampulha, e Alcantara, junto á estrada frequentadissima, que vay de Cascaes a Lisboa (rascunhado ficou já no fim da terceira Parte da Chronica, com todas as circunstancias, que podem desejarse para noticia, assim do sitio, como de ares. Aquelle o mais alegre, porque alteado, senhorea o rio, em que se alarga a vista até a fermosa prespectiva da barra, ou dá de rosto com os montes de Almada, que defronte a boa distancia sobem desde a praya, povoados de boas Quintas, e continua verdura; agora defendidos de fortes reductos, e bons muros, com que no anno de 1704. se fortificou, e ennobreceo a marinha de huma, e outra banda. Naõ he menos deliciosa vista a que se offerece da parte da terra, fresca, e viçosa das aguas saborosas, e cristalinas de dous celebres regatos (tem por berço, e nome os sitios da Pimenteira, e da Horta Navia) que juntos, e engrossados em pouco rio, correm entre Alcantara, e o Mosteiro, a buscar o mar pequeno tributo.

Este o sitio, que o Mestre Frey Joaõ, e pessoas de boa escolha destinaraõ para a nova fabrica; era Senhor delle Lourenço de Sousa, Aposentador môr do Reyno; offereceo-o ás Religiosas, celebrando contrato com ellas, assim de que alcançassem licença de Malta, a que era foreiro, como de que pagassem o foro, e se obrigassem a dar por huma vez quatro lugares na nova Casa a filhas, ou descendentes suas, com algumas condiçoens, que constaõ da Escritura, que em nome do Mosteiro fez o Mestre Frey Joaõ em 23. de Fevereiro de 1611. Alcançouse a licença do Principe do Piemonte Victorio Amadeo, Commendatario, e perpetuo Administrador do Priorado de Malta. Passou-se o foro a hum Casal, que comprou o Mosteiro; consta tudo de Escrituras, que estaõ no Cartorio, e naõ lançamos aqui, porque naõ escrevemos a alargar escritura, mas a dar noticia.

Feitas estas diligencias, determinou-se o dia de applicar a primeira maõ á obra, que foy a 7. de Janeiro do mesmo anno de 1612. Assistia na Corte Dom Frey Aleixo de Menezes, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, despois de o ter sido da Igreja de Goa, tambem Primacial da India, sogeito benemerito de hum, e outro cargo, pelas excellentes qualidades de virtude, e zelo, hombros, com que só póde ser Athlante de sua Igreja o Prelado. Pediraõ-lhe as Religiosas, que auctorizasse a funçaõ, lançando por suas maons a primeira pedra daquelle santo edificio; o que aceitou

tou, e poz em execuçaõ, com demostraçoens de gosto. Foy geral o de numerosos, e graves assistentes, assim das Religioens, como da nobreza, e Fidalguia da Corte. Levou a pedra gravada as letras seguintes:

Jesu Domini verè Filii Dei, in bonæ gratiæ Sacramento, vivo Pani immortalitatis alimoniæ, vitalis mortis symbolo, Divinique amoris monumento: pauperes Sorores Dominicanæ primitivæ observanciæ voto, domum in solo puro sacrant, & nuncupant, devotorum Comitum de Vimioso fundatam reditibus. Adsit quæ Deum capit, Virgoque edidit Altrix Rosarii, & mundi utriusque Domina, ter Beata Maria, una cum Sponso Joseph, & loci Patronis, servo Dominico, Virgineque Senensi, & cum tota cælitum aula numine propitio. Sacrat Illustrissimus Dominus D. Alexius Menesius, Orientis olim Ecclesiæ, & nunc Hispaniarum Primas, anno Domini milesimo, sexcentesimo decimosecundo, Januarii die septimo.

No nosso idioma valem o seguinte:

A' Divindade do Senhor Jesus, verdadeiro Filho de Deos, Divindade encuberta, e encerrada no Sacramento de boa graça; ao Paõ vivo, que he mantimento de immortalidade, symbolo da morte vital, penhor, e lembrança do Divino amor, as pobres Freiras de S. Domingos dedicaõ, e consagraõ esta Casa (com voto da primitiva observancia) em terra pura, e nova, de que saõ Fundadores com sua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioso. Acuda-lhe com seu favor, e ajuda aquella Senhora, que em si recebeo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãy do Rosario, Senhora de hum, e outro Mundo, mil vezes bemaventurada Maria. E acompanhemna seu Esposo Joseph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, seu servo Domingos, e a Virgem Santa Catharina de Sena, com toda a Corte Celestial. Faz o voto da Sagraçaõ o Illustrissimo Senhor D. Aleixo de Menezes, Primaz que foy da India Oriental, e agora o he das Hespanhas, em 7. dias de Janeiro, anno de 1612.

Lança-

Lançada a primeira pedra, começou a crescer o edificio; e foyse lançando hum Dormitorio de Nascente a Poente, em parallelo do rio, e boa distancia da praya, como ficou toda a obra; que correndo quadrada, dá lugar no meyo a bastante Clausitro; só sobre o rio, e para a banda da barra, se abriraõ janellas. Da parte da estrada, em que se levantou em igual proporçaõ Casa de Noviças, altas, e pequenas frestas, ficando assim desafogo algum para a banda da terra, como hospedagem de quem fogia aos seus commercios até com a vista. Saõ capazes todas as officinas, ayrosas, e alegres as varandas, que cahem sobre o Claustro (nellas, como nelle, se abrem devotas, e aceadas Capellas) sendo centro deste hum curioso jardim de artificiosas murtas, que cercaõ huma pequena, mas bem lavrada fonte de branco marmore.

Coro proporcionado ao numero das Religiosas; sobre a porta, que entra para elle, se vê em hum nicho a Imagem do Divino Esposo, que com a maõ levantada lança a bençaõ a suas esposas, que entraõ a louvallo; e ao pé se vê a letra: *Sub umbra alarum tuarum protege nos*; como se ellas lhe estiveraõ dizendo: *Defendeinos, soberano Esposo, com vossa protecçaõ.* Sobre o antecoro se levantou huma casa, a que sóbe huma escada, que tem a indulgencia da Santa de Roma; sobese de joelhos para ganhalla. He a casa capaz de cinco cubiculos, que lavrados ao Nascente, naõ tem mais luz, que a da casa, em que ha huma janella para o mar, e a propria de pequenas frestas, que se abrem sobre a porta do Coro, de que se descobrem as duas Capellas, que saõ Callateraes á grade delle, e o Sacrario, que sobre ella guarda o Santissimo (exposto por singular indulto para as Religiosas em alguns dias festivos, e com tal disposiçaõ, que os Religiosos, que sobem ou para expollo, ou para renovallo, nem podem ver, nem serem vistos do Coro. Edificouse entaõ a Igreja de huma só nave, levantada tambem ao Nascente; cobrio-se de madeira; e com trez pequenos Altares, que se levantaraõ nella, ficou até o tempo da Vigairaria do Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, que a reedificou, e reduzio, com bem meditada idéa, á nova, e engraçada architectura, que hoje se vê, e se festeja entre as singulares de Lisboa. Naõ faltaremos a seu tempo á descripçaõ della.

Disposto já o Mosteiro em fórma, que podesse recolher as Religiosas, trasladaraõ a elle os ossos das que tinhaõ falecido na primeira Casa, dando-lhes jazigo na do Capitulo. Seguiose a esta diligencia a mudança. Eraõ 5. de Setembro de 16... quando as Religiosas, deixando com saudades aquelle sitio, e aos visinhos delle, metidas em coches (pela grande distancia do caminho, e debilidade, e descostume das que o haviaõ de pizar) se recolheraõ ao Mosteiro de Santo Alberto de Religiosas Carmelitas da primeira observancia, por ser o mais visinho á fundaçaõ nova. Foraõ recebidas as hospedas com *Te*

Deum laudamus ao entrar da Igreja, e logo na caſa da Portaria, com ſanto, e caritativo alvoroço, e deſculpas da Prelada, que as quizera hoſpedar na Clauſura, a ſerlhe facil a licença do Prelado em taõ breve tempo. Naõ ſe eſqueciaõ eſtas Madres da liberal hoſpedagem, que vindo de Caſtella, tinhaõ achado na Annunciada de Lisboa, Moſteiro Dominicano, em que eſtiveraõ até ter Moſteiro.

Naõ hiaõ as noſſas peregrinas com curioſidade de ver outros, mas com ancia de ſepultarſe no ſeu: aceitaraõ agradecidas a deſculpa, e huma refeiçaõ mais limpa, que larga, mais bem ſervida, que preparada, porque á contenda ſerviaõ as de dentro, querendo ſupprir nas vontades o que talvez faltaria nos pratos.

De tarde ſe ajuntaraõ as Communidades de S. Domingos de Lisboa, Bemfica, e Almada, e as dos Religioſos de S. Franciſco de Lisboa, Xabregas, e dos Terceiros; o Arcebiſpo Dom Miguel de Caſtro (era entaõ Vice-Rey) com o ſeu Cabido; convidou-o naõ ſó o ſer tio da Fundadora, e de mais quatro Religioſas, mas o zelo de grande Paſtor, e goſto de ver recolher áquelle eſtreito apriſco taõ ſanto rebanho. Ordenou-ſe a Prociſſaõ. Precediaõ ás Communidades os Religioſos de huma, e outra banda igualmente ſem precedencias, fraternidade herdada de ſeus Patriarchas. Seguia-ſe o Cabido, logo o Arcebiſpo com o Sacramento debaixo de rico Pallio. Seguiaõ-ſe a elle de duas em duas as Religioſas, lançados groſſos, e tapados veos ſobre os roſtos, amortalhadas, antes que veſtidas, em toſco burel. Faziaõ-lhe lados os Religioſos mais graves de S. Domingos, defendidos hum, e outro de duas fileiras do melhor da nobreza; naõ obrigava o tumulto a menos cautela.

Tinha a novidade abalado a Corte (que amiga de novidades, com menos motivo rompe em mayor abalo) eſtreitou-ſe o mais eſcolhido della no caminho, que vay de S. Alberto ao Moſteiro novo. O ornato das janellas, a innumeravel copia das melhores qualidades, de que eſtavaõ povoadas, eraõ digna demonſtraçaõ daquelle eſpectaculo (e poucas vezes viſto) de humas mulheres, que pizando as mayores eſtimaçoens da terra, hiaõ fogindo ao Mundo, ſem lhe levarem mais alfaya, que huma mortalha, nem lhe pedirem mais vivenda, que huma ſepultura. Aſſim eraõ pobres, e eſtreitas as das cellas do novo Moſteiro, que naõ ſerviraõ de menos edificaçaõ neſte dia ao mais eſcolhido do Povo, a que eſtiveraõ patentes, trocando-lhe em confuſaõ a curioſidade.

Recolhidas as Religioſas, experimentaraõ ſimilhante falta á com que ſe viraõ ao entrar na primeira Clauſura; ſendo agora na ſegunda aſſaz miuda a providencia de quem lhes fez os provimentos do preciſo para a Caſa: porque ainda que a liberalidade, e devoçaõ de muitas Senhoras lhes tinha preparado o prato da cea, achavaõ-ſe ſem luz alguma, e ſem poder appellar ſe quer á pequena de hum rolo; aſſim ſe recolheraõ todas

ao Coro, a dar graças ao Senhor, e consolarse com a vista da luz distante, e escassa de huma alampada, que allumiava ao Santissimo. Com esta desconsolaçaõ se viaõ já entrada a noite, quando ouvem tocar á Portaria, e vem despois entrar a Porteira com vinte e trez rolos (era o numero das Religiosas) esmola, que lhes fazia a Condessa do Basto. A falta, e o impossivel reparo della, deu valor ao presente, e motivo a ajuizar mais que humana a providencia, que a deixou remediada.

Assim parece, que o conheceraõ as novas habitadoras, que agradecidas a este favor, como ao de se verem em Casa propria, assim começaraõ a estreitar as obrigaçoens da observancia, como se a primeira Casa deixara que emendar na segunda. A oraçaõ mais continua, as disciplinas mais amiudadas, o jejum mais estreito, o silencio mais austero, como se na nova Clausura se lavrasse mais facil escada para sobir aos braços do seu Esposo; ventura, que muitas mereceraõ, apoucando a industrias rigorosas de penitencia os dias da vida. Mas naõ malquistando a esta os extremos de penitente (com que se divulgava na Corte) assim era appetecida, e finalmente abraçada, que em breve tempo cresceo o numero de Religiosas a trinta e cinco. Naõ podia receber mais a Casa; taxou-o o Colleitor Octavio Accorombono. Assim persiste até o presente, desde o primeiro de Julho de 1620. em que foy taxado. Mas ficando ainda irresoluto, que Religiosas seriaõ Conversas, e que Religiosas do Coro, determinou o Mestre Geral Frey Serafino Silo, que as cinco fossem Conversas, e as trinta de véo preto.

CAPITULO X.

Da Madre Soror Filippa do Santissimo Sacramento.

COmeçando a respirar na nova vida da Clausura os espiritos, que só para o Ceo tiveraõ vida, fica sendo nesta Casa a morgada a Madre Soror Filippa, como a que primeiro passou a lograr aquella immortal vida, que parecia herança nesta Casa. Chamava-se esta Madre no seculo Filippa de Lemos; foy natural de Lisboa; seus pays Joaõ Vaz Rebello, e Maria de Lemos, gente nobre, e taõ desvelada na boa criaçaõ de sua familia, que recolheo em Santa Catharina de Sena de Evora trez filhas, que antes lhe pediraõ este estado, que lhe obedeceraõ, tomando-o. Era huma dellas a Madre Soror Filippa, a quem naquella entrada parece que advertira o Ceo, que ainda que a destinara para aquelle habito, naõ o fizera para aquelle Mosteiro; antes mostrando-lhe (como em enigma) este da nova refórma, lhe deu por sobrenome o do Santissimo Sacramento, brazaõ, e titulo della.

Achava-se já (quando se recolheraõ as trez irmãas) em Santa Catharina a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, e ainda secular; e contendendo as duas irmãas de Soror Filippa por se chamarem do Sacramento, acodio esta Madre, resolvendo com a

a ſua auctoridade, que ſó Soror Filippa tiveſſe aquelle nome, ou foſſe affeiçoar-ſelhe por ſua humildade, e nativa ſingeleza (em que ás duas excedia) ou por ſe chamar tambem Filippa como ella, e querer naquelle nome, de que era devotiſſima, vêlla aventajada; ou (o que parece mais pio) como peſſoa de tanto eſpirito (aſſim o era Soror Filippa de Jeſu Maria) permittir o Ceo que com aquelle nome vaticinaſſe, ou diſpuzeſſe como inſtrumento de ſuperior providencia huma das grandes Fundadoras deſta refórma.

Parece que ſe naõ eſcondia o myſterio a Soror Filippa, porque eſte ſoberano nome lhe começou aſſim a affeiçoar a vontade, que levada das ſuavidades delle, ſuſpirava (ao ouvir fallar na fundaçaõ da nova Recoleta) o verſe aſſim como mimoſa do nome, filha da Caſa delle. Mas era ainda Noviça, naturalmente encolhida, e acanhada, eſcondia no coraçaõ eſte deſejo, como indigna na ſua eſtimaçaõ de o ver cumprido; ſó na oraçaõ larga, e repetida, o propunha com lagrimas a ſeu Eſpoſo, efficazes linguas, com que fallava ſeu eſpirito: naõ o eraõ menos as do ſeu procedimento, eſcutadas naquella Caſa, em que agora ſe examinavaõ Fundadoras para a nova refórma. Ouvio o Senhor humas, fazendo, que ſe attendeſſe ás outras; porque pezando os Prelados os aventajados eſpiritos, que haviaõ de abrir caminho pelas aſperezas da nova obſervancia, e tendo tantas experiencias da de Soror Filippa, ordenaraõ que acompanhaſſe as Fundadoras, como os que entendiaõ, que na claſſe da refórma, onde o exemplo he doutrina muda, já ſaõ grandes meſtras as que ſabem ſer grandes diſcipulas. Aſſim paſſou Soror Filippa á nova Recoleta, e levando-lhe em conta os mezes do noviciado de Evora, foy a primeira, que profeſſou 'neſta Caſa.

Parece que ſe lhe ſeguio novo eſpirito ao novo eſtado, e huma taõ ſegura reſoluçaõ de a naõ atemorizarem as grandes penſoens delle, que o primeiro, de que fez ſacrificio, foy o entendimento, porque ás luzes delle naõ pareceſſem disfórmes os dictames dos que na ſua obediencia tinhaõ tomado poſſe da ſua vontade. Aſſim ſe vio. Succedeo mandarlhe hum Prelado couſa repugnante á razaõ, e que as circunſtancias faziaõ de todo impraticavel. Suſpendeoſe Soror Filippa, advertindo algumas; mas voltando logo com animo ſocegado, accreſcentou: *Padre, nada he o que diſſe; farey o que ſe me manda; e eſteja Voſſa Paternidade certo, que ſe me mandar lançar no mar, naõ haverá razaõ alguma, que me ſuſpenda.*

O aceyo do culto Divino era ſeu quotidiano deſvelo; com eſte emprego a achavaõ nas maõs o tempo, que lhe ſobejava das obrigaçoens do Moſteiro. Era extremoſa, mas geral a ſua devoçaõ aos Santos; grande exemplo para convencer os abuſos das que reduzem a devoçaõ a argumentos, diſputando com eſtylo humano mayorias nos Juſtos, e abatendo huns para exaltar outros; indecencia naõ ſó praticada entre Religioſas, indignas deſte nome, mas introduzi-

duzida temeraria, e nesciamente nos Pulpitos, dos que sobem a elle sem mais capacidade, que a confiança. Era Soror Filippa devota de todos os Santos, porque olhava para todos como triunfantes, e advogados; e sem se meter temerariamente em avaliar premios, lá deixava a decisaõ aos rayos do Sol de justiça, que communicando sua luz soberana, faz differir huma de outra estrella.

Em o dia de cada hum dos Santos punha em hum dos Altares do Coro a sua Imagem, ou suppria hum resisto a falta della; e com flores, e perfumes lhe assistia, e o venerava alegre, devota, compungida. Assim a occupavaõ as festividades da Rainha dos Anjos, de que que era devotissima. Roubavaõ-lhe os olhos, e os affectos as suas Imagens. Era Soror Filippa muy humilde; assim lhe arrebatava mais o coraçaõ aquella Senhora, que fez timbre de ser escrava, publicando que essa escravidaõ humilde a sobira ao throno de mais que humana magestade. Esta piedosa propensaõ lhe poz diante dos olhos huma Imagem da mesma Senhora, de pequena estatura, antiga, e quasi desfigurada com o tempo, tendo devido pouco ao artificio. Era a materia marfim, e tradiçaõ que a mandara a esta Casa Dom Frey Miguel Rangel, sendo Vigario Geral na nossa Congregaçaõ da India.

Estava entaõ esta Imagem no Capitulo, como esquecida da devoçaõ das Religiosas, occupadas em assistir a outras, que tinhaõ em bem ornadas Capellas. Aquelle desamparo, como a pequenez da Imagem, fez grande harmonia no coraçaõ da devota; offereceo-selhe por escrava. Alli eraõ os seus desvelos, alli todos seus cuidados, alli gastava o tempo, que roubava ao seu descanço em viva, e fervorosa oraçaõ, merecendo esta, como aquelle cuidado, singulares mercês, que (he tradiçaõ) recebera esta Madre da devota Imagem. Naõ se singularizaõ, porque ao tempo, que se examinava, e inquiria a vida da Madre Soror Filippa, eraõ já falecidas algumas Religiosas de grande opiniaõ, que o diziaõ, e testemunhavaõ.

Na oraçaõ era esta Madre continua: e o perpetuo silencio, em que andava sepultada, era bom indicio de que nem as occupaçoens do Mosteiro lhe embaraçavaõ aquelle exercicio Angelico. Daqui lhe nasciaõ fervorosos desejos de dar a vida por seu Esposo, comprando com seu sangue a coroa do martyrio. Assim se alegrava nas occasioens, que ou achaque, ou doença a obrigavaõ a sangria, ao ver correr o sangue, lembrada do que seu Esposo derramara, e do com que os Martyres responderaõ a essa fineza. Succedeo avisinharem-se á barra de Lisboa alguns navios de Turcos; assustouse o Povo com a noticia; só Soror Filippa parece que se alvoroçou com ella. Estranhava-lho outra Religiosa; e ella trocando-selhe o rosto de penitente, e palido em huma ascua de fogo, respondeo: *Madre, naõ hei de alegrarme? Naõ vê que pódem estes inimigos entrar para dentro, e nós, que somos aqui as primeiras, lograremos a felicidade do martyrio? A morte,*

e o

e o martyrio ſempre atemorizaõ (tornou a outra Religioſa). *Pois V. ſſa Reverencia* (continuou Soror Filippa) *naõ havia de ter mais goſto, que temor? Digo-lhe que ajudando-me Deos, ſe eu merecera o martyrio, havia de olhar com grande alvoroço para o cutelo.*

Eſtas as lavaredas, que rompiaõ daquelle coraçaõ, mas naõ ficavaõ ſó os deſafogos em palavras, recoria ás penitencias, a rigoroſas diſciplinas, achando no ſeu braço naõ menos cruel verdugo, nos ſeus golpes mais tyranno martyrio, quanto mais o he, o que conſervando a vida, deixa em que continuar a pena. Abraçava goſtoſa as da penitencia regular; mas nas da voluntaria era taõ exceſſiva, que pareceo aos Confeſſores, e Prelados que entraſſe a obediencia a tirarlhe da maõ a diſciplina. Grande prudencia pede ſimilhante reſoluçaõ, porque nem ſempre ſaõ acertados ſimilhantes preceitos, devendo attenderſe á capacidade dos eſpiritos, havendo talvez alguns, que já como livres das juriſdiçoens da carne, naõ eſcutaõ mais documentos, que os da vontade Divina, que parece os tem elevado a outra esféra! Se naõ, que rigor mais impio na avaliaçaõ dos homens, que ferirſe S. Domingos trez vezes em cada noite com huma cadea de ferro, onde ſe podia admirar, naõ a aſpereza, e conſtancia dos golpes, mas que naquelle attenuado corpo houveſſe ſangue para elles! Huma Santa Catharina de Sena, huma Santa Roſa, ſem largarem da maõ a diſciplina, ou fazerem acçaõ, que a induſtrias da penitencia naõ foſſe verdugo da vida! Conſelho, e permiſſoens eraõ eſtas do Ceo, e daquelle Eſpoſo, que as tratava domeſticas, e as queria mais ajuſtadas. Naõ he logo ſempre acertado o prohibir penitencias. Meſſaõ-ſe primeiro as capacidades do eſpirito, que podem, ou naõ abraçallas; e evitem-ſe ſó as indiſcretas.

Naõ o podiaõ ſer nunca as da Madre Sor Filippa; davalhe pena verſe com as maons atadas, e as azas ſoltas. Soltas as azas do coraçaõ para buſcar a Deos todas as horas como eſpoſa; prezas as maons para naõ poder buſcallo com os abrazados deſafogos de mortificada. Mas remediou-o o Ceo. Veyo a eſta Provincia o Meſtre Geral da Ordem Frey Serafino Silo ao Capitulo Geral, que celebrou em S. Domingos de Lisboa; e viſitando (como ſeu Prelado) eſte Moſteiro do Sacramento, achou Soror Filippa caminho para o ſeu ſocego, e deſafogo, pedindo-lhe diſpenſaçaõ dos preceitos, que lhe tinhaõ poſto Prelados inferiores; e impetrando licença (pertendida com repetida, e empenhada efficacia) para continuar as ſuas penitencias. Admirouſe o grande Prelado de taõ pertendido indulto, quando ſaõ ſó favoraveis os que ſe pertendem de ſimilhante Prelado: e ficou Soror Filippa com penitencia dobrada; porque, ſendo eſta licença concedida ſó de palavra, e publicos os preceitos, que tinha, para naõ alargar a penitencia, aſſim ſe andava furtando aos olhos de todas, como quem temia eſcandalizallas. Apertou o eſcrupulo com ella, declarou a licença.

A

A efte rigor ufado comfigo unia huma viva caridade, com que fe havia com o proximo. A falvaçaõ das almas era o continuo emprego de fua oraçaõ; aqui encaminhava todas as acçoens meritorias de fua vida. A huma taõ pura naõ haviaõ de faltar mimos do Ceo. Affim parece lhos concedeo o Senhor, tambem por aquelle eftylo, com que os faz aos mais mimofos, difpenfando com elles o conhecimento de futuros. Apontaremos hum cafo; e foy, que eftando efta Madre em oraçaõ no Capitulo (era efte o lugar, em que a coftumava ter) vio entrar por elle a Condeffa do Bafto com duas filhas nos braços, e chegando a certo lugar, defappareceo. Affuftoufe com a vifta, porque com os olhos vio aquella novidade, naõ como reprefentaçaõ; mas continuou no fanto exercicio, attribuindo aquella vifta á fraqueza della, e contando-o ás Religiofas com a mefma fingeleza; mas veyo tempo, em que pareceo profecia.

Paffado hum anno, faleceo a Condeffa do Bafto, mulher de Dom Diogo de Caftro; e mandando-fe fepultar no Capitulo defte Mofteiro, fe lhe abrio a cova no lugar em que tinha defapparecido. Paffou mais tempo, e faleceo fua filha Dona Paula Margarida de Tavora em Madrid, onde era Dama do Paço; e mandando que trouxeffem feu corpo a efte Reyno, e fe depofitaffe no Capitulo defte Mofteiro, fe poz o caixaõ fobre a fepultura da Condeffa fua mãy. Correo menos de hum anno, e faleceo nefta Cafa fua irmãa Soror Francifca da Encarnaçaõ. Mandoufe abrir a cova junto da mefma fepultura, e correo a terra de forte, que de duas fe fez huma, verificandofe a vifaõ de Soror Filippa.

Favores de mais eftima communicou o Senhor á fua ferva. Souberaõ-fe alguns, praticados por ella a feu Confeffor (era efte o Padre Frey Joaõ da Piedade, Religiofo devoto, e reformado, que defpois foy Bifpo da China). Perfeguia-a o efcrupulo de que feriaõ illufoens do demonio, e naõ favores do Ceo: taõ abatido era o conceito, que formava do pouco, que merecia! Achava-fe efta Madre gravemente enferma, pedio ás Religiofas que lhe trouxeffem para junto á cabeceira a Imagem de hum Crucifixo, e alli lha deixaffem para alivio, e companhia. Eraõ as dores intoleraveis: voltaraõ defpois as Religiofas; e cuidando achar a doente afflicta, como a tinhaõ deixado, a viraõ alegre, e contente, confeffando que era tal a fuavidade, que recebera da vifta, e vifinhança daquelle Senhor, que as ancias lhe eftavaõ parecendo delicias, as dores doçuras, fem mais defejo, que o de padecer mais; porque, figurando-felhe que aquellas dores tinhaõ fahido do Sacrofanto Lado daquelle Senhor, eftava com huma ancia de padecer taõ acceza, como o que abrazado da fede fufpira hum copo de agua fria. Era efta Imagem aquella, que a Madre Soror Ifabel de Jefus, Fundadora, e primeira Prioreza defta Cafa, trouxe de Santa Catharina de Sena, e de quem recebeo aquelle extraordinario favor, que efcrevemos em fua vida.

Rece-

Recebido já o Viatico, instava com grande ancia pela Santa Unçaõ, a noite precedente á sua morte. Naõ era esse o voto dos Medicos, que lhe alargavaõ mais a vida; mas ella tinha de melhor Medico noticia mais segura. Assim o devia de entender o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, entaõ Vigario, que entrou a satisfazerlhe aquelle desejo; e perguntando-lhe antes de a ungir, se sentia de que se reconciliar, respondeo segura: *Que nenhuma outra cousa sentia mais que hum intensissimo desejo de ver a Deos, sendo taõ indigna de taõ unico bem. Mas que era tal esta ancia, que parece que a instantes a acabava.* Ditosa alma lutando com os desejos de Paulo, de desatarse, e estar com Christo! mas parece que adiantandose a Paulo em lhe apressar a morte esse desejo. No dia seguinte (foy em hum Domingo 13. de Dezembro de 1620.) passou a vêllo premiado, deixando as Religiosas com tantas saudades, como envejas.

Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo. Ad Philip. 1. n. 23.

CAPITULO XI.

Das Madres Soror Magdalena das Chagas, e Soror Barbara da Trindade.

GRandes indicios do que seria a Madre Soror Magdalena, se podiaõ tirar dos pays, que lhe deu o Ceo, sendo doutrina do mais verdadeiro Mestre, que de raizes Santas saõ Santos os ramos. Foy Soror Magdalena das Chagas (no seculo Dona Magdalena de Vilhena) filha de Francisco de Sousa Tavares, e de Dona Maria da Sylva; illustrissimos em sangue, igualmente em virtude. Naõ degenerou a boa filha do bom genio dos pays. Fermosa he a virtude, mas junta com a nobreza naõ ha igual harmonia. Esta bemquistou a Dona Magdalena para esposa pertendida. Casou primeiro com Dom Joaõ de Portugal, neto de Dom Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso. Passara Dom Joaõ á infelice campanha de Africa, onde conforme as noticias, que entaõ vieraõ a Dona Magdalena, morreo, acompanhando a El-Rey Dom Sebastiaõ, como grande vassallo, e peleijando como Soldado valoroso.

Si radix Sancta, & rami. Paulo 11. ad Rom. 16.

Esta noticia deixou desembaraçada a Dona Magdalena para segundas bodas com Manoel de Sousa Coutinho, Fidalgo illustre, e dos bemquistos entendimentos daquella idade (que ainda naquella parece que naõ era odioso este nome). Viveo com elle alguns annos, até que se resolveraõ a fazer divorcio, tomando ambos o habito de S. Domingos; ella nesta Casa do Sacramento, elle na Recoleta de Bemfica; resoluçaõ, que abraçaraõ taõ despidos do Mundo, que nunca mais se viraõ em quanto viveraõ. Chamouse ella Soror Magdalena das Chagas, elle Frey Luiz de Sousa, taõ celebre pelos acertos desta resoluçaõ, como pelos de sua penna, acrédora de toda esta Provincia. Dos motivos deste divorcio deixamos já escrito em sua vida, no primeiro livro desta quarta Parte.

Recolhida Soror Magdalena á Clausura, nada lhe pareceo novo, mais que a exterioridade-

ridade do habito, e o obrar por preceito os mais dos santos exercicios, que em sua casa frequentava livre. Entre as Noviças fazia numero, taõ igual com ellas, que só a differençava a madureza, dizendo talvez no Coro os versos com Soror Barbara sua neta. Naõ podia parecer Noviça, mas já veterana naquella vida, quem entrara aquellas portas com tanto gosto, e tanto desengano; quem occupara o tempo em sua casa, furtando-se á assistencia de sua familia, para as escondidas paredes de hum Oratorio; quem tinha aberta a porta á necessidade do proximo, os ouvidos ás supplicas, e a maõ ás esmolas. Já livre (antes agora debaixo de ley) para os actos da contemplaçaõ, e da caridade, naõ esperou tempo para ganhar em ambas grande nome. Assim era continua na oraçaõ, assim continua em servir, sendo a primeira occupaçaõ, que lhe poz nas maons a obediencia, o ser enfermeira; passou-a o seu gosto, e o seu genio a escrava; tal era o fervor, e desvelo com que exercitava o officio. A igualdade, com que a achavaõ todas as doentes, lhe deu entre ellas o nome de mãy. Com este a chamavaõ, a este correspondia.

No trato, nas palavras taõ humilde, como se lhe esquecera, naõ só o dominio de sua casa, e familia, mas todo o commercio, e parentesco, que tivera, e tinha com o melhor da nobreza. Assim sogeita, assim sofrida, que nenhuma reprehensaõ, por aspera, ou palavra, por desarrezoada, lhe pode nunca alterar a brandura. Grangeoulhe algumas doenças a mudança de estado, acharaõna com invencivel sofrimento; mais que tudo raro, o com que se accommodava á extrema pobreza religiosa, abraçando com igual constancia as obrigaçoens, e os descommodos daquella vida. Naõ lhe durou ella na Clausura mais que oito annos; mas tam bem aproveitados, como o deu a conhecer a conformidade, com que recebeo o desengano da sua morte, taõ placida, como ensayada naquella vida. Recebidos com pias demonstraçoens os Sacramentos, passou a lograr a eterna, em dia de Santo Thomaz, 7. de Março de 1621.

Ainda que a Madre Sor Barbara da Trindade faleceo muitos annos despois, naõ parecerá desarrezoado admittirmos ao parentesco o privilegio de anticipar a noticia de sua vida, acompanhando-a de huma taõ grande parenta. Era a Madre Sor Barbara filha de Dom Lopo de Almeida, e de Dona Joanna de Portugal. Foy esta filha de Dona Magdalena, de que acabamos de escrever, e passamos á vida de Sor Barbara como neta sua. De pequena começou a pizar o caminho da virtude, tendo por ensino, e por exemplo a piedade dos pays, que entendendo o bem, que lhe negoceavaõ a melhor vida, a recolheraõ por pupila nesta Casa. De sete annos entrou nella, acompanhando a Sor Magdalena sua avó, e em breve desmentio os poucos annos com a muita capacidade. Já lhe naõ sabiaõ o nome de pupila, vendo-a occupada nas obrigaçoens de Freira.

Tinha boa voz, e natural vive-

viveza, com que ſe capacitou em pouco tempo nas ceremonias do ordinario, e couſas pertencentes ao Officio Divino. Já as Noviças a reconheciaõ Meſtra; como tal governou deſpois alguns annos o Coro. Creſceo com ella hum piedoſo affecto, e devoçaõ ao Roſario, que com grandes lucros de ſua alma conſervou toda a vida. Nos mais exercicios imitava, e talvez excediá as meſmas Religioſas. Exacta na obſervancia do ſilencio, ninguem, eſpecialmente de manhãa, lhe pode ouvir palavra ſem licença de ſua Meſtra. Dava-ſe á liçaõ de livros devotos, e com mayor applicaçaõ aos que tratavaõ da Paixaõ de Chriſto, que ella ſuſpirava Eſpoſo, contemplando já naquelles verdes annos com tanta madureza as circunſtancias, com que crucificaraõ ao Senhor no Lenho, as dores, que ſentiria, arvorando-ſe eſte no Calvario, que com compaſſiva ternura deſfazia o coraçaõ em lagrimas, e taõ ſequioſa dellas, como ſe via na continuaçaõ com que meditava.

Naõ ſe contentava com ſentir, quizera tambem padecer; aſſim applicava a eſta contemplaçaõ muitas mortificaçoens, e pedia á ſua Meſtra azevre, e fel, que trazia na boca á ſeſta feira. Em algumas era ſervido o Senhor de a illuſtrar, e parecia-lhe que via tudo o que paſſou naquelle laſtimoſo acto; que via o Senhor banhado em ſangue, cuberto de agonias, rodeado de ancias, levantando a enfraquecida voz ao Pay, e entregando-lhe finalmente nas maons o eſpirito; a magoa da Mãy affligida; a dor do Diſcipulo amante; as vozes do Povo impio, e rebelde, tudo repreſentado com tanta viveza, que banhada em lagrimas compaſſivas, ficava como amortecida. Confiſſaõ foy de peſſoa fidedigna, com quem fallava em materias de eſpirito com confiança, naquella idade, e deſpois de creſcida.

Já profeſſa, parecialhe que lhe accreſcia nova obrigaçaõ á obſervancia das aſperezas da Caſa; entregouſe a novas penitencias, jejuns, cilicios, e diſciplinas; tudo lhe parecia nada com as penalidades, que trazia continuamente no penſamento, vendo a ſeu Eſpoſo cravado em hum Lenho; eſpectaculo, de que toda ſua vida naõ tirou os olhos da alma, e com que naõ enxugou nunca os do corpo. De poucos annos a elegeraõ Meſtra de Noviças, e grande Meſtra, porque enſinava o que ſeguia. Adiantavaſe o exemplo á palavra, minoravaſe o preceito na companhia, e aſſim a obedeciaõ Prelada, como as que a experimentavaõ companheira; aſſim as trazia fervoroſas, aſſim conſoladas.

O rigor das penitencias a proſtrou muitas vezes, e taõ ſofrida era nas doenças: como auſtera em naõ temer cauſallas. Repartia o tempo de orar entre a oraçaõ mental, e vocal, porque todos os dias entoava o Roſario, furtando-ſe muitas vezes a hora (do pouco, que tomara para deſcanço) por naõ faltar a eſte proveitoſo exercicio, quando as obrigaçoens da Communidade lhe eſtreitavaõ o tempo; que aſſim lhe ſuccedia ſempre, por ſeu grande preſtimo. Poucos dias antes de

ſua morte, eſtando já proſtrada, pedia a huma Religioſa que a acompanhaſſe, e que ambas rezaſſem o Roſario; e dizendo-lhe a Religioſa que ſocegaſſe, que já naõ podia com aquelle trabalho, reſpondeo: *Antes, Madre, eſte he o unico arrimo, que tenho para a hora de minha morte*; e logo o rezou.

Para a certeza della teve dous aviſos. Entrava huma vez, antes da ultima doença, no Coro; vio nelle huma Religioſa; deſconheceo-a; chegouſe a ella, deſapparecerlhe, e o meſmo foy deſappareceolhe, que entender, que eſtava viſinha ſua morte. Com eſta certeza, de que eſtava convencida, começou de prepararſe, confeſſando-ſe geralmente. Paſſouſe logo a huma vida totalmente retirada, até deſſe pouco commercio das Religioſas. Accreſceraõ-lhe achaques; entendeoſe que de novas penitencias; mas andava de pé, acodindo a todas as Communidades. Entrava huma vez com ella para o Coro, a cantar a Ladainha de Noſſa Senhora, quando ouvio clara, e diſtincta huma voz, que lhe dizia: *Deſta has de morrer*. Com eſta noticia foy mayor o fervor de ſua alma; com mais ſuavidade cantou a Ladainha, affinando como Ciſne os ultimos accentos, naõ em ſaudoſas deſpedidas da vida, mas em vivos alvoroços de melhoralla.

No dia ſeguinte cahio enferma, e de doença taõ penoſa, que movia juntamente a laſtima vêlla ſentir, como a edificaçaõ vêlla ſofrer. Recebeo os Sacramentos com juizo inteiro, e ſuavidade de eſpirito; e ſem fazer acçaõ, que pareceſſe termo de morte, paſſou a melhor vida, ficando-lhe hum roſto bem aſſombrado, e riſonho, que enxugando as lagrimas á pena, as trocava em outras de alegria. Com ellas nos olhos levantavaõ as Religioſas as maons ao Ceo, ſentindo piamente que de lá deſciaõ os reflexos da bemaventurança a ferir nas palidezes daquella ſombra. Faleceo em huma quarta feira, 19. de Novembro de 1642. de idade de trinta e ſeis annos.

CAPITULO XII.

Da Madre Soror Margarida do Santiſſimo Sacramento.

PArece que competiaõ neſta venturoſa Caſa a graça, e a natureza, povoando-a huma, e outra de ſogeitos heroicos em virtude, e qualificados em nobreza; reflexaõ, que fez algum bom juizo, olhando para os Clauſtros Dominicanos, onde eſcaſſamente ſe achava Gigante na virtude, que o naõ foſſe tambem nas prendas do ſangue. Aſſim provou ſempre eſte bem, quando buſcou hum Pay, que unio em ſi excellentemente huma, e outra qualidade. Seja agora boa prova (ou continuada) Sor Margarida, onde ſe achou huma, e outra. No ſeculo ſe chamou Dona Margarida de Menezes, filha de Dom Fradique de Menezes (da Caſa dos Condes de Cantanhede, e Marquezes de Marialva, illuſtre, como venerada em Portugal, e Caſtella) e de Dona Iſabel Henriques, Senhora, em que ſe viraõ competir as prendas naturaes com a qualidade do naſcimento; aſſim eraõ aquel-

las grandes, affim efte illuftre. Com efte parece que herdou tambem aquellas fua filha Dona Margarida, nafcendo com tanto extremo fermofa, que entre as primeiras mantilhas naõ foy fó o emprego da admiraçaõ, mas de piedofos vaticinios, que a deftinavaõ toda ao Ceo, como peregrina na terra; naõ fendo de menos ponderaçaõ o do Padre Frey Gafpar do Rofario, Religiofo de S. Domingos, peffoa de grande reputaçaõ em virtude, e Confeffor de Dona Ifabel, que vendo a menina a poucas horas de nafcida, pedio a fua mãy lhe puzeffe por nome Innocencia; para indicio da muita, que haveria em fua alma; e ainda que entaõ o naõ indicou o nome, diffe-o defpois a experiencia.

Crefceo; e já nos primeiros annos o hia confirmando na devota inclinaçaõ ás coufas de Deos, com tanta, e taõ continua applicaçaõ a ellas, e efquecimento de tudo o mais, como fe renunciara a propenfaõ dos poucos annos. Continua na oraçaõ, na veneraçaõ, e particulares devoçoens das Imagens; mas no meyo deftes fantos exercicios com huma notavel efquivança ao dizeremlhe que fe criava para Freira; e affim foy mayor cafo, que contando já dez annos, e fuccedendo ouvir praticar a fua irmãa mais velha a refoluçaõ, que tomava de fer Freira na Madre de Deos em Lisboa, fentio em fi hum abalo taõ vehemente, que (feguravа-o ella mefma já Religiofa) lhe ferira o coraçaõ, inclinando-a com hum vivo defafocego áquelle eftado, e com taõ feguros propofitos, que coftumava dizer: *Que aquella fora a hora da fua converfaõ.* Defte dia fez fempre fingular memoria, dando nelle a Deos graças com demonftraçoens alegres, e agradecidas.

Já crefcia com ella a eftimaçaõ do tofco fayal Capucho, de que tinha noticia, affentando comfigo, e praticando publicamente, que naõ abraçaria outra vida mais, que a Claufura da mais eftreita Recoleta. Com efta refoluçaõ lhe crefcia fervorofamente o amor á pobreza, fem haver coufa, que chegaffe ás maons da fua diligencia, e da fua induftria, que naõ paffaffe logo ás dos pobres. Pareceolhe pouco o que lhe naõ cuftava mais que diligencias; meteo os pobres de partilhas na porçaõ, que na mefa tinha nome de fua, e fempre era menor a que deixava, que a que repartia. Porém naõ podendo fer grande ainda toda, fem duvida a multiplicava o Ceo, porque com aquelle pouco foccorria a muitos.

Foy coufa notavel, que affiftindo commummente com algumas criadas em huma torre alta, que havia nas cafas, lá ouvia a voz do pobre, que pedia embaixo na fala, naõ fuccedendo o mefmo a quem eftava com ella, e parecendo impoffivel pela diftancia. Entaõ defcia ligeira, e alvoroçada, e lhe dava efmola. Havia em cafa huma criada (com o achaque, de que adoecem todas, e convalecem raras) que em fabendo que Dona Margarida tinha provifaõ para os pobres, fingida, e diffimulada, pedia na fala, chorando huma mãy velha, entrevada, e faminta: com efte engano

no roubava á innocente caritativa o que grangeara para a verdadeira pobreza; e repetindo-o muitas vezes, naõ cahio nelle nenhuma a verdadeira esmoler, porque naõ costumava olhar para os rostos envergonhados, mas para as maons vasias dos pobres; senaõ era, que corria cega áquelle santo exercicio, porque lhe davaõ nos olhos os resplandores da caridade, que lhe sahiaõ do peito.

Naõ lançavaõ de si menos luzes as lavaredas, que se ateavaõ nelle, de se ver esposa daquelle Deos, que he fogo, que suavemente consome. Já começava de alvoroçarse para esta felicidade, porque passava com sua mãy para a Cidade de Lisboa, e tinha havia tempos os olhos na Recoleta da Madre de Deos, em que contava amigas, e parentas, que a suspiravaõ companheira; mas seu grande espirito, e partes já davaõ mayor brado, acompanhada da resoluçaõ, com que vinha, de sepultarse em huma Recoleta. Em todas, as que havia na Corte, começaraõ a avivarse os desejos de a recolher nos seus Claustros; mas era mayor o santo commercio, que tinha com a do Sacramento, como Casa Dominicana, por ter Dona Margarida já dous irmaons com o habito desta Familia.

Resolveose em acompanhallos na escolha, por mais que a fizera (estando ainda no Porto) do Mosteiro da Madre de Deos. Mas estava nelle cheyo o numero das Religiosas; e ainda que em Roma se pertendia já a dispensa para a receberem extranumeraria, naõ admittia dilaçoens hum desejo, que era fogo, e havia de consumir a constancia, em quanto se naõ desafogasse na resoluçaõ. Achava-se já com dezasete annos, e entendia que em vida taõ breve, onde se naõ segura hum instante, já seriaõ menos os que désse ao Ceo, que os que tinha gasto com o Mundo; como se fora gastallos com o Mundo, terse servido delle só no domicilio. Assentou em vestir a mortalha Dominicana nesta Casa; mas sendo seus parentes os que tinhaõ impugnado a fundaçaõ della, começaraõ os embaraços a assustarlhe os alvoroços, mas naõ os desejos; porque a pezar das grandes batarias do inimigo commum, já do desgosto dos parentes, já dos rigores da Casa, já do desamparo de sua mãy (que naõ tinha mais que a ella) assentou comsigo que nas difficuldades lhe queria o Ceo accrescentar o triunfo, e que seria ingratidaõ naõ agradecer ao Ceo nas resoluçoens o que lhe grangeava nos embaraços.

Tinha vindo algumas vezes a esta Casa do Sacramento, como aquella, a que tinha, e em que achava o mayor agrado; sendo o reformado della o mayor para o seu genio; mandou pedir grade, em que queria fallar á Prelada, e pedio-a com tanta instancia, que suspeitaraõ as Religiosas que sem duvida era mais que visita. Pedia a licença para huma Vespera do Rosario. Acompanhou-a a mãy, vencida de rogos, e da devoçaõ, que tinha ao Mosteiro; mas bem fóra da magoa de tornar para casa sem companhia. Dispoz Dona Margarida tudo de sorte, que estando na Igreja

ja com ſua mãy, acabadas Veſperas, lhe deſappareceo de diante dos olhos; e abrindo-ſelhe a Portaria, ſe paſſou aos braços daquella alvoroçada, e ſanta companhia, com tanto goſto, que por ſer o mayor de ſua vida, lho quiz o Ceo contrapezar com o ſentimento de ver a ſua mãy entrada em hum deſmayo, e logo cuberta de lagrimas, e formando queixas naſcidas eſtas do engano, que ſe lhe fizera, aquellas do deſamparo em que ficava. Quiz a filha enxugar humas, e ſatisfazer outras; eſteve com a mãy no Locutorio; ſeguiraõ-ſe ás meiguices muitas razoens cheas de grande eſpirito; mas nem a mãy ſe conſolava, nem a filha ſe movia; porque a filha olhava para o ſeu acerto, a mãy para o ſeu deſamparo, ou porque eſta obedecia á natureza, aquella ao Ceo.

Oito dias retardou Dona Margarida o noviciado, dando á mãy o alivio de a ver em hum Locutorio, e deixando ao coſtume do tempo o vêlla com mais alivio: mas naõ eſtava entaõ ocioſa, por moſtrar que naõ era irreſoluçaõ a detença. No Coro acompanhava as Religioſas. Na oraçaõ, e contemplaçaõ parece que as excedia, porque ainda gaſtava com Deos o que ellas nas occupaçoens da Caſa. De noite contrapezava o naõ hir á Matinas, com diſciplinas rigoroſas. Aſſim, ainda ſecular, era já Noviça; ainda Noviça, huma das Religioſas mais conſummadas da Caſa. Parece que o prova o que diremos. Eraõ paſſados dez mezes de noviciado, chamaraõ as Vogaes, para a porem a votos, como he coſtume. Era pratica ſua confeſſarſe indigna de companhia taõ ſanta; aſſim deu a entender o abalo, e ſuſto com que ouvio chamar a conſelho. Retiraſe a huma Capella, lança-ſe por terra, ergue os olhos, e as maons ao Ceo, pedindo a Deos que a naõ exclua daquelle ditoſo rebanho, como incapaz de fazer nelle numero. Atraz das vozes do coraçaõ, ſobio o eſpirito; aſſim ficou extatica, naõ ſó o tempo, que durou a funçaõ dos votos, mas ainda deſpois de chegarem a ella as Religioſas, a ſegurarlhe, que eſtava aceita. Julgaraõ o ſilencio, e immobilidade por encolhimento natural, como ſabiaõ o como era callada, e humilde; mas ſoube-ſe dahi a dias, que era mais myſterioſo o ſilencio, quando inconſideradamente confeſſou, que naõ ouvira couſa alguma do que ſe lhe diſſera. Sem duvida ſe applicaraõ os ſentidos de ſua alma a eſcutar de mais ſuperior eſféra as noticias da ſua ventura. Eſta era Sor Catharina, quando Noviça.

Mas naõ permittio o Divino Eſpoſo, a que eſperava dar a maõ, que foſſe ſó o noviciado da Religiaõ, o que a diſpuzeſſe para aquella felicidade; em outro noviciado a quiz approvar o Ceo no ſofrimento, e paciencia com que abraçou huma cruel doença, entendendo, que era mimo daquella maõ, que lhe promettia o Eſpoſo. Aſſim naõ ſó ſofria, mas feſtejava as dores, ſem que o rigor dellas lhe embaraçaſſe as horas de oraçaõ, em que ſentia tal ſuavidade, que naõ havia moleſtia, que lhe naõ eſqueceſſe.

se. Apertavaõ-na rigorosas sedes; e recorrendo á oraçaõ, em que se suspendia, parecia-lhe muitas vezes que o Senhor a a recreava com sua presença, permittindo que com os sequiosos beiços chegasse ao Sacrosanto Lado, e com tanta consolaçaõ, e doçura de espirito, que no mesmo instante lhe passava a sede, ficando-lhe só a de repetir aquella suavidade.

Continuáva o embaraço da doença (eraõ humas crueis quartans) e prendia-a no leito em certo dia, que commungavaõ as Noviças. Entrouse de huma vehemente magoa, ou santo ciume, e inveja daquelle unico bem, que se lhe difficultava; e disse ao Senhor com hum suspiro sahido da alma: *Ha! Senhor, que ahi vos estais regalando com essas vossas servas; e só a mim, como indigna, me repudiais; pois aqui me prendeis paralytica, para que vos naõ receba!* Logo lhe pareceo, que escutava ao Senhor, que brandamente lhe dizia: *Para que dizes isso, se sabes que te amo?* Seguio-selhe huma doçura de espirito, que (derretendolhe o coraçaõ em lagrimas) lhe parecia que era a com que sempre commungava.

Em huma terceira Dominga (em que se costumava expor o Senhor nesta Casa) durava-lhe ainda a prizaõ da doença, e naquelle dia com huma accendida febre, que a tinha prostrada. Aggravava-selhe com a dor de naõ poder se quer ter socego para contemplar naquella soberana iguaria, já que com os olhos mortaes naõ podia vêlla. Pedio ao Senhor, que já que lhe naõ permittia aquella vista, lhe reservasse o desasocego da febre para outra hora, porque o queria contemplar naquella. Sentio logo em si hum taõ grande socego de espirito, como se foraõ alheas as affliçoens do corpo. Levantouse; e com admiraçaõ das que sabiaõ o estado, em que havia pouco a deixavaõ, assistio no Coro á Missa, e Sermaõ, até se recolher o Senhor.

Chegava o dia de sua Profissaõ; determinou a Prelada que fosse naquelle, em que o achaque a deixava livre, sem que mais se lhe dilatasse, porque era tal a sua ancia, que entendiaõ que a convaleceria o gosto de Professa. O conceito, que Sor Margarida se tinha grangeado, encheo todo o Mosteiro de alvoroço, armando-se as Capellas com devotas figuras, em que se representavaõ alguns Passos dos Cantares, em que melhor se exprimem os Divinos desposorios. Tudo convidava a devoçaõ, e santa, e espiritual alegria. Mostravaõ-lhe tudo; e a nada do que se lhe dizia, ou se lhe mostrava, dava acordo; assim estava absorta naquelle bem, que via já proximo, e a que sempre levantou medrosa os olhos do merecimento humano. Assim suspendida, e como alhea (como a que em nada era já sua por aquella ditosa entrega) chegou aos pés da Prelada; e ao pôr as maons no livro das Profissoens, lhe pareceo que alli estavaõ as de seu Esposo, e que como tal lha dava, e ao inclinarse, hum amoroso abraço; tudo taõ vivamente, que nunca mais lhe sahio da memoria, e menos do entendimento, hum conceito firme,

firme, e seguro de que aquelle acto fora a Deos aceito, e hum real, e legitimo desposorio.

Desta viva, e continuada contemplaçaõ lhe nascia hum tal despego da materialidade do corpo, que vivia como esquecida de que ainda era peregrina na terra, levandolhe o mais do tempo a doce lembrança daquella hora em que se desposara, ainda que lhe contrapezava o Senhor estas consolaçoens com a continuaçaõ de achaques, repetidas dores, e pezar vivo de se ver sem saude, e forças para servir, e se atormentar. Mas antes que passemos a mayores noticias, ou para que melhor demos todas desta verdadeiramente extatica Madre, recopilaremos sua vida (como no la deixou expressa da sua messma penna, tanto para edificaçaõ, como para doutrina, naõ fiando o Ceo tanto voo de outra, que naõ fosse a sua) Achouse em hum papel de sua letra, fizera-o sendo Noviça, com documentos para occupar com lucros, e melhoras de sua alma todas as horas do dia. Como os escreveo, os observava, e observou toda sua vida. Dizia assim fallando comsigo:

Pela manhãa em acordando, lembrarme, que começa o dia, e desejar gastallo todo em serviço de Deos: e para bom principio procuro fazer as cousas melhor, que até alli. Até Prima gasto nestes propositos, pedindo a Deos graça para os pôr por obra. Despois de Prima, procuro aproveitar o tempo da oraçaõ, representando a Deos diante. Quando sahir do Coro, pedindo licença, e favor a Deos, e procurando chegar até casa de Noviças, occupar o tempo em saudades suas; e para as aliviar, naõ sahir nunca de sua Divina presença, imaginando no passo em que aquelle dia tive oraçaõ; e para tudo, o que me mandarem, estar muy prompta. Se ensinar as outras Noviças, lembrarme, quanto mais necessidade tenho eu de aprender, e assim fazello com humildade, e caridade. Se aprender, hir com gosto para louvar a Deos. Se for para o Oratorio, agradecer a Nosso Senhor, querer, que esteja diante delle. Tangendo o sino para as horas, alvoroçar a alma para hir louvar a Deos, indo até o Coro, dando-lhe graças por este soberano officio, que me deu. Em entrando no Coro, pedir devoçaõ para estar nelle. Na Missa ter consideraçaõ dos peccados passados, pedir misericordia, dar graças por beneficios recebidos, encomendar a Nosso Senhor a sua Igreja, renovar os bons propositos, e offerecimentos. Quando for á mesa, queixarme a Deos de ser forçado sustentar o corpo; desejar ter muita mortificaçaõ, e escusar tudo o que naõ for necessario. Na mesa cuidar no fel, e vinagre, ou no dia em que se deu. Em acabando dar graças, e hir logo ajudar a lavar a louça, com contentamento de servir. Despois hir para casa de Noviças, fallar com as companheiras, porque mo mandaõ; pedindo a Deos seu favor, para o naõ offender em alguma palavra, procurando que a pratica seja delle; as palavras poucas, sem profia, e baixas, e menos diante da Madre Mestra, desejando sempre o recolhimento. Tangendo, hir para a cella prepararme para a oraçaõ de Noa, com o exame de consciencia, liçaõ para a ora-

a oraçaõ, meditaçaõ, o Paſſo do dia, peccados paſſados, e ruim vida preſente, procurando até Veſpera conſervar a devoçaõ, ſentindo muito neſte tempo ter alivio em alguma couſa, pois he taõ proprio para ſentir os trabalhos de Chriſto. Deſpois de Veſpera tornar para caſa, procurando naõ ſahir nunca da preſença de Deos, e para iſſo uſar muitas jaculatorias. A' cea, ou colaçaõ as conſideraçoens do jantar, deſejando, que ſe acabe, para hir para o Coro, e procurar de eſtar entaõ com devoçaõ, por ſer a derradeira hora do dia. Recolherme fazendo primeiro exame, e ſentindo haver de gaſtar o tempo em dormir ſem louvar a Deos. Pedir ao Anjo da Guarda, que o faça por mim. Pedir perdaõ, licença, e favor a Deos. Ao deſpir lembrarme, que em caſa de Pilatos tiraraõ ſeus veſtidos ao Senhor, e deſpois de Matinas, quando com mayor dor no monte Calvario lhe fizeraõ o meſmo. Deitarme conſiderando como eſtenderaõ o Senhor na Cruz, e ao levantar, quando o levantaraõ nella. Dormir com as maons cruzadas.

A eſta repartiçaõ de dia, que trazia decorada, e cumpria á riſca, naõ deixando inſtante livre ao penſamento, para poder deter os voos do eſpirito, ou tropeçar nas fraquezas de humano, ajuntou outro papel, eſcrito tambem de ſua letra que ſe lhe achou, a que chamava *Propoſitos*, e ſe ſoube, que eſcritos, e exercitados com reſoluçaõ de os naõ quebrar em ſua vida. Dizia aſſim o papel.

Propoſitos, que determino cumprir com o favor de Deos. Lellos todas as ſemanas. Rezar todos os dias pelo menos hum Terço do Roſario com devoçaõ, e de joelhos. Fazer todos os dias exame de conſciencia. Naõ paſſar nenhum, em que me naõ mortifique em alguma couſa. Quando me recolher, ler a meditaçaõ do outro dia, e ter alguma conſideraçaõ quando me deitar, lembrando-me logo pela manhãa de Deos. Naõ dizer palavras em meu louvor, nem de queixa, nem de deſconfiança. Trazer os olhos ſempre baixos; naõ fazer nada ſem conſelho. Nem fallando, nem eſcrevendo, dizer palavras, que moſtrem curioſidade. Encomendar todas as ſemanas a Noſſo Senhor todas as couſas, que nos mandaõ em Capitulo, e as peſſoas, que me reprehenderem, ou aggravarem. Naõ me deſculpar. Fazer o que me pedirem com muito boa vontade. Naõ fallar com minha Meſtra por goſto proprio, ſenaõ por neceſſidade, e pertender na pratica ſò o mayor ſerviço de Deos, e aproveitamento de minha alma. Naõ me rir das faltas alheas. Gaſtar bem o tempo, que leva o Officio Divino, procurando eſtar nelle com attençaõ, e recolhimento interior.

Eſtes os propoſitos, que inviolavelmente obſervava Sor Margarida; aquella a repartiçaõ de tempo, com que o aproveitava todo; e aſſim ſe deixa ver, que era ſua vida huma oraçaõ continuada, pois naõ havia inſtante, que naõ occupaſſe contemplativa. Naõ foy eſta a ſua mayor occupaçaõ recolhida nos Clauſtros; já o tinha ſido, vivendo ainda em ſua caſa, onde madrugava para o Oratorio, e nelle gaſtava quaſi todo o dia. Paſſando ſua mãy a viver em Lisboa (como deſpois dizia, e chorava) naõ foy algum tempo neſte exercicio taõ continua por buſcada, e tratada de algumas Senhoras parentas; mas tanto do genio, e criaçaõ de Soror Margarida, que bem podia naõ lamentar de mal gaſto aquelle tempo, em que ſó ſe tratava de como ſe havia de occupar bem, ſeguindo-ſe a eſte ſanto commercio o povoarem-ſe algumas recoletas dos eſpiritos, que o fomentavaõ.

Abrazava-ſe no amor daquelle myſterio, que he por anthonomaſia de amor. Já em os primeiros annos eraõ fervoroſos os meſmos deſejos; porque ſobindoſe a hum lugar alto de ſua caſa, corria com os olhos, e com o coraçaõ as Igrejas, que dalli deſcobria, venerando-as como ſagrados celeiros, que guardavaõ o Paõ dos Anjos. Diante delle expoſto ficava taõ alienada, e eſquecida, que era neceſſario advertilla, e comporlhe o manto, quem eſtiveſſe com ella. Em levantando os olhos, e os penſamentos para o adorar, ſeguiaſe-lhe á ſuſpenſaõ o atearſelhe o coraçaõ em vivas lavaredas, a eſtas o deſafogo das lagrimas, e taõ ardentes, como faiſcas do coraçaõ; teſtemunhavaõ-no ſeus olhos nunca enxutos, por mais que ſempre abrazados. Já no Moſteiro (onde para eſtes ſantos empregos tinha liberdade, e commodo) naõ lhe parecia, que deſcançava, ſenaõ no Coro, e á viſta do Sacrario, continuando eſte exercicio com tanto lucro, que o meſmo era porſe de joelhos, que eſquecerſe de todas as penſoens do corpo, ſem mais memoria, que aquella em que ſeu Eſpoſo ſe deixara.

No meyo deſtas contemplaçoens negava-lhe o Senhor aquelle fervor, com que a toda a hora ſe queria transformar nelle, illuſtrando-a com ſoberana luz. Huma noite de Natal, ouvindo cantar na Miſſa o *Gloria in excelſis Deo*, e contemplando, que os Anjos entoaraõ aquelle Cantico a hum Menino Deos, que por ſua vontade vinha á terra a trazer a verdadeira paz à ſua alma, aſſim ſe elevou, que naõ ſoube, nem deu acordo ſe ſe cantaraõ Laudes, parecendo-lhe ſó, que tinha dentro em ſi aquelle Deos, que para naõ eſtranhar a ſua viſinhança, tomara ſua meſma natureza.

Cantava Completas em huma Dominga de Ramos, quando levantando a Deos o penſamento, ſe ſentio interiormente levantar ſobre ſi, pondo-ſe diante da Santiſſima Trindade, recebendo hum rayo de luz, que lhe dava conhecimento do muito, que Deos era. Parecialhe hum mar immenſo, que por todas as partes a tinha cercado, e como ſepultada nelle, ſentio perder todas as operaçoens naturaes, como ſe nella vivera

eſpirito mais ſoberano. Chamou-a huma Religioſa, que a vio tranſportada, e tornou em ſi com huma ſuſpenſaõ, e hum paſmo, como ſe ſe lhe fizera novo o verſe entre as baixezas, e debilidades do corpo humano.

Eſta ſuave experiencia dos mimos do Ceo a trazia retirada de tudo o que naõ era a meditaçaõ delle, ſuſpirando ſempre a ſoledade para ſe transformar em Deos. Eſte mimo lograva eſpecialmente nos dias de communhaõ, parecendo-lhe, deſpois de commungar, que dentro em ſi tinha aquelle Senhor, em que diviſava huma alvura, e claridade nunca viſta, nem comparavel com as da terra; a eſta luz lhe parecia, que ſe lhe abriaõ os olhos do entendimento, e alcançava mais, que o que podia o humano, no Myſterio profundo da uniaõ do Verbo; mas nada affirmava, ſepultada logo em huma eſcuridade impenetravel. O que ſó ſegurava, era contemplar vivamente aquelle ſuſtento das almas na ſua, que com huma incomparavel belleza deſterrava della toda a ſombra de agonia; repreſentaçaõ, que lhe ficava tanto na memoria, como ſe dos olhos corporaes lhe naſcera aquella ſaudoſa lembrança.

Igualmente viva era a repreſentaçaõ dos mais myſterios, e Paſſos ſagrados, e tanto, que fallando ás vezes nelles, repetia, e individuava as circunſtancias com huma tal miudeza, como ſe a ſeus olhos paſſara o que repetia. Eſta ſuavidade, em que trazia como encantado o eſpirito, a retirava de tudo, e em tudo a trazia como eſtranha, e moleſtada, como ſe lhe tirara as forças, e lhe enfraquecera o coraçaõ qualquer occupaçaõ, que naõ foſſe eſtar contemplando; ſuccedendo-lhe muitas vezes, que indo a ler na Communidade, naõ podeſſe mover os beiços, como ſe com violencia lhe taparaõ a boca; aſſim eſtranhava as acçoens do corpo; como ſe alli naõ houvera já mais que eſpirito.

Mas porque eſte gemia ainda nas prizoens da carne, ſentia muito o haver de accommodarſe ás debilidades della, ſendo-lhe preciſo o tomar algum deſcanço. Succedia-lhe aſſim deſpois de Matinas, recolhendo-ſe huma hora antes de Prima, perſeguida de inſoportaveis dores de cabeça, que a privavaõ do alivio de ficar aſſiſtindo ao Santiſſimo Sacramento. Pedio, e tornou a pedir áquelle Senhor, que lhe tiraſſe aquelle embaraço; e aſſim ficou ſem elle, de ſorte, que antes de Prima ſó ſe recolhia meya hora.

Na obediencia deſempenhou os propoſitos, que tinha eſcrito, e decorado. Nem no juſtificado da acçaõ lhe ficava voluntaria a eſcolha; ſuas Meſtras, e Preladas lhe determinavaõ tudo o que obrava, taõ deſpida de vontade propria, como ſe ſe lhe trocara em obediencia. Mas aſſim ſe contentava o Ceo da ſua, que o quiz moſtrar para premialla. Era ainda Noviça, achava-ſe a Madre Soror Jeronyma de Jeſus muito affligida com huma colica, e dores inſoportaveis de cabeça, (achaque, que muitas vezes a perſeguia) e havia cinco dias, que naõ ſocegava. Chegouſe a ella a Meſtra de Noviças, e le-

vando comfigo, como de acafo, a Soror Margarida, lhe diffe, que puzeffe a maõ na cabeça á enferma. Bem entendeo a boa Noviça (por mais que interiormente o eftranhava) que era efperar daquelle toque a mefinha; mas obedeceo mandada; applicou a maõ, e no mefmo inftante ceffou toda a queixa, ficando a enferma como fe até alli o naõ eftivera. Ifto achamos apontado por huma Religiofa de boa opiniaõ, que o prefenciou.

Era extremofa fua humildade, nada eftimava menos que a fi mefma. Todas lhe pareciaõ capazes de mais refpeito que ella. O conceito de que era a mais indigna creatura, a obrigava a hum rigorofo exame, que precedia á communhaõ, naõ o dando por fufficiente, em quanto as lagrimas lhe naõ feguravaõ, que eftava ferido o coraçaõ. Affim fe fentenceava a fi mefma, naõ achando em fi venialidade, que lhe naõ pareceffe crime, fendo taõ humana com as acçoens alheyas, que fempre chegavaõ a feus olhos com defculpa, fe eraõ menos juftificadas, e com confufaõ fua, fe eraõ puras, fentindo bem de todas. As affliçoens, e trabalhos alheyos lhe pareciaõ proprios: tal era a ambiçaõ de fentillos; paffava á de querer remediallos; recorria á oraçaõ; e pagava-fe Deos tanto defte defvelo, que a illuftrava com o conhecimento de fucceffos futuros: fuccedeo algumas vezes affim.

Tiveraõ humas Religiofas noticia, que em Caftella eftava enferma, e perigofa huma irmãa fua, Dama da Rainha, peffoa de tantas prendas, que ainda faziaõ mayor a perda. Defconfoladas, recorriaõ a Soror Margarida; inftava ella na oraçaõ, compadecida das irmãas, como da enferma. Foy fervido o Senhor de lhe dar a entender, que naõ viviria. Confórme com a vontade Divina, e magoada da dor das irmãas, lhes pedio, que fe puzeffem nas maons de Deos, porque teriaõ noticia de huma grande perda. Tomaraõ o confelho, ainda que com o alivio de nova efpalhada, que fe achava melhor a enferma. Mas Soror Margarida eftava mais fegura no que fe lhe tinha moftrado, que no que eftava ouvindo. Succedeo affim, que veyo brevemente noticia, que a enferma falecera. Fazia a mefma fupplica na oraçaõ pela vida de Dom Miguel de Caftro, Arcebifpo de Lisboa, que eftava perigofo, e importunavaõ-na parentas fuas, a que efta noticia trazia defconfoladas. Naõ tardou a que Soror Margarida teve de que faleceria o Arcebifpo; mas occultou-a; e falecido elle, fe entendeo que antes a tivera.

No fofrimento, e na paciencia, parece que defconhecia as penfoens de humana, naõ conjecturadas, nem ainda no femblante. Affim fe efcutava reprehendida, como fe fe conhecera culpada. Lamentava o verfe fem faude para mayores empregos de penitente. Eraõ taõ afperos os das difciplinas, que tomava com cadeas de ferro, que feus Confeffores lhe puzeraõ preceito, para que naõ foffem taõ continuadas, e taõ rigorofas. Obedeceo; mas com tanta dor das que lhe embaraçavaõ,

çavaõ, que veyo a igualar as que lhe impediaõ. Só nas ſeſtas feiras naõ podia exercitar peni-tencias, porque a atormentava huma rigoroſa dor de coſtas, e cabeça, que a deixava ſem alento para outra. Durava-lhe de pela manhãa até ás trez da tarde. Mimo parecia de ſeu Eſpoſo, que repartia com ella das delicias, que naquelle dia, e naquellas horas goſtara no Paraiſo do Madeiro.

Aſſim queria viver ſó com elle no da Religiaõ, que o que lhe pedia no tempo, em que ainda naõ podia fallar a ſua mãy, e irmãas (porque ainda eſtava com a ſogeiçaõ de Noviça) era, que os fizeſſe ſantos; mas que lhe embaraçaſſe o alivio de communicallos. Aſſim lho permittio Deos, porque a ſua mãy ſó huma vez fallou, e alguns de ſeus irmaons, nenhuma; prendendo-a huma grave enfermidade na Enfermaria, de donde paſſou a melhor morada. Ameaçada do achaque, foy ao Coro deſpedirſe do Senhor, e pedir-lhe, que ſe aquella era a ultima doença, a deixaſſe padecer nella; ſem duvida entendeo que fim o ſeria, porque logo diſſe palavras, que o deraõ a entender, por mais que os Medicos facilitavaõ a doença, naõ na opiniaõ das Religioſas, pela muita que tinhaõ da enferma, e dos fundamentos com que ſempre fallava.

Aggravouſe o achaque, creſceraõ as dores (eraõ já inſoportaveis) mas igual a conſtancia de quem as ſofria; ſabia que eraõ mimos, porque como taes os pertendera. Commetteolhe a cabeça hum humor groſſo, deulhe hum ſono pezado. Naõ havia induſtria, nem medicamento, que a divertiſſe delle. Inventou hum quem a conhecia; fallavaõ-lhe em Deos, logo a tinhaõ eſperta. A mayor dor, que padecia, era no peito; e ſendo facil a meſinha para alivialla, ella lha naõ applicava, ſem que a Prelada naõ ſó lho pediſſe, mas lho mandaſſe.

Fizera Sor Margarida hum concerto com huma Religioſa, que a que primeiro chegaſſe ao ultimo perigo da vida, deſenganaſſe a outra. Naõ ſe eſqueceo a boa amiga. Eſcutou-a Sor Margarida, reſpondendo-lhe com ſocego, que de parte mais certa tinha havia muito o deſengano. Algumas vezes commungou, dilatando-ſe a doença; e algumas pedio a Unçaõ; mas o dia em que faleceo, com tanta ancia, e taõ repetida, que entenderaõ naõ deviaõ dilatar-lha. Recebeo-a com paz, e conſolaçaõ de eſpirito, e com ellas o deo ao Senhor, em huma ſegunda feira, 11. de Mayo de 626. tendo de idade vinte e dous annos. Ficou com hum ſemblante alegre, e deſaſombrado da morte, que baſtara a enxugar as lagrimas das Religioſas, ſe a ſaudade (ainda com os olhos naquelles boſquejos da ſua gloria) naõ ſuſpirara como humana a ſua companhia.

CAPITULO XIII.

Da Madre Sor Catharina dos Martyres.

ENtremos a ver o eſpectaculo, que a gentilidade cega achou digno das attençoens de Deos; hum coraçaõ abraça-

do

do com as miſerias da vida, ſem ceder na tolerancia. E que dirá o conhecimento Catholico, encaminhado da luz da razaõ, e da Fé, entendendo, que ſimilhantes lutas ſaõ a officina de venturoſas coroas; naõ aquellas, que fingia a vaidade nas immortalidades da fama; mas as verdadeiras, que no Templo triunfante de Deos haõ de durar incorruptas?

Omnis, qui in agone contendit, ab omnibus ſe abſtinet: illi ut corruptibilem coronam accipiant; nos autẽ incorruptam. 1. ad Cor. 9. n. 25.

Bem conheceo eſta verdade a Madre Sor Catharina, como ſe eſtudara com S. Paulo aquelle taõ claro, e importante conſelho de ſe adiantar no trabalhoſo eſtado deſta vida, para conſeguir huma immortal coroa, com muita mais razaõ, que os Athletas corriaõ com ancia para alcançar huma caduca. Naſceo Sor Catharina de pays nobres, mas taõ queixoſos da fortuna, que naõ alcançavaõ ſuas poſſes a inteirar hum dote á filha, para ſe recolher em o Moſteiro de Jeſu de Aveiro, eſte Patria ſua, e aquella a reſoluçaõ, com que ſe criava desde menina. Aſſim houve de accommodarſe (pois naõ havia reduzilla a outra vida) entrando em o lugar de Freira Converſa, em que deu tal conta de ſi, que naõ ſó ſervia ás Preladas, e Religioſas antigas de goſto, mas a todas de exemplo. Profeſſou; mas vivendo ſempre com a meſma ſogeiçaõ de Noviça, naõ ſó no ſerviço, e obrigaçoens da Caſa, mas na aſpereza de vida, que via, e imitava nas mais reformadas della.

Neſte tempo hum irmaõ ſeu, Religioſo Dominico, que aſſiſtia no Convento da Villa (eleito Biſpo de Cabo-Verde) quiz augmentar o dote á irmãa, que a eſtimava muito, e fazella Freira do Coro; mas foy couſa rara, que ſendo Sor Catharina taõ bemquiſta, ſe oppoz a iſſo toda a Caſa, ſem valer induſtria, nem valia, antes algumas pouco conſideradas (que a virtude ſempre tem emulos) começaraõ a tratar a Sor Catharina com deſprezos, accreſcentando afrontas, e injurias, como a incapaz do lugar, por que ſeu irmaõ fazia as diligencias. Era Sor Catharina bem naſcida, criada com eſtimaçaõ, ainda que naõ com grandeza; eſcutava agora aquella repulſa, via-ſe deſprezada, e perſeguida; mas como ſe deſconhecera as paixoens de humana, eſtava immovel, ſem que os vituperios, que lhe chegavaõ aos ouvidos, tiveſſem mais repoſta que a muda, que coſtumavaõ dar os olhos. Eſte o eſpectaculo, em que ſe vio vencida a natureza das firmezas da tolerancia. Seguiaõ-ſe ás injurias as falſidades, que lhe impunhaõ, e com que a deſauthorizavaõ; e Sor Catharina emmudecida, recorria ao ſagrado da oraçaõ, como ſe diſſera com o Profeta: *Senhor, o odio ſe empenha em me perſeguir: eu volto-lhe as coſtas, ponho-me a orar.*

Pro eo ut me diligerent detrahebant mihi; ego autem orabam. Pſ. 108.

Eſte era o alivio, e o remedio, a que recorria o ſeu deſamparo; buſcava os pés de hum Crucifixo; banhava-os com lagrimas, diziaõ ellas o que calava a boca, e ſouberaõ dizer tanto, que vio em huma occaſiaõ, que deſpregando o Senhor o braço da Cruz, a eſtreitou com elle, deixando-a taõ fóra de ſi o extraordinario do favor, que cahindo por terra, eſteve muitas horas, fiando a ſua confuſaõ

fusaõ o saber agradecello, ficando de entaõ com hum coraçaõ taõ inteiro para as perseguiçoens, que naõ só lhe pareciaõ toleraveis, mas as julgava interesses. Neste estylo de vida sacrificada passou Sor Catharina alguns annos, anciosa sempre de se adiantar em padecer, porque tudo lhe parecia pouco para servir hum Senhor, que sabia dar tanto. Abriolhe o Ceo caminho na noticia desta nova Casa do Sacramento, e da grande observancia, com com que se vivia nella. Pedio ao irmaõ Bispo, que lhe alcançasse licença para passar a viver naquella Clausura, naõ por fugir na de Aveiro ás perseguiçoens, que já o tempo diminuira; mas porque desejava verse em mayor estreiteza.

Foy facil ao irmaõ a licença; passou Sor Catharina para esta Casa do Sacramento por Freira do Coro, deixando saudosas, e arrependidas ás que lhe tinhaõ embaraçado o mesmo. Via-se agora seu espirito em campo aberto para lançar maõ das armas da penitencia, como a convidavaõ os exercicios da Casa, e o exemplo daquelles espiritos, que voavaõ na refórma. Mas o que mais avultava nella era huma viva, e desvelada caridade com os proximos, em que naõ podia ver miseria, que naõ remediasse, ainda que fosse á custa de ficar com ella, remediando-a. Assim era taõ pobre, que naõ conseguia o gosto de dar, sem o sacrificio de pedir primeiro. Humilde, e obediente, naõ houve occupaçaõ de trabalho, a que naõ satisfizesse; mas o gosto, e alegria ainda excediaõ a pontualidade.

Achava-se já carregada de annos, que lhe grangearaõ huma cruel enfermidade, que cinco mezes lhe exercitou a paciencia, edificando a quem a via padecer emmudecida. Amanheceo hum dia com rosto alegre (foy o ultimo de sua vida) e perguntando-lhe huma Religiosa de toda sua confiança se se achava aliviada, porque o semblante o dizia, respondeo: *Naõ só aliviada, mas favorecida; porque a sua Senhora do Rosario a visitara.* Era devotissima da Senhora, e ao seu Rosario ajuntava todos os dias o seu Officio Menor, por mais que viveo sempre occupada sua muita capacidade nos officios de mais trabalho, que havia no Mosteiro; mas, se lhe faltava o tempo, suppria o que se havia de dar ao descanço. Foy crescendo a doença, e ella entendendo, que chegava o do seu martyrio. Hum continuado fora toda sua vida; e quem tambem entendia, que naõ podia haver nella outra cousa, e que tudo, o que tivesse de breve, teria de apressar a ultima felicidade, como naõ trocaria os receyos em alvoroços?

Com muito pedio, e recebeo os Sacramentos: e despois de demonstraçoens penitentes, acompanhadas das lagrimas das Religiosas, que perdiaõ nella hum daquelles primeiros espelhos da observancia, e hum arrimo para a Casa, acabou com hum socego, e serenidade, que ainda despois lhe durou no semblante, admirando-se as Religiosas, que a escutavaõ sempre taõ temerosa da morte. Mas essa he a importancia de morrer sempre na vida, seguirselhe o so-

ſocego de viver na morte. Deſengano, e conſelho bem importante, que deixou eſcrito o exemplar dos mortificados S. Paulo, que dizendo, que morria cada dia, diſſe deſpois, que a morte eſtava taõ fóra de lhe dar ſuſto, que antes era o ſeu deſejo. Só quem ſabe entender, que a vida he morte, ſabe alegrarſe com a morte, como principio da vida. Faleceo eſta Madre em 14. de Setembro de 1626.

Quotidie morior. 1. ad Corinth.

Deſiderium habens diſſolvi. Ad Philip. 1. 23.

CAPITULO XIV.

Das Madres Sor Maria Magdalena do Santiſſimo Sacramento, e Sor Thereſa de Jeſus, ambas irmãas.

SEndo todas as Virgens eſpoſas daquelle Cordeiro, que ſe apacenta entre as fragrantes, e intactas aſſucenas da caſtidade, parece, que as que do jardim Dominicano paſſaõ ao Celeſte thalamo, ſaõ mais propriamente eſpoſas do Cordeiro, porque o nome de Dominicas, que as dá a conhecer todas ſuas, as ſegura mais mimoſas. Eſſe o enfaſe no nome de Noſſo Patriarcha, *Dominicus*, como ſe diſſera *Todo do Senhor*; eſſa a mayor precioſidade, com que eſte grande Pay as dota filhas, eſſa a circunſtancia glorioſa, com que o Eſpoſo as eſtima mais ſuas. Aſſim parece, que ſe deſempenhou na Madre Sor Maria, moſtrando-ſe naõ ſó no nome, que eſcolheo, do Santiſſimo Sacramento; mas no que lhe ſuccedeo (vindo a ſer Dominica) na reſoluçaõ de tomar eſtado.

Foy a Madre Sor Maria (que no ſeculo, e até ſua Profiſſaõ ſe chamou Anna de Jeſus Maria) filha de Antonio de Sampayo, e de Anna de Sampayo (da meſma familia deviaõ ſer os dous caſados, como o moſtra o appellido) gente nobre, e rica; duas fortunas, a que ſó podia avantajarſe a de terem huma filha, que logo nos primeiros annos moſtrou o Ceo, que lha empreſtara, e naõ lha dera. Aſſim começou a repararſe naquella idade (onde ainda prezo o diſcurſo, parece inſtincto) a devota propenſaõ, com que abraçava tudo o que era de Deos; ſervindo muitas vezes de divertimento aos pays a ancia, com que ſe eſquivava aos que lhe fallavaõ em eſtado, que naõ foſſe de Freira, ſeguindo com taõ notavel tenacidade as diſpoſiçoens para elle, que nunca acabaraõ com ella, que ataſſe huma fita, ou veſtiſſe gala, contentando-a com a de hum habitoſinho, que (pedido com lagrimas) chamava ſó a ſua.

Creſceraõ os annos, e com a razaõ os deſejos, e começaraõ aquellas meninices a conhecerſe como enſayos dos que agora já eraõ propoſitos. Aſſim ſe vio o que levava nas ſuas reſoluçoens, pedindo a ſeus pays o exercicio de eſmoler, repartindo daquelles bens, que ſó paſſados pelas maons da caridade, podem ter eſſe nome. Queria ver bem empregado o que lhe cabia delles, e alargando a maõ, mais com os olhos no remedio da miſeria alheya, que nos augmentos de ſua caſa, eſcutava com magoa, e paciencia as reprehenſoens de huma parenta, que a criminava com os pays de eſperdiçada. Tornava-

ſe

ſe ao que tinha nome de ſeu, e era de huma pobre (que todos os dias para iſſo convidava) ou tudo, ou quaſi tudo o que ſe lhe punha na meſa.

Mas criava forças com aquelle exercicio o fogo da caridade, e eraõ ſopros, com que ſe augmentava aquellas impoſſibilidades, ou eſcacezes, com que diſpendia. Tudo lhe parecia pouco para ſacrificio daquelle deſejo. Queria paſſar ao que ultimamente podia, que era darſe a ſi meſma. Encontrava embaraços: porque, ainda que tinha outra irmãa, ſó de ſua prudencia fiavaõ os pays o governo de ſua caſa. Queixava-ſe como Martha, Maria, porque Maria era aqui a occupada. Deixava-a a irmãa com todo o pezo da familia, e ella paſſava ao Oratorio ſem reſpirar da mayor lida, porque aquella era a melhor parte, que eſcolhera.

Neſte exercicio era continua, e já nelle taõ ditoſa, que goſtando de ſuas ſuavidades, ſe deixava levar de hum novo genero de deſmayos, ou de hum leve roubo de ſentidos, em que adormecia, e de que nenhuma induſtria, mas ſó ella meſma ſe acordava. Naõ lhe embaraçava, antes lhe favorecia eſte ſuave ſono, o continuo deſpertador do cilicio, o ſangue, que faltando ao golpe da diſciplina, enfraquecia, e debilitava as forças, que os jejuns tinhaõ já cançadas. Neſtas penitentes batarias, ainda queria deſafiallas para mais largo campo, como ſe ainda duvidaſſe do triunfo; ſó no da Clauſura lhe parecia que o tinha certo. Eſta incanſavel ancia a obrigava a deſcobrir caminhos para conquiſtar a vontade dos pays, que com o intereſſe ou de a naõ deſterrarem de ſeus olhos, ou de deſcançarem com ella os cuidados caſeiros, reſiſtiaõ áquelles ſantos propoſitos, mais fervoroſos, quanto mais rebatidos. Buſcava peſſoas de eſpirito, inſtava, pedia a ſeus Confeſſores, que apadrinhaſſem o juſto daquella ſupplica, que nem o ſer juſta deixava deſcançar o eſcrupulo, de que o abſoluto da eſcolha pareceria deſobediencia.

Tiroulhe finalmente o Ceo os embaraços na vida dos pays; bem entendeo, que aſſim o diſpunha, para que com os ſentimentos de filha, compraſſe os alvoroços de eſpoſa; naõ podia cuſtar menos, o que valia tanto! Ficou em poder de ſeus irmaons, que com o intereſſe de ſe verem abſolutos ſenhores da Caſa, e da fazenda, começaraõ a eſcutar goſtoſos os intentos, que a traziaõ deſvelada. Soavaõ por eſte tempo nos ouvidos piedoſos as noticias da refórma, com que as diſcipulas do eſpirito de Santa Thereſa hiaõ reſtaurando as antigas auſteridades do Carmelo; accendeoſe em vivos deſejos de eſcutar aquella Divina Meſtra na aula de ſeus Clauſtros. Agradavaõ-lhe as noticias, que tinha da Caſa de Santo Alberto, Moſteiro de grande reputaçaõ.

Concertouſe com ellas o dote, e a legitima; e a promeſſa de groſſas eſmolas, parece, que facilitavaõ a pertençaõ em huma Caſa, coſtumada a reſpirar dellas; mas ſendo grande o deſejo das Religioſas, a falta de lugar, começou a dallo ás eſperanças. Tinha Sor Maria hum claro entendimento, naõ ſe lhe eſcon-

dia, que reſoluçoens acertadas arriſcaõ eſte nome, ſem a induſtria de promptas. Vagares ao applicar da materia, perdem a chamma; antes he querer verlhe as cinzas, que as brazas. Bem conhecia Sor Maria, que o abrazado eſpirito, que a guiava, era aquelle, que ſendo todo fervores, deſconhece vagares. Determinou-ſe a obedecerlhe, recolhendo-ſe logo ao Moſteiro de Corpus Chriſti da Ordem de S. Domingos, que na meſma Cidade do Porto era claſſe de grandes eſpiritos.

Mas Deos, que ſobre lhe embaraçar os outros caminhos, abrindo-lhe ſó o de lhe chamar mais ſua (ſendo Dominica) ainda a guardava para lhe premiar aquella ancia, com que o coſtumava buſcar na meſa Sacramentado, lhe trouxe por via de hum irmaõ ſeu, a noticia de como em Lisboa florecia já com grande nome huma Caſa, que tinha aquelle, que ella eſcutava, e venerava com tanta ſuavidade.

Naõ houve detença, conſultou a reſoluçaõ com huma irmãa, que a acompanhava naõ menos na Caſa, que no genero de vida. (era a mais moça, chamava-ſe Thereſa de Jeſus) Achou-a naõ ſó prompta, mas alvoroçada. Diſpuzeraõ-ſe com brevidade as circunſtancias de hum, e outro dote, e no meſmo inſtante a jornada; nada valia a detellas. Sabiaõ os parentes, que era o Moſteiro do Sacramento, antes ſepultura de vivas, que vivenda de mortificadas; era a ultima liſonja, que haviaõ de fazer a ſeus olhos, e com o deſengano de ultimas queriaõ dilatar as deſpedidas. Mas nada valia, nem nos irmaons caricias, nem na familia lagrimas, nem na terra longes, nem no natural ſaudades. Aſſim corriaõ ao deſterro de ſua Patria, como quem conhecia, que naõ ha na terra nenhuma, que o ſeja como lugar, em que ſempre ſe peregrina.

Em huma quinta feira fizeraõ a jornada com o feliz annuncio, em que a ſua devoçaõ fez reparo, encontrando ao ſahir de Caſa o Santiſſimo Sacramento, que hia a hum enfermo por Viatico. Lanço pareceo, de quem lhe ſahia ao encontro, como pagando-lhe nelle o deſvelo de buſcado. Aſſim deixaraõ as contentes irmãas a Caſa, a familia, os parentes, a Patria, e em fim a ſi meſmas, paſſando a ſepultarſe na ditoſa Clauſura deſta Caſa. Mas dividamos as irmãas, que ajuntou o habito, a Caſa, e o dia, e fallemos primeiro de Sor Maria, como mais velha.

Em huma quinta feira entrou eſta Madre eſtas ditoſas paredes, em outra profeſſou, naõ ſervindo o nome do noviciado, mais que de ſe conhecer o exceſſo, que fazia ás antigas no habito. Sempre foy Noviça na eſtreiteza da obſervancia, e mais que veterana no eſtylo, com que ſe portava Noviça. Sobre as Conſtituiçoens, guardadas como eſtaõ eſcritas, tem aquella Caſa para mais individual exercicio, e bom governo della, humas ordenaçoens, diſpoſtas pela prudencia, e eſpirito de ſeu primeiro Vigario o Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal; e naõ ſó era exacta em tudo a a Madre Sor Maria, mas ainda inventora de novos artificios de

morti-

mortificarſe, naõ havia inſtante, em que ſe naõ andaſſe exercitando penitente.

Sobre os jejuns de paõ, e agua, eſtreitos cilicios, e quotidianas diſciplinas, ſahia melhor huma notavel humildade, hum profundo juizo do pouco que era, que lembrando-lhe algumas faltas (na verdade venialidades) da vida paſſada, chegava pedir ás irmãas Noviças que eſcutaſſem o abyſmo de ſuas culpas, onde veriaõ como naõ as merecia por companheiras; antes que por incapàz de habitar aquella ſanta Clauſura, lhes pedia que a deſprezaſſem, e tiveſſem pela mais inutil, e vil creatura, que permittia nella o Divino ſofrimento.

Neſtes, e outros actos de fervoroſo, e verdadeiro eſpirito, a começaraõ a conhecer, e reſpeitar as Meſtras delle. Profeſſou em huma quinta feira por devoçaõ do Santiſſimo, a que eſte dia he conſagrado, e neſta ſua Caſa ſingularmente feſtivo, ſendo o acto da renova celebrado nella em cada hum delles com o mayor aceyo, a que póde chegar o deſvelo da terra, exercitado por eſpiritos, que ainda nella parecem do Ceo. Pedio, que em reverencia do meſmo Auguſtiſſimo Myſterio, ſe lhe trocaſſe o nome, que tinha de Anna de Jeſus, em o de Maria Magdalena do Santiſſmo Sacramento.

He uſo do Moſteiro ficarem as Profeſſas no noviciado, deſpois delle acabado, mais dous annos. He alli mayor o trabalho, porque deſcançaõ as Religioſas de mais annos, e menos forças, no que ainda podem, aquelles alentos novos, e menos cançados. Mas Sor Maria, que naõ buſcava outra couſa mais, que ter novos empregos a que ſacrificar a paciencia, fez voto ſobre os dous, de eſtar mais quatro. Communicou-o com o Vigario (era entaõ o Meſtre Frey Joaõ de Portugal) que lho confirmou, ſendo favor, que negara a muitas, como quem ſabia conhecer aquelle eſpirito adiantado a todas.

Aſſim começou Sor Maria com os alvoroços de ter paſſado na nova ſogeiçaõ de Noviça a eſcrava; aſſim começaraõ a ſer mais deſvelados, mais fervoroſos todos ſeus exercicios; nos do Coro mais prompta, mais continua, mais empenhada, porque tendo huma voz alta, e ſonora, aſſim a esforçava, como ſe fora a alma de toda aquella ſagrada melodia. Aſſim a imaginava em huma occaſiaõ (que arrebatada em eſpirito, lhe parecia, que tinha motivos para esforçar mais os jubilos, que do coraçaõ lhe paſſavaõ á lingua) e foy tanta a vehemencia, que ſentio abrirſelhe huma intoleravel dor no peito, e taõ aguda, que naõ deixou de entender que baſtaria a tirarlhe a vida.

Venturoſas contingencias (a que enganado o Mundo coſtumava chamar deſaſtres) taõ achadas no eſpirito fervoroſo dos filhos de Domingos, que ou reprehendendo vicios, ou repetindo a Deos jubilos, paſſaõ a tirar a vida nos exceſſos. Agora em Sor Maria no Coro, como no Apoſtolo de Germania, o noſſo S. Jacobo Sancedonio no Pulpito, quando inſtando em convencer os Uſurarios,

rios, lhe eſtalou huma veya no peito. Naõ ſaõ menos poderoſas as vehemencias do eſpirito, agitadas daquelle ſuperior fogo! A huma Santa Thereſa tiraõ a vida a intoleraveis ardores de caridade. A huma Santa Catharina de Sena fazem adoecer febricitante. A hum S. Filippe Neri fazem eſtalar hum oſſo, como alargando a eſtreita regiaõ do peito. A hum S. Pedro de Alcantara tiraõ a reſpirar no ar livre das anguſtias do cubiculo. Mas como naõ arriſcará a vida hum fogo (naõ como os pintados, e fabuloſos dos amantes da terra) taõ vehemente, que naõ tem mais forças a morte!

A' dor do peito ſobreveyo febre acceza, e cruel faſtio; naõ havia reduzilla a que levaſſe nada; deu a Prelada em huma ſanta induſtria, que foy mandarlhe que comeſſe por obediencia. Aqui foy o tirar forças donde já naõ as havia, e vencer com as lagrimas nos olhos a natureza. Eſta cuſtoſa traça lhe ſuſtentou trez mezes a vida, ou lhe dilatou o martyrio de ſuſtentalla. Poucos dias lhe reſtavaõ já della, quando chegava ás portas da morte outra Religioſa irmãa da Meſtra de Noviças. Fora conſelho dos Medicos, que levaſſem eſta Religioſa para a Caſa grande (aſſim chamavaõ a huma da Communidade) quando Sor Maria, mandando chamar a Meſtra, e pedindo que a deixaſſem ſó com ella, lhe diſſe: *Madre Meſtra, em huma Caſa grande me diſſeraõ, que a irmãa de Voſſa R. ficava, e que eu morria? Aſſim he verdade* (lhe tornou a Meſtra) *que vós morreis. Pois Madre* (tornou Sor Maria reveſtida de huma nova, e deſuſada alegria) *que fazem as Religioſas, que me naõ vem dar o perabem deſta ventura?*

Foy notavel, e pia conjectura que a doente teve revelaçaõ de que morria, e que naõ menos a teria a Meſtra, pois lho confirmava com tanta ſegurança. Aſſim ſuccedeo, que a deſconfiada moribunda da Caſa grande eſcapou, e Sor Maria em breves dias acabou os de ſua vida, ſem ter mais que dous annos da que eſcolhera naquella Caſa. Naõ ſirva de reparo o falecer taõ moça, e o darmos-lhe o nome de Madre; que ſe o levaõ de juſtiça as veteranas para merecer reſpeitos, naõ tem menor valor a prudencia, que os dias. Em prendas religioſas igualou, ſe naõ excedeo, Sor Maria os de todas.

Chegava dia da Aſcenſaõ, e naõ ſofria o deixar de acompanhar ſeu Eſpoſo, agora com o coraçaõ, e as vozes, como em breve tempo com o eſpirito. Pedia, ſuſpirava ás Religioſas, ás irmãas, ás amigas, que a levaſſem ao Coro; mas já naquelle attenuado corpo naõ havia mais alentos, que para aquelle deſejo. Grandes, e incançaveis foraõ os que teve de que naquelle dia foſſe a ſua ultima hora! Sobre a tarde pedio o Viatico; foy a circunſtancia, que lhe fez o dia feſtivo; já que naõ podia ſeguir a ſeu Eſpoſo, naõ lhe eſqueceo a fórma em que ainda lhe ficara no Mundo.

Já com todos os Sacramentos, naõ ſó naõ temia, mas ſuſpirava a morte, como quem alcançava o que lhe embaraça-

va a vida: affim entre os defejos de a deixar fe lhe efcutavaõ jaculatorias abrazadas em fuperior fogo, actos de conftante Fé, e crefcida confiança; fufpendia-fe nelles, e logo esforçando a voz, fe lhe ouvia dizer claramente: *Vaite, vaite dahi tinhofo.* Affiftialhe á cabeceira huma Religiofa amiga; perguntava-lhe fe via alguma coufa? *Naõ Madre* (refpondia Sor Maria) *nada vejo, mas tentame o demonio com vangloria, coufa, que em toda a vida naõ tive por mifericordia de Deos.*

Chegou hum Sabbado, dia da Trasladaçaõ de Noffo Padre, eftimou a circunftancia, entendendo que tambem teria a de ultimo para fua vida; fez chamar as Religiofas, e rendendo-lhes as graças de a terem em fua companhia; pedindo-lhe perdaõ do maõ exemplo, que lhes dera; lhes rogava que pelo amor de Deos efqueceffem o detrimento, que tinhaõ tido com fua doença, pois elle era já fervido de a livrar das anguftias della, e a ellas de taõ penofa affiftencia. Pedia que lhe repetiffem a miudo o nome de Jefu, e accrefcentava: *Nazarenus miferere mei.*

Com eftas palavras já mais no coraçaõ, que nos beiços, deu placidamente a alma a feu Efpofo em 24. de Mayo de 1626. ficando com hum ar no rofto taõ bem affombrado, e fereno, que (na fufpenfaõ, e reparo das que a cercavaõ) antes parecia gefto da que paffava a eternos mimos de efpofa, que de cadaver, que efperava os horrores da fepultura. Paffando a efta o corpo, foy tal a fuavidade, e cheiro, que ficou na cella, percebido, e admirado de todas, que accendeo mais as faudades das boas irmãas, como as que olhavaõ com fanta enveja para as fombras daquelle premio, a que as levava o mefmo caminho.

Parece que fe copiaraõ as fantas irmãas, excedendo a Madre Therefa de Jefus (que era a mais moça) a Madre Sor Maria fó nos annos de Religiofa, porque foraõ muitos os que contou na Claufura; de que fua irmãa em taõ poucos paffos paffou a melhor vida. Tinhaõ profeffado ambas em o notavel (para a devoçaõ de huma, e outra) dia da quinta feira, dia, em que faleceo a Madre Sor Therefa, de que efcrevemos agora. Affim crefceo com efta Madre o zelo, e o defvelo grande daquella primeira obfervancia, que cada acçaõ fua era huma regra viva; affim (em quanto ella o foy) poucas vezes conheceraõ as Noviças outra Meftra; exercicio, em que fe pezavaõ os mayores efpiritos defta Cafa; porque fendo verdadeiras, e exactas Religiofas as difcipulas, que poderiaõ fer as Meftras? Sendo fempre o prototypo aquella idéa, a que as copias agradecem a fingularidade de melhoradas.

Já queriaõ, que aquellas prendas, que ornavaõ fua alma, ou ferviaõ de mais perto de efpelho ás Noviças, paffaffem a fello de todas as Religiofas no lugar de Prioreza; atalhou-a huma longa enfermidade, que paffando-felhe a achaque, a acompanhou alguns annos até a morte, privando as Religiofas de efperanças, como a ella de forças. Mas eraõ taes as de feu

efpi-

espirito, que nunca as achou menos para continuar o Coro; primeiro hia a todo, despois só ao de dia. Chegou finalmente o de sua morte. Precedeo-lhe huma aguda febre, entendeo que seria a ultima, pedio os Sacramentos recebidos com grande consolaçaõ de sua alma.

Assim esperou aquelle golpe naturalmente medonho, como violento, taõ desassombrada, e segura, que abraçando-se com a devota Imagem de hum Christo crucificado, despois de colloquios penitentes, e enternecidos, em que já fallava só o coraçaõ pelas enfraquecidas linguas dos olhos, chegando mais a elles a sagrada Imagem, antes pareceo que adormecera, do que espirara, em huma quinta feira 10. de Fevereiro de 1666. Assim levantavaõ compungidas as Religiosas as maons ao Ceo, vendo o socego com que aquella alma se desatara das estreitas prizoens do corpo, como mostrando que só o Ceo era o seu verdadeiro centro: e porque naõ fosse só piedosa conjectura, permittio Deos para sua gloria, que se lhe naõ dilatasse mayor noticia.

Entrara no ultimo artigo a moribunda, quando huma das Religiosas, que via que naõ faria falta onde concorriaõ todas, recolhendo-se a ajudalla, antes com oraçoens, que com assistencias (assim era facil em levantar a Deos o espirito) vio que se lhe representava huma luzida escada, e que por ella sobia a Madre Sor Theresa com hum habito como a neve, naõ já de grizé grosseiro, mas fino, e apurado; naõ cuberta com manto preto, mas trocado este em hum vivo resplandor, em que se hia accendendo o ar, até que apagando-o huma nuvem, desappareceo a visaõ. Levantou-se, e banhada em espiritual gozo a Religiosa chegou onde Sor Theresa acabava de espirar, consolando as saudades de a naõ achar, com a venturosa certeza de a ter visto partir. Naõ ficou noticia de quem fosse esta Religiosa; nem as que tem similhantes successos nesta Casa, permittem de si outra.

Mas ainda o Ceo a quiz repetir em segundo testemunho da felicidade de Sor Theresa. Era esta Madre dotada de grandes prendas, naturaes, como adquiridas, hum genio docil, e facil para aprender tudo, o a que se quiz applicar. Tocara no seculo alguns instrumentos com destreza, quiz melhorar a habilidade na Clausura, servindo a Deos com ella, e foy a primeira, que naquelle Coro ajudou o devoto de sua musica com o fundamento da viola de arco, como a que escutara o conselho, e imitara o exercicio daquelle Rey (taõ aceito a Deos) que ao seu Psalterio lhe entoava aquella discreta melodia, que hoje se escutava na Igreja, convidando aos Justos, que o louvassem em variedade de instrumentos.

Assim querem affirmar que estimou o Senhor aquelle sincero, e religioso obsequio desta Madre, porque falecida ao levarem seu corpo para a sepultura, e detendo-se a Communidade no Officio della no ante-Coro, cantando como he costume, as vozes singelas, e tristes, foy ouvido entre ellas o instrumento, que tocara em vida,

Laudate eum in tympano, & Choro, laudate eum in chordis, & Organo. Psalm. CXLIV.

da, com clara, e diſtinta conſonancia de trez Religioſas, que eſtavaõ na Enfermaria. Parece, que aſſiſtiaõ os Anjos, ou a pagarlhe na meſma moeda o que merecera, ou a ſupprir a ſua falta. Naõ ſe conheceo (neſte particular) deſpois de ſua morte, nenhuma no Coro, porque eſta Madre deixara diſcipulas já deſtras para acompanhallo.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Jeronyma de Jeſus, e Sor Maria da Piedade.

Agrum hunc Ecleſiæ fertilem cerno, nunc integritatis flore vernantem, nunc viduitatis gravitate pollentem. D. Amb. de viduis.

ALlegorizou ſabiamente S. Ambroſio, chamando á Igreja fertil campo, onde naõ ſó ſe achaõ as flores das ſagradas Virgens; mas tambem as plantas das ſantas viuvas, ſendo aquellas victimas ao Ceo de intactas purezas, e eſpirituaes fragrancias, como eſtas com os frutos, que Deos para ſeu ſerviço quer multiplicados. E naõ menos afermozeaõ, e adornaõ o campo da Igreja eſtas arvores, que aquellas flores, por iſſo ſe naõ eſtreitou ſó a jardim, alargouſe a campo, em que dando lugar ao fragranre de humas, e ao fructifero de outras, ſirvaõ ambas a hum, e outro eſtado de ſempre verde, e immarceſcivel eſperança, aſſiſtidas, e fecundadas do copioſo orvalho da graça.

Aſſim o moſtrou o Ceo no ſagrado campo deſte Moſteiro, ou neſta eſtampa ſua, como campo ſagrado, onde naõ ſó ſe viraõ as mimoſas, e intactas flores da virgindade; mas tambem as fructiferas plantas de eſtado conjugal, em que primeiro viveraõ exemplar, e ſantamente as Madres, de que agora fallaremos. Huma dellas foy a Madre Sor Jeronyma de Jeſus, no ſeculo Dona Jeronyma Ferràz, filha de André Machado da Sylveira, e de Jeronyma Ferraz. Teve nos primeiros annos o eſtado de caſada, buſcada como nobre, e como rica; prendas, que ella ſoube aproveitar para ſervir a Deos em eſtado, em que parece o faria ſó ao Mundo; porque a nobreza a aconſelhou modeſta, e a riqueza caritativa. Mãy dos pobres, naõ ſó lhe achavaõ a toda a hora as maons abertas para a eſmola; mas tambem o coraçaõ para a laſtima.

Na piedade Chriſtãa, com que doutrinava, e compunha ſua familia, antes parecia ſua caſa hum concertado Moſteiro, que vivenda de ricos da terra. Aſſim paſſou em paz, e ſocego conjugal muitos annos; já entrada nelles, foy Deos ſervido de a ſoltar daquella prizaõ, deixando-a viuva; liberdade, que ella eſtimou, para melhorar de cadea, buſcando-a (para eſperar a morte) na ditoſa mortalha Dominicana. Naõ a atemorizava o entrar na vinha já na undecima hora, porque intentava ſupprir o tempo com a diligencia, ou naõ ignorava, que o premio naõ reſpeitava o tempo, ſenaõ o ſerviço. Conhecia, que coſtumando naquella idade convidar o deſcanço, naõ era menos natural o eſcutar o deſengano de o naõ poder lograr muito. Nada lhe parecia mais a propoſito para aquelles ultimos annos, que fazellos primeiros, ſervindo, já que naõ

podia

podia vivendo; naõ ſe lhe repreſentando muito caducos para trabalho, em que tambem haviaõ de entrar os deſejos.

Com os mais vivos de merecer, começou a pizar o caminho da obſervancia, tomando o habito neſta Caſa, e correndo o anno de approvaçaõ, com eſpirito, e com forças mais naſcidas delle, que eſperadas daquella idade. Parece, que eſcutara eſta Madre, que eraõ os Juſtos o Feniz da graça, em que ateado o fogo do amor de Deos, ſabe trocar as cinzas em novas forças; e como ſe a caridade a remoçara, aſſim ſe achava já com tantas, que a nenhuma Religioſa queria ſer ſegunda, inda no mais cuſtoſo ſerviço da Caſa. Aſſim eſquecida da que tivera, e daquelles annos, que agora tinha, ſe achava entre os poucos das que a cercavaõ, taõ naturalizada, que pouco tinha que vencer nella a caridade fraternal, para a igualdade, que ſó deſmentia em querer ſer mais que todas humilde.

Era a Madre Sor Jeronyma deſtra no Latim, que pronunciava, e conſtruia, como quem o eſtudara pela devoçaõ de entender o que lia; emprego que deviaõ tomar todas as Religioſas, por ſe naõ privarem das ſuavidades, e recreyo de eſpirito que continuamente ſe offerecem na intelligencia da reza. Grande lucro, para taõ pequeno trabalho! Aſſim eraõ as ſuas praticas com as Noviças, antes claſſe eſpiritual, que converſaçaõ domeſtica. Aſſim as enſinava, aſſim as accendia em amor de Deos com aquellas palavras, que ſahindo-lhe do coraçaõ, haviaõ de vir accezas; e ſendo effeitos da meditaçaõ continua das feſtividades, e myſterios, que propoem a Igreja, haviaõ de confirmar a refórma das conſciencias, e provocar a repetidas acçoens de graças.

Nas mais obrigaçoens de Religioſa, e daquella Caſa, nas diſciplinas, nos jejuns, no recolhimento, na aſſiſtencia do Coro, e mais exercicios taõ deſvelada, como quem vinha a vingarſe do tempo, que os naõ tivera. Aſſim nem apertada de achaques, nem carregada de annos, deu ouvidos aos Medicos, que lhe aconſelhavaõ o pedir, ou aceitar diſpoſiçoens. Entendia, que naõ ſerviaõ eſtas de mais que retardar na carreira da virtude, e receava bem, que aſſim retardada, antes que chegaſſe ao fim da perfeiçaõ, ſe lhe chegaſſe o da vida. A conſtancia, com que continuava os trabalhos della, lhe apreſſou mais huma larga doença, e taõ penoſa, que bem conheceo, que lhe queria o Ceo exercitar a paciencia; aſſim ſe lhe naõ ouvia huma queixa, antes pondo-ſe da parte das dores, as fomentava com os deſcommodos, pedindo á enfermeira, que nos remedios, e alivios foſſe ella a ultima, antes talvez eſcuſando-a das diligencias de enfermeira, como couſa, de que já ſe naõ devia fazer caſo na vida.

Só huma couſa a tinha deſconſolada, que era naõ poder commungar as vezes, que quizera; ardentiſſima devoçaõ a levava áquella maravilha dos myſterios, inſaciavel a ancia de goſtar a miudo aquella ſuave Ambroſia da Euchariſtia. Aſſim

preza,

preza, e como entrevada, pedia ás Religiofas, que hiaõ para o Coro, que da fua parte diffeffem a feu Senhor, e Deos Sacramentado, que a fua efcrava fe lhe fazia lembrada: e que lhe trouxeffem repofta. Conheciaõ as Religiofas, que naõ tinha Sor Jeronyma outra confolaçaõ na vida; cada huma lhe levava por repofta feu ramo de Pfalmo do Officio do Sacramento; alegrava-fe com elle, e explicava-o a todas com humas razoens taõ vivas, e genuinas, que pareciaõ illuftradas.

Naõ ficou fem premio conhecido efte fervorofo, e ardente affecto. Aggravando-felhe a doença, e difparando em violentos vomitos, mandaraõ os Medicos facramentalla; affligiaõ-fe ás Religiofas, vendo a impoffibilidade de receber aquelle foberano bocado, de que fó fe moftrava faminta, e que naquella hora lhe defejavaõ todas como a Catholica. Mas ella refpondia a todas fegura, que naõ partiria fua alma fem goftar aquella delicia. Nem baftava para desdizerfe, o ver aggravar o achaque, e tella a violenta continuaçaõ dos vomitos ás portas da morte; e já ungida, continuava na mefma efperança.

Veyo o Viatico a outra Religiofa, pedio que o queria ver, e adorar, o que fez com grande fuavidade de efpirito, fegurando a todas, que ainda que a viaõ taõ atribulada, naõ defconfiaffem, que ella efperava naquelle Senhor, que ainda lhe havia de fazer outra vifita, e ella ainda em vida hofpedallo em fua alma. Affim foy, porque ao feguinte dia ceffaraõ de todo os vomitos, recebeo o Senhor como efperava, e logo lhe entregou a alma em que o recebera, em huma fefta feira 15. de Setembro de 1628. Ficaraõ as Religiofas trocando a laftima em enveja, porque do eftylo de receber aquelle Santo Viatico, bem fe inferia o caminho, que levava feu efpirito.

Sufpendida tambem com o eftado de cafada, viveo a Madre Sor Maria da Piedade alguns annos no feculo, fufpirando deixallo. A obediencia dos pays lhe prendeo as maons para aquelle laço. A nobreza, e o dote, o fizeraõ mais appetecido. Deraõ-lhe em Balthafar de Sá hum nobre efpofo. Pouco lhe parecia a ella o nobre, fó o fufpirava Celefte. Naõ pode a refiftencia fuftentar a efcolha; entraraõ os pays a difpor da vontade, que naõ era fua. Ella na fogeiçaõ moftrou, que era filha; elles mal, que eraõ pays na violencia. Grande defatino deftes! Como fe podeffem adquirir mais dominio nos que geraõ filhos, que o mefmo Deos nos que aníma creaturas! A quantos defmanchos tem auctorizado efte engano, fem nenhum delles paffar a exemplo! Olhem os pays, que niffo os daõ aos filhos; porque de fazerem aquelles o que naõ podem, vem eftes defpois a fazer o que naõ devem.

Sogeitoufe em fim Dona Maria da Cofta; (que efte foy no feculo o nome da Madre Sor Maria) mas conhecendo, que a Cruz dos que feguiaõ o verdadeiro Meftre da vida, naõ tinha materia determinada, daquelle eftado fez a fua com taes circunf-

circunftancias de Catholica, caritativa, penitente, e reformada; que o mefmo Chrifto em huma occafiaõ lhe appareceo com huma em os hombros, e taõ pezada, que qualquer outra lhe pareceo leve dalli em diante. Eftava Sor Maria em oraçaõ, exercicio, que com fuavidade grande de fua alma lhe levava o mais do tempo, furtado ao precifo, em que difpunha, e governava fua familia. Bem entendeo, que o Senhor a convidava para a Cruz da Religiaõ; favor, que ella fabia merecer na continua dor de o naõ poder executar.

Affim era fua vida hum quotidiano fufpiro da melhor, que efperava, occupando efta em taõ fervorofos, e repetidos actos de caridade, que o mefmo Chrifto lhe moftrou muitas vezes, que lhe naõ defagradava nella, fuccedendo-lhe algumas (ao acabar de fazer efmolas) achar em os braços da Imagem de hum Crucifixo huma rofa, em tempo em que naõ as havia. Aquella era a nova rubrica, em que acabava de entender o enigma da fua Cruz, abraçada pelos meyos de mortificada, e caritativa; iffo lhe parecia, que indicavaõ os efpinhos, e cor daquella rofa.

Por efte eftylo a exercitou o Ceo alguns annos, e fendo eftes os em que fe fundou, e povoou efta Cafa, conhecida, e admirada de todos a refórma della, logo Sor Maria refolveo comfigo, que naõ efcolheria outra; affim já com amor de filha, lhe acodia com groffas efmolas; chegou finalmente a colher o fruto dellas, vendo-fe livre daquella cadea, de que o Ceo a aliviou por morte do marido, e de hum filho (tinha já outro de annos antes tomado eftado) reftava huma neta, que amava com ternura de duas vezes mãy, contentoufe com lhe deixar parte do que tinha, e paffou a efta Cafa com huma tal refoluçaõ de efpirito, que nem annos, nem achaques, nem afperezas, a fufpenderaõ nas do noviciado, paffando a profeffar taõ alegre, como fenaõ reduzira a ley os empregos de penitente.

Nenhum tinha Sor Maria, que com mais gofto feu a convidaffe, achando fó no afpero daquella vida huma falta, que era a liberalidade de dar huma efmola. Mas o que faltava no exercicio das maons, fobrava no dos olhos; com as lagrimas nelles a achavaõ os pobres, e fó lhas enxugava o poder paffar aquella ancia á affiftencia dos doentes. Era Sor Maria commumente huma dellas, que os annos perfeguidos de mortificaçaõ continua, podiaõ mais que a fua refiftencia; mas nada havia, que lha fizeffe a coftume de gaftar a mayor parte do dia, e noite no Coro; já a contemplaçaõ parecia natureza, porque defde menina a exercitara, e com taõ vivo interior gozo de fua alma, que rebentava fóra em huma defufada alegria; affim fahia fempre do Coro; e fufpeitando as Religiofas o que feria, nenhuma lho perguntava, porque na fua candidez, e fingeleza, mais fe efperava o merecer favores, que a explicaçaõ delles.

Naõ a podia haver mais clara, que a de fuas lagrimas, quando chegava á mefa da Sagrada

grada Communhaõ, taõ copiosas estas primeiro, como despois abrazados os suspiros, e mal reprimidos os soluços, que parecia, que lhe naõ cabia o coraçaõ no peito, ou que lhe naõ cabia no peito aquelle suspirado bem, que hospedara em seu coraçaõ. Observantissima do silencio em toda sua vida, fóra das horas da licença se lhe naõ ouvio, nem por descuido, huma palavra; menos queixosa, naõ tendo parte no corpo, a que os achaques lhe naõ tivessem repartido hum martyrio; assim podia dizer, que antes que vida achaquosa, era a sua huma doença continuada.

Mas aggravaraõ-se com a continuaçaõ os males; cahio de todo enferma, nem os annos, nem a casta da doença permittiaõ esperanças de vida; pedio, e recebeo os Sacramentos com mostras, e misturas de contriçaõ, e delicia de compunçaõ, e suavidade. Com as mesmas repetia (naõ sendo de antes polida na pronuncia do Latim) alguns versos de Psalmos com boa, e limada expressiva, e melhor accommodaçaõ para aquella hora. Particularmente: *Illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte, ne quando dicat inimicus meus, prævalui adversus eum.* E talvez rompendo em demonstraçoens de sagrada, e desmedida alegria, levantava a voz, acompanhada com os meneyos dos dedos, como se tocara Orgaõ (nelle tinha sido destra) e repetia com accento musico: *Post tenebras spero lucem.* Venturoso espirito, que imitando na vida a candidez do Cisne, passava a seguillo nos privilegios da morte! Assim cantava nella alegre, e festiva, sem que lhe entristecesse, e nevoasse os olhos o anoitecerlhe o dia da vida; antes como se já nelles lhe feriraõ os rayos da immortal Aurora.

Entendeose, que teve esta Madre revelaçaõ do dia, em que havia de passar a lograr as luzes della, porque sahindo de hum termo, disse com vóz percebida de todas: *Sesta feira corpo á terra.* Pareceo entaõ delirio, pelo tempo que hia da segunda, que entaõ era, á sesta feira, de que parece fallava, quando já se lhe contava por horas a vida. Mas o successo fez despois pezar mais o dito. Naquelle estado foy durando, sendo raras as horas, que se apartava da Imagem de hum Crucifixo, e algumas vezes dando a entender, que a provocava o demonio (ou para lhe estorvar a devoçaõ, ou para lhe enfraquecer a Fé) forcejava com a maõ algumas acçoens, encaminhadas aos pés da cama, como em castigo de quem alli estava, e desprezo do que lhe fazia. Assim chegou até a quinta feira, em que com as ultimas demonstraçoens de estreita uniaõ, e conformidade com Deos, lhe entregou a alma em 7. de Dezembro de 633. vindo a enterrar-se á sesta feira, e a julgarse por ditosa a singeleza, com que o segurara.

CAPITULO XVI.

Da Madre Sor Francisca da Encarnaçaõ.

Estáseme figurando ao lançar os olhos para a muita nobreza, que começou a po-

voar eſta Caſa (e ainda hoje a povoa) que a eſcolheo Deos para ſeu Palacio na terra; ſeria, a noſſo modo de fallar, como obrigado do titulo de Monarcha, com que no Sacramento quiz, que o reconheceſſe o Mundo, ſendo aquelle homem Rey, que celebrando as bodas do filho, poz aos convidados hum banquete eſplendido. Aſſim corria a nobreza a qualificarſe neſta Caſa, ſendo ſem duvida a do eſpirito a verdadeira nobreza. Foy venturoſa a dos Condes do Baſto Dom Diogo de Caſtro, e Dona Joanna de Mendonça, que tendo ſeis filhas, ſó duas lhe roubou o Mundo, paſſando-ſe as quatro a eſte ſanto Palacio. Entre eſtas era a de menos idade a Madre Sor Franciſca da Encarnaçaõ, que logo nos primeiros annos começou a pizar as eſperanças, com que a liſongeava o Mundo (em eſtado devido á ſua qualidade, e ás ſuas prendas) ſuſpirando ſó as eſtreitas, e pobres paredes de huma Recoleta, a que convidando as irmãas, affirmava, que naõ querendo acompanhalla, ella ſó abraçaria eſta vida.

A' ſegurança de o propor ſe ſeguio a reſoluçaõ de o abraçar com animo taõ inflexivel, que nem a debilidade de ſuas forças, nem o continuo ameaço de ſeus achaques baſtaraõ a ſuſpendella, ou retardalla, entrando pelas portas deſta ſanta Clauſura, com tanto goſto de ſua alma, que o dia de ſua Profiſſaõ teve pelo mais ditoſo de ſua vida. Começou a fazella taõ rigoroſa, e auſtera, que excedendo as cuſtoſas obrigaçoens, naõ ſó da Regra, mas da Caſa, na oraçaõ, nos cilicios, nas diſciplinas, era outro novo martyrio a diligencia de occultallas. Via, que naõ chegavaõ a tanto ſuas forças, temia o preceito da Prelada, ou para melhor, os aſſaltos da vangloria, ladraõ, com quem no caminho da vida ſe arriſcaõ publicos os theſouros da alma.

Padecia rigoroſiſſimas febres, ſem que os incendios, que lhe trocavaõ a boca em huma chaga, lha abriſſem para a queixa. Aſſim a trazia fechada no meyo de grandes, e continuas moleſtias, que ſem que eſtas lhe ſerviſſem de eſcuſas, aceitou o officio de Enfermeira, de que antes podia ſer ſervida, que occupada. Mas dobravaõ-lhe os eſpiritos os alentos da caridade, que podiaõ diminuirlhos, ſendo a caridade a que faz os males alheyos proprios, porque na ſua debilidade vinhaõ a ſer inſoportaveis unidos os proprios, e os alheyos. Doia-ſe aſſim delles, que tendo neſta Caſa as enfermeiras por companheira huma irmãa Converſa, ella ſe deſvelava de ſorte para o mayor, ou todo o trabalho, como ſe antes lhe deraõ a Irmãa para teſtemuha, que para companheira. Ella era a que ſe adiantava a fazer as curas, mais ligeira para as mais aſqueroſas; ella a que tomava á ſua conta a limpeza das enfermas, como ſe o delicado das maons, e do eſtomago, naõ ſoubeſſe eſtranhar immundicias.

Mas agradava-ſe aſſim Deos das occupaçoens de Sor Franciſca neſta officina, que ſem duvida a acompanhava nella com huma ſingular providencia. Foy reparo, que fizeraõ algumas Religio-

ligiosas bem intencionadas; porque lançando conta ao que se dava a Sor Francisca para o gasto de sua Enfermaria em toda a semana, e sendo taõ pouco, que naõ era bastante para acaballa, havia continua experiencia, que as suas doentes naõ só naõ experimentavaõ faltas, mas ainda lhes sobejavaõ mimos. Assim crescia o sustento nas maons desta mulher forte, desvelada, e caritativa dispenseira com aquella familia necessitada.

Exacta no silencio, nem nos exercicios de procuradeira, em que he preciso o trato com toda a Casa, se lhe ouvia palavra, que naõ fosse precisa; nem a occupaçaõ lhe embaraçava tomar os seus dias de retiro (sempre exercitados neste Mosteiro) e costumava dizer, que entre as occasioens, que parece o destroem, se conservava mais meritorio; tal era a paz, e socego interior de seu espirito, ou taõ pouco o que a apartava de Deos nenhum commercio. Fizeraõ-na Sacristãa, occupaçaõ, que aceitou mais gostosa, e com o alvoroço de assistir ao culto Divino; mas segurou logo, que aquelle suave trabalho lhe naõ duraria hum anno, porque primeiro acabaria a vida, que o officio. O effeito mostrou de donde lhe viera similhante noticia. Naõ lhe tardou huma doença taõ perigosa, que se lhe gerou no peito huma postema; mas os desejos de servir na sua officina a enganaraõ, que convalecia della. Era pela Paschoa, assim chegou ao Oitavario de Corpus, em que cahio de huma febre aguda.

Desenganaraõ-na logo os Medicos, que se dispozesse para morrer. Respondeo segura: *Que nunca tratara de outra cousa.* Muito antes, andando mal convalecida, sonhou, que se via no Tribunal da verdade, e que lhe seguravaõ, que Deos tinha já dado a sentença de que morresse brevemente. Ao principio olhou para a imaginaçaõ como sonho; despois entrando em algum reparo, disse-o ao Confessor (era o Mestre Frey André de Santo Thomaz, entaõ Vigario nesta Casa) respondeo-lhe: *Que similhantes sonhos, era prudencia Christãa tomallos como avisos.* De entaõ naõ fez acçaõ Sor Francisca, que naõ fosse disporse para a ultima hora. Assim a achava agora o desengano della; escutou-a antes alegre, que assustada; e dizendo-lhe huma Religiosa, que era tempo de tomar o Viatico, e a Unçaõ, levantou ao Ceo as maons, e olhos, e enchendo-se-lhe estes de lagrimas, disse, como se lhe chegara a noticia do seu resgate: *In te, Domine, speravi, non confundar in æternum: Senhor, sempre esperey em vós, que naõ heide verme em eterna confusaõ.* E voltando para suas irmãas, que lhe assistiaõ, e ainda lhe propunhaõ esperança de vida, respondeo: *Que ella sabia muito bem, que se naõ levantaria daquella cama, porque se naõ enganava quem lho dissera.* Mas tornando em si com dissimulaçaõ, deu a entender, que fora huma Religiosa de bom nome nesta Casa.

Recebeo os Sacramentos, estando tanto em si, e taõ confiada em Deos, que naõ havia nella demonstraçaõ, que naõ parecesse alvoroço. Crescia a febre,

bre, e vencia-a o sono; pedio, que a despertassem, e lhe lessem a Paixaõ do Senhor, e que naquella cella se naõ fallasse mais, que em Deos; e esforçando a voz, como que sem reparo se valia daquelle desafogo, disse: *Ay meu Senhor Jesus, como póde ser, que devendo estar chea de alvoroço para vos ver, esteja dormindo como se fora hum bruto? Em vossas Divinas Chagas confio que as portas do Inferno estaõ cerradas para mim; e que só o Purgatorio será estalagem, por onde heide passar.* Ficou socegada, e voltando ás irmãas, lhes advertio, que na Sacristia ficava hum vestido do Menino Jesus, que naõ podera acabar, e algumas cousas de aceyo dos Altares, que lhes pedia acabassem tudo, porque queria dizer ao Senhor nas ultimas contas, que o vira nú, e que o vestira.

Era notavel a advertencia, e o acordo, com que estava. Despois de pedir perdaõ á Communidade, voltou á Prelada, e com muita humildade lhe pedio, que feitos os officios da sepultura, désse huma recreaçaõ ás Religiosas; pelo muito trabalho, que tinhaõ tido com ella naquella doença. Assistialhe huma Religiosa muito medrosa, a quem havia tempos dissera que lhe havia de apparecer despois de morta: voltouse a ella, e disse-lhe: *Madre, naõ se assuste; que eu naõ hey de apparecerlhe.*

Era morta Dona Paula sua irmãa mais moça (que falecera Dama da Rainha em Castella) e como na morte se lhe seguia ella, que era a mais moça; reparou que estava mais suspensa Sor Filippa, que era das trez, que ficavaõ, a irmã mais moça, e disselhe: *Minha irmãa, naõ cuideis que me haveis de seguir a mim; que agora ha de começar a morte pelas mais velhas.* Viose despois a segurança com que o dissera, porque a primeira, que faleceo, foy Sor Marianna, que das trez era a mais velha; despois Sor Catharina; e Sor Filippa, que era a mais moça, faleceo a ultima.

Pedio logo a huma das irmãas, que rezasse com ella o nome de Nossa Senhora, que saõ cinco Psalmos, e cinco Antiphonas, que principiaõ confórme as letras, que no nome de MARIA se vaõ seguindo. He devoçaõ usada nas Casas de mais refórma nesta Provincia, quando á noite se toca a silencio; reza-se na casa, que commummente chamaõ das Horas, Altar consagrado á Rainha dos Anjos, em que se lhe reza o Officio Menor. Mas já se lhe hiaõ quebrando os olhos, e enfiando o rosto. Entraraõ os Padres para o Officio da agonia. Levantou os olhos, e disse segura: *Somos entradas na ultima batalha. Dominus incepit, ipse perficiet: O Senhor, que o principiou, esse mesmo o acabe.* Assim esteve com socego, ouvindo, e ajudando o officio, com perfeito, e desembaraçado conhecimento. Acabado elle, poz os olhos no Ceo, e cerrando-os brandamente, passou a lograr nelle a eterna felicidade. Ficou taõ composta, e com taõ boa cor no rosto, como se vivendo descançara em suave sono. Faleceo em huma terça feira, 9. de Julho de 1630.

CAPITULO XVII.

Da Irmãa Conversa Soror Victoria da Cruz.

GRandes segredos os da Providencia Divina, expostos antes ao nosso assombro, que ao nosso conhecimento! Admiraçaõ, em que despois de extatico, e absorto, rompia aquelle grande argumento della, S. Paulo, levantando os olhos aos desusados, e escondidos caminhos da misericordia. Grande Sacramento desta, que huma creatura sem idade, e conhecimento para merecer, comece a pizar as estradas do Mundo, já aconselhada do Ceo. Viose, e admirouse em Sor Victoria.

Nasceo filha de pays humildes, e taõ pobres, que para naõ deixarem o quotidiano trabalho, de que viviaõ, se valiaõ da industria da filha (naõ permittida ainda de seus annos) mandando-a á Cidade, a comprar, e a vender o de que necessitava, ou adquiria seu trabalho, e sua pobreza. Viviaõ em Bemfica, donde eraõ naturaes; passava continuamente a filha a Lisboa; e com ser o trabalho como a distancia, assim negociava Victoria, que lhe sobejava tempo para o continuo exercicio da oraçaõ. Nem lhe serviaõ as estradas de embaraço para elle, menos o trafego, e tumulto da Cidade, a que absorta na contemplaçaõ de Deos, tinha pela mesma Jerusalem Triunfante, vivenda da gloria, e a gente, que via, e tratava por Anjos Cidadaons della.

Naõ se admirem os credulos das aereas, e industriosas transformaçoens da Magia, das Circes, das Medeas, de supersticiosas hervas, de pedras encantadoras, trocando os homens em brutos, os montes em Castellos, o dia em sombras, a serenidade em tormentas, e as mais methamorphoses, com que o artificio diabolico, ou fabuloso enganou a cegueira dos homens, ou barbaros, ou estultos; que mayor poder, e verdadeira transformaçaõ he a que o amor de Deos sabe exercitar nas cousas creadas, e caducas, trocando em nada o tudo dellas, ou levando a ser tudo do Ceo o nada da terra, como usava com a singeleza santa daquelles poucos annos, e inculpavel oraçaõ de Victoria, transformando-lhe a Cidade da terra em a de Siam, estavel, e venturosa, o tumulto em sonoros Hymnos, e acçaõ de graças, os homens, e creaturas humanas em Angelicas.

Caso novo, mas referido, e testemunhado pelo seu Confessor, Religioso Carmelita Descalço, sogeito de letras, e espirito, chegando a dizer, que aquella alma por singular mimo de Deos, andava sempre em sua presença. Já Victoria parece que gostava neste valle de miserias aquella ditosa segurança do monte das eternidades; elevada vivenda, a que naõ chegaõ as perturbaçoens da terra. Assim se podia affirmar, vendo a familiaridade, que tinhaõ com ella os domesticos de Deos.

Passava hum dia á Cidade, encontrou-a a caso hum homem, (desconhecido seria, pelo que mostrou o successo, destes que o saõ no Mundo, mas naõ nos

olhos

olhos do Senhor delle) Reparou nella, e chegando-ſe com aſſombro a ſaudalla, lhe perguntou quem era? Naõ eſtava Victoria coſtumada a deterſe com praticas, nem a eſcutar perguntas; pareceolhe aquella demaſiada de curioſa; reſpondeo que lhe naõ importava. Continuou ſeu caminho cuidadoſa mais no penſamento, que ſempre trazia, que na importancia, que a levava; naõ reparou que o bom homem a ſeguia: recolheoſe a Bemfica; ſoube elle a Caſa, inquirio ſua vida, achou as noticias, que ſuppunha, e buſcando mayor clareza, alcançou, que em Carnide, lugar viſinho, vivia o Religioſo, que a confeſſava; eſta era ſua mayor importancia; parte ſem detença, procura o Religioſo, lança-ſelhe aos pés, pedelhe que o eſcute; e entre alvoroços, e ſumiſſoens de compungido, e admirado, lhe diz aſſim:

Padre, ſey que tendes a voſſo cargo huma alma mimoſa de Deos: e porque elle ſem duvida he ſervido de que ſe conheça o quanto o he ſua, vos buſco para darvos eſta noticia. Seu nome he Victoria, ſua vivenda Bemfica: baſta para inteirarvos de quem ſeja. No caminho da Cidade a encontrey hoje, em campo ſó, e deſembaraçado; ao longe me fez novidade ver huma mulher entre dous mancebos com trage deſconhecido, e pouco uſado, tunicas brancas, e cabeças deſcubertas. Apreſſeime aſſuſtado, achey mayor prodigio, porque dos roſtos de ambos graciofos, e modeſtos ſahiaõ vivos rayos, como teſtemunhando que naõ ſeriaõ menos que dous Eſpiritos Angelicos. Caminhavaõ compaſſados, e ſeſudos, ſem que a ditoſa montanheza, a que faziaõ companhia, déſſe fé da que levava. Saudeya, e pergunteilhe quem era, taõ confuſo, e admirado, como o pedia o que me eſtava ſuccedendo; entendeo que ſeria em mim curioſidade de caminhante, paſſou ſem deferirme; ſegui-a, agradecendo ao Ceo o favor de buſcar em mim huma taõ vil creatura para teſtemunha dos que fazia áquella alma: aſſim permittio elle, que até de quem ſabia tanto della, tiveſſe eu noticia: ſó vós a podeis dar deſte prodigio, que ſabeis de ſua conſciencia; que na minha boca parecerá loucura, como na dos que naõ achaõ ouvidos no Mundo, por deſauthorizados, e deſvalidos.

Aſſim callou o homem, admirando; mas naõ o ficou o bom Religioſo do ſucceſſo, como quem mais vezes os eſcutava ſemelhantes; e elle foy o que divulgou eſte, ſendo culpavel a grande omiſſaõ de quem pondo-o em memoria, a naõ fez do nome do homem, e do Religioſo, ſendo crivel que naõ coſtuma o Ceo fazer linces de ſimilhantes ſegredos, menos que a eſpiritos, em que eſconde muitos.

Quem aſſim vivia entre a familia de Deos, bem ſe entende que ainda na terra ſeria Celeſte a ſua vida: eſta continuou Victoria até os vinte annos, já taõ conhecida, e venerada ſua virtude, que naõ eſcutaraõ as Religioſas deſta Caſa outra valia para a aceitarem nella por companheira. Aſſim entrou por Irmãa Converſa; e com taõ adiantado eſpirito, que naõ ſó ſervia a todas de conſolaçaõ, ſenaõ de exem-

plo.

plo. Naõ fe feguia menos do eftylo de fua vida paffada, e da grande refoluçaõ com que abraçava aquella taõ eftreita, taõ auftera, naõ fó com ancia de a obfervar, mas ainda de a exceder.

Os jejuns continuos, a reçaõ naõ fó apoucada, mas com novo, e rigorofo tempêro, afpera, e amargofa, commumente fria, ou cuberta de cinza. Naõ fe melhorava na bebida, talvez mifturava fél na agua. O fegredo com que queria continuar efte facrificio do gofto, a levava com muito a fervir a cofinha, e de caminho aquelle exercicio de fe ver no ultimo grao do abatimento. Nas mortificaçoens fofrida; apertava fobre o peito huma Cruz cuberta de agudas pontas de ferro, do mefmo feitio era o cilicio, de que ufou fempre, e nem efte continuo tormento a difpenfava de outro, tirando-lhe das maons a difciplina; cada dia tomava huma.

A oraçaõ lhe levava todo o tempo, que o ferviço da Communidade lhe deixava livre, tirando de livros efpirituaes os motivos da contemplaçaõ. Efte o intereffe, que a convidou a aprender a ler, affim os do noffo idioma, como os do Latino, de que entendia muito. Defta liçaõ tirava grande fuavidade para as continuas meditaçoens de feu efpirito, mas em quanto efte fe deleitava, naõ defcançava o corpo, achando induftria para ufar ao mefmo tempo de huma, e outra vida. Aprendeo alguns officios, em que podia fer de proveito á Communidade. Corriaõ as Religiofas a occupalla, achavaõ-na todas, como fe foraõ huma, affim igual para todas. Trabalhavaõ as maons, voava o penfamento, efte fempre mais ligeiro em unirfe com Deos, aquellas naõ com menos ancia caritativa. Toda era para Deos, e nella para o proximo toda; daquella lavareda, que fobia, era efta a braza, que lhe ficava.

Nefte eftylo de vida fe achava muy mimofa, e quiz o Senhor provar fua paciencia. Começou a fentir interiores defconfolaçoens, aridez de efpirito, defpido de toda a fuavidade delle. Entendeo o exame de fua conftancia, na refignaçaõ livrou a mayor delicia. Dalli começou a refpirar já como triunfante daquelle combate, a arder em goftofa chamma de caridade, daqui em ardentiffima ancia da falvaçaõ das almas, encaminhando todos feus exercicios a efte unico bem dellas.

Entendia-fe affim do fervor, com que talvez praticava efta materia, naõ por fe lhe ouvir nunca palavra com a menor noticia do que paffava no interior de fua alma, como quem fabia recatar aquelle thefouro dos affaltos da vangloria. Huma unica Religiofa de conhecida virtude, a tratava mais familiarmente, e feus Confeffores. Eftes com tanta eftimaçaõ, que dando-lhe hum accidente, de que entenderaõ, naõ efcapaffe, ao fahir de confeffalla o Meftre Frey André de Santo Thomaz (era entaõ Vigario) diffe para as Religiofas: *Naõ fabem Madres, o que perdem na Irmãa, que eftá naquella cama.* Era o Meftre Frey André muy confiderado, oppofto ás licenças de apregoar virtudes, e canonizar

efpi-

eſpiritos no eſtado de viadores; mas entendeo, que naõ tardaria aquelle em pagar ao das eternas felicidades; eſte reparo a deixou alargar áquella noticia.

Mas nada luzia tanto nas acçoens de Sor Victoria (como couſa, que lhe naõ cabia no coraçaõ) como o zelo da honra de Deos, e obſervancia regular. Na minima particularidade das Conſtituiçoens da Ordem, na menor circunſtancia das ordenaçoens dos Prelados, eſtava taõ advertida, e andava taõ reſiſtada, que deſpois de obſervante, a achava o menor deſcuido zeladora. Aſſim era eſta a materia, em que a eſcutavaõ affouta, ſendo no mais humilde, e encolhida; e naõ havendo para ella emprego de mais cuidado, que agradar as Religioſas, nem reparo mais advertido, que o de naõ exceder a esféra de Freira Converſa, ſó aquelle era o ponto, em que aventurava o ficar bem aceita, ou o ſahir eſtranhada.

Reſtavalhe já pouco da vida, e quiz Deos dobrarlhe o merecimento, para que lhe luziſſe na coroa. Enfermou de hum cancro, que lhe naſceo no peito, e nem ſendo a enfermidade taõ arriſcada, deixou de ſer neceſſario o preceito da Prelada, para a tirar da occupaçaõ da coſinha. As dores moſtravaõ, que naõ eſtava longe a morte, commetteraõ-lhe a cabeça humas, que ella chamava do Inferno; ſó eſte nome as moſtrava inſofriveis, porque ſe lhe naõ ouvia queixa, de que ſe entendeſſe, que o foſſem.

Pedio, e recebeo os Sacramentos primeiro com tanto alvoroço, deſpois com tanto ſocego, como conhecendo (no do Altar) que a vida, que alli goſtava, era a que logo ſe lhe ſeguia; aſſim poſta nas maons de Deos, eſperava a morte como eſtorvo de principialla. Aquelles dias, e horas, que ainda lhe durou a da terra, eſteve até ao ultimo eſpirito, com huma tal tranquilidade nelle, que por muitas vezes ſervio de admiraçaõ ao Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos, que lhe aſſiſtia, vendo que nem o impeto de mortaes dores, que recolhendo-ſelhe o cancro, ſe lhe eſpalharaõ por todo o corpo, nem as ſombras da morte, que já tomavaõ parte delle, podeſſem turbar o ſocego, e paz interior daquella alma (que como ſe já pizaſſe o porto, deſconhecia os ſuſtos no meyo da tormenta) fallando com juizo, e deſembaraço até á ultima hora. Chegou eſta, e com huma imperceptivel reſpiraçaõ paſſou a melhor vida, em 3. de Fevereiro de 638.

Eſte o eſtylo, com que acabaõ os inculpaveis. Nos peccadores, he o acabar, paſſar da vida para a morte; nos Juſtos, paſſar da morte para a vida. Os peccadores morrem, ſem ſaber ſe tornaráõ a viver; os Juſtos morrem, ſabendo, que naõ tornaráõ a acabar. Os peccadores morrem, ſem ſaber ſe ſua alma perecerá na morte eterna; os Juſtos morrem, ſabendo, que já naõ ha outra morte para ſua alma. Por iſſo eſtes ſocegaõ, e aquelles ſe atribulaõ.

Aſſim ficou Sor Victoria com hum taõ compoſto, e bem aſſombrado ſemblante, como ſe naõ fizera a morte mais que reſgatal-

gatalla dos achaques, e restituirlhe as cores, que perdera com elles. Testemunhava-o assim a veneraçaõ de alguns Religiosos da Ordem, que entraraõ para o officio da sepultura, e entre elles dous (de que naõ ficaraõ os nomes) de mais auctoridade, e opiniaõ de virtude, que da de Sor Victoria tinhaõ muita noticia, como os que muitas vezes a confessaraõ. Nem duvidou dizer hum delles, que o que se via naquelle corpo, eraõ reflexos de seu espirito glorioso, taõ illustrado em vida de luzes do Ceo, que alcançara ainda vivendo o conhecimento, e revelaçaõ de muitas cousas futuras. Segurava o outro (pessoa de naõ menos credito) que dando-lhe huma vez a Communhaõ, lhe vira, e admirara o rosto banhado em resplandores. A estes testemunhos, e veneraçoens (supposta a melhor experiencia de sua vida) se seguio a com que levaraõ particulas do habito, e o mais que se tocou no corpo da defunta, como joyas daquelle thesouro, que lhe escondia a terra.

CAPITULO XVIII.

Da Madre Soror Joanna do Rosario, Condessa de Vimioso, Fundadora deste Mosteiro.

Quando estes nossos escritos naõ tiveraõ mais assumpto, que o que agora nos chama, e nos auctoriza a penna, com a vida da Madre Soror Joanna, credito era desta Provincia, dar calor a esta escritura, pelos duplicados titulos, com que a esta Madre se confessa, e confessará sempre devedora, fiando se quer aos fracos hombros do nosso desvelo, esta taõ devida demonstraçaõ do seu agradecimento, no que deixamos viva a memoria de huma Heroina (verdadeiramente capaz de encher a boca da fama) como estribada nas duas grandes columnas de nobreza, e virtude, com que felizmente cresce o templo da immortalidade.

A esta Provincia deixou obrigada, e ennobrecida, porque de mais huma Casa sua (e a mais reformada) foy Fundadora, e do seu instituto foy mais huma filha, e a mais reformada (se he, que os espiritos, com que começou a respirar esta Casa, se consentiraõ precedencias na refórma). Mas vejamolo em sua vida. Nasceo a Madre Sor Joanna do Rosario (no seculo Dona Joanna de Mendonça) filha dos Condes de Basto, Dom Fernando de Castro, e Dona Filippa de Mendonça, unico mimo de seus pays, porque sobre as razoens de filha, avultavaõ nella muitas de prendas, que facilmente lhe davaõ o nome de milagre da Corte. Assim a tinha polido, e doutrinado, já naquelles poucos annos, a liçaõ dos livros, dandose com grande applicaçaõ á dos Latinos, lingua, em que se fez destrissima, com a ancia de entender as Escrituras, e os Padres.

Para o divertimento, e partes, que estima o seculo, naõ sahio menos polida nos instrumentos da Harpa, e Orgaõ, a que destrissima musica accommodava huma fermosa voz, que lhe

lhe dera o Ceo, e que ella deſpois pagou agradecida, occupando-a nos louvores de quem lha dera. Sobreſahia a todas eſtas prendas huma viveza, e graça natural em tudo o que dizia, ſem que a galantaria moleſtaſſe a minima attençaõ da modeſtia. Naõ teve mais que lhe dar a natureza; ſó o Ceo teve mais que lhe dar.

Começou a verſe pertendida do melhor da nobreza do Reyno, porque igualando a todas na qualidade, ſempre as prendas a deixavaõ exceſſiva no dote. Caſou-a ſeu pay com D. Luiz de Portugal III. Conde de Vimioſo, de que teve trez filhos, e trez filhas, até que o Ceo quiz, que excedeſſe as prendas da natureza, de que a enriquecera, com a reſoluçaõ, que agora lhe aconſelhava. Abraçou-a logo, ajuſtando com o Conde ſeu marido hum ſanto divorcio, huma repulſa ás grandezas do Mundo, huma vida para ſempre ſepultada na Clauſura, e huma ſogeiçaõ ao ſuave jugo da obediencia religioſa. Aſſim ſe apartaraõ, aſſim ſe recolheraõ. A Condeſſa neſta Caſa, que fundara; o Conde na de Almada, que eſcolhera. No principio deſte livro fica eſta noticia.

Entrada nos ſagrados Clauſtros deſta Caſa, já naõ a Condeſſa de Vimioſo, mas a humilde Sor Joanna do Roſario, nada da rigoroſa, e eſtreita obſervancia da Caſa, ſe lhe fez novo, porque o que agora dictava o preceito, já o tinha exercitado a devoçaõ; aſſim tinha ſido ſua caſa huma voluntaria recoleta, e ella taõ exemplar Prelada, que da ſua ilharga paſſaraõ duas filhas ſuas, huma a tomar o habito neſte Moſteiro, que foy Sor Filippa Aurelia de Jeſus (de que fallaremos) outra em Santa Catharina de Evora, que foy Sor Luiza de Deos, de que no ſegundo livro fica noticia. Naõ fez menos fruto na mais familia a doutrina, e exemplo da Condeſſa, que duas Ayas ſuas buſcaraõ a meſma Caſa de Santa Catharina de Evora. Eſtes os dictames, que ſe aprendiaõ, e praticavaõ naquella Caſa.

Mas nem o ter ſido Sor Joanna taõ grande Meſtra de eſpirito, lhe fez eſtranho, ou pezado o largo tempo, que deſpois foy diſcipula, porque quatro annos foy Noviça neſta Caſa, dilatando-lhe a profiſſaõ importancias grandes da ſua de Vimioſo, que ſe havia de compor para ella profeſſar. Mas aſſim abraçava o trabalho, e occupaçoens, que nas Noviças ſaõ mayores, como ſe agradecera á compoſiçaõ os vagares, e aſſim deſconhecia a cauſa delles no eſtado, que deixara, que ſempre era a primeira, que a Meſtra achava occupada, e mais contente, e ſatisfeita, quanto a occupaçaõ era mais vil, e mas penoſa. Parece, que levava os olhos a Deos, aſſim na promptidaõ, como no goſto de ſe ver ſervindo; e quiz o Senhor accreſcentar circunſtancias a eſte eſpectaculo, porque lavando humas mantas de eſtamenha, ſerviço, que pedia mais forças, que as ſuas, torceo hum braço, achando-a as dores com tanto ſofrimento, como a cauſa dellas com alvoroço.

Naſciaõ eſtes extremos do infimo conceito, que em toda

a

a materia formava de si, naõ havendo imperfeiçaõ, que naõ chamasse sua, ou acçaõ sua, que lhe naõ parecesse imperfeita, achando sempre nas alheas, que aprender, e que louvar. Mas mais no caminho da virtude, levando-se sempre de santa enveja das que via, e suppunha adiantadas nella, que na sua opiniaõ eraõ todas, e ella só a descançada, e vagarosa (assim o confessava) com mais annos de idade, e nem se quer hum passo na virtude. Eraõ palavras, que muitas vezes lhe ouviaõ repetir com magoa, e com que se confundia a si mesma.

Mas mayor sacrificio, o que fazia do entendimento, porque tendo-o claro, e polido, e ella sciente na Latinidade, era a primeira, que acodia a prover a reza na hora de exercicio, que tem as Religiosas por estatuto, provendo, e ensayando tudo, o que se ha de dizer no Coro; providencia, para que as menos destras naõ faltem á perfeiçaõ da pronuncia. Neste numero se metia dizendo, que hia aprender o que ignorava. Grande documento, estudado nas maximas do Sol das Escolas Santo Thomaz, que huma vez se escusou de dizer as Liçoens no Coro, com a desculpa de as naõ ter provido. E já era Mestre, já era grande. Assim se emmudecia a si mesmo aquelle Oraculo dos Doutores; mas porque assim o emmudecia o seu conceito, se escutava despois como Oraculo. Com que confusaõ o escutaria a ignorancia, sempre affouta, a naõ ser ignorancia! Só os nescios, que desconhecem as difficuldades, com que se logra hum acerto, se atrevem ao conceito, de que o desempenhaõ em tudo; e porque huma vez os favoreceo o acaso, em nenhuma os convenceo despois o erro.

Professou Sor Joanna, e naõ tendo, que innovar no seu estylo de vida, bastou para excessos o continualla. Era opposta a penitencias indiscretas, por excessivas, dizendo, que era necessaria muita prudencia, para naõ consumir as forças, que perdidas com aquelles rigores, se restauravaõ despois com vagares, e mais valia demorarse nas penitencias, que impossibilitarse para continuallas. Levava-a a este conceito o receyo, de que algumas Religiosas se tratavaõ com excesso, e que por este respeito viria o Mosteiro a ser mal servido. Esta advertencia repetia, vendo-se no lugar de Prelada, em que despois de larga bataria a poz a obediencia; mas sendo aquella a maxima, que praticara, assim desconfiava do seu voto, que na sua ultima doença protestou publicamente, que o dissera, porque até alli era o que alcançava; mas que como ignorante, podia errar, e ser de mais utilidade o que impedira, que o que aconselhara.

Advertencia por certo digna do seu entendimento em materia, em que naõ póde haver resoluçaõ absoluta, porque de huma parte peza a razaõ da Madre Sor Joanna (porque aquelles excessos voluntarios, inhabilitaõ para os exercicios precisos) e da outra mostra a experiencia, que quem os praticou, naõ errava; se naõ reparem em hum S. Domingos ensangoen-

ſangoentando trez vezes em huma noite (e fazia-o em todas) huma cadea de ferro em larga diſciplina. Huma Santa Catharina de Sena, jejuando desde o dia de Cinza até o da Aſcenſaõ, ſem outro algum ſuſtento, mais que o paõ dos Anjos, que ſó o he do eſpirito. Huma Santa Ignez de Monte Policiano, jejuando quinze annos a paõ, e agua; e ſem duvida naõ podiaõ ſer erro exercicios, que mereciaõ regalos do Eſpoſo Divino. O certo he, que em materia taõ ardua ſó o Ceo aconſelha; e que Sor Joanna conheceo a difficuldade, e venceo a grande de ſe deſcontentar do ſeu voto.

No cargo de Prelada ſó lhe pareceo novidade o nome, porque ſem occupar o lugar do exemplo, ſempre foy a primeira para o trabalho. Tinha agora de mais o andarſe furtando ás penſoens do governo, por naõ faltar ás horas do ſeu retiro. Naõ baſtando o frequentar muito eſtas, para faltar á continua vigilancia, por mais que a podia deſcançar a Celeſte harmonia, com que hia correndo muito a obſervancia da Caſa. Zeloſa dos Eſtatutos della, naõ houve occaſiaõ, por mais privilegiada, que a obrigaſſe a afrouxar na ſua obſervancia.

Viſitava as Religioſas em huma occaſiaõ o Colleitor Caſtracani (grande venerador deſta Caſa, como o que a buſcava, antes como Sacrario, que como Moſteiro do Sacramento). Levou-o o Confeſſor, que entaõ era o Padre Frey Joſeph da Conceiçaõ, á grade do Coro, veyo a Madre Sor Joanna, entaõ Prioreza, acompanhando-a as mais antigas da Caſa, que com os veos cahidos lhe fallaraõ, e agradeceraõ a viſita. Pedio o Colleitor á Madre Sor Joanna, que levantaſſe o veo, mandando o meſmo ás ſuas ſubditas, que teria grande conſolaçaõ em vêllas. Reſpondeo, que por Eſtatuto da Caſa naõ podiaõ apparecer com os roſtos deſcubertos; e dando a meſma repoſta ás mais inſtancias, concluio o Colleitor, que bem podiaõ diſpenſar com elle, ou que elle diſpenſava por aquella ſó vez no Eſtatuto, como Nuncio do Pontifice, de quem tinha os poderes: *Por eſſa razaõ* (replicou a Madre Sor Joanna) *que Voſſa Illuſtriſſima he Nuncio de ſua Santidade, e Prelado da Igreja, deve conſervarnos, e induzirnos a mayor obſervancia, e naõ permittir, quanto mais aconſelhar, relaxaçoens no rigor della.* Deuſe o Colleitor por vencido, naõ acabando de admirar a ſanta inteireza, e conſtancia da boa Prelada, naõ eſperando com tudo menos do que ouvia della, e da obſervancia da Caſa.

Trez vezes foy nella Prioreza a Madre Sor Joanna, que as experiencias do primeiro governo a inculcavaõ para o ſegundo, e fora o ſeu continuado, em quanto viveo, ſe na ſua humildade naõ fora violento tudo o que parecia dominio. Nelle repartia com grande conſideraçaõ o tempo. Ficava deſpois de Matinas em oraçaõ no Coro, e com taõ grande fruto della, que ſem poder diſſimular as lagrimas, as publicavaõ os ſoluços, que compungiaõ as mais Religioſas, que alli ficavaõ. Dalli ſe recolhia a eſcrever, a diſpor as proviſoens do Moſteiro,

ro, e quasi sempre o mais tempo até Prima, com livros devotos, espelhos, a que concertava sua consciencia. Mas nunca se achava mais a seu gosto, que quando gastava o tempo, pondo-a a obediencia em officio, e occupaçaõ de mayor trabalho; aliviar a todas delle, era o seu desvelo. Assim era abrazada sua caridade.

A constancia, e sofrimento nos golpes, que mais sente a natureza, parece que a desconheciaõ filha sua. Assim escutou com os olhos enxutos mortes de parentes, e de filhos. Naõ admittia pezames, entendendo bem, que feita a vontade de Deos, naõ lhe ficava liberdade para os escutar. Nesta conformidade com Deos viveo nos Claustros, até idade de oitenta annos, tendo entrado nelles de quarenta e trez. Cahio em fim de doença ultima, e assim segurou, que o era, como se se lhe revelara. Escreveo logo algumas cartas a parentes, e alguns filhos, que ainda tinha vivos, em que lhes pedia suffragios, e lhes advertia o cuidado com algumas pessoas necessitadas, que desejava ver com amparo, e fóra de perigo. Assim dispoz tudo, como quem sabia, que já aquellas cousas lhe naõ haviaõ de dever outro cuidado, e perguntando-lhe as Religiosas, se tinha ainda cousa, que lhe désse pena? Respondeo: *Nada tenho, que me sirva de embaraço, porque os peccados, tanto que os confessey, os puz aos pés de Nossa Senhora, minha Mãy de peccadores, confiada, por naõ dizer, certa de sua grande piedade, que por meyo de sua intercessaõ, e patrocinio, mos havia o Senhor de perdoar.* E bem estava, digo bem aviada estava a peccadorinha, se neste trance lhe fôra forçado lidar com peccados.

Grande documento para os filhos da Fé, que esperaõ os frutos da immortalidade, disporem sua alma nos desafogos, e socegos da vida, sem esperar a ultima hora, onde tudo embaraça! As dores da doença, as angustias da morte, os remorsos da consciencia, as saudades do que fica, e duvida do que se espera, e as cavilaçoens do inimigo, que naõ descança. Assim he precisa a cautela Christãa, por naõ chegar a hora, em que o arrependimento seja martyrio, e naõ remedio.

Este o socego, com que naquella hora se achava a Madre Sor Joanna; mas tal a providencia com que se anticipara para aquella hora. Em huma entrou o Medico, e dizendo-lhe, que naõ achava materia, que lhe fizesse desconfiar da doença, e que Deos lhe dilataria ainda a vida, respondeo: *Más novas me dá Senhor, ainda que eu, nem desejo morrer, nem viver, porque só Deos sabe o que nos está melhor.* Eraõ já os ultimos dias, cresciaõ intoleraveis as dores, e perguntava ao seu Confessor, se seria culpa desejar morrer, por livrarse dellas, accrescentando: *Ainda que eu naõ o peço a Deos.* E quando mais a apertavaõ, levantava os olhos ao Ceo, sem passar se quer ao desafogo de hum gemido. Sem duvida era imitaçaõ de seu Esposo, o espirar com sede de padecer.

Chegoulhe huma carta de seu filho o Marquez de Aguiar, em que lhe segurava o sentimento

mento de a ter naquelle eftado, e a confolava com verdades de filho. Ouvio-a ler, e diffe, que aquella carta lhe dera grande pena, porque tinha muito alivio em experimentar em hum filho aquella laftima, e aquella lembrança; mas que pelo que fe aliviava, o fentia, porque já naõ era tempo de alivios defta vida, mas de penas, que a difpozeffem para a outra.

Chamou as Religiofas, e pedindo-lhe primeiro perdaõ do mao exemplo, paffou a exhortallas com palavras taõ vivas, taõ cheyas de efpirito, taõ concertadas, e perfuafivas, como fe fe efquecera da debilidade em que eftava. Aconfelhoulhes a obfervancia, defperfuadindo-as da magoa de fua falta, porque fobre fer inevitavel o tributo, já era o melhor tempo de pagallo, porque Deos o tinha difpofto. Abraçou-as, e lançoulhes a bençaõ, doendo-fe de as ver chorar. Pedio logo á Prelada, que lhe mandaffe abrir fepultura aos pés de todas, mas naõ junto á Irmãa Converfa Sor Victoria, porque tinha falecido com opiniaõ de Santa, e ella fe achava indigna de tal companhia. Pareceo tempo de receber os Sacramentos, e foy grande a doçura, que fentio em feu efpirito, percebida nas palavras, e no rofto.

Pedia, que continuamente lhe leffem a Paixaõ de Chrifto, pelo livro do Meftre Frey Luiz de Granada, fem duvida, porque á vifta daquellas dores, lhe ficaffem as fuas menos fenfiveis. Outras vezes tomando nas mãos hum devoto Crucifixo, defpois de penitentes fupplicas, e ardentes jaculatorias áquelle fangue preciofo, accendida em huma defufada viveza, e eftranho modo de alegria, repetia, como defafogando o coraçaõ: *Que hei de ir ao Ceo! Sim por certo, pelo fangue de meu Senhor Jefu Chrifto. Que hei de entrar pelas portas do Purgatorio, cantando muitas vezes Alleluia! Que entro no Purgatorio, Alleluia! Que já naõ temo o demonio, Alleluia! Que eftou perto de ver a Deos, Alleluia!* Dizendo ifto, ficava fufpenfa, e focegada.

Verificava-fe nifto o que efta Madre differa na occafiaõ, que fe recolheo a efta Cafa, e fe aufentou da fua, que entaõ deixava, e fe defpedio de fua familia, chorando, mas que efperava em Deos, que havia de morrer rindo. Naõ fuccederia menos (promettera o Efpirito Santo pela boca da Sabedoria) áquella providente, e defvelada mãy de familias, que difpondo bem fua cafa, trabalhaffe pelas verdadeiras grangearias da melhor vida, naõ defcançando nunca entre trabalhos do Mundo, para que no fim fe riffe ao fahir delle. Et ridebit in die noviffimo. Prov. 31. 25.

Succedeo affim á Madre Sor Joanna, eftando já com poucas horas de vida, que tendo repetido as Alleluias da fua jaculatoria, ouvio, que no Coro fe cantava o verfo do Pfalmo 125. *Qui feminant in lacrymis*, e continuou: *In exultatione metent.* Accrefcentando: *Será ifto para quem fez boa fementeira de lagrimas.* Val tanto o verfo, como dizer: *Os que femeaõ lagrimas, colhem alegrias.* Naõ fallou mais, tomada de hum repentino accidente, que abrandando, a deixou com livre, e perfeito juizo, ainda que muda, porque

com

com grande advertencia, e consolaçaõ de efpirito, recebeo o ultimo Sacramento.

Choravaõ as Religiofas, que perdiaõ nella mãy, confelho, e alivio. Naõ lhes efquecia a liberalidade, com que lhes dera Cafa, o amor, com que lhes viera fazer companhia, a brandura, e caridade, com que tantos annos as governara; e eraõ eftas razoens taõ poderofas para a fua faudade, que faziaõ cara ás que tinhaõ de alegrarfe, vendo-a taõ perto de entrar no ultimo, e verdadeiro defcanço. Mas a boa Madre levantando os olhos, e as maons ao Ceo, dava a entender, que ao que elle difpunha, fó havia de refponder a fogeiçaõ, e a obediencia, devendo ainda enxugarfe as lagrimas, por naõ parecerem miudas repugnancias.

Foy coufa digna de reparo, que eftando já no ultimo termo, desfalecida, e fepultada naquella mudez, de que naõ tornou a fahir, chegando-lhe hum dos Religiofos a Imagem de hum Crucifixo, e applicando-lhe a boca á chaga do Lado, advertindolhe, que o beijaffe com muito affecto, rompeo o filencio, dizendo trez vezes com voz clara, e vigorofa: *Muito, muito, muito.* E affim ficou abraçada com a fagrada Imagem. Era ardentiffima a devoçaõ, que tinha com a Senhora, com o feu Rofario; effe affecto lhe enfinou a efcolher o nome para feu patrocinio; como eftava com todos os fentidos, e efpertos todos, lembraraõ-lhe as Religiofas, que lhe affiftiaõ de mais perto, a mayor delicia de fua alma; começaraõ a entoar o nome de Noffa Senhora nos cinco Pfalmos, e chegando ao quarto, e ao verfo: *Qui feminant in lacrymis, in exultatione metent,* deu o efpirito ao Senhor, paffando ao Ceo, a colher a eterna alegria, fruto das lagrimas, que femeara na terra. Era o oitavo dia da Afcenfaõ, 21. de Mayo de 1643.

CAPITULO XIX.

Das Madres Soror Ifabel de Jefus, e Soror Margarida da Refurreiçaõ.

Ficara Sor Ifabel orfãa, e menina, e como filha de pays nobres, e ricos, em poder de irmaons poderofos, razaõ, que fazia nella a fogeiçaõ mais precifa, e nelles mayor a liberdade de lhe darem eftado a feu gofto. Mas quando o difpoem o Ceo, nem a nobreza eftima grandezas, nem o ouro aconfelha cobiças, porque nada ha na terra, que tenha valia, ou feja eftimavel, fe fe olha com olhos livres do pó, que levantado do vento da vaidade, cega, para o conhecimento do pouco, que he tudo.

Era Sor Ifabel rica, e nobre, dous privilegios, que mais eftima o Mundo, para grangear as idolatrias dos que crem, que o barro póde fer duravel materia para fabricar hum idolo. Mas já naquelles poucos annos tinha madrugado tanto o conhecimento, que lhe naõ fervio o muito que lhe offerecia o Mundo, mais que para a fazer avultar, pizando-o, e metendo-o debaixo dos pés, artificio poderofo, para a avifinhar mais ao Ceo, a quem devia o

conſelho, e a quem o pagava com a reſoluçaõ de naõ eſcutar, nem ſeguir os que lhe podia dar o meſmo Mundo. Já ſeus irmaons começavaõ a eſcutar as diligencias dos que a pediaõ eſpoſa (foſſe negaça o dote, ou a nobreza) diffirindo o ajuſte ſó por razaõ da idade. Ceſſou com os annos o embaraço, entenderaõ ſeus irmaons, que naõ havia outro; propuzeraõ-lhe os commodos, e obrigaçoens preciſas de aceitar aquella vida; mas nada valeo com Sor Iſabel para deixar a que já eſcolhera como mais ſegura.

Tomou o habito da Terceira Regra de S. Domingos com tanta reſoluçaõ de ſe aproveitar das ſantas grangearias delle, que em breve tempo ſe conheceraõ os acertos da eſcolha nas experiencias de ſua virtude. Aſſim era ſua vida como da mais apontada, da mais obſervante Religioſa, naõ lhe faltando mais que a circunſtancia da Clauſura. Paſſados annos, ſe paſſou a ella, tomando o habito neſta Caſa, como ſe ſe eſtivera diſpondo para as grandes obrigaçoens della, naõ fiando de ſeu eſpirito o acertallas ſem aquelle enſayo. Mas idade creſcida, gaſtada em voluntarias penitencias, naõ deixavaõ vigor nos hombros, para ſuſtentar por muito tempo o pezo daquella Cruz; houve de aliviarſe, diſpenſou-a a ſua grande fraqueza de Matinas, porque naõ podia eſtar em pé; mas achou induſtria, para naõ perder o merecimento dellas, deſvelando-ſe toda a noite para chamar as Religioſas, fazendo o meſmo á Prima; e aſſim vinha a concorrer para aquellas ſagradas funçoens com a diligencia, mais que o que podera com a peſſoa.

O mais do tempo lhe levava a oraçaõ, e liçaõ dos livros ſagrados; aſſim era ſua vida hum continuo commercio com o Ceo. Meditava enternecida na Paixaõ. Arrebatava-a hum terniſſimo affecto com a Senhora do Roſario, e huma ſuavidade grande, com que aſſiſtia á ſua *Salve* de Completas, e já com taõ poucos alentos, que antes parecia privilegio da devoçaõ, que diligencia delles. Já contava vinte e trez annos de habito em venturoſa velhice, quando cahio em huma larga enfermidade. Fora ſua vida antes huma vital chamma de caridade com todas as Religioſas, mais ardente com as Noviças (ſempre o mais penoſo cahe ſobre os hombros deſtas) naõ queria deſacommodallas com aſſiſtencias, menos com deſvelos de meſinhas; aſſim ſofria as dores, e os incommodos, ſem ſe lhe eſcutar huma queixa, tendo todo o corpo em huma chaga viva. Levantava os olhos para as de hum Crucifixo, que lhe fazia companhia junto á cabeceira; e quando ſe via mais attribulada, e dorida, dizia com voz branda, e mortificada: *Chagas de Chriſto crucificado*, repetindo muitas vezes *crucificado*, como ſe aquelle fora o ſeu unico lenitivo.

Recebeo os Sacramentos com vivas demonſtraçoens de piedoſa alegria; olhava para a morte como reſgate; eſperava no ultimo inſtante da vida o primeiro de ſeu deſcanço. Só tinha hum unico no que aquella

la durava, que era merecer melhor a que se lhe seguia. Parece que lhe fazia o Ceo essa lisonja, porque contando-lhe já o alento por horas, assim lho foy sustentando por dias, que chegou até o de Sabbado da Alleluia. Pareceo, a quem melhor reparou, cousa mysteriosa.

Corria o anno de 638. lamentava todo este Reyno o golpe, com que a espada da Igreja o ameaçava no interdicto, em que o tinha deixado Monsenhor Castracane (Legado do Papa Urbano VIII.) porque oppondo-se ás tyrannias de Castella (injusto jugo, em que vivia opprimida esta Coria) naõ só lhe negaraõ a obediencia, mas ainda lhe ameaçaraõ a liberdade, e a vida. Era commum escandalo da Christandade o litigio, que os Ministros Castelhanos sustentavaõ contra a immunidade Ecclesiastica, querendo, que nem esta ficasse fora dos exorbitantes tributos, com que avexavaõ os Povos. Procedera com censuras o Legado, nunca obedecido, e finalmente ameaçado. Grande fatalidade! Sello de vassallos de hum Principe por anthonomasia Catholico! E naõ menor satisfaçaõ para os Portuguezes (a quem aquelles chamaraõ despois rebelados á Coroa) vellos a elles rebeldes á Igreja, com tanta differença, que mostrou bem despois o successo, favorecido do Ceo, que a nossa rebeliaõ foy justiça, e a sua inobediencia, contumacia. Nella persistiraõ com taõ desembuçada irreverencia á jurisdiçaõ Apostolica, que o Legado escolheo por sagrado o retiro, donde já naõ conhecia outro sagrado. Partio occultamente para Roma, deixando interdicto o Reyno, taõ sogeito sempre ás leys Apostolicas, que só na voz de Castella, que entaõ tinha, se lhe escutara esta inobediencia.

Assim lamentavaõ as Religioens, e Casas sagradas a pena do interdicto, emmudecidas em todas aquellas celebridades, com que costumaõ dar a Deos culto, quando por instantes acabava a vida a Madre Sor Isabel. Sentiaõ as Religiosas (como as que sabiaõ conhecer, e venerar sua virtude) o haverem de lhe dar sepultura sem aquellas solemnes demonstraçoens, com que a piedade Christãa se consola; mas entrando a moribunda a semana de Ramos sem esperança de passar do primeiro dia della, chegou com admiraçaõ de todas até ao de Sabbado, em que com rara conformidade, e socego de espirito, antes com mostras de sobrenatural alegria, passou a lograr as suavidades da eterna; valendo-lhe a solemnidade da Paschoa, para que com toda se lhe houvesse de dar sepultura, o que se fez ao dia da Resurreiçaõ de tarde, partindo a Igreja de seus privilegios com aquelle corpo, como já a Triunfante o fazia com o seu espirito; ou permittindo o Ceo, que se misturassem as Alleluias com as exequias de huma vida, em que se viraõ os indicios de resuscitar gloriosa.

Naõ madrugou menos a piedade Christãa na Madre Sor Margarida da Resurreiçaõ, que o fizera na Madre Sor Isabel, porque com as primeiras luzes da razaõ começou tambem a buf-

buſcar aquelle caminho, para que ſó as do Ceo deſcobrem o paſſo. Mas as prendas da natureza, de que era dotada, a faziaõ taõ conhecida, que começou logo a verſe, naõ ſó pertendida, mas perſeguida de diligencias dos que a eſperavaõ eſpoſa, como ſe a executara a terra, pelo que tinha de ſua; mas eraõ aquellas prendas os engaſtes, com que o Ceo ornava aquella Margarita, buſcada a mayor diligencia, e deſtinada a melhor ventura.

Aſſim ſuccedeo. Era filha de pays honeſtos; entenderaõ adiantar ſua caſa nas condiçoens de honra, e fazenda, com que ſe aventajava hum dos pertendentes de Margarida; diſpuzeraõ de ſua liberdade, deraõ-lha eſpoſa; mas em taõ breve tempo perdeo eſte nome na vida do marido, que ſe deſenganaraõ os pays, que mais poderoſa maõ a negociava ſua, e a eſtimava precioſa. Já livre daquella prizaõ, começou a agradecer ao Ceo a liberdade, nas ancias de a cativar aos ſeus conſelhos; aſſim com lagrimas, e larga oraçaõ lhos pedia, para os acertos de ſer toda ſua. Começava entaõ a povoarſe eſta Caſa, como Sacrario de Deos, de abrazados, e puros eſpiritos; convidava o Angelico daquella vida aos que deſprezavaõ a da terra; para aqui ſe declarou a vocaçaõ de Sor Margarida.

Buſcou as Religioſas reſoluta; pedia o negocio madureza; deixaraõ, que o tempo lhe provaſſe a conſtancia. Inſtava com ſupplicas, com lagrimas, derretidas humas, accendidas outras, áquelle fogo, que naõ admitte detenças. Grande eſpectaculo para a confuſaõ humana! Que mais fariaõ os deſejos impacientes, para os avanços, para os commodos da vida, que eſtes para o continuo martyrio della? Que mais para os eſtados, que eſtes para os abatimentos? Que mais para a purpura, que eſtes para a mortalha? Mas eraõ já idiomas do Ceo, os com que Margarida pedia; entendiaõ-no bem aquelles eſpiritos como nelle verſados; naõ houve outro embaraço; aceitaraõ-na no Moſteiro.

Naõ havia detença, porque já Sor Margarida naõ attendia a nenhumas da terra. Chegou o dia da entrada, e ella á grade do Coro, a reſponder ás perguntas do Prelado, que (conforme as noſſas leys) lhe propunha os rigores, e aſperezas, a que voluntariamente ſe ſentenceaõ, as que com aquelle genero de vida ſe ſepultaõ. Levantou a caſo os olhos, e encontrou com elles a Imagem de Chriſto, naquella fórma em que Pilatos o moſtrou ao Povo, com huma inſcripçaõ, que dizia: *Ecce Homo*; val o meſmo que: *Eis-aqui o Homem.* Mas aſſim ſe lhe figuravaõ vivas as chagas, freſco aquelle ſangue, animada aquella agonia, que lhe pareceo, que via, naõ huma pintura, mas ao meſmo Chriſto vivo nella, como ſe naquella hora o acabara de ferir o flagello, e ſe levantaſſe a condemnallo o Povo.

Da viſta ſe lhe eſtampou aſſim na memoria, que nunca mais o perdeo della. Teſtemunhava-o muitas vezes, accreſcentando, que com aquella viſta laſtimoſa, interiormente repreſen-

prefentada , triunfara Noviça de muitas occafioens, em que fraqueando a natureza , fe intimidara aos rigores daquella vida, ou fe refolvera ao defatino de deixalla. Por efpaço de quarenta annos a continuou Sor Margarida, com taõ exacta obfervancia, como no primeiro dia em que a abraçara. Na caridade, na compaixaõ, no abatimento proprio, todà era exceffos; e tal o de abatida, que fendo taõ crefcida em annos, taõ venerada das que a olhavaõ como Meftra, todo o feu emprego era mifturarfe com as mais modernas na mais infima, e cuftofa occupaçaõ da Cafa, naõ tendo (como dizia) hora de mayor gofto, que a de mayor trabalho.

No cilicio, difciplina, e jejum, baftando os do Mofteiro para o rigor, parece, que deixavaõ ainda com fede aquella ancia penitente; affim os dobrava com efcrupulos de viver mimofa. Dormia veftida, para que o Coro, e a oraçaõ a toda a hora a achaffe prompta; affim era fua vida huma continuada guerra com o corpo, que vencido mais de penitencias, que de annos, naõ tinha vigor para hofpedar o efpirito. Chegoufe a hora de o paffar a melhor morada, recebeo os Sacramentos com efpiritual doçura, efperou a morte intrepida, demonftraçoens da vida, que efperava. Paffou a ella em 17. de Março de 645. Affim o teftemunhou o feu cadaver, exhalando fuaviffimas fragrancias, acompanharaõ-no eftas até á fepultura, ainda defpois de muitos dias fe perceberaõ nella. Naõ podia fer outro o fumo, que de fi defpediffem aquelles fecos offos, acabando de apagarfe nelles o lume de huma vida, que a caridade confervou lavareda.

CAPITULO XX.

Da Madre Soror Filippa de Jefus, huma das que deraõ principio a efta Recoleta.

LAvrado com difpendio, e defvelo o Templo material de Deos em efta fua Cafa, antes venturofo Sacrario, em que fe havia de hofpedar Sacramentado, dando-lhe em paga o feu nome, para eterno, e fingular timbre, bufcava a devota diligencia dos Condes de Vimiofo racionaes bafes, fobre que fe levantaffe o efpiritual Templo de Deos vivo, e doutrinados efpiritos, com que começaffe a refpirar a Angelica vida daquella Recoleta. Era a Cafa de Santa Catharina de Sena de Evora, fagrado, e mais celebre Seminario, em que a Religiaõ os criava, e era a Madre Sor Filippa, a que affim fe adiantava em prendas de Religiofa, que nem o retiro, e cautela da Claufura a permittia defconhecida.

Entrara naquella Cafa com mais duas irmãas, taõ prendadas, como virtuofas: venturofos pays, os que a Deos offereceraõ taes victimas, furtando-as á contingencia de mal empregadas. Foraõ eftes André Bugalho, e Dona Damianna Pereira, peffoas de conhecida nobreza, e virtude. Affim foy efta nas filhas herança, que perdendo a mãy, fó á Religiaõ quizeraõ dar efte nome, recolhendo-fe todas trez em Santa Ca-

thari-

tharina. Era a mais moça a Madre Sor Filippa, mas naõ só as irmãas, ainda as mais adiantadas em annos, e virtude, lhe desconheciaõ a idade; parece, que naõ cabia tanto na de doze annos. Chegou aos quinze, entrou no de approvaçaõ, e passou aos de professa, com tantos augmentos de reformada, e zelosa, que nas vozes, e admiraçoens de todos chegou á noticia dos Condes, sendo a voto de todas huma das Mestras de espirito, que pediraõ, e alcançaraõ, e finalmente trouxeraõ para esta Casa, onde se começou a escutar como huma regra viva, do que se devia observar, e observou sempre nella.

Naõ houve occupaçaõ, em que naõ aliviasse ás outras o trabalho, e em que lhe naõ désse exemplo. No Coro, antes se podia dizer, que vivia, do que, que o frequentava. Era alma delle, e singular suavidade de sua alma, entoar a Deos louvores. A todas animava, e sobre todas se ouvia; tal era sua voz sonora, clara, alta, vigorosa. Naõ havia funçaõ na Casa, em que lhe esquecesse, que viera primeira, naõ para o respeito, para o cuidado; assim foy o lugar de Prioreza o unico, que a achou esquiva. Nem a negaça de ser aquelle dominio servidaõ, lhe tirava o horror de lhe parecer dominio. Fazia-lhe grande violencia hum profundo abatimento, de que tinha feito vida. Contava vinte e cinco annos, quando entrou a ser Mestra desta Recoleta. Já sua virtude parecia consummada em taõ poucos; mas foy, que tinha madrugado nos primeiros.

Nos rigores, e exercicios da Casa, desvelada para exemplo, occultamente ainda excessiva para desafogo; só assim socegava seu espirito; naõ tinhaõ para elle as leys mais de rigorosas, que o que de taxadas. Assim fogia aos olhos de todas, para o rigoroso das disciplinas, para a contemplaçaõ em que se detinha, banhada em lagrimas, corria hum, e outro sangue, que naõ eraõ mais executivos os golpes do braço, que os do sentimento, como mais sensivel o coraçaõ, que o corpo. Naquelle naõ havia mais que Deos, e só Deos se lhe escutava na boca; mas eraõ sempre os olhos os primeiros, que respondiaõ nesta pratica, fiando das lagrimas mais expressivo idioma. Naõ achava outro mais proprio para fallar com o Ceo; sabia, que o Senhor delle costumava escutar no ruido das lagrimas a vida dos penitentes. Assim lhe succedia, quando chegava á confissaõ (sendo na de seus Confessores de inculpavel vida) como alli dava a Deos conta della, entendia, que das lagrimas tomaria melhor essa conta; como se dissera com o Profeta: *Deus vitam meam annunciavi tibi, posuisti lacrymas meas in conspectu tuo.* Vem a dizer: *Senhor, conteivos minha vida, e para o que olhaste, foy para minhas lagrimas.*

Incançavel a achava sempre a occupaçaõ de mayor aceyo para o culto Divino. Na Sacristia servio vinte annos; e só estes por cançados (advertencia compassiva dos Prelados) a tiraraõ della; mas nem a impossibilidade lhe callou a queixa, porque a tinha de que naõ esperas-

perassem do seu gosto, o que já desconfiavaõ do seu alento. Assim dizia a Deos com muitas lagrimas: *Bem sey, que me lançais fóra de Casa, por inutil serva. Mas, Senhor, que vos fez esta serva, que a tirestes de vossa graça?* No tempo, que assistio nesta officina, naõ perdoava a diligencia, que conduzisse á mayor decencia, e pureza do que tocava a ornamentos, e mais pertencentes ao Sacrificio da Missa, venerando assim tudo o que se costuma occupar nella, que a primeira vez, que no dia entrava na Sacristia, punha os joelhos em terra, inclinando-se especialmente para a parte em que guardava Calices, e Corporaes. Assim entendia, que se deviaõ pôr os olhos em alfayas taõ santas, que se naõ deixaõ tocar, senaõ de mãos sagradas. Grande reprehensaõ para o pouco reparo, e menos aceyo com que se vem hoje tratadas em algumas sagradas officinas, sendo mais culpavel o pouco escrupulo nos Prelados dellas!

O gosto, com que se applicava a similhante trabalho, naõ se lhe via só na diligencia, tambem na alegria, sendo taõ excessiva a com que acodia á principal solemnidade na Casa (que he do Sacramento) que a naõ sabia dissimular, como se lhe naõ coubesse no coraçaõ; assim applicava as maons ao que era preciso, rompendo-lhe na boca abrazadas jaculatorias, derretendo-se-lhe nos olhos suavissimas lagrimas. O espirito alli assistia a animar aquellas piedosas acçoens; mas lá o levava a contemplaçaõ a tratar com Deos; taõ continua, e facil nesta occupaçaõ Angelica, que naõ era a vida desta Madre, mais que huma contemplaçaõ continuada.

Em se desembaraçando das obrigaçoens da Communidade, naõ tinha lugar mais seu, que o Coro; aquelle era o seu centro, visitado com tanto alvoroço de seu espirito, que muitas vezes o desafogava em lagrimas. Tinha esta Madre este dom, e eraõ estas commummente a primeira attençaõ, que lhe deviaõ afflicçoens alheyas; assim a achavaõ todas maviosa, branda, compassiva. Já os annos, que as penitencias faziaõ parecer muitos, a tinhaõ reduzido a tal debilidade, que naõ podia continuar Matinas; mas já no Coro ás trez da madrugada se vingava da falta, que fizera nellas. Outras vezes de Completas até á meya noite, a que se recolhia, como se enganara os achaques com o nome de dispensada, para lhe darem liberdade para mayor assistencia.

Grande fé, igual efficacia, a com que costumava pedir a Deos. Via-se no effeito de conseguir facil o despacho. Com a mesma confiança recorria em suas tribulaçoens á Rainha dos Anjos, que amava com ternissimos affectos de sua alma. Naõ sentio nella mayor afflicçaõ, que a de ver sua irmãa (era a Madre Joanna Bautista, e logo terá seu lugar nesta escritura) prostrada de huma doença com sinais de ultima. Mal ouvio este desengano, corre ao Coro (venerava nelle com fé viva, e carinhosa huma Imagem da Senhora da Assumpçaõ) lança-se por terra, e fallando antes com o coraçaõ, que com a boca, antes em lagrimas, que em vozes, pedia

pedia á ſua grande Advogada, que lhe naõ tiraſſe na da irmãa aquelle unico arrimo da vida. Caſo grande! Eſcuta, que lhe reſponde a Senhora: *Mulher de pouca fé, porque duvidaſte? Haviate eu de faltar? Tua irmãa vive.*

Poz Sor Filippa a boca em terra, e metida no abyſmo da humildade, naõ ouſava a erguer os olhos em veneraçaõ de ſua Bemfeitora; mas confuſa, acanhada, e emmudecida, ſe deixou ficar por largo eſpaço, fiando dalma, e do coraçaõ as graças, os agradecimentos, os jubilos. Naõ devia Sor Filippa menos cuidado ao Ceo, e á Rainha delle, aſſim ſe lhe permitiaõ, ainda em vida, favores, como a quem ſó com elle ſe comerceava.

Eſpirou a Prelada da Caſa (era de ſeu meſmo nome a Madre Sor Filippa de Jeſu Maria) ſentio a Madre Sor Filippa a falta daquelle ſanto commercio. Tinha deixado o corpo na Enfermaria. Era entaõ Subprioreza, ſahio a obrigaçoens do officio, e occupando algum eſpaço de tempo, paſſava ao Coro a proteſtar a Deos, o como na ſua vontade ſe reſignava naquella perda, quando lhe ſuſpendeo os paſſos, e os ſentidos huma peregrina, huma ſuave muſica. Levou-a o primeiro diſcurſo a imaginar, ſe ſem ella levariaõ o corpo para o Coro; deſenganaraõ-na os olhos, ſem lhe ſahir a melodia dos ouvidos. Levantou as maons ao Ceo, dando-lhe graças entre aquella harmonia Angelica, em que ſuppunha deſcançando a ditoſa amiga.

Mas eraõ já muitos os annos; parece, que naõ queria o Ceo, que o dilatarlhe a coroa, favoreceſſe a duvida de naõ eſtar merecida. Apanhou-a hum rigoroſo accidente apopletico, que a privou de todos os ſentidos. Affligiaõ-ſe as Religioſas de a verem acabar ſem Sacramentos. Aſſiſtialhe o ſeu Confeſſor, pedialhes, que deſſem a Deos graças, ſem querer entender ſeus juizos, que Sor Filippa paſſava a lograllo com as circunſtancias, que elle era ſervido: que trocaſſem a pena em ſanta enveja; que elle ſe alargava a darlhes aquelle ſeguro, porque naõ permittia o Ceo ſentimentos em occaſiaõ de jubilos.

Naõ permittio elle, que ficaſſe em opinioens a razaõ de os haver; tornou Sor Filippa a ſeu perfeito juizo, recebeo os Sacramentos com igual devoçaõ, que ſocego; aſſim durou ainda alguns dias, gaſtados em fervoroſos colloquios, ſeguidos de piedoſas lagrimas, convidando a ellas as Religioſas, que agora as choravaõ de deſconſoladas, como primeiro de affligidas.

Foy capaz de reparo, que a eſte tempo ſe tinha reſtituido eſta Madre (a petiçaõ ſua) á antiga aſſiſtencia da Sacriſtia (eſta em toda ſua vida a occupaçaõ mais goſtoſa) ſahia della, quando a apanhou o accidente, reduzindo-a a tal eſtado, que a conſelho dos Medicos a recolheraõ dentro, e pelo riſco, que corria no abalo, ſe lhe fez alli huma cama, dalli ſe deſpedio ſua alma para melhor vida, em hum Domingo, 19. de Agoſto de 646. permittindo, e diſpondo o Ceo, que ſe

ſe naõ eſcondeſſe o muito, que lhe eſtimara aquelle ſerviço, pois do lugar em que lho fizera, ordenava, que paſſaſſe a receber a paga.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Margarida da Coroa, e Sor Magdalena do Eſpirito Santo.

PArece, que era Deos o mais empenhado em que ſe povoaſſe de eſpirituaes plantas eſte ſeu Paraiſo, porque elle meſmo ſacramentado, havia de ſer a gracioſa fonte, que lhes déſſe o alimento. Aſſim as criava viçoſas, ſendo a graça o orvalho, que as fecundava, quando mal lhes amanhecia o dia da razaõ. Aſſim o moſtrou em muitas a experiencia; agora na Madre Sor Margarida. Naſceo na Villa de Aveiro, de que eraõ naturaes Manoel Rangel Lobo, e Luiza Carreira da Coſta, ſeus pays, nobres, ricos, e virtuoſos. Como taes naõ deſconheceraõ o premio, que o Ceo lhes dava em huma filha, que antes naſcia para elle, que para elles.

Aſſim começou ella a provallo na piedoſa inclinaçaõ com que foy creſcendo, ſervindo aos pays, e parentes primeiro de edificaçaõ, que de alivio. Eſte raro genio a fazia eſtimada de todos, como melhor joya da familia, ſendo o que com mais reparo a avaliava Dom Frey Miguel Rangel, ſeu tio, Religioſo da Ordem, e Biſpo de Cochim, peſſoa de grande opiniaõ, e eſpirito. Sabia (como tal) medir, e conhecer os proporcionados para auſtera vida de huma recoleta. Nenhuma lhe levava mais a veneraçaõ, e o agrado, que a deſta Caſa. Amava muito a ſobrinha, achou que ſó recolhendo-a nella, ſatisfazia ao que a amava. Tal opiniaõ tinha da Caſa! Tal indole deſcubria na ſobrinha!

Aceita eſtava já para tomar o habito em Jeſu de Aveiro; a pouca idade impedia a execuçaõ; entrou o tio a embaraçalla; naõ houve em Margarida repugnancia. Trouxe-a para eſta Caſa, naõ deſconheceo a melhora. Corria, antes voava, nos annos aſſim de approvaçaõ, como de profeſſa, nos rigores da Religiaõ com roſto alegre, e reſoluçaõ firme; mas quiz Deos diſporlhe outro genero de cruz mais pezada, que a com que o ſeguia no caminho da penitencia. Começaraõ a perſeguilla doenças, foraõ-lhe ficando em achaques; o mais cruel, e mais repetido o mal de coraçaõ; aſſim era ſua affliçaõ taõ grande, que como perdendo o ſofrimento, e o ſentido, rompia talvez em algum deſabrimento, de que logo tornando em ſi, pedia perdaõ, ſentindo vivamente, que os deſmanchos da dor (que ella queria ſó para o ſofrimento) ſe lhe paſſaſſem a deſatino.

Com eſta grande cruz caminhava, naõ a diſpenſando as crueldades della, das aſperezas, que por ley eſcolhera, e das que por vontade inventava. Extremoſa era na caridade, eſpecial com os doentes, commiſeraçaõ, que lhe naõ enſinaraõ ſeus achaques; os alheyos ſó lhe deviaõ cuidado, eſte lhos poz nas maons por officio. Foy a melhor induſtria para ſe eſquecer do que padecia. Como

a mais robuſta a tinhaõ ſempre as doentes á cabeceira; as mais trabalhoſas, mais goſtoſa. Em nada achava repugnancia nas doenças de mais aſco, com o meſmo cuidado, o meſmo roſto. Quando a deſembaraçava mais eſte trabalho, tomava algumas horas o baſtidor por deſcanço. Era nelle muy deſtra, e ſahia de ſuas maons com nova traça, com variedade viſtoſa o mais precioſo, o mais aceado ornato dos Altares, os panos ricos para ſervirem nelles; aſſim pagava ao Ceo o grande genio, que lhe dera para eſte emprego.

Igualmente, que de doenças, ſe via perſeguida do demonio com eſcrupulos, com tribulaçoens; aſſim era ſua vida huma penitente batalha, ſuſtentada com taõ poucas forças, que ao mais leve accidente eſperava a morte; daqui lhe naſcia huma continua meditaçaõ nella, e huma cautela ſanta, com que todas as noites, antes de recolherſe, tomando nas maons a Imagem de hum Crucifixo, repetia actos de contrita, e Catholica, com hum affecto taõ verdadeiro, como ſe qualquer delles houveſſe de ſer o ultimo. O meſmo lhe ſuccedia chegando ao Confiſſionario. Sempre a hora da confiſſaõ lhe parecia a ultima da vida; grande induſtria para a trazer ajuſtada!

Nella naõ tinha outra conſolaçaõ mais, que o ſanto commercio do Biſpo ſeu tio, eſcutando-lhe os conſelhos, com que ſe animava a abraçar os males com tolerancia. Mas quiz Deos vêlla batalhar ſó com elles, diſpoz, que paſſaſſe o tio á India, ſem eſperanças de voltar della; naõ tardou mayor deſengano, perdendo lá a vida. Achou o Ceo, que naõ baſtava no coraçaõ de Sor Margarida o golpe da ſaudade, quiz que ſobre eſte feriſſe o da morte. Naõ lhe dilatou a dor, anticipando-lhe a noticia; parece que a teve Sor Margarida na meſma hora.

Eraõ as de huma madrugada, quando ſahindo da cella a buſcar huma Religioſa amiga ſua, com moſtras igualmente de dor, e conformidade, lhe diſſe; *Madre, diſſeraõ-me agora, que falecera meu tio o Biſpo de Cochim. Seja Deos louvado! Que para eu o ſentir, foy elle primeiro.* Entendeo a Religioſa, que naõ paſſaria de imaginaçaõ, fomentada de melancolia; mas Sor Margarida eſſes poucos mezes, que deſpois lhe durou a vida, o praticava como couſa certa. Já era falecida quando a eſte Reyno chegou a nova. Falecera o Biſpo no mez de Setembro; no meſmo havia lembrança, que o diſſera Sor Margarida. Difficilmente daõ credito eſpiritos timoratos a favores ſoberanos. Com os olhos na ſua humildade, naõ ſe atrevem a levallos ao que (a ſeu juizo) naõ cabe nella. Eſta he em todos a mais commua pratica. Nem Sor Margarida explicou o ſegredo, nem entenderaõ as Religioſas, que ſe mereciaõ ſimilhantes entre ellas. Deſpois o repararaõ, ſeguindo-ſe ao reparo mayor veneraçaõ deſta Madre, e memoria mais ſaudoſa do que perderaõ em ſua vida.

Apreſſaraõ a perda della continuas doenças ſobre ellas accreſceo huma queda, de que ficou mortal. Começaraõ os remedios a ſer antes martyrios;

naõ

naõ fe logrou a cura, exercitoufe a paciencia. Já faltava a vida, mas fobejava a conftancia. Recebeo os Sacramentos com tanta doçura de efpirito, que já começou a parecer paga de fua grande tolerancia: fabia, que com ella trabalhava a immortal coroa; em fete mezes de continuas, e intoleraveis dores a grangeou em huma cama, de que fobio placidamente a gozalla em huma fefta feira, 11. de Abril de 647.

Naõ parece, que fe defvelou menos a Divina Providencia nas acçoens da Madre Sor Magdalena do Efpirito Santo, de tenra idade parecia já aconfelhada delle. Foy filha de pays nobres, de naçaõ Flamengos, de vida exemplares, de bens da fortuna abundantes. Queriaõ, que eftes paffaffem ás mãos de Sor Magdalena, dando-a ella de efpofa a hum mancebo de qualidade, acerto, em que livraraõ as efperanças de fua Cafa, e defcanço de fua vida. Mas ella, que altamente aconfelhada, tinha feito efcolha de outra (mal entendida da terra) defenganou os pays, que nada della lhe faria mudar de efcolha; que feu Efpofo havia de fer Jefu Chrifto, feu dote a pobreza, fua vida a Claufura, e effa a mais eftreita, porque ella naõ havia de entrar na Cafa de Deos a bufcar vida, fenaõ a fepultalla; que nenhum favor, nenhum mimo intentava fazer á natureza; mas proteftava morrer em cilicio, e cinza.

Era o pay virtuofo, conhecia naquella inteireza fuperior impulfo, achava-fe viuvo, e entrado em annos, parecialhe duro deixallos fem arrimo; naõ refiftia, mas affim foy dilatando por alguns a refoluçaõ da filha, que contando já trinta, entrou nefta Cafa. Na dilaçaõ fe lhe dobrou a ancia; abraçou os rigores della com tanto fervor, como fe entendera, que a tardança fora culpa, e quizera vingar a tardança. Parece, que defpira as paixoens de creatura; nenhuma afpereza a achava com repugnancia.

Deraõ-lhe a occupaçaõ da Enfermaria (tivera effe trabalho já dous annos) parece, que fentio em fi algum diffabor, e foy tal a fanta indignaçaõ, com que fe fentenciou a fi mefma, que com licença dos Prelados, fez voto de continuar o officio mais cinco annos. Affim pizou as rebeldias do genio, deixando taõ fenhor o fofrimento, que nenhum incommodo, ou moleftia da vida, defde aquelle inftante, a encontrou perturbada, ou a efcutou queixofa. Branda, agradavel, caritativa, de tudo queria fervir a todas; nos males a achavaõ companheira, no ferviço efcrava.

Continua na oraçaõ, que acompanhava com lagrimas; a fuavidade dalma, que fentia nellas, a fazia andar fugindo de todo o commercio (deixava o Santo, por melhorarfe no Divino) para darfe a Deos, fe furtava a tudo o que o naõ era. Affim paffava mezes, fepultada em filencio, fem que lho quebraffem mais que os gemidos do efpirito, forcejado, e prezo no carcere do corpo. Crefcia com a contemplaçaõ o defpego de tudo da vida; pedio aos Prelados licença, para hum anno de deferto. Santa induf-

tria de o poder fazer de huma Caſa!

Ha neſta duas, ou trez, taõ eſcondidas, e retiradas, que fóra de todo o commercio, naõ podem ter mais que o do Ceo. Aquella he a pequena Thebaida, para que o eſpirito deſafia o corpo, que deſamparado de todo o humano ſoccorro, ſuſtenta a dura batalha de continua penitencia. Os cilicios ſaõ as pezadas lorigas, que o cobrem. Humas hervas, e hum pouco de paõ o alimento, com que ſe esforça; a diſciplina, a arma offenſiva com que peleija, taõ inexoravel, e profiada, que nem vendo o corpo banhado em ſangue, a ſuſpende, nem conhecendo a ſua rebeldia trocada em fraqueza, a eſquece; aſſim fica, e dura aquelle pequeno campo, ſanguinolento theatro do rigor, e da aſpereza; debuxando nas paredes o ſangue, os triunfos, os trofeos do braço penitente.

Aſſim deu a ancia ſequioſa deſtes mortificados eſpiritos, na eſtranha invectiva de reduzir a huma cella a vaſta ſolidaõ da Paleſtina, taõ imitada nos exercicios, como deſconhecida nas eſtreitezas. Alli ſe retiraõ voluntariamente as Religioſas (ſuppoſta a licença da Prelada) huma taboa lhe ſerve de cama; hervas, ou paõ, e agua de meſa; a oraçaõ de vida, as diſciplinas de exercicio, o Ceo de companheiro. Aqui ſe enſayaõ para o ultimo deſengano as que eſtaõ para profeſſar. Aqui ſe adeſtraõ ſepultadas, para naõ terem mais que o nome de vivas.

Eſte o deſerto, a que ſe queria retirar por hum anno Sor Magdalena, como ſe o nome a convidara com ſanta inveja, a buſcar na eſtreiteza, e ſolidaõ daquella Caſa as delicias da ditoſa lapa de Marſelha. Pollo em execuçaõ reſoluta, continuava-o conſtante, quando cahio doente a Enfermeira (fora Sor Magdalena nequella occupaçaõ ſingulariſſima). Diſſe-lhe a Prelada: *Madre, adoeceo a Enfermeira, vá Voſſa R. para a Enfermaria.* Paſſou a ella taõ prompta, como ſe de muitos dias eſtivera advertida; ou como ſe naõ fora correndo atraz daquella delicia de ſua alma.

Era ſáa, e robuſta, começou a verſe perſeguida de achaques, e dores, com que Deos queria provalla. Derribaraõ-lhe as forças, naõ a paciencia. Foy rara a com que levou hum achaque eſtranho, que pareceo leſaõ de juizo. Era Sor Magdalena naturalmente concertada. Em hum pouco de burel, em huma toalha toſca, em hum véo groſſeiro naõ podia haver alinho; em andar direito, e limpo eſtava todo. Foy couſa notavel o deſmancho, que ſe ſeguio áquella queixa! Nada andava em ſeu lugar, nem para o pôr nelle, ſe podia ajudar da induſtria das maons, que eraõ as meſmas, que o deſcompunhaõ, foſſe o habito, foſſe o toucado, foſſe o véo, que commummente lhe varria o chaõ. Bem entendia Sor Magdalena, que aquelle genero de purgatorio viera a purificar venialidades. Punha-ſe na conformidade da parte do caſtigo; dava graças a Deos, de lho querer dar em taõ pouco.

Entendeo, que já o ſeria, o que lhe reſtava de vida, começou

çou tempos antes a disporse para deixalla; achava, que naõ bastavaõ poucos dias para huma hora, em que se aventuraõ todos. Naõ tinha lugar mais continuo, que o Coro; repartia os dias em novenas; ao Santissimo Sacramento, á Rainha do Ceo, a Nosso Padre; o mais em contemplar a Paixaõ de Christo, em que com ternissimo coraçaõ se engolfava. Fora piedoso emprego de toda sua vida, no anno de approvaçaõ especialmente, ferindo-se cada dia a impiedados golpes de huma disciplina, dobrada no espaço do anno tantas vezes, que no cabo delle igualou o numero de cinco mil açoutes.

Similhantes exercicios lhe occupavaõ o mais do tempo, chegando a merecer neste (ao que se julgou) revelaçaõ de sua morte. Naõ o dia, mas a circunstancia, segurava ás Religiosas, que lhe naõ seria pezada. Poucos dias antes chamou a Cantora, resistou com ella no Prossionario as oraçoens, que se dizem na ultima hora; pôllo assim á cabeceira. Advertio a huma Religiosa o que pertencia á sua mortalha; tudo eraõ aparelhos de quem naõ tardaria em vestilla. Repararaõ-lhe na providencia; parecia demasiada em quem se achava, ainda que achaquosa, sem sinal de moribunda: *Madres* (respondeo) *naõ me julguem apressada, que assim ha de ser a minha morte.*

Assim se confessava, assim se chegava á Sagrada Mesa muitas vezes, como quem esperava, que cada huma fosse a ultima. Deteve-se hum dia no Coro mais tempo que o costumado (era huma segunda feira, 13. de Janeiro de 1648.) passaraõ-se as horas de jantar; importunava-a para essa diligencia a Enfermeira caritativa, sahio como violentada, e em chegando á cella, rompeo em hum implacavel impeto de lagrimas; seguio-se a estas hum accidente, que lhe tolheo a falla. Meya hora lhe durou o martyrio, passou delle ao eterno descanço.

CAPITULO XXII.

Da Irmãa Conversa Soror Maria do Rosario.

EM Bemfica, lugar pequeno, nas visinhanças de Lisboa, nasceo Sor Maria do Rosario (no seculo Maria Rebella) seus pays Gonçalo Rebello de Lima, e Antonia da Sylva, gente nobre, mas apoucada, e desvalida dos bens da fortuna, livrando-lha o Ceo toda naquella filha; assim a viaõ já nos primeiros annos bem inclinada, e devota. Já crescida, suspirava pelas paredes de huma recoleta. Propunha-lhe logo a do Sacramento a grande devoçaõ, que tinha á Senhora do Rosario, entendendo, que tudo lhe ficava daquellas portas para dentro; mas eraõ taõ limitadas as posses de seus pays, que naõ chegavaõ a poder darlhe hum dote inteiro para Freira do Coro; porque o lugar de Conversa (mais facil em meyo dote) parecia estranho em pessoas da sua qualidade; venceo porém a devoçaõ ao reparo do menos respeito, como gente, que entendia, que na Casa de Deos fazem nobres as virtudes, e naõ os lugares, e

que

que o Prodigo, que eſcolheo o lugar de mercenario, ſobio ao dos braços como filho.

Vencido, antes deſprezado, eſte embaraço, entrou Sor Maria no lugar de Converſa, ſó com o receyo de que o naõ merecia; e pedindo a Deos forças, para que nas ſuas diligencias moſtraſſe o quanto o eſtimava. Era delicada por natureza; mas parece, que ſe lhe dobraraõ as forças com o goſto de as ver bem empregadas. Nada eſtranhou, porque o que achou, era o que pertendera; aſſim antes alvoroçada, que temeroſa, abraçou os rigores, e trabalho da Caſa. Na noticia daquelles he ſuperfluo o reparo, e repetiçaõ, por ſer já aſſentada a obſervancia das que entraõ nella a abraçar eſta vida. Continuas as Matinas da meya noite, as horas de oraçaõ; a eſtamenha junto á carne, o peſcado na meſa, o jejum de ſete mezes no anno, o ſilencio perpetuo, diſpenſado ſó em algumas horas de tarde.

Iſto o que pertence ás Conſtituiçoens Dominicanas. A's da Caſa, ainda com novas aſperezas, inviolavelmente obſervadas, ſem a minima diſpenſaçaõ, até o tempo que iſto eſcreviamos, e taõ longe de a poder haver, que o trabalho dos Prelados, naõ he fazer obſervar os Eſtatutos, he embaraçar o veremſe excedidos. Eſte o emprego, e vida commua das Religioſas deſta Caſa, ſantamente envejoſas humas de outras, ſó de verem, que diſpenſaõ os Prelados com algumas, para ſe alargarem nas penitencias.

Eſſa era a mayor ancia de Sor Maria, porque creſcendo na devoçaõ de contemplar a Chriſto padecendo, deſejava abraçar huns rigores, que de algum modo ſe aſſemelhaſſem áquelles. Aſſim pedia com vivas lagrimas (que eraõ o primeiro fruto deſta contemplaçaõ) a ſeu Eſpoſo, que reparțiſſe com ella daquellas dores, para que lhe dera a cauſa. Naõ ficou ſem deſpacho a ſupplica; tanto ſe obrigou o Senhor della. Vellohemos deſpois. Mas bem alcançava Sor Maria a grandeza do que pedia; quiz accreſcentar merecimentos, e achou huma nova induſtria de reduzirſe a eſtado, que a tiveſſem por tonta. Aſſim o moſtrava no deſconcerto de ſua peſſoa, nas ſimplicidades do que reſpondia, naõ no que tocava ao ſerviço da Caſa, e execuçaõ da obediencia.

Couſa rara, e certamente permiſſaõ Divina, que todas a tiveſſem por fatua, ainda mais que por tonta, naõ havendo acçaõ propriamente de Religioſa, em que ſe naõ moſtraſſe advertida, e perfeita, porque ſó no trato commum a viaõ como eſquecida, e pouco atilada. Mas parece, que nevoava Deos os olhos ao diſcurſo das companheiras, ou queria trazer aquelle theſouro eſcondido entre ellas, para confuſaõ dos que examinaõ ao humano diſpoſiçoens Divinas; porque muitas vezes diſſe ás Religioſas, eſpecialmente ás Preladas, o Vigario, que era o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, e Confeſſor de Sor Maria, que a deixaſſem, que o caminho, que levava, era direito, e que mal ſabia aquella Caſa o que tinha em Sor Maria.

Naõ dormia em cama, passando as noites inteiras no Coro, porque servindo, e incançavelmente todo o dia, naõ tinha outro tempo para orar, e contemplar com descanço. Encostada ao pé de hum Altar, tomava algum pequeno, quando a vencia o sono. Achavaõ-na alli as Preladas, e sabendo o que servia, e que aquelle estylo de descanço naõ bastava, a mandavaõ recolher para a cella: sem replicar, obedecia; mas recolhida a Prelada, tornava ao Coro, e á oraçaõ, até que a chamava o dia para o serviço da Casa.

Sempre se achava a primeira para o mais penoso della, acarretar agua, e lenha, tomar pezos mayores em seus braços, e hombros, trabalho, que admirou, e confundio as Religiosas, quando depois de sua morte se soube a impossibilidade, que tinha para o fazer. Foy o caso, que envejoso o inimigo commum do grande fruto, com que a Serva de Deos entrava, e sahia do Coro, lhe armou huma noite hum tropeço em huns ceiroens, que estavaõ nelle, por tal modo, que só podia ser seu o artificio. Entrou Sor Maria, e preza no laço, deu huma tal queda, que o menos foy pizarselhe o rosto, porque se lhe desconjuntaraõ os ossos de sorte, que lhe veyo a ficar hum quadril fóra de seu lugar hum palmo; successo, e lesaõ, de que naõ quiz dar noticia, porque pedia maons de cirurgia, e o lugar em que era, menos composiçaõ para a cura.

Assim sepultou, e escondeo as dores, e o estado em que a deixara a queda; e só ao amortalharem-na, se soube, e pela noticia, que de mais particularidades suas se teve na vida, que della apontou a Irmãa Sor Cezilia dos Anjos, por preceito de seu Confessor. Incrivel parece, que huma mulher debil por natureza, e por compleiçaõ, e attenuada com penitencias, soportasse por nove annos (que tantos houve da queda á sua morte) o mayor trabalho das officinas do Mosteiro, sem se lhe ouvir queixa, sem se experimentar falta, sendo o desastre capaz de a deter em huma cama paralytica, ou ao menos de a deixar com a pensaõ de aleijada. Mas Deos, que para seu merecimento, permittio a queda, sem duvida lhe dobrou a força, e a paciencia.

O tempo, que lhe sobejava das occupaçoens quotidianas, era inteiro para Deos, já assistindo no Coro diante do Santissimo, já visitando Altares, já diante da Senhora do Rosario, rezando-o de joelhos, devoçaõ de todos os dias. Sabia, que lhe prohibiaõ os jejuns de paõ, e agua; e do que se dava na Communidade, comia taõ pouco, que ainda lhe ficava o jejum mais estreito. Em Sestas, Sabbados, e dias de Communhaõ, nada admittia no sustento, que podesse servir de gosto. Na Semana Santa pedia licença para naõ passar de humas hervas. Assim era sua abstinencia, que se admiravaõ de como se sustentava, e mais do calor com que servia.

A's enfermas o fazia com tanto desvelo, que ao mais fraco gemido já a tinhaõ á sua cabeceira, largando qualquer outra importancia. Fazia-lhes mimos

mos do que podia alcançar da deſpenſa por ſua induſtria; e porque talvez as Preladas, achando-a com o furto nas mãos, a reprehendiaõ, e vendo que ainda continuava, lho eſtranhavaõ, reſpondeo huma vez: *Madre, a mim levame a caridade, e por mais que me caſtiguem, a noſſa Regra nos enſina, que o amor de Deos, e do proximo a tudo ſe anteponha.*

Com eſte eſtylo, e rigor de vida paſſou neſta Caſa trinta e nove annos. Cinco antes de ſua morte, perdeo de todo o ſentido de ouvir, e muita parte do de ver; aſſim ficou eſcuſa ao trabalho, mandando-a as Preladas recolher na cella; mas porque naõ tiveſſe nunca deſcanço, que era o que pedia a ſeu Eſpoſo, aos trabalhos ſuccederaõ tormentos. Incharaõ-lhe as coſtas, cubertas de vivos, e levantados vergoens, que lhe tomavaõ do peſcoſſo até á cintura. Duas grandes chagas, que lhe occupavaõ ambas as eſpadoas. O coraçaõ com dores taõ vehementes, como ſe lho eſtiveraõ atraveſſando com paſſadores. Aqui lhe faltava o ſofrimento, gritando muitas vezes por Jeſus crucificado; laſtimava-ſe ao principio quem a ouvia, deſpois pareceo tontice da idade, porque queria ſeu Eſpoſo, que nem a commiſeraçaõ lhe ſerviſſe de alivio. Mandavaõ-na callar, reſpondia ſofrida: *Eu me emendarey, perdoem-me pelo amor de Deos.*

Deralhe o Ceo huma excellente voz, que ſendo Converſa, a mandavaõ cantar no Coro com as mais Religioſas delle. Agora a idade, e os achaques a tinhaõ emmudecida. Era pelo Natal, pedio ás Religioſas, que a levaſſem á Caſa do Preſepio, onde ſe ajuntaõ todas; e chegando-ſe ao Menino, lhe cantou huma cantiga com tal ſuavidade, e deſtreza, que as deixou admiradas, naõ faltando alguma, que entendeſſe, que como o Ciſne, cantara com mais doçura, porque ſe fora deſpedir da vida. Recolheoſe logo á Enfermaria, onde quaſi hum anno lhe permittio o Ceo o purgatorio de ſuas dores; e agradecendo com humildade o cuidado das Enfermeiras, e a aſſiſtencia das Religioſas, coſtumava dizer: *Deos lho pague*, accreſcentando com confiança, e ſingeleza: *E eu me lembrarey, quando me vir no Ceo.* Com eſta paz, e ſocego de eſpirito (por mais que as dores combateſſem o corpo) tomou o Viatico; e reſtituindo-ſelhe o ſentido de ouvir, e attendendo inteira, e ſocegada a Unçaõ, e Officio da agonia (em hum Sabbado, dia para ella fermoſo, 21. de Dezembro de 1647.) levantou os olhos ao Ceo, como ſe quizera ver o caminho, que levava ſua alma, e em huma imperceptivel reſpiraçaõ acabou a vida.

CAPITULO XXIII.

Da Madre Soror Catharina da Encarnaçaõ.

PODeramos dizer, que a boa inclinaçaõ dos filhos naſcia ſó do bom exemplo, e enſino dos pays, ſe naõ viramos alguns daquelles com exercicios mayores, que ſua idade, naõ havendo ainda neſta, capacidade para ſe aproveitar do enſino, ou

no, ou ſe convencer com o exemplo. Aſſim nos obriga a novidade a levantar o diſcurſo a mais ſoberano principio, contemplando os deſvelos da Providencia nos eſcolhidos para venturoſos empregos della. Com eſta advertencia vemos agora a Madre Sor Catharina (huma das quatro irmãas, filhas dos Condes de Baſto, e entre as quatro, a mais velha) já nos primeiros annos com occupaçoens taõ pouco delles, que naõ baſtando a tanto o enſino, que ſempre tem peſſoas de ſemelhantes qualidades (e muito mais de huns pays taõ piedoſos, como os Condes) forçoſamente havemos de levantar o conhecimento aos ſegredos do Ceo, entendendo, que já Sor Catharina procedia como aconſelhada delle, voltando as coſtas á boa cara, que lhe moſtrava o Mundo com ſuas grandezas, e eſperanças de aventajallas.

Aſſim era a ſua aſſiſtencia no Oratorio, onde paſſava a mayor parte do dia. Continuava com ſuavidade de eſpirito a oraçaõ, ſendo o primeiro effeito della o abrazarſe em ancias de buſcar o deſerto da Clauſura, a que ſeu Eſpoſo a chamava, para fallar a ſeu coraçaõ, ſem que os eſtrondos da terra lhe eſperdiçaſſem huma palavra: mas naõ goſtavaõ os Condes ſeus pays da pratica de recolherſe, com os olhos nas importancias de ſua Caſa, que talvez ſe podiaõ eſtribar nos parenteſcos, que traz comſigo hum deſpoſorio. Eſta era ſua pena, mas nada lhe deſenganava as eſperanças de triunfar do que lha motivava, continuando aquelle concertado eſtylo de ſua vida. Occupado em oraçaõ, e particulares devoçoens o mais do tempo; no que lhe reſtava, ſe applicava a obras de baſtidor, para que tinha grande genio, ou ſatisfazendo o mayor, com que a achava a liçaõ dos livros, entertendo-a honeſtamente a da hiſtoria.

Mas queria o Ceo adiantalla em caminho de mais importancia, e accommodando-ſe ſuavemente a ſeus annos, lhe hia abrindo mais os olhos, entendendo, que devia trocar aquella leitura, que ſó divertia, pela que ſeguramente aproveitava: aſſim ſe deu á de livros ſagrados, experimentando tanta melhora em ſua conſciencia, que levantado o ſeu conhecimento ſobre tudo da terra, olhava já para eſſe tudo, conhecido por nada. Seguioſe ao deſengano o deſprezo, ao deſprezo a reſoluçaõ de naõ admittillo, e fazendo voto de caſtidade, começou a diſpor embaraços taõ forçoſos, como ſe ſe acautelara até contra a poſſivel inconſtancia de ſeus deſejos. Ficou logo á ſua induſtria o trocar o Palacio em recoleta, reſolvendo-ſe á vida da Religioſa mais reformada. Por via de ſeus Confeſſores alcançou cilicios, e mais inſtrumentos de mortificarſe. Deſtinou o melhor, que ſe lhe punha no prato, a hum pobre; e deſvelada caritativa, no que podiaõ alcançar ſuas poſſes, naõ quiz mais herança de ſua Caſa, que a de ſeu avô, o Conde D. Fernando, e de ſeu tio o Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, na aſſiſtencia, e deſvelo com os deſamparados, e deſvalidos. Primeiro pareceo que os her-

herdara; viofe logo, que os excedia.

Eſta era ſua vida, mas deſaſocegada, por paſſarſe á mais eſtreita; eſperava-o aſſim reſoluta, dando-ſe os parabens do voto, que fizera, privilegio, que o Ceo lhe havia de fazer bom, quando poderoſa a violencia lho quizeſſe derogar, ou deſconhecer. Nada lhe occupava com mais deſaſocego o ſentido, que o caminho de paſſar a mayor cativeiro; mas a ſogeiçaõ, e amor, que tinha a ſeus pays, lhe tapava a boca, para que a reſoluçaõ, e o ſentimento naõ ſahiſſem a publico; ſilencio, de que parece ſe deſagradou Deos, porque a começaraõ a perſeguir doenças prolongadas, com taõ difficil remedio, como ás que ſe lhe ignorava o principio.

Aſſim viveo martyr alguns annos; contava já vinte e quatro. Olhava para o incerto da vida, via o pouco, que (ainda a conjecturas humanas) lhe reſtava della; entrava em penſamentos, de que os achaques eraõ golpes, com que o Eſpoſo lhe batia á porta, para que acabaſſe de levantarſe do leito de ſua ſuſpenſaõ, rompendo por reſpeitos de pays, e parentes, offerecida a injurias, a moleſtias, a feridas, ſó por ſe ver em ſeus braços naquelle eſtado, e por aquelle eſtylo, em que foſſe indiſſoluvel o laço. Reſolveoſe em propollo aſſim a ſeus pays, e o meſmo foy tomar eſta reſoluçaõ, que largarem-na os achaques. Naõ o deſconheceo Dona Catharina, e agradecida á Celeſte induſtria de ſe ver caſtigada, e favorecida, deſcobrio aos pays ſua firme reſoluçaõ (edificio, que cada hora hia avultando ſobre o voto de caſtidade, que tinha feito) de que fóra de huma mortalha de burel, e huma ſepultura viva, naõ admittiria couſa, que lhe offereceſſe a terra, que já o Senhor lhe dava forças para entrar na venturoſa eſcravidaõ das que com o timbre de ſuas ſervas, augmentaõ a felicidade de ſuas eſpoſas, que ſó eſta ventura lhe deſaſocegava a eſperança; e que eſta ſó lhe faltaria com a vida, aquella nem com a morte.

Mas nada baſtava com os pays, agora rebeldes com o receyo, de que no rigor daquella vida lhe repetiſſem os achaques. Naõ deſmayou Dona Catharina, antes com valor, e reſoluçaõ aconſelhados de quem lhos dava, decretou comſigo exercitar em ſua propria Caſa, o que lhe embaraçavaõ na de Deos, como quem entendia, que o achar a Deos, naõ tinha mais induſtria, que a de ſaber buſcallo; e que alli aſſiſtia, onde lhe ſabiaõ fazer aſſiſtencia. Cortou os cabellos; deulhe o ornato (como áquella Feniz, que deſeja o Sabio) a lãa e o linho; eſte huma toalha, aquella huma tunica; e recolhendo-ſe em huma caſinha junto ao Oratorio, achou no meyo dos fauſtos de ſua Caſa a hoſpedagem da Paleſtina, naõ menos que a Penitente de Bethulia.

Dormia poucas horas, e ſempre veſtida. Madrugava a tomar huma rigoroſa diſciplina; ſeguiaſe larga oraçaõ; paſſava a rezar as Matinas, e Prima do Officio Divino. As mais Horas delle nas que o coſtuma fazer a Igreja. A eſta regra ajuntava

todos

todos os dias o Officio de Nossa Senhora, o pequeno do Espirito Santo, os Psalmos Penitenciaes, os Graduaes, o Officio dos defuntos, Missa todos os dias, e frequencia dos Sacramentos. Se lhe restava algum tempo, cozia, e bordava as alfayas sagradas, que mandava a Conventos, e Igrejas pobres, para adorno de Imagens, e Altares. Assim estava no Mundo taõ alheya delle, que lhe naõ deveraõ nunca as suas novidades nem a diligencia de chegar a huma janella, nem para que o fizesse, valeo industria alguma.

Mas gemia seu coraçaõ cativo na terra alheya, lembravaõ-lhe as delicias de Siaõ, e suspirava o logro dellas, se quer no caminho da Clausura, que he o que mais se lhe avisinha. Assim instava com seu Esposo com lagrimas, com a Rainha dos Anjos com supplicas, repetindo-lhe de joelhos o seu Rosario todos os dias; e continuando com mais fervor, lhe fez voto, de que chegando a verse no estado de Religiosa, a serviria com especial culto, determinando logo as circunstancias delle em jejuar as Vesperas de suas Festas a paõ, e agua, por quinze annos, exercitando-se em cada hum delles naquella virtude, em que mais resplandeceo no Mundo, contemplada nos mysterios de seu Rosario. Este voto comprio inteira, e exactamente recolhida aos Claustros sagrados; e levada das suavidades de espirito (com que a Senhora lhe pagou a pontualidade) acabados os primeiros quinze annos, renovou o voto por outros quinze, e assim o repetio de sorte, que em quanto viveo, o exercitou.

Nove annos contava já nesta aspereza de vida, inflexivel aos rogos, e conselhos com que os parentes a queriaõ desviar della, ou reduzilla (apagando-lhe os desejos da Clausura) a menos aspereza; mas enfraqueceo primeiro, que a sua constancia, aquella bataria (como a teima dos pays) dando-lhe licença para se recolher, e ir acompanhar a sua tia nesta Casa do Sacramento, levando comsigo mais trez irmãas, como se o Ceo lhe quizesse pagar o martyrio dos antigos embaraços na felicidade de ser ella a que os facilitava ás outras; em que já os exterminara, como triunfadora, a sua constancia. Assim vestiraõ todas a suspirada mortalha Dominicana, no ultimo de Fevereiro de 1615., e escolhendo Dona Catharina sabrenome, se chamou Soror Catharina da Encarnaçaõ.

CAPITULO XXIV.

Continua-se a vida da Madre Sor Catharina.

Começou esta Madre a respirar, como se se vira no centro, sendo o seu descanço, naõ o ter em cousa, que lhe naõ exercitasse a paciencia. Nada havia já, que a adiantasse na perfeiçaõ religiosa, mais que o ser agora preceito o que até aqui gosto. Só nas penitencias alargava a maõ com mais liberdade, porque aos exemplos, que tinha de Casa, e á vista, se convencia que naõ tinha feito nada. Apertouse entre duas Cruzes, que cubertas de agudos

dos bicos, huma lhe atormentava as coftas, outra os peitos. Naõ havia mortificaçaõ, que a naõ achaffe com ancia, e a naõ deixaffe com fede. Era infaciavel a de chegarfe á fonte da vida; divifava-felhe na alegria com que commungava.

Como era já crefcida, difpenfou a Prelada com ella nos dous annos, que coftumaõ eftar em cafa de Noviças as Profeffas, paffando-a nella a Meftra de humas, e outras, porque paffaffe a ter exercicio o exemplo, que até alli enfina mudo. Affim paffou a fua modeftia, e a fua obfervancia de aprender a enfinar, com o grande avanço de quem já enfinava aprendendo. Era fua vivenda o Coro, ou a cella; e averiguou-fe que fóra do tempo do Officio Divino, e particulares devoçoens, tinha de oraçaõ todos os dias oito horas, ou em pé abertos os braços, ou de joelhos. Naõ deixariaõ de fer extraordinarias as confolaçoens, que a confervavaõ naquelle Celefte commercio; mas eftes faõ os thefouros, que efconde a cautela no caminho do Mundo; fó á noticia defte os furtou o feu filencio.

De Matinas ficava no Coro até ás cinco da manhãa, tomando o breve defcanço, que fe permittia até hora de Prima. Daqui lhe nafcia huma grande tentaçaõ de fono, que a afligia; mas huma tal conftancia, que ou fe defpertava ao rigor da difciplina, ou pingando os braços com a fervente cera de huma véla. Soubefe defta rigorofa induftria, porque hindo á cofinha a ajuda voluntaria, ao ferviço della era forçofo defcobrir os braços, que fe lhe viaõ em chaga viva. Foy rara fua paciencia; fem chegar a remedios, diffimulava muito os achaques; aggravando felhe, fe lhe naõ ouvia a minima queixa delles. Nem os mayores baftavaõ a divertirlhe o defvelo com que cuidava no feu rebanho; affim concertado, affim prompto a todas as obrigaçoens da Cafa, que bem luzia nas difcipulas a applicaçaõ da Meftra. Fazialhes praticas, cheas de efpirito, e doutrina; encaminhava-as com brandura, e em lugar de caftigo, com o exemplo á exacta obfervancia, repartindo-lhe meditaçoens para todas as horas do dia; ainda hoje fe obfervaõ, e fe obferva nellas o bem, que repartia o tempo, a onde chegava feu efpirito.

Levou-a a obediencia ao lugar de Prelada; as prendas a faziaõ unica para o cargo, e fó o nome a differençava nelle, e afpereza com que reprehendia o mais leve defcuido na obfervancia de Conftituiçoens, Regra, e Eftatutos da Cafa. Mas nem toda efta inteireza lhe malquiftava a fuavidade, e brandurà com que fe fazia amada tanto, como obedecida, porque levada do feu genio, como doutrinada de grande Meftre, queria antes as fogeiçoens do gofto, que do medo. Agora luzia mais nella a caridade, affiftindo defvelada ás enfermas, e taõ defvelada, e a taes horas, que antes pareciaõ as fuas diligencias pontualidades de Enfermeira, que compaixoens de Prelada. Sendo a doença perigofa, era a primeira, que defenganava a enferma, animando-a com palavras cheas de viva efperan-

ça de melhor vida, e applicando por ella piedofos exercicios, em que entaõ mais fe affervorava.

Porque lhe naõ efqueceffem os em que empregava todo o tempo, tinha rodeada a pequena cella com avifos para a memoria, e eftimulos para a obfervancia, perguntando-fe a fi, para que viera para os fantos Clauftros, lembrando-fe o que devia a Deos em a trazer a elles; o que efperava defpois defta caduca, e miferavel vida; que a unica importancia devia fer affegurar a eterna; e que o perfeverar no eftado, que tinha, devia fer o unico emprego de fua conftancia. Com a mais inflexivel nefte genero de vida, contava já trinta e dous annos, quando quiz o Senhor pagarlhe os empregos della com o regalo de huma doença. Foy huma febre lenta, como a que fe lhe permittia para exame da paciencia; e duroulhe quinze mezes, como fe fe lhe pagaraõ nefte martyrio os quinze annos daquelle feu fingular voto.

Naõ o duvidava efta Madre, como deftra no idioma do Ceo, onde fó valem o mefmo, que mimos os que a terra chama trabalhos. De pé tomou conftantemente efte achaque, fegurando logo, que feria o ultimo. Começou de difpor fua alma como aconfelhada defte conhecimento; taõ fegura nelle, que bem fe entendia que fe lhe naõ communicara da terra, onde efte era impoffivel, e todos faõ falliveis. Mas affim vivia a Madre Sor Catharina ajuftada, que fem o minimo fobrefalto, naõ fez mais novidade, que a de ir continuando com efte conhecimento. Parece que o teve tambem de fua morte, porque recolhendo-fe á Enfermaria ao preceito da Prelada (affim queria, imitadora de feu Efpofo, abraçar a morte obedecendo) e dando-lhe a Communhaõ paffados quatro dias, ao perguntar-lhe huma Religiofa, quando commungaria outra vez? Refpondeo com focego: *Já agora efperarey pelo Santo Viatico.*

Pedio logo, que alli fe naõ fallaffe em outra coufa mais que em Deos, e que por caridade lhe continuaffem a liçaõ das piedofas meditaçoens de Fr. Luiz Granada. Começou a medir o tempo, e a occupallo em penitentes, e abrazadas jaculatorias, que a miudo repetia a hum devoto Crucifixo, que tinha á cabeceira. A força do mal, e as poucas, que lhe deixaraõ as penitencias, naõ lhe permittiaõ continuar aquelle defafogo de feu efpirito; e aconfelhando-lhe huma Religiofa, que fizeffe por tomar algum defcanço, refpondeo (chea de alvoroços) que naõ era já tempo de dormir, mas de vigiar, até que o Senhor foffe fervido de bater ás portas de fua alma.

Pedio hum livro de inftrucçoens para bem morrer; por elle fe difpoz; fez a proteftaçaõ da Fé, e fe confeffou geralmente; e por mais que os Medicos affentavaõ em que fe naõ avifinhava tanto o ultimo perigo, ella, aconfelhada de mais feguro Medico, pedio o Viatico, e a Unçaõ. Era fobre a tarde, entrou o Vigario, que era o Veneravel Padre Meftre Fr. Joaõ de Vafconcellos, e ao vello entrar, reveftida de huma fubita alegria, diffe para elle:

Pa-

Padre: *Flores apparuerunt in terra noſtra.* E reconciliando-ſe, chamou as Religioſas, e com palavras cheas de amor, e humildade, lhes pedio perdaõ do mao exemplo, que lhes dera, e faltas em que cahira, aſſim ſubdita, como Prelada. Tomou o Viatico, e ao tomar a Unçaõ, chamando para junto a ſi huma Religioſa, foy repetindo com ella os Pſalmos Penitenciaes, e reſpondendo a tudo com hum tal ſecego, como ſe antes aſſiſtira, que o recebera. Pedio logo ao Prelado, que poſtas em ordem as Religioſas, cantaſſem hum *Te Deum laudamus*, dando da ſua parte graças a Deos, de a deixar receber os Sacramentos como filha da Igreja, inteiros os ſentidos, e o juizo. Aſſim ficou taõ ſocegada, e alegre, como ſe o que lhe reſtava, naõ foſſe a morte.

Choravaõ as Religioſas, como as que perdiaõ nella Mãy, Meſtra, e Prelada; e ella moſtrando, que ſe laſtimava de ſua pena, lhes repetia: *Que naõ era razaõ que foſſe tanto o ſentimento*, accreſcentando logo com os olhos no Ceo: *Non recuſo laborem, fiat voluntas tua.* Como ſe diſſera: *Naõ me eſcuſo à eſta agonia; faça-ſe a voſſa vontade.* Naõ admittia alivio huma Religioſa, que mais obrigada ſua, ſe lhe naõ apartava da cabeceira. Voltouſe a ella a Madre Sor Catharina, e diſſelhe com ſegurança, e com brandura: *Naõ ſintais com tanto exceſſo o que he para mim de tanto ganho*: *Mihi vivere Chriſtus eſt, & mori lucrum.* Vinha a dizer como o Apoſtolo, que com Chriſto, ou o viver, ou o morrer, ſempre he lucro. Era Veſpera da Viſitaçaõ, pedio a algumas que a ajudaſſem a rezar Matinas; diſſeraõ-lhe que as differiſſe para o dia, e reſpondeo que no dia haveria trabalho, que lhe tiraria o tempo. Rezou, e ao dia pela manhãa as Horas; e por mais que lhe aconſelhavaõ que deſpois baſtava, repetia que hum ſucceſſo lhe podia embaraçar eſſe goſto.

Paſſado meyo dia, quiz rezar Veſperas, advertindo que deſpois naõ poderia. Embaraçoulho a Prelada, vendo-a deſfalecida, e mandou-lhe que naõ rezaſſe por obediencia; reſpondeo humilde: *Que primeiro que tudo eſtava eſta.* Deſpedioſe logo das Religioſas, e foyas abraçando. Chegou huma das mais antigas, e pedindo-lhe que lhe lançaſſe huma bençaõ, que a deixaria com eſſa conſolaçaõ, reſpondeo com encolhimento: *Que antes lha pedia, e que a encomendaſſe a Deos, pois a via em hora, em que tanto o neceſſitava.* Era entaõ Prioreza huma irmãa ſua, e chegando eſta a abraçalla, pedindo-lhe com lagrimas, que quando ſe viſſe diante de Deos, ſe lembraſſe de encomendarlhe aquella Caſa, lhe reſpondeo enternecida: *Minha Prioreza, iſſo me ha de dizer? E podermehey eu eſquecer de couſa, que eſtá á ſua conta?* Mas ſuſpendendo-ſe hum pouco, como arrependida do que diſſera, accreſcentou: *Mas que poſſo eu, ſendo huma taõ grave peccadora, que perece, que as engano com minhas hypocriſias?*

Pedio que lhe rezaſſem a Paixaõ de S. Joaõ; compungio-ſe, e enterneceo-ſe com ella. Advertio logo, que chamaſſem

os

os Padres, que era tempo, e perguntando-lhe o Vigario se sentia alguma cousa, respondeo: *Que nada mais, que as ancias da morte*; e foy continuando com os Religiosos o Officio da agonia, acabando-o com algumas jaculatorias á Imagem de hum Crucifixo; com que igualmente admirava, e enternecia. Faltoulhe juntamente a voz, e o espirito, entregando-o nas mãos de Deos. Assim se entendeo piedosamente, ajudando a confirmallo a compostura, e alegria do semblante, em que desconheceo as sombras da morte, como o testemunho do Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, que voltando-se ás Religiosas, disse, que lhe naõ ouvira culpa mortal na confissaõ de toda a vida, e que se achava admirado, e confundido de ver o que havia naquella bemdita alma. Faleceo esta Madre em dia da Visitaçaõ de 1648. dia, que parece tinha vaticinado, quando respondendo ás Religiosas (que naõ consentiaõ que ás Vesperas rezasse Matinas) disse, que assim o devia fazer, porque ao dia seguinte estaria embaraçada; e bem podia ter revelaçaõ da hora, que seria a ultima, quando parece, que a teve de que o era a doença.

Mostrou-o com tanta segurança, que no dia, em que se lhe aggravou a febre, e se lhe abrio huma aguda pontada (era o do Bautista) disse ao applicarem, e disporem os Medicos mesinhas, e minorativos, que ella aceitava o que se lhe ordenasse, porque protestava morrer obediente, naõ porque entendesse, que houvesse remedio, que já a tirasse das maons da morte. Naõ mereceo sua vida menos mimo a seu Esposo, nem o conhecimento della menos credito em suppor este mimo. Engrandecido seja o Senhor, taõ justo, que assim apressa premios; taõ piedoso, que assim ajuda a merecellos!

CAPITULO XXV.

Da Madre Sor Joanna Bautista, das primeiras, que deraõ principio á esta recoleta; e de Sor Francisca da Madre de Deos, Conversa.

O Primeiro espirito, com que começou a viver, ou o espiritoso coraçaõ, que começou a animar o penitente corpo da observancia nesta Casa, foy a Madre Sor Joanna Bautista, com suas irmãas, as Madres Sor Maria da Resurreiçaõ (que com bom nome faleceo nos primeiros annos de Professa), e Sor Filippa de Jesus, de que atraz fica noticia. Tomara a Madre Sor Joanna o habito em Santa Catharina de Evora. Poucos annos de idade, muitos esmeros de virtude, saõ rayos do Sol vigorosos, que com o augmento do dia criaõ brios, para romper nublados. Por mais que os dissimule a molestia, os negue a industria, e os calle a singeleza, sahem á praça, fazendo grito do mesmo silencio, levados em hombros da veneraçaõ, e do assombro.

Assim succedeo (e assim tinha succedido a sua irmãa, a Madre Sor Filippa) ao raro exemplo, com que de quinze annos começou a Madre Sor Joanna a ser espelho dos espiritos mais adiantados, que voavaõ

vaõ para Deos no Ceo recoleto de Santa Catharina. Cuſtou pouco aos piedoſos Condes de Vimioſo o encontrarem eſta noticia, antes lhes entrou pela porta dentro a aliviarlhe o cuidado de começarem a povoar eſta Caſa, levantada com zelo, continuada com goſto, e agora perfeita com deſcanço, achando na Madre Sor Joanna, e em ſua irmãa a Madre Sor Filippa duas columnas, com que começaſſe a creſcer o edificio eſpiritual, como alma do que já avultava em paredes, e architectura. Aſſim paſſou a Madre Sor Joanna para eſta Caſa da de Santa Catharina, com o cargo de Fundadora, tendo de idade trinta annos, taõ adiantados em prudencia, e doutrina religioſa, que ſó podiaõ ter huma falta, que era a que ella ſentia na ſaude, perſeguida de achaques, pelo ter ſido naquelles primeiros tempos de rigores, que continuados, e paſſados a coſtume, contentavaõ a natureza, com lhe ter feito companhia.

Deixou ſaudoſa, e magoada toda a daquella Caſa; mas valia mais com ella a negaça de mayor eſtreiteza, como era a que ſe havia de uſar neſta. Aſſim veſtio goſtoſa, mais groſſeira, mais eſtreita gala em hum habito de grizè, deſpindo-o menos eſquivo na eſtamenha. Mais tapado véo lhe cobrio os olhos, mais rigoroſa Clauſura a eſcondeo aos do Mundo, e ficou no ſeu centro. Alli começou ſua vida a ſer huma regra animada, para que olhavaõ, e a que ſe compunhaõ, como a eſpelho criſtalino, aquellas ditoſas almas, que entravaõ ás vodas do Cordeiro. A ſua humildade confundia as ſubditas, a ſua obediencia aos Prelados lhas doutrinava obedientes. No ſilencio era Oraculo mudo; na oraçaõ devoto, na paciencia ſofrido; naõ havendo acçaõ penitente, ou religioſa, com que naõ confirmaſſe as perfeitas, adiantaſſe as vagaroſas, e confundiſſe as deſcuidadas. Aſſim podemos dizer, que ao grande eſpirito deſta Madre deve eſta Caſa os que nella ſuſtentaraõ, e ainda hoje continuaõ, ou adiantaõ a vida da refórma, para exemplar dos que a buſcaõ, e reprehenſaõ dos que a relaxaõ.

Quatro annos foy eſta Madre Prioreza, com grande conſolaçaõ das Religioſas, tirandolhe os achaques o teremna mais vezes. Aſſim era amada, e eſtimada todas; aſſim as amava, e eſtimava a ellas; deulhe o Ceo todos os genios de cativar; com o exemplo as obrigava como ſubditas, com a brandura como filhas, com a commiſeraçaõ como companheiras. Antes pareceo mãy da pobreza, que Prelada de pobres. Era-o muito a Caſa; mas nem iſſo lhe fazia encolher as maons, que liberalmente eſtendia aos neceſſitados, repartindo com elles do pouco que havia, com tanta largueza, que ſe queixava a Procuradeira, temendo que no Moſteiro ſe ſentiſſe a falta. Foy couſa experimentada, e muitas vezes repetida deſta meſma Religioſa (peſſoa digna de credito) que naõ ſendo o trigo, e talvez os legumes, baſtantes a chegar ao cabo do anno, repartidos pela boa Prelada entre os pobres os mais dos dias da ſemana, naõ ſó venciaõ o anno,

ſobejavaõ para o outro. Era a Madre Sor Joanna pratica nos commercios da eſmola, conhecia os avanços della pela Arithmetica do Ceo, que elle naõ ſaberia menos multiplicar, que ella repartir.

Era rara a reſignaçaõ, com que continuamente ſe punha nas maons de Deos; daqui lhe naſcia hum como eſquecimento da natureza. Aſſim eſcutou conſtante a morte de ſeus irmaons; aſſim na de ſua irmãa a Madre Sor Filippa aſſiſtia com os olhos enxutos á ſua cabeceira. Receou a Prelada naõ rompeſſe em algum accidente aquella diſſimulaçaõ de ſentida; mandoulhe, que ſe retiraſſe; paſſou ao Coro a rezar o Officio Divino (os annos, e os achaques a naõ deixavaõ já acompanhar nelle a Communidade). Eſpirou a irmãa; chegou huma Religioſa a dizerlho. Continuou rezando, e logo levantando os olhos, e maons ao Sacrario, e dizendo: *Bemdito ſeja Deos*, voltou á Religioſa: *Madre, perdoeme, naõ lhe reſponder logo, que eſtava acabando huma Hora da reza.* Aſſim foy ſeguindo até a acabar, ſem que a preciſa dor do ſangue valeſſe a turbarlhe aquelle ſanto ſocego, com que ſe eſtava commerceando com o Ceo.

Naõ ſuccedia aſſim quando a pena, ou a magoa era naſcida de ſeu grande zelo; aſſim ſentia no mais intimo dalma qualquer offenſa, que a Deos ſe fazia, que ſó aqui rompia a ſua impaciencia. Lamentou eſte Povo de Lisboa (corria o anno de 1630.) o execrando deſacato, com que na Freguezia de Santa Engracia ſe roubou o Santiſſimo Sacramento; culpa permittida em caſtigo das em que ſe engolfava o noſſo deſcuido, e o noſſo deſatino. Eſcutou eſta Madre a lamentavel noticia, ſeguio-ſelhe a ella huma taõ vehemente dor, que banhada em lagrimas, e proſtrada diante do Sacrario, pedia com vivas anciás do coraçaõ ao Senhor, que venerava nelle, que ſe vingaſſe nella ſua ira, que em ſua vida deſpicaſſe aquella offenſa. Aſſim chorou, aſſim pedio huma vez, e outra, tambem eſcutada do Ceo, que o naõ duvidaraõ as Religioſas no que agora viaõ, e no que deſpois experimentaraõ.

Queixoſa, e nunca bem convalecida, paſſava já entaõ a Madre Sor Joanna; mas daquelle dia em diante aſſim a apertaraõ novas queixas, taõ eſtranhas, e rigoroſas, que como a golpes da maõ Divina, parecia milagre a reſiſtencia. Neſte rigoroſo tormento ſuſtentou largos annos a vida, proſtrada já no cabo delles em huma cama, attenuada, e conſumida, reduzida ao retrato da paciencia, antes eſqueleto animado, que vivente desfalecido. Bem entendia, que aquelle era o deſpacho da ſua ſupplica, premio da ſua ancia, e mayor mimo daquelle Senhor, que deu a hum Paulo, a hum Franciſco, a hum Domingos, e a huma Catharina chagas por inextimaveis prendas. Bem ſabia, que aquelle era o eſtado, em que o ſeu ſofrimento lhe ſervia de deſaggravo, podendo dizer com David: *Zelus Domus tuæ comedit me, & opprobria exprobrantium tibi, ceciderunt ſuper me.* Pſalm 68. Como ſe diſſera: *Senhor o zelo de voſſa Caſa me conſumio; e a afron-*

afronta, e desacato, que vos fizeraõ blasfemos, e sacrilegos, cahio sobre mim.

Assim parece que foy, assim o pedira Sor Joanna, assim se via naquella cama consumida, assim a ancias de seu zelo, se reduzio ao estado da mayor miseria, tomando de si o desaggravo daquella offensa. Nada a affligia mais naquelle estado, que a continua ancia de purificar sua alma, sendo tanta a singeleza, e candidez desta (com o privilegio de claro, e agudo entendimento) que affirmava seu Confessor, que nunca lhe achara culpa mortal. Foy assim taõ suave sua morte, que nella se esteve vendo sua vida. Chegada aos ultimos della, receбeo os Sacramentos confórme, constante, e alegre; e em hum Sabbado, 25. de Abril de 648. deixou as Religiosas saudosas de sua companhia, e passou a lograr a dos Anjos. Assim parece, que o merecera na vida; assim o parecia no estylo com que a acabava.

Singular progenitora da virtude a pobreza, quando assistida da honra. Quando esta sabe aconselhar sofrimento aos desamparos, sahe a pobreza grande mestra da vida. Arriscado tropeço he a miseria, e a penuria, ensinada dos apertos a alargar a maõ ao remedio delles, sem reparo de que, sendo illicitos, levaõ indevidamente nome de remedios. Estupendo espectaculo para a natureza, ver triunfar a honra da miseria! Naõ levanta menos trofeo, que a virtude. Agora veremos este em Sor Francisca da Madre de Deos.

Nasceo de pays pobres, mas honrados; e filha de huma pobreza honrada, naõ teria menos que a virtude por Mestra. Sahio taõ boa discipula, que já de poucos annos estendia os olhos ao caminho da Clausura, com a magoa, de que as poucas posses lhe prendessem os passos, propondo ao Ceo aquelles desejos, que elle talvez dilata satisfeita, ou para os examinar legitimos, ou para os adiantar fervorosos. Criara-se em Casa de D. Diniz de Lancastro, assistia a Dona Isabel Henriques sua mulher; seriaõ seus pays da obrigaçaõ da mesma, buscaraõlhe este honrado refugio, entre a magoa de a naõ poderem recolher a melhor Palacio. Mas Sor Francisca, que naõ perdia hora de se aparelhar para elle, só com os olhos no interesse de viver mais pobre, seguia hum tal genero de vida, como se no meyo do trafego da Casa, achasse o socego da mais apertada recoleta.

A oraçaõ industriada da liçaõ de livros devotos; recolhimento, mortificaçaõ, jejum quasi continuo; de paõ, e agua huma Quaresma inteira. Nas outras dous dias na semana, como nas Vigilias dos Santos, de que era mais devota. Com este estylo de vida chegou a continuar vinte e dous annos de idade, merecendo sem duvida por elle o venturoso despacho daquella sua continua ancia, recolhendo-se nesta Casa por Irmãa Conversa, naõ se estendendo a mayor dote a diligencia dos pays, que a desejavaõ Freira do Coro. Esta foy a brecha, que o demonio espreitou, para assaltar a resoluçaõ de Sor Francisca, que entrando com os alvoroços de quem se via de posse

ſe do que já julgara impoſſivel, parece que começava a dar lugar, ſe naõ ao arrependimento, ao deſagrado do eſtado de Convería.

Figurava-ſelhe, que com menos trabalho poderia aſſiſtir ao do Coro; ou propunha-lhe o demonio como menos decente aquelle trabalho. Foraõ profiados os aſſaltos; mas mayor a conſtancia de Sor Franciſca, fortalecendo-a com aſperas penitencias, induſtria com que paſſou a gozar de taõ inteira victoria, que offerecendo-lhe Dona Iſabel Henriques o dote inteiro para Freira do Coro, ella o naõ aceitou; antes com ſagrada ambiçaõ começou a temer, e a recear, naõ pertendeſſe o Ceo tirarlhe aquelle eſtado, em caſtigo da eſquivança com que o abraçara primeiro. Mas naõ queria Deos, que lhe duraſſe o goſto de continuar nelle com tantas forças, como deſejos; porque cortada das penitencias, antes que ſe recolheſſe, naõ acharaõ as novas reſiſtencias na ſua debilidade. Com a penſaõ de achaquoſa, e doente, ſeguia o trabalho, para que lhe faltavaõ os hombros; até que naõ podendo ſubſtituir por elles o eſpirito, a reduzio a obediencia a occupaçaõ menos penoſa.

De dia ajudava na Sacriſtia com tanto goſto, como induſtria para todo o genero de aceyo. De noite tomou por devoçaõ as vigias do Santiſſimo. He eſte hum emprego, antes, que de eſpiritos reformados, de Serafins humanos. De dia, e noite aſſiſtem orando diante do Sacrario as Religioſas; huma ſuccede a outra, ſem haver inſtante, em que ſe naõ ache huma. He grande neſte particular a vigilancia dos Prelados, aſpera a reprehenſaõ nos mais leves deſcuidos. Sagradas, e verdadeiras Veſtaes ſaõ as Religioſas daquelle fogo, que vio, e venerou Iſaias ſobre o Altar, que vê o venturoſo Povo Chriſtaõ, diſſimulado em apparente neve, Mongibello do amor Divino, foy verdadeiramente ſempiterno, nunca extincto. Eraõ as Veſtaes aquellas caſtas Religioſas, que com os naturaes dotes de nobreza, e fermoſura fundou ſuperſticioſo Numa Pompilio, como quer Plutarco, ou Eneas, confórme Juſto Lipſio. Guardavaõ em ſucceſſivas vigilias o ſagrado fogo. Apagado, era horroroſo vaticinio. Aſſim ſe ſeguiaõ fataes ruinas áquelle deſcuido, e ás Veſtaes (pela maõ do Summo Sacerdote) injurioſo caſtigo. Eſcuſaõ-ſe ainda os mais leves nos deſvelos deſta Caſa, nas aſſiſtencias do Divino fogo, porque o que arde no peito das Virgens, que o guardaõ, ateaſe do meſmo a que eſtaõ aſſiſtindo.

Iſaias 6.

Plutarch. in Numa. Juſtus Lipſius de Veſta, & Veſtalib.

Com eſta devota occupaçaõ ficava Sor Franciſca no Coro até Matinas; entaõ chamava a Communidade para ellas, e até ás trez ſe ſuſpendia commummente diante de todo o emprego de ſua alma, a Senhora do Roſario. Naõ gaſtava menos em rezallo; tanta era a ſuavidade, que ſentia na contemplaçaõ delle! Tal o vivo, e fervoroſo affecto, que a Senhora accendia em ſeu devoto coraçaõ! Mas naõ lograva a ſuavidade daquellas Roſas ſem a batalha de perſeguidores eſpinhos. Affligiaõ-na eſcrupulos, ſal-

falteavaő-na duvidas de fua falvaçaő. Conhecia, que o pay da enveja a tinha do focego de fua alma. Recorria com as lagrimas nos olhos, o coraçaő nas lagrimas, á fua Divina valedora. Inftavaő as agonias, naő paravaő as fupplicas. Repetiaas huma vez, queixando-fe defconfolada, affligindo-fe chorofa; naő tirava os olhos chorofos da Imagem da Senhora; (qual effa foffe, naő ficou noticia) pareceolhe, que lhe via na cabeça huma capella de frefcas rofas, e ouvio, que lhe dizia: *Francifca, neftas fe haő de tornar todos teus trabalhos.* Já os mais cuftofos lhe pareciaő fuaves com aquella promeffa. Já defejava todos, como caminho de fe ver mimofa. Affim o era tanto da Senhora, que dizia com crivel fingeleza: *Que nada lhe pedia, que lhe naő concedeffe.* Sempre pedem os Juftos com a ventura de defpachados; porque como naő pedem pela fua, mas pela vontade de Deos, a mefma, que os aconfelha, he a que os defpacha.

A quem tam bem lhe hia com a oraçaő, como a Sor Francifca, todo o tempo pareceria pouco para ver nella bem empregado. Nem fempre era poffivel a mental, a vocal fempre; na boca ardentes jaculatorias, como fe andaffe convidando o coraçaő a accenderfe em faudades do Ceo. Crefcem eftas no retiro, e folidaő; por iffo naő havia para ella mais goftofos dias, que os que nefta Cafa fe ufaő de deferto. Aquelle filencio defafia as vozes do efpirito; he aquella folidaő interior focego, aquelle retiro efquecimento de todo o commercio humano. Efte o centro de Sor Francifca, as penitencias fem teftemunhos na terra, a contemplaçaő fem embaraços para o Ceo. Já fó delle parecia a fua vida, entendendo as Religiofas, mais deftras naquella, que a favorecia Deos com efpeciaes illuftraçoens. Affim fe viaő muitas vezes compridas, e experimentadas coufas, que muito de antes fe lhe tinhaő ouvido praticar com fingeleza.

Efte reparo (que os fucceffos fizeraő precifo) a poz em grande reputaçaő, e refpeito, a que ella fugia, e fe efquivava, efcufando-fe em occafioens, em que com algum fe via bufcada, como valia do Ceo. Affim fe confundia a fi mefma com o conceito da mais infima creatura; daqui lhe nafciaő os extremos de timorata. Era-o tanto na contemplaçaő da ultima hora da vida, affim fe affligia, affim fe affuftava medrofa, que baftava para a fufpenderem, o fallaremlhe nella. Naő affim quando chegou, e fe vio na fua. Succedeolhe o que aos que caminhaő de noite, a quem as arvores ao longe affuftaő vultos, ao perto defenganaő troncos. Trocaraő-fe os pavores em confiancias, os fobrefaltos em focegos. O que ao longe a affuftara morte, já ao perto a convidava paffagem. De longe, como he contingente, até aos Juftos affufta a morte; de perto, onde já a vem coroados da perfeverança, nada lhe achaő de medonha. Quem naő trabalhará toda a vida para eftar feguro onde todos tremem!

Já naő fó naő fe affuftava Sor Francifca, mas alegre efperava a morte; fó a entriftecia

com

com dilatarſe. Aſſim fallava nella, naõ ſó affouta, antes aſſim a ſuſpirava ancioſa, que admiradas as Religioſas, lhe perguntavaõ, quem fizera aquella mudança. *Madres* (lhes reſpondia) *a minha Senhora* (entendia a do Roſario) *me deu eſte ſeguro no ſangue de ſeu Filho*; *eu meſma ouvi, que lhe dizia: Filho, quero, que Franciſca ſe ſalve.*

Sem poder menearſe na cama, padecia muito. Havia alguns annos, que a atormentava huma hydopriſia; agora a tinha ás portas da morte, ſem ſe lhe eſcutar huma queixa, antes demonſtraçoens de confórme, com que edificava. Recebeo os Sacramentos com ſingular goſto, inteiro juizo, e taõ alhea de eſcrupulos, e tribulaçoens de eſpirito, como ſe já o tivera livre daquelle corpo, em que a atormentaraõ tanto. Chegou o dia da Magdalena, no anno de 649. de que era devotiſſima. De algumas palavras, que antes diſſera, entenderaõ as Religioſas, que ſeria aquelle o ultimo de ſua vida; aſſim foy, e com demonſtraçoens piedoſas de ſer o primeiro de ſua felicidade.

CAPITULO XXVI.

Da Madre Soror Marianna de Jeſus.

VEnturoſa familia a de D. Diogo de Caſtro, Conde do Baſto, que mereceo dar a eſta Caſa credito, ao Ceo goſto, ao Mundo exemplo, em quatro filhas, acredoras juſtificadas deſta eſcritura, deſtinada tanto á gloria de Deos, e Familia Dominicana, como á edificaçaõ, e lucro eſpiritual dos Leitores, importantes fins, de que naõ deve apartar os olhos quem péga na penna para ſemelhantes eſcritos.

Foy a Madre Soror Marianna de Jeſus entre as quatro filhas a ſegunda, mas igual com as outras em começar deſde o berço a pizar os apparatos, com que o Mundo coſtuma encher, e enganar os olhos, e os penſamentos a quem, antes que os diſcurſos, lhe applicava os olhos. Levava-lhe ſó eſtes tudo o que era em deſprezo, e deſengano delle. Aſſim lhe madrugou eſte com a primeira luz da razaõ, que eſcaſſamente de ſete annos nada eſcutava com mais goſto, que a ancia da Religioſa pobreza, com que ſe vivia na recoleta do Calvario de Evora (aſſiſtiaõ entaõ os Condes ſeus pays neſta Cidade). Suſpirava, e abrazava-ſe em deſejos de ſe ver naquella venturoſa penuria, mais rica, que o Palacio, que a prendia para naõ buſcalla.

Naõ creſceraõ menos para a reſoluçaõ os deſejos, que para o acerto ſe adiantaraõ á idade. Obrigaraõ-na a pôr em execuçaõ o fugir de Caſa; eſperou certo dia, que ſe deſcuidaſſe mais a familia, pizou a eſcada, mas ſuſpendeoſe nella, reparando, que o primeiro embaraço era naõ ſaber o caminho; mas tornou a elle lembrando-lhe, que nos brincos das orelhas levava peita para quem lhe ſerviſſe de guia. Já parece que alcançava que naõ tinha o ouro melhor preſtimo, que negocear os deſembaraços daquelle caminho, ou porque ainda lhe ſahia barato o acerto, commerciado a taõ pouco cuſto. Mas

naõ

naõ media ainda o diſcurſo daquelles annos o como aquelle fim dependia de outros meyos, levada ſó daquella primeira luz, que confuſamente a chamava, diſpondo-a para mais madura, e conſiderada obſervancia.

Encontrou-a ainda na eſcada o Capellaõ de Caſa, que entrou a caſo; eſtranhoulhe o exceſſo, fazendo, que o conheceſſe por deſatino. Recolheoſe com mayor ſentimento de ſe lhe embaraçar aquella ventura, que o que promettia a pouca conſideraçaõ com que a diſpuzera. Já com mais annos experimentou ſemelhante ſucceſſo em ſegunda reſoluçaõ; tinhaõ precedido nas caſas algumas obras de pedra, e cal; obſervou Dona Marianna, que ficara a porta de hum quintal (que tinha ſahida para o caminho) de pedra em ſonſo; madrugou hum dia diligente a deſembaraçalla, para paſſarſe á meſma recoleta, deſtra já na eſtrada. Applicou as maons á obra, ſem que o fraco, e delicado dellas adiantaſſe mais a diligencia, que a de deixar as pedras, antes banhadas em ſangue, que movidas de ſeu lugar; mas nem a dor, nem o pouco fruto della baſtavaõ a deſenganarlhe a conſtancia, a naõ entender que era ſentida. Aſſim o ficou tanto, que ſó o ter que offerecer a Deos no martyrio das maons, lhe ſuavizou a magoa de lhe naõ ſervirem no que pertendera. Contava-o aſſim a ſuas irmãas depois de Religioſa.

Mas naõ ficaraõ ſem vingança os poucos effeitos deſta diligencia, como ſe delinquira nella, condemnando-ſe a continuas, e aſperas penitencias, ſupplicas mudas, com que importunava o Ceo, para que lhe franqueaſſe aquelle caminho, em que ſe lhe difficultavaõ as entradas, como ſe os ſeus progreſſos naõ foſſem aſperezas. Naõ tardou o Ceo em lhas diſpenſar, em paga de as pertender como mimo, diſpondo occaſiaõ, em que ſe lhe permittio licença de ſeus pays, para entrar nos ſagrados Clauſtros deſta Caſa, acompanhando as irmãas com igual ventura.

Já entendia bem, que naõ eraõ aquellas ſantas paredes, mais que huma ſepultura, e reduzio ſua vida a huma morte continuada; obſervando tanto á riſca os effeitos della na ſeparaçaõ, e pouco trato com os vivos, que no Moſteiro naõ tinha mais commercio, que o a que a obrigava a obediencia nas occupaçoens em que a punha. Fóra dellas aſſim deſconhecia toda a communicaçaõ, ainda de pays, e irmaons, que nunca a poderaõ reduzir, a que lhes appareceſſe, ou lhe fallaſſe. Aſſim lhe ſuccedia eſtar por eſcuta de ſuas irmãas, que no Locutorio fallavaõ a ſeus pays, e irmaons, ſem ſe lhe ouvir huma palavra, por mais que a convidaſſe a viſinhança, e ainda procuraſſe a diligencia, e a induſtria. Governava eſtes Reynos por Caſtella a Princeza de Mantua Margarita; houve no Moſteiro noticia, que a tinhaõ huma tarde por hoſpeda; acauteloufe Sor Marianna, pedindo á Prelada, que a diſpenſaſſe da aſſiſtencia, e a huma Religioſa, de quem ſe fiava, que em huma caſa a fechaſſe por fóra; e naõ foyocioſa á diligencia, porque ſó aſſim eſcaparia ás

que defpois fe fizeraõ por ella.

Tal era em Sor Marianna o amor do retiro, e do filencio, como quem fufpendia as operaçoens do corpo, para dar todo o lugar ás melhores do efpirito. Nem perfeguida de achaques, abria a boca para a queixa, temendo no preceito da Prelada, o fogeitarfe aos remedios, perdendo o intereffe dos defcommodos. Defde a Septuagefima, até dia de Pafchoa era taõ inviolavel o feu filencio, que nem o mayor accidente, ou novidade, a obrigava a difpenfar nelle. Succedeo, que huma de fuas irmãas por moleftia, que teve em hum pé, ao principio da Quarefma, fe movia com difficuldade, e trabalho, que bem fe percebia no exterior; mas nem encontrando-a, nem affiftindo na Communidade junto della, lhe perguntou a caufa, fenaõ ao dia de Pafchoa, nas horas de recreaçaõ, que coftuma difpenfar a Prelada defpois da mefa.

Efta falta de communicaçaõ com a terra, bem moftrava, que era com o Ceo toda a fua. Antes parece que vivia, do que orava no Coro, fentindo affim de dia, como de noite, a precifa penfaõ de comer, e defcançar, como embaraço de continuar aquelle gofto. Affim lhe ouviraõ alguma vez encarecer com graça, e fingeleza, que de nada tinha enveja, como da alampada, que ardia diante do Santiffimo, porque naõ neceffitava de deixar o lugar, para continuar a toda a hora no officio do feu luzimento.

Eraõ afperas, e continuas fuas penitencias; breves as horas de fono, e defcanço, fempre amortalhada no burel da tunica, que já naõ cobria mais que hum efqueleto, em que os cilicios naõ apertavaõ mais que os offos, já como defamparados do fangue da difciplina, com que todos os dias fe fangrava. Affim parece, que vivia como milagre, ou naõ acabava de morrer, como privilegio, que o era grande, durar naquelle eftylo de vida huma creatura, fraca por natureza, mimofa por criaçaõ, gaftada por achaques, antes confumida por penitencias. Severa no jejum, alargava os da Conftituiçaõ a quafi todo o anno. As Vigilias das Feftividades de Noffa Senhora a paõ, e agua. A Quarefma toda, ou hervas, ou algum peixe feco, fingindo (para fe lhe permittir) que frefco naõ lho confentia o eftomago. Com efta, e outras induftrias fe efcufava de tudo o que podia fer regalo. Fazia o muito particular em o dia, que commungava, de deixar para hum pobre a melhor, e mayor porçaõ do que fe lhe punha na mefa; para o que tinha alcançado licença da Prelada.

Affim attenuada voava já fobre fi taõ triunfadora das penfoens da carne, que naõ tinha mayor gofto, que verfe defprezada, e tida pela mais inepta creatura; conceito, que queria grangear induftriofa, com acçoens, e palavras, filhas fó da rudeza, fem fe faber a fi outro nome, mais que o de bruta, accrefcentando, quando lhe davaõ algum officio, que era Providencia Divina, occuparem-na, fem ter preftimo, para que de algum modo mereceffe o fuftento. Efte conceito infimo,

mo, que de ſi tinha formado, lhe punha nas maons continuamente as occupaçoens mais ſervîs, na coſinha as de menos aceyo, na Enfermaria as de mais aſco.

Vivia aſſim ſocegada neſte centro do abatimento, quando quiz Deos examinar ſua conſtancia em mais arriſcada paleſtra, dando licença ao principe das diſcordias, para que como a outro Job lhe turbaſſe o ſocego, pondo-a no ultimo conflicto. Começaraõ a combatella os ventos das tentaçoens, e a querer ſubmergilla as ondas dos eſcrupulos, tempeſtade, que levantada em ſua alma, a reduzio ao extremo da miſeria, batalhando de dia, e de noite com a morte eterna diante dos olhos da deſconfiança. Mas o Ceo, que a poz no naufragio, lhe começou a deſcobrir o porto, levantando-lhe os olhos a Maria, piedoſa Eſtrella, que amanhece aos atribulados; fez-lhe voto de continuar toda ſua vida a devoçaõ de ſeu Roſario, rezando-o diante de ſua Imagem de joelhos. O jejum de todos os Sabbados, as Veſperas de ſuas Feſtas a paõ, e agua (o que já havia muito fazia por goſto) o aceyo, e concerto de ſeu Altar, por conta de ſeu deſvelo: e em breve tempo ſe vio reſtituida á antiga, e melhorada tranquillidade de ſeu eſpirito.

Paſſou aſſim alguns annos antes de ſua morte. Apreſſou-lhe eſta hum pleuriz, que diſſimulado (como era coſtume de ſeu grande ſofrimento) rompeo depois implacavel, ſem obedecer a remedio, e dando o ultimo deſengano, que ella eſcutou com alegria, recebendo os Sacramentos com os alvoroços de quem ſabia, que aquelles eraõ os ſoberanos viaticos, com que o Ceo a provia para a mais venturoſa jornada. Chegou a ultima hora della, e entrados os Religioſos, voltando a huma ſobrinha ſua, que lhe aſſiſtia, lhe diſſe: *Que tocaſſe as taboas com preſſa* (he temeroſo final, com que para aquella funçaõ ſe ajunta a Communidade) ſuſpendeoſe a ſobrinha, e ella tornou: *Ide, ide, naõ eſtejais ſuſpendida; que ſe naõ agrada Deos de gente frouxa.* Eraõ ancias, eraõ ſaudades impacientes de ſe ver com ſeu Eſpoſo no thalamo das eternidades. Aſſim ſe vio; porque acabado o Officio da agonia, e durando-lhe ainda a vida, diſſe com hum profundo ſuſpiro ao Crucifixo, que tinha na maõ: *Meu bom Jeſus, ainda iſto naõ acaba de ſer? Fiat voluntas tua.* E inclinando-o ſobre o roſto, lhe entregou nos braços o eſpirito, aos 26. de Janeiro de 1649. de idade de cincoenta e nove annos, em hum Sabbado, dia para a ſua devoçaõ de grandes privilegios.

CAPITULO XXVII.

Da Madre Soror Joanna da Appreſentaçaõ, e Soror Antonia da Columna, Pupilla.

Filha de pays nobres, Manoel Alvares Camelo, e Leonor Camela, naſceo Joanna Camela, depois Soror Joanna da Appreſentaçaõ, em o celebre lugar de Belem, huma legoa de Liſboa, aſſentado em tanta viſinhança do rio, que

a el-

a elle, como a ella, ſerve de movediço eſpelho. Recolheraõ-na ſeus pays neſta Caſa do Sacramento, tanto que o permittio a idade, ou porque a ſua indole dava já indicios de que o Ceo a eſcolhera, ou porque, conhecidas ſuas ſingularidades, a queriaõ ſeus pays dar ao Ceo, e aos mais o documento de darem a Deos o melhor, que lhes deu; porque ſe o melhor he data de Deos, ſem duvida ſe lhe deve reſtituir o melhor.

Tomou Sor Joanna o habito com tanto goſto, como deſtinada para elle. Já Profeſſa, abraçou com mais ancia as aſperezas daquella; mas começaraõ os eſcrupulos a fazerlha mais aſpera. Aſſim a cercavaõ, e perſeguiaõ, que ſem admittir conſelho, vacilava em hum continuo ſuſto, e deſaſocego de eſpirito. Moleſtavaõ-ſe os Confeſſores, que lhe naõ podiaõ applicar remedio, ou porque viaõ o pouco, que aproveitava o applicado; laſtimavaõ-ſe as Religioſas, que a viaõ appellar ao das lagrimas, romper em gritos, que valiaõ taõ pouco como ellas. Recorria a Deos, recorria á ſua piedoziſſima Mãy, e parecialhe, que aliviava na oraçaõ; mas acabada ella, achava-ſe outra vez na tormenta.

Parece, que lhe occorreo á memoria o que lera, ou ouvira de S. Jeronymo, que aconſelhando ao Monge Ruſtico, lhe advertia, que para reſgatar o eſpirito dos laços do demonio, era ſanta, e proveitoſa induſtria, exercitarſe no trabalho. Entendia, que aquelle exercicio era a vigilancia, que aconſelhava S. Paulo, para reſiſtir aos aſſaltos daquelle Leaõ deſvelado, e faminto. Começou a ſervir com tanta ancia, que parece, que ſe reproduzia nas officinas da Caſa; aſſim a achavaõ em todas, como ſe naõ foraõ mais que huma; ou aſſim era diligente em cada huma, que podia abranger a todas; e o meſmo foy ir ſervindo, que ir convalecendo. Já naõ ſó os deſpedia de ſi, mas parece, que ignorava eſcrupulos. Grande, quanto mais impropria, receita! Servir para ſarar! Mas aforiſmo do Ceo.

Naõ ſó ſe achou melhorada com elle applicado ao eſpirito, tambem entendeo, que ſe lhe deveriaõ as melhoras do corpo; naõ tinha formado menos ſobido conceito dos intereſſes da eſcravidaõ voluntaria. Diſpoz o Ceo, que lho confirmaſſe a experiencia. Cahio na cama de doença prolongada, contava já hum anno nella, e temiaõ-na entrevada. Chegava-ſe o dia, em que nomeavaõ as Religioſas, que naquelle anno haviaõ de ſervir nas officinas do Moſteiro, e era para ella deſconſolaçaõ, em que naõ admittia alivio, o verſe impoſſibilitada, ainda para o mais ligeiro trabalho. Quiz enganar o deſejo, ou obedecer ao Ceo, que obrigado daquelle, lhe deu conſelho ſemelhante. Chamou a Prelada, pediolhe humilde, e encarecidamente, que a nomeaſſe Refeitoreira; que ella eſperava em Deos, que logo teria forças para aſſiſtir á ſua officina.

Teve-o por delirio a Prelada, mas nomeou-a por contentalla, tendo tençaõ de encomendar a occupaçaõ a outra. Caſo notavel foy! Que ſabendo como a tinhaõ nomeado, pedio o ha-

o habito, veftiofe com alvoroço, e encoftada a huma muleta, appareceo no Refeitorio, miniftrando á Communidade com tanto defembaraço, que em breves dias deixou até aquelle pouco arrimo. Seja louvado o Senhor, que levantou a fogra de feu Apoftolo da cama, para lhe fervir á mefa, paffando-a do leito para o trabalho, como fe efte no enfermo foffe antes convalecença, que defmancho!

Mas nem os achaques, a quem dava Sor Joanna efta convalecença, lhe tiravaõ da maõ a difciplina, taõ rigorofa, como teftemunhavaõ os lugares, em que as tomava. O cilicio de ferro, com que fe cingia, muitas vezes lho acharaõ, eftranhado-lho por enferma. Eftas a traziaõ defvelada, fendo Enfermeira, e taõ compaffiva, que naõ fó lhes curava as chagas, mas lhas beijava, e as mais afquerofas com mais ancia. Neftes exercicios contava já vinte e fete annos, quando a chamou o Ceo com huma doença, que deu logo finaes de ultima. Pedio confiffaõ, e mais Sacramentos; entrou o Vigario para miniftrallos. Era o Veneravel Padre Meftre Frey Joaõ de Vafconcellos; chegoufe á doente, e perguntando-lhe, como fe achava de tentaçoens, e efcrupulos? Refpondeo: *Que pela graça de Deos, nem efcrupulos, nem tentaçoens fentia em fua alma.* Compungiofe, ouvindo-a o Meftre Frey Joaõ; e confundido aos juizos de Deos, fubmergido no mar de fuas mifericordias, naõ pode ter as lagrimas. Eftes foraõ os rios, que nafceraõ daquelle mar.

Acabada a confiffaõ, e affiftindo as Religiofas, levantou Sor Joanna a maõ, e apontando com o dedo para o canto da cella, diffe com fegurança, e como quem fe furria: *Madres, heilo alli eftá acantoado. Já naõ tendes, que fazer; que já fe vos acabou a licença.* Bem entenderaõ todas, que pelo demonio o dizia; e palmadas do que ouviraõ, levantaraõ as maons, e o efpirito a Deos, a darlhe graças, e a offerecerlhe feu coraçaõ, para as efpirituaes batarias, pois taõ felices eraõ as vitorias. Recebeo a enferma todos os Sacramentos, e defpedida das Religiofas, que a cercavaõ faudofas, e compungidas, levantou cançadamente os olhos, e anciofamente o efpirito a feu Efpofo crucificado, e paffou a gozallo gloriofo, aos 24. de Setembro de 1649. em huma terça feira.

Naõ deixa fempre o Celefte Cultivador das almas juftas, que as flores paffem á producçaõ dos frutos; ferá, porque tambem faõ frutos as fuas flores, ou tambem, porque o feu defvelo naõ gofta fó as delicias na mefa, mas as fragrancias na grinalda. Efpofo em fim daquella venturofa alma, que illuftrada por elle, pedia em as vefperas de fe ver no feu thalamo tanto as flores, como os frutos, foffem huns para o fuftento, outras para o adorno. Affim nefta fua mais propria, e mimofa vinha, em que o fagrado licor de feu fangue he quotidiano alimento da virgindade, ora efcolhe, e colhe na madureza da idade os fafonados frutos da virtude, ora as flores tenras, que madrugaraõ, nos primeiros alentos da vida, a coroarfe

roarse como orvalho da sua Providencia. Essa a razaõ, porque despois da Madre Soror Joanna, Religiosa já adulta, se segue huma Pupilla, Sor Antonia da Columna.

Chamouse no seculo Dona Antonia Henriques, foy filha de Dom Joaõ de Almada, a que sua natural gentileza grangeou o epitheto de fermoso, e de Dona Violante Henriques, irmãa de Dom Thomaz de Noronha, familias illustres, e assaz conhecidas, passando destes Reynos aos estranhos. Daõ-se facilmente as maons a nobreza, e a virtude, porque a boa educaçaõ da primeira facilita muito os passos da segunda. Já ás primeiras luzes da razaõ, começou Sor Antonia a descobrir o caminho, que pizaria mais segura; conhecendo, que o era só aquelle, que a levasse com mais desembaraço aos braços do melhor Esposo.

Importunava os pays com as supplicas, e instancias de lho deixarem seguir. Attribuiaõ elles ao principio a resoluçaõ á viveza de poucos annos bem doutrinados, mas a constancia os fez levar ao pensamento, a que seria conselho do Ceo. Com este conhecimento, junto á razaõ de lhe quererem dar esse gosto, a recolheraõ por Pupilla nesta Casa, que foy escolha sua, acompanhando outra irmãa mais pequena, que despois foy Religiosa, e se chamava Dona Joanna, a que aconselhava, e reprehendia as saudades dos pays, com razoens taõ destras, e concertadas, que já pareciaõ mais que suas.

Mas naõ se achava Sor Antonia satisfeita em estado, em que a privilegiavaõ de tudo; e culpando a idade, a quem devia o privilegio, se escusou voluntariamente a elle, sendo Noviça; já que naõ nos annos, nos exercicios. Guardava silencio; cultivava a liçaõ de livros devotos, e retirava-se na sua cella a orar diante da Imagem de hum Menino Jesus. Alli se esquecia, como se tudo o mais fora incapaz de lembrança, ou como se até a lembrança se passara a ser vista. Espreitavaõ-na as Noviças, e foy confissaõ das mais prudentes, que em quanto Sor Antonia orava, se mostrava o Menino com semblante mais alegre. Seria este favor o que a prendia na cella, quando a chamavaõ para alguma recreaçaõ Religiosa; e instando-lhe, que a teriaõ por hypocrita, vendo-a naquelles annos taõ retirada, respondeo huma vez com inteireza: *Digaõ, e façaõ quanto quizerem, e sirva eu, e ame ao meu Jesus.* Isto dizia com tanto assento, e madureza, que tinhaõ que aprender, as que hiaõ a estranhar.

Toda sua instancia com as Mestras, e com as Preladas era, que a deixassem continuar as Communidades, acompanhar as Noviças, fazer penitencias; e como apadrinhava estas supplicas com huma vida em tudo reformada, em muitas cousas alcançou a licença. Suspirava por commungar mais a miudo, que o que se permittia á sua idade; e era tal o aparelho, que se lhe naõ difficultou o despacho. Na vespera todo o dia, e no que commungava, até á noite, em oraçaõ, ou no Coro, ou recolhida na cella, naõ havia importancia, que lhe merecesse

huma palavra. Achava-a a reprehenſaõ ſofrida, o trabalho alegre, a perſeguiçaõ conſtante, todo o accidente humilde; tanto a tinhaõ adiantado a ſua idade, a liçaõ dos livros, e os conſelhos do Ceo!

Mas chamava-a o caſtiſſimo Cordeiro para o rebanho das Virgens, que o ſeguem no monte das perennes felicidades. Deulhe huma febre, leve na opiniaõ dos Medicos, naõ na ſua, porque pedio logo os Sacramentos com inſtancia, ſem duvida aconſelhada de mais ſuperior noticia. Eraõ 3. de Agoſto de 1650. Veſpera de S. Domingos, que ella ſuſpirava Pay por preceito, como o eſcolhera por goſto; confeſſouſe, e ao dia commungou com huma paz Angelica, naõ o ſendo menos ſua alma, que de noticia de ſeus Confeſſores (como deſpois ſe ſoube) naõ perdeo nunca a innocencia Bautiſmal. Seguioſe á Communhaõ o exceſſo da febre, malignada logo com tanto, que paſſou a delirios, e taõ continuados, que naõ houve mais lugar, que de lhe dar a Unçaõ (reparouſe entaõ na cautela com que quizera commungar anticipada; e naõ pareceo eleiçaõ ſua) Chegou o oitavo dia de S. Domingos, como ſe neſte a tivera. Fez o ultimo esforço a febre, e chegando o ultimo accidente, voou aquelle eſpirito a fazer numero com os Anjos, naõ chegando o de ſeus annos a catorze completos.

CAPITULO XXVIII.

De Soror Cezilia dos Anjos Converſa.

NAõ moſtrou a Providencia do Eſpoſo menos deſvelo com outra eſpoſa ſua, infundindo em ſua alma, antes de tempo, o dom de diſcernir entre o mal, e o bem, o nada, e o tudo; voltando áquelle as coſtas, applicando a eſte as diligencias. Foy eſta Soror Cezilia dos Anjos, Religioſa Converſa. Foraõ ſeus pays Antonio Pires Varela, e Leonor Pires Roſado, Lavradores honrados, e favorecidos dos bens da fortuna. Naõ teve Sor Cezilia a de que lhe viveſſe muito ſeu pay, porque mereceſſe lograr a melhor de naõ ter na terra mais pay, que o do Ceo. Mas aſſim ſe moſtrou filha daquelle pay, que deſconhecendo a idade, a excedia nas capacidades, e nas occupaçoens.

O ſeu goſto era eſcutar noticias de Santos, e virtuoſos, praticas de Deos; a ſua aſſiſtencia voluntaria o Oratorio, e a Igreja; o ſeu exercicio trabalhar para o aceyo, e ſerviço della; porque naõ tendo ainda ſeis annos, devia já ao ſeu fuſo (que he o honrado baſtidor da gente de ſua qualidade) huma boa tea de pano de linho para toalhas dos Altares, offerecendo-a a elles em obſequio ao Menino Jeſus, a quem com fervoroſo, e terniſſimo affecto tinha entregado ſua alma em huma pia, e devota ſympatia, com ſeu ſuaviſſimo nome, e a ſua attractiva Imagem.

Contava dezaſete annos; quan-

quando em companhia de sua mãy se resolveo a deixar o Mundo, convidada do novo caminho, que se lhe abrio para o Ceo neste Mosteiro, com a ventura de serem ellas das primeiras, que o pizaraõ. Mas Sor Cezilia, que se via das portas a dentro com seu Esposo naquelle thalamo, em que costuma examinar as constancias de suas esposas, já se naõ contentava com vir obediente, seguindo as attractivas fragrancias de seu nome, mas adiantava-se a correr para elle; tudo, o que naõ eraõ excessos, lhe pareciaõ detenças, só lhe agradavaõ asperezas, que para aquelle voo lhe pareciaõ azas. Sobre o rigor das Constituiçoens, e exercicios particulares da Casa, inventava penitencias; mas tanto, como a aconselhavaõ os desejos, a desenganavaõ as forças, porque a começaraõ a cercar achaques, huns repetidos, outros continuados.

Entraraõ os conselhos dos Medicos; e os preceitos dos Prelados, para que moderasse o estylo de vida, em quanto convalecia dos achaques, por se naõ impossibilitar de todo com elles; que usasse linho, naõ comesse pescado, e dispensasse no Coro nocturno. Sacrificouse Sor Cezilia aos dictames da obediencia, e este foy o mayor rigor a que podia sogeitarse a ancia de padecer; mas assim se mortificava nos alivios, como se naõ mudassem mais o nome as penitencias. Assim passou algum tempo, vindo a resolverse de conferencias, que teve com seus Confessores, que tornasse ao rigor da vida, que começara, porque era Deos servido que vivesse em perpetua molestia. Começou logo a viver penitente, e sem saude, tendo licença de Prelados para as penitencias, que lhe parecesse.

Caso mayor pareceo, que obrigando-nos o preceito da caridade propria a conservar a vida, tivesse Sor Cezilia dispensaçaõ para poder arriscalla. Naõ vinha a ser menos o viver, como vivia, achaquosa, e o tratarse com aquella aspereza. Mas saõ segredos, que Deos fiou aos seus Ministros, porque seus Confessores, que foraõ o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Portugal, o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, Varoens de igual reputaçaõ em letras, e virtude, e taõ destros em materias de espirito, que bem se podiaõ suppor Oraculos no Confessionario, dispensavaõ, e permittiaõ a Sor Cezilia este estylo de vida, que observava como milagre da natureza, sem que os achaques, ajudados das penitencias, apressassem a morte, ou as penitencias, sobrevindo aos achaques, enfraquecessem a constancia. Continuou Sor Cezilia, dobrando todo o genero de austeridades, e rigores, jejuns repetidos, disciplinas continuadas, crucificando o corpo em cruzes de bicos, e cilicios asperos, mas taõ prompta no serviço da Communidade, como a que tinha tirado aos achaques, e ás penitencias o nome de estorvo para elle.

No Coro tinha oraçaõ com as Religiosas; recolhia-se logo á cella, onde estava todo o tem-

tempo de desoccupada. Reparavaõ as Preladas, que se fechava; e querendo prohibilla, advertio o seu Confessor o Mestre Fr. Joaõ de Portugal, que a deixassem recolher, e fechar na cella, que era muy bem empregado todo o tempo, que nella se recolhia. Alcançouse despois de sua morte, que posta em oraçaõ era taõ facil de arrebatarse, que lhe era preciso o estarse divertindo, para se naõ suspender logo. Assim lhe aconselhava seu Confessor, que estando no Coro, se acautelasse, applicando os olhos ás Imagens delle, para divertirse com aquella exterioridade. Era todo o seu desvelo, toda sua industria, esconder este thesouro aos olhos, e reparos do Mosteiro, e essa era a causa daquelle retiro.

Continuava com fervor, e alegria a vigia do Santissimo, que se usa nesta Casa; e naõ faltavaõ testemunhas das lagrimas, e gemidos com que alli assistia; naõ rompia em menos extremos a doçura, e suavidade, que experimentava sua alma na assistencia, e na visinhança. Poucos dias antes de sua morte, chamando a Prelada, lhe disse: *Madre, encomendeme Vossa Reverencia ás Religiosas, que nunca deixem, nem se descuidem da vigia do Senhor, porque he assistencia, de que muito se agrada.* Grande consolaçaõ para a ditosa Familia desta Casa, e grande incentivo para a inteireza, com que até o presente se continúa esta occupaçaõ Angelica.

Abrazava-se em vivos incendios de caridade (mais poderosa febre) que prostrava sua constancia; porque acometendo-lhe o coraçaõ, succedia muitas vezes naõ descançar em tres dias com intoleraveis dores nelle. Recolhia-se á cella, e por mais que lhe quizessem acodir, naõ admittia mesinha; aliviava-a só com chorar, nem o coraçaõ tem outras sangrias para convalecer. Mas tinha mais mysterios a dor. Soube-se a qualidade della por hum papel, que á Irmãa Sor Victoria da Cruz, mandava o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, sendo Vigario do Coro, (ou fosse, que Sor Cezilia lho tivesse communicado, ou porque o conhecesse ella illustrada, como se podia crer de sua vida. Eraõ aquellas dores effeitos de vivos, e fervorosos actos de amor de Deos, em que ás vezes se accendia Sor Cezilia; seguiaõ-se vehementes dores no coraçaõ, como se com agudas settas lho estiveraõ traspassando, qual outra extatica Theresa, ou contemplativo Agostinho. Daquellas invisiveis feridas eraõ copioso sangue as lagrimas, naõ admittindo remedio humano, como quem conhecia, que o naõ era o motivo.

Eraõ igualmente copiosas as lagrimas com que chegava á Mesa da Communhaõ, sem haver industria para as esconder, ou as enxugar. Tal era o impeto dellas, ou tal o descuido de si com que alli chegava! Ordenoulhe seu Confessor o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, que commungasse hum dia sim, outro naõ; entendeo, que era o unico remedio para temperar as saudades, em que estalava por aquelle Soberano pasto. Alegrouse seu espirito, mas

mas confundia-se de se ver singularizada entre gente taõ boa; porém naõ tinha mais acçaõ, que a obediencia. Quizeraõ examinarlha outros Confessores, e mandaraõ-lhe, que naõ commungasse em os dias, que o fazia a Communidade; levantava-se do Confessionario com igual semblante, hia continuar o serviço da Casa. Depois a mandavaõ chamar, para que commungasse. Tomava o véo, e manto, e hia obedecer com tanta paz de espirito, como quem, alhea de si, naõ sabia o que se passava com a sua liberdade, que só vivia nas resoluçoens de quem a mandava.

Era amorosa, e ternissima a devoçaõ com que adorava, e servia a seu Esposo na fórma de Menino; naõ podia passar por Imagem sua, sem que a detivessem suavemente colloquios, e jaculatorias namoradas. Nestes extremos a apanharaõ hum dia as Religiosas, a que confessou, que naõ achava demonstraçaõ com que explicar a sympatia, que naquellas Imagens prendia sua alma, mas com a magoa sempre viva de entender, que no Ceo naõ poderia ver o Senhor glorioso em aquella fórma de Menino. Voltou logo sobre si com o escrupulo de fallar em materia, que naõ entendia; foyse ao Confessionario descontente, perguntou a seu Confessor (era o Mestre Fr. Joaõ de Portugal) a reposta da duvida, que alli a trazia, e sempre desconsolada. Respondeolhe: *Que o naõ estivesse, que no Ceo veria ao Senhor tambem na fórma de Menino, porque aos bemaventurados se mostrava tambem naquella fórma, em que mais o amaraõ em vida.* Fallava o Padre com grande conhecimento daquella alma; suspirava ella pelas delicias daquella visaõ soberana.

Ha nesta Casa duas Imagens de Meninos: em huma está o Senhor em pé sobre huma almofada; he o feitio muito ao vivo, e magestoso; trouxe-o o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos de Castella; e he piedosa conjectura de bons espiritos desta Casa, que a tempos se lhe divisaõ no rosto effeitos differentes, ora de alegria, ora de severidade. Chamaõ a esta Imagem o Senhor Siganinho, nome, que lembrada do desterro do Egypto, lhe poz Sor Cezilia, e que, ainda hoje se lhe conserva. Na outra Imagem está o Senhor sentado em huma cadeirinha de borcado; o feitio pela antiguidade mete devoçaõ, e respeito; trouxeraõ-no as Fundadoras desta Casa, da de Santa Catharina de Evora. Com estas duas Imagens era mais singular o affecto, e assistencia de Sor Cezilia, que se naõ podia chegar a ellas, sem que sua alma lhe fallasse pellas mudas linguas das lagrimas: mas naõ ficou sem premio este extremecimento devoto; mostrou-o bem o successo.

Viaõ as Religiosas, que Sor Cezilia apressava fóra de suas forças o serviço, e occupaçoens da Casa, para se applicar á almofada, e exercicio de agulha, sem bastarem os achaques, para lhe aconselharem algum descanço no pouco tempo, que tinha menos embaraçado. Appareceraõ despois as duas Imagens vestidas de redes, obra da sua

ſua agulha, e tarefa, que a trouxera taõ trabalhada. Celebraraõ as Religioſas a data, contaraõ o ſuccedido ao Vigario, ſem deixar de notar o deſvelo (como nocivo á ſua pouca ſaude) com que ſe entregara áquella occupaçaõ, quando os Meninos tinhaõ galas, e veſtidos precioſos. Vioſe obrigado o Vigario a defender a Serva de Deos, para gloria do meſmo Senhor, e credito della; e deſcobrio, como os Meninos lhe tinhaõ pedido cada hum ſua gala, e propondo Sor Cezilia a ſua pobreza para eſcuſa do cuſtoſo dellas, ſe offereceo a que naõ tiveſſem mais cuſto, que o ſeu trabalho, porque ſuas maons a haviaõ de reſgatar daquelle empenho. Aſſim aceitou os pobres veſtidinhos de rede aquelle Senhor, que fez mais caſo do ceitil da pobre viuva no gaziofilazio do Templo.

Outro cuidado, e novo ornato lhe deveo a Imagem do Menino da Cadeirinha. Aſſiſtia Sor Cezilia no Coro com as mais Religioſas, quando vio, que ſe lhe offerecia aos olhos o Menino no meyo da Communidade, trazendo na maõ huma Cruz com hum eſtandarte branco, e nelle as cinco Chagas (diviza, que a Imagem naõ tinha) e deſappareceo a viſaõ. Pedio logo Sor Cezilia ao ſeu Confeſſor com inſtancia, que lhe mandaſſe fazer huma Cruz com bandeirinha branca, em que ſe eſtampaſſem as Chagas. Fez o Confeſſor reparo na encomenda, como na inſtancia; tinha experiencia, que naõ ſeria curioſidade de Sor Cezilia, porque todas ſuas acçoens tinhaõ mayor cauſa; inſtou pela noticia; naõ poderaõ os rogos; entrou a obediencia, e veyo a confeſſar Sor Cezilia a viſaõ, que tivera. Fezſe a inſignia, que hoje ſe vê na maõ do Menino, e he muda lembrança deſte caſo.

O meſmo fogo, que abrazava a Serva de Deos no ſeu amor, eſtendia as lavaredas igualmente vivas para os proximos. Achavaõ-na os males de todos compaſſiva, os bens alvoroçada, e os eſpirituaes de todo ſatisfeita; mas os pobres, os afſligidos, os enfermos, eraõ os primeiros, que tinhaõ lugar em ſua grande commiſeraçaõ. Hum caſo lhe ſucceedeo, em que ſe deſcobrem algumas deſtas circunſtancias juntas. Eſtava gravemente enfermo o Confeſſor da Caſa, era Procuradeira a Madre Soror Ignez do Preſepio, Religioſa de grande nome, e capacidade, que depois foy Prioreza. Mandara-lhe dizer o doente (por padecer hum rigoroſo faſtio) que ſó guizando-ſelhe hum pombo, comeria alguma couſa á cea, por naõ appetecer outra. Fez logo a Madre Sor Ignez toda a diligencia; naõ ſe deſcobria o pombo nem a mayor cuſto; fazia-ſe tarde, affligia-ſe a Religioſa, e ſobia já para cima deſconſolada, quando encontra Sor Cezilia, que ſabendo o motivo da affliçaõ, e deſejando alivialla, e acodir ao doente, voltou, ſem reſponder palavra, para o Dormitorio, e levantando os olhos a huma janella, que nelle cahia para o mar, alta, e deſcuberta, vio, que nella deſcançava hum pombo. Volta ligeira, e alvoroçada;

da; dá noticia á Madre Sor Ignez; duvída primeiro; desengana-se logo, e sem que a ave faça o menor desvio, chega, e lança maõ della, sem lhe dar lugar ao discurso o repentino do successo. Guizado o pombo, deixou ao doente totalmente livre do fastio. A muitas reflexoens estava convidando este caso, se fora do nosso instituto, ou tiveramos mais liberdade, que para a simples narraçaõ delle. O facil, com que Sor Cezilia achou o remedio para a affliçaõ, que se valia della. O acharse o pombo, onde nenhum outro se tinha visto. Deixarse apanhar ás maons sem resistencia. Tirar ao enfermo o fastio, que foy facilitarlhe a melhora. Naõ nos culparáõ o chamar ao successo prodigio, porque saõ muitas circunstancias juntas para acaso.

Encomendavaõ lhe as Preladas, que pedisse a Deos pelos augmentos, e vida dos bemfeitores da Casa, e de pessoas de respeito, que as importunavaõ com a mesma supplica, em se vendo em affliçaõ, ou doença. Obedecia Sor Cezilia; e ainda que naõ dizia nada, já tinhaõ experiencia, que o seu semblante era a mais certa noticia. Alegre, era annuncio de melhorar o enfermo, ou o affligido; triste, evidencia do contrario. Sirva entre muitos de confirmaçaõ hum successo. Enfermou gravemente D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, irmaõ do Marquez de Aguiar; era bemfeitor da Casa, filho dos Fundadores della; nella tinha parentas; era geral o sentimento, e igual a ancia, com que as Religiosas, e Sor Cezilia com ellas pediaõ a Deos sua vida. Chegou noticia, que se achava o enfermo com huma grande melhora, e fóra do risco em que se vira. Era em dia de Jesus; entraraõ, e estiveraõ as Religiosas na Casa do Presepio, alegres da noticia, agradecendo ao Menino a melhora, como mimo feito áquella Casa. Só Sor Cezilia (sendo a que mais se alegrava nella) esteve callada, e suspensa; naõ deixou de ser reparada, ainda que mal entendida, a sua tristeza; mas soltouse ao dia seguinte o enigma, chegando a nova de que o Bispo falecera.

Sentiraõ todas sua morte, mas com mayor extremo (como a que mais lhe tocava) huma Religiosa sobrinha sua. Encontrouse com Sor Cezilia, e disselhe (porque a Serva de Deos a consolava) que o que sentia, e o que a trazia sem socego, era a duvida do estado, em que se acharia a alma de seu tio. *Alivie-se Madre* (lhe respondeo Sor Cezilia) *deixe a molestia, e a tristeza; que a alma de seu tio está em estado de salvaçaõ.* E proferindo isto, se lhe accendeo em huma viva, e alegre cor o rosto, como se se lhe estivera representando o que hia dizendo.

CAPITULO XXIX.

Continuaõ-se as noticias da vida, e morte de Sor Cezilia.

GRandes cousas nos sepultou o silencio, e santa modestia de Sor Cezilia, que podiaõ servir de consolaçaõ ás que

ſeguem ſeu meſmo Inſtituto, ſco no aos que lerem eſtes eſcritos, de edificaçaõ, e exemplo. Mas na virtude ſincera, e purificada, pezaõ mais os riſcos de vangloria, que os intereſſes de exemplar. Em todas ſuas acçoens o foy Sor Cezilia. Aſſiſtia ſingularmente ás Preladas, ſervindo-as com mayor deſvelo, taõ longe do abuſo de liſongear o governo, que era pratica ſua, que aos Prelados ſe devia aſſiſtir com mais cuidado, porque nelles carregava o mayor pezo. Aſſim ſabia trocar em lanços da caridade, as maximas da liſonja. Outro intereſſe tinha em communicallas, que era o poder advertirlhes as neceſſidades das ſubditas, porque nenhuma ſe atrevera a negociar o remedio das proprias. Aconſelhava-as para as proviſoens, e governo temporal da Caſa, e nos apertos della, e ſempre era tal o ſeu conſelho, que parecia remedio.

Aſſim repartia com todos dos acertos, com que Deos illuſtrava ſeu entendimento, alcançando mais, que ao que coſtuma chegar o humano. Em mayores importancias o aconſelharaõ as luzes do Ceo para o acerto. Poucos annos contava Sor Cezilia de Religioſa, quando certa peſſoa ſecular de mayor esféra lhe pedio, que alcançaſſe a certeza de huma couſa futura, aconſelhando-lhe para o conſeguir, huma devoçaõ prohibida, mas nas palavras taõ pia, e devota, que naõ foy muito enganarſe a innocencia de quem ainda de ſuſpeitoſos exteriores naõ inferiria malicia. Perguntou com tudo á peſſoa, que julgava timorata, ſe havia naquillo circunſtancia de ſuſpeita; e ouvindo repetidos ſeguros, em quem naõ ſuppunha menos, ſe reſolveo a fazer a devoçaõ o primeiro dia; mas na meſma noite delle, ſepultada em hum ſono profundo, ſe lhe repreſentou, que via a ſeu Eſpoſo, que com roſto ſevero lhe advertia o mal, que fizera, mandando-lhe, que o naõ repetiſſe como offenſa ſua. Acordou aſſuſtada, pedio perdaõ arrependida, e ficou com advertencia de naõ fiarſe de ſi propria, nem obrar acçaõ deſaconſelhada.

Aſſim a começou a illuſtrar o Senhor entaõ, para a enſinar deſpois, para a dar a conhecer. O que ſe ſabe he, que teve muitas viſoens; de poucas ficou individual noticia, mas para confirmaçaõ as que baſtaõ. Faleceraõ dentro em dez dias neſta Caſa duas Religioſas, iguaes por filhas da meſma terra, a idade pouca, e as virtudes mayores, que a idade. Aventajava-ſe huma na nobreza, e qualidade, como em mayor reputaçaõ de virtude; ſingularizava-a ſó eſta ſegunda, como a que vivia entre gente, donde ſó ella ſabe dar nome. Coſtumava Sor Cezilia com mais devota ancia, encomendar a Deos as que faleciaõ, como irmãas no habito, e no amor; e entendendo, que eſta, que falecera com mayor opiniaõ, naõ neceſſitaria já de ſuffragios, por ter paſſado á ultima felicidade, empregava-ſe em orar pela que acabara com menos nome. Eis-que orando huma vez, ſentio, como ſe fallaſſe a ſeu coraçaõ a voz de Deos, que lhe dizia: *Naõ te occupes*

em rogar por essa, que julgaste menos justificada, porque já goza de minha gloria; pela outra applica tuas oraçoens, que ainda necessita.

Suspendeose Sor Cezilia, e entre gozo, e pavor, disse: *Como he isto, Senhor? Pois naõ era aquella Religiosa a mais qualificada na vida? Assim foy* (tornou o Senhor) *mas de sua mayor virtude nasceo a sua estimaçaõ, e o seu applauso; e talvez esquecida a humanidade, cahio na fraqueza de se contentar lisongeada.* Callou a Serva de Deos, e poz a boca na terra, confundida em sua ignorancia. Singular caso! que póde mudamente reprehender aós que desinquietando a virtude, a desenterraõ do seu retiro, para a exporem aos riscos do applauso, sahindo talvez a inconsideradas, e appetitosas instancias do canto de huma cella para a frequencia de hum Palacio, do solitario de hum Convento para o populoso de huma Cidade, com o achaque de assistir ao doente, ou a consolaçaõ de se ouvir praticar na virtude; naõ advertindo os que o pedem, ou os que o consentem, que com a observancia mais acautelada saõ mais subtis os assaltos da vangloria. E se das portas a dentro da sua Clausura póde talvez o Religioso, ou a Religiosa, entre poucos votos, perigar neste assalto, que será exposta á estimaçaõ propria, no lisongeiro theatro do Mundo? Se talvez se acha o risco nas tranquillidades do Oceano, que será entre as soberbas correntes do Jordam!

Detinha-se huma vez Sor Cezilia (pouco tempo antes que falecesse) no Confessionario com o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos. Mandoulhe elle, que fizesse particular oraçaõ pelo estado da Igreja, e pelo Tribunal do Santo Officio, especialmente deste Reyno, porque andavaõ os seus Ministros cuidadosos, e atribulados com materias de grandes consequencias. Dilatouse o Mestre Fr. Joaõ, e foy tocando alguns pontos de Fé em gloria da Igreja, e de Deos. He subtil o inimigo; vio a difficuldade da pratica, começou a representar no entendimento de Sor Cezilia alguma duvida; mas naõ permittio o Senhor, que cahisse nella sua Serva; porque, ferindolhe de repente nos olhos hum activo, e fermoso rayo de luz, que da parte de fóra penetrava o Confessionario, vio que se lhe representava a Imagem de hum Christo magestoso, com Chagas, e Coroa de espinhos, entendendo em seu coraçaõ, que lhe dizia: *Que no que alli ouvira naõ tivesse escrupulo, porque eraõ verdades taõ claras, como aquella luz, que tinha visto.* Ficou confusa, e confundida Sor Cezilia; e sepultada em silencio, cahio por terra, adorando o Senhor. Acabou o discurso o Mestre Fr. Joaõ, esperando reposta; e vendo, que nem o minimo rumor se percebia de quem o escutava, bateo no ralo huma, e outra vez. Tornou em si Sor Cezilia, e levantando-se, e respondendo com turbaçaõ, lhe poz o Padre huma obediencia, para que lhe explicasse a causa, que a tivera muda. Naõ podia resistir ao preceito; referio tudo o que tinha

vifto, e paffado. Teftemunha defta verdade foy o mefmo Veneravel Padre Meftre.

Ao dia feguinte cahio enferma Sor Cezilia: a idade, os achaques, e as penitencias, lhe podiaõ fegurar, que era a ultima doença, fe ella, muito anticipadamente a efte accidente, naõ tivera alcançado, que o primeiro feria o ultimo. Efta noticia teve em fonhos; confstou defpois de fua morte, achando-felhe efcrito de fua propria letra. Appareceolhe o Menino Jefu (premio da ancia com que o fervia, e adorava) e dizendo-lhe ella: *Senhor, quereis levarme para vós?* Inclinou o Menino a cabeça, fegurando-lhe, que fim. Tornou ella: *E ferá logo?* Sorriofe o Menino, e ao mefmo tempo defappateceo a vifaõ, e acordou Sor Cezilia taõ certa de que feria o fim da fua vida a primeira doença, que logo deu a entender, que efta era a ultima.

Com efte conhecimento fe difpoz com tanto focego, que fó lho embaraçava o alvoroço. Affim paffou alguns dias; e chamando hum delles a Prelada, lhe diffe com defufada alegria: *Que vifto ella fe achar em huma cama, e incapaz daquella diligencia, lhe pedia, que fallaffe ao Padre Vigario* (era o Veneravel Padre Meftre Fr. Joaõ de Vafconcellos, na occafiaõ em que tinha acabado com igual felicidade, que induftria, a obra da Igreja) *e lhe pediffe da fua parte a bençaõ; e que lhe rogava trataffe muito de fua faude, que era fua vida de muita importancia á Igreja Catholica; e que eftiveffe certo, que agradara muito a Deos no difpendio, e cuidado, com que edificara a Igreja daquelle Mofteiro; pelo que naõ tardaria o mefmo Senhor muito em lhe dar hum grande premio.*

A Prioreza, que (como era commum naquella Cafa) tinha experiencia, que naõ careciaõ de myfterio as palavras de Sor Cezilia, inftou com ella, para que lhe explicaffe o que naquelle particular alcançava, ameaçando-a, que a obrigaria o Vigario com huma obediencia. Rendeofe a boa fubdita, e continuando com alvoroço, diffe: *Que eftando* (*havia pouco*) *orando, e pedindo a Deos pelo augmento, e confervaçaõ da obfervancia daquella Cafa, vira ao Senhor em hum throno de inexplicavel mageftade, que com alegre femblante lançava huma bençaõ ao Padre Meftre; dando-lhe a conhecer a ella, que aquella bençaõ era premio da obra da Igreja acabada com tanta perfeiçaõ, como foraõ as contradiçoens, com que fe intentou, e finalmente fe confeguio. E faberá, Madre Prioreza* (accrefcentou Sor Cezilia) *para confolaçaõ fua, e das ditofas filhas defta Cafa, que todas, as que até aqui tem falecido nella, fe falvaraõ por mifericordia de Deos.* Grande felicidade, piedofamente crida, defte Seminario da obfervancia; e naõ menor ventura para as que o habitaõ, viver antes em hum Santuario, que em hum Mofteiro!

Tinha fem duvida alcançado Sor Cezilia, por mercê de Deos, a fortuna, que indicava aquella bençaõ ao Meftre Fr. Joaõ; naõ a explicou entaõ, mas viofe brevemente. Cahio o Padre em huma doença ligeira, convaleceo depreffa; e indo á Igreja a dizer Miffa,

foraõ

foraõ as Religiofas ao Coro, alvoroçadas, a dar graças a Deos pela melhora, e a ter o gofto de o ver com ella. Foraõ dar logo efta noticia a Sor Cezilia, entendendo, que lhe naõ podiaõ fazer mayor lifonja, nem applicarem ao que eftava padecendo melhor mefinha. Affim fabia eftimar efta fubdita tal Prelado, mas naõ menos elle a ella, como o que tanto a conhecia. Ouvio ella, que diziaõ: *Já o Padre Meftre eftá fam*; e refpondeo com femblante trifte: *Sim eftá faõ*. Repararaõ no pouco, que a alegrara coufa para todas de tanto gofto; e diffe huma: *Que deva efta Leiga tanto ao Padre Meftre; e que fe naõ alegre, nem eftime vello reftituido á fua faude?* Mas como vaõ longe os difcurfos dos Juftos dos puramente humanos! E que pouco percebido he o feu myfteriofo idioma dos ouvidos da terra! Alegravaõ-fe aquellas pelo que viaõ; entriftecia-fe Sor Cezilia pelo que alcançava. Ellas viaõ huma faude, que lhe parecia milagre; ella eftava vendo o pouco, que diftava da morte. Ellas parecialhes agradecimento o alvoroço; ella fó na fua trifteza conhecia o feu agradecimento, porque bem alcançava, que aquella melhora era huma defpedida da vida. Succedeo affim, porque brevemente recahio o Veneravel Padre, e faleceo brevemente.

Mas naõ tardou muito Sor Cezilia, que fe naõ adiantaffe a reconhecer a coróa, que o efperava, porque era já tempo de fe lhe naõ dilatar a fua. Tinhaõ-na difpofto para ella muito anticipados, e continuos martyrios. Foy hum delles huma rigorofa dor, com que o Senhor quiz por todo o tempo, que viveo na Claufura, provar fua paciencia, moftrando-lhe, que fora data da fua maõ, onde naõ fe ignorava o motivo de querer dobrarlhe o merecimento. Viviaõ ainda as Religiofas junto ao Poftigo do Arcebifpo, no Mofteiro novo; cahio huma noite hum rayo nelle (fem damno de peffoa, e fó do edificio) mas com hum prodigiofo effeito, porque cahio a tempo, que Sor Cezilia ou fonhava, ou via, que vinha hum rayo fobre ella, e que lhe alcançava a parte direita. Acordou eftremecida, e moleftada, naõ fó do eftrondo, mas de huma dor taõ aguda, que tomando-lhe hum pé, lho naõ confentia pôr no chaõ. Efta dor, ás vezes menos intenfa, a moleftou toda a vida, e nas occafioens de trovoada, anticipando-lhe com mais vivo effeito a noticia della. Efta foy a origem, e caufa de fua morte, fem que lha difpuzeffe outro achaque.

Aggravou-felhe efte com intoleraveis dores, mas fofridas com taõ igual femblante, como fe nada a moleftara; eftando-fe vendo na exterioridade da inflammaçaõ daquella parte o que padecia, e o que diffimulava. Affim fe lhe dilatou dous mezes efte purgatorio: e como fabia quando havia de ter termo, pedio os Sacramentos, quando vio, que eraõ precifos. Foy a devoçaõ igual á advertencia, e focego com que os recebeo, paffando o dia feguinte inteiro em hum filencio focegado; feguiofe todo o outro, de huma defufada, e eftranha alegria. Pareceo ás Religiofas,

que

que eraõ effeitos de melhora, e (no que colhiaõ do exterior) que aquella vez escapava; mas atalhou este pensamento a resoluçaõ com que pedio, que lhe chamassem os Padres para o Officio da ultima hora. Entraraõ; pedio a véla; e acompanhou o Officio com inteira advertencia; e logo correndo os olhos com agrado por todas as Religiosas, levantou o braço direito, e foy-o recolhendo, como se as abraçara, e se despedira. Cerrou placidamente os olhos, e sem fazer outro termo, deu a seu Creador o espirito, em huma terça feira de Novembro de 1651.

No instante que espirava, vio a Madre Sor Clara do Sacramento, pessoa de tanta capacidade (saberséhá melhor adiante) que fiava o Ceo della semelhantes segredos; referindo este, como de outra pessoa, que sobre o Mosteiro sobia hum resplandecente globo de luz entre as duas Virgens, e Martyres insignes, Santa Cezilia, e Santa Ignez, Protectoras da Ordem Dominicana, e singulares empregos da devoçaõ de Sor Cezilia. Poucos dias despois de seu ditoso falecimento, fazia o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos huma Pratica em a profissaõ de huma Noviça, e tocando (como quem dava pouco desafogo ao muito, que callava seu espirito) na observancia, e virtude desta Casa, disse, que havia pouco falecera nella huma Irmãa Conversa, por nome Sor Cezilia, em cuja vida havia cousas taõ grandes, que naõ era possivel publicarem-se, sem consultar primeiro o Oraculo da Igreja, o Summo Pontifice. Daqui se póde inferir que seria o mais, e o mayor o que se nos escondeo de sua vida, sendo hum taõ grande voto o que approvou este silencio; mas nem menos este silencio para grande credito.

CAPITULO XXX.

De Soror Leonor da Assumpçaõ, Conversa.

MUitas proporçoens tem a graça com a natureza, ficando cada huma em sua esféra, porque tambem na linha espiritual he natureza a graça, como principio da vida, com que se vive para Deos; e sendo hum dos effeitos da natureza o conservar, nos que tem a mesma, a semelhança, esse sem duvida se achará tambem na graça. Isso quiz dar a entender S. Paulo, quando escreveo, que predestinando-nos Deos para a sua graça, nos fez confórmes a seu Filho na semelhança. Porque a graça assemelha na sua linha, como a natureza assemelha na sua.

Bom exemplo temos entre maons na vida de Sor Leonor, mãy de Sor Cezilia, de quem agora acabamos de fallar. Grande harmonia fez em ambas a graça, como se competira com a natureza; porque se a natureza as fez ambas a mesma carne, a graça as fez ambas o mesmo espirito; se a natureza fez que aquella filha fosse semelhança desta mãy, fez a graça que nesta mãy se achasse toda a semelhança daquella filha. Assim foraõ ambas nesta Casa Religiosas, ambas Conversas,

versas, ambas observantes, ambas mimosas de Deos; e ambas grande assumpto deste nosso venturoso trabalho.

Dilatou o Ceo o de sua peregrinaçaõ a Sor Leonor, mais que a Sor Cezilia, porque falecendo esta de perto de sessenta annos, chegou sua mãy aos oitenta, taõ bem gastados todos, que perguntando-lhe huma pessoa de respeito (já entaõ vivia Sor Leonor nesta Casa) que vida tinha sido a sua? Respondeo com sinceridade discreta em só tres palavras, o que se naõ diria melhor em muitas: *Donzella, tudo foy innocencia; casada, tudo molestia; e Freira, tudo gloria.* Bem nos podia poupar esta reposta o cuidado de mais escritura, porque naõ póde haver mais que dizer de sua vida; mais naõ será o que dissermos mas que huma exposiçaõ daquella reposta.

Ficou só noticia do sobrenome do pay de Sor Leonor (que foy o de Varela) e do grosso trato de sua Familia, e Casa, como dos Lavradores mais ricos no termo de Evora, naõ menos que de sua vida, por homem timorato, e de sãa, e limpa consciencia; mas sobre tudo com tantos extremos de caritativo, e desvelado com os desamparos do proximo, que com a porta, e as maons abertas, a todas as horas era segundo Abraham nos empregos da hospitalidade, mandando como outro pay de familias a seus servos, e criados, que trouxessem, e encaminhassem para sua casa, os que encontrassem pelas estradas desencaminhados, e famintos; e como esta era para elle a mayor lisonja, naõ havia noite, que a naõ achasse na mesa, sentando-se a ella taõ honrado, e contente, como quem tinha ao mesmo Deos por hospede.

Cerrouse huma noite carrancuda, continuose tempestuosa, achava-se o bom Lavrador em sua casa (como situada em o meyo de huma campina) sem companhia, que lhe fizesse appetecer, e estimar a mesa, costumado em todas a ter a necessidade, e a pobreza por convidada. Continuava a tormenta, foy perdendo a esperança. Chama os servos, manda os, que com fachas accezas sayaõ ao campo, e ao caminho, a bradar por quem quizesse gasalhado. Naõ podia deixar de ter hum grande encontro de interesse, hum taõ grande lanço de caridade. Eis-que guiados pelo norte dos brados, e da luz, respondem, e se vem chegando dous Religiosos Capuchos, que perdida a estrada, e sem tino, e alento para a buscar, com o escuro da noite, e rigor da tempestade, se sacrificavaõ a ella sem mais abrigo, que o campo descuberto, e hum pouco de burel taõ molhado, que antes ajudava a tormenta, que valia contra ella, antes vinha a servir de carga, que de cobertura. Já se apressaõ alvoroçados, já chegaõ atropelando descommodos, já entendem, que os que estaõ vendo, naõ seraõ menos que Anjos, e nem os desenganava o idioma humano, com que de parte de seu senhor lhe offerecem gasalhado; todas as circunstancias seguravaõ o soccorro do Ceo. Levantaõ os peregrinos as mãos, e os olhos a elle, dando em seu

ſeu coraçaõ graças ao Pay das miſericordias; ſeguem o caminho, entraõ as portas do bom hoſpedeiro, que tomando-os nos braços,e embaraçando-lhes agradecimentos, os ſoccorre ao fogo contra o frio, na meſa contra a neceſſidade, agradecendo a Deos o honrallo aquella noite com taes hoſpedes, e os hoſpedes o acharem naquella caſa a ſua providencia.

Baſtara eſte caſo para ſabermos quem foy o pay de Sor Leonor, ſe a criaçaõ, e boa indole da filha naõ houvera de ſer argumento do que fora ſeu pay. Chamouſe ella Leonor Pires Roſada. Já nos primeiros annos era notavel ſeu retiro; a inclinaçaõ ás couſas ſagradas, como a de viver em Clauſura recoleta, porque coſtumava dizer (pelo que ouvia, e alcançava naquelles poucos annos) que naõ havia de ter outra vida mais, que a de Freira do Calvario de Evora; aſſim lhe chamavaõ os pays a ſua Capucha do Calvario, eſtimando na filha aquella propenſaõ devota. Foy eſta creſcendo com os annos: e parece, que já merecia ao Ceo cuidados, porque deſtinando-a a outra Clauſura, que ainda naõ exiſtia, lha quiz repreſentar em hum emblema, que Leonor naõ pode entender entaõ, mas aſſim lhe ficou impreſſa na lembrança, que correndo os annos, conheceo nella o que devia ao Ceo, que lha repreſentara.

Foy a viſaõ em ſonhos; repreſentando-ſelhe, que via hum grande monte de trigo muito limpo, cercado de aſſucenas, e que deſejava com vivas ancias chegar a elle, e deſcançar entre ellas. Com eſte deſaſocego acordou, perdendo a viſaõ, mas nunca a lembrança, e o deſejo com que a vira. Deſpois de Freira alcançou, que aquelle era o emblema, em que o Eſpoſo Divino decifrara a fineza do Sacramento, de que fora, e era Sacrario o ventre de ſua Mãy Soberana, e o coraçaõ da Igreja Catholica, dizendo, que elle era paõ cuberto de flores, ou monte de trigo, cercado de candidas aſſucenas; que decifrado no ſentido Tropologico, he a figura, e timbre deſta Caſa, porque he o Sacramento paõ aſſiſtido de aſſucenas, que ſaõ as filhas della. Acervus tritici vallatus liliis. Cant. 7.

Naõ podiaõ duvidarſe eſtas providencias do Ceo, e anticipados emblemas da vida, que Sor Leonor abraçaria em mayor idade, porque era rara ſua ſimplicidade, e importancia (teſtemunhavaõ no aſſim ſeus Confeſſores) ſendo eſtas as diſpoſiçoens, que buſca o Ceo nos eſpiritos, a quem ha de revelar ſeus ſegredos. Naõ deſconheciaõ ſeus pays que naquella filha naõ tinhaõ mais que o nome de ſua, porque já experimentavaõ em ſeu eſtylo de vida o para que Deos lha dera; mas os groſſos cabedaes de ſua Caſa, o deſejo natural de dilatar nos filhos a ſegunda vida, e o veremna já contando dezaſeis annos, os fez entrar em penſamentos de lhe dar eſtado, que em ſua velhice lhes ſerviſſe de arrimo. Aſſim diſpuzeraõ o deſpoſorio, ſem lhe darem noticia, ou por lhe pouparem o diſſabor, que teria com ella, ou por conhecerem na ſua ſogeiçaõ que naõ lhes daria outra repoſta mais, que a obediencia.

diencia. Succedeo assim; escutou, e obedeceo Leonor a seus pays, entendendo, que Deos assim o dispunha; mas que naõ permitiria, se lhe frustrasse a esperança, que até alli a entretivera, de differente vida

Inculpavel passou á de casada, merecendo nella a que suspirava de viuva, para se dar toda a Deos, que assim lho concedeo, ficando com trez filhos, e duas filhas, naõ sendo estes embaraços, para lhe sahirem, e a conquistarem bons casamentos. Mas já sua esperança levantava os olhos ao Ceo com liberdade, para suspirar melhor cadea; recolheo-se com sua mãy, e desenganou os pertendentes com o estylo, que tomou de vida, antes retiro de todos os commodos, e interesses della. Naõ tardou o Ceo em lhe diminuir os embaraços; levando-lhe os trez filhos; menos tardou Leonor em lhe agradecer a providencia, sacrificando-lhe a liberdade em que a punha, e dando a huma das filhas o mais precioso de sua casa, e fazendas, e pondo-a debaixo do cuidado de huma tia, com Sor Cecilia, (que era a outra filha, herdeira de seu mesmo genio, e espirito) se resolveo a buscar esta nova Recoleta, com as Fundadoras, que sahiaõ de Santa Catharina de Evora, por ser huma dellas, (e a que se escolheo para Prioreza) a Madre Soror Isabel de Jesus, sua tia.

O menos, em que reparou Leonor, foi em haver de ser Freira Conversa, (ella, como como sua filha Cecilia) em casa adonde tinha a tia Freira do Coro, e Prelada, porque doutrinada por Christo, que buscava Esposo, vinha a servir, e naõ a ser servida; para confusaõ das que nos Claustros Sagrados reparaõ tanto nestes pontos, sem advertirem, que na Monarchia da Igreja se só o servir faz benemeritos, só os servos tem melhores officios. Assim aconselhada do Ceo, do que grangearia no que tomava, se partio Leonor Pires Rosada, com sua filha Cecilia de Sousa, acompanhando as Religiosas, que vinhaõ pará a nova fundaçaõ.

Mas o demonio, a quem ella desagradava, dispoz na noite, que precedeo á jornada para Lisboa, que junto ao aposento, em que se recolheraõ a mãi, e filha, se achasse hum cabritinho, (ou seria a fórma do mesmo inimigo, de quem foy a industria) que nunca se callou, bradando pela mãy. Despertou o grito importuno, que naõ permittia socego, em Leonor Pires a lembrança, imaginando, como doía, e costava, ainda nos brutos, a separaçaõ entre pays, e filhos, e passou com a imaginaçaõ a buscar a filha, que deixava no Mundo, e naquella terra, de que se apartava para toda a vida: foy-se a natureza levando da lembrança taõ poderosamente, que rompendo em vivas saudades, parece, que já lhe aceitava o conselho, se naõ da suspensaõ do proposito, se quer na dilaçaõ para melhor tempo. Mas naõ valeo a industria do demonio, porque começou a saudade naõ obedecida a ser o primeiro sacrificio, e a dobrar-se o merecimento donde se esperava enfraquecido. Enxugou Leonor as lagrimas com os interesses do bem, que hia comparando com ellas. Passou a Lisboa, entrou com a filha nesta Casa, profes-

ſaraõ ambas nella. Já em ſeu lugar fica eſta noticia.

Vio-ſe Sor Leonor Freira Converſa, e como ſe ſempre vivera ſervindo, naõ tinha mais goſtoſo emprego. Da ſua occupaçaõ paſſava ao Coro, e o que ſe detinha neſte, devia-o á boa diligencia, com que ſe apreſſava naquella. Era grande a delicia, e interior o contentamento, com que ſe dilatava diante do Santiſſimo; com a ſede de o repetir, hia para o Coro huma Quinta Feira Mayor, em companhia da mais Communidade, a aſſiſtir ao Officio Divino, deixando já ſatisfeito tudo o que eſtava a ſeu cargo; quando chegando-ſe a ella a Prelada, a manda, que volte á coſinha, a adereçar hum pouco de peixe, que chegara. Sem levantar olhos, voltou Sor Leonor para donde a chamava a obediencia, por mais que lhe ficavaõ donde a levava a devoçaõ. Mas naõ tardou o premio a eſte ſacrificio. Entra na coſinha, eis-que de repente vê voar ſobre a cabeça huma candida pomba, que fazendo a ſeu modo feſta, e agaſalho com o bater das azas, deſappareceo, ſendo taõ difficil a averiguar por donde ſahira, como o por donde entrara, ſabendo-ſe ſó, que ſuccedera, porque fallando Sor Leonor nos premios da obediencia, contou o ſucceſſo, pondo-o em terceira peſſoa.

Se era eſta a obediencia de Sor Leonor, facil fica de conhecer a ſua humildade, a ſua mortificaçaõ; mas ſobre tudo parece, que voava ſua caridade, mais entranhavel com os pobres. Faz-ſe no Moſteiro comer particular para elles com o da Communidade; aquelle era o primeiro, que adereçava, e punha ao lume, repetindo com goſto: *Deos diante*. Accreſcentava a eſta porçaõ a mayor parte da que lhe cabia na meſa, e levava-a, e o mais que grangeava ſua induſtria, á Rodeira, que era a que o repartia com tanto alvoroço, como quem lhe naõ duvidava o rendimento. Guardava inviolavel ſilencio, que nunca a ouviraõ, naõ ſó em lugares prohibidos, mas nas officinas em que aſſiſtia, ſem ſe lhe ouvir palavra deſneceſſaria. Ainda foy mais; que naõ havendo commodos no Moſteiro novo, mandou a Prelada, que ella, e ſua filha Sor Cecilia ſe recolheſſem em huma cella. Entendeo a Meſtra de Noviças, que diſpenſariaõ na ley do ſilencio a familiaridade, e o ſangue, e examinando-o repetida, e acauteladamente, as achou ſempre occupadas, com tal ſeparaçaõ, e ſilencio, como ſe em tal eſtreiteza podeſſem deſconhecer a natureza, e a viſinhança.

Aſſim trazia ſogeitos, e dominados os ſentidos, de que ſe lhe ſeguio a grande conſtancia de ſua paciencia: ſem haver contrariedade, que a naõ achaſſe igual, e muito mais entrada já naquelles annos, em que he difficultoſo o ſoffrimento, como facil o motivo de arriſcallo. Faltavaõ-lhe já os dentes, e ſuccedendo algumas vezes porem-lhe reçaõ de paõ duro, nem por iſſo pedia outro; molhado aquelle na agua, lhe ſervia de ſuſtento. Apanhava-a talvez o Inverno pouco enroupada, aſſim o hia paſſando, ſe a Veſtiaria o naõ reparava, e lhe acodia. Naõ houve palavra, por aſpera, ou impertinencia, por repetida, que lhe

lhe mudasse o rosto, ou lhe alterasse o socego, nascendo-lhe deste o estar sempre prompta para a Confissaõ, e Communhaõ de duas vezes na semana, como he estylo da Casa; e o que mais era, sem dar aos Confessores molestia. E perguntando-lhe: *Como era taõ breve naquelle lugar?* Respondeo: *Que por chegar a elle sem duvida. Porque, em se me offerecendo alguma* (continuava com segurança) *rezo hum Padre nosso, e logo o Senhor me poem tudo claro.* Assim era pura sua consciencia; nem se podia crer menos do socego della; mas nem assim bastava a lhe enxugar as lagrimas com que alli chegava. Seria, que se lhe derretia o coraçaõ nas visinhanças do Sol, que queria recolher nelle.

Na oraçaõ era taõ continua, que naõ havia em sua vida mais que huma alternativa de orar, ou servir. Recolhida á noite na cella, orava duas horas. Dava trez ao descanço; levantava-se logo, e até que o dia a chamasse para a sua officina, orava. Nas Matinas, a que assistem as Conversas, ficava no Coro até o mesmo tempo. Nas occupações, em que a punha a obediencia, servia, e orava, porque, se podia desoccupar huma maõ do serviço, trazia nella o Rosario; se occupava ambas, punha junto a si hum monte de pedrinhas, e como podia, as hia passando como contas. Reparou nas pedras huma Religiosa, e perguntando-lhe para que eraõ, respondeo: *Que para apedrejar o demonio, e tello em distancia, que naõ chegasse a tentalla.* Se era tal o trabalho, que lhe naõ permittia nem as contas, nem as pedras, valia-se de jaculatorias, humas, que lhe dictava o espirito, outras de que tinha feito estudo, repetindo muitas vezes: *Misericordias Domini in æternum cantabo.*

Feito final para a oraçaõ, era a primeira, que voava para o Coro; e advertindo-lhe alguma Religiosa, (que via o muito, que tinha que trabalhar aquelle dia) porque naõ ficava, respondeo: *Que todas as vezes, que a Prelada a mandava ficar da oraçaõ, experimentava o trabalho mais penoso, e dilatado; e deixando-a ir a ella, ou muy aliviado, ou de todo feito.* Da sinceridade com que o dizia, e do que as Procuradeiras viaõ por experiencia, se entendeo bem, que era mais que humana a diligencia, e companhia, que a aliviava; e confirmava-se na ancia, com que persuadia ás que vinhaõ para o Mosteiro, que nunca deixassem a oraçaõ, porque era infallivel a experiencia do que se merecia com ella. Naõ se soube caso individual, porque os espiritos mais capazes de lhe succederem, saõ os mais advertidos em os occultarem.

Sendo muitas suas particulares devoções (que lhe levavaõ algumas horas entre noite, e dia nas Capellinhas do Claustro, e varandas) era no Capitulo mayor a detença, orando pelas defuntas, e em especial pelas que conhecera mais benemeritas daquella lembrança. Foy huma Dona Maria de Tavora, Condessa do Basto, falecida de pouco, e enterrada por escolha sua naquelle Capitulo. Orava por ella huma noite, quando vio que de sua sepultura se levantava hum vulto resplandecente, que sobindo vagaroso ao alto da casa, desappareceo, lançando mais vi-

viva, e copiosa luz. Foy grande sua alegria, que os primeiros dias naõ soube dissimulalla entre as mais Religiosas, e filhas da Condessa, que choravaõ a falta, que lhes fizera a ellas, e á Casa; e importunando-a com a pergunta, de porque as naõ acompanhava, relatou o que lhe succedera. Seria licença, ou preceito do Ceo, o dar aquella noticia; e grande argumento, para se crer a novidade de se ouvir.

Mas dispunha o Ceo a ultima coroa de seus trabalhos, por hum taõ raro caminho, que a naõ prostraraõ os achaques, nem os annos, sendo estes incuraveis achaques, quando já crescidos. Contava já Sor Leonor os ultimos dos oitenta com que faleceo, quando em huma festa feira da Quaresma, (em que acompanhava a Communidade na Procissaõ dos Passos) pondo os olhos no Senhor, vio com os olhos corporaes em sua cabeça vivas as chagas dos espinhos, e o sangue, que banhando o rosto sagrado, lhe ensanguentava os cabellos. Atravessou-lhe huma dor vehemente o coraçaõ compassivo, e taõ vehemente, que segurando que morria, cahio em huma cama. Alegrava-se de ver, que acabava ás mãos daquella dor, mas era ella taõ aguda, que entre as ancias lhe mortificava a alegria. Dahi a poucos dias lhe appareceo em sonhos o Senhor, e vestindo-lhe huma tunica preciosa, lhe accrescentava naõ menos custoso ornato em huma parte, deixando-lhe a outra sem elle. Assim desappareceo a visaõ, deixando-a illustrada, para conhecer que entaõ naõ acabaria, porque ainda lhe restavaõ mais trabalhos, para aperfeiçoar o ornato dos merecimentos.

Este conhecimento lhe dobrou o valor para continuar com mais fervorosa ancia os seus exercicios; mas passado algum tempo, faltaraõ-lhe as forças, e desoccuparaõ-na das officinas, que lhas tinhaõ cançadas. Começou a viver no Coro, de que só sahia a tomar algum sustento, e pouco descanço. Como já suspirava, ou via visinho o termo, contava os dias, e as horas, que se lhe dilatava a peregrinazaõ. Conheceo finalmente o fim della, e disse ás Religiosas, que morria. Parecia-lhes delirio da idade, porque a viaõ sem outra molestia. Pedio instantemente os Sacramentos, e recebidos com veneraçaõ, e gosto, sem mais achaque, que os annos, sem mais dor, que huma ardente ancia de acabar, passou áquella vida, porque viveo morta, e morreo mortificada em quarenta e seis annos de Clausura, com perto de oitenta de idade, em hum Sabbado, 10 de Março de 1653. Podendo bem chamar-se Feniz Dominica, que os annos, e o fogo, a idade, e o amor a reduziraõ á sepultura para resuscitar a melhor vida.

CAPITULO XXXI.

De Sor Isabel da Visitaçaõ, Conversa.

QUiz povoar-se o Ceo das Religiosas Conversas desta Casa, levando della quatro em trez annos, como segurando o quanto lhe agradava aquella harmonia, com que as experimentara desveladas nesta mortal vida, ajuntando as contemplaçoẽs

ções de Maria aos exercicios de Martha. Foi esta ultima Soror Isabel, que em menos annos de Clausura, que as outras, (pois naõ contou mais que seis) voou a emparelhar-se com as que em larga vida grangearaõ mais commodos para a ultima jornada della.

Nasceo Sor Isabel no lugar de Bemfica, Termo de Lisboa, de pays humildes nos olhos do Mundo, nos de Deos mimosos, como pobres, e seus tementes: premiados com aquella filha, que com o inculpavel de sua vida mereceo, que seus Confessores (seriaõ os Religiosos da Recoleta Bemficana) a trouxessem á noticia das Preladas desta Casa do Sacramento, com quem a virtude era o mais precioso dote, e poderosa valia a vontade, que Isabel mostrava de recolher-se. Tomou o habito, e com tal resoluçaõ, que parece desafiou o inimigo, sempre envejoso, e agora menos soffredor, do que nesta Casa hia perdendo.

O primeiro combate com que a quiz amedrentar, foy, cobrindo-lhe todo o Mosteiro de sombras, vindo a persuadilla, que escolhera por vivenda huma Norpega, porque naõ havia luz em toda aquella Casa; assim lha representava hum escuro abysmo na mais clara hora do dia. Dispoz-lhe logo huma profunda melancolia, offerecendo-lhe aos olhos, e á imaginaçaõ continuas imagens de tristeza; que tirando-lhe o gosto de tudo, nem comia, nem descançava, sepultada sempre em hum silencio pezado, sendo alegre, e tratavel de genio. Passou a por-lhe horror nos lugares sagrados, tirando-lhe o animo de chegar aos do Confessionario, e Commungatorio; e finalmente reduzio-a a hum tal desabrimento, que assentou em seu animo que naõ podia continuar vida taõ rigorosa.

Entraraõ os conselhos dos Confessores, que conheciaõ bem a causa daquelles effeitos, e que só se haviaõ de destruir com a constancia nos bons propositos. Valeraõ as advertencias, foy-se sustentando o soffrimento nas esperanças de victorioso; mas era incançavel o inimigo. Nesta batalha passou Isabel o anno de approvaçaõ, merecendo com a resistencia, o chegar ás venturas do dia de professa. Mas o demonio, que via desperdiçadas as astucias de hum anno em huma hora, apertou com todos seus esforços a bataria; cahe por terra a constancia; cede a miseravel combatida, vai-se á Mestra, e com ella á Prioreza; depoem, que saõ fracos seus hombros para aquella carga, a que se offerecera sem experiencia; accrescenta: *Que traz arriscada a vida em huma Casa, em que tudo saõ tropeços por escura.* Que se lhe fazia intoleravel hum serviço, que feito ás escuras, eraõ tantos os passos, como as quedas. Que mandassem chamar seus pays, que a levassem, já que a naõ ajudavaõ suas forças, ou tinha tantos embaraços para se naõ valer dellas.

Suspendeo-se, admirou-se a Mestra; admirou-se, suspendeo-se a Prelada, naõ tanto da escusa, como do motivo della; naõ tanto de parecer intoleravel o trabalho, mas de que o fizesse o escuro da Casa, sendo o Mosteiro, como todas suas officinas, claras, e alegres; como póde tes-

testemunhar quem as vê, e as vio. (de que antes que isto escrevessemos, fuy eu bôa testemunha, com grande gosto, e consolaçaõ minha.) Eraõ prudentes as Preladas, naõ ignoravaõ as astucias do conselheiro das sombras; responderaõ á Noviça com brandura, que se deixasse estar mais huns dias, e mandaraõ ás Religiosas em Communidade, que rogassem a Deos por ella.

Chegava o dia de nosso Patriarca S. Domingos. (he costume porse em hum Altar do Coro huma reliquia da capa do Santo) Chegaraõ a beijar as Religiosas; chegou a Noviça com ellas, e foi o mesmo chegar os beiços á reliquia, que levantar os olhos com alegre semblante, como os que naquelle instante se lhe banharaõ de luz tanto do Ceo, como da Casa em que estava; conhecendo o engano de a ter por escura, pois a via taõ clara, e alegre, como já o estava sua alma; representando-se-lhe suave a vida Religiosa; que até alli recusava, e trocada em jubilos a tristeza, que até alli a perseguia. Suspendeose, pondo os joelhos no chaõ, e levantando a Deos o coraçaõ, o que naõ sofrendo taõ incomparavel gozo, rompeo pelos olhos em duas correntes de gostosas lagrimas. Repararaõ as Religiosas, que Sor Isabel se detinha; viaõ, que chorava, que as lagrimas cresciaõ com excesso, e que alli a hiaõ esquecendo; chegaõ a ella, perguntaõ-lhe a causa; naõ pode responder, porque os soluços lhe prendem a voz na garganta; só se lhe entende com ella enterrompida: *Que quer ser Freira.* Alegraõ-se todas, divulgase o caso, daõ graças ao Senhor, e ao nosso Patriarca; mas dilataõ-lhe a Profissaõ para exame da persistencia; professa finalmente dia de Todos os Santos, com grande alvoroço do Mosteiro, mayor o de seu espirito.

Enriqueceo-lho o Senhor com dobrada luz para as importancias de sua alma, e conhecimento das disposiçoens da vontade Divina; podendo dizer com o Mestre da paciencia em a noite, que lhe precedeo a este dia: *Rursum post tenebras spero lucem. Espero outra vez luz despois das sombras.* Assim se via restituida á primeira alegria com que entrara nesta Casa, e taõ illustrado seu conhecimento nos exercicios della, que já servia de exemplo nos dias em que todas necessitaõ de ensino. A mais reformada, a mais obediente, a mais pobre, a mais humilde; mas com excellencia a mais sofrida, descobrindo-se a cada passo os quilates de sua paciencia, porque levando-lhe só Deos o pensamento, e indose atráz deste suavemente os sentidos, succedia descuidarse de cousas, que estavaõ a seu cargo, e reprehendendo-a, e castigando-a asperamente as Preladas, naõ se lhe ouvio nunca palavra, que, ou parecesse impaciencia, ou fosse desculpa. Andava buscando talvez as cousas, e estava com as mãos sobre ellas; pareceo primeiro isto tontice, como aquelloutro descuido; mas desenganou a todas hum caso.

Costumaõ as Religiosas nos dias, e despois que commungaõ, fazer a venia, prostrando-se diante daquellas, que supoem suas queixosas, ou offendi-

didas; he efte o eftylo de pedir perdaõ, e de fe reftituirem á mutua caridade humas com outras, fendo obrigada em boa ley, aquella a quem fe faz a venia, a levantar logo a que eftá proftrada. Succedeo, que huma Religiofa bufcando, e achando a Sor Ifabel no Coro, lhe fez a venia por certo efcrupulo. Naõ fe moveo ella, advertio-a a proftrada, pedindo-lhe, que lhe perdoaffe, e continuando Sor Ifabel immovel, e muda, levanta-fe a Religiofa, e vê, que eftá extatica com os olhós abertos, e pafmados, fem dar a nada tino. Affim a deixou, advertindo ás outras, que fem duvida eraõ aquelles os motivos dos feus efquecimentos, paffando eftes de reprehendidos a envejados.

De trazer fempre em Deos o fentido, lhe nafcia o naõ fallar mais que com Deos, ou de Deos; documentos, que lhe dera noffo Patriarca, de quem fe lê o mefmo. Mas era ainda mais o eftylo com que fallava, porque criada no campo, em cafa donde a doutrina naõ paffara da Cartilha, filha de pays humildes, de que naõ aprenderia mais que a finceridade Catholica; nehuma liçaõ de livros, como a que naõ fabia ler, nem efcrever; pouco tempo de cafa, para que a continuaçaõ a fizeffe deftra; era com tudo tal a clareza, e acerto com que propunha os myfterios de noffa Fé, as mais miudas circumftancias dos aproveitamentos efpirituaes, e por hum eftylo taõ concertado, e genuino, que bem fe conhecia o Meftre, que a doutrinara, e a claffe em que aprendera.

Incançavel no trabalho da cofinha, fobreveio-lhe hum eftilicidio continuado, e taõ forte, que brevemente a fez tifica, e delle morreo. Alguns mezes lhe durou a enfermidade para exame de fua paciencia, ou augmento da coroa della. Naõ tinha mais alivio, (finceramente o confeffava) que ouvir fallar em Deos, ou hir ao Coro vifitallo, e affiftirlhe no Sacrario. Detinha-fe huma noite fóra de horas no mefmo Coro, achava-fe tambem huma Religiofa na vigia do Sacramento, quando foraõ ouvidos nelle trez grandes golpes; affuftoufe a Religiofa, mas ella furrindo-fe, lhe diffe com fegurança: *Madre, naõ tenha medo, que fó comigo falla aquelle avifo. Bem fei, que hei de morrer muito cedo.*

Seguiofe a efte defengano huma confiffaõ geral, que fez logo. Já naõ havia nella acçaõ, que naõ foffe aparelho para aquelle ultimo, e ignorado caminho. Permittindo-lho o achaque, fó a achavaõ no Coro. Mas quiz o Ceo, já que fe lhe revelara (ao que fe entendeo) fua morte, que fe lhe naõ efcondeffe a circumftancia de que feria ditofa; fuccedeo, que eftando no Coro, (orava tambem nelle outra Religiofa) ouvio (ao que lhe parecia na Igreja) bem temperados, e fuaves inftrumentos, acompanhando finas, e afinadas vozes, de que fe refultava (como affima era) huma Celefte harmonia. Levantou-fe, chegou á outra Religiofa, perguntoulhe com fingeleza: *Que fefta havia na Igreja, porque eftava ouvindo huma mui concertada mufica.* Naõ ouvia a outra nada, via, que eftava fechada a Igreja, entendeo, que a pergunta, ou era loucura,

ou galantaria. Voltou, e mandou-a para o ſeu lugar com enfado, e deſabrimento. Tornou em ſi Sor Iſabel, e entendendo, que ſe aviſinhava muito ſua jornada, ſe recolheo de todo á Enfermaria.

Era dia de Natal; foy ao Coro a Enfermeira, (ficara ſó Sor Iſabel, que já ſe naõ podia levantar da cama) e voltando, e querendo-a conſolar, (porque ſabia a enveja com que via ir a todas a louvar a Deos) lhe reſpondeo: *Seja louvado o Senhor, que neſta cama me tem conſolada com ſua aſſiſtencia.* Entendeoſe, que teria recebido algum mimo ſingular do Ceo. Naõ ſe lhe perguntou nada, porque ſe reſpeitava muito ſua modeſtia. Só a Religioſa, que lhe reſpondera aſpera, quando no Coro lhe perguntou da muſica, vendo a ſegurança com que eſtava contando as horas de ſua vida, e o igual, e deſaſombrado ſemblante com que eſperava o ultimo aſſalto da morte, ſe chegou a ella, e lhe perguntou: *Que muſica fora aquella, que aquelle dia ouvira na Igreja?* *Naõ ſei mais* (reſpondeo) *que ouvir vozes, e inſtrumentos concertados, e ſuaviſſimos.*

Como o mal a apertava muito, naõ podia rezar os Padres Noſſos, que coſtumaõ todos os dias as Converſas; pedio ás Religioſas, que quizeſſem tomar por ella eſſe trabalho, até os principios de Março, que ſe hia chegando. Aſſim media o tempo, mas parecialhe, que caminhava vagaroſo, e que ſe lhe alongava o prazo, e entrava em deſejos ancioſos de ſe ver com Deos, repetindo com ſegura confiança: *Deos eſtá em mim, e eu eſtou nelle.* Recebeo os Sacramentos com alegria, e compunçaõ de eſpirito; e continuando o Officio da agonia, repararaõ as Religioſas, que ſe ſuſpendia; benziaſe logo, e formava huma figa para certo lugar da cella. Bem ſe via, que alli eſtava o inimigo, de que triunfava. Acabouſe o Officio, e pondo os olhos no Ceo, encaminhou para elle o eſpirito, em huma terça feira, dia na Religiaõ conſagrado a S. Domingos, Eſtrella, que a livrou daquellas primeiras ſombras, e agora a encaminharia para as perennes luzes, em 10 de Março de 1654. Seu corpo ſe achou organizado, e inteiro, ainda que mirrhado, ſeis annos deſpois de ſeu falecimento.

CAPITULO XXXII.

Da Madre Soror Maria de S. Jozé; primeiros paſſos de ſua vida, e progreſſos na de Religioſa.

Podemos dizer, que de hum Moſteiro a outro, de huma a outra obſervancia, (ſem accreſcentar mais que o voto da Clauſura) ſe paſſou a Madre Soror Maria; porque naõ era a caſa de ſeus pays menos reformada, nem elles menos piedoſos, e auſteros em ſua vida, que os Prelados da mayor recoleta. Foraõ elles Antonio Froes de Aguiar, e Dona Iſabel da Camara, naturaes de Lisboa, onde era bem conhecida ſua nobreza, como o eſtylo reformado de ſua Caſa. Tinhaõ quatro filhas; (dos filhos naõ ficou memoria) a todas poz ſua mãy o nome ſoberano, e venturoſo de Maria, porque todas lhe naſceraõ ao Sabba-

bado, dia de que era devotissima, como da Senhora delle.

Neste dia se jejuava em toda sua casa a paõ, e agua, com que já era sabido, que se naõ accendia fogo nella naquelle dia. Em todos se rezava o Rosario, e outras devoçoens, como nas Festas da Senhora, tendo ás Vesperas o mesmo jejum. Das filhas faleceraõ duas ainda de pouca idade, a terceira tomou o habito no Mosteiro da Annunciada em Lisboa, e chamouse Soror Maria da Cruz; a quarta foi Soror Maria de S. Jozé, que entrou nesta Casa do Sacramento em hum Sabbado, em outro faleceo, e tinha nascido em outro, como fica dito. Venturosa Maria! que em trez Sabbados nasceo para o Mundo, nasceo para a Religiaõ, nasceo para o Ceo!

Com o exemplo de tal mãy, com os exercicios espirituaes, em que se occupava timorata, e em que lhe servia de Mestra, madrugou tanto Sor Maria para as importancias de sua alma, que de seis annos passava inteiras as noites, naõ lhe permittindo descanço os desejos de merecer a coroa do martyrio. Effeito era da liçaõ dos livros das Virgens Martyres, em que sua mãy a adestrava; nem faziaõ menos effeito nella as ancias de se unir a Deos no laço de esposa, illustrando-a o Ceo para mais altas contemplações, que as que se permittiaõ á sua idade. Mas essas saõ as actividades do calor do Sol Divino, que as mais tenras flores troca em frutos, sem esperar as Estaçoens do anno, os vagares do tempo.

Tinha Sor Maria seu Confessor em S. Francisco da Cidade em Lisboa; era o mesmo de toda a familia. Chegouse huma noite de Natal, levou-as a devoçaõ a confessarse; e fello com tanta Sor Maria, que o Confessor se admirou, e compungio. Era este o Padre Fr. Francisco dos Martyres, pessoa douta, e reformada, prendas, que lhe deraõ a Mitra de Goa, e Primazia da India. Tinha este Padre singular dom para encaminhar espiritos, e cultivar bons propositos. Conhecia os daquella tenra planta, que o Ceo já parece, que tinha destinado para as perennes amenidades do Paraiso. Ouvio-a, e com aquella applicaçaõ, de quem tinha tanta noticia do thesouro, que se começava a descobrir naquella consciencia. Exhortou-a com a occasiaõ, que lhe dava a Igreja, no que aquella noite representava. Dizpolla, para que recebesse em sua alma aquelle Menino, que deixara o Ceo por ella. E accrescentava com efficaz persuasiva, que a noite estava desabrida para os desamparos de huma lapa; que em seu coraçaõ lhe désse abrigo, donde os suspiros o defendessem das inclemencias do tempo.

Enterneceose a menina, e começaraõ as lagrimas a ser mudas linguas, que convidavaõ o Esposo para o seu florido leito. Assim chegou á Mesa da Communhaõ, figurando-selhe, que recebia o Senhor na tenra fórma de Menino. Assim foi para casa, sem contemplar em outra cousa; assim se começou a desviar, e esconder da familia, e das mesmas irmãas, que a convidavaõ com o mimo, e passatempo da consoada. Fingio, que esta-

estava indisposta, e que a escusava a molestia; e descendo a huma casa terrea, e retirada, em que estava arrimada a huma parede huma grande pia de pedra, se accommodou, e escondeo no concavo della, considerando, que naõ seria menos desabrida a lapinha; e entregandose a huma viva contemplaçaõ do que aquella noite se vira nella, mereceo que o Senhor na fórma de Menino se puzesse em seus braços. Que fosse visaõ, ou realidade, naõ soube nunca resolver Sor Maria, perguntada muitas vezes de seus Confessores; mas assim lhe ficou em toda sua vida viva aquella lembrança, que já mais a repetio sem lagrimas, e piedosa ternura de sua alma.

Eleito em Arcebispo seu Confessor Fr. Francisco dos Martyres, buscou sua mãy outro em S. Domingos de Lisboa. Tinhalho inculcado seu grande talento (era o Padre Fr. Francisco de Tavora) Religioso de taõ conhecida observancia, que faleceo Prior na Recoleta de Bemfica; sendo em tempos em que bastava aquelle cargo, para recomendaçaõ muda do que occupava. Já com os annos tinha crescido, e hia avultando Sor Maria nos exercicios Santos. Muitas horas de recolhimento, e oraçaõ; penitencias exquisitas, e dissimuladas; cilicios asperos, disciplinas repetidas. Naõ era menos a industria com que as fazia, que o rigor com que as dobrava. Inventou huma de cordeis nodosos, e pozlhe huma grande agulha de fazer rede, voltando-a, e trocando-a com tal arte, que com ambas as pontas ferisse. A' repetiçaõ, e violencia dos golpes cedeo o ferro; estalandolhe, deixou boa parte de huma das pontas entranhadas nas costas. Affligia-a a ferida, que promettia mayor damno; mas a sua mayor ancia, era o haver de descobrirse para remedio. Fiouse de huma prima sua de sua confiança, e de semelhante vida; mas naõ aproveitou nenhuma diligencia. Volta se á Senhora do Rosario, singular Protectora, e Mãy sua; propoemlhe a desconsolaçaõ em que se acha; espera com viva fé verse soccorrida. Assim orava, quando levada de hum leve, e suave sono, se lhe representa, que a Senhora a animava, e lhe dizia: *Maria, tem confiança, que serás sãa; e sabe que terás o estado de Freira, e esposa de meu Filho.* Acorda alvoroçada, acha aos pés a ponta da agulha, e sem dor a ferida.

Na abstinencia rigorosa, passava tempos sem beber agua, ardendo em sede viva. Passou assim huma Quaresma inteira. Tomava azevre na boca, antes de sentarse á mesa, para que inficionando-lhe o paladar, tirasse o gosto a tudo o que se lhe puzesse no prato. Mas já começava a dar cuidado ao inimigo das almas este estylo, com que a innocente donzella cultivava a sua. Quiz, já que naõ podesse divertilla, ao menos assustalla, porque talvez temeroso de se ver vencido das armas da penitencia, banhadas em sangue victorioso, contenta-se de amedrentar a quem desconfia de vencer.

Tinha ella em huma arquinha os livros em que meditava, e o thesouro dos instrumentos de sua penitencia; deteve-se hu-

ma

ma tarde junto á arca com ella aberta; assim a deixou, indo a buscar luz, (porque já naõ enxergava) quando ao voltar com ella, vê a arca cheia de bichos immundos, estranhos, e medonhos, todos negros, como a idéa do artifice, que alli os formara. Conheceo-o assim Sor Maria, e sem se assustar, fez o sinal da Cruz, e ao mesmo instante vio que todos sahiaõ de tropel, desapparecendo por huma janella, que havia na casa.

Mas naõ se contentava Sor Maria, de ter a sua por Clausura, naõ lhe faltando nella o mayor concerto, e refórma de vida; suspirava pelos interesses da obediencia, pobreza, e humildade religiosa. Praticava com seu Confessor esta ancia, pedindo-lhe noticia da mais estreita Recoleta. Seguroulhe elle pelas experiencias, e conhecimento, que tinha, (como Religioso da Ordem) a aspereza, e trato desta Casa do Sacramento. Foy acrescentar materia ao fogo. Naõ parou Sor Maria; fallou, importunou seu pay, que a recolhesse naquella Casa. Naõ se resolveo elle a privarse de sua companhia, e desenganou-a. Recorreo ella ao Ceo, poz a supplica nos ouvidos de Deos. Lembrou á Virgem Mãy, sua Divina Bemfeitora, a palavra, que lhe dera. Passou algum tempo, e faleceo seu pay, naõ sendo a primeira vez, que quiz mostrar o Ceo o quanto se desagradava, de que estes estorvassem nos filhos o acerto de semelhantes propositos. Viose Sor Maria com mais liberdade; corta os cabellos, lançalhe huma toalha; e vestida em trage humilde, repete á mãy a instancia, naõ só de que lhe permitta o estado religioso, mas na Recoleta do Sacramento. Concedia a mãy o primeiro como timorata, negava o segundo, porque já naõ tinha mais alivio, que a assistencia da boa filha; e queria vêlla em hum Mosteiro, donde a tratasse com menos prizaõ, e embaraço. Esta foy a reposta, este o ultimo desengano.

Mas Sor Maria, que nos embaraços se lhe dobravaõ os espiritos, recorria á Rainha dos Anjos, acompanhava a supplica com lagrimas, com jejuns, com disciplinas; e buscando seu Confessor resoluta, pediolhe, que ajustasse a entrada no Sacramento; que alcançasse a licença do Prelado. Naõ tinha o dote duvida, que era a Casa abonada. A noticia de quem era, e do que era a Noviça, facilitou o animo das Religiosas, e Prelada; e em breves dias estava tudo sem duvida. Naõ a tinha Sor Maria de como sahiria de casa; esperava ver algum dia a mãy fóra della. Naõ tardou elle; pedio a huma prima sua, (mulher já madura) que a acompanhasse com huma criada, que era importancia de sua consciencia. Era pessoa, de que muitas vezes fiara materias della, por ser de capacidade grande, e boa vida; mas nem assim lhe descobrio donde a levava. Chegaõ ao Sacramento, abrese-lhe a porta, já a esperavaõ nella, lançalhe a Prelada os braços, e o habito; levanta ella as mãos, e olhos ao Ceo de se ver no centro, como as Religiosas de a terem comsigo. Tem Dona Isabel sua mãy noticia do caso; negalhe o dote teimosa, pondolhe a magoa nas mãos a vingança; e deixandose le-

levar de fua impaciencia, deixa paffar a filha dous annos de Noviça; até que ou a conftancia da filha, ou o conhecimento do bem que fizera, lhe abriraõ os olhos, e lhe aconfelharaõ a verdade. Deulhe o dote, e vio-a profeffar em dia de S. Francifco, dia, que Sor Maria teve em todos os de fua vida por alegre; e Santo de que era devotiffima, e o foy mais dahi em diante.

Porém naõ paffaremos em filencio os dous annos de feu noviciado, ainda que delles naõ ficaffe noticia de tudo. Via-fe já Sor Maria daquellas ditofas portas para dentro; e foraõ taes os jubilos de fua alma, que coftumava dizer: *Que por fegurar aquella ventura, viria de joelhos ainda de mayor diftancia, comprando-a com os mayores trabalhos da vida.* Mas logo o Ceo quiz apurar a fua, vendo-fe fogeita a huma Meftra, que lhe naõ dava licença para penitencias particulares. Porém deu em huma induftria, que equivaleffe a todas. Cortava continuamente pelo fono (tormento, que na hora da morte confeffou, que fora para ella o mais pezado.) (Grande confolaçaõ para os Religiofos, que profeffaõ Coro nocturno, terem que offerecer ao Ceo hum quotidiano martyrio; e grande confufaõ para os foltos da lingua, e confciencia, que criminaõ, ou motejaõ a religiofa de defcançada) Tinha Sor Maria oraçaõ na cella, e para ella fe defpertava cuidadofa, de forte, que quando a hiaõ chamar a Matinas, já a achavaõ orando, e algumas vezes taõ tranfportada, que com menos diligencia a poderiaõ divertir do fono, que da fufpenfaõ.

Mas ainda era mayor a em que fe fepultava depois de chegar á Mefa da Communhaõ. Fez em huma occafiaõ final a Prelada depois da oraçaõ, que tem toda a Communidade; recolheraõ-fe a fuas cellas as Religiofas; fez Sor Maria o mefmo em cafa de Noviças. Tocoufe depois á Miffa; vio a Meftra, que eftando todas nella, fó faltava Sor Maria; bufcou-a na cella, parecendo-lhe, que adormecera, porque a achou de joelhos, e inclinada fobre a cama. Chegafe a ella, levanta-lhe o véo, com que cobria o rofto, e velhe os olhos abertos, e fufpenfos; e de todo immovel, e defacordada. Abalou-a huma vez, e outra; e levantou a voz, dizendo-lhe: *Que acodiffe ao Coro, que eftavaõ já na Miffa.* Acordou, e ainda pouco defembaraçada da fufpenfaõ, rompeo em hum fufpiro, que moftrava fahirlhe do interior da alma, dizendo-lhe: *Minha Meftra, ha tanto que vivo! Quanto ha, que viveis?* (lhe perguntou a Meftra) *Ha muito que vivo*, (refpondeo ella) e foy para o Coro, donde occupando-a a mefma contemplaçaõ, a nada do que fe fazia, e ainda tocava ao feu cuidado, dava tino. Reparou-o a Meftra, e advertio-lhe depois, que evitaffe femelhantes fufpenfoens, e muito mais donde tantos olhos podiaõ fer teftemunhas, porque o demonio era induftriofo, e aquellas demonftrações tinhaõ rifco.

Efcutou Sor Maria o confelho, e obfervou-o como ley; e affim começou a recatar fua vida, que parou entre as Religiofas aquella grande opiniaõ, que tinhaõ concebido della. Grande difcipula da doutrina

da

dá Sabedoria increada, que mandou dissimular as abstinencias com exteriores composturas, e aconselhou o furtar aos olhos da terra os commercios do Ceo!

CAPITULO XXXIII.

Continua-se a vida da Madre Soror Maria; da-se noticia de seu ditoso transito.

PRofessa, e obrigada já Soror Maria aos Institutos da Religiaõ, na observancia delles foy exacta, no que se lhe adiantava, excessiva; naõ sendo o menor prodigio, que hum trato taõ rigoroso, por mais que de todo lhe naõ debilitasse as forças, lhe naõ arriscasse se quer alguma vez a saude, porque naõ padeceo nunca enfermidade, mais que a que precedeo á sua morte. Sobre os sete mezes continuos de jejum das Constituiçoens, accrescentava nos mezes livres trez dias na semana da mesma abstinencia, Quintas, Sestas, e Sabbados. A's Festas de nossa Senhora, e nosso Padre S. Domingos, precediaõ nove dias de jejum. Na Quaresma as sestas feiras a paõ, e agua. O mesmo toda a Semana da Paixaõ, e Semana Santa; e nesta á Quarta, Sesta, e Sabbado naõ comia nada.

Nas vesperas de Communhaõ comia huma só vez ao jantar, e isso, ou hervas, ou legumes sem outra cousa. De ovos, e lacticinios se abstinha em todo o anno, e de todo o prato, que promettia regalo, deixando-o para os pobres entre os sobejos, que na mesa se tiraõ para elles. Muitos dias continuados naõ bebia. Era martyrio, a que havia muito se tinha sentenceado; e como a occupavaõ em officios de trabalho, e continuamente trazia azevre na boca, eraõ ardentissimas as sedes, que padecia. Ajuntou a este tormento o de naõ perdoar ao sono; assim andava taõ seca, e mirrhada, que só o movimento a testemunhava viva.

Mas digamos, ou individuemos alguma acçaõ de sua abstinencia, e parcimonia. Costuma-se na Communidade, ou por festas grandes, ou por entradas, ou por profissoens de Noviças, accrescentar o prato ás Religiosas. Avisaraõ a Prioreza, que Sor Maria naquelles dias naõ comia nada, e tudo repartia com as doentes, e com os pobres. Poz-lhe a Prelada hum preceito, que comesse de tudo, e viose a boa Madre em hum grande aperto; mas sahio delle seu espirito com huma notavel industria, para compor o seu gosto com a obediencia. Tomou de tudo, o que em semelhante occasiaõ lhe veyo á mesa, hum pouco, e junto em hum prato, e revolvido nelle, fez hum tal misto, que naõ só podia offender o gosto, mas ainda só visto metia asco. Isto comeo, satisfazendo ao preceito, e achando caminho para ser mayor a mortificaçaõ, comendo, que jejuando; porque houve occasiaõ em que confessou o que padecera comendo.

Já envejava o demonio as circumstancias com que sempre sahia victoriosa a sua abstinencia, e buscou occasiaõ de armar-lhe huma cilada. Cahio hum anno a Festa da Natividade da Senhora em huma segunda feira, e deliberou Sor Maria, por de-

voçaõ, e naõ por voto, jejuar todas as daquelle anno. Seguio-ſe pouco depois o haver huma Profiſſaõ em huma ſegunda feira, e foy dia de Communhaõ, como naquelles he coſtume da Caſa. Havia aquella noite huma colaçaõ mais aventajada, que com maõ larga tinhaõ mandado os pays da profeſſa. Tem iſto o nome de recreaçaõ. Paſſadas Completas, vieraõ para o lugar della as Religioſas, e Sor Maria com ellas. Eſtava debilitada. Jejuara eſtreitamente o dia de antes, como nas veſperas de Communhaõ coſtumava; mas era aquelle dia, como ſegunda feira, o da ſua promeſſa. Naõ ſe eſcondeo ao demonio, que tinha occaſiaõ para o aſſalto, com huma antiga aſtucia, com que já no deſerto lhe dera a fome ouſadia para aconſelhar a gula. E parece, que propunha agora a Sor Maria, (vendo-a reduzida a hum extremo de fraqueza) *que diſpenſaſſe com o jejum, que era devoçaõ, e naõ voto, e o podia ſatisfazer em qualquer ſegunda feira de outro anno. Que eſtando taõ debilitada, antes era remedio, que regalo; e na ley da caridade propria eſtava obrigada a evitar hum desfalecimento, que depois a podia reduzir a faltar ao Inſtituto. Que mais meritorio era fomentar as forças para as ſacrificar á obediencia, que apoucallas por ſatisfazer á devoçaõ.* Aſſim ſe vio atribulada, e combatida Sor Maria; mas aſſim eſteve conſtante, e continuou reſoluta. Acabada a colaçaõ, foraõ as Religioſas (aſſim he eſtylo) ao Coro cantar hum Hymno, e outras Commemoraçoens ao Sacramento; e ao recolherem-ſe, pedio a Madre Sor Maria á Religioſa, que ſe ſeguia pela vigia do Senhor, que a deixaſſe em ſeu lugar; e poſta em oraçaõ, ſentio improviſamente huma tal ſuavidade em ſeu eſpirito, que totalmente eſquecida da fraqueza, de que ſe vira combatida, paſſou orando a noite inteira. Aſſim ficou o demonio envergonhado de o vencer a fraqueza, como Sor Maria novamente victorioſa em triunfar com ella.

Acompanhavaõ a eſtas abſtinencias iguaes vigilias, paſſando muitas noites ſem tomar algum genero de repouſo. Qando pelo Veraõ ſaõ as Matinas de tarde, vigiava no Coro quaſi ſempre toda a noite. Se deſcançava nella, eraõ trez, ou quatro horas, e veſtida ſobre a cama, ou ao pé de hum Altar de noſſa Senhora. Havendo Matinas, naõ ſe deitava depois dellas; paſſava orando, ou na cella, ou no Coro. A tunica de lãa, que trazia junto á carne, mudava poucas vezes. Sobre as coſtas trazia huma Cruz de bicos de ferro, que lhas andava ſangrando. Apertava-ſe rigoroſamente com cilicios de ferro, e nas partes mais ſenſiveis do corpo ſe martyrizava com huns ferros, que chamaõ deſpertadores. As diſciplinas de groſſas cadeas de ferro, que naõ reſiſtiaõ á força do braço, porque antes ſe quebravaõ ellas, que cançaſſe elle. Pela Quareſma ſe ſangrava com ellas cruelmente todas as noites, e naõ ſey ſe podia admirar o haver lugar para tantos golpes, ou o haver ſangue para todos elles. Mas a mayor, e mais penoſa circumſtancia neſte, como em outros martyrios, era para Sor Maria o oc-

occultallos. Lá se retirava, e se escondia em huma casa de despejos, escura, e escusa; mas se podia esconder o sangue, naõ sabia callar o golpe. Mas digamos tudo (com o que achamos apontado do Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ) desta grande penitente, porque fazendo reflexaõ no que sabia della, resolveo, que mais prudencia seria occultallo, porque naõ caberia na escritura, nem no credito. Mas tocaremos só huma cousa sua individualmente neste ponto de mortificada, e ficará, ou inferindo, ou facilitando o que se dissimula.

Achava-se huma Religiosa velha, e muito achacada, na casa dos lavatorios de pés, lugar a que se retiraõ as Religiosas, quando o pede a necessidade; era grande a desta, por trazer aquella parte cheia de unguentos, feridas, e miserias. Tinha-se acabado de lavar, e naõ a ajudavaõ as forças a lançar fóra a agua. Sentio, que passavaõ, e pedia a que a aliviassem daquelle trabalho. Era Sor Maria a que hia, e com importancia, que naõ admittia detença; passou adiante, sem dar reposta; mas voltando dahi a algum espaço, e naõ achando já a doente, (que como pode, sahira, e se recolhera á Enfermaria, deixando alli a agua immunda, e asquerosa) se suspendeo hum pouco, e entendendo, que faltara á caridade de algum modo, foy tal a sua dor, que querendo vingar-se de si mesma, poz aquella agua immunda á boca, e levou hum bom golpe della. Lançou a mais fóra, e assim ficou socegada. Bom exemplo para provar em huma só acçaõ dous excessos, bem desempenhados, de mortificada, e caritativa!

Assim ao passo de sua mortificaçaõ era sua caridade taõ intensa, que como se trouxera o coraçaõ em huma viva braza, ou huma acceza lavareda, bastava ver huma Imagem, ou ouvir fallar em Deos huma palavra, para sobir logo a elle, como a centro daquelle fogo, sendolhe precisa muita vigilancia, para naõ ficar a cada instante transportada. Assim se acautelava, se havia, de ir para preciso trabalho de alguma officina, naõ indo por junto ao Coro, porque sem duvida esquecida de tudo, ou ficava, ou ao menos se detinha. Nascia-lhe desta continua ancia de estar com Deos, huma continua, e santa enveja das que logravaõ esta delicia sem embaraço, nos seus dias de retiro. Eraõ estes (como já dissémos) os em que se apartaõ as Religiosas com licença da Prelada, para os exercicios da contemplaçaõ, e penitencia.

Succedeo passar por diante de Sor Maria huma Religiosa com o véo pelo rosto, (final de que estava nos seus dias de dezerto) e bastou esta vista para se lhe atear o coraçaõ em vivos desejos daquella occupaçaõ Angelica. Suspirou, encheraõ-selhe os olhos de agua, e levantou-os ao Ceo com huma saudosa, e enternecida ancia, mais bem escutada, quanto mais muda. Naõ lhe tardou a reposta, porque começando a sentir huma suavidade grande em sua alma, se suspendeo a ouvir no mais interior della, que lhe dizia: *Naõ te desconsoles; que mais me agradas aqui.* Estava entaõ na Vestiaria, officina, e occupaçaõ, em que ne-

nenhum tempo baſta para acodir, e enroupar as Religioſas, em eſpecial as enfermas.

Outro caſo lhe deu experiencia, do que o Senhor goſtava de a ver deſvelada por caritativa. Era enfermeira, e porque as doentes naõ padeceſſem alguma falta nas da ſua aſſiſtencia, ſervialhe commummente de cama o pé de hum Altar de noſſa Senhora. Aqui ſe encoſtou huma noite, com advertencia de acodir com preſſa a huma velhinha, que padecia muito entrevada; e mal pegou no ſono, quando ſe lhe repreſentou, que via com mais clareza, que a de quem ſonha, que a Senhora lhe dava o Menino, que tinha nos braços, e que elle eſtendia graciosamente os ſeus, e ſe chegava a ella, e a abraçava. Suſpendia-ſe neſta delicia grande de ſua alma, quando a acordou (ſe he que dormia) a queixa da enferma. Levantouſe ligeira, acodiolhe com o que pedia, e agaſalhou-a de ſorte, que a deixou dormindo. Volta ao lugar do ſeu deſcanço, com ſaudades do que nelle ſe lhe tinha repreſentado, quando vê acordada, e advertida ao Menino, que deixando os braços da Mãy, eſtava em pé no Altar com os ſeus abertos. Eſtende-os Sor Maria, e beijandolhe os pés, proſtra-ſe por terra, rebentalhe o coraçaõ em doces lagrimas de alegria, e naõ ſe atreve a levantarſe em grande eſpaço, ſepultada no abyſmo do conhecimento proprio.

Iguaes mimos mereceo por muitas vezes eſta Madre, mas nas occaſioens de Communhaõ mais ſigularmente, de que ſe lhe ſeguio com Deos huma tal familiaridade, que lhe parecia, que ſempre andava junto a ella, que a eſcutava, e lhe reſpondia. Tirava hum dia o manto, vindo de commungar, lançando-o na cella com magoa de o naõ haver miſter taõ cedo, para aquella occaſiaõ de ſeu mayor goſto, e dizialhe: *Ahi eſtarás eſtes oito dias.* Ouvio logo clara, e diſtintamente, que lhe diziaõ: *E eu comtigo.*

Orava em ſemelhante occaſiaõ; e entrando-ſe do conhecimento do nada, que era, e o tudo, que recebera em ſua alma, formava juizo, de que o Senhor eſtaria alli violentado. Foylhe reſpondido: *Naõ eſtou ſenaõ por meu goſto.* Levantavaſe ſempre daquella Meſa Sagrada, e entrava na contemplaçaõ de que ſe abraçava com os pés de Chriſto, e lhe beijava ſuas Divinas Chagas. Atearaõ-ſe huma vez mais eſtes deſejos, e eſtalando com a ſequioſa ancia do Apoſtolo, de deixar, ou romper os laços do corpo, e eſtar com Chriſto, pedia ao Senhor: *Que a levaſſe comſigo, que o viver lhe era violento.* E ouvio logo em ſeu coraçaõ, que ſe lhe dizia: *Por hora naõ póde ſer; mas eu ficarey comtigo.*

Contemplava em huma Dominga do Advento, que ſe via aos pés do meſmo Senhor, e dizia-lhe: *Que para o Natal o havia de receber em ſua alma em fórma de Menino, e contentar eſte deſejo, com que todo eſte tempo o eſtaria ſuſpirando.* Mas ſatisfezlho o meſmo Senhor, porque ouvindo, que lhe dizia: *Aqui me tens já feito Menino*; vio na meſma viſaõ, que nos braços, e debaixo do véo o tinha na meſma fórma. Mas aſſim fica-

cava em semelhantes occasioens transportada, e alheya, que tinha escrupulos de que naõ assistia á Missa, e Officios Divinos. Mas andava advertida em fazer reflexaõ na publicidade em que estava, e no que havia annos lhe aconselhara sua Mestra, sendo ainda Noviça, que semelhantes singularidades só escondidas estavaõ seguras.

Observava-o assim a Madre Sor Maria, e com huma dissimulaçaõ, e cautela taõ prevista, que só sua morte, e seus Confessores, tiraraõ sua vida das opinioens de commua, porque nos exteriores em nada a viaõ singularizada. Mas chegava-se o tempo dos immortaes premios della, e precedeo huma doença taõ cruel, como se agora os começara a merecer de novo. Em toda sua vida, (como já advertimos) naõ padeceo a Madre Sor Maria achaque, ou doença, suspirando sempre por tudo o que fosse martyrio. (que este desejo parece, que trouxe do berço, pois de seis annos naõ tinha outro mais vivo) Agora lhe queria o Senhor fazer esse mimo, como se em toda sua vida lho andara merecendo, ou como quem nas vesperas do premio apurava as industrias de lho arrezoar augmentado.

Entrou a Quaresma de 1657, e começou a sentir hum pejo na garganta, que sem lhe impedir a respiraçaõ, e a voz, lhe embaraçava o engulir; e assim foy crescendo, que em breves dias levava pouco sustento, e á custa de grande martyrio; mas costumada á sua abstinencia, naõ estranhava o pouco sustento. Tudo occultava penitente industriosa; mas soube-o a Prelada, poz-lhe obediencia, que se sogeitasse á Enfermaria, e foy o mesmo, que cahir nas mãos de algozes rigorosos, que naõ saõ outra cousa remedios sem effeitos. Recorreraõ os Medicos a hum, que foy abrirlhe fontes; e era este o remedio, a que a Madre Sor Maria em toda sua vida mostrara inflexivel repugnancia; mas diremos brevemente a causa, porque se sacrificou a ellas sem nenhuma.

Algum tempo antes deste achaque, affervorando-se hum dia na oraçaõ, e abrazando-se em desejos de padecer por Deos os mais desusados, e exquisitos tormentos, se lhe representaraõ muitos, e os que mais repugnancia faziaõ á sua natureza. Entrou aqui o das fontes. Naõ nascia só da dor a repugnancia, mas da honestidade, e modestia. Sahio a natureza com o primeiro impulso de rebelde; mas assim lho rebateo com hum acto de resignaçaõ, que naõ só se offereceo para aquelle tormento, mas pedio a Deos, que a naõ deixasse acabar sem experimentallo. Via agora, que lhe dispensava Deos esse mimo, e sogeitava-se gostosa; porque entendendo, que era aquelle achaque ultimo, já se alcançava, que naõ vinha a remediarlhe a queixa, mas a satisfazerlhe a supplica.

Foy assim, que nada aproveitaraõ as fontes, mais que em dar exercicio ao sofrimento, antes se lhe aggravou o mal de sorte, que já nem communga-va, nem levava para baixo mais que cousa liquida; e até esta (como a agua) lhe entrava no estomago com huma taõ vehemente resistencia, que foy tormen-

to, que de nenhum modo soube explicar ao seu Confessor. Assim estava penando martyr de fome, e sede. Levantouse, ainda que com difficuldade, para ir á Kalenda do Natal; mas assim se recolheo sem alento, que o naõ teve para ir no dia ao Coro. Chegou a segunda Oitava, dia do Euangelista; disse, que queria ir commungar. Lembravaõlhe o como estava; porque para ir naõ tinha alento, e para commungar, naõ levava nada para baixo: *Deixem-me ir*, (repetio com segurança) *que sim terey forças para chegar ao Coro, e licença para commungar sem estorvo, porque eu vou tomar o Viatico.* A resoluçaõ, com que o pedia, e o conhecimento, que já se espalhava do thesouro de sua consciencia, facilitaraõ huma cousa, e outra; foy ao Coro, arrimada a huma muleta, recebeo o Senhor sem embaraço, (como se nunca o tivera) e voltou para a cella, deixando a todas edificadas, e suspensas.

Como se lhe impedio de todo a via do sustento, (que em quinze dias, que durou, naõ levou nada) pareceo ás Religiosas, que lhe ficasse de noite assistindo huma. Respondeo: *Que escusassem aquelle trabalho; que ainda naõ era chegado o tempo.* A outra, que a consolava com esperanças de alivio, disse: *Já, Madre, naõ ha lugar para consolaçaõ, nem alivio; que estou posta em padecer, porque assim he vontade de Deos.* Callava assim as dores, e trocava os gemidos em soliloquios, (que repetia continuamente) beijando os pés de hum Crucifixo, que tinha junto á cama, admirando todas, como tinha espirito para lançar huma palavra, estando destituida dos alimentos da vida. Repetia com devoçaõ, e pausa o *Miserere*; e chegando ao verso: *Tibi soli peccavi*, cresciaõ tanto as lagrimas, que só dizia o mais com ellas. Já desembaraçada, repetia o verso: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, accrescentando: *Alleluia*; eraõ sem duvida seguras esperanças das eternas alegrias.

Menos duvidaraõ as Religiosas, que seriaõ reflexos dellas, a com que todas as manhãas achavaõ a doente com hum taõ desassombrado, e aprasivel semblante, que lhes parecia, que algum milagre a tinha já livre do achaque. Seriaõ talvez rayos da visaõ matutina, que lhe começavaõ a ferir no rosto, enxugando-lhe as lagrimas, com que lho banhara a noite do tormento; que essa foy a promessa, que David fez, em nome de Deos, aos Justos, anoitecer chorando, para amanhecer rindo: *Ad vesperam demorabitur fletus, & ad matutinum lætitia.*

Naõ se fez menos reparo em outro prodigio, naõ menos averiguado, porque naõ achavaõ só as Religiosas pela manhãa alegre a doente, mas chea a cella de huma desusada fragrancia, que despertou os reparos, tanto por continuada, como por exquisita. Inquiriraõ com miudeza, se se tinha feito algum perfume, ainda em lugar distante; se se accendera, ou entornara alguma caçoula; achouse que naõ; e continuando, entendiaõ já que naõ seria outro o cheiro, mais que a oraçaõ, precioso fumo, que do abrazado altar do peito da venturosa mori-

ribunda sobia á presença de Deos em toda a hora.

Acompanhavaõ a este sacrificio implacaveis ancias da fraqueza, e debilidade do estomago, que a cada instante a cobriaõ com suores de morte. Desenganaraõ-se os Medicos de continuar com as sangrias; foi hum de voto de ventosas sarjadas. Respondeo ella: *Que era escusada diligencia*; mas entrando em escrupulo de que era escusarse áquelle martyrio, fez que se obedecesse ao voto do Medico, advertindo, que nada teria effeito. Cercavaõ-a as Religiosas, admiradas de sua paciencia, confundidas de sua confiança, e persuadiaõ-a com lagrimas, que fizesse rogativas, e votos aos Santos; segurava-lhe a Prioreza, que tinha alli a Communidade para desempenhallos; respondeo: *Que já naõ era tempo de votos, nem de diligencias por sua vida, porque a vontade de Deos havia de ser feita.* E tornando a Prelada: que visto estar taõ debilitada, seria conveniente darlhe a Unçaõ, disse: *Que naõ era ainda necessaria; porque ainda havia de viver mais de hum dia*; e assim foy, porque faleceo ao Sabbado, succedendo isto á quinta feira. Mas vendo, que a Prelada instava, disse: *Que alli estava sogeita a tudo, ainda que era cedo*; e lançando maõ de huma pequena lamina da Senhora da Piedade, (naquella extrema agonia, em que teve a seu filho morto em os braços) que tinha á cabeceira, e tivera sempre na sua cella, pondo-a sobre o coraçaõ, na boca, e nos olhos, com elles cubertos de lagrimas, convidando as Religiosas a que a acompanhassem com as suas, lhe propunha semelhantes affectos:

Bemdita seja, Mãy soberana de misericordia, a hora, em que tive uso de razaõ para vos conhecer, e adorar. Louvem-vos os Anjos, que sendo vós minha Advogada, já tenho confiança de ir acompanhar a sua melodia. Seja bemdito o dia em que entrey nesta Casa, para fazer em vosso serviço a minha escravidaõ venturosa. Conheço, e confesso, que sois Mãy de Deos, seu Sacrario, que o trouxestes no ventre; seu throno, que o tivestes, e tendes nos braços; e tambem conheço, que nem o seres Mãy de hum Deos, vos esquivou, para que o naõ fosses dos homens, porque pode mais nem vós a piedade, que o privilegio; ou antes estimastes o privilegio, por ser mayor a piedade; e quem escolhida para Mãy, se reconheceo escrava, naõ havia de desconhecer filhos escravos, por se ver Mãy do Senhor. Mas deixaime, soberana Senhora, ter esta gloria, que vos adoro singularmente por Mãy, e por Senhora minha. O titulo da Piedade me deu a confiança; que se he titulo, que vos poz nos braços hum Filho sem vida, tambem será o que vos consinta aos pés huma filha quasi sem ella. O vosso amparo experimentey sempre, vivendo; e nos vossos dias contey sempre as minhas mayores venturas; e se vivendo, vos experimentey sempre Protectora, morrendo, naõ deixarei de acharvos Advogada. Agora, que he mayor o meu risco, será mayor piedade o vosso amparo; e se estais com os braços abertos, sustentando em vosso Filho os desmayos da morte, aonde recorrerdõ os da minha, mais que aos braços da vossa piedade? Valeyme, soberana Senhora; que se eu na vida escolhi o vosso nome para valia, na

na morte o faço a essa Imagem para segurança. Quem mereceo o vosso nome, já começou a merecer a vossa piedade.

Com semelhantes supplicas, e ternuras piedosas, se foy engolfando a Madre Sor Maria de sorte, que foy preciso advertilla huma Religiosa, para que algum desmayo a naõ privasse do sentido, embaraçando-a para receber o ultimo Sacramento. Voltou a quem lhe fazia a advertencia, e disselhe: *Deixeme Madre, que com o aviso, que me deraõ, parece que me naõ cabe a alma no corpo de alegria.* Recebeo a Unçaõ com grande socego, com os olhos suspensos, e pasmados, como sepultada em huma contemplaçaõ profunda. Idos os Padres, chegaraõ as Religiosas a despedirse della, e ella as hia abraçando com tanto socego, e agrado, que antes pareciaõ parabens, que despedidas.

Pediaõlhe todas, que as encommendasse a Deos, e cada huma em particular ao Santo de sua devoçaõ; e ella respondia com segurança: *Que assim o faria*, como se estivera já com os pés na porta do Ceo. Assim era tal o socego das palavras, e a alegria do semblante, que disse huma Religiosa: *Se isto succede por este estylo, quem já temerá a morte?* E chegando-se a Prelada a ella, e pedindolhe, que para edificaçaõ de todas, e alivio das saudades, que lhes deixava, lhes dissesse alguma cousa, respondeo: *Que póde dizer huma taõ grande peccadora, carregada de culpas, e com o tribunal á vista, para dar o descargo dellas? Mas pois me mandaõ, digo (e o mais importante) que sejaõ obedientes, sem mais vontade, que a dos Prelados, e Preladas; porque naõ ha mais direito caminho para sobir ao monte da perfeiçaõ, nem melhor norte para acertar, e seguir esse caminho. Sejaõ muito devotas de nossa Senhora, que he boa, e verdadeira Mãy; e pois desejaõ boa morte, entre as mais devoçoens, rezemlhe todos os dias trez vezes a oraçaõ da Salve Rainha, offerecida ás angustias, que padeceo ao pé da Cruz; e lembremse, que ha de chegar esta hora, e que duas cousas importaõ muito nella, ter esta grande Advogada, e tella merecido na vida.*

Voltouse depois á Enfermeira, porque as Religiosas foraõ para o Coro; e pediolhe, que lhe trouxesse para junto á cama tudo o que pertencia á mortalha, ensinandolhe o que havia de fazer com muita miudeza, porque era a Enfermeira nova no officio, e ainda na Casa. Dispunha assim sua jornada, como a que tinha (ao que parece) noticia do venturoso termo della. Grande conselho á vida da Madre Sor Maria, para ensinar a naõ temer a morte! E grande consolaçaõ a sua morte, para esperar premiada a boa vida!

Pareceo tempo de entrarem os Religiosos para o officio daquella hora; porque a fraqueza era extrema. Acabado elle, disse a huma Religiosa, que alternasse com ella o *Te Deum laudamus*, e no fim o verso: *In manus tuas Domine* com *Alleluia*. Trouxeraõlhe o Menino Jesus, que na profissaõ entregaõ ás Religiosas, e dizendolhe: *Que aquelle era o seu Esposo*, continuou (alegrandose com sua vista): *Sim he, e confio, que o ha de ser por toda a eternidade.* O mesmo repetio, chegandolhe a boca aos pés de

hum

hum devoto Crucifixo; e advertindolhe, que lhe pediſſe, que a levaſſe comſigo para o ſeu Reyno, diſſe: *Para lá vou, e comigo o levo na minha alma.*

Paſſou a noite (era a em que eſtava de huma Sefta para o Sabbado) em proteſtaçaõ da Fé, colloquios com Deos, ſupplicas com os Santos; deſcançando logo com os olhos fechados, como que contemplava, e abria-os, dizendo com viveza, e alegria: *Alleluia.* Chegou a noite do Sabbado, fez hum termo, e tornaraõ a rezarlhe o Officio; e dizendolhe, que ſe valeſſe de noſſo Patriarca S. Domingos, de quem era filha, e dos Santos de ſua devoçaõ, os começou a invocar, principiando por noſſa Senhora, depois S. Domingos, S. Jozé, Santa Catharina de Sena, S. Franciſco, Santo Thomaz, Santa Thereſa. Levantou niſto repentinamente os olhos (como ſobre os pés da cama) para o mais alto da cella, e ſem dar acordo de mais nada, gritou com grande ancia huma vez, e outra: *Eſperem, eſperem.* E perguntandolhe, *por quem haviaõ de eſperar*, reſpondeo apreſſadamente: *Noſſa Senhora*; e continuou: *Eſperem, eſperem*; e com tanta violencia, que affirmou quem eſtava junto da cama, que chegou a levantar meyo corpo della.

Cahio logo ſem alento, como que lhe deſapparecera a viſaõ, cercando-a de repente as ſombras da morte; e tornando a perguntarlhe: *Por quem haviaõ de eſperar, que tanto gritara?* Reſpondeo (abaixando os olhos, como alcançada do que tinha dito): *A miſericordia do Senhor.* Pedio logo a Imagem de Chriſto crucificado, apertando-a com os braços ſobre o roſto, repetio o Verſo: *In manus tuas Domine commendo ſpiritum meum*; e fez em ſua alma, o que ſe lhe eſcutava na boca, em hum Sabbado 12 de Janeiro de 1658.

CAPITULO XXXIV.

Da Madre Soror Clara do Santiſſimo Sacramento.

Reſolveo altamente o Sabio, quando enſinou que era reciproco o intereſſe da boa fama entre os pays, e os filhos, que os filhos ſerviaõ aos pays de coroa, os pays aos filhos de gloria. Os filhos aos pays, porque eſtes geraraõ filhos, que foraõ juſtificados; os pays aos filhos, porque eſtes foraõ gerados de pays, que foraõ virtuoſos: *Coronam ſenum filii filiorum, & gloria filiorum patres eorum.* Agora temos entre mãos o proverbio nas vidas da Madre Soror Clara, e de ſua mãy Joanna de Salinas, porque as virtudes da filha nos obrigaõ a fallar nas da mãy, as da mãy nos advertem, que foraõ os mudos documentos da filha, ficando huma ſendo reciprocamente gloria de outra. A filha coroa da mãy, por eſta ſer mãy de huma filha, benemerita de avultar entre as grandes deſta Caſa; a mãy coroa da filha, por ſer eſta filha de huma mãy, benemerita da opiniaõ de juſta. Porém como Joanna de Salinas foy Freira da Terceira Ordem Carmelitana Deſcalça, naõ roubaremos no aſſumpto a gloria ao Chroniſta daquella grande Familia, tocando ſó da mãy o que baſta para conhecimento do que nella imitou a filha. Proverb. c.17. v.6.

To-

Tomou eſtado de caſada Joanna de Salinas com Pedro Nidrofe, e deulhe Deos a bençaõ de muitos filhos, que foraõ treze. Seis ſem chegarem ao uſo de razaõ, lhe levou o Ceo, como ſe fizera partilhas, deixandolhe os ſete, como por empreſtimo, porque todos eſtes começaraõ logo a pizar o caminho, que os outros paſſaraõ voando. Dous filhos tomaraõ o habito Carmelitano dos Deſcalços. Duas filhas o de S. Franciſco da Primeira Obſervancia, no Moſteiro de noſſa Senhora da Quietaçaõ, vulgarmente chamado das Flamengas em Alcantara, lugar entre Bellem, e Lisboa. Outras duas o de S. Domingos na nova Recoleta deſta Caſa do Sacramento, de que huma foy a Madre Sor Magdalena do Eſpirito Santo, de que já fallamos, a outra a Madre Soror Clara do Sacramento, de que agora fallaremos. Outro filho, finalmente, ſeguio as armas, experimentando nos caſos dellas a mayor inconſtancia da fortuna, e riſco da vida, eſpecialmente em hum cerco de Tarragona, de que ſe retirou a hum Hoſpital, em que o fez eſcravo a caridade, começando a premiallo com huma placida, e venturoſa morte.

Eſtes foraõ os caminhos, por onde os filhos de Joanna de Salinas, irmãos de Soror Clara, ſe foraõ chegando ao centro, a que os chamava ſeu eſpirito, de que parece lhe quiz o Ceo dar anticipada noticia, porque falecidos os primeiros ſeis, eſtando hum dia com o cuidado de que vida teriaõ os ſete, com que ſe achava, pegou no *Flos Sanctorum*, liçaõ ſua quotidiana, e mais goſtoſa, quanto mais ſe cultiva; quando a poucas folhas encontrou com a vida de huma Santa, que tivera ſete filhos, todos merecedores do meſmo titulo da mãy. Seguioſe a eſte bom annuncio a confirmaçaõ do que tivera de myſterio, mais que de acaſo; porque querendo a outro dia repetir a meſma liçaõ, buſcou a vida da Santa, e naõ foy poſſivel deſcobrilla, corrido o livro folha por folha da ſua, como de outra diligencia.

Pagava Joanna de Salinas ao Ceo eſtes piedoſos deſvelos com os de ſeus devotos, e quotidianos exercicios, ſendo em todos elles aquella varonil mulher, que encarecia o Sabio, verdadeira mãy de familias na educaçaõ dos filhos, e no cuidado dos ſervos. Mas queria-a o Ceo toda para ſi; ſoltou-a, por morte do marido, das prizoens do matrimonio, ficando em ſua liberdade, para poder ſacrificalla á Terceira Regra Carmelitana Deſcalça, taõ obſervante em todas as obrigaçoens della, que em breve tempo ſervio de exemplar da obſervancia, como de edificaçaõ a quem a conhecia, e tratava. Penitente, e humilde, mereceo ſinalados mimos da maõ de Deos, ſendo hum delles a luz, e conhecimento de couſas futuras. Outros mayores logrou de ſua Divina liberalidade, eſpecialmente naquella ſagrada Meſa, em que ſempre ſuſpirava iguaria do Ceo para ſuſtento de huma vida, que já naõ era da terra. Aſſim por ordem de ſeus Confeſſores commungava trez vezes na ſemana.

Padeceo muito, aſſim nas ſem razoens da fortuna, como nas perſeguiçoens do inimigo, e ſem-

sempre constante, entre humas, e outras, veyo a falecer coroada com os triunfos de ambas, recebidos os Sacramentos com demonstraçoens piedosas, sem se lhe ouvir mais que este gemido, (repetido com grande ternura de sua alma) *Ay amor!* como se lhe tirara a vida aquella setta abrazada, que passou o coraçaõ a sua Mestra a grande Theresa. Faleceo em 12 de Setembro de 1650. em huma segunda feira, ás trez horas depois da meya noite, e na quinta seguinte á mesma hora foy descuberta a gloria de sua alma a huma Serva de Deos, amiga sua, que orava por ella, que a tratara em vida, lhe assistira na doença, e a acompanhara á sepultura. Deraõlha seus irmãos, os Religiosos Descalços, na sua Casa da Senhora dos Remedios. Naõ pareça esta digressaõ escusada, porque sobre pagarmos a esta virtuosa mãy com huma memoria o darnos duas filhas taõ merecedoras della, he razaõ, que se saiba, que toda esta familia foy santa, pois temos taõ grande parte nella.

Assim foy Joanna de Salinas a Mestra igualmente, que mãy de Sor Clara. Aquella vida foy o espelho, a que Sor Clara compoz a sua; de sorte, que se verificaraõ em Sor Clara as maximas da graça pelo estylo proporcionado das da natureza, que ensinaõ, que saõ as filhas mais proprias imagens das mãys. Agora prevaleceo o espirito ao corpo, sahindo Sor Clara huma viva copia de sua mãy, mais viva nas harmonias da virtude, que do sangue. Já nos primeiros annos lhe parecia pouco todo o tempo para exercicios piedosos, levando mais a caridade com as Almas do Purgatorio, afflicçaõ, e tormento, que nunca lhe fahia do sentido.

Mas começaraõ a affustarlhe o socego daquella vida os pertendentes de sua fermosura, taõ rara, que ainda á vista dos que attendiaõ a todos os commodos do matrimonio, fahia com valor de dote pertendido. Naõ era sua mãy de voto daquelle genero de vida, mas vinha nelle forçada, porque os achaques, que Sor Clara padecia, naõ lhe permittiriaõ o estado da Clausura, menos as da observancia, que eraõ as a que mais se inclinava, e com tenacidade taõ considerada, que se defendia com boas razoens de alguma, que a dessuadia, como dizendo: *Que a Deos se devia sacrificar o melhor: e que, já que naõ tinha forças, offereceria a Deos aquella, que a estimaçaõ humana tinha por preciosidade da natureza, e chamavaõ fermosura. Que os achaques teriaõ respeito áquelle ditoso estado, porque Deos naõ podia deixar de os moderar em quem só desejava saude para o servir: e que quando naõ fosse servido de lhe dar remedio, teria que lhe offerecer nelles mais esse sacrificio; e finalmente, que melhor se havia de achar Freira achacada, que em qualquer estado sádia.*

Apoyava estas razoens com naõ dar ouvidos a nenhum partido, ainda que naõ tinha determinado escolha de Mosteiro. Convidavaõ-a as irmãas, que tinha no das Flamengas; duas vezes foy em companhia de sua irmãa Sor Maria Magdalena visitallas com tençaõ do ajuste; de ambas houve desvios para elle, como despois causa mayor, que

as

as deliberou a buſcarem a Recoleta deſta Caſa. Seria conſelho do Ceo; aſſim o parece, porque foy o ſeguinte.

Eſtava Clara Nidroſe em caſa de huma tia ſua; coſtumava ſobir a huma varanda alta, que deſcobria todo o bairro de Alcantara, e os dous Moſteiros, o das Flamengas, e o do Sacramento, ainda que muy diſtantes hum do outro. Detinha-ſe neſta viſta huma noite de luar das mais claras, e ſerenas, quando lançando os olhos para a parte do Sacramento, vê ſobre o Moſteiro huma grande Cruz, que ſe formava de huma ſombra. Reparou, ſuſpendeoſe, e ao meſmo inſtante ſentio hum interior abalo, a que ſe ſeguio huma inſpiraçaõ efficaciſſima, em que conheceo eſtava a cruz da ſua vida naquella Caſa. Communicou o ſucceſſo com ſua irmãa, e deraõ ambas preſſa a recolherſe nella com tanto alvoroço, como ſe poderaõ deſconhecer que a Cruz, que as chamava, era hum claro emblema da vida mais penoſa. Foy a ſua entrada neſte Moſteiro em 30 de Outubro de 1632. e ſuccedeo a Sor Clara o que ſe vaticinara de que Deos lhe daria ſaude para ſer Freira; porque em todo o anno do noviciado (ſendo o de mayor trabalho) naõ teve queixa, que a obrigaſſe a ficar hum dia do Coro, ſendo deſpois tantos ſeus achaques, que bem ſe póde chamar martyr delles.

Naõ tardou o martyrio, porque a pouco tempo de profeſſa cahio de huma febre aguda; logo começou a ir a cura errada, e começaraõ as meſinhas a ſer tormento, e naõ ſer remedio. Chegou a mais; porque receitando o Medico hum minorativo, em que havia de vir hum particular ingrediente, foſſe erro da penna, que, por mais huma letra, poz outro, que era pouco menos, que peçonha; ſeguioſe á inadvertencia do Medico a do Boticario: tomou Sor Clara a bebida, e foraõ taes os effeitos, que, inquirindo o Medico a receita, e viſto o engano della, teve a prodigio o achalla com vida; mas inchando-lhe huma face, e apertando-ſe-lhe a garganta, foy tal o faſtio, taes as dores, que ſem ter hum inſtante de ſocego, nem levar ſuſtento de conſideraçaõ para baixo, ſe reſolveo em breves dias ſua fermoſura á verdade do que era, trocando ſuas flores em o ſeco fruto de huma caveira; que ſe naõ colhe outro das flores da fermoſura.

Mas era tal ſeu ſofrimento, ſua paciencia no meyo de dores, que ameaçavaõ a vida, que ſem ſe lhe ouvir hum ay, ou huma queixa, vieraõ as Religioſas a chamarlhe *a noſſa Cordeirinha*, lembradas do innocente Cordeiro, que caminhou ao lugar do ſacrificio, taõ atormentado, como emmudecido. Naõ podia Sor Clara levantarſe da cama, porque naõ havia parte em ſeu corpo, que naõ ſentiſſe eſpecial tormento. Aſſim chamava ao leito o ſeu Purgatorio; lembrava-ſe ella mais neſte dos eſpiritos, que padeciaõ no fogo daquelle. Aſſim rezava por elles trez vezes na noite; e em ſe achando com algum alento, que ſe podeſſe veſtir, ainda que com trabalho, levantava-ſe, e poſta de joelhos, encoſtada na cama, ſe detinha em oraçaõ.

Eſta era ſua vida, padecer, e orar,

e orar, porque nada lhe lembrava da que deixara; tal foy a resoluçaõ, e despego com que a deixou, e se sepultou nesta Casa. Morreraõ os parentes para ella, e nem de sua mãy sabia, se quer por letra, de sorte, que escrevendo muito bem quando entrara, despois escassamente punha a sua firma, como (sendo preciso) se vio por experiencia.

Hum dos pactos, que fez com seu Esposo, quando recebeo como da sua maõ aquelles achaques, foy naõ haver de lhe pedir remedio, nem alivio nelles, menos vida, senaõ para sofrer, ou se fosse sua vontade, o alento, que bastasse para o ir buscar, e receber; assim pedia, que a levassem em hum carrinho, que havia no Mosteiro, ao Confessionario, dalli ao Coro, e Commungatorio, que era o unico alivio, que lhe fazia esquecer o que estava padecendo. Naõ deixou o Senhor de communicar muitos a sua alma, em quanto o servio com este genero de vida; mas porque o nosso emprego he historia, e naõ revelaçoens, só apontarey duas, entre as muitas, de que fizeraõ memoria seus Confessores.

Suspendia-se Sor Clara hum dia orando despois de commungar; e representandoselhe vivamente, que tinha na boca huma memoria de metal desconhecido, (mas precioso) se lhe propuzeraõ logo os desposorios, que o Senhor celebrava com as almas justas, entendendo, que aquella memoria era huma segurança dos que tinha feito com a sua. Estava gravemente enferma huma Freira Conversa, mui entrada em annos, e de grande opiniaõ, e virtude; e orando Sor Clara por ella, se lhe representou, que via no mar huma barca destroncada, e velha, que cercada de repetidas, e furiosas ondas, se via perigar entre ellas; e no mesmo tempo divisava no Ceo huma grande estrella, que desappareceo, despedindo copiosas, e scintillantes luzes. Entendeo logo, que a Conversa decumbente havia de falecer daquella doença, e que sua alma havia de passar na mesma hora a ser estrella do Firmamento da Bemaventurança.

Mas para passarmos à noticia da mudança de vida de Sor Clara, ha de preceder a de duas visoens, que tiveraõ ella, e sua mãy, (quasi ao mesmo tempo) por darem mais luz, e clareza ao que vamos historiando. Tinha Joanna de Salinas noticia do que Sor Clara, sua filha, padecia; e como mulher, que abstrahida da terra, naõ escutava já as vozes do sangue, ou as queixas da natureza, naõ pedia a Deos mais, que o que dispuzesse sua vontade; e tolerancia, para que a enferma se abraçasse com ella. Nesta supplica estava huma noite, quando se lhe representava sua filha Sor Clara vestida de bordadura custosa, mas ainda imperfeita; e entendeo logo a serva de Deos, illustrada pelo Senhor, que ainda restavaõ tormentos para coroar a paciencia da filha: assim lhe pedio, que a confortasse com o dom da tolerancia, e aperfeiçoasse o inextimavel feitio daquella gala.

No mesmo tempo quiz o Senhor (seria pelas supplicas da mãy, bem escutadas, por serem por tal filha) ensinar a Sor Cla-

Clara o como se devia de haver sua constancia nos tormentos, que lhe permitia, naõ se valendo de arrimo, ou soccorro da terra, mas recorrendo só ao que fosse disposiçaõ Divina; e representou-selhe em visaõ, que se achava em hum campo desembaraçado, e que nelle se levantava direita huma escada, que escondia no alto o cume, cançando a vista, e junto á escada hum Loureiro; e que indo a sobir por ella, se valia dos troncos delle, por segurar a sobida, e temer a queda; mas naõ lhe valendo a industria, vinha com ella o Loureiro a terra. Conheceo logo, que era documento do Ceo, para que em seus trabalhos naõ recorresse a alivios humanos: e assim o fez; porque ainda por mais perseguida de dores, de molestias, nem chamava Enfermeiras, nem procurava medicinas, nem em suas affliçoens recorria ao conselho, e companhia das Religiosas, mas, sepultada em sua paciencia, era victima do silencio, e da tolerancia.

Doze annos havia, que Sor Clara continuava o seu martyrio, quando faleceo sua mãy Joanna de Salinas; e parece, que alcançou de mais perto a piedade do Senhor no alivio da filha, porque dalli em diante convaleceo esta de alguma sorte. Continuava o Coro de dia; tinha os seus de retiro; só a Matinas faltava, porque lhe poz a Prelada huma obediencia, mandando-lhe com a mesma, que se tratasse como taõ achacada, naõ usasse de lã, nem comesse peixe, e fizesse assistencia na Enfermaria; cuidado, e continua advertencia das Preladas desta Casa, onde só a obediencia retira as Religiosas dos excessos da penitencia, por mais que os achaques lhes desenganem as forças, e a constancia. Assi obedeceo Sor Clara, seguindo novo modo de vida nos particulares, em que podia dispor della.

Trez vezes se levantava de noite a rezar pelas almas. Pelas trez horas de madrugada entrava para o Coro; (rezando o *Miserere* pelo caminho, como disposiçaõ para entrar nelle) prostravase em venia, repetia a confissaõ, invocava a Senhora, logo os Santos, de que era devota, e os Espiritos Angelicos, para que supprissem suas faltas, e accendessem sua frieza pera louvar a Deos como devia, e estar decentemente em sua presença. Rezava logo suas particulares estaçoens, especialmente às Chagas de Christo, ao Espirito Santo, a Nossa Senhora. A estas vocaes se seguia a oraçaõ mental até Prima; gastava depois no Coro quasi a manhã inteira. No dia rezava trez vezes o Rosario, hum com os braços em Cruz, valendo-se de sustentar as mãos em prégos, porque a sua debilidade naõ podia sustentallos.

Mas naõ socegava seu espirito com este modo de vida, porque a que sempre desejara, fora a mais austera; nem a grande innocencia, que havia em sua alma, a despersuadia de viver com mais aspereza. Eis-que levada hum dia desta ancia, vay-se ao Confessionario, em que soube estava o Prelado, dizlhe, que o que lhe vem pedir, he, que lhe ponha huma obediencia, para que deixe a casa da Enfer-

maria, e vá para o Dormitorio viver na sua cella; que traga tunica, e ufe de mantas de lã; que continue Matinas á meya noite; e que finalmente se naõ trate como achacada, que se lho mandar a obediencia, o ha de obfervar fem duvida. O Vigario, que fabia a fua debilidade, e o como paffava mal convalecente, admirava-fe, e fufpendiafe; lembrava-lhe logo o impoffivel, que pedia; inftava ella pela obediencia, até que elle (que naõ tinha pouca noticia de feu efpirito) entendendo de quem podia fer o confelho, lhe poz a obediencia, e ella dalli em diante a obfervou fem falta.

Affim começou Sor Clara a fua refórma dous annos antes de fua morte, tendo revelaçaõ muito antes de que feria apreffada. Defcobrio-a a fua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, mas nem o tempo, nem o modo em que feria; porque, querendo darlhe efta noticia, e tendo já dito, que eftando huma noite na cella, lhe entrara dentro huma nuvem, lhe veyo efcrupulo do que tinha dito, e fufpendendofe hum pouco, lhe diffe: *Eftay certa, que a minha morte ha de fer apreffada: affim vos peffo que tenhais cuidado de mim.*

Outra noticia teve; e efta, ainda que mais commua, mais proxima, para fe difpor, e aparelhar, ainda que o feu cuidado naõ era outro, nem podia haver avifo, que naõ encontraffe com o feu cuidado. He reparo antigo nefta Cafa, que o fez fazer a continuaçaõ, e crello a experiencia, que havendo de falecer alguma Religiofa, fe vem, ou ouvem finaes, fendo mais vulgares repentinos, e repetidos golpes. Eftes ouvio a Madre Sor Clara; foraõ trez, e dados na porta da fua cella com tanta violencia, que nem fe fiaria da fraca maõ de huma Freira, nem femelhante eftrondo fe permittia no Dormitorio. Abre affuftada a porta, naõ vê ninguem; bufca fua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, referelhe o fucceffo, accrefcentando que lhe vinha á imaginaçaõ, que feriaõ aquelles golpes pela Madre Sor Maria do Sacramento, (Marqueza que foy de Aguiar) que eftava enferma, e perigofa. E dizendo-lhe a irmãa: *Olhai, minha irmãa, naõ vades vós primeiro.* Refpondeo fem fufto: *Faça-fe a vontade de Deos.* Succedeo affim, porque primeiro faleceo a Madre Sor Clara, que a Marqueza; mas verificandofe que foraõ os trez golpes trez avifos; porque quafi em hum mez faleceraõ trez Religiofas.

Mas chegava-fe o tempo da Madre Sor Clara, naõ fazendo outra coufa na dilaçaõ delle, mais que difporfe para quando Deos a chamaffe; e hum dia acabando de commungar, lhe deu fubito huma febre taõ vehemente, que lhe tirou a falla, e cerrou os olhos; mas dando em alguns finaes moftras de grandes ancias. Affim paffou trez dias, efperando todas, que tornaffe para fe lhe dar o Viatico, e a Unçaõ; refolveraõ, que fe lhe déffe efta, por naõ haver lugar para aquelle; mas antes para ver fe tornava, lhe mandaraõ os Medicos dar huma fangria. Fogio com o pé, acodio a Prelada, mandandolhe que o déffe, e fe fo-

sogeitasse; e como se a obediencia, que a fez viver morta, a fizesse morrer, respondeo só a ella, e deu logo o pé sem repugnancia.

Foy logo absolta Sacramentalmente, dando materia; depois ungida; e rezado o Officio, repararaõ, que socegava, e estando assim hum pouco, abrio os olhos, como se descobrira duas estrellas, ou se se lhe restituira a belleza, de que o Ceo a dotara; e surrindose, espirou. Assim havia de succeder a quem das portas da morte sahia a pizar o caminho da eterna felicidade. Morre rindo quem viveo gemendo; sem duvida, que a Estrella matutina da Bemaventurança madrugava já, ferindo-lhe nos olhos, e abriolhos agora para as luzes, porque até aqui se naõ tinhaõ fechado para as lagrimas. Este foy o riso, que os justos compraõ á custa dellas: *Beati, qui nunc fletis, quia ridebitis.* Ficaraõ as Religiosas emmudecidas, e affirmaraõ logo humas ás outras, que quando a Madre Sor Clara abrira os olhos, lançara delles dous resplandores taõ vivos, como se de repente se accenderaõ duas tochas, ou correraõ duas exhalaçoens luzidas. Faleceo em os primeiros de Setembro de 1659.

CAPITULO XXXV.

Da Madre Soror Maria do Sacramento, no seculo Marqueza de Aguiar; e da Irmãa Conversa Sor Margarida do Espirito Santo.

Muitas vezes nos tem occorrido (especialmente nas memorias desta Casa, com grande gloria sua) o como a virtude se fez sempre bemquista com a nobreza, (diga-se sem offensa das mais naçoens) especialmente no heroico sangue Portuguez, hospedando-se nos Palacios, nas Casas dos Principes, e dos grandes, deixando-se ficar tanto de assento nellas, que desde os principios do Reyno as fez classes do espirito, e venturosos Seminarios, de que tem sahido tantos a occupar os Altares, mais venerado throno, que os que lhes grangeou o nascimento. He claro argumento huma Rainha Santa, amortalhada no precioso burel Franciscano; huma Santa Princeza no Dominico; hum D. Affonso Henriques, Rey reconhecido por Santo; hum D. Fernando, Infante Santo por anthonomasia. Com estes, e semelhantes exemplares, parece, que consultavaõ os acertos de sua vida os espiritos mais illustres; assim se continuou sempre até o seculo em que isto escrevemos, e naõ temos poucas provas do que está escrito desta Casa, que a Condessa de Vimioso trabalhou para tantas como coroa, sendo agora a Marqueza de Aguiar hum grande esmalte della.

Nasceo esta Senhora, filha de Dom Christovaõ de Moura, Marquez de Castel-Rodrigo, e de Dona Margarida Coutinha Corte-Real, (titulos, e appellidos, de que estaõ cheyos os Nobiliarios deste Reyno) no seculo se chamou Dona Maria de Mendonça; nasceo com ella a inclinaçaõ ás cousas sagradas, piedade com os pobres, especialmente encarcerados; e rigor, e austeridade grande comsigo em exercicios penitentes, a que se

deu de doze annos em diante. Cingiase de hum aspero cilicio, jejuava certos dias na semana, em que tomava rigorosas disciplinas de sangue; a oraçaõ, e liçaõ de livros devotos eraõ seu exercicio quotidiano; branda, e affavel no trato, modesta, e considerada no adorno; humilde, e sogeita no genio; era huma muda refórma de toda sua Casa. Contava já dezoito annos, quando lhe faltou sua mãy, golpe, que a achou com a constancia de quem entendia, que semelhantes trabalhos vem a examinar, e enriquecer a paciencia.

Ausentouse o Marquez seu pay para Madrid, e ficou ella em companhia de seu irmaõ; pareceolhe occasiaõ de sahir a publico com a resoluçaõ, que tinha tomado comsigo de deixar o Mundo, e foy dispondo o seu retiro para o Mosteiro de Santa Martha, Casa reformada da Ordem Franciscana, nos arrabaldes de Lisboa. Teve o irmaõ noticia da diligencia, e mostrouse com ella taõ queixoso, e desabrido, que embaraçandolhe os commercios, rompeo em ameaços, sendo preciso a Dona Maria, naõ só desistir da empreza, mas reconciliarse com elle, segurandolhe, que já naõ teria vontade propria. Tanto se podia temer da resoluçaõ de hum poderoso (na sua opiniaõ aggravado) que até ás paredes sagradas naõ guardaria respeito. Assim serenou a tormenta, levantandose outra mayor no coraçaõ de Dona Maria, vendo, que naõ só naõ conseguia o sacrificar a Deos na Clausura a primavera de seus annos, mas que era forçada a sogeitallos a esposo de inferiores prendas ás que suspirava seu espirito.

Casou-a seu irmaõ com D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, que foy Marquez de Aguiar despois da Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. e parece que quiz o Senhor pagar os grandes desejos, e finos propositos, com que a Marqueza o buscara, dispensandolhe as felicidades do desposorio humano em filhos, e filhas de generosas prendas, e grandes esperanças, devidas humas, e outras ao desvelo com que sabia ser mãy de familias, antes Prelada da mais composta, e reformada recoleta: naõ era outra sua Casa. Levantavase de madrugada, antes excedendo, que imitando aquella heroica Matrona do Sabio, porque naõ era o seu disvelo para a provisaõ da familia, senaõ para consultar com Deos importancias de sua alma. Assim se detinha no Oratorio em oraçaõ, até horas de Missa, a que vinha toda a Casa. Havia no dia hora deputada, em que todos della se ajuntavaõ no Oratorio a rezar o Rosario; outra para liçaõ de livros devotos, a que se seguia oraçaõ, assistindo a tudo a Marqueza com igual devoçaõ, que vigilancia, naõ faltando castigo, e advertencia para os que assistiaõ sem ella. Trez dias na semana jejuava a paõ, e agua; commungava com frequencia, e já nos ultimos annos havia Communhaõ no Oratorio duas vezes na semana, para algumas criadas, que seguiaõ sua vida.

Esta foy a da Marqueza até o falecimento do Marquez seu marido; e contando já entaõ sessenta annos, (que antes pediaõ des-

deſcanço, que promettiaõ vigor para novo trabalho) deſcobrio aquellas brazas, que o Ceo accendera em ſeu coraçaõ, cubertas com a cinza de tanta idade, mas agora vivas para continuar o ſacrificio, que o meſmo Ceo permittira embaraçado. Eſtavaõ já caſados ſeus filhos, ſuas filhas Freiras. Neſta Caſa tinha duas, e muitas experiencias do rigor, e eſtreiteza de vida, que ſe profeſſava nella. Naõ houve mais conſulta; que a reſoluçaõ era já antiga; e levando comſigo trez criadas, (gente nobre, que com ella tomaraõ o habito, diſcipulas de ſua reſoluçaõ, e eſpirito) ſe recolheo em dia da Appreſentaçaõ de noſſa Senhora. Deteveſe hum pouco, na Portaria entre muita nobreza em quanto lhe beijavaõ a maõ os filhos, e a nora; e vendoſe logo da parte de dentro, levantou os olhos ao Ceo, dizendo: *Graças a Deos, que já iſto eſtá arrancado!*

Era a Marqueza já Freira no Mundo; que ſeria no Moſteiro, ſenaõ exemplar das Freiras? Chamouſe Sor Maria do Sacramento. E como ſe o nome lhe dera antiguidade na Caſa, pareceo logo veterana nos exercicios della. Nos da humildade a todas excedia, como no conceito, que de ſi tinha de ſer a mais defeituoſa, ſendo taõ pontual, e diſvelada, que ou parece que deſconhecia os annos, ou o goſto lhos aliviava renovados. Era Meſtra das Noviças huma de ſuas filhas, e era ſua Meſtra; a eſta pedia, que a mandaſſe trabalhar; e vendo, que reprehendia as outras, laſtimava-ſe, queixandoſe porque a naõ reprehendia a ella, que ſó era a culpada, por mais remiſſa; e cuſtandolhe lagrimas o caſtigo das defeituoſas, e a pena de o naõ levar entre ellas, foy neceſſario advertir a Meſtra, quando havia de fazer Capitulo a alguma, o mandalla primeiro a ella para o Coro, a guardar o Santiſſimo.

Já profeſſa, porque ſó ſe queixava do pouco, que ſervia, a fizeraõ Enfermeira. Aviſou a ſeus filhos, e tudo foy abundancia na Enfermaria, mas nada avultou mais que a ſua caridade, naõ ſó prompta nas meſinhas, mas nas lagrimas, com que tomava ſobre ſi as moleſtias alheas. Aſſim aſſiſtia a todas, que parece, que ſe reproduzia para naõ faltar a nenhuma. Na occupaçaõ mais abatida andava mais ſatisfeita, porque nada excedia ao infimo conceito, que de ſi fazia. Succedendo muitas vezes eſtar em praticas de Deos com as Religioſas, aſſim ouvia callada, e emmudecida, que alguma lhe perguntou a cauſa. Reſpondeo: *Que achava, e conhecia de ſi, que naõ podia fallar com o acerto, com que o faziaõ todas, já meſtras, e adiantadas nas couſas de eſpirito, e naõ ella, huma mulher ſepultada toda ſua vida em as rudezas do Mundo; que ſó devia ouvir para aprender, já que Deos lhe naõ dera juizo para fallar.* Sendo que em todas as materias, e ſingularmente neſtas, era deſtra Sor Maria, por exercicio, como por inclinaçaõ, e genio. Mas já entendia, qual era o caminho dos Sabios do Ceo, donde ſó ſahia graduada, a que o Mundo chamava eſtulticia, como enſinou S. Paulo. (Is fiat ſtultus, ut ſapiens efficiatur. 1. ad Cor. 3. v. 18.)

Achou-a hum dia ſua filha, Sor Margarida da Cruz, na cella

la chorando amargamente. Perguntoulhe compassiva, que causa tinhaõ aquellas lagrimas. *Choro* (respondeo) *porque sem duvida estou douda. Douda, naõ póde ser*, (replicou a filha) *porque os doudos, por isso o saõ, porque o desconhecem.* E instando mais, mostrandolhe com evidencia, que estava em seu siso, e naõ douda, disse Sor Maria: *Naõ se canse, nem me martyrize, Madre, que bem douda estou, pois naõ amo a Deos como devo; que quem naõ ama a Deos, naõ tem juizo.* Grande maxima, digna de eterna, e Catholica lembrança! Mas venturosas lagrimas, nascidas de taõ grande pensamento; e pensamento unicamente digno de taõ amargas lagrimas. Mas grande argumento de que se abrazava em amor de Deos o coraçaõ, de que ellas sahiaõ; que semelhantes suores naõ vem a aplacar menos ardentes febres.

Pouco mais de hum anno antes de sua morte, cahio a Madre Sor Maria em huma tal fraqueza, que com grande trabalho se levantava, e encostada em huma Freira, hia para o Coro, onde gastava quasi o dia inteiro. Mas estendeo-se-lhe esta fraqueza á memoria, e á vista; e naõ alcançava do Coro a ver a Hostia na Missa. Este era hum quotidiano incentivo de suas lagrimas, respondendo a quem a consolava: *Se eu naõ tenho memoria, como me poderey confessar bem de taõ mal passada vida; e nella como posso ter gosto, se naõ vejo a meu Deos Sacramentado?* Bemaventurados olhos, que como os de Tobias, naõ tinhaõ alivio, porque naõ viaõ a luz do Ceo, a do Sol Sacramentado! e como os de David, choravaõ, por ver o seu Deos escondido! Mas assim se conformava com esta magoa, como quem sabia, que lha permittira Deos para merecer com ella.

Alguns dias antes de morrer, lhe deu huma febre ardentissima com ameaços de ar; e levando algumas sangrias, ficou como se de todo perdera os sentidos; mas era notavel, que em se lhe fallando em Deos, respondia com tanto acordo, como se estivera em seu inteiro, e socegado juizo. Assim lhe perguntaraõ, se queria receber todos os Sacramentos para morrer? Respondeo: *Que só isso desejava*: ministraraõlhos, e no cabo delles espirou placidamente, sem fazer mais termo, que o de huma imperceptivel respiraçaõ, em 10 de Outubro de 1659. Suspenderaõse as Religiosas, porque ao mesmo instante que espirou, tendo Sor Maria já sumido, e seco o rosto com os annos, e as penitencias, de tal sorte se lhe restituhio a huma fermosa compostura, e magestade taõ serena, que podia dizer com David, que tornara a florecer sua carne, anticipando no Estio daquelles secos ossos a eterna Primavera dos bemaventurados. Et refloruit caro mea. Ps.

Naõ foy digno de menos reparo o que depois succedeo no Capitulo, porque entoando as Religiosas o Psalmo 151 antes de se recolher o corpo na sepultura, chegando ao Verso: *Viduam ejus benedicens benedicam, pauperes ejus saturabo panibus*, (sem haver embaraço, que turbasse o alternado de hum, e outro Coro) o repetiraõ trez vezes; fazendo logo reflexaõ, e reparo de que o tinhaõ repetido,

do, levantaraõ mais o penſamento; porque para a defunta vinha muito de molde o Verſo, que vem a dizer: *Abençoando, darey a bençaõ á ſua viuva; e com o ſuſtento de paõ taparey a boca aos ſeus pobres.* E como vimos na vida da Marqueza, parece, que mereceo ao Ceo o Panegyrico de ſe abençoar Santa viuva, quando ſe lembravaõ os ſoccorros da pobreza.

Mas a mayor eſtabilidade, com que o Senhor quiz recommendar as circumſtancias deſta morte, foy huma, já repetida de ſua Providencia, e reparada em o falecimento de peſſoas mayores em virtude, e qualidade; e foy o ſeguinte. Mandara a Marqueza, eſtando ainda no ſeculo, a eſte Moſteiro huma planta de jaſmins, que chamaõ de Valença. Plantouſe no Clauſtro; prendeo, e avultou, dilatandoſe taõ viçoſa, que ainda na veſpera de ſua morte ſe colheraõ della muitas flores. Mas ao tempo que a ſepultaraõ, cahindo-lhe todas murchas, e ſecas, ſuccedeo o meſmo ás folhas, e ao tronco de ſorte, que até a raiz ſe eſqueceo na terra, como ſepultura, porque depois ſe lhe naõ vio brotar mais vara.

Da Infante Margarita ſe lê, que em ſua morte ſe ſecou huma arvore, que ella plantara por ſua maõ propria; e da Princeza Santa Dona Joanna, Religioſa profeſſa (como he tradiçaõ mais ſegura, de que á hora da morte profeſſara, e naõ fora ſó Religioſa Terceira) da noſſa Ordem Dominicana na Recoleta de Aveiro deſta Provincia, ſe lê nas noſſas Chronicas, e eſcrevi eu já com mais concertado eſtylo, e penna deſembaraçada das eſtreitas leys da Hiſtoria, que na hora, que pelo Clauſtro foy paſſando ſeu corpo para a ſepultura, ſe murcharaõ as flores, e as plantas na pouca terra, que cultivada da ſua diligencia, ſervia ás Religioſas de jardim, e de Pomar, como ſe imitaſſem todas o genio ao Giraſol, que ſeguindo a inclinaçoens os paſſos do Sol, igualmente ſe vê aquelle murcho, quando eſte ſepultado. Naõ podemos negar, que eſtas demonſtraçoens no inſenſivel, ſe foraõ na morte do meſmo Chriſto argumentos da Divindade, o ſeraõ nas dos Juſtos de ſua virtude, com ſeguros do premio, que ſe ſegue á ſua morte, podendo entenderſe que aquellas flores, que cahiraõ ſecas, a cobrir o cadaver, renaſceraõ eſtrellas a coroar o eſpirito.

Naõ merece ficar em eſquecimento o muito, que moſtrou Soror Margarida do Eſpirito Santo, Freira Converſa, que no meſmo anno, ainda que antes hum mez, que a Madre Sor Maria, faleceo ella tambem neſta Caſa; razaõ, porque ſe lhe dá lugar, ainda que ſegundo, neſte Capitulo. Foy Sor Margarida natural do lugar de Bemfica, notavel, e venturoſo, por fecundo de Religioſas Converſas, que deu a eſta Caſa para a ſervirem, ſervindo ainda melhor para a illuſtrarem. De pequena ficou ſem mãy, e logo em poder de huma madraſta, taõ eſquiva com ella, como o nome o promettia, porque de enteada a paſſou a ſerva, carregando ſobre aquelles tenros annos todo o pezo da caſa; a boa inclinaçaõ á virtude, com que naſcera, lhe abria já os braços para

ra receber os trabalhos como mimos do Ceo, que parece lhe adiantava a razaõ, para conhecer, que o eraõ eſtes, e lhe dobrava as forças para poder com aquelles.

Deſejava reſgatalla daquelle cativeiro huma tia, que olhava para ella como deſamparada, e lhe queria melhorar as occaſiões de ſofrida, ſuſpirando vella neſta Caſa do Sacramento, donde aproveitaria as moſtras, que dava de ſeu preſtimo, e ſeu eſpirito. Rogou, pedio, importunou; e finalmante conſeguio, que as Religioſas lha aceitaſſem contra a vontade do pay, e madraſta, que perdiaõ nella huma eſcrava; e na humildade moſtrou ella, que o era depois (e com muito goſto) do Moſteiro, coſtumando dizer, ainda depois de profeſſa: *Que ella naõ era Freira, mas huma pobreſinha, que as Religioſas pelo amor de Deos receberaõ, e ſuſtentavaõ.*

Era continua no trabalho, como na mortificaçaõ; e caritativa taõ diſvelada, que a eſſe emprego ſe attribuio o viver quarenta annos neſta Caſa, ſem nunca ter doença. Dormia veſtida, para que a oraçaõ, e o trabalho a achaſſem mais prompta; poucas vezes ſobre a cama, as mais ao pé de algum Altar. Levantava-ſe de madrugada, e no Coro gaſtava em oraçaõ todo o tempo, até á hora de ir para a ſua officina, donde eraõ iguais nella o ſilencio, e a diligencia. A' noite, acabado o ſerviço, tornava ao Coro, donde era a oraçaõ mais larga; e com tal ſuavidade, e conſolaçaõ de ſeu eſpirito, que coſtumava dizer, que aquelle era o ſeu centro; e aſſim o moſtrava, porque acabado o trabalho, alli hia buſcar o deſcanço.

Em toda ſua vida foy rara ſua abſtinencia, porque quaſi ſempre paſſava com paõ, alguns grãos, e algumas hervas; e o dia, que ſe alargava a regalo, era de algum bocado de peixe ſeco. Parcimonia notavel, em quem andando pouco abaſtada, e trazia varios comeres entre mãos, naõ haver occaſiaõ, em que a convidaſſe o appetite, ou a obrigaſſe a fome! Commungava duas vezes na ſemana, e eſte era o ſuſtento de que mais vivia. Hum martyrio grande padeceo muitos annos, que ſendo o ſeu genio de reſponder, aſſim andava acautelada para o reprimir, que ſó ſe lhe diviſou, que no interior trazia aquella contenda, pelo natural, que tinha de fogoſa.

Tinha juizo claro, de que lhe naſcia o ſer recatada em couſas de ſua conſciencia; mas parece, que diſpenſou o Ceo huma vez com ella, chegando a contar com ſingeleza, que deſcançando huma noite ſobre a cama, quaſi como que dormitava, ouvira huma voz clara, que lhe dizia: *Levantate, e vay rezar pelo Conde do Baſto.* Era naquelle tempo D. Diogo de Caſtro. Eſpertou, ſegurando-ſe no que tinha ouvido; mas parecendolhe illuſaõ do ſono, e tornando a encoſtarſe, tornou a ouvir a meſma voz. Levantouſe logo, e foy rezar ao Coro, e dahi a trez dias veyo noticia ao Moſteiro, que era o Conde fallecido. Parece, que eraõ bem ouvidas no Ceo as oraçoens de Sor Margarida, e ſeria aquella advertencia do ſeu Anjo da guarda.

Mas chegavase o termo a seus trabalhos; cahio doente de huma grande febre, que tardou pouco em ameaçalla de morte. Naõ se assustou Sor Margarida com o ameaço, ou fosse que o Ceo lhe anticipasse o aviso, ou que depois de vestir aquella santa mortalha, lhe naõ foy necessario outro. Assim o mostrou, porque no primeiro ameaço da doença juntou na cella quanto pertencia á sua mortalha; com a mesma conformidade, e socego (antes alvoroço) ouvio depois aos Medicos o desengano; porque advertindolhe, que se dispuzesse para a ultima hora, levantando as mãos ao Ceo, deu graças a Deos, e voltandose ás Religiosas, lhes pedio, entoassem por ella o *Te Deum laudamus*, pois era chegada a hora, que suspirara em toda sua vida.

Mas foy cousa de reparo, que naõ se lhe ouvindo nunca nella palavra, que soasse a galantaria, algumas se lhe escutaraõ agora, ditas com alegre semblante, e boa graça, (por mais que a consumisse a febre em huma viva lavareda) porque sendo curta a cama, em que a deitaraõ, disse sorrindose: *Basta, minhas Madres, que tantos annos me naõ deitey em cama, para vos servir; e agora que foy forçado deitarme, he em huma, em que me naõ posso estender! Ora mandem ao coveiro, que me faça a cova mais comprida, que he cama, que a ninguem vem curta, que todos cabem nella.* Como a febre crescia, e huma Religiosa, que a via estar abrazando, lhe dissesse: *Que se conformasse com o que Deos dispunha, pois era servido de lhe adiantar naquella cama o Purgatorio*, respondeo com igual viveza, que segurança: *Admirome, minha Madre, de Vossa Reverencia me dizer tal! Isto he Purgatorio? Folgara eu de padecer por meu Senhor até o dia do Juizo!*

Recebeo todos os Sacramentos com elle inteiro, e socegado, e grande consolaçaõ de sua alma; e vendo, que era tempo de lhe rezarem o Officio da agonia, perguntou, se tinhaõ já entrado os Padres; e dizendolhe huma Religiosa: *Para que perguntava por elles? Se se queria confessar?* Respondeo: *Confessar naõ; que pela misericordia de Deos naõ o reservey para este tempo, mas para acabarem já de me mandar para meu Senhor Jesu Christo*; e abraçandose com elle crucificado, depois de acabado o Officio, pedio a véla, e com hum suspiro, e algumas palavras, que lhe dizia, e lhe sahiaõ da alma, a poz em suas mãos com socego, e confiança, em 15 de Setembco de 1659, dia para a Ordem fortunado, em que celebra a Thaumaturga Imagem de nosso Patriarca, que a Virgem Senhora trouxe do Ceo á terra ao nosso Convento de Soriano em Calabria.

CAPITULO XXXVI.

Da Madre Soror Maria de Jesus.

GRandes vozes saõ as do exemplo; naõ só aconselhaõ, parece, que obrigaõ. Aquella acçaõ, que se toca com a maõ da experiencia, naõ se póde negar; e aquella irrefragavel verdade, que está sempre testemunhando o que he, se he boa, sem duvida affeiçoa contemplada; dalli

dalli lhe vem o obrigar para feguida. Esse foy o conselho do Senhor, quando quiz ensinar seus Discipulos a reduzir; encomendoulhes a obra primeiro que a doutrina; que antes propuzessem a vida, que expuzessem a palavra; porque o exemplo he mais rhetorico, que a lingua, por ser todo huma persuasiva muda. Vellohemos agora. Entrou Sor Maria por morte de sua mãy com mais duas irmãas no serviço de Dona Maria de Mendonça, Marqueza de Aguiar; e ainda que de tenra idade, com tal genio, e capacidade, para saber escolher, e seguir o melhor, que reparando na vida da Marqueza, (a que naõ excedia a da mais timorata Religiosa) se convenceo tanto com seu exemplo, que desconhecendo as desculpaveis verduras dos poucos annos, se adiantou a elles em hum modo de vida, que parecia meditado na mayor madureza da razaõ. Despio, e deixou as galas, por mais que nella antes eraõ costume, que vaidade, e começou a tratarse honesta, e singelamente. Jejuava trez dias na semana, e com estreiteza. Nas sextas feiras da Quaresma, e outros muitos dias, assim em todo o anno, como nella, a paõ, e agua. Deuse á liçaõ dos livros de espirito, de que tirava grande fruto.

Levantava os olhos, via recolher a Marqueza, e o Marquez a seus quartos, gastar horas na oraçaõ em seus Oratorios; enchiase de santa enveja, vendo aquelle retiro entre o fausto, attençoens, e correspondencias do Mundo: e fugindo aos olhos de todos, (em ficando livre da occupaçaõ, que tinha a seu cargo) trocava seu aposento em o mais retirado deserto; esquecia-se orando, até que a natureza a obrigava a pagar pouca pensaõ ao sono, e quasi sempre ou encostada na cama, ou sobre huma nua cortiça; inflammava-se no amor de Deos, e muitas vezes de sorte, que para desafogar aquella febre da alma, appellava á larga sangria da disciplina. Depois de breve descanço, (como se tivera passado a noite com muito) madrugava para a oraçaõ vocal do Rosario, e Officio de nossa Senhora, a que a levava huma singular ternura. Assistia depois á Missa, que era o seu pasto quotidiano, commungando com o desejo, que sempre trazia faminto daquella Angelica, e sagrada iguaria, por mais que frequentasse a sua Mesa.

Vinte e sete annos contava já com este estilo de vida; mas chamava-a o Ceo para outra mais estreita. Resolveose a buscalla na Clausura desta Casa do Sacramento, por mais que intentaraõ embaraçalla, achando só da sua parte o voto da Marqueza, que antes a envejava, que a despersuadia. Recolhida já nestes santos Claustros, (em que só accresceo á sua vida a pensaõ da obediencia) começou a gostar hum socego dalma, como despida dos cuidados da terra. Em nada disvelava os seus, como em agradar a seu Esposo, e desfazer em si tudo o que podia servir de agrado. Era, ou fora destra na guitarra, e em se acompanhar com ella com boa voz, e melhor gala, prenda, que tivera de muy menina; já em casa da Marqueza havia an-

nos, que a naõ viaõ uſar della, nem rogos, nem induſtria; agora ajudava o Coro com goſto, e gabos de todas as Religioſas; ſentia verſe ſingular entre todas; pedio a Deos, que lhe eſcureceſſe o metal da voz; inferioſe aſſim do que a deſcontentava verſe eſtimada, e da brevidade, com que hum eſtilicidio a deixou rouca, e ſatisfeita. Mas como era deſtra na ſolfa, aprendeo logo viola de arco, com que ficou ſervindo o Coro.

Era elle o ſeu centro; alli deſcançava da penalidade continua, a que a ſentenceava ſua penitencia, porque a oraçaõ era o ſuſtento, e o recreyo de ſua alma. Alli acabava de conhecer o quanto fora vaõ o receyo de ſeguir aquella vida, porque eſtando ainda no ſeculo, levantava os olhos com horror aos apertos deſta Caſa, obrigando-a elle a entrar em penſamentos de buſcar outra de menos eſtreiteza; mas já eſta naõ ſó lhe naõ parecia rigoroſa, mas muitas vezes frouxa. Aſſim carregava a maõ nas penitencias, temeroſa das repreſentaçoens do Inferno, com que a perſeguia o inimigo, em que padeceo muito. Recorria á oraçaõ, que era o ſeu ſagrado; e entendeoſe, que nella recebia particulares mimos de Deos, de alguma palavra, que chegou a dizer com inadvertencia. Achavaſe huma vez na oraçaõ, banhada em Celeſtial complacencia, e elevada a huma familiaridade, e uniaõ grande com Deos; aproveitouſe da occaſiaõ, e diſſelhe: *Senhor, façamos hum contrato, eu me naõ quero affligir mais com eſtes receyos, que ſempre trago diante dos olhos. Tomay vós á voſſa conta a minha ſalvaçaõ, e eu ficarey com o cuidado de me empregar em vos ſervir, de ſorte, que eu naõ tenha cuidado em mim.*

Foy taõ poderoſo eſte acto de reſignaçaõ, que, ceſſando logo a bataria do inimigo, a naõ perſeguio mais ſemelhante receyo. Parece, que eſcutara a Madre Sor Maria o conſelho de hum grande experimentado na Providencia de Deos, como foy David, enſinando, que nos puzeſſemos nas mãos de Deos, que elle diſporia a noſſa melhora; que quando nos apertaſſe o inimigo, commetteſſemos a Deos todo o cuidado, porque elle naõ permittiria, que fluctuaſſemos nos receyos da eternidade: *Jacta ſuper Dominum curam tuam, & ipſe te enutriet; non dabit in æternum fluctuationem juſto.* Foy correndo o contrato; e como o Senhor teve cuidado de livrar a Sor Maria do martyrio do ſeu receyo, ella naõ tinha outro cuidado mais, que ſervillo com tanta ancia, que tudo lhe parecia pouco para o a que ſe obrigara. Pſ. 54. n. 23. Pungunt tam adulatores, quam detractores, quam ipſe diabolus; ſed ut non timeas eos, jacta ſuper Dominum curam. Hugo hic.

Suppoſto o jejum dos ſete mezes, em todo o anno levava trez dias na ſemana de paõ, e agua. Da porçaõ, que lhe dava a Communidade, por mais que limitada, tomava o menos, dizendo, (para lhe ſer permittido) *que o mais lhe fazia damno.* Qualquer prato, que ſe accreſcentava na meſa, eſcuſava como regalo; ſentindo muito, quando os achaques a obrigavaõ a ſuſtento mais delicado. Abrazavaſe em amor do proximo; entravaõ os ſeus inimigos na primeira ſupplica, que fazia a Deos, depois os parentes; e naõ dei-

xou

xou de ser digno de reparo o que succedeo a hum seu irmaõ, por quem continuamente orava com instancia. Ardiaõ por este tempo em guerras as duas Coroas de Portugal, e Castella. Era o irmaõ bom Soldado, e achava-se por Cabo em Barbacena, lugar pequeno; pedia Sor Maria a Deos com grande ancia, que lhe guardasse a vida, por serem taõ arrebatadas as mortes da guerra. Succedeo cercar ao lugarejo o exercito Castelhano, resistindo, e naõ querendo entregarse o Cabo; durou pouco a contenda, foy entrado com ira militar, e passando tudo a ferro, tomaraõ o Cabo vivo, senteceado logo a ser arcabuzeado, por ter resistido a hum exercito Real, pondo-se em defensa em hum lugar sem ella. Oppozse á sentença hum Castelhano de respeito, concedeose-lhe a vida, quando ninguem a esperava, e foy remettido a este Reyno, donde depois acabou com demonstraçoens de predestinado. Contava-o assim quem teve noticia do successo, e tinha razoens para formar juizo de que ás supplicas de Sor Maria se deveo aquelle effeito.

Seguida de rigorosos achaques, entrava continuamente com seu Esposo naquella demanda de Agostinho: *Senhor, aqui quero, aqui vos peço, que me affligiais, para que depois me perdoeis.* No meyo de continuadas, e agudas dores (que abraçava com inteireza) naõ admittia remedios, sem o preceito da Prelada; menos alivios das Religiosas, que lhos queriaõ inventar compassivas, dizendo: *Que naõ tinha, nem queria mais refrigerio, que contemplar na Paixaõ de Christo.* Suspenderaõ-selhe de improviso as dores, depois de a chegarem ao ultimo extremo no martyrio de trez dias, dizendo ella a Deos no fim delles: *Que alli estava a sua constancia; que só lhe pedia paciencia.* Tornaraõ a perseguilla, e a prostralla dahi a tempo; desengaraõna os Medicos que eraõ mortaes. Escutou-o com alvoroço, e respondeo a quem lhe fazia nelle reparo, e lhe dizia, que sua irmãa (Religiosa na mesma Casa) o sentia muito: *Digaõ a Soror Francisca, que viva com gosto, porque me hey de salvar pela misericordia de meu Senhor.*

Esperava já o ultimo instante sem alento, quando, movendose entre as Religiosas, que lhe assistiaõ, a pratica sobre o infinito preço do sangue de Christo, e como nos valia naquelle ultimo aperto, em especial o do Lado; levantou a cabeça a moribunda (admiradas as que cuidavaõ, que á nada attendia) e disse: *Sim, esse sangue já o Senhor mo tem dado.* Achavase alli a Prioreza, perguntoulhe o que dissera, e ella como alcançada, tornou: *Digo, que muitas vezes tenho pedido ao Senhor a valia desse sangue.* Entraraõ a rezarlhe a Ladainha, porque já com os olhos fechados espirava por instantes; chegoulhe entaõ huma Religiosa a Imagem de Christo crucificado, e pozlhe o Lado do Senhor na boca. Abrio os olhos, e com tanta viveza, que se suspenderaõ todas, e ella pondo-os no Senhor, lhe entregou a alma, podendo entenderse a gloria, a que passou, acabando com o privilegio daquelle domestico, e familiar de Deos, que em o seu osculo, e

a sua

a sua obediencia acabou a vida. Favoreceraõ a conjectura seus Confessores de muitos annos, que em toda ella lhe naõ acharaõ culpa mortal, nem venial grave, com advertencia, ouvindo-selhe ao mesmo tempo dizer a ella fallando com muito pezo: *Que os peccados, que ella tinha, naõ os teria nenhuma Religiosa.* Tal foy sua humildade! Tal sua morte, em 17 de Julho de 1660.

CAPITULO XXXVII.

Da Madre Sor Theresa de Jesus, e de Sor Mariana de S. Joseph.

IRmãa inteira da Madre Sor Maria Magdalena do Santissimo Sacramento, foy a Madre Sor Theresa de Jesus, conseguindo ambas aquella bençaõ da fraternidade unida, e consagrada a Deos, como cantava o Rey Profeta do Povo de Deos junto em o Templo (que edificara Zorobabel) á vista da Arca, em que se guardava o maná; e dizendo, que a Deos era agradavel, e jucunda aquella fraternidade (que diante da sua Arca o levava) segurou logo, que assim conseguia huma bençaõ graciosa, e huma vida eterna: *Ecce quam bonum, & quam jucundum habitare fratres in unum ... quoniam illic mandavit Dominus benedictionem, & vitam usque in sæculum.* Mas naõ tomemos a penna da maõ aos Expositores, bastenos apontar, que na Casa de Deos, e á vista da Arca (onde com especialidade se venera o maná verdadeiro) se ajuntaraõ estas duas irmãas, a que depois do sangue tornou a unir a virtude, grangeando com esta fraternidade sacrificada o agrado de seu Esposo, e lograr com elle as delicias do eterno thalamo. Bastava esta circumstancia para noticia do que foy Sor Theresa, tendo já examinado (como fica escrito) a de sua irmãa Sor Maria; mas vejamos os passos, com que se chegou, e unio a ella.

Canentes coram Arca reperta in Templo à Zorobabele exstructo. Thomas le Blanc super Ps. 132. v1.

Juntamente com sua irmãa tomou Sor Theresa o habito nesta Casa, em huma quinta feira. Correo suavemente o anno de approvaçaõ, dando tantas, e taes mostras de sua capacidade, e refórma, que poucos annos depois foy Mestra de Noviças, assistio na Sacristia, e na Roda, lugares mais publicos, em que se conhecia a boa intelligencia, com que dava expediente a tudo o que se applicava. Instava nesta Casa a eleiçaõ de Priore-za, e já nos animos de todas era ella a Prelada, quando lhe embaraçou esse trabalho o de hum achaque repentino, que a deixou impossibilitada para o cargo, porque sendo até alli sãa, o que mais teve de vida, teve de achacada.

Naõ bastou isso, para faltar aos exercicios da Casa, e nelles taõ adiantada, que foy necessario, que o preceito lhe tirasse da maõ a disciplina. Mas parece, que lhe pagava o Ceo a resoluçaõ de o querer buscar pelo caminho mais aspero, illustrando-a com alguns conhecimentos do futuro, como se póde colligir de hum caso, que lhe succedeo, sendo Mestra de Noviças, que para melhor se ajuizar, contaremos com todas as circumstancias.

Entraraõ duas moças de pouca idade no Mosteiro a tomar o ha-

o habito; chegando ao Coro, e vendo huma, que metia a Prelada a tifoura nos cabellos da outra, levantou a voz, e diffe: *Que lhos naõ cortaffem a ella, porque eftava refoluta a naõ ſer Freira.* Affuftaraõ-fe as Religiofas; chegoufe a ella a Prioreza, a Meftra, e algumas das mais antigas; propondo-lhe razoens, que rebateffem aquelle defatino, fegurandolhe de quem podia fer o confelho. Paffaraõ a perfuadilla ao humano, com o que eftranharia o Mundo, e naõ confeguiraõ outra repofta, mais que a mefma refoluçaõ obftinada. Mas nem affim mereceo menos piedade na Prelada, e mais Religiofas, antes accommodandofe ao feu gofto, vieraõ, em que veftiffe o habito, e lhe naõ cortaffem o cabello, efperando, que o Ceo lhe abriffe os olhos do conhecimento, para voltar ao primeiro propofito.

Veyo no partido; veftio o habito; mas continuando na refoluçaõ de naõ querer fer Freira; chamaraõ feus parentes; e tirandolhe a Madre Sor Therefa o habito, para entregalla, para mayor caftigo lhe quiz tambem tirar o Rofario, que todas trazem ao pefcoço. Refiftio a moça, inftou a Meftra, até que vendo o pouco, que valia contra a refiftencia, lho deixou levar. Pouco depois, achando-fe com algumas Religiofas, diffe a Madre Sor Therefa: *Que aquella moça havia de tornar para o Mofteiro, e nelle havia de morrer Freira.* Alteraraõfe as Religiofas; e reprovandolhe o dito, affentaraõ, que fó inimigas da Religiaõ dariaõ tal voto; que taõ difficil feria o receberemna, como fora o reduziremna. Naõ refpondeo palavra a Madre Sor Therefa; mas o fucceffo favoreceo a fua, porque naõ paffaraõ cinco mezes, quando a moça, tornando a pedir o habito, teve os votos, e entrou no Mofteiro, e com grandes moftras de efpirito. Diga o leitor, fe he digno de reparo, e fe fe póde ajuizar o que temos dito.

O em que mais fobrefahio o efpirito da Madre Sor Therefa, foy nos empregos de caritativa; e com as doentes mais extremofa. Em hum cafo raro diremos tudo o que toca a efte pouco, e ficará entendido, affim o que a Madre Sor Therefa obrava, como o que merecia. Era Enfermeira, e tinha na Enfermaria a Madre Sor Ifabel de Jefus, martyr das fuas chagas, e já vifinha á morte, com grande inflammaçaõ, e purgaçaõ afquerofa nellas. Chegoufe hum dia para lhas lavar; e indo-as a defcobrir, lhe fez hum tal afco, e repugnancia (ainda fó á vifta) que lhe vieraõ impulfos de deixar a doente, e pedir a outra Religiofa, que executaffe aquella piedade. Mas ao mefmo inftante fentio abrazarfe feu coraçaõ em huma viva lavareda de caridade; e lançandofe, como fequiofa, a pôr os beiços nas chagas, naõ fó lhas beijou, mas chupou, e engolio o afquerofo humor, que havia nellas. Crefceo mais a fede, como fe foffe criftalina a fonte, fem poder fartar os beiços dos fervorofos ofculos, porque em quanto os repetia, fentia banhar fua alma de huma extraordinaria confolaçaõ, que naõ cabia nella. Heroico acto de mortificaçaõ, e caridade! Lido, e imitado de fua fua Madre Santa Catharina de

Sena; e melhor teſtemunho do que obrou, e do que mereceo, caritativa, e mortificada.

Soube-ſe eſte caſo, por permiſſaõ do Ceo, que naõ quiz, que a acto taõ heroico lhe faltaſſe, nem o premio de publicado. Ao tempo, em que Sor Thereſa eſtava engolfada naquelle abyſmo da caridade, eſtavaõ tambem as Religioſas no Coro, aſſiſtindo ao Senhor, que naquelle dia eſtava expoſto, e entre ellas a Madre Sor Maria de Saõ Joſeph, de que já atraz deixamos noticia; lembroulhe a eſta Madre, como por inſpiraçaõ, que a Enfermeira (era como fica dito a Madre Sor Thereſa) naõ tornara a entrar no Coro, depois que commungara (final de que a tinha preza a ſua lida) e reſolveoſe a ſahir do Coro, para que aſſiſtindo ás doentes, vieſſe a Enfermeira lograr o alivio de aſſiſtir ao Senhor Sacramentado, e alivio taõ ſuſpirado de toda a Caſa, que eſſa circumſtancia lhe coſtuma dar aos dias o nome, e a eſtimaçaõ de feſta.

Com eſte penſamento ſahio Sor Maria do Coro; entra pela Enfermaria, quando vê a Sor Thereſa com os joelhos em terra, e a boca nas chagas da enferma; ſuſpendeoſe á viſta daquelle eſpectaculo, e muito mais da ancia com que ſe continuava; e retirandoſe ſepultada em ſilencio, o naõ rompeo, ſenaõ ao fim de ſua vida, contando o ſucceſſo á Madre Sor Antonia da Magdalena, (que hoje vive, quando iſto eſcrevemos) que guardando eſta noticia, a teve muito caſualmente, com as circumſtancias mais occultas, pela meſma Madre Sor Thereſa, que ignorando, que ſe ſabia o ſogeito, contou o caſo, em prova do que o Ceo eſtimava ſemelhante ſacrificio.

Trez annos antes de ſua morte, teve huma doença, que lhe durou com a vida. Eſcuſou-a eſte martyrio continuado, de ter mais officio; e vendoſe livre, entregouſe toda ás importancias de ſua alma, e diſpoſiçoens para a ultima hora, entendendo, que naõ podia haver couſa mais proxima, que a que a todo o inſtante devia ſer eſperada. Naõ lhe permittiaõ, que foſſe a Matinas, diſpenſaçaõ, de que ſe vingava, aſſiſtindo no Coro quaſi todo o dia, e grande parte da noite; aſſiſtencia, de que ſó a tirava a caridade com as doentes, que a levava á Enfermaria.

Com eſte eſtilo de vida paſſou os trez annos, cahindo ao cabo delles de huma febre, a que logo chamou ultima, dizendo, que já ſe naõ levantaria da cama, mais que para a ſepultura; e que a jornada naõ tardaria muito, porque aquelle era o ultimo aviſo. Aſſim pedio os Sacramentos, quando lhe pareceraõ neceſſarios, recebendo-os com vivas demonſtraçoens de fé, e eſperança na Divina miſericordia, gaſtando o mais tempo, que lhe durou a vida, em piedoſos colloquios com as Imagens de hum Crucifixo, e da Senhora do Roſario. Admiravaõſe as Religioſas de a verem com tanto ſocego, e paz de conſciencia, ſendo que fora perſeguida de eſcrupulos toda ſua vida. Chegava o ultimo eſpirito della; confeſſou, que hum Crucifixo, que trouxera, e tinha ao peſcoço, era de ſeu irmaõ o Padre

dre Fr. Joaõ da Cruz, que para o ter naquella hora comsigo, lho tinha emprestado. Assim se abraçou com elle, entregandolhe sua alma naquelle thalamo, em que estendeo à maõ para a receber esposa.

Foy seu falecimento em huma quinta feira, (dia todo de seu gosto, por consagrado ao Sacramento, e dia, em que entrara nesta Casa a acompanhallo, e servillo) 10 de Fevereiro de 1661. Mas naõ mereceo só o reparo a circumstancia do dia; tambem podia haver algum na hora, porque faleceo pelas quatro da madrugada. Tinha-se observado, que recolhendo-se a Madre Sor Theresa de Matinas, ou gastasse o mais tempo em oraçaõ, fugindo os olhos, que a podiaõ testemunhar no Coro, ou no tempo, que naõ hia a elle, despertando ás quatro horas, infallivelmente a ellas sahia da cella, e hia espivitar a alampada, que no Coro arde diante do Santissimo; e dahi até Prima gastava orando. Viaõ agora, que á mesma hora falecera; e queriaõ entender o que aquelle pequeno serviço obrigava a quem se fazia, pois na hora delle a chamava á eterna felicidade.

Naõ deu menos mostras de a merecer Soror Marianna de S. Joseph, em que a brevidade da vida nos roubou mayor assumpto para larga escritura; mas se em poucos annos couberaõ muitos merecimentos, em poucas regras podem caber grandes noticias. No seculo se chamou Dona Marianna de Almeida, por filha de D. Joaõ de Almeida; sua mãy Dona Violante Henriques. Os appellidos testemunhaõ bem sua nobreza; de doze annos entrou nesta Casa em dia da Purificaçaõ de nossa Senhora; chamouse Soror Marianna de S. Joseph; e entrando nesta idade, se lhe dilatou a profissaõ até os dezanove annos; naõ porque em alguma cousa desmerecesse, porque era sua vida hum exemplo de innocencia, humilde, obediente, sofrida, e retirada, virtudes, que lhe grangearaõ tanta opiniaõ, que unidas a huma rara compostura, de que era dotada, obrigava a ella, donde quer que fazia assistencia.

Na do Coro edificava a quem lhe punha os olhos, encontrando nella huma mortificada estatua da modestia; assim recolhia ao interior todos os sentidos, que nunca vio, nem attendeo, fóra do Officio Divino, a cousa, que se fizesse no Coro; os olhos, ou no chaõ, ou no livro. Voltados á Igreja, só ao rezar ás Imagens, ou ao assistir á Missa. Era grande sua singeleza, mas de espirito, e naõ por defeito de entendimento claro, porque nas cousas de Deos era taõ destra, que naõ necessitou de Mestra, para compor sua vida. O principal emprego de sua devoçaõ era o Santissimo Sacramento, a Paixaõ de Christo, a Senhora do Rosario, a quem depois deste rezava o Officio pequeno, e outras devoçoens quotidianas, de que se teve noticia, porque se acharaõ em hum quaderninho apontadas da sua letra. A nosso Patriarcha com affecto, e veneraçaõ de verdadeira filha, rezava todos os dias o seu Officio menor, sendo todo o seu disvelo o ornato das suas Imagens, occupaçaõ para ella de grande alegria, como o fa-

fazer o mesmo obsequio a S. Joseph, seu grande Tutelar, e escolhido Padroeiro.

Tomara de memoria hum quaderno, que lhe veyo á maõ, em que estavaõ escritos os tormentos da Paixaõ de Christo, repartidos pelas horas do dia, e da noite. Assim naõ dava hora, em que naõ repetisse com hum vivo affecto da alma: *Bemdita, e louvada seja a hora, em que meu Senhor Jesu Christo padeceo tal tormento*; e dizia o que pertencia áquella hora. Isto fazia, por mais que se achasse com companhia, ou com occupaçaõ, que a tivesse applicada. Póde daqui crerse, que andava Sor Marianna em huma meditaçaõ continua do que repetia taõ continuada; e inferirem-se os effeitos, que causaria em sua alma aquelle doloroso espectaculo, de que naõ divertia as attençoens da memoria.

Daqui sem duvida lhe nascia hum desprezo, com que se desejava tratada, sem reparo de estimaçaõ, ou menos preço, que se fizesse della; final de huma alienaçaõ de todas as humanas pensoens da natureza, e de huma vida já espiritualizada. Assim naõ houve successo, ou semrazaõ, que alterasse a paz de seu espirito. Baste para prova este caso. Deixou huma Noviça cahir hum candieiro no Oratorio; achava-se nelle a este tempo Sor Marianna; sahio a culpada a fazer diligencia para tirar a nodoa, e entrou logo a Religiosa, que tinha a cargo o aceyo daquella Casa. Molestada do que via, e achando a Sor Maria, a reprehendeo com demasiada, e repetida aspereza, entendendo, que era a culpa sua. Escutou ella o que se lhe imputava, e o como se lhe reprehendia; e pondo os olhos no chaõ, disse com brandura: *Seja pelo amor de Deos.* Entrava nisto a Noviça culpada, e confessando, e affirmando, que ella só o fora, ficou confusa a Religiosa do que ouvira, como arrependida do que excedera, e com a mesma admiraçaõ o contava.

No tempo, que foy Pupilla, se lhe dilatou o noviciado cinco annos; já Noviça, se lhe dilatou a profissaõ trez mezes; e naõ sendo sua culpa, e muy clara a semrazaõ de quem a tinha, nunca se lhe ouvio queixa. Taõ confórme estava com o que Deos dispunha, ou permittia! Professou em dia da Trasladaçaõ de nosso Patriarcha S. Domingos, e cumpriolhe o Ceo o desejo, que tinha de que fosse em Festa sua. Antes dellas, como das de nossa Senhora, fazia novenas de jejuns, disciplinas, e outras penitencias. Depois de professa, indo confessarse, lhe deu o Confessor o parabem, e perguntandolhe: *Se sabia, que cousa era ser professa*, respondeo com muita singeleza (mas naõ dissera melhor a mayor sabedoria) *Que era ser Esposa de nosso Senhor*, quem assim o entendia, naõ faria para o desmerecer no que obrava.

Trez mezes tinha só de professa, quando lhe deu huma inflammaçaõ na cabeça, causada de huma postema, que se lhe gerou em huma parte della, com taõ agudas dores, que descendolhe ao pescoço, hombros, e costas, naõ fazia movimento, que naõ fosse martyrio. Nem a repetidas sangrias, nem a medicinas mais custosas obedecia

o mal.

o mal. Já naõ havia remedio, mas ao desengano, era nella igual o sofrimento, offerecendo tudo á Paixaõ de Christo, e accommodando as dores ás partes, em que o Senhor as padecera em seu Sacrosanto corpo. As da cabeça ás chagas dos espinhos, as dos hombros ás do pezo da Cruz, as das costas aos açoutes, e assim as mais; acompanhava estes sacrificios com huma tal conformidade, e constancia, que levantando os olhos ao Ceo, rompia em fervorosos actos de amor, dizendo muitas vezes: *Senhor, e que tormentos saõ estes, para igualar meus peccados? Se sois servido de me dar outros mais crueis, que me atormentem até o dia do Juizo, que mayor gloria, que padecer por gosto vosso? Dobray embora as penas, mas dobray o sofrimento; que tudo, o que dispuzeres, será sempre para mim de mayor lucro.* Pasmavaõ as Religiosas, porque sempre tiveraõ a sua singeleza por menos judiciosa.

Deraõlhe o aviso de que os Medicos lhe mandavaõ dar o Viatico: e foy tal o seu alvoroço, como de quem sabia, para donde seria a jornada. Assim parece, que podia dizer com o Profeta Psalmista: *Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi; in domum Domini ibimus: Senhor, grande he a minha alegria, porque me disseraõ, que estava em vesperas de ir á vossa Casa*; e assim deu a entender, que o esperava com segurança, porque tendo pedido, que lhe chamassem o Confessor, e vendo, que tardava, disse: *Como tarda este nosso Padre! Se elle houvera de caminhar para onde eu vou, elle se apressara mais.* Chegado o Confessor, e perguntandolhe o que queria, respondeo: *Quero ir para o Ceo.* Singeleza santa! mas resoluçaõ de quem na vida naõ fizera diligencias por outra cousa.

Recebido o Viatico, começou a esperar a morte, naõ só constante, mas contente. Poucas horas antes que ella chegasse, lhe deraõ huns gomos de limaõ doce, para poder mover a lingua seca ao rigor da febre. Levou o primeiro, e o segundo, mas chegando ao terceiro, e achando-o amargoso, e que lhe renovava as dores da boca, que tinha em huma viva chaga, disse: *Que naõ carecia de mysterio.* E accrescentou logo: *Eu só ao fel, que gostou visinho á morte meu Senhor Jesu Christo, naõ tinha offerecido tormento. Agora foy este o meu fel. Naõ comerey mais limaõ: tudo está consummado.* Pedio logo a Unçaõ, e attendendo a ella, e ao Officio da agonia com piedosas demonstraçoens, inteiro juizo, e admiravel socego, entregou o espirito nas mãos de de seu Esposo, a quem imitara espirando, como vivera com elle padecendo.

Faleceo em huma terça feira, em 27 de Setembro de 1663. que era hum dos dias, em que pedia a Deos a sua ultima hora. Alguns sinaes precederaõ a ella, porque naõ estando ainda dada a sentença pelos Medicos, de que Soror Marianna morria, indo sua irmãa Sor Magdalena das Chagas huma noite, e já tarde, recolhendose para a cella, e com os olhos em huma alampada, que dava huma luz clarissima, vio, que de repente se apagava, e no mesmo instante assaltada de hum grande pavor, lhe

lhe veyo ao ſentido, que morria ſua irmãa Sor Maria. Outro ſinal houve, e eſte ſó a ella parece, que foy manifeſto, porque dous dias antes que eſpiraſſe, ſentio hum ſuaviſſimo cheiro, que lhe cercava a cama. Perguntou ás Religioſas: *Que perfume era aquelle taõ ſuave*; e reſpondendo todas, que nem alli, nem mais diſtante havia perfume, ſe callou, como alcançada do que diſſera. Parece, que já ſe aviſinhavaõ a ſeu eſpirito as fragrancias, de que ſe hia aviſinhando ás amenidades eternas.

CAPITULO XXXVIII.

Das Madres Soror Joanna do Roſario, e Soror Catharina de Jeſu Maria.

BEmafortunadas Familias, que com taõ conhecidos avanços ſouberaõ commerciar com eſta Caſa, dando-lhe filhas, que ella lhe melhorou Santas; mas naõ tem menos lucro taõ bem aſſentado commercio. Delle lançaraõ maõ D. Joaõ de Almeida, e Dona Violante Henriques, (de que já fallamos) mas merecidas memorias dos repetidos aſſumptos, que nos deraõ para eſtas. Hum, e outro appellido aſſaz celebre, como illuſtre neſte Reyno, levando comſigo as Caſas de Portugaes, Vilhenas, Menezes, e Noronhas, de que os Nobiliarios Portuguezes eſtaõ cheyos, e authorizados; mas muito mais ſua Caſa, por fecunda, naõ ſó de filhos, mas de filhas, que foraõ quatro, e vieraõ povoar eſta do Sacramento. Foy huma dellas a Madre Sor Joanna do Roſario, que de ſeis annos ſe ſepultou neſtes Clauſtros, deixando a ſeus pays taõ ſaudoſos, como ſatisfeitas as Religioſas, porque depois das prendas da natureza, de fermoſura, e graça, ſobreſahia nella a boa inclinaçaõ, e indole para o caminho da virtude, acertos, que ainda lhe naõ podia aconſelhar a idade; mas por iſſo mais eſtimados, como preſagios, que adiantava o Ceo a prometella toda ſua.

Era rara ſua modeſtia, com circumſtancias mais que dictadas da natureza, ſem haver nella acçaõ, que lhe podeſſe teſtemunhar a idade. Aſſim paſſou á de Pupilla, ſem a diſtinguir entre as Noviças mais que o nome, como depois Noviça, ſem ſe diſtinguir da mais reformada da Caſa. Já profeſſa, e fóra da de Noviças, era eſpelho, a que ſe compunhaõ todas. Aſſim ſuccedia, chegando ella, ir com grande reparo a pratica, em que ſe entertinhaõ algumas, porque em ouvindo palavra menos ſeſuda, (proferida talvez para deſpertarem a ſua boa graça, que em tudo tinha muita) dizia logo: *Que naõ deſaſeaſſem a caſinha*; eſte nome dava á conſciencia. Já de Pupilla adiantada aos exercicios da Caſa, (que baſtaõ a fazer a mais reformada Religioſa) tinha alguns particulares, que conſervou, e ainda augmentou em toda ſua vida, eſpecialmente na auſteridade dos jejuns, e na ſeveridade das diſciplinas.

Deſde a quinta feira até ao Domingo continuava na meditaçaõ do que o Senhor padecera, e obrara da Cea até a Reſurreiçaõ. Daqui lhe naſcia huma paciencia nunca vencida, ou alterada. Moſtrava-a melhor nas

do-

doenças, porque neceffitando de alguma coufa, vendofe preza na cama, ou a naõ pedia, ou a efperava da maõ de quem reparaffe mais nella. Pagava-fe o Ceo tanto defte facrificio, como o moftrou efte fucceffo. Eftava gravemente enferma, e defejava (como medicina) hum pucaro de agua, a tempo que eftavaõ as Religiofas na cafa da recreaçaõ; naõ fe refolvia a chamar nenhuma, fó defejava, que vieffe fua irmãa a Madre Sor Magdalena, e com efte defejo a chamava, como fallando comfigo, quando a vê entrar pela Enfermaria. Perguntoulhe: *Quem a chamava*, refpondeo: *Que o coraçaõ lhe eftava advertindo, que vieffe, e o fizera com tanta força, como fe alguem a chamara.* Foy coufa digna de reparo, porque em femelhantes occafioens lhe fuccedeo o mefmo.

No trabalho, e ferviço da Cafa era a Madre Sor Joanna a mais prompta; e como era grande fua capacidade, governo, e providencia, tudo na fua maõ luzia, e avultava. Fizeraõ-na Procuradeira; e affim fe viraõ affiftidas as Religiofas, que naõ fó fe naõ conhecia falta, mas muitas vezes abundancia. Reparava-o de mais perto a Irmãa Converfa, que era fua companheira, admirando-fe de ver, que em muitas occafioens tocava á mefa, faltando o neceffario, e depois fe experimentava de fobejo. Naõ podia fucceder menos a quem movendo as mãos para o trabalho, levantava o coraçaõ ao Ceo, porque era fua vida huma contemplaçaõ continuada. Verdadeira difcipula de feu Efpofo, applicava-fe ao trabalho, mas naõ fe defvelava na falta do fuftento. Tinha percebido a intelligencia do preceito Evangelico, naõ lhe faltou o premio de exercitallo.

Houve na Cafa falta total de azeite. (genero mais precifo em Communidade, onde faõ pafto principal as hervas, e o peixe) Naõ havia aonde recorrer, porque a neceffidade fempre curta achava mais barato fechar a boca para o fuftento, que abrilla para pedillo. Tinhaõfe efgotado as talhas, já as diligencias as achavaõ antes fecas, que vafias; eis-que hum dia tornando a Irmãa Converfa a bufcar nellas, antes defengano, que remedio, vê huma pequena, e cuberta; e chegando-fe a ella, a acha cheia. Sufpendefe, confidera, que em tantos dias, e tal aperto, naõ a podia ter deixado, ou a defattençaõ, ou o defcuido; dillo á Madre Sor Joanna, culpando-fe a fi mefma, que feria tontice fua; mas naõ tardou muito o defengano, obrigando-as a levantar mais o penfamento. Torna o feguinte dia á difpenfa, e lançando os olhos a huma talha grande, que por fuas mãos alimpara o dia antecedente, a vê igualmente cheia, como a outra. Entaõ naõ teve liberdade para fechar os olhos á evidencia, antes os abrio, chorando de confundida, e fegura do cuidado com que Deos tratava aquella Serva fua, lembrandolhe o mal, que duvidava no que cada dia lhe eftava fuccedendo na fua officina; tudo mimos, com que o Ceo affiftia, e honrava a Sor Joanna. Contou o fucceffo á Prelada, porque encontrando-a ao fahir chorofa, lhe perguntou a caufa; levantaraõ ambas as mãos

ao

ao Ceo, e correndo a noticia por todo o Moſteiro, foy a Communidade ao Coro, entoando o *Te Deum laudamus*, e dando a Deos as graças pela Providencia com que lhe aſſiſtia; naõ ſendo menos deſvelada a que occupava com Sor Joanna pela caridade, com que deſejava remediar aquella Caſa, que a com que acodio á Viuva de Sareptha, por ſoccorrer o ſeu Profeta, naõ lhe faltando o azeite na talha.

3. Reg. c. 17.

Naõ valiaõ diante de Deos menos as ſuas diligencias, nem eraõ eſcutadas, e deferidas com menos preſteza as ſuas ſupplicas. Vioſe em outra occaſiaõ. Acabava a Madre Soror Joanna hum veſtido rico de cor nacarado a hum Menino Jeſus, de quem era muito devota, e deſvelada no aceyo com que ſempre o trazia: eis-que pegando nelle, lhe acha huma grande nodoa. Foy igual a que ſe lhe poz no coraçaõ, pelo grande alvoroço com que eſtava, de pôr ao Menino de gala ao outro dia. Fez publica a magoa, viraõ todas a nodoa, recolheo ſe Sor Joanna, e queixando-ſe aquella noite ao Menino, por permittir em couſa ſua aquelle deſaceyo, mal rompeo a manhãa, acha o veſtido ſem nodoa, nem ſinal de que alli a houvera; como ainda hoje ſe vê, e entaõ o viraõ todas as Religioſas, que o preciſo da publicidade as fez em huma, e outra couſa teſtemunhas.

Faleceo huma irmãa ſua, (Sor Marianna de S. Joſeph, de que já fallamos) recolhia-ſe do enterro a Madre Sor Magdalena das Chagas, tambem irmãa de ambas; e perguntando-lhe huma Religioſa por Sor Joanna, que eſtava enferma, e como ſentira a morte da irmãa, reſpondeo a Madre Soror Magdalena com roſto enxuto: *Sim he para ſentir a morte de huma irmãa; mas Deos naõ nos deixa padecer.* Bem ſe vê, que venturoſa ſeria a morte de Soror Marianna, e participada ás irmãas a venturoſa noticia do lugar, a que paſſara ſua alma, porque aſſim ſe deſvelava o Ceo em conſolar a Sor Joanna. Mas aſſim o ſabia grangear a ſinceridade, e pureza de ſua vida, e a grande conformidade, com que ſe havia nos golpes della, ſem romper em outro deſafogo mais, que em o de louvar a Deos; lembrança, que ainda nos caſos de mais ſentimento a encontrava com a boca cheia de riſo.

Deu-lhe huma febre aguda, da que diſſe logo, que morria. Teria mayores certezas, que huma, que apontava, porque aos primeiros dias, que cahio na cama, voltando-ſe huma vez para a parede, vio nella huma grande ſombra; cauſou-lhe primeiro ſuſto, ſocegouſe logo, e diſſe com ſegurança, que morria. Naõ tardou muito a evidencia de que ſe naõ enganara, porque recorrendo-ſe ao remedio das ſangrias, e achando-a debilitada a repetiçaõ dellas, começou a viver por inſtantes. Pedio os Sacramentos, e recebendo-os com ſocego, e ſuavidade de eſpirito, o poz nas mãos de ſeu Eſpoſo, em hum dia de S. Jacintho, 16 de Agoſto, ás duas horas depois da meya noite, anno de 1665.

Muito ſemelhante á Madre Soror Joanna em qualidades de ſangue, e virtude (e naõ menos na criaçaõ neſta Caſa, onde tam-

tambem entrou de sete annos, e com duas irmãas) foy a Madre Sor Catharina de Jesus, neta do Conde do Basto, como filha de Duarte de Albuquerque, e de Dona Joanna de Castro, filha do Conde. Continuou a mesma semelhança nas sogeiçoens de Pupilla, começando já deste estado a avultar nos exercicios da oraçaõ, e penitencia, recusando o descanço da cama, especialmente nas vesperas de Communhaõ, e noites de sestas feiras, naõ permittindo ao corpo mais que o agasalho, que promettia huma taboa nua.

Com a profissaõ cresceraõ as obrigaçoens, com os annos o excesso nellas, chegando Soror Catharina em breve tempo ao grao de virtude, e opiniaõ de verdadeira filha desta Casa. Taes saõ as qualidades, com que se grangea este nome! Incançavel na continuaçaõ das Matinas, até ás quatro da madrugada se detinha no Coro, naõ a embaraçando para a regular assistencia delle, nem os officios, em que a punha sua muita capacidade. Assim dispunha, e media o tempo, que acodia a tudo; e nem o trabalho da Enfermaria lho occupava todo, só a assistencia de alguma doente de perigo. Aos jejuns da Constituiçaõ accrescentava muitos; eraõ continuados os de vesperas de Communhaõ, e Sabbados. O mesmo em Vigilias de alguns Santos, mas em todas as de nossa Senhora a paõ, e agua. Muitos dias se abstinha della; continuava-o mais pela Quaresma; e aggravando a mortificaçaõ, trazia azevre na boca. Usava asperos cilicios, tomava rigorosas disciplinas; e sobre tudo, antes parece que se esquecia, que se dilatava na oraçaõ. Tal era a ancia de naõ ter outra occupaçaõ na vida; ensinarlhehia a experiencia, que a naõ havia mais deliciosa. Taes eraõ os favores do Ceo, com que a frequentava.

Huma noite se lhe representou, que hum Religioso, seu Confessor, que assistia com o da Casa na Vigairaria, estava muy apertado com hum estupor, que áquella hora lhe dera, mas que naõ morreria. Rompeo-se a manhãa seguinte a noticia no Mosteiro, e que o Religioso, sem esperança de remedio, naõ admittia alivio. Soube-o a Madre Sor Catharina, e chamando o Confessor da Casa, lhe propoz o que lhe succedera, para que o doente estivesse com confiança. Pareceo dispoziçaõ do Ceo a felicidade desta noticia, sendo esta Madre muy recolhida em materias de sua consciencia. Seguio-se logo no doente perfeita melhora, e depois larga vida, e em Sor Catharina confirmada a opiniaõ, que já tinha na Casa.

Sendo Mestra de Noviças, e tendo huma gravemente enferma, vio em sonhos huma Religiosa, (amiga de ambas, que havia pouco falecera) e ouvio, que lhe dizia: *Levantate, e faze com que se dem os Sacramentos a essa menina, que certamente morre.* Acordou, e sem dar credito ao sonho, tornou a dormir, e logo a ouvir o mesmo, que primeiro. Tornou a acordar, e continuando no pouco reparo, dormio, e terceira vez ouvio o mesmo, e pelo mesmo estilo. Entaõ acordou com sobresalto, convencida já de que antes era

avi-

aviſo, que ſonho; vay-ſe á Prelada, pedindo, que ſe dê logo o Viatico á Noviça. Era alta noite, recuſava ella deſaſocegar a Caſa, e ſem reſoluçaõ de Medico, parecendo-lhe antes loucura, que cautela. Inſta cada vez mais reſoluta a Meſtra; naõ coſtumava ſem fundamento fallar com tanta confiança; conhecia-o aſſim a Prelada, chama-ſe a Communidade, entraõ os Religioſos, e dando-ſe á doente os Sacramentos, perde logo a falla, e em breves horas a vida.

Communga duas vezes na ſemana, (ſendo ſó huma da obrigaçaõ da Caſa) e acompanhava eſte acto com copioſas lagrimas; ſeria, que ſe lhe derretia o coraçaõ no peito com as viſinhanças do Sol, que recolhia na alma. Naõ havia occupaçaõ pertencente ao Coro, em que naõ foſſe deſtra, como continua. Na de Cantora ſe empregava com grande goſto, quando lhe deu hum forte eſtilicidio, de que naõ fez caſo, porque ſe naõ reſolvia a deixar o ſerviço do Moſteiro. A falta de remedios a foy pondo em eſtado de tiſica, e a de reſpiraçaõ em huma agonia continuada, em que ſe apurou ſua paciencia, e o conhecimento do pouco caſo, que fazia da vida. Rodeavaõ-lhe a cama duas irmãas, e algumas parentas; e vendo, que faziaõ huma devoçaõ pela ſua melhora, diſſe: *E que deſpropoſito fora tornar eu agora a deſejar a vida! Meu Senhor, ſeja antes pela minha alma.*

Foy-ſe-lhe aggravando o achaque, e chegou-a ás portas da morte. Sacramentaraõ-na, pedindo-o ella com inſtancia, e devoçaõ, repetindo com muita: *Louvado ſeja Deos, que naõ he ſó para os bons, e Santos, mas tambem ouve os máos, que eſtaõ tremendo do Inferno.* A eſpacios dizia as palavras do Pſalmiſta: *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in cælis. Levantey os olhos a vós, Senhor; a vós, que tendes o Ceo por Palacio.* Eſtava com eſte ſocego, quando alterando-ſe hum pouco, diſſe: *Parece que eſtou para entrar em hum termo*; e ſobrevindo-lhe hum accidente, repetio: *Santiſſimo Sacramento.* Foy a ultima palavra, que ſe lhe ouvio, porque brevemente paſſou a gozar a Bemaventurança, como a que acabava de repetir, que a pertendia, recorrendo ao penhor della. Aſſim ſe podia conjecturar, advertindo, que nem os horrores da morte poderaõ diſſimular as luzes, em que já vivia ſeu eſpirito, percebidas em huma compoſtura deſaſombrada, e riſonha, que lhe ficou no roſto. Faleceo em dia do Anjo da Guarda, 1 de Outubro de 1666.

CAPITULO XXXIX.

De Soror Maria Joſefa, e Franciſca do Roſario, Pupilla, ambas irmãas.

DUas irmãs com tantas igualdades (como promettia a harmonia do ſangue) na inclinaçaõ, e no genio, e tantas na virtude, como ſe a graça ſeguira os paſſos da natureza, deu a Caſa dos Condes de S. Lourenço a eſte Moſteiro, para o deixar enriquecido, como ſaudoſo; taes foraõ ſuas prendas, e taõ breves ſuas vidas! Foraõ ellas Sor Maria de S. Joſeph, que entrou

trou de nove annos, e Soror Francifca do Rofario, que entrou de fete. Eraõ as delicias dos Condes feus pays, Martim Affonfo de Mello, e Dona Magdalena da Sylva, que fem efcutarem os foluços a fuas faudades, fe defpojaraõ dos mayores alivios da vida, facrificando dous coraçoens em os altares da Claufura; victimas taõ agradaveis a Deos, como o moftrou a experiencia do pouco, que as permittio á terra. Mas digamos primeiro de Soror Maria.

De nove annos entrou nefta Cafa, defmentindo os no modo com que fe começou a portar nella, fem efperar, que as obrigaçoens de Noviça a puzeffem no caminho de fervir, e obedecer; affim era humilde, affim diligente! A todas excedia na modeftia, e compoftura; e cativava a todas com notavel meiguice, e boa graça, favorecida em tudo o que dizia, e obrava, de fuma efperteza, e fermofura. Chegou aos quinze annos; tomou o habito com tanto alvoroço, como fe naõ principiara o feu cativeiro: mas tal era o feu cativeiro; mas tal era o gofto com que viera bufcallo! Efte a fez voar no anno de approvaçaõ, naõ havendo emprego de mortificaçaõ, e trabalho, em que fe naõ adiantaffe a fua diligencia, e a fua obfervancia. Naõ ouvia aufteridades das que ufaraõ as primeiras Noviças da Cafa, que naõ exercitaffe com igual rigor, por mais que lho culpava a compleiçaõ delicada, e já reduzida a grande fraqueza. Para o exercicio da oraçaõ, e para os mais de penitencia, que fe ufaõ na Cafa, affim era defvelada, como a que vingava a fede, que nunca lhe deixaraõ fatisfazer em Pupilla, tanto na affiftencia das Matinas, (que por favor lhe deixavaõ naquelle tempo ir a algumas) como na frequencia das difciplinas, que a Meftra lhe tirava da maõ, efperando, que com o tempo criaffe forças para aquelle exercicio.

Mas já agora tinha mais juftiça para os actos de mortificada, ainda que efcondia os que excediaõ a fua debilidade, como era hum afpero cilicio de ferro, com que rigorofamente fe cingia, em podendo livrarfe dos reparos da Meftra. Já em Pupilla ufava efta penitencia, e a mefma cautela. Profeffou, que foy o dia mais alegre, como fufpirado de fua alma, como quem naõ ignorava o Efpofo, que confeguia, difpondofe affim para o defpoforio, como quem conhecia o ornato, de que fe agradava feu Efpofo. Mas naõ permittio elle, que ella o fufpiraffe muito na terra, porque dentro de dous mezes a chamou para o lugar de efpofa. Precedeo huma febre, que exafperada com os remedios, defenganou a todos; mas era tal fua paciencia, que (recorrendo-fe aos mais rigorofos, que nem affim davaõ efperanças de melhora) naõ fe via nella a menor repugnancia; antes com femblante alegre ao dizeremlhe, que os Medicos davaõ o ultimo defengano, refpondeo: *E porque? Eu naõ o conheço?* Sacramentaraõ-na, fendo nella tanta a devoçaõ, e inteireza, como nas Religiofas a laftima. Defpediofe de todas; e depois de demonftraçoens de huma alma pura, perdeo a fal-

la, e dalli a pouco a vida, passando a restaurar huma, e outra na companhia de seu Esposo; para a lograr eternamente, vivendo, e louvando-o. Faleceo em 17 de Julho de 1666.

Seguio os mesmos passos sua irmãa Soror Francisca do Rosario, entrando nesta Casa de sete annos, já taõ adiantados em modestia, e concerto de vida, como se se anticipara a desempenhalla perfeita, o conhecimento de a naõ ter dilatada. Consentia ainda a sua idade (porque naõ eraõ ainda completos os sete annos) o entrar nesta Casa a ver sua prima a Madre Sor Antonia da Magdalena, que levada do amor, que lhe tinha, quiz esta vez, que ficasse de todo nella, pois os Condes seus pays naõ tinhaõ outro intento, por mais que sentiaõ, que a roubassem a seu gosto. Valeose a natureza dos poucos annos; sentio a menina saudosa o mimo, que deixava em seus pays, e sua Casa. Mas já a razaõ madrugava a enxugar as lagrimas, culpadas da inclinaçaõ, que nascera com ella, de escolher aquella vida. Assim lhe deu principio com tanto fervor, que servia ás Religiosas juntamente de confusaõ, e de gosto.

Levava-a hum singular affecto á Virgem Senhora do Rosario. Mostrava-o na assistencia, que fazia em huma Capella sua, onde muitas vezes a viaõ occupada com flores, e perfumes, acompanhados de grossas lagrimas, como se envejoso o coraçaõ quizesse fazer numero entre aquellas victimas. Acompanhava esta devoçaõ com a de jejuar os Sabbados. Outros dias mais, que para ella tinhaõ particularidade, usava a mesma abstinencia, occultando-a com industria, porque o debil de suas forças culpava o exercitallas. Levava a huma Irmãa Conversa, que assistia na cosinha, o que lhe davaõ, e guardava da cea; e advertindo-lhe esta huma vez, que guardasse os jejuns para quando fosse Noviça, respondeo: *E sabeis vós, se chegarey eu lá?* Parece que podia ajuizarse, que alcançava a brevidade de sua vida. Assim parece que a conhecia no muito que aproveitava.

Começou hum anno a jejuar a paõ, e agua os nove dias antes do Natal, consagrados á Expectaçaõ da Senhora; passados alguns, divisava-selhe já no rosto a fraqueza; deu parte á Mestra huma Noviça, que o sabia; e naquelle martyrio lhe embaraçavaõ o mayor gosto. A paõ, e agua jejuou as Vesperas de nosso Padre esses poucos annos, que viveo, naõ sendo a menos custosa circumstancia desta penitencia o occultalla. Tomava disciplinas, e usava cilicios com a mesma cautela. Recolhida na cella, tinha larga oraçaõ, naõ se contentando com a que em Communidade tinha no Coro. Nella, como nas occasioens de Communhaõ, eraõ taõ copiosas suas lagrimas, que na toalha se lhe representavaõ as nodoas.

Tinha todos os dias com a Senhora huma particular devoçaõ, vestindo-a, e ornando-a com oraçoens taõ devotas, como bem accommodadas. O Rosario era o vestido; o Officio menor da Senhora o manto; o seu nome (que se reza na Ordem com Psalmos, e Antifonas, pelas letras) o toucado; a coroa,

a que

a que se reza á mesma Rainha; o calçado nove Padre Nossos, e nove Ave Marias. De noite continuava as Matinas, que lhe permittiaõ, que naõ eraõ poucas; tal industria tinha para o conseguir das Preladas! Humilde, sofrida, e callada; naõ havia acçaõ religiosa, que naõ anticipasse em Pupilla. Suspirava com continua ancia por acabar a vida. Raros desejos naquelles annos! Consultou o Confessor com escrupulo, se seria culpavel este desejo. Aconselhoulhe elle, que o mais seguro era resignarse, porque ainda que fossem suspiros por ver a Deos, devia huma alma porse em suas mãos, porque só no seu decreto era infallivel o acerto.

Neste estilo de vida contava sete annos e meyo desta Casa, e quatorze e meyo de idade, quando lhe deraõ humas bexigas, que resolvendo-selhe, a reduziraõ a ancias mortaes, e faltas de respiraçaõ, que naõ podia dar hum suspiro; tormento, em que sofreo muito. Mandaraõ os Medicos, que se lhe dessem os Sacramentos. Magoadas as Religiosas, naõ havia huma, que se resolvesse a darlhe esta noticia, temendo, que o sobresalto lhe aggravasse a doença; mas a Madre Soror Antonia da Magdalena, como parenta, e inteirada do espirito da Pupilla, lhe propoz o desengano, accrescentando razoens para a conformidade do que Deos dispuzesse. A que respondeo Soror Francisca sem perturbaçaõ: *Agora vejo o que devo de amor a Vossa Reverencia, pois assim trata da minha alma: se esta he a vontade de Deos, quanto mais cedo, tanto melhor.*

Deraõlhe os Sacramentos, que receheo com inteira advertencia, e devoçaõ, que compungia as Religiosas, e juntamente as admirava, vendo aquella idade taõ destemida, e taõ conforme. Ameaçou-a huma modorra grande; e voltando ás Religiosas, pedio, que tivessem cuidado de a acordar; que naõ queria, que a morte a achasse dormindo. Era vigilante, era sabia esposa; e naõ ignorava, que aquella era a hora de chegar o Esposo, e contingente sobir ao thalamo a que o naõ esperasse com disvelo. Poz os olhos em hum Christo crucificado; e perguntando-lhe huma Religiosa o que via? Respondeo: *Vejome á mim mesma*; e continuando algumas palavras, cheias de confiança, e espirito, espirou, passando-o áquelles braços, que via abertos, para a receberem nos eternos descanços, em 20. de Abril de 1688. dia de Santa Ignez de Monte Policiano, festivo para a Ordem, como ditoso para Soror Francisca. Affirmaraõ Religiosas, dignas de credito, ouvirem neste dia continuada, e repetida musica, percebida a suavidade della, mas ignorado donde nascia.

CAPITULO XL.

Das Madres Sor Leonor do Euangelista, Sor Ignez do Presepio; e da Irmãa Conversa Sor Domingas de S. Jacintho.

ENtrou nesta Casa a Madre Sor Leonor do Euangelista, promettendo o que logo começou a desempenhar a experiencia; porque sendo muito nobre por nascimento, abraçou a hu-

mildade religioſa com tanto eſpirito, que a diligencia ſua naõ houve officio, ou occupaçaõ abatida na Caſa, em que naõ empregaſſe toda ſua vida. Aſſim a tinhaõ ſempre por companheira as Irmãas Converſas nas ſuas officinas. No eſſencial de Religioſa, e obſervancia nos exercicios da Caſa, era inculpavel. Nem os muitos achaques a faziaõ frouxa. Era de condiçaõ inteira, e fogoſa; e o dominalla, foy o continuo martyrio de ſua vida. Ella lhe fazia accreſcentar os jejuns, dobrar mais a miudo a diſciplina, e apertar o cilicio com mais aſpereza.

Devotiſſima da Senhora do Roſario, ſem duvida lhe mereceria o anticipado aviſo, com que começou a eſperar a morte, de huma doença, que a naõ promettia. Seguioſe ao conhecimento a conformidade, e huma paz grande em ſeu eſpirito, acompanhada de brandura, em que ſe lhe trocou a aſpereza do genio. Recebidos os Sacramentos, advertio ao Confeſſor, que o demonio a havia de inquietar na ultima hora, e que tiveſſe cuidado de a abſolver, ſe a viſſe inquieta. Succedeo aſſim; porque perdendo logo a falla, e continuando o Officio da agonia, ſe inquietou muito, fazendo final ao Confeſſor. Abſolvida, cerrou placidamente os olhos, como em hum ſuave ſono, paſſando a abrillos em o eterno dia, que amanheceo á ſua alma, em hum Sabbado, 2 de Julho de 1668, naõ deixando de merecer reparo a concurrencia feſtiva, que houve eſſe dia na Caſa, por ſer em hum Sabbado da Dominga infra oɛtava do Sacramento, com que foy o corpo para o Coro, quando na Igreja ſe eſcutavaõ os inſtrumentos de trombetas, e charamellas. Ao Domingo ſe deu á terra, eſtando tudo ornado de branco, como pedia o Oitavario. Seguioſe motivo de mayor reparo, (e de ſentimento para as Religioſas, que ſempre tiveraõ os ſeus Clauſtros por ſepultura dos grandes effeitos de ſua obſervancia) porque ſoou logo na Corte huma voz, que falecera no Moſteiro do Sacramento huma Religioſa ſanta, a quem noſſa Senhora revelara o dia de ſua morte, ſem ſe averiguar donde eſte rumor ſe originaſſe.

Nem no naſcimento, nem na virtude inferior abraçou a meſma vida, e buſcou eſta Caſa a Madre Sor Ignez do Preſepio. Foraõ ſeus pays Ruy de Mendonça de Vaſconcellos, e Dona Jeronyma de Moura, naturaes de Lisboa. Naſceo com ella a inclinaçaõ aos Clauſtros da obſervancia, porque chegando a uſo de razaõ, naõ havia nenhuma, que a deſperſuadiſſe de buſcalla. Já contava os annos de o pôr em execuçaõ; venceo os pays com a ſupplica, e com a inſtancia; e tomou o habito com tantos alvoroços, como tinhaõ ſido os deſejos, e começaraõ a ſer as promptidoens nas obrigaçoens delle. Aſſim foy hum vivo exemplar das Conſtituiçoens, e exercicios deſta Caſa, contandoſe entre as primeiras Noviças della, porque viviaõ ainda as Religioſas na primeira.

Obediente exercitou todos os officios, obſervante, o de Prioreza, e em todos como perfeita Religioſa. Nos jejuns, diſciplinas, e mais penitencias, o que

mais

mais se sabia, era pelos effeitos; assim era acautelada. Na oraçaõ continua;assim era recolhida.Dispensaraõ-na os annos muitos, e achaquosos, de seguir a Communidade nas Matinas; mas assim madrugava para a vigia do Sacramento, que ainda as Religiosas estavaõ na oraçaõ dellas, quando vinha para o Coro, onde as mais das vezes contava as trez horas, gastando em oraçaõ até Prima, dalli a despertar as Religiosas para ella. Seis, ou sète annos antes de sua morte a affligio huma doença, em que padeceo muito; mas entendendo com invencivel fé, que no meyo daquella affliçaõ lhe estava Deos assistindo, como pelo seu Profeta promettera ao attribulado: *Cum ipso sum in tribulatione*: *Eu vivo junto do affligido.* Assim dizia com paciencia, e confiança: *Senhor, folgo, que estais aqui, e vedes o que padeço, porque, se assim naõ fora, quem me daria tanta paciencia?* E algumas vezes continuava, (voltando-se a quem lhe assistia) segurando, que desejava acabar a vida, e padecer o golpe da morte, pois o mesmo Deos morrera por nós á força de dores, e aos olhos de sua affligida Máy.

Teve a occupaçaõ da Sacristia muitos annos, com igual aceyo, que disvelo, em que a naõ deixava para o conhecimento do Senhor, a quem servia, e a experiencia dos excessos, e pontualidades, com que pagava, mostrando muitas vezes na sua Providencia o que se agradava daquella officina. Eraõ-lhe precisos dez mil reis para obra, que o naõ era menos, e estava a seu cargo; andava com a affliçaõ de naõ ter a quem recorresse; eis-que hum dia, abrindo hum almario, acha nelle pontualmente o dinheiro. Poem os joelhos em terra, levanta ao Ceo os olhos, cheyos de lagrimas, repete entre devoçaõ, e alegria o *Te Deum laudamus*; e porque presenciara o caso outra Religiosa, que a ajudava, lhe disse: *Graças sejaõ dadas a Deos, que naõ he esta a primeira vez.* E sem duvida lhe succederia muitas, porque reparando huma Religiosa em hum quadro de nosso Padre, que estava na Sacristia, e notando-o de mal affigurado, respondeo Sor Ignez com singeleza, e graça: *Sim; mas dá dinheiro.*

Com outros favores a tinha o Ceo mimosa, porque em muitas cousas futuras fallou com segurança, e mostrou-as depois a experiencia. Eraõ isto luzes participadas a seu espirito do commercio continuo, que tinha com o Ceo por meyo da oraçaõ. Detinha-se huma noite nella em o Coro, a tempo que huma Religiosa (chegando a huma varanda) vio arder huma fermosa lavareda sobre o telhado delle. Foy examinallo, e na parte, a que correspondia o fogo, achou a Madre Sor Ignez orando; assim se naõ estreitava o de sua caridade na esféra do peito, sobia rompendo embaraços a buscar o centro, de que cahira faisca para se levantar lavareda. Taõ viva era a da caridade, com que amava a Deos, e abraçava seus preceitos, que até em padecer as penas eternas estava conforme, dispondo-o assim sua Divina vontade. Praticou-o algumas vezes resoluta com pessoa de espirito, a quem devemos esta, como as mais noticias

de

de fua vida. Foy ella taõ inculpavel, que muitas vezes lhe ouviraõ dizer: *Que nunca á noite fe recolhera, entendendo, que chegaffe ao outro dia; nem fe levantou nelle com efperança de que chegaffe á noite.* E memoria taõ bem occupada, como o naõ aconfelharia a vida, fe a induftria de a confervar inculpavel, he o perder nunca de vifta os fins della, como he documento do mais verdadeiro Oraculo.

Memorare novif-fima tua.

Contava fetenta annos, quando a chamou Deos com huma rigorofa doença de terçans malignas. Como toda fua vida foy huma continua preparaçaõ para deixalla, tomaraõ os alvoroços o lugar dos aparelhos, e já Sacramentada, e amanhecido o dia, em que o Ceo difpoz fua jornada, chegando-fe a vêlla as Religiofas, ouviraõ, que fallava comfigo, e com voz clara fe pedia alviçaras de chegar já aquella hora. Voltoufe logo a ellas, e diffe: *Que nunca amanhecera com taõ grandes faudades de Deos, como aquelle dia.* Nelle, que foy em 20 de Julho de 1668. paffou taõ ditofamente a alivial-las, como fe lhe moftrara o Ceo, que fe acabava para fempre o tempo de padecellas.

Mas dem lugar eftas duas Madres a huma Religiofa Converfa, que feguindo-lhe as pizadas na vida, o merece tambem fazer na memoria, ainda que a que nos chegou ás mãos, he affaz efcaffa, como vinda por algumas, mais advertidas em efconder, que em apontar. Foy efta Religiofa filha de pays honrados, e virtuofos, prendas unicamente eftimaveis, e bem conhecidas em toda efta familia, mas com mayores augmentos a da virtude em Soror Domingas, divifada já em fua meninice, que bem doutrinada dos pays, e melhor illuftrada do Ceo, naõ tinha já mais emprego, que pizar o feu caminho. Contava onze annos, quando já fe achava muy adiantada nelle com os exercicios de contemplaçaõ continua na Paixaõ de Chrifto, a que offerecia muitos de mortificaçaõ, e penitencia, com grandes lucros de fua alma. Aos olhos della começou o Senhor a permittir a fuavidade de fua prefença, de que lhe nafcia hum tal refpeito, que nem no tempo, que precifamente havia de dar ao defcanço, oufava defcomporfe, nem ainda tirando a toalha depois de Religiofa; affim dormia veftida.

Bem fe infere qual feria a pureza de huma confciencia, que tinha fempre Deos á vifta, fem fe atrever a obrar acçaõ menos decente de fua attençaõ foberana. Com effa fraze nos dá noticia a Chronica Sagrada das vidas dos mimofos de Deos, dos Patriarcas, dos Profetas, dos Monarcas piedofos, e juftificados, dizendo: *Que viveraõ na fua prefença; que lhe aconfelhou, que andaffem fempre nella.* Venturofa alma na eftimaçaõ de Deos, donde reproduzio, e achou o feu agrado as finceras femelhanças daquelle primeiro feculo!

Ambulā coram m[e] Gene. 1[7] Ut ambulent coram me, ficu[t] tu ambu[la]fti. 3. Reg. cap. 8.

Amiudava as Communhoens, por confelho de feu Confeffor, peffoa douta, e que conhecia o como devia confervarfe a pureza de fua confciencia. Recolhida em fi mefma, antes parece, que ignorava, que fugia os commercios da vida. Com o eftilo defta chegou á idade de vinte e fete

fete annos, em que entrou nefte Mofteiro, tomando o habito de Converfa, e avultando tanto na pontualidade das obrigaçoens delle, como promettia a ancia, com que bufcara o caminho de fe adiantar mortificada. Era o feu preftimo igual ao feu cuidado: via-fe a Cafa bem fervida, e edificada; affim era diligente, affim obfervante. Naõ tardaraõ os achaques, precifos companheiros dos annos; mas nem o feu rigor a fez afrouxar no das Conftituiçoens, menos nos que inventava, nunca fatisfeita do que fe perfeguia.

O feu comer era quafi fempre hervas; o mayor mimo dous ovos; pareceo-lhe regalo, e abftevefe delles. Nem as occafioens de feftas, ou profiffoens, em que fe augmenta, e melhora o prato ás Religiofas, a obrigavaõ a difpenfar nefta aufteridade. Defpertava a Matinas, e ou antes, ou depois dellas, corria por fua conta a vigia do Santiffimo; favor, que procurado com inftancia, alcançara da Prelada. Commungava duas vezes na femana, que fempre a meditaçaõ, e penitencia a trazia difpofta. Com efta frequencia fe accendiaõ os defejos em fua alma, de chegar a lograr feu Efpofo na vifaõ eterna, e uniaõ mais intima, e fegura.

Seguiaõ-fe a eftes defejos defprezos da vida, e a repetida confiffaõ de que nada lhe agradava nella mais, que a efperança de que chegaria a fua ultima hora. Precederaõ a ella doenças rigorofas; e contando já feffenta annos a ultima, e taõ cruel, que as dores lhe tiravaõ o juizo, e ficava como frenetica. Paffado o accidente, eraõ grandes as demonftraçoens de fua conformidade. Foy-a enfraquecendo o achaque, deraõlhe os Medicos a certeza de fua morte, e efcutou-a com tanto alvoroço, que voltando-fe ás Religiofas, e levantando as mãos ao Ceo, dizia com o rofto banhado em lagrimas: *Que nunca tivera nova, que lhe déffe tanta.* Recebeo os Sacramentos devota; e dizendo-lhe, que tinha o pulfo muito fraco, que já naõ poderia durar muito, refpondeo com focego: *Pois iffo affim he, panhamonos a morrer.* Defpediofe das Religiofas com alegre femblante, e entre outras coufas, que diffe, accrefcentou: *Que nefta miferavel vida lhe tinha Deos feito muitas mercês*; e dandolhe graças por ellas, como por lhe apreffar a hora, em que fe via, taõ alegre para ella, acabou com o nome de Jefus na boca, paffando a contemplar nelle a verdadeira, e eterna alegria, em dia de noffa Senhora da Apprefentaçaõ, 21 de Novembro de 1668.

CAPITULO XLI.

Da Madre Soror Magdalena das Chagas.

VEnturofo nome, e appellido, que duas vezes fe lê nas memorias defta Cafa em duas filhas della, no nome parecidas, no fangue parentas, nos Clauftros reformadas, e ambas digno affumpto do noffo trabalho, e grande credito defte Mofteiro, renovando agora nelle a lembrança da Madre Soror Magdalena das Chagas, de que já efcrevemos, vifavó defta, de que efcrevemos agora.

Cha-

Chamouse esta Madre no seculo (até nisso semelhança da parenta) Dona Magdalena de Vilhena. Entrou a ser Pupilla nesta Casa de oito para nove annos de idade, em que se faziaõ mayor lugar as prendas, que lhe deu a natureza, e já madrugavaõ, fazendo-a privilegio della. Com excellente voz acompanhava as Religiosas no Coro, admirava-as com repostas de vivo, e prompto entendimento, e edificava-as com a composiçaõ, e modestia de seu trato. Assim como se adiantava á idade, o fazia tambem á obrigaçaõ, porque ainda nas liberdades de Pupilla se viaõ nella as observancias de Noviça voluntaria; e gostava tanto o Ceo de a ver já a braços com o trabalho, que lho apressou em huma rigorosa doença, como apalavrando-a para os muitos, que a esperavaõ na vida.

Dilatouselhe o noviciado alguns annos, sacrificio, em que luzio mais o seu soffrimento; taõ vivas eraõ as ancias de se ver naquelle estado! Mas nem toda aquella sede embaraçada, a escutou queixosa, nem todos aquelles embaraços a acharaõ menos resoluta. Chegou finalmente o dia de tomar o véo de Noviça, que foy em huma quinta feira, oitavo dia da Ascensaõ, 17 de Mayo de 1657, e testemunhou a Madre Soror Filippa da Encarnaçaõ, (entaõ Prioreza, que fazia a funçaõ) que assim lhe vira transformado o semblante, e banhado, naõ só em huma desusada alegria, mas em huma luz taõ peregrina, e soberana, que entendendo-a mysteriosa, naõ acabava de entender como era. Testemunhou-o assim a mesma Prelada ao Vigario o Padre Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

Já Noviça, edificava em tudo o que fazia humilde, obediente, prompta, e desvelada, mas ainda mais com sua modestia, e compostura; tanto, que chegou a affirmar huma Religiosa antiga, e de grande opiniaõ na Casa, que naõ punha nunca os olhos em Soror Magdalena, que os naõ voltasse a pôr em si, confundindo se, como se se reprehendera; e rompendo em lagrimas de compungida. Mas que menos commoçaõ faria nos olhos pios o retrato da penitencia! Naõ trabalhou este só com com as cores do sangue (que corria copioso de largas, e rigorosas disciplinas) passou ao excesso de o querer ver em si mesma aberto de estampa. Alcançou com segredo, e industria hum ferro, e feito em braza, o poz sobre o peito esquerdo, abrindo nelle huma chaga, como se obedecera ao Esposo, que alli se desejava estampado, pedindo-lhe, que com hum sinete o imprimisse no braço, e no peito. Bem parece que o escutou, e lhe deferio Soror Magdalena; porque se o Esposo he fogo, foy sinete o ferro, e deste sinete em braza lhe ficou no peito essa estampa. Assim lhe deu a estampa o nome de esposa, que suspirava, e se lhe confirmou na chaga o sobrenome, que tinha. Mas porque se naõ gabassem o fogo, e o ferro, que só elles a assinalavaõ escrava de seu Esposo, com seu mesmo sangue fez huma firma, em que se segurava sua; de que ao diante daremos mais particular noticia.

Pone me ut signaculum super cor tuum. Cant. 8.

Era continua a sede de oraçaõ,

çaõ, para o que a adeftraraõ muito os livros de exercicios efpirituaes, formando (doutrinada delles) hum retiro em feu coraçaõ, onde fe efcondia; e abftrahida de tudo do Mundo, fó em Deos achava o feu centro; delicia, que primeiro comprara á cufta de muitas afflicçoens, mas feguiofe a ellas a paz de efpirito, com que depois lograva a affiftencia de feu Efpofo, em fe recolhendo áquellle retiro. Defcobrio-o affim a feu Confeffor. Chegou-fe o dia de fua profiffaõ. Moveraõ-fe alguns embaraços fobre ella, por peffoa mayor, que eftava no Locutorio com o Vigario, e Prelada; crefceo a difputa, e veyo a porfe em pratica, que a Noviça largaria o habito, e o Mofteiro, e ao menos a certeza de que naõ feria a profiffaõ naquelle dia. Laftimavaõfe as Religiofas, que amavaõ, e veneravaõ muito a Noviça; e bufcando-a para animalla, lhe deraõ (achando-a em oraçaõ no Coro) a noticia, e o confelho de naõ defcorfoar com ella. Nada fe fobrefaltou Sor Magdalena, antes refpondeo com focego, e fegurança: *Madres, naõ fe moleftem Voffas Reverencias; que eu heide profeffar hoje.*

Eftava affentado o contrario; pareceo a todas profecia do defejo. Mandoulhe a Meftra, que fe recolheffe para cafa de Noviças; e indo com ella fua irmãa, a Madre Sor Joanna do Rofario, (que inteirada do embaraço, chorava fem alivio) lhe pedio Sor Magdalena, que naõ fe affligiffe; que eftiveffe certa, que ella havia de profeffar aquelle dia. Naõ paffaraõ muitas horas, que compondofe impenfadamente a demanda, fe difpuzeraõ de forte as coufas, que naquella tarde profeffou, taõ fatisfeita agora, como até alli eftivèra fegura; e as Religiofas taõ confufas do que viaõ, como do que lhe naõ creraõ; entendendo, (e bem) que aquella fegurança naõ podia fer aconfelhada da terra.

Já nella naõ efperava Soror Magdalena mayor dita; e como fe até alli naõ fizera mais que fufpiralla, entendeo, que ainda devia merecella. Affim voava nos exercicios penitentes, alargando o coraçaõ, e a induftria a mayores rigores, e muito mais quando fe vio fóra de cafa de Noviças, onde naõ eraõ taõ immediatas as teftemunhas. Accrefcentou jejuns, accrefcentou retiro, e filencio; mas tudo parecia pouco, porque hia muito diante feu defejo, e naõ podia acompanhallo a debilidade do corpo, porém via, que já efte, e feu efpirito eftavaõ confagrados a feu Efpofo, e refolveo, que naõ baftavaõ para as obrigaçoens de profeffa os defempenhos de Noviça: viafe em mais fuperior eftado, defvelava-fe por merecello. Entendia, que o defpoforio pedia igualdades; e as que naõ podia confeguir por humana, intentava na fua esféra por compaffiva, naõ fe contentando com a chaga, que ainda lhe durava no peito, fendo cinco as de feu Efpofo.

Já tinha mais commodo para conduzir á cella os inftrumentos do feu martyrio; tomou hum ferro em braza, e abrindo mais a chaga antiga, a acompanhou com outras quatro em pequeno circulo, onde ajudando-fe humas ás outras as dores, paffavaõ a in-

intoleraveis. Começaraõ a ſangrarſe, como o promettia a violencia, que as abrira; e começou a ameaçar corrupçaõ a viſinhança, que hia de huma a outra. Naõ ſe reſolvia Sor Magdalena a fiar o ſegredo, via-o arriſcado, porque já era preciſo recorrer a algum remedio; buſcou o da oraçaõ, ſempre bem ſuccedida com elle, e agora melhor: porque eſtancando-ſe o o ſangue, ſem mais medicina, que alguns fios, que lhe applicava, pouco a pouco ſe lhe foraõ todas cerrando. Mas naõ permittio ſeu Eſpoſo, que ſepultaſſe o ſilencio extremo taõ heroico; e naõ fiou ſó do Confeſſor o teſtemunho delle, (que aſſim divulgou depois de ſua morte) mas com ſeus olhos vio os ſinaes das chagas Sor Anna Maria, Irmãa Converſa, na occaſiaõ de amortalhalla. Viaõ-ſe ſobre o peito eſquerdo, cercavaõ as quatro a mayor, tendo cada huma o tamanho, e circulo de hum toſtaõ.

Aſſim ſe ſinalou Sor Magdalena eſpoſa, ficando a meſma carne, (que nos eſpoſos he huma) tanto a meſma, que até o parecia no chagada; ou aſſim ficou verdadeiramente merecedora do ſeu nome, porque no peito lho eſcreveo o ſeu ſangue; imitaçaõ ſoberana de ſeu Eſpoſo, que chamandoſe JESUS, que val o meſmo que Salvador, ao meſmo tempo, que ſe lhe via correr o ſangue, ſe lhe eſcutava o nome. Grande argumento de que o merecia quem já o exercitava, como ponderou S. Bernardo: *Circumciditur Puer, & vocatur Jeſus ... Nec meus iſte Jeſus nomen vacuum, aut inane portat.* Naõ ſe me culpe a digreſſaõ, que eſtá convidando a muitas acçaõ taõ deſuſada, que prende a velocidade á penna, dando lugar ao preciſo reparo de ver eſta Madre fazendo numero com hum Francico penitente, hum Paulo transformado em Chriſto, e huma Catharina de Sena extatica, que ſendo todos vivas eſtampas de Chriſto chagado, parece que ainda ſe lhe adiantou Sor Magdalena, fiando ás reſoluçoens do ſeu meſmo braço as execuçoens daquelle martyrio.

Mas ſe Sor Magdalena era legitima eſpoſa nos ſinaes, naõ menos o começou a confirmar com as acçoens, naõ havendo nenhuma, em que naõ ſobreſahiſſe ſua rara humildade. Era Enfermeira com outra Religioſa; e lagandolhe tudo o que a occupaçaõ tinha de privilegio, e dominio, naõ lançava maõ, mais que ao que tocava ás irmãas Leigas em ſemelhantes officinas, querendo ſer a primeira ſó no diſvelo com as enfermas. Apreſſaraõ-na antes as penitencias, que os annos, a entrar no numero dellas, obrigando-a ſó a obediencia a admittir meſinhas, e reſpeitar moleſtias. Pozlhe a Prelada preceito, que naõ foſſe a Matinas; recolhiaſe na cella obediente, aonde em tocando a ellas, gaſtava orando, o que as Religioſas no Coro. Aſſim ſatisfazia ao preceito, e contentava o deſaſocego de ſeu eſpirito. Achava elle, que ainda era viver com liberdade o tella ſó na maõ da Prelada; quiz depoſitalla na do Confeſſor, e prometterlhe tambem obediencia. Eſcuſouſe elle repetidas vezes a eſta ſupplica, até que hum dia lhe diſſe Soror Magdalena: *Que*

ella

ella sabia, que aquella sogeiçaõ importava ao bem de sua alma; e consentindo o Padre, servio depois para muito, porque o seu preceito lhe tirou muitas vezes da maõ a disciplina, lhe fez aliviar o cilicio, e mais austeridades, com que de todo se hia attenuando.

Sobre esta rara obediencia crescia, e avultava cada vez mais o edificio da observancia, anticipando-se, ou sobrecrescendo nelle a da caridade. Esta a empregava toda no remedio das affligidas, supprindo as lagrimas onde naõ chegavaõ as diligencias. As doentes a achavaõ á sua cabeceira a toda a hora, que nem á do descanço preciso perdoava. A's decrepitas, e impossibilitadas, para se servirem das cellas para dentro, lhas varria, e aceava, obrigando-as com agrado, para que lhe permittissem repetir aquella diligencia. Achava-a mais desvelada a necessidade de mayor importancia, como eraõ as da alma; as dos inimigos, e apostatas da Fé, por quem applicava exercicios penitentes. Por hum, de que teve particular noticia, andou muitos tempos afflicta, e penitenciada. Aqui carregava a maõ nas disciplinas, sempre taõ rigorosas, que lhe era necessaria toda sua industria, para que a naõ descobrisse o sangue, quando as tomava.

Com huma cadea de ferro cheia de bicos cingia o pescoço, e levada pelas costas, lhe descia a fazer o mesmo ao peito. Outro cilicio, e huma Cruz de ferro com grandes bicos se lhe acharaõ por sua morte. Mas nada bastava a satisfazer aquella ancia penitente; nem o que já fizera, nem o que agora fazia, lhe parecia satisfaçaõ, para huma peccadora, qual se imaginava. Resolveose a fazer huma petiçaõ a Deos, arrezoando que, já que ella naõ sabia doerse de suas culpas, lhe permittisse dores, e doenças, em que podesse purgalla. Ouvio o Senhor o seu requerimento: porque os achaques, que dalli em diante se lhe ajuntaraõ, e as dores, e affliçoens, que a perseguiraõ, vinhaõ por taõ estranho caminho, e continuavaõ por tal modo, que se naõ duvidava da causa, que os dispunha; porque tendo Sor Magdalena muitas parentas na Casa, e sendo o mimo della, em todas as suas doenças se via hum certo desamparo, assim nas medicinas, como nas assistencias; que naõ deixando algumas Religiosas de fazer esse reparo, nem por isso se lhe poz remedio.

Ainda passou a mais aquella grande confusaõ, a que a reduziaõ suas culpas (por este estilo o segurava a seu Confessor, que conhecia a innocencia de sua alma) que reprehendendo-se a si do muito, que era ingrata a seu Esposo Divino, lhe disse: *Senhor, já que eu naõ faço penitencia, nem para apagar a minha culpa, nem para corresponder ao vosso amor, desde agora vos peço; que se eu merecer por vossa misericordia a ventura de escolhida, me dilateis o purgatorio, para me vingar de mim mesma.* Muitas vezes, e nunca sem lagrimas, repetio esta supplica.

Faleceo sua irmãa, a Madre Sor Joanna do Rosario, e tomando por pretexto este sentimento, fez hum total retiro de todo o commercio, que as Re-

ligiofas tem nas horas difpenfadas para alivio. Tiradas as funçoens da Communidade, e affiftencias do Coro, ninguem a via no Mofteiro. Era fua cella huma fepultura viva, porque era fua vida huma morte animada. Valia-lhe muito efte recolhimento, para continuar o exercicio da oraçaõ; e porque ainda lhe parecia pouco o tempo, que tinha livre no dia, fe valia do da noite, ou do da madrugada, advertindo a huma irmãa Converfa, de que fe fiava, que a chamaffe, porque (talvez de cançada) naõ adormeceffe, fendo que rara vez acodio a Converfa a efta diligencia, que a naõ achaffe, naõ fó acordada, mas proftrada em venia aos pés da cama. Madrugava affim Sor Magdalena para bufcar feu Efpofo: proprios difvelos de Magdalena, bufcallo de madrugada; e fuccederlhehia o mefmo venturofo encontro, que á primeira, porque naõ parecia inferior a fua ancia.

CAPITULO XLII.

Continua-fe a vida da Madre Sor Magdalena; da-fe noticia de fua morte.

MAis dilatados, e miudos apontamentos do procedimento defta Madre nos chegaraõ á maõ, mas naõ faltando ao effencial da noticia, difpenfaremos com a miudeza, antes embaraço, e faftio, que clareza da hiftoria. Levava docemente os cuidados a Sor Magdalena a Imagem do Menino, a que chamaõ na Cafa *o Senhor Siganinho*, de que já atraz fica tocado. Em quanto lhe offerecia oraçoens, e lhe dizia jaculatorias, applicava as mãos a ornallo de galas, e enriquecello de infignias, deixando-lhe huma vez huma maõ prendada com hum anel, confirmaçaõ de efpofa, e demonftraçaõ da ternura com que o bufcara, tratando-o por hum nome taõ fuave para ella, como facilmente fe lhe percebia, quando o repetia, ou o efcutava.

Meditava todas as femanas a Paixaõ do Senhor, defde a quinta feira até o Domingo; exercicio, que tambem tiveraõ fuas irmãas Soror Joanna do Rofario, e Soror Marianna de S. Jofeph, com igual lucro de fua alma ao de Soror Magdalena, que era tanto, que chegou a dizer muitas vezes a feu Confeffor: *Padre, naõ fey explicar os favores, e mercês, que Deos me faz quando me chego a elle na oraçaõ; porque fempre me parece, que eftá benigno, e agradavel, e que affim me efcuta, e alenta, por mais que o meu conhecimento me retira ao abyfmo do nada; mas fou eu tal, que devendo tanto a efte Senhor, e naõ havendo mayor delicia, que a que fufpiro na fua affiftencia, ainda affim o offendo a todas as horas.* Quiz dizer mais, mas emmudeceraõ-na os foluços, e as lagrimas.

O eftilo, com que fe entregava á contemplaçaõ, fica já apontado, onde differnos, que fabricara em feu coraçaõ huma cafinha, em que fe recolhia, affaftada de tudo da terra. Entrava nella com o penfamento, e antes de meditar o que convidava a fua devoçaõ naquelle dia, fe proftrava aos pés de Chrifto, beijando-lhe as chagas devota, e enternecida. O nome de Magda-

gdalena lhe ensinava o lugar dos osculos, e que alli deviaõ parar as ancias, e correr as lagrimas. Roubavaõ estas assim os olhos a seu Esposo Divino, que se lhe representava muitas vezes intellectualmente, que o mesmo Senhor, vendo-a cahida a seus pés, a levantava benigno, chegando-a estreitamente a seu Sacratissimo Lado. Entendia outras vezes, que a acompanhava, e lhe assistia huma pessoa, attendendo a todas as acçoens, que obrava. E perguntando-lhe o Confessor, se a via, respondeo: *Que naõ: mas que naõ duvidava de que fosse o mesmo Deos, ou Ministro seu; porque daquella companhia lhe resultava hum gozo interior, o mais excessivo, e huma lavareda de amor, que lhe naõ cabia no peito.* Isto explicava a seu Confessor com razoens taõ subidas, que bem mostravaõ, que naõ eraõ só suas. Em particulares semelhantes teve com elle muitas conferencias, que deixamos, como peregrinas ao nosso estilo de historiar ligeiro, e preciso.

Tinha esta Madre muito prestimo para o Coro, e Canto, que se usa na Casa. Continuamente era occupada nelle; mas nem o attender ás clausulas daquella devota harmonia, lhe embaraçava o applicarse á gostosa de seu espirito, que era a contemplaçaõ, de que se seguia o veremse nella ao mesmo tempo dous oppostos effeitos, a harmonia na boca, as lagrimas nos olhos. Pagavalhe o Senhor na doçura destas a suavidade daquella; e ella se pagava tanto de repetilla, que nem os achaques, nem as dores a tiravaõ de continualla; antes entendia, que era a sua musica medicina da sua molestia. Sem duvida he medicinal a musica, destruindo (ora com anthipatia, ora com indnstria) muitos contrarios da vida humana. Ve-se com experiencia nos mordidos das viboras, e das Tarantulas, como ensinou Theophraste; nos perseguidos de ciatica, e da gotta, como diz Aulo Gelio. E se havemos de crer o que syncera-mente nos deixou escrito a antiguidade, assim de dores, como de enfermidades curava Esmineas (destrissimo na frauta, e semelhantes instrumentos) sem mais industria que tocallos. Mas naõ se jacte destes prodigios a melodia humana, que melhor os sabe desempenhar a sagrada. Achava-se a Madre Soror Magdalena apertada de dores, entrada a Semana Santa; doeuse della seu Confessor, e pedindolhe, que se escusasse áquelle trabalho, que lhe seria nocivo, respondeo: *Padre Confessor, naõ se moleste; que eu vou cantar ao Coro, e hei de melhorar em cantando.* Foy, e succedeo como tinha dito.

Nesta, como em outras occasioens parece, que a illustrava superior conhecimento; e nem sempre era só em representaçoens, muitas vezes em finaes sensiveis. Pedia em huma occasiaõ á Senhora do Rosario (de quem era devotissima) soccorro para pessoa, que estava em aperto; e ouvio huma voz, que claramente lhe advertia, que fizesse certa devoçaõ, e conseguiria o que desejava. Succedeo assim nas petiçoens, que fazia a Deos, quando estava em oraçaõ, conhecia pela suavidade, ou desasocegó, com que a continuava,

va, o despacho da sua supplica qual seria. Pedia huma vez a vida de sua irmãa, Sor Joanna do Rosario, que estava enferma, e perigosa; e por mais que começava a supplica, naõ a concluia. Daqui entendeo, (e foy assim) que acabaria a irmãa daquella doença. Apagouselhe de improviso huma alampada, que ardia no Dormitorio, huma noite, que se recolhia, levando os olhos nella. Assustouse, entendendo logo, que sua irmãa Sor Marianna de S. Joseph duraria pouco; achavase esta entaõ enferma, mas sem risco. Compadecida daquelle inexplicavel rigor, com que saõ atormentadas as Almas no Purgatorio, applicava por ellas muitos exercicios devotos, e penitentes. Rezava huma noite por defunta conhecida os Psalmos Penitenciaes; era tarde, estava cançada, venceo-a o sono ao principiar o *Miserere*; mas acordou logo, porque sentindo, que lhe pegavaõ em hum hombro, ouvio, que lhe diziaõ: *Miserere.* Principiou o outra vez, e deixando-se adormecer, sem o acabar, lhe succedeo o mesmo, acordando, e ouvindo *Miserere.* Entaõ se poz em pé, e acabou de rezar.

Outra noite, recolhendose da oraçaõ do Coro para a cella, ao abrir a porta, a vê trocada em huma accendida fornalha de implacaveis lavaredas, que rodeavaõ hum vulto de pessoa, que conheceo logo, como cousa, que lhe tocava muito; e sahindo de entre as lavaredas huma voz sentida, e lastimosa, que lhe pedia soccorro diante de Deos com oraçoens, desappareceo a visaõ. Assim lhe dava a entender o Ceo, como eraõ valiosas, e bem ouvidas suas supplicas. Mas queria já o Senhor, que as repetisse fóra deste valle de miserias, e dispoz, que padecesse a ultima em huma doença, que ella entendeo logo, que o era, contra os votos dos Medicos, que resolvendo, que alli naõ havia risco, fizeraõ com que a doente naõ foy ouvida, pedindo por vezes, que lhe chamassem o Confessor. Entendiaõ as Religiosas, que eraõ escrupulos de imaginaçaõ melancolizada; com lhe naõ deferirem, quizeraõ divertilla. Callava ella com paciencia; e hum dia, que se vio mais apertada, e que lhe naõ escutavaõ a mesma instancia, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, disse: *Senhor, naõ permittais que morra eu sem Sacramentos.*

Mas continuando o descuido, (antes o mysterioso desamparo) chegou a taõ grande aperto, que vendo-a nelle algumas Religiosas, correraõ apressadas a advertillo á Prelada, e veyo o Confessor, mas já achou sem falla a enferma, e sem movimento nas mãos, se quer para lhe apertar huma. Naõ he possivel passarmos daqui, sem fazer huma breve reflexaõ, recorrendo ao que desta Madre temos escrito, que em todas suas doenças se experimentou hum novo desamparo, e só advertido já entre os desenganos do remedio. Agora o veremos milagrosamente permittido por quem o permittio duvidoso; que naõ he crivel outra cousa de se descuidarem do ultimo remedio da alma com hnma Religiosa, que instantemente o pedia, e em vinte e seis dias de doença. Mas assim se divisava melhor a especial permissaõ Divina,

vina, confentindo nas doenças, e moleftias, que lhe pedira Sor Magdalena, e confirmou-fe agora.

Pofta nefte aperto de muda, e paralytica, e defviadas algumas Religiofas com o Confeffor na Cafa do Capitulo, (conferindo efta pena) eis-que de repente fe lhe reftitue o movimento, e a falla. Confeffa-fe com vagar, e clareza; recebe o Viatico fatisfeita, e devota; pede, e daõlhe a Unçaõ, a que attende com acordo, e quietaçaõ de efpirito, entregando-o a feu Efpofo taõ fuavemente, como fe póde inferir do que advertiraõ as Religiofas, affentando-fe no voto de todas, que alguma visaõ Celefte recreara a moribunda; porque antes da ultima refpiraçaõ lhe viraõ abrir os olhos com huma nova fermofura, e inexplicavel alegria, que a bom juizo, naõ podia ter outra caufa. Faleceo de idade de trinta annos, e alguns mezes, em huma fefta feira, 9 de Novembro de 1668 ás trez horas da tarde, horas, e dia myfteriofos em fua morte; porque as horas foraõ as em que Chrifto deu por nós a vida; o dia, o em que efta fua efpofa o meditava.

Mas porque naõ foy fó efte o mimo, com que o Senhor a chamou para contemplallo gloriofo, como até alli chagado, tocaremos alguma noticia das que precederaõ á fua morte, como as que lhe moftravaõ o pouco, que lhe tardaria a eterna felicidade. Detinhafe huma noite no antecoro rezando; (poucos dias antes da ultima doença) eftava o lugar folitario, e algum tanto efcuro, quando fentindo, que pegavaõ nella, vio diante de fi huma caveira. Das mais circunftancias naõ eftava lembrada a Religiofa, que apontou efta noticia, participada da mefma Madre Sor Magdalena. Servia efta Madre com caridade defvelada á irmãa Converfa Sor Domingas, (que havia tempo eftava enferma) e affiftindo hum dia com algumas Religiofas, que lhe rodeavaõ a cama, diffe huma: *Que já a doente naõ podia ter muitos dias de vida.* Acodio Sor Magdalena, e repetio com fegurança: *Primeiro hei de morrer eu, que Sor Domingas.* Naõ fe alcançou o fundamento com que o differa, mas faleceo primeiro que Soror Domingas; e o fucceffo fez o dito myfteriofo.

Dous dias antes que faleceffe efta Madre, paffava huma Religiofa pelo Dormitorio, e emparelhando com a fua cella, ouvio cantar com huma peregrina fuavidade. Sufpendeofe, e firmandofe em que era aquella a cella de Sor Magdalena, como no que ouvira, tornou a perceber a voz, mas naõ o conceito; e entendeo logo, que naõ tardaria muito fua morte, pois o Ceo a convidava com aquella delicia, que fem duvida a eftava efcutando a enferma. Ao teftemunho defta Religiofa fe feguio (quafi ao mefmo tempo) outro da irmãa Domingas, que como já diffemos, eftava enferma, e em huma cella vifinha á da Madre Sor Magdalena, que fó hum tabique as dividia, quando ao voltarfe para a parede, em que fe encoftava a cama da moribunda, fente huma taõ preciofa, e activa fragrancia, que como depois teftemunhava, até a fez alhea das dores, e as mais agu-

agudas, que entaõ padecia. Segurou logo eſta irmãa a huma Religioſa de ſua confiança, que infallivelmente morria Sor Magdalena, porque naõ podia ſer aquella fragrancia menos que do Ceo, que já lhe aſſiſtia na terra.

Mas reſtanos huma circumſtancia, para que já convidámos o Leitor ao principio da vida deſta Religioſa, quando abrindo em ſeu peito as cinco chagas para eſtampa, e copia de ſeu Eſpoſo, firmou com o ſangue dellas a ſegurança de eſpoſa ſua em hum papel, em que declarou eſta venturoſa entrega de ſi meſma. Servirá ſua leitura de edificaçaõ, eſtimulo, e exemplo ás que com limpo coraçaõ ſe quizerem conſagrar ao Eſpoſo Divino, pois elle permittio para mais inteira noticia de ſua ſerva, que eſcapaſſe o papel do fogo, a que a ſua advertencia o deixara decretado, fiando de huma Religioſa, que falecida ella, o reduziſſe a cinza. Era eſta Religioſa peſſoa de reputaçaõ, parenta, e de grande confiança da Madre Sor Magdalena; conhecia bem a limpeza de ſua conſciencia; entrou em diſcurſos, que naõ eſconderia o papel peccados, antes noticia de credito para a defunta, e conſolaçaõ para quem a deſconhecera, e a ſuſpirava.

Levada deſte penſamento, deu conta ao Vigario (era entaõ o Padre Meſtre Fr. Valerio de S. Raymundo, que depois foy Biſpo de Elvas, talento grande, e benemerito de que ſe eſpalhe repetidas vezes ſeu nome neſtes eſcritos.) Conferio elle o ponto com outro Meſtre em Theologia da Ordem, que acaſo ſe achava em ſua companhia, e reſolveraõ ambos, que hum abriſſe o papel, e que diviſandoſe couſa digna de ſegredo, ſe entregaſſe ao fogo, quando naõ ſe puzeſſe na maõ da Prelada; e ſendo para edificaçaõ, ſe participaſſe ás ſubditas. Abrio o Vigario, e achando nelle huma reſignaçaõ, que de ſi fazia a Deos a Madre Sor Magdalena, eſcrita por ſua maõ, e firmada duas vezes, huma com o ſeu ſangue, ſe leu ás Religioſas, guardandoſe o original no depoſito da Caſa, donde ſe tirou eſta copia:

J. H. S. MARIA.

Eu Sor Magdalena das Chagas, eſcrava que ſou de Maria Santiſſima, hoje a nove de Julho, anno de 1658. *proteſto de toda a minha vida, em quanto em mim for, negar para ſempre minha propria vontade, offerecendome á Santiſſima Trindade por perpetua eſcrava, confiada no amor, que vós meu amantiſſimo Jeſus Sacramentado a todas as horas me eſtais moſtrando. Particularmente o conheci hoje na paz, e ſuavidade, que me déſtes a ſentir depois da Communhaõ. Fazendo eu eſta entrega de mim toda*

da em vossas mãos, espero nas vossas misericordias, que me ajudareis, para que vos naõ usurpe o que já huma vez vos hey dado. E para que esta resignaçaõ vos seja mais aceita, torno a renovar o voto de castidade, que já vos hey feito, tomando por testemunhas, de que isto he assim, a Virgem Maria, minha Senhora, o meu Patriarca S. Joseph, meu Padre S. Domingos, S. Joaõ Euangelista, Santa Catharina de Sena, a cuja imitaçaõ o hey feito. E a vós, meu castissimo Jesus, offereço, e entrego meu coraçaõ, protestando daqui por diante, naõ consentir, que cousa da terra me occupe, porque fóra de vós, nada me satisfaz; e por isso já toda sou vossa, e vós todo meu, e só o ser vossa me deleita. Tomara, meu Jesus da minha alma, morrer mil mortes ao dia por vosso amor: tomara nunca offendervos: tomara sempre amarvos. Fazey vós, meu Senhor, que se até agora fuy cova de basiliscos, agora seja Templo vivo, e Casa de vosso descanço. Guarday, meu amor, de todo esta vossa Casa, que já he de todo vossa. Deitaime prizoens de vosso amor. Guarday todos meus sentidos, para que com nenhum delles vos offenda. Sede vós todo meu; que eu já toda sou vossa. E para que me naõ esqueça nunca esta entrega, que de mim hey feito em vossas Santissimas mãos, faço este firmado de minha maõ. Hoje 9 de Julho de 1658.

Sor Magdalena das Chagas, escrava.

Abaixo desta firma se lê em hum papelinho, pegado no papel, outra, que escrita com sangue, diz:

Vossa escrava.

Sor Magdalena.

CAPITULO XLIII.

Da Madre Soror Paula do Espirito Santo.

QUe cousas mais repugnantes, que as soberanias, e as humildades? e sendo toda humildades a virtude, e a nobreza toda soberanias, parece notavel sympatia esta, que tem a nobreza com a virtude, como novidade o resultarem as harmonias das dissonancias. Mas sem recorrer a segredos da Providencia, no melhor voto da politica ninguem sabe ser mais humilde, que o que he legitimamente nobre; e na politica Christãa ninguem se póde chamar verdadeiramente nobre, sem pôr em pratica os dictames da virtude. Daqui nasce conduzirem muito os nascimentos para os progressos virtuosos, especialmente no nosso Portugal, onde parece que se herda a piedade com o sangue. Assim era illustre o da Madre Soror Paula, que começou a respirar com elle a vida de sua virtude, parecendo esta herança, que lhe competia de huns pays, que lhe naõ deraõ menos, que imitar em sua vida, do que que herdar em sua nobreza. Chamouse seu pay Joaõ de Brito Casaõ de Mendonça, do illustre sangue dos Condes de Villa Nova. Sua mãy Paula da Fonseca de Araujo, que ficando viuva, passou á Corte com toda sua familia, sendo Soror Paula entre seus irmãos de menor idade, mas de taõ venturosa indole, que ou parece, que a negava, ou a excedia. Com os annos cresceo a inclinaçaõ, dando o Ceo mayor luz a seu entendimento, para adiantalla em mais penitente exercicio.

Começou logo a despirse de tudo, o que aquelle sexo chama galantaria, á calidada decencia, sem que a calidade, ou o sexo, (valias com que a desinquietava sua familia) a fizessem alterar hum trage honesto, taõ fóra de artificios, e enfeites, que antes parecia habito, que vestido. Nos lances da pobreza hia já taõ adiantada, que ainda das licitas alfayas, que determinou para seu uso, nehuma tinha o nome de sua, excepto hum escritorio, de que trazia a chave comsigo. Naõ deixavaõ de reparar suas irmãas no grande resguardo: e logrando a occasiaõ de o acharem aberto, trocada em confusaõ a curiosidade, viraõ que as joyas, e brincos, que guardava, eraõ cilicios, e disciplinas, obrados aquelles, e estas com industria, e sem piedade; e indicios bastantes da pouca, com que se usava delles; e humas pevides amarguissimas, porque naõ ficasse a boca de melhor partido, que as mais partes do corpo. Atenuava-o com jejuns continuos, e apertados. Na semana trez dias, hum a paõ, e agua, que vinha a ser (por todo o anno) o em que cahia a Exaltaçaõ da Cruz. Industriavase já para entrar na milicia Dominicana, que com aquelle sagrado Estendarte diante começ a a penitente bataria de sua abstinencia.

Na Quaresma trez dias na semana a paõ, e agua. Pelo mesmo estilo celebrava as Vigilias dos Santos de sua devoçaõ, sendo no mais tempo taõ pobre o seu prato, que commummente

se

fè naõ alargava a mais, que a huns legumes, por mais que na mesa estivesse encontrando acepipes. Levavaõlhe o mais do tempo ou a liçaõ dos livros de espirito, ou a oraçaõ; grande suavidade do seu! Era excessiva a que recebia com o verdadeiro Maná, e sustento dos Anjos, desejando a pureza delles, para chegar á sua mesa. Assim se preparava para elle com rigoroso exame, sendo-o igualmente o golpe da disciplina, mais a observancia do retiro, e do silencio. Nelle escondia as delicias, que alli gostava, e merecia sua alma, naõ se lhe percebendo mais, que no recolhimento, na suspensaõ, e violencia para tudo o que naõ era estar orando, sem gastar em outra cousa todo aquelle dia, salvo a noite delle, mais a petiçoens de sua mãy, que a desejo de algum commercio humano.

Mas nem toda sua cautela bastou a esconderlhe no coraçaõ aquella Divina braza; e rompendo talvez (como se passara a lavareda reprimida) se percebeo como em faiscas, alguma luz, da com que se illustrava sua alma naquella Divina mesa. Orava Sor Paula hum dia (que tinha chegado a ella) diante do mesmo Senhor, que alli recebera, e estava exposto em certa Igreja, a que a levara a devoçaõ, quando se sentio banhada em huma copiosa chuva de sangue do mesmo Christo, enchendoselhe delle a boca, com inexplicavel suavidade, e doçura, e parecendolhe, que com a mesma se lhe passava da boca ao deposito do coraçaõ. Succedeolhe o mesmo na delicia, e suavidade, em outra occasiaõ, que tendo commungado, e estando o mesmo Senhor exposto, se affligia, porque o naõ via de mais perto, que lhe ficava em muita distancia o Throno. Orava com com este desejo, quando lhe pareceo, que sahindo a Hostia Sacrosanta da Custodia, se lhe punha diante dos olhos em breve distancia.

Estes mimos, que a traziaõ alienada, e sobiaõ a hum grao taõ intenso de affecto com aquelle mysterio soberano, que até no nome quiz esculpir os protestos de sua veneraçaõ, e ennobrecer as sogeiçoens de escrava, mostrando de quem o era, com o nome de Soror Paula do Sacramento. (brazaõ, que escolhia para a vida religiosa, que esperava) Assim o propoz ao seu Confessor, o Padre Manoel Dias, pessoa de grande opiniaõ. Mas parece, que o dispoz de outra sorte o mesmo Senhor Sacramentado. Diante delle se suspendia Sor Paula, em occasiaõ, em que junto ao Altar se achava seu Confessor; levantouse este, e chegandose a ella, lhe disse: *Que o Senhor Sacramentado lhe dera alli o nome, dispondo, que em vez do Sacramento, se chamasse Paula do Espirito Santo.* He esta Divina Pessoa, Pomba immaculada; e parece que ordenava o mesmo Christo, que com as azas daquella Pomba se remontasse Paula a beber os segredos daquella mesa.

Assim começaraõ a ser mais vigorosos os voos de seu espirito, e animando-a a remontarse ao mais elevado da perfeiçaõ, suspirava a da vida religiosa, porque já morta para a terra, só lhe faltava huma sepultura para a vida. Pedia com larga, e re-

e repetida oraçaõ á Mãy de miſericordia, que a fizeſſe digna de huma illuſtraçaõ Celeſte, para eſcolher a vida, que a ſeu bento Filho mais aggradaſſe, como o diſpenſara ao ſeu grande devoto o Thaumaturgo Dominicano S. Gonçalo; e aſſim como para o favor, o propunha para exemplo, aſſim ſeguia o ſeu nos jejuns, e penitencias, com que acompanhava a ſupplica. Naõ ſocegava nella, quando lhe eſcreveo ſeu Confeſſor, com quem a praticara, advertindo-lhe, que o Eſpirito Santo, que lhe permittira o ſobrenome, a havia de illuſtrar com hum rayo ſeu naquella perplexidade.

Succedeo aſſim: porque dous annos antes de ſe recolher, orava em o ſeu Oratorio huma Veſpera do Eſpirito Santo. Tinha eſperado aquelle dia (devoçaõ de todos os annos) jejuando treze, e taõ apertadamente, que foraõ alguns a paõ, e agua. Com o eſpirito aſſim purificado ſuſpirava as illuſtraçoens daquelle Divino Paracleto; eis-que ouve huma voz, que claramente lhe dizia (como em repoſta do que entaõ perguntava) *Em o Sacramento.* Lançouſe Sor Paula por terra, dando graças a Deos em ſua alma, por aquelle mimo de ſua Providencia; e repetindo-as ao Santo ſeu Advogado, a quem confeſſava dever aquelle conſelho, pois acabava de o eſcutar na meſma noite, em que Maria Santiſſima lho dera a elle.

Naõ poſſo deixar de ſuſpenderme a ponderar, que quiz o Ceo, que neſta venturoſa Caſa do Sacramento ſe reproduziſſem as glorias dos primeiros ſeculos, que illuſtraraõ naõ ſó eſta Provincia, mas toda a Religiaõ Dominicana; porque acabo de eſcrever de huma filha ſua, e deſta Caſa, a Madre Sor Magdalena das Chagas, que abrindo-as em ſeu corpo (qual outra Catharina Senenſe) foy eſtampa do meſmo Chriſto; e agora paſſo a eſcrever de outra (a Madre Soror Paula do Eſpirito Santo) que, qual outro S. Gonçalo, mereceo o Celeſte conſelho para veſtir eſte hábito. Na verdade me parece, que eſcrevendo a Hiſtoria deſta Caſa, trabalho hum epitome da Religiaõ inteira.

O Eſpirito Divino, que deu o conſelho, foy taõ ſuavemente deſcobrindo o caminho, que naõ tendo Sor Paula conhecimento particular neſte Moſteiro, e eſtando com os olhos na Madre de Deos (aſſaz conhecido, e de que tantas vezes temos fallado) aſſim ſe diſpoz a vontade da mãy com as noticias deſta Caſa, aſſim foraõ bem ouvidas de Sor Paula as de ſua exacta obſervancia, que ſem embaraço, antes com alvoroço, entraraõ ella, e huma ſua irmãa, em que o eſpirito fez mayor parenteſco, eſtas ſagradas portas, veſtindo logo o habito com taõ ancioſa reſoluçaõ de abraçarem as penſoens delle, que naõ houve alguma, que lhe naõ pareceſſe ſuave. Aſſim começou Sor Paula o anno de approvaçaõ, continuando-o, como ſe cada dia o começara, e acabando-o, como no dia em que o começou. Aſſim era profeſſa, como fora Noviça; aſſim tinha ſahido Noviça, como fora ſecular, porque as penitencias, a caridade, o recolhimento, a ſogeiçaõ naõ podiaõ nella ter mais augmento, que paſſarem a ſer voto.

Mas

Mas começaraõ os achaques a perseguirlhe a constancia. Tivera esta Madre em secular a perigosa queixa de lançar sangue pela boca; agora se aggravava, com o mayor fervor nos rigores daquella vida, tornando a huma continuaçaõ, que lha ameaçava. Mas naõ a atemorizou a noticia, porque assim veyo acompanhada com mimos do Ceo, que estando em oraçaõ huma noite (resignandose no que Deos dispuzesse) ouvio claramente, que lhe diziaõ: *Aqui hás de ser Martyr.* Seguiose infallivelmente o effeito; cresceo o achaque, com a novidade de huma implacavel febre. Recorreraõ aos remedios, que antes adiantavaõ a paciencia, que a cura; e entre elles a hum taõ activo, mas taõ mal applicado, que occupando-lhe com dores a garganta, e com chagas a boca, lhe impedio o sustento, achando até a bebida tanta resistencia, que só misturada com a das lagrimas, se lograva alguma. Continuou a rebeldia do achaque, e polla em estado de tifica. Naõ havia naquelle atenuado corpo, parte sem martyrio; aceitou-a, como mimo do Ceo, entendendo, que aquelle era o mais destro buril, com que o Esposo das almas se estampava nellas.

Assim o pregoaraõ seus favorecidos, em Paulo chagado se via Christo vivo. Assim o leu a Madre Sor Paula em huma carta, que nesta occasiaõ lhe escreveo seu primeiro Mestre de espirito, e seu Confessor, o Padre Manoel Dias, em que lhe dizia, confirmando-a no sofrimento: *Que era vontade de Deos, unilla com a Paixaõ de seu Filho.* Confirmouse com o novo accidente, em que rompeo o achaque, em sesta feira da Paixaõ, que se seguio. Naõ se entendeo o que era; precederaõ dores, e fechando-selhe a garganta, como se lha apertaraõ com violencia, se lhe punha o rosto de huma cor roxa, e com huns sinaes taõ medonhos, que se affligiaõ as Religiosas, suppondo, que espirava sem Sacramentos. Por este estilo lhe repetio cinco vezes, durandolhe algumas mais de cinco horas. Atribuladas as Religiosas, e desenganadas de remedios humanos, correraõ ao Coro, e levandolhe huma Reliquia de nosso Padre S. Domingos, lha applicaraõ á garganta, (foy cousa prodigiosa, e da confissaõ da mesma Madre Sor Paula) que no mesmo instante sentio, que se lhe resolvera hum tumor, que lha apertava; abrandaraõ-selhe as dores, restituio-selhe a voz, confessouse logo sem embaraço.

Mas continuavaõ os mais achaques, e pondo-a em tal aperto, que o sustentar a vida, naõ parecia mais que hum vagar de perdella, naõ se ouvindo na boca de Sor Paula no meyo de tantas, e taõ desusadas agonias, mais que huns eccos da paciencia, pedindo ás Religiosas, que a ajudassem a dar graças a Deos por aquelles mimos, que naõ merecia, como a ventura de a trazer o Senhor a morrer naquella sua Casa. Dilatouselhe o rigor deste martyrio de dores, e aperto na garganta, desde os treze de Abril, até cinco de Julho, sendo a ultima vez, que se levantou a commungar na tribuna da Enfermaria, o ultimo de Mayo. Voltando para o leito, disse a sua irmãa, que a trazia

zia pela maõ: *Já daqui me naõ levantarey outra vez; tomay este habito, e o mais que me ha de servir de mortalha, e ajuntayo na nossa cella.*

Sobreveyolhe huma cruel sezaõ, accendiaselhe a palidez do rosto, como se naquelles secos ossos se ateara hum incendio, que por horas lhe hia consumindo a vida. Pedio o Viatico, que recebeo com tanta suavidade de espirito, e exterior socego, como se entaõ se apagaraõ aquellas lavaredas, em que ardia, com as grossas lagrimas com que o recebera. Por vezes a tinhaõ ungido: assim começou a esperar o ultimo termo, sem mais desafogo nas agonias, em que se cobria de mortaes suores, que dizer com Job: *Sit nomen Domini benedictum.* Fez a protestaçaõ da Fé com o mesmo socego; suspendeo-a logo hum breve sono, de que acordou afflicta, e entre as piedosas vozes do Officio daquella hora, passou dos horrores della a melhor vida, reparandose, que a deixara o ultimo espirito della, como se lhe apertaraõ a garganta, circumstancia, que correspondeo ao que ouvira na vida, que seria martyr naquella Casa. Viose assim na crueldade com que os achaques foraõ os seus algozes. Ficou o cadaver taõ desasombrado das melancolias da morte, que podia enxugar as lagrimas nos olhos, que o viaõ, trocandolhe a magoa em huma santa enveja. Admiravaõ-no assim os Religiosos, que entraraõ ao enterro, e entre elles, o Padre Fr. Alvaro de S. Joseph; e baste o seu nome, para authenticar esta verdade.

Contavaõse 5 de Julho de 1669. quando faleceo a Madre Sor Paula, tendo trez annos, e cinco mezes de Freira. Nestes, como em todos os de sua vida, dera largo assumpto ao nosso exercicio, se os dos Servos de Deos naõ foraõ thesouro escondido, achado só das diligencias do Ceo, empenhado tanto em o augmentar precioso, como em o retirar aos olhos do Mundo. Nelle, e na Religiaõ viveo esta Madre com hum taõ raro exemplo de virtude, que lhe naõ guardou seu Esposo os premios só para o descanço da eternidade; nesta vida mortal lhe adiantou muitos, a que permittio se capacitasse seu espirito, despido já em vida das pensoens do corpo. Colhese assim das cartas, que o Padre Manoel Dias (pessoa de virtude qualificada, e que como Confessor seu tinha noticia da sua) escrevia a esta Madre no seculo, como depois de viver no Mosteiro, em que tocando no estilo, com que o Ceo a tivera, e tinha mimosa, falla humas vezes com enigmas, outras em merces, e illustraçoens, ainda que naõ individuadas. Lese o mesmo em outras cartas, que o mesmo Padre escreveo a sua irmãa a Madre Soror Catharina, (de que eu fuy ocular testemunha) a quem segurava, que da vida da Madre Sor Paula o menos era o que se sabia.

CAPITULO XLIV.

Das Madres Soror Margarida da Columna, Soror Brites de Deos, e Soror Margarida da Cruz, ambas irmãas; Soror Maria da Encarnaçaõ, Soror Maria da Visitaçaõ, Soror Joanna do Santissimo Sacramento.

Numeri. cap. 3. Levita quasi assumptus a Deo ad ministerium Tabernaculi. Alapide hic.

VEnturosa a Casa de Vimioso, (huma das mais esclarecidas neste Reyno) como Seminario dos domesticos de Deos, que parece participou aquella bençaõ da Tribu de Levi, de donde se tiravaõ os que o haviaõ de servir em sua Casa. Isso quer dizer Levita, escolhido para o ministerio do Tabernaculo. Estava no terceiro Tabernaculo a Urna com o Maná, figura do Sacramento; e deputou aquella familia para o haver de servir naquelle Tabernaculo, como singular privilegio. Naõ para servir, e assistir ao Maná, que era figura; mas ao mesmo Sacramento, que he o figurado, parece, que escolheo, e privilegiou Deos a Casa de Vimioso, pois tantos foraõ os espiritos, que sahiraõ della na Casa, e no Tabernaculo do Sacramento. Geraçaõ dos bemaventurados, dizia David, que era a dos que buscavaõ a face de Deos: *Hæc est generatio quærentium eum. Quærentium faciem Dei Jacob*, que na intelligencia dos Expositores val o mesmo, que os que o buscaõ com especial culto no Sacramento. Naõ só no titulo, mas no singular culto, com que neste Mosteiro se serve, e venera este mysterio inesfavel do Santissimo Sacramento, he esta Casa singularmente o Tabernaculo, em que se guarda o Maná verdadeiro; e nesta Casa se vio tantas vezes buscado da esclarecida do Vimioso, que podemos dizer que he ella a dos domesticos de Deos, escolhidos para o servirem, e lhe assistirem no Tabernaculo deste Mosteiro na terra; destinado a lhe continuarem a assistencia no da Bemaventurança. Antes de acabarmos este livro, nos servirá de mayor prova mais individual noticia desta illustre Casa, e Familia; e desculpenos esta pequena digressaõ o repetido, e venturoso assumpto, que nos tem dado neste livro, e o muito, que lhe deve no material, como no espiritual, este Mosteiro.

Psalm. 23.

Populo Christiano maxime convenit post incarnationem Dei, & substantialem moram, præsentiamque incarnati Dei in Eucharistia. Lorinus hic.

Sor Margarida da Columna.

Nelle entrou, de pouca idade, a Madre Sor Margarida da Columna, filha de D. Nuno Alvares de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioso, e do Mestre Fr Joaõ de Portugal, Bispo de Viseu, Fundador, e primeiro Vigario deste Mosteiro. Foy esta Madre mimosa da natureza por suas grandes prendas, e muito mais do Ceo, em saber empregallas. Abraçou a observancia com taõ grande espirito, que nem os achaques, de que se vio logo perseguida, a aconselharaõ que afrouxasse nella, antes inventava particulares, e devotos exercicios, estimulos, com que se adiantava no aspero caminho da vida, que escolhera. Teve nos seus escrupulos hum rigoroso purgatorio, de que muitos annos fez a Deos sacrificio. Naõ lhe serviraõ de menos desasocego hum ardente zelo da Religiaõ, e culto Divino. O amor de Deos, e do proximo a traziaõ como alienada; por contemplaçaõ o de Deos; por commi-

miseraçaõ o do proximo. Seguiose a esta vida huma morte, que bem pareceo grangeada com ella, em 10. de Fevereiro de 1676.

Sigaõ-se a esta Madre duas sobrinhas suas, filhas dos Condes de Vimioso D. Affonso de Portugal, e Dona Maria de Mendonça, muito mais aparentadas com ella por virtude, que por sangue, por habito, e observancia religiosa, que por nobreza. Foraõ ellas a Madre Soror Margarida da Cruz, filha mais velha dos Condes, e a Madre Sor Brites de Deos, sua irmãa. Confirmou Soror Brites bem no exercicio o que vinha a dizer o sobrenome; porque sem mais lembrança, que de Deos, assim se esqueceo dos mimos, e lisonjas, que deixara no Mundo, como se a recebera por escrava o Mosteiro. Todo o seu gosto era servir; e a occupaçaõ de mayor vileza, e trabalho, mayor gosto. Domava assim, e com rigorosas, e continuas disciplinas as rebeldias do seu natural, talvez aspero, e seco; e se via, que com elle tinha escandalizado, ainda que levemente, se lançava aos pés da que imaginava sentida (fosse servente, fosse Religiosa) com tanta humildade, e lagrimas, que compungia, e movia a ellas. Assim acabou, deixando esperanças de que passava a colher o fruto dos que semeaõ lagrimas, em 13 de Abril de 1679.

Sor Brites de Deos.

Naõ se viraõ menores demonstraçoens de humilde, e penitente na Madre Sor Margarida da Cruz; porque assim a convidou taõ bem o sobrenome a buscar a da observancia, que vendo lha naõ permittiriaõ os Condes seus pays, de quem era muy querida, dispoz entrar nessa Clausura, sem lhes dar noticia, executando-o hum dia, que com a Condessa sua mãy veyo visitar as parentas, que tinha nesta Casa. Recolhida nella com a industria das Religiosas (vencidas de suas continuas supplicas, e lagrimas) naõ valeraõ nem as de sua mãy, menos as de toda a familia, para que voltasse os olhos, já que naõ ás negaças da ventura, se quer aos conselhos da lastima. Assim vestio a mortalha Dominicana, taõ pouco assustada dos rigores da nova vida, que entendia que em abraçallos naõ merecia nada. Tanto lhe soube o gosto desfigurar a aspereza! Assim foy sua vida hum animado espelho da observancia. O zelo della a poz quatro vezes no lugar de Prioreza, em que lhe deveo a Casa (já que naõ a continuaçaõ da refórma, que nella parece natureza) o augmento do ornato, e decencia do culto Divino, em que gastou o muito, que do Conde seu irmaõ soube alcançar sua industria, e diligencia.

Sor Margarida da Cruz.

Cahio de doença arrebatada, que logo entendeo ser a ultima (nas cautelas, e aparelhos de sua consciencia se fez essa conjectura) e pozse nas mãos de Deos taõ resignada, que chegou a fazer escrupulo dos grandes desejos de ir lograllo, sendo as suas disposiçoens inescrutaveis ao humano conhecimento. Recebeo os Sacramentos com grandes demonstraçoens de contrita, entre outras de alvoroçada. Quando achou, que era tempo, chamou os Padres para o Officio da agonia; e acabando, entregou placidamente o espirito nas mãos de seu Esposo; felici-

dade, que parece segurava o agradavel semblante, que lhe deixou a morte. Mayor assumpto nos podia alargar esta memoria, se a cautela desta santa Madre naõ soubera livrar o thesouro de sua consciencia do subtil roubo da vangloria. Foy sua morte em 5 de Dezembro de 1689.

Sor Maria da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos acautelada, nem teria menos de que o ser em sua penitente, e larga vida, a Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, filha do Senhor de Pancas, que buscando em seus primeiros annos a Deos em duas Casas suas, (Mosteiros da Corte de Lisboa) veyo a parar nesta, como centro de seu espirito na refórma, e observancia, que experimentou nella. Assim o era tambem a oraçaõ, em que se lhe dobrava o alento, parecendolhe pouco todo o tempo para aquelle exercicio. Era igualmente continuo o rigoroso de largas disciplinas, que lhe naõ tiravaõ da maõ, nem os annos, nem os achaques. Ardia em incendios de amor de Deos, que desejava atear nos coraçoens do proximo. Levava-a esta ancia com singular doçura, a escrever saudaveis conselhos, e piedosos incentivos, para accender, e illustrar as almas no caminho da perfeiçaõ: valiase para este emprego de hum genio Poetico, com que o Ceo enriquecera seu entendimento. Assim escreveo hum livro de Sagradas Rimas, outro em prósa, expondo, e applicando lugares da Escritura com grande propriedade, e sentido genuino, como se lhe encaminhara a penna mais soberana luz, que a que naturalmente podia caber naquelle sexo, despido de doutrina, e estudo.

Cresceraõ os achaques com a idade, e prenderaõ-na em huma cama, theatro de sua paciencia. Naõ lhe faltou a coroa; de que o suave da morte, e circumstancia della pode ser conjectura; porque no instante, que espirou, viraõ muitas Religiosas hum globo de fogo, que voando sobre á sua cella, accendeo o ar com huma claridade taõ viva, que naõ só foy vista das serventes, e visinhança do Mosteiro, mas do bairro da Pampulha: (que lhe fica mais alto em pouca distancia) Correraõ com o susto, de que se abrazava em fogo. Assim sobiria aquella alma nas azas daquella lavareda, imitando a Elias no transito, como o fizera no zelo. Foy sua morte em 2 de Agosto de 1692.

Melior est dies mortis, die nativitatis. Ecclesiastes 7. 2.

Grande valia deu o Espirito Santo ao dia da morte, antepondo-o ao do nascimento; e sendo maxima taõ certa, (como da mesma Sabedoria) parece, que a quiz mostrar com experiencia, e singularmente nas filhas desta Casa; pódese ver em quasi todas, e finalmente nestas ultimas, em que á Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, se segue a Madre Sor Maria da Visitaçaõ com o mesmo argumento de morte prodigiosa. Naõ o foy menos sua vida, já no seculo taõ reformada, que em sua mesma Casa (vivendo em huma Quinta na tutela de hum tio) passava como sepultada em huma estreita cella. Alli a tinha preza huma continua contemplaçaõ do Ceo, com taõ grande fruto della, que exercitando-a huma noite, vio, (sem haver luz alguma, nem na casinha, nem na sua visinhança) que lha enchera huma claridade superior á do dia. Nada ajuizou,

Sor Maria da Visitaçaõ.

parando na admiraçaõ do que estava vendo, porque ainda naõ alcançava sua humildade, ou sua singeleza, o que merecia ao Ceo com aquelle genero de vida.

Passava em outra occasiaõ da Quinta a Riba mar, (Casa de Religiosos Arrabidos, que huma legoa de Lisboa fica para a parte do mar na estrada, que corre de Belem a Cascaes) e suspendendose com a vista das aguas, que em largo espelho se vaõ estendendo dalli até a barra, entrada da contemplaçaõ da immensidade de Deos, ouvio huma voz, que no interior de sua alma lhe dizia: *Engolfate no mar profundo de Deos.* Naõ foy menos activa outra inspiraçaõ, com que o Ceo lhe aconselhou mais perfeita vida hum dia, que contemplando na fermosura de hum campo, se lhe representou a incomparavel de Deos, ouvindo, que interiormente se lhe dizia: *Deixa o tudo pelo tudo.* Estas as luzes, com que o Ceo a encaminhou ás portas desta Clausura, em que só o preceito, e obediencia accresceo ao reformado, e penitente de sua vida; mas ella nunca satisfeita, aspirou a parecer antes morta, que mortificada. Viaõ na só no Coro, e actos de Communidade. Naõ se lhe ouvia palavra, que servisse a commercio humano. Fallavalhe em Deos quem queria examinar se fallava. Grande confusaõ para a liberdade das conversaçoens, a que o Mundo chama divertimento! Quando ha de chegar dia, em que até as palavras ligeiras haõ de vir a juizo, e se haõ de pezar para a conta, as que talvez se naõ pezaraõ para a pratica? Mas grande cautela da Madre Soror Maria, que naõ só naõ esperdiçava palavras, mas comprava o Ceo com ellas!

Omne verbum otiosum, quod loquuti fuerint homines, redent rationem de eo in die Judicii. Matth. 12. 36.

Entendeose, que se esquivava tanto ao commercio das creaturas, porque o continuava sempre com Deos; e houve casos, em que parece se viraõ os grandes interesses, que delle tirava, naõ só para si, mas para quem se valia della. Mas nós escrevemos, naõ canonizamos. O que podemos dizer, fallando por boca de seus Confessores, he, que era tal a pureza de sua consciencia, que dos pés delles passava á Mesa da Communhaõ, sem mais que licença para as continuar, por naõ acharem de que a absolver. Seguiose a esta vida huma morte ensayada nella. Commungou dia da Ascensaõ; e ameaçada de huma dor, se passou para a Enfermaria, aonde aggravandose-lhe a queixa, pedio, e recebeo o Viatico; reparando as Religiosas, (que o testemunhaõ ainda hoje) que se lhe começou a ver huma rara fermosura no semblante, que como banhado de luz, attrahia a si igualmente o agrado, e o assombro. Cresceo este, quando viraõ, que despedindose de todas, disse com alvoroço: *A Deos, a Deos, que vou para o Ceo.* E apertando nos braços a Imagem de hum Menino Jesus, de que era devota, (já recebida a Unçaõ) com palavras cheias de suavidade testemunhava, a que sentia em sua alma. Assim passou a lograr a eterna, em 28. de Mayo de 1705.

Naõ foy menos observante nas palavras, e praticas, a Madre Soror Joanna do Santissimo Sacramento, porque naõ tinhaõ humas, e outras mais assump-

Sor Joanna do SS. Sacramento.

to,

to, que as melhoras do efpirito. Affim o trazia cultivado, e defftro na contemplaçaõ da Paixaõ de Chrifto, que medidas as horas, dizia em as efcutando : *A efta hora padeceo o Senhor tal martyrio.* Naõ fe havia de ouvir em fua prefença palavra, que podeffe moleftar o proximo. Era tal a antipatia, que tinha com a mentira, que ainda dita por galantaria, fe affligia com ella; e ouvindo-a a Religiofa de mais confiança, a reprehendia com afpereza.

Muitos annos feguio, e exercitou a da vida, que fe profeffa nefta Cafa; mas os achaques lhe roubaraõ o gofto com que a feguia, e ficoulhe fervindo de merecimento a violencia, com que afrouxou nella. Era continua na oraçaõ, que acompanhava com lagrimas. (fuave fruto della, que colhia em todo o tempo, que eftava no Coro.) Paffava de fetenta annos quando lhe amanheceo o Divino Sol, que as enxuga nos olhos dos Juftos, com huma morte das com que coftuma premiar a vida delles. Foy ella em 20 de Julho de 1705.

CAPITULO XLV.

Da Madre Sor Maria Magdalena do Horto, e outras Religiofas de nome; e da irmãa Converfa Sor Maria da Purificaçaõ. Apontaõ-fe os Vigarios, que teve a Cafa, da fundaçaõ até o prefente.

TEmos chegado ao venturofo fim das memorias das filhas defta Cafa, podendo antes fazer hum catalago de todas, que fó lembrança de algumas. Affim he inviolavel em todo o Mofteiro a obfervancia, e affim a das fuas leys (ainda particulares) eftreita, que o mefmo feria dizer Religiofa defta Cafa, que perfeita Religiofa. Mas tendo a Cafa em commum efte credito, tenhaõ-no tambem na fingularidade do nome as que o Ceo quiz que a tiveffem na virtude. Foy huma deftas a Madre Soror Maria Magdalena do Horto, em quem a virtude pareceo herança. (affim foy a de feus pays, finalada) Com eftes enfayos entrou nefta Cafa, taõ deftra para o enfino, que nos primeiros paffos o trocou em exemplo. Affim o era continuamente nos exercicios de contemplativa, e mortificada. Affiftia a Matinas, e até Prima ficava orando no Coro, tendo tomado primeiro poucas horas de defcanço em huma cama, em que o naõ podia achar, ou em fórma, em que o naõ podia ter; porque ou era de joelhos, fervindolhe a cama de arrimo, ou com os braços em cruz, inclinada fobre ella. Queria defconhecer as horas, em que a natureza fabe desfigurar ao Mundo o trabalho, como quem ajuizava que naõ devia haver defcanço no Mundo.

Toda fua ancia era encontrar occafioens de merecer, fazendo hum continuo facrificio das repugnancias do genio. Viofe bem em hum cafo. Paffava pela Enfermaria, e vendo hum prato com a fangria, (que fe tinha feito a huma enferma) lhe meteo afco. Parou applicando outra vez a vifta, que o recufava; e condemnando-fe a fi mefma na repugnancia, lançando maõ da fangria, a bebeo, triun-

fando da natureza. Devotiſſima da Virgem Senhora, a ſervia em huma Imagem ſua com a aſſiſtencia, e a oraçaõ, com o ornato, e o aceyo. Entendeoſe, que della merecera favores ſingulares. Chamavaſe Sor Maria eſcrava ſua; huma cadea, que trazia no braço, o teſtemunhava. Entendeo-ſe, que ſeria data da Senhora, pelas grandes diligencias, que ſeu Confeſſor fez por ella. O ſentimento de ſua morte embaraçou a advertencia de lha tirarem do braço, e ficou a terra com eſſe theſouro.

Chegada ſua morte, diſpoſta por leve achaque, entenderaõ as Religioſas que ſe lhe anticipara a noticia della, tendolhe ouvido muito antes, que pouco lhe reſtava de vida, e vendo, que repetia as confiſſoens com mais frequencia. Ao fazer a ultima, para receber o Viatico, naõ lhe achou o Confeſſor materia para ella; aſſim aliviado das penſoens de humano, voou mais ligeiro ſeu eſpirito aos braços de ſeu Eſpoſo.

Naõ ſe deſvelaraõ menos por merecellos as Madres Soror Antonia de Jeſus, Soror Maria do Naſcimento, e Soror Maria de Santo Antonio, como verdadeiras profeſſoras de todo o rigor da obſervancia das Conſtituiçoens, e da Caſa. Neſtes exercicios conſumiraõ venturoſamente a vida, ſepultada em achaques ſofridos com paciencia, exercitada em virtudes heroicas, que lhe grangearaõ a coroa.

Mas ſeja a das memorias deſta Caſa huma irmãa Converſa, que viveo nella tantos annos, como lhe deu de exemplos. Foy ella Soror Maria da Purificaçaõ, a que chamavaõ Maria Pequena, nome, que lhe deu ſua meſma eſtatura. Foy natural da terra da Feira, de donde parece que a eſcolheo, e deſtinou o Ceo para filha deſta Caſa, guardando-a com ſingular providencia. Vioſe logo na primeira idade, porque enganado ſeu pay, e mal informado do puro, e limpo procedimento de ſua mãy, (innocencia, que depois ſe vio publica) querendo tirarlhe a vida com hum punhal, alcançou com elle (nas muitas feridas, que lhe deu) a pequena, e igualmente innocente filha, que naõ largava os braços da mãy, ainda ameaçada. Correraõ a curar a mãy, e querendo fazello á filha, que tinha paſſada huma eſpadoa, ella o naõ conſentio, dizendo, que ſó de MARIA Santiſſima (a que chamava Mãy) eſperava a cura. Continuavalhe eſta ſupplica diante de huma Imagem ſua aquella meſma noite, quando ouvio, que ſe lhe dizia interiormente: *Maria, eu te curarey.* Moſtrou a experiencia, que naõ fora illuſaõ a promeſſa, porque, ſem applicar remedio algum, ſe ſentio brevemente curada, ficandolhe para prova do prodigio o final da ferida.

Com os annos creſceo em Sor Maria o conhecimento deſte beneficio, e como illuſtrada de ſuperior conſelho, ſe alentou a pedir outro, pondoſe nas mãos da meſma Senhora, como Mãy ſua, pedindolhe, exercitaſſe com ella eſte nome. E continuando eſta ſupplica a todo o inſtante, lhe pareceo, que ouvira lhe diziaõ clara, e diſtinctamente: *Obra como filha, que eu obrarey como Mãy.* Obedeceo a venturoſa

don-

donzella, e começou a querer diſporſe para o titulo, com a pureza de ſua vida. Mas naõ tardou, que ſe naõ alteraſſe o ſocego della, com a tormenta de a obrigarem a tomar eſtado, naõ lhe valendo as repugnancias, e inteirezas, com que ſe eſcuſava, e defendia; reſoluçaõ, que ſem duvida lhe tavorecia ſua ſoberana Protectora, dandolhe a conhecer, que para melhor Eſpoſo a guardava.

Vioſe aſſim, livrando-a do ultimo combate, em que ſe chegou a fechar em huma caſa trez dias, ſem mais ſuſtento, que hum pouco de paõ. Já deſenganados os pertendentes, conſentia o tio, que ſe recolheſſe em hum Moſteiro, offerecendoſelhe dous mais viſinhos da Feira. Suſpendeo Maria a eſcolha, porque já naõ tinha vontade propria, e recorreo á diligencia das ſuas ſupplicas, feitas á ſua Valedora, e taõ bem eſcutadas della, que ſe lhe repreſentou, como por ſonhos, que apparecendolhe a meſma Senhora com o Menino nos braços, lhe dizia: *Maria, naõ te cances; que ainda has de correr mais terras.* Entendeo logo, que outro havia de ſer o ſeu centro: e paſſando com ſeus parentes a Lisboa, ſe lhe meteo nas mãos a noticia deſta Caſa do Sacramento, convidandolhe a obſervancia della ſuavemente o genio. Naõ houve detença; ſó ao recebella na Clauſura, acharaõ as Religioſas o embaraço de a verem taõ pequena, que naõ promettia ſatisfazer a occupaçaõ, para que ſe recebia; mas receberaõ-na as meſmas, que tinhaõ feito o reparo, talvez que advertidas do Ceo, de que das mais pequenas plantas da terra, coſtuma a Providencia crear os mais levantados Cedros do verdadeiro Libano; ou de que naõ deſmereceo nos olhos de Chriſto a pequena eſtatura de Zacheo, porque com o meſmo Chriſto ſe chegou a pôr á meſa, ſervindo-o goſtoſamente em ſua caſa. Na Caſa de Deos, e Caſa, em que eſpecialmente ſe venera a ſua meſa, naõ foy menos aceita a pequena eſtatura de Maria, dandoſe o meſmo Senhor por bem ſervido della.

Era a officina, para que foy recebida, a da coſinha, e de mais trabalho na Caſa; mas logo ſe deſenganaraõ, de que ſe naõ medem pelo corpo as forças do goſto, e do eſpirito. Com eſtes dous alentos abraçou Sor Maria aquelle trabalho, que continuou toda ſua vida, até idade, que já lho naõ permittiaõ ſuas forças; mas naõ ſe deſcuidava o Ceo de lhe dar companhia, que ſuppriſſe por ellas. Aſſim entrando pela manhãa na ſua officina, achava já vencido, ou todo, ou o mayor trabalho, que podia haver nella, vindolhe a ſobejar tempo, para ſe entregar aos exercicios da oraçaõ, e da penitencia, naõ havendo mortificaçaõ, que lhe cançaſſe a conſtancia.

Era taõ eſtreito o ſeu jejum, que quaſi ſempre lhe ſerviaõ de ſuſtento os ſobejos da meſa, ignorando aſſim todo o goſto della, que, para o naõ achar em nada, deſtemperava o prato com cinza, ou agua fria. Começaraõ a perſeguilla os achaques, aſſim deſconhecidos, ou deſprezados de ſua paciencia, que nunca afrouxou, nem na aſpereza da vida, nem no ſerviço da Caſa, em

em que ſe conjecturavaõ os ſoberanos mimos, com que o Ceo a premiava, e fortalecia. Muitos apontavaõ os Meſtres de ſua conſciencia. (peſſoas de eſpirito, e dignas de todo o credito) No meyo de ſuas mayores afflicçoens ſe lhe repreſentou em huma occaſiaõ (ſem ſaber diſtinguir ſe dormia, ſe velava) huma cruz, ſeguindoſe huma voz, que lhe dizia: *Eſta has de ter até á morte.* Fallou em varias occaſioens, como illuſtrada, em ſucceſſos futuros, e com muita ſegurança, que depois confirmou a experiencia. Mas a illuſtraçaõ mais notavel, de que ficou memoria (eſtabelecida no teſtemunho de ſeu Confeſſor) foy huma repetida repreſentaçaõ, que teve no Coro nos ultimos annos de ſua vida.

Coſtumava deterſe orando algumas horas pela madrugada, antes de paſſar á ſua officina. Continuava-o aſſim huma Veſpera da Aſcenſaõ de Chriſto, quando vê que ſe lhe trocava o Coro em hum concertado jardim com quatro quadros, de que hum eſtava perfeito, e cultivado cheyo de fermoſas, ſingulares, e odoriferas flores, de que os mais quadros ſe principiavaõ a ornar. Naõ entendeo agora a repreſentaçaõ Sor Anna; agradeceo ao Senhor o mimo della; mas, paſſados ſete mezes, repreſentandoſelhe a meſma viſaõ, vi o ſegundo quadro do jardim acabado, e que por entre elles ſe encaminhava ao ſitio, em que ella eſtava, hum mancebo de gentil, e mageſtoſa preſença, e lhe dizia, apontando para os quadros imperfeitos: *Maria, tudo iſto te falta; trabalha.* Paſſado no, e meyo, e tendo a meſma repreſentaçaõ, vio já o jardim perfeito, e acabado. Entaõ entendeo, que a piedade de ſeu Eſpoſo lhe decifrava nas flores os trabalhos, e que os que eraõ trabalhos para a vida, eraõ flores para a coroa; noticia, que communicou a ſeu Confeſſor, começando com mais fervor a diſporſe para aquella hora, que ſempre eſperava.

Mas amiudavaõſe os aſſaltos do inimigo commum, que a via, com inveja, coroar o curſo de ſua vida, triunfando de ſua aſtucia; e diſpoz o que ſe lhe permittio de vingança. Caminhava a boa velha para a coſinha, carregada de hum grande feixe de vides, e chegando a huma eſcada, que de baſtante altura deſce áquella officina, viraõ as Religioſas, que eſtavaõ nella, que medindo os degraos com violencia, lhes cahia aos pés, dando o rigoroſo golpe, que promettia hum corpo velho, e pezado, deſpedido de toda aquella eminencia. Acodem, entendendo, que eſpirara, quando vem, que ſem neceſſitar de arrimo, ſe levanta ſãa, e deſaſombrada, ſegurando, que nada lhe doia, e dando a entender, que naõ deſconhecia de donde o mal lhe viera. Seguioſelhe o de huma hydropiſia, que largo tempo abraçou com paciencia, acabando de colher do jardim, que ſe lhe repreſentara, as flores, com que lhe teceo a coroa. Paſſou a lograr a da immortal Primavera, em 11. de Novembro de 1701.

Eſtas ſaõ as memorias da Caſa do Sacramento, (authorizadas com o teſtemunho dos Confeſſores della) em que corremos com a penna mais ligeira do que pediaõ muitas, a eſtarem

au-

authenticadas. Naõ foy só a omissaõ, a que perdeo o importante desta diligencia, mas a repugnancia na modestia das professoras da virtude, contentes só com o testemunho de quem lhe póde dar o premio. Assim merece esta Casa o nome de espelho da observancia, naõ só para toda a Provincia, (mas para todas as Casas de mayor reforma) conservada esta assim pelos grandes espiritos, que aqui a professaõ, e cultivaõ, como pelo zelo dos Prelados, que lhe assistem, naõ como Confessores, ou Vigarios ordinarios dos mais Mosteiros, mas como Commissarios do Reverendissimo, (a que o Mosteiro he immediatamente sogeito) a quem dá seus poderes para todo o governo, e disposiçaõ, como receber, e professar Religiosas, confirmar Preladas, prover os lugares de Confessores, Capellaens, e Procuradores. Assim foraõ sempre Vigarios desta Casa os Religiosos de mais reputaçaõ nesta Provincia, como se póde ver na serie, que para plena noticia deste Mosteiro fazemos delles.

Foy o primeiro o Mestre Fr. Joaõ de Portugal, herdeiro da Casa de Vimioso, a que antepoz a mortalha Dominicana. Governou o Mosteiro, até ir para a sua Mitra de Viseu. Seguiose o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, que governou, até ir para Lente de Prima da Universidade de Coimbra. Entrou o V. P. M. Fr. Joaõ de Vasconcellos, Pregador delRey, Reformador da Universidade de Coimbra, do Conselho Geral do Santo Officio, Provincial, que foy desta Provincia, e que recusou o Bispado de Miranda, e depois o Arcebispado de Braga. Governou até sua morte, espaço de vinte annos. Succedeolhe o M. Fr. Fernando da Encarnaçaõ, eleito Bispo do Algarve; governou pouco tempo, e pedio absolviçaõ do Officio. Seguiose o M. Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, e Deputado do Santo Officio; governou cinco para seis annos, e pedio absolviçaõ. Succedeolhe o Padre Fr. Christovaõ de Aguiar, que governou até falecer. Seguiose o M. Fr. Valerio de S. Raymundo, Provincial, que foy desta Provincia, do Conselho Geral do Santo Officio; governou, até o elegerem Bispo de Elvas. Succedeolhe o M. Fr. Ignacio da Costa, Consultor do Santo Officio, e Commissario Geral, que foy desta Provincia; faleceo começando a visitalla. Seguiose o Mestre Fr. Vicente de Santo Thomaz, do Conselho Geral do Santo Officio; governou onze annos, até que faleceo. Seguiose o Mestre Fr. Manoel Veloso, Deputado do Santo Officio, governou nove annos, e impedido de achaques, pedio absolviçaõ. Succedeolhe o M. Fr. Joaõ Bautista, Deputado do Santo Officio, Provincial, que foy desta Provincia, e he o que governa o Mosteiro (vay por seis annos) ao tempo, que isto escrevemos. Praticaõ a Prioreza, e Religiosas da Casa, que se lhe perpetuem os Vigarios, e Confessores della, como grande maxima para a conservaçaõ da observancia; porque sendo meditada a escolha dos Prelados, que as Religiosas propoem ao Geral, devem conservarse, como escolhidos, e naõ repetir escolhas,

que naõ acharáõ as meſmas qualidades em todos.

CAPITULO XLVI.

Fabrica da Igreja nova do Sacramento, e algumas particularidades da meſma Caſa, dignas de noticia.

POr naõ interromper a ſerie, e ordem, que venturoſamente fomos ſeguindo nas vidas, e falecimentos das filhas deſta Caſa, guardamos para o complemento della a refórma, e augmento da ſua Igreja, que deſcreveremos com aquella ſingeleza, e brevidade, que pedem fabricas Sagradas, antes ſepulturas de eſpiritos amortalhados, que padroens levantados ao credito, e deſvanecimento humano. Já no primeiro Capitulo deſte livro fica raſcunhado o ſitio, e primeira fundaçaõ da primeira Igreja, que teve o Moſteiro, fabrica toſca, antes huma Caſa ſem fabrica. Agora nos dará aſſumpto a da Igreja nova.

Entrou pelos annos de 1635. a ſer Vigario da Caſa o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos; e pondo os olhos nella, vendo já as Religioſas bem accommodadas de vivenda, e que ſó a Igreja desdizia da mais obra, parece, que lhe occorreo a conſideraçaõ de David, quando fallando com o Profeta Nathan, lhe dizia: *Por ventura naõ reparas, que naõ he bem, que eſteja eu em hum Palacio, e a Arca de Deos ſem Templo?* Eſte penſamento o reſolveo a derribar a primeira Igreja, e começou logo a creſcér a nova, e a trabalharſe nella com tanto calor, que bem parecia que aſſiſtia o braço de Deos a mover a maõ de hum homem, que com mais deſejos, que cabedaes, emprendia obra, que ſó com muitos ſe deſempenhava. Aſſim ſahio acabada, e perfeita, com tanta ſingularidade na architectura, que pareceo ſoberanamente aconſelhada a idéa, como ao meſmo David dera Deos o raſcunho, para lhe lavrar o Templo. Ajudou eſta ſuperior idéa ao Veneravel Padre na noticia, que tinha da architectura, conſeguindoſe aſſim o logro da fabrica, que hoje vemos, e admiramos mais peregrina, que ſumptuoſa.

Levanta-ſe toda ella em quatro arcos largos, e alteroſos; nos que ficaõ aos dous lados, direito, e eſquerdo, a quem ſe poem na entrada, ſe fórma, e dilata o corpo da Igreja, ficando os outros dous dando lugar á Capella mayor, e ao Coro; eſte ao Naſcente, ao Poente aquella. Sobem de hum, e outro lado as paredes cubertas de almofadas de pedra fingida (valor, e galantaria, que enfeita toda a obra) até duas varandas, ou tribunas, que as deixaõ viſtoſas, e authorizadas. Aſſim o fica o mais vaõ das paredes com outras tribunas, que em correſpondencia deixaõ toda a Igreja ornada, e ayroſa. Corre ſobre os quatro arcos hum frizo, de que começa a creſcer hum fermoſo zimborio rematado em huma ayroſa claraboya, que com ſua luz dá alma a toda a Igreja. No arco, que fica ao Poente, ſe abre a Capella mór, capaciſſima, e deſembaraçada, com retabolo, que a occupa toda, ornado de fermoſas columnas, que ſuſtentaõ o frizo, em que no alto deſcan-

cânça, e se abre hum espaçoso nicho, em que se vê huma Imagem da Senhora sentada, e com o Menino nos braços. Ao pé das columnas de huma, e outra parte, se vem quatro fermosas, e avultadas Imagens. Da parte esquerda se vê a de nosso Patriarcha S. Domingos, com suas insignias, a que dá a maõ direita o Anjo das Escolas Santo Thomaz, tendo nas mãos o Paõ dos Anjos. Assim ficaõ ambos, dando lugar mais authorizado da parte direita a nosso Padre S. Francisco, que tem á sua ilharga o insigne Portuguez Santo Antonio de Padua, que tem nas mãos o pasto Celestial, em lembrança da adoraçaõ, que lhe rendeo o bruto faminto. Abrese no meyo do retabolo huma nobre, e espaçosa tribuna, a que occupa o vaõ huma ayrosa charola, que crescendo sustentada em sete columnas, se coroa com hum gracioso remate. Tem a charola por coraçaõ hum globo dourado; (como o he toda a obra) sustenta-o nas mãos hum Anjo de estatura de homem, acompanhado de outros dous, que ajoelhados veneraõ ao Senhor Sacramentado, de que he deposito o globo, e de que saõ emblemas hum ramo de vide, que fecunda de cachos, o cerca, e hum molho de espigas, que graciosamente o coroa, naõ inculcando menos mysterio as sete columnas, em que se sustenta a charola, alludindo ás que cortou a Sabedoria, para ornato da Casa, em que se poz aquella graciosa mesa, que nesta se vê com o excesso de estar aqui o figurado, e naquella a figura.

De huma, e outra parte acompanhaõ o arco da Capella dous mais inferiores, dando lugar a dous Altares. A' maõ direita o da Senhora do Rosario, Imagem com igual fermosura, que magestade. Servelhe de espaldas hum fermoso resplandor, cercado de hum Rosario, de que saõ extremos grandes, e encarnadas rosas. Fica da parte esquerda outro Altar, em que se vê a Imagem de hum Senhor crucificado de estatura de hum homem, que causa juntamente devoçaõ, e temor, e he tradiçaõ, que fallara a huma Religiosa. Em correspondencia do Altar da Senhora, lhe serve de espaldas outro resplandor, a que cercaõ, e remataõ os rayos, em laços graciosos, humas pequenas laminas com as insignias da Paixaõ. No arco, que fica ao Nascente fronteiro á Capella mór, fica o Coro, e huma tribuna em proporcionada altura, dando lugar á porta unica da Igreja. O ornato, e aceyo della, antes parece occupaçaõ de espiritos Angelicos, que humanos. A fragrancia das flores, e dos perfumes, convidaõ, e arrebataõ com a suavidade os sentidos á contemplaçaõ daquelle soberano Templo, em que os Anjos, e os bemaventurados offerecem continuo sacrificio de aromas preciosos.

Ascendit fumus incensorum de manu Angeli. Apocal. 8. Habentes singuli phialas aureas plenas odoramentorum. Apocal. 5.

Esta he a fabrica, que serve de alma a todo o Mosteiro, trabalhada, e conseguida pelo Veneravel Padre com tanto dispendio, desvelo, e affecto taõ fino de ver a Deos venerado com perfeito culto, que o mesmo Senhor mostrou lhe servira, e fora de agrado, como o revelou a huma Religiosa da mesma Casa. Na vida do Padre fica já essa noticia. Esta he a Arca do Tes-

Teſtamento, pollida, e dourada, em que o povo de Deos venera recolhido o Maná verdadeiro. Eſte o viſtoſo, e engraçado circulo, e clauſura dos lirios, em que ſe guarda, e fecha aquelle ſoberano monte de trigo, que dá a eſta Caſa nome, e paſto; correndo a buſcar a ſombra deſte monte os venturoſos eſpiritos, que vivem das abundancias delle, como do Povo mimoſo, e em genuina accommodaçaõ das povoadoras deſte Moſteiro, dizia Oſeas: *Convertentur ſedentes in umbra ejus, & vivent tritico.* Dos que vivem na Caſa de Deos, e do Sacramento, o entende Hugo.

Sub protectione Dei vivent tritico, corpore, & ſanguine Chriſti.

Quanto ao interior do Moſteiro, fica já tocado na fundaçaõ delle, e principio deſte livro; mas para darmos noticia das Imagens, que nelle ſe guardaõ, e veneraõ como em Sacrario, apontaremos o que achamos mais digno de ſahir a publico, para cabal conhecimento do Moſteiro. He todo elle bem repartido em proporcionados Dormitorios, e officinas; excede a todas a caſa, a que chamaõ do Lavor; Clauſtro alegre, e deſabafado, por mais que cercado de varandas cubertas, que nem aſſim aſſombraõ hum baſtante taboleiro de Jardim, lavrado de copadas murtas, e animado com huma fonte de diverſos jaſpes. No Clauſtro, e varanda delle, ſe repartem oito Capellas, com retabolos, e Imagens de ſingular ornato, e aceyo, deſvelo das Religioſas, que os tem a ſeu cargo com particular voto. Saõ mais celebres as Imagens de S. Franciſco Xavier, de que rezaõ no ſeu dia por particular indulto, e a de S. Gonçalo, feita por voto em acçaõ de graças, pela ſaude do M. Fr. Joaõ de Portugal, primeiro Vigario da Caſa, em occaſiaõ de huma enfermidade, que o teve á morte. He reparo, e experiencia das Religioſas, que nas ſupplicas, que ſe fazem por enfermos, muda o Santo o ſemblante em alegre, ou triſte, confórme ſe ha de ſeguir o effeito no doente.

Em outra Capella do Clauſtro eſtá a Imagem de hum Chriſto crucificado, que tirando os braços da Cruz, fez aquelle eſtupendo favor á Madre Sor Filippa do Santiſſimo Sacramento, como em ſua vida fica referido. No Capitulo, que fica no andar do Clauſtro, e he enterro das Religioſas, eſtaõ em hum Altar as duas devotiſſimas Imagens do Senhor com o madeiro ás coſtas, e a Virgem Mãy traſpaſſada de agonia, como no encontro da rua da amargura; he o Senhor da eſtatura de hum homem, e ambas as Imagens, buſcadas da devoçaõ das Religioſas com frequencia, e com experiencias do medicinal azeite da ſua alampada.

No topo, e fim do principal Dormitorio, ſe levanta hum Altar com a Imagem da Senhora das Horas. Deu-a a Madre Sor Jeronyma de Jeſus. He tradiçaõ ſer milagroſa, de que naõ ficou mais particular noticia. Chama-ſe das Horas, e he Altar achado em todas as Caſas Dominicanas, porque nelle ſe coſtuma rezar o Officio Menor da Senhora em Matinas. No toupo da Enfermaria, em outro Altar decente, ſe vê a Imagem da Senhora do Roſario, que eſteve na Igreja do primeiro Moſteiro. He

tra-

tradiçaõ, que esta Senhora acodia aos navegantes, como o testemunhavaõ os votos, que lhe cobriaõ as paredes.

Entrando no ante-Coro, em hum nicho fronteiro á porta delle, está huma Imagem da Senhora da Assumpçaõ, da fundaçaõ da Casa, e de singular devoçaõ, e veneraçaõ de toda ella. Sobre a porta, que entra para o Coro, da banda de dentro delle em hum nicho, se vê huma avultada Imagem do Divino Esposo, que lançando a suas esposas huma bençaõ, tem aos pés huma letra, que diz: *Sub umbra alarum tuarum protege nos*; como se lhe estiveraõ dizendo as esposas: *Esposo soberano, defendeinos debaixo de vossa protecçaõ.* Entrando no Coro, se offerece na frontaria em lugar alto a Imagem de Christo crucificado, de estatura avultada, que no peito, como lugar, donde sahio o verdadeiro Sacrario, guarda o Sacramento. No Calvario, que sustenta a Cruz, se vem em artificiosos repartimentos varias reliquias, entre as quaes se acha a mayor parte de huma cabeça das Onze mil Virgens.

Segue-se inferior ao Calvario, occupando o vaõ da parede, que ha por cima da grade, ou tribuna da Communidade, que cahe para a Igreja, e entre os dous Altares Collateraes a ella, hum Santuario de obra de talha dourada, em que se recolhem outras reliquias, e saõ principaes, entre ellas, hum espinho da Coroa do Senhor, reliquias das grandes Madres Santa Teresa, e Santa Catharina de Sena. Reliquia (e he singular neste Reyno) de Santa Rosa de Lima. Parte da capa de nosso Patriarcha, que já obrou conhecida maravilha em huma Noviça da Casa. Ha mais nella huma boa parte do Santo Lenho. Todas estas reliquias saõ authenticadas; muitas dellas trouxe de Roma, e deu a este Mosteiro o M. Fr. Manoel Pereira, Provincial que foy da Terra Santa, e desta Provincia, depois Bispo do Rio de Janeiro, de que já deixamos mayor noticia no primeiro livro.

Enchem a mesma frontaria do Coro, tomando as grades, e o Santuario no meyo, os dous Altares Collateraes, que dissemos, com seus retabolos dourados, graciosos, e bem lavrados nichos; no da maõ direita da frontaria se vê huma peregrina Imagem da Senhora do Rosario, que mandou fazer o V. P. Fr. Joaõ de Vasconcellos. No nicho do retabolo da maõ esquerda, se vê a Imagem de nosso Patriarca, e diante em o Altar a do Menino Jesus, a que as Religiosas chamaõ *O Senhor siganinho.* Emprego foy dos suspiros, e oraçaõ de Soror Cecilia, que lhe poz o nome. No aspecto parece que respira Divindade; e he reparo commum, e antigo no Mosteiro, que se lhe percebem differenças no semblante, ou de severo, ou de benigno. Cobrem de huma, e outra parte as paredes do Coro, as cadeiras com espaldares dourados, em que se vê a Historia dos Cantares, entremetidos alguns Santos da Ordem. Correm por cima outros quadros, que deixaõ a Casa ornada, e vistosa.

Mas o que se faz mayor lugar, como prodigio moderno, e de que testemunhou a mayor parte do Mosteiro, he huma Ima-

gem, que ha nelle do Menino Jesus, a que chamaõ o Menino, que se fez. O successo explicará o titulo. Havia na Casa a Imagem de hum Menino Jesus dormindo, mas com taõ impropria semelhança da gentileza, que representava que a falta della o escusou, a voto das Religiosas, de estar á vista, retirando-o huma dellas a huma gaveta da Sacristia, aonde o descuido o teve alguns annos sepultado, até que ou abrindose em huma occasiaõ mais a gaveta, ou fazendose mais reparo nella, se passou ao rosto do Menino; suspendendose a Religiosa (que com elle deu a caso) naõ só de o ver taõ bello, mas estranhando, que estivesse escondido tal thesouro. Acodio a Communidade igualmente testemunhando o desagradavel parecer antigo, como admirandose, e confundindose com o novo; de que he boa testemunha quem o vê, porque na occasiaõ do Natal se poem no Altar da Igreja, no mais tempo se guarda no Mosteiro com aquella veneraçaõ, e decencia, que sempre se está devendo a quem parece a quiz comprar com o seu agrado. Está adormecido, e inclinado sobre a maõ direita; taõ vivo, que só parece, que o sono lhe suspende o movimento; no rosto mostra hum ar mais que humano, ou quer testemunhar nelle, que se fez a si mesmo, como segurar ás suas esposas, que se paga de que o conheçaõ pelo mais fermoso entre os filhos dos homens, porque sendo elle o mais perfeito, seja só o desejado nome, que já lhe deu a esposa, e nome, que elle se grangeou agora.

Speciosus forma præ filiis hominum. Psalm. Totus desiderabilis. Cant.

CAPITULO XLVII.

De algumas noticias pertencentes a esta Casa do Sacramento.

CONcluidas as memorias desta Casa, seria culpavel a omissaõ de algumas, que de algum modo pertencem a ella, e sem duvida tem alguma justiça, para nos executarem por esta lembrança, havendo de ceder em credito da mesma Casa; razaõ, que nos obriga a fechar este livro, satisfazendo esta divida. Seja pois a primeira memoria de duas Veleiras deste Mosteiro, taõ dignas de coroarem as memorias delle, como o foraõ do santo commercio com as Religiosas, sendo-o ellas da Ordem Terceira, e gastando nesta Casa sua vida, como tendo nella sua sepultura. Foy a primeira Soror Anna da Esperança, a segunda Soror Isabel da Visitaçaõ; de ambas ficou grande nome, e opiniaõ de virtude, observancia inteira de sua Regra, e veneraçaõ commua de quem as conhecia. Mas de Sor Isabel, como mais moderna, podémos recolher mais miuda noticia.

Foy Soror Isabel natural do lugar de Bemfica, huma legoa da Cidade de Lisboa. Sua boa inclinaçaõ a levava continuamente a assistir na Igreja do Convento de S. Domingos, que tomou o nome do lugar, ficandolhe em alguma distancia, desconhecida esta do gosto de quem só o tinha naquella devota assistencia. Como começou esta de idade tenra, a continuava agora na mais crescida, frequentando os Sacramentos, fallando, e tratando nas cousas de Deos

com

com grande efpirito, igual a innocencia, e fingeleza de fua alma, que conhecida por feus Confeffores, que apadrinharaõ fuas fupplicas, e diligencias, lhe lançou o habito de Religiofa Terceira o Prelado daquella Cafa. He boa conjectura, que faria efta funçaõ o P. M. Fr. Joaõ de Portugal, fendo alli Prior, porque fendo Vigario defta Cafa do Sacramento, trouxe a Soror Ifabel para affiftente da fua Portaria, e Veleira della, como inteirado de fua capacidade, e refórma de vida.

Affim a defempenhou Soror Ifabel, fervindo de edificaçaõ a quem a via, e tratava. Sua modeftia, e compoftura, eraõ indicios da candidez de fua confciencia. Obfervante do filencio, naõ fe lhe ouvio mais que o que era precifo. Ou occupada, ou rezando, era incançavel no que eftava á fua conta, fem haver trabalho em que fe lhe divifaffe a minima impaciencia. Com infaciavel caridade repartia aos pobres o que vinha de dentro do Mofteiro, augmentando-o com a melhor parte da fua reçaõ, e com as efmolas, que grangeava a fua induftria, com a liberalidade das Senhoras, e peffoas de refpeito, que vinhaõ áquella Cafa. Reprehendiaõ-na as Religiofas, entendendo, que as malquiftaria aquella impertinencia; mas Soror Ifabel, que via a boa vontade de quem lhe dava as efmolas, (conhecido o bom emprego dellas) pondo fó os olhos na fanta grangearia de repartillas, aceitava as reprehençoens, com o gofto de ter mais que merecer naquelle exercicio. Nefte, e em outros devotos, e penitentes, fem afrouxar nunca nelles, confumio a vida, dandolhe Deos no cabo della o martyrio de perder a vifta, exame, que abraçou a fua paciencia com a conformidade, de quem fó pertendia a verdadeira dos olhos de fua alma. Parece, que lha naõ dilatou o Senhor; paffou defta vida como quem hia a logralla. Deufelhe fepultura (era ainda na primeira Igreja) junto a Soror Anna da Efperança; e fuccedendo abrirfe depois de alguns annos, foy o mefmo começar a bolirfe na terra, que encherfe o ar de huma fina, e peregrina fragrancia, que naõ fó os Religiofos, e feculares, que fe achavaõ na Igreja, mas as Religiofas no Coro, e algumas na larga diftancia do Dormitorio, fe fufpenderaõ. Examinoufe o motivo, e naõ fe achando mais, que terra folta, fem outra miftura mais, que os offos fecos daquelles dous venturofos corpos, fe entendeo, que elles eraõ a porçaõ aromatica, de que fe exhalava taõ exquifita fragrancia.

Mas coroemos finalmente efte livro com huma noticia, que fendo de credito para efta Cafa, parece agradecimento della ás illuftriffimas do Bafto, e Vimiofo, que naõ fó a fundaraõ, mas a ennobreceraõ, fazendo a Palacio de fua nobreza, recolhida nella a mayor parte de huma, e outra familia. E para que fe conheça o como ambas foraõ mimofas de Deos, e naõ menos agradecidas a elle, apontaremos, para melhor brazaõ de huma, e outra, as peffoas, que dellas fe recolheraõ, naõ fó aos noffos Dominicanos, mas a outros religiofos Clauftros, fendo exemplares de virtude em todos. E

co-

começando pela Caſa de Vimioſo.

Teve D. Affonſo de Portugal II. Conde de Vimioſo de ſua mulher Dona Luiza de Guſmaõ, cinco filhos, e oito filhas. Dom Joaõ de Portugal, que foy hum dos filhos, (e herdeiro da Caſa, como mais velho) fugindo dos braços do Mundo, e voltando as coſtas ás meiguices da ventura, tomou o habito em S. Domingos de Evora, attrahido de huma ſanta ſympatia, que o trouxe á Religiaõ Dominicana, ſegunda mãy, de cujos peitos ſe alimentou, e creſceo Varaõ illuſtre em virtude, e letras, coroadas humas, e outras com acclamaçoens, com cargos, com Mitras. Eſte foy o M. Fr. Joaõ de Portugal, de que já fica mais larga memoria entre os filhos de Evora.

Outro filho (que depois ſuccedeo na Caſa) foy D. Luiz de Portugal, que depois de acompanhar ſeu pay, e irmãos na infauſta tragedia dos campos de Africa, em que foy cativo; reſgatado, e reſtituido a eſte Reyno, já Conde de Vimioſo, caſou com Dona Joanna de Mendonça, filha de D. Fernando de Caſtro, Conde do Baſto; e paſſados annos, reſolvido entre os dous hum divorcio ſanto, fundando ambos eſte Moſteiro do Sacramento, tomou nelle o habito a Condeſſa, e o Conde o da meſma Ordem na Caſa de Bemfica. Venturoſo Condado do Vimioſo, que perdeo herdeiros para grangear Santos! Mais venturoſo, por duas vezes deixado, como herança de dous eſpiritos, que o ſouberaõ trocar pelos humildes capellos Dominicanos! O outro filho, que foy D. Nuno Alvares de Portugal (que faleceo ſendo hum dos trez Governadores, que governaraõ eſte Reyno) recolheo nos meſmos Clauſtros Dominicanos, em o Convento de Bemfica, dous filhos; Fr. Luiz da Cruz, e Fr. Antonio de Portugal; aquelle por obſervante, e penitente; eſte chorada ſua morte em pouca idade, e muitas eſperanças de grandes progreſſos nas letras. Deu mais D. Nuno Alvares huma filha a eſta Caſa do Sacramento; Soror Margarida da Columna, que viveo, e morreo como verdadeira filha della.

Das oito filhas do Conde D. Affonſo, faleceraõ quatro em tenra idade, querendo o Ceo entrar em partilhas na Caſa, como taõ ſua; ou levar as quatro em penhor das outras, que ficavaõ merecendo o meſmo. Deſtas foy huma Dona Joanna de Portugal, que tomou o habito no Moſteiro de Santa Catharina de Evora. Foraõ as outras Dona Brites, e Dona Thomazia; depois Sor Thomazia, e Sor Brites de Jeſus no Moſteiro da Madre de Deos de Lisboa, em que ambas foraõ Abbadeſſas, e acabaraõ com reputaçaõ de grandes Religioſas. A quarta foy Dona Filippa de Portugal, ſegunda Prioreza deſte Moſteiro do Sacramento, como já deixamos eſcrito.

D. Luiz de Portugal III. Conde de Vimioſo, (Fundador deſta Caſa do Sacramento, e depois profeſſo nos Clauſtros Dominicanos, onde ſe chamou Fr. Domingos do Roſario pela devoçaõ, que teve a elle, e ao Santo) entre muitos filhos teve duas filhas, Dona Filippa, e Dona Luiza. Foy eſta Religioſa no Moſ-

Mosteiro de Santa Catharina de Evora; em seu lugar escrevemos sua vida; Dona Filippa neste do Sacramento, donde passou ao de Santa Catharina, para o reduzir a refórma; nelle acabou a vida.

D. Affonso de Portugal IV. Conde de Vimioso, e depois Marquez de Aguiar, casou com Dona Maria de Mendonça, de quem teve trez filhas, Dona Margarida, Dona Brites, e Dona Luiza. As duas primeiras entraraõ nesta Casa; a terceira na de Santa Catharina de Evora. Nesta do Sacramento entrou sua mãy a Marqueza; já o deixamos escrito. Seguio sua familia o seu exemplo, recolhendose nos Claustros Sagrados, em differentes Mosteiros, cinco Ayas suas. Huma no Mosteiro de S. Bento das Bernardas de Evora, donde a obediencia a tirou para Fundadora das Bernardas Descalças em a Casa, que se levantou no Mocambo, bairro de Lisboa, visinho ao Sacramento. Naõ tinha entaõ mais que dous annos de Professa, mas taõ adiantada nos exercicios da mais reformada, (estylo de vida, que sempre observara em Casa da Marqueza) que na da nova Recoleta a elegeraõ Abbadessa perpetua. Tomou outra o habito em Santa Catharina de Evora, aonde foy exemplar sua vida. Eraõ as outras trez Ayas irmãas, gente nobre, e de muita estimaçaõ na Casa da Marqueza; com ella tomaraõ o habito nesta do Sacramento. Foraõ ellas Sor Francisca das Chagas, Sor Josefa de Jesus Maria, Sor Maria de Jesus, de taõ grande opiniaõ todas, que nos augmentaraõ o assumpto deste livro.

Seguio os mesmos passos, buscando o melhor Esposo, pelo caminho estreito da Clausura, Sor Barbara da Trindade, neta de D. Joaõ de Portugal, neto do primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal. Nesta Casa do Sacramento tomou o habito, como fica escrito. Sem noticia da Casa sabemos, que buscaraõ tambem a Clausura quatro filhas de D. Joaõ de Almeida, bisnetas do mesmo D. Joaõ de Portugal.

Da Casa do Basto fica dito que fundou, e se recolheo nesta do Sacramento a Condessa Dona Joanna: seguindo seu exemplo, buscaraõ a mesma Clausura quatro sobrinhas, suas irmãas inteiras, filhas do Conde D. Diogo de Castro, Governador primeiro, e depois Vice-Rey deste Reyno. Foraõ ellas Dona Catharina, Dona Francisca, Dona Marianna, (destas démos já noticia) e Dona Filippa, ou a Madre Sor Filippa da Encarnaçaõ, que carregada de annos, vive ainda hoje, que isto escrevemos, para consolaçaõ das Religiosas, e lucro do Mosteiro. Seguiraõ tambem o exemplo da Condessa Dona Joanna, duas Ayas suas, que se recolheraõ em a de Santa Catharina de Evora.

Tal foy o exemplo, que deraõ ao Mundo, tal o fruto, que deraõ ao Ceo as duas Casas do Vimioso, e Basto, povoando-se os Claustros Dominicanos, primeiro com as mesmas pessoas, e herdeiros dellas, depois com as familias. E tal foy a destas duas mulheres fortes, a Condessa de Vimioso, e a Marqueza de Aguiar. Estas as que a seus filhos, e domesticos deraõ as tunicas de lãa, trabalhadas por sua in-

Quæsivit linum, & lanam: omnes domestici ejus vestiti sunt duplicibus. Dedit prædam, & cibaria ancillis suis. Panem otiosa non comedit. De fructu manuum suarum plantavit vineam. Proverb. cap. 31.

induſtria, miſturando para ſi meſmas o ornato na purpura, e no panno groſſeiro. Eſtas as que ás ſuas ſervas deraõ na Caſa de Deos, (e eſpecialmente na do Sacramento) aquelle ſoberano ſuſtento, paõ quotidiano, de que tambem goſtaraõ á cuſta do trabalho de ſeu eſpirito. Mas ſeja a mayor gloria da Fundadora deſta Caſa, que verdadeiramente foy a melhor Fenix, que reduzindo ſeus deſejos ao fruto das obras, plantou eſta ſoberana Vinha, cujo licor ſagrado alimenta, e conſerva tantos Coros de Virgens, que o buſcaõ, e goſtaõ na Caſa, e na Meſa do Sacramento, nas vodas, e deſpoſorios de ſeus venturoſos eſpiritos.

Fim do terceiro livro.

QUAR-

QUARTA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO QUARTO.

Noticias do que pertence á India Oriental.

HE a Congregaçaõ da India Oriental, ou Conventos, e Vigairarias, que a Religiaõ de S. Domingos tem das bandas do Norte, e do Sul, huma Colonia desta Provincia, assim por serem filhos seus os Fundadores da sua Cabeça, (que he o Convento de Goa) como por ficarem todos debaixo da jurisdiçaõ do Prelado da dita Provincia, que he o que a provê de Vigario, para sua administraçaõ, e governo. Assim nos corre tambem a nós por obrigaçaõ, estender a penna ás noticias de partes taõ remotas, e progressos dos filhos dellas. Trabalho insuperavel o haver de ajuntar memorias em tanta distancia, quando saõ difficultosas nos pertos, ainda á mayor diligencia. Das fundaçoens dos Conventos, e Vigairarias, primeiros povoadores dellas, successos, e trabalhos na cultura Euangelica, (que he todo o empenho, e suor dos que dos nossos passaõ áquelle Clima) fica já escrito, ou fosse lavor, e trabalho da penna do Padre Fr. Luiz de Sousa, ou o tomasse por sua morte o Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que sim podia com tantas noticias, como experiencia de hum Clima, em que muitos annos fez assistencia. Assim ficaõ narrados todos os successos, que pertencem á Congregaçaõ, até o anno de 1630. ou com o acerto do legitimo Chronista, ou com o estilo de quem só podia supprir sua falta.

Restanos o que até o presente anno de 1706. (em que isto vamos escrevendo) succedeo nas Ilhas de Solor, e Timor; o succedido nos Rios de Sena, e no Reyno Siaõ; como tambem a no-

noticia de alguns Religioſos de nome, que ſerviraõ, e augmentaraõ aquellas Chriſtandades, cultivadas com o ſeu trabalho, ſuor, e fadiga, até que regadas com ſeu proprio ſangue, lhe renderaõ o fruto da eterna felicidade. Mas havendo de fallar neſtas Chriſtandades, repetiremos dellas alguma noticia para mayor clareza; e com eſtilo taõ apanhado, e conciſo, que aos que naõ tiverem noticia, lhes dê a que baſta; e aos que já a tem, lhes ſirva de memoria. Com eſta meſma deſculpa, a faremos do que a Congregaçaõ tem em todo o Oriente, recopilando o que na Terceira Parte ſe lê difuſo, e por iſſo menos apprehendido. Daremos finalmente noticia dos Religioſos, que ſerviraõ mais finaladamente eſtas Chriſtandades, conſervandoſe ainda nelles aquelles grandes eſpiritos de ſeus anteceſſores, que reſgatando da noite da cegueira aquelle berço do dia, lhe confirmaraõ o nome de Oriente, naſcendo nelle o Sol da verdade Euangelica, entre tantos prodigios, e aſſombros, que ſuſpenderaõ, arrebataraõ, e finalmente reduziraõ aquellas Regioens taõ vaſtas, como remotas, taõ barbaras, como deſconhecidas.

CAPITULO I.

Noticia ſummaria, e breve, do preſente eſtado da Congregaçaõ dos Prades Prégadores da India Oriental, ſogeita á Provincia de Portugal.

Do que tem a Congregaçaõ na Ilha de Goa.

OFferece-ſe primeiro a diſtancia. Diſta Goa da Provincia de Portugal, que a governa, cinco mil e tantas legoas de mar, navegadas em ſeis, ſete, e oito mezes. Por terra he difficultoſo, e arriſcado o caminho em todo o encarecimento, cauſa, e razaõ unica, porque os Provinciaes, e Prelados ſeus, que aſſiſtem em Portugal, a naõ viraõ, nem viſitaraõ nunca, tendo de antiguidade, e fundaçaõ cento e cincoenta e cinco annos. Aſſim a governaõ, e viſitaõ por ſeus Vigarios, naõ ſó a ella, como Cabeça, mas aos ſeus vaſtos, e dilatados membros, que ſe eſtendem por trez mil legoas, pouco mais, ou menos, pela Coſta de Sofala, Rios de Cuama, terras de Monopotapa, Coſta de Africa Oriental, até á China, que he o ultimo termo de Aſia: donde vem, que ficaõ humas partes della muy diſtantes das outras, e o governo de todas com muito trabalho, e talvez pouco effeito.

A Cabeça, e o Convento mayor, e principal deſta Congregaçaõ, em que reſide o Prelado mayor, e Vigario Geral della, he o Convento de S. Domingos, ſituado na Ilha de Goa, Convento magnifico, e ſumptuoſo, fundado no anno de 1548.

pe-

pelo Padre Fr. Diogo Bermudes, primeiro Vigario Geral; e hoje de novo reformado, em nobre, e mais avultada fabrica, que o fazem hum dos mais grandiosos de toda a Provincia, e capaz de ser Cabeça da mais dilatada. Tem Casa de Noviços. Assim tem de ordinario nelle sessenta Frades. He a Igreja grande, e desafogada, no feitio de trez naves. No corpo se lhe abrem oito Capellas rasgadas, e alterosas em correspondencia a toda a fabrica. Ha nellas quatro Confrarias, mais celebre a do Rosario, administrada com devoçaõ, e grandeza; grande ornato; e muita prata; entre ella hum Andor de grande preço, em que entraõ iguaes a materia, e o feitio. Ha outra Confraria de Jesus; administraõ-na os Portuguezes, gente nobre, e escolhida. Ha nella grande fabrica, e ornato, riqueza, e aceyo. Outra Confraria he de S. Pedro Martyr, que pertence aos Inquisidores, e Ministros do Santo Officio. Outra finalmente do Espirito Santo, que pertence aos Cortezaons, e Ministros da Republica. Ha tambem na Igreja outra Confraria de N. P. S. Domingos em Suriano, que celebra este dia com grande pompa, e culto.

Convento de Goa.

Tem tambem a Congregaçaõ na Ilha de Goa mais dous Conventos, hum de Santo Thomaz, capacissimo tanto, como sadio, e fresco, por lograr a visinhança do rio. He Universidade, e Casa de estudos, com huma de Noviços espaçosa. A Igreja he de huma nave, fermosa, e desafogada; dous Coros, e sete Capellas; nellas algumas Confrarias. Singular a da Senhora dos Remedios; buscada, e assistida da devoçaõ dos naturaes, pelo interesse de perennes milagres. Residem nesta Casa de ordinario cincoenta Religiosos.

Collegio de Santo Thomaz.

He o outro Convento a Recoleta de Santa Barbara, dista da Cidade huma legoa. Sustentava doze, e quinze Religiosos; depois até vinte e dous, por se fazer nelle Casa de Noviços, com Escola de Latim, assim para os que vaõ do Reyno, e lá tomaõ o habito, como para os da terra. Ha tambem Escola publica de ler, e escrever, e musica. He tambem Paroquia dos Indios, que para isso a fundaraõ os primeiros Padres. A Igreja pequena, mas com duas Confrarias de Jesus, e do Rosario, administradas com devoçaõ, despeza, e zelo.

Recoleta de Santa Barbara.

Ha mais na mesma Ilha outras Igrejas Paroquiaes dos Indios, de que os Religiosos saõ Paroquos, e Vigarios, e fazem Christandade. Huma se chama de S. Miguel, outra de Santa Cruz, outra da Magdalena. Ha nellas Confrarias com grandes fabricas. Ha mais outra Paroquia, a que chamaõ nossa Senhora do Rosario de Curca.

Ha na mesma Ilha algumas Ermidas, e Casas de devoçaõ, que pertencem aos nossos Conventos, como saõ a Ermida de nossa Senhora de Nazareth, em que assiste hum Religioso. Nella se faz a segunda Oitava da Pascoa huma celebridade grande, e do mayor concurso das Aldeas, e Cidades. Está situada em hum penhasco fronteiro á Barra, e he tradiçaõ, que se fundou com materiaes, que foraõ do Reyno, pelos primeiros Portuguezes, que chegaraõ a Goa.

A grande devoçaõ com a Senhora, junta a eſta antiguidade, fazem a Caſa mais celebre. A Ermida de noſſa Senhora de Valle das Marinhas. A Ermida de S. Joaõ Bautiſta do Arecal. Eſtas trez Ermidas com ſuas fazendas, pertencem ao Convento principal de Saõ Domingos de Goa. A Ermida de N. Senhora da Eſperança, e a Ermida de N. Senhora da Paz, que com ſuas fazendas, pertencem ao Convento de Santo Thomaz Em todas eſtas Ermidas, e em cada huma dellas, aſſiſte hum Religioſo, que adminiſtra ſuas fazendas, e trata de ſeu concerto, e fabricas. Todos eſtes Conventos, Paroquias, Caſas, e Ermidas, ſe achaõ dentro da Ilha de Goa, que vem a ſer trez Conventos, quatro Paroquias, cinco, ou ſeis Ermidas, que podiaõ fazer o corpo de huma Provincia.

Do que tem a Congregaçaõ pela Coſta do Norte até Diu.

SAhindo de Goa para o Norte, em diſtancia de ſetenta legoas de mar, (navegadas de ordinario em ſete, ou oito dias) ſe acha a Cidade de Chaul, aonde tem a Congregaçaõ hum ſumptuoſo Convento, com o titulo de noſſa Senhora de Guadalupe; eſtá bem ſituado, tem Caſa de Noviços; a Igreja he de huma ſó nave, fermoſa, e deſabafada; tem ſete Capellas, nellas algumas Confrarias, ſingular a do Roſario, que adminiſtraõ os Indios com grande deſpeza, e zelo. Agaſalha eſta Caſa de ordinario trinta, e mais Religioſos. Fóra dos muros da Cidade, a pouca diſtancia, ſe vê huma Ermida de grande devoçaõ, e igual concurſo em todo o anno. Tem o titulo de noſſa Senhora das Mercês. Pertence ao meſmo Convento. Aſſiſte nella hum Religioſo.

Convento de Chaul.

Mais adiante, diſtancia de quatro, ou cinco legoas, em huma Ilha, e Povoaçaõ pequena, chamada Caranja, ſe acha outra Caſa, e Vigairaria, pertencente ao meſmo Convento, com o titulo de noſſa Senhora do Roſario, com ſua Confraria, que adminiſtraõ os Indios naturaes, com grande deſpeza, e cuidado. Aſſiſte aqui hum Religioſo.

Em diſtancia de outras quatro, ou cinco legoas de mar, em outra povoaçaõ chamada Tanna (Ilha de Salſete) eſtá outra Vigairaria com o meſmo titulo do Roſario, e huma Confraria delle, adminiſtrada pelos Indios, com grandes deſpezas, grande culto e feſtas. Aſſiſtiaõ nella dous Religioſos, creſceo depois, e augmentouſe em hum Convento pequeno, que agaſalhará até ſete.

Convento em Tanna.

Adiante para o Norte, outras quatro, ou cinco legoas, eſtá a Cidade de Baçaim. Nella tem a Congregaçaõ hum Convento ſumptuoſo, com o titulo de S. Gonçalo. Igreja correſpondente á Caſa, alegre, e fermoſa, em que há cinco Capellas com ſuas Confrarias; ſingular a do Roſario, em que os Indios fazem feſtas com diſpendio, e eſtrondo igual á ſua devoçaõ, e zelo. O Convento tem tanta largueza, e capacidade (aſſim o Clauſtro) que podera alojar grande Communidade; mas a que ſe acha commummente he de doze Religioſos.

Convento em Baçaim.

Fó-

Vigairaria de Baçaim. Fóra da Cidade, hum quarto de legoa, se vê a Casa de nossa Senhora dos Remedios, Imagem milagrosissima (buscada naõ só dos Christãos, mas de Mouros, e Gentios) em que obra mayores prodigios, e mais continuados; experiencia, que os traz de toda a India, com grandes offertas, festas, e romarias. He Casa da Ordem, e Vigairaria de per si. Residem nella cinco, ou seis Religiosos, sendo capaz de muitos. He tambem Paroquia dos Indios naturaes, tem Igreja de huma só nave, mas ayrosa, e aceada, com dous Altares Collateraes, que acompanhaõ a Capella mór, fermosa, e bem ornada. Nella se venera a Senhora em hum throno de prata de grande custo, obra, que inculca magestade, e respeito.

Adiante, quasi a mesma distancia de cinco legoas, se vê outra Vigairaria da Ordem, (na Povoaçaõ de Maim) com o titulo de Bom Jesus. Assistem nella o Vigario, e seu companheiro. Tem suas Confrarias, principal a do Rosario. Pertence tambem á Ordem huma Ermima, que com o titulo da Madre de Deos está na mesma Povoaçaõ.

Na de Trapor, que fica na mesma distancia, quatro, ou cinco legoas adiante, para o Norte, está outra Vigairaria, com o titulo do Espirito Santo, em que assistem quatro Religiosos. Tem a Casa boa Igreja, com algumas Confrarias, singular a do Rosario.

Convento em Damaõ. Em distancia de sete, ou oito legoas, mais para o Norte, se acha a Cidade, e Fortaleza de Damaõ. Nella tem a Congregaçaõ o Convento de nossa Senhora da Victoria; sustenta até dez Religiosos com seu Prior. He Convento capaz, e bem acabado, tem Igreja grande, e perfeita, bom Claustro, e officinas iguaes a toda a Casa. Ha aqui algumas Confrarias, a do Rosario sobre todas. He Casa de grande devoçaõ, e concurso, pela Quaresma especialmente, frequentada de dia, e de noite.

Convento de Diu. Defronte desta Cidade, atravessando o golfo de Cambaya, distancia de trinta legoas, pouco mais, ou menos, está a Cidade, e Fortaleza de Diu, taõ celebre no Mundo, por theatro do esforço Portuguez, e padraõ de suas heroicas, e memoraveis façanhas. Nella tem a Congregaçaõ o Convento da Madre de Deos, em que assistem doze Religiosos com o seu Prior. Tem Igreja fermosa, e bem ornada; algumas Confrarias, administradas pelos Indios da terra, singular a do Rosario, com grande devoçaõ, apparato, e dispendio. Tem a Casa bem lançados, e perfeitos Claustros, e Dormitorios da melhor obra, e architectura, que se acha por estas partes, por serem os officiaes desta os de mais fama, que conhece a India. Pouco affastado do Convento, fica o Hospital delRey; tem hum Religioso a administraçaõ delle.

Ha tambem aqui Religioso da Ordem, a que chamaõ *Pay de Christãos*, como em Chaul, Tanna, Baçaim, Trapor, Damaõ. He o officio, e occupaçaõ deste Padre, naõ só converter Infieis, (bautizando em todos os annos muitos) mas tambem ir ás naos de Meca (em todas as monçoens, que vem ás barras,

ras, e portos destas Cidades) a a tirar os Christãos Abexins, chamados do Preste Joaõ, que os Mouros com disfarce, e violencia trazem comsigo, obrigando-os á sua ley, e abominaveis ritos. Occupaçaõ he esta, assim como de grande serviço para Deos, de muita edificaçaõ para aquelles Povos. Fóra da Cidade hum quarto de legoa, se vê a Ermida de nossa Senhora de Penha de França, Casa de muita devoçaõ, e romagem; e dahi a duas legoas outra Ermida com o titulo de nossa Senhora da Saude, Imagem milagrosa, muy buscada, e assistida. Em cada huma destas Ermidas assiste hum Religioso da Congregaçaõ.

Do que tem, ou teve a Congregaçaõ no Sul até á China.

SAhindo de Goa para o Sul cem legoas, está a Cidade de Cóchim, a mais nobre, e populosa, que ha na India, depois de Goa. Nella teve a Congregaçaõ Casa celebre, e sumptuosa, em que assistiaõ trinta, e quarenta Religiosos. Tinha a Igreja de trez naves, espaçosa, e bem acabada, com suas Confrarias, singular a do Rosario, e de Jesus. Era Casa muy frequentada, e nella o culto Divino com singular decencia. Celebre na Igreja a Capella de Saõ Domingos em Suriano, assim por ser a primeira, que se lhe lavrou na India, como por ser a Imagem muy milagrosa, e assim muy servida, e buscada. Havia neste Convento Casa de Noviços, edificio, que a orna, e authoriza. Fóra da Cidade, passado o rio, está huma Ilheta, chamada das Ostras, (por ter havido nella muitas) pertence ao Convento, como tambem huma Ermida de nossa Senhora das Boas Novas, de muita devoçaõ, e romagem. Assiste nella hum Religioso.

Convento de Cóchim.

Pela parte do Sul, mais adiante noventa, ou cem legoas, está a famosa, e celebrada Ilha de Ceilaõ, taõ sinalada, e reconhecida em todo o Mundo, como thesouro da natureza, e pela fina canela, que em si tem. Nella está a Cidade de Columbo, em que a Congregaçaõ teve huma Casa, e Vigairaria de grande nome, com o da Senhora do Rosario, sustentava até quinze Religiosos. Havia nella varias Confrarias, singular a do Rosario, servida pelos Indios, com devoçaõ, e dispendio. Em pouca distancia da Cidade está huma Ermida de S. Sebastiaõ, de devoçaõ, e concurso. Assistia nella hum Religioso. Entrando pelo Certaõ desta Ilha algumas legoas, se hiaõ contando doze Igrejas Paroquiaes, Christandade celebre, e nomeada de Ceilaõ, dos Religiosos de S. Domingos, que nella assistiaõ, doutrinando os novamente convertidos, e convertendo muitos com trabalho, desvelo, pouco commodo, e muito risco.

Convento de Columbo.

Dezoito legoas de Columbo está a Fortaleza de Galle, e nella havia huma Vigairaria com o titulo da Senhora do Rosario, em que a Congregaçaõ tinha hum Vigario, e seu companheiro. Trinta legoas de Columbo está a Fortaleza de Manar; (contigua á Ilha de Ceilaõ) nella tinha a Congregaçaõ outra Vigaira-

raria, e Caſa com o meſmo titulo do Roſario, que como a outra, tinha tambem ſeu Vigario, e companheiro. Neſta Caſa havia huma Imagem de S. Gonçalo de muitos milagres, e tantos, como eſpantoſos, pelo que era buſcada de muita devoçaõ, e romagem. Tinha mais a Congregaçaõ neſta Ilha a Igreja Paroquial de S. Joaõ, que adminiſtrava, e em que aſſiſtia hum Religioſo.

De Manar doze legoas, na meſma Ilha de Ceilaõ, eſtá o Reyno de Jafanapataõ; aqui tinha a Congregaçaõ Caſa, e Vigairaria, com o titulo do Roſario, Igreja fermoſa, e bem ornada, com Confraria da meſma Senhora, adminiſtrada pelos Indios, com devoçaõ, e deſpeza. Suſtentava a Caſa dous Religioſos, Vigario, e ſeu companheiro. Huma legoa fóra do povoado eſtava a Igreja Paroquial dos Paravelins, em que reſidia hum Religioſo, convertendo, bautizando, e adminiſtrando os Sacramentos aos naturaes da terra.

Caſa em Negapataõ.

De Jafanapataõ outras doze legoas, eſtá o povo de Negapataõ, em que ſe via huma Caſa, e Vigairaria, com o titulo do Roſario, boa Igreja, Coro, Clauſtro, e Dormitorios. Havia ſuas Confrarias, (adminiſtradas com grandes deſpezas) a do Roſario ſingular entre todas. Era a Caſa capaz de ſer Convento, porque ſuſtentava doze Religioſos.

Adiante noventa legoas, pouco mais, ou menos, eſtá a Cidade de Meliapor, em que prégou, e padeceo martyrio o Apoſtolo S. Thomé. Tinha aqui a Congregaçaõ Caſa, e Vigairaria, titulo do Roſario, Igreja pequena, mas bem acabada. Entre outras a Confraria da Senhora, bem adminiſtrada, e ſervida pelos Indios da terra. Suſtentava a Caſa dous Religioſos, Vigario, e ſeu companheiro. De Goa para o Sul, ſeiſcentas legoas, eſtá a Cidade de Malaca, em que a Congregaçaõ teve Caſa de nome, boa Igreja, nella a Imagem de huma Senhora milagroſa. Suſtentava cinco Religioſos; perdeoſe na entrada dos Hollandezes, flagello, que o braço de Deos eſtendeo ſobre aquellas terras, e de que eſperamos por ſua miſericordia vêllas reſgatadas.

Caſa em Malaca.

De Malaca para o Sul trezentas legoas, eſtaõ as Ilhas de Solor, que ſaõ muitas, e dilatadas. Nellas ſe eſtendem as Chriſtandades, que eſtaõ a cargo dos Religioſos da Congregaçaõ, ſem haver em toda aquella vaſtidaõ de terras Sacerdote algum, que naõ ſeja Religioſo Dominico. Na Ilha de Solor eſtá a Povoaçaõ de Larantuca, em que ha a Caſa, e Vigairaria de noſſa Senhora da Piedade, que he Cabeça de todas as Chriſtandades daquellas Ilhas. Tem Igreja eſpaçoſa, e bem acabada; nella algumas Confrarias, ſingular a do Roſario. Suſtenta a Caſa quatro Religioſos com ſeu Vigario, que tem juriſdicçaõ ſobre as Igrejas, que eſtaõ pela terra dentro, que ſeraõ dezoito; em cada huma aſſiſte ſeu Religioſo. He incançavel neſta Ilha o exercicio delles na converſáõ das almas, na deſtruiçaõ dos abuſos; na adminiſtraçaõ dos Sacramentos, com tanto fervor, tanto zelo, e tanto valor Apoſto-

Vigairaria de Larantuca, Cabeça de todas as Chriſtandades daquellas Ilhas.

tolico, como moſtrou em muitos o martyrio. Mais moderna ſe abrio, e começou a florecer a Chriſtandade em Timor, Ilha dilatada, em que ſe contaõ trez Reynos; reduziraõ nella os Religioſos os Principes, e Cabeças; ſeguio-ſe grande fruto para Deos, grande augmento para a Fé, e grande reputaçaõ para os Cultores Euangelicos. Ha tambem Chriſtandade no Reyno de Siaõ, trabalhaõ nella dous Religioſos. Outra em Japara, na Jaoa mayor, Reyno de Mataraõ, cultura, e trabalho de outros dous Religioſos.

Convento na Cidade da China.

De Malaca quinhentas legoas, eſtá a Cidade da China, nella tem a Congregaçaõ Caſa ſumptuoſa, perfeita, e acabada, o titulo da Senhora do Roſario; Igreja de trez naves, tecto, e columnas douradas; Clauſtros, e Dormitorios, grandes, e deſafogados. Ha aqui algumas Confrarias, adminiſtradas com grande devoçaõ, e deſpezas. No ſerviço da Igreja muita prata, e entre boas peſſas della a mais celebre huma alampada de ſingular feitio, e taõ eſtranha grandeza, que ſe naõ póde pôr, nem tirar da Capella, ſe naõ deſmanchando-ſe em peſſas miudas: ſuſtenta eſta Caſa até vinte Religioſos.

Do que tem a Congregaçaõ para o Sul em a Coſta de Africa.

Caſa em Moçambique.

SAhindo da Coſta da India, atraveſſando para a Coſta de Africa, em diſtancia de novecentas legoas, navegadas em hum mez, eſtá Moçambique em altura de cincoenta graos do Sul, terras de Cafraria, em que a Congregaçaõ tem huma Vigairaria, e Caſa das principaes, chamada S. Domingos. Reſidem nella de ordinario quatro, cinco, ſeis Religioſos, e talvez mayor numero, por ſer a porta por onde os Religioſos entraõ, e ſahem para as Chriſtandades dos rios de Sena, e Reynos de Monopotapa.

Caſa em Sena.

Adiante ſeſſenta legoas, viagem de oito, e dez dias, ſe entra nos rios. A' entrada delles tem a Congregaçaõ a Caſa, e Vigairaria de Sena, com o titulo de S. Domingos; aſſiſtem nella trez, e quatro Religioſos, e talvez mayor numero; tem capacidade para ſer Convento. Meya legoa diſtante deſta Caſa, ſe vê a Igreja Paroquial de noſſa Senhora dos Remedios; aſſiſte nella hum Religioſo.

Pelos rios dentro eſtá a Caſa, e Vigairaria de Tete, com o titulo de Santiago, rica, e abundante entre todas as dos rios. Aſſiſtem nella dous Religioſos. Mais pelas terras dentro, no Reyno de Manica, tem a Congregaçaõ muitas Caſas, e Paroquias, Chimpambura, Matuca, Vumba, Dambarare, Matafune, Chipriviri, Loanze, Maçapa, Quitambruize, Ongue, e outras muitas, e em cada huma ſeu Religioſo cathequizando, enſinando, inſtruindo, e bautizando aquelles barbaros Cafres. Na Corte do meſmo Emperador, (chamada Zimbaoe) a que os Religioſos bautizaraõ, reduzido á luz da Fé, tem a Congregaçaõ Igreja, em que reſidem Religioſos, que o meſmo Emperador tem por Capellaens,

e Con-

e Confessores, pedidos com instancia, e tratados com estimaçaõ.

Na Corte delRey Quiteve se vê novamente fundada huma Freguesia com seu Religioso por Paroco, que promette naquellas Christandades grande fruto. Fundouse outra na Corte delRey Banoe, que se malogrou pela pertinacia do barbaro, duro, e cego como Mouro. Pela mesma Costa, perto do Cabo das Correntes, está a Fortaleza de Sofala, em que a Congregaçaõ tem Casa com hum Religioso, que assiste, e se occupa em cathequizar, instruir, e bautizar. Abaixo de Moçambique ficaõ as Ilhas de Quirimba, e Amiza; aqui se vem duas Igrejas, a que assiste hum Religioso, e muitas vezes dous, com grande fruto, e espiritual interesse daquella Christandade.

Visto o que pertence á Congregaçaõ da India, bem se deixa ver, que em numero de Casas naõ he inferior á Provincia de Portugal, e muito digna de que os Reys, e Senhores nossos (que o governaõ) favoreçaõ, e fomentem o exercicio de suas missoens, naõ já para premio do que trabalharaõ, mas para incentivo do que continuaõ. Muitas Casas das que temos apontado, se suspenderaõ, e extinguiraõ com a entrada do Hollandez naquelles Estados, que inimigo mais pertinaz da Igreja, começou a perseguir os progressos, e augmentos della; mas naõ basta isto, para que os nossos Religiosos percaõ a gloria de ter reduzido ao seu gremio aquelles barbaros, nem a esperança de continuarem ainda a Deos, e ao Reyno os mesmos serviços. E fique advertido, que nas Christandades dos rios, se entraraõ Religiosos estranhos, foy urbanidade dos nossos; mas sem licença dos Prelados.

CAPITULO II.

Noticia das Ilhas de Solor, especial de Larantuca, Timor, e outras adjacentes.

SUpposta a inteira noticia, que de toda a Congregaçaõ, e successos della, escreveo na terceira Parte da Chronica o Padre Fr. Luiz de Sousa, e especialmente das Ilhas de Solor, e primeira Christandade dellas, restaõ-nos os progressos das mesmas Christandades, por ser o digno de memoria, obrado naquellas partes estes annos ultimos pelos Religiosos de S. Domingos. Mas como os successos das Ilhas de Larantuca, e Timor nos haõ de dar materia, daremos dellas noticia; e de outras, alguma, que falta. Muitas saõ as Ilhas de Solor, que se comprehendem debaixo deste nome, porque correm desde o estreito de Bale até ás ultimas, que confinaõ com o mar, que vay dar na Ilha de S. Lourenço; por onde se vê, que saõ estas as ultimas do Mundo; porém naõ tocaremos aqui mais, que nas em que ha Christandade, ou commercio, ou esperança delle. A primeira, que he hoje Cabeça de toda a Christandade destas Ilhas, se chama Larantuca; *Larantuca.* está em sete graos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, por comprimento de sessenta legoas de ponta a ponta, tendo de largura dezasete, até vinte e duas, ou mais. Na ponta, que co-

começa da banda do Norte, (que o fica tambem ſendo do Macaſſá) he que ha Chriſtandade, até o meyo da Ilha, por diſtancia de trinta legoas. Da outra banda confina com huma Ilha, chamada a Bima, em que naõ ha Chriſtandade, por ſer toda povoaçaõ de Mouros, ficandolhe no meyo hum Guno, que val o meſmo que *Monte alto*, a que chamaõ Gunuoapis, que eſtá vertendo ſempre grande copia de enxofre, e com mayor abundancia, e miſtura de fogo, o exhala no cume.

He eſta Ilha de Larantuca muy povoada, por limpeza, e pureza de ares, e fertilidade de terra. Nella fabricaõ as caſas de palha. Começando pela parte do Macaſſá, em que eſtá a Chriſtandade até o meyo da Ilha, onde chamaõ o *Ende*, ſaõ Gentios, (excepto alguns Chriſtãos, como em ſeu lugar diremos) porém do *Ende* por diante eſtaõ onze, ou doze Povoaçoens de arrenegados; a ſeu tempo diremos o motivo, que os reduzio a eſte eſtado. Acharſehaõ neſtas Povoaçoens ſeis para ſete mil almas, e entre todos dous mil para dous mil e quinhentos homens de guerra, grandes inimigos do nome de Chriſto, como por miſeria ſua o coſtumaõ os que primeiro o tiveraõ. Deſtas Povoaçoens, até o fim da Ilha, naõ ſe acha mais que Gentilidade pura, mas com grande commercio com os Chriſtãos, e quaſi nenhum com os Mouros, convidados de noſſa fidelidade, como do conſelho de hum Emperador ſeu, reduzido pelos noſſos Religioſos á Fé, e Bautiſmo (em que tomou o nome de D. Conſtantino) em os primeiros annos, em que eſtava no berço eſta Chriſtandade, que elle admittio, e fomentou nas ſuas terras, obedecendo aos Religioſos em tudo tocante ao eſpirito, e talvez conſultando-os para ſeu governo.

As couſas, que ha neſta Ilha por via de commercio, he muita canela, taõ fina, e taõ forte como a de Ceilaõ. Ha muitos eſcravos de varias ſortes de cativeiros, e alguma cera, em que tudo ha ganho, levando-o fóra da Ilha, como fazem os Macaſſás, que ſaõ os de mais trato; e ſem duvida, que fora groſſo o da Ilha, a naõ ſer a gente para pouco, frouxa, e perguiçoſa.

He toda eſta Gentilidade, pela mayor parte homens de guerra, particularmente para ſe defenderem, porque os mais eſtaõ providos de armas, como ſaõ azagayas, eſpadas curtas, rodelas, arcos, e flexas. Naõ conhecem, nem tem uſo de eſpingardas, antes tem grande medo dellas. Naõ ha Rey algum neſta Ilha, a quem propriamente ſe dê obediencia; porque o Emperador, que diſſemos, (e aſſim os mais) tem o nome, e reſpeito, naõ o dominio; mas ha em cada Povoaçaõ hum maioral, a que chamaõ Atacabel, ou Ataluque, a quem ſe ſogeitaõ a governo, e caſtigo, e o ſeguem como a ſeu Capitaõ, ſe ſe poem em campo. Naõ tem, nem reconhecem Deos, a que dem culto, com que naõ tem Idolos, nem Pagodes; uſaõ ſó de humas ſuperſtições Gentilicas, matando, e abrindo as cabras, e contemplandolhe as entranhas, eſtilo antigo dos Romanos, e de muitas naçoens barbaras.

Ha-

Haverá nesta Ilha de Larantuca (entre a Povoaçaõ principal, que tem este nome, e outra, que está pela Ilha adiante quinze legoas, a que chamaõ *Siqua*, outra, que se chama *Pagua*, e o *Ende*, que está outras quinze adiante, todas de Christãos) numero de mil espingardas, e melhoria dellas, fóra outros muitos Christãos, e Gentios amigos, com as suas armas, que acima dissémos. O mantimento mais ordinario desta Ilha, (e de que dá grande copia) he arroz. Pela terra dentro se compra mais barato. Dá tambem a Ilha muitos inhames, feijoens, e batatas, grande copia de canas de assucar, e assim assucar, milho, assim o miudo de Moçambique, como o que chamaõ Zaburro, tudo muito, e barato, com que fica sendo o commum sustento.

Ha muitas carnes; as do mato; porcos, veados, e bufaros, todos de grande corpulencia, e excellente gosto, e que se caçaõ com pouco trabalho. As carnes domesticas saõ gallinhas, em grande copia, cabras com a mesma, e porcos, de que ha muita criaçaõ. Nada disto se resgata com moeda de prata, ou ouro, mas com pedaços de ferro, e ainda cabeças de prégos, ou alguns pannos. De peixe naõ usaõ muito, mais que em algumas povoaçoens visinhas ás prayas; e ainda ahi pouco, por se naõ darem muito a pescas.

Ha nesta Ilha muita madeira, ainda que nenhuma de Tequa, nem Angelim, mas sufficiente para fabricarem suas embarcaçoens, que talvez saõ de muito porte. Ignoraõ o beneficio da serra; assim por grande, e grossa, que seja a taboa, naõ se servem della mais que fendida. Em lugar de prégos, usaõ de tornos de pao; para vélas, de esteiras de junco, da mesma Ilha, (como he commum em todo aquelle Sul) mas taõ bem tecidas, e taõ duraveis, que só se lhe aventajaõ as de lona, porque se conservaõ com a agua salgada. O que só falta nesta Ilha he trigo, e vinho de Portugal, sendo o que se faz na terra pelos Christãos, de Palmeiras barbaras o melhor, que ha por aquellas partes.

Cinco legoas desta Povoaçaõ, correndo pela Costa, está hum *Guno*, que val o mesmo, que monte, como dissémos já. Chamase este *Levotobe*, e assim elle, como outro, que dista vinte legoas (correndo pela mesma Costa) vertem, e lançaõ de si quantidade de enxofre, rompendo muitas vezes em lavaredas no cume. Ha nesta Ilha muita terra, de que se faz salitre, cozida, apurada, porque chea de ourina de Morcegos (tantos ha nella) lança de si este material dos melhores, que ha no Oriente. Assim tem em abundancia os materiaes da polvora, descubertos pelos nossos Religiosos, no meyo da falta, que naquellas partes se padecia della; e feita, sahio da mais fina.

Passando a Ilha de Crama, que está mais proxima á de Larantuca, distando della huma legoa de boqueiraõ de mar, ao mais largo, porque em outras partes he mais estreito, naõ tendo mais distancia, que hum tiro de espingarda; em comprimento, e largura he esta Ilha quasi o mesmo; e de dezoito até vinte legoas, com que fica em fór- *Crama.*

fórma pouco mais que redonda. He toda de Gentilidade, e taõ habitada, que tem sete, ou oito Povoaçoens ao longo do mar (de huma banda, e outra) de arrenegados, que foraõ Christãos, e saõ hoje Mouros; saõ seus nomes proprios, *Solores*, *Terroens*, *Lamalas*, *Lameiloens*, e *Adonaras*; com estes todos temos guerra, e de ordinario lhe daõ soccorro os Gentios da terra, naõ todos; que alguns temos confederados. Chamáõse por aquellas Ilhas aos Gentios, que saõ pela parte dos Christãos, *Demonaras*, e os que pela dos Mouros, *Pagenaras*. Com esta Ilha temos commercio, em razaõ do mantimento, porque ha nella todos os generos, que dissemos de Larantuca, e em muito mayor copia, por ser a Ilha a mais fertil, e fresca, que ha por todo aquelle circuito.

A Ilha de Solor, aonde esteve a nossa Fortaleza, dista da de Larantuca duas legoas, ficandolhe no meyo a Ilha de Crama. Terá quatorze, ou quinze de circuito, porque he em figura redonda. Povoaõ-na toda Gentilidade, e Mouros, e alguma Christandade, adonde chamaõ *Pataõ*, *Pamancayo*, *Gravatos*, e outros Gentios adjacentes da nossa jurisdicçaõ. No meyo da Ilha está a Fortaleza, que o zelo do nosso Bispo de Cochim D. Fr. Miguel Rangel, indo por Commissario, e Visitador daquellas Christandades, em 1629. fez reformar com esmolas, que a sua diligencia, e industria ajuntou na China, na Cidade de Macao. Deu-lhe a artelharia o Governador Nuno Alvares Botelho; adquirio elle os mais apprestos, poz os dous Religiosos, alguns moços para o serviço, e alguns Christãos para a defensa; mas tornando para Goa, e naõ tendo com que acodir á Fortaleza, se passou a artelharia para Larantuca, desamparando-a os que estavaõ nella, expostos á furia, e rapina do Hollandez, quando naõ ás invasoens dos Mouros *Lamanqueiras*, que vivendo na visinhança, a podiaõ achar com pouca resistencia.

He esta Ilha de *Solor*, (sendo a que dá o nome a todas) a mais mendiga dellas, por ser a mais esteril, e seca com a falta de agua; havendo esta nas outras em muitas ribeiras, que as regaõ, e as fazem frutiferas. Algum tempo foy habitada de Christãos, em quanto teve presidio a nossa Fortaleza, servindo de bom surgidouro ás embarcaçoens. Ainda depois a malquistou mais a vinda dos Mouros arrenegados, que passaraõ pela de Ternate, e Amboino, fazendo cruel guerra aos Christãos, que a deixaraõ logo. O que nesta Ilha ha só de proveito, he muita terra de salitre, de que se faz a polvora. Naõ falta tambem carne de mato, de porcos, e veados. *Ilha de Solor.*

Distante de Solor legoa e meya, no mais estreito de boqueiraõ de mar, está a Ilha *Levoleba*; he grande, e pouco menos que Larantuca, e toda habitada de Gentios, chamados (como atraz dissémos) *Demonaras*, e *Paginaras*, tendo huma só Povoaçaõ de Mouros, mas populosa, chamada *Lavoba'a*. Tem commercio comnosco, e o principal, que se resgata desta Ilha, he quantidade de azeite de sisa, taõ barato, que por *Ilha de Levoleba.*

hum machado de ferro, ou quatro prégos velhos, se dá huma jarra de dous, e trez almudes. He a causa, porque de ordinario se occupaõ os moradores da terra na pescaria de Baleatos com arpeos, sem repararem no ambar, que podem dar estas Baleas, de que saõ bem povoados aquelles mares; mas he gente buçal, e bruta, sem consideraçaõ, ou agencia. Tem tambem o mesmo, que as mais Ilhas, de cera, escravagem, e tartaruga, e todo o mantimento, grande copia de carnes do mato, tudo naõ só para fartura da terra, mas ainda para vender para fóra.

As Ilhas Levotolo, Queidaõ, e Galiao.

Adiante desta Ilha Levoleba, em pouca distancia, estaõ as trez Ilhas *Levotolo*, *Queidaõ*, e *Galiao*, contiguas humas com as outras com pequenos boqueirões, que as repartem. Saõ povoadas de Gentios, e Mouros, sem Christandade alguma, mas temos com elles commercio, indo, e vindo á nossa Povoaçaõ de Larantuca, com tartaruga, escravagem, e cera, muito enxofre, que alli tem (melhor, e mais barato) em razaõ de hum huno, a que chamaõ *Levotolo*, que dá grande copia delle, o mais puro, e mais amarello. Tem em si estas Ilhas bastante mantimento para os natures, de que ordinariamente vendem aos nossos Christãos de Larantuca o arroz, sustentandose elles só com o milho, feijoens, e outros legumes.

Ilha de Maluá.

Adiante destas trez Ilhas, distancia de quatro legoas, está a Ilha de *Maluá*, mayor, que a de *Larantuca*, de que se sabe pouco, por naõ termos muito commercio, sendo que algumas vezes vaõ os nossos de Larantuca ao resgate de escravos, tartaruga, e cera. He toda povoada de Gentios, e taõ tenazes, que de nenhum se sabe, que passasse á seita dos Mouros. He gente selvatica, e bruta, e pela terra dentro comem huns aos outros, e principalmente aos mais velhos. Tem medo á navegaçaõ, como de sahirem da propria terra, como se antes lhe fora prizaõ, que Patria. A esta Ilha se seguem outras, e vaõ correndo em huma grande corda, até quasi ás Malucas, com quem naõ temos commercio algum.

Ilha de Timor.

Adiante desta Ilha de Maluá, em distancia de sete legoas de mar, está a Ilha de *Timor*, a mayor de todas as que chamaõ de Solor, assim he a nobreza das mais, com grande navegaçaõ, e commercio, por respeito do excellente pao de sandola, que ella só tem. Fica em nove graos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, com cento e vinte legoas de comprimento, e trinta de largura. Foy sempre de Gentios; de alguns annos para cá lhe entraraõ Mouros, por via de Macassá, de que estaõ duas Povoaçoens em duas paragens, a que chamaõ *Manatuto*, e *Adé*, que saõ tambem portos de commercio com ella, ainda que de pouca importancia. Do pao de sandalo, que nella ha, se tiraráõ todos os annos, de mil quinhentos, para dous mil bartes; e ha muitos annos; e ainda se naõ sentio falta; cada bar tem, ou passa de quatro quintaes. He notavel segredo o da sementeira, e nascimento do sandalo. Comem os passaros nesta Ilha huma fruta, que ha nella pou-

Nascimento do sandalo.

pouco menos, que á baga do louro, e do mesmo feitio; tem esta hum caroço dentro, que lançaõ os passaros por excremento, e sem mais cultura, que cahir na terra, rebenta delle a arvore; e por mais que esta ponha muito em nascer, e em avultar, como he taõ continua a sementeira, nunca se sente falta.

He o sandalo huma das melhores drogas daquelle Oriente, como fazenda sem risco de corrupçaõ, e até na agua salgada recebe melhoria. Assim he taõ estimado de toda a Gentilidade, que em todas suas preciosidades usaõ delle. Para a China he taõ grande a faca, que ficando annos atraz a Cidade de Macao com a perda do commercio de Japaõ, e reduzida a grande necessidade por falta de prata, para resgatar o mantimento, (que sem ella o naõ dá a China) ainda assim foraõ a buscar o sandalo, feitas encarecidas supplicas ao Capitaõ General, e ao Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, Vigario mayor daquellas Christandades, para conseguirem dous navios com aquella carga, que foy o unico remedio do seu aperto.

Assim he este pao a droga mais requestada de todo o Oriente, e taõ suspirada da ambiçaõ de Hollanda, que por muitas vezes importunou o Rey do Macassá, para que só com ella fizesse o contrato de todo o sandalo, que viesse ao seu Reyno, excluindo os nossos, que em naos de Inglaterra, e Dinamarca, buscavaõ aquelle porto, para essa commerciaria. Com que fica a Ilha de Timor entre todas com a gloria de mais buscada, como unico berço de material taõ precioso. Mas deixando o muito, que ainda se podia dizer delle, vamos seguindo a brevidade. Tem esta Ilha de Timor, depois de muita cera, e escravos, (descuberto ha poucos annos) grande quantidade de cobre; sendo taõ copiosas as minas delle, que rebentaõ por cima da terra em grandes pedaços; e já taõ puro, que se entende, que tem alguma parte de ouro, o que tambem se vê em ser mais pezado, que qualquer outro.

Ha tambem nesta Ilha ouro, achando-se muitas lascas nas ribeiras, que vem descendo das serras; e taõ fino, e sobido em quilates, como o da China. Naõ falta tambem nesta Ilha grande quantidade de terra, de que se faz salitre, e em mayor copia, que em nenhuma das outras; e juntamente o pao de que se faz o carvaõ para a polvora. Ha finalmente grande copia de carnes, assim de bufaros, como de carneiros, cabras, e porcos, todos corpulentos, gordos, e de excellente sabor; só se naõ achaõ, nem daõ nesta Ilha veados, porque parece por experiencia, que o cheiro do sandalo os mata. Usa-se nesta Ilha de duas linguas distintas huma da outra. Chamaõ-se ellas *Vaiquenos*, e *Bellos*.

Distancia de Timor, hum tiro de bombarda para a parte do Norte, está a Ilha de *Simao*, em hum boqueiraõ do mar. He em fórma redonda, com quinze até dezaseis legoas de circuito. Naõ he habitada de gente propria, mas dos que vaõ cultivalla, fazendo suas hortas, e sementeiras, como saõ os que ha- *Ilha de Simao.*

habitaõ na Cabeça da Ilha de Timor, aonde chamaõ *Capaõ*, por ser terra muito pedragosa, e naõ se dar nenhum mantimento nella. Assim ficaõ nesta Ilha os Timores, e os Savos, e outros, em o tempo das sementeiras, em palhoças, e depois se vaõ para suas Ilhas, deixando alguns escravos para a cultura, e beneficio daquelles campos. Acha-se nesta Ilha muita cera, e alguma tartaruga.

Ilha do Savo. Sete legoas de Timor, em huma travessa do mar, fica a Ilha do *Savo*, com mais de vinte legoas de comprimento, e doze, até quatorze de largo; he a de melhores ares, e mais sádia, que nenhuma das que ha naquelle Archipelago. Os naturaes saõ brancos, e melhor parecidos, que os das outras, em que a gente he preta, e de cabello crespo, e só os desta o tem solto. Todos saõ Gentios, com grande commercio com os Christãos de Larantuca. Já hoje tem tambem alguma Christandade. O que ha nella de commercio, e veniaga, he escravagem, muita tartaruga, e alguma cera. Tem muitos mantimentos, abundancia, que passa aos de fóra, sendo para os naturaes sobrada. Navegaõ em barcos pequenos, para Timor, e Larantuca.

Ilha do Savo grāde. Distante desta Ilha do Savo vinte e cinco legoas, fica a Ilha do *Savo grande*, nome, que lhe naõ deu a grandeza, mas a distancia. He toda de Gentilidade, gente de todo buçal, e inculta, que nem tem commercio, porque a terra lhes dá tudo o que lhes he necessario. Saõ brancos, e mais que os da Ilha do Savo. Ha nella muita escravagem, e muita tartaruga. Trataõ-se os naturaes com grandeza, servindose com ouro, de sorte, que se acharáõ nos principais esteiras, e outras cousas domesticas, deste metal batido ao martelo; chapeos de sol do mesmo. Naõ o dá a terra, mas a de humas Ilhas pequenas, que naõ distaõ muito, chamadas das *Palmeiras*, habitadas de gente anan. A estas, era entre os naturaes do Savo grande antiga tradiçaõ, que indo alguns delles a commercear, trouxeraõ suas pequenas embarcaçoens carregadas de ouro, interesse de que se abstiveraõ, porque todos os que voltaraõ, vieraõ inchados, e disfórmes, achaque de que morreo a mayor parte delles; ameaço com que a natureza se quiz defender da cobiça humana. Mas grande confusaõ! que conhecendo-o os Gentios, e barbaros, o desconheçaõ tanto os Christãos, e politicos! Estas saõ as principais Ilhas de Solor, de que havia menos noticia, ou menos individuada, porque em commum a dá de todas o Padre Fr. Luiz de Sousa. Supposta esta clareza, e conhecimento destas Ilhas, passemos a continuar os successos das Christandades dellas.

CAPITULO III.

Primeira conversaõ na Ilha de Timor. Bautiza-se o Emperador da Ilha do Ende grande em Larantuca.

SUpposta a entrada dos Religiosos de S. Domingos nas Ilhas de Solor; os levantamentos dos Gentios, perseguiçoens, e martyrio dos Religiosos, que até

até o anno de 1630. eſcreveo o Padre Fr. Luiz de Souſa, devemos ſeguir o continuar a noticia da Ilha de Timor, aſſumpto, que de novo nos offerece a Congregaçaõ em grandes progreſſos na cultura Euangelica. Mas para mayor clareza tomaremos mais atraz a relaçaõ, por naõ faltarmos a alguma circumſtancia, que já na Chronica fica tocada, mas naõ eſcrita.

Achava-ſe a India Oriental no mais calamitoſo eſtado, que podiaõ ver, e chorar ſeus olhos. No temporal dominada da cobiça dos proprios, e dos eſtranhos; no eſpiritual emmudecidas as vozes da verdade, eſcondida a luz da Fé, por naõ ver triunfar as ſombras da cegueira, rebelde, obſtinada, e tyranna. As Chriſtandades da Abbaſſia, e do Japaõ fechadas de todo para os Cultores do Euangelho. Ormuz occupado pelo Perſa; Maſcate com as mais Fortalezas da Coſta da Arabia, debaixo do violento dominio do Arabio; as Igrejas do Canará, e do Cabo do Cumerim, embaraçadas, e inacceſſiveis com a tomada de Cochim pelo Hollandez, que tambem occupou toda a Ilha de Ceilaõ e Manar, permittindo ſó, que alguns Religioſos de S. Franciſco ficaſſem para beneficio dos Chriſtãos da terra. Finalmente deſtruidas as Igrejas, e Chriſtandades de Bengala, e Pegú pelo Mogor, e pelo Rey da Lua. Neſte eſtado gemiaõ todas aquellas dilatadas Provincias, e gemem deſde que a noite da hereſia tyrannizou ao berço do Oriente a luz da verdade, ficando, e conſervando-ſe a Euangelica nas Chriſtandades dos rios de Sena, e de Solor, plantadas pelos Religioſos de S. Domingos, e regadas com o ſangue de muitos, que fazendo creſcer a ſementeira de Chriſto, extinguio muitas vezes nella ateado o fogo do Inferno. Eſtes progreſſos ſeraõ o noſſo aſſumpto.

Achava-ſe Vigario Geral da Congregaçaõ da India o Veneravel P. Fr. Miguel Rangel, que a ella tinha chegado pelos annos de 1614, e tomando conhecimento do miſeravel eſtado, a que eſtavaõ reduzidas as Chriſtandades de Solor, já pelas guerras, e levantamentos domeſticos, já pela invaſaõ dos Hollandezes, tyrannos, como cobiçoſos, paſſou das lagrimas, com que chorou ſua miſeria, ao zelo, e deſvelo infatigavel de remedialla. Corria o anno de 1629. quando achando-ſe eſte Prelado em Malaca, teve noticia, que haviaõ largado os Hollandezes a Fortaleza de Solor, (feita primeiro, e reformada depois pelos Religioſos de Saõ Domingos, para defenſa, e amparo dos que de novo ſe hiaõ aliſtando na milicia de Chriſto) e pedindo ajuda a Nuno Alvares Botelho, Governador daquelle Oriente, a quem fizera companhia na campanha, e agora na grande vitoria, que alcançara do Rey Achem, ſe reſolveo a ir reparar, e reformar as Chriſtandades de Solor: o que poz logo em execuçaõ, levando comſigo alguns Religioſos, eſcolha de ſeu eſpirito, e experiencia. Eraõ elles o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, o Padre Fr. Luiz da Paixaõ, o Padre Fr. Chriſtovaõ Rangel, Fr. Gaſpar de Santa Maria, Fr. Eſtevaõ do Roſario, Fr. Chryſoſtomo de Santia-

go,

go, Fr. Luiz da Maya, Fr. Jacintho Ximenes, Fr. Francisco Donato, Fr. Roque Cardoso, Fr. Joaõ de Lisboa, e Fr. Bento Serraõ. Chegados áquellas Ilhas, se espalharaõ como aconselhava a necessidade. O Padre Fr. Antonio de S. Jacintho passou á Ilha de Cremá, Christandade, em que ainda que tinha trabalhado, e assistido por alguns annos o Padre Fr. Antonio do Loreto, a perseguiçaõ a tinha reduzido a tal extremo, que foy necessario cultivalla de novo. Os Padres Fr. Luiz da Paixaõ, e Fr. Estevaõ do Rosario, á Ilha do Savo, em que o Padre Fr. Joaõ da Annunciaçaõ assistira dez annos, abrindo, e creando aquella Christandade com taõ exemplar vida, que foy ella a mais efficaz, e poderosa voz, que chamou aquelle Povo ao rebanho de Christo.

Os Padres Fr. Chrysostomo de Santiago, e Fr. Agostinho do Rosario, para o Ende, em duas Igrejas, S. Domingos de Numba, e Santa Maria Magdalena dos Charaboios. O Padre Fr. Roque Cardoso para a Igreja de nossa Senhora da Saude, sita em huma paragem, chamada Baibalo, na Ilha de Larantuca. O P. Fr. Francisco Donato para a Igreja de Santa Luiza de Sica na mesma Ilha. O P. Fr. Luiz da Maya para a mesma Ilha de Larantuca, por Prelado mayor, e Vigario daquellas Christandades todas, na Igreja de nossa Senhora da Piedade. O Padre Fr. Gaspar de Santa Maria para a Igreja de nossa Senhora dos Remedios, com obrigaçaõ de ensinar aos meninos Solores a doutrina Christãa, e a ler, e escrever. O Padre Fr. Rafael da Veiga para a Igreja de Pataõ, e Pamancayo, sita na Ilha de Solor, duas Povoaçoens, a que podia acodir, por ficar no meyo de ambas. O Padre Fr. Christovaõ Rangel para assistir, e attender ao temporal com alguns Padres, que alli se ajuntaraõ, ficando outros com o Vigario mayor na Casa de Larantuca, para acodirem ao que se offerecesse, quando nas mais Ilhas daquelle Archipelago se abrisse nova Christandade. Assim começaraõ a crescer as destas Ilhas, com o zelo, e ancia dos novos Obreiros, que cada dia se estavaõ colhendo novos frutos de seus venturosos trabalhos. Vencendo muitas vezes o da falta de vestido, e sustento, que mereciaõ como bons Mercenarios, que apascentavaõ as tenras ovelhas do rebanho da Igreja, ou desvelados Obreiros, que madrugavaõ a cultivar a sua vinha, porque, perdida Malaca, lhe faltou a ordinaria, que lhe dava o Governador Nuno Alvares Botelho, ficando os miseraveis Religiosos obrigados naõ só a buscar esmolas para se sustentarem a si, mas aos pobres, que muitas vezes o ficavaõ por abraçarem a Fé.

Neste estado se achavaõ as Christandades destas Ilhas, quando advertindo o Padre Fr. Christovaõ Rangel, que em todas sobejavaõ Ministros, e que em Timor faltavaõ, sendo a mais populosa dellas; se resolveo a ir examinallo com seus olhos, e a ver se se lhe abria algum caminho, para pôr em execuçaõ antigos, e bons desejos. Embarcou, e aportou no Reyno de Silabaõ. Viose com o Rey, presentoulhe hum mimo, unica chave, que abre a primeira porta aos

aos que áquelles Principes pedem audiencia, e querem ſahir com bom deſpacho nella. Aſſim foy Fr. Chriſtovaõ bem aceito, e bem agaſalhado; e naõ perdendo tempo, ſoube logo induſtrioſo encaminhar a pratica a couſas da Religiaõ, que aſſim propoz com efficacia, e intimou com perſuaſiva, (naõ favorecido da Rhetorica humana, mas encaminhado daquella Sabedoria, que diſpoem com ſuavidade, e conſegue vigoroſamente) que veyo o Rey a darlhe palavra de receber a Fé com toda ſua Caſa, e os que de ſeu Reyno quizeſſem, fomentando, e favorecendo nelle os Miniſtros Euangelicos, que logo queria lhe foſſe negocear de Larantuca, e o mais que pertencia a levantar Igreja, e aſſentar entre elle, e os Portuguezes amizade perpetua. Aſſim ſabe levantar apreſſada lavareda aquella faiſca, em que o fogo do Ceo ſe introduz em huma alma!

Alvoroçouſe o Padre com a repoſta; muito mais o Rey, vendo que lhe dizia: *Que para ſeguro da ſua amizade, lhe apontaſſe lugar para a Igreja, porque elle tinha o preciſo para ella.* Naõ houve dilaçaõ; apontouſe o lugar, cortaraõ-ſe madeiras por Decreto do Rey, lavrou-ſe huma Cruz de ſandalo, por ordem de Fr. Chriſtovaõ; e em hum Domingo, (elevando-a entre ambos o Padre, e o Rey) acompanhados, e ſeguidos do melhor da Povoaçaõ, a collocaraõ em o lugar da Igreja, com grande celebridade, que o Rey augmentou, dando hum publico, e Real banquete. Em breves dias creſceo a fabrica da Igreja, (que naquellas partes naõ coſtumaõ ſer de muita) e paſſou o Padre Fr. Chriſtovaõ a Larantuca, alegrando aquella Chriſtandade com taõ grande noticia, e enchendo os Obreiros della de ſanta inveja, e piedoſas eſperanças de ſemelhante ventura.

Apreſtaraõ logo alguns Portuguezes huma embarcaçaõ carregada de ſuas veniagas. Proveoſe o Padre de tudo o preciſo para o Divino ſacrificio, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos: e deſembarcando proſpera, e brevemente no Silabaõ, em que o Rey o eſperava, (mais obrigado agora de ſua pontualidade) ſe vio em breves dias ornada a Igreja, e levantado o Altar, em que o Padre diſſe a primeira Miſſa aos Chriſtãos, vendo-ſe adorado o Deos verdadeiro no meſmo throno, que o fora da idolatria. Cathequizado o Rey, e a mais Caſa Real, chegou o alegre dia do Bautiſmo, que os Chriſtãos, que ſe acharaõ, fizeraõ feſtivo, com a aſſiſtencia de ſuas peſſoas, e o melhor de ſuas galas. Poz o Padre por nome ao Rey D. Chriſtovaõ, querendo, que entre hum, e outro foſſe o meſmo nome ſinal de amizade, e da filiaçaõ eſpiritual, em que lho dava por herança. Bautizouſe a Caſa Real, e os melhores do Povo, a que convidava o exemplo do ſeu Soberano. Aſſim começaraõ a creſcer os frutos da doutrina do Padre Fr. Chriſtovaõ, regando cada hora com aquella ſalutifera agua as novas plantas, que hia diſpondo no jardim da Igreja; entrando no trabalho de lhe purificar as raizes de abuſos, e ſuperſtiçoens barbaras, e gentilicas; emprego, que ſem duvida provocou alguns Mou-

Bautizou-ſe o Rey de Silabaõ.

ros,

ros, (que com a negaçaõ do contrato, viviaõ na terra) e naõ querendo perdello, naõ a consentiaõ convertida. Ardiaõ em ira contra Fr. Christovaõ; resolvem a tirarlhe a vida. Em publico era difficultoso, porque o Padre com o Povo era bemquisto, com o Rey respeitado. Este desengano lhe aconselhou a industria; recorreraõ ás infames armas da India, e da fraqueza; deraõ-lhe peçonha. Conheceo-a o Padre, recorreo a contravenenos, que naquellas partes deu mais finos a providencia da natureza, em recompensa dos grandes inimigos, que nellas permittio contra a vida. Escapou o Padre Fr. Christovaõ com ella, mas inhabil para tudo; tornou para Larantuca, e depois com o Padre Fr. Gaspar de Santa Maria, tambem incuravel de doença grangeada no trabalho da cultura Euangelica, foy levado ao Convento de Goa, em que ambos acabaraõ a vida com finaes do que souberaõ bem empregalla. Passou para Silabaõ, em lugar do P. Fr. Christovaõ, o Padre Fr. Bento Serraõ, que lhe succedeo no lugar, como se se reproduzira o seu desvelo no mesmo exercicio.

Mas em quanto o Padre Fr. Christovaõ Rangel obrava o que temos visto no Silabaõ, naõ se contentavaõ os Padres, que residiaõ em Larantuca, com o ministerio commum da doutrina, administraçaõ de Sacramentos, e santa educaçaõ dos meninos, a que em hum Collegio assistiaõ com incançavel trabalho. Abrazados em santa inveja, se resolveraõ á mais ardua empreza.

Habita em humas serras vizinhas a Larantuca hum Senhor grande, intitulado o *Payaõ*, a quem reconhecem por Soberano, e rendem vassallagem, e tributo todos os Regulos do Ende, como a Emperador de toda aquella grande Ilha. Resolveraõ-se os Padres a buscallo, por mais que os despersuadia a experiencia de sua dureza, e rebeldia; desengano, com que seus antecessores tinhaõ deixado a empreza. Mas como discipulos do verdadeiro Mestre, que ensinava aos seus, que tornassem a bater á porta do que se escusava (porque de importunado se levantaria) tornaraõ a provar resoluçaõ, e diligencia. Começaraõ de affeiçoallo com communicaçaõ, e visitas, valendo-se das praticas, para introduzir os conselhos, e as doutrinas, que encaminhadas pelo Ceo, vieraõ a ser a pedra sem força de mãos, que reduzio toda a dureza, e apparato daquella grande Estatua, a huma pouca de terra, que posta aos pés dos Religiosos, pedia sequiosa a agua da eterna vida.

Et si ille perseveraverit pulsans... propter improbitatem tamen ejus surget. Lucæ 11.

Já as praticas o tinhaõ industriado; assentouse o dia do Bautismo. Era Vigario daquellas Christandades o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, filho do Reyno, e da Congregaçaõ pelo habito. Preparou a Igreja, chamou os Religiosos das Christandades visinhas; sahiraõ de gala os moradores da terra, com grandes colares de ouro a seu uso; celebrouse o acto com todo o apparato; fez a funçaõ o Padre Fr. Antonio, e poz por nome ao Emperador D. Constantino. Poucos dias depois se bautizou o *Lagadoni*, que he como Regedor, e logo todos os

Bautiza-se o Emperador do Ende.

Grandes, e toda a Caſa do Emperador, a que ſeguio o exemplo innumeravel Povo. Com eſtas alegres novas paſſou o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho a Goa, aonde foy bem recebido, e ſe fizeraõ feſtas, e ſe renderaõ a Deos graças. Viveo depois D. Conſtantino com grande exemplo de Chriſtaõ; muita familiaridade, acompanhada de grande reſpeito com os Religioſos, e igual fidelidade com a Coroa Portugueza. Faleceo pelos annos de 1661.

CAPITULO IV.

Vida, e morte do Padre Fr. Rafael da Veiga, prodigioſa huma, e outra.

Bautizaõ-ſe dous Reys na meſma Ilha.

SIga a eſtas converſoens dos Gentios huma igualmente maravilhoſa, de hum Religioſo, que de entre os deſcuidos do ſeu eſtado, paſſou á ultima perfeiçaõ delle. Foy eſte o Padre Fr. Rafael da Veiga, filho do Reyno, e do Convento de Azeitaõ, em que tomou o habito. Profeſſo de novo, paſſou a viver no Convento de Bemfica, em que teve por Meſtre de Noviços o Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel; e ainda que a vida de Fr. Rafael era huma vida concertada, como aconſelhada de bom genio, naõ era igual; humas vezes com deſcuidos, outras com exceſſos, em exercicios penitentes, e religioſos, mas ſuſpirando ſempre huma vida perfeita; deſejos, que o levaraõ á Provincia de Heſpanha, para paſſar á de Manilha (como á mayor refórma) em que reſidio algum tempo, mas taõ perſeguido do clima, que para eſcapar com vida, ſe paſſou á China, e dalli embarcado para eſtas Ilhas de Solor, veyo a achar nellas por Prelado o Padre Fr. Miguel Rangel, ſeu Meſtre antigo, que com huma, e outra obrigaçaõ, o admoeſtou (paſſados alguns dias) em que entendeo, que Fr. Rafael naõ correſpondia ao eſpirito, que alli o trouxera.

Deixou-o a reprehenſaõ confuſo, e naõ tardou muito mais poderoſa advertencia, que o acabou de deixar convencido; porque chegando dahi a poucos mezes noticia ao Padre Fr. Miguel Rangel, de que eſtava eleito Biſpo de Cóchim, e deſpedindo-ſe dos Religioſos com moſtras de verdadeiro Pay, o quiz parecer mais de Fr. Rafael, que já via com algum fruto da ſua advertencia, e dandolhe os ultimos abraços lhe diſſe com entranhas piedoſas, conhecidas em vivas lagrimas: *Lembre-ſe, meu filho, ſempre de duas couſas: daquella criaçaõ, que lhe dey em Bemfica, e da admoeſtaçaõ, que me ouvio agora em Solor. Que ſe em ambas lhe moſtrey, que era Religioſo de S. Domingos, o conhecimento deſte nome o executara ás obrigaçoens delle. Acabe huma vez de eſcutar as vozes do Ceo, que em tantas inſpiraçoens lhe tem fallado ao coraçaõ. Naõ deſmereça tellas ouvido, com moſtrar que já lhe eſqueceo, que as ouvio. Se Deos o manda a Ninive, naõ ſe embarque para Tharſis: ſe Deos o manda por ſeu Prégador á India, naõ ſe deixe levar das aguas de huma vida frouxa, e deſcançada. Naõ eſpere pela tor-*

men-

menta da ultima hora, em que arrojado ao mar da morte, o trague a eterna sepultura. Deos o naõ permitta! Naõ se mostre esquecido: e eu lhe pedirey sempre, que o faça santo.

Ferem no coraçaõ, e penetraõ até a alma as palavras dos Varoens Apostolicos, como espada sem resistencia. Vio-se Fr. Rafael em hum instante cortado, e dividido dos embaraços da carne; vio-se em hum instante trocado em huma imagem da penitencia, e da virtude. O que tinha, poz logo nas mãos dos Prelados; eraõ suas alfayas duas tunicas. A sua cama huma esteira sobre huma taboa; seu sustento paõ, e agua, porque huma pouca de agua, e hum pouco de arroz cozido, era seu quotidiano sustento. Oraçaõ continua; amiudadas, e rigorosas disciplinas; sepultado aos pés do Prelado, humilde, e obediente. Mas sobre tudo o que mais se lhe enxergava, era o ardente zelo da salvaçaõ das almas, suspirada com vivas ancias. Finalmente assim vivia Fr. Rafael, como se já desconhecesse as pensoens da carne, e assim olhavaõ para elle, naõ só os Religiosos, mas o Povo, com veneraçaõ de santo; nem por outro nome era já conhecido.

Quiz o Vigario daquellas Christandades, que via em Fr. Rafael aquella perseverança, e conhecia o seu zelo, darlhe emprego, em que podesse exercitallo, e em que sua vida servisse de exemplo, e mandou-o assistir na Ilha do Savo pequeno, residencia, a que fogiaõ com a cara ainda os mais experimentados Religiosos, pela sensualidade, e devacidaõ daquelles barbaros, e ainda dos que já tinhaõ o nome Christaõ. Obedeceo Fr. Rafael, mas vendo depois de algum tempo, que nem toda a sua diligencia bastava a pôr freyo á devacidaõ, com que se vivia na terra, mas que antes, sem lhe valer seu retiro, e modestia, lhe entravaõ as mulheres pelas portas a inquietar, ou a provar sua constancia, determinou buscar terra, em que a sua doutrina fosse de algum proveito, e o resgatasse daquelle risco, que temia como verdadeiro humilde, naõ desconhecendo as pensoens da fragilidade; e estando hum dia em oraçaõ, rompeo fallando com Deos em semelhantes palavras: *Meu Senhor, e amoroso Jesus, eu naõ fuja á obediencia, obedeço á vossa doutrina. Os vossos Santos, e nossos Mestres nos ensinaraõ, que nestas batalhas, que me acovardaõ, só vence quem foge. Naõ desamparo eu estas ovelhas silvestres, porque me cance o trabalho, mas porque antes me serviraõ de risco, que eu a ellas de lucro. Vós ensinastes aos vossos Prégadores, que quando naõ fossem ouvidos, deixassem as Cidades. Se eu aqui perco tempo, conselho he vosso, que busque aonde faça fruto. Vós, que me conheceis o coraçaõ, me encaminhay os passos, que eu naõ tenho mais defensa, nem mais guia, que a vossa Providencia. Guiaime a parte em que a sirva; e já que só vou a buscalla, permitti, que vos naõ perca.*

Quicumque non receperit vos neque audierit... exeuntes foras de domo vel civitate excutite pulverem de pedibus vestris. Matth. 10, 14.

Com este protesto, e revestido de nova confiança, buscou hum barquinho de dous remos, e metido nelle, com hum moço, que lhe ajudasse á Missa, e que levava o que pertencia a ella, com a matalotagem de hum pou-

pouco de arroz cozido, e agua, se entregou ao mar, sem saber mais caminho, nem seguir mais norte, que o que quizessem as ondas. Assim navegou até o dia seguinte, em que vendo terra, se chegaraõ, e saltaraõ nella. Era a Povoaçaõ de Bateputе, no Reyno de Amavi, da Ilha de Timor. Entrou o Padre com huma Cruz na maõ; seguia-o o moço com o que pertencia ao ministerio santo. Foy espectaculo novo para aquella Gentilidade, verem hum homem em trage nunca visto, na maõ tal insignia, sahindo do mar em huma embarcaçaõ taõ pequena. Correraõ, chamados da novidade. Levaõ-no ao Rey, que primeiro com espanto, depois com alvoroço, lhe deu attençaõ, ouvindo, que lhe dizia quem era, e logo lhe pedia alviçaras de lhes trazer a casa a verdadeira luz de que necessitavaõ suas cegueiras. Continuou euangelizando-lhe a Christo crucificado; mostrando-lhe o Estendarte da Cruz, com que se devia pôr em campo contra o Inferno. E perguntando-lhe os que o cercavaõ, se vinha ao resgate do sandalo? Respondeo: *Que só o trazia o de suas almas, genero mais precioso, e que só se podia resgatar com o sangue do Filho de Deos.* E accrescentou: *Que se quizessem abrir as portas á sua fortuna, o escutassem, e lhe dessem lugar para fundar Igreja, e offerecer nella sacrificio a Deos verdadeiro, que era, e seria por todas as eternidades, unico Senhor de tudo.*

Naõ acabava o Rey de admirarse, inclinado já o coraçaõ (que o mesmo Deos costuma ter em suas mãos) ás propostas taõ importantes, taõ seguras, taõ efficazes, que lhe dizia o Padre. Mandou logo, que o agasalhassem, e se lhe désse tudo o que pedisse. Deuse ordem á Igreja. Visitava em tanto o Padre Fr. Rafael ElRey, misturavalhe na pratica as verdades da Fé; perguntavaõlhes, e ouviaõnas bem os senhores, e personagens do Reyno. Seguia-o o povo; soava já por todas as partes o nome de Jesu Christo. Quem naõ está lendo reproduzido aquelle seculo primeiro do Euangelho na Chronica de S. Lucas! Os cegos illustrados, e reduzidos; os Principes recebendo, e obedecendo aos Apostolos; os povos recebendo espontaneos o Euangelho, amotinados, festivos, e gostosos. Mas isso vem a ser estenderse agora a esta fortunada Ilha aquelle mesmo poderoso braço, que se fazia reconhecer em Galilea.

Magis autem augebatur credentium in Domino multitudo. Act. 5.14.

Bautizase o Rey de Amavi.

Lavrou-se a Igreja; bautizou o Padre Fr. Rafael ao Rey. Seguio-o toda sua Casa, e os Grandes da terra. Abrio Escola para doutrinar os meninos. Foy cathequizando, e bautizando muitos, assim destes, como adultos. Naõ necessitava de passar a outras povoaçoens, sahindo de sua Igreja; vinhaõ-no buscar a ella, chamados do nome de sua virtude; que já soava com assombro por toda aquella Gentilidade. Mas naõ lhe descançava o coraçaõ, sabendo, que nas terras visinhas havia potentados, que naõ deviaõ sahir dellas; e buscallos, como ás suas povoaçoens, era obrigaçaõ sua, supposta aquella Christandade já assentada; naõ lhe esquecendo, que dissera Christo: (de quem era discipulo, e Apostolo) *Amim importame euangelizar a outras Cidades,* que

Quia & aliis civitatibus oportet me euangelizare regnum Dei quia ideò missus sum. Lucæ 4. 43.

que para esse continuo emprego sou mandado. Passou com essa resoluçaõ ao Reyno de Amarrasse, em humas serras visinhas. Avistouse com o Rey, convenceo-o, cathequizou-o; e finalmente o bautizou com toda a sua Casa, e muito povo ao exemplo della; e affirmaraõ os Religiosos, residentes naquellas Ilhas, que naõ houve Christandade mais bem plantada, e instruida, que aquella.

Bautiza-se o Rey de Amarrasse.

Nestas, e em outras occupaçoens Apostolicas gastou o Padre Fr. Rafael seis annos naquellas Ilhas; e voltando para a de Batepute, morgada de sua doutrina, querendo o Senhor apressarlhe a coroa de seus trabalhos, lhe deu huma doença, que com a morte lhe trouxe o fim de todos. Já com poucos alentos se achava só, e desamparado em huma casa, sem mais leito, que huma esteira, que fora sempre a sua cama, abraçado com huma Cruz, que sempre fora sua companheira; postos no Ceo os olhos, e o coraçaõ; este abrazado em vivas ancias de ver a Deos, cheyos aquelles de saudosas lagrimas, pela companhia, que lhe faltava de seus irmãos Religiosos, que naquella hora lhe ministrassem o Santissimo Viatico, para entrar mais confortado em taõ difficil caminho. Assim estava posto nas mãos da Divina Providencia; mas quando faltou ella a quem soube porse em suas mãos? Vellohemos agora em caso todo seu.

Navegava a este tempo de Larantuca para o Savo grande o Padre Fr. Christovaõ de Santiago, e seu companheiro, quando repentinamente, cerrado o Ceo, até alli sereno, e embravecido o vento, até alli brando, se alterou o mar com taõ temerosa furia, que foy preciso, cedendo a ella, voltar ao vento a popa, e navegar para onde o vento soprava. Eis-que a poucas horas avistaõ terra, chegaõ, e reconhecem o porto de Batepute. Sabiaõ, que o Padre Fr. Rafael assistia nelle; saltaõ em terra, e entraõ-lhe pela porta a tempo que fazia ao Ceo a supplica, de que lhe permittisse o que já via com seus olhos; levanta-os outra vez, e as mãos, entre lagrimas, e alvoroços. Confessou-se com vagar aquella tarde; e ouvindo Missa, e commungando, ao dia seguinte passou placidamente desta vida, a repetir ao Senhor as graças pelos favores daquella hora. Achouse á sua morte o Rey da Ilha, e Senhores della; e vendo, que os Padres queriaõ dar ao corpo sepultura ordinaria, lho embaraçou, dizendo: *Que os Santos como fora, e era Fr. Rafael, mereciaõ mais veneraçaõ, que a commua; que naõ haviaõ de descançar seus ossos menos, que em sepultura Real.* Assim se lhe lavrou, penhorando-se em seu corpo o Rey, e a fé de toda a Ilha, por mais que os Padres o quizeraõ passar a Larantuca. Mandou logo a ella noticia do que passara o P. Fr. Christovaõ de Santiago; e assistindo naquella Christandade muitos annos, recebeo Embaixadores do Rey de Capam, (Reyno, que fica pelo Certaõ dentro) porque lhe pedia, que o quizesse ver, e instruir na Fé, porque desejava abraçalla, e seguilla. Examinou o Padre, que naõ havia cavilaçaõ na supplica; passou ao Certaõ,

taõ, e bautizou o Rey, e quarenta peſſoas de ſua Caſa.

CAPITULO V.

Converſáõ geral, que houve na Ilha de Timor; prodigio grande, que a ella precedeo.

DEpois que os Religioſos de S. Domingos fundaraõ as Chriſtandades de Solor, ſempre conſervaraõ vivos deſejos, e firmes propoſitos de introduzilla em Timor, Ilha a mais fertil, a mais rica, e a de mais povo em todo aquelle grande Archipelago. Aſſim o deſejavaõ os Religioſos, e aſſim lhes quiz moſtrar o Ceo, que favorecia ſeus deſejos com prodigios, e e fortunados annuncios. Diremos do mayor. Pelos annos de 1641. em huma noite, em Ceo claro, e ſereno, appareceo, e ſe vio huma Cruz grande, e reſplandecente, que tendo o pé ſobre a Ilha de Timor, inclinava o mais corpo para o Norte. Viraõ-na claramente, aſſim os Chriſtãos, que ahi aſſiſtiaõ por razaõ do contrato, como todos os Gentios da terra, com admiraçaõ commua. Seguiraõ-ſe os effeitos milagroſos, que promettia a cauſa; porque em breve tempo ſe viraõ aliſtados debaixo daquella Sagrada bandeira muitos Reys, e Potentados da meſma Ilha. Mas antes que paſſemos ás grandes converſões, que ſe obraraõ nella, daremos noticia da perſeguiçaõ, que ſe levantou contra ſeus naturaes, em odio do noſſo commercio, e dos que affeiçoados nos abriaõ a porta ao fruto do Euangelho.

Prodigioſa appariçaõ de huma Cruz.

Perdida Malaca em Janeiro de 1640, ficaraõ todos os Reys do Sul taõ deſtemidos, e affoutos contra o nome Portuguez, que naõ houve algum que deixaſſe de levantar a maõ, fazendo oſtentaçaõ de a moſtrar já ſolta, e a provar vingada. Foy o primeiro rebelde o Macaſſá, que nem os muitos annos de amigo lhe enſinaraõ a diſſimular, que o era violento. Era neſte tempo Rey de Toló hum tio do Sumbaco, Emperador do Macaſſá, já defunto; (mas hum dos que mais ſe eſmeraraõ na fidelidade com o Eſtado) ſeu nome Carriliquio, de penſamentos altivos, ſoberbos, e ambicioſos, ingrato, deſagradecido; e aſſim eſquecido da fidelidade, como grande propagador da ſeita de Mafamede. Eſte vendo-ſe ſem o freyo de Malaca, e enfraquecida a maõ Portugueza, ajuntou logo huma Armada de 150. Galés, em que elle meſmo ſe embarcou, com ſeis para ſete mil homens, e no meſmo mez de Janeiro aportou em Larantuca. Aſſiſtia nella o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, como Vigario daquellas Chriſtandades; mandou-o chamar, e ao Capitaõ mór da gente da terra, Franciſco Fernandes, que chegaſſem á ſua Galé, que lhe importava fallar a ambos. Eſcuſaraõ-ſe os dous, mandando-lhe dizer: *Que lhe naõ reconheciaõ vaſſallagem, nem havia cauſa, para ſemelhante conferencia.*

Repetio o Rey recados; da terra as meſmas repoſtas; até que indignado, e reſoluto, mandou: *Que ſaltando em terra a Soldadeſca, puzeſſe tudo a ferro, e fogo.* Divulgada eſta reſoluçaõ, ſe foy a gente de Larantuca com ſuas armas para a ſerra: e deſ-

deſembarcando o Exercito ſem reſiſtencia, foy entrada a Povoaçaõ, e poſto fogo á Igreja da Miſericordia, com exorbitancia, e deſacato grande, feito ás Imagens, que ſe acharaõ nella. Via de longe a impiedade dos ſacrilegos hum dos noſſos Religioſos, que acompanhavaõ os retirados de Larantuca, por nome Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, natural de Lisboa, mas filho da Congregaçaõ. Era de eſpirito ardente, e igualmente zeloſo da honra de Deos; naõ ſofreo vêlla offendida; volta aos Chriſtãos, e incitando-os com o meſmo, que eſtavaõ vendo, lembrando-lhes a obrigaçaõ da vingança, lhes promettia o favor do Ceo para a vitoria. Naõ foy neceſſaria muita perſuaſiva. Lança-ſe ao inimigo (cego, e engolfado na preza, e na ira) o Capitaõ Franciſco Fernandes (que ſem o ſaberem o ſeu valor, o ſeu braço, e os ſeus brios, contava agora 130 annos) e animando os poucos Soldados, com que ſe achava, dá ſobre os ſacrilegos com tanta braveza, que os fez voltar coſtas correndo para as Galés ſem concerto, e deixando o campo cuberto de armas, e de corpos, (ſendo os mortos mais de trezentos) como a Armada de pavor, moſtrado na apreſſada, e vergonhoſa fugida, que fez da praya, paſſando a Timor, emprego principal de ſua vingança, ou de ſua cobiça.

Aportou em Timor, fez duas eſquadras da Armada, e mandando huma por fóra, outra por dentro da Ilha, paſſou a ella, e foy mettendo tudo a ſaco, que foy o mais precioſo, buſcado, e eſcolhido em tempo de trez mezes, que alli fez aſſiſtencia, e continuou a rapina. Conſentiaõ-na os miſeraveis Timores, ſem lhe fazer a menor reſiſtencia; antes enganados os Reys, e Potentados de toda a Ilha com as embaixadas, que o tyranno lhes mandava, ſegurando-lhes, que naõ fugiſſem, que elle ſó vinha com aquella Armada a reſgatallos da tyrannia Portugueza. Que naõ reſpeitaſſem a Larantuca, nem aos Padres, e Portuguezes della, que eſſes eraõ toda ſua ruina. Mas como naõ era facil veremlhe a eſpada de libertador na maõ de pirata, e nenhum lhe differia, recolheo o ouro, prata, ſandalo, e a mais fazenda, que achou na terra, e levando quatro mil peſſoas em cativeiro, voltou para o Macaſſá triunfante, e ufano, como ſe deixara proſtrada, e deſtruida alguma grande reſiſtencia; e taõ ſatisfeito do que tinha obrado, que para oſtentaçaõ vitorioſa, mandou fazer as vélas da Armada, das peſſas de ſeda, que tinha roubado na Ilha, como ſe lhe podeſſem ſervir para eſtendartes do triunfo os meſmos teſtemunhos do roubo. Exaggerava a grande opulencia, e precioſidades de Timor, theſouro daquellas Ilhas, e dizia: *Que até alli vivera cego, pois a naõ tinha desfrutado.* Mas faltou-o a morte, como ao outro rico, a que apanhara fazendo perguntas, e dando parabens á ſua cobiça; porque a oito dias de ſua chegada, lhe tirou ſua meſma mulher a vida com peçonha, receoſa de ſe ter deſmandado com hum criado ſeu em ſua auſencia.

Stulte hac nocte animam tuam repetunt à te. Lucæ 12. 20.

Mas voltando aos vitorioſos de Larantuca, conſiderando o Pa-

Padre Fr. Antonio de S. Jacintho as hoſtilidades, que o Rey de Toló teria obrado em Timor, ſe reſolveo a ir conſolar, e acodir, confórme as ſuas poſſes, a ſeus naturaes; e negoceando huma embarcaçaõ capaz, em que com elle entraraõ dous Religioſos, muitos mantimentos, e ſetenta eſpingardeiros, (que agora ſerviaõ de guarda, e depois podiaõ ſer de ajuda) deſembarcou ſem encontro, ou perigo no Reyno de Mena, que achou deſtruido, e aſſolado. Naõ achou a Rainha, (viuva, e Governadora do Reyno, na tutoria de ſeu filho) porque ameaçada do inimigo, ſe tinha retirado pela terra dentro. Reſolveoſe a ir buſcalla com toda ſua companhia, dezaſete legoas pelo Certaõ, e a pé, como ſe o illuſtrara o Ceo, para o empenho daquella diligencia, que era tanto de importancia ſua. Achou finalmente a Rainha, que o recebeo com alvoroço de quem muitos annos o conhecera, e tratara, e agaſalhos, de quem ſe via buſcada, quando perſeguida. Era deſtro, e exercitado o Padre Fr. Antonio no emprego de ſaber lucrar almas; achou occaſiaõ de combater aquella de tanta importancia, e conſequencia; dilatouſe com ella na pratica, moſtroulhe: *Como os Mouros*, (cuja viſinhança a naõ conſentia reduzida) *eraõ ſó fabricadores da ſua conveniencia, ſem mais animo, que a politica de enfraquecer as forças dos Reys viſinhos, para os reduzir a ſeus tributarios. Que agora tinha entre mãos a experiencia, no inimigo, que a deixava roubada, e deſtruida com o mentiroſo pretexto de a querer conſervar no ſeu dominio. Que pelo contrario os Chriſtãos ſempre lhe tinhaõ aſſiſtido com trato fiel, amigo, e deſintereſſado. E que elle o era tanto, que ſem mais empenho, que o de ſaber o ſeu deſamparo, trazia aquelles Soldados a ſeu ſerviço; que aſſim podia diſpor daquella gente, e da ſua vontade.*

Achava-ſe a Rainha com mais de duas mil e quinhentas peſſoas, com ſeus filhos, e filhas, e os Grandes de ſeu Reyno. Eſtimou (com grandes demoſtraçoens, e agradecimentos de todos) a fineza, e offerta do Padre; e tomando o conſelho, que lhe dava, de que voltaſſe, e ſe recolheſſe ao ſeu Reyno, que elle com os que levava lhe faria companhia, ſahio do Certaõ com muita ſegurança nella, e recolhendo de caminho os vaſſallos, que andavaõ pelos matos fugitivos, e medroſos, entrou na ſua Corte, achando-ſe em breves dias aſſiſtida de toda ſua gente. O Padre Fr. Antonio, que naõ perdia inſtante, continuava com ella as praticas, propondo-lhe, e explicando-lhe as verdades Catholicas, que já eſcutava compungida, e edificada, ſendo aquella, que, ouvindo o meſmo Padre por mais de treze annos em ſeu Reyno, naõ conſentio nunca que fizeſſe nelle fruto ſua palavra. Mas já lhe feria nos olhos da alma aquella luz, que trocou as rebeldias de Saulo em ſogeiçoens de diſcipulo; porque chamando toda ſua Caſa, juntos todos os Senhores de ſeu Reyno, (depois de aſſentar com o Padre o dia de ſeu Bautiſmo) diſſe a todos com eſpirito, e fervor Apoſtolico ſemelhantes razoens:

Já que o Ceo por ſua clemencia,

cia, e misericordia corresponde á minha rebeldia com os premios da sua graça, porque agora, que eu mais lhe resistia, agora me chama. Agora, que eu mais lhe cerrava os ouvidos, me abre os olhos; agora, que eu fugia aos seus avisos, me mete de portas a dentro os seus Ministros Euangelicos; agora quizera, naõ só ser a primeira, que me inclinasse ao suave jugo de Christo, mas quizera pagar ao Ceo, rendendo-lhe em muitos o que tardey em me reduzir a mim só. Naõ quero já vassallos, que o naõ sejaõ tambem de Christo; naõ quero ser vossa Rainha, se ainda hey de entrar a partido com o demonio. Se até agora vos embaracey aquella unica ventura; agora, que a busco, he para repartir com vosco. Ajudaime a desaggravar o Ceo, e imitando-o a elle, naõ me desampareis, porque vos aggravey; antes me ajuday a conseguir o que vos impedi. Já que fuy má Rainha, sede vós bons vassallos. Christo Jesu he o verdadeiro Rey, elle nos resgatou com o seu sangue, naõ para ficarmos seus escravos, mas para sermos seus domesticos; naõ para nos tirar a liberdade, mas para nos dar hum Reyno. Elle he o verdadeiro Rey, porque naõ quer de nós tributo, que naõ seja nosso remedio. Este he o Rey, que vos dou; e em mim já naõ huma Rainha, mas huma irmãa, abraçando com vosco a mesma Ley. Acabemos já de abrir os olhos para ver nascer o dia nestas regioens da noite. Vinguemonos da natureza, que nos vestio de sombras; e se até agora as reconheciamos nos costumes, como nas carnes, já os Ministros do Ceo nos offerecem huma agua, em que banhado o espirito desdiga das escuridades do corpo. Chegay, chegay comigo a recebella, que só ella ha de extinguir o fogo do Inferno, de que até agora fomos secos carvoens. Chegay; que já abrazados naquelle fogo, que purifica, e naõ consome, serviremos no Altar do verdadeiro Deos de vivas brazas, ás victimas de nossos coraçoens. Naõ tendes que vos deter, nem que vos aconselhar; aqui estaõ os Padres, que naõ podeis desconhecer Ministros seus, pois nos entraõ pelas nossas terras a buscar as nossas almas, naõ as nossas minas, os nossos proveitos, naõ os nossos thesouros. Naõ póde deixar de ser Deos verdadeiro o que se serve com homens, que á custa do proprio trabalho vem buscar o lucro alheyo. Naõ tenho mais que dizervos. Se o que me ouvistes basta para vosso desengano, baste o que me vires fazer para vosso exemplo.

A's ultimas vozes da Rainha se seguiraõ as do Povo, que a escutava, gritando todos que só a Ley de Christo queriaõ abraçar. Igual á novidade, e ao successo foy nos Padres o alvoroço. Naõ houve dilaçaõ; começaraõ a cathequizar, e instruir, sem perdoar a diligencia, logrando-se a coroa della em dia de S. Joaõ Bautista (que foy por Junho de 1641.) em que solemnemente se celebrou o Bautismo da Rainha, e do Principe herdeiro do Reyno, a que o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho poz o nome de D. Joaõ, que lhe offereceo o dia, offerecendo elle ao Sagrado Precursor (como primeiro Ministro, que deu com aquelle acto o conhecimento de Christo) as venturosas primicias daquelle Reyno. Seguiraõ o exemplo da Rainha os mais finalados nelle, seguindo-se a tudo grandes, e festivas demonstraçoens de contentamento.

Bautizase a Rainha de Mena, e o Principe herdeiro.

Mas naõ deſcançava o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, porque parece que o chamava o Ceo para os Reynos viſinhos, a que tinha deſtinado a meſma ventura, que a eſte de Mena. Deſpediofe da Rainha, Principe, e mais Senhores com lagrimas, e moſtras de verdadeira, e fiel amizade; e embarcando-ſe com os Padres Fr. Chryſoſtomo de Santiago, e Fr. Pedro Manço, (que até alli o tinhaõ acompanhado) navegaraõ para o Reyno de Liſao, o mais viſinho a eſte de que ſahiaõ. Deſembarcados em ſeu porto, foraõ recebidos com eſtranho alvoroço, mais eſtranhas as vozes, que ſoavaõ entre elle, ouvindo-ſe por todas as partes repetir: *Padre, Padre, queremos ſer Chriſtãos.* Tinha ſoado por todos os Reynos da Ilha, (queixoſos da tyrannia do Mouro Macaſſá) a demonſtraçaõ amiga, e piedoſa, que o Padre Fr. Antonio fizera com a Rainha de Mena; a ancia com que abraçara a Fé eſta Rainha. Ou o mais certo, queria já Deos reſgatar aquelles Povos de ſua miſeravel cegueira, e tinha guardado para o zelo do Padre Fr. Antonio aquella gloria, para que eſcolhera a Paulo, para que levaſſe ſeu nome á noticia dos Reys, e dos Principes, de quem o queria ver reconhecido, e venerado. Levantou o Padre os olhos cheyos de lagrimas ao Ceo, e eſtendeo os braços a tomar nelles a multidaõ do Povo, que vinha recebello. Vinha entre elles a Rainha, tambem viuva, com ſua filhas, e hum filho de dezaſeis annos, herdeiro do Reyno, que com o meſmo alvoroço, e moſtras alegres receberaõ os Padres; e por ficar a Corte diſtante, e lhe pouparem o trabalho do caminho, lhe mandaraõ logo levantar humas caſas de campo, em que os agaſalharaõ com a mayor grandeza, que permittia o ſitio, e a terra.

Vas electionis eſt mihi iſte, ut portet nomen meum coram Regibus, & Principibus. Act. 9.

Naõ ſe eſqueciaõ os Padres da grande importancia, que tinhaõ entre mãos; começaraõ a cathequizar a Caſa Real, e Povo por alguns dias, e em 1 de Julho do meſmo anno de 1641 ſe fez a funçaõ do Bautiſmo. Primeiro a Rainha. Seguioſe o Principe herdeiro, a que o Padre Fr. Antonio poz por nome D. Pedro. Logo as filhas, depois os parentes da Caſa Real, e mais Senhores; e finalmente muito Povo, diſpondo o Padre Fr. Antonio que eſperaſſem os que concorriaõ de todo o Reyno, para ſerem primeiro cathequizados, para o que brevemente lhe mandou Miniſtros. Mas correo taõ grande dia hum ſucceſſo, que ſe vio nelle, digno de memoria.

Bautizaſe a Rainha de Liſao, e o Principe herdeiro.

Governava eſte Reyno de Liſao, por menoridade do Principe herdeiro, hum tio ſeu de ſetenta annos, cego de naſcimento, mas homem de grande prudencia, entendimento, deſtro, e maduro, partes, que lhe puzeraõ na maõ o governo; veyo eſte acompanhando a Rainha em hum andor, e chegou até á praya ao recebimento dos Padres; mas ouvindo, que a Rainha, e mais Caſa Real pedia o Bautiſmo, diſſe ao Padre Fr. Antonio que bautizaſſe a todos, que elle era já velho, e cego, e lhe reſtava pouca vida, e era já nelle de pouca importancia aquella ceremónia. Diſſimulou o Padre; e paſſados os primeiros agaſalhos, e com-

e comprimentos, buſcou em ſua meſma caſa ao velho Governador, e dizendo-lhe: *Que lhe hia dar a repoſta do que lhe ouvira*, continuou com viva, e elegante perſuaſiva, moſtrando-lhe como a elle por cego, e velho, lhe importava mais, que aos outros, o Bautiſmo, para que renaſceſſe ſua alma, e ſe deſtruiſſe ſua cegueira. Eſcutou o velho a propoſta, mas diſſe: *Que por entaõ naõ deferia a nada*. Chegado o dia do Bautiſmo, e ſendo convidado da Rainha para que honraſſe a funçaõ com ſua aſſiſtencia, ſe aſſentou em huma cadeira; e ouvindo que já toda a Caſa Real eſtava bautizada, levantou a voz, pedindo com inſtancia ao Padre, que logo o bautizaſſe; e bautizado, foy tal ſeu contentamento, que aſſim velho, cego, e pezado, faltou de alegria, por aquelle eſtylo com que os da terra coſtumaõ moſtrar a ſua mais extremoſa.

Puzeraõ os Padres os joelhos em terra, regando-a com lagrimas de alegria, e levantando as mãos em rendimento de graças, pelo grande dia, que quizera dar á ſua Igreja, gloria ao ſeu nome, jubilos a toda a Chriſtandade, honra aos filhos de S. Domingos, verdadeiros obſervantes de ſeu Inſtituto, eſpalhando a voz do Euangelho nos ultimos climas do Mundo. Augmentavaõ o goſto eſpiritual dos Padres as demonſtraçoens feſtivas dos Timores. Tudo eraõ alegrias, teſtemunho da nova luz, que amanhecera em ſuas almas; mas como ſe naõ veriaõ eſtas demonſtraçoens na terra, ſe na converſaõ de tantas, ſe na de huma ſó ſe vem no meſmo Ceo!

Gaudium erit coram Angelis Dei ſuper uno peccatore pœnitentiam agente. Lucæ 15. 7.

Poucos dias depois, a tempo em que o Padre Fr. Antonio ſe detinha com a Rainha bautizada em praticas do Ceo, chegaraõ ao meſmo Padre Embaixadores do Rey de Manubaõ, Reyno diſtante deſte de Lifao trinta e ſinco legoas pela terra dentro. Lá tinhaõ penetrado tambem os progreſſos, que os Padres hiaõ obrando na propagaçaõ do Euangelho; noticia, que baſtou a convidar eſte Rey, mandando por hum tio ſeu authorizando a embaixada, de que ſó era a ſubſtancia pedir ao Padre Fr. Antonio o Bautiſmo para toda ſua Caſa, e Reyno; nova de grande conſequencia na eſtimaçaõ do Padre, por ſer aquelle hum dos Reys mais poderoſos naquella Ilha, e ſeu Reyno o mais dilatado, e populoſo. Mas como pedia ao Padre o favor de que chegaſſe á ſua Corte, em tempo em que lhe era preciſo paſſar a Larantuca, para mandar cultivadores para aquella Chriſtandade nova, foy conveniente aſſentar com o tio do Rey amizade, e a Real palavra de ſe fazer Chriſtaõ, elle, e todo o ſeu Reyno, levantando nelle Igrejas, obrigando-ſe o Padre a vir em peſſoa, ou mandar Miniſtros para ellas, aſſim para a funçaõ dos Bautiſmos, como para ficarem entre elles adminiſtrando-lhes os Sacramentos. Para tudo trazia poder o tio do Rey, a quem o Padre em final da fé, e do concerto ajuſtado, entregou hum anel de diamantes, para que em ſeu nome o déſſe ao Rey, e outro mimo para a Rainha, mandando com elle hum Soldado Portuguez, por nome Joaõ Sanches da Fonſeca, e quatro Chriſtãos da terra, que todos

dos foraõ bem recebidos dos Reys, que logo confirmaraõ o que o Padre Fr. Antonio propunha; e assim lhe responderaõ, mandando-lhe em recompensa seu mimo, o Rey huma manilha de ouro, que tirou do braço, a Rainha hum panno com que se cobria, bordado de ouro.

Naõ tardou o Padre Fr. Antonio em passar a Larantuca, e de caminho visitando em Mena a Rainha viuva, lhe deixou a melhor parte dos mantimentos, que trazia, vendo que padecia essa falta; e despedido della, como da de Lifao, e daquellas Christandades, em que lhe ficava o coraçaõ, chegou a Larantuca, aonde foy recebido dos Padres, e do Povo, com as alegres demonstraçoens, que pedia o succedido, de que Deos quiz fosse elle instrumento: e como servo, que sempre se reputava inutil, passou a segundo trabalho, parecendo-lhe pouco o primeiro. Preparou duas embarcaçoens, em que recolheo todo o mantimento, que agenceou, e descobrio sua diligencia, (como soccorro precilo, para a Rainha de Mena, destruida, e attenuada) e cinco Religiosos, que se offereceraõ para aquella nova cultura, ordenando-lhes o que se havia de proseguir nella. Eraõ os Religiosos, e a ordem, que levavaõ, os Padres Fr. Pedro de S. Joseph, e Fr. Alvaro de Tavora para o Reyno de Lifao. Os Padres Fr. Bento Serraõ, e Fr. Manoel da Resurreiçaõ para o Reyno de Mena. O Padre Fr. Jacintho de S. Domingos para o Reyno de Manubaõ, com ordem para chamar o Padre Fr. Chrysostomo de Santiago, que andava por aquellas Ilhas cathequizando sem domicilio certo. Chegados os Religiosos, foraõ recebidos com alvoroço, assim em Mena, como em Lifao; levantaraõ-se logo Igrejas, e começaraõ a administrar os Sacramentos nellas. Neste exercicio, e no de cathequizar os deixou o Padre Fr. Jacintho de S. Domingos, e passou ao Reyno de Manubaõ, recebido, e agasalhado dos Reys com igual grandeza, que alegria, grande veneraçaõ, e respeito á sua pessoa. Instruio-os na Fé, e bautizou-os logo, naõ só ao Rey, Rainha, filhas, e toda a Casa Real, mas muito Povo, que seguio seu exemplo; foy o dia de mayor celebridade, que vio aquelle Reyno; conheciaõ já os seus naturaes a ventura, que conseguiaõ nella, até entaõ naõ só naõ conseguida, mas ainda ignorada. Assim foy crescendo, e se foy dilatando esta Christandade com a vastidaõ do Reyno: o que conhecido pelo Vigario Geral de todo o Oriente, que nestes annos era o Mestre Deputado Fr. Manoel da Cruz, mandou logo a ellas vinte Religiosos; porque sendo tanta a sementeira, naõ fossem poucos os Operarios. Espalharaõ se por todos os Reynos da Ilha, cathequizando, e bautizando os Reys, e Povos della.

Bautizaõ-se o Rey, e Rainha de Manubaõ.

Agora diremos das Igrejas, que se levantaraõ, e dos Padres, que nellas assistiraõ. No Reyno de Mena se levantaraõ duas Igrejas, huma (distante da praya huma legoa) com o titulo de nossa Senhora do Desterro, outra na Corte, pela terra dentro oito legoas, com o titulo de S. Domingos. Nestas assistiraõ até

sua

sua morte os Padres Fr. Miguel do Espirito Santo, e Fr. Manoel da Resurreição; deste ficou a saudosa, e envejada memoria de perfeito observante, e grande penitente. No Reyno de Lifao, que dista seis legoas de Mena, se edificou outra Igreja com o titulo de Santa Cruz; assistio nella o Padre Fr. Pedro de S. Joseph toda sua vida, e bautizou quasi todo aquelle Reyno. No de Cupaõ levantou Igreja o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho; alli chegou depois de estar o Rey bautizado, continuando o santo exercicio na mais gente do Reyno. No de Manubaõ se levantou tambem Igreja, continuando com a conversaõ o Padre Fr. Alvaro de Tavora, em quanto lhe durou a vida. Levantou-se outra em Batimiaõ; outra no Reyno de Luca, abrindo nelle Christandade o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, bautizando a Rainha, e hum filho de menoridade, a principal gente do Reyno, e innumeravel Povo. Em o Reyno de Amafao levantou tambem Igreja o Padre Fr. Antonio de nossa Senhora, correndo muitos annos com aquellas Christandades.

Bautizou-se o Rey de Cupaõ.

Bautiza-se a Rainha de Luca.

Mas coroe esta breve noticia a de hum Religioso, que passando por obediencia ao Reyno de Cupaõ, a abrir Christandades, e levantar Igreja, perdeo a vida ás mãos de inimigos da Fé, a quem hia levalla. Foy este o Padre Fr. Luiz da Paixaõ, natural do lugar de Carnide, huma legoa distante da Cidade de Lisboa, de donde passou á India por Soldado; e desejando sello de Jesu Christo, tomou o habito, e professou na Congregaçaõ; passou a Solor com o Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel, e residindo alguns annos na Povoaçaõ de Gueguena, na Ilha do Ende, vendo os augmentos com que corria a seara espiritual de Timor, passou, dispondo-o assim a obediencia, a esta Ilha; desembarcou no porto de Cupaõ, em que tudo era ainda Gentilidade; e entrando pela Povoaçaõ, vendo huma roda de Gentios, se introduzio com elles, encaminhando a pratica ao fim para que alli vinha. Sentiose inflammado do caminho, e com taõ rigorosa sede, que pedio huma pouca de agua; dando-lha, e bebendo-a, perdeo o Padre o juizo no mesmo instante; assim rompendo em desatinos, começou de correr a Povoaçaõ, feito ludibrio daquelles barbaros, que encaminhando-o para hum despenhadeiro, o precipitaraõ delle, lugar em que depois de hum anno foy achado seu corpo, e levado para Larantuca por hum Religioso, que com alguma gente veyo a fazer essa diligencia. Depois de algum tempo, pedindo o mesmo Rey de Cupaõ Padres para o seu Reyno; o bautizou o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, como a mayor parte do Reyno o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho. Estes, e outros muitos effeitos (que ainda diremos) se seguiraõ na Ilha de Timor áquella resplandecente Cruz, que se vio nella, e lhe deu o nome, que tem agora, chamando-se a *Ilha de Santa Cruz.*

Precipitaõ em odio da Fé ao P. Fr. Luiz da Paixaõ.

CA-

CAPITULO VI.

Turbaçaõ nas novas Chriſtandades de Timor. Caſtigaõ-ſe os perſeguidores dellas, e ficaõ ſocegadas.

NArradas as converſoens de Timor, e os effeitos dellas por junto, por naõ cortarmos o fio, com que as foy levando o Padre Fr. Antonio de Saõ Jacintho, tornemos a buſcar a cauſa da ſua revolta, que já deixámos ordida. Já vimos como o Rey de Toló, ſacudido de Larantuca, veyo por Timor, promettendo que paſſava a reformarſe de forças para caſtigo dos que admittiſſem Chriſtandades no ſeu Reyno, ou ſe naõ reduziſſem com elle a abraçar a ſeita de Mafamede: mas naõ lhe tardou huma morte afrontoſa, em que cahiraõ todas eſtas machinas da ſua ſoberba, e da ſua ira, como já diſſémos: mas reſtanos a individuaçaõ do que negoceou naquella retirada, como cauſa das turbaçoens, com que agora vemos os Reys deſta Ilha. Foy o Rey de Toló (favorecido da ſua Armada, e das eſperanças de voltar com ella mais poderoſa) reduzindo á ſua devoçaõ os que pode, e entre elles ao Vajalle, a quem deu huma touca, penhor (entre aquella gente) de aceitar a ſua ſeita. He eſte Vajalle como Emperador, a quem todos os Reys da Ilha reconhecem com tributo como a ſeu Soberano. Agora fazia as partes delRey de Toló, convidando a huns, e ameaçando a outros, e tendo a todos ſuſpenſos, e amedrentados. Eraõ os principaes o Rey de Manubaõ, a Rainha de Mena, o Rey de Lifao, e o Rey de Serviaõ. Penetrou neſte mais o receyo, e tendo já dado ſua palavra ao Rey de Toló, começou á pôr em pratica com o Vajalle, que abraçaſſe o ſeu Reyno a ſeita de Mafamede.

Chegou eſta noticia a Larantuca, que temendo bem, que com eſte exemplo, e o receyo, que hia correndo por toda a Ilha, ſe arruinaſſe o obrado nella, livrou o total remedio na preſteza do ſoccorro. Commetteo-ſe a empreza a Ambroſio Dias, Capitaõ mór do mar, homem de valor, e eſpiritos. Deraõ-ſe-lhe cento e cincoenta Moſqueteiros, naturaes de Larantuca, por Capellaens os Padres Fr. Bento Serraõ, e Fr. Pedro de S. Joſeph. Partiraõ ſem dilaçaõ, tomaraõ terra no porto de Mena, acodindo-lhe com ſoccorro de gente, e baſtimentos a Rainha viuva, o Rey de Lifao, e de Manubaõ, de que reſultou Exercito capaz de facçaõ grande. Sobiraõ ás vaſtas terras do Rey de Serviaõ, que era o primeiro emprego do caſtigo, a tempo que o viraõ retirar para humas ſerras, naõ ſe fiando na muita gente, que o ſeguia, para a reſoluçaõ de eſperar á batalha. Aſſim entraraõ os noſſos aſſolando, e deſpojando ſem reſiſtencia; o que viſto, e chorado pelos naturaes, (que o propunhaõ ao Rey, como culpado em os reduzir áquella miſeria) conſiderando elle, que retirado áquella ſerrania, havia de render á falta do ſuſtento o que cuidara reſgatar das mãos do inimigo, mandou ſem detença praticar as pazes com o noſſo Capitaõ, offerecendo ſogeiçaõ, e ami-

e amizade; o que ſe lhe aceitou, ſendo huma das condiçoens, que vieſſe peſſoalmente entregar a touca, que já tinha aceito em penhor, e contrato de introduzir a ſeita de Mafamede em ſeu Reyno; o que ſe executou logo, ficando com tantas veras de amigo, e ſogeiçaõ ao Eſtado, que depois naõ ſó recebeo o Bautiſmo, mas fomentou a Chriſtandade em todo o ſeu Reyno. Concluida a paz, e feita eſta promeſſa, voltou a noſſa gente para Larantuca victorioſa.

Mas inſtava o Vajalle, ameaçando a Rainha de Mena, e o Rey de Manubaõ, por terem recebido o Bautiſmo; e o Rey de Damitiaõ, porque ſe naõ reſolveſſe a recebello; e diſto, que obrava, e do que obrara o Rey de Serviaõ, mandou noticia ao Rey de Toló, inſtando, que ſe naõ detiveſſe com a Armada, dando tempo aos ſoccorros de Larantuca. Mas já a eſte tempo tinha ſuccedido ſua deſeſtrada morte; nada teve effeito, ainda que o Vajalle, ignorante della, continuava na arrogancia de dominar a Ilha. Neſte eſtado ſe achavaõ as couſas della, quando chegou a Larantuca o Viſitador, e Commiſſario Geral deſtas Chriſtandades, o Padre Fr. Lucas da Cruz, de quem daremos aqui huma breve noticia, de que foraõ grandes acrédores ſeus merecimentos.

Foy eſte Padre Portuguez, ſeu nome Lucas de Aguiar. Fora Soldado de reputaçaõ, e nome. Chamou-o o Ceo para mais importante milicia na conquiſta das almas. Inſtado deſte deſejo, tomou o habito de S. Domingos em Cochim, chamando-ſe Fr. Lucas da Cruz. Applicou-ſe aos eſtudos, e aproveitou aſſim nelles, que no trabalho das Cadeiras alcançou o premio do magiſterio. Occupou os lugares de Prelado; paſſou (á obediencia do Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel) por Viſitador da Ilha de Ceilaõ, e Manar. Depois ás Ilhas de Solor, com Patente de Viſitador, e Vigario Geral, que naõ exercitou, porque eſpirando o governo da Congregaçaõ, em que fora provido, veyo outro a exercitar o cargo. Voltando á India, e eſtando em Malaca, ſe achou no cerco dos Hollandezes, em que obrou como valeroſo Soldado de Chriſto, defendendo o Baluarte de Saõ Domingos, e recebendo duas lançadas mortaes, que nem aſſim foraõ baſtantes a enfraquecer os brados com que defendia, que ſe naõ entregaſſe a Praça. Entregue ella, ſe retirou a Meliapor, aonde tendo Patente de Viſitador, e Commiſſario Geral das Ilhas de Solor, do Vigario Geral da Congregaçaõ, o Meſtre Deputado Fr. Manoel da Cruz, paſſou ao Macaſſá, dalli a eſta Ilha de Larantuca, aonde o vemos agora pelos annos de 1641.

Chegado a ella, proveo as ſuas Igrejas, unio, e pacificou os animos da gente da terra, que ſendo todos Chriſtãos, ſe tinhaõ dividido, aſſim no ſitio, como no commercio. Reſtituhio ao antigo os dous Capitaes mores, o dos naturaes, e o Portuguez Franciſco Carneiro de Siqueira. Reſolvia-ſe em paſſar a Timor, quando lhe chegaraõ relaçoens da alteraçaõ, que ſe ſentia na Ilha, com os ameaços do Vajalle; e havido conſelho com o Capitaõ mór Franciſco Fer-

Fernandes, e Religiosos das Christandades visinhas, se assentou, que com toda a pressa se acodisse aos ameaçados com maõ armada. Aprestaraõ-se quatro embarcaçons; duas, que armaraõ os Religiosos, huma o Capitaõ mór, outra o Povo; e repartindo-se por ellas noventa Mosqueteiros, e o Visitador com mais trez Religiosos, Fr. Antonio Cabral, Fr. Bento Serraõ, e Fr. Pedro Manso, exhortando o Visitador a todos, propondo-lhe a empreza, como toda do serviço de Deos, socego daquellas Christandades novas, e reputaçaõ das armas Portuguezas, deraõ á véla em 26 de Mayo do mesmo anno de 1641, e sahindo em terra no porto de Mena, foraõ recebidos, e hospedados do Rey, e Rainha mãy, com mostras de amizade, grandeza, e abundancia no que permittia a terra. Despacharaõ logo dous Religiosos, e alguma gente aos Reys de Batimiaõ, e Serviaõ, propondo-lhes a empreza, e convidando-os para a liga contra o Vajalle, que os ameaçava. Vieraõ os Reys em tudo o proposto, e passou a gente a Batimiaõ, aonde o Visitador bautizou logo o Rey, a que poz por nome D. Pedro, dous sobrinhos do Rey Amanence, cinco filhos da Rainha de Mena, e dos Grandes do Povo, ficou só por bautizar o Tumungaõ, que he Regedor. Depois o bautizou o Padre Fr. Pedro Manso; e no dia seguinte, em que celebra a Igreja a Festa de Santa Anna, se bautizou a Rainha com toda a gente de sua Casa, e já feita Christãa, se desposou na fórma da Igreja. Concorreo a pedir o Bautismo o mais Povo, e para instruillo, e cathequizallo, foy preciso aos Religiosos, dilatarem a execuçaõ até 20 de Agosto.

Bautiza-se o Rey de Batimiaõ, e a Rainha.

Alegre, e festiva toda a esquadra dos nossos, (mais os Religiosos (do fortunado principio, com que o Ceo lhe abria a porta para a futura campanha, ordenou o Capitaõ sua gente, e a multidaõ dos naturaes (que concorreraõ, e se ajuntaraõ de Mena, Serviaõ, Amanence, e Batimiaõ) e em boa fórma foraõ marchando, ainda que com trabalho, por ser o caminho fragoso, e o calor excessivo. Chegados ás fronteiras do Vajalle, que esperava a batalha com mayor poder, confiado, e soberbo, deu o Capitaõ *Santiago*, e envestiraõ os nossos com tanta valentia, e ardimento, que cahindo muitos dos inimigos ao primeiro effeito da mosquetaria, voltou costas o Vajalle, e passando com muitos hum rio, se embrenhou no mato. Assim foraõ sem resistencia alguma, sentindo as hostilidades de ferro, e fogo as Povoaçoens, até a Corte, em que descançou o Exercito aquella noite, naõ lhe faltando abundancia para a mesa, com que cresceo a alegria da vitoria. Ao dia seguinte, tendo provado a temeridade de perseguir o inimigo no mato, voltaraõ com melhor conselho, e pondo fogo aos passos do Vajalle, chegaraõ a Batimiaõ, recebidos do Rey, e do de Amanence, com as demonstraçoens de alegria, que pedia a vitoria, e grandes consequencia della. Deixou o Visitador neste Reyno o Padre Fr. Pedro Manso, (que levantou logo Igreja, continuando com grande augmento de Christandade os exercicios della) e passando

com a gente ao Reyno de Mena, fez hum folemne Bautifmo em dia de S. Lourenço, em que bautizou dous netos da Rainha de Mena, pondo a hum por nome D. Theodofio, a outro D. Sebaftiaõ. Eraõ filhos delRey de Monabaõ; criados em companhia da Rainha viuva. Bautizaraõ-fe tambem trez filhos delRey Amabara, e mais Povo. Fez outro Bautifmo, em que bautizou huma filha delRey de Acçaõ, a que poz por nome Dona Serafina; e ordenando algumas coufas convenientes áquella Chriftandade, voltou com toda a efquadra a Larantuca.

Efpalhada, e fabida a deftruiçaõ do Vajalle, temido o braço Chriftaõ por todos aquelles Reynos, naõ fó lograraõ as Chriftandades de Timor hum grande focego, mas foy raro o Rey, que naõ pediffe o Bautifmo. Adiantoufe o Rey de Tiripirim, defejando-o para fi, e para feu Reyno todo. Intentava o Vifitador paffar áquelle Reyno, quando chegou de Goa o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, com Patente de Commiffario das mefmas Chriftandades de Timor, ficando o Meftre Fr. Lucas governando as de Larantuca, e do Ende, em que continuou muitos annos, até que em Mayo de 1664. lhe chegou a Patente de Vigario Geral da Congregaçaõ, fendo Provincial defta Provincia o Meftre Fr. Alvaro de Caftro.

CAPITULO VII.

Noticias do fuccedido no Japara, e no Macaffar. Paffa o Padre Prefentado Fr. Joaõ da Cofta á Provincia de Bajú. Tiraõ-lhe a vida em odio daquella Chriftandade. Prodigios fuccedidos nella.

ANtes que tornemos a Solor, ferá razaõ darmos noticia da Chriftandade de Japara, que com bom principio, e efperanças naõ quiz Deos, que fe colheffem os frutos dellas; e paffou affim. Navegavaõ de Goa para Solor os Padres Fr. Manoel de Santa Maria, e Fr. Pedro de S. Jofeph; e perfeguidos de hum temporal, entraraõ no porto de Japara. Lançou logo maõ delles, e dos mais da embarcaçaõ o Governador da terra, fabendo, que eraõ Chriftãos, e tendo-os prezos, mandou avifar do fuccedido ao Mataraõ, Senhor de toda a Jaoa, que entendendo, que fe lhe abria no porto hum novo commercio, mandou ao Governador, que foltando a todos, lhes offereceffe fitio para fazerem Povoaçaõ, e os Padres levantarem Igrejas, com o feguro, que teriaõ fempre bom tratamento. Aceitaraõ os Portuguezes, e fazendo fuas Capitulaçoens, ficou affentado, que os Chriftãos, que fugiffem do cativeiro de Japara, foffem livres nas terras de Jaoa. Affim ficaraõ os Padres para adminiftrarem os Sacramentos aos Chriftãos, lançando os olhos a alguma reducçaõ dos Mouros da terra; mas nem familiaridade, nem trato, nem diligencia, furtiraõ effeito; defengano, que fez reti-

rar ao Padre Fr. Pedro de Saõ Joſeph pára Solor, ficando o Padre Fr. Manoel acompanhando os Chriſtãos do commercio, que ceſſou com a perda de Malaca, naõ querendo o Mouro eſtar pelas condiçoens depois della: com que houve de retirar-ſe tambem para Solor o Padre Fr. Manoel de Santa Maria.

Neſte tempo trabalhavaõ os Prelados da Congregaçaõ em acodir ás Chriſtandades de Solor com repetidas miſſoens. Logo que tomou poſſe do cargo em Goa o Meſtre Fr. Lucas, mandou cinco Religioſos, por Vigario o Padre Fr. Sebaſtiaõ de S. Joſeph. Foy mandado logo por Viſitador da Religiaõ, e Commiſſario do Santo Officio o Preſentado Fr. Joaõ Rangel com dous companheiros. Depois, ſendo Vigario Geral o Meſtre, e Deputado Fr. Agoſtinho de Magalhaens, mandou por Viſitador, e Vigario Geral daquellas Chriſtandades o Preſentado Fr. Joaõ da Coſta, que voluntariamente ſe ſacrificou áquelle trabalho, ſendo actualmente Regente dos Eſtudos no Convento de Santo Thomaz; levou quatro companheiros, e o cargo de Commiſſario do Santo Officio.

Embarcado o Padre Fr. Joaõ da Coſta com ſeus companheiros, chegou ao Macaſſar, em que achou nova Povoaçaõ dos Chriſtãos expulſos de Malaca, com ſua Igreja Matriz, e Cabido, que viera da meſma Cidade; e vendo, que os Padres Capuchos de Macao tinhaõ alli ſeu Hoſpicio, os Padres da Companhia ſua Caſa, e Igreja, e que aos Religioſos de S. Domingos lhe era mais preciſa, pela continua paſſagem para Solor, alcançou licença, e ſitio (para Caſa, e Igreja) do Emperador do Macaſſar, e vencendo eſtorvos, e embaraços, dita nella a primeira Miſſa, e ficando por Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, ſe embarcou com os mais Religioſos para Solor, em que aportou em dia de S. Thomé de 1651. Proveo logo as Chriſtandades de Meſtres, que doutrinaſſem os meninos, e mais Povo. Trabalhou, e conſeguio, que ſe lavraſſe na Povoaçaõ do Combas Igreja nova, ſendo pouco decente a primeira. Poz nella por Vigario o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ; e finalmente reparou a Caſa de Larantuca, ainda que, como deſejava, naõ pode fazer o meſmo na Igreja.

Diſpoſto o mais, que convinha áquellas Chriſtandades, entrou o Padre Fr. Joaõ em penſamentos de abrir novamente alguma, porque eſſe fora o eſpirito, com que ſe embarcara em Goa. Foy logo com ſeus companheiros, diſcorrendo varias Povoaçoens da Ilha do Ende, e paſſou á Provincia de Bajú, contra-Coſta de Larantuca, com incommodos, e trabalhos, tolerados com invencivel ſofrimento, e eſpirito Apoſtolico. Neſta Provincia foy bem recebido, achando diſpoſiçaõ na gente para dar ouvidos á verdade, e docilidade no genio, para ſe ſogeitar ao jugo de Jeſu Chriſto. Com eſtas eſperanças começou a exercitar ſeu eſpirito, eſpalhando naquella terra inculta a ſemente do Evangelho, que fomentada do Ceo, aſſim foy creſcendo em fecunda, e dilatada ſeara, que levantou logo Igreja,

ja, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Celebraraõ nella Miſſa, com commum contentamento do Povo, e começou a concorrer innumeravel a pedir Bautiſmo. Mas naõ faltava entre eſta fermoſa, e creſcida ſeara o damno da cizania, favorecida do demonio em alguns principaes da terra, que viviaõ com eſcandalo, e perigo de ſerem de exemplo. Buſcou-os o Padre; advertio-os que, já que por deſgraça ſua fogiaõ ás vozes da Igreja, que como Mãi os chamava, naõ foſſem, com publicos deſatinos, tropeços, para os que caminhavaõ para ella. Deſprezaraõ o aviſo, e naõ valendo, nem a ſupplica fallou-lhes, e reprehendeo-os o Padre com inteireza, e liberdade Apoſtolica.

Ficaraõ os Gentios corridos, e confuſos; queriaõ, que o tirar-lhe publicamente a vida, foſſe deſempenho da ſua afronta, mas temiaõ o caſtigo, que lhes podia vir de Larantuca, e o motim da terra, em que o Padre tinha muitas vontades promptas para a defenſa, como depois empenhadas para a vingança. Appellaraõ para as armas da infamia, e da covardia, dando-lhe peçonha; moſtraraõ-no aſſim os ſinaes da enfermidade, de que cahio repentino, e faleceo apreſſado, victima de Jeſu Chriſto, ferida em odio do Evangelho. O quanto o Senhor a eſtimou, moſtrou depois hum prodigio; porque paſſados dous annos, e querendo os Religioſos trasladar os oſſos para Larantuca, abriraõ a ſepultura, aſſiſtindo muitos Chriſtãos da terra, e acharaõ o corpo como na hora em que o tinhaõ ſepultado, ſem corrupçaõ, ou máo cheiro, e a meſma inteireza no habito. Eſte eſtranho ſucceſſo naõ ſó foi argumento do que mereceo o Padre naquelle genero de morte; mas de fomentar, e radicar muito aquella Chriſtandade. Naõ conſentiraõ os filhos della, que lhes roubaſſem aquelle theſouro; entre elles ſe venera ſepultado. Foy o Padre Fr. Joaõ da Coſta Portuguez, natural da Cidade da Guarda, irmaõ de Antonio Saraiva de Carvalho, Eſcrivaõ dos Aggravos, e Appellaçoens na Corte de Lisboa. Tomou o habito na Provincia de Caſtella, eſtudou no Convento de Valhadolid, em que leu Artes. Paſſou á Provincia de Portugal, della á India, em que leu Theologia, e tomou o grao de Preſentado; e ſendo Regente no Convento de Santo Thomaz em Goa, paſſou voluntariamente áquellas Ilhas, a que o chamava o Ceo para ſobir dellas a elle com a coroa daquella morte.

Morte do P. Preſentado Fr. Joaõ da Coſta.

Ficou depois della correndo com aquella Chriſtandade o Padre Fr. Manoel da Encarnaçaõ, hum dos companheiros, que trouxera de Goa, e de tal zelo, e eſpirito, que baſtou a temperar o ſentimento da ſua falta. Continuou eſte Padre os Bautiſmos, e o exercicio de cathequizar incançavelmente: e ſe eſte era o trabalho com os Gentios, naõ era menos o das advertencias com os Chriſtãos deſencaminhados. Davalhe cuidado hum que o andava com eſcandalo. Entrou a advertencia, continuou a reprehenſaõ; finalmente poz o ultimo esforço no ameaço, e ſortio tal effeito, que o culpado naõ ſó deſiſtio dos deſman-

chos,

chos, mas quiz fazer huma confiſſaõ geral. Aſſentou com o Padre hora deſoccupada, e poſto huma tarde a ſeus pés na Igreja, vio o meſmo Padre, levantando os olhos á porta della, que parava hum Chriſtaõ (que hia paſſando) ſem tirar os ſeus do Confeſſionario. Paſſou outro, e ſuccedeo-lhe o meſmo, e aſſim huns atraz dos outros ſe foraõ ajuntando muitos. Deu o Padre a abſolviçaõ ao penitente, e chamado da novidade, chegou aos da porta, perguntando-lhes quem os detinha? Ao que reſponderaõ todos, que o que tinhaõ viſto na Igreja os ſuſpendera; e continuou hum delles: *Que em quanto o Padre confeſſara o penitente, viraõ hum rayo de luz claro, e reſplandecente, que do tecto da Igreja deſcia ſobre o Confeſſionario, cahindo entre o penitente, e o Confeſſor, e que, a abſolviçaõ acabada, deſapparecera.* Authenticou-ſe o caſo, e foi melhor teſtemunha a grande volta, que o penitente deu no eſtylo de vida, taõ conhecida, e admirada na terra, como o ſucceſſo, com que principiara.

Mais eſtrondo foy outro, que ſe vio na meſma Igreja, em credito do meſmo Padre, e confirmaçaõ para a Chriſtandade della. Celebrava o Padre Fr. Manoel o dia de S. Domingos com o aceyo, e ornato, que permittia a terra, e a Igreja. Chegaraõ á porta della alguns Gentios levados da curioſidade, e hum delles com confiança de principal entrou dentro a tempo, que o Padre ſe punha no Altar; e reparando nas ceremonias da Miſſa, vio que, ao conſagrar o Padre, ſahia de hum nicho, em que eſtava no meſmo Altar, a Imagem de huma Senhora do Roſario, e ſobre elle proſtrada, adorava a Hoſtia, e Caliz, e logo ſe recolhia no meſmo nicho. Ficou como tranſportado o Gentio em quanto ſe acabava a Miſſa, cahindo entaõ em terra, como ſe ficara ſem vida. Naõ valeraõ remedios humanos; e depois de largo eſpaço, tornou em ſi a tempo, que o Vigario tinha chegado, e lhe perguntava o que tivera? Ao que reſpondeo, que o que o proſtrara fora o penetrarſe do paſmo do que tinha viſto; e continuou o que fora, accreſcentando que eſtava certo, e ſeguro em ſua alma, que a Ley dos Chriſtãos era a verdadeira, e que ſó a ella queria abraçar, e acabar nella a vida. Cathequizou-o o Padre, e bautizou-o brevemente, ſendo a ſua converſaõ (como de peſſoa principal) e o caſo, que teſtemunhava, a que reduzio a muitos, e confirmou os reduzidos.

Naõ lhes ſervio de menos confirmaçaõ, como de igual gloria áquella Chriſtandade, o que agora diremos para novo aſſombro, e coroa deſte Capitulo. Juntos huma noite huns poucos de Gentios na diabolica occupaçaõ de fazerem feitiços, para ſe vingarem, e fazerem damno a alguns Chriſtãos, lhes appareceo de improviſo hum Frade, veſtido no habito de S. Domingos, com hum bordaõ, e dando-lhes alguns golpes com elle, lhes dizia: *Quem vos obriga, deſatinados, a occuparvos em ſerviço do demonio, fazendo feitiços nas minhas Chriſtandades? Anday daqui, anday, e naõ vos ſucceda outra vez; que ſerá o caſtigo*

go mais rigorofo. E dito ifto, defappareceo. Levantaraó-fe os Gentios igualmente, que afrontados, confufos, porque eftavaó fechados, e naó viaó por onde o Padre entraffe, ou fahiffe. Mas duvidando fe feria o Vigario, ainda que no rofto lho naó parecera, fe queixaraó ao Senhor da terra, que bufcando com elles o Padre Fr. Manoel, com feus mefmos teftemunhos fe defenganou, de que naó fora aquelle o Padre. Divulgou-fe o cafo, e entendeo o Vigario, e mais Chriftãos da terra, que o Religiofo do bordaó naó feria outro fenaó noffo Patriarca S. Domingos, que guardava aquella Chriftandade como vinha do Senhor, de que feus filhos eraó venturofos Obreiros.

CAPITULO VIII.

Prodigio notavel, fuccedido em Timor. Trabalhos, que a elle fe feguiraó naquellas Chriftandades. Maravilhas com que o Ceo as defendeo.

Achava-fe neftes tempos affiftindo por Vigario da Igreja de S. Domingos, no Reyno de Amanence, o Padre Fr. Jordaó de S. Domingos, Religiofo muy obfervante, e reformado; fua vida, hum incançavel defvelo na converfaó das almas, occupando o tempo, que lhe reftava defte exercicio, em confultar com Deos na oraçaó, os caminhos de continuallo. Affim fe detinha em huma occafiaó diante da Senhora do Rofario, de que era extremofo devoto; e chegando a beijar-lhe os pés, reparou, que a Senhora tinha cuberto o rofto de alguma humidade; enxugou-a com hum fanguinho, mas vio, que nafcia outra, que já fe engroffava em fuor, que limpo fegunda vez, correo mais copiofo. Convocou o Padre gente para teftemunhar o milagre, e fazendo por cinco vezes a diligencia de applicar o fanguinho, o tirou na ultima com algumas nodoas de fangue frefco. Vi-o o Povo, e proftrando-fe todos por terra, pediaó com lagrimas, e clamores á Senhora, que a fua clemencia moderaffe os effeitos, que coftumaó feguir-fe a femelhantes finaes. Naó tardou em confirmallo a experiencia; e fuccedeo affim.

Refolveraó-fe os Hollandezes a arrazar a Fortaleza, que tinhaó na Ilha de Solor, por inutil, e fundar na Ilha de Timor outra, em que fortificando-fe, fe fizeffem poderofos para a fua empreza fufpirada, de lançar fóra da Ilha os Chriftãos, que affiftiaó nella de Larantuca, e os Religiofos de S. Domingos, que fomentavaó fua affiftencia, porque para os naturaes baftava hum ameaço, ficando a fua cobiça com o commercio do fandalo. Com eftas efperanças tomaraó com violencia huma Fortaleza, que em Cupaó eftava principiada, e feita Praça de armas, romperaó guerra com a gente de Larantuca, que refidia na Ilha, convencidos, que teriaó á fua devoçaó todos os Mouros della. Tentaraó logo alguns Reys Timores para a liga, em que fó veyo D. Sebaftiaó Rey de Amauy, ou por faltar na terra o Vigario da Chriftandade, ou por lhe cegarem a razaó as negaças do intereffe, e prometteo, que entregaria as cabeças

dos noſſos, que ſeriaõ cincoenta Moſqueteiros, e ſeu Capitaõ, que entaõ era Mathias Fernandes, natural de Larantuca. Para eſta facçaõ ajuntou com preſteza toda ſua gente, e alguma eſtranha, de que formou hum Exercito de vinte mil homens, com que buſcou, e lançou hum cordaõ aos cincoenta, que aviſados do que ſe paſſava, ſe tinhaõ acaſtellado em huma eminencia, ſitio defenſavel; mas faltos de mantimentos, os reduzio brevemente a ſede, e a fome, a tomar a deſeſperaçaõ por reſgate, diſcorrendo, que ainda entregando-ſe, tinhaõ certa a morte; e ſahindo em hum corpo, diſparando os moſquetes, e logo com a eſpada no punho, romperaõ os inimigos, fazendo nelles hum inſtantaneo, e incrivel eſtrago, ſem que de todos ſe predeſſe hum unico. Unio-ſe logo a multidaõ dos inimigos, e vieraõ, mas ſem effeito, perſeguindo os retirados, que recolhidos a Amanence, voltou o Rey de Amauy para ſuas terras, reſpondendo aos que o calumniavaõ, de que com tantos, nem enveſtiſſe, nem deſbarataſſe taõ poucos: *Que no cerco, e na retirada guardara, e defendera a eſtes hum Frade no habito de S. Domingos, que ſó levantando os olhos, ou dizendo huma palavra, os atemorizava, e ſuſpendia.* Entenderaõ os noſſos, que ſeria noſſo Patriarca, que peleijava contra os inimigos das ſuas Chriſtandades, como em vida o fizera contra os Albigenſes.

Vendo-ſe o Hollandez taõ mal ſuccedido naquelle ſeu confederado, inſtou com o Rey de Amanence, que lhe entregaſſe o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos, entendendo, que aquelle era o coraçaõ, que infundia alentos nos Soldados, para que os naõ atemorizaſſe o reparo de poucos. Era o Rey Chriſtaõ, mas filho da cobiça; intereſſes, e eſperanças o dobraraõ áquella infamia. Prometteo entregar o Padre, que aviſado de hum Chriſtaõ, ſe paſſou ao Reyno de Senovay, perſeguido ſem effeito dos que o ſeguiaõ por ordem do Rey, que chamando os Hollandezes (depois de roubar a Igreja) fez brindes á ſua ira, offerecendo-lhe o eſtrago della, em que entraraõ igualmente o deſacato, e o fogo.

Tendo logo noticia do ſucceſſo o Padre Fr. Jordaõ, e mais Padres, e Chriſtãos, que ſe acharaõ em Senovai, ſe ajuntaraõ os Soldados para dar ſobre Amanence, mas naõ havendo Capitaõ, porque Mathias Fernandes ſe tinha retirado a Larantuca, houve ſobre o lugar tal contenda, que vendo-ſe o preciſo da occaſiaõ, e naõ querendo nenhum dos que entendiaõ merecer o poſto ceder do capricho, ſe reſolveraõ todos, a que o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos foſſe Capitaõ. O Padre, que criado no retiro da ſua cella, ou no exercicio da ſua Igreja, naõ ſabia ſuſtentar na maõ mais que o Breviario, ou a diſciplina, começou a pedir com lagrimas aos amotinados, que viſſem, que a cauſa era de Deos, por quem podiaõ ſacrificar pondunores; que elle era hum pobre velho, que o mais a que ſe obrigava, era a morrer com elles no riſco, mas que de governo de armas era taõ ignorante, como falto de forças para manealias.

Na-

Nada valeo para a efcufa; aceitou o nome de Capitaõ, e paffaraõ a Amanence. Tinha-fe o Rey retirado a humas ferras, de donde mandou ao Padre pedir perdaõ arrependido, reftituindo as alfayas da Igreja, que guardara (affim o dizia) como leal filho della. Naõ fe lhe deferio a nada.

Mas os noffos achando-fe defafombrados, e Senhores da terra, affim fe deixaraõ levar de hum tal defcuido, que chegou o Hollandez fem fer fentido, e dando hum affalto, degollara a todos, a naõ fer o valor de Mattheus da Cofta, (Capitaõ de huma eftancia) natural de Larantuca, que achando-fe com as armas nas mãos, enveftio fó, e deftemido os inimigos, matando lhe o Capitaõ, e fufpendendo o impeto dos mais, até que chegando os noffos, e dando fobre elles, naõ ficou hum com vida, cahindo todos no lugar, em que facrilegos tinhaõ queimado a Igreja, para que fe viffe, que fora golpe da Divina vingança.

Confeguida a vitoria, e alcançada depois a noticia de que o Hollandez efperava de Batavia foccorro de importancia, appreffaraõ-fe os noffos em recorrer a Larantuca, que ameaçada da mefma guerra, lhe naõ mandou mais que o Capitaõ Balthafar Gonçalves, homem de valor, mas já taõ entrado em dias, que lhe deraõ por adjunto o Padre Fr. Francifco da Conceiçaõ, Religiofo de grande zelo nas importancias da Chriftandade, de efpirito ardente, activo, e refoluto para manear as armas contra os inimigos de Deos. Mas naõ baftou a falta do foccorro para quebrar os animos aos que fe achavaõ na Ilha de Timor. Era a mayor defenfa cem Mofqueteiros; com eftes paffaraõ a occupar o pofto, em que o inimigo intentava fazer hum reducto no coraçaõ da Ilha, em que affiftiraõ feis mezes, paffando alguns incommodos, e fomes, depois que fe acabaraõ os baftimentos, que recolheraõ de algumas entradas nos Reynos rebelados. Mas chegando noticia, que o Hollandez eftava em Cupaõ com poderofo Exercito, e Capitaõ grande Soldado, celebre, e cheyo de glorias militares, cuftou muito ao P. Fr. Francifco fufpender a refoluçaõ, que tomavaõ, (prudente, e defculpavel na grande defigualdade de poder) de defamparar a Ilha, e paffarem todos a Larantuca. Finalmente deveo-fe ao feu confelho, e ao feu trabalho, o naõ fe largar o pofto.

Tardava o inimigo, entraraõ os noffos em confelho; pareceo conveniente defpedirem dous Capitaens, Mattheus da Cofta, e Antonio Ornay, que com feffenta Mofqueteiros paffaffem a caftigar hum Rey rebellado (embaraçando, que naõ engroffaffe com fuas gentes o Exercito inimigo) e recolheffem de fuas terras algum mantimento. Mas em breves dias viraõ, que fe lhe chegava o inimigo Hollandez com dezoito mil homens de varias naçoens, quando dos noffos fe contavaõ quarenta Soldados de mofquete, e pouco mais de cem Timores, todos antes encorrallados, que guarnecidos no pofto, que tinhaõ tomado. Pareceriaõ fem duvida fabulofas, e inventadas idéas, ou efcrituras apocrifas, alheas, e vafias

ſias de toda a verdade eſtas, de que vamos tecendo hiſtoria, a naõ ſerem os meſmos inimigos da Fé, e da verdade, os que contra ſi teſtimunharaõ a noſſa, enſinados á ſua cuſta, e convencidos da experiencia. Mas admirem-ſe embora os faltos de fé; que nós, que com o lume della vemos os poderes da Divina Providencia, naõ eſtranhamos, que quizeſſe eſcolher huma maõ taõ pequena, como a de taõ poucos Catholicos, para eſgrimir a ſua eſpada, levantada ſobre tantos ſacrilegos. Na deſigualdade do braço, e do golpe, ſe via quem movia aquelle para deſcarregar eſte.

Formado o inimigo na noſſa fronteira, ſe começou a travar a peleija, que durou trez horas, ſem damno noſſo, e muito conſideravel do inimigo. O que viſto pelo Capitaõ, reſolvia-ſe em pôr cerco á trincheira, envergonhado, naõ ſó de lhe fazermos reſiſtencia, mas ainda damno; mas os noſſos advertidos, e acautelados, ſe foraõ retirando a melhor poſto, e mais facil, para ſe encorporarem com elles os dous Capitaens, que já tinhaõ chegado. Poz-ſe em execuçaõ a melhora do ſitio, ſem que as diligencias do inimigo ſerviſſem de embaraço; e paſſada a noite com as armas na maõ, chegando de madrugada os Capitaens, ſem mais advertencia, que a de ſeu valor, acommetteraõ por huma parte o quartel dos inimigos, em quanto os outros por outra, com reſoluçaõ taõ prompta, taõ valente, e deſtemida, que atonito o inimigo, naõ ſe reſolvia a que parte fizeſſe frente, em quanto os noſſos intrepidos hiaõ deſcabeçando corpos, até que, morto o Capitaõ Hollandez, (que ſó, e deſtemido, ſuſtentou o impeto do aſſalto) ficou deſtruido o Exercito, eſcapando dos Hollandezes ſó cinco com vida, innumeraveis mortos no campo, em que tambem cahio o rebelde Rey de Amanence, retirando-ſe poucos dos ſeus, que levaraõ aos mais rebellados as novas do eſtrago, e depondo confórmes (o que tambem os cinco Hollandezes) que em quanto durou a batalha, viraõ, que hum Frade em habito de S. Domingos, com huma cana de bengala na maõ, os feria, e atemorizava, bradando-lhe, que fugiſſem, e ſe retiraſſem. Quem duvída, que diſpunha a Providencia Soberana, que ſe viſſe na fundaçaõ, e conſervaçaõ das Chriſtandades da India, (como Colonia de Portugal) a que ſe admirara na fundaçaõ, e propagaçaõ deſte Reyno todo ſeu, ſuſtentando o braço de Deos o Eſtendarte Portuguez ſempre vitorioſo, entre a diſparidade de prevalecerem poucos contra muitos? Argumento com que Moyſés ſegurava aos Iſraelitas, que eraõ o Povo de Deos mais favorecido, e mais mimoſo. Mas grande gloria para os cultores daquellas Chriſtandades, vir noſſo Patriarca a ſuſtentallas, por moſtrar a Providencia, com que Deos ſe havia com ellas.

Deuteron. cap. 32. Quomodo perſequatur unus mille, & duo fugient decem millia!

CA-

CAPITULO IX.

Novos prodigios, com que o Ceo favorece os Chriſtãos de Timor em nova, e mais poderoſa invaſaõ dos Hollandezes. Deſenganados eſtes de Timor paſſaõ a Larantuca com Armada formidavel, que ſe retira ſem operaçaõ alguma.

Confuſos, e corridos os Hollandezes de ſe verem deſtroçados de taõ pouca gente, (antes cegos, e obſtinados, para naõ reconhecerem, que braço mais que humano nos defendia, e os caſtigava) lançaraõ fama, e com effeito trouxeraõ o mais conſideravel poder de Batavia em huma Armada com mil e trezentos Hollandezes, e innumeravel Soldadeſca de naçoens eſtranhas. Bem julgavaõ os noſſos Religioſos de Timor que os caſos precedentes eraõ milagres, e que nem ſempre os deviaõ eſperar, ainda que fizeſſem ſempre pelos naõ deſmerecer. Aſſim recorrendo primeiro ás armas de ſua profiſſaõ, em exercicios penitentes, devotos, e continuados, mandaraõ a Larantuca a pedir ſoccorro, dando noticia do que ſuccedera, e do que ſe eſperava. Era Vigario das Chriſtandades o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ, (de que já fica noticia) e incançavel ſeu zelo na conſervaçaõ dellas. Convenceo, e obrigou ao Capitaõ mór Franciſco Carneiro, que ſe ajuntaſſe o que foſſe poſſivel de ſoccorro; e embarcando-ſe com elle, e com o Padre Fr. Joaõ do Roſario, (tendo deixado em ſeu lugar o Padre Fr. Eſtevaõ do Roſario) aportaraõ em Timor com tanta felicidade na viagem, como alegria, e alvoroço no recebimento, que durou pouco, porque adoecendo o Vigario, paſſou brevemente deſta vida, recebidos os Sacramentos, com moſtras de contriçaõ verdadeira, e eſperanças do immortal premio della.

Mas naõ ceſſou a prevençaõ contra o inimigo, e diſpoſiçaõ para o que convinha ao conflicto eſperado. Mandaraõ aſſiſtir ao Rey de Amarraſte (D. Agoſtinho, reduzido, e bautizado pelo Padre Fr. Rafael da Veiga, e entre todos os Reys o mais leal, e fiel á ley, que profeſſara) dezaſete Moſqueteiros, por Cabo Joaõ Serraõ da Cunha. Foy eſta prevençaõ a mais neceſſaria: porque movendoſe todo o poder Hollandez de Cupaõ, aonde em deſembarcando, fizeraõ Praça de armas, governados por Thamen, o mais esforçado Hollandez, que tinhaõ em toda a India, encaminharaõ a marcha a caſtigar o Rey de Amarraſte, pela conſtancia, com que ſempre deſprezara a pratica da liga. Mas ſuccedeo-lhes mal; porque errando o caminho, (ainda que guiados pelos mais praticos nelle) tomaraõ o mais difficil, e fragoſo, chegando a Amarraſte cançados, e deſtruidos. Tinha já o Capitaõ Joaõ Serraõ eſcolhido poſto com os doze Moſqueteiros, porque os outros tinhaõ chegado enfermos: aſſiſtia com elle o Rey com parte da ſua gente; e vendo a do inimigo taõ numeroſa, guerreira, e luzida, levantou ao Ceo os olhos, e pondo nelle o coraçaõ, e a confiança, ſe diſpoz para a peleija. Por duas partes ſe

Rey de Amarraſte bautizado pelo pelo P.Fr. Rafael da Veiga.

ſe podia avançar o poſto, que o noſſo Cabo eſcolhera; e ſem que a deſigualdade, que no inimigo eſtava vendo, lhe quebraſſe o animo, ou lhe eſmoreceſſe o coraçaõ (todo Portuguez) nó inevitavel do riſco, a ambas as partes attendeo, e fortificou, pondo em huma cinco Moſqueteiros, e alguns Timores; na mais arriſcada ficou elle, e o Rey com alguma gente ſua. Parecia a diſpoſiçaõ antes delirio, que defenſa; antes parecia o poſto altar de poucas victimas, offerecidas ao golpe, que fortificaçaõ para ſe defender a elle. Bramava o Capitaõ Hollandez de colera, corrido de ver os que lhe faziaõ cara: aſſim avançou, antes deſprezando, que pertendendo a vitoria; mas foy taõ valoroſamente rebatido, e taõ deſtramente varejado da pouca moſquetaria, que, durando a peleija do romper da manhãa até ás trez da tarde, ſe via já o campo inimigo ſemeado de corpos mortos, que embaraçavaõ, e atemorizavaõ os vivos, ſem que dos noſſos cahiſſe hum ſó.

Reparou-o o Capitaõ Hollandez; e vendo, que á profia continuava o damno, quiz, ſem moſtrar fraqueza, retirar a gente com que ſe achava, quando já a vio poſta em deſcuberta fugida, e taõ atemorizada, que ſeguida dos noſſos doze Moſqueteiros, e alguns Timores, ſe concluio hum tal eſtrago, que dos Hollandezes ficaraõ trezentos no campo, de outras nações naõ tinhaõ numero. Tomaraõ os noſſos trez bandeiras, algumas caixas, muitas muniçoens, petrechos de guerra, e carregados de deſpojos, ſe retiraraõ ao poſto, dando todos graças a Deos do manifeſto prodigio. O Rey com as mãos levantadas ao Ceo, naõ acabava de agradecer, e admirar as miſericordias do Senhor das batalhas. Mas eraõ muitos os prodigios, que tinhaõ experimentado neſta, e foraõ os ſeguintes.

Deu no mayor ardor da peleija huma bala de moſquete nos peitos ao noſſo Capitaõ, de que cahio, ao parecer, ſem vida. O Rey, que eſtava á ſua ilharga, vendo o Capitaõ ſem ella, e a ſi ſem defenſa, com os olhos cheyos de lagrimas levantou a voz ao Ceo, dizendo: *Já agora minha mulher, e filhos ſeraõ mortos, ou cativos; e eu, e o meu Reyno perdido: mas ſejais muito louvado ſempre meu Senhor.* Mal acabava de o pronunciar, quando o Capitaõ ſe levanta ſem ferida, ou leſaõ alguma, continuando com o meſmo vigor a peleija. Seguio-ſe novo prodigio. Era inſuperavel a multidaõ do inimigo; cahidos huns, appareciaõ outros peleijando colericos, em vingança dos deſtroçados, quando no mayor calor de hum aſſalto, reparou o Capitaõ que rebatiaõ com elle a furia dos inimigos mais cinco Moſqueteiros, que julgava ſerem os que no outro poſto tinha deixado; e por mais que os via peleijar com grande effeito, os reprehendeo, ſem que algum deixaſſe o ſitio, ou voltaſſe o roſto. Suſpendeo-ſe o Capitaõ, (vendo que ſoube logo, que os cinco, que deixara, continuavaõ no poſto, em que os puzera) que o Ceo lhe aſſiſtia. Entendeo-o depois melhor, quando por confiſſaõ dos meſmos vencidos ſoube de outro prodigio ſuccedido ao meſmo tempo; e

foy

foy, que viaõ os Hollandezes que da parte dos noſſos ſe adiantava a todos hum Frade de S. Domingos, que fazendo tiros muy amiudados, com grande eſtrago nos mais avançados dos inimigos, tendo junto a ſi huma peſſoa, que elles naõ diviſavaõ bem, mas ſó a acçaõ de lhe ir carregando o moſquete. Os Hollandezes entendendo que ſeria algum dos Religioſos, que reſidiaõ em Timor, (de que alli naõ eſtava, nem chegou algum) vendo o eſtrago, que lhes fazia, ameaçando-o raivoſos, e encarniçados, lhes diziaõ: *Apontay bem, Padre; que, ſe me naõ acertares a mim, hey de derribar-vos a vós.* Mas naõ lhe durava ao ameaçador a vida mais, que em quanto tardava o tiro, que naõ era muito. Aſſim era depois pratica dos que eſcaparaõ: *Que naõ ſe podia ir peleijar a Timor, porque os Frades de S. Domingos daquella Ilha eraõ mais deſtros, que os meſmos Soldados.*

De grande conſequencia para as Chriſtandades (pela ſegurança dellas, e confuſaõ dos ſeus inimigos, e rebellados) foy a reputaçaõ, em que as armas dos Fieis ficaraõ com eſtes ſucceſſos mimoſas, e favorecidas do Ceo, e ſem duvida com aſſiſtencia do noſſo Patriarca, grande Soldado para provar a maõ contra a hereſia. Mas queria o Ceo trazer continuamente exercitada a Fé dos Padres, e dos Chriſtãos, pondo-os no ultimo deſamparo, e naõ lhe faltando depois com o ſoccorro. Agora experimentaraõ o primeiro, falecendo o Capitaõ mór Franciſco Carneiro de Siqueira, total eſperança de toda aquella Ilha. Paſſou logo della a Larantuca; naõ ſem grande riſco, o Padre Fr. Joaõ do Roſario; pedio Capitaõ, deu-ſe-lhe Simaõ Luiz, peſſoa de experiencia, e valor. Teve logo em que exercitallo: porque chegando com o Padre a Timor, acharaõ noticia que o Hollandez profiava em levantar Fortaleza no coraçaõ da Ilha; para o que, embarcando-ſe para Batavia os que eſcaparaõ de Amarraſte, tinhaõ deixado quarenta e quatro Hollandezes com muitos mil homens de varias naçoens, e alguma artilharia naquelle ſitio, que muitas vezes eſcolhera. Com eſta noticia ſe reſolveo o Capitaõ Simaõ Luiz, e o Padre Fr. Joaõ do Roſario, com alguma gente da terra, e os de Larantuca, que tinhaõ ficado do paſſado conflicto, e foy marchando a buſcar o Hollandez no ſeu alojamento. Mas elle quebrado, e medroſo com o golpe ainda freſco, naõ ſe dando alli por ſeguro, ſe retirou, ainda que com grande trabalho, a huma ſerra, (ſitio mais que defenſavel ao parecer inacceſſivel) e fortificando-ſe nelle com a ſua artilharia, e innumeravel Soldadeſca, zombava do aſſalto, quando ſe vio accommettido, e logo entrado de dous Capitaens noſſos, Antonio da Conceiçaõ, e Franciſco da Rocha, que ſobindo (antes trepando) com os ſeus Soldados por caminho, em que tanto como dos pés ſe valiaõ das mãos, depois de dada a primeira carga, foraõ levando tudo á eſpada, livrando-ſe ſó della os que nos deſpenhadeiros buſcavaõ morte mais rigoroſa. Ficaraõ prizioneiros os Hollandezes, porque poſtos á parte, e com bandeira branca, pediaõ

quartel. Chegou o numero dos mortos a mil e oitocentos, e em ſitio, em que para ſe defenderem, e offenderem, lhe baſtavaõ ſómente as pedras por armas. Perguntou-lhes o Padre Fr. Joaõ do Roſario: *Como ſe naõ tinhaõ defendido em tal poſto tantos, e taõ bem armados, e contra taõ poucos?* Ao que reſponderaõ: *Que o meſmo fora vellos ſobir á ſerra, que entrarem-ſe de huma tal covardia, que naõ ſó naõ podiaõ menear as armas, mas muitos nem lançar maõ dellas.* Digaõ os mais praticos nas Hiſtorias, quando viraõ o Ceo mais repetidas vezes empenhado em favorecer os Soldados de Chriſto? que neſte dia foraõ taõ formidaveis para os Hollandezes, que ſuſpenderaõ as armas, deſenganados nas operaçoens de Timor: mas buſcando teimoſos outro caminho para emmudecer naquellas Ilhas a voz do Euangelho.

Voltaraõ pois á indignaçaõ as maquinas de ſuas eſperanças, e o ultimo esforço de ſuas armas contra Larantuca; favoreceo-lhes a fortuna os intentos com o ſuccedido no Macaſſá. Morto o Sumbaco ſeu Emperador, e ſuccedendo-lhe outro de genio mais frouxo, e que ſe deixava dominar dos ſeus Cacizes (ſendo hum inſtrumento do que lhe ſuggeria qualquer delles) foy a primeira reſoluçaõ, que tomou, mandar derribar as Igrejas dos Religioſos, deixando ſó a Matriz, adminiſtrada por hum Eccleſiaſtico ſecular. Aſſim foraõ arrazadas, com magoa, e eſtranho ſentimento do Povo, a de noſſa Senhora do Roſario, as dos Padres da Companhia, e Capuchos, ſeguindo-ſe logo o Decreto de que todos os Religioſos deſpejaſſem o Reyno. Era neſte Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, Religioſo de grande zelo, e eſpirito; e dando noticia a Goa do eſtado em que ficavaõ as couſas do Macaſſá, lhe mandou o Vigario Geral da Congregaçaõ, o Meſtre Fr. Lucas (que o era entaõ da ſegunda vez) que ſe recolheſſe a Larantuca, com Patente de Commiſſario das Chriſtandades de Solor, e do Santo Officio, o que poz logo em execuçaõ, como o Vigario Geral o ſoccorrer aquellas Chriſtandades de mantimentos, e Religioſos. Aſſim mandou quatro com os mantimentos, que pode ajuntar, em hum patacho, que navegava de Goa para a China. Mas cahindo logo nas mãos dos Hollandezes, que andavaõ ſenhores da Barra, foy metido a pique, ſalvando-ſe hum unico Religioſo a nado, e ficando as Chriſtandades de Solor ſem aquelle ſoccorro.

Mas mayores hoſtilidades intentaraõ nellas os Hollandezes; que vendo que o Rey do Macaſſar expulſara os Religioſos, alentaraõ ás eſperanças a que fizeſſe o meſmo a todos os Portuguezes, ficando-lhe franco aquelle porto para o commercio do ſandalo. Mas para apadrinharem a ſua propoſta, apreſtaraõ huma Armada de vinte e ſeis vélas, para que paſſaſſe a deſtruir Larantuca, em que eſpiravaõ os ſoccorros de Timor, (primeira ancia de ſua cobiça) e de caminho effeituaſſe com o Macaſſar a expulſaõ dos Portuguezes, antiga empreza de ſua eſperança. Com eſtas ſurgio a

Ar-

Armada defronte de Larantuca; por Junho de 1660. Atemorizados os moradores, começaraõ a recolher o mais preciofo no retiro da ferra; (couto, a que todas aquellas Ilhas recorrem no ultimo aperto) retirou-fe a mais gente, que antes, que de defenfa, podia fervir de embaraço. Mas o Vigario da Chriftandade, (que era o Padre Fr. Antonio de Macedo) e feu companheiro, trataraõ de prevençoens mais proveitofas; deraõ principio a huma Novena á Senhora da Piedade, Padroeira daquellas Ilhas, para que as amparaffe, e defendeffe como fuas, tendo no fim da Novena o Senhor expofto, e adorado do Povo com fupplicas, e lagrimas, taõ frutuofas, que de repente, fem fe faber a caufa, levou ferro o inimigo, e deixou defaffombrado o porto.

Paffou a Armada ao do Macaffar, fazendo algumas hoftilidades aos Mouros, que de atemorizados (como o feu Rey) vieraõ nas propoftas, que lhe faziaõ de Batavia, fendo a primeira, que lançaffe de feu Reyno os Portuguezes. Depois fe dividio a Armada em duas Efquadras: e tratando da que nos toca, (pela relaçaõ de hum prodigio, que fervio de novo credito a eftas Chriftandades, e de ultimo ameaço aos Hollandezes) voltou outra vez com quatorze náos fobre Larantuca em tempo, em que nella naõ havia quatro homens de armas para a refiftencia, por terem paffado todos (com dous Religiofos, que tambem entendiaõ, que o Hollandez naõ voltava taõ de preffa) em foccorro dos Chriftãos do Ende pequeno, apertados pelos Mouros de Berray. Ponderou o aperto, e ultimo defamparo o Padre Fr. Antonio de Macedo; e dando tudo por perdido, naõ lhe deu a afflicçaõ mais tempo, que para entrar na Igreja, tomar a Imagem de noffa Senhora em hum braço, e a de S. Domingos em outro; e fobindo ao alto de huma ferra, collocadas as Imagens com os roftos voltados aos inimigos, propunha á Senhora (proftrado por terra, com os olhos cheyos de lagrimas, como o coraçaõ de Fé) femelhante fupplica: *Alli eftaõ, Senhora, os inimigos de voffo Filho; alli a cafa, em que vos bufcaõ, e vos adoraõ os voffos Fiéis Chriftãos; naõ confintais, que aquelles facrilegos fe atrevaõ ao voffo throno, nem que os Fiéis defconheçaõ o voffo patrocinio. Coftumado eftá o voffo Rofario a dar victoria; nas mãos tendes as armas; naõ fe podem atrever a ellas os membros do demonio, quando vos baftou huma planta para lhe quebrares a cabeça. Naõ permitta, Senhora, naõ permitta voffa clemencia, que triunfem aquelles barbaros deftes poucos filhos, que aqui vos chamaõ Mãi de mifericordia.*

Levantou nifto o Padre os olhos á Armada, (que fe detinha em praticas com os Mouros alliados, que em fuas embarcaçoens a rodeavaõ, dando aos Hollandezes a boa vinda, e convidando-os para que faltaffem em terra) e vio que, paffadas poucas horas, levando as ancoras, fe foraõ retirando com preffa, e moftras de quem hia fogindo. Lançou-fe o Padre por terra, fem lhe caber o coraçaõ no peito de alegria, dando graças á Senhora, e admirando a Provi-

den-

dencia, com que segunda vez resgatara Larantuca; mas muito mais admirado, quando, restituidas as sagradas Imagens á Igreja, teve noticia da causa da retirada; e succedeo assim. Concorreraõ os Mouros aliados, e dando fundo a Armada, seguravaõ aos Hollandezes, que saltassem em terra, pois ao presente naõ achavaõ nella quem lhe fizesse a minima resistencia. Perguntavaõ-lhes os Hollandezes: *Se na terra havia Cavallaria*, e respondendo-lhes os Mouros: *Que só dous rocins se achariaõ em toda ella*, lhe tornaraõ: (tratando-os de falsos, e traidores) *Que já sabiaõ a cavilaçaõ, com que os queriaõ entregar; pois dizendo-lhes, que naõ havia nem Soldadesca, nem Cavallaria na terra, estavaõ elles vendo com seus olhos, que de huma cousa, e outra, estavaõ cubertas as prayas, desde Gueguem até Larantuca, em ordem, e disposiçaõ militar; e no meyo huma Mulher com o cabello solto, hum Menino nos braços, e que estava animando, e incitando a todos*. Pasmavaõ os Mouros, que naõ viaõ cousa alguma; e por mais que trabalhavaõ por justificar sua verdade, os Hollandezes, que viaõ o contrario, tratando-os asperamente com afrontas, e ameaços, levaraõ ferro, retirando-se ligeiros.

Terribilis ut castrorum acies ordinata. Cant. 6. 9.

Michael, & Angeli ejus præliabantur cum Dracone. Ap. 12.

Sem duvida, que se naõ davaõ por seguros á vista daquella Soberana Mulher Forte, que para defender o seu Povo, he terrivel como Esquadraõ formado; e seria S. Miguel o que alli capitaneava a milicia Celeste, Esquadra dos Anjos, ensinada desde a primeira campanha a debellar os sequazes do Dragaõ, perseguidor da Igreja. Mas ainda se naõ desenganaraõ estes, entendendo, que achariaõ em Timor melhor fortuna, como o tinha disposto, e o esperava a sua diligencia. Estava assentado com o Rey de Lifao, e Amanabaõ, (escusando-se á pratica os mais da Ilha) que, destruida Larantuca, viriaõ a desembarcar nos seus portos, para que lhe entregassem os Padres, e Christãos, que se achassem em seus Reyno; para o que aportariaõ de noite, e passariaõ á Povoaçaõ, guiados de huns fachos accezos: mas o Ceo, que espalha sua Providencia por todos os caminhos, por mais que se juramentasse o segredo, dispoz que viesse á noticia do Capitaõ mór de Timor, Simaõ Luiz, que, mandando prender o Rey de Lifao, naõ pode alcançar o de Amanabaõ, posto em seguro pelo Certaõ dentro. Retirados agora os Hollandezes de Larantuca, e desembarcando de noite, pela banda de dentro da Ilha, depois de cançados, por caminho aspero, naõ divisando o final do fogo, tornaraõ com pressa a embarcarse, suspeitando traiçaõ, e desenganando-se da empreza, em que tinhaõ (por mais que o desconhecia a sua rebeldia) por inimigo o Ceo, e por conselheira a experiencia.

CAPITULO X.

Vida do Veneravel Padre D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim.

PAra hum espirito, que foy restaurador das Christandades, de que acabamos de escrever,

ver, guardamos este Capitulo, como as noticias deste grande Religioso, para as que vamos continuando do Oriente, naõ negando ao Convento de Aveiro o ter tal filho, mas pezando mais para aquelle clima o merecer tal Prelado. Nelle exercitou cargos, assim Religioso, como Bispo. Nelle, e com elle foraõ todos os seus desvelos naquella grande seara de Solor, que cultivaraõ os nossos. Nelle ennobreceo a Ordem. Nelle deu mayores mostras de virtude. Nelle acabou a vida, e nelle tem sepultura; razoens convincentes, para lhe darmos o lugar donde lho deu o Ceo, mais publico, mais conhecido, e mais authorizado. Do muito, que haverá, que dizer delle, diremos o pouco a que perdoou o tempo, e o descuido. Antiga desgraça! Occuparemos sempre com a queixa o lugar, que deviamos com a noticia. Foy este Padre natural de Aveiro, nobre Villa de Portugal, filho do Convento, e Recoleta, que nella tem a Provincia. A' piedosa inclinaçaõ para a virtude, ajuntou nos primeiros annos singular genio para os estudos. Nelles aproveitou assim, que sahindo das Escolas, leu huma Cadeira de Escritura. Na virtude se adiantou de sorte, que o occuparaõ (lugar, que entaõ canonizava os sogeitos) no trabalho de Mestre de Noviços, assim na Recoleta de Bemfica, como na Universidade de S. Domingos de Lisboa. Naquella para povoar a Provincia de verdadeiros Religiosos, nesta para que naõ afrouxasse a refórma com a applicaçaõ dos estudos.

Deste exercicio, em que mostrou sua grande capacidade, foy tirado para Vigario Geral da Congregaçaõ do Oriente, desterrando-o o zelo de a ver reformada, do socego da sua cella. Tinha o Prelado, que entaõ governava esta Provincia de Portugal, admoestado os daquelle Oriente sobre algumas frouxidoens, que abriaõ caminho á relaxaçaõ do Convento de Goa, Cabeça, e Metropoli do que temos na India. Vinhaõ, e cresciaõ de lá as queixas, e informaçoens de algum mais zeloso; chegavaõ lá tarde as advertencias do Prelado resolviase este á jornada, por naõ achar de quem esperasse o fruto della, quando praticando a resoluçaõ com Fr. Miguel Rangel, achou nelle prompta a obediencia, e igual a capacidade para o que se esperava. Descançou o Provincial de todo o escrupulo, no seu zelo. Mandou-o por Vigario Geral, com huma boa missaõ de Religiosos, com que chegou a Goa pelos annos de 1614 no Vice-reynado de D. Jeronymo de Azevedo.

Aqui começaraõ a ver-se, como em lugar mais alto, sua grande capacidade, e espirito, depois com suavidade a refórma, que trouxera por empreza, com igual zelo, que industria; e entregando depois dos seus quatro annos o governo daquella Congregaçaõ ao Mestre Fr. Antonio de S. Domingos, (filho della, grande Religioso, celebre Letrado, e naquellas partes o Principe de seu tempo) voltou a Portugal, naõ a descançar nos braços da Patria, mas a dar calor ás missoens, entaõ mais precisas ás Christandades de Solor, que lamentava per-

perſeguidas; e quaſi deſamparadas; empreza, em que trabalhou com animo, e zelo Apoſtolico. O meſmo o tornou a levar a Goa, com ancia da reſtauraçaõ das meſmas Chriſtandades, de que foy nomeado Vigario, levando para Obreiros muitos Religioſos, pelos annos de 1625. governando ſegunda vez a India Dom Franciſco da Gama, Conde da Vidigueira. Chegado a Goa, ſe fez hum taõ grande lugar no amor, e eſtimaçaõ dos Religioſos, que o puzeraõ no de Prior do Convento, por mais que, deſconhecendo a ambiçaõ do dominio, naõ queria vender por elle o deſaſocego de ir lucrar almas para Chriſto. Accreſcentou-ſe-lhe ao trabalho do governo o de ler na meſma Caſa huma Cadeira de Theologia; tendo tambem a occupaçaõ de Deputado do Santo Officio; empregos, que ſe hiaõ atraz de ſua capacidade, ſempre eſquiva ao que podia parecer honra.

Mas como tinha o coraçaõ nas Chriſtandades de Solor, para donde ſe lhe embargava a jornada, em podendo fazella, largou tudo por buſcar o centro. Partio para elle no anno de 1628. em companhia do Governador Nuno Alvares Botelho. Foy ſua chegada nova vida daquellas Ilhas. Era o primeiro no exercicio de doutrinallas, e era ſua vida melhor perſuaſiva para movellas. Viraõ-ſe caſos grandes na converſaõ de antigos peccadores, pedras quebradas, e amolecidas com o ſucceſſivo golpe de ſuas lagrimas; ſete annos gaſtou neſta occupaçaõ, chegando-lhe no cabo delles a Mitra de Cochim, de que foy o ſetimo Prelado, deixando ſaudoſas, e como orfans aquellas Chriſtandades, por mais que podia deſcançar o ſeu cuidado no de ſeus Vigarios, em que deixava ſeu eſpirito.

Poſto em Cochim, começou a experimentar o Povo que tinha em caſa antes hum eſmoler, que hum Biſpo. Aſſim entendia eſte as obrigaçoens do ſeu cargo. Na limitaçaõ, e pobreza, antes que parcimonia, de ſua caſa, ſe via o cuidado, com que olhava para as de ſuas ovelhas. Nada ſe achava nella, que naõ foſſe como em depoſito para ellas. Ainda á Igreja mais rendoſa podia empobrecer a ſua caridade. Achava-ſe muitas vezes ſem ter de que lançar maõ para a eſtender ao pobre. Naõ eſcapou de ſupprir eſta falta, nem a ſua meſma cama. Ficou-lhe ſervindo o chaõ de leito, em quanto pode occultar aos criados, que naõ tinha outro. Sentava-ſe em huma janella a eſperar os pobres, e poupando-lhe a diligencia da ſupplica, hia lançando aos que chegavaõ a ſua eſmola. Eraõ poucas as poſſes, muita a pobreza, a maõ mais larga; achou-ſe ſem dinheiro hum dia, eſtando na quotidiana occupaçaõ da janella. Mandou a hum criado, que lhe trouxeſſe o dinheiro, que houveſſe em caſa, (ſempre ignorava o que havia nella) voltou o criado com o deſengano de que o naõ havia. Affligio-ſe o bom Prelado, e diſſe-lhe com ancia: *Ide, ide, que alguma couſa heis de achar*; obedeceo o criado, e aberta huma gaveta, que naquelle inſtante tinha examinado vaſia, achou nella o dinheiro, que baſtou para

a esmola daquelle dia, e para soccorro da casa. Parece, que quiz o Ceo, que nem na terra ficasse sem premio este exercicio, para veneraçaõ de quem o tinha continuado; porque depois da morte do caritativo Prelado, he tradiçaõ, que se viraõ algumas noites cahir da janella humas faiscas, com claridade, e resplandor de Estrellas. Naõ podiaõ ter menos substituiçaõ as esmolas, nem correr menos que por conta do Ceo a memoria dellas.

No cuidado da refórma de suas ovelhas, naõ perdoava a trabalho, indo em pessoa a fazer as visitas. Adiantava-se o exemplo da sua vida a ser reprehensaõ muda; providencia, com que soube poupar o Ceo á piedade do seu genio, o dissabor de se valer do castigo. Succedeo-lhe hum caso digno de reparo, andando visitando. Detinha-se em huma visita pela Costa de Tutucorim, adonde chamaõ a Costa da Pescaria, porque alli se fazia a preciosa dos aljofares; e reparando hum dia, que a cobiça dos Hollandezes infestava aquelles mares com os olhos no interesse delles, de que se seguia a oppressaõ das Christandades; accezo, e abrazado em zelo contra os inimigos de Christo, levantou o braço sobre aquelles mares, e os amaldiçoou, para que nunca mais déssem o tributo, por que eraõ appetecidos em detrimento das Christandades, perseguidas por elles. Assim amaldiçoará Christo aquella figueira, deixando-a infructuosa, por naõ saber dar fruto a quem devia. Foy cousa notavel! Que como se as aguas ouviraõ o ameaço, nunca mais se achou nellas aquelle thesouro.

Núquam ex te fructus nascatur in sempiternum; & arefacta est ficulnea. Matth.12. 19.

Faleceo em Goa o Arcebispo D. Fr. Sebastiaõ de S. Pedro, e foy chamado o nosso Bispo para o governo daquella Igreja, occupaçaõ, em que ella experimentou o que grangearia nelle, a trocar-se a substituiçaõ em propriedade. Depois de dous annos de governo, restituido á sua Igreja, e continuando por alguns os exercicios santos, em que naõ perdia hora, cahio de huma doença, que logo teve por ultima, e em breves dias disse tambem qual seria o ultimo da sua, que foy em huma sesta feira, 14 de Setembro de 1646. com tanto socego, e paz de espirito, como quem naõ desconhecia o lugar, que o esperava por premio. Assim parece, que escolheo a morte, como o dia della, porque foy o da Exaltaçaõ da Cruz, de que era devoto. Em semelhante dia vestira o habito, fizera profissaõ, e era a Cruz, assim como hum dos seus appellidos, o titulo de sua Esposa, a Igreja de Cochim, a que chamaõ Santa Cruz. Agora se lamentava, como desamparada nas vozes dos pobres, seus filhos mimosos, como nas de todo o Povo, e Bispado, em que se sentia sua falta, bem conhecida no nome, que lhe dava o sentimento nas acclamaçoens de Santo.

Deraõ-lhe sepultura na Sé de Cochim, aonde depois de hum anno, foy achado seu corpo incorrupto: naõ assim depois de alguns, em que vindo a Cidade a poder de Hollandezes, foraõ trazidos seus ossos pelos Religiosos de S. Francisco, (que por permissaõ tinhaõ alli fica-do)

do) á Cidade de Goa, e depositados no Collegio de S. Boaventura, de donde, sendo Vigario Geral, segunda vez, o Mestre Fr. Thomé de Macedo, Inquisidor Apostolico, e filho da Congregaçaõ, os passou com veneraçaõ, e solemne pompa, para o Convento de S. Domingos de Goa, pelos annos de 1666. em hum dia festivo naquella Casa, por ser no Oitavario do Rosario, em que esteve o Senhor exposto, e houve Sermaõ da vida, e virtudes do Santo Prelado. Ficaraõ seus ossos em hum mausoléo de pedra bem lavrado, junto ao Altar mayor, da parte do Euangelho. Naõ nos consta da inscripçaõ, que lhe serve de epithafio; servirá a que lemos em huma véra effigies, e copia sua, que se mandou a esta Provincia, e está no Convento de S. Domingos de Lisboa, no Dormitorio das horas, em hum nicho, que no cabo delle corresponde ao Altar da Senhora, que fica no principio. Ve-se no quadro o santo Bispo, com sitial, e insignias de Barrete, Cruz, e Anel, mas em habito de S. Domingos, que naõ largou nunca, como gala digna de hum Principe da Igreja. Ao pé se lhe lê huma letra, em que se lhe applica, e accommoda o recopilado, e mayor Panegyrico, que a Igreja canta ao nosso grande Santo Antonino, Arcebispo de Florença, que diz:

Pater erat pauperum; oculus fuit cæco, & pes claudo.

Como se dissera: *Foy pay dos pobres, vista dos cegos, pés dos aleijados.* Sobre a cabeça lhe ficaõ as Armas da sua Igreja de Santa Cruz, e as da Ordem, a que serve de orla o seu nome. A huma ilharga se lê mayor escritura, em que se toca alguma noticia de sua vida, que aqui poupamos no que já escrevemos.

CAPITULO XI.

O que de novo obraraõ os Religiosos de S. Domingos nos Reynos de Siaõ, e Perú. Levantaõ novas Igrejas, exercitaõ-se na conversaõ das almas.

FOy a Christandade do Reyno de Siaõ fundada, e cultivada pelos filhos de S. Domingos, que sem temer perigos, ou pouparse a trabalhos, seguiraõ as armas Portuguezas quando floreciaõ no Sul, sendo sua assistencia, naõ só importante á propagaçaõ do Euangelho, ensinando aquelles barbaros, mas precisa para a administraçaõ dos Sacramentos aos Catholicos. Deixemos o que já se lê nas nossas Historias da fundaçaõ desta Christandade, confirmada com o sangue de alguns Martyres, que foraõ as primeiras victimas, com que neste Reyno occupou a Fé os Altares, que o braço Portuguez derribara á idolatria; e passemos a dar noticia do que nestes annos mais proximos continuaraõ os obreiros Evangelicos nas nossas missoens da India, restituidos áquella sua antiga seara.

Fr. Luiz de Sousa, 3. P. l. 5. c. 5.

Cor-

Corria o anno de 1639. achava-se o Reyno de Siaõ destituido, naõ só do commercio Portuguez, mas ainda dos Christãos da terra, que perseguidos pelos Hollandezes, tinhaõ sido huns expulsos, outros mortos pelos Reys naturaes, que lisongeando, ou temendo a potencia Hollandeza, intentaraõ extinguir o nome Christaõ; e quasi que o conseguiaõ, sendo poucos, e cheyos de abusos os que o conservaraõ. Neste estado se achavaõ as cousas de Siaõ, quando permittio a Providencia, que por hum desusado caminho o tornassem a seguir os progressos do Euangelho. Levantou-se com o Reyno hum homem de espiritos, tirando a vida ao Rey natural, e a muitos dos Grandes, que o seguiaõ: e trazendo á sua devoçaõ o Povo, com promessas, e industrias, começou a reynar com mais segurança, q a que lhe permittia a tyrannia. Chegou neste tempo a Siaõ hum Portuguez homem de capacidade, que examinada pelo Rey intruso, o mandou logo por Embaixador a Malaca, a tratar com os Portuguezes commercio, e amizades. Já a este tempo sitiavaõ aquella Cidade os Hollandezes, e desenganado o Embaixador, se retirou a Macao, dando conta ao Capitaõ General D. Sebastiaõ Lobo, da Embaixada, e offertas do novo Rey; a que o Capitaõ correspondeo logo, mandando-lhe por Embaixador, de parte da Coroa Portugueza, a Francisco de Aguiar Euangelho, que concluio o negocio com felicidade, assentando-se o commercio, e dando o Rey licença, para que naquelle Reyno assistisse hum Religioso, continuando com a Christandade, que nelle havia ao presente, attenuada, e quasi extincta.

Correo a este emprego, sem desconhecer o trabalho, o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, que estava em Macao por Vigario; e levando por companheiro o Padre Fr. Jacintho Ximenes, entrou por aquella mata inculta, com mais escritos, que cabedaes, para levantar Igreja, e ainda soccorrer os antigos Christãos, que (reduzidos á ultima penuria) recorriaõ a ella. Antigo estylo dos nossos Missionarios, pedirem, e grangearem para os desvalidos, e desamparados, (talvez em castigo de escutarem o Euangelho) levantando juntamente a voz para o ensino; e estendendo a maõ para o sustento. Mas ainda foraõ mayores as difficuldades, que o Padre Fr. Antonio superou na louvavel competencia, com que algumas Religioens se queriaõ introduzir na seara alhea, e cultura Euangelica, aberta, e cultivada com o braço, com o suor, e com o sangue da nossa. Mas o Povo, em que ainda viviaõ algumas memorias della, e o mesmo Rey, a quem se naõ escondia essa noticia, cortaraõ as pertençoens dos emulos, recebendo o Padre Fr. Antonio com alvoroço, e applauso.

Achou o Padre os antigos Christãos, naõ só esquecidos das obrigaçoens daquelle nome, mas assim desvalidos, e despresados (pela conservaçaõ delle) que se lhe tinha dado para vivenda huma paragem taõ indecente, que naõ era capaz para se levantar nella Igreja. Intentou

tou logo melhorallos de sitio; pedio ao Rey hum desafombrado, e estendido pedaço de campo, em que viviaõ huns Pegús. Parecia difficultosa empreza, mas o Rey naõ só lho mandou dar, mas replicando-lhe os seus Falopis, (chamaõ assim aos Sacerdotes dos seus Deoses) que no campo estava hum Pagode antigo, e venerado, ordenou, que o derribassem, e no mesmo lugar, por ser o melhor, se levantasse a Igreja; extremo por certo pouco esperado de Rey Gentio, mas muy proprio da maõ de Deos, que lhe podia voltar o coraçaõ. Assim se levantou a Igreja, ficaraõ os Christãos melhorados de vivenda, e de vida, assim pela doutrina, e ensino do Padre, como pelo zelo, e espirito (superior a suas posses) com que resgatou os mais delles, que gemiaõ escravos de alguns Grandes do Reyno, e do mesmo Rey, desde o tempo, que tyrannizara o Sceptro. Mas naõ parou aqui o coraçaõ do Padre Fr. Antonio, e de seu companheiro; começaraõ com santa industria a cathequizar aquelle Gentilismo, de que bautizaraõ muitos, por mais que o Barcalaõ (assim chamaõ ao Governador das naçoens Estrangeiras) o quiz suspender, e embaraçar, primeiro com os conselhos, depois com ameaços. Mas a causa era de Deos, aos seus Ministros, resolutos a dar por ella a vida, nada pareceo embaraço, foy a Christandade crescendo.

Mas novo emprego para o seu exercicio tiveraõ os Padres no que sucedeo agora. Amotinaraõ-se os poderosos daquelle Reyno contra o Rey intruso, e com taõ formidavel poder, que o obrigaraõ a sahir da Corte; mas como era igualmente Soldado, que ardiloso, deixou esfriar, e enfraquecer o motim com o tempo, e negoceando nelle alguma gente, melhorado de partido, se restituhio ao Throno. Descubertos os rebeldes, e amotinadores, lhes mandou tirar a vida com rigoroso, e vario genero de mortes. Os nossos Religiosos, sempre attentos a resgatar almas das garras do demonio, e restituillas a Deos, empenhados na occasiaõ, entraraõ pelos carceres, peitando as guardas delles, e aos mesmos algozes, e instruindo: e desenganando os miseraveis padecentes, ás portas da morte lhes abriaõ no Bautismo a da verdadeira vida, escapando, na condemnaçaõ temporal, do caminho, que os levava á eterna. Com estes, e semelhantes exercicios dos cultores do Euangelho, foy crescendo a Christandade de Siaõ até o anno de 1662. em que veyo a esta Provincia a ultima noticia, que nos tem dado materia.

As que podemos dar da Christandade do Reyno de Pegú, seraõ breves. Destruida a Fortaleza de Syriaõ pelo Rey de Ava, no anno de 1613. levou o mesmo Rey muitos Christãos cativos, e entre elles hum Religioso Dominico; seria o Padre Fr. Gonçalo, de que só nos aponta o nome o Padre Fr. Luiz de Sousa, na destruiçaõ desta Fortaleza. Foy este Padre o unico alivio, que tiveraõ os Christãos naquellas calamidades, e trabalhos, confortando-os, e ministrando-lhes os Sacramentos: mas falecendo, e pouco depois outro Religioso da

Fr. Luiz de Sousa 3. p. l. 5. c. 10.

da Companhia, que tinha o mesmo exercicio, passaraõ de Bengala a esta Christandade dous Sacerdotes seculares, que continuaraõ com ella, com grande zelo, e espirito, e venturoso fruto de hum, e outro. Estando neste estado as cousas de Pegú, mandou o Vigario Geral da Congregaçaõ, o Mestre Fr. Agostinho de Magalhaens, ao Padre Fr. Francisco Leitaõ, natural da India, por Visitador dos Religiosos de Siaõ: mas assim foraõ profiados os contratempos, com que correo a viagem, que veyo a aportar em Pegú, aonde recebido com alvoroço dos Christãos, e singularmente de hum Mercador (grande, e antigo devoto do habito, e da Senhora do Rosario) houve de ficar, levantando-se esta Igreja, que ornou, e enriqueceo com maõ larga. De tudo deu o Padre noticia, escrevendo a Goa, e pedindo aos Prelados Obreiros Euangelicos; a que respondeo com promptidaõ zelosa o Mestre Fr. Lucas da Cruz, (segunda vez Vigario Geral) mandando o Padre Fr. Pedro de S. Luiz, e depois o Padre Fr. Joaõ da Mota: e levantando cada hum sua Igreja serviraõ, e augmentaraõ muito a Christandade daquelle Reyno.

CAPITULO XII.

O que de novo obraraõ os Religiosos de S. Domingos, estendendo o Euangelho nos Rios de Sena, terras do Monomotapa. Bautiza o Padre Fr. Luiz do Espirito Santo a Mavura, tio do Emperador Capranzine; intenta este nas suas terras a destruiçaõ dos Portuguezes, que levantaõ por Emperador a Mavura, alcançada huma grande vitoria.

Antiga ceara, e cultura antiga do trabalho, e applicaçaõ dos filhos de S. Domingos, saõ os Rios de Sena, em que á sombra das armas Portuguezas, entraraõ com o Governador Francisco Barreto, reduzindo com a doutrina, como elle com a espada; prologo, que já se lê na terceira Parte da Chronica, com a noticia das primeiras Igrejas, que levantamos naquellas vastissimas terras, e fruto grande na reducçaõ das almas. Achamos novamente continuando os Padres naquellas Christandades, levantada outra Igreja em Tete, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Mas passemos ao obrado na Corte do Monomotapa, e Feiras da Mocaranga, de que tivemos, e daremos singular noticia.

Achavaõ-se neste grande Imperio os nossos Religiosos; de trez principaes sabemos os nomes, o Padre Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo, e os Padres Fr. Manoel Sardinha, e Fr. Joaõ da Trindade. Occupavaõ-se no exercicio de cathequizar, e bautizar aquella gente barbara, e supersticiosa, quando se offereceraõ ao Padre Fr. Luiz

Luiz algumas praticas com hum Principe, tio do Emperador, por nome Mavura, homem de coraçaõ brando, e entendimento claro, circumſtancias, que apreſſaraõ o effeito das batarias. Pedio o Bautiſmo, que lhe miniſtrou (depois de cathequizado pelo Padre Fr. Manoel Sardinha) o Padre Fr. Luiz, com grande alvoroço de eſpirito, e eſperanças de grandes conſequencias, e poz-lhe por nome D. Filippe. Eſtimulouſe o Emperador Capranzine, (era eſte o nome do ſobrinho, que de preſente governava o Imperio) e buſcava caminho para a vingança, a tempo, que chegava á ſua Corte Jeronymo de Bairros por Embaixador do Governador de Moçambique, D. Nuno Alvares Pereira, que mandava o preſente, a que chamaõ *Curva*, mimo, que os Capitaens daquella Fortaleza fazem todos os annos ao Emperador, em gratificaçaõ de terem ſuas terras francas para o commercio, e paſſagem para as Minas do ouro, correſpondencia, que ficou aſſentada, (por Franciſco Barreto, primeiro Capitaõ de Sofala) com o Quiteve, Rey das terras, que ſe eſtendem entre Sofala, e Manica.

Santos na Ethiopia Oriental l. 1. c. 17.

Recebido o preſente, diſpoz o Emperador (barbaridade impraticavel, ainda entre a meſma Cafraria) que com trayçaõ, e engano tiraſſem a vida ao Embaixador: e deſaforado em ſeu rancor, e odio, mandou dar *Empata*, que he como pregaõ geral, para que todos os Portuguezes, que ſe achaſſem em ſuas terras, foſſem mortos, e deſpojados de ſuas fazendas. Teve anticipado aviſo de tudo, pela fidelidade grande dos ſeus Cafres, André Ferreira, Portuguez deſtemido, que era ao preſente Capitaõ das Portas, que he huma Feira, ou como Feitoria, a que chamaõ *Macapa*. Detinha-ſe a eſte tempo na Corte, mas com o aviſo ſe retirou á ſua Feira, e fortificandoſe em hum *Chuambo*, que he o meſmo que reducto, ou tranqueira de paos muito fortes, mandou aviſo ás mais Feiras das terras do Emperador, que eraõ *Luanzi*, *Dambarare*, e *Chipiriviri*, para que recolhidos a ellas os Portuguezes, e Chriſtãos, ſe puzeſſem em defenſa contra o grande poder, que os ameaçava.

Recolheraõ-ſe logo ás Feiras, que lhe pertenciaõ, os Religioſos de S. Domingos, que andavaõ eſpalhados por aquellas Chriſtandades; e animando os Soldados contra o inimigo dellas, acompanhando ſuas armas com as que ſó podem debelar o demonio, (oraçoens, jejuns, e penitencias) ſe viraõ reſiſtidos os aſſaltos, e desbaratados os cercos, com que o Emperador com formidavel Exercito cahio de improviſo ſobre os ameaçados, em que achou taõ valeroſa reſiſtencia, que o obrigou a retirarſe com pouca reputaçaõ, e muita perda. Caſo admiravel! Que em hum Imperio taõ dilatado, como o da Mocaranga, (nome commum das terras do Monomotapa) com taõ groſſo poder, (aſſiſtido do meſmo Emperador) ficaſſem naõ ſó defendidos, mas vitorioſos huns poucos de Portuguezes, antes encorralados, que guarnecidos, em huma tranqueira de paos! Naõ ſe póde attribuir por certo ſó ao valor dos Soldados,

nem

nem ás armas dos Religiosos, mas ao Ceo, que esgrimindo as, consegue semelhantes triunfos.

Chegou noticia do succedido aos Portuguezes de Tete, e Sena, e vendo o perigo, em que estavaõ os da Mocaranga, começaraõ a levantar muita gente de guerra nas nossas terras de Botonga, por mandado do Capitaõ, e Governador D. Nuno Alvares Pereira. Naõ descançavaõ os Religiosos; por conselho dos quaes junto hum bom pé de Exercito na Feira de Luanze, acclamaraõ os Christãos por Emperador o Mavura D. Filippe, e levando-o por Capitaõ do Exercito, de que era Alferes hum Religioso nosso, levando diante o Estendarte da Cruz arvorado, avistaraõ a Capranzine, soberbo, como poderoso, e dando-lhe batalha, o viraõ em poucas horas posto em vergonhosa fugida. Mas retirado ao mais interior da Mocaranga, em que o buscaraõ, e seguiraõ muitos, tornou a refazerse, e a buscar o campo Christaõ por duas vezes, sahindo de ambas taõ desbaratado, e enfraquecido, que poderaõ os Portuguezes seguramente trazer, e collocar a D. Filippe na Corte, e Throno do Monomotapa, fazendo-o reconhecer por Emperador dos Grandes, e Senhores daquelle Imperio; a que elle agradecido, jurou vassallagem a ElRey de Portugal, com o tributo de tantas pessas de ouro, fruto da doutrina, e instrucçaõ do Padre Fr. Manoel Sardinha, a que D. Filippe escutava, e tratava com veneraçaõ de filho. Assim chamou logo a si, (e nunca largou de sua companhia) os Religiosos de S. Domingos, a que reconhecia causa da fortuna de se ver Senhor do Imperio, sendo para elle ainda de mais preço (como de toda a importancia) o ver-se herdeiro do da gloria, que nunca acaba. Para ir negociando esta ás Christandades daquellas terras, estimaraõ os Religiosos o valimento, naõ para se introduzirem nos Palacios, ou terem voz nos governos; maxima sempre praticada nos filhos de S. Domingos.

CAPITULO XIII.

Continua-se a guerra com o Capranzine. Daõ a vida pela Fé os Padres Fr. Joaõ da Trindade, e Fr. Luiz do Espirito Santo. Dá huma vitoria ao Emperador D. Filippe hum mysterioso sinal, que se vio no Ceo. Levanta-se Igreja na Corte; noticia de outras na mesma Mocaranga, e no Reyno de Manica.

NAõ deixou ó tyranno Capranzine descançar ao novo Emperador, que applicado a ideas de dilatar a Christandade no seu Imperio, naõ suppunha taõ promptas as forças do seu inimigo; mas elle campeava já com hum grosso Exercito nas mesmas terras do Imperio, que ameaçadas hiaõ reconhecendo o seu dominio. Sahio a encontrallo o Emperador com mais resoluçaõ, que ventura, deixando-lhe nas mãos huma importante vitoria. Ficaraõ cativos muitos Christãos, e entre elles dous Religiosos nossos, que lhes faziaõ companhia em toda a fortuna, sendo esta, em que agora se viaõ, a que o Ceo lhes

lhes dava pelo muito que trabalharaõ. Eraõ elles o Padre Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo, e o Padre Fr. Joaõ da Trindade. Vinha este cheyo de feridas (gloriosos despojos, com que o enriquecera aquelle conflicto) mas naõ se contentando a crueldade dos barbaros de o ver naquelle estado, repetindolhe outras com odio carniceiro, o despenharaõ de hum alto rochedo, de donde chegou ao chaõ feito em miudos pedaços.

Gloriosa morte do P. Fr Joaõ da Trindade.

Ao mesmo tempo levavaõ outros ao Padre Fr. Luiz á presença do Tyranno, que sequioso do sangue innocente, se queria fartar agora delle, em vingança do que sabía, que o Padre tinha obrado na reducçaõ do Emperador novo, e Christandades daquelle Imperio. Mandou-lhe logo que lhe fizesse a *Zumbya*. (que he no estylo da Cafraria a mayor reverencia) Era o Padre Fr. Luiz natural de Moçambique, pratico nos estylos daquellas terras, e sabia bem que só se dava a Deos o que lhe pedia o Tyranno; respondeo-lhe intrepido: *Que elle era só hum Rey pequeno da terra, e que até esse apoucado Reyno tinha justamente perdido por tyranno; que ainda que em seu poder se via cativo, naõ reconhecia, nem podia reconhecer outro Rey na terra mais, que o de Portugal, como nem outro por Rey do Monomotapa, mais que a seu tio D. Filippe, já filho da Igreja; e que sobre todos, o unico, que reverenciava, e reconhecia, como Rey dos Reys, era Jesu Christo, Filho de Deos verdadeiro, Senhor do Ceo, e da terra, que resgatara o genero humano com o seu sangue, e sua morte; preço inextimavel, com que merecera, em quanto homem, todas as veneraçoens de homens, Anjos, e demonios, no Ceo, na terra, e nos Infernos. E como te atreves tu* (continuava o Padre com hum generoso, e inflexivel animo) *como te atreves, homem feito de pó, e que brevemente te has de reduzir a elle, a roubar a Deos verdadeiro a adoraçaõ, que se lhe deve, como Senhor de tudo? Ay de ti, que como outro Anjo rebelde, e soberbo, te atreves á Cadeira do Altissimo; mas cahirás no horrivel lago, bramindo por toda a eternidade, como miseravel carvaõ do inextinguivel lume! Torna, torna em ti, já que Deos te aconselha por minhas vozes, e dobra ao verdadeiro Senhor o joelho, antes que esperar de mim, que a ti to dobre, devendo-o a elle.*

Accendeose em ira o tyranno, impaciente com o que estava ouvindo, e mandou logo, que atado o Padre a hum tronco, fosse azagayado; martyrio em que acabou gloriosamente a vida, e passou a dar a Deos na gloria a adoraçaõ, que lhe defendera na terra.

Martyrio do P. Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo.

Mortos os Religiosos no martyrio, e mortos muitos Portuguezes na batalha, entendia agora o Capranzine, que recuperava o Imperio sem resistencia. Assim mandou dizer ao tio, que lhe despejasse a Corte, e o reconhecesse por seu Rey, ou cahiria nas mãos de sua ira, ainda ensanguentada da passada campanha. Ao que respondeo D. Filippe, que viesse, que nella o esperava; e tratou logo de ajuntar gente: para o que o Padre Fr. Manoel Sardinha lhe agenciou muita roupa, (preço mais estimavel na Cafraria) que mandada á outra parte do Rio

Zam-

Zambeze, se ajuntaraõ vinte mil Cafres. Achava-se o Emperador com alguns Christãos, e poucos Portuguezes; com esta gente em boa ordem, se resolveo a buscar o inimigo, quando ao moverse o Exercito, levanta os olhos ao Ceo, e vê nelle huma resplandecente, e fermosa Cruz, na fórma (ainda que sem letras) em que já apparecera ao Emperador Constantino Magno. Prostra-se por terra, beijando-a em veneraçaõ, e reverencia, a tempo que os Christãos, que lhe faziaõ companhia, lhe davaõ pressa, que naõ suspendesse a marcha: a que elle respondeo (juntamente animoso, e compungido) mostrando-lhe a Cruz, e ao Padre Fr. Manoel, que mandou chamar logo, porque hia na outra parte do campo.

Sinal prodigioso no Ceo.

Alvoroçou-se o bom Padre, e accendido em zelo da honra de Deos, vendo como encaminhava os seus Soldados com a mesma bandeira, com que no Mundo triunfara de seus inimigos, voltando-se ao Exercito, que admirava o prodigio, foy tal o espirito com que incitou a todos a seguir a mysteriosa bandeira, e dar a vida pelo Senhor, que lha mostrava, segurando-lhe a vitoria, que envestindo todos ao inimigo, que já tinhaõ diante com innumeraveis combatentes, os romperaõ com o primeiro impeto, e os puzeraõ em tal confusaõ, que sem bastarem a defenderse, se vio em breves horas o campo cuberto de trinta e cinco mil Cafres, e os mais postos em arrebatada fugida, acompanhando o Capranzine. Mas o Emperador Christaõ, destro, e Soldado, foy seguindo a vitoria, e naõ largou as armas da maõ, sem expulsar os inimigos de toda a Mocaranga.

Porém naõ tardou o Tyranno, (ajudado de hum seu Capitaõ mór, a que chamaõ *Macamoaxa*, e de alguns senhores, a que chamaõ *Encosses*, que com seus filhos, e mais gentes, que fizeraõ, o foraõ buscar) em se tornar a pôr em campanha, entrando pela Mocaranga com hum Exercito do mayor poder, e nobreza della. Mas os Portuguezes das Feiras, e os de Tete, e Sena, que tiveraõ de tudo anticipada noticia, fazendo com brevidade levas da gente mais robusta, ajuntaraõ quarenta mil homens, em que se contavaõ duzentas espingardas Portuguezas, muitos Christãos daquellas terras, e seis mil Cafres, que das em que assistia, levava o Padre Fr. Damiaõ do Espirito Santo, Religioso nosso, juntos, e levantados por sua industria, e zelo. Com este poder entraraõ os nossos pela Mocaranga, e se ajuntaraõ a hum troço de gente, com que o Emperador os esperava; e buscando logo o inimigo, (que vinha taõ confiado, como se acabara de sahir vitorioso) chocaraõ com elle com tanta bravozidade, e valentia, que sem lhe valer nenhuma resistencia, o fizeraõ espalhar pela campanha, deixando nella dous mil Cafres moços, e robustos, filhos dos Grandes, que o Capranzine trazia, para occupar nos lugares mais nobres. Mas elle sem assistir no campo, como ensinado dos varios successos delle, se retirou com pouca companhia, e menos esperança, com a noticia, e magoa da perda.

Vitorioso agora, e descan-

çado o Emperador D. Filippe, quiz, reconhecido a Deos, que ſe levantaſſe Igreja na ſua Corte. Aſſiſtio á expediçaõ dos materiaes o Padre Fr. Aleixo dos Martyres, Religioſo Dominico, e abertos os aliceſſes, quiz o meſmo Emperador lançar a primeira pedra, o que fez em dia ſinalado, levando-a ſobre ſeus hombros, aſſiſtido de alguns Religioſos, e dos ſenhores, que ſe achavaõ na Corte, e muito povo, que fizeraõ o acto mais feſtivo. Grande dia, ſem duvida, para os filhos de S. Domingos! Verem em terras taõ remotas, taõ eſtranhas, e taõ incultas, a hum Monarcha, e Senhor dellas, (que ainda que com as carnes pretas, poderoſo Senhor, pela precioſidade, e vaſtidaõ de ſeu Imperio, e como tal reſpeitado) carregado de hum penedo, naõ para o lançar com a Gentilidade no monte de Mercurio, mas para avultar ſobre elle o Templo de Deos verdadeiro! E ſoando naquella incognita lingua os ſeus louvores, como ecco das vozes Evangelicas, que os convidaraõ a elles! Grande gloria por certo, e ſingular premio, que quiz dar o Ceo á Familia Dominicana, como ſempre lembrada do ſeu Inſtituto, ſempre adiantada em exercitallo!

Com Igreja na Corte começaraõ com mais eſperanças os Padres a cathequizar o Povo, de que bautizaraõ muito, e entre elle a hum filho do Emperador, que á petiçaõ ſua inſtruio na Fé, e bons coſtumes o Padre Fr. Aleixo, pondo-lhe eſte nome no Bautiſmo. Com a noticia do que ſe tinha obrado, e obrava na Mocaranga, ou terras do Monomotapa, vieraõ novos Obreiros Evangelicos de Goa. Eſpalharaõ-ſe logo por Vigarios naquellas Feiras. Na de Luanze já antiga, com huma fermoſa Igreja. Outra na de Maçapa. Outra na de Chipiriviri, iſto quanto ao Reyno da Mocaranga. No Reyno de Manica, aonde já era antiga a Chriſtandade, ſe levantaraõ trez Igrejas, e Paroquias. Na Feira de *Umba*. Na Feira de *Chipangura*. Na Feira de *Matuca*, em que começaraõ a florecer as Chriſtandades, de que foy grande cultivador o Padre Fr. Manoel da Cruz, por eſtes tempos Vigario Geral. Muito mais ſe poderaõ eſtender naquelles dilatados Reynos, mas ſaõ curtas as poſſes dos Religioſos, para a grandeza dos eſpiritos, com que ſe ſacrificaõ ao rigor daquelles climas, pela mayor parte deſtemperados, e pouco ſádios, ſendo innumeraveis as vezes, que ſe tem viſto reduzidos a extremas penurias, e ultimos apertos.

CAPITULO XIV.

Continuaõ-ſe as Chriſtandades no Imperio do Monomotapa. Bautiza-ſe o Emperador, toda a Caſa Real, e grande parte do Povo. Da-ſe noticia do ultimo progreſſo deſtas Chriſtandades.

HE incançavel o trabalho, com que os noſſos Cultores Evangelicos chegaõ a ver o fruto ſazonado neſta grande ſeara da Mocaranga, ou terras do Monomotapa: porque ainda que os Cafres naõ tenhaõ repugnancia a crer o que ſe lhes enſina nas verdades da Fé, como

mo fuccede com os Mouros, (que criados, e abraçados com fua maldita feita, duvidaõ de que poffa haver ley mais fegura, efpecialmente, naõ achando nella freyo á fua fenfualidade, negaça com que feu maldito Profeta a fez bemquifta) com tudo tomaraõ os Cafres delles, como contagio da vifinhança, o que tambem os leva, e arraftra, que he a liberdade de terem muitas mulheres. E o que he mais para admirar, he que façaõ tanto cafo de ter muitas, naõ fazendo nenhuma eftimaçaõ dellas; e a prova diffo, como do pouco amor, que lhes tem, he, que naõ fó naõ fe alteraõ, ou fe provocaõ a vingança, vendo-as com outros, (contra a pratica commua da natureza em todas as naçoens) mas levando-as comfigo á campanha, as offerecem, e poem diante ao inimigo, para que quebrada a primeira furia nellas, com as fuas mortes fe cance, e fe embarace antes que peleije.

Nafce defta crueldade, ferem as Cafras menos difficultofas de reduzir, com a pia affeiçaõ, que tem a huma ley, em que fe manda, e obriga ao amor, e eftimaçaõ das mulheres proprias; e que na Cafa faõ fenhoras, como unicas. Menos difficuldade ha tambem nos Cafres pequenos, porque os pays (com a duvida de que o fejaõ) naõ eftimaõ os filhos, affim os deixaõ cathequizar dos Padres, de que o mayor cuidado he bufcallos nos primeiros annos. Mas pelos de 1652. fe vio naquellas Chriftandades, que já fe facilitavaõ os adultos, para premio, e ainda para efperança dos que trabalhavaõ zelofos naquella Sagrada cultura. Paffara o Sceptro do Monomotapa, por morte do Emperador D. Filippe, que annos atraz o governara com piedade Chriftãa, (como já contamos nos precedentes Capitulos) á maõ de Monarca Gentio, e naõ nos conftando o tempo, que efteve nella, o achamos agora fogeito á Igreja, por induftria, e defvelo Apoftolico do Padre Fr. Aleixo do Rofario.

Achava-fe efte Padre na Igreja, que eftá na Corte, ou nas vifinhanças della. Amiudadas as vifitas, e as praticas com o Emperador, difpoz o Ceo o effeito, a que fe encaminhavaõ; cathequizou ao Emperador, e logo toda a Cafa Real, que inftantemente pediaõ o Bautifmo; difpollo, e fello o Padre, com a mayor folemnidade, e faufto, que foy poffivel naquelle Imperio, em 4. de Agofto de 1652. Ao Emperador poz por nome D. Domingos, (que no feu dia lho deu o noffo Patriarca) e á Emperatriz Dona Luiza. Bautizaraõ-fe tambem dous filhos. Ao Principe, e herdeiro da Coroa, deu o nome de D. Miguel. Seguiraõ-fe os Grandes, todo o Palacio, e a mayor parte do Povo. Foi dia plaufivel para aquelle Imperio. Paffou a noticia á toda a Chriftandade, feftejou-fe em Roma, como Cabeça della, e para immortalizar efta memoria, mandou o Meftre Geral da Ordem dos Prégadores, Fr. Joaõ Bautifta de Marines, gravar, e efculpir em huma lamina de bronze o Bautifmo com todas as circumftancias delle, acompanhadas de huma infcripçaõ narrativa, em que as explicava; e he a feguinte em idioma Latino:

An-

Anno 1652 in inferiori Æthiopiæ vaſtæ Monomotapæ Imperator à Fratribus Ordinis Prædicatorum Chriſtiana Cathecheſi imbutus, interque eorumdem manus ſalutifero baptiſmi lavacro, palam ab uno ipſorum tinctus; quod Sacra hæc functio in 4. Auguſti diem incidiſſet, Dominici nomen ſibi imponi voluit, ſpem exinde amplam & concipiens, & faciens, non ſolos modo Palatinos, ac Proceres ab iiſdem Prædicatoribus jam penè edoctos; ſed & univerſa Imperii ſui Regna propediem Imperatoris ſui, atque Imperatricis Luduvicæ exemplo Fidem amplexatura; nec quoad Optimates diù fuit expectationis eventus, ſic librante Dei Providentia, ut quando ſub Canchri Tropico paſſim turbata Fidei ſemina ferè exaruerunt, eadem uberius alibi ſub Capricorni Tropico adoleſcant.

Naõ foy menor a demonſtraçaõ, que fez a Provincia de Portugal, como aquella, a que de juſtiça lhe competia ſemelhante progreſſo, feito em huma colonia ſua. No Convento de S. Domingos de Lisboa, como Cabeça da Provincia, ſe celebrou a noticia com a mayor demonſtraçaõ Catholica, eſtando o Senhor expoſto, com Miſſa ſolemne, a que aſſiſtio com toda a Corte ElRey D. Joaõ o IV. de feliz memoria, favorecendo naquelle dia aos Religioſos deſta Caſa com ſingulares demonſtraçoens de ſua mageſtade, e grandeza.

Bautizado o Emperador daquelle grande Imperio, naõ ſó conſeguiraõ os noſſos Religioſos ver eſtendida a Chriſtandade por toda aquella Cafraria, á imitaçaõ do ſeu Monarca, mas pelo tempo adiante deraõ tambem á Ordem, e á Congregaçaõ hum filho, que a naõ deſmereceo, nem pela peſſoa, nem pela capacidade. Foy eſte o Principe D. Miguel, herdeiro da Coroa do Monomotapa, que criado com a doutrina dos Religioſos, e conhecendo o pouco, que ſaõ os Imperios do Mundo para quem pelo bautiſmo fica herdeiro de outro, que he eterno, entrou pelos Clauſtros Dominicanos a pedir, e veſtir a ſua mortalha, pedida com humildade, veſtida com alvoroço. Eſtudou com ſingular applicaçaõ: e chegando, com naõ menos capacidade, a occupar as Cadeiras, paſſou á converſaõ das almas dos que o perderaõ Principe, para o lograrem Meſtre; ſendo o ſeu exemplo a mais eloquente perſuaſiva, que ſe eſcutou naquelle Imperio, com igual aſſombro, que fruto. O Meſ-

Meſtre Geral da Ordem, Fr. Thomaz de Rocaberti, lhe mandou Patente de Meſtre em Theologia; pelos annos de 1670. Acabou os ſeus em Goa, ſendo Vigario de Santa Barbara, de morte placida, como quem ſe tinha recolhido a enſayarſe para ella.

Mas ſerá razaõ, que demos noticia do ultimo progreſſo deſtas Chriſtandades dos Rios, neſtes annos proximos ao em que eſcrevemos. Começou a creſcer a zizania na ſeara de Chriſto, por algumas contendas, que o Adminiſtrador Eccleſiaſtico tinha com os Cultores della, intentando introduzir outras Religioens, ſem haver reſpeito a que era lavor, e trabalho da de S. Domingos, taõ proprio, como antigo, e frutuoſo. Com eſtes penſamentos paſſou o Adminiſtrador a Goa, aonde naõ ſurtio effeito a ſua diligencia; e voltando para os Rios, com tençaõ de as continuar, ſe pacificou tudo por induſtria do Preſentado Fr. Franciſco da Trindade, que embarcado com elle, vinha por Commiſſario, e Viſitador dos Rios, e Vigario de Tete, com mais cinco Religioſos para a adminiſtraçaõ das Igrejas. Chegou a Moſſe, aonde viſitou o Convento, e as Igrejas das Ilhas de *Quirimba*, e *Amiza*, e paſſando a Sena, (aonde fez hum Catheciſmo, e Confeſſionario na lingua dos naturaes, de que ſe tirou grande fruto) deſpedio os Religioſos, o Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz para a Igreja do Eſpirito Santo de Sofala; o Padre Fr. Damaſo de Santa Roſa para a Igreja do Zimbaoê, Capellania do Emperador do Monomotapa; o Padre Fr. Diogo de Santa Roſa para reedificar a Igreja em a *Macapa*; o Padre Fr. Jozé de Santo Thomaz para reedificar a Igreja do *Hongue*; o Padre Fr. Miguel dos Archanjos, para levantar novamente Igreja no Reyno de *Quiteve*. Outras Igrejas intentou o Commiſſario, que naõ tiveraõ effeito; mas continuou felizmente o da reducçaõ das almas neſtas novamente providas.

Deſpedidos os Religioſos, paſſou o Commiſſario a Tete, aonde compondo novo Catheciſmo na lingua da terra, fez fruto de innumeraveis almas, cathequizando, e bautizando aſſim meninos, como adultos. Foy hum deſtes o Principe do Monomotapa, filho do Emperador D. Pedro já defunto, e da Emperatriz Vondato; pozlhe por nome D. Conſtantino: e voltando de Tete, o trouxe para a India, e no Convento de Goa, com o nome de Fr. Conſtantino do Roſario, tomou o habito de S. Domingos, em que depois o acompanhou outro Principe irmaõ ſeu, por nome Fr. Joaõ (de que ſe perdeo o cognome) que tinha bautizado o Padre Fr. Filippe da Aſſumpçaõ. Ao tempo que iſto eſcrevemos, aſſiſtem ambos no Convento de Santa Barbara em Goa.

Eſtes foraõ os ultimos progreſſos das Chriſtandades dos Rios de Sena, em que ſem duvida cultivou aquellas plantas novas de Tete o Preſentado Fr. Franciſco da Trindade, com tanta applicaçaõ, e deſvelo, que pelas ruas ſe entoavaõ as oraçoens, e ſe ouviaõ no trabalho; e ordenando o Padre, que nas

ca-

casas da Povoaçaõ se entoassem de noite, e de manhãa, por haver nellas numerosas familias, (e assim se exercitasse juntamente a devoçaõ, e a memoria) succedeo hum caso, em que mostrou o Ceo o quanto lhe era aceito. Molestava-se com o estrondo, que lhe faziaõ os Cafres, hum homem dos poderosos da terra, e mandou em sua casa, que naõ rezassem de madrugada. Mas naõ tardou muito, que nella se ouvisse huma voz, que claramente chamava os escravos, que ajuntassem para a doutrina. Espertavaõ, e ajuntavaõ se, sem acabar de entender quem os chamava. A repetiçaõ fez mayor o reparo na casa; e fazendo-o o Senhor della, veyo a entender, que naõ devia embaraçar occupaçaõ taõ santa; e advertido, e devoto, mandou continualla.

CAPITULO XV.

De alguns Religiosos, que deraõ gloriosamente a vida pela confissaõ da Fé, servindo ás Christandades, que a Religiaõ de S. Domingos tem no Oriente.

GRande ceara a das missoens do Oriente, mas poucos Obreiros para o animo dos filhos de S. Domingos, que quizeraõ reproduzir-se, para que a Fé mais se dilatasse. Mas já dissémos, que a pobreza, e limitaçaõ dos Religiosos embaraçava esses progressos, que sem duvida se podiaõ adiantar com o zelo de bons Ministros (naquelle Clima) que advertissem aos nossos Monarcas o como deviaõ estender a maõ a sustentar aquellas bocas, de que se valia a Igreja para bradar aos descaminhados na noite da Gentilidade. Assim o fazem muitos dos nossos (ainda sentenceando-se voluntariamente aos apertos da fome) pizando as pensoens da natureza, por naõ faltar ás obrigaçoens do Instituto, sendo só o Ceo o que muitas vezes coroa seu zelo com o premio do martyrio. Dos que tivemos noticia até este anno, em que vamos escrevendo, depois que suspendeo as suas na Chronica o Padre Fr. Luiz de Sousa, daremos agora alguma, (assim dos annos proximos, como dos antigos) conseguida pela nossa diligencia, e de que ainda naõ achámos particular memoria.

Seja a primeira do Veneravel Padre Mestre Fr. Jeronymo da Paixaõ, filho de Gonçalo Froes de Lemos, e Catharina Nobre, naturaes de Pernes. Nasceo este Padre na Cidade de Lisboa, donde tomou o habito de S. Domingos, e passou á Congregaçaõ da India. Alli se adiantou tanto nos estudos, que occupou as Cadeiras de Santo Thomaz de Goa, com grande reputaçaõ, sendo tal a que ganhou com sua virtude, e refórma, que o poz no lugar de primeiro Prior da Recoleta. Occupou depois os de Deputado do Santo Officio, Vigario Geral da Congregaçaõ duas vezes, e Governador do Arcebispado de Goa, empregos, em que se deraõ bem a conhecer seu espirito, e prudencia. Passou a visitar os Conventos do Norte, com poderes do Tribunal do Santo Officio, para extinguir abusos, emendar superstíciosos, castigar rebeldes, e derribar Pagodes.

Che-

Chegado a Baçaim, poz em execuçaõ as ordens, que levava, com inteireza, e refoluçaõ Apoftolica. Cortou por fuas mãos huma arvore, a que davaõ culto os Gentios, por ver nella ao mefmo tempo flores, e frutos. Paffava a huma Aldea vifinha a derribar hum Pagode de grande veneraçaõ naquella Gentilidade; entenderaõ-no affim os idolatras (já fentidos da deftruiçaõ da arvore) fahiraõ-lhe ao caminho juntos, e amotinados.

Morte do V. P. Fr. Jeronymo da Paixaõ, e do P. Francifco Calaffa da Ordem 3. de S. Domingos.

Acompanhava ao V. P. hum Sacerdote fecular, por nome Francifco Calaffa, que hia por feu Secretario; advertio-lhe, que fe retiraffem, falvando as vidas; ao que refpondeo feguro, e defafombrado o Veneravel Padre: *Que já naõ era tempo, mais que de as facrificar por Chrifto*; e pondo os joelhos em terra, e á fua imitaçaõ feu companheiro, offereceraõ os corpos com grande conftancia áquella infernal canalha, que com infaciavel odio os trefpaffaraõ a lançadas, deixando-os por mortos. Foraõ trazidos pelos Chriftãos ao Convento de Baçaim, aonde o companheiro faleceo logo; o Veneravel Padre dahi a trez dias, em que fe lhe prolongou o martyrio, mas com a fuavidade de receber o Santiffimo Viatico, paffou á eterna felicidade, comprada com feu fangue. Acharaõ os Religiofos feu corpo cingido de huma groffa cadea de ferro, deraõ-lhe fepultura raza; mas crefcendo as maravilhas, com que o Ceo quiz acreditallo naquelle Povo, á cufta, e diligencia da Cidade, o paffaraõ a fumptuofo fepulcro, levantado junto ao Altar da parte do Evangelho. Continuaõ ainda hoje as maravilhas na terra da primeira fepultura, que os naturaes bufcaõ como univerfal mefinha. Foy fua morte em 10 de Fevereiro de 1636. como fe acha no Agiologio Lufitano.

Morte do Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz.

Se naõ com as mefmas circumftancias, com a mefma refoluçaõ perdeo a vida pelo augmento da Fé o Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz, de que (com ligeira informaçaõ) efcreveo o Padre Fr. Luiz de Soufa, que defpachado para a Ilha de Saõ Lourenço pelo Alferes mór D. Jorge de Menezes, em breve tempo acabara de doença, por inclemencia do Clima. Mas feguindo noticia mais fegura, como de quem muitos annos affiftio naquelles Rios, foy o fuccedido, que paffando o Padre Fr. Joaõ á Ilha de S. Lourenço, fe deixou ficar nella, obrigado dos Chriftãos, que alli havia, e para melhor, do zelo com que alli viera. Mas os Mouros affiftentes na terra, fempre inimigos do augmento da Chriftandade, em que o Padre trabalhava incanfavelmente, lhe deraõ veneno, temendo tirar-lhe a vida com publicidade, por naõ parecer, que violavaõ as pazes, confirmadas de novo com Moffe. Sentio o Padre o mortifero da peçonha em huma bebida; e offerecendo a Deos aquelle genero de morte, acabou com a magoa de deixar orfãa a fua Chriftandade.

Com mais rigorofa morte foy victima da Fé o Padre Fr. Niculao do Rofario, filho do Pedrogaõ, Villa de Portugal, (e affim filho da Villa, como do Convento de S. Domingos, que ha nella) grande Prégador, e de

de vida exemplar, calidades, que lhe deraõ grande lugar na Congregaçaõ; paſſou della voluntariamente aos Rios, para Obreiro daquellas Chriſtandades, em que ſe detinha frutuoſamente, quando acompanhando o Capitaõ de Tete, na guerra, que tinha com os Zimbas, (Cafres crueis, e devoradores de carne humana) ficou prizioneiro delles. Foy logo atado de pés, e mãos a hum tronco, e como outro S. Sebaſtiaõ, cuberto de ſettas, que lhe abriaõ mais bocas, para lhes prégar a verdade no tempo, que lhe durou a vida no martyrio. Deſpedaçado depois ſeu corpo, o repartiraõ, e comeraõ.

Morte do Padre Fr. Niculao do Roſario.

Com igual exemplo de vida, obſervancia religioſa, e opiniaõ de letras, viveo no Convento de Cochim (em que profeſſou) o Padre Fr. Joaõ da Cruz, filho de Macao; ſacrificou-ſe ao miniſterio das Chriſtandades, em que gaſtou muitos annos, coroando o Ceo ſeu zelo com a gloria do martyrio, que com os olhos, e as mãos levantadas a elle, recebeo alanceado pelos Mouros de Achem, no anno de 1617.

Morte do Padre Fr. Joaõ da Cruz.

Sacrificaraõ tambem a vida nos altares da Fé o Padre Preſentado Fr. Luiz do Eſpirito Santo, e o Padre Fr. Joaõ da Trindade, pela tyrannia do Capranzine, na Mocaranga, de que já demos mais larga noticia. Na Provincia de Bajú (Contracoſta de Larantuca) o Padre Preſentado Fr. Joaõ da Coſta, que tambem nos deu já aſſumpto neſta eſcritura.

Os Padres Fr. Luiz do Eſpirito Santo, Fr. Joaõ da Trindade, e Fr. Joaõ da Coſta.

Igualmente o deu ás glorias deſta Provincia de Portugal, de que foy filho, o Padre Preſentado Fr. Duarte Travaſſos. Foy eſte Padre igual talento para a Cadeira, e para o Pulpito. Lera muitos annos Theologia no Convento, e Univerſidade da Batalha. Entrado já em dias, deveo ao Ceo o conſelho de paſſar á Congregaçaõ da India, acompanhado de alguns Religioſos de grandes eſperanças, ſacrificadas todas ao lucro das almas naquelles Climas. Aſſim ſe offereceo, e aceitou a occupaçaõ de Miſſionario das Chriſtandades de Solor, Commiſſario do Santo Officio, e Governador do Biſpado de Malaca; e partindo por Prelado de cinco Religioſos, com que ſahio da barra de Lisboa, chegou ao Oriente, ſendo Vigario Geral o Meſtre Inquiſidor Fr. Thomé de Macedo, e governando aquelle Eſtado o Conde de S. Vicente, Joaõ Nunes da Cunha.

Paſſados quaſi dous annos, que o Padre Fr. Duarte reſidia em Lifao, aonde naõ deſcançava ſeu zelo no exercicio de reduzir, e bautizar, ſuccedeo que que, morrendo o Rey da terra D. Paulo, lhe quizeraõ fazer os vaſſallos Exequias com as ceremonias, e ſuperſtiçoens Gentilicas, para que ſempre inclina aquelle Povo, por mais que reduzido, e doutrinado. Teve o Padre noticia deſte deſatino, e naõ o ſofrendo o ſeu zelo, acompanhado de alguns Chriſtãos da Povoaçaõ, ſe meteo pela terra dentro; e chegando ao lugar das Exequias, em que achou os Miniſtros ſuperſticioſos, os reprehendeo, e ameaçou da parte da Juſtiça Divina, depois da humana. Eraõ eſtes Chriſtãos ſó no nome, em tudo indignos delle, gente

dia-

Morte do P. Presentado Fr. Duarte Travassos.

diabolica, impia, e ousada; lançaraõ-se ao Padre, e aos que lhe faziaõ companhia, e com hum chuveiro de Azagayas lhe tiraraõ a vida, e lançaraõ logo seu corpo em hum poço, perseguindo, e matando os poucos Christãos, que o tinhaõ acompanhado, de que o descuido perdeo os nomes, mas naõ suas venturosas almas as eternas coroas.

Correo logo a nova a Lifao, do martyrio do Padre Fr. Duarte, e seus companheiros, e lamentando-o todo o Povo como pay, appellou o sentimento para a vingança, que se começou logo a machinar, ajuntando o Capitaõ mór Fernaõ Martins de Pontes a mais gente, que pode, que naõ foy muita, e passaraõ a buscar os delinquentes com maõ armada. Tiveraõ elles aviso, e esperavaõ ao Capitaõ defendidos de esquadraõ numeroso; mas foy o mesmo avistarem-no, que voltarem costas, com tal confusaõ, que quasi todos perderaõ as vidas; confessando depois alguns, que ficaraõ prizioneiros, que o que os puzera em taõ desatinada fugida, (tantos, e taõ medrosos, de taõ poucos) fora o verem hum Frade de S. Domingos, que no meyo dos nossos Soldados dava coraçaõ a todos, e ameaçava com espantosa ira os inimigos. Entendeo-se, que seria nosso Patriarca, (por naõ haver em Lifao outro Religioso mais, que o que perdera a vida) que vinha a castigar a barbaridade, que lha tirara, e a conservar aquella Christandade, a que os mesmos delinquentes machinavaõ a ultima ruina, como se soube, e se descobrio agora. Foy a morte do Padre Fr. Duarte no anno de 1670.

Contavaõ-se os de 1675. quando, infestadas as Ilhas dos Rios de Sena do Arabio, invadio a da Amissa. Era alta noite, sahio ao rebate, de casa, para a Igreja, o Padre Fr. Leonardo de nossa Senhora, que era Vigario della; conheceraõ-no os inimigos pelo habito branco, e convidando-se huns aos outros, se arremeçaraõ a elle ás lançadas, com tal furia, e presteza, que lhe naõ deraõ mais lugar, que de voltar a hum moço, que servia na Igreja, e entaõ o acompanhava, e dizer-lhe: *Que estivesse sempre firme na Fé*; e cahio logo sem vida, ficando o barbaro, que lhe deu a lançada, com o braço no ar, sem mais o menear, nem se servir delle, como depois se soube de alguns Christãos, que o viraõ, e dos mesmos Arabios, que assim o contavaõ. Tambem cahio logo o moço com o mesmo genero de morte. Perdeo-se-lhe o nome, mas naõ o premio della.

Morte do P. Fr. Leonardo de N. S.

Correo tambem a merecello, por zelar a honra de Deos, e os seus preceitos, o Padre Fr. Gaspar Evangelista, filho da Congregaçaõ. Assistia este Padre na Igreja de Ade, na Ilha de Timor, em que o puzera a obediencia pelos annos de 1676. Era grande sua diligencia: achou, que hum Christaõ Macassá andava occasionado com huma mulher, tambem Christãa. Precederaõ as admoestaçoens, que continuadas sem fruto, antes ouvidas com desprezo, passou o Padre á mayor demonstraçaõ, mandando-o prender, e depois soltar, posta em promessas

ſas a emenda; mas foy eſta tanto ao contrario, que na noite ſeguinte, fazendo-ſe o delinquente *Amouco*, (tem eſte nome os que deliberados, e reſolutos, ſahem a tomar vingança, e tirar a vida a quem lhes faz reſiſtencia, até perderem a propria, porque deſtes nenhum eſcapa com ella) entrou em caſa do Padre, e buſcando-o em ſua meſma cama, donde o achou com deſcuido, e ſem reſiſtencia, lhe deu algumas crizadas, e depois o ferio com huma languinata, de que (recebidos os Sacramentos) acabou em breves horas a vida, offerecendo a Deos aquella morte com grande ſofrimento, e conformidade.

Morte do Padre Fr. Gaſpar Evangeliſta.

Aſſim offereceraõ, e ſacrificaraõ a Deos as vidas outros dous Vigarios, ambos de Quirimba, por inteiros na obrigaçaõ do ſeu officio, e zeladores da obſervancia da ley de Deos. Foraõ elles o Padre Fr. Nicolao do Roſario, e o Padre Fr. Gaſpar de S. Miguel, filho da Congregaçaõ. Chegou huma Quareſma, e negou o Padre Fr. Nicolau os Sacramentos ao ſenhor da Ilha filho da terra, mas de pay Portuguez; porque muitas vezes advertido, e admoeſtado continuava com eſcandalo publico (retirado de ſua mulher propria) a converſaçaõ de ſete irmãas Mouras. Poucos dias depois diſpoz o rebelde a vingança, chamando huma noite ao Padre, com hum recado falſo, para huma confiſſaõ: tanto que o teve na rua, elle (e alguns Cafres ſeus) lhe tiraraõ a vida ás eſtocadas, e depois lhe quiz tirar a honra, com hum teſtemunho, que o Ceo liquidou logo. Durou muitos annos o ſangue innocente no lugar do delicto, pedindo vingança contra o ſacrilego, que morreo depois miſeravelmente deſterrado, e perſeguido. Foy a morte deſte Padre no anno de 1637.

Morte do Padre Fr. Niculao do Roſario.

Naõ era menos exacto o Padre Fr. Gaſpar, como grande Religioſo, e bom Letrado. Fez-ſe na ſua Igreja hum grande deſacato ás ceremonias della em huma Quinta Feira Mayor; era o culpado ſuſpeito na Fé; diſpunha, e diligenciava o Padre, que naõ ficaſſe ſem caſtigo, quando por induſtria do ameaçado lhe deraõ veneno, que conhecido logo, ſe diſpoz com grande conſtancia a eſperar a ultima hora, que naõ tardou muito, que coroaſſe ſua alma no anno de 1663.

Morte do Padre Fr. Gaſpar de S. Miguel.

Corre tambem por obrigaçaõ noſſa a noticia do Padre Fr. Franciſco Donato, Miſſionario Apoſtolico; porque ainda que por Patria Romano, ſendo na profiſſaõ Dominico, (e ſervindo, e acabando nas Miſſoens, que eſta Provincia de Portugal tem no Oriente) aqui ſe lhe deve o lugar entre os que as illuſtraraõ com ſeu ſangue. Foy eſte Padre illuſtre por geraçaõ, mas mais conhecido por eſpirito, virtude, e letras, experiencia, com que a Sagrada Congregaçaõ de Propaganda o mandou por Miſſionario Apoſtolico a eſta grande ſeara. Cultivou-a nas duras ſerras do Malavar, nas Ilhas de Solor, Ceilaõ, Maſcate, Goa, e Moſſe, fazendo grande fruto naquella Gentilidade, como perito nas linguas. Ultimamente embarcando-ſe de Dio para Maſcate, com intento de paſſar á Curia Romana, encontrando-ſe com quatorze

galeotas de Mouros Malavares, depois de profiada peleija foy entrado o navio, prezo o Padre, e levado ás embarcaçoens inimigas, aonde os Mouros executáraõ nelle o seu barbaro costume. Conseguida a vitoria, sacrificaõ hum dos prizioneiros á Lua, cortando-lhe a cabeça, e salpicando com o sangue ainda quente as vélas das embarcaçoens. Tentáraõ primeiro o Padre, se queria seguir sua seita; e vendo, que lhes desprezava offertas com constancia, lhe cortaraõ a cabeça, e offereceraõ seu sangue á Lua, salpicando com elle as vélas da Armada. Foy seu martyrio pelos annos de 1634.

Morte do Padre Fr. Francisco Donato.

Naõ deixaremos em silencio dous Religiosos, que honraraõ estas Missoens, se naõ com o seu martyrio, com o seu exemplo; se naõ regando-as com o seu sangue, fomentando-as com sua virtude. Foraõ elles o Padre Fr. Gaspar de Santo Thomaz, filho da Cidade de Cochim, e da Casa, que a Congregaçaõ tem nella; e o Padre Fr. Jozé Rebello, filho da Provincia de Portugal, de donde passou á India, já crescido. Viveo o Padre Fr. Gaspar em Macao vinte annos de vida taõ austera, e observadas as Constituiçoens á risca, oraçaõ, jejuns, e disciplinas, continuado tudo com tal rigor, que sem duvida lhe apressou a morte, que esperou com grande conformidade, e pareceo premio de sua virtude.

Do Padre Fr. Jozé Rebello, que nos annos proximos ao em que escrevemos passou de Portugal á Congregaçaõ, temos a noticia de que, assistindo primeiro em Goa, depois em Macao, passou a servir as Christandades de Solor, e residio em *Sica*, terra de Larantuca, aonde se grangeou tal reputaçaõ com o reformado exemplar de sua vida, e tal affecto dos naturaes com seu genio, e brandura, que, succedendo-lhe passar a Larantuca, se despovoava Sica para lhe fazer companhia na jornada, seguindo-o todos, como filhos desconsolados, e pedindo-lhe com lagrimas: *Que lhes restituisse com pressa sua assistencia.* Assim servio ella de grandes augmentos áquella Christandade, que quizera mais larga sua vida; mas quiz o Ceo, que lhe apressasse a morte a coroa, que tinha ganhado nella. Acabou com grande opiniaõ, deixando a Christandade taõ augmentada, como sentida, e saudosa.

Estes saõ os empregos, com que os filhos de S. Domingos se espalharaõ, e estenderaõ (como ainda ao presente o continuaõ) por aquellas vastissimas terras, taõ incultas, como remotas, hoje já cultivadas; mas roubando-nos a distancia o mais do que se tem obrado nellas, especialmente nas Ilhas de Solor, e Rios de Sena, sem afrouxar (como se póde ver no que acabamos de escrever) aquelle espirito, com que nellas principiaraõ a seara do Evangelho, gloria sem controversia primeiro da Religiaõ Dominicana, e alguma (como a de Solor) unicamente sua. Mas como nem o Sol da verdade se livra dos vapores da duvida, antes inventada, que nascida, ou do artificio invejoso, com que os mal intencionados escrevem voluntariamente contra a evidencia, (para que favoreciddos os annos

a men-

a mentira vá depois tomando corpo de duvida entre os que tem noticia dos chimericos fundamentos della) ainda que até agora naõ houve inconsidera-çaõ, que se resolvesse a querer tirar aos Religiosos de S. Domingos a primazia, na cultura espiritual, e Missaõ Evangelica da Ethiopia Oriental, naõ faltou com tudo, quem nestes tempos quizesse reduzir a controversia, se foraõ, ou naõ os nossos Religiosos, os primeiros, que levaraõ o Evangelho, e colheraõ delle o fruto nas terras da Ethiopia Occidental, resolvendo voluntariamente, que os Padres da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, foraõ os que se adiantaraõ a todos nesta empreza.

Queria fiar a apologia dos Authores, que com tanta clareza fallaõ della, por naõ estar costumada a Religiaõ de S. Domingos a pôr em disputas as suas glorias. Muito menos esta, de que naõ quiz mais premio, que servir á Igreja, e mostrar-lhe, que os filhos de S. Domingos, como herdeiros dos Apostolos, naõ tinhaõ outro Instituto, e o bem, que sabiaõ desempenhallo. Mas alargarey mais a penna, e com mais modestia, que a com que este Author costuma estender a sua, só para lhe apontar os Authores, que mudamente o convencem. Assim a pertinacia tivesse ouvidos! E a cegueira olhos!

CAPITULO XVI.

Mostra se como os Religiosos de S. Domingos foraõ os primeiros, que levaraõ a Fé á Ethiopia Occidental, converteraõ, e reduziraõ almas naquellas incultas, e vastissimas terras.

CHamaraõ muitos ao escrever, ou provar glorias, e creditos proprios arriscado, e suspeitoso emprego; mas quando a verdade as publica, e as pregôa, naõ vem a ser o escrevellas, mais que lembrallas; cautela, com que devem armar-se os Chronistas das Familias Sagradas, para que naõ triunfe o tempo do que houve nellas digno de memoria, naõ para ampliar panegyricos, mas para naõ sepultar exemplos. Este deve ser o intento dos que escrevem semelhante Historia, propor a verdade, que costuma affeiçoar a razaõ, e favorecida desta, tem energia para mover ás imitaçoens do que propoem com pureza. O segundo interesse de semelhante Historia, (supposta a noticia para erudiçaõ dos homens) he continuar o premio, ou o castigo do bem, ou mal obrado na reputaçaõ, que se perpetúa a hum, e outro. E quem leva os olhos nestes preciosos fins, naõ os diverte, nem os occupa com a jactancia de precedencias, e muito menos imaginadas. Assim deponho que, naõ por grangear á minha Religiaõ huma gloria já grangeada, já merecida, e já sua, tomo agora a penna; mas para resgatar a verdade das mãos de quem a sepulta, sendo o officio, e obrigaçaõ do Chronista defen-

terralla. Porey os ſeus, e os meus fundamentos, como quem narra, e naõ como quem diſputa.

Eſcreve eſte Author, com a deſculpa de proceder com cegueira em cauſa propria, dando aos Padres da ſua Congregaçaõ a gloria (ſaõ palavras ſuas) de ſerem os primeiros, que converteraõ, e bautizaraõ almas nas Conquiſtas Portuguezas. Entendo, que ſeria erro da Impreſſaõ a palavra primeiros; porque naõ he crivel, que ignoraſſe eſte Padre, ſendo taõ noticioſo, que Conquiſta Portugueza foy a de Ceuta, tomada aos Mouros por ElRey D. Joaõ o I. e que nella ſe acharaõ com elle os Religioſos de S. Domingos, com Igreja, Moſteiro, e occupaçaõ de ſeu Inſtituto, que exercitado por largos annos, (que alli fizeraõ aſſento) naõ deixariaõ de exercitallo, naõ ſó em adminiſtrar Sacramentos, mas em reduzir Infieis, que alli ficaraõ cativos. De que bem ſe ſegue, que já os noſſos Religioſos ſe occupavaõ na reducçaõ das almas a Deos nas Conquiſtas Portuguezas pelos annos de 1415, e ainda em Portugal naõ exiſtia a Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, que muitos annos depois foy confirmada por Eugenio IV. Mas paſſemos a mais evidente argumento.

Deſta primeira entrada nas terras de Africa, pelos Religioſos de S. Domingos, lhes ficou como em herança o ſerem os primeiros, que nas Conquiſtas, que ſe foraõ ſeguindo nellas, ſe achaſſem ao lado dos Capitaens Portuguezes, para que igualmente no valor, e deſvelo de huns, e outros, foſſem vencendo a eſpada, e a doutrina. Foy aſſim na expediçaõ de Religioſos para as terras de Congo por ElRey D. Joaõ o II. a que os noſſos paſſaraõ no anno de 1486. Sem duvida naõ correſpondeo o fruto da ſementeira Evangelica á eſperança, com que os Religioſos foraõ principalmente, ſendo o intento de ElRey de Beni, que os mandou pedir ao noſſo Monarca, antes politicas da terra, que intereſſes da alma; motivo, com que eſcreveo Maffêo, que os noſſos deixando a infructuoſa aſſiſtencia, voltaraõ para a Patria: *In Luſitaniam irriti redierunt.* Mas naõ he de admirar, que naõ procuraſſe, ou naõ tiveſſe eſte Author outra noticia dos noſſos, tendo-a do fim, que levaraõ, antes por accidente, que por ſubſtancia da Hiſtoria; porque a que ſeguia era a reducçaõ de Beni, que naõ teve effeito. O que naõ tira que o tiveſſe particularmente o emprego Apoſtolico dos noſſos nas meſmas terras, ou em outras viſinhas; progreſſos, de que o Padre Fr. Luiz de Souſa naõ teve noticia, por eſtarem eſtas antes nos Arquivos de toda a Religiaõ em Roma, que nos deſta Provincia. O que ſe póde ver no *Monumenta Dominicana* do Meſtre Fr. Vicente Maria Fontana (Author taõ digno de credito, que o naõ póde fazer ſuſpeito, nem o ſer noſſo) que fallando nos ſerviços, que a Religiaõ fez á Igreja no anno de 1486, e tocando a occaſiaõ de Congo, diz que os noſſos Religioſos reduziraõ, e bautizaraõ, ſe naõ a todo o Reyno, a muita nobreza, e a muitos do Po-

Joan. Pet. Maffæ. Hiſt. 50. dil. 1.

Fontana, Monumenta Dominicana an. 1486. P. 3. c. 10.

Povo: *Non folum multos ex populo, fed etiam ex nobilibus facro regenerationis lavacro Chrifto, & Ecclefiæ adjunxerunt.* E continúa, que depois paffaraõ alguns deftes Religiofos ás terras do Prefte Joaõ, aonde levantaraõ Igrejas, e propagaraõ a Fé, fuperando trabalhos, perfeguiçoens, e difficuldades, em quanto lhes duraraõ as vidas, confumidas, e fepultadas naquelle emprego, e naquellas terras: *Aliqui ex ipfis* (continúa o Padre) *ad Abyffinorum Imperatorem pergentes, etiam ibidem & Cruces, & Ecclefias erexere tanto cum animarum fructu, ut nullus ex eifdem Prædicatoribus, ærumnis licet, ac laboribus fractus, affumptum Apoftolicum minifterium deferere aufus fit. Sed omnes glorioſe ibidem ufque ad mortem infudaverint in Gentilium illorum converfione.* Affim efcreve efte Author, citando o Bifpo de Monopoli, Chronifta veridico.

Segunda jornada fizeraõ os Religiofos de S. Domingos ás terras de Guiné, depois de bautizado ElRey Bemoy, que o era da eftendida Regiaõ de Jalofo, e recorrera a ElRey D. Joaõ o II. affim para recuperar o Reyno, que feu irmaõ lhe tinha tyrannizado, como para receber o Bautifmo. Com elle mandou ElRey D. Joaõ ao Meftre Fr. Alvaro Correa, Frade noffo, e feu Confeffor, homem de grande reputaçaõ em letras, e virtude, com outros Religiofos. Efcreve-o affim Maffêo: *Evangelici quoque præcones impofiti Alvaro Dominicano præfecto eximiæ virtutis, ac fapientiæ viro, quo Rex ipfe ad facras Confeffiones uti confueverat.* O mefmo affirma Joaõ de Barros neftas palavras, tendo dito da Armada, que ElRey mandara: *E para a converfaõ dos barbaros, alguns Religiofos; o mayoral dos quaes era Meftre Alvaro, Frade da Ordem de S. Domingos, e feu Confeffor, peffoa muy notavel em vida, e letras.*

Joaõ de Barros Decad. 1. l. 3. c. 8.

Affim efcrevem eftes Authores a fegunda jornada dos Portuguezes ás terras de Guiné no anno de 1487. como tambem a efcreveo Refende; fem que Author algum, ou Portuguez, ou eftranho, faça lembrança de que nellas, affim nefta, como na primeira, fe achaffem Padres da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelifta. E que os noffos Religiofos, ainda nefta fegunda jornada, fe empregaffem na reducçaõ das almas, confta de algumas Memorias da Ordem: porque entrando alguns por aquellas vaftas, e defconhecidas terras, renunciaraõ pelo feu Inftituto da prégaçaõ a Patria, e tiveraõ nellas fepultura. Digo alguns, e naõ todos, porque achamos na terceira Miffaõ, pelas Memorias de Fontana, ao Meftre Fr. Alvaro Correa, que fem duvida voltou a Portugal com o Capitaõ mór Pedro Vaz da Cunha; noticias de pouca importancia para os Authores feculares, que levaõ os olhos no affumpto da fua Hiftoria, e naõ nas particularidades dos Religiofos, que quando foy precifo entraraõ nella. Mas a nós baftaños delles a geral noticia de que os Religiofos de S. Domingos foraõ os primeiros, que com a voz Evangelica faudaraõ as terras daquella Ethiopia; o que o Author (a quem refpondemos) quer, a voto feu, deixar em duvida.

Mas

Mas passemos ao que sem nenhuma podia passar no livro deste Author, que he a terceira Missaõ dos nossos Religiosos, que elle quer para primeira dos seus Padres, vindo já taõ tarde, para as duas em que madrugamos tanto; e muito mais tarde, para negocear esta terceira por sua, sendo tanto nossa, como logo o dirá a evidencia. Foy esta funçaõ de Congo pelos annos de 1491, e dispozse assim. Bautizados o Embaixador, e negros, que ElRey de Congo mandara a ElRey D. Joaõ o II. se armou no porto de Lisboa huma Armada com tanto desvelo, como era o alvoroço, com que o nosso Monarca esperava todo aquelle Reyno reduzido. Nomeou por Capitaõ a Gonçalo de Sousa; compoz grandioso mimo para ElRey de Congo, e attendendo ao que mais lhe levava o cuidado, que eraõ os Mestres da Fé, pedidos por elle, os tirou dos Claustros Dominicanos, como de seminario, onde reconhecia os mais destros espiritos, para semelhantes jornadas, de que os Reys seus antecessores tiveraõ largas experiencias. Haviaõ de levantar Igreja, haviaõ de bautizar o Rey, haviaõ de estenderse por aquella terra desconhecida, espalhando a palavra Evangelica; haviaõ de reduzir barbaros, derribar Templos, queimar idolos, e finalmente porse em campo contra os mesmos demonios. E esse era, e he o Instituto Apostolico dos nossos Religiosos; essa a razaõ, com que para esta jornada foraõ escolhidos os filhos de S. Domingos.

Mostremos esta verdade, naõ confirmada com esta mesma escritura; naõ authorizada com a nossa mesma penna; naõ sendo nós o unico Author, que nos sirva de prova, como succede ao que confutamos, que unicamente se teve por patrono a si mesmo. Mas fallem já por nós os Authores, primeiro os nossos, depois os estranhos. Dizem as nossas Memorias, que os Religiosos, que neste anno de 1491 foraõ por ordem delRey Dom Joaõ o II. á reducçaõ de Congo foraõ dez. Quer Fontana, que entre estes, (que na sua opiniaõ naõ foraõ mais que seis) se conte tambem o Mestre Fr. Alvaro Correa; e escreve nesta fórma: *Mittuntur á Joanne II. Lusitaniæ Rege præter recensitos anno 1486. P. Alvarus eidem à Confessionibus, & quinque alii probatæ vitæ, & virtutis viri, de Provincia Portugalliæ, ad Regem Congi, qui Catholicam Fidem prædicantes, Reges Congi ad eandem mediis sacris ablutionibus amplexandam. Cooperante Deo induxerunt, cum magna Procerum Regni multitudine, copiosissimaque populi frequentia; Regem quidem Joannem; Reginam verò Eleonoram, & primogenitum illorum Alfonsum, nuncupantes, in memoriam Regum Lusitaniæ, viventium. Innumera Idola igne consumpsere, atque Ecclesiam grandem sub invocatione S. Crucis ibidem 5. nonas Maii, jactis fundamentis, construxere. Quæ Episcopalis Sedes effecta est. Ibique nostri Prædicatores per annos quinquaginta consistentes, maximos Christi Ecclesiæ fructus dedere.*

Fontana, Monumenta Dominicana. P. 3. c. 11. an. 1491.

Aponta o mesmo numero de Religiosos de S. Domingos, ainda que differe no Prelado delles Fr. Affonso Fernandes, assentando, (o que he mais commum)

Fr. Alonso Fernandes. Historia Ecclesiastica l. 2. c. 21.

mum) que o fora o Meftre Fr. Joaõ de Santa Maria; e efcreve nefta fórma: *Defpues el año de 1491. embió ElRey D. Joan una Armada de tres navios, embiando por General dellos a Gonfalo de Soufa, y en falta defte a fu hermano Rodrigo de Soufa. En eftos navios fueron por ordem de Su Mageftad algunos Religiofos de S. Domingos, y por Superior uno llamado Fray Joan con otros cinco, para que predicaffen el Santo Euangelio en el Reyno de Congo, y batizaffen a los que convertieffen.*

Affim efcreve efte, e outros Authores noffos; mas fe lhe naõ bafta contra a impraticavel fufpeita de proprios, o reconhecerem-fe por fidedignos, paffemos aos eftranhos, e feja o primeiro o Padre Maffeo, que ainda que naõ traz o numero certo dos Religiofos (circumftancia affás ligeira para a fubftancia da Hiftoria) affirma que eftes Religiofos foraõ de S. Domingos nefta fórma: *Neque Neophiti modo, ad fuos remiffi, verum etiam, & Sanctiffima Dominicana Familia tres viri probatæ virtutis, atque doctrinæ, delecti, quia apud eofdem Æthiopes, & docendi, & initiandi officio fungerentur.* Maffe. l. 1. Hifto- ria India

Que foffem Religiofos de S. Domingos os que acompanharaõ nefta occafiaõ a Gonçalo de Soufa; que aportaffem nas terras de Manifono, tio delRey de Congo; que á fua inftancia lhe deffem os noffos Religiofos o Bautifmo em dia de Pafcoa 3. de Abril de 1491; que lhe puzeffem por nome Manoel, e a feu filho menor Antonio; que paffaffem depois á Cidade de Ambaffe, aonde os efperava o Rey, e lhe deffem hum rico prefente, levantaffem a Igreja de Santa Cruz, bautizaffem ao Rey, e Rainha, com os nomes de D. Joaõ, e de Dona Leonor, tomados dos noffos Reys, e ao Principe com o nome de D. Affonfo, tomado do noffo Principe, e as mais circumftancias, que com elegancia narrativa continúa o Padre Fr. Luiz de Soufa, tudo efcreve, e narra o Bifpo Barbuenfe, por efte eftylo: *Eodem tempore felicibus conatibus Joannis Regis Lufitaniæ, propagata eft fides Chriftiana in Regno Congi, de quo cæptum eft agi fuperioribus annis. Cum enim nobiles illi, quos diximus in Lufitaniam adductos, fufcepto Baptifmo, biennium fumma cum diligentia, Chriftianis moribus, & inftitutis imbuti ad fua remiffi fuiffent; una cum nonnullis Patribus Dominicanis, tribus navibus armatis, fub ducatu Gonfalvi Sofæ (cui inter navigandum pefte extincto, Rodericus fratris filius omnium confenfu fuffectus fuit) ubi primum ad litus Congi appulere, Regis patruus, qui fono Maritimæ Congi plagæ, imperitabat, jam fenex Baptifmum cupidiffimè fufcepit, &c.* Spondanus Armada Ecclefiaftica anno 1491. N. 7.

O mefmo efcreve Fr. Antonio de S. Romaõ, Monge Benedictino na fua Hiftoria Geral da India, affentando, que os Religiofos, que entraraõ, e fizeraõ o primeiro Bautifmo em Congo, acompanhando a Gonçalo de Soufa, e depois a feu irmaõ Rodrigo de Soufa, foraõ os Religiofos de S. Domingos, por eftas palavras: *Yá pues, que pareciò eftar fufficientemente inftruidos en los myfterios de nueftra Santa Fé, mandò el Sereniffimo Rey armar una flota, en que bolvief-* S. Romaõ Hiftoria da India l. 1. cap. 4.

vieſſen a ſu tierra las primicias de la Chriſtianidad della, y Religioſos de Santo Domingo, para predicar, y baptizar con amp'iſſima poteſtad de Su Santidad. Dioles un rico preſente, y artifices, para que llevantaſſen Igleſias, con otras coſas, a que acudia ſu liberalidad generoſamente, porque le era muy natural. Fué nombrado Embaxador, y Capitan General de la jornada Gonçalo de Soſa, &c.

Venha o meſmo teſtemunho de Authores ſeculares, e ſeja de hum Meſtre delles, Joaõ de Barros, que com mais individuaçaõ, e particularidade conta a entrada, e reducçaõ de Congo pelos Portuguezes, neſte anno de 1491. dizendo, que os Miniſtros della foraõ Religioſos de S. Domingos; e confórme a ſua narraçaõ, o numero delles, que foraõ ſeis, de que era Prelado Fr. Joaõ, que nas noſſas Memorias foy o Meſtre Fr. Joaõ de Santa Maria, homem de grande, e igual nome em letras, e virtude. As palavras de Joaõ de Barros, depois de eſcrever, que eſtes Religioſos chegaraõ ás terras de Maniſono, e lhe deraõ o Bautiſmo, paſſando depois á Corte delRey de Congo, ſaõ as ſeguintes: *Ruy de Souſa com os Sacerdotes, e Religioſos, de que o Mayoral delles era Fr. Joaõ, da Ordem de S. Domingos, (paſſados os primeiros dias de ſua chegada) ordenaraõ, que ſe fizeſſe huma Igreja de pedra, e cal, ſegundo lhe por ElRey D. Joaõ era mandado, para a qual obra traziaõ ſeus officiaes.* E ſeguindo a mais narraçaõ dos Bautiſmos dos Reys, ao fallar na volta de Ruy de Souſa para Portugal, diz que deixara na Corte de Congo a Fr. Antonio da Piedade, que ſuccedeo na occupaçaõ de Vigario, por morte de Fr. Joaõ de Santa Maria, (que tambem deixa apontada) e mais quatro Frades, que ficaraõ correndo com aquellas Chriſtandades; dillo no modo ſeguinte: *E tornando á Cidade, expedioſe Ruy de Souſa para eſte Reyno, leixandolhe para a converçaõ dos Povos Fr. Antonio, que era a ſegunda peſſoa, depois de Fr. Joaõ, e outros quatro Frades.*

Joaõ de Barros, Decada 1. l. 3. c. 9.

O que ſuppoſto, he apocrifo, e ſem nenhum fundamento o que narra da ſua Congregaçaõ o Author, que confutámos, attribuindo-lhe a primazia da converſaõ de Congo, e tresladando quaſi hum Capitulo do noſſo Chroniſta, o Padre Fr. Luiz de Souſa, accommodando o nome do Meſtre Fr. Joaõ de Santa Maria, Vigario da noſſa Miſſaõ, ao ſeu Padre Joaõ de Santa Maria, de que ſómente, depois em tempo delRey D. Manoel, ſe acha memoria. Aſſim eſcreve eſte Author, ſem mais authoridade, e teſtemunho, que o proprio, quando os Authores todos, que apontamos (e ainda o que nos naõ favorece) dizem o contrario. Aſſim ſe póde ver nelles, ſem que em algum ſe ache memoria deſtes Padres em Miſſoens de Congo, ſenaõ no reynado delRey D. Manoel, tempo em que já aquelle Reyno eſtava reduzido; verdade, que o meſmo Author reconhece, trazendo-os ſó deſſe tempo; e ſe os teve antes, como os aponta ſó depois? Sendo toda a controverſia na primazia, que eſcreve deſauthorizada, e authorizando a Miſſaõ por ElRey D. Manoel, em que ninguem poem duvida.

Sem nenhuma ſe póde crer, que naõ achou o Author algum, (ainda deſvalidos, e de menos nome) porque naõ fio da ſua grande noticia, que ſe o houveſſe, lhe eſcapaſſe, nem da memoria, nem da diligencia; aſſim foy eſcuſada eſta de querer coroar a ſua Congregaçaõ com o trabalho alheyo, que eu fio, que ella ſe dá por ſatisfeita da gloria de entrar nas terras de Congo com grande intereſſe, e lucro das almas, muito depois dos filhos de S. Domingos, primeiros Meſtres dellas. Aſſim o vem a dizer os Authores, que o Author cita no reynado del-Rey D. Manoel, tempo, em que os Padres *Ceruleos*, como diz Maffeo, ou os Padres *Azuis*, como diz o noſſo Fernandes, paſſaraõ áquellas terras a edificar novo, mas naõ primeiro Templo, com grande, mas naõ primeiro fruto; o que naõ negamos, nem podemos negar, reconhecendo a authoridade dos Authores, que tanta verdade fallaraõ neſta Miſſaõ dos Padres da Congregaçaõ, que foy a ſua primeira, como na noſſa, e nas noſſas, que foraõ primeiras que a ſua.

Maffe. l. 4. Hiſtor. da India, Fernandes l. 2. c. 21.

Nem ſe deve crer, que taõ grandes Authores, que por officio ſaõ indagadores das verdades, e linces dos tempos, houveſſem de ignorar huma jornada de tanta conſequencia, e tanto apparato, como foy a da primeira converſaõ de Congo, para dizer eſte Author, (apontando tantos em ſeu favor, e da Miſſaõ no reynado delRey D. Manoel) *Que eſtes eſcreveraõ ſó deſta ſegunda, porque ignoraraõ a primeira.* O certo he, que todos fallaraõ na jornada, e os mais delles apontaraõ os noſſos Religioſos nella; e os que o naõ fizeraõ, podiaõ ignorar eſſa circumſtancia, mas nenhum o geral da noticia.

Suppoſta eſta, eſcuſada era a reflexaõ ſobre os fundamentos do Author, que mal podem ter eſte nome, contra verdade taõ limpa, e deſembaraçada; e entendia eu que, bem reparado o que temos dito, baſtava o ſerem propoſtos, para ficarem reſpondidos; mas em veneraçaõ do Author, farey antes memoria, que diſputa delles.

He o primeiro a contrariedade, que ſe acha entre os dous Eſcritores, Garcia de Reſende, que favorece neſta primazia de Congo aos Padres Franciſcanos, e Joaõ de Barros aos Dominicos. O que daqui ſe ſegue he, que perdendo-a huns, ficaraõ com ella os outros. Mas aos Padres da Congregaçaõ naõ ſey, que lhes poſſa ſervir de conſequencia a noſſa controverſia, porque ſem patrono naõ podem entrar neſta, e ſem os terem melhorados, naõ tem conſequencia. Entre as duas Religioens podia haver litigio, porque ambas ſe fiariaõ com juſtiça nos patronos, que tinhaõ para ella; mas que tem os Padres da Congregaçaõ, (em que ninguem deu pennada) para virem levar a primazia, como por concerto da contenda?

A verdade eſtá afiançada em mais; e póde neſte ponto authorizalla mais Barros, que Reſende, olhando para o emprego da narraçaõ de hum, e outro. Reſende eſcrevia a vida de hum Rey; Barros a reducçaõ de hum Reyno por ſeu mandado; e o que para eſte era principal, viria

ria a ser para aquelle accesso-rio. Para a noticia do Rey era essencial saber-se, que mandara reduzir o Reyno; para a noticia do Reyno reduzido, era essencial saber-se dos Ministros da reducçaõ; e assim para Barros era ponto grave o apontar os Religiosos; para Resende de pouco momento serem estes, ou aquelles. Mas por hora naõ he a controversia com os Religiosos de S. Francisco.

Quanto ao que recorre o Author, fazendo força na queixa do Padre Fr. Luiz de Sousa contra os Authores seculares, he falso o ampliar a queixa, que o Padre dirigia a determinada materia, dizendo só, que naõ havia que attender a Authores seculares, porque nunca davaõ aos grandes Religiosos os premios, que se lhe deviaõ nos escritos; e o condemnallos nesta materia de curtos, e escassos, naõ era depollos da authoridade de verdadeiros, mas culpar-lhes a desattençaõ de diminutos. E isso estamos vendo no mesmo Author, de que nos temos valido, que naõ podendo deixar de apontar os nossos Religiosos, como parte essencial da reducçaõ de Congo, que escrevia, falla no Mestre Fr. Joaõ de Santa Maria, tocando-lhe só o nome, e naõ reparando no grande, que lhe davaõ suas letras, e virtude, quando Maffeo, Escritor Religioso, fallando em que foraõ trez os nossos Religiosos da Missaõ, os acompanha com a noticia de virtude, e sciencia conhecida, e examinada: *Viri tres probatæ virtutis, & doctrinæ.* Com que o Padre Fr. Luiz naõ desconheceo nos Authores seculares a verdade no preciso; culpou-lhes o attenderem pouco ás individuaçoens, que aos Religiosos podem servir de muito.

He o segundo fundamento do Author, o mandar ElRey, que os primeiros Ethiopes, que vieraõ de Congo a este Reyno, se recolhessem em Santo Eloy, para os industriarem, assim no idioma, como na doutrina. Assim o concedo, ainda que os Authores naõ façaõ disso caso, dizendo só, que ElRey os mandara entregar a pessoas Religiosas: de que se infere, que bem podiaõ naõ ser só estes Padres os Mestres, e se podiaõ tambem repartir por outras casas os hospedes. Mas naõ recorrendo a razaõ taõ achada, que tem a assistencia do Mosteiro, para adiantar os Padres na reducçaõ de Congo a outros, que lhe pertencia a prégaçaõ por Instituto? He o mesmo doutrinar huma familia, que reduzir hum Reyno? ElRey D. Joaõ, como quem tinha grande comprehençaõ do seu, achou em Santo Eloy melhor commodo para hospedar, e doutrinar os negros, que nos Claustros de S. Domingos; porque aquelles Padres, nas horas, que lhe ficassem livres da continuaçaõ do Coro, se podiaõ occupar no ensino; o que naõ era facil nos nossos, tendo-as taõ occupadas, e medidas, que do Coro passaõ á applicaçaõ do Pulpito, e das Aulas. E quando naõ houvera esta arrezoada congruencia, bem se vê, que naõ conclue o passar á primeira reducçaõ da Ethiopia, por doutrinar os primeiros negros, cousa, que indifferentemente podiaõ fazer quaesquer Religiosos; e muito menos, naõ ten

tendo a Caſa de Santo Eloy, por ſer entaõ eſcolhida para Eſcola, o foro de Seminario dos Cathecumenos, e Hoſpicio de Miſſionarios; porque na vontade, e eſcolha delRey eſteve o buſcar eſtes Padres para aquella occupaçaõ, e o eſcolher os noſſos para aquelle emprego. E tendo nós da verdade deſte tantos Authores, e naõ tendo nenhum os Padres, bem ſe vê, que da aſſiſtencia dos negros ſe lhe naõ ſegue a conſequencia de Miſſionarios, e muito menos de primeiros.

He o terceiro fundamento do Author, que os Reys de Congo, apparecendo em publico, ſe veſtem de azul, em fórma de opa, como a que trazem os Padres. Bem ſe vê, que conſequencia ſe póde tirar deſtas premiſſas. Porque os Prégadores Evangelicos naõ paſſaraõ a Congo a levar moldes de veſtidos, a veſtir ſim áquelles barbaros, antes as almas, que os corpos. Nem dos novamente reduzidos á Igreja, pelo Bautiſmo, ſabemos mais, que o que ſe uſava na Primitiva, que era, como aponta Tertulliano, veſtirem-lhe huma tunica branca. Eu me convenço, que eſſe uſo nos Ethiopes de Congo, he inclinaçaõ á cor azul, como vemos em outros negros a grande, que tem ao encarnado. E quando queiraõ os Padres ter eſſa gloria, nem aſſim ſe infere a primazia, que muy bem podiaõ os Reys de Congo, (que ſe foraõ ſeguindo) uſar da opa, que imitaſſem dos Padres, que depois foraõ ao ſeu Reyno, como foraõ de facto em tempo delRey D. Manoel. E quando naõ queiraõ eſtar por eſta razaõ, ſerá preciſo authenticar, em como andou veſtido de azul o primeiro Rey de Congo, que recebeo o Bautiſmo. E ainda iſto ſuppoſto, podiamos reſponder, que o Bertangil ſeria a Purpura daquella Coroa.

Albis induitur veſtibus. Alcuinus annot. in lib. de Bapt.

Quanto ao que accreſcenta o Author das Armas do Principe de Congo D. Affonſo, Cruz branca em campo azul, cores, que tomou dos primeiros Padres, mais ponderoſa razaõ he, que com a Fé, e nome de Principe Portuguez, tomaria tambem eſcudo de algum modo accommodado ao de Portugal, que entaõ tinha reformado ElRey D. Joaõ o II. Conquiſtador de Congo, que era, como o vemos agora, em campo de prata cinco eſcudos azuis, poſtos em fórma de Cruz. Aſſim compoz aquelle Principe o ſeu eſcudo, mudando as cores do branco, e do azul na Cruz, e no campo; ou tambem ſeria a Cruz branca em campo azul, em memoria da que appareceo no Ceo clara, e luzida, dando-lhe victoria contra ſeu irmaõ, (como depuzeraõ os vencidos, e prizioneiros) já que havemos de continuar o paradoxo de ſer o Ceo azul, como ſe tivera cor o Ceo, naõ o dizendo S. Paulo, que (entre os vivos) vio o terceiro. Mas ſe o azul do eſcudo faz argumento para os Padres, porque o naõ faria o branco para os noſſos; ſe litigaſſemos pela cor, ou a houveſſemos de dar aos noſſos fundamentos, que a naõ neceſſitaõ por ſolidos? Mas entremos a partido no eſcudo de Congo, lembrados de que a primeira Igreja, que alli levantámos, ſe chamou Santa Cruz, e que a do eſcudo nos pertence por branca.

Assim seja a Cruz nossa, que depois lhe deixamos o campo livre. O fundamento nos desculpa semelhante reposta.

A que damos ao quarto fundamento, deve ser taõ occulta, como elle o he para nós, estabelecido na verdade dos seus Cartorios, naõ havendo memoria nas quasi infinitas dos nossos, que naõ dê por cousa assentada, serem os nossos Religiosos os primeiros Missionarios de Congo. Quanto ás Provisoens del-Rey D. Joaõ, provaráõ a assistencia dos negros na Casa (de que deixamos a duvida; ou concedemos a certeza) ou faraõ fé de algum gasto, que se fizesse com os mesmos na jornada de 1491, ou com os Mestres, que antes da jornada os adestraraõ na doutrina. E se a tal Provisaõ existe, descuido foy do Author naõ lançalla para testemunha. E ainda lançada, correria com a suspeita, de que se lhe podia mudar huma clausula, sendo esta contra tantos Authores, como os que nos servem de prova. Se ainda nos replicarem, que esta he infima, responderemos, que nos mostrem por sua parte outra tanta.

A authoridade de Jorge Cardoso (emendando no terceiro Tomo, o que tinha errado no primeiro, por ver o Cartorio de Santo Eloy, ou de Xabregas) vendo os nossos, poderia tambem emendar no quarto, o que tinha dito no terceiro. Naõ fio eu menos dos nossos Cartorios, a quem o dos Padres naõ pode vencer, nem em papeis, nem em annos; naõ recorrendo ás Memorias de toda a Religiaõ, depositadas no Arquivo de Roma, especialmente ás das Conquistas Portuguezas, (pelos Missionarios, que tivemos nellas) que foraõ, e vaõ sempre remettidas das mesmas ás mãos dos nossos Geraes, que as poem no Tribunal de Propaganda, aonde a verdade se purifica.

Finalmente digo que escreveo bem Jorge Cardoso no primeiro Tomo, dizendo, que os Monges de S. Bernardo foraõ os primeiros, que foraõ a Congo; e naõ menos escreveo bem no terceiro Tomo, dizendo, que os Conegos de S Joaõ Evangelista foraõ os primeiros, que foraõ a Congo, que tudo foy certo, porque os Padres Bernardos seriaõ os primeiros dos Monges, e os Padres da Congregaçaõ os primeiros dos Conegos seculares; que de Missionarios, só os filhos de S. Domingos, que estimaõ a primazia, porque no seu Instituto seria descuido o naõ desempenhalla.

CAPITULO XVII.

Do que pertence aos Conventos dos Irlandezes, que a Religiaõ tem na Provincia de Portugal. Vem a este Reyno o Mestre Fr. Domingos do Rosario. Funda Hospicio, e depois Collegio, para os Missionarios de Irlanda, sua Patria; da-se noticia deste Padre.

NAõ tenha Portugal só a gloria de ser Seminario de Santos, como até agora temos mostrado nesta Provincia, e seus filhos, criados nos Claustros Dominicanos; mas possa tambem gloriarse de que até a hospedagem, que dá aos Estrangeiros, lhe

lhe serve de Escola para sahirem, ou se conservarem virtuosos. Desta verdade podem ser prova os Conventos, Mosteiros, Collegios, e Hospicios, que Italia, França, e Inglaterra tem neste Reyno, e nesta Corte, com muita edificaçaõ della, e delle. Bem parece Portugal Reyno de Deos, e ainda que o mais pequeno da Europa, mimoso assim da Divina Providencia, como se para si só tomara, e construira as palavras de Christo: *De que o pequeno rebanho teria a herença do seu Reyno.* Pequeno rebanho saõ os Portuguezes, menos em numero, que as outras naçoens, mas taõ favorecidos de Deos, que o Reyno, que lhes deu, foy o seu Reyno. Com este nome authorizou a Portugal o Rey dos Reys fallando desde o Throno da Cruz ao primeiro Monarca Portuguez no Campo de Ourique. Assim he seu este Imperio; assim deve ter nelle a virtude o seu Seminario Mas tenha agora esse nome pelos grandes hospedes, que vem a buscar nelle Sagrado, e domicilio. Hospedes grandes na virtude, e nas letras (duas columnas, em que se sustenta, e com que se authoriza a Igreja) os Religiosos Irlandezes da Ordem dos Prégadores. Destes, como assistentes nesta Provincia, ou da Casa, que tem nella, daremos, e devemos dar noticia, ainda que recopilada, como tambem das Religiosas Irlandezas, e da sua Casa, de que foy Fundador o Mestre Fr. Domingos do Rosario, da mesma naçaõ, Varaõ de espirito verdadeiramente Apostolico. Tudo saõ noticias, de que he acrédora esta Provincia, como ellas do lavor, e trabalho da nossa penna.

Nolite timere pusillus grex qui complacuitPatri vestro dare vobis regnum. Lucæ 12.

Volo in te, & semine tuo Imperium mihi stabilire.

Corria o anno de 1658. quando o Mestre Fr. Domingos do Rosario, (de que depois daremos mayor noticia) chegado a Portugal com dous companheiros, e bem recebido nesta Provincia, e hospedado em S. Domingos de Liboa, alcançou da Rainha Dona Luiza de Gusmaõ, que por morte de ElRey D. Joaõ o IV. governava este Reyno, licença, para levantar hum Collegio para os Religiosos de Irlanda. Propunha a esta Senhora: *Que o Reino de Irlanda estava destituido de Ministros Euangelicos, desde o tempo de Henrique VIII. de Inglaterra, e da Rainha Isabe'a sua filha; impios flagel'os dos Catholicos. Que alguns Religiosos Dominicos, destemidos ao ameaço do garrote, e do cutello, tinhaõ ficado escondidos, e disfarçados, para alimentar os filhos da Igreja, que a reconheciaõ Mãy, ainda perseguida. Que estes Padres com grande trabalho, e risco, industriavaõ na Fé, e depois lançavaõ o habito, e professavaõ a alguns moços nobres de melhor genio, e partes, e espalhando-os depois pelas Provincias de Italia, e França, em que se cultivassem nas letras, e regular observancia, os capacitavaõ; para voltarem Missionarios de sua Patria. Que este motivo o trazia a Portugal (como a centro da piedade, e da Religiaõ) para alcançar a licença de levantar hum Collegio, em que esses Religiosos Irlandezes achassem doutrina, e gasalhado. Que no tempo calamitoso de Castella naõ arribara a sua pertençaõ mais, que a conseguir hum Hospicio, em que havia trinta annos, que se padeciaõ descommodos*

na eſtreiteza das Caſas, pouco retiradas do trafego do Povo para a continuaçaõ dos ſeus eſtudos, e exercicios religioſos. Razoens todas propoſtas, e ordenadas pelo Meſtre Fr. Domingos, talento, que avultava muito, aſſim nas eſtimaçoens da Rainha, como de toda a nobreza, porque eraõ nelle iguaes a refórma, o juizo, as letras, e as noticias.

Mandou a Rainha paſſar a licença, para que ſe podeſſe fundar Collegio em qualquer ſitio da Corte, que podeſſe ter até cincoenta Religioſos, e de renda até cinco mil cruzados; e como neſta Senhora eraõ nativos o zelo, e a grandeza, dotou logo de rendas perpetuas o Collegio, e offereceo o preço, porque ſe compraſſe o ſitio. Achou-ſe eſte em hum pedaço de campo livre, e direito, que corre entre o Remolares, e o Corpo Santo. Aqui ſe levantou o Collegio, com a frontaria, e porta da Igreja no terceiro da Corte Real. He a Caſa na Architectura de pouca fabrica, antes de quem fundava Aula, que vivenda; ou antes de quem lavrava Armazem para prover os Soldados de Chriſto, que Palacio para os recolher com deſcanço, e regalo.

Achado o ſitio, e comprado, naõ ſem grandes difficuldades, que depois creſceraõ em embargos de partes intereſſadas nelle, mas deſarmado tudo com ſuavidade da Provincia, que favorecia taõ ſanta obra, ſe decretou o dia para ſe lançar a primeira pedra (que foy em hum Domingo 4 de Mayo de 1659.) Liaõ-ſe nella gravadas eſtas letras:

A Sacra Real Mageſtade da Rainha de Portugal Dona Luiza de Guſmaõ, fundou eſte Moſteiro para os Religioſos Irlandezes de S. Domingos, dedicado a noſſa Senhora do Roſario, e ao Patriarcha S. Domingos, em 4 de Mayo de 1659.

Fez a ceremonia o Biſpo de Targa, e eleito de Lamego D. Franciſco de Sottomayor; aſſiſtiraõ os Inquiſidores, Miniſtros de Tribunaes, Prelados, e peſſoas mais notaveis; a Communidade de S. Domingos de Liſboa, muſica da Capella Real, Sermaõ do Meſtre Fr. Fernando Sueiro, Prégador delRey. Concorrèo toda a nobreza da Corte, muito Povo, alvoroçados todos de verem melhorar de hoſpedagem os Religioſos; aſſim os tinha ſeu procedimento, ſeu preſtimo, e ſuas letras, bemquiſtos. Vinhaõ já os Religioſos em fórma de Collegio. Continuaraõ-ſe com calor os eſtudos, e naõ menos, nas vagantes delles, os exercicios do Coro, e Confeſſionario. Aſſim ſe começaraõ a criar aquelles deſtemidos eſpiritos, deſtinados a ir arvorar os Eſtandartes da Fé nas Campanhas da hereſia. Aſſim começou eſte Seminario de letras, e virtude a povoar o Reyno de Ir-

Irlanda de zeloſos Miſſionarios, conhecendo-ſe grande fruto na ſeara Evangelica, regada com o ſangue de muitos, de que daremos breve noticia, naõ reduzindo a numero os que conſumiraõ a vida no exercicio Apoſtolico da doutrina, adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e conſolaçaõ de Catholicos affligidos, e deſamparados.

Foraõ os Martyres, e os Meſtres, que eſte Collegio tem dado ao Ceo, e a Irlanda, vinte e nove; de alguns ſe ſabe alguma ſingularidade. Deſtes foy o primeiro o Padre Fr. Arturo Geochogan, que no anno de 1631 paſſando do Hoſpicio de Lisboa a Irlanda, foy prezo por hum teſtemunho, maquinado pelos hereges. Sentencearaõ-no á morte de garrote, e meyo vivo lhe tiraraõ o coraçaõ, e entranhas, que lançadas no lume por hum blasfemo, lhe tremeo, e ſe lhe deſconjuntou o braço, com que o tinha feito, e dando-lhe huma cruel dor nas entranhas, perdeo a vida em poucas horas. Lançadas no fogo as entranhas, deſpediraõ de ſi taõ activa, e ſuave fragrancia, que admirados os meſmos hereges, foraõ as primeiras teſtemunhas della; prodigios, que obrigaraõ a ElRey Carlos I. (com quem teſtemunharaõ traydor ao Padre Arturo) a que de novo ſe examinaſſe o delicto, e achada ſua innocencia, ſe puzeſſem editaes para publicalla. Confeſſaraõ-na tambem os Miniſtros, porque hum dos que lhe deraõ ſentença, quebrou por modo extraordinario huma perna no meſmo dia.

O P. Fr. Arturo Geochogan Martyr.

Foy o ſegundo Martyr o Padre Fr. Giraldo Dillon, de illuſtre naſcimento, e ſingulares prendas; vivera eſte Padre alguns annos no Collegio, ſendo Vigario, e paſſando a Inglaterra, e achando-ſe em Londres, acompanhou a Carlos I. quando entrou a ſubjugar os hereges. Deu-lhes batalha junto á Cidade de Eboracence, em que os Parlamentarios ficaraõ vitorioſos. Aqui foy prezo o Padre Fr. Giraldo, e conhecendo os inimigos da Fé, que era Religioſo, o meteraõ em hum carcere eſcuro, aonde negando-lhe todo o ſuſtento, acabou a vida ás vagaroſas, e tyrannas mãos da falta delle.

O P. Fr. Giraldo Dillon Martyr.

Com mais violento martyrio coroou a ſua o Padre Preſentado Fr. Lourenço Ofarail, de igual nobreza; fora Reytor do Collegio, de donde paſſou á ſua Patria, Irlanda, e occupado pelo Nuncio Apoſtolico della, (Joaõ Bautiſta Renumecino, Arcebiſpo, e Principe de Fermo) deraõ com elle de improviſo os hereges, e achando-lhe algumas cartas, tocantes a importancias de Fé, foy ſentenceado á morte, e cuberto primeiro de violentos golpes, de duros, e groſſos baſtoens, e quaſi ſem vida, atado a hum maſto, o fizeraõ alvo de muita moſquetaria. E porque o Ceo lhe dilatava ainda a vida, para lhe accreſcentar a coroa, o atraveſſaraõ com huma eſpada, e paſſou a recebella.

O P. Fr. Lourenço Ofarail Martyr.

Soube-a tambem merecer o Padre Meſtre Fr. Thadeo, por geraçaõ illuſtre, mas ainda mais pela grande reputaçaõ em letras, e virtude. Eſte Padre, depois de viver alguns annos no Collegio, paſſou a Irlanda, em que foy Prior do Convento

O M. Fr. Thadeo, Martyr.

Tra-

Traliense, na Provincia de Momonia, em que se estendeo a fama de seu grande zelo em conservar, e augmentar a Fé. Convidou esta voz a diligencia, e odio dos hereges. Prenderaõno com industria, e chamado a Tribunal, e perguntado pelos Juizes, porque quebrara as ordens do Parlamento, que mandara sahir do Reyno a todos os Ecclesiasticos? Respondeo com liberdade, e inteireza Apostolica: *Porque tenho mais obrigaçaõ de obedecer a Deos, e a quem na terra tem as suas vezes, que me ordenou, que naõ desistisse do meu ministerio, que naõ a mandado de algum homem.* Com esta confissaõ o sentencearaõ á morte; nova, que elle ouvio com alvoroço, repartindo em alviçaras com quem lha deu, e com os algozes, o que lhe tinhaõ dado de esmola para suas necessidades. Foy condemnado a garrote, e suspendendo-se ao pé da força com inflexivel animo, e coraçaõ, naõ só destemido, mas inflammado em superior fogo, fez hum largo Sermaõ em louvor da Religiaõ Catholica, porque dava a vida. Ponderou a brevidade della, propondo a formidavel incerteza da sua ultima hora, (e como outro André engrandecendo a Cruz, que foy seu patibulo) louvou, e engrandeceo o martyrio, e segurança do caminho, com que delle se passava ao immortal triunfo. Assim acabou constantemente a vida, deixando admirado o innumeravel Povo, que correo ao espectaculo, especialmente aos circumstantes, e algozes, vendo que se lhe trocava, e vestia o rosto (de seco, e macilento do rigor do carcere) em huma nova gentileza, que parecia mais que humana. Foy seu martyrio em Outubro de 1653.

Cum Æ-geas Crucis extollentem mysteria, diutius ferre non posset, in Crucem tolli, & Christi mortem imitari jussit. Ex festo S. Andre Ap.

Mas tenha esta Provincia a gloria de dar ás bandeiras de Christo naquelle Reyno hum Soldado, naõ só criado, mas filho della, porque o foy de habito do Convento de Bemfica. Foy este o Padre Fr. Mileno Matrah, que na profissaõ, e Provincia de Portugal se chamou Fr. Miguel do Rosario. Estudou em S. Domingos de Lisboa. Passou logo para o seu Collegio, e depois de alguns annos, para Irlanda, assim inflammado no zelo do exercicio Apostolico, que sabendo, que faltava Ministro delle na Cidade de Cluonmilia, dominada dos hereges, entrou nella desconhecido, consolando os Catholicos, e ministrando os Sacramentos, occupaçaõ, em que apanhado pelos inimigos da Fé, foy logo levado ao afrontoso patibulo da força, e fazendo primeiro ao pé della huma pratica, (em que protestou, que o naõ trouxera áquella Cidade, mais que a obrigaçaõ de Missionario, sem entrar em importancias de governo) acabou a vida para merecer a eterna.

O P. Fr. Mileno Matrah Martyr.

Buscou-a pelo mesmo difficil caminho o Padre Fr. Ambrosio Ochail, que depois de gastar alguns annos no Collegio, se embarcou, e passou a Irlanda, em tempo, em que a guerra dos hereges contra os Catholicos andava mais acceza. Acompanhou o campo Catholico, ministrando os Sacramentos, e frequentando praticas aos Soldados: e sendo cativo em huma escaramuça, que houve junto á Cidade de Correagia, dando os hereges quartel aos mais pre-

O P. Fr. Ambrosio Ochail Martyr.

zos, ſabendo, que elle era Religioſo, o fizeraõ logo em pedaços, que eſpalharaõ pelo campo, para ſuſtento dos corvos. Crueldade (de que pela boca de David ſe queixava a Igreja) uſada com ſeus benemeritos, e fideliſſimos filhos; e gloria grande deſte, que o mereceo ſer com ſemelhante morte.

A eſtes Martyres ás mãos da crueldade, podemos ajuntar dous, que o foraõ ás executivas da peſte, expondo-ſe aos ſeus golpes, por acodir, e remediar os Catholicos, que em Irlanda pereciaõ feridos della. Foraõ eſtes os Padres Fr. Miguel Claro, e Fr. Gerardo Bagote, ambos Collegiaes deſte Collegio. Mas coroemos as noticias delle com as de ſeu Fundador, o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, benemerito deſta memoria, naõ ſó para credito deſta Caſa, mas porque o foy da Religiaõ com ſua vida.

Os Padres Fr Miguel Claro, e Fr. Gerardo Bagote.

Naſceo o Meſtre Fr. Domingos do Roſario na Provincia de Mamonia, em Irlanda, em hum lugar, chamado Quilſarcon, no Condado de Quieris. Foraõ ſeus pays illuſtres, tanto no ſangue, como na piedade, e pareceo o filho, aſſim como premio deſta, gloria daquelle. Criado na doutrina Chriſtãa, e moſtrando ſingular indole para os eſtudos, paſſou a Heſpanha, aonde conhecida ſua calidade, e talento, recebeo o habito de S. Domingos na Cidade de Lugo. Profeſſou; e ſervindo de edificaçaõ aos Religioſos, paſſou a eſtudar em S. Paulo de Burgos, ſahindo hum grande Theologo, e (continuando nos exercicios religioſos) hum exemplar do ſeu eſtado. Leo as Cadeiras de Filoſofia, e Theologia, e paſſando a Irlanda, foy mandado pelo Provincial daquella Provincia, por Lente do Collegio de Lovaina, aonde aſſiſtio alguns annos, até que o meſmo Provincial o mandou á Corte de Madrid com requerimento juſto, (como depois bem deſpachado) ſobre importancias daquelle Collegio.

Da Corte de Madrid paſſou a Portugal, á de Lisboa, a pertender a fundaçaõ de hum Collegio, que conſegnio, como já vimos, atropelando contrariedades, e alcançando licenças aſſim da Rainha Regente, como do Colleitor, e Arcebiſpo, a que todos era muy aceito. Fez aceitar o Collegio pela ordem no anno de 1644 no Capitulo celebrado em Roma, em que ſahio eleito em Meſtre Geral o Reverendiſſimo Fr. Thomaz Turco, e neſte Capitulo lhe deraõ a Patente de Meſtre em Theologia. De Lisboa voltou a Madrid, em pertençaõ da licença para a fundaçaõ do Moſteiro do Bom Succeſſo, como adiante veremos.

Eraõ iguaes nelle as letras, e a virtude, como a liberdade Apoſtolica, com que ſabia fallar as verdades aos Principes; qualidades, que o puzeraõ em grande reputaçaõ com os Monarcas Portuguezes. A Rainha Dona Luiza o fez ſeu Confeſſor; ElRey Dom Joaõ o IV. o mandou a França com duas enviaturas; concluio com felicidade a importancia dellas, ganhando com os Reys Chriſtianiſſimos agrado, eſtimaçaõ, e ſingulares honras. No meyo do commum applauſo, e deſtas demonſtraçoens, com que o authori-

rizava o Mundo, o achavaõ ſepultado no centro da humildade. Eſcutava-ſe no ſingelo de ſua pratica, via-ſe no trato de ſua peſſoa, porque em quaſi todas ſuas peregrinaçoens, e jornadas, o viaõ caminhar a pé, valendo-ſe de hum bordaõ para o cançaço, e de pedir pelas portas para o ſuſtento. Toda ſua ancia era o augmento da Fé, e da veneraçaõ, e culto de Deos. Tinha ſingular modo para reduzir, e affeiçoar a ella; zelo, que o fez Conſultor do Santo Officio, (occupaçaõ rara naquelle tempo) para que o chamou o Inquiſidor Geral D. Antonio de Sottomayor.

Obſervante das Conſtituiçoens, nunca comeo carne, ſempre veſtio lãa. Frequentava a oraçaõ, continuava os jejuns, ajudados de rigoroſa diſciplina. Servia-lhe de cama o pavimento da Igreja, ou na cella o duro de alguma taboa. Eſcuſouſe com iſençaõ Apoſtolica ao titulo de Biſpo de Tangere, com aſſiſtencia, e rendas na Corte. Regeitou a Mitra de Primaz da India, que huma couſa, e outra lhe offerecia ElRey D. Joaõ o IV. até que falecido ElRey, houve de aceitar o Biſpado de Coimbra, para acodir ás duas fundaçoens, de que tinha o governo, e neceſſitavaõ de ſoccorro, mais que para utilidade ſua, porque ſe via reduzido a eſtado por annos, e doença, que ſem duvida o aceitou, por ſe ver em veſperas de o deixar. Succedeo aſſim; porque ſó oito mezes contou mais de vida, antes de purgatorio, com rigoroſo achaque, que lha tirou, mas taõ confórme com elle, que ſe conjecturou a melhor, que mereceo. Acabou em trinta de Junho de 1662, deixando a todos geralmente ſentidos, aos ſeus deſamparados, e ſaudoſos. Seu corpo foy ſepultado com pompa, e concurſo popular, e demonſtraçoens de veneraçaõ, merecida de ſua vida, e exercicios della. Cobre-lhe em ſeu meſmo Collegio a ſepultura huma grande pedra com eſtas letras:

Hic jacet Venerabilis Pater Magiſter Frater Dominicus de Roſario Hybernus, hujus, & Conventus Monialium Boni Succeſſus Fundator. In variis Regum legationibus felix. Epiſcopus Conimbricenſis electus, vir prudentia, literis, & Religione Conſpicuus.

Obiit trigeſimo Junii. Anno Domini 1662. ætatis ſuæ ſexageſimo ſeptimo.

Eſte foy o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, Varaõ deſejado de muitos ſeculos, Irlandez por naſcimento, e Patria, Portuguez por amor, e aſſiſtencia, a quem a Religiaõ dos Prégadores deveo a fundaçaõ fructuoſa de duas Caſas, Seminario de Martyres, e Virgens; ou Hoſpicios, em que os generoſos eſpi-

piritos de huns, e outros naõ descançaraõ, mas fe detiveraõ a merecer os eternos focegos da Patria, a que paffaraõ pelo eftreito caminho do martyrio, e da penitencia. Já vimos a fundaçaõ do Collegio de noffa Senhora do Rofario, vejamos agora a do Mofteiro de noffa Senhora do Bom Succeffo.

CAPITULO XVIII.

Fundaçaõ do Mofteiro do Bom Succeffo. Entra o Meftre Fr. Domingos em penfamentos da nova fundaçaõ. Abrefe-lhe prodigiofamente caminho para ella. Sobrecrefcem embaraços; mayor o da licença delRey. Vencem-fe todos.

FEriaõ continuamente nos ouvidos do Meftre Fr. Domingos os brados (de que naõ eftava longe fua compaixaõ) da Chriftandade de Irlanda, que gemia defamparada debaixo do flagello da herefia. Affim dominava, e affligia efta cinco dilatadas Provincias, que antigamente foraõ Reynos, em que florecia a Fé, que agora fe via pizada dos apoftatas facrilegos, que lhe arrancavaõ tyrannamente dos peitos os miferaveis filhos. Já para os mais retiros, que efcapavaõ da perfeguiçaõ, lhe negoceara o Meftre Fr. Domingos hum Sagrado, fundando-lhes o Collegio. Reftava-lhe agora mayor cuidado no defamparo, e afflicçaõ das donzellas daquelle Reyno, (do mais efcolhido da nobreza delle) cada dia orfãas, perdendo os pays, a que a aftucia, e pravidade heretica, impondo falfamente o labeo de traydores, tiravaõ as vidas, faboreado o fim de extinguir a Fé, com o de lhes roubarem as fazendas; e paffando muitas vezes, e vencendo a crueldade a ambiçaõ, naõ fe fartando com fazendas, e vidas, exercitava nos corpos dos miferaveis as carniçarias do rancor, e do odio. A huns abriaõ, e arrancando-lhe as entranhas, lhe lançavaõ os palpitantes corações em ardentes fogueiras; outros deixavaõ pendurados em infames patibulos; outros faziaõ em quartos, repartindo-os pelos lugares publicos, para medonho avifo, e ameaço dos Catholicos. Eftes eraõ os efpectaculos, que continuamente fe offereciaõ aos olhos das defamparadas filhas, baftantes a atemorizar mayores conftancias, que as que promettiaõ fexo fragil, poucos annos, e effes mimofos, e delicados.

Nefte perigo urgente de abraçarem a herefia, por fugir á perfeguiçaõ, de terem difficultofo, e quafi impoffivel recurfo aos Miniftros da Fé, em poder de parentes hereges, e com os fios da efpada, pofta a cada inftante na garganta, confiderava o bom Padre as donzellas illuftres de fua Patria, e entrou comfigo em huma empreza, que entendeo lhe cuftaria menos, que efta agonia. Intentou lavrar huma Cafa, que foffe Sagrado para aquellas perfeguidas, fem mais confelho em taõ grande obra, que levantar os olhos á Divina Providencia. Affim encomendou o negocio a Deos; mas crefciaõ os embaraços, quanto mais fe meditava a refoluçaõ. Era o primeiro as poucas, ou nenhumas poffes, e a grandeza do que fe emprendia. Naõ

fe

se achar sitio na Cidade, Casa, ou Quinta nas visinhanças della, de que podesse lançar maõ a diligencia. Mas o que supera-va todas, era o conseguir licença para a fundaçaõ nova, (e mais para Estrangeiros) em tempo, e em materia, em que os naturaes, e os mais poderosos escutavaõ cada dia desenganos. Mas o Ceo, que lhe aconselhara a resoluçaõ, lhe foy dando luz para entrar nella. Devia o Mestre Fr. Domingos grandes demonstraçoens de liberalidade caritativa a Dona Catharina Telles de Menezes, Senhora de Barbacena, (que já tinha desempenhado sua generosidade piedosa na fundaçaõ do Collegio) communicou-lhe agora os seus novos intentos, e a grande força dos seus motivos, que approvados de Dona Catharina, lhe prometteo quatro mil cruzados para a compra do sitio do Mosteiro.

Com este primeiro arrimo começou o Padre a caminhar mais alentado nas suas esperanças, logo mais favorecidas de Dona Marianna de Mello, (donzella illustre, discipula de seu espirito, e exemplo) filha mais velha de trez, que teve Ruy de Mello de Sampayo, Fidalgo bem conhecido por sua nobreza, e pessoa. Communicou o Padre a sua empreza a Dona Marianna, que ouvindo-a com alvoroço, (por mais que o Padre queria meter tempo em meyo) lhe prometteo logo, que seria a primeira; que entrasse na santa Clausura, melhorando de esposo, e fogindo ao que seu pay lhe propunha, porque naõ tendo filho, entrava em cuidados de fazer nella casa. Com os mesmos intentos de se recolher a huma Recoleta Franciscana, se achava sua irmãa Dona Luiza de Mello, que convidada agora por ella, para a acompanhar na fundaçaõ nova, (pratica, que o Padre movera, presentes ambas) se escusou logo com a vida, que em seu pensamento escolhera. Acodio o Padre (como se fallara illustrado,) e disse-lhe: *Que o por-se nas mãos de Deos, era o mais seguro, porque só nelle se achavaõ verdadeira luz, e caminho.* Fello assim Dona Luiza, e estando huma noite em oraçaõ, (exercicio em que se criara) reparando em si mesma, se vio vestida em hum habito Dominico. O parecer-lhe illusaõ, lhe accrescentou o reparo, e seguir-se a este o desengano de que era assim o que estava vendo. Naõ se fiava ella de hum claro juizo, de que o Ceo a dotara, e propoz o caso ao Mestre Fr. Domingos, e a alguns Theologos Dominicos, e da Companhia, que reconhecendo a pureza de sua vida, e exercicios della, assentaraõ, que reconhecesse aquella representaçaõ por conselho, e aviso do Ceo.

Achavaõ-se já neste tempo estas duas irmãas (em companhia de outra) em Santos, nobre Mosteiro das Commendadeiras da Ordem de Santiago, no caminho de Xabregas, pouco distante de Lisboa, Casa, a que se tinhaõ recolhido por morte de seu pay Ruy de Mello. Alli grangearaõ nova povoadora para a fundaçaõ futura, em que ambas tinhaõ feito voto de sepultar a vida. Foy a nova convidada, Dona Magdalena da Sylva (filha de D. Manoel de Me-

Menezes, taõ illuſtre, como o diz o ſeu appellido) por mais que ao principio moſtrou alguma repugnancia; taõ myſteriosamente vencida, que tomando o Padre por director de ſua alma, foy a cooperadora de mais importancia, que teve eſta empreza. Aſſim ſe achava já o Padre com quatro Freiras em promeſſa, porque a terceira filha de Ruy de Mello (que eſtava com as irmãas na meſma Caſa de Santos, e ſe chamava Dona Angelica de Mello) abraçara a meſma reſoluçaõ, e com o meſmo goſto. Todas eraõ illuſtres por naſcimento, ſingulares por prendas da natureza, e com algum cabedal, o mayor de virtudes. Mas fazendo o Padre grandes diligencias em deſcobrir, e eleger ſitio taõ infrutuoſas, que de algum modo afrouxava a reſoluçaõ das que procuravaõ eſte genio de vida; cuidado, que trazia ao Padre taõ afflicto, como o que entendia o poder, que tinha o tempo para esfriar vontades, e enfraquecer reſoluçoens grandes, porque nas ſuſpençoens ſe lhe diviſavaõ melhor as difficuldades. Mas acodio-lhe o Ceo, facilitando-lhe eſta: porque tendo Dona Magdalena noticia, muito acaſo, de que a Condeſſa da Atalaya tinha deſejo de conſagrar a Deos, para Caſa ſua, huma Quinta, e muita fazenda, de que era ſenhora, entrou em praticas com ella, tendo por medianeira a Condeſſa de Sabugal Dona Luiza Coutinho, mulher do Conde de Sabugal, D. Franciſco de Caſtello Branco, Meirinho mór; e ſendo o intento aſſaz difficultoſo por outras fundaçoens, em que a Condeſſa da Atalaya tinha entrado ſem effeito, ſe reduzio agora a elle com tanta felicidade, que em breves dias ſe viraõ facilitados embaraços, que o naõ promettiaõ em muitos annos, e o Meſtre Fr. Domingos de poſſe de hum tal ſitio, que antes, que achado, parecia eſcolhido.

Corria o anno de 1630, quando acompanhado do Preſentado Fr. Pedro Yannes (Religioſo da Ordem, de naçaõ Heſpanhol, e ao preſente Prelado do novo Collegio) partio deſta Corte de Lisboa para a de Madrid o Meſtre Fr. Domingos, fiado em algumas cartas de favor, e da grande entrada, que ſeu companheiro tinha com os Miniſtros de mayor ſuppoſiçaõ daquella Coroa, para que ſe facilitaſſe a licença da nova fundaçaõ; empreza, que ſó o Ceo podia aconſelhar á viſta das repulſas, com que ſemelhantes ſupplicas ſe viaõ ao preſente, ou entretidas com vagaroſas eſperanças, ou de todo deſenganadas. Mas o Meſtre Fr. Domingos, pratico nos caminhos de Deos, naõ ſuſpendia os paſſos por temer os abrolhos, entendendo, que a reſoluçaõ de os pizar, havia de merecer o valor para os vencer. Chegaraõ a Madrid, buſcaraõ os Miniſtros, propuzeraõ a ElRey Filippe IV. de Caſtella, e III. em Portugal, a ſua pertençaõ, que eſcutando-a com bom ſemblante, a mandou pôr em Conſelho, que os favoreceo com o deſpacho de lhes naõ dilatar o deſengano. Naõ eſperou mais o Padre; entendeo, que o Ceo ſe naõ ſervia de ſeu zelo; a ſeu pouco eſpirito attribuia a infelicidade do ſucceſſo. Eſcreveo logo a Lisboa,

boa, dando noticia delle a Dona Magdalena, e desobrigando-a da sua palavra; como ás mais, que se tinhaõ obrigado por ella, pois Deos assim o dispunha; e que sem duvida as melhoraria a sua Providencia. Naõ se affligiraõ as boas Senhoras com a carta; antes responderaõ ao Padre, que nada innovariaõ até o naõ verem em Lisboa; mas que lhe pediaõ, que naõ levantasse maõ da diligencia, ainda supposta a repulsa. Naõ fundavaõ menos que no Ceo a sua esperança, porque parece, que elle mesmo lha dera. Foy o caso referido depois pelo Mestre Fr. Domingos, como o que tinha tanta noticia de suas consciencias.

Antes que o Padre partisse para Madrid, naõ faltaraõ pessoas, e de mayor supposiçaõ, que o despersuadiaõ da jornada, tendo-a por infrutifera. Mas sendo sempre de contrario parecer, as constantes discipulas lhe requeriaõ da parte de Deos, que fosse, porque a duas dellas (isto lhe communicavaõ, e naõ se soube nunca dos nomes) illustrara o Senhor, dando-lhe a entender: *Que teria effeito a nova fundaçaõ: que concorreriaõ a ella muitas Religiosas, mostrando-se-lhe gloriosas Capellas, com que a Rainha do Ceo, e seu bemdito Filho havia de premiar suas esposas: que o Mestre Fr. Domingos veria a Casa em sua perfeita religiaõ, e observancia; e que, falecidas primeiro nella cinco Religiosas, acabaria a vida.* O que tudo se vio com experiencia. Mas voltando a Madrid com a reposta, e constancia das boas filhas, tornou o Padre a resuscitar a sua pertençaõ com desagrado dos Ministros, dos quaes aconselhado Fr. Pedro Yannes, (a que o Padre Mestre obedecia, como a Prelado da sua consciencia) lhe mandou, que logo desistisse da empreza, e passasse a Portugal para o lugar de Vigario do seu Collegio, que tanto necessitaria de tal Prelado. Naõ houve replica, dispunha-se a jornada, quando na vespera della entrou na Igreja do Collegio de Santo Thomaz de Madrid (em que o Padre se detinha orando) huma mulher de aspecto veneravel, e trage honesto, e chegando-se a elle, lhe perguntou se assistia ali hum Religioso Irlandez, por nome Fr. Domingos do Rosario. Ao que dando-se a conhecer o Padre, e inquirindo a causa da pergunta, disse a mulher: *Padre adverti, (já que o sabeis) que a obediencia aos pays espirituaes naõ se deve observar com detrimento do bem commum, e causa geral. Tratay do negocio, que tendes entre mãos; que he muito do serviço de Deos.* E dito isto, voltou sem dar mais reposta ao para que lhe perguntara quem era.

Assim ficou entre alvoroçado, e suspenso; porque ainda que naõ ignorava que o conselho naõ era humano, via por outra parte que se lhe cerravaõ os caminhos de obedecello. Recorreo á oraçaõ, e differio com dissimulaçaõ a jornada por alguns dias. Praticava-se a este tempo nos conselhos daquella Coroa com grande calor o intento delRey, que era levantar Terços, e escolher Cabos no Reyno de Irlanda, para subsidios da guera, que ao presente trazia com os rebeldes de Hollanda. Naõ se escondia a El-

Rey a total noticia do Meſtre Fr. Domingos, ſeu eſpirito, ſua capacidade, ſua qualidade (grandes huma, e outra) ſua Patria, e o reſpeito, que conciliaria nella. Poz logo nelle os olhos, e chamando-o a particulares conferencias, acabou de ajuizar, que para o que intentava, naõ ſe deſcobriria peſſoa de mais importancia. Eraõ de muita as promeſſas, com que ElRey o convidava: mas o bom Padre, que naõ aſpirava a outra mais, que á que alli o detinha, propoz a ſua antiga ſupplica da licença: a que ElRey deferio logo; e interpondo ſua Real palavra, deſpachou o Padre para Irlanda.

CAPITULO XIX.

Volta o Meſtre Fr. Domingos de Irlanda; alcança todas as licenças para a nova fundaçaõ. Da-ſe noticia da revelaçaõ, que ſobre ella teve huma Religioſa de virtude.

DE Madrid partio o Meſtre Fr. Domingos para Biſcaya, donde ſe embarcou, e paſſou a Irlanda, e em poucos dias á Cidade de Lembrie, Provincia de Momonia: e como levava muito papel affinado por ElRey, que fiava da ſua capacidade a eſcolha dos ſogeitos, e elle tinha noticia dos que poderiaõ deſempenhar a ſuá eſcolha, em poucos mezes ſatisfez a commiſſaõ com tanta fortuna, como depois ſe conheceo por experiencia; e praticando com as Senhoras daquelle Reyno (as mais, parentas ſuas) ſobre o intereſſe das perſeguidas, na fundaçaõ nova, lhes facilitou o caminho para que, havendo occaſiaõ, ſe retiraſſem a ella. Paſſou logo a Madrid, merecendo a graça delRey, que ſe deu por bem ſervido, (inteirados já os Miniſtros do que o Meſtre Fr. Domingos tinha obrado) mas entrando elle no requerimento da licença, aſſim diſputaraõ elles ſobre ella, que, ainda mediando a palavra Real, durou a duvida; e querendo ſatisfazer ao Padre, lhe offereceraõ huma Mitra, e os dotes para quatro ſobrinhas ſuas entrarem em Religiaõ; offertas, que elle teve em menos, porque o naõ traziaõ empenhado intereſſes proprios. Aſſim foy ſeu animo milagre naquella Corte, deſpido de cobiça, e reveſtido de conſtancia. Nada negocearaõ com elle promeſſas; mandou-lhe ElRey paſſar a licença. He a ſeguinte no noſſo idioma, lançada aqui como ſe lê no original, e como devem fazer os Chroniſtas, para authorizarem ſeus eſcritos, valendo menos a cenſura com que nos ſeus quiz certo Author condemnar ao Padre Fr. Luiz de Souſa, (com quem devia trocar em veneraçaõ a competencia) que occupava as paginas dos livros com as Proviſoens, e Alvarás, nas fundaçoens dos Conventos; ſem advertir eſte Author, que naõ era penuria de aſſumptos, nem induſtria de alargar a letra para avultar tomos, mas conhecimento de que as Proviſoens ſaõ para ſemelhantes edificios as primeiras, e para a verdade, e credito delles, as mais preciſas teſtemunhas. Diz o Alvará:

Eu

Eu ElRey faço ſaber aos que eſte Alvará virem, que, por quanto Fr. Domingos do Roſario, da Ordem de S. Domingos, Qualificador do Santo Officio da Inquiſiçaõ, Comiſſario Geral da Miſſaõ de Irlanda, me repreſentou, que he tanta a perſeguiçaõ, que padece o dito Reyno, de muitos annos a eſta parte, por razaõ de noſſa Santa Fé Catholica, ſem por iſſo haver afrouxado hum ponto nella, que em nome do dito Reyno recorria a mim Protector della, para que foſſe ſervido de aſſentar, e favorecer os Catholicos daquelle Reyno, no que houver lugar, pedindo-me que, por quanto naõ ſe lhe permitte que nelle haja Convento algum, por cuja cauſa padecem muita neceſſidade, e deſcommodidade as peſſoas nobres, que naõ tem dote, nem poſſibilidade para caſar ſuas filhas, com que ficaõ toda a vida ſem eſtado, lhe faça merce dar licença, para que na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, poſſa fundar hum Moſteiro de Freiras da meſmo Ordem de S. Domingos, pois he taõ grande ſerviço de Deos, e conſolaçaõ daquella Chriſtandade, concedendo-lhe que poſſaõ aceitar quaeſquer doaçoens, e eſmolas, que ſe lhe derem para a dita fundaçaõ. E tendo eu conſideraçaõ ao fim referido, e por outros juſtos reſpeitos, hey por bem, e me praz, conceder licença ao dito Fr. Domingos do Roſario, para fundar hum Convento de Irlandezes na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, no qual poderá haver numero de cincoenta Religioſas, e ter de renda até cinco mil cruzados, em juros, ou pelo menos, ametade, e o mais em bens de raiz. E da permiſſaõ deſta fundaçaõ ſe pagou de mea Annata ſeis ducados, e pelo que mais tocar á mea Annata, da renda, e calidade della, ſe deu fiança de pagar o que ſe dever. Pelo que mando a todos, e a quaeſquer Miniſtros, Officiaes, e peſſoas de qualquer calidade, eſtado, ou condiçaõ, que ſejaõ, a que o conhecimento deſta pertencer, que a cumpraõ, e guardem, e façaõ cumprir, e guardar, como nella ſe contém, ſem embargo de quaeſquer leys, que em contrario haja, que todas por eſta vez hey por expreſſas, e derogadas, ainda que ſejaõ da calidade, que dellas ſe deva fazer expreſſa mençaõ; e valerá, poſto que ſeu effeito haja

de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçaõ do livro segundo, titulo 40. Martim de Figueirédo Sarmento a fez em Madrid, aos 21 dias do mez de Março de 1639 annos. Diogo Soares a fez escrever.

REY.

Aqui começaraõ a trocar-se as esperanças do Mestre Fr. Domingos em alvoroços, em que repetia ao Senhor muitas graças, de lhe acabar de desembaraçar aquella venturosa estrada, porque queria conduzir suas esposas ao thalamo da eterna felicidade. Tambem o foy para elle o achar a este tempo na Corte de Madrid ao Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, Provincial entaõ da Provincia de Portugal, que, como muito familiar do Mestre Fr. Domingos, festejou a licença conseguida, e deu a sua, para haver a nova fundaçaõ na Provincia. E porque nesta licença se exprime a estreiteza, e regular observancia, com que se fundou esta Recoleta, a lançamos aqui para mayor clareza da Historia. Diz assim a licença:

Nós o Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, Prégador de Sua Magestade, do seu Conselho, e do Geral da Inquisiçaõ, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores, nos Reynos de Portugal, por quanto o Padre Fr. Domingos do Rosario, Irlandez de naçaõ, e Religioso da dita nossa Ordem, nos representou os grandes trabalhos, que de annos a esta parte padece o Reyno de Irlanda, com continuas perseguiçoens dos hereges, sem poder fundar Casa alguma, ou Mosteiro, aonde em Communidade possaõ viver as pessoas devotas, que se querem dedicar, e consagrar ao serviço de Deos nosso Senhor; no que passaõ grandes incommodidades, particularmente as Senhoras, e mulheres nobres, que ou por inspiraçaõ de Deos, ou por naõ poderem casar conforme sua calidade, ficaõ toda a vida sem estado nenhum, naõ sem perigo da offensa de Deos; e do credito de sua nobreza. E por quanto outro si, o dito Padre Fr. Domingos do Rosario tem achado pessoas nobres, e pias de nossos Reynos, que com liberalidade, e caridade Christãa, offerecem, e daõ suas fazendas para se fazer hum Mosteiro de Freiras recoletas, e muy observantes, para recolhimento das mulheres illustres da dita naçaõ Irlandeza; desejosos nós de favorecer

taõ

taõ pios intentos, dando todo o favor, que neſta parte podemos, pela preſente: Damos licença ao dito Padre Preſentado Fr. Domingos do Roſario, para fundar hum Moſteiro de noſſa Sagrada Religiaõ na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, e deſtricto; aonde achar ſitio accommodado para a dita fundaçaõ, com as condiçoens ſeguintes. Primeiramente, que o dito Moſteiro ſeja ſempre recoleto, e muito pontual na obſervancia de noſſas leys, e Sagradas Conſtituiçoens; que nenhuma Religioſa de qualquer calidade, que ſeja, poſſa ter algum tempo depoſito, nem fazenda alguma, mais do que lhe der a Communidade, e que muito menos poſſa ter rendas, nem couſa annual. Segunda, que nunca poderáõ comer carne, nem trazer pano de linho, ſenaõ em enfermidades graves. Que tenhaõ ſempre Coro, donde em Communidade ſe diraõ todas as Horas do Officio Divino, e o Roſario da Virgem. Que naõ poſſaõ ter locutorios, nem grades abertas para fallar a peſſoa alguma, ſalvo a parentes muito chegados, dentro no terceiro grao, ou alguma vez, ou por algum fim de grande importancia, de caridade, ou de ſerviço de Deos, e com expreſſa licença dos Prelados, e da Prioreza, para as quaes couſas acima referidas, e juntamente, para de novo eſtabelecer quaeſquer Eſtatutos, e Leys conducentes á dita obſervancia regular, damos, e concedemos ao dito Padre Preſentado Fr. Domingos do Roſario toda noſſa authoridade, e plenaria faculdade; e outro ſi lhe damos poder para obrigar as Religioſas, que no dito Moſteiro ſub qualquer proteſto viverem, com preceitos, e cenſuras, a guardar tudo acima referido. E para alcançar quaeſquer doaçoens, ou eſmolas de bens moveis, ou de raiz, e para fazer obras, e comprar ſitio, e caſas para a tal fundaçaõ, e em geral para celebrar quaeſquer eſcrituras, contratos, e concertos pertencentes de qualquer maneira ao dito Moſteiro, com todas as mais faculdades no eſpiritual, e temporal, que para ſeu bom governo forem neceſſarias. Dada em Madrid, a 15 de Junho de 1639.

Fr. Joaõ de Vaſconcellos,
Prior Provincial.

Com

Com estes despachos voltou o Mestre Fr. Domingos para Portugal, favorecido em tudo do Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, como se vê no copioso da licença, que lhe passava como Commissario, que era com todas as vezes do Reverendissimo, (e constituido por elle) do Collegio, e Mosteiro futuro de Religiosas, e Religiosos Irlandezes. Foy o Mestre Fr. Domingos bem recebido da Condessa da Atalaya, e das Religiosas em promessa, as trez filhas de Ruy de Mello, e Dona Magdalena da Sylva, que havia seis annos, que sustentavaõ os santos propositos na esperança já venturosa com a visinhança da coroa. Era pelos annos de 1639 quando entrou o Padre em pensamentos, e diligencias de Religiosas Fundadoras. Desejava, que viessem do Mosteiro do Sacramento, Oraculo da virtude, e observancia, como de outros Mosteiros, escolha de seu espirito, e experiencia; mas escusando-se estas com encolhimento religioso, houve de accommodar se com duas de outra Casa, ainda que com a mesma sufficiencia. Vieraõ de S. Joaõ de Setuval, por ordem do Provincial, o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus. As mais esperavaõ o dia da entrada, e determinava o Mestre Fr. Domingos, que as acompanhasse nella huma irmãa do Marquez de Montalvaõ, chamada Sor Francisca da Cruz, Religiosa no Mosteiro da Annunciada de Lisboa, pessoa de grande opiniaõ, com quem o Padre tinha assentado a entrada; e alcançada a licença para a mudança, lhe fazia agora aviso do dia. Mas oppozse a Prelada, e o Confessor da Casa; (que sabiaõ avaliar o thesouro, que esta guardava em Sor Francisca) desenganos, e embaraço, que ella sentio, e com que respondeo ao Mestre Fr. Domingos, dando-lhe noticia de huma visaõ, que tivera, (sobre o Orago da Casa, e nome, que se acabava de pôr á fundaçaõ nova) de que o mesmo Padre, como director de sua consciencia, tivera já noticia; mas pedia-lha agora, e de sua mesma letra, para mostrar a razaõ de se resolver no titulo da Casa, para ficar no Cartorio della, aonde hoje se lê, e diz o seguinte:

Por obedecer a Vossa Paternidade faço este apontamento; que os trabalhos, em que Deos me tem posto, saõ taõ grandes por meus peccados, que naõ atino a nada, e isto fora melhor praticado, que apontado. Estando huma noite no Coro, vi na Igreja duas pessoas irem da grade do Coro debaixo, passeando até á Capella mór, e de lá tornaraõ para a mesma grade; ambas estas pessoas hiaõ com o mesmo trage, e toucado, com huns Sceptros de prata, muitos fermosos, nas mãos, que eu cuidava, que eraõ espadas, porque tinhaõ muito fermosos cabos; e a huma des-

destas pessoas naõ pude ver o rosto, á outra enxerguey todas as feiçoens, e estava toucada com huma toalha branca desaffastada do rosto, e a coroa emcima da cabeça; e como naõ era destas coroas costumadas, cuidava eu, que era toucado; isto era de noite, e a Igreja estava taõ clara, como se fora de dia; pareceme ser isto sonho, porque eu estava afastada da grade, e via o que hia na Igreja, muy clara, e distinctamente, como se estivera acordada, ficoume isto taõ impresso na imaginaçaõ, que me deu muito em que cuidar. Isto foy quando prenderaõ o Colleitor; pareceme a mim, que significava isto fortaleza na Igreja de Deos. Dahi a poucos dias me veyo V. P. dizer se queria ir para esse Mosteiro, que dentro em trez dias fosse; tomey eu entaõ isto, que vi por esta ida, porque me lembrou, que quando se fundou o Mosteiro do Sacramento, me escreveo o P. Fr. Joaõ de Portugal, que lhe havia de dar hum fim, e que ainda que depois chovessem espadas nuas sobre mim, naõ havia de desistir; eu como cuidava, que estes Sceptros eraõ espadas, pareceme, que me declarava nosso Senhor a firmeza, que eu havia de ter em ir; dey logo conta disto aos parentes, com grande determinaçaõ de naõ desistir disto, foy tanta a desconsolaçaõ de meus parentes, que mo estrovavaõ por todas as vias, que poderaõ, e a Prelada, e o Confessor todos se pozeraõ da parte dos parentes; andava eu com isto muy desconsolada, e afflicta, e sabia huma Freira, que eu andava assim, foy-se hum dia, estando eu no Coro com bem de lagrimas, e levoume hum resisto, e disse: Naõ se desconsole, que aqui lhe trago N. Senhora do Bom Successo; encommendese muito a ella; eu em lhe pondo os olhos, vi que era aquella pessoa, que eu tinha visto na Igreja. Fiquey toda traspassada, e como embaraçada, e muito confiada em esta Senhora me levar para esse Mosteiro, e ainda hoje naõ perco as esperanças de me fazer esta mercê, porque estou com muita fé nesta Senhora. Este retabolo dey a meu irmaõ, para levar comsigo ao Brasil, pela grande fé, que tenho nesta Senhora; dahi a muitos dias soube que esse Mosteiro se chamava de N. Senhora do Bom Successo, com que fiquey ainda com mayores desejos de a ir servir nessa santa Casa.
Naõ diz mais o papel.

Che-

Chegou este ás mãos do Mestre Fr. Domingos, depois da entrada das Religiosas, e elle o pedio para mostrar a todas o como aquella Senhora buscava povoadoras para a sua Casa, e como o titulo do Bom Successo, que tinhaõ nella, parecia mais que escolha humana. Naõ se deve dar credito ligeiramente a revelaçoens, menos os homens doutos, e timoratos; mas tambem naõ devem estes desconhecer, que póde Deos escolher as consciencias puras para interpretes da sua vontade: e como declarar Orago a huma Casa, he devoçaõ, e escolha pia, quiz o Mestre Fr. Domingos, que esta Casa tivesse o titulo do Bom Successo, attendendo ao que a Sor Francisca tinha ouvido.

Tambem ao ser a Casa Dominica (cousa bem remota das tençoens da Fundadora) precedeo huma piedosa circumstancia, que aqui apontamos pelo testemunho della, naõ lhe concedendo mais reparo, que o que se deve a hum sonho, succedido em tempo, e tendo depois effeito, que o fez parecer mysterioso. Foy o caso, que embargando-se á Condessa da Atalaya a casa de Enfermaria, que na sua Quinta tinha fundado aos Padres Arrabidos, sonhou huma noite, que via entrar na Ermida cinco mulheres vestidas de branco, e que concertando o Altar della, lhe accendiaõ as vélas, e desappareciaõ, deixando-as accezas. Acordou com a apprehensaõ do risco, que podia ter o lume, sem quem o apagasse; mas vendo, que era sonho, o deixou esquecido, vindo depois de muitos tempos a fazer nelle reparo, vendo a Casa Dominica; o que menos imaginara. Catholicas experiencias temos das muitas vezes, que escolhe o Ceo os sonhos, ou para importantes avisos, ou para venturosos annuncios. De casa temos exemplo no que sonhou Honorio III. que nosso Patriarca sustentava em seus hombros a Igreja. Levantouse a de Santa Maria Mayor em Roma, sendo hum sonho, o que lhe deu o nome, e lhe demarcou o sitio. Com esta razaõ naõ quizemos deixar sem reparo, o que precedeo á fundaçaõ do Bom Successo.

In festo B. Mariæ ad Nives die V. Aug.

CAPITULO XX.

Entraõ as Religiosas em Clausura, da-se conta da observancia, que se começou a guardar nella. Lança-se a primeira pedra na Igreja nova.

DEterminou-se a entrada em 12 de Novembro do mesmo anno de 1639. Estava a Quinta, em que havia de principiar a Clausura, reduzida pela Condessa a hum Recolhimento com sua Ermida, e mais commodos, ainda que estreitos, e acanhados, como destinados a Communidade pequena. Tinha ficado naquella fórma por algumas fundaçoens, que intentara a Condessa. Fora a primeira, hum Convento de Santa Paula, para que conduzio de Madrid algumas pessoas de grande calidade, com dispendio grande, tudo diligencia baldada, porque a fundaçaõ naõ teve effeito por falta de licença. Succedeo o mesmo a varias Religioens, que pertendiaõ a Condessa Bemfeitora, ou Padroeira em suas Casas,

fas, ou em fundaçoens novas, como foraõ os Padres Jeronymos, os Trinos, os Gracianos, e os Terceiros, a que seguiaõ as Religiosas de Santa Monica, do Calvario, e de Santa Anna, a que naõ deferio a Condessa, resolvendo-se a fazer huma Enfermaria para os Padres Arrabidos; e estando já tudo com a ultima maõ, foy embargado por ordem de D. Antonio de Ataide, Conde de Castro de Ayro, entaõ hum dos Governadores deste Reyno.

Neste tempo, precedendo aquella representaçaõ, que teve a mesma Condessa na Ermida da mesma Quinta, se encontrou com Dona Magdalena da Sylva, praticou com o Mestre Fr. Domingos, e trataraõ a fundaçaõ, e o mais que fica relatado; naõ carecendo de mysterio, que tivessem tantas fundaçoens embaraços, para cederem, e se coroarem todos, vindo a prevalecer esta da Ordem de S Domingos; demonstraçaõ da singular Providencia, com que naõ só o Ceo escolhia esta Casa para Palacio da sua Rainha, mas o mesmo Christo, para hospedagem das Peregrinas, que com a candida gala Dominica vinhaõ celebrar com elle venturosas vodas.

Chegou finalmente o dia da entrada, e recolhidas na Clausura as duas Fundadoras, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus, a que acompanhou (entrando com ellas, e seguida de algumas Senhoras) a Duqueza de Mantua, que governava esta Coroa por Castella, se celebrou na Ermida com toda a solemnidade, e pompa, a Missa com a musica da Capella, e Sermaõ de hum dos dous Oraculos, que mereceo aquelle seculo, o Mestre Fr. Domingos de Santo Thomaz, Prégador del-Rey, Religioso Dominico, que já no primeiro livro nos servio de mais largo assumpto. Assistiraõ a Communidade de S. Domingos, nobreza da Corte, e Povo innumeravel. Lançou logo o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos o habito a cinco Noviças. Foraõ ellas, Dona Magdalena da Sylva, filha de D. Manoel de Menezes, que se chamou Sor Magdalena de Christo; Dona Luiza de Mello, filha de Ruy de Mello de Sampayo, que se chamou Sor Luiza Maria do Sacramento; Dona Leonor Ilavanor, Irlandeza, (filha do Senhor de Polmonte, e Borese, Casa illustrissima da Provincia de Lagenia) que se chamou Sor Leonor de Santa Margarida. Foraõ as outras duas, Sor Leonor do Calvario, e Sor Jacintha de Jesus Maria, pessoas nobres, e de boas partes, ambas Portuguezas. Naõ entraraõ mais neste dia, mas dahi a poucos mezes o fizeraõ as outras duas filhas de Ruy de Mello, Dona Marianna, e Dona Angelica, que se chamaraõ Sor Marianna de Jesus, e Sor Angelica Maria das Chagas, a que acompanharaõ duas Irlandezas illustres, de grande virtude, e partes Sor Cecilia do Rosario, e Sor Joanna da Trindade.

Trouxeraõ todas estas Noviças pessas de valor, e estima, para ornato, e serviço da Igreja; entre ellas huma fermosa Custodia, e Cofre rico, que hoje está no Sacrario, joyas, se-

das, e alcatifas, pondo aos pés de seu Esposo o que tinhaõ, e o que eraõ, tudo pouco para o que vinhaõ a ser, e o que haviaõ de possuir, esposas de Christo, e herdeiras do seu Reyno. Começou logo a Casa a correr na observancia, como se de muitos annos se exercitara; mas achavaõ as leys os desejos por sugeiçoens, e as obediencias com o mesmo vigor de escolhas. Pela sua fez o Mestre Fr. Domingos Prelada da Casa, com o nome de Vigaria in capite, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e Mestra de Noviças a Madre Sor Antonia Theresa, a quem deu novo Estatuto para se ensinar, e observar no Mosteiro; que em sustancia he o seguinte.

Supposta a observancia da Regra, e Constituiçoens á risca, e sem dispensaçaõ alguma; que as Religiosas teriaõ trez horas de oraçaõ, repartidas em Matinas, Prima, e Completas; depois de Prima, a córos o Terço, e Ladainha de Nossa Senhora; que commungariaõ duas vezes na semana; que em Advento, e Quaresma, teriaõ duas disciplinas cada hum dia. Huma por todo o tempo de Santa Cruz de Setembro, até o dia do Rosario, exercicios dispensados só em dia Santo; que em toda a Quaresma se observaria silencio, sem mais licença, que a assistencia, e visita de doentes, dispondo-o a Prelada; que todas serviriaõ ás semanas na cosinha; que dadas graças, depois de jantar, viria a Communidade ao serviço della, rezando Psalmos a córos o tempo, que durasse; que nas cellas naõ teriaõ mais, que huma barra de pinho, nella hum enxergaõ, duas mantas, e cobertor grosseiro, huma Cruz, e huma caldeirinha de agua benta; que as Religiosas naõ pediriaõ a seus pays, ou parentes cousa de minima valia; e mandando-se-lhe, se entregaria á Prelada para o applicar ao commum.

Estes, e outros Estatutos, que já ficaõ apontados na licença, que para a fundaçaõ deu o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, foraõ os com que começou a observancia desta Casa, e se observaõ até agora com o mesmo rigor, e inteireza.

Professas as primeiras Noviças em Novembro de 1640, entraraõ no mesmo dia duas Irlandezas, pessoas de grande calidade, Dona Leonor de Burgo, que se chamou Sor Catharina do Rosario, e Dona Ursula Bautista. Estes foraõ os primeiros espiritos, com que começou a respirar o corpo desta Recoleta; mas como o sitio ficava

cava taõ desviado da Cidade, e taõ visinho á barra, entraraõ as Religiosas em receyos de que lhe podia ser nociva a visinhança das embarcaçoens dos hereges, (que entraõ continuamente no porto, por razaõ do contrato) e que com duas paredes ficava o Sacrario mal defendido; ajuntavaõ-se as razoens de lhe ser mais custoso o provimento na distancia do povoado: e começou o Prelado a querer melhorallas de sitio; mas com duas advertencias, com que parece as aconselhou o Ceo, se suspendeo a diligencia. Foy huma, que estando certa Religiosa no Coro em oraçaõ, pedindo a Deos o acerto da mudança, ouvio huma voz, que clara, e distinctamente disse: *Aqui ha de ser.* Naõ se soube, que Religiosa fosse, mas propollo assim o Prelado á Communidade. Foy a outra, que huma pessoa de grande opiniaõ, escrevendo á Prelada, lhe protestou: *Que naõ largassem o sitio, porque perigava a nova fundaçaõ em qualquer outro.* Assim vieraõ a ficar neste da Quinta da Condessa, e se deu logo ordem a principiar os muros da Clausura.

Sahindo do lugar de Belem, (nome, que deu ao sitio o do Real Mosteiro de Religiosos Jeronymos, que huma legoa de Lisboa fundou ElRey D. Manoel, com igual arquitectura, que grandeza; (estampas huma, e outra de sua magnificencia) entrando na estrada, que corre direita até Passo de Arcos, se descobre hum pedaço de terra livre, direito, e desabafado, a que da parte direita fica o caminho, e a praya da esquerda, alegre com a vista, que se estende até se perder na barra, e delicioso, pelo espaçoso espelho das aguas, que alli brandas, e cristalinas, se quebraõ com saudoso golpe nas areas. Faz mais vistoso o sitio a continuaçaõ, com que as embarcaçoens estaõ sahindo, e entrando no porto, e a frontaria das pequenas serras, que da outra banda se levantaõ da praya, ou como vergde guarniçaõ, que sobresahe nas areas, ou como varias molduras, que vaõ cingindo o espelho das aguas. Neste sitio se estendia a Quinta, que a Condessa da Atalaya fez Mosteiro, e agora se começava a melhorar de edificio; pediaõ-o assim o numero de Religiosas, que crescia, e naõ lhe faltava largueza para augmentar a Casa.

Entrado o anno de 1645. determinado o dia, e sendo a Madre Sor Maria Magdalena de Christo, Vigaria in capite da Casa, se lançou a primeira pedra para a Igreja nova. Fez a ceremonia o Mestre Fr. Domingos do Rosario, porque impedido o Bispo de Targa, que estava convidado, lhe mandou os seus poderes. Prégou o Mestre Fr. Fernando Sueiro: e passando os Religiosos em Procissaõ ao sitio, com a Senhora do Bom Successo debaixo de Pallio, foy lançada a pedra, em que hia esculpida huma Estrella sobre as ondas, e estas letras: *S. M. M. S. P. N.* que vem a dizer: *Stella, Maria, Maris, Succurre, Piissima, Nobis.* Assim se deu principio áquella Sagrada fabrica, correndo os cabedaes por conta da Divina Providencia. Assistia o Mestre Fr. Domingos ao edificio de pedra, e cal, com o seu cuidado; e ao

e ao que mais creſcia, (que era o eſpiritual) com o ſeu exemplo. Mas entraraõ os annos, e os achaques a embaraçar-lhe aquella goſtoſa aſſiſtencia; logo a morte a tirar-lhe a vida, perpetua ſaudade deſta Caſa.

Naõ foy menos merecida a que deixou nella a Condeſſa da Atalaya, ſua illuſtre Fundadora, e acrédora mais juſtificada, da principal memoria, que neſta fundaçaõ nos occupou a penna. Naõ faltemos a ella. Foy eſta Senhora filha de Joaõ de Brito, e D. Antonia de Ataide; ſeu nome Dona Eria de Brito. Criou-ſe na protecçaõ de Dona Filippa de Ataide, (tia de ſua mãy, e Camereira mór da Rainha Dona Catharina, avó de ElRey D. Sebaſtiaõ) porque ſeus pays de feitiços, que lhe deraõ, ficaraõ incapazes de adminiſtrar Caſa, e doutrinar familia. Aſſim paſſou Dona Eria os primeiros annos em o Moſteiro de Santa Clara com huma parenta, de donde paſſou para o de Santos das Commendadeiras, para o cuidado, e enſino de Dona Grimaneza de Brito, tia ſua.

Contava quatorze annos, quando ſe vio herdeira de ſua Caſa, porque dous irmãos, que tinha, hum, que era Chriſtovaõ de Brito, acompanhando a ElRey D. Sebaſtiaõ, perdeo a vida na Campanha de Africa, e Lopo de Brito (que era o outro) na Batalha, em que foy deſtruido o Principe D. Antonio no lugar de Alcantara, junto a Lisboa. Herdada a Caſa, caſou Dona Eria com D. Diogo Forjaz Pereira, Conde da Feira, e em breve tempo viuva, celebrou ſegundas vodas com D. Franciſco Manoel, primeiro Conde da Atalaya; de ambos os matrimonios teve filhos, e deſtes a magoa de os perder em poucos annos; golpes, que aſſim lhe chegaraõ á alma, que parece lhe offenderaõ o juizo. Mas illuſtrou-lho o Ceo, para que melhorando de herdeiros, ſe reſolveſſe a dar ſua fazenda, e Quinta ás filhas de S. Domingos, que a reſpeitavaõ mãy, mas brevemente a choraraõ ſem vida, (querendo Deos naõ lhe dilatar a paga) porque fundando-ſe a Caſa em 12 de Novembro de 1639, paſſou ella a lograr o premio do que tinha obrado, em 26 de Janeiro de 1640, naõ deixando tambem de o ſer o dar-lhe o Senhor vida até o tempo de lhe fazer aquella offerta, e negocear-ſe taõ ditoſa ſepultura.

CAPITULO XXI.

De algumas particularidades da Imagem da Senhora do Bom Succeſſo, Orago da Caſa; e das primeiras Religioſas, que faleceraõ nella, Sor Antonia Thereſa de Jeſus, huma das Fundadoras, e Sor Catharina do Roſario.

PRincipiada já a Igreja nova, (de que a ſeu tempo daremos noticia) naõ ſeguindo agora mais, que as que nos vaõ offerecendo os annos, he tempo de naõ faltarmos a huma, em que ſe contém, e ſe diviſaõ as mayores glorias deſta Caſa, como cifradas na Imagem da Senhora do Bom Succeſſo, Orago, e toda a veneraçaõ della, data da Condeſſa da Atalaya, (que hoje ſe vê na Capella mór) e a conſeguio ella como prenda

da do Ceo, bem reparada a circumſtancia com que lhe veyo a caſa. Caſo he muy parecido ao de algumas Imagens milagroſas da Senhora; (como o foy o da Senhora do Repouſo, do Moſteiro da Annunciada, e o da Senhora Madre de Deos na Caſa deſte nome) e foy o ſeguinte.

Occupava-ſe a Condeſſa com os cuidados, e diligencias da ſua fundaçaõ, quando hum dia lhe trouxeraõ a Imagem de huma Senhora, dizendo, que alli chegava hum peregrino com ella, e a vendia. Alvoroçou-ſe a Condeſſa, e levada da grande devoçaõ, que tinha com a Senhora, (e a muita com que eſta a repreſentava) mandou, que lhe trouxeſſem o peregrino, para ajuſtar o preço. Porém naõ ſó ſe naõ achou na ſala, em que o tinhaõ deixado, mas nem a gente da Caſa, que eſtava no patio, ſoube dar razaõ ſe tinha ſahido. Creſceo a devoçaõ com eſte reparo, e depois ſe lhe poz a invocaçaõ da Senhora do Bom Succeſſo, (já apontámos o motivo) e querendo a Madre Sor Marianna de Jeſus, que por aquelle molde ſe lavraſſe outra, para ſe collocar com o meſmo titulo na Capella Collateral da parte do Evangelho (que eſcolhia para jazigo de ſeu pay) por duas vezes ſe cançou de balde a Eſcultura, até que mudando a Religioſa a tençaõ, e reſolvendo-ſe, que foſſe a Imagem da Senhora do Roſario, ſahio logo perfeita, mas naõ parecida. Aſſim ſe collocou a Imagem peregrina na Capella mór, como Orago da Caſa.

Grandes ſaõ os favores, que eſta experimenta na ſua protecçaõ; grande a devoçaõ, e fé com que as Religioſas recorrem a ella, convidadas da experiencia, em que cada dia conhecem, que as eſcuta como Mãy, e as remedea como Senhora. Por trez vezes, recorrendo a ella, lhe creſceo o azeite nas talhas de todo vaſias; prodigio, de que todas foraõ teſtemunhas. Por repetidas vezes lhe livrou no celleiro os legumes, e o trigo do gorgulho; para o que uſavaõ de huma piedoſa induſtria; em ſe vendo perſeguidas daquella praga, (que era huma total perda) offereciaõ o trigo á Senhora, e em ſua veneraçaõ amaſſavaõ hum alqueire para os pobres; e vindo depois ao celleiro, achavaõ montes de gorgulho morto.

Guardava em huma occaſiaõ o celleiro unicos ſeis alqueires de trigo, naõ ſendo poſſivel por entaõ o provimento. Deu a Celleireira parte á Prelada, (naõ ficou em memoria quem era) que vendo-ſe naquelle aperto, recorreo ao remedio coſtumado. Mandou, que ſe amaſſaſſe hum alqueire para os pobres, (deſtra na retribuiçaõ de Deos de cento por hum) naõ eſtava taõ prompta a fé da Celleireira; reprehendeo-a a Prelada, e mandou-lhe que obedeceſſe ſem replica, accreſcentando: *Que aquella eſmola era em nome da Senhora, e que ella ſe naõ eſqueceria de ſua familia.* Hia a obedecer a ſubdita, quando chamando-ſe na Roda, acha hum recado, em que aviſavaõ a Prelada, que mandaſſe logo deſpachar huma caravella, que alli tinha dado fundo, e trazia dez moyos de trigo para o Moſteiro. Todo elle teſtemunhou o ſuccedido.

Mas

Mas naõ foraõ só as Religiosas as que o fizeraõ a semelhantes maravilhas; tambem os seculares deraõ fé em parte dellas. Agora o veremos. Era em Vespera do Rosario no anno de 1662. Achava-se a Prelada sem dinheiro, a Casa sem o provimento quotidiano, o dia, que esperavaõ festivo; recorreo afflicta á Senhora, e disse lhe: *Senhora, vós nesta Casa sois a Prioreza, e eu a Procuradora. A' manhãa he o vosso dia. E se em semelhante naõ falta huma Rainha com a mesa ás suas Damas, naõ haveis vós de faltar com o sustento ás vossas escravas.* Naõ se passou tempo, quando chamando á Roda, entregaraõ huma esmola para a Senhora; trazia-a o Piloto de huma embarcaçaõ, que acabava de dar fundo defronte do Mosteiro. E sem que se lhe fizesse pergunta, disse: *Que aquella esmola tirara elle na sua embarcaçaõ: porque, vendo-se no mar largo, sem poder avistar a barra, e quasi em calmaria, acossado do Gallego,* (que entaõ perseguia, e infestava a Costa) *e chegando a extremo de lhe naõ escapar, chamaraõ pela Senhora do Bom Successo, e viraõ de improviso que, ajuntando-se-lhe huma náo possante, se poz em fugida o inimigo, e a náo em seguimento delle, sem que os da embarcaçaõ perseguida podessem* (*estando em taõ pouca distancia*) *conhecer que náo os defendia.* Mas entendeo logo a sua devoçaõ, que seria aquella Senhora, que foy a Náo Soberana, em que o Ceo se commerciou com a terra: *Entendendo-o assim* (continuava o Piloto) *tirey entre os da embarcaçaõ esta esmola, e experimentamos todos nova mercê; porque temendo semelhante encontro, lançámos sortes; pondo Norte, e Sul com os titulos da Senhora da Ajuda, e do Bom Successo; e sahindo a do Bom Successo, a seguimos com breve, e prospera viagem, e viemos lançar ferro á vista desta sua Casa.*

Facta es quasi Navis institoris, de longe portans panem suum. Prov. 31. 14.

Em outro aperto, sem recurso de humano soccorro, se vio em outra occasiaõ a Prelada; e chegando-lhe (como o entendeo) por favor da Senhora huma esmola (que estando muitas Religiosas enfermas, naõ vinha a ser de substancia) se poz diante da Senhora, e lhe disse: *Vós bem vedes, Senhora, que este soccorro he escaço para o nosso aperto. Naõ heis de permittir que as vossas servas pereçaõ desamparadas.* Chamaraõ no mesmo tempo á Roda a procurar a Prelada, com a paga de hum juro, que naõ estava vencido, e se costumava arrecadar com trabalho. Deste, e semelhantes casos testemunharaõ as Religiosas; e donde se conhece a sua observancia, basta o testemunho das mesmas. Mas naõ falte tambem o nosso na vida de algumas, que acreditaraõ singularmente esta Casa, e o faraõ tambem a esta escritura; e seguiremos nella a ordem com que faleceraõ. Seja a primeira a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus, huma das Fundadoras.

A Madre Sor Antonia Theresa de Jesus.

Foy esta Madre de naçaõ Portugueza, de nascimento nobre; veyo para Fundadora desta Casa da de S. Joaõ de Setuval, de idade de trinta e quatro annos, mas taõ adiantados em virtude, e prudencia, que encheo o lugar de Mestra primeira, e regra viva da observancia. Foy nella singular exemplar de penitencia. Naõ se satisfazia seu es-

efpirito com os rigores do Eftatuto do Mofteiro; acabada a difciplina com toda a Communidade, fe retirava a continuar a fua, e com tanta crueldade, como depois (por mais que difsimulado) moftrava o fangue. Acompanhavaõ as difciplinas os cilicios, naõ menos rigorofos, que continuados. Era rara a eftreiteza do feu jejum, (accrefcentando muitos aos da Conftituiçaõ) e igualmente eftreito, que diffimulado. Muito tempo naõ teve mais cama, que huma taboa, e huma manta. Hum habito taõ faffado, e roto, que lhe naõ podia fervir de abrigo. Obrigou-a a Prelada a aceitar duas mantas, e hum enxergaõ por cama, e hum habito, fe menos remendado, mais groffeiro. Aceitou em huma, e outra coufa a melhora, ganhando obediente o que perdia mortificada. Todo o tempo para ella era de oraçaõ; affim lhe levava efte emprego quafi todo, o que lhe reftava da occupaçaõ do Coro.

Na de Prioreza (peregrina a fua humildade, e fogeiçaõ) eftimava fó o crefcer-lhe a obrigaçaõ de caritativa com as fubditas, para que fó olhava como filhas. Pagava-fe Deos daquelle genio piedofo, e parece que lho deu a entender; affim chegaraõ quatro donzellas de Irlanda, com Patentes do Provincial daquella Provincia, para tomarem o habito nefta Cafa. A ordem naõ tinha vigor, por fer ella immediata ao Geral. Para o mefmo havia nefte Reyno muitas pertendentes; no Mofteiro poucas poffes; retardavaõ-lhe as Religiofas a entrada, (que fe lhe hia pondo duvidofa) quando hum dia eftando a Madre Sor Antonia em oraçaõ no Coro (depois de ter commungado) vio que nelle eftavaõ nas Cadeiras das Noviças as quatro Irlandezas com feus habitos de Religiofas. Affim entendeo a vontade de Deos, e communicando-o com a Madre Sor Maria Magdalena, e eftendendo-fe a toda a Cafa, lançou logo o habito a huma, que foy a Madre Sor Ignez do Rofario, naõ continuando com as outras, porque lho atalhou a morte, de que parece lhe anticipou o Ceo a noticia.

Partia o Meftre Fr. Domingos do Rofario com Enviatura a França, por mandado delRey D. Joaõ o IV. e pedia-lhe a Madre Sor Antonia, que a deixaffe aliviada do trabalho de Prioreza. Enterteve-a o Padre até que fe aufentou, deixando-a nelle. Sentio-o ella, e diffe ás Religiofas: *Hora já que naõ quiz abfolverme o Padre Vigario, Deos me abfolverá de outro modo.* Entendeo-fe a fegurança, com que o diffe, quando a poucos dias a viraõ ás portas da morte de hum accidente. Paffada a força delle, lhe perguntou Sor Maria Magdalena, fe queria reconciliar-fe; (tinha commungado o dia de antes) refpondeo, que pela mifericordia de Deos naõ tinha de que, e fó efperava a ultima hora, que era toda a fua importancia. Moftrava-o affim o alvoroço, que fe lhe percebia nas palavras, e no femblante, fem que o mal, que eftava padecendo, lho diminuiffe. Com efte focego a alcançou a morte em 13 de Outubro de 1649. Deraõ-lhe entaõ fepultura no Coro, depois no Capitulo, com a confolaçaõ de fe entender e por

huma

huma peſſoa de virtude) que já Sor Antonia lograva o premio da ſua.

A Madre Sor Catharina do Roſario.

Naõ ſoube merecello menos a Madre Sor Catharina do Roſario, Irlandeza, em que a virtude pareceo herança, como filha de D. Joaõ de Burgo, Senhor do Caſtello, e Caſa de Britos, e de Dona Gracia Torronton, filha de D. Jorze Torronton, Marichal de Momonia, Caſas huma, e outra illuſtriſſimas em Irlanda. Ficara Dona Gracia pejada, quando tiraraõ a vida a ſeu marido D. Joaõ, (em odio da Fé, e por mandado da Rainha Iſabela de Inglaterra) achando-ſe, que diſpuzera em ſeu teſtamento, que ou filho, ou filha, que Deos lhe déſſe, veſtiſſe o habito de S. Domingos; ſahio daquelle parto á luz Sor Catharina, criou-ſe como herdeira da Caſa, (por morte de hum irmaõ, que ſeu pay mandara criar a Caſtella) e chegando á idade de lhe poder dar ſucceſſaõ, entraraõ a máy, e parentes com as inſtancias de que eſcolheſſe eſpoſo da melhor nobreza do Reyno, de que ſe via naõ ſó buſcada, mas perſeguida. Mas ella ſem eſquecer o conſelho de hum tal pay, tinha aſſentado em ſeu coraçaõ, que as vodas haviaõ de ſer com Jeſu Chriſto, e a mortalha Dominica a gala do deſpoſorio.

Eſte foy o deſengano, que deu naõ ſó a ſua máy, parentes, e peſſoas de grande reſpeito, mas ao Biſpo de Lemerique, Cidade em que vivia, que a obrigava com os olhos na perda, e deſconſolaçaõ de ſua Caſa. Começou logo Sor Catharina a experimentar nella perſeguiçoens, e deſprezos, tratada de toda a familia, como a mais infima eſcrava della; golpes, que rebatia com grande paciencia, recorrendo á oraçaõ, e ás lagrimas, em que gaſtava a noite inteira, retirada em huma caſa, em que a deixavaõ ſem luz, nem cama. Por eſte tempo ſe achava o Meſtre Fr. Domingos do Roſario na meſma Cidade de Lemerique, com importancias de Caſtella. Praticou (foy induſtria do Ceo) com Sor Catharina, approvou ſeu ſanto propoſito, como outro ſemelhante, de huma prima ſua Dona Urſula de Burgo, e aſſentou com ambas a entrada no Moſteiro, que fundava em Portugal. Accendeo novamente ſeus eſpiritos em ancias de buſcar o centro delles, e fiando toda a boa direcçaõ de Fr. Diogo de Orliens, Provincial de S. Domingos da Provincia de Irlanda, como parente das duas diſcipulas, que deixava, paſſou a Caſtella.

Mas as duas donzellas, que aborrecendo o fauſto, e pompa do Mundo, queriaõ induſtriarſe na Regra Dominicana, deixaraõ ſuas Caſas, e recolheraõſe em a de huma Terceira da Ordem, couſa permittida a mulheres da primeira calidade, que querem com mais disfarce, e menos teſtemunhas, frequentar os exercicios, e occupaçoens Catholicas. Aqui eſtiveraõ dous annos de vida penitente, e com tanto intereſſe de ſuas almas, que o inimigo dellas, apparecendo hum dia impaciente a Sor Catharina, lhe diſſe: *Que ſe naõ mortificaſſe, porque lhe naõ havia de valer para ſe ſalvar.*

Mas o Ceo, que já ſe obrigava de ſua conſtancia, diſpoz

fe-

felizmente a occafiaõ de paffarem a efte Reyno, ella, e fua prima; chegaraõ a elle pelos annos de 1640, e tomaraõ logo o habito nefte Mofteiro do Bom Succeffo; em que Sor Catharina começou a refpirar, como em centro de feu efpirito. Sempre parece, que o trazia na prefença de Deos; porque continuamente a viaõ de joelhos, ainda nas officinas, e no emprego dos feus officios. Inventava rigorofas difciplinas, com que fe feria fem piedade. Duas taboas eraõ a fua cama, tendo a de hum enxergáõ por muito mimofa. O feu mais cuftofo trabalho era efconder eftes, e femelhantes rigores da Meftra, que lhos naõ permittia.

Teve dom de lagrimas, que na oraçaõ lhe cahiaõ copiofas, como fe fe lhe diftillara o coraçaõ naquelle fervorofo incendio; que lhe arrebatava o efpirito: movidas do que viaõ nella, lhe perguntaraõ algumas Religiofas: *Que eftylo era o feu na oraçaõ*; a que refpondeo: *Que de oraçaõ naõ entendia nada; que o que fazia, era rezar o feu Rofario; e que para huma vida muy larga, baftava hum fó myfterio.* Affim fabia fer profunda fua contemplaçaõ! Cahio enferma de mal rigorofo, e arrebatado. Laftimavaõ-fe as Religiofas, que lho viaõ padecer; e dizendo-lhe huma, que fe encomendaffe á Senhora da Encarnaçaõ, (de que era devota, e dahi a trez dias fe celebrava) para que lhe aliviaffe a moleftia, para a fervir no feu dia; refpondeo: *Grande mal ferá o meu, fe em dia da Encarnaçaõ naõ eftiver eu com meu Senhor!*

Pedio, e recebeo os Sacramentos com fuavidade de efpirito; e poucas horas antes da ultima (que foy ao terceiro dia da doença) pedio, que lhe molhaffem hum lenço em agua cheirofa. Lavou as mãos, e o rofto; e dizendo-lhe a Prelada por galantaria: *Boa Religiofa do Bom Succeffo! Com hum lenço de agua de cheiro?* refpondeo com a mefma graça: *Pois, Madre, fe as do Mundo ufaõ de aguas de cheiro para o Mundo, que mal faço eu de querer ir muy cheirofa a meu Efpofo!* Affim ficou hum pouco fufpenfa: e ouvindo em voz clara, que de huma parte do leito, que eftava defoccupada, fe lhe dizia: *E quem te diffe a ti, que havia eternidade? Naõ creias niffo*: diffe, voltando o rofto, como quem conhecia o author do confelho, e defprezava hum, e outro: *Bem conheço a você. Va-fe embora; que muito bem fabe, que ha Ceo, e Inferno.* E continuando foliloquios com feu Efpofo Chrifto, e a Senhora do Rofario, lhe ouviraõ dizer muitas vezes, como fe refpondera: *A mim! Senhora, a mim! Que fou huma nefcia!*

Já lhe cançava a voz; defpedio-fe das Religiofas com tanta alegria, e alvoroço, como quem eftava de caminho para o Paraifo. Affim paffou (piedofa conjectura das affiftentes) ao das eternas felicidades, em dia de noffa Senhora da Encarnaçaõ, 25 de Março de 1651, como parece vaticinara, quando cahio enferma. Ficou com femblante alegre, e corpo flexivel. Deraõ-lhe fepultura no Coro; e paffados feis mezes, a paffaraõ para o Capitulo. Eftava o caixaõ por huma parte aberto; e teftemunharaõ as Religiofas, que ex-

halava fragrancia de flores. Houve huma, que (para testemunhar o que suppunha) examinou com as mãos a inteireza do corpo, e assim o achou taõ flexivel, como se estivera vivo.

CAPITULO XXII.

Das Madres Sor Luiza Maria do Sacramento, Sor Cecilia do Rosario, Sor Isabel da Paixaõ.

VEnturosa alternativa, a com que o Ceo hia escolhendo as Religiosas desta Casa, para os Córos da Bemaventurança! Huma Portugueza, Irlandeza outra, para testemunhar a conformidade, com que viviaõ todas, desconhecendo a caridade a diversidade das Patrias, como aquella que era caminho para huma, aonde haviaõ de viver juntas. Assim se seguio á Madre Sor Antonia Portugueza, huma Irlandeza, que foy a Madre Sor Catharina; e a esta se segue outra Portugueza, que he a Madre Sor Luiza Maria do Sacramento. Foy esta Madre filha de Ruy de Mello de Sampayo, da Casa de Villaflor, e de Dona Maria de Azevedo, igual em nobreza. Foy notavel o parto, de que esta Senhora teve a Sor Luiza: porque precedendo dous de filho, e filha, (taõ rigorosos, que esteve ás portas da morte em ambos) o de Sor Luiza foy taõ suave, que, visitando huma amiga, ao assentar-se em huma cadeira, a lançou com huma dor taõ leve, que a attribuío a milagre.

A Madre Sor Luiza Maria do Sacramento.

A tal nascimento se seguio igual vida, ainda em idade, em que obra sem conselho a natureza. Bastava dizerem-lhe, que huma cousa era peccado, para se desviar della, como se o conhecera. Nos exercicios da virtude achava já huma harmonia, que a arrebatava; toda sua occupaçaõ era rezar; e para tudo, o que naõ era Deos, a levavaõ com violencia. Venciaõ-na talvez as irmãas, (para os divertimentos daquelles primeiros annos) e estando huma occasiaõ com Dona Marianna de Mello, que era huma dellas, em huma sala, deixando-a esta só por pouco espaço, quando voltou, a achou suspensa com os olhos em huma parede, e cheyos de grossas lagrimas. Perguntou-lhe Dona Marianna a causa; a que respondeo: *Que aquelle instante se lhe abrira aquella parede, e vira muitos Anjos, e entre elles dous irmãos seus, (falecidos de tenra idade) convidando-a para sua companhia, e se lhe cerrara a parede, sem ella poder dizer nada.* Outros casos lhe succederaõ nestes annos, de que naõ ficou mais que a memoria de succedidos.

Já sem mãy, e com duas irmãas, em companhia de huma tia, no Mosteiro de Santos, vivia como na mais apertada recoleta. Continuava os exercicios penitentes, e devotos, frequentava os Sacramentos, mas suspirando sempre viver sem liberdade, sepultada em huma clausura. Naõ se deitava em cama. Muitas noites passava de joelhos. Vencida do sono, encostava por poucas horas a cabeça no leito. Das trez até ás seis da madrugada gastava orando. Trez vezes na semana tomava disciplina de ferro, e por espaço de meya hora; os mesmos trez dias se cingia, e apertava com cilicios; martyrio, que conti-

tinuava toda a Quaresma. A este estylo de vida ajuntou o de Religiosa, tomando o habito nesta Casa; e sobre o rigor das Constituiçoens, e Regra, assim crescia ó cada dia os exercicios da penitencia, que foy necessario entrar o preceito do Prelado a resgatar-lhe a vida das mãos de sua severidade. No Coro a naõ viaõ nunca sentada mais, que na ceremonia do Officio Divino. Em pé, ou de joelhos, reconhecia a presença do Santissimo. Taõ bem occupado tinha alli seu pensamento!

Nas officinas de mais trabalho era a primeira. O seu desvelo, lançar maõ da occupaçaõ mais infima. No trato de sua pessoa, e cella, se via como se despira do Mundo, cerceando ainda muito da pobreza grande do Mosteiro. No Refeitorio destemperava com agua o prato, em que achava gosto, e comia cousas amargosas, com a desculpa de lhe chamar mesinha. Chorava amargamente, dizendo: *Que envejava ás mais o saberem ouvir a voz de Christo, para se conformarem nos trabalhos: é que só ella como mayor peccadora se via rebelde em todos*; sendo tal seu sofrimento, constancia, e inteireza, que naõ houve adversidade, que a achasse assustada, menos affligaõ, que a deixasse queixosa. O que a desvelava, era o augmento da Casa na observancia. Entendia da sua santa, e primeira Prelada, a Madre Sor Antonia Theresa, que gozava a vista de Deos; e estando huma noite no Coro de joelhos ao pé da sua sepultura, acabada sua oraçaõ, e dizendo-lhe: *Madre, pois estais diante de Deos, pedi-lhe por este vosso Mosteiro*, levantando os olhos á Capella da Senhora do Bom Successo, vio claramente a santa Prelada orando.

De semelhantes casos de representaçoens, com que o Ceo premiava sua fé, se conjecturou muito; mas naõ houve importunaçaõ, que as podesse desenterrar do seu silencio. Em Vespera da Encarnaçaõ, por Março de 1651. sahio de Matinas, ameaçada de huma febre mortal; mas estava a Madre Sor Catharina do Rosario em passamento, naõ quiz recolher-se, foy assistir-lhe, deixando-se vencer o mal da força da caridade. Repararaõ os Religiosos, (que tinhaõ entrado ao officio da agonia) que ella estava com molestia; e mandando-a o Prelado recolher, acodio a moribunda, como se despertara de hum lethargo, dizendo: *Deixay Padre, deixay estar a Santa; que ella nas Vesperas da Senhora naõ se deita.* Já vimos no Capitulo passado quem era a Madre Sor Catharina; e agora a hora, em que estava, e as circumstancias com que o differa. Grande testemunho para a Madre Sor Luiza!

No dia da Encarnaçaõ commungou, gastando (como sempre fazia) todo o dia no Coro, donde a recolheraõ desacordada. Tinha entrado no Mosteiro, assistindo á morte da Madre Sor Catharina, o Mestre Fr. Diogo Arturo, que entaõ era Vigario; e vendo á Madre Sor Luiza vestida no seu burel, sobre duas taboas, que eraõ a sua cama, cuberta com huma manta grosseira, voltando para sua irmãa a Madre Sor Marianna, disse com os olhos cheyos de lagrimas: *E que conta darey eu a Deos*,

que me corre a mesma obrigaçaõ, que a esta sua serva! E sahindo da cella com a Prioreza, rompeo nestas palavras, filhas de seu espirito: *Ah Madres! E quanto temo, que no dia do Juizo sejais vós outras nossos verdugos!* Como se dissera com S. Gregorio Magno: *Que he o que podemos dizer nós os homens robustos por natureza, vendo o debil, e fraco das donzellas, pondo na conquista do Ceo o peito ás lanças! Grande confusaõ para nós! Estas batalhando com os martyrios, e nós sem buscar a Deos, se quer entre socegos! Quid inter hæc, nos barbati, & debiles dicimus, qui ire ad regna Cælestia, puellas per ferrum videmus ... Hoc ipsum nobis turpe sit, quod Deum nolumus saltem per pacem sequi.*

Greg. Pap. Homilia 12. in Euangelia.

Durou o mal trez dias, e no fim delles, já desamparando-a o alento, recebeo Sor Luiza os Sacramentos com grande espirito; e voltando-se á Prioreza, e mais Religiosas, lhes pedio perdaõ, e se despedio dellas, respondendo a huma (que lhe fazia essa pergunta) *Que já de nada tinha escrupulo; perseguindo-a em toda sua vida esse martyrio.* Pedio logo, que lhe dissessem algumas oraçoens devotas, e daquella hora, que repetia com grande devoçaõ, e advertencia; e já sem alento, abraçando-se com hum Christo crucificado, lhe entregou o espirito, cerrando os olhos, como em suave sono. Chegado Setembro deste mesmo anno, e havendo-se de mudar o Coro, sentia a Prioreza, que as Religiosas falecidas, e especialmente a Madre Sor Luiza, (que taõ magoada, e saudosa deixara toda aquella Casa) houvessem de ficar fóra da Clausura, porque o Coro antigo passava a ser Casa da Portaria, e as ultimas Religiosas, (como sepultadas de fresco) tinhaõ sua difficuldade, para serem passadas para o commum jazigo. Escreveo sobre este ponto ao Prelado; e antes de ter a resoluçaõ delle, sonhou a Madre Sor Marianna de Jesus, que sua irmãa Sor Luiza se lhe mostrava vestida em huma roupa muy alva, e com semblante alegre lhe dizia: *Dizey á Prioreza, que mude os nossos corpos na fórma, que diz o nosso Padre Vigario.* Pela manhãa ao abrir da Roda, se achou a reposta do Prelado, que mandava, que se fizesse a mudança, e Religiosos para assistir a ella. Testemunharaõ os que assistiraõ mais visinhos ao caixaõ da Madre Sor Luiza, que perceberaõ hum suave cheiro em o abalando. Outra circumstancia se seguio á morte desta Madre, digna do nosso reparo, e foy, que huma Freira das Commendadeiras de Santos, pessoa de vida reformada, e que tivera grande familiaridade com a Madre Sor Luiza (estando naquella Casa) poucos dias depois de sua morte sonhou que a via cercada de huma grande luz, com preciosa gala, e rosto banhado em alegria, e que a chamava, para que a acompanhasse nella. Acordou entre gostosa, e assustada, contando a todas o sonho; e dahi a dous dias lhe deu mais credito, (com grande gosto de seu espirito) e porque adoecendo, e recebidos os Sacramentos, faleceo logo. Chamavase D. Brites Soares, filha de Amador Gomes Raposo, Chanceller mór da India; e estava com outras irmãas nesta Casa.

Mas

Mas sigaõ-se nesta do Bom Successo á Madre Sor Luiza, duas Religiosas Irlandezas, continuando a venturosa alternativa das primicias, que a sua Clausura deu ao Ceo. Foraõ ellas a Madre Sor Cecilia do Rosario, e Sor Isabel da Paixaõ, Religiosas de estreita observancia, muita penitencia, trabalho continuo, e vida inculpavel, como testemunhou o Mestre Fr. Domingos do Rosario, que confessando a Madre Sor Cecilia gravemente enferma, se admirava naõ só da pureza de sua alma, mas do acerto com que dispuzera sua consciencia, praticando no que tocava a ella, como se fora illustrada, e como o mayor Theologo o fizera. E accrescentava o Padre: *Que ella infallivelmente fa'ecia; porque aquillo naõ podia ser menos, que reflexos do lume da gloria.* Favoreceo mais este pensamento o ser Sor Cecilia em suas praticas muy acanhada, e singela; e finalmente confirmaraõ no algumas circumstancias, que se viraõ em sua morte (dignas de advertencia, como de santa enveja). Foy ella em Julho de 1652.

A Madre Sor Cecilia do Rosario.

Seguio os mesmos passos a Madre Sor Isabel da Paixaõ, com o excesso de sua grande constancia em buscar a prizaõ da Clausura, e o martyrio da observancia; porque esta Madre foy huma das quatro irmãas Irlandezas (de que já démos noticia) á que se difficultou a entrada, tomando ella, e e mais duas o habito de Terceiras, e vivendo com hum taõ singular exemplo na visinhança do Mosteiro, que foy o que lhe franqueou a todas as portas delle. Entrou por ellas Sor Isabel, naõ accrescentando ao reformado de sua vida mais, que a Clausura; mas o que nella avultava mais, era o zelo da Religiaõ, e caridade com as Religiosas. Estando moribunda, pedio que lhe lançassem agua benta, dizendo á Prioreza, que ao ouvido lhe estavaõ perguntando onde iria? e assim queria, que lhe lessem logo a protestaçaõ da Fé, que acompanhou, e repetio em juizo perfeito, espirando logo com grande socego de espirito. Foy sua morte em dia dos Innocentes de 1659.

A Madre Sor Isabel da Paixaõ.

Mas naõ esqueçamos huma reflexaõ, que agora nos advertio a morte da Madre Sor Isabel, (e a podiamos fazer em as das mais Religiosas Irlandezas) por ser materia de que ha experiencia; e vem a ser, que; mostrando o Ceo a virtude, em que mais se esmeraõ, que he a constancia da Fé, e sustentada desde o berço, de que começaõ a despedaçar as serpentes das astucias, e cavillaçoens dos hereges, a vencer os trabalhos da perseguiçaõ de suas impiedades e sempre no ultimo alento da vida as combate o inimigo commum, como Capitaõ dos rebeldes, e destro em semelhantes rebates. Mas sempre e para confusaõ sua e sahe a fraqueza, e debilidade feminina com a vitoria, quebrando lhe a cabeça.

CA-

CAPITULO XXIII.

Das Madres Sor Marianna de Jesus, Sor Leonor de Santa Margarida, Sor Maria Magdalena de Christo, Sor Leonor do Calvario, Sor Jacintha de Jesus Maria, da mesma Casa do Bom Successo.

Continuamos ainda com a mesma alternativa de Portuguezas, e Irlandezas, chamando o Ceo ora humas, ora outras ao thalamo das felicidades eternas: assim se segue agora a estas duas Irlandezas do Capitulo passado, huma Portugueza. Foy ella a Madre Sor Marianna de Jesus, filha mais velha de Ruy de Mello de Sampayo, e das primeiras povoadoras desta Casa do Bom Successo, para onde veyo triunfando de muitos embaraços, (lisonjas aos olhos do Mundo, nos laços do matrimonio) em que seu pay lhe queria roubar a liberdade, offerecida já a melhor Esposo, que a tinha escolhido. Criara-se esta Madre em hum Mosteiro de Religiosas Franciscanas, com huma tia, a que desejava acompanhar no habito, por ser já neste tempo sua vida de huma reformada Religiosa.

A Madre Sor Marianna de Jesus.

Assim adiantada nos exercicios da mais perfeita, entrou nesta Casa, abraçando todas as asperezas da observancia, mas logo os achaques lhe foraõ á maõ nos seus rigores. Entregouse á oraçaõ, e era sua vida, passando-a inculpavel, e empregando-a no culto do Santissimo, a que deu huma fermosa Custodia, e algumas pessas de valor para lhe armarem o Altar, offerecendo, para mayor decencia sua, o mais precioso, que trouxera de sua Casa, parecendolhe sempre dote escaço, como quem entendia o que grangeara na maõ de seu Esposo. Cresciaõ os achaques (e já em annos muy crescidos) assim traziaõ a Sor Marianna muito acautelada. Sahindo do Confessionario hum dia, lhe deu hum accidente, e entrando a vêlla a Prelada, e dizendo-lhe, que o Medico lhe mandava dar o Viatico, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, disse com semblante alegre: *Muitas graças sejaõ dadas a Deos!* e recebendo-o com suavidade de espirito, passou desta vida, e seria a repetirlhas na eterna, em 4 de Mayo de 1668.

Siga-se a esta Portugueza, huma Religiosa Irlandeza, que foy a Madre Sor Leonor de Santa Margarida. Tomou o habito no dia da primeira entrada, que se fez nesta Casa, e o sobrenome, por vontade da Duqueza de Mantua Margarida, que entaõ governava esta Coroa por Castella, e assistio a esta funçaõ, pedindo ao Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, que lançava o habito ás Noviças, os cabellos desta, naõ por serem (como eraõ) largos, e formosos, mas pela grande opiniaõ, que tinha de Sor Leonor; assim levou a prenda com estimaçoens de reliquia. Foy esta Madre do principal sangue de Irlanda, donde fogindo aos ameaços da heresia, se retirou a Castella depois de viuva; e achando-a o Mestre Fr. Domingos do Rosario em hum Recolhimento naquella Corte, a trouxe para a nova fun-

A Madre Sor Leonor de Santa Margarida.

fundaçaõ, como o que tinha tanto conhecimento de sua qualidade, como experiencias de sua virtude.

Desempenhou Sor Leonor o conceito, que se tinha della, na nova refórma de sua vida, dando-lhe o Ceo forças (porque já a perseguiaõ doenças) para continualla, e com tanta edificaçaõ das Religiosas, que occupou os lugares de Mestra de Noviças, e de Prioreza, pelo voto de todas. Apanhou-a a morte em santa velhice, e pareceo premio no que teve de suave, em 21 de Março de 1669.

A Madre Sor Maria Magdalena de Christo.

Grande Portugueza continuou a alternativa, pois foy a que se seguio a Madre Sor Maria Magdalena de Christo, a quem tanto deve esta Casa, sendo esta Madre a que com varonil constancia venceo embaraços, e pizou desenganos, applicando todas suas forças para se conseguir a fundaçaõ della, como a que lhe deu entaõ o principio, depois a perfeiçaõ; pois como já vimos, foy a Madre Sor Maria a que alcançou a resoluçaõ da Condessa, para a fundaçaõ do Mosteiro; e depois da morte della, a que, como veremos, o melhorou de edificio. Bastava esta noticia para ennobrecer sua memoria; mas vamos ás que ainda colhemos de sua vida, ou ás que puderaõ escapar á vigilancia de sua modestia.

Foy a Madre Sor Maria Magdalena filha de D. Manoel de Menezes, da Casa dos Marquezes de Marialva, e de Dona Luiza de Moura, por morte da qual se criou com huma tia no Mosteiro das Commendadeiras de Santos, e taõ lembrada já desde os primeiros annos das importancias de sua alma, que nada lhe levava os olhos, como a vida de huma Clausura, e mais, quando mais estreita. Teve conhecimento do Mestre Fr. Domingos do Rosario, Fundador deste Mosteiro, e discipula de seu espirito: foy huma das que acompanharaõ as Fundadoras da Casa, e hum dos primeiros alentos com que começou a respirar aquella observancia. Foy sua primeira vocaçaõ o Instituto de Santa Theresa das Carmelitas Descalças; mas ouvindo praticar o Mestre Fr. Domingos na Recoleta, que instituia para as Irlandezas, vacilando no primeiro proposito, entrou em pensamentos de acompanhallas; assim pedia a Deos, que a illustrasse para o acerto com supplicas, com instancias, com lagrimas, quando detendo-se huma noite nellas, se lhe representou a Senhora do Rosario, assistida, e venerada do Mestre Fr. Domingos, e muitas Religiosas Dominicas, que diante tinhaõ dous açafates de frescas, e singulares capellas de flores. Entendeo logo, que a Senhora a convidava para o numero daquella ditosa familia: e vencidas as difficuldades, que houve para a fundaçaõ nova, entrou nella, abraçando a mortalha Dominicana.

Acabou o Noviciado, como se entrara em outro novo; tal sua sogeiçaõ, e tal seu recolhimento! Aspera nas penitencias, se cingia de cilicios, e inventando novas mortificaçoens, começou a abrir a porta aos achaques, que foraõ sua continua penitencia. O zelo, e amor da observancia, a puzeraõ no lugar

gar de Prelada, que occupou vinte annos, avaliados por poucos das subditas, que atrahia com sua brandura, e emendava com sua vida. Era zelosa, sem passar ao extremo de severa, affavel sem esquecer a inteireza de Prelada; e costumava dizer com hum claro entendimento (de que a dotou o Ceo) *Que nos que governavaõ Familias Sagradas, o mais seguro emprego era a caridade, porque o zelo sempre era necessario muy joeirado.* Grande documento para os que costumaõ lançar a capa do zelo sobre os hombros dos respeitos particulares!

Por morte de seu irmaõ D. Joaõ de Menezes, ficou herdeira de hum bom morgado, com que se animou a emprender a obra grande da Igreja, que hoje se vê, e a de reedificar o Mosteiro em mayor fabrica, e melhor fórma, com que he hoje hum dos mais regulares, e perfeitos, que se achaõ na Corte, e visinhanças della. Daremos depois neste particular mais larga noticia. Foy rara sua humildade: nem os privilegios de Prelada a isentaraõ das occupaçoens de abatimento, lançando maõ dellas, com a desculpa de que as exercitava para ensino. Assim era sua vida huma regra muda, mas taõ grande brado para a sua reputaçaõ, que naõ cabendo na Clausura, se estendia aos ouvidos da Corte, occupando as attençoens da Rainha Dona Luiza, que com singular agrado a communicava. Apressaraõ-lhe os achaques a morte a huma vida, que sempre parecia breve de bem empregada, tendo de idade setenta annos, que souberaõ merecer hum fim socegado, e indicio de conseguir sem fim o melhor premio. Tem sepultura no Coro debaixo; lem-se estas letras na pedra, que a cobre.

Sepultura da Madre Sor Maria Magdalena de Christo, que foy huma das primeiras, que tomaraõ o habito neste Convento, e nelle viveo trinta e dous annos, e foy Prelada vinte; deu a traça da Igreja, e a edificou toda do rendimento de hum morgado, que herdou; e para ella se trasladou com solemnissima pompa o Santissimo Sacramento em 20 de Julho de 1670.

Já disse a vida o mais que calou o epitafio.

A Madre Sor Leonor do Calvario.

Siga á Madre Sor Maria outra Religiosa da mesma antiguidade, que tomou o habito com ella. Foy esta a Madre Sor Leonor do Calvario, nobre por nascimento. Criou-se (ficando orfãa) em Casa da Condessa Fundadora com grande estimaçaõ, que foy crescendo com as experiencias da virtude, que nella se augmentava com a idade. Era já muy entrada nella, quando veyo para a Clausura desta Casa, mas nada a despersuadio de

abraçar os rigores da obfervancia, querendo feguilla com as obrigaçoens de Freira Conversa, aonde a convidava o interesse de mais abatida; moftrou bem, que fó esse a desvelava, quando, querendo-a eleger Prelada, (professara com empenho de todo o Mofteiro, por Freira do Coro) foy pelas cellas das Religiofas, lançando-se-lhes aos pés, e pedindo, que a naõ mortificassem em hum lugar, que nem poderia desempenhar, nem podia merecer; e foy tal sua efficacia, que as Religiofas mudaraõ de parecer, e votaraõ em outra.

Por mais que era vigilante sua cautela, se alcançava muito de sua penitencia: mas a obediencia foy a que mais luzio nella, e quiz moftrar o Ceo, como lhe agradava com esta virtude, dando a conhecer, que a exercitava com fingularidade. Teve muita o cafo, que fervio de testemunho, e foy o feguinte. Coftumava a Madre Sor Antonia de Santa Therefa Fundadora, (de que já deixamos noticia) retirarfe algumas tardes ao cabo da Cerca, para mais focegado exercicio de meditaçaõ, ou de reza; fello hum dia com tanta doçura de efpirito, que entrou a noite fem que ella o advertisse: tornando em fi, teve pavor de fe ver fó naquelle lugar, e preza para a refoluçaõ de fahir della, disse em feu coraçaõ: *Quem me ha de acompanhar? Eu mando vir aqui a Religiofa mais obediente, que ha nas fubditas desta Cafa!* Sufpendeo-fe hum pouco, e levantando os olhos, achou junto a fi a Madre Sor Leonor, que (refpondendo-lhe á admiraçaõ com que lhe perguntava, quem alli a trouxera) lhe disse: *Que estando occupada em ferviço da Communidade, lhe advertira o coraçaõ, que a Prelada estava na Cerca, e que para fe recolher esperava companhia. E que logo viera.* Carregada de annos, cahio entrevada; que lhe quiz o Ceo dar mais a coroa da tolerancia. Paffou a recebella em dia de Santa Barbara (de que era devota) favor, que pedio a Deos toda fua vida.

A Madre Sor Jacintha de Jesus.

Tem aqui feu lugar a da Madre Sor Jacintha de Jesus Maria, por fer a ultima das cinco, que tomaraõ o habito no dia em que fe fez a entrada no Mofteiro. Veyo esta Madre para elle já muy crefcida, prendendolhe a affistencia de fua máy, fó, e viuva, os paffos com que defde o ufo de razaõ quizera caminhar a bufcar a Claufura; agora vingava os vagares com que viera, adiantando-fe em huma vida, que fervia de edificaçaõ a toda a Cafa. Avultava mais nella a caridade, que lhe poz nas mãos o officio de Enfermeira, que ainda fem obrigaçaõ exercitara com desvelo, como fe naõ viera a bufcar aquella vida para outro, fendo taõ prompta em todos os da obfervancia, que em cada hum fe achava toda.

Teve a mefma repugnancia, que a Madre Sor Leonor, para o lugar de Prelada, de que a efcufaraõ as Religiofas; porque a todas affirmava, que esse pezar lhe tiraria a vida. Queria ella mais retirada, para os penitentes exercicios de rigorofas difciplinas, e cilicios continuados. Já muy entrada em annos, pedia a Deos, que lhe naõ desse morte, que fervisse ao Mofteiro de trabalho. Confeguio-o affim; por-

porque, dando-lhe hum accidente, estando ouvindo Missa, a trouxeraõ para a Enfermaria, e no meyo da Confissaõ se lhe tirou a falla. Havia pouco, que tinha commungado: assim passou desta vida (como pedira ao Ceo) sem dar detrimento. Depois de falecida, se descobriraõ mayores indicios da pureza de sua alma.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Sor Maria da Encarnaçaõ, Sor Ursula Bautista, Sor Joanna da Trindade, Sor Angelica Maria das Chagas, Sor Iria del Santo Antonio, Sor Marianna da Trindade; e das Religiosas Conversas, Sor Brizida de S. Patricio, e Sor Felicia da Madre de Deos, do mesmo Mosteiro do Bom Successo.

SE houveramos de alargar a penna em vidas, quanto ao voto humano justificadas, qual seria a filha desta Casa, que nos naõ servisse de materia? Mas como a fazemos do mais notavel, só apontamos algumas, que se sinalaraõ mais entre as outras.

A Madre Sor Maria da Encarnaçaõ.

Foy huma dellas a Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, que entrando Pupila nesta Casa, (em que tinha sua tia a Madre Sor Cecilia, de que já fallámos) assim desconheceo a idade, que só parece vivia para a virtude. Na da tolerancia parecia milagre: porque reprehendida muitas vezes das Preladas, ou das mais Religiosas, (e sabendo-se talvez que estava sem culpa) ao aconselharem-lhe, que se defendesse; respondia: *Porque? Naõ he melhor sofrer pelo amor de Deos?* Já Religiosa, foy inculpavel sua vida. Venerava, e chamava com cordeal affecto a Maria Senhora nossa, sua Mãy; e Pay ao Santo Patriarca Jozé. Toda sua ancia era merecer-lhe o nome de filha. Conjecturou-se, que de algum modo o merecera; porque abrindo-se sua sepultura, quarenta annos depois de sua morte, sentiraõ as Religiosas hum cheiro suavissimo, de que deraõ todas testemunho, e o de sua vida o deixou justificado.

A Madre Sor Ursula Bautista.

Seguio os mesmos passos a Madre Sor Ursula Bautista, dando tambem os primeiros de sua vida, para buscar seu Esposo, como encaminhada da soberana Estrella, a Virgem Maria: porque orando diante de huma Imagem sua, ouvio, que a aconselhava: *Que abraçasse o Instituto de S. Domingos, Prégador do seu Rosario.* Mereceo Sor Ursula este favor, vivendo ainda em Irlanda, (sua Patria) e soube agradecello com hum taõ reformado estylo de vida, como se já se vira na mais estreita observancia. Continuou-a com tanto rigor nesta Casa, que foy necessario mediar a obediencia a suspender os excessos della. Serviaõ-lhe de cama duas taboas em cruz, em que acommodava o corpo de sorte, que lhe ficava crucificado em trez cilicios de ferro, que pregara industriosa nas taboas, e dissimulava com huma manta, como os com que continuamente se cingia.

Elegeraõ-na Prioreza: e como tirada do centro do seu retiro, e continua contemplaçaõ, cahio aos nove mezes de huma doença mortal. Assistiaõ-lhe, e rodeavaõ-na as Religiosas, que lhe desejavaõ a vida; e lhe fal-

lavaõ na esperança della; a que respondia: *Que naõ gastassem com ella cuidado, e assistencia: que a deixassem como huma pouca de terra; e que fossem para o Coro dar louvores a Deos, que só era o que nunca acabava.* Recebeo os Sacramentos com grande alvoroço; e pedindo á todas, que por seu respeito naõ faltassem a acto algum de Communidade, ficou com ella huma unica Religiosa; que vendo-a proxima ao ultimo parocismo, levantou a voz para chamar as Religiosas, (estavaõ no Refeitorio áquella hora) mas naõ o consentio a moribunda, e disse com socego, e advertencia: *Para que? Naõ chameis ninguem. Dai-me aquella véla, que he sinal de Christãa, e dizei-me o Credo.* E repetindo-o com a Religiosa, passou desta vida, ficando com hum semblante taõ socegado, como se ainda vivera nella, e taõ bem assombrado, como se segurara a melhor em que já vivia.

A Madre Sor Joanna da Trindade. Soube-a buscar a Madre Sor Joanna da Trindade, pizando o mesmo caminho das mortificaçoens, cobrindo-se de cilicios, e ferindo-se com rigorosas disciplinas. Foy esta Madre Irlandeza, e de gentil parecer; mas sem attender mais que ás perfeiçoens da alma, castigava em si as prendas da natureza. Reparavaõ-lhe nas mãos, por bem feitas, claras, e mimosas, e ella metia-as em cal viva, para desfigurallas, por lhe naõ ser sempre possivel escondellas. Depois de morta, se lhe admiraraõ taõ perfeitas, como se em toda a vida antes as pullira, que as martyrizara. Enfermou, e juntamente com ella a Madre Sor Angelica, (de que logo diremos) e a poucos dias de doença, disse com muita segurança: *Que era chegada sua morte, porque ella vira aquella noite passar por junto á sua cama a Madre Sor Angelica; e que voltando-se para ella, lhe dizia: Venha Sor Joanna, que já he tempo.* E accrescentava: *Que ainda que Sor Angelica estava com ella enferma, e mais perigosa, naõ iria primeiro.* E succedeo assim, porque em breves dias acabou a vida com admiraveis mostras de alegria, e dahi a dous mezes faleceo a Madre Sor Angelica. Era a Madre Sor Joanna muy recatada; assim sepultou comsigo mayores empregos de sua vida. Só dizia, que recebera nella singulares mercês da Senhora do Presepio, de que era devota. Está esta Imagem na Capella das Horas: he de grande veneraçaõ na Casa.

A Madre Sor Angelica Maria das Chagas. Seguio á Madre Sor Joanna a Madre Sor Angelica Maria das Chagas, meya irmãa das Madres Sor Maria de Jesus, e Sor Luiza Maria, de que já fica noticia nas primeiras desta Casa. Cahio-lhe a esta Madre o nome de Angelica por sorte, porque tirando-as suas irmãas, quando houve de bautizar-se, lhe sahio este. Desempenhou-o ella na candidez de sua alma, testemunhando seu Confessor, que nem hum leve pensamento lhe maculara a pureza, naõ porque o fugira, mas porque totalmente o ignorara. Trez vezes a poz no lugar de Prelada o zelo, o desvelo, o amor da observancia. Foy placida sua morte, como fora pura sua vida. Desta Madre, e de suas duas irmãas testemunhou hum Religioso de grande opiniaõ, que sabia a quem (estando em oraçaõ) se

repreſentaraõ vivamente em as fórmas de trez eſpiritos Angelicos. Aſſim paſſariaõ deſta vida, a accreſcentallos no numero, e a acompanhallos no ſeu exercicio.

A Madre Sor Iria de Santo Antonio.

Continuou-o na terra a Madre Sor Iria de Santo Antonio, Irlandeza de naçaõ, e da Caſa dos Condes de Berry, e Muſcry, porque deſde menina ſe lhe naõ ouvio na boca mais que Deos. Depois de Religioſa, nada mais lhe levou o cuidado. Inventou hum tal exercicio de oraçaõ vocal, e mental, que podeſſe continuallos a todo o tempo, ainda quando o tiveſſe mais occupado. Trabalhavaõ as mãos, em quanto ſobiaõ ao Ceo os deſejos; e naõ eraõ aquellas menos operoſas, por andarem eſtes mais ſuſpendidos. Couſa, que admirava a quem tinha mais noticia de ſua conſciencia. Obediente executava ſem repugnancia o que talvez parecia fazel-la a razaõ, ſem olhar mais, que para a unica de ſer mandada. Caritativa, eſpecialmente com as enfermas, ſentia naõ achar ſempre em que ſervillas. Tendo noticia de que falecera peſſoa, a que a ſua pobreza deixaria ſem ſuffragios, os tomava por ſua conta, rezando-lhe o Pſalterio, e outras devoçoens, que lhe aconſelhava a commiſeraçaõ de ſeu eſpirito.

Eſtes, e ſemelhantes exercicios, e a eſtreita obſervancia, que profeſſara, e em que naõ afrouxara nunca, lhe continuaraõ huma vida ſem culpa mortal. Teſtemunharaõ-no aſſim ſeus Confeſſores. Faleceo com eſpirito inteiro, e ſocegado, como quem conhecia a morte antes por tranſito, que por termo.

A Madre Sor Marianna da Trindade.

Poz eſte ao grande martyrio de ſeus achaques, a da Madre Sor Marianna da Trindade, de naçaõ Irlandeza, companheira, e conſanguinea da Madre Sor Iſabel da Paixaõ, de que já fica memoria. Avultou mais neſta Madre, entre huma eſtreita obſervancia, huma invencivel paciencia, com que deſafiava os deſcommodos da vida, para a trazer ſempre exercitada. Sobreveyo-lhe o achaque de hum cancro, que occultou muitos annos, ſem que a mais leve queixa ſerviſſe de indicio, recatando todos com o receyo de que a privaria a obediencia da continuaçaõ das Communidades, e Matinas á mea noite, a que ſe ſeguia o deſvelo de ficar orando até á madrugada, e as mais vezes de joelhos no retiro da cella.

Alcançou em fim a Enfermeira o mal, que a conſumia; ſentio-o ella com lagrimas, vendo-ſe já obrigada a afrouxar nos rigores da obſervancia. Continuava os que ſe lhe permittiaõ, quando a impedio de todo huma doença, em que, levando-a da cella para a Enfermaria, diſſe com admiravel ſegurança: *Que já naõ tornaria a ella.* Foy aſſim; porque ſe lhe apreſſou a morte, e taõ placida, que pareceo premio de ſua paciencia. Era eſta Religioſa muy devota do Santo Bautiſta. Guardava a agua, que ſerenava na ſua noite, para todo o anno; e affirmaraõ as Religioſas, que a applicava, e ſervia de remedio a muitas queixas.

Sor Brizida de S. Patricio.

Fechemos eſte Capitulo com a noticia de duas Religioſas Converſas, Portugueza huma, outra Irlandeza. Foy eſta a irmãa Sor Brizida de S. Patricio, a quem

a quem o Santo parece que participou muito de seu espirito na graça de operaçoens fóra da esféra humana. Escrevemos o que nos testemunharaõ Religiosas de grande opiniaõ, que hoje vivem, e viveraõ com Sor Brizida, e fallaraõ, naõ de tradiçaõ, mas de experiencia, e pelo que ouviraõ aos Confessores da Casa. Foy Sor Brizida dotada de huma maravilhosa sinceridade, e singeleza. Era sua vida huma oraçaõ continuada, em se desembaraçando das obrigaçoens a que acodia. Costumava dizer: *Que para aquelle exercicio naõ havia de haver relogio, se naõ estar sempre com Deos; e o preciso á vida humana, satisfazerse de pressa.* Assim o executava no que lhe pertencia, para ficar livre, e acompanhar as Religiosas nas Matinas, sendo mayor martyrio para ella o naõ lho permittir o preceito da Prelada.

Levava-a hum singular afecto a abraçar as acçoens da nossa Santa Rosa de Lima, especialmente da sua penitencia; assim cingio a cabeça com hum cilicio de agudos bicos de ferro; que dissimulava com a toalha; outros lhe rodeavaõ o corpo, fazendo-os mais asperos a continua applicaçaõ ao serviço. Era austero o seu jejum. Muitos de paõ, e agua. Abstinha-se de a beber, consumindo-se em rigorosa sede, mas temperava-se esta com a inundaçaõ de favores Celestes. Assistia na cosinha: e faltando-lhe muitas vezes o provimento necessario para chegar a toda a Communidade, lhe lançava huma bençaõ em nome de S. Patricio, e sobejava tudo. Estando occupada em servir o Mosteiro, ou na cella, ou em parte mais desviada, ouvia Missa, e adorava o Santissimo, como se estivera á grade do Coro. Fallava em cousas futuras, que depois se viaõ com o successo, que ella apontava; e perguntando-lhe: *Quem lhe dera a certeza*, respondia singelamente: *Que fora cousa que sonhara.*

Ateouse por hum descuido o fogo no Claustro, e ameaçava todo o Mosteiro. Instava Sor Brizida na oraçaõ, a que recorreo logo; quando vio que, entrando huma grande, e desconhecida ave branca de pennas, no meyo das lavaredas bateo as azas, e apagando o incendio, desappareceo entre o fumo. Achava-se gravemente enferma, e era mortal o fastio. Disse a huma companheira sua que entendia que só hum bocado de perdiz lhe abriria a vontade. E dizendo-lhe a companheira: *Que, se se achasse, logo se compraria*; o naõ consentio ella, dizendo: *Que Deos a daria, se quizesse que assim melhorasse.* Cousa foy maravilhosa, (e que ainda hoje o testemunha a companheira a quem succedeo) que sahindo logo esta a hum quintal do Mosteiro, lhe cahio aos pés huma perdiz, cousa, que em todo elle se naõ achava. Assim a trouxe guizada: e contou o successo á enferma, que, dando graças a Deos, começou a convalecer daquella hora. Contava setenta annos de idade, quando chegou a ultima de sua vida em hum accidente. Recebeo a absolviçaõ, que só a isso lhe deu lugar, e passou (como piamente se conjecturou de sua vida) aos da felicidade eterna, em 27 de Agosto de 1689.

Sor Felicia da Madre de Deos.

Foy a outra irmãa Conversa, Sor Felicia da Madre de Deos; e as-

e aſſim toda de Deos em ſua vida, que, eſtando ainda no berço, diſſe a ſeus pays hum Religioſo Dominico, de grande eſpirito, que a criaſſem com cuidado; porque ſeria Freira Dominica, e grande Religioſa. Vioſe huma couſa, e outra; porque entrando neſta Caſa, viveo com grande edificaçaõ de toda ella, e faleceo tendo vaticinado as circumſtancias de ſua morte. Na hora della ſe entendeo, que lhe aſſiſtira Santa Maria Magdalena, (Protectora da Ordem) de quem era muy devota; e acabou como quem merecia tal viſita. Vio-ſe com effeito o que vaticinara. Porque lhe deu o Viatico o Meſtre Fr. Manoel Leitaõ, neſte tempo Viſitador do Moſteiro, com Patente do Meſtre Geral, e entraraõ com ella a dar-lhe ſepultura alguns Religioſos deſta Provincia; que era o que tinha dito havia muitos tempos, que os Padres della teriaõ muito trabalho com ſua morte, e ſepultura. Naõ podendo entender-ſe aſſim, porque o Moſteiro eſtá iſento da juriſdicçaõ da Provincia de Portugal, e immediato ao Geral; tem Vigario Irlandez, que he o Reytor do Collegio dos Hibernios, e em ſemelhantes funçoens ſó ſe achavaõ os taes Religioſos. Faleceo Sor Felicia em 15 de Dezembro de 1697. e foy das ultimas Religioſas, que neſta Caſa deixaraõ ſingular memoria de ſua vida, deixando muitas, que paſſando-a (como he vulgar no Moſteiro) em eſtreita obſervancia, nos naõ alargaõ eſta eſcritura, em que ſó o mais raro nos tem ſervido de aſſumpto.

CAPITULO XXV.

Deſcreve-ſe a Igreja nova, e o augmento, que teve toda a Caſa.

COmo a fabrica da Igreja, que hoje ſe vê, foy empreza da Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto, e primeiro, que ſe aperfeiçoaſſe a obra, faleceraõ muitas Religioſas na Caſa, nos foy preciſo, por naõ interromper a ſerie das filhas della, guardar para eſte ultimo Capitulo o raſcunho da Igreja, e mais eſſencial de toda a Caſa. Era grande a eſtreiteza della; augmentavaõ-ſe as Religioſas, houve de tomar mais campo o interior do Moſteiro; (já fica apontado o ſitio) começaraõ a creſcer as paredes em quatro lanços, eſpaçoſos Dormitorios, artificioſas, e alegres eſcadas, e proporcionadas officinas. He ſingular a do Refeitorio, com ſetenta palmos de comprido, quarenta de largo, caſa alegre, e bem acabada, meyas paredes de azulejo, que a deixaõ mais viſtoſa. Clauſtro grande, ayroſo, e deſaſſombrado, com hum jardim de muitas flores, animadas de huma fermoſa fonte, (que no meyo ſe levanta) de lavrados, e pulidos jaſpes brancos, pretos, e encarnados, diſpoſtos com todo o primor da arte, naõ ſendo menos o com que ſe vem deſatar copioſas aguas por muitos, e varios eſguichos. Foy tudo idéa da Madre Sor Maria. Aſſim fica ſendo o interior do Moſteiro a mais perfeita Caſa de Clauſura, que hoje ſabemos das muitas, que ha na Corte, de que algumas a excedem na grandeza, mas naõ na regularidade.

Mas

Mas paſſando á fabrica da Igreja, a que devemos mais individual noticia, como Caſa, em que as familias religioſas ſe eſmeraõ mais, aſſim na arquitectura, como no ornato, e no aceyo; tornaremos a repetir o que já tocámos para mais clareza. Falecida a Condeſſa Fundadora, e ficando a Caſa, naõ Moſteiro, mas hum Recolhimento acanhado, com huma pequena Ermida, antes que Igreja, ſuſpiravaõ as Religioſas por conſagrar a Deos mais grandioſa, e decente Caſa. Diſpollo o Ceo: porque falecendo D. Joaõ de Menezes, irmaõ da Madre Sor Maria Magdalena, ſem herdeiro, lhe veyo a ella o morgado, com rendimento de quatro mil cruzados. Todos applicou eſpecialmente á fabrica da Igreja, e depois ao principal de toda a obra da Caſa, que foy o que acabou em ſua vida. Ella deu aos officiaes a idéa da Igreja, que hoje ſe vê neſta fórma.

Creſcem as paredes com ella oitavada até o frizo, em que deſcança huma abobada continuada até fechar no centro della com humas faxas de pedra. Deſta ſaõ tambem todas as paredes, repartindo-ſe, e continuando-ſe em bem lavrados pilares, que acompanhaõ ſeis arcos das Capellas, que em circuito formaõ o corpo da Igreja. Fica a porta della em o arco do meyo da parte da Epiſtola, e vem a ſer cinco as Capellas, por ſe occupar eſte arco com a porta. Em os dous, que ficaõ a Naſcente, e Poente, ſe vem a eſte a Capella mór; naquelle duas grades de dous Coros, que lhe ficaõ fronteiros. Correm por cima das Capellas, e arcos, ſeis janellas, dando a pedraria entre ellas lugar a ſeis quadros de Santos da Ordem; aſſim fica todo o corpo da Igreja alegre, ornado, e viſtoſo.

Abre-ſe entre os outros o arco da Capella mór mais largo, e alteroſo. He toda a Capella de pedraria varia; occupa o retabolo todo o vaõ della, e creſce em oito columnas de jaſpe matizado, ſuſtentando hum arco da meſma materia, que com baſtante vaõ de huma abobeda de gracioſa pedraria, fica com o tecto ſervindo de docel ao Sacrario. He eſte todo de prata, de altura de trez covados, mais de cinco no circuito da baze. Sóbe em fórma oitavada, e pyramidal, com ſuas quartellas da meſma materia, lavradas de relevo, e vay-ſe formando nas faces em gracioſas molduras, que acompanhaõ finas laminas, em que ſe lê a Hiſtoria dos Cantares. Remata em cima com huma Cruz bem lavrada da meſma materia, que deixa toda a obra ayroſa, e rica.

Na face do retabolo (que creſce ſobre o arco, que cobre o Sacrario, e remata no alto da Capella, ſobindo deſde as oito columnas, athlantes de toda a obra) ſe abrem quatro nichos dos meſmos jaſpes, em que ſe vem as Imagens de noſſos glorioſos Patriarcas. A de S. Domingos da parte da Epiſtola, dando a do Evangelho a S. Franciſco. Sobre os arcos deſtes dous primeiros deſcançaõ outros dous nichos, com a meſma correſpondencia; vem-ſe nelles a Imagem de S. Thomaz da parte eſquerda, a de Santo Antonio na direita. Acompanhaõ eſtes dous nichos o arco de huma fermoſa tribuna, ayroſa, e deſafogada, em que

que

que se remata, e fecha todo o retabolo. Occupa o vaõ della hum throno mageftoso, em que descança a Imagem da Senhora do Bom Successo, Orago da Casa, e de muitos milagres (como já deixamos noticia). Acompanhaõ o throno dous Anjos, que, como se os sustentara o voo, estendendo as azas, recolhem as cortinas, com que se cobre, ou se manifesta a Imagem. Ao pé della se vem as do Arcanjo S. Miguel, e Anjo Custodio do Reyno.

Cresce toda esta maquina á face da Capella sobre o Altar, a que acompanha huma banqueta de jaspe preto, com embutidos de finissima pedra branca, outra vermelha, preciosa, e resplandecente como rubim. Sobre esta banqueta, em lugar mais sobido, como servindo de peanha ao Sacrario, se vê outra de talha bem lavrada, e dourada, em que se recolhem varias Reliquias, a principal, que occupa o meyo, a cabeça de S. Sotero Papa, e Martyr. Mostraõ-se nas paredes da mesma Capella mór, lavradas á face della, duas sepulturas, de huma, e outra parte, em que se abrem dous arcos de jaspe preto; cobrindo a mais obra, que he de varios, e bem lavrados jaspes; na da parte do Euangelho se lê este epitafio:

Aqui descançaõ os ossos de Dona Iria de Brito, Condessa que foy da Feira, e viuva segunda vez do primeiro Conde de Atalaya D. Francisco Manoel; de cada Conde destes lhe levou Deos hum filho, e em seu lugar lhe deu toda a nobreza do Reyno de Irlanda por filhas; para ellas fundou este Convento, e deu a sua fazenda com larga maõ. Nomeou nossa Senhora do Bom Successo por Padroeira, em 13 de Novembro de 1639 se disse a primeira Missa, e em 26 de Janeiro do anno de 1640 a levou Deos com todos os Sacramentos a gozar os premios da sua devoçaõ.

Pater noster.

Corresponde da parte da Epistola outro nicho, e em outra semelhante sepultura se lê este epitafio:

Aqui nesta dura pedra descançaõ os ossos de D. Nuno Manoel, de treze annos, unico filho dos primeiros Condes de Atalaya D. Francisco Manoel, e Dona Iria de Brito, sua esperança da posteridade, e mais amado por suas partes,

que

que pela succeſſaõ, que delle eſperavaõ; de que a morte os deſenganou no anno de 1659.

Pater noſter.

Occupaõ, e continuaõ o circuito da Igreja cinco Capellas. Da parte do Euangelho he a primeira da Senhora do Roſario, Imagem fermoſa, que mandou fazer a Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto. Segue-ſe a do Apoſtolo de Hibernia S. Patricio, logo a de S. Gonçalo. Da parte da Epiſtola he a primeira do Santo Chriſto, he toda ao moderno de boa talha, devida ao cuidado, e diſpendio da Madre Sor Maria de Jeſus, que he Prioreza ao tempo, que iſto eſcrevemos, e com grande zelo do culto Divino, intenta continuar as mais Capellas na meſma fórma. Segue-ſe logo o arco, em que fica a porta da Igreja, e a ella a Capella de Santa Brigida, entre a qual, e a de S. Gonçalo fica o arco, em que ſe abrem as duas grades de dous Coros, capazes, e proporcionados a toda a obra, ornados decentemente com a de cadeiras, e pinturas.

Fim do quarto livro.

que pela succeßaõ, que delle esperavaõ; de que a morte os desenganou no anno de 1659.

Pater noster.

Occupaõ, e continuando o circuito da Igreja cinco Capellas. Da parte do Euangelho he a primeira da Senhora do Rosario, Imagem fermosa, que mandou fazer a Madre Sor Maria Magdalena de Christo. Segue-se a do Appostolo de Hibernia S. Patricio, logo a de S. Gonçalo. Da parte da Epistola he a primeira do Santo Christo, he toda ao moderno de boa talha, devida ao cuidado, e dispendio da Madre Sor Maria de Jesus, que he Prioreza ao tempo, que isto escrevemos, e com grande zelo do culto Divino, intenta continuar as mais Capellas na mesma forma. Segue-se logo o arco, em que fica a porta da Igreja, e a ella a Capella de Santa Brigida, entre a qual, e a de S. Gonçalo fica o arco, em que se abrem as duas grades de dous Coros, capazes, e proporcionados a toda a obra, ornados decentemente com a de cadeiras, e pinturas.

Fim do quarto livro

APPENDIX
A ESTA
QUARTA PARTE.

Noticia breve em commum dos Eſcritores da Ordem de S. Domingos neſta Provincia de Portugal.

NAM nos occupará a penna neſte conciſo Catalogo, menos que Author, q̃ com a ſua ſe fez digno de enchello. Digo o que com ella alargou a ſua eſcritura a emprego executivo de huma eſtimavel memoria. Porque naõ obſtante ſer hum diſcurſo predicativo (ſe he cabalmente deſempenhado) demonſtraçaõ de, hum igual talento, ſem duvida faz pouco vulto, aſſim para encher os numeros de hum Catalogo, como para ſingularizar hum engenho, em que aquelle exercicio he Inſtituto. Aſſim naõ ſeguiremos a vulgaridade dos que, para multiplicar Eſcritores, barateaõ eſte nome; e naõ daremos favor ao eſcrupulo dos que quizerem ter eſte noſſo emprego por menos juſtificado. Os erudîtos, e curioſos, que neſta materia deſejarem mais individuaçaõ, e allegaçoens, (que authorizaõ verdades, e comprovaõ a exiſtencia, e operaçoens dos Authores) pódem ver o *Theatro Literario*, que eſcreveo o M. Fr. Pedro Monteiro no ſeu *Clauſtro Dominicano.*

Em todos os ſeculos, deſde a ſua inſtituiçaõ, foy a Religiaõ Dominicana officina de Meſtres, Eſcritores, e Obſervantes (como Paleſtra de letras, e virtudes) de que ás Univerſidades encheo as Cadeiras de Meſtres; á Igreja os Altares de Santos; e a todo o Mundo, (nos deſtrictos da Fé) de Obreiros Evangelicos.

Neſta quarta Parte o acabamos de comprovar com os illuſtres filhos deſta Provincia, (todos grandes, muitos Veneraveis) que continuaraõ eſte ſeculo

lo proximè passado, os exercicios de seu sagrado Instituto; e parece razaõ, que a demos de terceira Classe de sogeitos religiosamente heroicos, que com a laboriosa applicaçaõ de suas remontadas pennas, se souberaõ negocear segundas vidas; porque nem a morte (que sabe triunfar nas de todos) deixará de lhas reconhecer nos seus escritos. Será a noticia generica, porque naõ pareça, que queremos senhorear a alhea, ou ambiçaõ de alargar escritura.

O primeiro Religioso, que achamos lembrado com este emprego nesta Provincia, he Fr. Affonso Bom Homem, que em letras, e virtude confirmou o cognome. Foy singularmente versado nas linguas Latina, Grega, Hebraica, e Arabica. Verteo desta em Latim o *Tratado de Rabbi Samuel.* Argumento do verdadeiro Messias.

Fr. Ayres Correa escreveo sobre os *Dezasete Capitulos do primeiro livro dos Reys.* E sobre o *Profeta Egeas.*

Fr. Alvaro da Torre, Mestre em Theologia, e Prégador del-Rey D. Joaõ o II. escreveo hum grande *Tratado da Creaçaõ do Mundo.*

O Mestre Fr. Alvaro Leitaõ, Prégador delRey D. Affonso VI. e D. Pedro II. escreveo, e imprimio hum Tomo de *Sermoens Quadragesimaes*; e mais sete avulsos, tambem impressos, e prégados em dias, e funçoens notaveis.

O Mestre Fr. André de Resende (milagre dos Escritores do seu tempo, e dignissimo de se reconhecer em todo) estimado dos Reys, e Principes destes Reynos, como de muitos dos estranhos; assumpto de singulares elogios, nas pennas dos doutos, assim por suas Prosas, como por suas Poesias; compoz hum grande volume, em que ajuntou quatro livros de *Antiquitatibus*, e algumas traducçoens do Latim, em que era peritissimo. Escreveo huns *Commentarios de verborum conjunctione.* Escreveo dous livros de *Aquæductibus* por ordem delRey. Outro de *Aquæductu Eborensi.* Escreveo hum Tratado, que intitulou *Genealiacum Principis Lusitaniæ.* Compoz em Latim com singular estylo, e acerto as vidas de muitos Santos, especialmente as de S. Vicente Martyr, Padroeiro de Lisboa, e de S. Fr. Gil, da Ordem dos Prégadores, S. Gonçalo de Amarante, da mesma Ordem, e da Rainha Santa Isabel. Escreveo varias cartas no mesmo idioma Latino á varios homens erudítos do seu tempo. Hum livro de *Arquitectura.* Huma *Apologia*, impugnando certo Prelado. Hum *Poema*, que intitulou *Adversus Stolidos, politioris Literaturæ obtrectatores*, com a singular elegancia de que era dotado na Poesia. Varias *Oraçoens* no mesmo idioma Latino, que escrevia com pericia, e representava com viveza. Outro Poema de *Bracharæ urbis conditione.* Compoz huma *Chronica* delRey D. Affonso Henriques. Escreveo o *Martyrologio Portuguez* em idioma Latino. Reformou o *Breviario Eborense*, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique. Compoz huma obra, que intitulou *De Coloniarum, & Mancipiorum jure commentarium.* Quasi tudo vio em sua vida com o premio da estampa, concorrendo os erudítos para lhe perpetuarem os elogios,

gios, e para lhe naõ perderem os documentos. Ditoso seculo!

Fr. André Dias, Bispo de Megara, escreveo algumas obras para o bom governo das consciencias, de que se acha alguma nos manuscritos do V. M. Fr. Luiz de Granada. E huma *Collecçaõ* de prodigios do Senhor Jesus, que se venera na Igreja de S. Domingos de Lisboa; e ainda que naõ achamos mais testemunhos da sua penna, naõ he aqui ociosa esta memoria, por ser de hum Prelado, que recomendou a sua, assim na vida, como na morte, sendo ambas testemunhas de sua santidade.

O Mestre Fr. André de Santo Thomaz, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, insigne Theologo, escreveo doutissimos *Commentarios* sobre a *Summa de Santo Thomaz.*

O Mestre Fr. Antonio de Affonseca, Lente de Escritura na Universidade de Coimbra, e Prégador delRey D. Joaõ o III. escreveo *Commentarios* sobre o *Pentatheuco*, exposto pelo Cardeal Caetano, de que tambem escreveo a vida. Compoz tambem sobre *Josué*, livros dos *Reys*, e *Paralipomenon.*

O Mestre Fr. Antonio de Almeida escreveo dous tomos de *Sermoens de Mysterios*, e *de Santos.*

O Mestre Fr. Antonio de S. Domingos leo a Cadeira de Theologia na Universidade de Coimbra, em que foy Deputado da Inquisiçaõ, naõ só foy hum dos celeberrimos Theologos no seu seculo, mas hum grande Escritor; escreveo com profundidade sobre toda a *Summa de Santo Thomaz.* Escreveo huma *Chronica dos Santos da Ordem*, e hum tomo sobre os *Novissimos do Homem.*

O Mestre Fr. Antonio Coutinho escreveo, e imprimio varios *Sermoens.*

O Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ (que foy Provincial em Armenia, e destro naquella lingua) escreveo varios *Documentos* para o governo dos seus subditos, a que purificou de alguns erros. Escreveo tambem varias *Relaçoens das Christandades de Solor*, em que se achou, e deu a noticia do que os filhos de S. Domingos obraraõ nellas. Deu tambem á estampa a terceira Parte da Historia desta Provincia, escrita pelo grande Chronista Fr. Luiz de Sousa, em que escreveo algumas addiçoens, imitando o seu estylo com singular elegancia Historica.

Fr. Antonio de França escreveo a *Vida da Princeza Santa Joanna.* Hum livro da *Instituiçaõ da Casa de Jesu de Aveiro.* Huns fragmentos da *Historia de Hespanha.* Huma *Relaçaõ dos Reys sepultados em Alcobaça*, escrita por ordem delRey D. Sebastiaõ.

Fr. Antonio Feyo, insigne Prégador, escreveo hum tomo de *Sermoens Quadragesimaes.* Mais dous tomos de *Sermoens de Santos.* Hum tomo de *Festas de nossa Senhora*, e mais alguns *Sermoens* avulsos; tudo deu ao Prélo.

O Mestre Fr. Antonio Ferreira, Confessor delRey Dom Joaõ o III., e do Principe D. Joaõ seu filho, escreveo dous tomos sobre particulares *Assumptos dos Santos Padres*, e *dos Euangelhos de todo o anno.*

Fr. Antonio de Madureira, insigne Genealogico (e nesta materia

teria o mais perito de seu tempo) escreveo muitos livros de *Familias deste Reyno*, de que hoje se valem os que melhor escrevem, e estimaõ os que melhor o entendem.

Fr. Antonio dos Prazeres escreveo huma *Historia dos Estados da India*; e estando para a authorizar o Prélo, se sepultou nas mãos de certo personagem, que a alcançou com artificio, e a negou com indecóro.

O Mestre Fr. Antonio Pereira, Deputado do Santo Officio na India, e neste Reyno, escreveo, e imprimio varios *Sermoens*.

O Mestre Fr. Antonio da Resurreiçaõ, naõ só grande Theologo, mas o mayor do seu seculo, (e em tempo em que se reconheciaõ muitos, naõ só na Provincia, mas em todo o Reyno) Lente de Prima na Universidade de Coimbra, em que tambem foy Deputado do Santo Officio. Deixou doutissimos manuscritos sobre a *Summa de Santo Thomaz*, a que a penuria da Provincia deixou sem o merecido premio do Prélo, que se occupou com alguns Sermoens seus, com que a estimaçaõ dos que o conheceraõ, quiz contentar a memoria dos que suspiraraõ.

O Mestre Fr. Antonio Ribeiro escreveo, e imprimio alguns *Sermoens*.

O Mestre Fr. Antonio Rosado escreveo, e imprimio trez volumes. Hum sobre a *Destruiçaõ de Jerusalem*. Outro sobre os quatro *Novissimos*. Outro de *Sermoens, e milagres do Rosario*. Deixou muitos *Sermoens* avulsos, dignos da estampa, como tambem hum volume de *Vidas de Santos*.

O Mestre Fr. Antonio de Senna, illustre, e incançavel Escritor, (de huma cousa, e outra deu testemunho sua penna) escreveo dous tomos de *Questoens Theologicas*. Outros dous; hum de *Comparatione virtutum*. Outro de *Quinque statibus hominis*. Escreveo hum volume do que pertence á absoluta fórma da Religiaõ; illustrou a *Summa de Santo Thomaz*, pondo-lhe á margem citaçoens dos Padres, e Authores Gentilicos. O mesmo fez nas *Questoens disputadas do mesmo Santo*, emprego de incomparavel estudo, concluído em trez annos e meyo. Escreveo huma *Chronica recopilada de toda a Ordem*. Outra, ainda que já adiantada, naõ concluida. Hum tomo, que intitulou *Bibliotheca Fratrum Prædicatorum*. Varias *Vidas de Santos, de Beatos, e Veneraveis da Ordem*. Para glorioso interesse dos eruditos, deu á estampa o *Commento de Santo Thomaz* sobre o *Genesis*. Intentou o mesmo nos *Commentarios do mesmo Santo* sobre os *Machabeos*, mas naõ se igualaraõ as posses com o zelo, contentando-se com a gloria de ter descuberto os *Commentarios*, com diligencia taõ laboriosa, como bem afortunada; servindo a sua penna, naõ só de facilitarnos o credito dos seus Escritores, mas os a que faltava a noticia de nossos. Fez dar á estampa humas *Homilias do Cardeal Infante Dom Henrique*; a que accrescentou alguns *Discursos* seus predicativos.

O Mestre Fr. Antonio de Sousa, Provincial que foy desta Provincia, e depois Vigario Generalissimo de toda a Ordem, por Clemente VIII., e ultimamen-

mente Bispo de Viseo. Escreveo huma *Chronica* desta Provincia.

O Mestre Fr. Antonio de Sousa, segundo do nome, consumado Theologo, e insigne Canonista, Deputado do Conselho Geral da Inquisiçaõ, escreveo trez volumes. O primeiro intitulado *Aforismos dos Inquisidores*. O segundo sobre a *Bulla da Cea*. O terceiro de *Solicitantibus*, todos em idioma Latino, em que era singularmente versado. Naõ o era menos no Pulpito, estudo de que tambem enriqueceo o Prélo.

Sor Antonia de S. Domingos, Religiosa na Casa de Jesus de Aveiro, dotada de singular engenho, escreveo com admiravel estilo a *Vida da V. M. Luiza do Rosario do mesmo Mosteiro.*

O Veneravel Padre Fr. Bartholomeu dos Martyres, Primaz das Hespanhas, Regra de Religiosos, exemplar de Prelados, e admiraçaõ de todos, que com o nome de Arcebispo Santo se encontra a cada passo nos Escritores do seu, e nosso tempo, como Oraculo Catholico, escreveo hum volume intitulado *Compendium Spiritualis Doctrinæ ex variis SS. Patrum sententiis collectum.* Outro, que intitulou *Stimulus Pastorum*, que S. Carlos Borromeo fez imprimir na Curia Romana. Escreveo hum tomo *In Psalmos, & Cantica Feriarum.* Outro: *Annotationes in Jeremiam, & alios Prophetas.* Hum tomo, que intitulou *Puncta tangentia jura, & casus conscientiæ*: Outro: *De variis studiis ad Sacram Scripturam pertinentibus.* Escreveo hum tomo, que intitulou *Epitome Chronicorum Mundi.* Outro: *Compendium Historiarum Ecclesiasticarum.* Outro: *Narrationes gestorum in Concilio Tridentino.* Outro: *Regulæ mensæ Religiosæ.* No nosso idioma escreveo hum *Tratado de Praticas devotas* para os Prelados, que daõ Ordens. Outro: *Praticas Espirituaes* sobre os Evangelhos das Festas de todo o anno. Hum *Summario da Doutrina Christãa*, copioso de documentos exemplares, para educaçaõ dos moços do seu Arcebispado. O *Cathecismo da Doutrina Christãa*, que ElRey Dom Sebastiaõ mandou imprimir. Todas estas obras, que podiaõ ser pedras preciosas naquella grande Mitra, foraõ especioso assumpto da fecundissima, e doutrinal penna do grande Fr. Luiz de Granada, que incomparavel em todos os empregos della, chegou com os elogios, aonde o Arcebispo com os progressos.

O Mestre Fr. Bento de Santo Thomaz, Theologo celebre, e Prégador insigne, escreveo hum tomo contra a *Perfidia Judaica*, que tendo approvaçaõ commua, perdeo com sua morte a vida da estampa, em que alguns *Sermoens* seus foraõ testemunho do muito que se perdeo no que se naõ imprimio.

Fr. Bartholomeu Ferreira escreveo, e imprimio hum grande tomo, que intitulou: *De iis, qui de Fide Catholica male s ntientes aliquid scripserunt, vel inter Catholicos tractatus alquid de suo interposuere*; obra de grande estudo, e igual proveito.

O Mestre Fr. Bartholomeu Ferreira, Deputado do Santo Officio; escreveo, e deu á luz a *Vida do Veneravel Padre Mestre Fr. Antonio Freire*, Confessor delRey D. Joaõ o III. e de seu filho o Principe D. Joaõ.

Fr. Bartholomeu da Veiga escre-

creveo hum tomo de especial estudo, com o titulo de *Computo Ecclesiastico.*

Fr. Bartholomeu Nobre escreveo dous tomos. Hum sobre o *Genesis.* Outro sobre *S. Mattheus.*

Fr. Braz de Resende, de raro, e memoravel engenho, estimaçaõ dos Principes do seu seculo, escreveo em verso o *Pranto da Magdalena*, e de *S. Pedro.*

O Mestre Fr. Christovaõ Carvaõ, Prégador celebre, escreveo, e imprimio hum tomo de varios *Sermoens.*

O Mestre Fr. Christovaõ do Rosario, Prégador, e Confessor da Rainha da Graõ Bretanha, escreveo dous grandes volumes de *Prédica*, estimaveis no voto dos erudîtos; mas os achaques, e morte do Author, lhe embaraçaraõ a gloria da estampa.

Sor Catharina Pinheira, filha do Convento de Jesus de Aveiro, de singular refórma, e engenho, escreveo a *Vida da Princeza Santa Joanna*, como testemunha de vista.

Fr. Damiaõ da Fonseca, grande Theologo, que o foy (passando a Roma) do Cardeal Baldino, e companheiro do Mestre do Sacro Palacio, escreveo huma obra singular (de que naõ ficou outra noticia) no idioma Italiano, em que era versadissimo, que imprimio vertida em Hespanhol, a diligencia, e com applauso da Curia.

Fr. Diogo Alvares escreveo dous tomos sobre *Isaias*, que imprimio em Roma.

O Mestre Fr. Diogo Artur, Lente de Prima na Cadeira, que a Religiaõ tem de propriedade na Universidade de Coimbra, o mais celebre, e reconhecido Theologo, que tiveraõ as Academias de toda Hespanha no seculo passado, (nesta Provincia perfilhado, ainda que de naçaõ Hibernio) escreveo com incomparavel profundidade, e methodo sobre a *Summa de Santo Thomaz*, que principiando-se a imprimir na Impressaõ Craesbekiana, morrendo o Impressor, e o Mestre, correraõ os originaes a mesma fortuna (naõ sem culpavel omissaõ desta Provincia) ficando a obra só nesta parte imperfeita, e sepultada no Collegio dos nossos Hibernios, que residem nesta Corte.

Fr. Diogo Callado foy perito nas linguas Latina, Japonia, e Chinense. Escreveo huma *Arte de Grammatica Japonense.* Hum *Diccionario*, e *Thesouro da mesma lingua.* Outro da *Chinense*, de grande utilidade para a propagaçaõ Evangelica, e commercio naquellas Regioens.

Fr. Diogo de Castilho escreveo varias obras de erudiçaõ, e noticias, que se conservaõ em Roma na Bibliotheca; a mais conhecida se vê com o titulo de *Origem dos Turcos, e seus Emperadores*, de que se valeo bem o vasto, e erudîto Escritor da *Republica Gentilica.* Algum Author nos quer tirar do *Catalogo Dominicano* este Escritor, mas com taõ leve fundamento, que o naõ podemos desconhecer nosso.

Fr. Diogo de Lemos, igualmente douto, que reformado, escreveo a *Vida de nosso Padre S. Domingos*, illustrando-a com conceitos, e erudiçaõ, obra estimavel; especialmente para a Rainha Dona Leonor, terceira mulher

lher delRey D. Manoel, que a mandou imprimir.

O Mestre Fr. Diogo de Moraes, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, insigne Expositor de muitos livros da Sagrada Escritura; (como se póde ver na Chronica de Fr. Antonio de Senna) foy elegante, e de feliz memoria, naõ menos venerado pela refórma de sua vida.

Fr. Diogo do Rosario, Varaõ de grande nome, assim em erudiçaõ, como em virtude; escreveo hum grande tomo de *Vidas de Santos*; e foy o primeiro *Flos Sanctorum*, que deu a luz a Emprensa de Hespanha. Outro de *Sermoens*, que tambem se divulgou por ella. Huma breve *Chronica da Ordem*, e huma *Summa de casos de consciencia*. Outra obra lhe attribue certo Author, digna da sua grande capacidade, e da nossa memoria, a ser mais commua a noticia.

Fr. Domingos Caveira de S. Payo escreveo hum tomo de *Santos deste Reyno*; outro dos *Varoens illustres da Ordem*. Ambos imprimio em França, em que a sua capacidade fez grande lugar ao seu nome.

O M. Fr. Domingos Freire, hum dos mayores Theologos, que admirou a Universidade de Coimbra neste seculo passado, escreveo por ordem do Santo Officio (de que era Deputado naquella Cidade) contra varios erros offensivos á Fé, descubertos, e confutados com a rara argucia do seu grande talento, e estudos. Escreveo a *Vida de Santa Rosa* em idioma Latino, em que era eruditamente versado. Escreveo varias *Rezas de Santos da Ordem*, admirando-se nos seus Hymnos a elegancia, e doçura Poetica, que o poz no Catalogo desta soberana Arte, em que tambem foy Mestre.

Fr. Domingos Smets, Germano de naçaõ, conhecido, e venerado pelas grandes reducçoens dos hereges celebres, que concluío em sua Patria, e nesta Corte, escreveo no seu idioma hum grande tomo de *Sermoens*, e *Praticas*, para todas as Domingas do anno.

Fr. Domingos da Paz, celebre Prégador Apostolico, escreveo na lingua Latina dous tomos de *Sermoens*, que em Veneza se deraõ á estampa.

O Mestre Fr. Domingos Daly, ou do Rosario, Irlandez de naçaõ, conhecido por Fundador dos Hibernios Dominicanos neste Reyno, (que já nesta quarta Parte nos deu assumpto) do Conselho privado da Rainha Dona Luiza (na menoridade de seu filho Dom Affonso VI.) seu Confessor, e primeiro Ministro do seu Despacho. Recusada a Cadeira de Prima (que a Religiaõ tem na Universidade de Coimbra), e varias Dignidades Episcopaes, foy Embaixador a Inglaterra, a França, a Roma duas vezes (por Filippe III. governando estes Reynos, por D. Joaõ o IV. e a Rainha Dona Luiza), em que mostrou huma capacidade rara; concluindo grandes importancias, com interesse, e reputaçaõ desta Coroa; em que veyo a aceitar o Bispado de Coimbra, por adiantar a fundaçaõ, que emprendera. Escreveo na lingua Latina, em que era versadissimo, huma *Chronica dos Reys de Hibernia*, e *Familia Geraldina*. Escreveo hum singular *Poema* em ver-

so heroico, em que incluio todas as censuras, que se achaõ no Direito Canonico, em beneficio de Confessores, e Moralistas.

O Mestre Fr. Domingos de Santo Thomaz, plausivel, e venerado talento nesta Provincia, e no passado seculo, (que nesta quarta Parte nos deu materia para estimavel escritura) Oraculo na Cadeira, como no Pulpito, singular Canonista, como insigne Poeta, escreveo toda a *Theologia*, especulativa, como moral, em seis grandes tomos, com o titulo de *Manuale Thomisticum.* Recopilou, e imprimio toda a *Theologia* em trez tomos, a que chamou *Tirocinios*. Escreveo, e imprimio hum tomo *Predicativo Panegyrico*, sobre a Sequencia do Sacramento, que compoz Santo Thomaz. Escreveo varios *Sermoens*, que perpetuou o Prélo, ainda que inferiores a seu grande nome.

O Mestre Fr. Estevaõ Leitaõ escreveo dous volumes, hum de *Laudibus Montis Calvarii*, outro a *Concordia de Jansenio*, Bispo Gandegavense.

O Mestre Fr. Estevaõ de S. Payo escreveo trez volumes, o primeiro com o titulo: *Thesaurus arcanus Lusitanis gemmis refulgens*. Aos outros dous deu o titulo de *Stemma selectissimum*, *&c.*

Fr. Filippe das Chagas escreveo hum volume, com o titulo de *Arte Poetica*, *Pintura*, *Symmetria*, e *Perspectiva*, e outro, que intitulou *Rosario da Senhora.*

Fr. Fernando de Almeida escreveo hum *Tratado* dos erros, que contém as Glossas dos Sagrados Canones, obra de importancia, e erudiçaõ.

O Presentado Fr. Fernando de Castro, neto do grande Vice-Rey D. Joaõ de Castro, escreveo o *Sitio da Cidade de Goa.* Escreveo a *Vida*, e *martyrio do Padre Mestre Fr. Jeronymo da Cruz*, que morreo pela Fé no Reyno de Siaõ.

Fr. Fernando da Encarnaçaõ, Bispo de Cochim, e depois do Algarve, escreveo hum volume de *Theologia* em vulgar.

O Mestre Fr. Fernando de Eleno escreveo hum tomo em idioma Italiano, que intitulou: *Historia de la desuniane del Regno de Portugelo de la Corona de Castiglia.* Outra memoria diz, que sendo outro o Author, elle o augmentou, e illustrou com singulares *Additamentos* de cousas notaveis.

O Mestre Fr. Fernando Soeiro, grande Theologo, (e hum dos mais celebres do seu tempo) foy Prégador dos Serenissimos Reys D. Joaõ o IV., D. Affonso VI., e D. Pedro II. Escreveo, e imprimio alguns *Sermoens* de relevantes assumptos, com erudiçaõ, e elegancia predicativa.

Fr. Fernando de Tavora, nomeado Bispo do Funchal, a que naõ podemos faltar com a breve reflexaõ (que nos pede sua refórma, erudiçaõ, e nobreza) de lhe assistir á profissaõ no Convento de Bemfica, o Cardeal Infante, que governou esta Coroa, e de ter por Mestre na Universidade (que a Religiaõ tem na Batalha) o Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres. Commentou o *Evangelho de S. Joaõ*, com o titulo: *Joannis Evangelium posterius scriptum.* Foy este Padre insigne na arte da Pintura.

O Mes-

O Mestre Fr. Fernando de Avreu, Consultor do Santo Officio, Desembargador da Relaçaõ Ecclesiastica Patriarchal, Deputado da Junta das Missoens, Academico do numero da Academia Real, escrevia nella as *Memorias do Bispado de Miranda*, em que já tinha occupado o Prélo com o *Catalogo dos Prelados daquella Igreja*, quando a morte lhe embargou os progressos della.

Fr. Francisco dos Anjos escreveo a *Vida da Veneravel Madre Jeronyma de Carvalho* da Terceira Ordem de S. Domingos.

O Mestre Fr. Francisco de Bobadilha, filho dos Marquezes de Punhaõ, (Hespanhol, mas perfilhado nesta Provincia) escreveo sobre o livro da *Sabedoria*. Commentou copiosamente o livro do *Ecclesiastico*, e todas as *Epistolas de S. Paulo*. Fez humas breves *Annotaçoens* aos *Proverbios de Salomaõ*. Compoz mais alguns *Tratados*, tocantes á materia da Religiaõ, e fóra della.

Fr. Fernando Soeiro, celebre Theologo, como o reconheceo (escutando-o) o Concilio Tridentino. Foy Prégador delRey D. Joaõ o III., Confessor delRey D. Sebastiaõ, e da Infante Dona Maria, filha delRey D. Manoel, e da Rainha Dona Leonor. Escreveo com admiravel acerto, e estylo sobre *Isaias*, *Job*, *Psalmos*, livros de *Salomaõ*; sobre os *Profetas*, assim *Mayores*, como *Menores*.

Fr. Francisco de Jesus escreveo hum tomo em oitavas Rimas de *Malaca Conquistada*.

O Mestre Fr. Francisco de Orta deixou escritos doutissimos, e copiosos *Commentarios* sobre toda a *Summa de Santo Thomaz*.

O Padre Fr. Francisco da Piedade escreveo huma obra grande, com o titulo de *Expositiones selectæ Sanctorum PP. Doctorumque clarissimorum, in totum Historiale utriusque paginæ textum*, de que se deu ao Prélo o primeiro tomo.

Fr. Francisco Mexia compoz, e imprimio hum tomo, que intitulou: *Ordo, & Methodus Partium S. Thomæ; & omnium partium resolutio*; obra importante a voto dos Theologos.

Sor Francisca Josefa de Nazareth, do Mosteiro da Rosa, traduzio do Italiano em Portuguez o tomo intitulado: *Finezas de Jesus Sacramentado*, que seu irmaõ Fr. Jozé de Santa Theresa, Carmelita Descalço, tinha composto em Italia.

Fr. Gaspar de Barros, grande Antiquario, e insigne Geografo, compoz, e deu á luz hum grande *Itinerario*, em que descreveo todos os lugares, nomes, e origens dos Reynos de Hespanha.

Fr. Gaspar da Cruz, o primeiro Missionario, que entrou no Imperio da China, nomeado Bispo de Malaca, e que acabou no seu exercicio com opiniaõ de Santo, escreveo hum *Tratado* taõ individual, como extenso, das cousas da China.

O Mestre Fr. Gaspar de Mello (que substituio a Cadeira de Prima, que a Religiaõ tem na Universidade de Coimbra, e passou por Inquisidor ao Estado da India) escreveo eruditas, e varias obras, de que ficou esta noticia confusa, e a de que a morte do Author lhe suspendeo a estampa.

Fr. Gaspar do Salvador, filho da India, compoz huma *Chronica* dos Religiosos daquella Congregaçaõ, que faleceraõ nella com nome de letras, e virtude.

Fr. Gastaõ, (de que se ignora o sobrenome) escreveo as guerras entre os Reys de Cochim, e Calecut, livro estimavel pela verdade experimental, com que seu Author tratou a materia, em que envolveo com a mesma as façanhas do grande Duarte Pacheco, em beneficio dos que escreveraõ deste Heroe.

O Mestre Fr. Gaspar Pinheiro, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, imprimio alguns *Sermoes*, prégados em festividades dignas de tanto Orador.

Fr. Jorze de Santiago, Varaõ doutissimo, Bispo de Angra, (que por mandado delRey D. Joaõ o III. foy por Theologo ao Concilio Tridentino) escreveo, e imprimio por aceitaçaõ commua, a grande *Oraçaõ*, que fez no mesmo Concilio, e hum tomo de varias *Direcçoens*, e *Dictames* para o governo do seu Bispado, como para qualquer governo Ecclesiastico.

O Mestre Fr. Jorze Vogado, que foy Provincial desta Provincia, escreveo varios *Tratados* de memorias pertencentes a ella.

O Santo Fr. Gil, Doutor pela Universidade de Pariz, e o primeiro, que lêo Theologia Escolastica nesta Provincia, escreveo huma *Chronica* de varios, e insignes Mestres, que floreceraõ nella.

Fr. Henrique de...... Religioso douto, e reformado, (da estimaçaõ da Rainha Dona Catharina, mulher delRey D. Joaõ o III.) escreveo, e imprimio hum tomo de *Sermoens* dos mais principaes mysterios da Igreja; e a gosto, e obsequio da mesma Rainha, verteo da Latina na lingua Castelhana o *Compendio da Doutrina Christãa* do Mestre Fr. Luiz de Granada.

O Mestre Fr. Jeronymo da Azambuja, Escritor celebre com o cognome de Oleastro, perítissimo nas linguas Grega, e Hebraica, com o nome de Theologo delRey D. Joaõ o III. assistio no Concilio Tridentino, onde se escutou como Oraculo. Foy Deputado do Santo Officio em Evora, e Lisboa, e do Conselho delRey D. Henrique. Recusou o Bispado de S. Thomé, em tempo em que ainda a pouca experiencia o naõ tinha malquisto. Foy Provincial desta Provincia. Escreveo sobre todo o *Penthateuco*, sobre *Isaias*, e *Jeremias*, e todos os *Profetas Menores*, sobre os quatro livros dos *Reys*, sobre os *Psalmos*. Escreveo mais outros *Commentarios* sobre varios livros da *Escritura*; e hum tomo sobre as *Heresias* do seu tempo; e sendo sem controversia hum dos primeiros, e mais genuinos Expositores, (de quem os que se lhe seguiraõ, em muita parte se valeraõ) em huma cousa foy inimitavel, que foy nas suas *Reflexoens ad mores*, por profundas, e breves.

Fr. Jeronymo Correa escreveo hum tomo de *Concordia scientiarum*. Outro, em que compilou todos os privilegios da Ordem dos Prégadores.

Fr. Jeronymo Pereira, Varaõ doutissimo, e Prégador celebre, Bispo Titular de Salé,

que

que assistio ao Cardeal Infante D. Henrique, escreveo hum tomo de *Resurrectione Christi Domini*; outro de *Sacramentis Ecclesiæ*, e varios *Sermoens* do tempo, e de *Santos*. De mais obras ficou só a noticia em commum sem titulo, ou numero.

Fr. Jeronymo Ramos escreveo exactamente a *Vida do Infante Santo D. Fernando.*

O Mestre Fr. Ignacio Coutinho compoz dous tomos com o titulo de *Promptuario Espiritual*, sobre os *Evangelhos* das festas dos Santos, que celebra a Igreja, pelo discurso do anno. Escreveo hum *Marial de Panegyricos*, para todas as Festas da Senhora. Escreveo mais varios *Sermoens* avulsos; tudo com tanta erudiçaõ sagrada, e elegancia predicativa, (em tempo em que huma, e outra cousa era rara) que naõ só o perpetuou a estampa neste Reyno, e no nosso idioma, mas passou a estranhos, em que logrou o mesmo beneficio na traducçaõ Latina, por hum Religioso da Ordem.

O Mestre Fr. Ignacio Galvaõ escreveo com singular erudiçaõ, e estylo, em idioma Latino dous grandes tomos de *Elogios* sobre a *Doutrina do Doutor Angelico Santo Thomaz*. Imprimiraõ-se, e alguns *Sermoens* avulsos.

O Mestre Fr. Joaõ Aranha, Lente de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra, escreveo, e prégou com estimaçaõ publica as *Exequias delRey Filippe o Primeiro*, que governou estes Reynos. De mais *Sermoens* o faz Author alguma memoria, que naõ passou de commua.

Fr. Joaõ da Cruz, Religioso erudîto, compoz huma *Chronica* da Ordem em dous tomos. Escreveo hum *Dialogo* sobre a importancia da *Oraçaõ*, e *Obras virtuosas*; hum *Discurso* sobre o *Psalmo* 41. Verteo em Latim a *Historia Ecclesiastica*, que se intitula: *Bipartida*. Imprimio-se roubando o nome, e gloria a este Author. Escreveo, e deu á estampa trinta e seis *Sermoens*, sobre as mais importantes materias ao Christianismo.

Fr. Joaõ Lopes escreveo a *Vida de S. Vicente Ferreira.*

Fr. Joaõ Madeira, versadissimo na Historia, escreveo as *Vidas dos Reys de Portugal*, manuscrito, de que se aproveitaraõ grandes Authores.

Fr. Joaõ Pedraça, Castelhano de naçaõ, (perfilhado nesta Provincia) da illustrissima Casa dos Duques do Infantado, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, Bispo das Canarias, escreveo huma copiosa *Summa de casos de consciencia*, recebida (primeira, e segunda vez) pela estampa dos melhores votos na materia, com credito do Author, e interesse dos estudiosos.

Fr. Joaõ Pinheiro, que de Doutor na Universidade de Pariz, veyo lêr a Cadeira de Vespera em Coimbra, e passou ao Concilio Tridentino por Theologo delRey D. Sebastiaõ, atalhando a morte os grandes progressos de seus estudos, que trinta e nove annos tinha desempenhado hum Oraculo de Theologia, e Escritura Sagrada, sobre que escreveo varios livros, de que (faltando elle) se aproveitaraõ muitos, roubando ao Author o premio do Prélo; ao Prélo hum particular assumpto, em muitos que podiaõ authorizar este Catalogo.

Fr. Joaõ

Fr. Joaõ de Portalegre escreveo a *Vida de S. Fr. Gil*, estendendo a todos seus milagres a escritura, como testemunha de vista.

Fr. Joaõ de Portugal, filho dos Condes de Vimioso, Prégador delRey, e Bispo de Viseu, Religioso de eximia literatura, e singular observancia; já nesta Chronica nos authorizou a escritura; escreveo quatro tomos de *Theologia*, sobre as materias de *Gratia*, *creata*, *& increata*. Escreveo no nosso idioma hum tomo, a que intitulou *Casamento Christaõ*. Outro de *Louvores de nossa Senhora*.

Fr. Joaõ dos Santos, grande Missionario do Oriente, escreveo hum livro com o titulo de *Ethiopia Oriental*, impresso, e buscado, como o mais veridico nas noticias daquelle Emporio.

O Mestre Fr. Joaõ de Santo Thomaz, Inquisidor no Tribunal de Madrid, Confessor de Filippe IV. lêo em Alcalá as Cadeiras de Prima, e Vespera. Escreveo hum *Curso Theologico* em trez tomos. Mais quatro tomos sobre as *Questoens de Santo Thomaz*. Trez tomos de *Filosofias* no idioma Hespanhol, hum livro com o titulo *Explicacion de la Doctrina Christiana*. Falleceo com opiniaõ de Santo.

O Veneravel M. Fr. Joaõ de Vasconcellos, (que nos enriqueceo esta escritura, com mais especiosa materia) escreveo varios tomos de *Theologia Escolastica*.

D. Fr. Jozé de Jesu Maria, Bispo Titular de Patara, escreveo em idioma Latino hum tomo com o titulo de *Manuale Qualificatorum*. Hum *Sermaõ nas Exequias de Clemente XI*. Imprimiose.

O M. Fr. Jozé de Santa Maria escreveo dous grandes tomos de *Libero arbitrio*. Imprimio-se o primeiro.

O M. Fr. Jozé da Purificaçaõ, singular Latino, e celebre Poeta no mesmo idioma, Academico do numero da Academia Real, escreveo, e recitou a *Oraçaõ Gratulatoria na exaltaçaõ ao Solio Pontificio do nosso Pontifice Benedicto XIII*. Na sua morte a *Oraçaõ Funebre*. Escreveo, e imprimio alguns *Sermoens*.

Fr. Jozé Teixeira, Prégador do Cardeal Rey D. Henrique, escreveo a *Genealogia de Henrique IV.* que se imprimio. E hum *Tratado Apologetico*, em obsequio do Principe de Condé. Mal informado Manoel de Faria, faz a este Religioso Trinitario.

Fr. Jordaõ, (a que os successos de sua vida, e morte suppriraõ o sobrenome; porque morrendo no Oriente pela Fé, se seguiraõ tantos prodigios á sua morte; que os mesmos Gentios lhe levantaraõ imagens em seus Pagodes) escreveo hum volume do martyrio de quatro Religiosos Menores, que intitulou *Certamen gloriosum in Oriente*.

Fr. Lopo Soares escreveo sete tomos, a que a sua morte privou da vida da estampa. De dous ficou a memoria das materias, hum: *Discursos Predicativos* sobre as *Domingas da Quaresma*, outro em idioma Latino, contra o procedimento dos *Christãos novos*.

O Veneravel Servo de Deos, e santo Varaõ Fr. Lourenço Mendes, que floreceo em virtudes,

des, e milagres, e no exercicio de Prégador Apoftolico, efcreveo fobre varias materias; como teftemunhaõ as *Memorias da Ordem*; perderaõ-fe os feus efcritos, (como tem fuccedido a muitos, que a podiaõ authorizar) na demoliçaõ do primeiro Convento de Guimaraens.

Fr. Lucas de Santa Catharina, Chronifta mór defta Provincia, e Reynos de Portugal, Academico do numero da Academia Real. Efcreveo efta *Quarta Parte das Chronicas da Ordem.* O *Panegyrico Hyftorico da Princeza Santa Joanna*, em methodo predicativo em dous tomos. O *Thaumaturgo do Rofario*, *Vida de Saõ Domingos*, com reflexoens, em hum tomo. O *Pantheon Evangelico*, com cincoenta *Panegyricos*, em hum tomo. Hum tomo com o titulo de *Difcurfos Afceticos.* Hum tomo com o titulo de *Tribunal da confciencia.* Hum tomo com o titulo de *Panegyricos Sacros. Sermoens* avulfos, numerofos, que por varias mãos andaõ adulterados. Varias obras em verfo; fagradas muitas, de que fe imprimiraõ algumas. Quando ifto efcrevemos, continúa o feu emprego Academico nas *Memorias de Malta*, em que tem efcrito dous livros, e efcreveo a mayor parte da *Hiftoria dos Templarios*; em hum, e outro affumpto fe imprimiraõ *Catalogos.*

Fr. Luiz Cacegas, primeiro Chronifta de que ha memoria nefta Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, efcreveo a *Hiftoria* della, que ficou infórme.

Fr. Luiz de Soufa, Chronifta mór (e grande Chronifta) da Ordem dos Prégadores; nefta Provincia, e Reyno de Portugal, efcreveo a *Chronica* della em trez tomos. Efcreveo a *Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres.* Efcreveo varias *Genealogias de Portugal.* Algumas obras em verfo Latino, arte, e idioma em que era elegantemente verfado. Efcreveo a *Vida delRey Dom Joaõ o III.* a que o roubo, ou induftriofo, ou violento, tirou o premio do Prélo.

Fr. Luiz de Faria efcreveo varios *Tratados Afceticos*, bem avaliados dos doutos do feu feculo.

Fr. Luiz Gracez efcreveo as *Vidas das Madres Sor Ifabel dos Anjos*, e *Sor Juliana de Jefus*, Religiofas de grande opiniaõ no Mofteiro de Chellas, em tempo em que profeffava o Inftituto Dominicano.

O Veneravel Meftre Fr. Luiz de Granada, perfilhado nefta Provincia, e Convento de Evora, Atleta da Religiaõ, e Doutrina Chriftãa, efcreveo incançavel com fciencia, efpirito, e zelo, doutrinando o Mundo Catholico; reconhecido affim pelos Pontifices, Principes Ecclefiafticos, e Seculares, e Miniftros da Igreja; como foccorro, e ornamento della. Efcreveo efte grande Meftre tanto, que mal fe póde reduzir a numero; diremos com brevidade do mais vulgar, e o primeiro o feu admiravel volume fobre a *Oraçaõ.* O inimitavel do *Symbolo da Fé*, outro tomo da *Oraçaõ*, e *Contemplaçaõ*, com admiravel methodo directivo. Seis tomos de *Sermoens*, dous de *Santos*, quatro *Dou-*

Doutrinaes. Hum tomo com o titulo de *Sylva de varios lugares*, em utilidade dos Cultores Evangelicos. Hum grande volume, repartido em seis livros, com o titulo de *Rhetorica Eucharistica.* Huma obra em seu proprio idioma, repartida em dous livros, com o titulo de *Guia de peccadores*, outra repartida em sete *Tratados*, com o titulo de *Memorial da Doutrina Christãa*, outra de *Addiçoens* a este *Memorial*, repartida em dous *Tratados*, outra obra, que intitulou: *Introducçaõ ao Symbolo da Fé*, repartida em cinco partes. A esta accrescentou hum *Tratado* sobre o modo com que se ha de propor, e introduzir a Fé, cathequizando os Infieis.

No idioma Hespanhol escreveo huma obra com o titulo de *Instituiciones, y Regla de bien vivir.* Na lingua Portugueza, por ordem da Rainha Dona Catharina, de quem era Confessor, escreveo hum *Compendio de Doutrina Christãa.* Escreveo trez livros sobre a *Sagrada Eucharistia.* Escreveo outra obra, que intitulou: *Parabolas Evangelicas*; outra em Latim, intitulada: *Exhortationes ad pœnitentiam.* Hum livro sobre a *Frequencia da Communhaõ.* Hum livro de *Officio Parochi.* Hum *Tratado* de *Peregrinationibus*: huma copiosa *Homilia* de *Sacerdotis Dignitate, & Officio.* Hum tomo sobre o *Rosario da Senhora.* Verteo de Latim em Hespanhol, (á instancia de varios personagens) a *Historia Ecclesiastica.* Traduzio os quatro livros de *Contemptu Mundi.* Traduzio huma singular obra de *S. Joaõ Climaco.* Escreveo varias vidas de pessoas de opiniaõ.

Todos estes escritos (e outros, de que ficou só a noticia de que os houve) se imprimiraõ, ou com advertencia, ou em obsequio das Tiaras da Igreja, que alcançou em sua vida. Muitos se lhe usurparaõ, e imprimiraõ com diverso nome. O seu foy applaudido, e elogiado pelas mais doutas pennas, que entaõ reconhecia o Mundo Catholico. Quem desejar mais individuaes noticias deste laborioso operario da Christandade, lêa o terceiro lanço do *Claustro Dominicano*, que escreveo o Mestre Fr. Pedro Monteiro.

Fr. Luiz Lamberto, Prégador celebre, escreveo muitos *Sermoens*; dous se imprimiraõ.

O Mestre Fr. Luiz de Sotto-mayor, Oraculo dos Theologos do seu tempo, foy versado nas linguas Grega, e Hebraica, celebre na Latina. Lêo Theolohia na Universidade de Lovaina; teve Cadeira de Latim em Londres, por mandado delRey Filippe de Castella. Passou ao Concilio de Trento por Theologo delRey Dom Sebastiaõ. Leo a Cadeira de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra. Compoz sobre os *Cantares* dous tomos copiosissimos, e de toda a erudiçaõ; outro grande tomo sobre duas *Epistolas de Saõ Paulo*, tudo em commum beneficio dos Cultivadores do Evangelho, e tudo impresso. Hum copioso *Commento* sobre o *Evangelho de Saõ Joaõ*, que ficou imperfeito entre muitos manuscri-

tos de tanta estimaçaõ, como tudo o que escreveo, merecendo-a no voto de Clemente VIII. como de todo o Mundo estudioso.

Sor Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioso, Marquezes de Aguiar, do Convento de Santa Catharina de Senna de Evora, escreveo por preceito de seu Confessor, o Mestre Fr. Fernando Soeiro, sua mesma *Vida*, em que tocou varias applicaçoens da Escritura, com admiravel intelligencia; para que seria illustrada, como se infere de sua estreita observancia.

O Mestre Fr. Manoel Coelho, Vigario Geral da Congregaçaõ da India, Deputado do Santo Officio em Goa, escreveo hum tomo sobre as *Christandades do Oriente*, e huma elegante *Oraçaõ*, que recitou em huma funçaõ Regia daquelles Estados. Imprimiose.

O Mestre Fr. Manoel da Encarnaçaõ, conhecido pelo cognome de Pontevel, Provincial, que foy desta Provincia. Commentou o *Evangelho de Saõ Mattheus* em quatro grandes tomos, que se achaõ impressos.

Fr. Manoel Homem escreveo hum tomo, que intitulou: *Memoria da disposiçaõ das Armas Castelhanas*. Escreveo hum grande tomo sobre a *Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV.* Escreveo, e imprimio duas *Relaçoens das duas Embaixadas do Marquez de Cascaes a França*.

Fr. Manoel da Sylva, Presentado, compoz huma *Summa* sobre a *Bulla da Cruzada*, com a distinçaõ entre Portugal, e Castella, e foy a primeira, que por este estylo se escreveo, e imprimio.

O Mestre Fr. Manoel Veloso compoz huma *Summa*, em que recopilou algumas materias das *Partes de Santo Thomaz*, para facilitar o estudo aos examinandos na Theologia.

O Mestre Fr. Martinho de Ledesma, insigne talento, Theologo celeberrimo, Hespanhol por nascimento, e nesta Provincia perfilhado, e primeiro Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, (depois o foy de Prima) escreveo dous grandes volumes de *Theologia* sobre o *Mestre das Sentenças*; imprimiraõ-se. Escreveo copiosos *Commentarios*.

Fr. Manoel Guilherme escreveo, e compilou os *Agiologios Dominicanos*, com a assistencia, e applicaçaõ de Fr. Manoel de Lima, Religioso da mesma Ordem; escreveo mais alguns *Opusculos*. Tudo corre impresso, e alguns *Sermoens*.

Deve-se á este Padre o grande complemento da Bibliotheca de Saõ Domingos de Lisboa, a que dotou, e enriqueceo com hum juro de trezentos e cincoenta mil reis.

O Veneravel Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim, que nesta quarta Parte no livro quarto nos deu hum glorioso assumpto, como ás Christandades do Oriente hum exemplar Prelado, escreveo huma copiosa *Relaçaõ* das importancias dellas, e daquelle Estado.

A Madre Soror Margarida Pinheira, Religiosa do Mosteiro de Jesus de Aveiro, escreveo com individuaçaõ, como testemunha de vista, a *Vida da Beata Joanna*, *Princeza de Portugal*, filha da mesma Casa.

A Madre Soror Maria Bautista, Religiosa no Mosteiro do Salvador de Lisboa, escreveo a *Historia* do mesmo Mosteiro.

A Madre Soror Maria de Noronha, Religiosa da Annunciada, filha do Conde de Linhares, destra na Latinidade, e arte da Pintura, escreveo com espirito, e acerto varias materias de Doutrina, e edificaçaõ.

Fr. Nicoláo Dias, douto, e reformado, Prégador insigne, e Missionario do Rosario, que espalhou com grande fruto, primeiro correndo as terras da Palestina, depois na Curia Romana, em que foy aceito ao Santo Pontifice Pio V. escreveo hum tomo do *Rosario*. Hum *Tratado* do *Juizo universal*; outro *Tratado* da *Paixaõ de Christo*; e algumas *Rezas*, assim do Rosario, como de alguns Santos, que celebra a Igreja; entende-se, que por ordem do Pontifice. Tudo se imprimio. Hum *Tratado* das *Excellencias do Bautista*; a *Vida da Princeza Santa Joanna*, Religiosa da Terceira Ordem de Saõ Domingos. Imprimio-se. Outra obra com o titulo de *Jornada da Terra Santa*.

O Mestre Fr. Pedro Calvo, hum dos mais celebres Prégadores do seu tempo, e elle o foy dos Filippes II., e III. governando este Reyno. Escreveo no idioma Latino dous grandes tomos de *Homilias*, sobre os *Evangelhos* de todo o anno. Outro tomo com o titulo das *Lagrimas dos Justos*. Mais dous *Sermoens*; tudo se imprimio em beneficio dos Cultores do Evangelho.

Fr. Pedro Fernandes Gallego escreveo a *Vida do nosso Patriarca Saõ Domingos* em Latim, e a *Historia da Ordem* no mesmo idioma, até o tempo do Mestre Geral Humberto. Faleceo com grande nome de virtude.

Fr. Pedro Juliaõ, por outro nome Pedro Hispano, Summo Pontifice, com o nome de Joaõ XXI. escreveo as *Summulas*, que por muitos annos se leraõ nas Universidades de Hespanha. Huns *Problemas Filosoficos*, e hum volume, que intitulou *Thesouro de pobres*.

O Mestre Fr. Pedro de Magalhaens, de grande nome em letras, e virtude. Foy do Conselho Geral do Santo Officio, e nelle Presidente. Compoz hum *Tratado de scientia Dei*, outro de *Prædestinationis executione*; outro com o titulo de *Tractatus Theologici, ad primam Partem Divi Thomæ*. Imprimiraõ-se. Por sua morte se embaraçou a estampa a varias materias Theologicas, como a outras de Filosofia. Faleceo com grande opiniaõ de virtude.

O Mestre Fr. Pedro Martyr, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, escreveo sobre a *Primeira Parte de Santo Thomaz*. Escreveo hum tomo de *Auxiliis*. Escreveo hum volume, que intitulou: *Diario Virginal*.

Fr. Pedro de Santa Maria escreveo, e imprimio hum tomo com o titulo de *Boa criaçaõ, e Politica Christãa*.

O Mestre Fr. Pedro Monteiro, Academico do numero da Academia Real, escreveo hum

hum grande volume dos *Varoens illustres da Religiaõ*, em letras, virtudes, e lugares, repartido em quatro Classes, de que já huma conseguio a estampa. Tambem a mereceraõ varios *Sermoens*, que prégou em funçoens celebres nesta Corte. Tem escrito no seu emprego Academico tudo o que toca ao Santo Tribunal da Inquisiçaõ, e muitos *Sermoens*, que espera o Prélo.

Fr. Pedro Pacheco, Bispo de Cochim, que governou o Arcebispado de Goa, escreveo hum tomo de *Politica*. Imprimio-se. Escreveo quatro Sermoens, prégados nas quatro partes do Mundo, em que esteve. Imprimiraõ-se.

Fr. Pedro Paes escreveo em idioma Latino a *Prodigiosa vida do Santo Fr. Gil.*

Fr. Silvestre de Azevedo escreveo sobre hum dos *Mysterios de nossa Santa Fé*, assistindo no Reyno de Cambaya (onde foy o primeiro Missionario) por mandado do mesmo Rey da terra, e no idioma della, em que era versado.

O Mestre Fr. Simaõ da Luz, celeberrimo Prégador do seu tempo, compoz hum tomo de *Auxiliis*. Prégou (e imprimio) varios *Sermoens*, nas mayores funçoens, que houve nesta Cidade.

Fr. Soeiro Gomes, companheiro de nosso Santo Patriarcha, Fundador, e primeiro Provincial desta Provincia, escreveo, e compoz por ordem delRey Dom Affonso o II. as primeiras *Leys Geraes*, porque se governou este Reyno.

O Mestre Fr. Thomaz Aranha, que substituío na Universidade de Coimbra, por ordem Regia, as Cadeiras de Durando, e de Escritura, de Prima, e Vespera, escreveo hum livro, que intitulou: *Triunfo da Fé*. Dous tomos de *Sermoens Quadragesimaes*, e de *Santos*. Imprimio varios *Sermoens* avulsos. Escreveo varias *Poesias*, (em que tinha conhecimento, e destreza) especialmente na feliz Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV., que se imprimiraõ com nome alheyo.

Fr. Thomaz Barreto imprimio alguns *Sermoens*.

Fr. Thomaz de Chaves compoz huma *Summa* sobre os *Sacramentos da Igreja*. Escreveo humas *Questoens Theologicas*, sobre os *Decretos dos Concilios*, em especial do Tridentino.

Fr. Thomaz da Costa, no seu tempo esplendor da Cadeira, e do Pulpito. Foy Prégador delRey Dom Joaõ o III. Confessor da Rainha Dona Catharina, virtuoso, e reformado; assim recusou, sendo doutissimo, o Magisterio. Escreveo hum grande volume em idioma Latino, que intitulou: *Tropi insignes veteris, ac novi Testamenti, ejusdemque Phrases.* Hum tomo de varios lugares da Escritura *ad mores.*

Fr. Thomaz Duraõ compoz hum livro intitulado *Manipulus Curatorum.* Foy este Padre Prégador de ElRey Dom Joaõ o III., e Mestre do Cardeal Infante Dom Henrique.

Fr. Thomaz, Mestre, e celeberrimo Theologo Hespanhol, perfilhado nesta Provincia, Mestre do Sacro Palacio por Pio IV. Purificou todas as *Obras de Santo Thomaz*, reduzindo-as

a dezasete tomos. Sobre as mesmas *Obras* compoz doutissimos *Commentarios*. Expurgou as *Obras de Alexandre Tartagino*. Polio o *Cathecismo* com Fr. Eustachio Lucatello, Procurador Geral da Ordem.

Fr. Thomaz da Penha, celebre em letras, virtude, e elegancia predicativa. Compoz hum tomo de *Conceitos* sobre os *Evangelhos* de todo o anno. Compoz o *Officio*, e *Reza* do Doutor Angelico Santo Thomaz, de que usa a Igreja: destro na Latinidade, e na Poesia.

O Mestre Fr. Thomaz de Sousa, Prégador delRey Dom Sebastiaõ, escreveo doutissimos *Commentarios* sobre *Oseas*, e *Joel*; e he tradiçaõ, que tambem escreveo sobre *Josué*.

Fr. Vasco de Lucena escreveo em idioma Latino hum grande volume da *Vida de Saõ Fr. Gil.*

O Mestre Fr. Vicente Gomes escreveo a *Vida do Veneravel Padre Fr. Domingos Aña-don*, Religioso da Ordem. Hum *Certame Poetico* (como destro na arte da Poesia) sobre a mesma vida. Escreveo as *Festas na Canonizaçaõ de Saõ Raymundo*. Escreveo alguns *Sermoens* na *Beatificaçaõ de Saõ Luiz Beltraõ*. Escreveo os *Milagres dos Santos da Ordem*, Santo Ambrosio de Senna, e Saõ Jacobo Salomonio; os *Milagres da Imagem do nosso Padre em Soriano*. Huma *Chronologia das Santas da Ordem*. A *Descripçaõ da Cidade Santa*, no tempo em que Christo Senhor nosso padeceo nella.

O Mestre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial das Hespanhas, e nellas Inquisidor Geral, Prégador, e Confessor delRey Dom Joaõ o I. Escreveo muitos livros, com que convenceo, e destruio as heresias nestes Reynos, e de Castella, como consta do Epitafio da sua sepultura.

O Mestre Fr. Vicente da Ponte escreveo hum tomo de *Questoens Theologicas*. Escreveo em idioma Francez, sobre o *Artigo da Fé: Credo unam Sanctam Catholicam, & Apostolicam Ecclesiam Romanam.* Escreveo outro tomo de *Materias Theologicas*.

O Mestre Fr. Umberto Cordeiro escreveo hum tomo com o titulo de *Amor de Deos, e do proximo.*

Sor Violante do Ceo, Religiosa no Mosteiro de nossa Senhora do Rosario, por outro nome da Rosa, desta Corte de Lisboa, versada singularmente na arte da Poesia, escreveo hum tomo de bons *Versos*, que logo se imprimio. De mais dous tomos houve noticia, e que estavaõ para se dar á estampa. Por varias vezes a tem occupado os seus celebres *Soliloquios ao Sacramento*, e a *Christo crucificado*. Huns em idioma Portuguez, outro no Hespanhol, todos pios, e elegantes.

Grande numero de Religiosos, notaveis por letras, virtudes, e lugares (que vaõ distribuidos pelos seus, naõ só nesta quarta Parte, mas nas outras trez) nos podiaõ occupar, e ennobrecer a penna nesta materia, se quizessemos fazella de hum só Sermaõ, ou papel de menos vulto, que Historia; (como vemos

mos praticado em Eſcritores, que nos podiaõ ſervir de exemplo, e deſculpa) mas naõ mendigando eſſe ſoccorro, e eſcuſando de diſputas eſte Catalogo, antes o quizemos juſtificado, que extenſo.

CA-

mas praticado em Escritores, que nos podiaõ servir de exemplo, e desculpa; mas naõ mendigando este soccorro, se ...

O Mestre Fr. Vicente da Fonte escreveo hum tomo de Questões Theologicas. Escreveo em idioma Francez, sobre o Artigo da Fé: Credo sanctam Ecclesiam Catholicam, & Apostolicam ... Romanam. Escreveo outro tomo de Materias Theologicas.

O Mestre Fr. Umberto ... escreveo hum tomo com o titulo ...

... Religiosa no Mosteiro de nossa Senhora do Rosario, ... Corte de Lisboa, ... sempre ... Poesia, ... de tanta ... Por varias vezes ... tem occupado os seus celebres ... Sacramento, ... em idioma Portuguez, e outro no Hespanhol, todos pios, e elegantes.

Grande numero de Religiosas, ... por letras, virtudes, e ... (que vaõ distribuidas pelas ... naõ só nesta quarta Parte, mas nas outras tres) nos poderaõ occupar, e ennobrecer a penna nesta materia, se quizessemos ... naõ só ... mas ... papel ... como ... mos

CATALOGO

DOS ARCEBISPOS, E BISPOS,

que neſtes Reynos de Portugal, e ſuas Conquiſtas, teve a Sagrada Ordem dos Prégadores, aſſim nacionaes, como eſtranhos. Entraõ tambem os que, ſendo nacionaes, tiveraõ eſtas Dignidades em outros Reynos.

ENTROU em Portugal a Religiaõ de S. Domingos, occupando as attençoens da eſtimaçaõ, e do reſpeito, que ſeus filhos ſouberaõ grangear, com aquelles dous empregos, que ſó dignamente as ſabem merecer, como ſaõ, virtude, e letras, herança glorioſa de ſeu grande Patriarcha. Naõ ſe difficultaraõ eſtas noticias aos ouvidos, e reparos dos noſſos Monarchas, a que ſempre os merecimentos acharaõ as mãos abertas, como as Familias ſagradas as portas de ſeus Reynos, deſejoſos de ter aos ſeus Povos bem doutrinados, e o culto Divino com augmentos. Com maximas taõ Catholicas começaraõ igualmente a dilatar os ſeus dominios, e a entregar grande parte delles nas mãos dos Religioſos, em que naõ ſó tinha para negocear com Deos bons Mercieiros, mas em que achava Prelados, a que entregar ſuas Igrejas, conhecendo, (como lhe hiaõ moſtrando as experiencias) que eraõ os mais proprios eſmoleres, coſtumados a viver como pobres, e ſingulares Meſtres para o exemplo, e para o enſino, como continuos Cultivadores de ſciencias, e virtudes.

Era (como ſempre foy) a Religiaõ Dominicana, reconhecida officina de ſogeitos abalizados naquelles dous empregos; começaraõ os Reys a tirallos dos Clauſtros, com a certeza de que aproveitavaõ os poſtos. Nem o ſerem eſtes elevados, lhe valeo, para que os naõ dominaſſe a tyrannia dos tempos, ſepultando muitos dos grandes eſpiritos, que os adminiſtraraõ com mais acerto, que ventura, faltando-lhe a de ſe lhe perpetuar a memoria. Diremos dos que a conſeguiraõ, naõ mais merecida, mas mais privilegiada.

Foy o primeiro D. Fr. Soeiro Viegas, ſegundo do nome, e quinto Biſpo de Lisboa, depois de livre da tyrannia dos Mou-

Mouros. Valeo muito com ElRey D. Affonſo II. paſſando a Roma ſobre o litigio do meſmo Rey, com ſuas irmãas as Infantas (hoje Beatificadas) Dona Sancha, e Dona Thereſa. Segunda vez paſſou D. Soeiro á Curia, aonde renunciando o Biſpado nas mãos de Gregorio IX. chamado dos prodigios, com que noſſo Patriarcha aſſombrava o Mundo, voltando a Portugal, veſtio o habito de S. Domingos das mãos do primeiro Provincial, que teve eſta Provincia, o ſanto Varaõ D. Fr. Soeiro Gomes, de que veſtindo tambem o eſpirito, continuou em huma taõ rigoroſa obſervancia a vida, que a acabou com demonſtraçoens de que paſſava á eterna, no annno de 1232.

Fr. Roberto Portuguez, Biſpo de Sylves no Algarve, reynando Affonſo III. pelos annos de 1254. Aceitou o Biſpado com licença do dito Rey, porque a nomeaçaõ nelle foy por ElRey de Caſtella Affonſo X., naõ pertencendo ainda o Algarve a eſta Coroa.

D. Fr. Bartholomeu Portuguez, teve por Clemente IV. o meſmo Biſpado pelos annos de 1268.

D. Fr. Pedro Juliaõ, chamado nas Hiſtorias Pedro Hiſpano, filho de Liſboa, de geraçaõ illuſtre, Filoſofo inſigne, e o primeiro, que em Heſpanha compoz na ſua faculdade; na de Medicina foy excellente, em que tambem compoz progreſſos, que deveo ás Aulas de Pariz. Occupou rendoſos, e authorizados lugares no Eccleſiaſtico; o Priorado de Mafra na Dioceſi de Liſboa, em que foy Deaõ no anno de 1264. Na do Porto, Theſoureiro mór. Na de Braga, Arcediago de Vermoim. E na Collegiada de Guimaraens, o ſeu grande Priorado pelos annos de 1268. Neſta grandeza Eccleſiaſtica ſe achava, quando tomou o habito de S. Domingos, vendo-ſe no muito, que deixou, o eſpirito com que o veſtio. No anno de 1270 profeſſou, buſcando-o logo Braga, para a Primazia da ſua Cadeira, no ſegundo anno, que contava de Clauſura, em que eſperava a confirmaçaõ, quando ElRey D. Affonſo III. o mandou ao Concilio, que ſe celebrava em Leaõ de França.

Aqui lhe deu o Capello de Cardeal Gregorio X. com o Biſpado Tuſculano. Vagando depois, por morte de Adriano V. a Cadeira Pontificia, foy promovido a ella, enchendo-a com ſua grande capacidade, como deſempenhando-a com acertos, que ſe eſperavaõ della; lavrava em Viterbo hum Palacio para os Pontifices, quando nelle foy opprimido em huma ruina, de que com admiraçaõ de todos o tiraraõ vivo, ſó para receber os Sacramentos, circunſtancia, que fez parecer aquella deſgraça eſpecial diſpoſiçaõ da Providencia Divina. Faleceo no anno de 1277 ao oitavo mez do ſeu Pontificado.

D. Fr. Domingos Soares, de naçaõ Portuguez, que paſſou a Caſtella, em que foy Biſpo de Avila. Foy peſſoa de muita conta, o que confirmou a muita que fez delle ElRey D. Affonſo o Sabio, eſcolhendo-o para ſeu Embaixador ao Pontifice Alexandre IV. ſobre o direito, que tinha ao Imperio. No anno de 1267 veyo a eſte Reyno a concor-

cordar a contenda, que havia entre o dito Rey, e ElRey D. Affonso III. sobre o Reyno do Algarve, que restituido ao nosso Rey D. Affonso, fez delle Bispo ao mesmo Fr. Domingos, a que foy preciso repetir as Mitras, para corresponder ás suas muitas virtudes, e grandes letras.

D. Fr. Paschasio de Betancor, Portuguez de naçaõ, Bispo de Lamego por Innocencio VI. no anno de 1365, reynando ElRey D. Pedro I. Entre as virtudes, e singular exemplo com que apacentou as suas ovelhas, o ornaraõ a literatura, e a clemencia. Passou a Italia, (ignora-se o motivo) e faleceo em Campania no anno de 1368. Este Prelado restituiraõ á Religiaõ Escritores estranhos, ignorado culpavelmente dos naturaes, e domesticos.

Como a Ilha de Ceilaõ pertenceo á Coroa de Portugal, podemos apontar em Columbo, Cidade desta Ilha, hum Bispo Dominicano, que foy D. Fr. Jordaõ, natural de....... que resplandeceo em virtudes, sendo Apostolo da mesma Ilha, em que entrou (reynando ElRey D. Affonso IV.) mandado pelo Pontifice Joaõ XXII. com huma numerosa missaõ de Obreiros Evangelicos, assim nossos, como Franciscanos, com que fez grande fruto naquellas terras, que no anno de 1330 lhe pagaraõ a doutrina com a sepultura.

D. Fr. Bartholomeu, de naçaõ Portuguez, Bispo da Guarda, pelo Pontifice Innocencio VI., reynando em Portugal D. Affonso IV. Foy exemplarissimo, reduzindo aos Conegos da sua Igreja, com seu efficaz exemplo, a mayor perfeiçaõ do culto Divino, que com suas rendas deixou augmentado. Mas nem o grande brado, que com suas virtudes deu neste governo, chegou aos ouvidos dos nossos Escritores, que com o seu descuido (a naõ ser a advertencia alhea) nos deixavaõ esta gloria, ou roubada, ou desconhecida.

D. Fr. Gualter, Bispo de Tangere, Cidade em Africa (que a Coroa Portugueza deveo ao invicto braço delRey D. Affonso V., que nella se grangeou a gloriosa antonomasia de Africano.) Deixou este Prelado esta sua Igreja, (ignora-se a causa,) e passou a Bolonha sua Patria, em que pelos annos de 1345 acabou a vida.

D. Fr. André Dias, Portuguez, e filho de Lisboa, Bispo de Megara, (Cidade da Grecia) em que residio alguns annos. Voltando a esta Corte pelos de 1432 se recolheo no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde pela adherencia de sua grande capacidade, o buscou o grande Rey D. Joaõ I. para Commendatario do Mosteiro de Saõ Joaõ da Alpendrada. Da caridade protentosa deste Prelado, e dos prodigios, que obrou com ella, se acha nos nossos Escritores larga Historia.

D. Fr. Joaõ (ignora-se o sobrenome) Bispo de Tangere, por Nicolao V. anno de 1451.

D. Fr. Estevaõ, Portuguez, de que naõ ficou mais que este nome, Bispo Titular Flrolianense, *in partibus Infidelium*, por Calixto III. anno de 1457.

D. Fr. Gil, Portuguez, Bispo Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Braga D. Fr. Luiz

Pires, nos reynados delRey D. Affonso V., e D. Joaõ o II. pelos annos de 1470. Esta noticia devemos a huma penna Serafica, servindo ás nossas de confusaõ, o que lhe podia servir de gloria.

D. Fr. Justo Baldino, Bispo de Ceuta, e Tangere, Primaz de Africa, célebre por sua erudiçaõ, e virtude, que até na morte deveo singular estimaçaõ aos Monarchas desta Coroa, permittindo-lhe sepultura no Real Convento da Batalha; privilegio grande, e mayor o deixar abrir nella o seu nome, á entrada do Capitulo desta Casa, em que os Reaes Mausoleos honraõ sua memoria.

D. Fr. Duarte Nunes, Portuguez, Bispo Titular de Laodicea, pelo Pontifice Alexandre VI. á instancia delRey D. Manoel. Foy este Prelado o antesignano dos que passaraõ á India com esta Dignidade, a exercer funçoens Pontificaes. Testemunhou aquelle Oriente os seus merecimentos, ouvindo-o espalhar o Evangelho, e vendo-lhe corresponder copioso fruto. Voltando ao Reyno, se recolheo ao Convento reformado de Aveiro, onde continuou huma exemplar vida, e onde pelos annos de 1528. teve sepultura.

D. Fr. Gonçalo de Amorim, Portuguez, Bispo Titular de Hierapoli, Cidade da Asia, na Arabia, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa. Elegeo-o Leaõ X. no reynado delRey Dom Manoel, naõ logrando a Dignidade mais que hum anno.

Outro Bispo teve esta mesma Cidade, de que se ignora o nome (sem mais que o de Dominicano) com a singularidade de Coadjutor do mesmo Arcebispo, eleito pelo mesmo Pontifice, por morte de D. Fr. Gonçalo. De nenhum dos dous ha memoria nas nossas Historias, a que as estranhas castigaõ o descuido, estimando o delicto de lhe deixarmos esse assumpto.

D. Fr. Ambrosio, Varaõ santo, Apostolico, e Missionario das terras em que prégou S. Thomé, e de que o seu zelo, e incançavel exercicio Evangelico o fizeraõ Arcebispo, Dignidade, que teve por muitos annos, consumindo, e acabando a vida na cultura daquellas Christandades, em que ganhou para Deos infinitas almas, e para suas virtudes eternas coroas.

D. Fr. Joaõ de Riperia, Francez de naçaõ, Bispo de Calecut, celebre Emporio da India Oriental, em que gastou a vida, com continuado, e copioso interesse daquella Christandade.

D. Fr. Bernardo da Cruz, Portuguez, filho do Convento de S. Domingos de Lisboa, Bispo de S. Thomé, por Paulo III. á instancia delRey D. Joaõ o III. Dignidade, que renunciou; seria disposiçaõ do mesmo Monarca, que o escolheo para seu Esmoler mór, fazendo-o juntamente Reytor da Universidade de Coimbra, Cidade em que depois fundou o Tribunal do Santo Officio, por commissaõ do Cardeal Henrique, quando governava esta Coroa. Finalmente deixadas occupaçoens taõ decorosas, se retirou a humas Abbadias, em que no anno de 1550.

acabou a vida, tendo alli por alguns annos sustentado a dos pobres, e passando a arrecadar na gloria o deposito, que em suas mãos tinha feito.

D. Fr. Joaõ Bautista, Portuguez, Bispo de S. Thomé, nomeado por ElRey D. Joaõ III. que o tinha mandado a Roma sobre importancias desta Coroa. Sagrado naquella Curia, voltou a este Reyno, e pedindo aos Prelados desta Provincia doze Religiosos, passou á sua Diocesi, desprezando os perigos daquelle clima, em beneficio da Cultura Evangelica, em que se empregou incançavel, acabando naõ tanto ás inclemencias da Zona torrida, como á obstinaçaõ dos coraçoens enregelados dos poderosos, que desprezavaõ os conselhos Evangelicos; sendo tal a magoa de ver naufragar aquellas miseraveis almas desconhecendo o porto, que lhes offerecia o Ceo, que sem outra doença, passou a receber delle a coroa no anno de 1354.

D. Fr. Jorze de Santiago, Bispo de Angra, Varaõ igualmente douto, que austero, como vio, e admirou o sagrado Congresso do Concilio Tridentino, a que o mandou por seu Theologo ElRey D. Joaõ o III., e em que fez huma erudita Oraçaõ, que se acha nos Actos do mesmo Concilio. Foy Deputado da Mesa grande da Inquisiçaõ de Lisboa, lugar, que alli tem a Ordem, e de que sahio para o Bispado, á instancia do mesmo Rey.

D. Fr. Ambrosio de Rontecali, por outro nome Botigella, Maltez de naçaõ, foy Bispo Titular de Aurense (Peninsula na India Oriental) por Paulo IV. que a ella o mandou por Missionario, com poderes de Legado á Latere. Viveo em Goa, em que se occupou em applicaçoens literarias, e conversoens Catholicas, servindo a Deos naquellas Conquistas, naõ só como zeloso Prelado, e consummado Theologo, mas como grande Mathematico, e insigne Geografo, e singularmente versado nas linguas Chaldea, e Arabiga. Voltava para este Reyno por Cochim, onde o encontrou a morte, e lhe deu sepultura o Convento, que a Ordem tem naquella Cidade, no anno de 1560.

D. Fr. Gaspar dos Reys, Portuguez, Bispo Titular de Tripoli, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Evora o Infante Cardeal Henrique. Foy hum daquelles grandes Theologos, e Varoens insignes, que da Religiaõ Dominicana passaraõ ao Concilio Tridentino, por mandado delRey D. Joaõ o III. Voltando ao Reyno, foy o primeiro Censor, e Revedor de livros, que teve o Tribunal da Inquisiçaõ. Logo Inquisidor em Evora, depois do Conselho Geral em Lisboa, e finalmente Bispo, funçoens, que desempenhou, e lugares, que encheo com tanta exacçaõ, e inteireza, que antes pareceo, que lhos restituiaõ, do que lhos davaõ. Faleceo no anno de 1577.

D. Fr. Jorze de Lémos, Portuguez, filho do Convento de Lisboa, Bispo do Funchal, por Paulo IV. á instancia delRey D. Joaõ o III. Voltando dá sua Diocesi a este Reyno, já carregado de annos, largou o Bispado, aceitando o ser Esmoler mór del-

delRey D. Sebaſtiaõ. Faleceo, e tem ſepultura no Convento de que era filho, pelos annos de 1568.

Fr. Jorze Themudo, Portuguez, Oraculo dos Theologos do ſeu tempo, primeiro Biſpo de Cochim, nomeado pela Rainha Dona Catharina, por menoridade delRey D. Sebaſtiaõ, Regente deſta Coroa. Fello Paulo IV. dando áquella Cidade a honra de Epiſcopal, de que D. Fr. Jorze paſſou á Cadeira Primaz de Goa, com a gloria de o pôr nella a Santidade de Pio V. Foy incançavel Miſſionario, grangeando áquella Chriſtandade com a ſua refórma, e exemplo hum copioſiſſimo fruto, e celebrando o primeiro Concilio, que vio aquelle Eſtado, em que fez ajuſtadas, e proveitoſas Conſtituiçoens para o ſeu governo. Eſtes exercicios, zelo, e inteireza na Prelaſia, lhe conciliaraõ hum ſingular reſpeito, e acclamaçoens de Santo, com que faleceo nos annos de 1572.

D. Fr. Jorze de Santa Luzia, Portuguez, primeiro Biſpo de Malaca, pelo Pontifice Paulo IV. nomeado por ElRey D. Joaõ o III. Varaõ Santo, inſigne Theologo, zeloſo Miſſionario, e celebre Oraculo daquelle Emporio, que arrebatou com caſos maravilhoſos, e reſgatou da horrivel perſeguiçaõ de crueis, e carniceiras féras, que excommungou, e extinguio. Renunciado (depois de dous annos de exercicio, e grande lucro daquella Dioceſi) o Biſpado, (entre os clamores do commum ſentimento) nas mãos do Pontifice Gregorio XIII. ſe recolheo ao Convento de Goa, reſtituindo-ſe ao centro do ſeu eſpirito, e ſervindo aos mais reformados de exemplo na pobreza da ſua cella, deſprezo de ſua peſſoa, exercicios mais abatidos da Caſa, empregos, em que o naõ aſſuſtou a morte, paſſando-o delles para a eterna felicidade.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, celebre com o titulo antonomaſtico de Arcebiſpo Santo. Foy hum dos mayores Theologos, e hum dos mayores Prelados, que no ſeu ſeculo reconheceraõ as Cadeiras, e confeſſaraõ as Mitras. Nomeou o para o Arcebiſpado a Rainha Dona Catharina, mulher delRey D. Joaõ o III. Regente deſta Coroa na menoridade delRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto. Confirmou-o Paulo IV., e admirou aquella idade (ainda fecunda de Heroes) hum eſpirito taõ deſpido do que mais preza o Mundo, que ſó o poder executivo da obediencia o fez entrar no cargo, pondo-o a pena de ſe ver nelle, ás portas da morte. Ditoſo ſeculo o em que ſe elegiaõ taes Prelados! Grandes Prelados, que aſſim fobiaõ aos lugares para que eraõ eleitos!

Com elle entraraõ naquella grande Igreja a refórma nos coſtumes, o remedio dos pobres, o caſtigo dos delinquentes, a ſogeiçaõ nos rebeldes, a ley nos Eccleſiaſticos, e a juſtiça para todos. Foy mandado ao Concilio Tridentino, onde aquelle ſabio, e veneravel Congreſſo o eſcutou como Oraculo. Naõ lhe deſconheceraõ o titulo, aſſim os Pontifices, como os Cardeaes de ſeu tempo. Até o preſente ſoaõ os brados de

ſua

sua virtude; e na Curia Romana os grandes motivos de beatificalla.

Alguns annos antes de sua morte, renunciado o Arcebispado, se recolheo ao Convento, que a Ordem tem em Vianna, ensayando-se naquella sepultura recoleta, para a que brevemente esperava, como se ainda se naõ fiara de ter sido ensayo toda sua vida. Poz termo a ella pelos annos de 1590, deixando aos Religiosos documentos para saber morrer, como aos Prelados para saber acertar. Melhor se póde ver na sua vida, a que destinou o Ceo por Chronista a nosso antecessor o Padre Fr. Luiz de Sousa, como se se desobrigara na sua penna (nunca melhor aparada) do grande assumpto, que naquella vida tinha dado á escritura.

D. Fr. Fernando de Tavora, Portuguez, Bispo do Funchal por ElRey Dom Sebastiaõ (de que foy Esmoler) confirmado pelo Santo Pontifice Pio V. A sua exacta observancia o poz no lugar de Prior na Casa de Bemfica, onde ella estava mais vigorosa. As suas letras, e erudiçaõ testemunharaõ os doutos Commentarios sobre o Evangelho de Saõ Joaõ. Naõ chegaraõ ao Prélo, e perdeo-os o descuido. Renunciado o Bispado, se recolheo á Recoleta de Azeitaõ, onde faleceo com grande socego de espirito, e edificaçaõ do Convento, anno de 1577.

D. Fr. Antonio Bernardes, Portuguez, Bispo Titular de Martyria, Coadjutor, e Suffraganeo do Bispo de Coimbra. Foy nomeado por ElRey Dom Sebastiaõ, confirmado por Gregorio XIII., e taõ exacto, e exemplar no estado de Prelado, que nem nelle desconheceo as sogeiçoens de Religioso.

D. Fr. Gaspar da Cruz, Portuguez, natural de Setuval, Bispo de Malaca, nomeado por ElRey Dom Sebastiaõ. Foy este Padre hum dos primeiros doze Missionarios Dominicanos, que passaraõ á India em fórma de Communidade a fundar Convento; e lhe podemos chamar (depois do grande discipulo de Christo Saõ Thomé) o Apostolo da China; porque naquelle vasto Imperio entrou primeiro, que os veneraveis Padres da Companhia Rogerio, e Ricio. Deste Prelado foy aquelle primeiro brado Evangelico, que soou nos obstinados ouvidos daquelle Gentilismo. Seu foy aquelle zelo fervoroso, e intrepido, que entrou por aquelles sacrilegos Templos, derribando idolos, e assombrando poderosos, que sem se atreverem a tirar-lhe a vida, (que elle offerecia ao martyrio) se satisfizeraõ com o exterminarem daquelle Imperio.

Passou a Ormuz, Reyno em que colheo copiosos frutos de sua Cultura Evangelica; e voltando a este Reyno no anno de 1569, em que o contagio da peste tinha reduzido a Corte de Lisboa a theatro da miseria, naõ bastando todo o seu horror a enfraquecer aquellas chammas de caridade, que agora o desvelavaõ na assistencia dos enfermos, deu bem a conhecer as que o levaraõ á reducçaõ dos Gentios. Tirou-lhe o mesmo mal a vida, porque quiz mostrar

trar o Ceo, que viera a acabar de lavrar a coroa da eterna, achando-o este ultimo, e horroroso golpe com tanto socego, como foy a segurança com que o tinha profetizado no anno de 1580.

D. Fr. Henrique de S. Jeronymo, ou de Tavora, Bispo de Cochim, nomeado por El-Rey Dom Sebastiaõ, e confirmado por S. Pio V., e depois promovido a Arcebispo de Goa, pelo mesmo Rey, e confirmado por Gregorio XIII. Foy dos grandes Theologos do seu tempo, experiencia, que o fez companheiro do grande Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, ao Concilio Tridentino, onde de todo aquelle veneravel, e sapientissimo Congresso foy escutado na primeira Dominga da Quaresma, como Oraculo do Pulpito. No seu Arcebispado desterrou abusos, castigou vicios, e resistio a poderosos, reprehendendo no Pulpito com liberdade Apostolica, e em particular com severidade prelaticia; mas escutadas sempre as reprehensoens, como injuria nas isençoens da nobreza, lhe negocearaõ a morte, que bebeo disfarçada em veneno, acabando victima do Instituto Apostolico no anno de 1582.

D. Fr. Jorze de Padilha, Portuguez, filho do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, pessoa de grandes letras, e erudiçaõ; passando a Italia, foy eleito Bispo de Civita Ducale, no Estado de Parma, por Clemente VIII. Ignora-se o anno em que faleceo.

D. Fr. Antonio de S. Domingos, Portuguez, Bispo Titular. Titulo em que os Escritores daquelle tempo lhe recopilaraõ a noticia, que sem duvida mereceria ser mais extença, naõ costumando sobir a humildade religiosa áquelles lugares, sem que lhe dem a maõ, ou letras, ou virtudes. Mas contente-se o seu nome com a gloria da Dignidade, que naõ deixa de ser expressiva de mayor talento em seculo, em que ellas naõ costumavaõ ser titulo, sem serem premio.

Com este mesmo achamos a D. Fr. Joaõ de Cintra, filho do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, com quem os nossos Escritores andaraõ taõ escassos, que se contentaraõ com a generalidade, de que ficasse conhecido por Bispo do Oriente.

D. Fr. Jeronymo Pereira, Portuguez, hum dos mais applaudidos Oraculos do seu seculo na Cadeira, e no Pulpito, Bispo Titular de Salé, Coadjutor Suffraganeo do Arcebispo de Evora, o Infante Cardeal Henrique, á instancia deste Principe, e delRey Dom Sebastiaõ. De sua grande erudiçaõ, e capacidade literaria, testemunhou muitas vezes a Imprensa.

D. Fr. Antonio de Sousa, Portuguez, da Casa dos Condes da Castanheira, venerado, e reconhecido por Religioso reformado, e insigne Theologo. Foy Bispo de Viseu, depois de governar esta Provincia, como Provincial, e como Vigario Geral de toda a Ordem, por Clemente VIII. Faleceo em tempo delRey Dom Sebastiaõ, de que foy Prégador.

D.

D. Fr. Antonio Valente, filho de Lisboa, Bispo de Saõ Thomé á instancia de Filippe II. por Clemente VIII. Entre varios lugares, que lhe deu a occupaçaõ literaria, se fez o de insigne, e celebre Moralista.

D. Fr. Antonio de Santo Estevaõ, Portuguez, natural de Lisboa, Bispo de Angola á instancia de Filippe II. por Clemente VIII. resulta do singular nome de incançavel caritativo, que se grangeou no tempo da peste, como de outro ainda mayor, que como Obreiro Evangelico, lhe tinha neste Reyno dado o Pulpito. Passando á sua Diocesi, bastou o exemplo de sua inculpavel vida, para commover os mesmos Gentios, acabando o zelo de sua prégaçaõ, que muitos deixassem os idolos; e que os Catholicos mais esquecidos chorassem seus peccados. Entre estes exercicios o chamou o Ceo para a retribuiçaõ eterna (deixando a Fé neste Reyno, em grande parte propagada) pelos annos de 1609.

D. Fr. Joaõ da Piedade, Bispo de Macao, por Clemente VIII. á instancia de Filippe II. Escutou-o a mayor parte do Imperio da China, incançavel pregoeiro da palavra Evangelica, correspondendo copioso fruto aos suores de seu continuo exercicio, em que desempenhando as obrigaçoens de fiel Obreiro, voltou a este Reyno a esperar a paga no canto de huma cella, no Convento de Abrantes, em que teve sepultura pelos annos de 1628.

D. Fr. Sebastiaõ da Ascensaõ, Bispo de Cabo Verde, á instancia de Filippe II. por Paulo V. Varaõ verdadeiramente Apostolico, insigne em virtudes, celebre em letras. Acabou pelos annos de 1614, sacrificando a vida ao Instituto Evangelico, com que querendo desterrar abusos, e castigar erros, concitou contra si a obstinaçaõ dos comprehendidos, que dissimulando a vingança em hum veneno, lavraraõ a coroa a seu zelo Apostolico.

D. Fr. Joaõ de Portugal, filho legitimo dos primeiros Condes de Vimioso Dom Affonso de Portugal, e Dona Luiza de Gusmaõ, irmaõ de Dom Luiz de Portugal, IV. Conde de Vimioso. (que morrendo para o Mundo, abraçou o Instituto Dominicano, buscando no seu habito a mortalha, nos seus Claustros a sepultura) Nas memorias da Provincia nos deveo mais larga escritura. Chegou Dom Fr. Joaõ á Cadeira Episcopal de Viseu, depois de ter occupado os lugares de Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, e de Prégador de Filippe III., a cuja instancia foy confirmado por Urbano VIII., sobejando-lhe os degraos da natureza para sobir á Mitra, na exacta observancia de Religioso reformado, e na commua experiencia de profundo Theologo, laborioso exercicio, com que deu ao Prélo quatro tomos, irrefragaveis testemunhas de seus grandes espiritos. Faleceo (tendo dado principio ao Mosteiro do Sacramento, ditoso sepulchro da melhor nobreza deste Reyno) suspirado de suas ovelhas, acclamado santo por suas obras, confirmando-as a fragrancia de seu corpo, quando levado á urna do sepulchro, em

em que se entendeo Feniz de melhor vida seu espirito pelos annos de 1628.

D. Fr. Domingos da Assumpçaõ, Portuguez, Bispo de Angola por Urbano VIII. á instancia de Filippe III. pelos annos de 1627.

D. Fr. Agostinho das Chagas, Portuguez. Foy eleito por Urbano VIII. Arcebispo de Navisan na Armenia, em que resplandeceo sua grande capacidade, prudencia, e zelo, falecendo com opiniaõ de irreprehensivel Prelados pelos annos de 1653.

D. Fr. Miguel Rangel, Portuguez, Arcebispo de Cochim por Urbano VIII. á instancia de Filippe III. Foy Varaõ claro em letras, suas virtudes se authorizaraõ com publicos milagres; seu espirito Apostolico se vio na copiosa reducçaõ dos Gentios; seu zelo, e valor prelaticio, em arruinar Templos, e despedaçar idolos; sua observancia religiosa no reformado Convento de Santa Barbara, que fundou á Ordem em Goa, cujo Arcebispado governou por dous annos. Faleceo no de 1644, com tanta magoa da sua Igreja, como testemunhos de passar á Triunfante, o que confirmou depois de hum anno a incorrupçaõ com que foy achado seu corpo Com mais individuaçaõ o deixámos aqui escrito no livro quarto.

D. Fr. Manoel Telles, Portuguez, insigne Theologo, que da Cadeira do Magisterio, e da de Provincial desta Provincia, passou a occupar a Primaz de Goa por Urbano VIII. á instancia de Filippe III. Dioceſi, em que se admirou seu zelo Apostolico, e incançavel exercicio, na reducçaõ ao Bautismo, em que contou numerosa Gentilidade; glorioso trabalho, em que lhe estabeleceo a morte a opiniaõ de santo no anno de 1640.

D. Fr. Antonio da Resurreiçaõ, Portuguez, Bispo de Angra por Urbano VIII. á instancia de Filippe III. Foy Oraculo da Theologia no seu tempo, como testemuuhou a Cadeira de Prima da Universidade de Coimbra, que occupou, e ennobreceo, passando della á sua Dioceſi, que o admirou, e reconheceo pay de pobres, e exemplar de Prelados, como se vio em todas as acçoens de sua vida, e se escutou nos lamentos, que acompanharaõ sua morte, grangeando-lhe huma, e outra acclamaçoens de santidade; entre ellas passou desta vida pelos annos de 1637.

D. Fr. Antonio do Rosario, Bispo de Malaca, a que o descuido da Religiaõ pagou com o deixar desconhecido naquella honra, a que elle lhe grangeou com a Mitra, e lhe podera augmentar, sabendo-se o exercicio della.

D. Fr. Fernando de Oliove, Flamengo de naçaõ, foy Bispo do Funchal, nomeado por ElRey Dom Joaõ o IV., que premiando-lhe o zelo com que intentou, e dispoz a liberdade do Infante Dom Duarte seu irmaõ, (que no Castello de Milaõ faleceo a tempo, que estava facilitado taõ grande negocio) o destinou para aquella Mitra, a que naõ passou com o mesmo successo, que tinha

nha precedido a logralla, que a merecella. Faleceo em....

D. Fr. Domingos do Rosario, Irlandez de naçaõ, filho da Provincia de Castella pelo habito, e desta de Portugal pela filiaçaõ. Filippe III. o mandou por seu Embaixador a Inglaterra a Carlos I., e a Roma ao Pontifice Innocencio X. ElRey Dom Joaõ o IV. o mandou por seu Embaixador a França a Luiz XIV. A Rainha Dona Luiza ao mesmo Reyno, com o mesmo caracter, e a Roma a Alexandre VII. Foy Confessor da mesma Rainha, e do seu Conselho; e (falecido ElRey) com continua assistencia no seu governo. Em taõ grandes, e repetidas occupaçoens andou sempre o seu desinteresse ao passo da sua capacidade; recusou o Arcebispado de Goa, e alguns Bispados, que queriaõ ou satisfazer, ou exercitar seus merecimentos, vindo a aceitar o de Coimbra, obrigado do Collegio dos seus Religiosos, que necessitava de soccorro, mas foy já a tempo em que os achaques, e os annos lhe embaraçaraõ esses propositos, perdendo o Collegio aquelle arrimo, e aquella Diocesi hum grande Prelado, de que já deixamos mayor noticia no quarto livro.

D. Fr. Fernando da Encarnaçaõ, illustre por nascimento, letras, e virtude, que lhe grangearaõ a Mitra de Cochim; logo do Algarve por ElRey Dom Joaõ o IV. Faleceo em Bemfica, com a grande opiniaõ, que mereceo a sua observancia. Nestas memorias tem mais larga noticia.

D. Fr. Lourenço de Castro, illustre por nascimento, singular por observancia, letras, e Pulpito, Confessor delRey D. Affonso VI. Primeiro exercitou a Mitra de Angra, depois a de Miranda, em que faleceo. Já sua vida nos deu mais larga escritura.

D. Fr. Gregorio Lopes, natural da China, filho no habito das Filippinas, Bispo Titular Basilicano por Clemente X. Foy este o primeiro Bispo, o primeiro Religioso, o primeiro Sacerdote, e o primeiro Missionario, que ao grande Imperio da China deu a Igreja Romana. No anno de 1666. escutaraõ sua voz Evangelica naquellas vastissimas terras nove Provincias, em que bautizou duas mil almas. Na Provincia de Totien, (em que já havia alguma Christandade) reduzio cem, bautizou quinhentas e cincoenta e seis, e confirmou os antigos Catholicos, reformando-os dos erros, que desde o tempo de S. Thomé introduzio a diuturnidade.

O Pontifice Clemente X. o constituîo Vigario Apostolico de Nankim, Administrador das Provincias de Pekim, Xanti, Xantung, Honan, Xarti, e da Provincia da Corea, com amplissimos poderes. Florecia pelos annos de 1677. Toca a estas memorias, e a este Reyno, por serem as Igrejas da China do Padroado Real.

D. Fr. Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, grande Theologo, e Prégador insigne. Na Curia Romana, (em que se pezou sua grande capacidade) se fez hum lugar igual a ella, sendo companheiro do Mestre Geral Rocaberti, Pro-

vincial da Terra Santa, Vigario Geral de toda a Religiaõ. Neſte Reyno foy do Conſelho Geral do Santo Officio, Secretario de Eſtado delRey Dom Pedro II. Já neſtes papeis deixamos delle mais individual noticia.

D. Fr. Domingos de Guſmaõ, filho do Duque de Medina Sidonia, ſobrinho da Rainha Dona Luiza, e primo delRey Dom Pedro II. dos grandes Theologos do ſeu tempo. Vindo a eſte Reyno, o nomeou ElRey primeiro Biſpo de Leiria, confirmado por Innocencio XI. Promovido depois ao Arcebiſpado de Evora, o governou com ſingular prudencia, e prevalecendo á ſua grandeza a moderaçaõ religioſa, antes que Prelado, pareceo eſmoler da ſua Igreja, em que faleceo no anno de 1689, e em que tem ſepultura.

D. Fr. Valerio de Saõ Raymundo, Portuguez, hum dos mayores Theologos, que veneraraõ os Meſtres do ſeu ſeculo. Foy Provincial deſta Provincia, Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, e Biſpo de Elvas, a que paſſou taõ pobre como vivia na Religiaõ, ſendo nella hum exemplar de Religioſos, como na ſua Dioceſi o foy de Prelados. Delle deixamos mayor noticia no primeiro livro.

D. Fr. Jacintho de Saldanha, Portuguez, nobre de geraçaõ, Biſpo Titular, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebiſpo de Goa Dom Fr. Antonio Brandaõ, Religioſo de Ciſter. Foy nomeado por ElRey Dom Pedro II. confirmado por Innocencio XI. Na Religiaõ foy reformado, na Prelatura laborioſo. Faleceo no anno de 1677.

D. Fr. Pedro Pacheco, (glorioſo deſcendente daquelle rayo Luſitano, que fulminado no Oriente, aſſombrou todo o Mundo; o grande Duarte Pacheco, eſpelho de Heroes abalizados, como de merecimentos queixoſos) foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India, a que naõ chegou; e arribando a eſte porto de Lisboa, o nomeou ElRey Dom Pedro o II. Biſpo de Cochim, confirmado por Innocencio...... Paſſou á India, onde deſempenhou a expectaçaõ, que ſe tinha de ſeu grande zelo, e paſtoral vigilancia, ſendo hum dos Prelados, que naquellas Chriſtandades deviaõ ſer eternos. Falecco com edificaçaõ, e magoa dos Religioſos, e povo de Goa, onde reſidia pelos annos de 1713. Já neſtas memorias nos deveo mayor noticia.

D. Fr. Joſeph de Jeſus Maria, Portuguez, Biſpo Titular de Patara, nomeado pelo Auguſto Rey, e Senhor noſſo D. Joaõ o V. o Magnifico, e confirmado por Clemente XI. Já delle deixamos noticia.

D. Fr. Manoel de Santo Antonio, Portuguez, natural de Goa, filho da Congregaçaõ da India, Biſpo de Malaca, inſigne Theologo, Religioſo reformado, Prelado zeloſo, incançavel Miſſionario. Mais larga noticia tem no quarto livro.

Eſte Catalogo de inſignes Prelados, e glorioſos filhos da Religiaõ Dominica, quizemos encoſtar a eſtas memorias della, para ſatisfazer aos Cultivadores da Hiſtoria, condemnando a culpavel omiſſaõ dos Eſcritores Portuguezes, a cujas pennas pa-

re-

pareceraõ sempre superfluas, ou pouco importantes as glorias dos Regulares, sem advertirem que, pertencendo ellas á decencia da Igreja, devem, e saõ as primeiras a executar a sua escritura. Naõ he menos reprehensivel nos domesticos o descuido, com que deixaraõ nas mãos do tempo os mais dos progressos de seus Irmãos, insignes Religiosos, em que nos roubaraõ assumptos á penna, creditos á Provincia, e exemplos á piedade Catholica.

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTE'M nos quatro livros desta quarta Parte da Historia de S. Domingos, especiel deste Reyno, e Conquistas de Portugal.

PRIMEIRO LIVRO.

CAP. I. *De alguns filhos do Convento de Santarem, que deixaraõ nome, e opiniaõ de virtude*, pag. 2.

CAP. II. *Addiçaõ á fundaçaõ do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, de algumas particularidades, que se vem nelle ao presente*, 8.

CAP. III. *Dos Mestres Fr. Pedro de Magalhaens, Fr. Agostinho de Cordes, Fr. Guilherme do Vadre*, 13.

CAP. IV. *Dos Padres Fr. Manoel do Espirito Santo, Fr. Antonio de Jesus, Fr. Thomé de Mendonça, e Fr. Belchior de França*, 15.

CAP. V. *De alguns Religiosos filhos deste Convento, de reputaçaõ em letras, e Pulpito, e tirados da Ordem para Bispos*, 21.

CAP. VI. *De Fr. Manoel do Rosario, Irmaõ Converso, filho do Convento de nossa Senhora dos Martyres de Elvas*, 27.

CAP. VII. *Dos Padres Fr. Raymundo da Purificaçaõ, e Fr. Manoel do Rosario, filhos do Convento* de

de S. Domingos de Guimaraens, 31.

CAP. VIII. *Do Irmaõ Converso Fr. Jorze dos Santos, filho do Convento de Evora, chamado o Porteiro Santo na voz do povo. Entra na Religiaõ, sua vida, e exercicios nella*, 34.

CAP. IX. *Continuaõ-se as noticias do Irmaõ Fr. Jorze*, 42.

CAP. X. *Do Padre Mestre Fr. Joaõ de Portugal, Bispo de Viseu, filho do Convento de Evora*, 48.

CAP. XI. *Continuaõ-se as noticias do Mestre Fr. Joaõ de Portugal*, 50.

CAP. XII. *Do Padre Fr. Francisco da Purificaçaõ, e o Padre Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, ambos filhos do mesmo Convento de Evora*, 56.

CAP. XIII. *do Mestre Fr. Valerio de S. Raymundo, Bispo, que foy de Elvas, filho desta Casa de Evora*, 60.

CAP. XIV. *De alguns Religiosos filhos desta Casa, notaveis em virtude, e letras*, 63.

CAP. XV. *Do Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos. Entra na Religiaõ; cargos, que teve nella; como se houve nelles*, 69.

CAP. XVI. *Retira-se ao Convento da Cartuxa de Santa Maria de Paular de Segovia*, 80.

CAP. XVII. *Dassa o Veneravel Padre a Evora, por mandado de Filippe IV. Da-se conta de hum prodigioso caso, que ahi lhe succedeo*, 82.

CAP. XVIII. *Visita a Provincia; casos, que lhe succederaõ*, 85.

CAP. XIX. *Sabe de Compostella, recolhe-se em Aveiro. Offerecem-lhe o Bispado de Miranda; naõ aceita. Escolhem-no Visitador da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Evangelista; escusa-se. Dassa a Coimbra a visitar o Santo Tribunal por ordem do Supremo de Lisboa, a Universidade pela delRey, e os Conventos da Ordem, de Irlandezes, Frades, e Freiras, pela do Mestre Geral. Escusa-se ao Arcebispado de Braga, offerecido por ElRey*, 87.

CAP. XX. *Recolhe-se ao Mosteiro do Sacramento, como seu Vigario. Da-se* con-

conta das virtudes, em que mais se esmerou. Tocaõ-se alguns successos em confirmaçaõ, 92.

CAP. XXI. *Casos prodigiosos, que continuaõ o argumento de sua virtude. Cahe em huma grave enfermidade; origina-se della sua morte*, 99.

CAP. XXII. *De seu notavel tansito, e circumstancias de seu enterro*, 103.

CAP. XXIII. *Noticia das exequias; casos notaveis, que obrou o Ceo, mediante suas Reliquias; breve relaçaõ de sua fisionomia, e prendas*, 109.

CAP. XXIV. *Do Padre Fr. Luiz de Sousa, filho deste Convento, e Chronista da Ordem nestes Reynos de Portugal*, 117.

CAP. XXV. *Do Mestre Fr. Fernando de Menezes, Bispo do Algarve, e do Padre Fr. Francisco de S. Domingos da Cruz*, 123.

CAP. XXVI. *Dos Padres Fr. Alvaro de S. Joseph, Fr. Joaõ de Aragaõ, Fr. Francisco de Santo Thomaz, e Fr. Martinho da Fonseca, filhos do mesmo Convento*, 129.

CAP. XXVII. *Dos Mestres Fr. Manoel Pereira, e Fr. Lourenço de Castro, tirados da Religiaõ para Bispos, filhos da mesma Casa de Bemfica*, 136.

CAP. XXVIII. *Dos Padres Fr. Nicolao do Rosario, Fr. Joaõ Barreto, Fr. Jacintho do Espirito Santo, filhos deste Convento, e de dous Irmãos, o Padre Fr. Luiz da Cruz, e o Irmaõ Fr. Joaõ de Portugal*, 142.

CAP. XXIX. *Addiçaõ ao Convento de nossa Senhora da Misericordia da Villa de Aveiro*, 147.

CAP. XXX. *Do Padre Presentado Fr. Mattheus Toscano, e dos Padres Fr. Manoel da Encarnaçaõ, Fr. Jacintho dos Anjos, Fr. Luiz da Annunciaçaõ, e do Mestre Fr. Domingos Freire, filhos do Convento de Aveiro*, 149.

CAP. XXXI. *Do Mestre Fr. Antonio da Resurreiçaõ, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, Bispo de Angra, filho do Convento de Azeitaõ*, 153.

CAP. XXXII. *Dos Padres Fr. Pedro Martyr, Fr. Jeronymo das Chagas, Fr. Antonio da Natividade, Fr. Manoel do Dester-*

ter-

terro, e Fr. Jorze de Santo Thomaz, 157.

CAP. XXXIII. *Do Martyr Fr. Joſeph de Morant. Memoria pertencente ao Convento de S. Sebaſtiaõ de Setuval*, 162.

CAP. XXXIV. *Martyrio, e milagres do Veneravel Fr. Joſeph de Morant*, 167.

CAP. XXXV. *Do Padre Fr. Domingos do Roſario, no ſeculo D. Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioſo, filho do Convento de Almada*, 172.

CAP. XXXVI. *Do Meſtre Fr. Fernando Soeiro, filho deſte Convento de Almada; e alguns Religioſos deſta Provincia, de que ſe duvída, ou ignora a Caſa*, 174.

CAP. XXXVII. *Fundaçaõ do Convento de Santa Joanna, Princeza de Portugal, da Ordem dos Prégadores*, 183.

CAP. XXXVIII. *Dos Religioſos filhos deſta Provincia, que occuparaõ, e ſerviraõ os lugares do Conſelho Geral da Inquiſiçaõ. Aponta-ſe como os filhos de Saõ Domingos foraõ os primeiros a que os Pontifices commetteraõ a fundaçaõ deſte Santo Tribunal, e as primazias, que nelle teve eſta Provincia*, 192.

CAP. XXXIX. *Continua-ſe a materia precedente, e huma recopilaçaõ da fundaçaõ do Tribunal do Santo Officio no Reyno de Portugal*, 195.

CAP. XL. *Dos Religioſos de Saõ Domingos, pertencentes a eſta Provincia, e que nos Reynos, e Conquiſtas de Portugal, mereceraõ Mitras, como dos que ſe eſcuſaraõ a ellas*, 206.

SEGUNDO LIVRO.

CAP. I. *Das Madres Dona Violante de Mendonça, Dona Anna de Mendonça, Dona Franciſca de Noronha, e Dona Ignez Henriques no Moſteiro de Saõ Domingos das Donas*, 211.

CAP. II. *Das Madres Soror Jeronyma das Chagas, Soror Mecia de Saõ Franciſco, Soror Franciſca Henriques; e da Irmãa Converſa Sor Maria do*

do Espirito Santo, 215.

CAP. III. *Das Madres Dona Maria de Vilhena, Dona Joanna de Castro; e a Irmãa Conversa Soror Francisca Coutinho, todas irmãas. E das Madres Soror Margarida do Espirito Santo, Soror Filippa de Siqueira, Soror Maria Magdalena, Soror Anna de Macedo, Soror Marianna de Jesus. A Irmãa Conversa Soror Joanna da Conceiçaõ; e da Noviça Soror Maria Michaela, do mesmo Mosteiro de Saõ Domingos das Donas*, 220.

CAP. IV. *Das Madres Soror Margarida do Rosario, Soror Maria do Presepio, Soror Catharina da Gloria, Soror Catharina das Chagas, Soror Catharina de S. Jacintho, que floreceraõ no Mosteiro de Corpus Christi de Villa Nova do Porto*, 228.

CAP. V. *Das Madres Soror Maria do Bautismo, Soror Isabel da Madre de Deos, Soror Luiza de Saõ Raymundo, e outras filhas do mesmo Mosteiro*, 232.

CAP. VI. *Das Madres Soror Maria de Saõ Joseph, Soror Anna da Appresentaçaõ, Soror Maria de Saõ Joseph, Soror Luiza da Conceiçaõ, Soror Antonia de Saõ Domingos, Soror Joanna Bautista, e Soror Anna de Jesus, da mesma Casa*, 236.

CAP. VII. *Das Madres Soror Maria do Rosario, Soror Maria do Sepulchro, Soror Paula da Cruz, Soror Marianna da Resurreiçaõ, Soror Maria de Jesus, do Mosteiro do Salvador*, 241.

CAP. VIII. *Das Madres Soror Maria da Gloria, Soror Justina do Espirito Santo, Soror Maria de Jesus, Soror Joanna de Santa Clara, Soror Catharina do Presepio; e da Irmãa Conversa Natalia do Salvador, (diz outra memoria de Jesus) do mesmo Mosteiro*, 247.

CAP. IX. *Das Madres Soror Magdalena de Jesus, Soror Ignez da Encarnaçaõ, Soror Isabel da Visitaçaõ, Soror Filippa da Cruz, Soror Maria da Cruz, Soror Marianna das Chagas, Soror Antonia Bautista, do mes-*

mesmo *Mosteiro*, 254.

CAP. X. *Das Madres Soror Eusebia do Sacramento, Soror Anna de Jesus, Soror Marianna de S. Jozé*, Soror *Catharina de S. João, Soror Antonia de Jesus*, (*e de mais trez Religiosas suas irmãas*) *todas filhas desta Casa do Salvador*, 258.

CAP. XI. *De algumas Imagens milagrosas, que ao presente se respeitaõ com esse titulo, e experiencia nesta Casa*, 264.

CAP. XII. *Das Madres Soror Ignez de Saõ Jacintho, Soror Maria do Bautismo, Soror Magdalena do Sepulchro, Soror Isabel das Chagas, Soror Isabel de S. Joaõ, do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, 271.

CAP. XIII. *Das Madres* Soror *Maria de Jesus*, Soror *Filippa de Noronha*, Soror *Monica de* Santo *Agostinho*, Soror *Anna* Natalia, Soror *Camila Bautista, e de trez irmãas, que deixaraõ nome de virtude, todas da mesma Casa de Aveiro*, 274.

CAP. XIV. *Das Madres* Soror *Paula de* Saõ *Jeronymo*, Soror *Isabel da Visitaçaõ*, Soror *Filippa do Espirito Santo*, Soror *Marianna do Rosario*, Soror *Maria Magdalena*, Soror *Catharina dos Anjos, da mesma Casa de Aveiro*, 278.

CAP. XV. *Das Madres* Soror *Maria do Nascimento*, Soror *Margarida de Tavora*, Soror *Antonia de* Saõ *Domingos*, Soror *Magdalena dos Serafins*, Soror *Luiza de* Saõ *Joseph*, Soror *Guiomar da* Gloria, Soror *Filippa do Sacramento, da mesma Casa de Aveiro*, 282.

CAP. XVI. *Das Madres* Soror *Berarda dos Martyres*, Soror *Maria Evangelista*, Soror *Maria das Chagas*, Soror *Maria dos* Serafins, Soror *Luiza da Annunciaçaõ, da mesma Casa de Aveiro*, 287.

CAP. XVII. *Das Madres* Soror *Isabel de Mesquita*, Soror *Isabel de Lemos*, Soror *Estefania de* Saõ *Joseph*, Soror *Francisca Pimentel*, Soror *Josefa Maria*, Soror *Filippa de Athaide, do Mosteiro* de Santa *Anna de Leiria; e de algumas serven-*

ventes de opiniaõ, que viveraõ, e acabaraõ na mesma Casa, 291.

CAP. XVIII. *Das Madres Soror Catharina do Presepio, Soror Isabel de Christo, Soror Aldonça da Magdalena, Soror Magdalena do Horto, Soror Marianna de Saõ Miguel, Soror Joanna de Jesus, Soror Catharina da Cruz, do Mosteiro de nossa* Senhora *da* Saudaçaõ *de Monte mór o Novo*, 299.

CAP. XIX. *Da Madre* Soror *Maria das Chagas, filha do Mosteiro de nossa* Senhora *da Annunciada de Lisboa*, 305.

CAP. XX. *Das Madres* Soror *Maria de Jesus; e trez irmãas* Soror *Brites do Sacramento*, Soror *Anna de Jesus*, Soror *Catharina do Espirito* Santo, *do mesmo Mosteiro da Annunciada*, 309.

CAP. XXI. *Das Madres* Soror *Elena da Cruz*, Soror *Maria da Véra Cruz*, Soror *Catharina da Cruz*, Soror *Margarida de Saõ Miguel, e outras Madres de reputaçaõ, e nome; e de duas Irmãas Conversas do mesmo Mosteiro da Annunciada*, 313.

CAP. XXII. *De* Soror *Isabel dos Anjos, e* Soror *Faustina das Chagas, Conversas da mesma Casa da Annunciada*, 318.

CAP. XXIII. *Da Madre* Soror *Leonor de Santa Theresa, da mesma Casa da Annunciada; e algumas particularidades della*, 323.

CAP. XXIV. *Das Madres* Soror *Branca*, Soror *Antonia Henriques*, Soror *Brites do Presepio*, Soror *Maria da Resurreiçaõ*, Soror *Brites do Espirito* Santo, Soror *Brites da Conceiçaõ*, Soror *Isabel Bautista, e de outra Religiosa, sem mais nome, que a sua vida. Todas filhas da Casa de nossa* Senhora *do Paraiso, da Cidade de Evora*, 332.

CAP. XXV. *Das Madres* Soror *Isabel dos Anjos*, Soror *Leonor do Espirito* Santo, Soror *Maria do Monte Olivete*, Soror *Cecilia da Encarnaçaõ*, Soror *Maria da Annunciaçaõ*, Soror *Francisca das Chagas*, Soror *Catharina do Espirito* Santo, Soror *Antonia de Jesus*,

sus; e de trez Irmãas Conversas, Soror Domingas, Soror Agueda da Cruz, e Soror Maria de Belem, todas da mesma Casa do Paraiso de Evora, 337.

CAP. XXVI. *Das Madres Soror Brites de Lima, ou da Cruz, Soror Brites da Encarnaçaõ, Soror Leonarda da Trindade, Soror Guiomar dos Fieis de Deos, Soror Ursula de Santa Maria, Soror Antonia de Jesus, Soror Magdalena da Silva, filhas do Mosteiro da Rosa*, 350.

CAP. XXVII. *Das Madres Dona Maria de S. Lourenço, Dona Anna da Ascensaõ, Dona Maria de Saõ Sebastiaõ, Dona Iria de Mello, Dona Antonia de Brito, Soror Barbara de Saõ Francisco, Soror Anna Bautista, Soror Catharina de Sena, Soror Ignez de Santa Maria, do mesmo Mosteiro da Rosa*, 355.

CAP. XXVIII. *Da Madre Soror Ignacia dos Santos, e da Irmãa Conversa Soror Maria da Assumpçaõ, do mesmo Mosteiro da Rosa*, 360.

CAP. XXIX. *Da Madre Soror Violante do Ceo; e de huma Pupilla, ambas da mesma Casa da Rosa*, 365.

CAP. XXX. *Das Madres Soror Catharina do Nascimento, e Soror Brites de Saõ Joseph do Mosteiro de Saõ Joaõ de Setuval*, 367.

CAP. XXXI. *De outras Religiosas, que faleceraõ com opiniaõ de virtude nesta Casa de Saõ Joaõ de Setuval, e de algumas notabilidades pertencentes a ella*, 371.

CAP. XXXII. *Das Madres Soror Maria da Assumpçaõ, e outras Religiosas, filhas do Mosteiro de nossa Senhora da Graça da Villa de Abrantes; e da Irmãa Conversa Leonor de Jesus, do mesmo Mosteiro*, 375.

CAP. XXXIII. *Das Madres Soror Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioso, e da Casa de Santa Catharina de Sena de Evora*, 379.

CAP. XXXIV. *Das Madres Soror Catharina do Evangelista, Soror Luiza da Columna, Soror Barbara da Trindade, Soror Felicia da Purificaçaõ, Soror Maria dos An-*

Anjos; e da Irmãa Conversa Soror Ambrosia de Santo Agostinho, filhas da mesma Casa de Santa Catharina, 386.

CAP. XXXV. *Fundaçaõ do Mosteiro de nossa Senhora da Oliva, do lugar do Tojal*, 393.

CAP. XXXVI. *De algumas particularidades desta Casa, e das Madres Soror Agueda da Graça, Soror Juliana, de Saõ Bernardo, Soror Catharina de Saõ Joseph, e outras, que com bom nome faleceraõ nella*, 397.

CAP. XXXVII. *Das Irmãas Terceiras da Villa de Guimaraens. De seu recolhimento, e voluntaria clausura; e noticia das primeiras, que com nome, e reputaçaõ entraraõ nella*, 403.

CAP. XXXVIII. *Da Madre Soror Isabel do Espirito Santo, da Terceira Ordem da Penitencia. Primeiros passos da sua vocaçaõ*, 410.

CAP. XXXIX. *Toma Soror Isabel o habito. Favores, que mereceo do Ceo; sua virtude; acaba santamente; circumstancias, que se admiraraõ em sua morte*, 415.

CAP. XL. *De Soror Luiza de Jesus, Freira da Terceira Ordem*, 419.

CAP. XLI. *Da Madre Soror Joanna de Tavora, da Terceira Ordem de Saõ Domingos*, 424.

TERCEIRO LIVRO.

CAP. I. *Dos Fundadores desta Casa, e embaraços, que se oppuzeraõ á fundaçaõ della*, 429.

CAP. II. *Impetra-se licença do Geral. Escolhe-se sitio. Da-se principio ao novo Mosteiro*, 437.

CAP. III. *Referem-se alguns vaticinios de pessoas de reputaçaõ em virtude, sobre a fundaçaõ desta Casa. Da-se a razaõ de intitular-se do Santissimo Sacramento*, 439.

CAP. IV. *Vem para primeiras Fundadoras deste Mosteiro, e entraõ nelle Religiosas de Santa Catharina de Sena de Evora; da-se noticia de quem foraõ*, 443.

CAP. V. *Elege-se a pri-*

meira Prioreza do Mosteiro; acodem Religiosas de outros; tomaõ o habito Dona Filippa de Portugal, e a Condessa Fundadora, 445.

CAP. VI. *Mostra-se a separaçaõ, que este Mosteiro tem da Provincia, com sogeiçaõ immediata ao Geral da Ordem*, 448.

CAP. VII. *Da Madre Soror Isabel de Jesus, huma das Fundadoras, e primeira Prioreza deste Mosteiro*, 451.

CAP. VIII. *Da Madre Soror Filippa de Jesus Maria, segunda Prioreza desta Casa, e da Mestra* Soror *Victoria da Cruz*, 456.

CAP. IX. *Fundaçaõ do novo Mosteiro, entrada das Religiosas nelle*, 461.

CAP. X. *Da Madre Soror Filippa do Santissimo Sacramento*, 467.

CAP. XI. *Das Madres* Soror *Magdalena das Chagas, e Soror Barbara da Trindade*, 472.

CAP. XII. *Da Madre Soror Margarida do* Santis*simo Sacramento*, 475.

CAP. XIII. *Da Madre Soror Catharina dos Martyres*, 485.

CAP. XIV. *Das Madres Soror Magdalena do* San*tissimo Sacramento*, *e* So*ror Theresa de Jesus, ambas irmãas*, 488.

CAP. XV. *Das Madres* Soror *Jeronyma de Jesus*, e Soror *Maria da Piedade*, 495.

CAP. XVI. *Da Madre Soror Francisca da Encarnaçaõ*, 499.

CAP. XVII. *Da Irmãa Conversa* Soror *Victoria da Cruz*, 503.

CAP. XVIII. *Da Madre* Soror *Joanna do Rosario, Condessa de Vimioso, Fundadora deste Mosteiro*, 507.

CAP. XIX. *Das Madres* Soror *Isabel de Jesus*, e Soror *Margarida da Resurreiçaõ*, 513.

CAP. XX. *Da Madre Soror Filippa de Jesus, huma das que deraõ principio a esta Recoleta*, 517.

CAP. XXI. *Das Madres* Soror *Margarida da Coroa*, e Soror *Magdalena do Espirito* Santo, 521.

CAP. XXII. *Da Irmãa Conversa* Soror *Maria do Rosario*, 525.

CAP. XXIII. *Da Madre* Soror *Catharina da Encarnaçaõ*, 528.

CAP. XXIV. *Continua-se a vi-*

a vida da Madre Soror Catharina, 531.

CAP. XXV. *Da Madre Soror Joanna Bautista, das primeiras, que deraõ principio a esta Recoleta; e de Soror Francisca da Madre de Deos, Conversa*, 535.

CAP. XXVI. *Da Madre dre Soror Marianna Jesus*, 541.

CAP. XXVII. *Da Madre Soror Antonia da Appresentaçaõ, e Soror Antonia da Columna, Pupilla*, 544.

CAP. XXVIII. *De Soror Cecilia dos Anjos*, 548.

CAP. XXIX. *Continuaõ-se as noticias da vida, e morte de Soror Cecilia*, 553.

CAP. XXX. *De Soror Leonor da Assumpçaõ, Conversa*, 558.

CAP. XXXI. *De Soror Isabel da Visitaçaõ, Conversa*, 564.

CAP. XXXII. *Da Madre Soror Maria de Saõ Joseph. Primeiros passos de sua vida, e progressos na de Religiosa*, 568.

CAP. XXXIII. *Continua-se a vida da Madre Soror Maria; da-se noticia de seu ditoso transito*, 573.

CAP. XXXIV. *Da Madre Soror Clara do Santissimo Sacramento*, 581.

CAP. XXXV. *Da Madre Soror Maria do Sacramento, no seculo Marqueza de Aguiar; e da Irmãa Conversa Soror Margarida do Espirito Santo*, 588.

CAP. XXXVI. *Da Madre Soror Margarida de Jesus*, 594.

CAP. XXXVII. *Da Madre Soror Theresa de Jesus, e de Soror Marianna de S. Joseph*, 598.

CAP. XXXVIII. *Das Madres Soror Joanna do Rosario, e Soror Catharina de Jesus Maria*, 604.

CAP. XXXIX. *De Soror Maria Josefa, e Francisca do Rosario, ambas irmãas*, 608.

CAP. XL. *Das Madres Soror Leonor do Evangelista, Soror Ignez do Presepio; e da Irmãa Conversa Soror Domingas de S. Jacyntho*, 611.

CAP. XLI. *Da Madre Soror Magdalena das Chagas*, 615.

CAP. XLII. *Continua-se a vida da Madre Soror Magdalena. Da-se noticia de sua morte*, 620.

CAP. XLIII. *Da Madre*

Soror Paula do Espirito Santo, 626.

CAP. XLIV. *Das Madres Soror Margarida da Columna, Soror Brites de Deos, e Soror Margarida da Cruz, ambas irmãas; Soror Maria da Encarnaçaõ, Soror Maria da Visitaçaõ, Soror Joanna do Santissimo Sacramento*, 631.

CAP. XLV. *Da Madre Soror Maria Magdalena do Horto, e outras Religiosas de nome, e da Irmãa Conversa Soror Maria da Purificaçaõ. Apontaõ-se os Vigarios, que teve a Casa, da fundaçaõ até o presente*, 635.

CAP. XLVI. *Fabrica da Igreja nova do Sacramento, e algumas particularidades da mesma Casa, dignas de noticia*, 640.

CAP. XLVII. *De algumas noticias pertencentes a esta Casa do* Sacramento, 644.

QUARTO LIVRO.

CAP. I. *Noticia summaria, e breve do presente estado da Congregaçaõ dos Frades Prégadores da India Oriental, sogeita á Provincia de Portugal*, 650.

CAP. II. *Noticia das Ilhas de Solor, especialmente de Larantuca, Timor, e outras adjacentes*, 657.

CAP. III. *Primeira conversaõ na Ilha de Timor. Bautiza-se o Emperador da Ilha do Ende grande em Larantuca*, 663.

CAP. IV. *Vida, e morte do Padre Fr. Rafael da Veiga. Prodigiosa huma, e outra*, 668.

CAP. V. *Conversaõ geral, que houve na Ilha de Timor; prodigio grande, que a ella precedeo*, 672.

CAP. VI. *Turbaçaõ nas novas Christandades de Timor. Castigaõ-se os perseguidores dellas, e ficaõ socegadas*, 680.

CAP. VII. *Noticias do succedido no Japara, e no Macassá. Passa o Padre Presentado Fr. Joaõ da Costa á Provincia de Bajú. Tiraõ-lhe a vida em odio daquella Christandade. Prodigios succedidos nella*, 683.

CAP. VIII. *Prodigio notavel, succedido em Timor.*

Tra-

Trabalhos, que a elle se seguiraõ naquellas Christandades. Maravilhas, com que o Ceo as defendeo, 687.

CAP. IX. *Novos prodigios, com que o Ceo favoreceo os Christãos de Timor, em nova, e mais podero-sa invasaõ dos Hollandezes. Desenganados estes de Timor, passaõ a Larantuca com Armada formidavel, que se retira sem operaçaõ alguma*, 691.

CAP. X. *Vida do Veneravel Padre D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim*, 696.

CAP. XI. *O que de novo obraraõ os Religiosos de Saõ Domingos nos Reynos de Siaõ, e Pegú. Levantaõ novas Igrejas, exercitaõ-se na conversaõ das almas*, 700.

CAP. XII. *O que de novo obraraõ os Religiosos de Saõ Domingos, estendendo o Evangelho nos Rios de Sena, terras do Monomotapa. Bautiza o Padre Fr. Luiz do Espirito Santo a Mavura, tio do Emperador Capranzine. Intenta este nas suas terras a destruiçaõ dos Portuguezes, que levantaõ por Emperador a Mavura, alcançada huma grande vitoria*, 703.

CAP. XIII. *Continua-se a guerra com o Capranzine. Daõ a vida pela Fé os Padres Fr. Joaõ da Trindade, Fr. Luiz do Espirito Santo. Dá huma vitoria ao Emperador Dom Filippe hum mysterioso sinal, que se vio no Ceo. Levanta-se Igreja na Corte; noticia de outras na mesma Mocaranga, e no Reyno de Manica*, 705.

CAP. XIV. *Continuaõ-se as Christandades no Imperio do Monomotapa. Bautiza-se o Emperador, toda a Casa Real, e grande parte do povo. Da-se noticia do ultimo progresso destas Christandades*, 708.

CAP. XV. *De alguns Religiosos, que deraõ gloriosamente a vida pela confissaõ da Fé, servindo ás Christandades, que a Religiaõ de Saõ Domingos tem no Oriente*, 712.

CAP. XVI. *Mostra-se como os Religiosos de Saõ Domingos foraõ os primeiros, que levaraõ a Fé á Ethiopia Occidental; converteraõ, e reduziraõ al-* *mas*

mas naquellas incultas, e vastissimas terras, 718.

CAP. XVII. *Do que pertence aos Conventos dos Irlandezes, que a Religiaõ tem na Provincia de Portugal. Vem a este Reyno o Mestre Fr. Domingos do Rosario. Funda Hospicio, e depois Collegio, para os Missionarios de Irlanda sua Patria. Da-se noticia deste Padre*, 727.

CAP. XVIII. *Fundaçaõ do Mosteiro do Bom Successo. Entra o Mestre Fr. Domingos em pensamentos da nova fundaçaõ. Abre-se-lhe prodigiosamente caminho para ella. Sobrecrescem embaraços; mayor o da licença delRey. Vencem-se todos*, 734.

CAP. XIX. *Volta o Mestre Fr. Domingos de Irlanda; alcança todas as licenças para a nova fundaçaõ. Da-se noticia da revelaçaõ, que sobre ella teve huma Religiosa de virtude*, 738.

CAP. XX. *Entraõ as Religiosas em Clausura; da-se conta da observancia, que se começou a guardar nella. Lança-se a primeira pedra na Igreja nova*, 744.

CAP. XXI. *De algumas particularidades da Imagem da Senhora do Bom Successo, Orago da Casa; e das primeiras Religiosas, que faleceraõ nella, Soror Antonia Theresa de Jesus, huma das Fundadoras, e Soror Catharina do Rosario*, 748.

CAP. XXII. *Das Madres Soror Luiza Maria do Sacramento, Soror Cecilia do Rosario, Soror Isabel da Paixaõ*, 754.

CAP. XXIII. *Das Madres Soror Marianna de Jesus, Soror Leonor de Santa Margarida, Soror Maria Magdalena de Christo, Soror Leonor do Calvario, Soror Jacyntha de Jesus Maria, da mesma Casa do Bom Successo*, 758.

CAP. XXIV. *Das Madres Soror Maria da Encarnaçaõ, Soror Ursula Bautista, Soror Joanna da Trindade, Soror Angelica Maria das Chagas, Soror Iria de Santo Antonio, Soror Marianna da Trindade; e das Religiosas Conversas Soror Brizida de S. Patricio, e Soror Felicia da Madre de Deos, do mesmo Mosteiro*

teiro do Bom Succeſſo, 762.

CAP. XXV. *Deſcreve-ſe a Igreja nova, e o augmento, que teve toda eſta Caſa,* 766.